ROMANCE HISTORICO
IGNEZ DE CASTRO

IGNEZ

DE

CASTRO

ROMANCE HISTORICO

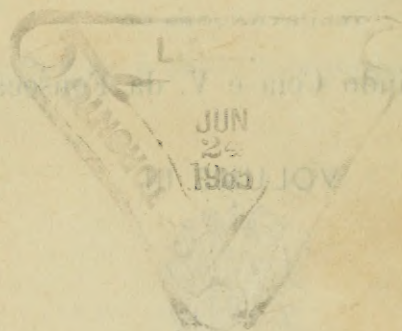
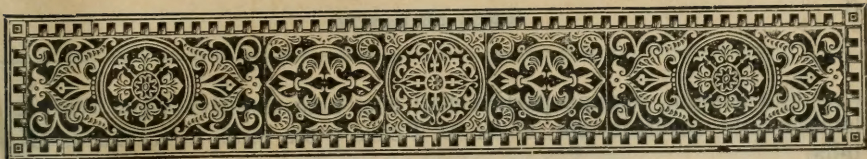
ORIGINAL DE

Faustino da Fonseca

ILLUSTRAÇÕES DE

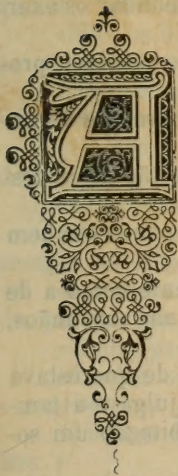
Bemvindo Ceia e V. da Fonseca

VOLUME III

LISBOA
TYPOGRAPHIA LUSITANA-EDITORA DE ARTHUR BRANDÃO
7 — Rua Ivens — 9
1901

SEGUNDA PARTE

Os amores de Ignez

CAPITULO LXXVI

Curto reinado

viagem no navio que o levava á Galliza, impacientava D. Alvaro, ancioso por chegar depressa junto dos seus.

Alegrou-o a vista de terra.

Como que o saudava o territorio galego, as suas montanhas elevadas, os frescos prados, os densos arvoredos, a curva sinuosa dos seus rios, o agradavel conjuncto que lhe falava ao coração porque era a terra onde nascera, onde brincára, onde sorrira ás primeiras illusões.

Desembarcou olhando carinhosamente esses tão conhecidos logares, que lhe despertavam a recordação dos dias despreocupados da sua juventude.

Estava entre amigos, gente que respeitava o nome dos Castros, fôra dedicada a seu pae e mantinha o mesmo culto para com seu irmão D. Fernando.

Surprehendeu-o porém a importancia das manifestações com que o lisongeavam.

Vinham procural-o fidalgos, frades e burguezes, saudavam-o enthusiasmados os populares, apontavam-o todos curiosamente das portas e janellas.

Nas palavras de um dos que se lhe dirigia teve a explicação d'essa attitude geral.

Sua irmã D. Joanna partira d'ali com uma comitiva régia, fôra solemnemente recebida por el-rei D. Pedro e era então a rainha de Castella.

Estremeceu de commoção ao ouvir a boa nova.

Lembrava-se dos ambiciosos sonhos de seu pae.

«A irmã era formosissima, e nada mais natural do que ter agradado ao rei. (1)

Mas estava longe de esperar para tão breve a sua realisação, não conhecendo negociações ou preparativos que podessem deixar prever tal resultado.

Pensou então, cheio de jubilo, como esse acontecimento modificaria a sua afflictiva situação.

«Era o irmão da rainha!

«Seu cunhado, o rei temido por subditos e estranhos, reclamaria a entrega de Mecia, ou mandal-a ia resgatar, e dentro em pouco se ligaria a ella de vez, casando solemnemente, recebendo as tenças e doações, as terras e cargos com que os reis costumavam distinguir os vassallos ao mudarem de estado.»

Pensando assim dirigiu-se ao velho solar da sua familia, agora mais elevada ainda em fidalguia, por ter fornecido a rainha a Castella e a futura rainha de Portugal.

Ali soube que seu irmão partira para a guerra a commandar os exercitos do rei, contra os aragonezes e os bastardos.

E como não tinha tempo de ir á fronteira de Aragão resolveu procurar Joanna.

Ella podia agora, n'um momento, resolver satisfactoriamente as necessidades que o affligiam.

Correu pressuroso a ver a querida irmã, reservada a tão altos destinos.

E pelo caminho ia pensando em Ignez, que dentro em pouco tambem ascenderia ao throno.

Então a sua situação em Portugal seria tão proeminente como a de seu irmão em Castella, e a politica dos dois paizes estaria nas suas mãos, nas rainhas da sua familia, no futuro da sua altiva raça.

E quando o pungia a saudade de Mecia, ao lembrar-se de que estava áquella hora passeando n'essa Alhambra de maravilhas, julgava-a tambem uma rainha, destinada a um throno, tendo já por habitação um soberbo palacio.

Mas consolava-o a certeza de que dentro em pouco entraria com ella triumphalmente no paiz onde tinham sido tanto perseguidos.

---

(1) «Dona Joana de Castro... a quem formusura n'aquelle tempo se egualava...»
Historia de Espana, pelo padre Juan de Mariana, parte 1.ª, p. 489.

«Dentro em pouco em Portugal e Castella, tudo seriam honrarias e distinções.»

«Então tirariam a desforra de tantas amarguras.»

«Fruiriam as delicias do seu immenso amôr.»

Quando chegou a Duenãs, onde lhe haviam indicado que acharia o irmã, surprehendeu-o a tranquilidade do logar.

Dir se ia que não residia ali o rei da poderosa Castella.

Dirigiu-se ao castello, para solicitar uma audiencia da rainha, e d'ali a pouco era admittido á sua presença.

Lançou-se enthusiasmado nos braços da irmã, beijando-a, chorando de commoção.

Joanna correspondeu amarguradamente áquellas lagrimas, dizendo-lhe que estava desgraçada, que fôra trahida.

Ficou surprehendido.

Não a comprehendia.

«Que significavam aquellas palavras?

«Que tinha succedido?»

Então Joanna contou-lhe indignada, cheia de dôr e de vergonha, as negociações que precederam o casamento, o interesse do rei em obter a adhesão de Fernando, as duvidas que tivéra em acceitar o enlace, sabendo que D. Pedro era casado com D. Branca, ainda viva.

«Mas os bispos haviam declarado nullo esse primeiro matrimonio, permittindo-lhe contrahir segundas nupcias.»

«N'essas condições, parecendo tudo regular, celebrára-se pomposamente a ceremonia nupcial.»

«D. Pedro fôra então, n'esse dia, e n'essa noite, de uma requintada delicadeza que a captivou.»

«Julgára-se a mulher mais feliz d'este mundo.»

«Mas no outro dia, ao acordar, já o rei não estava ao seu lado, no sumptuoso leito do seu noivado.»

«Levantou se, procurou-o, ao começo naturalmente, depois sobresaltada, por fim no maior terror.»

«Tinha partido sem a prevenir.»

«Levára os seus cavalleiros, os seus escudeiros, a gente que constituia o sequito real.»

«Tinham ficado apenas junto d'ella os criados que trouxéra da Galliza.»

«Primeiro envergonhou-se de perguntar pelo rei, ella, a rainha, que devia estar inteirada de tudo.»

«Mas torturava-a uma impaciencia, uma inquietação que não poude dominar.»

«Chamou um dos mais velhos que ficára, um dedicado servidor de seu pae.»

«Elle explicou-lhe n'uma voz tremula, mal segura, que o rei fôra

chamado á pressa por se tramar contra a sua vida uma perigosa conspiração.» (1)

«Perguntou-lhe se fôra elle mesmo quem fornecera taes explicações ao partir.»

«O velho respondeu que sim, que as déra a seu pedido, ao tomar-lhe o passo admirado de tão precipitada deliberação.»

«Então comprehendera tudo.»

«D. Pedro procedia para com ella da mesma forma que para com a infeliz D. Branca, de quem se esquecera dominada pela ambição, ao tomar o seu logar!»

E na maior afflição Joanna declarava que agora esse abandono era o castigo da sua vaidade.

«Tomava-o como uma punição.»

«Fizéra por esquecer D. Branca, e estava ali conhecendo as torturas que deviam ter-lhe despedaçado o coração.»

Desesperado com o que ouvia, Alvaro perguntou-lhe o que pretendia fazer.

Ella respondeu que ficaria esperando-o ali, n'essa villa que recebera em dote no contracto nupcial.

«Mulher sem marido, rainha sem corôa, o seu dever era esperar por elle, pelo seu senhor e rei, toda a vida que fôsse, até que se dignasse enviar-lhe as suas ordens.

— Isso não pode ser, não hade ser! — bradou irritado D. Alvaro, passeando no aposento.

— Fernando sabe o que se passou? — perguntou elle, imaginando já a necessaria desforra.

— Não lh'o mandei dizer.

— Pois vae sair immediatamente um dos nossos dedicados rapazes com uma carta minha por onde conhecerá o infame procedimento do rei. Elle procederá como entender, até que eu regresse. Pela minha parte sei bem o que devo fazer.

---

(1) «Em o outro dia partiu el-rei d'ali, e nunca mais viu esta D. Joanna: e ella chamou-se sempre rainha, pero não prazia a el-rei.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XVI.

«Passado este dia que o rei fez suas bodas... logo no seguinte partiu de Cuellar... e nunca mais viu D. Joanna de Castro...

«. . mas deu-lhe a villa de Duenas, e ali viveu muito tempo, chamando-se sempre a rainha, ainda que ao rei isso não agradava.»

Chronica do Senhor rei D. Pedro, por Ayalla, fl. 32, v.

«Deteve-se muito pouco tempo com a noiva; alguns dizem que não mais de uma noite. O pretexto foi que os grandes se aliavam contra elle, e que convinha atalhar-lhes o passo antes que com a dilação se tornassem mais poderosos, D. Joanna de Castro retirou-se para Dueñas; ali cobriu sua injuria e affronta com o vão titulo de rainha.»

Historia de Hespana, pelo padre Juan de Mariana, V. 1.º pag. 489.

— Não, Alvaro, não quero. Tem paciencia. Eu não protesto, e só eu tinha o direito de o fazer. Resigno-me, soffrerei tudo, e não te quero vêr, nem a elle, sujeitos a novos riscos, expostos á colera sanguinaria de... de meu marido.

Mas elle não cedeu.

— Ou me deixas escrever a Fernando, declinando n'elle o dever que a minha presença aqui, e a tua confidencia me impõe, ou forças-me a assumil-o hoje mesmo, dirigindo me ao rei de Castella, a pedir-lhe explicações do seu procedimento, em vez de correr para junto de Mecia, cuja liberdade está dependente da minha chegada!

— Mecia?... Mas então o que ha?

— Está captiva do rei Vermelho de Granada que exige o resgate de dez mil florins para a soltar. Um dia que me demore é para ella um novo martyrio, talvez a deshonra e quem sabe se a morte!

Então contou-lhe as suas ultimas aventuras.

«Correra Castella de norte a sul para a descobrir.»

«Andára incessantemente de castello em castello, de convento em convento, perguntando noticias, querendo descobrir o rasto dos seus passos.»

«D. Fradique encontrára-a e communicara-o a Fernando.»

Joanna interrompeu-o para lhe dar a noticia da morte do bastardo.

E nas palavras que lhe dedicou manifestava a repugnancia que lhe manifestava o rei.

«Sómente o desejo de satisfazer á vontade do irmão mais velho, de realisar os sonhos de seu pae, a determinára a acceitar tal ligação.»

Alvaro contou-lhe n'um grande desgosto, a entrada no terreno granadino.

«Tinham cahido em poder dos bandidos».

«Fôra a cidade de Granada, o rei Vermelho fornecêra-lhe o resgate, arrancára Mecia aos horrores do covil.»

«Tivéra por um momento a illusão de que iam ficar livres de todo o perigo.»

«O rei mouro hospedara-os principescamente.»

«Mecia fôra instalada na Alhambra das maravilhas.»

«Mas o rei manifestára-se peor bandido do que o outro, e exigira-lhe um resgate de tal importancia que sósinho não o poderia pagar.

D. Joanna tranquilisou-o a tal respeito.

— Felizmente não me falta dinheiro — disse ella — levarás tudo o que quizeres, mas ha-des partir immediatamente, para que a pobre donzella não permaneça mais tempo na mão dos infieis.

— Não vou sem ter mandado participar a Fernando o que me succedeu.

— Por tudo te peço que o não faças.

— Então irei ao rei de Castella para que proceda de outra fórma, ou para lhe enterrar um punhal no coração. E será tua a responsabili-

dade da perda da desgraçada Mecia que não terá quem vôe a libertál-a!

— Deixa-me tranquilla no meu canto, sacrificando-me ignoradamente.

— Não! Que se diria de nós, da nossa honra!

— E' o desmedido orgulho da nossa raça que nos ha de perder a todos — disse ella — Corre a Granada, salva a tua noiva e deixa-me entregue ao meu destino!

Mas Alvaro não attendeu mais ás suas palavras.

Escreveu rapidamente ao irmão, enviou-lhe o pergaminho por um creado esperto e de confiança, e depois foi pedir a Joanna que lhe perdoasse a desobediencia.

Ella repetiu-lhe com uma dolorosa convicção que os havia de perder a todos esse orgulho, que já perturbára os derradeiros dias de seu pae.

CAPITULO LXXVII

Pensando na desforra

EMQUANTO comiam, contou-lhe Alvaro as festas promovidas por sua tia D. Thereza, no castello do senhor de Barrameda, o seu encontro com D. Fradique, as aventuras dos sete jograes, o rapto de Mecia e de D. Branca e a desastrosa queda da infeliz rainha, que ficára impossibitada de fugir.

D. Joanna disse-lhe que a pobre mulher tornara a ser presa e voltára para o mesmo castello de Medina Sidonia.

A allusão aos infortunios da desditosa princeza lançou-a n'outra crise de lagrimas.

Via no d'ella o que podia ser o seu futuro, e tornava a sentir remorsos de ter ficado indifferente á sua desdita, ligando-se ao homem que a repudiára.

E por mais que fizesse D. Alvaro não conseguia arrancal-a a tão triste impressão.

Joanna foi buscar uma bôlsa.

Offereceu-lhe a quantia exigida para o resgate, e deu-lhe mais dinheiro, com que fretasse um navio para Portugal, unico porto onde poderia estar em segurança,

Entregou-lhe tambem as cartas de perdão obtidas por Fernando a seu favôr.

Com ellas poderia atravessar livremente o territorio de Castella, o que, n'aquelle momento lhe simplificava a viagem.

Recebeu-as com prazer, por lhe revellarem a estima do irmão, e guardou as cuidadosamente como memoria, embora n'esse momento já não podessem servir a Mecia.

Despediu-se, penalisado por não vêr feliz a sua rainha, e partiu a todo o galope, no intuito de devorar a distancia que o separava da sua amada.

Pelo caminho, pensando na nova traição do rei cruel, profundamente offendido, indagou se teria havido qualquer perturbação politica que justificase o abandono de Joanna.

Certificaram se porém que não se déra nenhum incidente que elle podesse tomar por conspiração.

Comprehendeu tudo ao saber que D. Pedro se dirigira a Sevilha, onde voltára aos braços de Maria de Padilla.

«O interesse politico não fóra capaz de vencer por mais tempo as suas naturaes inclinações.

«E a preferida amante fizéra-lhe mais uma vez esquecer os seus deveres.

«Uma noite, apenas, decidira do destino da sua nova espôsa.

«Lá estava novamente rendido, ao pé da favorita, da mãe de seus filhos.

«Era perfeitamente o caso do pae, Affonso XI, para com Leonor de Gusmão.

«Joanna fôra para elle apenas o pretexto da alliança com um poderoso vassallo.

«Desde que obtivéra o seu apoio, e o vira marchar contra o inimigo, terminára a comedia politica que as circumstancias o haviam forçado a representar.

«E ali ficava a irmã, deshonrada, coberta de opprobio, deixada ao abandono, até que ao rei parecesse conveniente prendel-a ou matal-a.

«Haviam de consentil-o?»

Pelo cerebro de Alvaro de Castro passavam ideias de vingança. ancias de revolta.

«E haviam-se manifestado por D. Branca contra o rei de Castella!»

«Essa princeza era estrangeira, alheia, indifferente para elles, e o irmão trouxéra ao combate os seus soldados, e elle fóra um dos mais enthusiasticos partidarios da liga.»

«O que não fariam por Joanna?»

Ia então pensando na desforra.

«O irmão bandear-se-hia com os bastardos de Aragão.»

«A fronteira ficaria aberta, sem defeza, e todos entrariam de roldão por ella, até inflingirem a D. Pedro uma derrota esmagadora.»

«Sobre isso não tinha a menor duvida.»

«O rei, sem soldados, sem apoio, seria fatalmente esmagado, ficaria é mercê d'essa colligação dos seus inimigos.»

«E depois?»

«Quem dictaria a lei?»

«O rei de Aragão limitar-se-hia a fazer-lhe assignar cedencias territoriaes.»

«Mas os bastardos?»

«As pretensões de Henrique de Trastamara eram bem conhecidas.»

«Queria ser rei de Castella, desejava apossar se da corôa de seu pae.»

«O que lhe convinha a elles não era isso, mas sim a manutenção de D. Pedro, coagido a viver com Joanna, a tratal-a como rainha, e a tel-os ao seu lado como os primeiros do seu reino.»

«Mas como haviam de conseguir isto?»

«Só por si não dispunham de forças.»

«Lembrava-se porém de que á rainha D. Maria não poderia agradar o risco do throno de seu filho, porque isso importava o triumpho dos bastardos, os filhos da sua rival.»

«Era preciso que ella desistisse de proteger D. Branca, acceitando os factos consumados, reconhecendo Joanna como legitima rainha, e prestando-se a apoial-a com os seus vassallos e com os seus castellos.»

E Alvaro cria bem que isso não seria difficil, porque D. Maria estimava muito D. Pedro, e devia desejar, por tanto, o triumpho da familia de Ignez.

De Portugal tambem contava com apoio.

«Certamente D. Pedro entraria com os seus vassallos em Castella, ou mandal-os-ia de reforço ao cunhado, para auxilio da nova rainha.»

E julgava tão fundado este projecto, que tinha pena de não poder communical-o a Fernando, para traçarem logo as bases de plano da revolta que precisavam intentar.

Escreveu-lhe de uma estalagem onde repousou, e mandou-lhe a carta por outro homem da pequena comitiva que viéra com elle desde o castello de sua irmã.

Soube então, n'essa casa, que D. Pedro se encontrava em Sevilha, e que no Alcaçar continuavam a realisar-se os saraus em que Maria de Padilla triumphava como rainha.

Resolveu affastar-se do caminho para não entrar na cidade, onde D. Pedro poderia mandar prendel-o.

Vinha-lhe á memoria que já uma vez Maria de Padilla o livrára da morte.

Mas agora não podia contar com ella.

Depois de uma difficil viagem entrou no reino de Granada.

Admirou-o a perturbação que se divisava por toda a parte.

Bandos armados corriam de um lado para o outro, soltando vivas, agitando alfanges, desfraldando bandeiras.

Julgou que se tratava apenas de alguma ruidosa festa.

E continuou o seu caminho até á cidade onde entrou facilmente.

Dirigiu-se ao Generalife.

Solicitou uma audiencia ao rei Vermelho, e só então comprehendeu o que se passava.

Tivéra um recrudescimento a lucta politica em que triumphára o carcereiro de Mecia.

O rei Mahoma, desthronade por elle, reunira forças, voltara á carga, e retomára o seu logar.

D. Alvaro ouviu aterrado essas tristes noticias.

Ao perguntar por Mecia subiu de ponto á sua afflicção,

O rei Vermelho fugira para Castella, adeante das forças inimigas, e levára comsigo a captiva.

E quando o desventurado irrompia n'uma explosão de dôr, um mouro desembainhando o alfange deu-lhe voz de prisão.

CAPITULO LXXVIII

O rei Vermelho

COMO receiava o rei Vermelho, D. Pedro mandára apoiar pelos seus fronteiros as tropas com que voltára á guerra o rei Mahoma.

Aquelle, vendo-se perdido resolvera tirar partido de Mecia, que continuava a julgar a rainha D. Branca.

Sabendo o empenho do rei em tornar a apossar-se d'ella, julgou poder basear na sua entrega um tratado de alliança contra Mahoma, ou pelo menos o auxilio necessario para atravessar o Estreito, e recolher-se a terras de mouros.

Partiu de Granada com quatrocentos cavalleiros e duzentos peões.

Dirigiu-se a Sevilha.

D. Pedro recebeu-o delicadamente.

A gente da côrte procurou obsequial-o.

Então, a sós com o monarcha, participou o mouro que lhe trazia D. Branca, presa ao passar nos seus estados.

Sorriu D. Pedro da ingenuidade do rei Vermelho, e explicou-lhe que a rainha estava de novo no castello de Medina Sidonia de onde tinha sahido.

Ficou desapontado o infeliz soberano.

«Quem era então a christã que tivéra em seu poder? — perguntava a si proprio.

«Como se havia enganado a tal ponto?»

O proprio D. Pedro, admirado do equivoco, teve a curiosidade de conhecer a captiva.

Um cortezão, enviado a reconhecel-a, veio dizer-lhe que se tratava de Mecia.

Ficou um tanto contrariado com a informação o amante de Maria de Padilla.

«Como devia proceder em tal caso?»

«Casára com Joanna de Castro, embora a tivesse deixado no dia seguinte.»

«Déra a Fernando na occasião do casamento, um indulto para Alvaro e outro para Mecia.»

«Como devia proceder agora?

«Pôl-a em liberdade seria desfazer-se de uma arma que podia de futuro servir-lhe.»

E na duvida resolveu mandal-a prender mais uma vez, sem ruido, até conhecer a attitude de D. Fernando e D. Alvaro, em face do abandono da irmã.

Mecia tinha desde que se despedira do seu noivo passado por todas as alternativas.

Os echos da revolta chegavam ao seu formoso palacio e assustavam-a pelo que podia succeder-lhe em meio dos tumultos, entregue completamente aos infieis.

A ordem de partir aterrou-a, como se fôsse para sempre que se afastava de D. Alvaro, pois ali esperava dia e noite a sua volta, e n'outra parte não sabia como a poderia elle encontrar.

Ao ouvir á gente da escolta que entravam em Castella caiu no maior abatimento.

«Voltava novamente a esses odiosos conventos, a essas torvas prisões em que se tinha debatido.»

«Inutilizava-se o heroico esforço de D. Alvaro.»

«Ia ficar separada d'elle.»

Ao approximar-se da côrte constou-lhe porem que D. Pedro casára com Joanna de Castro.

A nova reanimou-a.

Irmão da rainha, o seu noivo triumpharia emfim, e esperal-os-ia uma existencia de venturas.

Bastava saberem que ia ali para lhe fazerem as maiores festas para a receberem como era natural.

Os mouros não deixavam porem falar a pessoa alguma, para não ser reconhecida, pois julgavam-a ainda a rainha de Castella, e receiavam alguma tentativa para a libertar.

O rei Vermelho disposto a tirar partido da sua entrega ao rei não cedia ás suas supplicas.

E, por mais repetidas que fossem as sua instancias não a deixava falar a pessoa alguma.

Defendia-a teimosamente, encobria-a como o thesouro que dependia a sua salvação.

Em Sevilha desfez-se o castello de cartas que Mecia phantasiára sobre o novo casamento do rei.

Ouviu que D. Pedro abandonára a nova espôsa, voltára aos braços de Maria de Padilla.

E comprehendeu a situação de afflictiva D. Joanna, egual á que D. Branca tanta vez lhe descrevera nas interminaveis noites do castello de Medina Sidonia.

«Era talvez a sorte que esperava a irmã do seu noivo — pensava tristemente.»

«E quem sabe se teria de a partilhar tambem!»

Pelo seu cerebro passou a visão deu tenebrosas perseguições que tinha soffrido ultimamente.

Precisou cada vez mais o futuro.

Tremeu pela sorte de D. Alvaro.

Dentro em pouco viu confirmar as suas suspeitas.

O fidalgo encarregado de a conduzir ao castello onde tinha de ficar, illudiu-a, para a levar sem escandalo, dizendo-lhe que D. Joanna e D. Alvaro a esperavam.

E falava-lhe com grande respeito da rainha, affirmando-lhe cheio de convicção que o rei estava longe d'ella porque a guerra de Granada o tinha chamado ali.

Ao começo não quiz acreditar

Pareceu-lhe que seria um estratagema para a arrastar a um negro carcere.

E recordava-se das traições feitas a D. Branca, n'uma perfidia difficil de crêr da parte de cavalleiros que faziam juramentos de lealdade.

A infeliz princeza narrou-lhe o procedimento de João Affonso de Hinestosa, as falsas promessas com que a levára, e depois as violencias de que lançára mão.

Sabia quanto as duas rainhas, a mãe e a tia do rei, haviam insistido para que voltasse para o lado d'elle.

Conhecia bem o resutado de semelhantes tentativas.

E assumindo uma attitude energica, inesperada nos seus poucos annos, declarou ao cavalleiro que bem conhecia a verdade.

— El-rei abandonou já D. Joanna!

— Estaes em erro, senhora! — retorquiu elle, desejava de realisar ao bem a sua deligencia.

— Sei tudo!

— Quem vol-o disse?

— A gente que me acompanhava.

— Pois podestes acreditar em tal?
— Era o que corria á vossa chegada a Sevilha.
— Permitti, senhora, que nos esclareça da verdade.
Olhou em torno, como se receiasse que o ouvissem, e disse depois em tom confidencial:
— Effectivamente corre esse boato, mas é uma intriga da gente de D. Maria de Padilla. Elles desejavam que assim fosse. El-rei sabe porém quanto vale D. Joanna de Castro, e respeita-a como ella merece.
E continuou:
— Acompanhae-me, senhora.
— Dentro em pouco estareis junto da rainha e de vosso esposo.
— Na torre de um castello — declarou Mecia — Isso acredito.
— Empenho a minha palavra de cavalleiro,
Ella pensou então que não tinha motivos para acreditar o boato, como lhe faltavam seguranças para crer o que o agente de D. Pedro lhe dizia.
Não podia porem esquivar-se a obedecer-lhe.
Sabia bem que, como de outras vezes, recorriam á força.
Declarou-se por fim prompta a partir.
E seguiu-o quasi indifferente, tanto a série das peripecias a haviam habituado ás mais extraordinarias contrariedades.

Desapontado por não ser a captiva quem elle julgava, pediu o rei Vermelho a D. Pedro que o ajudasse a conquistar o throno, promettendo-lhe concessões, garantias, uma verdadeira vassalagem.
O monarcha declarou não poder auxilial-o e desculpou-se com a guerra de Aragão que não lhe permittia distrahir forças.
Magoado, o mouro supplicou-lhe então que o mandasse transportar a Marrocos, acautelando-o, protegendo-o na viagem, para que não cahisse em poder do rival.
A isso accedeu D. Pedro, e mandou-os entretanto hospedar na judiaria da cidade para onde elles partiram satisfeitos com o resultado da sua pretensão. (1)

(1) «El-rei houve d'isto receio, e vendo que não podia levar adiante aquillo que começara, houve conselho de se vir pôr em poder e mercê el rei de Castella, e que el-rei, desde que o visse, haveria piedade d'elle, e terria com elle alguma bôa maneira. E partiu logo de Granada com quatro centos de cavallo e duzentos de pé, e chegaram ao alcaçar de Sevilha, onde el-rei estava, e fizeram-lhe grandes reverencias, e el-rei os recebeu mui bem.

... e que, se sua vontade era de outra maneira, fosse sua mercê de mandar pôr, a elle e aos seus, além mar em terra de mouros.

....

El-rei Vermelho e os outros fizeram por isto grande reverencia a el-rei, tendo que seu feito estava bem, e foram-se muito alegres para as pousadas que el-rei lhe mandou dar na judiaria da cidade.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXXIII.

Constou porém ao monarcha que o rei Vermelho trazia comsigo grande riqueza.

Planeou appossar-se d'ella.

E para isso, agradando-lhe mais a via tortuosa, planeou colhel-o á traição, n'uma cilada a que viesse sem desconfiança.

Encarregou o novo mestre de São Thiago de o convidar para uma ceia, e pedindo-lhe que trouxesse comsigo aos cincoenta principaes mouros que com elle estivessem.

Acceitou o rei de Granada. muito lisongeado, o convite do fidalgo christão, de cuja hostilidade não podia duvidar.

E no local aprazado compareceu com os seus cortezãos, todos luxuosamente vestidos.

Deslumbrou-os o explendido banquete.

Comeram confiadamente, tiveram palavras de reconhecimeneo para o dono da casa, e julgavam-se felicissimos no territorio castelhano, quando a chegada de Martim Lopez, acompanhado de muita gente armada, desvendou a traição.

Quizeram luctar, mas vinham desarmados desde que o rei os tomára sob a sua guarda.

E os seus trajos de seda não podiam resistir ás estocadas dos homens de armas, invulneraveis nas couraças de ferto.

Depois de uma pequena lucta foram amarrados um a um e enviados para o arsenal.

Logo no acto da prisão lhes rebuscaram os bolsos, procurando as pedrarias de que pretendia apossar-se o rei.

Roubaram assim centenas de pedras preciosas aos infelizes que se haviam confiado á lealdade do rei christão.

Não contentes com o resultado foram á judiaria roubar os restantes, e tiraram-lhes grande quantidade de dinheiro e pedras que traziam escondidas.

Foi tudo levado ao rei de Castella pelos leaes servidores. (2)

---

(1) «A cubiça que é raiz de todo o mal, fez logo saber a el-rei como el-rei Vermelho trazia muito haver, em aljofar e pedras e joias, e houve grão desejo de cobrar tudo. E mandou ao mestre de S. Thiago que o convidasse n'outro dia para a ceia, o os maiores honradas que com elle vinham; e foram cear com elle até cincoenta.

Acabada a ceia, estando seguros, e nenhum ainda levantado, chegou Martim Lopes, com homens armados, e grandes el rei e todos os outros, e foi logo buscado el-rei, e acharam-lhe tres pedras balaches mui nobres e mui grandes, e acharam a um mouro pequeno em um correio, setecentas e trinta pedras balaches, e a um seu pagem cincoenta grãos de aljofar, grossos como avelãs esburgadas, e a outro moço tanto aljofar, grado como hervanços, em que poderia haver uma oitava de alqueire, e aos outros a quem achavam aljofar e pedras, tudo levaram a el-rei.

E n'essa horas foram outros homens de armas é judiaria, e prenderam a todos os outros mouros; e todas as dobras e joias que lhes acharam, tudo levaram a el-rei.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXXIII.

D. Pedro entendeu porém dar a acção um remate condigno.

Depois de dois dias de prisão mandou-os levar ao campo de Tablada, que escolhera para o supplicio.

Eram trinta e oito as victimas sacrificadas á sua implacavel sêde de sangue.

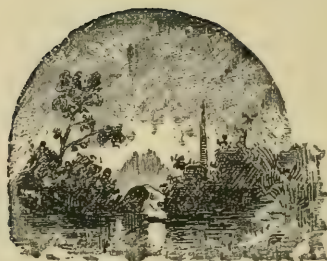
O rei Vermelho vinha, por irrisão, vestido de saio escarlate e amarrado em cima do burro.

Os seus trinta e sete vassallos rugiam, manietados, perante semelhante affronta.

O monarcha deu o exemplo da carnificina, investindo o rei de Granada e vibrando uma lançada n'esse homem indefesso!

— Pequena cavalgada fizeste! — respondeu o mouro, cahindo do burro, mortalmente ferido.

Os algozes atiraram-se ao grupo dos infelizes e começaram a degolal-os.

Então D. Pedro, como complemento da sua obra, mandou encaixotar as trinta e oito cabeças e enviou-as de presente ao seu alliado, o rei Mahoma.

CAPITULO LXXIX

Presente real

DEBALDE protestou D. Alvaro.

«Porque o prendiam?»

«Que motivo dera para o quererem privar da liberdade?»

«Acaso a tão fallada lealdade dos mouros traduzia-se em semelhantes traições?»

Mas os soldados não se importaram nada com as suas reclamações.

Deixaram-o algum tempo de sentinella á vista.

E quando se fatigaram de o ouvir mandaram-o preso para as cavallariças do palacio.

Só quando poude fallar ao vizir conseguiu ser tirado d'esse logar infecto e authorisado a ir á presença do rei.

Levou dias sem lhe poder falar, esperando nas prodigiosas salas do generalife, entre o bando de pretendentes que se approximavam do poder nascente.

Só depois de todos os outros Mafoma o recebeu.

— Que queres tu, perro christão? — perguntou-lhe com mau modo.

— Eu vinha procurar o rei Vermelho — respondeu cautelosamente D. Alvaro, sabendo que não podia falar de outra forma a esses despotas brutaes.

— Vieste em má occasião. Esse já o diabo levou.
— Mas é que...
— Eras amigo d'elle? Vê lá. Mando-te cortar a cabeça se fazes empenho.
— Senhôr!
— Não me custa nada. Queres experimentar?
— Não consegui fazer-me comprehender.
— A culpa é tua. Diz lá porque é que solicitaste com tanto empenho esta audiencia.
— Poderoso kalifa! Tive a infelicidade de entrar no reino de Granada durante o reinado do vosso antecessôr.
— Para que te vieste cá metter? Não sabias quem elle era e o que me tinha feito?
— Deslumbrante sol do occidente — respondeu Alvaro, esforçando por lhe dar o tratamento usual — vim fugido a uma injusta e atroz perseguição...
— Foste feliz em procural-o!
— Contava com a proverbial hospitalidade dos arabes.
— Mas o rei Vermelho era um usurpador!
— Não pensava em dirigir-me a elle. Pretendia apenas tomar embarcação que me transportasse a Portugal.
— Então para que fôste procural-o?
— Ao transpôr a fronteira cahi em poder de uma quadrilha que me forçou a pagar um grande resgate.
— Haviam de ser os soldados do meu antecessor.
— Não dispunha de dinheiro. Vim pedil-o aqui, aos commerciantes da minha terra. Mas a guerra deixara-os exhaustos e não me poderam valer.
— Foram as dignas obras d'essa vergonhosa excrescencia da nossa raça.
— Forçado pelas circumstancias vim pedir soccorro a estes paços.
— Não o devias ter feito!
— Senhor. Era o rei. Ignorava as dissidencias internas. Dirigi-me ao representante do propheta, esperando justiça.
— E elle que fez?
— Emprestou-me o dinheiro do resgate.
— Certamente para conquistar o teu auxilio. Fôste talvez em seu nome pedir auxilio ao rei de Castella contra mim?
— Por forma alguma. A maneira como elle me tratou...
— Acaba!
— Não era de molde a conquistar as minhas sympathias.
— Conheço-o muito bem. Atraiçoou-me! Valeu-se da minha confiança, pactuou com os inimigos da nossa raça e da nossa crença, tudo para me expoliar da corôa que emfim reconquistei.
E proseguiu rancorosamente:

— Treme, christão, se não consegues explicar claramente o teu procedimento, Todos os amigos d'elle foram decapitados. Não conseguirás fugir á lei geral.

D. Alvaro receiava as ameaças do rei mussulmano.

A vida de qualquer estava á mercê da phantasia de um despota mouro ou christão.

Os reis de Granada e de Castella equivaliam em processos.

Em crueldade é que D. Pedro não podia ser excedido.

O irmão de Ignez de Castro sabia bem a sorte que o podia esperar.

Por isso se cançava em desculpas, procurando dominar-se.

O seu animo impellia-o a castigar energicamente esse mouro que o tratava desdenhosamente.

Experimentou então outro processo, accusar com violencia o rei que o expuzéra a taes supplicios.

— El-rei Vermelho procedeu como um bandido.

— O peior de todos — commentou radiante Mafoma.

— O seu auxilio foi apenas uma cilada. Emprestou-me dois mil florins, mas depois apossou-se de Mecia e reclamou dez mil pelo seu resgate!

O rei mouro riu ás gargalhadas.

— E' muito bôa. Esperto era elle. Sabia fazer as coisas. Todo o seu mal foi acertar comigo!

Alvaro tinha vontade de insultar Mafoma, offendido pelo seu riso alvar.

Mas precisava cohibir-se.

«De outra fórma nunca mais veria a sua querida Mecia!»

— Senhor. Eis que volto a soltar a companheira da minha vida. Tive o prazer de ouvir que fôra castigado perdendo a corôa. Mas punge-me um profundo desgosto. E' que elle levou-a comsigo não sei para aonde. E no momento em que vinha acolher-me á vossa protecção, ao vosso abrigo, prenderam me soldados a quem não tinha feito nenhum mal.

Mafoma estava pensativo.

D. Alvaro terminou bradando:

— Justiça, senhor, justiça!

— A mulher que procuras levou-a comsigo para Castella.

— Para que, senhôr?

— Com o fim de negociar a sua entrega a troco da alliança do teu rei. Se D. Pedro vier contra mim, a culpa é tua que me trouxeste aqui essa maldita mulher!

— Mas ha um equivoco. O rei de Castella não tem interesse em rehaver Mecia.

— A rainha, a rainha, podes dizer a verdade. Sei tudo.

— Repito, senhor. E' minha mulher! Nada tem de commum com D. Branca que tornou a recolher ao castello de Medina-Sidonia.

— A mentira de nada te serve.

— Mandae indagar a Castella. Nada mais simples. Aqui mesmo deve haver quem me conheça, quem saiba a longa historia dos meus amôres.

— Como te chamas?

— D. Alvaro Peres de Castro.

— Irmão de D. Joanna de Castro?

— Sim — respondeu o cavalleiro querendo tirar partido da sua situação — sou irmão da rainha de Castella,

Illuminou-se a physionomia de Mafoma.

— Agora sim! Agora não temo as intrigas do rei Vermelho. Pode negociar a entrega da sua rainha, que eu reter-te-hei como garantia de paz. Certamente o rei teu cunhado não quererá deixar-te em risco de dançares n'uma forca, ou de travares conhecimento com o gume de um alfange.

D. Alvaro protestou irritado.

— Tem paciencia. Espera algum tempo. Hospedo-te como quem és, como um rei. Isto aqui é muito divertido. Bailadeiras, jardins, cavalhadas. Mas só te vaes quando estiver seguro da paz.

— Isso é uma violencia! — protestou D. Alvaro perdendo a cabeça.

— Não te serve de nada protestar.

— Quem vos authorisa a fazer-me prisioneiro, vindo eu pacificemente ao vosso reino?

— Defendo-me. Estou no meu direito.

— Sois tão desleal como o rei Vermelho! Bem sei que dispondes da força, e que podeis estrangular me a palavra na garganta. Mas haveis de ficar sabendo que sem todos se curvarem ao vosso odio despotismo. Usaes o titulo de rei e não passaes de de um bandido! Eis o que sois!

Mafoma, muito pallido, fez um signal aos guardas e retirou-se pausadamente.

Alvaro foi assaltado por muitos homens.

Não podia oppôr resistencia.

Manietaram-o para maior segurança e conduziram-o a um quarto afastado do palacio.

Ahi desataram-lhe as mãos.

Mostraram-lhe porém os guardas negros que de alfange em punho tomavam todas as portas.

Não havia remedio senão esperar.

Então Alvaro julgou-se completamente perdido.

E teve uma lagrima de saudade para Mecia que continuava tão longe, sem saber qual fôra o seu destino!

A salvação do irmão de Ignez de Castro foi a chegada das trinta e oito cabeças do rei Vermelho e da sua comitiva.

Mafoma foi buscal-o delicadamente aos aposentos que lhe destinára.

Levou-o a uma sala onde expozera sobre uma banqueta forrada de

escarlate as cabeças pallidas, horrorosas, polvilhadas de camphora para se conservarem mais tempo.

Alvaro recuou arterrado.

— Quero prestar em tua presença e d'estes outros cavalleiros christãos, tambem prisioneiros, o respeito e a consideração que me merece o rei de Castella. E' um nobre monarcha de um proceder leal e cavalheiresco!

Voltou-se para os castelhanos:

— Desde hoje, senhores, estaes livres! Podeis tornar a vossa terra. (1)

E continuou:

— Quero porém offerecer-vos em primeiro logar uma nobre festa que possa mostrar em Castella que differença ha entre o meu governo e d'esse miseravel cuja cabeça ali está.

Na sala onde ostentava os tristes despojos mandou servir um abundante banquete.

Esforçou-se por se mostrar hospitaleiro, por deslumbrar com o apparato das riquezas accumuladas por tantos Kalifas.

O rei Vermelho só podera levar as pedrarias de facil transporte.

Os porticos, as arcadas, as bellas columnatas, a maravilhosa architetura d'ese alto documento da phantasia arabe, resoavam, repercutiam o echo das dolentes musicas a que as quedas d'agua davam uma resonancia chrystalina.

Só no dia seguinte devia realizar-se a partida.

Esperavam-os luxuosos cavallos, ricamente arreiados.

Sahiram acompanhados por um grupo de cavalleiros arabes a titulo de guarda de honra.

Estes obsequios porem incommodavam bastante Alvaro de Castro, que desejava embarcar e seguir livremente, sem tornar ao poder de D. Pedro, de quem receiava as maiores perseguições.

Mas não se atrevia a declaral o ao rei Mafoma.

Se este o suppuzesse um inimigo do rei de Castella com mais forte razão o enviaria á força á sua presença.

Só pelo caminho se poderia afastar.

Quando anoiteceu e tiveram de repousar n'uma estalagem comprou um criado que lhe arranjou um trajo modesto e o acompanhou á beira mar.

Ali andou em procura de um barco de pesca que o levasse ao porto mais proximo.

---

(1) «E enviou el-rei D. Pedro a cabeça de el-rei Vermelho, e dos outros trinta e sete, a el-rei Mafoma de Granada, e elle enviou-lhe captivos.

E posto que elrei D. Pedro disse muitas razões a calorar este feito, por mostrar que o fizera sem encargo da sua consciencia, todos os seus o tiveram por mui grão mal, e lhes prouvera muito de não ser assim.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXXIII.

Depois de algumas tentativas fretou um navio por um preço exhorbitante.

Não era porém o dinheiro que lhe faltava.

A irmã fôra generosa.

Fernando era riquissimo.

Mesmo as suas rendas pessoaes permittiam-lhe luctar para tornar a reunir-se a Mecia.

O barco tomou terra na altura de Lisboa.

Mas ahi não lhe convinha desembarcar.

Nada mais simples de que crearem-lhe difficuldades, originadas no velho odio que havia contra os seus, e nos conflictos do torneio.

O barco tomou um pratico e foi correndo a costa.

E só desembarcou na foz do Mondego de onde partiu para Coimbra.

Seguiam o contorno das suas margens

CAPITULO LXXX

Sonho de amôr

FATIGADOS de tantas excursões Pedro e Ignez tinham ido fixar-se em Coimbra.

A margem do Mondego era o ninho escolhido para os seus amores.

Instalaram-se nas casas do mosteiro de Santa Clara, edificadas pela rainha Izabel, mulher de D. Diniz.

O rio corria em baixo, entre salgueiros e choupos onde se aninhava a passarada que os despertava pela manhã.

Ouviam ao longe o cantar das lavadeiras ao bater compassado da roupa.

Deslisavam suavemente os barcos no tranquillo lençol d'agua, e como elles decorria serenamente a sua vida.

Seguiam o contorno das suas margens, viam-o occultar-se em elegantes curvas sob o demais denso da folhagem, reaparecer ao longe em sinuosas voltas bordado pelos renques do arvoredo, espraiar-se no regaço das terras baixas, correr estreitamente apertado entre as sebes; reflectir o verde amarellado da folhagem, o azul do céo, o vôo dos passaros; enrugar-se ao sopro da aragem, scintillar aos raios do sol em palhetas de ouro; reflectir o luar, como um espelho, n'uma toalha liquida de prata.

Encantava-os a paisagem, dominava-os, impregnava-os de suave tran-

quilidade, erguia mais alto o seu amôr diluia os restos do passado, fazia esquecer as suas dores.

Viviam n'aquelle mundo aparte.

E se alguem os fôsse descobrir ao seu obscuro asylo, pedir-lhe-iam para ficar em paz.

Mal chegava ao delicioso retiro onde tinham ido furtar-se á vista de todos, o echo dos horrorosos crimes commettidos por D. Pedro, n'uma furia de doido.

Nem noticias da guerra, nem as queixas dos torvos assassinios, nem as perturbações da infeliz Castella, nada ia perturbar a serena paz que tinham procurado anciosamente.

Apenas o casamento de D. Joanna de Castro na verdadeira alegria que lhes causára os fizéra pensar no mundo politico de que se empenhavam em estar afastados.

Depois tinham tornado a cahir na habitual indifferença por tudo o que não fosse o seu amôr.

Ignoravam as traições da côrte castelhana, pessoas attraidas a ciladas, palavras de honra dadas deslealmente, roubos á mão armada, immoralidades praticadas ás claras, revoltantes crueldades ordenadas a frio, profundas e flagrantes injustiças.

Não lhes chegava o echo das intrigas dos seus inimigos de Lisboa; Pablo no fanatismo de um cadaver, Pacheco receiando o momento em que elle fosse rei, Pero Coelho, Alvaro Gonçalves e Gil Vasques temendo-se da influencia dos Castros em Portugal, para não terem de responder pelas ciladas armadas a Alvaro, pelas calumnias contra Ignez, pela odiosa perseguição a Mecia.

Quando D. Maria escrevia de Castella não fazia o relato das violencias praticadas pelo filho.

E assim os caixotes cheios de cabeças cortadas, o cobarde assassino de D. Fradique, a violenta morte do infante D. João, a chacina dos habitantes de Toledo ou dos mouros de Granada não iam horrorisal-os no meio do seu pacifico viver.

Queriam fazer-se esquecer completamente aos intriguistas das côrtes e em parte tinham-o conseguido.

Sómente ao começo, nos primeiros dias da sua estada ali, Affonso IV enviára o alcaide de Coimbra a intimar-lhe que despejasse o palacio, em cumprimento de uma clausula prohibitiva do testamento da rainha Santa Izabel. (1)

---

(1) «... por uma verba do seu testamento, em que mandava que no dito palacio se não podessem recolher senão os reis e os infantes herdeiros do reino, ou alguma senhora do seu real sangue, segura de que semelhante nobreza pelo sexo e pela qualidade não o consentiria em suas familias o maior detraimento...»

«Em seu primeiro vigor estava o decreto quando... o principe D. Pedro mu-

Era uma nova intriga dos seus inimigos.

Levantavam grande alarido, dando-se por offendidos com o successo.

Consideravam uma profanação a residencia de Ignez de Castro n'aquelle paço.

E procuravam assim sêr mais uma vez ser desagradaveis aos dois.

D. Pedro não fez caso da intimação do representante do rei e deixou-se ficar tranquillamente.

Ou o alcaide não informou D. Affonso VI da falta do cumprimento da ordem, ou o pae não quiz inquietal-o mais.

O certo é que depois mais ninguem o perturbou com novas intimações.

Viviam para o filho e um para o outro.

João, o filho mais velho, era uma robusta creança cheia de saude e de alegria.

Já não tinham receio pelo seu futuro.

Não lhe daria o desgosto de morrer como o pobre Affonso que tantas lagrimas custára aos dois.

Mas a recordação de Constança voltou a perturbal-os, tornou a affligir Ignez.

Não communicou a D. Pedro os seus terrores.

Esperou a occasião em que os frades de Alcobaça fossem por lá pedir esmola, para se confessar a um, e communicar-lhe as suas preocupações.

O monge interessado em augmentar lhe a culpa para ser correspondente a penitencia, em dinheiro para a ordem, aterrou-a com a clssificação do seu casamento como um pecado mortal.

«Tinha sido madrinha de um seu filho.»

«Onde estava a dispensa do papa?»

«Quem lhe déra a absolvição de tal culpa?»

Ignez respondia a medo que pessoa nenhuma.

---

dou sua caza para Coimbra, levando comsigo a sua consorte D. Ignez de Castro...»

«Pela amenidade e pelo retiro se aposentou nos paços da rainha santa, crendo que nos longes da vista amortalhava as murmurações da suspeita.»

Monarchia Lusitana por fr. Raphael de Jesus, v. 7, pag. 513.

«Como a santa fez aquelles paços para com maior promptidão lograr da companhia das religiosas, e procurava atalhar que lhes não fizessem molestias ordenou que n'elles se não aposentassem senão as magestades e os infantes successores do reino, ou alguma senhora do seu real sangue a qual ella nomeasse por sua morte.

No tempo de el-rei D. Affonso IV o quizeram devassar differentes pessoas, e el-rei os mandou despejar pelas suas justiças, e ultimamente devassando-o o infante D. Pedro com a assistencia de D. Ignez de Castro, que ainda era de sangue real, e filha de um seu primo com irmão, não tivéra licença da santa rainha.»

«*Historia... de Santa Izabel*» por D. Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto.

Então o frade affirmava-lhe que só Deus tinha o direito de perdoar, e que só o papa, seu representante, um santo ministro de sua ordem, a podia absolver.

«Elle e seu irmão de Alcobaça prestavam-se porém a interceder para que os santos e santas da côrte do céo se amerceiassem do seu soffrer e houvessem por bem alivial-a.

Ficou de consultar sobre o seu complicadissimo peccado as luzes da ordem.

«Depois voltaria com a definição do caso de consciencia e com a indicação da penitencia a troco da qual devia resgatar-se na outra vida da eterna punição.»

Quando Pedro regressava das caçadas, ou de longos passeios pela quinta, Ignez beijava-o com mais enthusiasmo, com mais carinho, como se, em vista dos terrores, receiasse perdel-o.

CAPITULO LXXXI

Suffragios

O frade voltou inspirado pelo D. Abbade.

«Convinha á ordem manter no cargo de confessor de Ignez de Castro um dos seus.»

«Era ella quem governava D. Pedro.

«Aanhã dependeria de um gesto seu o futuro de Portugal.»

«Então, no throno de rainha, poderia fazer á santa casa de Alcobaça as maiores concessões.»

«Havia toda a conveniencia em dominal-a, em fazel-a dedicada amiga dos santos monges.»

Fr. Marianno, um homem alto, secco, espaduado, rancoroso, um eterno pigarro de que se valia ao esquecer o fio do sermão, levou para realisar a importante conquista instrucções especiaes.

Um dia em que D. Pedro estava ausente tornou a ouvil-a da confissão.

Prostrou-se Ignez de Castro atormentada pelos receios, pelas tristezas que mais e mais a afflgiam.

Fr. Marianno, como muitos dos monges habituados á vida do claustro, convivendo com gente de saias, ensinando noviços no convento e meninos do côro nas Sés, abominava a mulher que considerava uma creação de Satanaz.

E assim importava-lhe pouco torturar a desventurada, que com o coração despedaçado ajoelhava aos seus pés.

Citou-lhe a opinião dos padres da egreja que condemnavam o cazamento entre compadres.

Referiu as decisões das concilios, desfechou trechos de latim, expoz-lhe o preceituado nas constituições dos bispados.

E para se fazer comprehender melhor citou-lhe o exemplo de um caso semelhante:

«O rei Roberto de França fôra padrinho do baptismo de um filho de D. Bertha, condessa de Blois.»

«Apaixonara-se por ella, no convivio da côrte, em virtude d'essa e d'outras relações.»

«Casaram quando o conde morreu, sem attenderem ao interrompimento.»

«Era perfeitamente o seu caso — commentou o frade no interesseiro intuito de a aterrorisar.

«Impellia-os o amôr um para o outro.»

«Que lhe importavam respeitos divinos e humanos, cegos pelas paixões que são filhas de Satanaz?

«Então o soberano pontifice, indignado com o peccado affrontou se da sua vida, excommungou-o!»

«O legado do papa entrou no seu palacio, arrancou o cirio pascoal que accendera para a ceremonia, atirou-o ao chão, fummegante, a arder, lançou-lhe a excommunhão, expulsou-o do gremio da egreja, e retirou-se emquanto a desgraça, o infortunio, a falta de todos os confortos, vinha pairar sobre elle!»

Falava n'uma voz soturna, assustadora, temerosa, como se sahisse de um tumulo.

E depois garantiu-lhe que o inferno aguardava a sua alma, como se apossára da de Roberto.

«O demonio rezervava a taes peccados — garantiam-lh'o n'uma segura convicção — um supplicio especial.»

«Só á força de penitencias e de bôas obras, de preces e de missas dos santos monges, poderia ficar demorada no purgatorio e voltar depois de algum tempo ao ceo.»

— E o que é preciso fazer, meu padre, para conseguir a salvação da minha alma?

— Se vos falasse um velho cenobita, um dos luzeiros da nossa ordem, mandar-vos-ia romper desde hoje essa união infecta de peccado mortal.

Ignez soluçou, n'um grande terrôr.

Mas fr. Marianno adoçou a voz.

— Eu porém não procederei assim. Sei como é fraca a natureza humana.

— Oh! fr. Affonso!

— Por isso vos imponho como penitencia que mandeis dizer mil missas por alma da fallecida infanta D. Constança, no nosso convento de Alcobaça, que, como sabeis, é de ha muito o preferido pelo Senhor para as manifestações da sua divina graça.

Ella soltou um suspiro de alivio.

— Sim, meu padre. E vós mesmo vos encarregareis d'isso, para que eu fique descançada.

Então fr. Marianno ergueu a mão direita ossuda e negra, e fazendo no ar o signal de cruz absolveu-a.

Ignez tirou da escarcella uma bolsa de ouro e deu-lh'a para o começo dos suffragios, pedindo ao padre que voltasse, porque não podia passar sem os seus soccorros espirituaes.

Mas o seu espirito irriqueto, perseguido ainda pela sombra de Constança, creou novo motivo de inquietação.

Lembrou se da ordem de Affonso IV para que abandonassem o paço de Santa Clara.

Ouvira então vagamente tratar de «profanação» a sua residencia ali.

Intimidava a a clausula rigorosa do testamento da rainha santa Izabel apontados por todos.

Repugnava-lhe agora fazer da casa onde ella se penitenciára o ninho dos seus apaixonados amôres.

Fr. Marianno pesou gravemente o novo caso.

«Era tambem um peccado!»

«Comtudo algumas preces, as ferverosas orações dos monges talvez afastaram d'ella as coleras celestes!»

Ignez tornou a dar-lhe uma importante esmola, e o frade regressou ao convento com os novos encargos espirituaes.

Depois tornou a receiar-se de Pablo.

Temia vêl o surgir da sombra das arvores, ameaçando-a com novos castigos, tragico, vingador.

Sabia o na posse das reliquias de Constança, dos objectos que haviam tocado o seu cadaver.

E não queria vêl os novamente no seu caminho, lembrando-lhe a sua agonia, gelando-a de terrôr.

D'esta vez não podia calar-se por mais tempo, rezervar só para si tamanha dor.

Um dia rompeu em soluços e contou tudo a D. Pedro, que a ouviu n'um sorriso.

Procurou tranquilisal-a, levou-a aos seus passeios afastados, andaram ambos em barcos pelo Mondego, e quando fr. Marianno voltou à colheita ordenou-lhe que a tranquilizasse dizendo lhe que a colera celeste jà estava applacada, do que elles possuiam certos signaes.

E prohibiu-o de voltar ali tão cedo.

Recebeu novas esmolas, de agradecimentos e retribuição.

O frade communicou-lhe o pretendido bom exito das suas preces a satisfação das suas reclamações.

E nunca mais abandonou Ignez um só momento para lhe desfazer os ultimos receios.

Ia outra vez ser mãe.

Ignez dispoz-se a ir pagar as numerosas promessas que fizéra.

Mas o infante dissuadiu-a d'isso.

CAPITULO LXXXII

Ideal de justiça

QUANDO D. Alvaro chegou já eram dois os filhos.

O mais moço chamava-se D. Diniz.

O paço de Santa Clara lembrava a D. Pedro a avó e o avô, a caridosa rainha que mandára tratar os leprosos, e o rei trovador, sabio e justo, apaixonado e bom, que soubéra empunhar a lyra e cantar o amôr.

O primeiro, que morrera de poucos dias, chamava-se Affonso, a recordar o pae, a encaminhar uma futura reconciliação.

Este era Diniz como o avô.

D. Pedro procurava reatar nos filhos a sequencia da familia e da dynastia.

Eram agora dois os pequenos entes para que viviam.

Mas em vez de lhes dividir a attenção duplicaram-lh'a, na expansão das duas vidas em que se desdobrára o seu sêr.

Ignez não tivéra mais aprehensões.

Viviam na alegria que só os filhos dão.

Receberam Alvaro com o maior prazer.

Perguntaram logo por D. Joanna, por Mecia, e perceberam da sua expressão que não lbe trazia boas noticias.

— Oh! minha irmã, o que eu tenho soffrido!

E começou a contar-lhe as afflicções da fuga, o encontro dos bandidos, a traição do rei Vermelho e a attitude de Mafoma.

— E agora, depois de ter passado com a sua amada uns dias deliciosos, encontrava-se peior que d'antes, porque conhecera a existencia ideal e tornára a perdel-a.

Mostrava-se inconsolavel.

E os dois animavam-o, promettendo auxilial-o nas novas tentativas e aconselhando-o a que partisse a reunir-se á irmã.

Só então souberam que D. Joanna fôra abandonada no dia seguinte ao do casamento.

Irritou D. Pedro a injustiça, o desleal procedimento do rei seu sobrinho, do filho de sua irmã.

E perguntou o que fazia D. Maria, que não impunha a sua auctoridade.

Alvaro, verdadeiramente revoltado, contou-lhe os ultimos acontecimentos da politica de Castella

Elle indignava-se com a série de assassinios, com o rosario de crimes, com a vergonha de tamanhas roubos.

Por momentos a sua insaciavel sêde de justiça fazia-o esquecer Ignez, os filhos, a sua situação de infante portuguez e tio do rei de Castella, para falar dos acontecimentos do reino visinho como se lhe dissessem respeito e fosse elle o incumbido de os julgar.

Sabia como os maus conselheiros, os juizes venaes alteravam muita vez as decisões do pae, fomentavam a desordem, impunham a tyrania, falseavam a justiça.

Avaliava por esses os que andavam na côrte castelhana, attribuia lhe uma parte da responsabilidade, e mostrando conhecer bem as condicções e as necessidades de Castella, falava d'ellas como se tivesse na mão os seus destinos.

D. Alvaro ouvia-o satisfeito, applaudindo as fulminantes condemnações que brotavam da sua palavra.

Então Ignez ficava penalisada porque o irmão lhe fizéra revelar a face rude, energica, do seu caracter arrancando-o á doce quietação em que viviam.

Censurou-o amigavelmente.

«Fôra arrancal-o á ignorancia de tantos horrores, em que se mantinha tranquillamente.»

«Que lhe importavam essas miserias, esses crimes?»

— Enganas-te — replicou D. Pedro — E' bom saber tudo. Amanhã hei-de ser rei. Preciso conhecer bem o meu caro visinho.

Agradava a D. Alvaro a sua orientação.

Gostava de o vêr tomando a sério o seu papel.

Comprehendia assim a missão de um rei.

Os tres ultimos com que tratára, seu cunhado e os mouros, tinham-lhe deixado bem tristes impressões.

Então Ignez sob a impressão de terror que lhe haviam causado essas suas palavras, tornou á sua primitiva orientação.

O infortunio de Joanna, o insuccesso das tentativas de D. Alvaro faziam-a desanimar.

Queria D. Pedro só para si, para o seu amôr para o carinho dos filhos.

Desejava tel-o sempre ao seu lado, affavel, amoroso, longe d'esses homens crueis, d'essas torrentes de sangue.

Só esperava pela partida de D. Alvaro para lh'o pedir ardentemente, mostrando-lhe os receios que a inquietavam quando o via manifestar outras ambições.

Mas o irmão, desde que o ouvira tão decidido, não quiz perder a occasião de o pôr ao facto dos seus projectos.

Perguntou-lhe se não lhe seria agradavel ver Joanna outra vez ao lado de D. Pedro, tratada como a verdeira rainha de Castella, tendo ao lado seu irmão Fernando como ministro, como valido, defendendo os interesses de todos elles e os de Portugal?

Respondeu que sim.

«D'essa forma os dois povos apoiar-se-iam, os interesses politicos seriam identicos, e poderiam combater unidos, n'uma intima alliança, os mouros ou Aragão.»

Alvaro quiz saber se não estaria disposto a auxiliar qualquer tentativa conducente a repôr Joanna no devido logar.

D. Pedro promptificou-se, declarando que todo o seu interesse era fazel-o.

«Não dispunha porêm de forças, e todo o seu empenho n'esse momento era ineficaz.»

E continuou:

«Quando subisse ao threno apoiaria todos os seus pontos de vista, e tanto Alvaro como Fernando, como D. Joanna, com a mãe, podiam contar com elle.»

Então Ignez levantou-se.

«Como seria feliz, se em vez de principe o seu Pedro fosse um particular, vivendo apenas para o seu amor!»

«E pedira que lh'o deixasssem, que não viessem arrancal-o á placidez da sua modesta existencia.»

Mas Alvaro retorquiu cheio de convicção que não podiam viver como ella julgava.

«D. Pedro tinha que defender tenazmente a sua felicidade, a mulher e os filhos, dos inimigos que tramavam constantemente na sombra para o perder.»

«A melhor forma de o fazer era ter ao seu lado, fortes, poderosos, os parentes da mulher que eram os seus melhores amigos.»

D. Pedro respondeu preocupado, n'um mudo signal de assentimento reconhecendo a verdade.

De tempos a tempos lembrava-lhe o perigo permanentemente suspenso sobre a sua cabeça.

Esses avisos faziam-lhe enrugar a fronte.

Por fim D. Alvaro resolveu partir.

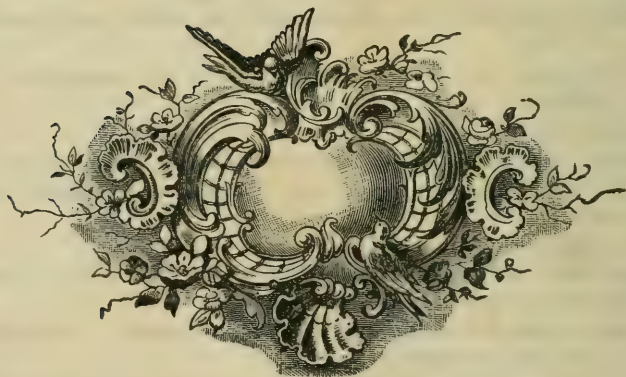
Despediu-se, pedindo a D. Pedro e Ignez para serem padrinhos do seu casamento.

«Já os considerára assim ao ter de justificar sua situação para com ella.»

«Mecia era desde então a sua estremecida esposa.»

«Faltava apenas uma cerimonia religiosa em que elles tinham de tomar parte.»

«Agora ia ter com D. João Affonso de Albuquerque, no intuito de mandar saber, da sua forte villa, onde parava Mecia.»

Começava novamente a procural-a!

Uma entrevista d'amor

CAPITULO LXXXIII

Os Pachecos

IA cahindo a tarde.

No extremo do muro do jardim de um dos mais oppulentos palacios da velha Lisboa medieval, havia uma entrevista de amôr.

Ella, Violante, uma formosa creança de dezesseis annos, falava da galeria da casa de regallo.

Elle, Luiz Freire de Andrade, pouco mais velho do que ella, saltára o muro da quinta e approximando-se do recinto ajardinado estreitava-lhe as mãos.

As flores rebentavam por toda a parte.

As trepadeiras enramavam os muros.

As arvores cobriam-os sob o vasto abrigo das suas frondosas copas.

Mas o seu aspecto não estava em relação com a alegria da paisagem.

Lia-se-lhe no rosto uma vaga tristeza.

Não contavam que fosse protegida pelos orgulhosos antepassados d'ella, a sua affeição nascente.

Receiavam opposição ao seu amôr.

As difficuldades podiam surgir da parte da familia de Violante, os poderosos Pachecos.

Por isso a donzella calava-se de tempos a tempos, olhava para dentro da quinta, escutava com attenção receiando que a ouvissem.

«A sua ausencia podia levantar suspeitas.»
«Nada mais natural do que irem procural-a.»
Seu pae Diogo Lopes Pacheco, orgulhoso da confiança do rei, cheio de soberba pelo seu logar de primeiro ministro, fazia receiar Luiz Freire de Andrade pelo resultado das suas aspirações.
Certamente pretenderia para Violante um casamento rico, uma poderosa alliança que servisse ainda mais para consolidar a sua situação.
Gloriando-se de uma alta descendencia, invocando a cada passo os seus antepassados, devia pois ser muito meticuloso na escolha de genro.
Ia buscar em Roma, em Lasio Suavio Pacieco a origem da sua nobre ascendencia, e dava-se como parente das principaes casas da peninsula, marquezes de Vilhena, duques de Escolona, duques de Ossuna, condes de Puebla de Montalvão, marquezes de Villa Nova del Freno, condes de Medelin, duques de Caminha, marqueza de Cerralvo, condes de Villa Lobos e outros.
Os seus ante-passados tinham pelejado em Ourique, ao lado de Affonso Henriques; haviam-se batido na guerra civil entre D. Affonso e D. Sancho.
Pensaria portanto n'uma alliança que approximasse a sua casa de outras igualmente illustres, por forma a engrandecer ainda mais o seu complicado brazão. (1)
«Que lhe importaria o sincero amôr de duas creanças? — pensava elle.»
Assim depositavam mais esperanças no avô, o senhor de Ferreira d'Aves.
O pae de Diogo Lopes o velho Lopo Fernandes Pacheco pelejára na hoste de D. Affonso IV na batalha do Salado.
O rei nomeára-o mordomo-mór de D. Pedro, mas esse cargo era mais nominal do que effectivo, porque o infante raras vezes parava na côrte, e n'essa occasião rodeiava-se de alguns cavalleiros differentes dos que o rei puzera ao seu lado.
Sua mulher, D. Maria, provinha de uma alta linhagem. Era neta do rei D. Sancho, de Castella.
Isto e a immensa fortuna de que dispunha colocavam-o n'uma situação exepcional.

---

(1) «Tem por armas em campo de ouro duas caldeiras de preto postas em palla com tres faxas cada uma de ouro e vermelho, veyradas e contraveyradas, e tambem as asas, e em cada caldeira quatro cabeças de serpe de ouro nas arreigadas das asas, duas para fora e duas para dentro, com as linguas vermelhas, timbre dous pescoços de serpe de ouro, com duas cabeças batalhantes.»
Ermeraldo de situ orbis, pag. XV.

Queria muito a Violante e dizia-se que lhe deixaria uma grande parte dos seus bens.

A modesta situação de Luiz Frei d'Andrade, muito novo, sem fortuna comparavel á d'ella, não era de molde a encher de confiança os namorados.

A donzella porém esperava captar a sympathia do avô para essa união.

«Havia de contar-lhe como o amava, convencel-o-ia de que não seria feliz ligada a outro, e contava poder vencer facilmente as desigualdades que os separavam.

O senhor de Ferreira d'Aves, quando via a neta entrar-lhe em casa, alegre como um passarinho, estava longe de suppor qual o verdadeiro motivo de tantas provas de amizade.

Julgava-as resultados do seu carinho, e tornava-se ainda mais affavel para Violante, dando-lhe joias, comprando-lhe bellos vestidos, mandando-lhe braçados de flôres.

«Sabia como ella era apaixonada pelo jardim.»

Levava horas esquecidas a passear sob as copadas alamedas, a cuidar desvellada dos canteiros, a regar as plantas ressequidas, a rodeiar de carinho as tenras plantas, e voltava sempre, vermelha de fadiga, trazendo um bello ramo ao avô.

Era quando corria ao fim da quinta ao approximar-se a hora combinada, para fallar a Luiz.

Então ali dava largas ao sentimento, e como protestando contra a maneira como teimavam em não vêr n'ella mais que uma creança, affirmava calorosamente ao namorado:

— Tratam-me como se fosse a creancinha de outr'ora. Mas eu amo-te como se pode amar, e sinto-me mulher!

— Sim, Violante. Sei como me queres, ao que te arriscas para me falares — disse elle palpitando de enthusiasmo. Mas é possivel que os teus nos contrariem, e então...

— Que queres dizer?

— Não sei o que farás no momento de teres de escolher entre mim e elles.

— Pois ainda duvidas?

— E' uma grave collisão a que te vaes expôr.

— Mas a minha escolha já está feita e tu bem a conheces. Se me ordenarem que te abandone, recusar-me-hei, se quizerem casar-me com outro resistirei com todas as minhas forças, se procurarem levar-me pela violencia fugirei para ti. Que mais queres?

— Obrigado, Violante, pelo bem que me fizeste! Mas eu não queria forçar-te a resistir aos teus. O meu maior desejo seria casarmos por sua vontade, para não começar por te arrancar uma parte das tuas affeições.

— Mas se não houver outro remedio, Luiz?

— Sim! Então pagar-te-hei em extremos de carinho a violencia d'esse passo. Viverei só para o teu amor, e espero tornar-te feliz.

Ao fazer-se tarde separaram-se, despedindo-se em novas promessas.

Violante deu-lhe o formoso ramo de flôres que tão carinhosamente andára escolhendo, e, tendo que recolher a casa, apanhou outras á pressa, atando-as precipitadamente.

Lopo, n'um sorriso de bondade, viu-a apparecer afadigada, acariciou-lhe a face radiante de alegria, e agradeceu-lhe o ramo a que suppunha o velho na maior bôa fé, se dedicára toda a tarde, beijando-a carinhosamente na fronte.

CAPITULO LXXXIV

Propostas de alliança

QUANDO chegou á fronteira de Aragão a noticia que o rei de Castella abandonára Joanna de Castro, D. Fernando ficou assombrado.

Parecia-lhe mentira.

Custava-lhe a crêr semelhante má fé.

Passada a primeira perturbação julgou que se tratasse de alguma intriga dos inimigos do rei.

«Queriam malquistal-o com D. Pedro, para que se descuidasse da defeza da fronteira e deixasse caminhar a invasão.

Estava já disposto a não dar mais credito a semelhante boato, quando a carta do irmão lhe tirou todas as illusões.

«Era certo que o rei zombára d'elle arrastando-o a uma situação irrisoria!»

«Procurára apenas servir-se dos seus soldados e da sua influencias nas forças castelhanas.»

«Oh! mas havia de inflingir-lhe uma rude lição.»

E D. Fernando, irritadissimo pela affronta, pensava na maneira de tirar do extranho cunhado uma estrondosa desforra.

A primeira ideia foi correr com a sua hoste ao encontro d'elle ata-cal-o, vencel-o e impôr lhe condições.

Mas, reflectindo, achou melhor não sacrificar soldados e recursos que cada vez lhe seriam mais necessarios.

Para que D. Pedro conhecesse a importancia da sua falta abandonaria o seu posto de combate.

Os aragonezes e os bastardos começariam a abater o poderio do orgulhoso rei.

«Então talvez se visse obrigado a recorrer novamente a elle, para deter a invasão.

«N'esse momento dictaria as condições.»

Convencido da efficacia d'este meio, reuniu as suas tropas, voltou costas ao inimigo, foi recolhendo á força as guarnições dos castellos que encontrava pelo caminho e lhe abriam as portas sabendo os cargos de confiança que estava exercendo.

Recolheu á Galliza com mais gente e melhor armada, do que aquella que tinha levado.

O dinheiro destinado a pagar ás tropas, os thesouros dos diversos castellos, tudo trazia comsigo.

«Eram as primeiras represalias — dizia elle.»

Antes de partir esrevera a Henrique de Trastamara prevenindo-o da resolução.

O bastardo lançou-se logo no territorio de Castella, certo de que não encontria oposição.

Invadiu as povoações, apanhou rebanhos, deu saques, incendiou fortalezas abandonadas, e poz guarnições em outras mais necessarios para o seguimento das operações.

Os seus vassallos e os soldados de Aragão chegaram a impôr tributos a algumas cidades.

O reino ficára sem defeza.

Elles dictavam a lei como em paiz conquistado.

Assustou-se D. Pedro com o progresso dos inimigos.

Estava desprevenido.

Não podia oppôr-se promptamente.

Descançára em Fernando de Castro, e na leviandade com que sempre procedia, não pensou que elle se tornaria seu inimigo desde que abandonára a irmã.

Mandou reunir á pressa a gente que recrutára com o dinheiro votado pelas côrtes de Burgos.

Pediu auxilio ao rei Mafoma, seu alliado.

Foram-lhe promettidos mil cavalleiros de Granada.

Mas tudo isso era pouco para o que precisava.

D. Fernando de Castro, com forças importantes, mantinha-se n'uma attitude ameaçadera.

Sua mãe, com os portuguezes de Tello, constituia em Toro um perigoso nucleo.

D. João Affonso affrontava a regia auctoridade na sua villa de Albuquerque, mantendo a soldo importantes forças de que, no momento preciso, se havia de servir.

Para defender-se de todos elementos e para garantir a resistencia da fronteira precisava de um exercito numeroso.

Lembrou-se então da alliança portugueza.

Affonso IV tinha soccorrido seu pae, enviando ao Salado as forças que decidiram a victoria.

Agora podia collocal-o em condições de garantir a paz, submettendo os dessidentes e rechaçando vigorosamente os invasores.

A frota portugueza serviria de importante reforço á sua, contra os numerosos navios de Aragão.

Enviou uma embaixada ao rei seu avô.

O fidalgo encarregado de apresentar officialmente o pedido trazia presentes para os cavalleiros do rei, em especial para Diogo Lopes Pacheco, cuja influencia cada vez mais poderosa, podia decidir de Affonso IV em qualquer sentido.

Apresentada a proposta de D. Pedro, meditou sobre o caso o rei de Portugal.

Fechou-se com Diogo Lopes, pesaram as circumstancias em que tinham de intervir, decidiram em principio que o unico auxilio a prestar seria o da frota, desde que o rei de Castella quizesse levar a cabo as negociações, ainda pendentes, para uma solida alliança.

Referiam-se á combinação encetada para o casamento de D. Fernando com a pequenina infanta D. Beatriz, filha de Maria de Padilla, unica herdeira do throno.

D. Affonso pensava reunir assim, de futuro, na cabeça do filho de Constança, a successão das duas corôas, a reunião n'um só reino dos mais importantes paizes da peninsula.

Foi communicada ao embaixador a contra proposta.

Pedro Cruel recebeu-a com indifferença.

«Que lhe importava tomar novos compromissos, se no momento de necessitar recobrar a liberdade de acção faltaria a todos elles sem a menor duvida?»

A indicação do rei portuguez tinha uma outra vantagem, a de ligar o infante D. Pedro á sua politica, afastando-o dos Castros, seus naturaes alliados por parte de Ignez de Castro.

Respondeu acceitando as condições do avô.

«Far-se-ia o casamento, revestido de toda a solemnidade, continuando porém cada um dos pequeninos noivos junto dos seus, até á edade em que haviam de reunir-se.»

«Reclamava apenas para sua segurança e garantia da filha uma condição expressa.»

«O infante D. Pedro devia auctorisar o casamento e dar-lhe a garantia da sua presença ao acto, para que mais tarde invocando o seu afastamento, não o quizesse annular.»

Affonso IV ficou desgostoso com essa exigencia.

Significava a desconfiança que havia em Castella ácerca das intenções

do infante, casado contra sua vontade, creando os filhos de Ignez de Castro, destinando-os talvez ao throno.

Era o reconhecimento da sua fraqueza.

O neto via bem que já não estava na sua mão a responsabilidade dos actos d'elle.

Não poude encobrir o seu despeito.

Sentiu necessidade de desabafar.

«Já se sabe lá fóra que meu filho representa uma auctoridade rival da minha, e que se mostra disposto a contrariar de futuro os meus actos! — disse a Diogo Lopes, lamentando-se.»

«A culpa é só de vossa alteza — respondeu o ministro — Não tem querido seguir os meus conselhos... E olhe que o mal, em minha opinião ainda se ha-de aggravar mais.»

CAPITULO LXXXV

Receios do ministro

S palavras de Pacheco impressionaram o rei.

Frisavam um estado de coisas em que elle fugia de pensar, mas que se impunha pela eloquencia indiscutivel dos factos.

D. Pedro vivia em permanente revolta.

«Desattendera as suas ordens de residir na côrte, desobedecera-lhe continuando a viver com Ignez, chegára a desprezar a sua intimação para que abandonasse o paço de Santa Clara.»

«Agora sugeitara-o a uma grande humilhação!»

Diogo Lopes insistia n'esta nota.

«Veja vossa alteza até onde o levou a sua complacencia.»

«Já não tem validade um tratado de alliança em que não toma parte o senhor infante!»

«Elle pode passar sem a authorisação do seu rei e para tudo o que lhe lembre fazer.»

«Vós, senhor, estaes porém dependente da sua rectificação, e se elle não quizer nada ultimareis com vosso neto.»

D. Affonso reconhecia a verdade de taes palavras, mas repugnava-lhe acceital-as por completo.

Tentava defender-se.

«Exageras, Diogo — respondeu n'uma attiiude conciliadora — E' certo que meu filho tem commettido algumas leviandades, arrastado pela sua malfadada inclinação para essa mulher.»

«D'ahi até desrespeitar-me, como me queres convencer, vae um abysmo.»

«Verás que não procura crear-me difficuldades.»

«Indicarei o que lhe convem fazer e elle acceitará promptamente a minha orientação.»

Pacheco respondeu :

«Oxalá que assim seja, senhor!»

«Assim será — declarou altivamente o rei.»

«Ninguem deseja mais que o senhor infante chegue a um sincero accordo com vossa alteza.»

«E' o interesse de todos os leaes vassallos, que, como eu, vos servem dedicadamente.»

«Amanhã, sendo rei vosso filho, obedecer-lhe-emos como a vós sempre temos feito.»

«Hoje, porém, senhor, embora lhe pese, só a vossa alteza reconhecemos e só as suas ordens cumprimos.»

«Não podemos obedecer aos dois.»

«Não seguimos portanto as suas indicações, não deixamos impunes os seus amigos, não cumprimos o que nos determina, não lhe agradamos nem aos sequazes.»

«No futuro seremos victimas de vinganças... — insinuou Diogo Lopes para commover o rei.»

«Por isso o nosso maior empenho é que uma sincera reconciliação ligue o senhor infante a vossa alteza.»

«De outra forma não conseguireis, como é vosso maior desejo, garantir a paz interna d'estes reinos.»

D. Affonso ouviu-o preocupado.

Bem conhecia que tudo era verdade.

«Em torno do filho — bem o sabia elle — formava se um audacioso partido, aggrupavam se descontentes, reuniam-se elementos pertubadores.»

«Os Castros contavam com o infante para a execução dos seus ambiciosos planos.»

«A attitude que tinham tomado, a grandeza a que haviam chegado, elevando a irmã ao throno de Castella, fazia receiar as pertubações a que podiam levar o paiz.»

Pacheco bem sabia quanto elle receiava essa influencia, quanto o irritava ouvir falar dos parentes de Ignaz.

Tornou a recordar-lh'a.

«Que ordenaes, senhor ?»

«Pensarei — respondeu D. Affonso.»

Era uma maneira delicada de o despedir.

Mas a Diogo Lopes não convinha deixal-o entregue aos conselhos pacificadores de D. Beatriz em semelhante crise de fraqueza.

Insistiu ainda:

«Permitta vossa alteza que, antes de retirar, lhe recorde a urgencia de uma solução.»

«El-rei vosso neto, colhido ingenuamente nas redes de intrigas que os Castros teem largamente urdido lá e cá, prendeu-se n'um illegal casamento, nullo desde a origem, porque tem duas esposas vivas, a D. Joanna, irmã de Ignez.»

«Agora D. Fernando tenta crear-lhe difficuldades.»

«D. Alvaro veiu a Portugal, segundo nos informou o alcaide de Coimbra, e esteve com vosso filho.»

«O motivo que o trouxe foi certamente combinar qualquer acção commum, de que já se receiam em Castella como me fez perceber o embaixador.»

«D'ahi a reclamação de el-rei D. Pedro para que o senhor infante authorise o casamento, e tome pessoalmente responsabilidade do acto, ligando-se na alliança.

«Talvez tenhas razão — murmurou o rei aprehensivo pelo novo aspecto dos acontecimentos.»

«São immensas as suas ambições — continuou Diogo Lopes — mas foi aqui que primeiro as fizeram triumphar.»

«Lembre-se vossa alteza da habilidade com que D. Ignez prendeu o senhor infante!»

«Era um plano combinado, planeado largamente por elles e ellas, no recanto do seu ignorado solar.»

«Quem eram esses orgulhosos galegos antes da vinda a Portugal da senhora infanta D. Constança?»

«D. Ignez de Castro entrou n'este reino na qualidade de sua dama de companhia.»

«Elles não passavam de uns dependentes do alto infante D. João Manuel.»

«E o proprio D. Pedro Fernandes de Castro — e accentuou maliciosamente — o *da Guerra*, veiu fugido para Portugal e por cá andou muitos annos sem lá poder voltar.» (1)

«De onde vem portanto o perigoso ascendente que tão de repente assumiram?»

«Da protecção que encontraram aqui, do louco enthusiasmo do senhor infante pela belleza da senhora D. Ignez de Castro, e da fraqueza

(1) Diz-se tambem que o pae de Ignez de Castro fugira para Portugal aos vinte annos, tendo amores ou casando em Freixieiro, terra de Basto com D. Aldonsa Berenguella de Valladares. Assim Ignez teria nascido em Portugal e de mãe portugueza. D. Pedro Fernandes de Castro regressou a Castella desoito annos depois.

com que nos deixámos subjugar pela audacia que ella manifestou no paço e o irmão D. Alvaro no torneio.

A allusão a esta fraqueza a repetição d'esta nota, era uma censura indirecta ao rei.

Assim o percebeu Affonso IV.

E proseguiu em phrases intercortadas:

«Dizes bem — commentou.»

«Procurarei emmendar os erros do passado.»

«Ainda é tempo de modificar os acontecimentos.»

«Amanhã tomarei uma resolução.»

«E agora manda entrar o embaixador castelhano.»

«Quero inteirar-me bem do pensamento de el-rei meu neto.»

CAPITULO LXXXVI

A attitude de D. Pedro

COM o mesmo empenho com que Diogo Lopes Pacheco procurava destruir a influencia dos Castros, combatendo n'uma orientação nacionalista, o predominio d'esses extrangeiros, D. Alvaro de Castro luctava pelo triumpho da sua familia, pela victoria da rainha sua irmã, e indirectamente pela realisação do seu sonho de amor, sacrificado ás vinganças d'esse periodo de agitação.

Não encontrára o senhor de Albuquerque disposto a sahir da prudente rezerva a que se havia limitado.

D. João Affonso explicou-lhe que para intervir esperava o momento decisivo.

«Ou o rei o mandaria chamar novamente para seu lado, ou havia obrigal-o a sugeitar-se ás suas condições.»

«Por emquanto não precisava mais para satisfação do seu decoro offendido.»

«Zombára dos ataques das suas tropas, rira-se das suas ordens e intimações.»

«Mantinha-se independenteme nos seus dominios em tranquilla revolta contra a sua soberania.»

«Que D. Pedro pensasse em em o submetter!»

«Mas isso não basta — disse D. Alvaro incitando-o a uma acção, parallela á de D. Fernando, que obrigasse o rei a voltar para junto de D Joanna.»

«Bem sei — retorquiu o senhor de Albuquerque.»

«Teu irmão porém que participe o que pretende fazer, e veremos se me convem lançar-me n'uma aventura.»

E continuou:

«Temos provocado guerras de mais, e todas pequenas e ineficazes, tanto que D. Pedro continua a fazer o que quer.»

«Agora sómente sahirei d'aqui para uma coisa decisiva.»

«Não transporei a ponte do meu castello para deixar o reino sem governo como até aqui.»

«Fala com teu irmão e volta!»

N'isto chegou a noticia de que Fernando de Castro retirára para a Galliza, deixando a fronteira aberta aos invasores.

Alvaro ficou radiante.

«Via-o resolvido a castigar a má fé do rei de Castella.»

Ao saber das incursões dos aragonezes e dos bastardos a sua alegria subiu de ponto.

«D. Pedro saberia agora quem elles eram e que falta lhe faziam!»

Então rezolveu ir procural-o á Galliza, para lhe manifestar os bons desejos de D. João Affonso e vêr que partido deveria tomar.

O senhor de Albuquerque concordou com a ideia de D. Alvaro e aconselhou-o a partir quanto antes.

Recommendou-lhe porém as maiores precauções,

«Os esbirros de Pedro Cruel deviam andar á procura dos seus inimigos.»

Quando chegou á Galliza, Fernando já estava informado de que o rei de Castella mandára propôr alliança ao de Portugal.

Sabia da resposta de Affonso IV ácercar da interrupção das negociações para o casamento de Fernando com Beatriz.

Achava-se ao corrente de tudo, das condições em que D. Pedro acceitára a clausula, exigindo a presença do infante portuguez na ceremonia e a sua cabal auctorisação.

E frisava a D. Alvaro a circumstancia do casamento de D. Fernando, o filho de Constança, com a herdeira do throno de Castella, o que significava a perda, para os filhos de Ignez, da esperança de succederem no throno.

— Mas tornva-se precisa a aquiescencia do infante, não é verdade? — perguntou para certificar-se.

— Não pode passar sem ella — respondeu o irmão.

— Então nada temos que receiar!

«Está longe das intrigas politicas, desconhece os interesses que se debatem.»

«São capazes de obter-lhe a auctorisação e a presença illudindo-o sobre o verdadeiro intuito do consorcio.»

«Lembra-te que já o auctorisou, quando foi das primeiras negociações, sem medir o alcance do que fazia.»

«Necessitamos pôl-o ao corrente de tudo.»

«Urge fazer-lhe saber que se trama uma alliança com o fim de nos esmagar, o que é esmagar os seus melhores amigos, e comnosco D. João Affonso, e o Tello talvez até sua propria irmã.»

«E' o empenho de vos pôr fóra do combate.»

«Vae dizer-lhe isto, Alvaro.»

«Presta-se-lhe a elle e a todos nós um grande serviço.»

«E' preciso impedir que se deixe vencer.»

D. Alvaro tornou a montar, e internou-se em Portugal, correndo com a maior rapidez

Correu a toda a pressa a Coimbra para se antecipar aos emissarios de Affonso IV.

Chegou a tempo.

D. Pedro não sabia de nada.

Expoz-lhe o que se planeava.

Mostrou tanto a elle como a Ignez o perigo de deixar preparar para D. Fernando esse futuro, que era matar para sempre as aspirações de seus filhos.

Apontou-lhe o risco devido em que ficavam as pobres creanças, arriscadas como os bastardos de Affonso XI, a serem assassinados pelo irmão reinante.

Então Ignez receiou pelo futuro d'elles.

E apezar dos seus desejos de se afastar de tudo o que fosse polilica, comprehendeu que a sua situação era importante de mais para que os deixassem na paz que ambicionavam.

Tinham portanto que defender-se.

E agora, sem os pavores das outras vezes, aconselhou D. Pedro a que não cedesse.

O infante fez algumas perguntas a D. Alvaro, poz-se bem ao corrente de tudo, informou-se sobre a situação interna de Castella, quiz saber tudo que o poderia orientar.

Prometteu que d'ahi em diante nunca mais se desinteressaria dos acontecimentos.

Procederia nas circumstancias presentes como as circumstancias lhe permittissem.

Mas não perderia de vista os interesses d'elles, que eram tambem os seus.

Pediu a Alvaro que o puzesse em relações directas e constantes com o irmão e com João Affonso, para estar ao corrente de tudo o que se passasse.

Mandou chamar fr. Gil Cabral, e enviou Gonçalo Annes a D. Nuno Freire de Andrade para saber o que succedia na côrte.

Escreveu largamente á irmã, D. Maria, rainha de Castella, e depois de vêr partir D. Alvaro, encarregado da nova missão, tranquilisou Ignez sobre o futuro.

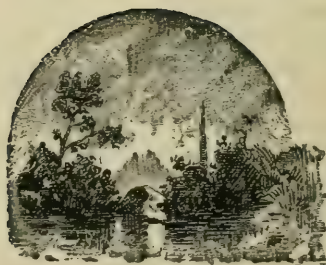
Ia preocupar se agora mais do futuro d'ella e dos filhos, impedindo que os prejudicassem.

E assim, nas horas vagas das novas occupações, a que ia entregar-se, ainda apreciaria mais o divino sabôr dos seus labios, as innocentes caricias das creancinhas.

«A defeza da sua felicidade não estava agora em eclipsar-se.

«Ao contrario, precisava reaparecer, retomar o seu logar.»

«Precisava fazer reconhecer pelo pae o casamento com Ignez e a legitimidade dos filhos.»

«Esse seria d'ali em diante o seu maior empenho!»

CAPITULO LXXXVII

O mestre de Christo

LUIZ Freire d'Andrade era filho de D. Nuno Freire de Andrade.

Em fidalguia não tinha que receiar desdens da gente de Diogo Lopes Pacheco.

Mas emquanto o pae da namorada dispunha de todo o poder na côrte de Affonso IV, o seu era mal visto por ser amigo de D. Pedro e manter-se-lhe dedicado apesar de todas as opposições.

Não estava, portanto, nas melhores relações com Diogo Lopes.

E Luiz, que o sabia, tinha acanhamento de lhe falar no seu amôr.

Comtudo o alto cargo em que o pae estava investido era de molde a deixar-lhe a esperança de uma solução favoravel.

D. Nuno era mestre da ordem da cavallaria de Christo.

Combatera á frente d'ella no Salado, ao lado do seu rei.

Empenhava-se em tornal-a digna successora das formidaveis legiões do Templo, de Jerusalem.

Quando a Europa christã se lançou contra os mussulmanos, no ostensivo intuito de libertar o tumulo de Christo, mas procurando pratica-

mente nas conquistas, nos saques e nas presas a fabulosa riqueza da civilisação oriental, tinham sido fundadas duas ordens de monges militares, os cavalleiros do Hospital e os cavalleiros do Templo.

Faziam uns e outros solemnes votos de castidade, firmes promessas de luctar até morrer.

Os Hospitaleiros tinham além d'isso a seu cargo o cuidado de tratar dos feridos.

Os Templarios viviam exclusivamente para a guerra. Nos ataques aos mouros marchavam sempre na vanguarda. Na retirada das desornadas phalanges christãs eram os ultimos a salvar-se, combatendo sempre até proteger a segurança dos mais.

Uma vez, apontando a imprudencia de uma perseguição ordenada pelo conde de Artois, receberam ordem formal de partir, e, apezar de reconhecerem a impossibilidade do commettimento, bateram-se por tal forma que morreram todos no campo da batalha!

Professavam o culto da destruição, e n'essas sangrentas pugnas sahidas do fanatismo e da cubiça, sonhavam ser os archanjos da destruição, as legiões aladas de que se utilisava a ira de Deus.

Penas terriveis esmagavam aquelle que fraquejasse em meio das sangrentas hecatombes.

Tiravam-lhe o habito branco assignalado pela cruz, obrigavam-o a comer no chão, prohibiam-o de punir as injurias, e nem podia enxotar um cão que o quizesse morder.

Só findo o praso lhe permittiam que voltasse ao combate entre irmãos d'armas, e ahi em vez de commetter apenas assassinios, planeava morrer praticando loucuras, provocando a morte n'um brutal e sanguinolento suicidio.

Na pratica, como nem todos estavam dominados por esses fanaticos desesperos, havia muitos amigos dos prazeres e da riqueza, do explendor e do luxo, combatendo no oriente contra os proprios christãos, aterrando as populações pacificas da Europa, opprimindo os povos, impondo tributos, commettendo rapinas.

Mesmo no nosso paiz houve com elles rudes conflictos.

As regras das communidades monachaes estavam sempre longe de representar a verdade do seu viver.

Os cavalleiros do Hospital, apezar dos seus votos de castidade, tinham como priôr em Portugal, D. fr. Alvaro Gonçalves Pereira, pae de trinta e dois filhos. (1)

A sua destreza, os meios de que dispunham, garantiam-lhes uma situação especial.

---

(1) Um d'estes era Nun'Alvares Pereira. (Veja-se o romance de Faustino da Fonseca, *Padeira de Aljubarrota).*

Eram quinze mil cavalleiros espalhados por toda a Europa, constituindo corpos de élite nas diversas nações.

Mas o seu luxo tornava-se irritante, esquecida a candidez dos antigos votos.

Acompanhavam-se de numerosos escravos negros, ostentavam um apparato de principes, faziam gala em armas riquissimas. já que a ordem não lhes permittia usar trajos differentes dos regulamentares.

A sua intervenção nos negocios profanos chegavam ao ponto de dizerem ao rei Henrique de Inglaterra: «Governareis emquanto fôrdes justo».

Os interesses realisados no oriente haviam sido taes que se dizia terem trazido para a Europa cento e cincoenta mil florins em ouro e dez muares carregadas de prata.

Essas riquezas, que tinham constituido a sua omnipotencia, iam tornar-se a causa da sua perda.

Os Templarios haviam accumulado enormes riquezas e, findas as cruzadas, na paz, na ociosidade, tinham intervindo na politica, constituindo em toda a Europa um grande poder.

Tinham em Paris a séde, em que guardavam os thesouros immensos accumulados no oriente.

O grão mestre teve a imprudencia de mostrar a sua riqueza ao rei de França, Filippe o Formoso, uma vez que foi refugiar-se no seu castello, fugido á insurreição popular.

Ficou com inveja de tanto ouro, e na primeira occasião que teve necessidade de dinheiro, rezolveu apossar-se d'elle.

Ao combinar com Clemente IV eleval-o ao pontificado fez-lhe jurar, na floresta onde se reuniram, que cumpriria tres condições, duas das quaes revelou no momento e uma, a destruição dos templarios, que permaneceu secreta.

Obtida assim a acquiescencia do papa, o rei, para os dominar lançou mão dos processos traiçoeiros tanto de uso na perfida fidalguia dos tempos medievaes.

Convidou o grão mestre para padrinho de um filho seu, depois para o enterro de sua cunhada, e quando elle e os principaes templarios estavam inteiramente despreoccupados, mandou prendel-os no dia seguinte ao do funebre sahimento!

Instaurou-se-lhe, por ordem de Filippe, um monstruoso processo, que os accusava dos maiores crimes, inclusivè de sacrilegios.

A iniciação dos cavalleiros era revestida de formulas symbolicas, uma das quaes consistia em cuspir na cruz, porque o profano era considerado como um impio que sómente na poderosa ordem ia encontrar a verdadeira luz.

Mas os juizes, os eternos cumpridores da vontade dos despotas, não quizeram saber de intenções e mandaram-os suppliciar.

O rei entrou na posse do thesouro.

E o grão mestre ao morrer na fogueira, emprazou-o e ao papa a comparecerem com elle n'esse anno na presença de Deus.

Então a lenda apossou-se da coincidencia da morte dos dois algozes dentro d'esse periodo, e envolvendo os templarios na terrivel accusação de insultarem a cruz, fez passar como authentico a invenção do rei e do papa terem celebrado um pacto na presença de Satanaz, no meio de uma negra floresta.

O papa quiz dissolver em seguida os templarios portuguezes, como os dos outros paizes, para se apossar dos seus bens.

Mas D. Diniz soube illudir a ganancia do papa.

Transformou a ordem dos Templarios na cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo.

Foi depois esse grupo de cavalleiros, quando o infante D. Henrique se tornou seu mestre, quem iniciou a campanha das descobertas, rasgando a Portugal o caminho dos mares.

CAPITULO LXXXVIII

A preoccupação do filho

O embaixador prevenido por Diogo Lopes da orientação que tinha dado ás negociações, confirmou o ponto de vista do ministro, e convenceu mais o rei de que uma larga intriga politica, guiada pelos Castros, procurava envolver o infante D. Pedro nos negocios internos de Castella.

O delegado de Pedro Cruel chegou a insinuar que o seu rei duvidára um tanto antes de se lhe dirigir.

«Não sabia se lhe convinha de preferencia entabolar negociações com o senhor infante.»

«Muitas pessoas lhe indicavam com mais pratica essa solução.»

«Mas o respeito filial que vota a Vossa Alteza — insistiu o castelhano — levou-o a desprezar interesses para cumprir o seu dever.»

Affonso IV, ao terminar a entrevista, estava disposto a pôr termo por uma vez a semelhante confusão de poderes.

A rainha D. Beatriz, ao reunir-se-lhe para o jantar, estranhou-lhe o modo sombrio.

— Estaes preoccupado?

— Nada tenho, senhora!

Mas a sua expressão denunciava claramente o contrario de que procurava fazer crer.

— Talvez possa offerecer-vos algum lenitivo — disse meigamente a a esposa, desconfiando do que se passava.

— São novas phantasias do vosso querido filho! — respondeu sempre com mau modo.

— Sempre essa desintelligencia, que é a minha amargura, o meu per manente desgosto.

Limpou uma lagrima, e tornou, n'uma voz commovida:

— Porque não o haveis de ter ao vosso lado, senhor, participando das vossas responsabilidades e das vossas fadigas?

— Não penseis n'isso!

— Quem melhor do que um filho pode ser o conselheiro leal, o vassallo dedicado, o sincero amigo?

— Pedro não é nada d'isso.

— Exageraes as suas leviandades.

— Bastante me tem feito soffrer!

— E' que ha um mal entendido.

— Da vossa parte, apenas.

— Sois vós que andaes illudido, senhor e marido.

— Tenho uma larga experiencia das suas qualidades!

— Quanto o desconheceis!

— E' o vosso velho empenho de o defender.

— Não me envergonho de o praticar.

— Sois muito ingenua.

— Sou mãe!

— Antes o aconselhasseis.

— Que vezes o tenho feito!

— Então queixae-vos d'elle.

— Não. E' que mais forte que a sua docilidade, e de que a bondade paternal de que tendes dado sobejas provas, é a perfida intriga que urdem entre nós maus cortezãos.

— A quem vos referis?

— A todos os que o fazem. Bem sabeis a quem.

— São illusões vossas — disse o rei despeitado pela referoncia — Tenhovol-o repetido muita vez.

— Fazem-vos mau! Incitam vos contra elle. E o resultado é esta desharmonia que nos divide, que me mata!

— Não tendes direito a vos queixardes de ninguem.

— Eu? Vossa esposa?

— Sim. Culpae-o a elle, a elle só.

— Sois muito injusto.

— Perdeste-o com mimos, estragaste-o com disvellados carinhos — insistiu com energia.

— Que querieis que fizesse?

— Severidade, rigôr! O conhecimento de que a obediencia era a sua principal virtude. Só assim se educam os homens!

— Se o amava tanto!

— Pois bem. Não falemos mais n'isto. Ficae com as vossas saudades que eu vou cumprir o meu dever.

— Permitti-me só duas palavras.

— Dizei!

— Não quero que sob essa má impressão tomeis resolução ácerca da meu filho.

— Meu filho é tambem, senhora!

— Mas os cuidados do governo endureceram-vos o coração. Procedeis como rei.

— Que outra coisa posso fazer!

— Julgae o melhor. Reconhecei as suas qualidades, sêde benevolente com os seus defeitos.

— Demais o tenho sido.

— Onde ha em Portugal um joven cavalleiro que seja a bravura e a dignidade, o saber e a justiça, a espada e o conselho? Só um existe, Pedro, o nosso querido Pedro!

Affonso IV ficou silencioso.

— Ignoraes como vos tem sido dedicado, a maneira como vos defendeu, o orgulho com que referia os vossos nobres feitos, o carinho com que deu o vosso honrado nome ao filho?

— Senhora, as decisões dos reis, regulam-se pela justiça, e nunca pelo coração!

— Como reconheço que sois bom! Não tenteis resistir aos doces sentimentos que vos invadem. Não procureis transigir com os que tanto mal vos aconselham. Não teimeis em ser mau.

Viu-o fazer um movimento para sahir.

— Que crime praticou elle — pergunton ainda — para merecer de novo a vossa colera?

E como não obtivesse resposta:

— Afastou-se, encobriu-se aos olhos de todos, occultou-se modestamente, sem que durante muito tempo se soubesse da sua situação. Não foi isto evitar crear-vos difficuldades?

— Procedendo assim desobedeceu-me!

— Eu me incumbo de o mandar chamar, já que é esse o vosso desejo. Deixae-me escrever-lhe.

— Não. Agora sei que viria, porque o seu maior desejo é exactamente estar aqui.

— Que mais pretendeis?

— Que me obedeça, apenas!

— Mas então que quereis d'elle? Que ao menos eu saiba de que o accusam!

— Ninguem o faz. Simplesmente a sua attitude é perturbadora para o reino, a sua ausencia da côrte dá logar a que proceda como se já fosse o rei.

— Então ha toda a vantagem em tel-o aqui... — avançou a rainha, penalisada pela tristeza com que D. Affonso proferira, n'um evidente desanimo, as ultimas palavras.

— A elle... talvez! Mas a elle só!

— Comprehendo. Trata-se ainda de Ignez.

— Sim! — disse o rei n'uma explosão de colera — Não o quero aqui com os filhos da barregã, com o insulto da presença d'ella.

— Mas o que haveis de fazer se não ha remedio?...

— Não ha remedio? — perguntou concentrado.

E respondeu a si proprio, com decisão:

— E' o que nós havemos de ver!

CAPITULO LXXXIX

Ganhar tempo

NÃO pode ser — pensava D. Affonso após a discussão com a rainha.»

«E' preciso submettel-o por uma vez!»

Chamou Lourenço Gonçalves, e encarregou-o de ir procurar D. Pedro.

Explicou-lhe o que tinha a dizer, ordenou-lhe que fosse laconico mas preciso, e que, exposto o assumpto da embaixada lhe pedisse, em nome do rei, uma resposta formal.

O corregedor ficou satisfeitissimo com o encargo.

Receiára ter incorrido no desagrado de el-rei, por causa dos acontecimentos de San Lucar de Barrameda.

«Ao contrario incumbiam-o logo de uma missão de confiança.»

Partiu para Coimbra, depois de despedir-se da esposa, mais uma vez entregue aos cuidados de Affonso Madeira, que, para a distrair, de tarde, entoou no jardim uma bella canção.

Mas D. Thereza quiz acompanhar o afatigado corregedor para tornar a encontrar Ignez.

Pelo caminho falou-lhe com enthusiasmo dos filhos, que tinha o maior empenho em vêr

Assim, de uma commissão difficil, a viagem tornou-se para Lourenço Gonçalves um agradabilissimo passeio.

«D. Pedro certamente o receberia amigavelmente ao ver regressar bem succedido.»

«E o rei — pensava elle ao calcular as difficuldades da commissão, ficaria muito agradado do resultado dos seus esforços.»

Ignez ficou encantada com a visita da tia, que ha muito tempo não tinha visto.

Falaram nos tempos idos, e tiveram lagrimas de piedade para com o pobre D. Vicente morto inutilmente junto dos muros de Medina Sidonia, ao pretender auxiliar D. Alvaro.

Mas D. Pedro addiou o mais possivel a audiencia solicitada pelo corregedor, afim de ganhar tempo, sabendo antecipadamente o motivo que o trazia ali.

Por fim, já muito afflicto com a demora, o velho funcionario poude dizer ao que vinha.

Mas em vez de cumprir o que lhe indicára o rei, revelou ao infante, na maior confusão, tudo o que elle desejou saber.

Repetiu-lhe as recommendações de Affonso IV e informou-o do interesse com que aguardavam a resposta, fornecendo-lhe assim todos os detalhes necessarios para escolher a attitude que lhe convinha tomar, se não a tivesse ha muito planeado.

D. Pedro não respondeu coisa alguma.

E apezar da insistencia lacrimosa com que lhe pedia uma resposta qualquer, com que podesse voltar á côrte persistiu no seu mutismo para se comprometter com o rei menos possivel.

Só a poder de rogos de D. Thereza, que tinha dó de Lourenço Gonçalves, e calculava o que lhe podia succeder se regressasse sem satisfazer os desejos de el-rei decidiu mudar de processo.

Por fim accedeu em formular uma resposta de que o corregedor an notou os termos precisos.

«Necessito informar-me bem das conveniencias da alliança que se propõe a meu filho.»

«Actualmente não as conheço.»

«Vou proceder a averiguações e só depois conhecerei o que devo fazer.»

— Mas lembrae-vos — insistiu o marido de Catharina Tosse — de que Sua Alteza deseja uma resposta muito clara.

— Podes dizer-lhe que não me conseguiste arrancar-me outra, e que não me prendeste...

— Quem fala em tal, senhor?

— Porque eu não deixei.

— Acreditae que só palavras de paz vosso pae proferiu — declarou muito receioso o corregedor.

— Então por que te escolheu?

— Creio que por conhecer a minha dedicação pelo real serviço e a amisade que me ligava aos parentes de vossa esposa.

— Pois vae em paz, e podes mesmo dizer que se me dispuz a ouvir-te e a responder-te foi a pedido de D. Thereza e de Ignez, que me decidiram com os perigos do insuccesso da tua missão.

O mal succedido emissario partiu para Lisboa descorçoado e cheio de temor pelas consequencias.

«Como o receberia o rei?»

Entrou muito pallido nos seus aposentos.

— Então? — perguntou o monarcha.

— Deixe-me Vossa Alteza!...

— Não lhe falaste?

— A muito custo, senhor. Porém nada adiantei.

— E o que eu te havia recommendado?

— Lancei mão de todos os recursos de que disponho, recorri a todos os artificios dos difficeis interrogatorios, appellei para toda a minha energia, mas...

— Nada conseguiste?

— O senhor infante apenas respondeu... que não respondia coisa nenhuma!

— Esteve a divertir-se comtigo?

— Invoquei sempre o nome de Vossa Alteza.

— Queres dizer que foi de mim que zombou?

— Deus me livre de o pensar, senhor.

E continuou:

— D. Pedro declarou convictamente que o preoccupava muito o futuro do filho e que precizava informar-se bem das vantagens de tal alliança.

— E porque não o pozeste ao corrente de tudo?

— Cancei-me de o fazer. Mas o senhor infante não deu credito ás minhas informações, e insistiu nas suas declarações.

— Que mais disse?

— Declarou que ia procurar informar-se directamente.

— Ah! que se elle o faz! — ameaçou D. Affonso irritado.

— Mas esteja vossa alteza descançado — disse Lourenço Gonçalves — Prometteu-me que tão depressa esteja ao corrente de tudo formulará a sua opinião.

— Não foi para isso que lá te enviei.

— A vontade foi bôa, senhor!

— Exigi-te uma resposta concisa: Sim, ou não. Ou acceitava o casamento, ou recusava-o. Devias tel-o apertado n'este dilemua. D'aqui não havia que sahir.

— Isso fiz, senhor. Mas vosso filho illudiu todos os meus estratagemas, e mostrou que os havia descortinado.

— Não era preciso muito para o fazer.

— Chegou a declarar que se a minha intenção era captural-o, não o conseguiria fazer.

— Elle disse isso? — perguntou o rei impetuosamente.

— Palavras textuaes — respondeu o corregedor, cada vez mais receioso.

— Ha-de arrepender-se! Ha-de lamentar de haver proferido essas palavras!

E voltando-se para o afflicto funccionario.

— Tu pagarás caro a tua inaptidão. Foste comprometter imprudentemente um grave assumpto. Pozeste-o ao corrente dos meus designios. Havemos de nos entender a esse respeito!

CAPIUULO XC

Curiosa espionagem

DESPEDIDO o corregedor, o rei mandou chamar Pacheco.

— Sabes como aquelle inepto inutilizou os nossos esforços?

— Sei tudo, senhor.

— Quem t'o disse?

— O meu empenho no serviço de Vossa Alteza faz-me conhecer tudo o que vos póde interessar.

O rei ficou lisongeado.

Mais uma vez pensou que fazia bem confiando se á dedicação d'aquelle homem.

«A sua finura estava a toda a prova.»

— Então nada te posso contar de novo.

— Mas se me permittis...

— De que se trata?

— Sou eu que vou dar-vos a explicação dos motivos da demora do corregedor.

E accentuou:

«Não digo do insuccesso, das suas tentativas porque em verdade d'elle nem esperei tanto.»

Então para que o indicaste?

«Julguei até que o senhor infante se recuzasse a recebel-o, informado, como devia estar, de que pretendiamos.»

—Não te comprehendo!

—O motivo porém porque o attendeu foi o mesmo porque o demorou tanto.

—Explica-te.

—Lourenço Gonçalves foi companheiro de D. Thereza, a tia de Ignez de Castro.

—Já sei. E depois?

—Ellas intercederam junto de D. Pedro.

«E em vez de procurar descobrir as suas intenções n'uma discussão bem sustentada, o emissario de Vossa Alteza pediu-lhe a esmola de uma resposta, como um mendigo implora um pedaço de pão.

—Castigal-o-hei!

—Não vejo razão para lhe querer mal.

—Pois não nos trahiu?

—Pelo contrario, elle trouxe uma resposta do maior alcance, porque nos deu a conhecer a attitude do senhor infante.

—Aquellas evasivas significam uma recusa...

—Assim me parece.

—O senhor infante não está disposto a reconciliar-se com Vossa Alteza.

—Infelizmente é verdade!

—Ora ainda não ha muito deu auctorisação para casamento antes de lhe ligar a actual importancia.

«Já vêdes, senhor, que a mudança foi provocada por D. Alvaro, da ultima vez que veiu a Portugal.»

—Tens razão!

—Que havemos de fazer?

—O documento da auctorisação do enlace, assignado e sellado pelo senhor infanle, está em vosso poder...

—Sim. Tenho-o no meu archivo.

—Enviae-o a el-rei D. Pedro.

—E' o que vou fazer.

—Se acceitar essa segurança, se não exigir mais, está vencida a difficuldade.

—Parece-me de bom bom conselho.

—Casam-se as creanças, o que dá nova base ao direito de D. Fernando ao throno.

—Que o veja assegurado antes de morrer!

—Deus ha-de dar vida e saude a Vossa Alteza até que chegue á maior idade.

—Quem sabe!

—Mas se sobrevier um infortunio poderá defendel-o a ferrea energia de algum tutôr...

—Has de ser tu!

—Eu, senhor! E' espinhoso o encargo.

— Não ha mais ninguem que o possa exercer.

— Já que é necessario... acceitarei o sacrificio — disse Pacheco radiante, por vêr a bom caminho a sua maior ambição.

Ia conseguindo os seus fins!

— Assim ficarei descançado.

— E se D. Pedro, hostil como me tem sido sempre, não quizer reconhecer o meu logar?

— Declaral-o hei bem expressamente no meu testamento, incluil-o-hei nas columnas do tratado, e deixar-te-hei as forças necessarias para fazeres cumprir a minha vontade, respeitar fielmente a minha determinação.

«Obrigado, alteza, obrigado pela confiança que em mim depositaes, — disse Diogo Lopes beijando a mão ao rei.»

E accrescentou:

«Isso é uma solução futura, mas ainda assim depende da vontade do senhor infante.»

«Se o rei de Castella não se satisfizer com a declaração, e exigir, como ao começo, a prezença d'elle?

— Tens razão,—declarou o rei depois de meditar concentrando-se por alguns momentos.

«Preciso liquidar esta situação por uma vez.

— Lembrava-me de utilizar novamente os serviços de Lourenço Gonçalves...

D. Affonso protestou:

— O que?

«Para nos comprometter mais uma vez?

«Para se deixar interrogar por meu filho?

«Para se deixar illudir como uma creança?

— Para aproveitar em utilidade nossa as qualidades que nos prejudicaram d'esta vez.»

— Hoje juraste intrigar-me.

—Eu explico melhor.

«O corregedor é muito de D. Thereza, que se encontra ao lado de Ignez.»

«Pois bem. Imagino encarregal-o de ir observar a attitude do senhor infante e dos seus amigos e vassallos.»

«Indicar-lhe-ei que nos informe, o mais frequentemente possivel, dos seus passos, dos seus propositos e dos de fr. Gil Cabral, Gonçalo Annes, Alvaro de Castro, etc.»

— Não é capaz d'isso!

— Bem sei. O seu primeiro passo será pôr-se em relações com D. Thereza.»

«O senhor infante comprehenderá os seus intuitos, informal-o-ha falsamente, para afastar suspeitas dos seus verdadeiros propositos, e assim pôr-nos ha ao corrente do que não pretende fazer, o que me será muito facil conhecer quaes são as suas intenções.»

— Tens razão.

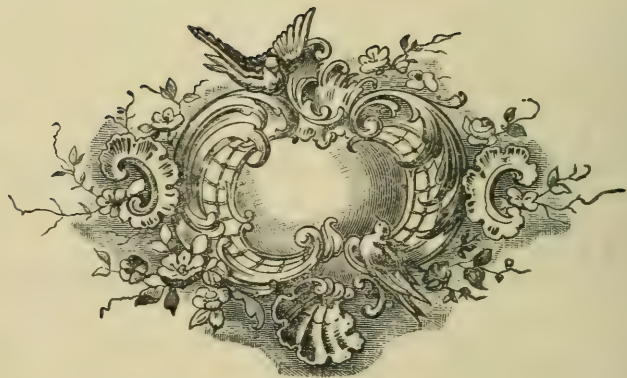
«E' uma excellente ideia.

—Authorizaes-me senhor, — perguntou Pacheco—a que lhe dê taes ordens em vosso nome?»

— Perfeitamente.

«Então concedei licença que o quero fazer partir quanto antes para a sua nova commissão.»

Beijou a mão ao rei e sahiu respeitosamente.

Logo se encaminhou para a sua camara e chegando ali mandou chamar á sua presença o corregedôr.

CAPITULO XCI

Uma promessa tentadora

MAS antes de enviar Lourenço Gonçalves a pôl-os em contacto com o infante, Diogo Lopes Pacheco aconselhou o rei a expôr ao embaixador as suas razões.

Affonso IV, seguindo mais uma vez a sua oppinião, conferenciou com o envido do rei de Castella, e mostrou-lhe a declaração em que o filho auctorisava o enlace de D. Fernando, sem nenhuma restricção.

Pediu-lhe que communicasse ao monarcha seu amo a natureza d'aquella auctorisação.

E apparentava estar inteiramente seguro das disposições do infante, para que o fidalgo castelhano assim o fizesse saber ao rei seu neto.

Ao embaixador não escaparà porém a circumstancia da data anterior da auctorisação.

Não o impressionou menos a demora no seu apparecimento, pois só lhe era manifestado muitos dias depois de terem recomeçado as negociações.

A perturbação do rei não lhe passou desapercebida por mais que a quizesse occultar.

O empenho com que Diogo Lopes o procurava convencer esclareceu-o completamente.

Conhecendo porém do estado do assumpto o bastante para informar

com verdade D. Pedro, mostrou-se inteiramente satisfeito, e pediu licença para voltar a Castella com a resposta.

Pacheco não ficou porém tão descançado a respeito d'essa convição, como D. Affonso.

Querendo conhecer inteiramente as disposições do embaixador e de Pedro Cruel, aconselhou o rei de Portugal a enviar ao neto um presente que o captivasse.

E escolheu para desempenhar essa commissão, que permittiria acompanhar de perto o que se passasse na côrte castelhana, Pero Coelho, cavalleiro que lhe era muito dedicado.

Precisando para o exercicio do seu grande poder rodeiar-se de homens que fossem verdadeiros instrumentos nas suas mãos, Diogo Lopes favorecera-o sempre.

Tinha-o protegido por occasião dos seus conflictos com D. Alvaro de Castro.

E como o falecimento de uns parentes o havia tornado immensamente rico, chegava a pensar n'elle para noivo da filha, querendo ligal-o mais intimamente aos seus interesses.

Coelho era atrevido, audacioso.

Servir-lhe-ia para se desfazer de qualquer inimigo que o incommodasse.

Agora que precisava saber a verdade ácerca dos negocios de Castella, conhecer a attitude de D. Pedro, e encobrir do rei tudo o que não fosse de molde a fornecer as suas crescentes ambições, lembrou-se de utilizar a sua esperteza, a sua já provada dedicação.

D. Affonso enviou ao neto um cofre de preciosas joias, acompanhado de uma carta muito affectuosa que Pero Coelho devia entregar-lhe pessoalmente.

Pacheco deu-lhe uma bolsa recheiada de oiro para obsequiar pelo caminho o embaixador, no intuito de se familiarisar com elle e de conhecer a impressão qne transmittia ao rei.

O astuto ministro explicou bem ao seu emmissario a situação que se preparava, e as condições em que, procedendo a tempo, se poderiam aproveitar d'ella.

«El-rei D. Pedro está casado com D. Joanna de Castro, filha de D. Pedro de Castro, irmã de Ignez.»

«Deixou-se enredar nas intrigas d'esses orgulhosos galegos, desde que teve necessidade do seu auxilio para se defender dos bastardos e da gente de Aragão.»

«De um momento para o outro, desde que não o auxiliemos, é capaz de voltar a ella, acceitando as influencias, o dominio de D. Fernando de Crstro, que se tornàra seu valido.»

«O triumpho d'essa gente representa o engrandecimento de Ignez de Castro, o prestigio de D. Alvaro nas duas côrtes, e o inicio de um perio-

do de vinganças em que, por motivos que de sobra conheces, seremos attingidos todos nós.»

«Procurarão ser desagradaveis a mim, e a ti, a Gil Vasques e a Alvaro Gonçalves.»

«Se triumphar porém o meu projecto, se tu procederes com habilidade encaminhando as coisas, se o infante D. Fernando casar com a filha do rei de Castella, o futuro será nosso.»

«El-rei prometteu-me o cargo de tutôr do futuro rei.»

«O poder assim passára para as nossas mãos.»

«Farei tudo o que me aprouver durante a menoridade do meu real pupilo, e assim tu e os vossos ascenderão aos primeiros corpos.

«E o infante D. Pedro, impedido de reinar desde que continuar a desobedecer ao pae, não poderá esmagar-n'os.»

«Que te parece isto, Pero?»

— Senhor, é uma grande solução, habilissima como tudo o que imaginaes.

— Estás disposto a trabalhar por elle?

— Como se fosse uma ideia minha.

— Preciso toda a tua dedicação.

— Servir-vos-hei em corpo e alma.

— Sei que posso contar comtigo.

— Absolutamente.

— E assim como te lembro para os encargos arriscados, não te esquecerei no momento das recompensas.

— Obrigado, senhor! Muito me tendes protegido, e espero que o continueis a fazer.

— Sabes o que é preciso?

— Vós o indicareis.

— Deves insinuar-te no animo do enviado do rei de Castella, por forma a ganhares a sua inteira confiança.

— Perfeitamente.

— Para isso far-lhe-has algumas revellações, despreocupadamente, como se não medisses o alcance do que avanças.

— Comprehendo.

— Por exemplo, dar-lhe-has a entender que por cá todos receiam que elle seja inteiramente vencido pelos inimigos.

— Não me esquecerei.

— Isto tem a vantagem de passares aos seus olhos como inexperiente e ingenuo, e ao mesmo tempo de convencer o rei de Castella, a quem elle irá logo communicar tudo, de que a sua situação não é segura, e de que, se não fôr auxiliado, está em risco de perder a corôa.

— Farei tudo — affirmou Pero Coelho — por me desempenhar cabalmente da commissão.

— Procura agradar ao rei, informa-o ácerca de quanto quizer saber,

menos da antagonia do infante, porque o nosso maior empenho é realisar o enlace.

— Ficae descançado — respondeu o cavalleiro — Estou bem compenetrado do assumpto.

— Então vae. E convence-te de que, procedendo como eu desejo, ganharás recompensas que excederão a tua espectativa, por mais ambiciosa que ella seja.

— Oh! senhor!...

— Podes ter a certeza.

E ambos pensavam em Violante, que n'essa occasião estava como de costume, no jardim de Lopo Fernandes Pacheco, falando do seu amôr com Luiz Freire d'Andrade.

CAPITULO XCII

Façanhas guerreiras

PELO caminho foi Pedro Coelho desempenhando o melhor que podia o seu papel.

Começou por mostrar-se satisfeitissimo de o terem escolhido para ir a Castella.

Disse ao embaixador que pedira para ser nomeado, afim de visitar a côrte de D. Pedro, de que ouvia contar maravilhas.

«Queria vêr de perto o Alcaçar de Sevilha, e conhecer o fausto de uma côrte, de que em Portugal se fallava com tanto mais admiração, quanto Affonso IV era severo e sobrio de mais.»

O castelhano, tocado habilmente na corda sensivel, applaudiu a orientação do companheiro.

E ao banquetearem-se na estalagem, quando o tornava mais expansivo o generoso vinho de que Pero Coelho se havia prevenido como de uma arma bem efficaz, fazia as mais desdenhosas referencias á vida do paço de D. Affonso, e falava calorosamente das magnificencias de Pedro Cruel.

O provimento de que o enviado de Pacheco levava carregada uma mula era tão irresistivel, que o fidalgo hespanhol manifestou por completo as suas impressões ácerca da authorisação de D. Pedro que lhe fora mostrada.

E Pero Coelho, quando o sentiu ressonar no seu quarto, teve o grande prazer de enviar uma carta a Diogo Lopes, por um dos homens da sua comittiva, dando lhe conta do primeiro resultado dos seus exforços, pondo-o ao corrente de tudo.

Pacheco ficou radiante com a prova da habilidade e do grande empenho do seu amigo em o servir.

Mas a convicção do embaixador inquietou-o muito pelos resultados que certamente daria.

Mostrou a carta ao rei.

D. Affonso, admirado da rapidez, teve palavras de elogio para a habilidade do cavalleiro.

Ficou porém mais desgostoso ainda.

A preocupação do filho voltou a affligil-o.

— Como ha-de ser isto, Diogo! — dizia muito impressionado, procurando uma solução.

— Vossa Alteza é pae, em primeiro logar do que rei — respondeu o ministro apparentando um ar conciliador.

— Enganas-te! — respondeu D. Affonso com energia — Nada vale para mim mais do que as obrigações do encargo que Deus me confiou, do que as minhas responsabilidades de soberano.

— Um vassallo, senhor, tem porém os seus melindres. Vossa Alteza bem os comprehende.

— Não é assim, Diogo. Hei-de proceder como pae, desde que Pedro se esquece que é meu filho?

— O meu dever é aconselhar-vos moderação.

— Mas nem sempre me tens falado assim.

— E' que o momento das medidas decisivas approxima-se cada vez mais.

— Tens razão.

— E eu não quero por forma alguma pezar no animo de Vossa Alteza.

— Diz sincerameate o que deve fazer, não te refugies em evasivas, que já o não podem arrancar á minha justiça.

— Senhor, tudo o que seja proceder sem uma formal resposta de vosso neto, entendo que é precipitar os acontecimentos.

— Aconselhas então...

— Que esperemos mais alguns dias.

— Bem pensado — respondeu o rei depois de reflectir.

— Quando não houver outro remedio...

— Então não continuará a recusar-te!

— Procederei, senhor, como é minha obrigação, como vos devo como a meu rei e protector.

— Muito bem — tornou D. Affonso — Aguardemos com paciencia as novas de Castellla.

E depois...

— Será o que vós quizerdes!

O rei de Castella, reconhecendo a imminencia do perigo em que D. Fernando de Castro o havia deixado, correu á fronteira, á frente das suas hostes, mal poude reunir alguns soldados.

O inesperado do ataque apanhando desprevenida a guarnição, entregou-lhe logo a cidade de Tarraçona.

Os castellos tomados ha pouco pelos bastardos cahiram facilmente em seu poder.

Mas a noticia d'esses rapidos progressos levou o inimigo a tomar precauções.

A praça de Carinana oppôz uma resistencia formal aos soldados do rei de Castella.

O exito poz-lhe cerco, recorreu ás minas, incendiou-lhe medas de lenha contra as portas, arvorou escadas para trepar aos muros, mas não a poude fazer render.

E como as forças de que dispunha não eram importantes para resistir a um ataque do exercito de Aragão, reforçado com tropas dos bastardos, se viesse procurar defender a praça, D. Pedro levantou prudentemente o cerco e retirou-se.

Os defensores, mal o viram partir, romperam de cima dos muros em insultos, vaias e apupos, manifestações de furia guerreira usuaes na edade media.

Os combates começavam geralmente por essa forma, aquecendo primeiro os adversarios exaltando-se uns contra os outros, a proferirem e a ouvirem os maiores doestos.

Mas D. Pedro irritou-se com as offensas que lhe dirigiam, com os epithetos de assassino, fraticida e traidor que se destacavam d'entre a vozearia geral.

E n'um desvairamento de furia, sem querer saber das consequencias, voltou a traz e tornou a cercar a praça.

Mandou cortar arvores, construir fortes torres de ataque, armar balestas e catapultas, e pondo a funccionar os engenhos destruidores, e approximando lentamente das muralhas as grandes machinas de madeira, a cujo eirado os soldados subiam para combater, conseguiu apossar-se do castello.

Todos os habitantes de Carinana foram chacinados, n'um impeto do seu cruel desvairamento, sem que lhe valessem lagrimas ou supplicas.

E deixando as muralhas juncadas de cadaveres dos fortes defensores, retirou da fronteira, confiado em que o exemplo faria receiar as consequencias de novas invasões.

Para evitar uma batalha campal dirigiu-se á costa.

Embarcou, com uma parte da gente, nas galés que o esperavam, e mandou retirar a outra para terra.

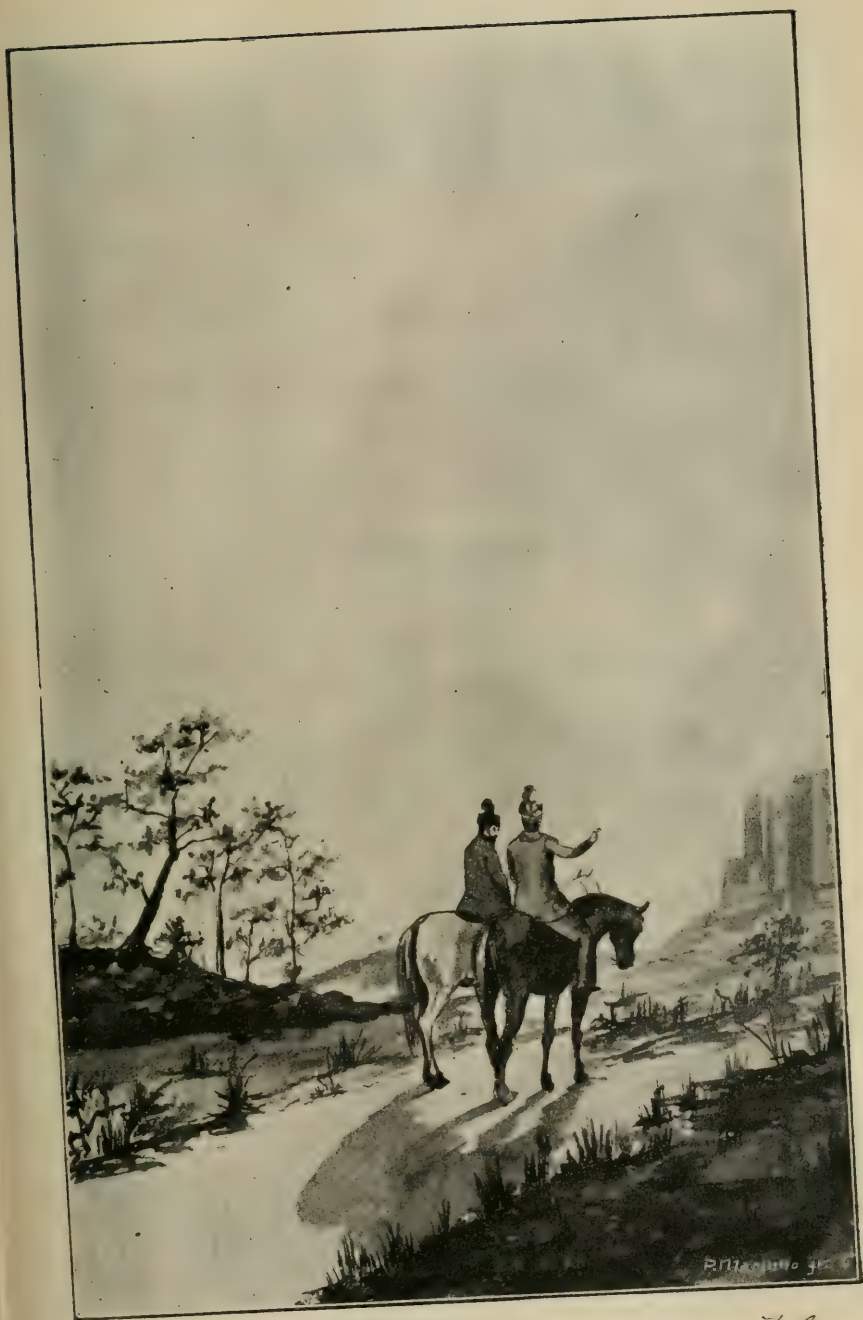
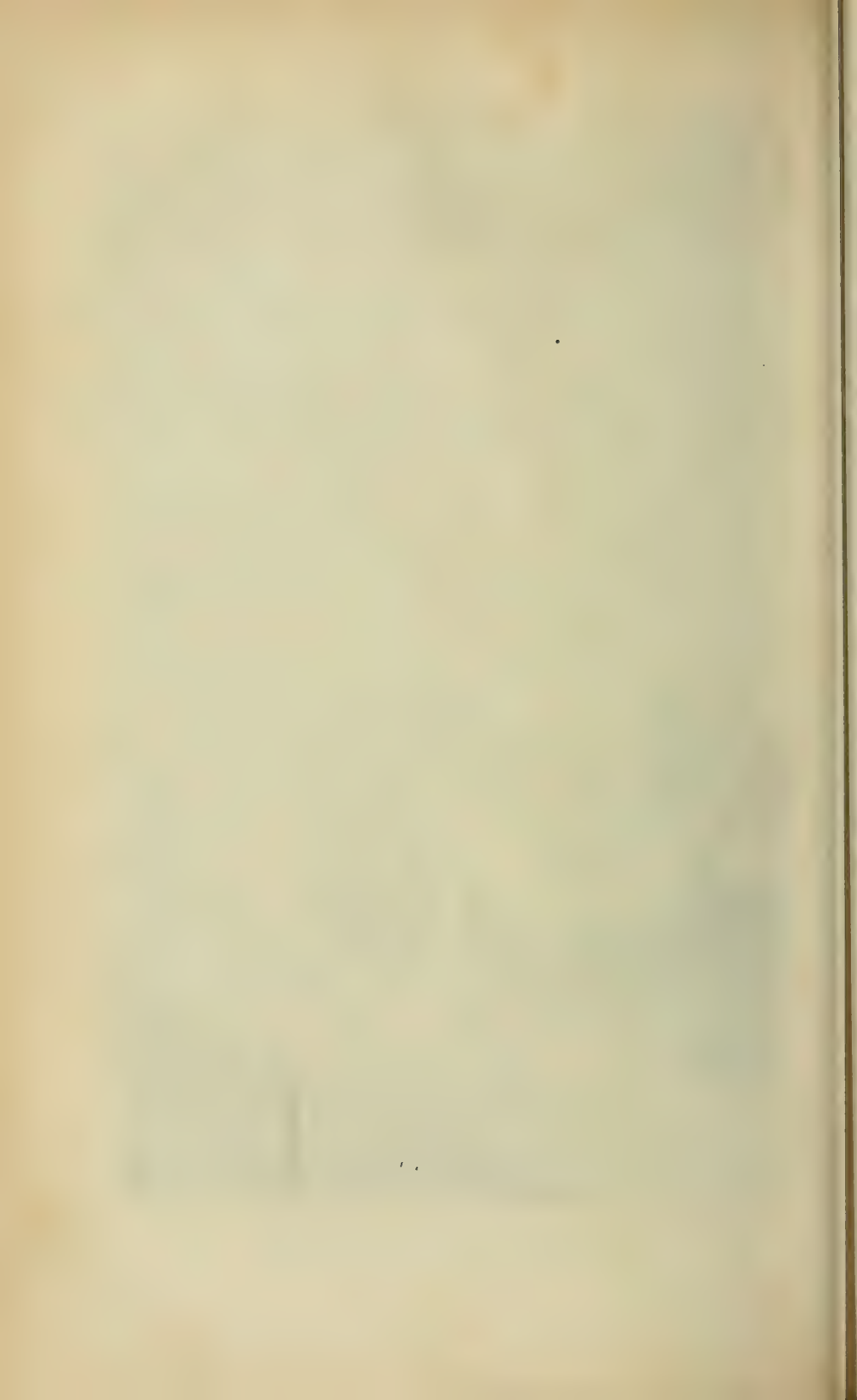
A frota de Aragão andava perto.

Não se dispôz a offerecer-lhe batalha.

Mas encontrando no caminho cinco galés que se haviam afastado do grupo principal, atacou-as, apossou-se d'ellas, e mandou matar todos os tripulantes, com exepção dos que sabiam fazer remos, cuja habilidade quiz usar em seu proveito.

E farto de sangue voltou a Sevilha, a saciar nos braços de Maria de Padilla a sêde de amor que o devorava sempre.

Quando e embaixador e Pero Coelho chegaram, estava ainda entregue ás delicias do alcaçar.

E os dois tiveram de esperar alguns dias, primeiro que fossem recebidos.

O embaixador e Pero Coelho chegaram

CAPITULO XCIII

As delicias do Alcaçar

VARIAS vezes os cortezãos preveniram D. Pedro de que regressára o embaixador mandado a Portugal.

Maria de Padilla fez-lhe notar a conveniencia de receber o enviado de seu avô.

Tranquillo porém ácerca da guerra; emancipado dos receios que o tinham levado a reclamar o auxilio de Affonso IV, fugia D. Pedro á tyrannia da etiqueta, e desinteressava-se d'esses e de outros assumptos.

O fidalgo castelhano, que já sabia o costume, não se preoccupou com isso, e continuou a deliciar-se com o vinho de Pero Coelho.

O cavalleiro portuguez, desconhecendo o caracter do rei, e desconfiando de tudo, convenceu-se de que o embaixadôr lhe déra secretamente o seu recado, e pelo motivo de não ser favoravel, D. Pedro demorava a audiencia pedida, para ganhar tempo e furtar-se á necessidade de uma resposta que só poderia ser desagradavel.

Esta demora contrariava-o muito.

E para não deixar Diogo Lopes Pacheco sem noticias, escreveu-lhe communicando as suas impressões.

O ministro foi muito pressuroso mostrar a carta ao rei.

Affonso IV tornou-se ainda mais apprehensivo.

A necessidade do procedimento severo para com o filho, que julgava o indirecto causador de tudo, impunha-se-lhe absolutamente.

Pacheco, longe de o dissuadir, pintava a negras côres a significação do procedimento de Pedro Cruel.

Ia fundamentando, cada vez melhor as ambições do supremo poder que o dominavam.

Tinha o rei cada vez mais subjugado á sua influencia.

O rei de Castella julgando que era tempo, decidiu-se por fim a receber o embaixador.

Ouviu a exposição do que se passára e tomou conhecimento da authorisação dada pelo infante para o casamento.

Mas as suspeitas do fidalgo, que lhe fazia notar a data e o tardio da sua apresentação não o impressionaram coisa alguma.

Passára o momento preciso do auxilio em troca do qual promettera casar a filha.

Agora os assumptos de Portugal não o interessavam.

— Que parece a vossa alteza? Que devo responder a el-rei? — perguntou o enviado.

— Depois falaremos n'isso... — respondeu D. Pedro n'um bocejo, sem paciencia para o attender.

E despediu o embaixador com um gesto.

Depois chegou a vez a Pero Coelho.

Recebeu com prazer as joias com que o avô pretendia captal-o, e como o cavalleiro se mostrava alegre, despreoccupado, desinteressado dos assumptos politicos, tratou-o affavelmente.

Coelho, como o geral dos fidalgos, era um pouco trovador.

Tocava e cantava canções de Portugal.

E D. Pedro acostumou-se a ouvil-o, ao jantar, quando se divertia ao lado de Maria de Padilla, esquecido de que os inimigos tramavam continuamente contra elle.

Um dia perguntou ao emmissario de Diogo Lopes o que pensavam a seu respeito em Portugal.

Teve então desejo de fazer a insinuação que Pacheco insistentemente lhe recommendára.

— Receia-se muito pelo futuro.

— Que quer dizer?

— Os que vos estimam, e são todos, porque para nós não sois o monarcha extrangeiro, mas o neto do nosso rei, o filho da nossa querida infanta D. Maria, andam preoccupados.

— Porque?

— Temem que a gente de Aragão faça progressos, e que os bastardos...

— Pensem mais no que lhes diz respeito! — interrompeu o rei com rudeza.

Pedro Coelho calou-se.

Mas D. Pedro, mordido pela curiosidade, tornou a querer saber o que diziam.

— Que fundamentos tem para duvidar do meu esforço?

- Todos sabem quem sois, e o que valeis. Faltam-vos porém leaes cavalleiros, e sem elles um rei...

— E que te parece que deva fazer? — perguntou D. Pedro para conhecer a opinião que o cavalleiro teria feito da sua côrte.

— Como quereis que me atreva a manifestar-me?

— Porque t'o ordeno.

— Assim desapparecem os meus escrupulos — declarou satisfeitissimo o cavalleiro, que tinha assim occasião de desempenhar até ao fim do seu papel.

— Diz lá!

— Parece-me que inclinando-vos para Portugal, ultimando pelo casamento de vossa filha essa alliança, appelando, quando precisardes para o soccorro do vosso avó, tereis assegurada a tranquilidade.

— E' lição que traz estudada — pensou o rei.

E não prestou mais attenção ao caso.

«A alliança portugueza fôra a politica de D. João Affonso de Albuquerque, era a orientação da mãe, do Tello que não sahia do seu lado, e até dos Castros, intimamente ligados ao infante D. Pedro.»

Parecia-lhe uma diminuição da sua independencia de soberano autonomo.

Não lhe sorria como uma situação permanente.

O abandono de Fernando de Castro impuzera-lh'a.

Os possiveis progressos dos aragonezes ou dos bastardos podiam leval-o novamente a ella.

Mas estava longe de acceitar de vontade.

Pero Coelho voltava a falar dos assumptos de Portugal.

Elogiava a gravidade de D. Affonso, os seus escrupulos, o empenho com que mantinha o reino, alheiado de guerras e contendas.

A competencia de Diogo Lopes Pacheco merecia-lhe os maiores encomios.

Não lhe arrancava porém a menor confidencia.

O rei não se defendia d'elle, mas estava no periodo de tranquilidade, em que Maria de Padilla o dominava completamente, e a musica echoando pelas salas e galerias do Alcaçar o embalavam voluptuosamente n'um sonho bom.

O cavalleiro enviava a Diogo Lopes repetidas informações do que ia dizendo ao rei.

Mas as noticias que dava á cerca da falta de uma resposta cathegorica, desanimavam Affonso IV cada vez mais.

«Era certo que o casamento não se resolveria com a brevidade que se tornava necessaria.»

E o ministro explorava habilmente no interesse das suas ambições, a constante preoccupação do rei.

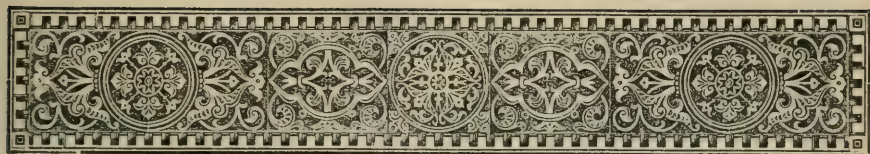
Quando Pedro Cruel se fartou dos conselhos que Pero Coelho introduzia sempre na conversação, escreveu ao avô agradecendo o presente, e entregou-lhe a carta, que era a maneira de o despedir.

O cavalleiro ainda lhe perguntou que noticias podia dar em Portugal do casamento da filha com o infante D. Fernando.

Mas o rei fez-lhe sentir que elle não era embaixador, e que portanto nada tinha que declarar.

Foi com estas desanimadoras palavras que Pero Coelho voltou a Lisboa.

Mas por ellas Affonso IV e o ministro concluiram que o rei de Castella não se mostrava disposto ao casamento.

E como não conheciam bem o caracter do rei, e o motivo da subita mudança, attribuiram tudo á attitude do infante.

CAPITULO XCIV

Novo emmissario

SOB os copados arvoredos das margens do Mondego, Ignez vivia só para o amôr dos filhos, para o amôr de D. Pedro, mas o infante já não pertencia apenas aos entes com que repartira a mais alta affeição da sua existencia.

Atendia tambem a essa politica do que tanto quizera manter-se afastado.

Recebia mensagens dos Castros, escrevia á irmã e a D. João Affonso de Albuquerque, correspondia-se activamente com fr. Gil Cabral, Gonçalo Annes e D. Nuno Freire de Andrade.

A crise de sereno abatimento em que a infinda ternura de Ignez de Castro o havia feito adormecer, desapparecera por completo.

O seu caracter altivo, dominador, tornava a affirmar-se.

A energia com que respondera ao pae e aos do conselho voltára a ser a nota principal do seu animo.

A brandura que João Affonso das Leis e Lourenço Gonçalves tinham notado com surpreza, voltára a dar logar á antiga rudeza do seu laconico falar.

Até ahi amára.

Agora luctava para defender o seu amôr.

Mas nem por isso queria menos a Ignez e aos filhos.

As surdas ameaças que sobre elles sentia pezar faziam querer-lhe ainda com novos extremos.

Sentia-se melhor n'essa athmosphera de hostilidade, que na ennervante paz dos ultimos tempos.

A sua audacia de caçador de feras triumphára do doce amollecimento do trovador.

Ignez queria-lhe mais ainda sob esse novo aspecto.

A consciencia do perigo estreitava-os melhor.

Porém ao vêl-o, de fronte enrugada, recebendo mensageiros, falando com vassalos, escrevendo cartas que o preocupavam, pensava como outr'ora, e desejava-o um particular, preferia-o um cavalleiro ignorado, esquecido n'um castello distante, perdido na paisagem aspera da serra, mas pertencendo inteiramente ao seu amôr, aos filhos, sem que nada lh'o podesse disputar.

Sentia bem que entrava n'um periodo novo.

«Mas qual seria mais agradavel, pensava elle?»

«O socego de ha pouco, que coisa alguma vinha interromper?»

«As ambições que o excitavam?»

«O desejo de lucta em que o via palpitar?»

Um dia appareceu na quinta Lopo Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira d'Aves, seu mordomo-mór.

Comquanto D. Pedro comprehendesse bem o assumpto que o levava ali, não procedeu com elle da mesma forma que com os dois outros enviados do pae.

A respeitabilidade do velho, a qualidade de funccionario da sua casa, tornaram-o merecedor das suas attenções.

N'um movimento de sinceridade rezolveu sental-o como um amigo á sua meza, ao lado de Ignez, junto dos filhos.

Quiz patentear-lhe a existencia que levava, para lhe dar assim uma impressão favoravel que elle podesse transmittir ao pae, já que D. Affonso não queria admittir o suave encanto do seu viver.

Lopo Fernandes viu com agrado essa disposição.

Tinha vontade de pôr-se ao corrente de tudo, para informar bem o filho e o rei.

O seu caso não era o do lettrado João Affonso das Leis nem o do corregedor Lourenço Gonçalves.

Ao corrente da situação, tinha amplas authorisações para proceder como lhe conviesse.

Queria astuciosamente conhecer quem estava em relações com o in fante.

Esperava conhecer-lhe bem as disposições do animo.

E só depois o convidaria, da parte do pae, a escrever ao rei de Castella, authorisando a união do filho, e promettendo a sua presença no acto.

— É esta minha vida, Lopo — disse D. Pedro depois de lhe ter mostrado os filhos, que o velho servidor beijou carinhosamente.

«Em que podia elle incommodar seu pae?»

— Fazeis uma injustiça a sua alteza — respondeu Lopo Fernandes.

— Não. Sei perfeitamente o mal que elle julga de mim.

— Enganaram-vos, senhor.

— Busca illudir-me.

— Deus me livre de tal.

— Estou ao corrente de tudo.

— Que mau serviço vos fazem, e a el-rei, os maus servidores que mantém semelhante desharmonia! — lamentou o velho, fingindo-se impressionado com um estado de coisas que bem sabia ser fomentado pelo filho no proprio interesse.

— A meu pae o prestam — commentou D. Pedro.

— E a vós tambem, senhor infante.

— Apenas me informam do que se passa.

— Desnaturando tudo.

— Conheço quem me quer bem e quem me quer mal.

— Pois el-rei vosso augusto pae só procura tornar-vos feliz, assegurar-vos o futuro, defender a continuação da monarchia na sua directa descendencia, n'um herdeiro d'elle e de vós.

— E' isso mesmo. Acertaste. Eis do que me queixo.

— Mas em que pode...

— Quer intervir na organisação da minha familia, quer disputar-me minha mulher e meus filhos...

— Sua Alteza não considera D. Ignez como vossa mulher...

— Mas eu casei, Lopo. Meu pae não pode ter a menor duvida a esse respeito.

— Consta que celebrasteis o acto, que fr. Gil Cabral teve a imprudencia de vos casar, como se não houvesse graves impedimentos a essa união.

— Nenhuns conheço.

— O vosso parentesco com D. Ignez de Castro, a grave situação em que ficaste para com ella.

— Ora! D'isso me dispensa o papa. E não me ha-de custar tanto dinheiro que o não consiga.

— Mas já uma vez tentaste e nada obtiveste.

— Porque meu pae se oppoz.

— E' que o pontifice...

— Bem sabes que apenas cedeu á sua vontade. Elle é o rei. Mas se eu o fosse...

— Não tendes escrupulo em contar com a morte de vosso pae?

— Não é essa a condição material da vida, os paes irem adiante dos filhos?

Lopo Fernandes não respondeu.

D. Pedro insistiu:

— Sim, quando eu fôr rei, o papa reconhecerá o meu casamento, dar-lhe-ha o pouco que falta concedendo a dispensa de parentesco. E como ha dois papas (1) não demorarão o despacho. Se um não quizer, estará prompto o outro.

— Mas na situação presente confessae que não sois casado, porque não o sois legitimamente.

— E quem te diz que o não sou?

— Em face da lei, do direito...

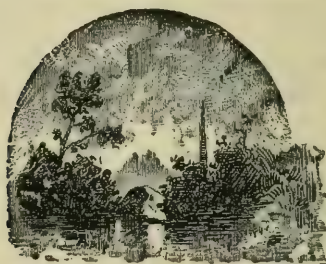
— Não és só tu quem sabe de leis e entende do que é direito. Arranjarei quem discuta por mim, e quebrarei essa arma de que se valem os inimigos que rodeiam meu pae.

— Senhor, não será facil.

— Valer-me hei das luzes de uns santos monges que trabalham noite e dia amarrados aos livros, e que são dedicados aos meus.

Pensava nos frades de Alcobaça, que andavam ha muito preparando o animo de Ignez, para estabelecerem a sua influencia junto do novo rei.

E Lopo Fernandes, ao recolher n'essa noite ao aposento que o infante lhe destinára, esfregava as mãos de contente.

«Ja tinha sabido muito.»

(1) O papa de Roma e o de Avinhão, que se excommungavam e aos partidarios um do outro.

CAPITULO XCV

A razão do amôr

PREOCUPARA-O porém a declaração do infante ao alludir aos frades de cujas manhas queria valer-se para fazer reconhecer pelo pae o seu consorcio.

«A quem iria elle dirigir-se?»

Pensava naturalmente que seria fr. Gil o encarregado d'essa commissão.

«Se fosse esse, o caso não era para recear.»

«El-rei conhecia-o bem como parcial do filho.»

«Não daria portanto grande importancia ás suas palavras.»

«Mas D. Pedro podia appellar para outros, cujas manhas complicassem ainda mais o assumpto.»

«Assim o casamento do infante D. Fernando com a infanta de Castella seria adiado mais uma vez.»

«E os projectos de Diogo Lopes ficariam compromettidos.»

«O que até ahi faltára a D. Pedro na côrte, junto do pae fora uma defeza interessada no seu triumpho.»

«Estabelecida ella perigava toda a intriga que o filho e outros andavam forjando.»

Tinha portanto o maior empenho em conhecer os designios do infante.

«Com quem mais estaria relacionado?»

Era esse um dos pontos mais importantes que fôra encarregado de averiguar.

Ao almoço voltou á carga, orientando a conversação para o assumpto, a fim de obrigal-o a falar.

— Sempre gostaria de saber o que fr. Gil irá argumentar contra direito.

— Fr. Gil? — perguntou D. Pedro surprehendido, não alcançando o intuito da observação.

— Esse ou qualquer outro a quem encarregardes a vossa defeza — retorquiu o velho.

O infante só então cahiu em si, comprehendeu a que visava o estratagema.

Emendou o reparo da duvida.

— Elle sabe muito bem o que ha-de dizer. E se fôres tu quem tiver que oppôr-lhe razões...

— Pedirei a el-rei que me dispense de tal. Sou vosso amigo e vosso servidor.

«Nada mais desagradavel para mim que ter de provar-vos o erro, de apontar a sem razão do vosso procedimento.»

— Pensas que não me assiste direito?

— Tenho a certeza.

— Mas não vês que é por mim a razão, — exclamou D. Pedro calorosamente — o direito á vida?

«Tudo isto não vale mais que as apagadas lettras de um velho pergaminhos, que as teimosas rabujices de velhos como tu a quem já seccou o coração?»

Lopo Fernandes, contrahindo o rosto n'nm riso de caveira, sentiu-se ferido no seu amôr proprio.

Comprehendia como esse rapaz, cheio de força, amado, apaixonado, vivendo com a mulher e os filhos, desprezava a sua respeitabilidade de mumia, o rotineiro saber que elle e outros, de geração em geração, haviam accumulado.

Dominou-o desde então um fundo rancôr.

— Pódes dizer a meu pae, contar a toda a côrte — continuou D. Pedro — que para mastigar passagens de codigos, para citar leis e invocar usos, para negar impedimentos e fundamentar dispensas irá á corte quem baste para isso.

«Mas não te esqueças de contar com que soberano desprezo eu encaro as teias de aranha em que querem prender-me, quando eu disponho de uma espada capaz de despedaçar os mais fortes dos que me resistem, quando tenho por mim a suprema ventura de um amôr infinito, o encanto d'estas creanças para quem vivo, o supremo prazer de sentir junto ao meu coração, um thesouro de amôr, uma fonte de infinitas delicias. Ha Lopo, Lopo, se alguma vez amaste pensa no que vale tudo isto, e na insi-

gnificancia das embaixadas que meu pae sem comprehender o que sinto, todos os dias me envia.

Lopo Fernandes Pacheco transtornou-se.

Sentia-se exhautorado.

A tranquilla felicidade do infante desarranjava todos os seus projectos.

A sua velha habilidade amesquinhava-se ante a poderosa affirmação d'aquelle immenso amôr.

Anciava por se vêr muito longe d'ali.

— Permitti, senhor, que vos diga ao que venho.

— Fala.

— El-rei deseja que auctoriseis o casamento de vosso filho D. Fernando com a infanta de Castella, e que assistaes ao acto do recebimento das duas creanças, como o solicita el-rei D. Pedro, seu estremecido neto e vosso sobrinho.

— Pedi informações a esse respeito, para minha clareza, como já respondi a meu pae...

— Senhor, mas é tão urgente a necessidade...

E continuou:

— Não teriam ainda tempo de informar-vos?

— Tiveram, sim — retorquiu com serenidade — Sei o bastante para me recusar absolutamente.

— Que dizeis?

— Aquillo que resolvi fazer,

— Medi as consequencias d'esse passo!

— Tudo foi bem pesado por mim.

— Mas em que vos fundaes para proceder assim, indo contra a vontade de vosso pae e rei?

— Essa creança com quem querem casar meu filho não é infanta castelhana, nunca poderá ser herdeira do throno, porque não é filha da rainha de Castella.

Lopo Fernandes torceu-se, mas respondeu:

— Senhor, é el-rei D. Pedro, o filho de vossa irmã, quem assim o considera e proclama.

— Embora. Rainha de Castella é minha cunhada, D. Joanna de Castro. Não reconheço outra.

— Isso não foi casamento nem nada.

— Não foi? — protestou D. Pedro com energia — E' o que havemos de ver. Por minha parte só esse acceito, e vês bem como procedo em face de tal deliberação.

— Mas para que vos enveredaes por tão perigoso caminho? — insistiu o teimoso fidalgo.

— Agora, Lopo, basta — disse D. Pedro com energia — Já sabes o que pretendias. Tens boas novas com que satisfarás a curiosidade da côrte de meu pae.

«Se queres continuar aqui, como amigo, como hospede, fica, pois terei n'isso o maior prazer.»

«Iremos caçar, bateremos esses campos, correremos em passeio o Mondego.»

«Mas as nossas explicações terminaram.»

«A responsabilidade do que fizer é só minha.»

«Para me aconselhar n'este, e em casos mais perigosos, tenho os que me são dedicados.»

Lopo Fernandes, envergonhado, abatido, pediu licença para voltar a Lisboa.

Falhára completamente a sua missão.

O infante não cedia.

Nem ao menos podia saber com quem contava para resistir tão confiadamente.

E retirou-se convencido que D. Pedro era um inimigo muito para temer.

CAPITULO XCVII

Receios

AFFONSO VI dirigiu-se á camara da rainha.

— Que lhe escreveis, senhora?

— Algumas palavras de mãe.

— Mostrae-m'as.

— Tenho acanhamento. Falo-lhe como a um filho que não vejo ha muito.

«Não é o vosso caso.»

— Mas explicae-lhe as difficuldades em que me colloca — dizia o rei, n'um abatimento de bom homem, vencido pelas lagrimas de D. Beatriz, sem ter sido incitado por Diogo Lopes.

«A sua attitude fez falhar o casamento.»

«O rei de Castella, meu neto, tem o direito de considerar-me exhautorado, desde que meu filho vae contra a minha opinião.»

«Empenhei a minha palavra. Faltarei a ella.»

«A alliança com os castelhanos, tão necessaria para o alargamento da nossa influencia, não se realisará.»

«Dizei-lhe tudo isto, senhora, e aconselhae-o, com o mesmo ardôr com que a mim o tendes feito.»

«Cedi mais uma vez. Não ha-de elle continuamente resistir.»

A rainha enviou a carta.

Diogo Lopes mordia-se de impaciencia, sabendo o que se tramava, receiando que D. Beatriz conseguisse approximar o pae e o filho destruindo assim os seus calculos.

A rainha defendia o marido com os seus conselhos dos que o orientavam, dos receios que lhe faziam nascer.

Debalde o astucioso ministro, para restabelecer a intriga, procurava estar a sós com elle.

A estremosa mãe apparecia sempre, a mostrar-lhe os planos, a impedir, com a sua presença que falassem do filho.

Por fim chegou a resposta de D. Pedro.

Trazia-a fr. Gil Cabral, o amigo de confiança, disfarçado em monteiro do infante.

A rainha recebeu-o alvoroçada, e mais satisfeita ficou ao reconhecer o emissario.

Não a tranquilisou porém a resposta.

Na carta, redigida por forma a ser presente a Affonso IV, D. Pedro agradecia a mãe ter contrariado a acção dos maus conselheiros, que o pretendiam intrigar.

Protestava obedecer ao pae, conservar-se humilde, e acceitar todas as suas ordens.

A'cerca do casamento dissera já ter exposto as razões por que não lhe parecia conveniente.

«Mas expozéra apenas uma opinião, não formulára uma unica re cusa.»

E como conhecia bem, por intermedio de Alvaro de Castro, que Pedro Cruel reclamava a sua presença no consorcio, sem o que elle não se poderia realisar, avançava n'um apparente intuito conciliado, uma concessão que bem sabia ser inutil:

«Mas se meu pae entende que o casamento é vantajoso para o reino, que o realise.»

«Não me opporei.»

D. Beatriz estremeceu.

A questão fundamental ficava de pé.

Conhecia bem por essa tortuosa resposta quanto o conflicto era de difficil solução.

«Que havia de dizer ao marido?

Fr. Gil expoz então, em nome de D. Pedro, o que elle não queria confiar ao pergaminho:

«Senhora, o fundamento de toda esta questão é para Sua Alteza o casamento com D. Ignez de Castro.»

«— Fui eu quem o celebrei, e não me pesa na consciencia a falta da dispensa.»

«Estive na côrte pontificia por ordem de vosso filho quando projectava esta união.»

«Sei como e por que preço se obtem todas as dispensas para os mais difficeis casos.»

«Foi el-rei que se oppoz a que a trouxesse, fazendo pezar o seu ouro e o seu poder de monarcha.»

«Ora uma formalidade d'essas não havia de impedir a união de duas pessoas que se amavam.»

«Sei bem que não hei-de ir para o inferno por tão pouco, por ter praticado uma boa acção.»

«No outro mundo devem ser melhor avaliados a grandeza do amôr de D. Pedro e de D. Ignez, a sinceridade da minha dedicação pelo senhor infante, e a ganancia com que se negoceia em graças e perdões que só o verdadeiro Deus pode conceder.

«Dizei-me em vossa consciencia, senhora. Não os julgaes justamente, legalmente cazados?»

— Não me resta a menor duvida — respondeu ella.

— Falaes como mulher e mãe. Sois um nobre e generoso coração!

Beijou ferverosamente a mão á rainha, e continuou:

— Este é o fundamento da attitude de el-rei.

«A dos Pachecos, do bispo do Porto, de Pero Coelho, Alvaro Gonçalves, Gil Vasques e outros, sabeis bem qual é.»

«Receiam o seu governo, a sua influencia.»

«Querem malquistal-o com o pae!»

«Pensaram até em roubar-lhe a successão á corôa!»

«Vêde, senhora, até onde o querem arrastar!»

— Contra isso me opporei sempre. Pedro tem em mim o melhor defensor! Jamais consentirei semelhante violencia.

E continuou:

— Devo porém conhecer pefeitamente todos os motivos do seu procedimento.

«Porque razão se oppõe meu filho tão tenazmente ao casamento de Fernando?

— E' porque D. Beatriz — respondeu elle — nunca poderá succeder na corôa de Castella.

«A verdadeira rainha é D. Joanna de Castro, irmã de D. Ignez, sua cunhada.»

«O senhor infante não quer praticar um acto que seja o reconhecimento dos inimigos da familia a que se alliou.»

— Mas na côrte corre outra versão — tornou a rainha — Diz se que Pedro considera como seus successores os filhos de Ignez, em prejuizo do filho de Constança.

«O que ha de verdade n'isto?»

— Senhora, venho authorisado a revelar-vos tudo.

«O senhor infante não pode ter segredos para sua mãe, embora para todas as outras pessoas, inclusivé para seu pae — accentuou — os continue a rezervar.

— Perfeitamente — respondeu a rainha.

E perguntou angustiada:

— E' então verdadeiro o que se diz?

— Senhora, assim é. D. Pedro é um estremoso pae. Quer muito aos filhos do seu amôr.

— E Constança? E o filho da desgraçada infanta!

«Não, isso não pode ser.»

«Pedro deve-lhe o maior amôr, o maior carinho, como uma divida sagrada. Com os desgostos que causou á desditosa esposa, pode quasi dizer-se que lhe roubou a mãe?»

«Transmitte-lhe as minhas palavras, fr. Gil.»

«Fernando é merecedor de tudo!»

«Não queiram ainda por cima perseguir Constança no seu innocente herdeiro.»

«E Fernando é uma creança tão formosa, tão linda, digna de um tão bello destino!»

Terminou n'uma grande tristeza:

— Se forem contra elle, tenho medo que não sejam felizes!

CAPITULO XCVI

A culpada!

O rei mandou chamar D. Beatriz.

— Quero que oiças da bôcca de um velho servidor a resposta de meu filho.

— Pois ainda questionaes, senhor?—perguntou afflicta a mãe de D. Pedro.

— Lopo Fernandes Pacheco acaba de chegar. Solicitou-me audiencia. Vou recebel-o. Não sei a resposta que me traz, mas quero ouvil-o na vossa presença. Assim dispensar-me-hei de ter que a transmittir, e vós ficareis finalmente sabendo qual é a sua disposição.

D. Beatriz olhou angustiada a porta.

O velho Pacheco ia a entrar.

— Então? — perguntou Affonso IV.

Elle lançou um olhar á rainha.

— Não sei se deva...

— Podes falar! — respondeu o rei com mau modo

Lopo declarou laconicamente:

— O senhor infante recusa obedecer-vos.

D. Affonso franziu as sobrancelhas.

A rainha baixou os olhos, n'um tremôr.

— Não quer então o casamento de Fernando? — perguntou o rei n'uma voz mal segura.

— Recusa, senhor.

— Certamente deu alguma explicação, alguma desculpa... — avançou receiosa a rainha.

— Nenhuma, senhora.

— Invocou algum motivo? — interrogou o rei.

— Disse que D. Beatriz não é infanta, porque a rainha de Castella, é D. Joanna de Castro, e que só a ella reconhece.

— Os Castros, sempre os Castros! — exclamou rancorosamente Affonso IV.

Trocou um olhar com a rainha.

D. Beatriz enxugava algumas lagrimas.

— Tens mais alguma coisa a communicar?

— O senhor infante promette entregar a defeza da legalidade do seu casamento com D. Ignez de Castro a frades que virão ante a côrte expôr o seu direito.

— Que venham! Que venham! — exclamou o rei — Perderão a vontade de discutir!

E tornou ainda:

— Que mais?

— Obsequiou-me pessoalmente. Mas para a minha commissão, para as falas em que eu vos representava, porque falava por vós, só teve ameaças e desdens.

Affonso IV rugiu uma praga.

— E' uma insinuação, é uma intriga! — bradou D. Beatriz, erguendo-se indignada — Não deveis consentir, por vossa honra, que se fale por tal fórma na minha presença!

— Sou um velho e só digo a verdade! — retorquiu Lopo Fernandes offendido.

— Tramam uma vilissima intriga — insistiu a rainha exaltada — Acabae com isto, senhor.

O velho sahiu despeitado.

Então o rei virou-se para ella, e disse lhe n'uma crescente indignação:

— Vosso filho desobedece ás ordens reaes. E' um rebelde, e como tal vae ser tratado.

— Moderae-vos senhor. A colera é má conselheira. E os homens que vos rodeiam ainda são peiores.

Affonso IV fez um signal.

— Acabou toda a contemplação!

— Peço licença. Ainda não me dirigi a elle, e não cedo esse direito sagrado.

— Nada tendes com que se vae passar.

— Isso não é assim. Trata-se de meu filho, da sua felicidade, da minha propria.

«Hei-de consentir que nos prejudiquem?»

«Hei-de habituar-me a vêr que a minha opinião e a de meu filho são sempre coisas desprezadas, emquanto daes ouvidos aos baixos cortezãos que abusam da vossa confiança?»

— Escusaes de falar, senhora. O mal não tem remedio — insistiu sombriamente o rei.

— Devemos tentar todos os meios brandos.

— Agora só ha logar para justiça.

— Ainda não disse a ultima palavra. Ainda não me convenci de que Pedro proceda mal, e sem isso...

— Pois julgaes poder oppor-vos ás minhas deliberações? — perguntou irritado Affonso IV.

— Não. Mas impedirei que outros as precipitem em nome do odio que votam a meu filho.

— Estaes enganada, senhora. Porque motivo procederiam assim como dizeis?

— Porque receiam, porque temem a sua orientação justiceira, e sa bem perfeitamente que a corrupção terminaria se elle estivesse aqui ao vosso lado, se interviesse nos negocios publicos, se dispozesse de uma parcella de poder, se ao menos as suas palavras, sempre justas, fossem ouvidas por vós.

«Pedro não pode tolerar que vendam as sentenças, que se opprimam os desgraçados, que se falseie a justiça, que se pratiquem infamias em vosso nome.»

«Eis porque lhe querem mal, porque o odeiam, porque lhe juraram guerra de morte.»

«Para se salvar tem de o perder!»

— Phantasiaes, senhora. E' certo que elle foi um rapaz de juizo, e sempre lhe ouvi opiniões superiores ao verdôr dos seus annos. Mas Ignez de Castro perdeu-o. Essa mulher desvairou-o, enfeitiçou-o, foi a desgraça d'elle e nossa.

— Não quereis vêr, mas a verdade é esta.

— Acabou-se. E' tarde para justificações. Agora já não é meu filho. Já não posso fechar os olhos a qualquer leviandade. E' um reu. Tenho de o punir.

— Um momento ainda!

— Falae.

— Deixaes-me escrever-lhe?

— Para que?

— Sem isso não deveis tomar qualquer resolução.

— Não pode ser.

— Senhor, tendes ouvido a sua opinião por intermedio de inimigos.

«Permitti que m'a communique, com a simplicidade de um filho querido a uma mãe em quem confia.»

«Deixae que elle exponha a as suas razões, e só depois...

— Não pode ser!

— Peço-vos por tudo!

— E' inutil.

— Pelo amôr que nos uniu, que nos ligou junto do seu berço.

— E' muito tarde.

— Nunca é tarde para ser bom, para ser generoso.

— Acabemos com isto.

— Affonso, peço-t'o de joelhos.

— Resolvi o que tinha a resolver —disse o rei seccamente voltando-lhe as costas.

— Isto não acabará assim—reagiu D. Beatriz, erguendo-se, e tomando lhe o passo.

— Que quereis dizer?

— Ou esperais, como peço, ou irei eu ao seu encontro, a ouvil-o sem intermediarios. E se tiver razão ficarei ao seu lado!

«E se tiver sido trahido, como julgo, eu serei mais uma a clamar justiça!»

Affonso IV cedeu.

Mas exclamou n'um profundo rancôr:

— Ignez! Ignez! O que tu vieste fazer a Portugal!

CAPITULO XCVIII

Tudo inutil!

DESPEDIU-O a rainha sob essa impressão.

Discordava de D. Pedro n'um ponto capital.

Queria a ventura para Ignez e para os filhos d'ella.

Mas havia de defender Constança no pobre Fernando, orphão de mãe, orphão do amôr de pae, abandonado aos seus carinhos, á sua ternura de avó.

Fr. Gil retirou-se penalizado.

Era mais uma opinião contra para os projectos de D. Pedro.

Comquanto a mãe não o hostilizasse, certamente não o defenderia com tanto enthusiasmo, conhecendo a injustiça, com que no seu entender, elle queria tratar o filho.

D. Beatriz mandou por intermedio do frade os melhores conselhos ao filho, para que tivesse compaixão da encantadora creança, para que vivesse bem para com o pae, e procurasse mesmo no proprio interesse, acabar com a desharmonia que, acima de tudo, o havia de prejudicar a elle.

D'ali a pouco o rei foi procural-a.

D. Beatriz receiou pelas consequencias.

Affonso IV vinha agitado:

— Que respondeu?

— Faz os mais sinceros votos de felicidade, de verdadeira obediencia a seu pae e rei...

O monarcha comprehendeu tudo:

— Mandou a auctorisação necessaria?

— Auctorisa-vos a procederdes como quizerdes.

«Quer gracejar comigo! — murmurou por entre dentes.

E tornou a perguntar:

— Quando se dispõe a assistir ao casamento?

Apertada pelas perguntas a que, de facto, a carta não respondia, a rainha limitou-se a entregar-l'h'a!

— Vêde vós.

Affonso IV leu com má sombra.

— Sabeis o que isto quer dizer, senhora?

D. Beatriz não respondeu.

— Continua a recorrer a evasivas. Quer ganhar tempo. Busca illudir-me mais uma vez.

E começou a percorrer o aposento a largos passos, dominando por fundas indignações.

— Mas não tendes n'essa carta a necessaria auctorisação para o casamento?

— Vós podeis ser illudida. Quanto a mim, Pedro sabe bem a verdade.

«Mais completa do que esta foi a permissão que deu, por escripto a João Affonso das Leis.»

«Isso porém de nada serviu.»

«A alliança não poude celebrar-se.«

Mas o rei de Castella quer outras garantias.»

«Exige a sua presença no acto, para o não poder desfazer depois, induzido pelos Castros que o dominam.»

E proseguiu:

— Para isto creámos um filho, senhora, para ser dirigido por esses galegos, em seu proveito, em nossa deshonra!

— Exageraes senhor!

— Digo a verdade! Pois não é uma ignominia estar eu, um rei, um pae, um velho, á mercê dos parentes d'essa barregã que a desgraça trouxe a minha casa?

«Pois não constitue um affrontoso opprobrio vêr me contrariado a cada passo pelos interesses d'esses ambiciosos?»

«Pois não se torna uma mortal tristeza que lá fôra seja conhecida a situação de dependente dos caprichos de meu filho em que me encontro?»

E n'um assomo de violencia:

— Ah! Que m'o hão-de pagar bem caro todos os que me hostilisam! Por Deus o juro!

— Não penseis assim, peço-vol-o — supplicou a infanta.
«Estaes desgostoso, é certo.»
«Pedro porém não vos offendeu.»
— Desobedeceu-me, zombou de mim, que mais quereis?»
— Cega-o ainda a paixão que o absorveu.
«Por isso está em desaccordo comvosco.»
«Mas esperae um pouco mais.»
«Deixae-o serenar, dae tempo a que esfrie o ardor dos seus poucos annos, e a harmonia voltará a reinar entre vós.»
— Não póde ser. Demais tenho esperado.
— Um pae deve ser misericordioso.
— O meu dever é dominal-o e punil-o.
— Tendes sido tão generoso que o haveis de ser mais uma vez.
— Perdeis tempo buscando convencer-me.
— Não procuro fazel-o.
«Bem sei que Pedro errou.»
«Por isso peço benevolencia, por isso desejo inclinar-vos ao perdão.»
— Ah! Estaes convencida de que é elle que procede mal?
— Para comvosco, em não fallar com franqueza estou.
«Não é o caso dos vossos conselheiros.»
«Esses procuram explorar o mal entendido para se engrandecerem.»
«Desejam apenas lisongear-vos para melhor usarem do poder que tão facilmente repartis com elles.»
«Contra esses luctarei intransigentemente».
«Hei-de hostilisar as suas intrigas com todas as forças.»
«Mas para comvosco o meu dever é outro.»
«Não tratarei de me oppôr mas de procurar harmonisar-vos.»
«O meu papel é metter-me de permeio, impedindo que vos malquisteis.»
— Fallaes bem. Tendes rasão. O vosso dever, de facto, é esse.
«Mas para com Pedro tudo é inutil.»
«Viste como cedi aos vossos pedidos.»
«Suspendi a resolução que devia tomar.»
«Adiei por alguns dias o desenlace dos compromissos em que me vejo envolvido.»
— Vêde lá se elle correspondeu a tão boa vontade, se contemporisou, se quiz ceder!»
— Faz os mais decididos protestos...
— Isso nada vale!
«O que é essencial recusa-o.»
«Sabe perfeitamente do que preciso e procura ganhar tempo com evasivas.»
«Procede por uma forma incorrecta.»
«Dentro em pouco lh'o farei sentir.»

— Desisti, peço-vos, d'essa ideia de o punir.

«Como desejaria que passassem a estar de accordo, a viverem juntos, aqui ao meu lado.»

«Sabeis o que aconselharia a meu filho se agora o tivesse junto de mim?»

— Que se submettesse! Só isso lhe devieis dizer.

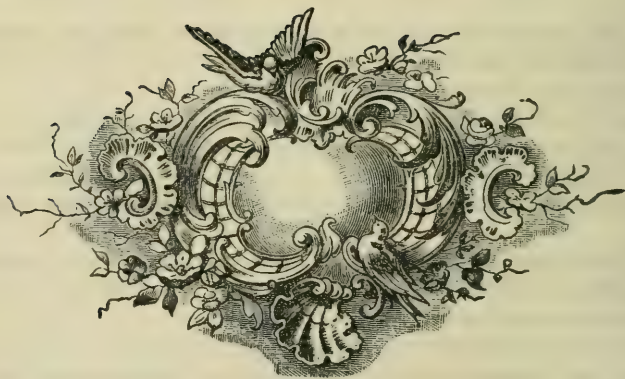
— Mais do que isso, senhor.

«Sei que sois bom, e dir-lh'o-ia sinceramente.»

«E Pedro viria aqui pedir-vos perdão, com os filhos, com a mulher!»

— Nem penseis n'isso, senhora! — disse Affonso IV estremecendo.

«Deus livre Ignez de Castro de se encontrar no meu caminho!»

E o rosto contrahiu-se-lhe n'uma expressão de ameaça.

CAPITULO XCIX

Velhas inimizades

indignação de que se sentiu possuido ao pensar na mulher que odiava, emmancipou-o da influencia pacificadora de D. Beatriz.

Sahiu como fugido, dos seus aposentos.

Temia-se das suas palavras, receiava deixar-se dominar por ellas.

E por mais que se convencesse de que tinha razão, não se attrevia a discutir o direito de castigar o filho.

Refugiou-se na sua camara.

Mandou chamar Diogo Lopes Pacheco com quem já não falava ha dias.

O ministro appareceu lentamente, envolvendo-o n'um olhar desconfiado.

Affonso IV comprehendeu-o bem.

Mas para evitar explicações de mau gosto fingiu não reparar.

— Manda convocar o conselho.

— Para quando, senhor? — perguntou humildemente, n'um ar submisso de cortezão.

— Para já.

— Em vista da importancia da reunião — declarou Diogo Lopes pretendendo penetrar o assumpto — eu proprio vou prevenir os meus collegas.

— Trata-se em verdade de casos graves.

«Mas não é preciso que vás pessoalmente avisal-os, pois nada tens a explicar lhe.»

«Manda chamal-os com toda a urgencia.»

«Entretanto pôr-me-has ao corrente dos assumptos dos ultimos dias.»

— Como imagineis que Vossa Alteza estivesse adoentado... — insinuou Pacheco pretendendo novamente procurar explicações.

— Sim. Passei mal. Estou porém muito melhor.

Dirigiram se a outra sala.

De caminho Diogo Lopes mandou prevenir os membros do conselho.

D'ali a pouco foram reunindo-se.

Vinham preocupados.

Já não constuiam segredo para ninguem as desintelligencias do pae e do filho.

Eram comtudo bem diversos os sentimentos que os dominavam.

Diogo Lopes estava radiante.

Lia no olhar do rei o desgosto que o affligia.

Comprehendia a que ponto chegára a sua irritação.

«Ia finalmente soar a hora das resoluções decisivas.»

«Poderia começar a colher o fructo das suas fatigantes combinações.»

Fizera passar ante os olhos do monarcha assumptos bem diversos, de mero expediente.

Na distracção com que elle ouvia a sua exposição evidenciava-se o quanto o dominava o assumpto principal.

Pacheco sorria intimamente.

Apparentava porém, para acompanhar a gravidade do rei, um ar concentrado e meditabundo.

Lopo Fernandes Pacheco, ao entrar, depois de saudar o monarcha, comprehendeu logo o assumpto de que se tratava.

Um olhar do filho chamou-o de parte.

E emquanto Affonso IV recebia as homenagens dos outros, Diogo Lopes poude dizer-lhe.

— Creio que é hoje, meu pae.

— Deus o queira!

— Conto comsigo.

— Descança. Tambem preciso da minha desforra.

— Ha-de tel-a, e completa.

— D. Pedro deu a perceber que me tomava por um espião, a mim Lopo Fernandes Pacheco!

— Arrepender-se-ha, e breve.

— Desde então tem em mim um inimigo!

— Explique bem a el-rei o verdadeiro sentido da attitude do infante.

— Deixa estar. Não me esquecerei!

O velho voltou para junto do monarcha.

Diogo Lopes approximou-se do bispo do Porto.

— Vamos occupar-nos d'elle — disse lhe em voz baixa.
— E obteremos finalmente uma victoria decisiva?
— Depende tambem de vós.
— Sabeis o que penso a seu respeito.
— Então concorrei para que el-rei proceda como nos convem.
— O triumpho de D. Pedro será a nossa perda!
— Pois bem. Fazei tudo o que poderdes para a evitar.
— E' o interesse de todos nós.
— Conto convosco.
— Podeis contar. E para tudo!...

O bispo apressou-se a ir lisongear o rei, segundo os seus habitos de cortezão.

Comprehendia a necessidade que tinham de convencer o rei de que eram os seus verdadeiros amigos.

«Separal o inteiramente do filho não era facil — pensava o bispo.»

E d'ahi o empenho em multiplicar as suas lisonjas.

Diogo Lopes, no intuito de aliciar todos, dirigiu-se ainda a João Affonso das Leis.

— Mestre João, sêde bem apparecido.
— De que se trata? — perguntou curiosamente o velho letrado.
— Ora, de que ha-de ser? Ainda das graves difficuldades em que o procedimento do senhor infante põe o reino.
— Sim? — exclamou elle admirado — O que ha ainda?
— Andaes sempre na lua. Ou por outra, não vêdes mais que os velhos cartapacios das vossas leis.
— Dizei então.
— Ha grandes desintelligencias com Castella por causa do procedimento de D. Pedro...
— Bom. Ouvirei tudo com a maior attenção. E o que fôr legal terá o meu applauso.
— Legal! Legal! — disse Pacheco — Tambem considerres legal a auctorisação que vos entregou o infante, e afinal...
— Que quereis dizer?
— Mistificou-vos. Illudiu-vos. Ora ahi está.
— Senhor Diogo Lopes! — exclamou despeitado o velho.
— Attendei bem ao que se vae passar. Ouvireis a oppinião d'el-rei e então sabereis do que serviu a vossa commissão.
— Foi só para isso que me convocasteis?
— Não. Sua Alteza quer tomar uma resolução difinitiva acerca de seu filho. Deseja ouvir o conselho.
— Aconselhal-o-hei!
— Ora o que se torna preciso é qne a resolução seja rapida e energica.

«Ponde portanto de parte o vosso latim e as vossas lettras.»

«E' necessario dar a el-rei todo apoio para que não desfaleça.»

«Se poupar o infante os sacrificados somos nós.»

— Nós, não — retorquiu o velho.

«Vós, senhor Diogo Lopes, o bispo do Porto, e os que o tem hostilisado.»

— Pois estaes enganado.

«Aquelle que o infante mais deseja punir é exactamente o sabio lettrado que o arrastou a uma declaração.»

— Referis-vos a mim?

— A vós mesmo. A quem havia de ser?

— Mas o infante não tem razão.

— Não tem. Pois fazei com que tambem não tenha força, e estaremos descançados.

— Então como hei-de proceder?

— Apoiae me, confirmae o que eu disser, e tudo correrá bem.

— Assim farei — respondeu o velho.

— E' no interesse de todos — declarou Pacheco.

Saparou-se d'elle, e foi ao encontro de D. fr. Alvaro Gonçalves Pereira.

Este mostrou-se surprehendido.

— Uma reunião do conselho?

— Para que?

— Esqueces-te aquella em que o infante nos insultou?

— São coisas que ficam para sempre — respondeu sombriamente o priôr.

— Pois recordae hoje mais uma vez, que bem precisaes.

— Tel-a-hei sempre presente, até me vingar.

— Pois talvez hoje tenhaes esse prazer.

— O que! Não me illudis?

— Procurae estar de accordo comigo e tudo correrá bem.

— Sou todo vosso, Diogo Lopes!

CAPITULO C

Attribulações do corregedor

SEGURO da attitude de todos esses, Diogo Lopes encarregou o pae de captar a opinião de Martins do Avelal.

Impacientava-o já a demora do conselho.

Mas o rei não se decidia a começar sem vêr todos presentes.

Ainda faltavam alguns, mas esses dispensava-os bem o ministro.

Só lhe convinha a gente com que podia absolutamente contar.

Chegou um dos retardatarios, o corregedor Lourenço Gonçalves.

Pacheco, que não o tinha mandado avisar, ficou contrariado com a sua presença.

Quiz fazer-lhe signal.

Porém o marido de Catharina Tosse dirigiu-se ao rei, a saudal-o humildemente.

Exforçava-se por desfazer o mau effeito que no animo do monarcha havia produzido a sua commissão.

Diogo Lopes, reconhecendo a necessidade de lhe falar, antes que o rei desse começo á reunião, approximou-se do grupo formado em torno do monarcha.

Lançou ao corregedor um olhar que o fez estremecer.

E quando o marido de Catharina Tosse o cumprimentava, abaixando a cabeça, fez-lhe um signal.

Affastou-se para um extremo da sala.

Lourenço Gonçalves foi pressurosamente ao seu encontro.

— Permitti, meu amigo, que me informe da vossa saude.

— Estou bem. Folgo que me chameis amigo, porque assim mostraes algum reconhecimento.

— Sempre o fui vosso, e sei que sempre o foste.

— Hoje mais do que nunca.

— E que fiz eu para merecer presentemente a vossa amizade mais do que outr'ora?»

— Precizasteis d'ella.

— Sempre a necessitei.

—E' que tive de proteger-vos, de defender-vos, posso dizer, de salvar-vos.

Lourenço Gonçalves estremeceu.

— Contae-me tudo, para que seja maior o meu reconhecimento.

— O vosso procedimento em Coimbra ia-vos perdendo.

— Mas que fiz eu?

— Foste considerado um parcial de D. Pedro.

— Eu que sempre envitei envolver-me nas tristes qnestões que se teem lavantado!

— Sua Alteza convenceu-se do que o tinheis atraiçoado, revellando ao infante o intuito da vossa missão.

— Que grave injustiça, meu amigo!

— Está ainda convendido de que não procedeste lealmente.

— Provarei que tudo isso é falso e que sou de uma inteira dedicação a Sua Alteza.

— Livrae-vos de lhe falardes em tal. Seria terrivel a sua colera e eu não poderia valer-nos.

— Como hei-de então emancipar-me de tão grave suspeita?

— Hade ser muito difficil.

— Mas eu procedi com toda a correcção, com todo o cuidado, com a maior habilidade de que fui capaz...

— El-rei sabe que D. Pedro vos tratou muito bem.

— O senhor infante conhece-me como um leal funccionario de Sua Alteza, e teve em conta os meus serviços.

— Julgaes merecer mais consideração do que meu pae?

— O senhor Lopo Fernandes Pacheco é um respeitavel ancião que todos veneram.

— Pois bem. D. Pedro não foi correcto para com elle. Não o tratou como vos fez.

— Que culpa tenho eu d'isso?

— E' que meu pae procedeu como um dedicado representante d'el-rei, emquanto que vós...

— Cumpri aquillo de me encarregaram.

— Fizeste a viagem com D. Thereza, sois todos do Castros, perten-ceis ao grupo dos que conspiram contra el-rei.

— Por Deus, que não é assim!

— Então como explicaes a viagem de companhia com a tia de Ignez?

— Fui seu hospede, quando accedi ao convite do meu honrado ami-go D. Vicente Hernandez Narvaez de S. Lucar de Barrameda.

— Ahi estiveste com Alvaro de Castro.

— E até com el-rei de Castella.

— Não o podeis negar.

— Com elle e com todos os convidados. A caza era d'elle, não era minha.

— Mas na vossa residencia de Lisboa tendes sempre um espião de D. Pedro, que o põe ao corrente de tudo o que se passa.

— A quem vos referis?

— A Affonso Madeira, esse escudeiro que acompanha para toda a parte vossa esposa.

— Julgaes mal d'elle. Sou eu mesmo que lhe peço que acompanhe e distraia Catharina, quando as obrigações do real serviço me mantem afastado d'elle.

— Ah! Sois vós mesmo que o convidaes?

— Eu proprio, affirmo!

— Bem. Isso é lá comvosco. Mas não podeis negar que foi elle quem destruiu os planos de D. João Manuel, e do proprio D. Vicente de quem foste hospede servindo os interesses de Ignez e de D. Pedro.

— Mas foi elle quem descobriu os amores do infante, e avisou alem d'isso D. Constança.

— Por despeito, por não se sentir correspondido.

— Affirmo-vos que não. Foi para servir el-rei e me obsequiar a mim.

— Tendes muito bôa fé.

— Lembrai-vos que eu fui prevenir Sua Alteza em meio de uma caçada...

— Em que appareceste de burro! Bem me lembro.

— Bem vêdes — continuou Lourenço mordendo os labios — com quanta lealdade tenho procedido.

— Se tudo isso tende a convencer-me, é trabalho baldado.

«Não tenho a menor duvida a vosso respeito.»

«Conheço-vos melhor do que imaginaes.»

«Sei que D. Pedro podia abusar da vossa credulidade.»

«Mas tenho a certeza de que não sereis capaz de o pôr ao corrente dos vossos designios.»

«Agora o que precisaes é convencer el-rei.»

«Hoje vae descutir-se o procedimento de D. Pedro, que se encontra

em rebeldia, visto desobedecer systematicamente ás ordens de seu pae. Pintae bem a sua alteza a attitude desdenhosa do infante.»

«Insisti na maneira como elle desattendeu as perguntas que em nome d'el-rei lhe fazieis.»

«Não vos esqueçaes de que zombou da possibilidade de o madarem prender e affirmou que desobedeceria.»

«Em resumo confirmae o que eu disser, e tende cautella nas declarações que fizerdes, quando vol-as pedirem.»

E terminou:

— Assim não duvidarei conservar-vos no favôr real.

«De outra forma é impossivel impedir a vossa demissão e os castigos que se hão-de seguir.»

Lourenço Gonçalves, angustiado, passou a mão pela fronte, e prometteu obedecer,

Diogo Lopes ficou satisfeito.

Pouco faltava para o seu triumpho ser completo.

CAPITULO CI

Uma missão perigosa

FINALMENTE o rei achou que seria tempo.

Dirigiu-se para o seu logar, junto da meza.

— Estão todos? — perguntou.

— Falta D. Nuno Freire de Andrade — informou mestre João Affonso das Leis.

Diogo Lopes dirigiu-lhe um olhar de censura.

— Mandastel-o avisar? — perguntou Affonso IV.

— Não está na côrte, senhor — respondeu Pacheco.

— Então podemos começar — disse o monarcha.

Assentou-se e indicou os logares aos outros.

Primeiro juraram solemnemente aconselhar como fosse de justiça, livres de quaesquer interesses ou suggestões alheias.

Em seguida o rei expoz alguns assumptos de pequena importancia que precisava resolver antes do caso principal.

Este adiamento da questão que a todos impressionava fez aguçar a curiosidade, augmentar a excitação.

Acabada a primeira parte da sessão o rei determinou que descançassem um pouco.

E sentindo-se curvar ao peso das responsabilidades que lhe impunha essa situação excepcional, recolheu com Diogo Lopes Pacheco a uma sala proxima.

Ficou lisongeadissimo o ministro da nova prova de consideração ostensivamente dada perante a principal gente da côrte.

— Diogo — disse-lhe o rei, assim que se acharam sós — Pretendia eu proprio expôr os aggravos que tenho do infante.

«Desejava pessoalmente narrar o que se tem passado, antes de pedir a opinião dos meus conselheiros.»

«Reconheço agora que o não poderei fazer.»

«A indignação e o desgosto trahir-me-hiam.»

«Quero que tu faças a resenha do que tem havido, que indiques a situação, que mostres as difficuldades a que nos expõe.»

«Estás bem ao corrente de tudo?»

— Senhor, estou. Se é esse o meu dever!

«Desejava porém pedir-vos uma graça especial.»

— De que se trata?

— Solicito que me dispenseis.

— E porquê?

— Não desejo pronunciar a accusação de vosso filho.

— Que tens a receiar?

— A elle e a vós.

— A mim?

— Por maiores offensas que tenhaes recebido, sois pae. E ao vosso coração não será grato ouvir coisas desagradaveis para o senhor infante.

— Agora não se trata de paes e filhos, mas de rei e vassallo.

«Já t'o disse.»

«Não o desejo repetir.»

— Comtudo restam-me escrupulos...

— Deves pôl os de parte.

«E' um serviço que te exijo.»

«Não te podes de fórma alguma recusar.»

— Senhor, apenas pedi que me evitasseis um tão desagradavel cargo.

«Mas desde o momento que insistis...»

— Ordeno!

— Então só me resta obedecer.

E continuou:

— D. Pedro, porém, não me perdoará nunca o papel que hoje vou desempenhar.

— Eu te defenderei d'elle.

— Emquanto fordes rei, senhor conto com o vosso braço.

«Mas quando elle succeder, ai de mim!»

— Procurarei garantir o teu futuro.

— Não será facil — suspirou Diogo Lopes, mostrando-se aterrado.

Proseguiu n'outro tom:

— Mas não penseis mais n'isso.

«Que receio devo ter de executar o que me ordenaes?...

«Se soffrer pelo vosso serviço, mais e muito mais vos devo ainda pelo que me tendes feito.»

«Sabeis porém o que receio principalmente?»

«E' que me attribuam o papel de incitador contra vosso filho.»

«Os seus amigos irão dizer lhe que fui eu quem fiz a accusação, que fui eu quem a planeou, que fui eu quem urdiu toda esta desintelligencia que vos separa d'elle.»

«Um dia fareis pazes, um dia elle se acolherá aos vossos braços, e quem ficará mal collocado definitivamente serei eu.»

— Enganas-te — retorquiu o rei.

«Vejo que não calculas o que se tem passado em mim desde que a funesta attitude de meu filho se accentuou.»

«Sinto com magua que não me conheças inteiramente.»

«Fazes de mim uma idéa injusta.»

— Deus me livre de tal!

— Breve saberás porém como te illudiste.»

«Reconhecerás com assombro do que sou capaz.»

«E talvez então receies do alcance das medidas que me verei forçado a tomar.

«Sei que sois um nobre principe, e que a justiça teve sempre em vós o mais alto culto.

— Pois bem. Então desprende-te de todos os preconceitos e decide-te a expôr muito claramente a situação.

«Tenho sido desobedecido, tenho sido aggravado.»

«E' necessario punir.»

«O que preciso do conselho é a apreciação d'esses procedimentos e a indicação da melhor maneira de restabelecer a ordem e a harmonia, de desaffrontar a authoridade real.»

«Apresentar-me-hão alvitres.»

«Alguns certamente virão ao encontro dos meus desejos.»

«Outros mostrar-me-hão talvez um novo aspecto do assumpto.»

«Mas nenhum se avantajará em conhecer melhor do que eu a grandeza do perigo.»

— A que deseja Vossa Alteza que me refira em especial?

— A tudo o que me tens exposto, a tudo o que se tem passado, ao que constituiu o assumpto das nossas ultimas conferencias.

«Recorda as negociações do rei de Castella, meu neto.»

«Allude ás evasivas com que tem respondido ás minhas intimações.»

«Define a sua situação sob todos os aspectos que offerece.»

«E acredita que não te arrependerás.»

Era este o final que elle queria.

«Iam finalmente ter solução todas as suas combinações.»

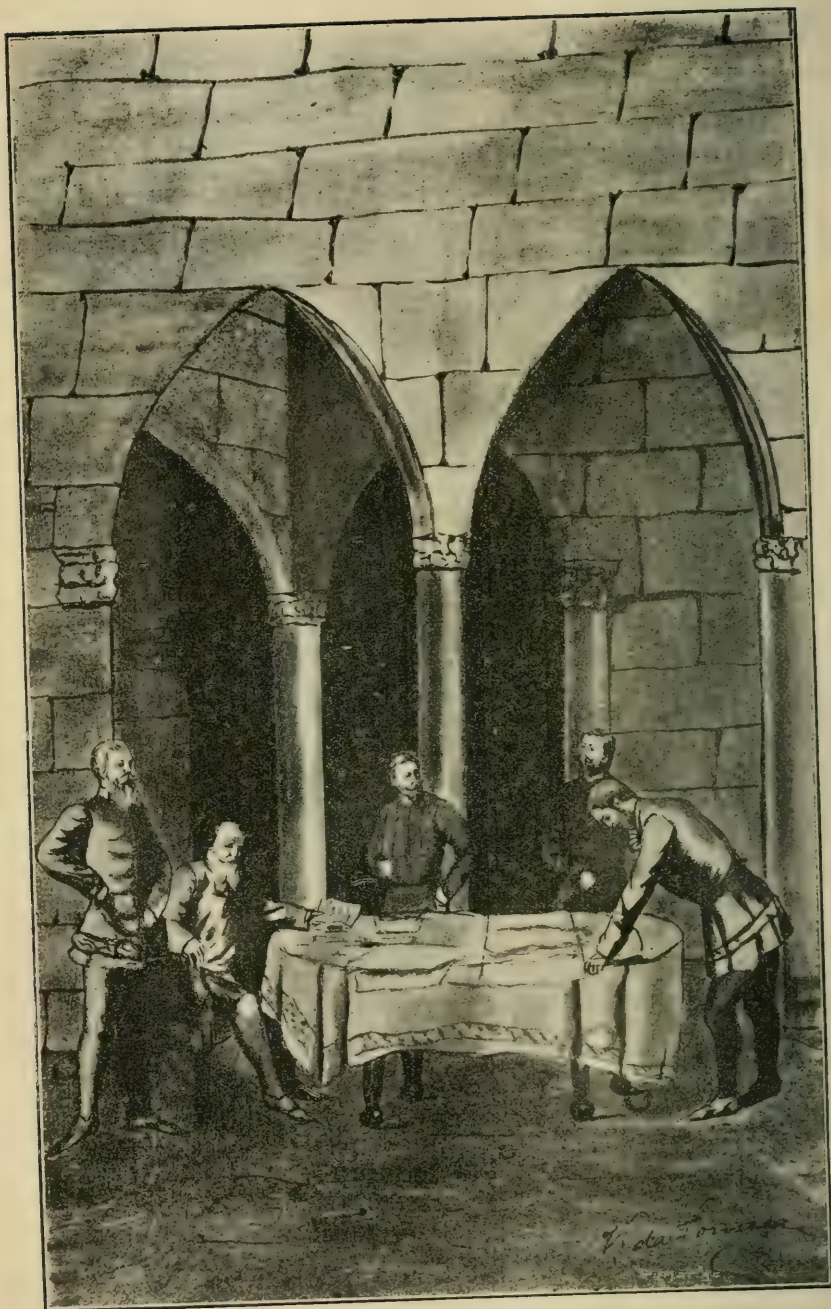
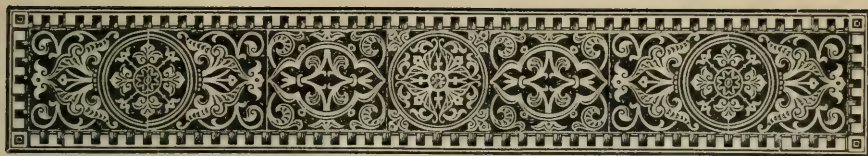
«Chegava o momento de tirar partido das intrigas forjadas teimosamente.»

«Jogava uma cartada arriscada».

«Ou triumphava de D. Pedro, ou ficava sugeito á sua vingança.»
«Sentia bem que o rodeiavam amigos e cumplices.»
«Em meio de todos elles não duvidava obter a primeira victoria.»
«As represalias eram o mais perigoso.»
Voltaram á sala do conselho.

Lopo Fernandes tranquilisou o filho sobre a adhesão que ficára de obter.

«Martins do Avelal estava por tudo.»

E Pacheco, ao sentir a unanimidade de votos, não duvidou que havia de triumphar.

Tomaram os seus logares

CAPITULO CII

Precauções

O rei vinha mais sombrio.

Todos notaram a mudança.

Mas como lhe conheciam a causa e estavam dispostos a apoiar Pacheco, não se impressionaram com esse aspecto.

Tomaram os seus logares.

Affonso IV usou da palavra.

— Senhores, convoquei-vos para um assumpto grave, de que depende a paz do reino.

«Tencionava expol-o, mas adoentado ainda não o posso fazer.»

«Encarreguei Diogo Lopes Pacheco de o realisar em meu logar.»

«Elle vos repetirá as palavras que ha pouco lhe indiquei.»

Fez-lhe signal de que falasse.

Pacheco agradeceu a declaração.

Procurava justificar assim o pedido de ha pouco.

Mas os escrupulos que manifestára tendiam apenas a convencer o proprio rei.

Receiava-se da influencia da rainha.

Calculava o que ella teria dito em seu desabono.

Queria assim convencer o rei de que só por sua ordem expressa fallaria contra o infante.

Agora, perfeitamente tranquillo, daria largas aos seus despeitos, lançaria amplamente a rede das suas ambições.

Levantou-se e começou gravemente:

— Ouvisteis, senhores, as palavras de el-rei.

«Sua Alteza não quiz porém dizer toda a verdade.»

«Peza-lhe ter de queixar-se do senhor infante.»

«Imaginae pois o que me custa fazer-lhe as accusações que resaltam dos ultimos factos que tanto tem desgostado o nosso amo e senhor.»

«Por ordem de el-rei sou forçado a fazel-o.»

«Desculpae-me pois o que de hostil para o senhor D. Pedro vou dizer.»

«E acima de tudo promettei-me que nada revellareis do que se passar aqui.»

Os membros do conselho fizeram signal de assentimento.

Affonso IV ordenou a Diogo Lopes:

— Mande fechar todas as portas, e que ninguem se approxime, seja porque motivo fôr.

Pacheco sahiu, acompanhado de Lourenço Gonçalves, e dispôz alabardeiros a todas as portas das que communicavam com o aposento onde se reuniam.

— Aqui ninguem passa, seja para o que fôr.

E se, por exemplo, se approximar D. Nuno Freire de Andrade—disse ao meirinho-mór Alvaro Gonçalves, a quem incumbiu a vigilancia das sentinellas — illudi-o por fórma a não suspeitar que estamos reunidos.»

«No caso de insistir, mandae um dos homens resistir fundado na ordem expressa de el-rei, e dizendo que se accentuou que mesmo nenhum membro retardatario do conselho se poderia approximar.»

Alvaro Gonçalves, creatura sua, tranquilisou-o completamente.

«Fosse descançado.»

«Era o mesmo que estivesse ali de guarda á porta.»

«Comprehendia bem o alcance da prohibição e por isso a faria absolutamente cumprir.»

O corregedor, inteiramente confiado á protecção de Pacheco, estava por tudo.

Diogo Lopes voltou ao seu logar.

— Senhor, foram cumpridas as vossas ordens.

— Podes continuar—respondeu o rei.

O ministro voltou ao mesmo tom:

— Agora, que tudo ficará entre nós, porque certamente conseguiremos inclinar ao perdão o coração de Sua Alteza...

O rei interrompeu-o:

— Começa por narrar os factos.

«Depois, quando no decurso de discussão t'a pedir, me darás a tua opinião.»

«Agora reserva-a para ti.»

«Procura cumprir o que te ordenei.»

Diogo Lopes curvou-se, apparentando sentir-se offendido pela observação do monarcha.

Mas havia triumphado completamente.

E, pondo de parte todos os rodeios, de que lançara mão, entrou francamente no assumpto:

— Senhores, infelizmente não constitue segredo para nenhum de vós o que nos reune hoje aqui, o procedimento do senhor infante nos ultimos tempos.

«Todos estaes ao facto dos desgostos que el-rei e a rainha tem soffrido com elle.»

«A ninguem esqueceu ainda a vida angustiosa e a medonha tortura em que a senhora infanta D. Constança arrastou a sua agonia por estes paços.»

«Recordaes com certeza a magoa, a dôr, a vergonha, com que o nobre D. João Manuel veiu a esta côrte, ao saber que lhe despedaçavam, que lhe assassinavam lentamente a filha querida que confiára á casa reinante de Portugal.»

Fez uma pausa.

Voltou-se para Affonso IV a vêr o effeito que produzia, interrogando-o com o olhar.

O rei, pallido, tremulo, dominado pela commoção, applaudiu-o com um gesto.

Diogo Lopes, radiante de satisfação, que encobria prudentemente, proseguiu muito senhor de si:

«E' decerto com dolorosa surpreza que tendes assistido ao augmento repentino e injustificado dos Castros, uns modestos fidalgos da Galliza que por suas intrigas tem perturbado a paz das duas maiores nações de Hespanha.»

Os conselheiros do rei, de accordo com tudo o que elle dizia, applaudiram n'um murmurio.

Pacheco ia a continuar quando se ouviram passos apressados na sala proxima.

Dirigiu-se rapidamente á porta, para increpar os guardas que haviam descuidado o seu dever.

Mas voltou atraz perturbado, ao reconhecer quem se approximava, e disse ao rei em voz mal segura.

— A rainha!

Affonso IV ergueu-se de salto.

E apontando aos circumstantes um aposento contiguo disse-lhes seccamente:

— Retirem-se, e aguardem as minhas ordens.

Estava impressionado como se o tivessem descoberto no momento de praticar um crime.

Olhava os conselheiros que se recolhiam, como se estivesse entre meio de cumplices.

Sentia então o pouco fundamento do direito que se arrogava, de rasão de que dizia estar cheio.

Tinha medo de Beatriz como de um remorso.

Previa já as novas recriminações, os commoventes pedidos, o espectaculo de uma dôr que se via forçado a respeitar.

Custava-lhe a ir ao encontro d'elle.

Mas não tinha remedio senão fazel-o.

Olhou em torno.

Todos haviam desapparecido.

Apenas Diogo Lopes se fizéra desentendido, e ficára.

Esse tambem se receiava da presença da rainha.

Queria ficar para se defender.

O rei apontou-lhe silenciosamente o caminho dos outros.

E só então ergueu o reposteiro e foi ao encontro da mulher.

CAPITULO CIII

Alguem por elle

ELLA, que ouvira tudo, aguardava-o junto da entrada.

— Senhora! A que nova humilhação me vindes expôr?

— Quero falar-vos mais uma vez a linguagem da razão — disse altivamente D. Beatriz.

— E' tarde.

— Ainda cheguei a tempo.

— Mas o que pretendeis?

— Arrancar-vos aos homens que vos querem perder!

— Apenas me forçaes a forjar para elles uma nova desculpa.

— Tal não fareis.

— Que quereis dizer?

— Haveis de dizer-lhe a verdade sobre o que aqui me traz.

— Lembro-vos que a minha tolerancia será attribuida a fraqueza servil.

— Elles assim consideram a facil maneira como vos dominam.

— Vós é que pretendeis governar-me.

«Esquecei vos dos vossos deveres.»

«Terei de provar-vos que o rei sou só eu!»

— Sim, sois vós. Elles é que não!

«Para lh'o certificar aqui vim.»

— Mas não vos comprehendo.
— Ides saber tudo !
«Respondei-me primeiro, claramente.»
«Que ordens mandaste transmittir ás vossas guardas?.»
— Que não receberia ninguem.
— Só essa ?
— Que não deixassem approximar pessoa alguma.
— Vêde bem !
— Isto apenas.
— Não especialisaste a prohibição ?
— Nada mais disse,
— Pois o meirinho mór affirmou ter recebido uma indicação especial.
— A vosso respeito ?
— Ainda é cedo para se occuparem de mim.
«Mas pelo caminho em que vos deixaes arrastar não tardará.»
«Procurarão separar-nos, como vos separaram de meu filho.»
— Senhora, não exagereis!
— Digo apenas a verdade.
«Attendei porem, e recordae-vos bem do que ordenasteis.»
«Não queiraes depois defender com a vossa responsabilidade a dos que abusam do vosso nome.»
Renovou a pergunta :
— A vossa ordem não visou directamente alguem ?
— Affirmo que não.
— Pois bem — redarguiu D. Beatriz indignada.
«Diogo Lopes ordenou que se recusasse a entrada a um membro do conselho, e que, sendo preciso, se invocasse a vossa determinação para o forçar a obedecer.
O rei não soube responder.
A rainha insistiu :
— Foi D. Nuno Freire de Andrade, o mestre de Christo, o alvejado por semelhante determinação.
«Quem auctorisou Pacheco a servir-se do vosso nome ?»
Affonso IV procurou defendel-o :
— A confiança que n'elle deposito, e as ordens expressas que a esse respeito lhe tinha dado.
«E' o meu primeiro ministro.»
«Pode deliberar em meu nome, independentemente de indicação minha, até que eu o deponha das suas altas funcções.»
«Se procedeu assim alguma forte razão teve para isso.»
— Teve. E sabeis qual ?
«A que mais affrontosa pode existir para vós e para elle.»
«D. Nuno Freire de Andrade é amigo de meu filho, o unico que tem assento no conselho.»

«A sua exclusão, no momento que vão ser discutidos os seus actos significa que não pretendem julgal-o mas perseguil-o.»

— O vosso amôr de mãe arrasta-vos a pensamentos que nunca deverieis expressar.

«Pedro não terá em mim um inimigo, mas um juiz!»

— Que juiz? Onde se viu julgar um reo sem o intimar a que se justifique?

«Como se pode discutir o procedimento de alguem sem lhe permittir um defensor?»

«Isso é justiça de moiro — retorquiu energicamente — é um procedimento indigno de vós!»

— Senhora — respondeu o rei com firmeza — Tenho de pôr um termo ás vossas recriminações!

— Exaltae-vos, ainda por cima, quando vim salvar-vos de um erro gravissimo.

«Ficae sabendo que a recusa da entrada no conselho a D. Nuno Freire d'Andrade, que não pode ser excluido senão por uma ordem fundada, e originada em alguma falta sua, daria emfim direito a que quaesquer maus conselheiros, que, como os vossos, perturbam as acções de meu filho, o aconselhassem a rebeldia declarada, em face de semelhante violencia.»

— A' rebeldia?

— Por muito menos pegaste em armas contra vosso pae.

Affonso IV estremeceu.

Mais uma vez tinha de ceder perante a esposa.

— Que desejaes que eu faça?

— D. Nuno, ao ser repellido pela teimosia dos archeiros, foi procurar-me.

«Não imagineis que me pediu para interceder por elle»

«Ia disposto a depositar nas minhas mãos a renuncia ás honras que de vós recebeu, como protesto contra a desatenção com que foi tratado.»

«Mostrava-se disposto a ir em seguida queixar-se a meu filho.»

«A sua attitude seria seguida pela forte cavallaria de Christo, e certamente por mais alguem.»

«Vêde até que ponto, até que desordens vos podem arrastar os inimigos de meu filho!»

— Sêde mais razoavel, senhora.

«Mandae-o entrar, e recommendae-lhe prudencia.»

«Estou disposto a acabar por uma vez com este estado de coisas, e ha-de ser hoje mesmo.»

— Não farei o que desejaes.

«Eu não vim pedir licença para D. Nuno.»

«Applaquei a sua colera, prometti-lhe que o funccionario culpado do equivoco iria pedir-lhe desculpa.»

— Promettes-te mal.
«Pacheco não o fará.»
«Eu não desmintirei por tão pouco o meu mais leal servidôr.»
«Entre os dois prefiro este.»
«Não me importa perder o outro.»
«Da sua maneira de proceder deprehendo que motivos aqui o trazem.»
— Senhor! Nao precipiteis os acontecimentos.
«Tentae ainda uma composição.»
«Nunca será tarde para a desgraça!»
«Guerras de paes contra filhos são um horrôr!
«Poupae-me esse desgosto, ao menos!»
«Não queiraes tornar-me ainda mais infeliz!»

CAPITULO CIV

A barregã

CONVENCEU, com bons modos, D. Beatriz a retirar-se.

Em seguida chamou Diogo Lopes.

— Para que prohibiste a entrada de Nuno Freire?

— Não fui eu quem deu essa ordem.

— Então quem se atreveu a tanto?

— O corregedor.

— Chama-o!

Pacheco mandou entrar Lourenço Gonçalves.

— Porque mandaste recusar a entrada a um cavalleiro do conselho?

— Perdôe-me Vossa Alteza, mas desde que ouvi que a reunião devia ser reservada, quando foi pedido segredo, entendi que não era conveniente a sua presença porque certamente poria o senhor infante ao corrente de tudo o que se passasse.

— Lourenço Gonçalves pensou como um leal servidor — disse Pacheco pretendendo cobrir o pobre homem, que por sua ordem fazia semelhantes declarações.

Affonso IV reconheceu que elles tinham razão.

Mas não quiz applaudir com o seu silencio.

— Não o devias ter feito.

«A prerogativa de um membro de conselho só eu a podia suspender...

E ordenou ao corregedor:

— Vae procurar Nuno Freire, e pede-lhe desculpa.

«Dá como explicação um mal entendido, o que te parecer melhor.»

«Volta com elle e sem isso não começaremos.»

Lourenço Gonçalves sahiu, muito receioso pelas consequencias da responsabilidade que lhe impunha Pacheco.

O rei dirigiu-se ao ministro:

— Diogo, a presença do amigo de meu filho obrigar-nos-ha a ser mais rigorosos ainda.

«Procederei com a maior severidade, para que elle, ao informal-o, possa convencel-o das disposições em que me encontro.»

«Quero acabar por uma vez com as desintelligencias, com as inquietações que nos dividem.»

— Senhor — disse ainda Diogo Lopes, no intuito de adquirir mais poder no animo do rei — Vêde como me vou comprometter accusando o infante como quereis.

— Referirás tudo ao meu nome, á minha ordem.

«Os proprios alvitres que o seguir da discussão te sugerir, os apresentarás como ideias minhas...

— Assim não me resta o menor receio.

Estava satisfeitissimo.

Era completa a sua victoria.

Appareceu D. Nuno Freire d'Andrade.

Cumprimentou o rei, como se nada tivesse havido.

Esperou que Affonso IV o mandasse assentar.

O monarcha dirigiu-se a Lourenço Gonçalves:

— Mandae entrar o conselho.

D'ali a pouco tornavam a occupar os seus logares.

Como se não tivesse havido a interrupção o rei começou de novo a expôr o assumpto:

— Senhores, convoquei-vos para apreciardes o procedimento de meu filho e me aconselhardes sobre a forma porque hei-de punir a sua desobediencia.

«Mas o pezar que me causa referir-me a factos que profundamente me desgostam, levou-me a encarregar Diogo Lopes de reproduzir as minhas palavras.»

«Elle vos porá ao facto do que se passa.»

Fez-lhe signal para começar.

D. Nuno Freire d'Andrade, como se nada o interessasse, apparentava a maior indifferença.

— Eis os casos — começou Diogo Lopes — que mais teem ferido o coração de el-rei.

«D. Pedro offendeu a côrte, a nossa virtuosa rainha, a veneranda respeitabilidade de seu pae, affrontando publicamente a chorada infanta D. Constança na ostentosa immoralidade dos seus amôres com essa barregã.»

— A quem vos referis? — disse impetuosamente Nuno Freire, erguendo-se pallido.

— A Ignez de Castro — respondeu Pacheco olhando-o provocador, sem se perturbar.

— Insultaes a esposa do infante! — redarguiu com violencia o mestre de Christo — Sois um vil calumniador!

Ergueram-se todos, agitadamente.

Affonso IV bradou irritado:

— Calae vos, D. Nuno!

— Senhor, é que...

— Ordeno! Ouviste!

Elle sentou-se novamente, acceitando a observação, reservando para depois o seu protesto.

O rei continuou:

— Sou eu que não considero esposa de meu filho a barregã que vive com elle.

Pacheco ficou radiante.

— Diogo Lopes — proseguiu o monarcha — não fez mais do que repetir as minhas palavras.

«E' assim que a considero.»

«Podeis dizer-lh'o!»

E dirigindo-se ao ministro:

— Continuae!

— Sua Alteza considera a morte da infanta D. Constança devida ao profundo desgosto que tal escandalo lhe causou.

«Ahi começaram as desobediencias de D. Pedro.»

«Cerrou os ouvidos ás palavras de seu pae, aos conselhos de sua mãe.»

«As tentativas do nobre velho que se chamou D. João Manuel ficaram tambem sem resultado!»

O rei interveiu:

— Peço-vos, senhores, a maior attenção para a exposição d'estes factos

«Embora os recordeis perfeitamente, preciso que os ligueis uns aos outros, para os apreciardes melhor.»

Fez novo signal a Pacheco.

— No conselho em que nos reunimos, para o chamar á razão — foi dizendo o ministro — insurgiu-se contra tudo e todos e persistiu na sua temeraria desobediencia.

«Homens carregados de serviços foram insultados pelas suas apaixonadas palavras.»

«Este escandaloso caso não foi dos que menos pungiu o coração de Sua Alteza.»

Todos olharam o rei.

Affonso IV, n'um aceno, confirmou.

— Mas ha mais — tornou Pacheco.

«O senhor infante ausentou-se da côrte sem licença, por tempo indeterminado, sem fixar residencia em parte alguma.»

«Por ultimo, esquecendo tudo que lhe fôra pedido, zombando da memoria da pobre infanta morta, passou a viver publicamente com D. Ignez de Castro, simulando um casamento que um frade sem juizo se prestou a celebrar.»

«Para esse enlace faltava a licença dos seus, e a dispensa do santo papa.»

«Passou sem uma e outra, e andou offendendo o reino com o espectaculo da sua immoralidade!»

— Senhor — disse D. Nuno Freire de Andrade, dirigindo-se ao rei — Não consintaes que por tal forma seja tratado vosso filho.

«Podeis julgal-o, podeis perseguil-o, mas não o deveis deixar cobrir de insultos por um vosso serviçal!

— Calae-vos, D. Nuno, e esperae. Falareis na vossa altura mas em termos. De outra fórma não posso tolerar a vossa presença aqui.

O mestre de Christo ficou em silencio.

Na sala ergueu-se um murmurio de approvação saudando as palavras do rei.

CAPITULO CV

Odio velho

RESTABELECIDO o silencio, proseguiu Pacheco.

— Em resumo, senhores. D. Pedro ligou-se a Ignez de Castro, aos interesses dos Castros, d'essa familia que não passava de uma dependente de D. João Manuel e que pelas intrigas dos seus homens, e pelas graças de corte-zã das mulheres do seu sangue, deslocou aquella nobre familia das duas allianças nas casas reinantes de Portugal e de Castella.

«Reparae bem!»

«D. Joanna de Castro casada com o rei D. Pedro, D. Ignez dominando o nosso infante.»

«Uma já rainha, outra preparando-se para o ser.»

«Fernando de Castro querendo governar a politica de Castella.»

«Alvaro de Castro dirigindo já a intriga em Portugal.»

«Quereis tolerar tal estado de coisas?»

— Não! Não! — responderam diversas vezes.

— Muito bem.

«Mas permitti me agora uma explicação.

«Nas palavras que proferi parece haver despeito meu contra o senhor infante.»

«Quero por isso repetir que só falo em nome d'el-rei, como fala-

rei um dia em nome do senhor D. Pedro, se, quando monarcha, me quizer honrar com a sua confiança.»

«Pessoalmente professo pelo infante, que conheço de creança, a maior sympathia.»

«A minha inimizade não o attinge, é sómente para os maus que o pervertem.»

«Podesse eu separal-o d'essas más influencias, e teria feito ao rei e ao reino o melhor serviço.»

— Pacheco reproduz exactamente a minha opinião — declarou o rei, vindo em soccôrro.

«E' preciso separar meu filho d'essa gente, para que não cause mais perturbação.»

«E se teimar como até aqui em não o fazer, tornar-se-ha necessario obrigal-o a cumprir o seu dever, limitar-lhe a possibilidade de ser prejudicial.»

Contrahiu-se o rosto de D. Nuno ao ouvir esta ameaça, ao comprehender o despeito do rei.

Pacheco considerou desde então absolutamente assegurado o seu total triumpho.

— D. Pedro — continuou o ministro — impede com evasivas a alliança que se prepara, o casamento de seu filho D. Fernando com a infanta de Castella.

Sobre este assumpto repetiu as desobediencias, com a aggravante de ter desrespeitado os emisarios do pae.

«Tres cavalleiros carregados de annos e de serviços se dirigiram a elle sem resultado.»

«Uma carta da rainha sua mãe ficou egualmente sem a resposta necessaria.»

«O senhor infante passou d'ahi em diante a viver como um soberano sem mais obedecer.»

«E' preciso enviar-lhe embaixadores.»

«Discute em vez de obedecer, ganha tempo em logar de cumprir as ordens de seu pae.»

«Eis o que tem ferido profundamente el-rei, eis o que lhe tem alanceado o coração!»

— Assim é, senhores — confiirmou Affonso IV.

«Precisaes porêm conhecer qual é, o no fundo, o proposito do infante.»

E ordenou ao ministro:

— São immensas as ambições dos Castros.

«Não lhe basta uma rainha do seu sangue.»

«Querem que Ignez tambem o seja.»

«E, ainda mais, desejam vêr no throno um descendente seu, um rei da sua raça.»

«Para isso arrastaram D. Pedro a pôr de parte seu filho legitimo, D.

Fernando, a afastál-o da succeSsão, para a fazerem cahir nos filhos de Ignez de Castro.»

«Eis os motivos do actual desacordo.»

«Calculae por elles qual tem de ser a gravidade das medidas que devemos tomar.»

Cumprimentou o rei e sentou-se.

— Reproduziste fielmente o que se tem passado — disse Affonso IV.

«Agora cumpre-me ouvir a vossa opinião.»

«Em primeiro logar preciso responder a esta carta de el-rei meu neto.»

«O embaixador voltou de novo a esta côrte.»

«Fui eu que insisti no casamento, e hoje vejo me impossibilitado de manter a minha palavra porque meu filho recusa a authorisação pedida e não se presta a assistir á ceremonia do casamento, como el-rei de Castella me pede.»

«Como deverei vencer esta difficuldade?

«Dizei, senhores, o que vos parecer.»

D. Nuno Freire, que anceava por falar, ergueu-se.

O rei permittiu-lhe que dissesse da sua jusiiça.

— Senhor! E' este um caso que só a vós pertence, como a pae e rei.

«Não attendeis aos maus conselheiros, que com as suas perfidias procuram apenas indispôr-vos com D. Pedro..

«Entendei-vos directamente com elle.»

— Já o fiz sem resultado — disse o rei surprehendido pela brandura das suas palavras.

— Escrevei-lhe expondo-lhe o que desejaes, e os perigos que para todos podem advir da sua attitude.

— Continuar n'esse terreno seria uma prova de fraqueza que não quero dar.

— Pois encarregae-me, senhor, — redarguiu D. Nuno — de lhe ir fallar em vosso nome.

«Informal-o-hei precisamente do vosso sentir, procurarei trazel-o a um accordo como amigo que sou d'elle ha muito, e desejoso da paz do reino.»

«O meu caso não é o dos vis aduladores que desejam engrandecer-se n'esta desgraçada antagonia.»

«Nada vos peço.»

«Coisa alguma espero d'elle.»

«Mas eu desejo evitar que imprudencias e más vontades dividam a vossa terra em dois campos, os que sejam do infante, os que se manifestem contra elle,»

«Assim foi no triste fim do reinado de vosso pae — disse D. Nuno Freire de Andrade n'um proposito que transtornou o rei.»

«Assim succedeu com vosso avô.»

«Assim andou o reino dividido por causa dos maus conselheiros, dos ambiciosos e dos venaes.

«Aconselho pois que escrevaes ao infante, ou que me envieis a esclarecel-o.»

«Que as minhas palavras deem como desejo, resultados de concordancia e de paz.»

— Acabasteis? — perguntou o rei.

— Por agora? Senhor, sim!

«Mas terei certamente de falar de novo.»

«Já que não poderam impedir-me de trazer aqui o testemunho da verdade, hei-de aconlhar-vos como devo.»

E terminou n'uma ameaça.

— Sobra-me animo para o fazer, e força para defender o que affirmo!

CAPITULO CVI

A sentença

ALVARO Gonçalves Pereira ergueu-se para falar.

— Qual é a vossa opinião? — perguntou o rei.

— Deixe-se Vossa Alteza de cartas e mande chamar seu filho para se entender com elle.

«E se elle não quizer vir ao bem mande-o trazer ao mal.»

«E se não houver quem seja capaz de o ir buscar, eu apezar de velho ainda aqui estou!»

Sentou-se muito satisfeito.

Então Diogo Lopes fez um signal ao corregedôr.

— Senhor, — disse este, receioso de que Nuno Freire transmittisse ao infante as suas palavras — D. Pedro fez-me saber que não se deixaria capturar.

«Disse-m'o cathegoricamente, quando em vosso nome o procurei.»

«Julgando que, pelo facto da minha profissão eu lavava ordem para o trazer á vossa presença, apressou-se a prevenir-me, para que eu o não tentasse inutilmente.»

«E ao que me consta, e ao que deprehendo do seu caracter, creio bem que não se mostraria disposto a resistir se o não podesse fazer com vantagem.»

— D. Pedro dispõe de homens d'armas bem adestrados, os monteiros e caçadores de que se rodeia.

«Tem perto alguns vassallos dedicados, e pode, se quizer, chamar as forças de D. Fernando de Castro, forças tão poderosas que o proprio rei de Castella as procurou attrahir ao seu serviço na guerra de Aragão.»

«E isto o que sei, e o que tenho participado a sua alteza.»

«O senhor infante rodeiou-se de elementos com que julga poder desafiar as coleras de el-rei.»

«Precisamos ter sempre em conta esta indicação.»

Pacheco bem sabia que era isto o que mais excitava Affonso IV.

Por isso lh'o recordava diante de todos.

O rei, sem se poder conter, disse aos do conselho:

— Vêde se é possivel contemporisar.

— Senhor — exclamou Diogo Lopes, reforçando as insinuações — A' dignidade do poder real não convém semelhante estado de coisas.

«Um rei, como vós, que salvasteis no Salado a Hespanha christã, não póde estar á mercê dos ambiciosos que por meio de uma barregã enfeitiçaram o senhor infante.»

«Procedei como deveis, meu senhor e rei, salvando-nos, a vosso filho, a nós todos, ao reino inteiro.»

«A'manhã governarão de todo os Castros.»

«Serão perseguidos os que lealmente vos serviram, e Portugal vêr-se-ha envolvido nas guerras interminaveis que anniquilam os nossos visinhos.»

«Não trepideis, senhor!»

«Provei-nos de remedio, que bem precizamos d'elle!»

Fez impressão o ardôr d'estas palavras.

O rei julgou chegado o momento decisivo.

— Dizes bem, Diogo, urge proceder.

«Agrada me francamente a tua opinião.»

«O que farias no meu caso?»

Pacheco ergueu-se, pallido, cheio de decisão:

— Conhecida a origem do mal, extinguia-o supprimindo-lhe a causa!

Vibrou a assembleia n'um fremito de horror.

O olhar de Nuno Freire, duro como um punhal, cravou-se em Pacheco, que lhe voltou a cara.

Entre a surpreza de todos o mestre de Christo ergueu-se altivamente.

— Peço a Vossa Alteza que mande explicar a intenção d'essas palavras.

O rei, comprehendendo a imprudencia do ministro, buscou disfarçar o verdadeiro intuito d'ellas.

—Diogo Lopes — respondeu, procurando serenar-se — referiu-se a uma das soluções que eu alvitrei na conferencia que tivémos ha pouco.

«A causa a que elle se refere é a successão de Pedro, que eu quero assegurar ao seu legitimo descendente, ao filho de Constança.»

«Elle pretende desapossal-o em beneficio dos filhos de Ignez.»

«Pois bem. Se não quizer submetter-se á minha vontade, e não dér garantias de proceder legalmente, ver-me-hei forçado a proclamar Fernando como o herdeiro do throno, desde já, nomeando uma junta para governar durante a sua menoridade, depois da minha morte, e excluindo-o definitivamente.»

— Senhor! Isso é uma violencia! — bradou Nuno Freire, perdendo a cabeça.

— Vêde os termos em que falaes, ou sereis severamente punido!

«Escutar-vos-hei depois, se me aprouver!»

«Agora compete-vos ouvir e calar.»

E voltando-se para os outros membros do conselho:

— Recordae-vos, senhores, de que o infante declarou aqui, ante vós, preferir a abdicação ao abandono de Ignez de Castro?

Todos confirmaram.

— Lembrae-vos d'isto, Nuno?

— Assim foi, senhor! — respondeu elle, contrariado.

— Pois se não houver outra solução, isto é, se elle não preferir um melhor accordo, a resolução a applicar-lhe parece-me que deve ser esta.

«Agora dizei o que vos parecer.»

Ergueu-se mestre Johane das Leis.

— Se me daes licença dir-vos-hei que o infante, quando lhe fiz essa proposta, esquivou-se a responder-me, e zombou de vós, porque era a vós que eu representava.

«Parece-me pois inutil propôr-lh'a mais uma vez.»

«E' perder tempo e dar-lhe novas occasiões a que se ria da nossa fraqueza.»

«Entendo que deveis resolver desde já, n'esse ou n'outro sentido, e que procedaes quanto antes á sua submissão, sem lhe dar ensejo a prevenir-se.»

Chegou a vez de Lopo Fernandes Pacheco corresponder aos desejos do filho.

— Concordo com esta opinião.

«Tambem fui desattendido ao representar Vossa Alteza perante o senhor infante.»

«Pude notar a nenhuma importancia que elle liga ás vossas reclamações.»

«Continua a occupar o paço de Santa Clara.»

«E quando eu lhe disse que ao seu casamento faltava a dispensa do papa, respondeu que a obteria facilmente assim que vós morresseis, assim que fosse rei.»

«Não encobriu de mim os seus propositos.»

«Fez-me saber que enviaria a Lisboa frades muito sabedores e habeis para defenderem ante vós a legalidade do seu casamento, a legitimidade de seus filhos.»

«Affirmou-me immoralmente que tinha por si a rasão do amor, fez gala na posse da impura barregã, e zombou da nossa edade, da nossa velhice cheia de serviços, porque temos o juizo sufficiente para condemnar os seus desvarios.»

Um rumor de protesto acompanhou as suas palavras.

— Se continuaes, senhor, a ter contemplações, apenas prolongaes semelhantes zombarias!

— E tu, bispo, que dizes? — perguntou o rei.

— Senhor, a religião de que sou um indigno ministro, manda punir — disse angelicamente o bispo do Porto.

«Castigar os que erram! — é uma das maximas da nossa doutrina.»

«O senhor reserva no outro mundo premios para os bons, penas para os maus.»

«Os que peccaram por obras, mesmo por palavras ou até por pensamentos, vão para as profundas dos infernos, e ali soffrem toda a eternidade, queimados a um fogo lento que nunca os mata, rasgados de mil feridas que nunca os destroem de vez, devorados por horriveis monstros que lhe despedaçam as entranhas, incessantemente renovadas para que não tenha fim o seu tormento.»

«Se Nosso Senhor, na sua infinita misericordia nos dá taes exemplos, que havemos de fazer nós, pobres creaturas, miseros vermes da terra?»

«A lição a acceitar é a da sua inexoravel justiça.»

«Castigae pois, que Deus tambem fez soffrer seu filho pelas nossas culpas. Que o vosso pague pelas d'elle, é de justiça.»

— Que vos parece, Martins do Avelal? — perguntou Affonso IV.

— Senhor, não penso assim — respondeu o mestre de Aviz.

«Se um filho meu procedesse mal eu aconselhal-o-ia a proceder bem. Se o seu erro fosse muito grave eu procuraria qual a causa d'elle, e mostrar-lh'a-ia, para que se emendasse.»

«Acima de tudo não acceitaria a opinião de pessoa nenhuma.»

«Mais alto que a experiencia de todos nós deve falar o vosso coração.»

Surprehendeu esta attitude.

Diogo Lopes olhou o pae, que respondera pela adhesão do mestre da cavallaria d'Aviz.

Lopo Fernandes mostrou-se admirado.

O rei voltou-se ainda para o corregedor:

— E tu, que pensas?

— Sou da opinião do senhor Diogo Lopes Pacheco — apressou-se a declarar Lourenço Gonçalves.

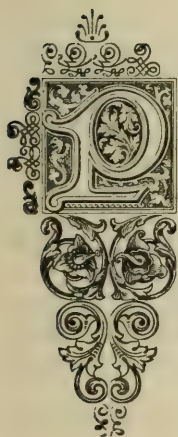
— Mas elle ainda não expôz nenhuma! — declarou Affonso IV.

— Ah! Não expôz? — exclamou o corregedor percebendo que não fizéra boa figura.

«Pois concordo antecipadamente com o que elle expozer, tanto confio na sua experiencia e na sua lealdade.

Martins do Avellal, o unico desinteressado, não poude deixar de sorrir.

CAPITULO CVII

Sem solução

PARA terminar, o rei disse, n'uma consulta geral.

— Concordaes então que é preciso proceder com rapidez e com energia?

Muitas vezes responderam que sim.

— Então o prior do Hospital irá intimar meu filho a comparecer na côrte e coagil-o-ha a vir no caso de resistencia.

«Conforme o seu procedimento, ou casará Fernando, ficando por esse facto apoiado por parte de Castella, e garantido como successôr, ou meu neto será proclamado herdeiro do throno em seu prejuizo.

«Tendes alguma coisa a observar?»

— Aguardo que me deis a palavra — disse D. Nuno Freire de Andrade.

— Agora podeis manifestar a vossa opinião — respondeu o rei.

— Senhor — começou o amigo de D. Pedro — Não me admira a opinião do reverendo bispo.

«De ha muito sei como trata no Porto as suas ovelhas.»

«E o exemplo dos principes da egreja que prégam a perseguição e o morticinio não podia produzir outros fructos.»

«Um avô meu que andou toda a vida na guerra, que viu morrer

muita gente ao pé de si, e perdeu muito sangue de terra em terra, nunca se horrorisou como na cruzada contra os albigenses, capitaneada por sacerdotes da doutrina do nosso bispo.»

«Ahi, de cruz em punho, passavam-se ao fio da espada populações inteiras da risonha Provença, os velhos, as mulheres e as creanças.»

«Um soldado cruel, já fatigado de matar gente, perguntou a um ministro do senhor como deveria distinguir os christãos fieis dos christãos albigenses.»

«Elle respondeu muito seguro da justiça divina: Matae a torto e a direito; Deus saberá reconhecer quaes são os seus.»

«Não me admiram pois as suas palavras de odio.»

«Do prior é que esperava outro conselho.»

«E' trinta e duas vezes pae.»

«Deve ter perdoado muitas trinta e duas vezes!»

— Deixae a opinião d'esses leaes servidores e referi-vos ao assumpto de que se trata — disse o rei.

«Como pensaes que devo proceder para com meu filho?»

— Permitti que vos responda com o exemplo de um conto oriental.

«Era uma vez um rei que tinha um filho da mulher e outro de uma escrava.

«Estimava porém mais este que o legitimo, o que produzia grande escandalo em toda a Arabia e era a constante perturbação da côrte.»

«Ao sentir approximar o seu fim quiz assegurar o futuro do bastardo e pretendeu fazel-o proclamar herdeiro.»

«O legitimo descendente, irritado com a injusta preferencia, tomou armas e revoltou-se contra o pae.»

«A lei dos arabes é cruel.»

«Podia mandal o degolar sem mais formas de processo.»

«E se o caso fosse passado na Europa sugeital-o-hia a uma grande humilhação.»

«O velho uso germanico obriga o filho que se revolta contra o pae a vir á presença d'elle, andando em quatro pés, com uma sella em cima.»

«Ora o rei arabe não matou o filho, não o mandou sellar, nem ao menos lhe tirou a corôa.»

«Deu uma lição a muitos reis da Europa, não a todos, que alguns antes d'elle já tinham procedido assim.»

«Lembrou-se que era pae, e perdoou!»

— Senhor — exclamou Diogo Lopes — Não vêdes que zomba de vós?

«Atreve-se a recordar a desintelligencia que tiveste com vosso pae!»

— Exageraes, Diogo — disse o rei, pretendendo fazer-se desentendido.

— Vim aqui para dizer a verdade — declarou D. Nuno Freire de Andrade, muito excitado — Dil-a-hei até ao fim.

«Referi-me a vós, senhor, e a vosso pae.»

«Não tenho duvida em affirmal-o.»

«D. Pedro nada fez contra vós, e quereis punil-o!»

«Vós pegaste em armas contra vosso pae, e D. Diniz perdoou.»
Affonso IV nada respondeu
Mas percebia-se-lhe no rosto a dôr que o alanceava.
— Nunca o devieis ter dito, se fosseis um vassalo leal! — bradou Pacheco, para agradar ao rei.
— Não sou um vil cortezão como vós! — respondeu elle, exaltando-se.
— Vieste aqui provocar um conflicto.
— E vós commetter uma infamia!
«Conheço-vos bem, Diogo Lopes.»
«Andaes intrigando el-rei com o infante.»
«Não passaes de um traidor!»
— Sois o ultimo dos miseraveis! — disse Pacheco, para se desafrontar.
— Sois um cobarde! — insistiu D. Nuno — Tenho-vos dito o bastante para só me deveres responder com espada e lança.
«Mas nem assim me pedis contas?»
«Pois bem. Serei eu ainda quem vos provoque!
E lançou-lhe o guante n'um gesto soberbo.
Pacheco afastou-o com o pé, em signal de despreso.
— Forçar-vos-hei a levantal-o! — disse Nuno Freire, correndo para elle, para o agarrar.
Affonso IV reagindo contra o abatimento em que a allusão ao passado o lançára, interveiu energicamente.
— Que é isto? Na minha presença?
Os dois estacaram.
— Sahi, Nuno! E aguardae lá fóra as minhas ordens?
— Sem elle? Não! — redarguiu o amigo do infante.
— Desobedeceis-me?
— Temos as mesmas regalias!
«Se quereis affrontar-me, destitui-me de vez!»
«Já me quizeram recusar a entrada.»
«Agora ninguem me poderá compellir á sahida.»
— Estaes louco? — exclamou o rei.
— Sahiremos ambos para o campo da lide.
«De outra forma, não!»
— Prohibo esse duello! Não consinto que o acceites! — ordenou o rei ao seu ministro.
«Não é um conflicto pessoal entre cavalleiros.»
«Trata-se de uma systematica rebeldia.»
E voltando-se para D. Nuno:
— Sahi, ou os aguazis vos levarão de rastos!
Ao ouvir estas palavras appareceu Alvaro Gonçalves, á frente dos alabardeiros.
O corregedor achára prudente tel-os á mão.

— A mim! Ao mestre de Christo — disse Nuno Freire desembainhando a espada.

— Ai de quem se atrever a affrontar-me !»

Então o rei, para não augmentar o escandalo, sahiu e fez signal para que todos o acompanhassem.

Estava dissolvida a reunião.

— Desistiram — disse D. Nuno para o mestre de Aviz, que ficára ao seu lado.

«Foi melhor !»

Embainhando a espada sahiu appressadamente.

— Agora nós, senhor Diogo Lopes.

«Ides saber quanto custa calumniar uma dama.»

CAPITULO CVIII

Juizo de Deus

FORA ouvido nas ante-camaras o ruido das altercação.

Muitos fidalgos se agruparam para os vêr sair.

Os primeiros, que seguiam com o rei, explicaram o conflicto como sendo apenas uma desintelligencia de ordem pessoal entre Nuno Freire e Diogo Lopes.

Formaram-se partidos.

O geral dos cortezãos foi cumprimentar Pacheco, lisongeando o seu poder omnipotente, fazendo jus ás graças de que elle largamente dispunha.

Alguns, amigos particulares de D. Nuno, cavalleiros de Christo, esperaram o seu apparecimento para saberem a verdade.

O rei dirigiu-se aos seus aposentos onde o acompanharam os membros do conselho e o sequito que se formára apoz elles.

Quando Nuno Freire de Andrade e Martins do Avellal sahiram da sala do conselho, rodeiaram-o os seus, já reforçados com outros cavalleiros, e os creados do altivo fidalgo que tinham mandado chamar á pressa.

Elle explicou o motivo porque se irritára, os insultos e ameaças á esposa do infante.

E como lhe dissessem que o rei entrára nos seus aposentos com a grande turba dos aduladores, resolveu tentar a ultima formalidade.

Embora já tivesse reptado Diogo Lopes, como a provocação não déra resultado, deliberou mandar propôr perante el-rei o *Juizo de Deus*, forma de julgamento medieval por meio do duello.

Um dos seus cavalleiros encarregou-se de apresentar o cartel.

Chegando, não sem difficuldadade á presença do rei, ainda cercado pelos do concelho e seus adeptos, declarou altivamente o que o levava áquelle logar:

— Meu senhor e mestre D. Nuno Freire de Andrade, tendo ouvido a Diogo Lopes Pacheco expressões insultantes para a senhora D. Ignez de Castro, legitima esposa do senhor infante de D. Pedro, de quem se présa de ser amigo, manda intimar ao calumniador que se retracte, ou que acceite o *Juizo de Deus*, pelo qual se compromette a fazel o confessar que mentiu pela gorja como um ruim villão.

«E se alguem, menoscabar ante mim a honra do nobre cavalleiro D. Nuno Freire de Andrade, aqui estou para o defender com muita gloria, como seu vassallo e servidor que me honro de ser.»

A nova provocação foi ouvida em silencio.

Pacheco não queria comprometter com uma imprudencia o resultado de tão largas intrigas, que estava a ponto de colher totalmente.

Todos olhavam anciosos para conhecer a sua attitude.

Mas foi o rei que respondeu:

— Diz a teu amo que meu pae prohibiu os duellos, sob pena de morte.

«Estou disposto a cumprir essa lei.»

«Pacheco não pode acceitar o repto, porque formalmente lh'o prohibo.»

«Ordeno a teu amo que desista e se retire immediatamente para duas legoas longe da côrte, sob pena de o mandar prender, e de o punir como é dever meu.» (1)

«Entre as superstições antigas podem contar se os reptos, requestas, ou desafios, em que se appellava para o juizo de Deus quando um homem accusava outro de homicidio ou traição. Este costume, geral em toda a Europa, vogou muito em Portugal no principio da monarchia, sendo até declarados nos foraes de algumas terras os casos em que o duello devia servir de prova da justiça ou injustiça da accusação ou querella. Muito cedo porém começaram os nossos reis a trabalhar, por meio de leis prudentes e saudaveis, em pôr termo a este costume barbaro.

D. Diniz foi o primeiro que por lei de 1318 prohibiu houvesse reptos duas legoas em redor donde estivesse a corte:

«Estabelço e ponho por leis que d'aqui em diante nenhum fidalgo não desafie nem mande desafiar outro, nem por si nem por outrem, perante mim, nem nos logares onde eu fôr, nem a duas leguas a redor de mim. E aquelle que contra isto vier morra por isso, e a desafiação não valha.»

Successivas providencias se foram dando a este respeito, de modo que na ordenação affonsina apenas são permittidos os desafios no caso de traição contra a pessoa real, como se pode vêr no titulo 64 do Livro 1.º d'essa ordenação.»

Alexandre Herculano *Panorama*, vol. 4.º pag. 138.

Retirou o cavalleiro com a resposta.

Pero Coelho, protegido de Diogo Lopes, seu promettido genro, querendo prestar-lhe um novo serviço, saiu após elle.

— Sempre quero vêr o mata-moiros do teu amo — disse provocadoramente ao enviado.

E dirigindo-se a D. Nuno:

— Venho participar-lhe que perfilho as accusações do senhor Diogo Lopes á barregã do infante.

Accentuou provocadoramente:

— E como el-rei não me prohibiu de combater, apresso-me a confessar que ella é uma perfida cortezã, uma infame mulher, apellando para o juizo de Deus.

Nuno Freire d'Andrade olhou-o com desprezo, comprehendendo a intenção que o trazia ali.

— Teu amo é um covarde.

«Em vez de corresponder ao meu repto, em logar de acceitar o desafio, manda-me um sicaro.»

«Tambem para ti tenho os meus serviçaes.»

E voltando-se para os seus moços de cavallariça, que tinham vindo acompanhando-o com os corceis, e haviam sahido irritados, receiando que affrontassem o amo:

— Dêem-lhe uma sova!

Os cavallariços empunharam os chicotes e acommeteram Pero Coelho, que, receiando o ridiculo de tal conflcto, desceu as escadas a correr, entre as vaias da gente do mestre de Christo.

Então Nuno Freire dirigiu-se para a porta da camara do rei.

«Tem forçosamente de passar por aqui.»

«Não poderei portanto deixar de affrontar-me com elle.»

«Esperemos e tratal-o-hei como merece.»

N'isto appareceu a rainha.

— Sei tudo, Nuno! — disse D. Beatriz muito commovida — Agradeço a nobre defeza que fizeste de meu filho.

«Mas agora peço-te que não te compromettas mais, que não leves mais adiante a tua dedicação.»

«Receio graves conflictos, peiores para todos, que perturbem a paz d'estes reinos.»

«Aconselharei el-rei a que proceda com prudencia, a que não siga os maus conselheiros.»

«Mas é preciso tambem que os amigos de meu filho, procedendo com violencia não o irritem.»

«Transige, Nuno!»

«Retira com os teus!»

— Senhora! D. Pedro não me perdoaria se deixasse insultar impunemente em presença d'el-rei e de tantos fidalgos e cavalleiros a D. Ignez de Castro.

«E' de honra da cavallaria impedir taes desmandos, desaffrontar uma dama offendida.»

«Pedis-me que me deshonre, que proceda como um cobarde, e eu não o posso fazer.»

«Beijo-vos as mãos pedindo que perdoeis, que m'o não leveis a mal, mas desobedeço-vos!»

«Pacheco ha-de sentir no peito, na furiosa resposta de uma lança, o preço da calumnia.»

«Agora nem Deus nem o diabo o podem salvar, o hão-de arrancar ás minhas mãos.»

«Não receeis, senhora, as consequencias!»

«Por mim nada tendes que temer.»

«Confio no valor do meu braço!»

«Por D. Pedro muito menos.»

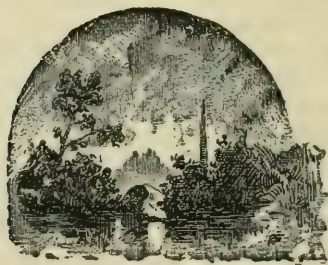
«Elle nada offendeu el-rei, e foi accusado como um rebelde.»

«Agora ao menos a responsabilidade é só minha.

«De nada o podem accusar.»

«Ide portanto descançada, senhora!»

E acompanharam respeitosamente á sua camara a rainha, que escondia o rosto para occultar as lagrimas.

A porta da real camara abriu-se com estrondo e começaram a sahir os cavalleiros.

CAPITULO CIX

Mentis pela gorja

CHEGOU a vez a Pacheco.

Caminhava pausadamente entre um grupo dos principaes.

Nuno esperou-o de braços cruzados.

— Mentiste pela gorja affrontando uma honrada mulher!

«Quereis desdizer-vos?»

E deitou-lhe as mãos ao pescoço forçando-o a ajoelhar.

Diogo Lopes, afluindo-lhe todo o sangue ao rosto, apenas respondeu:

— Esperae-me no campo da lide.

«Em breve lá serei.»

Os seus debalde quizeram interpôr-se, impedir o conflicto.

A gente de D. Nuno formára em torno aos contendores uma forte barreira que não deixava mais ninguem chegar.

O mestre de Christo, ao ouvir a promessa, deixou Pacheco, e respondeu gravemente.

— Irei aguardar-vos!

Sahiu então, correctamente, entre os jovens guerreiros que já capitaneára no Salado.

De caminho foi saudar a rainha:

— Senhora, vou ter a honra de me bater por vosso filho, de desaffrontar Ignez de Castro!

— Que te seja favoravel a sorte! — exclamou ella tristemente, vendo que já não podia impedir o conflicto.

D. Nuno foi a casa vestir a armadura, em quanto os seus iam tambem preparar-se, por uma prudente precaução.

Desconfiavam de alguma cilada.

«Nada mais natural do que a gente de Diogo Lopes Pacheco tentar assassinar o mestre de Christo, para evitar a seu amo algum dissabôr pensavam elles.»

Nuno vestiu a cota que o protegera no Salado, experimentou uma bôa lança, que deu com a rodella ao escudeiro, poz o elmo a tiracollo, pendente da faxa, e assim, desafogado, dirigiu-se ao campo da lide, onde costumavam realisar-se as justas e os torneios, e mesmo os duellos apesar das prohibições cahidas em desuso.

Alguns dos seus aguardavam-o á porta, outros juntaram-se-lhe pelo caminho.

Quando chegou ao logar do combate, como se fossse para uma batalha, seguia-o uma numerosa hoste.

O sol accendia reflexos no polido das armas, na pedraria dos enfeites.

Os passaros fugiam em revoadas ao estrepito da forte cavalgada que vinham galopando.

A natureza, ebria de vida, expandia-se na grandezas da arvores, na belleza das flores, como um protesto contra essa campo regado de sangue, theatro de barbaros horrores.

A cavallaria de Aviz, com o seu mestre Martins de Avellal, formava já em torno da estacada, como se receiasse tambem alguma violencia e quizesse manter as regras da cavallaria.

Nuno Freire d'Andrade perguntára pelo filho.

Não sabiam d'elle.

«Tinha sahido sem dizer para onde...»

A'quella hora, como de costume, falava com Violante, no muro de recanto do jardim.

Entregues a um sonho delicioso, ignoravam a lucta de ambições que se desencadeiava entre os seus.

Falavam da ventura que o futuro devia rezervar-lhes, a que dava direito o seu amôr.

Nada mais queriam do que poderem pertencer um ao outro, longe das perturbações do mundo, vivendo um para o outro, refugiados no ideal que acalentavam.

Não pensavam nas difficuldades que fatalmente deviam surgir quando quizessem realisar a almejada união.

... atravessando-lhe a lança pela garganta (145)

Como se tudo apenas dependesse da sua vontade, contavam já com esse desenlace como uma coisa positiva, inadiavel.

E o tempo decorria-lhe insensivelmente, emquanto os seus iam defrontar-se n'um duello mortal.

Alguns cavalleiros foram verificar as condições do terreno, emquanto Nuno Freire se apeiava da mulla em que viera.

O seu cavallo de batalha aguardava-o, atrelado á sombra.

Elle sentou-se na relva, a reservar as forças para o momento decisivo.

Pacheco appareceu ao fim de muito tempo.

Vinha melhor armado do que elle.

Comprehendia-se pela demora com quanto cuidado estivera atarrachando a armadura, protegendo cuidadosamente todo o corpo, preparando-se para não ser attingido pelos golpes do adversario muito mais forte no combate.

Diogo Lopes mudou de cavallo e dirigiu-se pausadamente para o centro do campo.

Os escudeiros de Nuno Freire de Andrade pozeram-lhe o elmo, e ajudaram-o a montar.

O cavalleiro caminhou muito calmo ao encontro do poderoso ministro.

Tornou a intimal-o a render preito a D. Ignez de Castro que tentára offender.

Intimava-o a retractar-se, ameaçando de lhe provar que «mentia pela gorja.»

Martim do Avelal, escolhido pelos dois contendores para juiz do campo, deu o signal.

Avançaram um para o outro.

Pacheco vibrou furiosamente uma terrivel lançada, que D. Nuno aparou na rodella.

Carregou então contra elle, e começou a fazel-o recuar, até que o cavallo, apertado, se empinou.

Foi terrivel a anciedade.

Os partidarios de um e outro fitavam-se rancorosamente.

Mas a impaciencia durou pouco.

Reconheceu-se que a vantagem era do mestre de Christo.

Pacheco, desorientado, vibrava golpes no ar.

Então Nuno Freire, que até ahi não o procurára ferir, cumpriu o que promettera, attravessando-lhe a lança pela garganta.

Diogo Lopes cahiu para traz desamparado.

Martim do Avelal declarou findo o combate.

E Nuno Freire, erguendo a viseira, ficou radiante, tomando o campo, emquanto soccorriam o adversario.

Pacheco foi posto n'uma padiola, e levado a casa pelos seus escudeiros.

O pae, a mulher, os filhos não esperando tal desenlace, correram como loucos ao seu encontro.

— O que foi ? o que foi ?

Na fraqueza em que vinha, desfallecido pela perda de sangue, Pacheco ainda poude dizer :

— Nuno Freire abriu commigo uma terrivel conta !

«Empenhei-me em conquistar o futuro, e elle jurou livrar-se de mim.»

«E' o triumpho de D. Pedro e de Ignez.»

«Mas heide pagar-lh'as cruelmente.»

«Se eu morrer, vinguem-me, meus filhos, vinguem-me d'elles !»

CAPITULO CX

Egoismos de velho

physico tranquilisou a familia.

«O ferimento não era grave.»

«A cura seria rapida.»

«Mas a perda de sangue enfraquecera-o e precisava descançar.

Applicou-lhe o penso ao golpe, feito de raspão pela lança que rombando pelo ajusto de elmo e do gorjal o ferira extensamente no pescoço.

Pediu que o deixassem recuperar no repouso as suas forças perdidas.

A familia recolheu a outra sala.

Só então notaram a falta de alguem.

Violante fôra, como de outras vezes, passar o dia a casa do avô.

Era precizo avisal-a, e trazel-a para junto do pae.

Lopo Fernandes Pacheco, emquanto o filho dormia, sahiu para a ir buscar.

Ia pensando na forma de lhe dar a noticia sem a assustar.

Procurava tambem a maneira de avisar a mulher do que succedera ao filho.

Foram para a sua velha companheira as primeiras palavras.

Contou-lhe tudo, entre injurias contra Nuno Freire e D. Pedro.

Attenuou-lhe porém o desgosto com a cortezia de que o perigo não era de receiar.

— E Violante ?

— Anda espairecendo.

— Como ficará ella em o sabendo !

— Pobre creança !

Entre semelhantes commentarios Lopo desceu ao jardim.

Correu precipitado as alamedas.

Caminhando junto ao muro, ao olhar para fóra viu um homem que se afastava lentamente, voltando-se a espaços para dizer adeus.

Deteve-se offegante, a espreitar.

Era Luiz Freire d'Andrade.

«O filho do adversario de Diogo?»

«Que andaria elle a fazer por ali?

«Atraiçoavam-o o gesto, a maneira de proceder.»

«A hypothese de uma cilada estava affastada.»

«Tratava-se evidentemente de um namoro.»

«Mas quem requestaria elle por ali?»

Atormentou-o uma terrivel suspeita.

E procurou Violante com mais anciedade.

Foi encontral-a ainda entregue ao prazer da ultima impressão.

Violante vira o namorado seguir pela alameda, ora encoberto pelas arvores, ora destacando-se n'um fundo de verdura, apparecendo e desapparecendo, mostrando-se e occultando-se nas voltas do caminho, até que uma, distante, o encobrira de vez.

Permanecera da mesma forma olhando vagamente, dispersando a attenção pela vastidão do panorama.

Pensava n'elle, e em tudo, na verdade que lhe corria tão serena, no futuro que se mostrava ameaçador, mas na tranquilla paz d'aquella hora todas as difficuldades se diluiam nas meias tintas d'esse pôr do sol.

— Que fazias aqui?

Ella ia responder n'um sorriso, n'um abafo, n'uma innocente mentira com que pretendia continuar encobrindo o sonho ideal do seu amôr.

Fizera-o muita vez, illudindo a facil credulidade do velho, que se julgava o unico alvo da sua ternura.

Que lhe custava repetil-o mais uma?

Mas a expressão do avô fêl-a estremecer.

Lopo repetiu a pergunta.

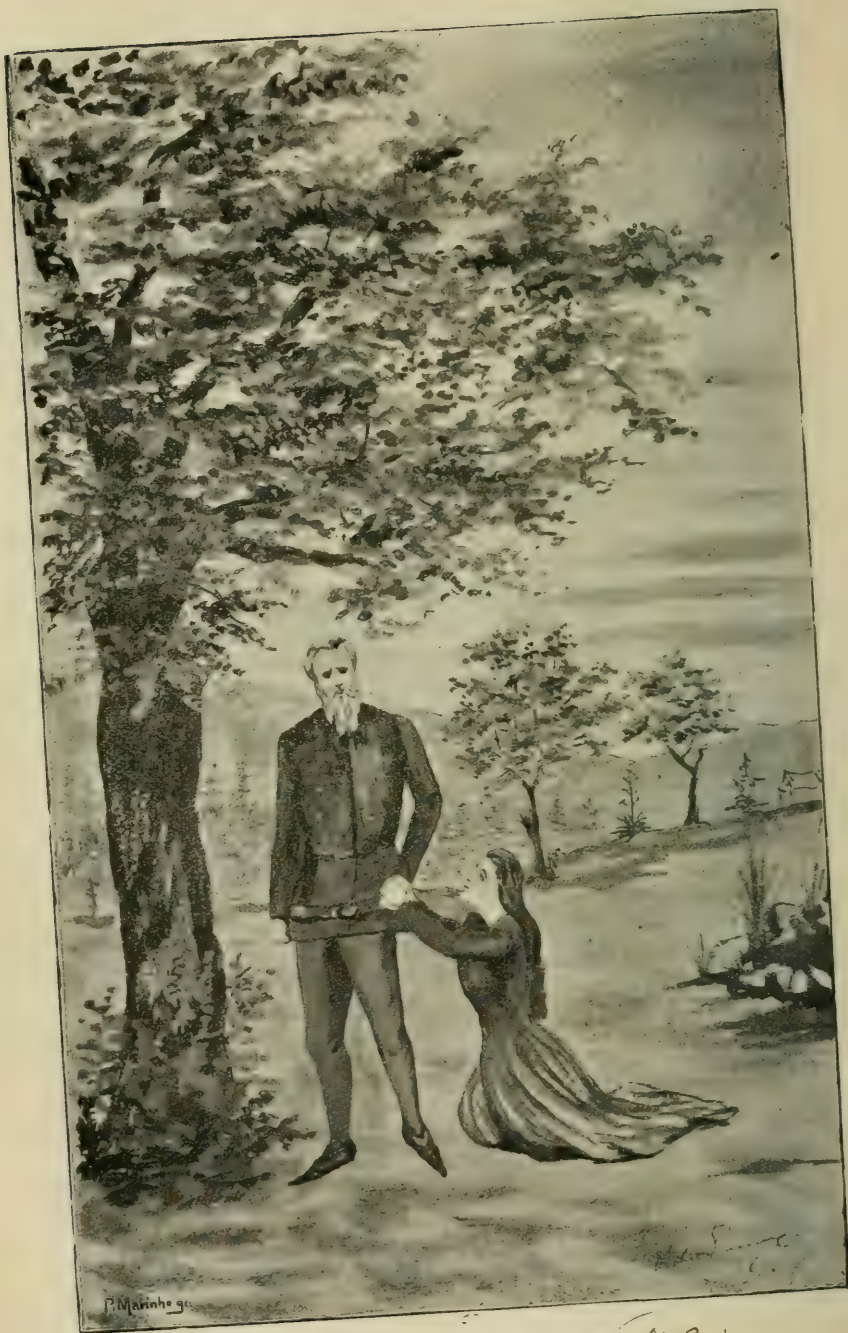
— Porque motivo estás tão longe de casa?

Violante olhou-o confundida.

Perdera de todo o animo,

Não podia articular uma desculpa.

— Era para isto que vinhas visitar-me?

«Ostentavas um grande carinho por mim, afim de teres a liberdade para os teus desvarios?»

... não me tortures mais ... (149)

«Não duvidavas zombar das affeições do pobre velho?»

«Não tinhas pejo de lhe offerecer interesseiramente, para o captivar, para conquistar a sua inconsciente adhesão, o resto das flores que atiravas a esse homem?»

«Para isto te creei, Violante?»

«Para isto te tratei como uma filha?»

A donzella chorava confusamente.

— As lagrimas não te absolvem da loucura, do sacrilegio que estavas praticando.

E declarou-lhe pausadamente, para a fulminar:

— A' hora em que ouvias de certo coisas offensivas do teu pudôr, teu pae entrava em casa coberto de sangue.

— Meu pae! — exclamou ella n'um grito desesperado.

Correu para o velho, afflictissima.

— Por Deus, diga depressa o que foi.

Elle repelliu-a bruscamente.

— Para que me tortura? — exclamou ella — Tire-me d'esta anciedade.

«O que tem elle?»

— Foi ferido n'uma duello, e agora repousa rodeiado pelos cuidados de todos, menos dos teus.

— Vamos para o seu lado! — disse ella.

— Tu não podes ir. Já não és digna de o fazer. Não pertences desde hoje á nossa familia.

— Mas o que fiz eu para merecer taes palavras? — bradou ella reagindo.

— Trocaste as nossas affeições por elle.

«Trahiste as esperanças que em ti depositavamos.»

«Julguei fazer-te a companheira da minha decrepitude!

«E tu, mentindo a todos os deveres, entretinhas-te com impuras distracções.»

— Não diga isso, avô, não me torture mais.

«Qual é o meu crime?»

«Amar um bello cavalleiro, que ha de ser meu esposo...»

— Nunca! Ouvis-te bem? Esse homem nada será de futuro para ti!

— Elle é a minha vida inteira. Não deixarei que nos separem.

— Não deixarás? Tem graça.

«Como te costumaste ao nosso carinho, imaginas-te já uma senhora.»

«Pois verás como te illudes!»

«De hoje em diante serás tratada como filha desobediente, como filha ingrata.»

«Os nossos afagos tornar-se-hão em severos castigos.»

«Vae começar para ti a expiação.»

— Cale-se, avô, não me despedace o coração.

»Deixe-me ir para junto de meu pae.»

«Quero tratal-o, velar pela sua doença, defender com o meu carinho a sua vida.»

— Não o verás, repito.

«Hei de contar-lhe toda a verdade, e elle, descança, amaldiçoar-te-ha!»

— Mas o amôr é porventura um crime? — exclamou ella desesperada.

«Então meu pae não casou!»

«O avô não procurou tambem uma companheira para a sua vida?»

«Porque motivo é só para mim a punição?»

— Queres que te diga tudo?

«Pois bem.»

«Reconhecerás qual é o horror do teu procedimento.

«Sabes quem perseguia atrozmente a nossa familia, quem quiz matar?»

«O pae d'esse homem que sahiu d'aqui!»

— Nuno Freire! — exclamou com horrôr.

— Conhecial-o? — perguntou Lopo Fernandes.

E n'uma ameaça, retirando-se apressadamente:

— Tanto peior para ti!

Violante cahiu desfallecida n'um banco de pedra.

Sentia despedaçar o coração.

Agora comprehendia tudo.

«Era completamente impossivel o enlance entre os dois.»

E passava-lhe pela mente a deliciosa vida dos ultimos tempos, as entrevistas no jardim, a franca liberdade dos primeiros tempos, em que, nada receiando, ia á porta do palacio esperar Luiz que a abraçava despedindo-se d'ella.

Despedindo-se d'elle

CAPITULO CXI

Os seus procuradores

O resultado do duello desgostou profundamente o rei.

Lopo Fernandes Pacheco, acompanhado dos principaes do concelho, foi procurar Affonso IV.

— Senhor, justiça! — disse-lhe n'uma grande excitação.

O monarcha minifestou-lhe quanto sentia a catastrophe.

Mas só respondeu aos pedidos de vingança que lhe faziam todos:

— Deixae que Diogo melhore.

«Se meu filho até lá não vier procurar-me, iremos ambos a Coimbra, e então procederei como devo.»

«Não posso castigar Nuno Freire deixando o impune a elle.»

«Tenho de tomar uma resolução definitiva, porque não quero o reino exposto ao mau exemplo dos sangrentos conflictos que sempre procurei afastar.»

Retiraram-se os conselheiros.

Lopo ia descontente.

Queria uma desforra immediata.

Os outros porém buscavam convencel-o que a decisão do rei em procurar o infante constituia o desenlace da longa questão em que vinham empenhados.

«Assim, a resposta — diziam elles — representava apenas um triumpho.»

O velho communicou-o ao filho.

Passou uma scentelha de odio no olhar de Diogo Lopes, irritado por se sentir preso ali.

— Agora sim! — respondeu elle.

E como Lopo não se mostrasse ainda satisfeito, não comprehendendo o motivo do seu contentamento:

— Não vê como el-rei deliberou esperar a minha cura? — disse-lhe buscando convencel-o.

«Era muito peior que procedesse agora, que estou impossibilitado de o aconselhar.»

Depois de guardar o campo até á noite, D. Nuno Freire d'Andrade conservou se em Lisboa ainda trez dias.

Em seguida, para não offender o rei com a ostentação de sua desobediencia, sahiu da côrte, de noite, sem o prevenir, sem lhe pedir a necessaria authorisação.

Dirigiu-se a Coimbra.

Queria contar ao infante o que se passára.

D. Pedro abraçou-o, agradeceu-lhe calorosamente.

Mas comprehendeu que o perigo augmentava.

A attitude do seu amigo mostrava-lhe a que ponto as coisas tinham chegado.

Precisava enviar para a côrte alguem que contrabalançasse as intrigas dos seus detractores.

Escreveu á mãe lamentando o caminho para onde o rei se deixava arrastar.

E dava-lhe conta de uma grande alegria, que n'aquelle momento desfazia todas as más impressões,

«Era outra vez pae.»

«A filha, porque era uma menina, chamar-se-ia Beatriz, como sua mãe.»

Nuno deixou-o rapidamente, para não o arrancar ao affecto da familia.

Foi entender-se com fr. Gil Cabral e com outros amigos dedicados de D. Pedro.

Pôl-os ao corrente do que se passara, contou-lhes a opinião dos conselheiros de Affonso IV.

Estiveram avaliando juntos os perigos de momento.

Quando Ignez se restabeleceu do parto, D. Pedro partiu para Alcobaça, a entender-se com os frades para vêr se queriam encarregar-se, na côrte, da defeza dos seus direitos.

Fr. Marianno, por calculo do abbade e das principaes columnas da ordem, approximara-se da esposa, no intuito de preparar ás suas insaciaveis ambições a protecção do futuro rei.

Podiam prestar-lhe desde já, em troca de futuros beneficios, um grande apoio moral e material.

O abbade de Alcobaça era senhor de quinze villas e dois castellos, e fronteiro de quatro portos de mar.

Nos seus coutos em vez de aqui d'el-rei gritava-se «aqui do abbade!» ou «aqui do mosteiro!»

Os frades exerciam uma auctoridade tão despotica que os povos se queixavam d'elles amargamente ao rei. (1)

Dispunham de centenas de homens de armas, e podiam portanto fazer pezar a sua influencia em qualquer sentido.

Na sua insaciavel ambição, como se não lhe bastassem os extensos territorios, o grande numero de povoações que opprimiam com a obrigação de sustentar a sua obesa indolencia, os frades iam apossando-se de propriedades pertencentes á coroa.

Affonso IV, descobrindo uma d'essas expoliações, obrigara-os a restituir aquillo de que se haviam apossado.

Sem resultado as reclamações pacificas, esgotada a manha do chronista da ordem, que forjava as miraculosas patranhas da vida dos seus monges, e buscava em invenções historicas a justificação de cedencia das terras que haviam voltado ao poder real, o capitulo decidiu, visto a edade avançada do monarcha, ir pensando no herdeiro da corôa.

D'ahi a missão incumbida á religiosa manha de fr. Marianno junto de Ignez de Castro.

D. Pedro ia agora tambem tirar partido das desintelligencias dos frades para com o pae, afim de os fazer servir a sua causa, promettendo-lhes a satisfação dos seus desejos.

---

(1) Extracto de uma queixa dos povos de Evora e Turquel:

«... manda prender tambem os juizes como a outras justiças logo que não façam quanto elle manda, e não por erros taes que de direito devessem ser presos; mas quer levar d'elles e de nós o nosso e subjugar-nos com a soberba; e estes são presos e levados por seus homens ao castello do dito mosteiro e manda-os deitar por cordas em os fossos das torres e outros manda lançar em aljube onde não ha sol nem lua, com mui grande crueza e sem nenhuma caridade, mandando os alcaides que os não deixem vêr as mulheres, nem filhas, nem parentes, e andam nas ditas prisões até que perdem a vista ou lhe dão ou fazem o que elle quer; e pela razão e temor da dita prizão não fomos nem somos ousados mandar defender nossos direitos.

....

«... por suspeição ou malquerença, chegam a nossas pousadas e britam nossas portas, e entram em nossas cameras; e... mandam-nos prender e levar ao dito castello, onde por grandes tempos padecemos, nem sendo mais ouvidos; o que não somos ousados querellar e posto que querellemos as justiças são tão fracas que não chegam a elles com temor.»

Ao transpor a fronteira do senhorio do convento, o infante mandou adiantar Gonçalo Annes a cumprimentar o abbade.

Exultaram os frades ao ter conhecimento da sua visita.

Reconheceram o que podia haver n'ella de vantajoso.

D. Pedro vinha ao encontro dos seus desejos.

Dispunham-se a assedial-o com pedidos, para ganharem a sua adhesão.

Agora todo o seu empenho era encantal-o, obsequial-o, tornar-lhe agradavel a sua estada no mosteiro.

Resolveram tratal-o como um rei.

E mandando abrir a egreja prepararam-se para o receber de cruz alçada.

CAPITULO CXII

O cágado

TERMIMADA a recepção, o abbade conduziu D. Pedro á sua cella.

— A que devemos a honra da vossa presença aqui?

— Em primeiro logar ao prazer de visitar esta santa casa, celebrada por tão altas virtudes.

— Em segundo logar? — perguntou astuciosamente o frade, sabendo que seria esse o fim principal da viagem do infante.

— O de consultar vossa reverendissima sobre um caso em que de muito me podem servir as suas luzes.

— Tende a bondade de dizer.

— Como sabeis casei com D. Ignez de Castro.

— Não o tinha ouvido ainda.

— São as intrigas dos meus inimigos que procuraram abalar a convicção das pessoas de bom saber.

— Muito pode a maldade humana!

— Fr. Gil Cabral celebrou o enlace.

— E' muito vosso amigo o honrado deão da Sé da Guarda.

— Folgo muito de que o conheçaes.

«Bem vêdes que com a sua seriedade, só podia realisar um enlace que não lhe pesasse na consciencia.»

«Sou-lhe immensamente grato.»

«E as vestas prelaticias o compensarão do serviço que me fez, assim que eu fôr o rei de Portugal.»

Conhecendo bem os frades, dava-lhe a entender que ia disposto a pagar generosamente os serviços prestados.

Comprehendeu-o o abbade.

— Escolheis uma nobre columma da egreja.

«Muito teremos a lucrar com a vossa sabia administração.»

«Este vosso santo mosteiro, tão protegido pelos reis de Portugal, tambem precisará da vossa justiça.»

Era uma allusão ás terras que o monarcha fizera reverter á corôa.

— O dia que vos prestar a homenagem do par de botas, ou do par de sapatos, á vossa escolha, feito com o gosto de quem tem por mais nobre missão calçar os reis de Portugal, será um dos mais felizes da minha vida.

Os abbades de Alcobaça recebiam a homenagem dos alcaides dos castellos, como se o verdadeiro reis fossem elles, e apenas prestavam ao soberano a homenagem do calçado. (1)

— Saberei corresponder a tão nobres desejos, D. Abbade.

«O que agora preciso do vosso luminoso saber é a declaração da legalidade do meu casamento, e a defeza do meu direito perante meu pae.»

«Procurei de deferencia este viveiro de virtuosos monges, por saber quanto valiosa é a vossa livraria, e quanto sacrificaes ao estudo.»

«Um dos que me hostilisa é o bispo do Porto.»

«Preciso oppor-lhe quem conheça bem o direito canonico, e prove á face dos livros santos a validade do meu casamento, e o direito de meus filhos.»

---

(1) O acto de homenagem prestado pelo alcaide é assim descripto por um chronista: «Em (data) sendo de manhã escreveu da sua terra o dicto alcaide-mór o termo de homenagem no livro da dataria secular do cartorio, no qual livro se costumam escrever similhantes termos; e de tarde, quando foi pelas tres horas, sahiu á sala publica o D. Abbade e se assentou na sua cadeira debaixo do docel, e em pé na sala os monges e pessoas de maior respeito que se achavam na terra; aos pés do D. Abbabe se poz um tamborete raso de velludo carmezim, e sobre elle o livro da dataria, aberto onde estava o termo de homenagem, e feito isto, e tudo em silencio, entrou pela sala o novo alcaide, no meio de dois padrinhos, e se foi pôr de joelhos aos pés do D. Abbade, e á sua mão esquerda tambem de joelhos o cartorario-mór para ir lendo pelo livro o termo que havia de proferir o dicto alcaide.»

No juramento, prestado de joelhos, affirma o alcaide que manterá e defenderá o castello com todo o seu poder, e n'elle receberá e recolherá o abbade no alto, no baixo, de dia, de noite, a qualquer hora que seja, irado e pagado, com muitos ou com poucos, que fará guerra e manterá treguas e paz segundo elle, abbade, mandar. O juramento termina com esta phrase: «Em signal de sujeição, obediencia e senhorio, beijo a mão de Vossa Senhoria Reverendissima, que n'esta acto está.»

Como unico fôro ao soberano e reconhecimento do padroado real, o mosteiro dava annualmente ao rei um par de botas ou de sapatos, á sua escolha.

Ramalho Ortigão, *Farpas*, vol. I, pag. 233.

— Deixae o bispo comnosco — disse o abbade sorrindo superiormente.

«Temos cá muito melhor do que elle na interpretação dos sagrados textos.»

— Assim me consta — respondeu o infante.

«Tanto que penso pedir-vos que me indiqueis de entre os vossos irmãos aquelle que o ha de substituir, desde que eu herdar a corôa.»

— Vejo que tendes bôas intenções — declarou o abbade.

«Além de hospede, começarei a tratar-vos como um amigo.»

«Vinde em primeiro logar visitar esta santa casa, morada de tão virtuosos monges.»

«E depois mandarei chamar o nosso chronista, que é quem, pela sua especial competencia, terá que se occupar do vosso caso.»

Atravessaram os vastos corredores, passaram o amplo claustro de D. Diniz, foram de novo á egreja.

— Vêde esta bella imagem dizia o abbade.

«Foi feita por indicações do nosso abalisado chronista, cujas aturadas investigações, auxiliadas pelo toque da divina graça, lhe fizeram descobrir a verdadeira figura de Satanaz.»

«Elle vos explicará completamente a visão do inferno, a maneira como o demonio pesca as almas, como as dispõe no atroz supplicio do fogo lento, onde padecem por toda a eternidade.»

Apontou-lhe um grande corpo nu, com azas de morcego, e um tridente na mão, atravessado n'um altar do cruzeiro á esquerda.

— Cá está o diabo, o anjo mau em trajo de combate.

«Parece um homem.»

«Comtudo repare-lhe bem nos pés.»

«São de ave de rapina.»

«O nosso abalisado irmão, tão cheio de saber, acha menos propio o pé de cabra de que outros theologos o tem munido.»

«Voando pelo ar, pulando como um morcego, não era com um pé duro e pesado que poderia captivar as almas.»

«Assim comprehende-se melhor.»

«Deita-lhes a garra e leva-as comsigo.»

E depois de uma pausa em que D. Pedro olhava para o monstro, mas pensava em Ignez e nos filhos.

— Reparae na cabeça. Está de bacinete, não é verdade?

«Mas olhae bem.»

«Por baixo do elmo saem-lhe os chavelhos retorcidos.»

«Na mão, com que ainda quer defender-se, tem um escudo.»

«Ahi está um dos outros symbolos que o saber do nosso grande chronista indicou ao esculptor que o fez.»

«Opinaram outros theologos que o demonio tomou a forma da serpente para obrigar outr'ora nossa mãe Eva a comer uma maçã, contra a expressa prohibição de Deus.»

«O saber do nosso irmão contestou esta affirmativa.»

«Segundo elle, o demonio, o porco sujo tomou a forma de um cágado, animal muito mais manhoso, e foi assim que tentou a innocencia de nossos primeiros paes.»

«Por isso o diabo empunha um cágado á guisa de rodella, e com elle se defende das lançadas do anjo S. Gabriel que paira por cima d'elle, voando.»

«O anjo tem na mão a balança em que pesa as almas presentes ao juizo final.»

«Vêde aquellas, afflictas, que desceram com o prato.»

«Para ellas a salvação é impossivel.»

«Reparae agora na doce beatitude das que estão no de cima.»

«Leves como bolhas de sabão irão subindo aos pés de Deus!»

E cahindo de joelhos disse para o infante:

— Imploremos a protecção dos bem aventurados!

CAPITULO CXIII

Uma habitual tentação

EINDA a oração o abbade foi mostrar ao infante outras milagrosas imagens, das que mais esmolas rendiam no convento.

— Se eu quizesse ennunciar todos os milagres praticados por estas santas figuras, poderia estar um mez sem terminar!

«O nosso chronista é que tem escripto e relacionado tudo isso, auxiliado por muitos dos nossas irmãos, tão notaveis em lettras como em virtudes.»

«Não podeis fazer ideia das riquezas que se accumulam na nossa livraria.»

— Tenho ouvido relatar a sua fama.

— Mas estaes longe de imaginar a verdade.

«Só esta questão ácerca da figuração do diabo em cágado e em serpente, questão terrivel, que dura ha bons vinte annos, tem enriquecido com centenas de pesados volumes as nossas estantes.»

«Não foi só o nosso chronista que terçou armas!»

«Grande numero de irmãos se encerram nas cellas meditando sobre o caso.»

«As mais copiosas citações, as mais extraordiñarias refutações sahiram de suas aparadas pennas.»

«Os nossos adversarios replicavam com egual ardor!»

«Succediam-se as memorias, accumulavam-se os pergaminhos sem que se esgotasse o assumpto.»

«E só a respeito d'esse ponto capital da nossa fé temos centenas de volumes!»

«Eis como trabalhamos sem descanço para o engrandecimento de Portugal!»

«E vêde em compensação a injustiça com que nos trata vosso pae, cerceando-nos os meios com que temos de provêr ao sustento material de corpos que armazenam tão formosos espiritos!»

— Desde já prometto reparar esse erro de meu pae, commettido certamente pela inspiração dos maus conselheiros que o guiam tão mal como no meu caso tem feito.

«Quanto a isso podeis ficar descançado!»

— Deus vos pagará! — foi a resposta do alliado.

E continuando a mostrar-lhe a egreja:

— Vinde agora vêr o nosso arsenal, o deposito das armas com que nos defendemos de Satanaz, o rancoroso inimigo que nos tenta a cada passo!

Levou-o ao relicario, ao fim da sacristia, n'uma alta capella circular, toda dourada.

De alto abaixo succediam-se em camadas bustos, cabeças, mãos, braços, pernas, tudo em madeira dourada.

Ao centro de cada uma d'essas esculpturas, uma boceta de ouro e pedras, com tampo de vidro, abrigava um pedacinho de osso, que os frades diziam ter pertencido a tal ou tal ou tal santo.

— Que venha cá o diabo! Que se atreva!»

«Ha aqui munições para luctar vantajosamente com todas as legiões de Satanaz.»

«A' influencia d'estas creaturas de Deus não ha cágados que resistam.»

«Podemos dizer que o nosso mosteiro existe ainda, mercê da riqueza e do poder d'este immenso deposito de inquebrantaveis armas de efficazes defezas.»

«A' guerra desapiedada que temos feito ao inimigo, ha muito não existiria n'esta casa pedra sobre pedra, senão fosse o voto do que está aqui dentro!»

«Na nossa riquissima livraria encontra-se a relação de todos estes abençoados despojos.»

«Lá se conserva tambem a vida de cada um d'estes santos em especial, e as muitas obras que tem escripto a respeito d'elles os nossos mais sabios monges, em suas piedosas meditações.»

«Não podeis imaginar o saber accumulado nos grossos volumes que fazem vergar as estantes da livraria.» (1)

(1) «... a arte historica... consistia em cerzir algumas lendas de velhas com

— Vinde agora vêr a nossa cosinha.

«E' para os verdadeiros religiosos, como eu, como todos nós, um motivo de infinita tristeza.»

«Somos em principio pela abstinencia, pela mais rigorosa abstinencia, mas temos de fazer comer para tantos pobres!»

«A's vezes o demonio tenta-nos com uma fome tão diabolica que somos arrastados ao peccado da gula.»

«Comemos, sentimos que uma voz occulta nos obriga a comer, temos de encher-nos de alimento, para pôr termo á tentação!»

«Mas depois, á noite, rezamos mais do que o costume, fazemos uma penitencia especial, e então conhecemos que a nossa involuntaria culpa foi perdoada.»

«Um saudavel appetite, destinado a reparar as forças, tão necessarias para servir o Altissimo, chama-nos de novo para a meza.»

«E ahi nos preparamos reconfortados sem pecado, para dormir um somno reparador!»

Entraram na immensa cosinha por dentro da qual passava um rio inteiro, n'um grande poço em marmore.

Havia reservatorios para peixes vivos.

Grandes tinas de pedra, de um e outro lado, serviam para preparar os alimentos.

A chaminé, tão alta como as torres da egreja, tinha espaço para se assarem ao mesmo tempo oito bois inteiros.

D. Pedro quedou-se impressionado.

Fumegavam já immensos caldeirões de onde sahia um cheiro evidentemente de tentação diabolica, a que todo o relicario em pezo não saberia resistir.

— Não vos admireis de tanto comer — disse o abbade a desculpar a ordem.

«Somos actualmente mil frades!»

---

as narrativas semsaboronas de meia duzia de *in-folios*, rabiscados por quatro frades milagreiros, tolos ou velhacos.»

Alexandre Herculano, *Monge de Cister*, 2.º vol. Nota final.

Eis como acabou a livraria de Alcobaça, pela extincção dos conventos em 1834, tendo o fim mais justo e proprio, para não continuar pesando sobre a estupidez nacional:

«Expulsos os frades, o convento ficou abandonado, entregue á direcção dos habitantes da villa que o pozéram a saque...

A livraria foi roubada de um modo escandaloso. Os livros que escaparam ao reubo desintelligente, que não tinha outro fim senão rasgar e aproveitar as folhas em embrulhos de tendas, foram transportados em carros para o porto de S. Martinho, onde embarcaram para Lisboa. Os carros foram semeiando de livros e manuscriptos a estrada. Os rapazes apanhavam-n'os, rasgavam-n'os, e faziam barcos e chapeus de papel com as preciosas folhas dos livros raros do convento.»

Pinheiro Chagas, *Diccionario Popular*.

«E sustentamos tanta creancinha, no geral nossos afilhados, nossos protegidos!»

«Veem aqui acompanhadas pelas mães, que tambem piedosamente provemos de alimento corporal e espiritual!»

«A nossa caridade é inexgotavel.»

«E mais efficaz seria ainda o que fazemos se os maus conselheiros de vosso pae...»

D. Pedro confirmou novamente a promessa.

— Assim que eu fôr rei...

— Tenho a vossa palavra!

«Mas é tempo de completar a minha hospitalidade.»

«Desejo que partilheis as minhas pobres sôpas.»

«Voltemos á nossa cella, onde terei a honra de vos offerecer do meu pobre jantar.»

CAPITULO CXIV

Appetite fradesco

D'ALI a pouco o infante e o abbade comiam com vontade, este por habito, D. Pedro porque lhe abrira o appetite o caminho cortado de ribeiros, cheio de quedas d'agua, fresco de tenras arvores verdejantes, ensombrada por densas alamedas.

— Antes da sôpa molha-se a bôcca — disséra o abbade, convidando o infante a provar o saboroso vinho, forte e adocicado e dôce das suas terras.

Depois convidara-o com outra sentença:

— Depois da sôpa molha-se a bôcca.

E assim, valendo-se sempre de sentenças, ia incitando-o a acompanhal-o.

Era ali, a essa mesa bem servida, que o infante comprehendia a grandeza da instituição fradesca, a importancia, o poder dos monges de Alcobaça.

A cosinha que ao seu espirito justiceiro parecia um insulto á miseria dos camponezes explorados pela indolencia d'esses mil comilões, afigurava-se-lhe agora um justo monumento erguido á impreterivel necessidade de comer bem.

Comparava mentalmente a alterosa chaminé erguida como uma affirmação da mais alta funcção dos conventos «comer» e já lhe parecia que a livraria nunca poderia valer a cosinha, e toda a argumentação

dos sabios monges ficaria inferior á habilidade dos irmãos cosinheiros, sabiamente manifestada no jantar.

Sempre tiveram fama os grandes pratos da cosinha fradesca, as suas garrafeiras collossaes.

Mas D. Pedro, apezar das delicias da mesa, não esquecia o motivo que o levára ali.

Já estava satisfeito, mas o abbade continuava a atacar com grande furia as grandes postas de carne assada.

Queria arrancal-o d'ali mas receiava comprometter o bom andamento da causa.

Teve de esperar que elle se saciasse completamente. (1)

— Posso então contar com a sua boa vontade?

— Póde! E agora é que na côrte hão-de vêr o que nós valemos!

O abbade tornara-se violento.

Ameaçava, de punho cerrado.

— Esse dispo do Porto, esses maus conselheiros que nos roubaram hão-de haver se comnosco!

Recebeu o ultimo copo.

Ergueu-se com alguma difficuldade.

— Vamos falar ao nosso douto chronista.

«Elle nos dirá a melhor maneira de sustentar a razão que vos assiste.»

Dirigiram-se á grande sala da livraria.

O abbade mostrou-a com orgulho.

— Veja o que está aqui! E' o nosso thesouro!

«Devia orgulhar-se um reino, tão pequeno como o nosso, de tão grande repositorio do saber.»

Foi explicando-lhe os principaes assumptos.

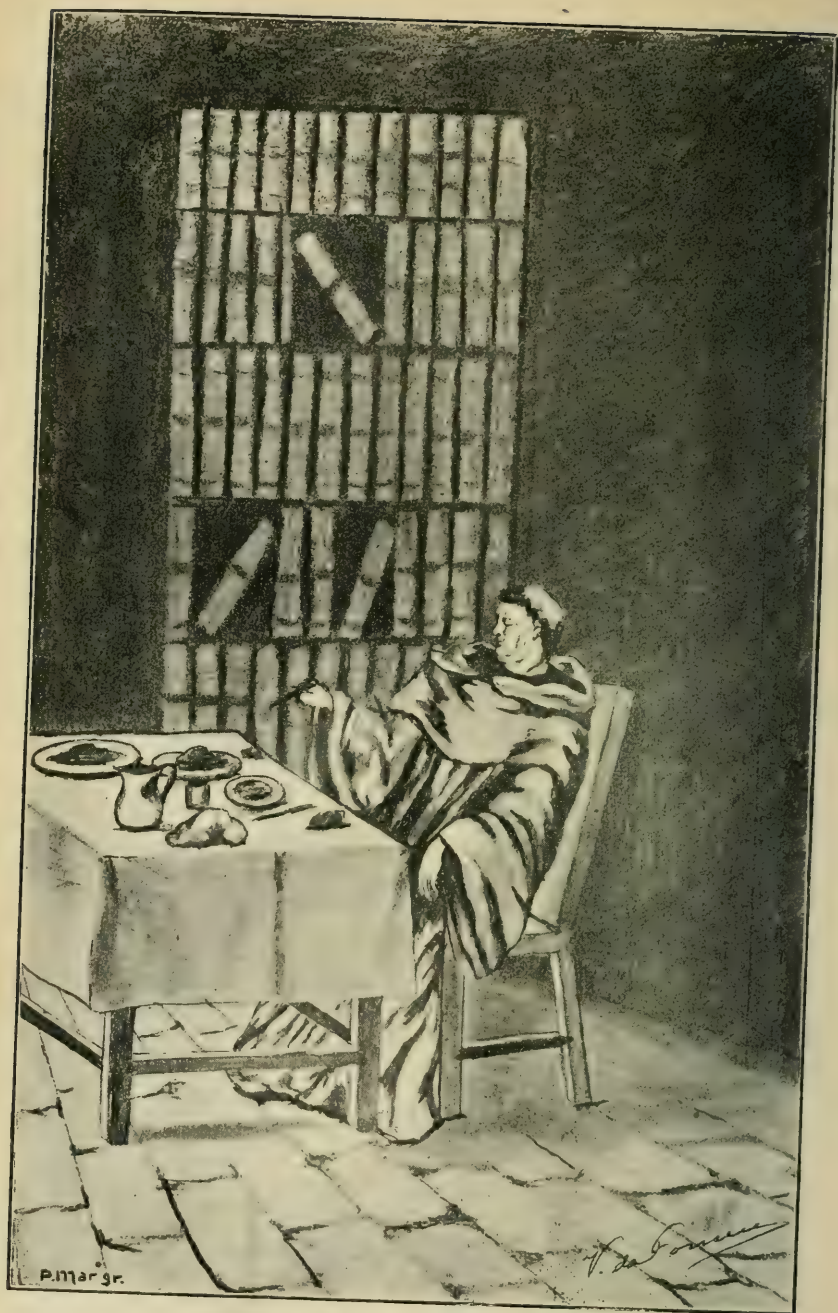
---

(1) Exemplos de frades comilões:

«Fr. João impelliu, com o possante galgar das robustas pernas, a enorme barriga pele escada acima, apparentemente sem grande esforço nem canceira. Era a mais desembaraçada e valente gordura que ainda se desenvolveu debaixo do burel seraphico: não havia ali banha nem toucinho, era tudo musculo tuchado, de febra elastica, potente e cheia de vida: ha gordura assim. Picheis da Bairrada e canastras de Lamego tinham muita parte na construcção d'aquella solida e bem arcada machina que podia servir de modêlo ao Hercules Farnesio.»

Almeida Garrett, *O arco de Sant'Anna*, 1.º vol. pag. 139.

«A fragrancia do verdadeiro jardim menastico. de um bufete vergando sob o peso de substanciosas e picantes iguarias, que acirrára ainda mais o espicaçado apetite de sua reverendiesima, e que o arrebatára n'uma especie de extasis interior, não lhe impedira então valer-se d'aquelle ensejo para inculcar a suas doutrinas de severa austeridade. O estomachal cosido, o succulento assado. as irritantes conservas, os pastellões indigestos, tudo lhe ministrára themas de profundo reflexões ácerca da vaidade e do transitorio das delicias mundanas, transitorio cuja demodstração pratica eram o mastigar e o degutir vertiginoso dos tres reverendos.»

Alexandre Herculano. Monge de Cister, 2.º v. pag. 199.

... entregue a phylosophicas locubrações

— Este grande renque trata da representação do diabo em forma de cágado.

Este outro é a copia das discussões do abalisado concilio de Macon onde se discutiu se a mulher tinha alma.»

— O que? — perguntou D. Pedro surprehendido — Pois havia alguem que duvidasse?

— Só por tres votos de maioria lh'a concederam.

«Mas se lá fosse eu, ou o nosso chronista, não obteria semelhante triumpho!»

O infante recordava o amôr de Ignez e tinha vontade de esmagar o frade.

Elle porém insistia, muito teimoso.

«Grandes padres da egreja pensam como nós a mulher não é egual ao homem, não passa de um animal funesto!»

«Lembrae-vos que foi Eva, a primeira mulher que houve no mundo quem desobedeceu a Deus, arrastando Adão a fazer o mesmo.»

«D'ahi para cá somos successivamente castigados, n'uma perpetuidade de soffrimentos, e tudo porque? Porque Eva comeu uma maçã. Porque nos perdeu uma mulher.»

«Eu creio, a exemplo do nosso chronista, que o diabo, se encarnou no cágado, tambem encarnou na mulher.»

«Por meio d'ella exerce as mais perfidas tentações.»

«Muitos dos santos monges d'esta casa teem sido victimas d'esse diabolico artificio! (1)

D. Pedro afastou-se, para não se exaltar.

— Mandae chamar o irmão chronista.

O abbade foi cumprir a ordem.

D'ali a pouco entrava a grande luz de Alcobaça.

— Desculpae, senhor, se não corri a saudar-vos, mal chegasteis.

Estava porém na minha pobre cella, entregue a phylosophicas locubrações.

Com essas meditações profundas disfarçava os lautos banquetes em que se refastelava á sua vontade, emquanto os outros no refeitorio comiam em commum.

---

(1) «....................... aqui tem
Os clerigos todos mui largas pousadas,
E mantem as regras das vidas casadas.
D'esta antiguidade procedem tambem,
Sem serem culpados,
Por que são leis de antigos fados,
Cousa na terra já determinada,
Que os sacerdotes que não tem ninhada
De clerigosinhos são excommungados.»

Gil Vicente, *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra.*

Era depois de jantar bem que se sentia verdadeiramente inspirado, dedicando se então ás obras de vehemente polemica, tornando se o implacavel açoute da heresia, o terrivel adversario de Satanaz, na phrase conceituosa do D. Abbade.

— O senhor infante — disse-lhe o superior — quer encarregar-te de sustentar a legalidade do seu casamento, e a legitimidade dos seus filhos, á face da erudição que possues como ninguem.

«Queres encarregar-te d'isso?»

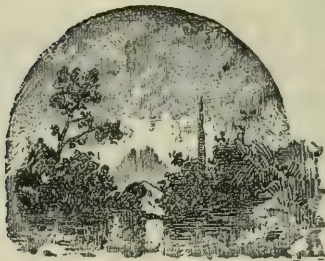
«Terás provavelmente como competidor o bispo do Porto.»

«Não receiaes terçar armas com elle?»

O chronista respondeu dogmaticamente:

— A soberba é cousa propria dos demonios e das mulheres, a luxuria das alimarias e a avaresa dos mercadores, e d'estes todos se faz uma causa espantosa que é o mau clerigo. (1)

«Que posso eu portanto receiar de um mau padre, de um bispo immoral?»

«Queira sua alteza dizer o que pretende, e eu saberei aproveitar em seu proveito tudo o que tantas gerações de sabios accummularem por essas estantes.»

(1) Fr. Bernardo d'Alcobaça *Via Christi.*

CAPITULO CXV

Odio á mulher

infante repetiu ao chronista os aggravos que tinha dos conselheiros do rei.

— Preciso do vosso saber para defeza do meu direito.

«Quero oppor as vossas luzes e a vossa eloquente palavra ás insidias do bispo do Porto.»

«E desde já vos prometto que a recompensa excederá todos os vossos calculos.»

O abbade reforçou as recommendações.

— E' uma questão de brio, uma questão de cavalheirismo, meu irmão.

«Mostremos que os frades de Alçobaça não valem menos que os cavallleiros na defeza de uma dama.»

— Que dizeis? — perguntou o chronista.

— O fundo da questão é o odio de todos esses homens a D. Ignez de Castro, á mulher mais formosa de todas as Hespanhas — continuou o abbade.

«Que melhor assumpto para quem tão galhardamente sabe fazer da penna uma invencivel lança?»

— Perdão, eminentissimo senhor, desculpae, D. Pedro, mas se o meu encargo é defender uma mulher, declaro que não me atrevo...

— Receaes o bispo? — perguntou o abbade.

— Penso em fazel-o substituir por vós — declarou o infante.

Isto animou o interesseiro frade.

Mas não querendo perder o insejo de apparentar erudição, presistiu na sua attitude.

— Defender uma mulher?

«Nunca!»

«A mulher é Satanás de saias, a causa do peccado original, a perdição da nossa alma, a inquietação de toda a nossa vida.»

D. Pedro estremeceu.

Olhou inquieto o abbade.

Mas este, que conhecia as manhas oratorias do seu frade, seguia cheio de orgulhosa anciedade o rasgo de oratoria em que o via librar-se.

— Estou com os padres da Egreja! — proseguiu o chronista, em estylo de sermão.

E deitando a mão ás estantes começou a tirar enormes livros que apavoraram o infante.

— Mas não é d'isto que se trata — disse D. Pedro mostrando-se impaciente.

— Deixae-o, senhor! — pediu o abbade.

«Em elle commeçando a deitar livraria a baixo!... nem o bispo do Porto nem todos os bispos do mundo são capazes de lhe passar a diante!»

E quedou-se a admiral-o.

— Eu nunca avanço uma proposição — tornou o frade, abrindo um livro — nunca faço a menor affirmação sem ter a certeza de que me baseio n'uma auctoridade!

«Chronista d'esta ordem, encarregado de escrever a historia do nosso D. Abbade, dos seus antecessores, a de vosso pae e a da vossa, (1) péso bem as palavras que cahem de minha penna ou sahem dos meus labios.»

«Para a verdadeira religião a mulher é um sêr despresivel.»

«Ouvi, senhor, o que diz aqui um abalisado padre, n'este monumental livro Satisfação de aggravos e confusões de vingativos.»

E começou a lêr pomposamente:

«Que mortes, que ruinas, que penas, que trabalhos, que perdas de honra e vida e fazendas não tem succedido muitas vezes por causa das

---

(1) «A monopolisação da historia foi uma das prerogativas da dictadura acaudilhada pelo Santo Officio; impossibilitados os homens livres de escreverem ao sabor da sua intelligencia, o rei nomeava quem havia de inventar a sua historia e aconteava-o, por isso, de maneira que o historiador era homem da sua obrigação, e nada mais.

«Depois tomando os frades de S. Bernardo esse encargo, não se limitaram a inventar chronicas para lisongear o rei, inventaram fabulas para admirar o povo e para accresceetár a riqueza nas suas terras, taes foram os Britos, taes são muitas vezes, os Brandões, fazendo-se echo de lendas que ao seu talento inquestionavel, deviam repugnar e antes eram impostas pelo habito que vestiam, pelos interesses pessoaes, sempre acima de tudo nos animos mesquinhos.»

Ayres de Sá, *Gonçalo Velho*, v. 1.º pag. XXII.

mulheres, o certo é que o diabo não se atrevendo por si só a accometter a Adão, para alcançar a victoria, que tanto desejava, tomou por meio a Eva, e com estar (Adão) tão fortalecido com a primeira graça e avisado pelo mesmo Deus, sem conselheiros que lhe persuadissem o contrario do que o Senhor lhe tinha dito, e seus inimigos interiores que o induzissem a se perder, pois todos os seus apetites estavamos sugeitos á razão, e com estar armado com a justiça original, comtudo poude tanto uma mulher, que o venceu e com a sua desobediencia se abrio a porta e todos os males que hoje experimentam-os.»

D. Pedro não poude conter-se:

— Não vim aqui ouvir asneiras que me indignam!

«Acabae com a leitura d'esse maldito livro, ou rasgo-o em pedaços!»

— Senhor! — disse o chronista, tomando uma attitude grave — Discordaes?

«Quereis recusar a authoridade a este?»

«Sabei então que o concilio de Màcon discutiu se a mulher tinha alma, e só depois de largo debate é que declarou que a tinha, mas isto só por uma maioria de trez votos!»

«Aos vencidas ficou da mesma forma a convicção de que ella não passa de um animal, mas de um animal malefico.»

— Os hypocritas a que vos referis são como fr. Thomaz, atacavam a mulher mas viviam com ella em peccado!

«Conheço-os bem! Conheço-os bem.»

— Senhor! — insistiu o chronista com applauso do abbade que se deliciava com uma polemicasinha depois de jantar — Censuraes os maiores santos, as mais solidas columnas da egreja!

«Foi S. Gregorio quem negou á mulher a capacidade de praticar o bem! São Cypriano considera o silvo do basilisco, d'esse immundo reptil cujo olhar dá a morte, e que pode matar-se a si proprio se accaso se vê a um espelho, esse grito horrivel que prenuncia o fim de quem ouve, como preferivel ao canto da mulher.»

— Deixae-vos de historias – protestou D. Pedro.

«Guardae para vós tanta sabedoria.»

«Nada d'isso me impressiona.»

«Sei muito bem que os engeitados que pululam em torno aos conventos (1) não são filhos de basiliscos nem de outros monstros, mas de mulheres que os santos monges não acharam de todo desagradaveis.»

---

(1) «Estes dizem juntamente
Nos livros aqui allegados:
Se filhos haver não pódes,
Nem filhas por teus peccados,
Cria d'essas engeitadas,
Filhos de clerigos pobres.»

Palavras de um frade no *Anto de Mofina Mendes*, de Gil Vicente

«Vós mesmo, os frades de Alcobaça, não vos livraes da fama de serdes os felizes progenitores da população que vos rodeia.»

«Esse maldito bispo que me hostiliza vive escandalosamente no Porto, como um sultão n'um serralho.»

«O prior Alvaro Gonçalves Pereira, tambem meu adversario tem trinta e dois filhos.»

«Se procedem assim que me importa que falem de outra forma?»

— Senhor! Offendei-vos sem razão!

«Apenas refiro opiniões.»

«Não vos disse qual é a minha.»

«Nas citações que vos tenho feito quero mostrar-vos a magnitude do assumpto.»

«O bispo do Porto pode argumentar com ellas contra vós.»

«E como podesteis suppôr que me apaixonava e me declarava sem razão, vou citar-vos santos de muita mais fé do que estes.»

«Tende paciencia, ouvi-me um pouco mais.»

CAPITULO CXVI

As reliquias

ERA a custo que D. Pedro ouvia a pretenciosa exposição fradesca.

— Acabae-me depressa esse odioso aranzel.

— Pouco me demorarei.

«Sabei porém que Santo Eusebio affirma que a mulher é o dardo do diabo!»

«São Boaventura chama-lhe o escorpião, sempre prompto a picar.»

«São Jeronymo vae mais longe ainda.»

«A classificação que lhe merece é de porta do demo, caminho da iniquidade.»

«Podeis desconhecer a virtude de tão grandes santos.»

«Mas tenho para vos citar mais e melhor.»

— Fazeis ao senhor infante a injustiça de pensar que elle ignora a vida do nosso glorioso São Jeronymo — disse o abbade.

— Eu sei que sua alteza é muito religioso e temente a Deus — explicou o chronista.

«Nada mais simples porém, do que ignorar as virtudes de alguns.»

«Sou as que estou fazendo realçar agora, arrancando umas ao pó dos archivos, recebendo de Deus a revelação de outras de que não ficou o menor traço.»

E dirigindo-se ao infante:

— Estou escrevendo as vidas de tão santas creaturas cujas reliquias existem na nossa capella. (1)

«São dos mais illustres servos de Deus.»

«Depois, com descanso hei-de relatar-vos os seus mais extraordinarios milagres.»

«Agora só vos direi a opinião de alguns mais conhecidas que vos garantirão a sinceridade do meu pensar.»

«São João Chrysostomo – do alto da sua immensa fama — diz que a mulher é a causa do mal, a auctora do peccado, a porta do inferno, a fatalidade das nossas miserias.»

São João Damasceno é ainda o mais vigoroso, é ainda mais elevado no seu conceito.»

«Para elle a mulher é a burrica manhosa, a tenia hedionda, a filha da mentira, a inimiga jurada da paz.»

«E Santo Antonio, o nosso glorioso Santo Antonio, chama á mulher a cabeça do crime, a arma do diabo, e compara a sua voz ao silvo da serpente.»

E fechando os livros com estrondo.

— Eis, senhor, a opinião dos mais gloriosos santos, das mais fortes columnas da egreja.

«Mas para vos servir esquecel-as-hei.»

«Avaliae por aqui o que tenho de argumentar, o que preciso trabalhar para poder valer-me de opiniões abalisadas a favôr da situação em que estaes para com D. Ignez de Castro.»

«Em vista d'isto espero que saibais recompensar-me, e ser amigo e protector da nossa ordem, tão perseguida por el-rei vosso pae.»

---

(1) «A industria religiosa das reliquias é antiga.

Por exemplo, em 1041 Hardicaunto mandou comprar a Roma um braço de Santo Agostinho que lhe custou 100 *talentos* de prata e um de ouro.

O grão mestre dos Templarios enviou ao rei Henrique III de Inglaterra um frasco de sangue de Jesus Christo.

O triumpho da protestatismo encerrando os conventos e expulsando os frades trouxe uma grande depreciação ao mercado.

Um pedaço do pollegar de Santo André, empenhado por um mosteiro, pela quantia de 40 libras sterlinas, não foi resgatado, ficando, por isso em poder dos crêdores.

Na abbadia de Santo Agostinho, em Bristol, appareceram as seguintes relquias:

Duas flores que não tinham botões senão no dia de Natal; a tunica de Jesus Christo, a camisa da Virgem, alguns restos da Ceia dos apostolos, um fragmento d'uma pedra sobre a qual se sentára Jssus Christo em Betheleem, etc., etc.

Henrique Estienne; fala d'um monge de Santo Antonio, que viu em Jerusalem uma cellecção bem extrenha de reliquias;

Um pedaço do pollegar do Espirito Santo; a bocca do seraphim que appareceu a S. Francisco, uma das unhas d'um cherubim, uma das costellas do Verbo; muitos raios da estrella que guiára os reis Magos, etc., etc.

— Antes de tudo uma explicação sobre um ponto de que não pareceis informado — disse D. Pedro.

«Começae por estabelecer que sou legitimamente casado com Ignez de Castro.»

«Meus trez filhos, D. João, D. Diniz e D. Beatriz, são portanto meus herdeiros legitimos.» (1)

«E' isto principalmente o que tendes de affirmar, como fundamento essencial de tudo o mais.»

«A maneira de conduzir a discussão, de escolher os argumentos, fica á vossa responsabilidade.»

«Apenas citarão contra mim a falta da méra formalidade da dispensa do pontifice.»

«Mas em consciencia entendi que esse pedaço de pergaminho não me fazia falta nenhuma.»

«Fr. Gil Cabral, o virtuoso deão da Sé da Guarda, pensou como eu.»

«Não teve duvida em casar-me.»

«Na consciencia não lhe ficou pesando o menor escrupulo.»

«Tenho sido bem feliz, apezar d'isso.»

«O amôr de Ignez, o carinho de meus filhos, faz-me dispensar as letras apostolicas.»

«Quem póde illudir-se ácerca do valor de tal documento?»

«Tomára Roma obter a absolvição dos seus peccados, quanto mais obsolver os outros!» (2)

«Demais o peccado de Ignez é insignificante.»

«Querem considerar impedimento o ter ella sido madrinha de baptismo de um filho meu.»

«Ignez havia porém feito rezerva mental.»

«E o caso não passou de uma armadilha.»

«O convite não recebeu a minha auctorisação.»

---

(1) Hoje não resta a menor duvida que D. Pedro casou com Ignez de Castro, Provam-o os documentos citados e os que havemos de referir no decurso d'esta obra.

Eis mais um testemunho, muito proximo da epoca:

«Casou outra vez... D. Pedro com a infanta D. Ignez, filha de D. Pedro de Castro, e fez em ella o infante D. João, o infante D. Diniz, e a infanta D. Beatriz.» *Livro das Linhagens*, *Portugaliae Monumenta Historica* v. 1.º, *Scriptores*.

(2) «O' Roma, sempre vi lá
Que matas peccados cá,
E deixas viver os teus.
E não te corras de mim:
Mas com teu poder fecundo
Absolves a todo o mundo
E não te lembras de ti,
Nem vês que te vas ao fundo.»
Gil Vicente, *Auto da Feira*

«Na egreja oppuz-me á consumação do acto com todas as minhas forças.»

«O que está nullo, portanto, não é o casamento, mas esse baptismo a que tanta importancia querem dar.»

«Dizei-me sinceramente.»

«Tendes receio de argumentar n'este terreno, com o bispo do Porto e o priôr D. Alvaro, contra a dispensa do papa e o alcance do poder de Roma?»

— Não terei a menor duvida! — declarou o chronista.

«E sabeis porque?»

«Porque serão a meu favôr todas as reliquias dos santos de que me occupo.»

«A sua protecção tornar-me-ha invulneravel.»

«Deixae-me contar-vos alguns dos seus milagres, e a vossa confiança n'esta causa e nos meus esforços será completa.»

CAPITULO CXVII

Fabricante de milagres

CADA vez mais satisfeito pela impressão que julgava ter produzido em D. Pedro, o abbade antegozava agora o prazer de ouvir as novas invenções com que o escandecido cerebro do chronista teria procurado valorisar as lascas de osso, os farrapos de panno, as mechas de cabello do relicario.

— Senhor — disse pomposamente o frade sabio — temos lá em baixo uma reliquia de São Julião que só de uma vez curou dez leprosos!

— Não será inventar de mais? — perguntou em voz baixa, um pouco receioso o abbade.

— A Deus nada é impossivel.

«Podia ter escripto aqui cem leprosas, se me parecesse.»

«Julgaes que a misericordia divina não seria capaz de tal?»

«Sabei que precisamos impôr ao povo o credito dos nossos santos, da nossa egreja, porque não faltam impios que nos guerreiem.»

«A nossa ordem é vista com inveja.»

«Esta prosperidade, signal de protecção de Deus, torna-se perigosa pelos que procuram minar a nossa influencia.»

— Não os receio — retorquiu o abbade.

E dirigiu-se ao infante:

— A preferencia com que nos distinguiste exalta a vossa fé, e ao mesmo tempo mostra aos nossos inimigos como as pessoas honradas reconhecem as nossas virtudes.

«Frades jogadores, interesseiros e devassos, bispos sem tomer de Deus, gente vaidosa e prejudicial, guerreia os abbades de Alcobaça e forja contra nós accusações e qneixas. (1)»

«Mas vós conheceis-nos o bastante para nos confiardes a defeza de uma tão importante causa.»

— Descançae — disse o infante — Quando me dirigi a este mosteiro jà tinha formado a vosso respeito a melhor oppinião.

— Deixae-me proseguir a historia do meu santo — interveiu, interrompendo-os, o chronista.

«Certamente não deixareis de comtemplar-nos com uma avultada esmola para o seu culto.»

Os olhos do abbade brilharam de cubiça.

— Da melhor vontade — declarou D. Pedro — Nem preciso para isso ouvir mais provas...

Queria esquivar-se á enfadonha repetição das burlescas patranhas inventadas pelos santos monges, depois do jantar.

— Por Deus! Não acceitarei a dispensa que a vossa generosidade me queria conceder.

«Proseguirei embora me fatigue.»

«Não quero privar-vos de uma narrativa tão agradavel para a vossa fé.»

«Este São Julião fez resuscitar um morto, transformou n'um banho agradavel a caldeira de azeite a ferver em que o metteram, domou as féras que lhe soltaram, applacou as chamas da fogueira destinada a consumil-o, e quando por fim o mandaram degolar, tomou a propria cabeça em suas bentas mãos, e n'um assombro levou-a religiosamente aos labios e beijou-a!»

---

(1) «Frades virão vinte e sete.
Que vem de furtar melões.»

Gil Vicente *Auto pastoril portuguez*.

«A's vezes vendo virotes,
E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia,
E joguem té os pelotes.»

... .

«Vê que clerigos e frades
Já não teem ao ceo respeito
Mingua-lhes as santidades
E cresce-lhes o proveito.»

Gil Vicente, *Auto da Feira*.

«Referi este para não vos falar de outros milagres de menos conta.»

«Por exemplo, Santo Antonio desceu um dia do seu altar para ir apanhar um burro fugido a um pobre velho; a alma de Santa Julia fugiu-lhe pela bôcca em forma de pomba; enxames de abelhas entraram na bôcca de Santa Ritta, de Santo Isidoro e de Santo Ambrosio, a sorver-lhe o mel da eloquencia, e não lhes fizeram o menor mal.»

«Mas algum d'estes póde rivalisar com o nosso São Julião?»

«Por isso as suas reliquias engrandecem a nossa modesta casa; por isso lhe tributamos um culto especial.»

— Esperamo-vos aqui para a sua festa — disse o abbade ao infante.

«Desejamos tambem receber n'esse dia a senhora D. Ignez de Castro.»

«Havemos de fazer-vos recepeção condigna, que será o publico reconhecimento da legalidade do vosso matrimonio.»

— Tambem possuimos a peneira que Santa Germana, offendida por uns camponezes que lhe partiram a bilha com que ia á fonte, encheu de agua sem deixar cahir uma gota!

«Como sabeis Santo Antão, São Benedicto, São Clemente, São Donato, São Dunstan, São Firmato, São Florus, São Francisco de Paula, São Fursio, Santa Gertrudes, Santo Izidro, São Lugo, São Simão, São Thiago, Santo Ursos, São Vinebaldo fizeram brotar agua de terrenos seccos, de rochedos, tocando-os com as mãos, e com os baculos.»

«Mas nós temos reliquias de santos mais milagrosos ainda, como Santo Alberto, São Gencio, Santa Martha, São Vasto e outros que transformam a agua em vinho, o que é muito mais agradavel.»

«Quero porém referir-vos o milagre que se deu commigo, mercê de uma reliquia que sempre trago.»

«Em creança, sendo menino do côro, fugi de um conego maldoso que me queria bater, e saltando do mais alto da torre da egreja, como se o anjo da guarda me emprestasse as suas azas, fui parar a um convento de freiras!» (1)

— Bem — disse D. Pedro querendo atalhar a loquacidade do chronista — Vejo que concorrem em vós todas as qualidades necessarias para advogar a minha causa.»

«Deixo-vos com que accender o vosso zêlo, e espero que em breve prepareis o assumpto por forma a poder ser exposto a el-rei meu pae.»

---

(1) «... fugindo acima de uma d'ellas (*torres*) um menino do Coro a quem o mestre queria castigar, e arremeçando-se para fóra da mais alta sineira, o apanhou o vento pela opa vermelha, e o foi pôr sobre o telhado do convento das Freiras da Esperança, distancia de muito mais de tres largas ruas, sem receber damno algum e foi depois um bom Ecclesiastico.» Padre Cordeiro, Historia Insulana, l. 6.º cap. 11.

«E quando poderdes ir á côrte mandar-vos hei acompanhar como a um principe. . . »

— Não, alteza. Eu sou um modesto obreiro.

«Não saio d'aqui.»

«O nosso D. Abbade é que procurará vosso pae, munido dos elementos que o meu labôr compilará.»

— Para mim è o mesmo — retorquiu D. Pedro.

«O essencial è que o faças depressa.»

Então os tres abandonaram a livraria, e foram merendar para esses enormes claustros, onde os frades digeriam, recreando se na sua bonacheirona indolencia.

CAPITULO CXVIII

Odio de familia?

QUANDO Luiz Freire soube do duello, correu a procurar o pae.

Foi abraçal-o ao campo da lide.

Mas o desenlace das suas velhas questões com Diogo Lopes Pacheco faziam-o estremecer.

«Como poderia continuar amando Violante depois de semelhante desintelligencia.

Debatia-se na mais torturante duvida.

O seu orgulho de cavalleiro obrigava-o a tomar o partido do pae, a hostilisar os Pachecos e os seus.

«Mas tinha assim que renunciar para sempre a esse amôr que constituia a maior esperança da sua vida.»

Eram de uso n'esse tempo os odios de familias que se perpetuavam n'uma serie de vinganças brutaes, cuja narrativa enchia os nobiliarios, os livros de linhagem de fidalguia, gottejantes de sangue, ennodoados de traições, de infamias, de cobardias.

«E havia de procurar a alliança d'essa familia que tudo lhe mandava abominar?»

Ao começo receiára que o pae, conhecendo a sua terna aventura, o fulminasse com acerbas condemnações.

Mas D. Nuno Freire de Andrade nada sabia.

E como partiu para Coimbra a procurar o infante, nada lhe disseram que o podesse pôr ao corrente de semelhante ligação.

Luiz Freire ficou em Lisboa.

Todo o seu empenho era pôr-se em relações com elle, saber o que se havia passado, protestar-lhe a lealdade da sua fé, e prometter-lhe que apezar de tudo não a abandonaria.

«Mas como procederia ella?»

A incerteza amargurava-o.

«Não se transformaria em frieza o calor das suas palavras o amôr jurado ha pouco?»

«Não faria Violante em vista d'esse aggravo, causa commum com os seus?»

«Precisava saber tudo isto.»

«Mas como conseguira ter noticias d'ella?»

Pensou em servir-se d'algum creado.

Mas esse expediente usual em occasiões normaes não daria resultado agora.

«Os servos de Pacheco estariam certamente contra elle e contra os seus».

Lembrou-se então de appellar para um frade, que a troco de algum dinheiro se prestasse a levar-lhe um recado.

Mercê da facilidade com que entravam em toda a parte, só elles o poderiam servir.

Disfarçou-se, embrulhou-se n'uma capa, e dirigiu-se a uma taberna onde havia sempre homens d'armas e monges em abundancia, misturados amigavelmente, fraternisando na libação.

E Luiz Freire sabia bem que a dedicação d'esses soldados e a acção tão util d'esses frades se obtinha a troco de dinheiro. (1)

Entrou, sentou-se, pediu de comer, e poz-se a observar os que ali estavam, até vêr qual podia inspirar mais respeito, mercê da gravidade da apparencia.

---

(1) «MERCADOR—Alto, Tempo, aparelhar
Porque Roma vem á feira
DIABO—Quero-me eu concertar
Porque lhe sei a maneira
De seu vender e comprar.»

Auto da Feira, Gil Vicente.

«Mas o que deseja
Ser bispo, e portanto prega mui modesto,
Calando e cobrindo o mal manifesto,
Não é preg-dor da Santa Egreja,
Mas ladrão honesto.»

Gil Vicente, *Auto da Historia de Deus.*

Estavam porém todos em attitudes descompostas, bebendo e jogando livremente.

Depois de se demorar algum tempo entrou um de faces macilentas, olhos baixos, um ar seraphico.

Luiz Freire ergueu-se e foi beijar-lhe a mão.

— Fazeis-me a graça, irmão — pediu-lhe delicadamente — de me attenderdes por um pouco!

O frade seguiu-o e sentou-se á meza sem se fazer rogar radiante de satisfação.

E logo a physionomia se illuminou, ao cheiro do comer e á côr do vinho.

E como se lhe cahisse uma mascara desfez-se-lhe a expressão de soffrimento, o olhar desanimado, a face descahida.

O cavalleiro não gostou da transformação.

Mas vendo que não tinha muito por onde escolher, decidiu-se a falar-lhe:

— Pareceis-me pobre, irmão?

— E sou, porque presto culto á virtude!

— Outros porém são ricos nas egrejas e nos mosteiros em que estadeiam as suas sedas, o seu grande apparato, emquanto vós andaes com esse velho habito.

— Que quereis? — respondeu elle, n'uma doçura estudada—São maus os tempos para quem é puro.

«Eu desejo porém ser como os antigos monges, pobres e simples que mais agradavam a Deus! (1)

— Pois como me compadeço do vosso infortunio, e desejo proteger um santo cenobita como vós quero dar-vos esmola para comprardes um habito novo.

— Deus vos pagará cento por cento do bem que me fazeis, na bemaventurança.

Estendeu a mão para receber.

— Espero porém que me presteis um pequeno serviço — declarou Luiz Freire d'Andrade.

— Sou todo vosso — respondeu o frade, recolhendo a mão.

---

(1) A' feira, igrejas, mosteiros
Pastores de almas, papas adormidos;
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores
Feirae o carão que trazeis dourado;
O' presidente do cruxificado,
Lembrae-vos da vida dos santos pastores
Do tempo passado.»

Gil Vicente *Auto da Feira.*

«Dizei em que vos posso ser util.»

— Trata-se de ir a casa de um ferido.»

— Prestar os soccorros espirituaes?

— Sim. Mas não ao doente, mas á filha, que eu, por causa do desgosto de toda essa familia não posso ir visitar.

— Com que intenção? — perguntou o frade tomando um ar austero.

— E' a minha namorada — respondeu naturalmente, sabendo que o seu interlocutôr só podia simular interesseiros escrupulos.

— Então que vos attreveis a propôr-me?

— Que entreis n'essa casa, e lhe digaes que desejo saber noticias suas.

— E' para o bom fim?

«Acabarão na egreja essas peccaminosas relações?»

— Sim, Violante é minha noiva.

«Podeis pôr de parte todas as duvidas, porque se trouxerdes uma bôa resposta hei-de saber recompensar-vos.»

— Perfeitamente — respondeu o frade.

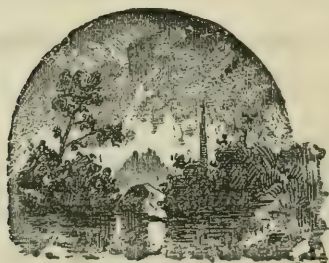
«E quando precisaes...»

— Ha-de ser já.

«Esperar-vos-hei aqui.»

«Depois vireis comer, mais á vontade — disse Luiz Freire receiando que o frade, comendo e bebendo, não ficasse em estado de desempenhar bem a commissão.»

— Explicae-me então o que tenho a fazer — disse o monge lançando um olhar de saudade aos pratos e ao cangirão.

O cavalleiro, depois de expôr o que necessitava, sahiu com elle, para o guiar até casa de Diogo Lopes, d'onde voltou á taberna a esperar.

CAPITULO CXIX

O santo peregrino

O frade bateu á porta brandamente, e, abençoando primeiro o creado, pediu licença para informar-se da saude do senhor Diogo Lopes Pacheco.

Levado á presença da mulher do valido, perguntou-lhe urbanamente por todos os presentes, e lançou olhares curiosos em procura da filha.

Como não visse Violante quiz saber se tambem estava doente.

A mulher respondeu-lhe, naturalmente, que ella se encontrava em casa do avô.

Era o que desejava saber.

Mas para justificar a sua presença ali, offereceu os soccorros espirituaes.

«Podia ouvir de confissão o doente.»

«Desejava rezar junto do seu leito de dôr algumas orações, de uma efficacia reconhecida.»

E por fim offereceu tocar Diogo Lopes com uma reliquia muito milagrosa que trazia ao peito.

A dona da casa agradeceu delicadamente.

«Não queria porém acordar o marido.»

«O physico mandára-o repousar.»

«Como perdera na lucta muito sangue, qualquer perturbação far-lhe-ia mal.»

Terminou dando-lhe, sem vontade alguma, dinheiro, maneira delicada de o despedir.

— Desculpae a insignificancia da esmola.

«Mas já tem vindo cá hoje tantos padres!»

Dezenas d'elles, com o mesmo intuito interesseiro, tinham ido offerecer os seus serviços espirituaes. (1)

O monge retirou, agradecendo a dádiva, e dirigiu-se appressadamente á taberna, onde o esperava o mysterioso cavalleiro com a succulenta ceia e a generosa paga.

Luiz Freire esperava-o impaciente.

— Então?

— Senhor, está em casa de Lopo Fernandes Pacheco a donzella que procuraes.

— O que? pois ainda não foi vêr o pae?

— E' a informação que pude obter.

— Tens de ir lá.

— Quereis que offereça de novo os meus serviços espirituaes, a minha reliquia?

E o frade começou a contar os meios de que usara para entrar em caza do ministro de Affonso IV.

Mas no receio de que o cavalleiro o forçasse novamente a sahir, poz-se a devorar com o maior appetite.

Luiz Freire ficou pensativo.

«De que maneira poderia o frade entrar em caza de Lopo Fernandes Pacheco?»

«Sob que pretexto havia de ir falar á neta do velho fidalgo, tão difficil de cair em estratagemas?»

Ignorava o que se passára com Violante.

Mas bem sabia as precauções de que ella costumava rodeiar-se para lhe ir fallar.

— E's capaz de nova prova de habilidade? — perguntou ao monge no fim de algum tempo.

— Se sou! — respondeu este, já muito bem disposto.

---

(1) FRADE—Somos mais frades que a terra
Sem conto na christandade,
Sem servirmos nunca em guerra
E haviam mister refundidos
Ao menos tres partes d'elles
Em leigos, e arnezes n'elles
E mui bem apercebidos
E então a mouros com elles.

Gil Vicente, *Fragoa d'Amor.*

«Habilidade, eloquencia, finura e manha não me faltam, graças a Deus Nosso Senhor! (1)

— Pois então irás disfarçado em peregrino, mostrando-te cançado, pedir pousada a caza do velho Pacheco.

«Elle é muito religioso.»

«Não deixará de attender-te.»

«O resto depende da astucia que quizeres pôr em pratica, e da vontade que tiveres de ganhar um habito novo.»

— Esse já o obtive servindo-vos lealmente ao ir a casa de Diogo Lopes.

«Mas tenho a certeza do que a vossa generosidade achará novas maneiras de compensar o servo do Senhor!

— Não te arrependerás de me ajudar.

«Mas é preciso que me sirvas bem.»

— Explicae-me tudo o que tenho a fazer.

— Dirás a Violante que desejo ter noticias suas.

«E pedir-lhe-has, que, a todo o custo, para caso de maior urgencia, arranje maneira de me fallar.»

«Tenho tanto que lhe dizer!»

«Pinta-lhe a minha anciedade!»

«Faz-lhe ver os esforços que tenho empregado para saber noticias d'ella!»

— De tudo lhe darei conta.

«Apezar de frade, a despeito do que me impõe a regra, tambem comprehendo o que é o amôr!» (1)

---

(1) DIABO—Se me vem comprar qualquer
Clerigo, leigo ou frade
Falsas manhas de viver,
Muito por sua vontade;
Senhor, que lh'hei-de fazer?
E se o que quer bispar
Ha mister hypocrisia,
E com ella quer caçar;
Tendo eu tanta em porfia,
Porque lh'a-hei-de negar?
E se uma doce freira
Vem á feira
Por comprar um inguento,
Com que vôe do convento;
Senhor, inda que eu não queira,
Lhe hei-de dar aviamento.

Auto da Feira, Gil Vicente.

(2) PAGEM—Este fraile que aqui viene
De amores enlouqueció
FRADE—Eu sou o frade d'Aveiro
Que casou cá no Cartaxo

«Sei como ferem os olhos das mulheres formosas, por onde Cupido despede as frechas dos feitiços.»

«O habito não pode encobrir, não póde esfriar de todo o meu sensivel coração.»

«Por isso ando a penar por este mundo!»

«Por isso afogo em vinho, procuro esquecer na embriaguez, as cruciantes dores do meu soffrer!»

Luiz Freire receiou muito d'esse enternecimento.

— Dar-me-has o teu habito.

«Irei assim disfarçado até junto da casa, e esperarei sob as janellas qualquer resposta.»

«E tu vae arranjar, para te apresentares a Lopo Fernandes, um chapeo e um bordão de peregrino.»

— Então hei-de offerecer de novo a reliquia?

— Sim. Diz que a trazes de Jerusalem.

«Inventa o que te parecer melhor.»

O frade sentiu-se tocado pelo arrependimento.

— Lá vae mais um pecado!

«Que Deus Nosss Senhor se compadeça de mim!»

Com a mulher do moleiro
. . . .
Não que busco outro francelho
Para tomar a cachopa
Que me mordeu no artelho.
. . . .
Rapazes e cães e moços
Hão-de matar fr. Martinho,
Ou roer-me-hão o toutiço.
Por isso é bom ter dois pescoços
Como tem frei Apariço.

Gil Vicente, *Nao de amores.*

CAPITULO CXX

Duplo encargo

FRANQUEARAM-LHE as portas da casa de Lopo Fernandes Pacheco.

O velho era generoso para com toda a parasitagem do habito.

O falso peregrino foi á sua presença.

— Venho de Jerusalem!

«Corri os logares santos!»

«Beijei o tumulo de Crhisto!

«Rojei a face no pó d'esses caminhos pisados pelo martyr do Golgotha!»

«E trago comigo uma valiosa reliquia tocada em todos os preciosos despojos!»

— Deixae-m'a vêr! — pediu religiosamente Lopo Fernandes.

E ajoelharam um em frente do outro, osculando o saquinho de seda que o frade trazia ao peito.

— Agora permittireis que a dê a beijar ás outras pessoas da vossa familia.

«Foi um dos votos que me impuz, para fazer participar a todos os crentes a graça divina.»

«Em seguida rezarei pelas vossas intenções.»

Lopo ficára um momento pensativo.

«Sabei que ha muitos pretendidos frades que levam uma vida dissoluta e são o descredito da religião.» (1)

«Deus me livre de confiar a um tal os meus segredos.»

«Espero porem que sabereis corresponder á minha estima!

— Senhor, esses maus sacerdotes são mais preniciosos do que cem herejes.

«Eu sou virtuoso, por isso o meu trajar é pobre e humilde!»

— Tendes ordens religiosas?

O frade abaixou a cabeça e mostrou-lhe a corôa.

— Sou padre de missa.

— Então procurareis confessar uma desgraçada rapariga, minha neta, que até vergonha tenho de o declarar!

«E' uma alma perdida para Deus e para a familia, transviada do caminho do ceo.»

«Quereis ajudar-me a salval-a?»

— Senhor, é esse o meu dever!

«Disputar victimas a Satanaz é a mais nobre missão das que como eu, sabem que só no ceo existe a felicidade!

— Muito bem. Violante está de cama, com febre, depois de um violento ataque de mau genio.

«Não se mostra disposta a obedecer-me.»

«Perdeu-me de todo o respeito.»

«Mas a vossa palavra deve ser ouvida com acatamento.»

«Intimidae-a com o inferno, falae-lhe dos castigos da outra vida, e

---

(1) FRADE—Senhor Cupido, eu me fundo
Não curar da consciencia.
Aborrece-me a corôa,
O capello e o cordão,
O habito e a feição
E a vespera e a nôa
E a missa e o sermão:
E o sino e o badalo,
E o silencio e a disciplina,
E o frade que vos matina;
No espertador não falo,
Que a todos nos amofina.
Parece-me bem bailar
E andar n'uma folia,
Ir a cada romaria
Com mancebos a folgar:
Isto ê o que eu queria
Parece-me bem jogar
Parece-me bem dizer:
—Vae chamar minha mulher
Que me faça de jantar.»

Gil Vicente *Fragoa d'Amor.*

vêde se a dispondes a entrar n'um convento, unico destino que, depois do que se passou, lhe podemos dar.»

«Não preciso é certo, da sua auctorisação para a fazer entrar na casa de Deus.»

«Mas desejo que vá ao bem.»

«Quero evitar o escandalo, que seria prejudicial para os nossos creditos.»

O frade respondeu com signaes affirmativos.

— Vêde se a ouvis de confissão.

«E' possivel que ella vos revelle o que pretende fazer.»

«Essa indicação seria muito util para mim.»

«Sabeis que sou immensamente rico, e que posso pagar-vos estes serviços a peso de ouro.»

Luziu o olhar do falso peregrino.

Pensou em revelar-lhe tudo.

Mas, reconsiderando, achou melhor falar a Violante, para conhecer bem todos os segredos.

Depois se faria pagar ao mesmo tempo pelo cavalleiro e pelo velho.

— Acceitaes o que vos proponho?

— De mil vontades.

— Lembrae-vos que vos faço uma grande honra encarregando-vos de tal missão.

— Fio-me das vossas palavras.

«Podeis ser um anjo descido do ceo para me valer.»

«Fazei portanto o que vos peço.»

— Deixae-a comigo, deixae-a comigo!

«Lopo Fernandes Pacheco foi com o peregrino, procurar a mulher.»

— Deus enviou-me este santo homem!

«Vae com elle e com as criadas para quarto de Violante rezar por sua intenção.»

«Podemos confiar da sua virtude.»

«Não é dos que vivem em peccado com más mulheres, corrompendo o mundo com os seus exemplos!» (1)

---

(1) «Dous de vós me vão furtar
Ali a par da Trindade
Um berço que deu um frade
A Joanna de Aguiar.
E s'este se não achar,
Ide á Branca da Romeira,
E olhae de traz da esteira,
E vereis hi um estar:
Ou ide vós pelo rasto
D'esses ministros e curas,
Que todos tem criaturas,
Louvor a Deus. a basto.

— D'esses livre-nos Deus, que bem pode! — murmurou o frade.

— Vem da Palestina.

«Correu todos os logares onde se passou a paixão do nosso Redemptor.»

«Traz comsigo uma reliquia tocada em todas as miraculosas recordações.»

«Talvez consiga despertar a fé na alma transviada de Violante.»

«A narrativa da sua viagem ha-de certamente serenal-a.»

«O effeito do sagrado bentinho deve fazel-a fugir ás tentações de Satanaz.»

A mulher ouvia-o com pouca convicção.

— Não esperaes bom rezultado dos seus esforços?

— Desde que o mandaes, fareis o que quereis — respondeu a velha.

«Mas o mal de minha neta não é dos que se curam com palavras.»

— Experimentemos.

— Pois seja — disse ella.

E voltando-se para o frade:

— Vinde, santo peregrino!

. . . .
Draguinho, tua San Vicente de fóra
E tu?
A' Sé.
Porque crede que ali é
O feito mais commumente.
Um berço tem uma nogueira
Na rua do Calca-Frades
Mancebo de dous abbades.»

Gil Vicente, *Comedia de Rudena*

CAPITULO CXXI

Tremendas vinganças

VIOLANTE, presa de um accesso febril, estava deitada.

Surprehendeu-a a entrada de tal gente.

«Que podiam querer-lhe?»

Aquelle homem vestido de preto aterrorisava-a.

A avó approximou-se do leito.

— E' um santo peregrino.

«Teu avô manda-n'os rezar por tua intenção.»

«Não temos remedio senão fazel-o.»

«Pede a Deus que te dê paciencia.»

Violante envolvera n'um olhar de reconhecimento.

E tornou a deixar-se cair na modorra em que estava cerrando os olhos.

O peregrino quiz dirigir-se a ella, para lhe dar a beijar a reliquia.

Mas a velha interpoz-se:

— Deixae-a descançar.

«Mais logo o fareis.»

«Quando recobrar as forças lhe contareis a vossa aventurosa vida.»

«Agora precisa restabelecer.»

«Tem passado um dia terrivel.»

«E' uma creança.»

«Precisaes tratal-a com o maior carinho.»

— O senhor Lopo Fernandes Pacheco encarregou-me... — disse o frade, querendo approximar-se a despeito dos sentidos conselhos, das longas explicações.

— Resemos primeiro — insistiu a velha.

— Depois lhe direis o que quizerdes.

Teve que ceder.

Ajoelharam em frente a um oratorio illuminado por uma lampada de prata.

O peregrino começou a rezar alto, acompanhado pouco a pouco pela velha e pelos creados, cujas rezas foram afinando pela sua até ao monotono arrastar, cadenciado somnolento.

Violante continuava indifferente a tudo.

As asperas reprehensões do avô tinham-a levado a um alto grau de excitação.

Revoltava-a o inesperado de tal attitude tradiccional a profunda injustiça de semelhante tratamento.

«O que fizera para merecer tantas condemnações?»

Então o sangrento espectro do odio das familias erguia-se-lhe diante dos olhos.

Ouvira muita vez contar á avó, a tragedia dos Viegas, D. Godinho forçado a casar com D. Maria Soares, porque o irmão lhe matára a mãe, abandonando-a depois de lhe deixar um filho.

«D. Pay Guterres desforrára a mulher assassinando-o, mas D. Truito Gozendes, primo de D. Godinho Viegas, vingára o cegando D. Pay Guterres de ambos os olhos, e não o matando o que seria preferivel pela sua qualidade de adiantado do rei.»

Era perigoso o que fazia, invocando uma falsa qualidade.

Desejava desempenhar-se do encargo, para se achar bem longe d'ali.

Só lá fora, livremente, podia pensar no que melhor lhe convinha.

«E Guterres fôra morrer no convento de Tibães!» (1)

Faziam-a estremecer de horror essas violencias.

Depois recordava a sangrenta vingança de D. Mem Soares, que tambem a avó lhe contára ao serão,

Esse, n'um momento de fria crueldade, cegára sete condes, que estavam a dormir.

Soeiro da Velha, escudeiro de uma das victimas fôra esperal-o um dia e cegára-o tambem (2).

---

(1) *Livro das Linhagens*, *Portugaliae Monumenta Historica,* 1.º vol. Scriptores, pag. 168.

(2) «E estando o conde D. Echigi Gicoy, e o conde D. Pero Paes de Begunte, e o conde D. Veya de Tamhal e outros quatro condes como elles em Novellas veio a ellas o conde D. Mem Soares uma noite, e como deitando-se não se guarda-

«Eram semelhantes os sentimentos que devia professar pelo seu namorado!»

«O avô queria impôr-lhe um tal odio.»

«Mas que fizéra Luiz para o merecer?»

«Que culpa tinha dos conflictos de seu pae?»

E nas vertigens da febre via passar rostos ensanguentados, figuras desgrenhadas, gente afflicta gritando.

O roufenho rezar, a irritante lenga lenga parecia-lhe o estertor dos mortos n'essas hecatombes.

Tinha vontade de gritar que se calassem.

Quando o frade se fartou de rezar, e se dispoz a falar a Violante, a avó tornou a dirigir se a ella.

— Este peregrino vae ficar aqui para te dar conselhos—disse-lhe meigamente, acarinhando-a.»

«Ouve-o com brandura.»

«Teu avô recommendou-m'o como um santo homem, cheio de virtudes, experimentado em milhares de perigos, bem differente dos frades immoraes que envergonham o habito.» (1)

«Vê se não o irritas ainda mais do que está.»

«Faz-lhe, ao menos, esta vontade.»

«Certamente nada te pode custar.»

Saiu deixando o peregrino com ella.

Violante abriu os olhos.

O frade approximou-se, n'um gesto humilde, offerecendo a reliquia mais uma vez.

Ella beijou-a, por cerimonia.

— Senhora — começou elle em voz alta, calculando que o estivessem escutando.

---

ram d'elle cegou D. Echigi Gicoy e os outros seis com elle... e este conde D. Mem Soares de Novellas andando correndo monte um dia na Portella de Vade, chegou a elle um cav-lleiro que havia nome Soeiro da Velha e matou o conde D Mem Soares porque cegára o conde D. Pero Paes de Begunte, cujo vassalo Soeiro da Velha era.»

Livro de Linhagens, *Portugaliae Monumenta Historica*, Scriptores. 1.º, pag. 288.

(1) «Este berço fomos furtar
Ao paço do Lumiar
Que foi dado a uma dama
De frei... quero-me calar.
Dizei-m'o á puridade
Quereis saber? é um frade
Um frei Vasco de Palmella;
Um que tinha Madanella
Colchoeira na Trindade.»

Gil Vicente, *Comedia de Rubena.*

«Muito soffreu Jesus para nos salvar!»

Violante fechou os olhos novamente.

— Ninguem o sabe melhor do que eu! — proseguiu o peregrino em tom de sermão.

«Percorri os santos logares de Jerusalem.»

E começou a desfiar a costumada cantilena com que os pretendidos romeiros faziam colheita de esmolas.

Mas quando percebeu que havia por toda a casa o maior silencio, segredou-lhe:

— Venho da parte de Luiz Freire de Andrade.

Então Violante, estremecendo, ergueu-se de salto.

CAPITULO CXXXII

Se pudesse!

ENCAROU-O atturdida.

— Quem sois vós?

— Uma pessoa de confiança, encarregada de saber noticias vossas.

— Então Luiz?

— Espera-vos lá fóra, disfarçado.

— Ah! Se lhe fallasse!

— E' tambem esse o seu maior desejo.

— Disse-vol-o?

— Pediu-me que instasse com vosco para o ouvirdes. «Tem muitas cousas a dizer-vos.»

«Elle! — exclamou Violante — Ah! Que se pudesse!» Mas cahiu para baixo, desfallecida.

— Que quereis que lhe diga? — perguntou o peregrino.

— Esta janella dá para a rua — disse ella. «Abri de vagar e vêde se ainda está.»

O frade obedeceu, tomando precauções.

Olhou para fóra cautelosamente.

Reconheceu o vulto negro de Luiz, sob o habito de frade que lhe emprestára.

— Senhora, espera por mim, como combinámos.

— Sa eu conseguisse falar-lhe da janella!

Violante fez esforços para se levantar, mas não o conseguiu.

— Não posso! Não posso!

N'isto um vulto assomou á janella.

Era Luiz Freire que, vendo o frade, quizera saber o que se passava.

Decidira arriscar tudo.

Não teria tão cedo outro ensejo de se ver perto da mulher a quem amava.

— Sois vós? — perguntou o falso peregrino.

— Sim. O que ha?

— D. Violante está ali, deitada.

— Ella! — exclamou Luiz Freire.

Correu para o leito.

O frade afastou-se prudentemente, e desappareceu sob o reposteiro, pondo-se a escutar á porta se vinha alguem.

Violante ergueu o busto.

Parecia-lhe um sonho bom.

— E's tu?

Luiz abraçou-a n'um transporte.

Ella, como sentindo-se desfalecer, foi soltando-se-lhe dos braços, cahindo lentamente para traz.

Elle, sem tirar o disfarce, ficou sentado na borda do leito, apertando-lhe ardentemente a mão.

Não quiz pertubal-a.

Esperou que falasse primeiro.

— Obrigado, Luiz, pelo bem que me fizeste!

«Temia que me abandonasses, e julgava-me então n'um verdadeiro inferno.»

«Mas a tua presença restitue-me a confiança.»

«Agora podem ameaçar-me, que nada recearei.»

Falava n'uma voz fraca, vencida pela fadiga.

Luiz perguntou-lhe brandamente:

— Que se passou?

— Descobriram o nosso amôr!

— E querem prohibil-o por causa do conflicto de nossos paes?

— Sim. Meu avô tem-me torturado.

— Queres obedecer?

— Não! Resistirei! Viverei para ti. Sou tua, só tua!

— Era só o que queria saber.

«Assim contamos, como d'antes, um com o outro!»

«Entendendo-nos resistirás melhor.»

«E se a vida aqui se tornar impossivel fugirás comigo!»

«Concordas?»

— Estou por tudo!

«Pudesse eu, e hoje mesmo sahiria d'aqui!»

«Mas não posso! Não posso!»

Sentado na borda do leito

«As palavras de meu avô despedaçaram-me o coração!»
«Esperarei melhores dias.»
— Temos então que separar-nos?
— Assim é preciso.
— E como saberemos um do outro?
«Não podemos viver na ignorancia do que se passa.»
«Nem um dia só quero deixar de pensar em ti.»
— Farei com que te cheguem noticias minhas.
— Mas quem poderia approximar-se de ti?
— Este peregrino, em que meu avô deposita a maior confiança...
— Teria de vir aqui todos os dias...
«Combinarei com elle.»
«E por essa ou por outra forma tem a certeza de que não deixarás desa ber de mim.»
— Assim não me custa esperar — disse ella.
«Contando comtigo resistirei a tudo!»
Tornaram a abraçar-se.
Violante despediu-se chorando.
Luiz chamou o frade:
— Tens de ficar aqui?
— Preciso dar contas ao senhor Lopo Fernandes Pacheco da missão de que me encarregou.
— Qual foi ella?
— Convencer a senhora D. Violante a entrar n'um mosteiro.
— E que vaes dizer-lhe agora?
— O que vós quizerdes, senhor.
«Comtudo, para qne conheçaes bem aquillo a que me arrisco, e os interesses que me sacrifico a perder sempre, vos direi que este illustre fidalgo me pediu para saber quaes as intenções da sua neta, promettendo recompensar-me generosamente.
— E' dinheiro que queres? — disse Luiz com mau modo, desconfiando das suas intenções.
«Estás aqui para me auxiliares, como combinamos, ou para me trahires infamemente?»
O frade ficou atterrado:
— Senhor! Não vos exalteis!
Não mudei ácerca do que conbinámos.
«Mas a minha obrigação era prevenir-vos.»
— Então responde-lhe que Violante acolheu bem as tuas palavras, mas que não a pudeste decidir a manifestar-se claramente pela sua extrema fraqueza.
«Será o pretexto para voltares mais vezes, o que augmentará a tua paga.»
«Convem-te?»
— Senhor, eu sou um pobre cenobita!

«Nada tenho de meu, senão esse habito e a graça de Deus.»

«Ora como o maná celestial não tornou a cahir do ceo, é preciso que alguem soccorra o servo do senhor.»

«Desço a acceitar o vil metal pela triste necessidade de viver, pois sempre sou preciso aos crentes, como agora o fui.»

«Espero portanto que me auxilieis com alguma coisa.»

«Tudo me serve »

— Então ajuda-me a descer, e amanhã vae ter á taberna onde nos encontrámos.

«E acima de tudo lembra-te que te posso enriquecer, mas que tambem te posso estrangular!»

«Descança, que receberás bôa paga.»

«Procede como combinámos·»

E o vulto negro desceu preso a um lençol, e desappareceu no escuro da noite.

CAPITULO CXXIII

O confessor

FINDA á merenda os frades foram para o côro, e D. Pedro recolheu aos aposentos principescos que lhe haviam destinado.

Estava fatigado da jornada e da serie de conferencias e discussões d'esse dia.

Via porém a bom caminho a defeza dos seus interesses junto do pae.

A troca de promessas que só quando fosse rei havia de cumprir, punha do seu lado os poderosos monges, que valiam tanto como guerreiros e que lhe serviriam agora de agentes politicos, tão uteis quanto o faziam esperar as suas conhecidas habilidades.

Quando elle se recolheu o abbade mandou chamar o chronista da ordem.

Abancaram junto a um soberbo gomil de prata dourada cheio de precioso vinho, guardado religiosamente na adega para o serviço do prelado.

E ali, illuminados pelo nectar, começaram a apreciar a alliança que lhes propunha D. Pedro.

— Que vos parece — perguntou o frade sabio, agora despido das etiquetas com que falára ao infante.

— Entendo que é um excellente negocio— respondeu o abbade esfregando as mãos.

«D. Affonso está n'este momento inteiramente dominado por outras influencias que muito nos prejudicam.»

«Procede ao sabôr dos interesses dos nossas rivaes, dos que detestam a nossa ordem e pensam cavar-nos a ruina.»

«Ora elle não pode durar muito.»

«E' conveniente que D. Pedro esteja disposto a restituir-nos o que nos pertence, e a augmentar os nossos, e os nossos bens na proporção da sua gratidão.»

— Muito bem! — disse o chronista pousando sobre o amplo bufete a taça já vasia. (1)

— Demais a defeza que elle nos veiu solicitar não pode comprometter-nos.

«Eu tenho assento no conselho d'elrei.»

«Irei á côrte a titulo de exercer muito naturalmente o meu direito, e farei o que puder para os congraçar.»

«Informar-me-hei inteiramente dos fundamentos do conflicto, e, conforme me parecer, hostilisarei com violencia os seus inimigos, ou limitar-me-hei a pedir que se reconciliem.»

— Sabeis o que me parece mais conveniente para o assumpto? — lembrou o chronista.

— Dizei.

— E' que fr. Mariano, o confessor que enviámos a D. Ignez de Castro, venha illucidar-nos.

«Muito nos pode auxiliar o conhecimento que ella obteve do intimo viver do infante o de sua mulher.»

— Lembraes bem.

---

(1) «Sois Bispo vós de Landeira
Ou vigario no Cartaxo?
E' cura no Lumear
Sochantre na Mealhada,
Arcipreste de canada,
Bebe sem resfolegar.
....
Beberá sobre um cranguejo
As guelas de um francez.»

Gil Vicente, *Exhortação da guerra.*

«............... quero fazer
Este meu rapaz d'Igreja;
Não com devoção sobeja,
Mas porque possa viver
Como mais folgado seja.»

Gil Vicente, *Romagem de aggravados.*

«Precisamos de estar ao corrente de tudo.

Tocou uma forte campainha que despertou o irmão, seu porteiro, da somnolencia a que se entregava.

— Fr. Marianno que venha fallar-me!

E o servo retirou, curvando-se humildemente, lançando um olhar de cubiça á mesa coberta de acepipes, ao bello vinho que saboreavam os dois reverendos.

D'ali a pouco o austero confessor abancava tambem, sem perder os seus modos seraphicos.

— Absolvo te de todos os peccados que possas commetter revelando o segredo de confissão! — disse gravemente o abbade, pondo-se de pé, traçando no ar um signal da cruz, com os astrologos e os feiticeiros faziam signaes cabalisticos.

«Que todo o peccado recaia sobre mim!»

«Pelos poderes que Deus me confiou ordeno-te que me revelles o que sabes, no interesse da ordem, no serviço da religião.»

Sentou-se e offereceu hospitaleiramente ao monge hypocrita uma taça do saboroso licôr.

Fr. Marianno bebeu, sorrindo de prazer, e declarou n'um ar satisfeito, muito bem disposto, abandonando por momentos o seu postiço ar de soffredor. (1)

— Mandae, D. abbade.

— De que natureza, de que ordem são os perigos que receiam D. Ignez e o infante?

— Contae-nos tudo, sem rezervas — insistiu por sua parte o imaginoso chronista.

— Só a D. Ignez falei — disse o confessor.

---

(1) FREI NARCISO — «Sem vontade jejuando
Senão sómente esperando
Se posso mais arribar.
E por parecer misello,
E toda a côrte em mim creia,
Defumo-me co'este zelo,
E faço o rosto amarello
Com muita palha centeia.
E tudo isto padeci
Por haver algum bispado,
Quasi assim arrazoado,
E porque tardava, o pedi,
E sahi bispo escuzado.
....
Já fizessem-me ora bispo
Sequer do ilheo de Peniche
Pois sou frade para isso.»

Gil Vicente, *Romagem de aggravados.*

«Encontrei-a cheia de remorsos por causa do mal que suppõe ter causado á fallecida infanta D. Constança.»

«Julga ter incorrido em peccado mortal por causa do parentesco que contrahiu para com D. Pedro, sendo madrinha do baptismo do seu primeiro filho.»

«Na morte d'essa creança a attribulada dama quer ver um castigo celeste.»

«Lembra-se constantemente de uma cova aberta na egreja onde casou, e tem-a por um triste agouro, como uma nuvem que pode empanar a sua felicidade.»

— Para esses terrores da outra vida bastam os nossos suffragios, as nossas preces, as missas em que pedimos a protecção do altissimo — disse o abbade.

«Não lhe afugenteis esses horrores.»

«O castigo é um dos fundamentos da nossa religião.»

«Se não fosse o temêr da colera divina quem frequentaria as egrejas, quem daria esmola ás imagens?»

«Deixae-a viver n'essa illusão.»

«E' uma forma de a ter dependente de nós.»

«Mas não foi certamente para isso que D. Pedro veio solicitar o nosso apoio.»

«Que pudeste descobrir ácerca das ameaças d'el-rei?»

— Nada mais sei — declarou fr. Marianno.

— Então não tendes remedio senão partir brevemente para a côrte — disse o chronista ao geral.

— Tens razão — retorquiu elle — Só ali saberei perfeitamente a attitude do papel que nos convem tomar.

CAPITULO CXXIV

Obras de misericordia

DESPEDIDO fr. Marianno, que ao sahir retomou as habituaes maneiras de santidade, ficaram combinando os dois a forma como haviam de deslumbrar D. Pedro.

— Elle colheo-nos hontem de surpreza — disse o abbade.

«Nem a nossa cozinha se mostrou á altura dos seus creditos, nem o seu cançasso permittiu que lhe offerecesse uma festa digna de nossa casa, e do nosso gosto.»

— Dizeis bem, reverendo padre.

«E' preciso mostrar-lhe que terá sempre aqui amigos dedicados e que deve escolher entre nós os conselheiros do seu governo, quando for rei.»

— Tenciono contar-lhe as reformas que fiz em alguns conventos da nossa ordem, os abusos que corrigi, a vontade disciplinadora de que dei provas, para que elle me possa confiar depois qualquer alto assumpto de governação.

«Precisamos olhar pelo futuro, e defendermo-n'os de inimigos que nos invejam.»

Separaram-se já tarde, bem dispostos pela ceia que tinha acompanhado o vinho velho.

Quando o creado do abbade foi levantar a mesa reconheceu com des-

peito que nem restava uma gotta com que pudesse refrescar os labios sequiosos.

No dia seguinte, depois de um somno reparador, o chronista veiu saudar D. Pedro.

D'ali a pouco foi a vez do abbade.

Deu-lhe alegremente os bons dias, e convidou-o para um passeio a cavallo, afim de lhe mostrar as culturas das immensas terras de que se haviam constituido possuidores.

Passearam sob velhas arvores, do tempo de Affonso Henriques, por campos de aguas murmurantes que mantinham a tenra verdura dos arbustos, por entre rebanhos de carneiros, varas de porcos, bandos de galinhas victimas distinadas á devastação conventual.

E quando o passeio levára ao cumulo o appettite, voltarem ao convento, e o abbade tornou a leval-o á cosinha, onde se preparavam mais e melhores manjares. (1)

— Foi dominadora a impressão.

O infante não a poude disfarçar.

— Viveis como principe!

— Não o penseis, senhor!

«Fazemos tudo isto em vossa honra!»

«A nós basta o sufficiente para manter de pé estes cadaveres, para sustentar estes tumulos ambulantes na vida transitoria em que esperamos a patria celestial.»

---

(1) «Os tres prelados foram ensinando o caminho para, creio eu, o mais formoso templo da gulotonice em toda a Europa.

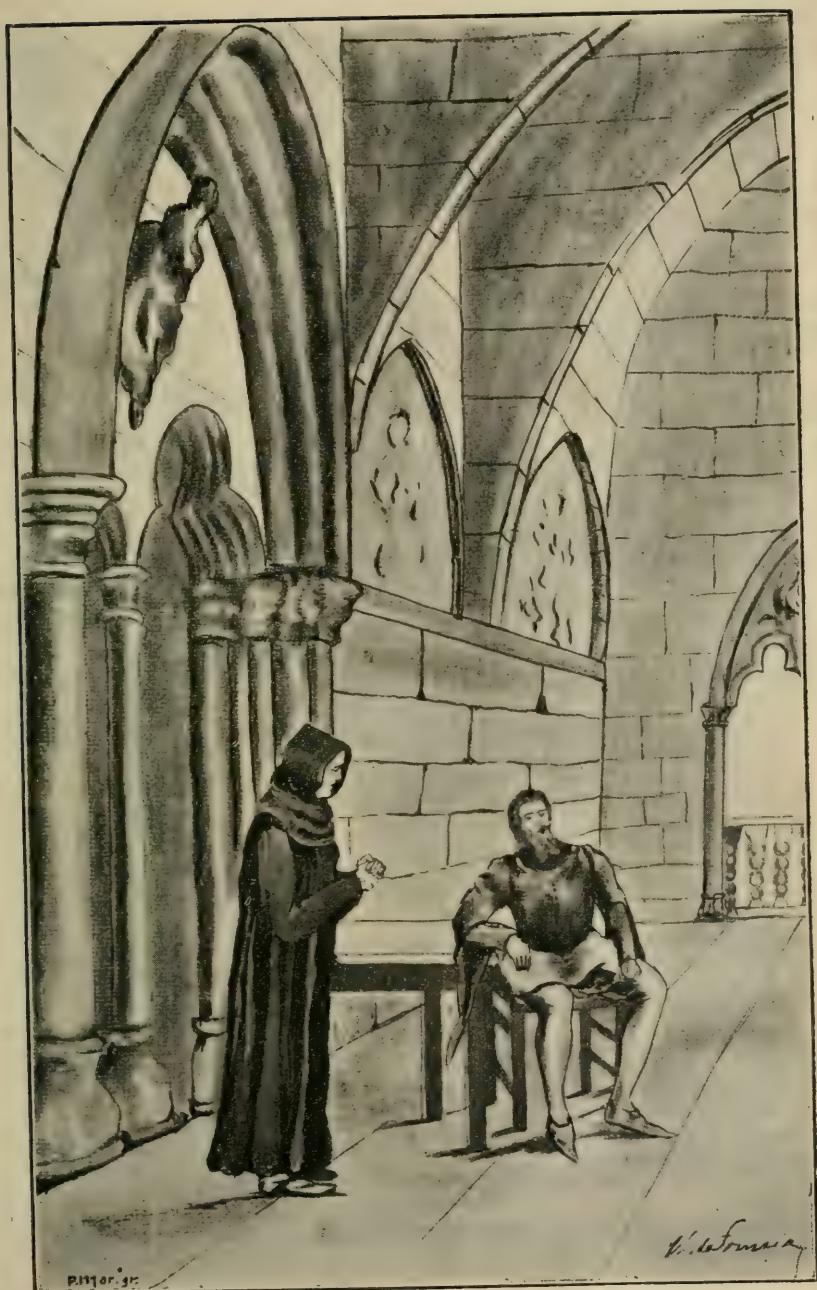
Aquillo que Glastembury poderia ter sido no seu brilhante estado, não posso eu asseverar; porém meus olhos nunca observaram em convento algum modesto da França, da Italia ou de Allemanh , um tão enorme espaço dedicado a operações culinarias.

Pelo meio de uma sala immensa, de volta abatida elegantemente, não tendo menos de sessenta pés de diametro, corria um riacho de agua limpida, caminhando pelo meio de um reservatorio de pau, e contendo os mais bellos peixes do rio, de todas as qualidades e tamanhos.

De um lado grandes montões de caça e de veados estavam accumulados; e do outro, hortaliças e fructas de uma variedade interminavel.

Ao comprido d'uma extensa fileira de estufas se prolongava uma enfiada de fornos para coserem pão; e, junto d'estes, montões de farinha de trigo, mais alva do que a neve, montões d'assucar, talhas do mais puro azeite, e pastelaria a fartar, parte de todas as quaes cousas uns estavam rolando; e uma numerosa caterva de leigos e ajudantes dispondo em milhares de formas, cantarolando durante todo o tempo tão alegremente, como as calhandras n'um campo de trigo.

Meus creados e os de S.as Excellencias reverendissimas os dois priores conservaram-se de pé, embasbacados na comtemplação d'aquelles hospitaleiros preparativos, e tão prasenteiros e jubilosos, como se elles n'aquelle mesmo momento houvessem acabado de assistir ás bodas de Caná na Galilea. Ahi, exclamava sua excellencia o abbade, não haviam de passar larica. As bondades de Deus são grandes, e é mister que participemos d'ellas.»

Lord Beckford, *Cartas.*

Veiu saudar D. Pedro

«Mas para a suprema gloria da vossa visita isto não passa de uma insignificante commemoração.»

«Somos pobres, temo-n'os cerceado as rendas e arrancado terras que nos pertenciam!»

«Perdoae, senhor, a minha insistencia n'este ponto.»

«Não attribuaes a mesquinho interesse.»

«E' uma reparação que solicitamos.»

«Vós, que sois justiceiro, bem sabeis o vosso dever.»

«Devo porém recordal-o quando vedes a applicação que damos ao nosso dinheiro!»

Mas o infante não lhe prestava attenção.

A attração dos rescendentes caldeirões era irresistivel.

«Não havia, n'aquelle momento, assumpto que lhe fosse superior.»

— Acompanhae-me, senhor.

«Vinde partilhar mais uma vez a parca modestia da minha frugalissima refeição.»

«E não acrediteis os nossos inimigos que nos accusam do peccado da gula.»

«Muitos velhos pobres, muitas desditosas mulheres, muitas creanças orphãs, que os vossos venerandos padres tomaram sob a sua protecção, aguardam na portaria a distribuição do caldo que lhes concedemos caridosamente.»

«As obras de misericordia mandam dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sêde!»

«Eis como a nossa cozinha cumpre indirectamente a vontade de Deus!»

Sentaram-se á meza, servida para o almoço.

E durante muito tempo não trocaram palavra.

Só se ouvia um appressado mastigar.

Succediam-se os pratos succulentos.

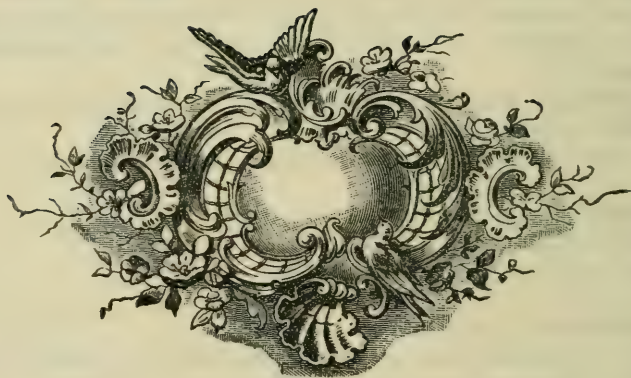
Era a gordissima sopa de vacca, rescendente a hortelã, temperada com figado e sangue, nacos de presunto, grandes talhadas de toucinho perto ao fumeiro das chaminés monumentaes.

Arroz de manteiga misturado, aos gordos ingredientes seguia-se em enormes travessas saudadas já por um saboroso vinho, adocicado, producto de engenhosa cultura conventual.

Grandes postas de carne assada, incrustada em toucinho que a repassava do saboroso unto fumado; perus rosados, apetitosos; empadões de picantes guisados; peixes do seu reservatorio levemente passados na grelha, barrados de manteiga, temperados de salsa, alho, iam abarrotando-os no esmagador effeito de cosinha á antiga portugueza, que tornava os homens mais pançudos, mais pesados e graves.

A experiencia dos mais dedicados cultores dos prazeres de meza, e D. Pedro não era dos menos apaixonados, não permittia reter sequer de

nome a multiplicidade de pratos, de doces, de assados, de guisados exquisitos que passavam n'uma roda viva, n'uma verdadeira innundação.

Bello biscoito de ovos, coelho real, cabrito ensopado, escabeches, filhozes, formigas de ovos, gallinha á mourisca, kagado guisado, lampreia assada, orelhas de abbade, sarapatel, trouxa de ovos surprehendiam o apetite do infante, que, quando erguia os olhos do prato, os mostrava cheios de gratidão para o seu oppulento hospedeiro.

CAPITULO CXXV

Festa conventual

QUANDO a saciedade o deixou respirar, disse o abbade a D. Pedro:

— Senhor, cada vez me sinto em melhores disposições para vos servir.

«Dizem que é bom dormir sobre uma resolução.»

«Pois hoje sinto-me tão bem disposto como hontem.»

«E faço já mentalmente o projecto do que hei de dizer a esse escandaloso bispo, a esses fidalgas sem temôr de Deus!»

— Obrigado, D. abbade.

«Não esperava menos da justiça da minha causa e de amizade com que me distinguis.»

«Cofio inteiramente no vosso esforço.»

«Podeis confiar em mim.»

— Farei pela minha parte tudo o que puder para merecer a vossa gratidão.

«Sei como sois generoso, como gostaes de recompensar aquelles que vos servem lealmente.»

«Na côrte, incorrendo no desagrado de vosso pae e dos seus perfidos conselheiros não o esquecerei.»

— Não receeis d'elle.

«Que poderão contra vós?»

— Nada temo, senhor.

E accrescentou, incendido em colera :

— Contra os que são guerreiros, tenho os meus castellos, os meus alcaides e os meus vassallos.

«Contra as argumentações, contra as astucias do bispo do Porto, um ignorante como muitos que envergonham a mitra e o baculo, não receio medir-me. (1)

«Ha de ouvil-as bôas, ha-de ouvil as duras, se não entrar no bom caminho!»

— Folgo de vos vêr em tão bôa disposição — declarou D. Pedro agradecendo n'um olhar.

«E o reverendo chronista já terá preparado a argumentação do assumpto?

— Não sei, alteza.

«Mas aquillo é um poço de saber!»

«Podeis estar tranquillo pelo que lhe diz respeito.»

— E' que tenho que retirar-me...

— Perdoae, mas por emquanto não vos deixo sahir.

«Sois meu hospede.»

«Quero aproveitar a vossa presença aqui para vos narrar os importantes serviços que tenho desempenhado, para vos communicar os meus projectos.»

«Não vos demorarei mais que o tempo dreciso para o nosso chronista revolver toda a riqueza armazenada nas monumentaes estantes da nossa gigantesca livraria.»

D. Pedro cedeu.

Tambem queria deixar terminar completamente a exposição do frade de Alcobaça.

Desejava conhecel-a perfeitamente e discutil-a com o maior cuidado antes de retirar-se.

Terminaram o almoço.

O abbade ergueu-se, recitou uma oração.

E ambos, de mãos postas deram graças a Deus.

Entre o almoço e o jantar foi mostrar-lhe a adega, os celleiros, os gados e os arados da lavoura.

---

(1) «... sem saber ler nem rezar
Vi eu já bispos que pasmo,
E não sei conjecturar
Como se póde assentar
Mitra em cabeça d'asno.
....
Por isso peço eu bispado,
Que possa ter dey rascões,
E um escravo occupado,
Que sempre tenha cuidado
Dos cavallos e falcões.»
Gil Vicente, *Romagem de aggravados.*

D. Pedro estava encantado com a abundancia que via por toda a parte.

Ao tocar a sineta do refeitorio voltaram ao convento, apressados pelo apettite e pela recordação do almoço.

O olhar de D. Pedro manifestava curiosidade, surpreza.

«O que seria o jantar, quando o almoço fôra o oppulento banquete onde parecia ter-se esgotado todo o fornecimento de cozinha, todo o saber dos frades?»

Esta ideia preocupava o infante.

Mas o rosto do abbade, luminoso de uma triumphante alegria, celebrava antecipadamente o seu triumpho.

«O jantar esmagaria o almoço!»

Pratos inteiramentes differente, serviço triplo d'aquelle, grande variedade de vinhos, e sobretudo velhas preciosidades de adega, oontemporaneas da fundação da monarchia, que deviam ser o remate das grandezas do opiparo festim.

Ao jantar acompanhou-os o chronista e fr. Marianno, que o abbade entendeu dever animar com essa graça especial.

Não se illudiu o abbade.

E o almoço foi excedido pelo explendido banquete para que haviam sido reservados todos os effeitos da culinaria, as melhores qualidades do vinho.

Terminada a refeição, mudada a mesa, começou na grande sala a dança, a musica, as representações com que se divertiram os senhores medievaes. (1)

Frades bôbos, que até o papa os tinha ao seu serviço, davam saltos, faziam piruetas.

Jograes apresentavam animaes sabios, e tocavam variados instrumentos.

---

(1) «Levantada a meza, quatro noviços bem apessoados, rapazões dos seus quinze ou dezasseis annos, servis até á affectação, chegaram trazendo perfumadores de filagrana de Goa, derramando um fragrante cheiro de columbac, a mais fina qualidade de pau de aloés.

Terminada esta graciosa cerimonia, despejou-se o salão, como se fôra para uma dança. Eu regosijava-me comigo mesmo, pensando que iamos ser obsequiados com o bolero, ou com o fandango ou talvez com a propria fôfa, dança tão decente como decentes foram os bailados dançados para recreio de Muley Liezit, exemplarissima magestade marroquina.

Uma chusma de tocadores de clarinete e de guitarra, vestidos com dominós de seda, assim como trajam os homens das serenatas nas burletas italianas, acompanhados por um grupo de monges novos e de jovens cavalleiros trajando á secular, tão ceremoniosos como grosseiros, começaram uma interminavel successão de minuetes que tinham tanto de muito decorosos, como tambem de muito insipidos.»

Lord Bekford, *Cartas*.

Vassallos e homens d'armas do abbade dançavam deante de D. Pedro bailados populares.

Frades trovadôres empunhavam alaudes e cantavam bellas canções de amôr.

O som dos instrumentos enchia toda a casa, fazendo esquecer o cheiro do incenso, o bafio dos recintos conventuaes, o som tremendo dos grandes sinos.

O abbade e o chronista rejubilaram pela magnifica impressão causada ao seu hospede.

E D. Pedro, em meio de tanta festa, parecia esquecer se das suas graves preoccupações.

CAPITULO CXXVI

Preces

AINDA encantado pela festa da vespera recebeu o infante a visita do abbade.

— Chega até mim a fama do vosso espirito justiceiro — disse depois de o saudar.

«Sei que uma parte de odio que professam a Vossa Alteza os maus conselheiros de el-rei, provem do receio com que vos verão no throno.»

«Temem ser impedidos de continuar a vendar a justiça, a enriquecer por meio de torvas corrupções.»

«Conheço que tereis mãos de ferro para curtar abusos para destruir resistencias.»

«E como desejarei estar ao vosso lado, exercer desafrontadamente o meu cargo de esmoler mór do reino, o meu logar de membro do conselho, e talvez o de execu tor de muitas das vossas mais graves ordens, desejo esclarecer-vos sobre alguns assumptos do meu convento, antes que outros procuram indispor-vos comnosco, falando de inventadas corrupções de que continuam dar-nos por eivados.»

«Senhor, temos muitos inimigos, muitos invejosos dos bons terrenos com que nos engrandeceu a generosidade a fé religiosa dos primtivos reis de Portugal.»

«Esses exageram as fraquezas humanas, e pintam-nos como um bando de maus homens.»

— Não os acreditarei, D. Abbade.

«Não preciso portanto da vossa justificação.

— Mas sou eu que tenho empenho em fazel-a.

«Dae-me licença para relatar alguns factos.»

«Serei breve.»

E depois de tomar uma attitude humilde, começou:

— O meu maior empenho, da maior parte dos meus irmãos, seria viver como ermitães, esquecidos no mais alto das serras, tendo por cama a terra fria, por travesseiro a pedra dura, por tecto o ceo azul que a todos cobre, por unico alimento de todos os dias apenas a graça de Deus que é o melhor pão! (1)

---

(1) ERMITÃO—Eu desejo de habitar
N'uma ermida a meu prazer
Onde possa folgar.
E queria-a eu achar feita
Por não cansar em fazel-a,
Que fosse a minha cella.
Antes bem larga que estreita,
E que podesse eu dançar n'ella:
E que fosse n'um deserto
D'infindo vinho e pão.
E a fonte muito perto
E longe a contemplação.
Muita caça e pescaria,
Que pudesse eu ter coutada
E a casa temperada:
No verão que fosse fria,
E quente na invernada.
A cama muito mimosa
E um cravo á cabeceira;
De ced o a sua madeira:
Porque a vida religiosa
Queria eu d'esta maneira
E fosse o meu repousar
E dormir até taes horas,
Que não pudesse rezar,
Por ouvir cantar pastoras,
E outras assobiar.
A' ceia e jantar perdiz,
Ao almoço noxama,
E vinho do seu matiz;
E que a filha do juiz
Me fizesse sempre a cama.
E emquanto eu rezasse
Esquecesse ella as ovelhas,
E na cella me abraçasse
E mordesse nas orelhas.»

Gil Vicente, *Tragicomedia pastoril da Serra da Estrella.*

«Perguntava porém a mim mesmo se perdido no aspero das serras, vendo apenas rebanhos, bandos de aves, a nossa missão seria util como deve ser no interesse da crença.»

«A quem ensinar a palavra do senhor?»

«A quem fazer conhecer a verdadeira religião?»

«Tivèmos então que acceitar, contra nossa vontade, a vida no povoado.»

«E uma vez descidos á terra, poisando do nosso vôo mystico as regiões das nuvens, pensámos em fazer vida de mendigos, sem casa, sem garantia alguma de bem estar, pedindo esfarrapados de porta em porta, vivendo de um pedaço de pão.»

«Mas uma nova interrogação, mais grave ainda, se formulou ante o meu espipito.»

«Seria essa a melhor maneira de fazer progredir a nossa santa religião, de a apresentar como a verdade inalteravel, de a fazer conhecer aos ignorantes, de a impôr aos descrentes, de a fortificar, de a tornar dominadora?

«Então, forçado pela evidencia dos factos, pela rude lição das coisas, tive de acceitar o exemplo dos nossos antecessores, e empunhando o baculo como um sceptro vi-me forçado á triste obrigação de governar como um principe rodeiando-me de todo o explendor dos antigos abbades d'esta casa.»

«E hoje, como um forçado, arrasto o pezado trambolho de tamanhas riquezas, quando o meu desejo seria alar-me pelo sacrificio ás regiões da mais alta perfeição.»

— Não tendes com que vos penalisar, D. abbade.

«São fataes obrigações do poder, as vossas.»

— Obrigado, senhor! Mas outros frades esfomeados, intriguistas, chamam-nos ganancioso e indolentes!

«Que queriam que fizessemos?»

«Que trabalhassemos, que regassemos a terra com o suor do rosto, que puchassemos pela serra, que batessemos a forja, que andassemos ao arado?»

«E quem havia de rezar entretanto?

«Não! E' de bem que nos pagam tributos, porque nós, dentro da cella na livraria e na egreja concorremos para o bem geral.»

«Esses camponezes interesseiros, que se queixem de nós, amargamente, que tem levado os seus aggravos ás côrtes, á presença dos reis, sabem vir aqui, rogar-nos que façamos preces quando se requeimam os campos á falta de agua.»

«Imploremos ao altissimo, e a chuva cae, e as culturas não se perdem.»

«E se não o fizemos!

«Teriam a miseria, teriam a fome, porque nunca mais choveria uma gotta de agua!»

«Aonde vem quando tem o porco doente?»

«Aqui, para fazer promessas a Santo Antonio.»

«E o santo attende-os e o porco melhora.»

«Quando estão doentes é aqui que vem para se tratar.»

«Cada uma das vossas reliquias, cada uma das imagens dos vossos altares tem poder de os curar de uma maleita.

«São Gregorio é advogado contra as dores de estomago, e bastantes tem tirado.

«São Bento é bom para as mordeduras dos insectos, São Francisco de Paula contra a successão masculina e a falta de agua, São Venancio contra as quedas, Santa Clotilde contra as doenças de ouvidos, São Vito contra o demasiado chôro das creanças, São Miguel dos Santos contra os cravos e tumores.»

«Se querem a base segura contra incendios vem cá encomendar-se a São Marçal, se perderam alguma coisa vem pedir a Santo Antonio e a Santa Ritta para lh'o deparar.»

«Fazemos a felicidade d'esta gente.»

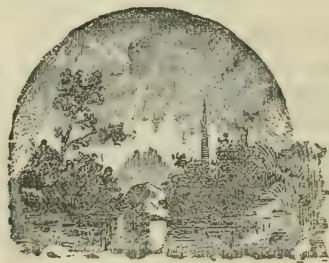
«Temos aqui remedio para todos os males:»

«Somos nós quem, pelas nossas constantes resas, afasta a fome e a peste, e o tremor de terra.»

«As nossas penitencias desviam de cima do povo os tremendos castigos que provoca a sua falta de fé.»

«Vêde se tem razão para se queixar.

«Pois se é de propria essencia da constituição da sociedade a divissão dos homens em tres classes: uns para trabalhar, outros para rezar e outros para combater?»

— Pois se é só d'isso que vos accusam, D. abbade, não tendes realmente do que vos assustar — disse por fim D. Pedro.

CAPITULO CXXVII

O inimigo

SABIA bem o infante qual era a mais grave accusação que pesava sobre o mosteiro.

Não fôra porém ali na sêde de justiça que o apaixonava.

Tentava apenas defender interesses, o socego do seu lar, a tranquilidade no futuro, a felicidade de Ignez e dos filhos, a perpetuidade do sorriso d'aquelles frescos labios, a ingenua alegria d'essas creanças.

O mal dos frades era o fructo prohibido, os pomos das Evas de Alcobaça, que se lhes atravessavam na garganta e os faziam cahir em peccado mortal.

Ebrio de amôr, não vendo mais que o corpo esculptural de Ignez, o collo de garça onde os seios palpitavam como azas, D. Pedro envolveu n'um generoso perdão as aventuras dos sultões de corôa que mantinham serralho campezino em commum.

E as fortes camponezas, queimadas pelo sol, de saias asperas, que deixavam a perna a descoberto, lembraram-lhe as passadas aventuras, ceifeiras prostradas entre os altos trigaes nos seus braços herculeos, azeitoneiras arrastadas á força, n'uma violencia excitante ao mysterio dos escuros palheiros perfumados de feno ; as esquivas cabreiras arredias, aris-

cas, agarradas em plena montaria, presa com as corças do insaciavel caçador.

Não era uma saudade.

Ignez podera supplantar a todas.

Da fanatica adoração d'aquelle delicioso corpo, synthese da eterna belleza que os artistas de outr'ora haviam divinisado, alevantando altares erguendo templos, prestando a Venus um culto sensual, elevára-se á suprema concepção da esposa vivendo para o seu amôr de mãe, trazendo no sabôr dos beijos quentes de apaixonada amante a frescura dos labios dos filhinhos.

Embora superior assim á tentação dos rebanhos de lindas mulheres, descendentes jà de anteriores gerações de frades, acostumadasa o pasto espiritual dos sacramentos da egreja, (1) e ao pasto corporal do succulento caldo da portaria, que lhes arredondava os seios trementes sob o fresco dos corpete de linho, as ancas roliças desenhadas na curta saia de grosseiro panno, comprehendia de quanto refrigerio haviam de ser para os santos monges, de carnes mortificados pelos repetidos jejuns da monstruosa cosinha.

Por isso acompanhára de um sorriso generoso a resposta ás expli-

---

(1) «Eu sou Brizida a preciosa,
Que dava moças ós molhos;
A que criava meninas
Para os conegos da Sé :
....
Que eu sou apostolada,
Angelada, e martelada
E fiz obras mui divinas.
Santa Ursula não converteo
Tantas cachopas, como eu ;»

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*..

(1) FIDALGO — Um clerigo que mais quer
De renda nem d'outro bem,
Que dar-lhe homem de comer,
Que é cada dia um vintem,
....
CAPELLÃO — E servia-vos de fóra,
Té comprar sibas na praça.
E outros cárregosingos
Deshonetos para mim.
Isto senhor, é assim.
E azemel n'esses caminhos,
Arre aqui arre ali;
E ter cárrego dos gatos,
E dos negros da cozinha ;
E alimpar-vos os sapatos,
E outras cousas que eu fazia.»

Gil Vicente, *Farça dos almocreves*.

O seu amor de mãe (216)

cações do abbade, no intuito de evitar-lhe as difficeis confiissões dos que esperava naturalmente.

Elle porém, julgando ler-lhe na expressão sarcasmos, tomou uma attitude compungida, e baixou os olhos cheio de pudôr:

— Não è só d'isso, não, Alteza, que maus homens accusam aos frades d'esta caza.

«Porém na maior parte o que dizem não passa de inveções de esfomeados padres, que vivem na miseria e invejam os bens como Deus, premiou nossas virtudes!» (1)

«Como se os nossos pobres monges tivessem o condão de ser invulneraveis ás tentações do inimigo, attribuem-lhe terriveis peccados, forjam contra elles pretendidos cazos de corrupção!»

«E' certo que alguns tem sido arrastados ao peccado da carne.»

«Mas quem ha n'este mundo superior a elle?»

«Santos cujas imagens são hoje adoradas com a maior fé, e operam milagres incriveis, viam em meio das suas meditações mulheres nuas offerecendo-lhes apetitosas carnes!»

«Sentiam beijos de fogo nos seus labios crestados pelo frio, tinham peccaminosos sonhos de que accordavam derrancados.»

«Corriam loucos de dôr á penitencia!»

«Mas o mau pensamento dominára-os, e se em vez de visões diabolicas lhes apparecem lindas raparigas, como essas de que Satanáz rodeiou o convento, não sei se os seus martyrisados corpos estariam ali no relicario operando prodigios.»

«Pois os meus tambem se penitenceiam, coitados.»

«E eu para impedir as obras do inimigo tenho mandado sangrar muito noviço, e posto a regimem de vegetaes alguns mais renitentes no peccado.»

D. Pedro não poude reprimir uma gargalhada,

— Julgaes que com isso me preoccupo?

---

(1) E' inexgotavel o processo das immoralidades que em todos os tempos se praticaram nos conventos.

«R. P. Prior do nosso convento de S. Domingos de Bemfica:

Sendo tão excessiva a relaxação, em que, com grande desprazer nosso, se acha a observancia regular no maior numero de todos os nossos conventos, não podia deixar de comprehender a esse, em alguma parte. Consta nos que n'elle estão quasi totalmente esquecidas as nossas santas leis; assim, pelo que respeita ao silencio tão recommendado por ellas, como pelo que pertence á decencia da celebração das missas e officios divinos, que fazem um dos mais importantes objectos do nosso sagrado instituto, como pelo que toca á modestia e composição dos habitos exteriores e interiores, havendo muitos religiosos que, contra a modestia e gravidade, tão recommendadas pela nossa constituição, trazem corôa de clerigos minoristas, com circilios, que mais propriamente se podem chamar cabelleiras, assim pela grandeza, como pelos estravagantes artificios de cortes sobre o pente e outras inauditas fôrmalidades deshonestas e profanas, trazendo tambem habitos tão curtos por deante que, sem exageração, se fossem de outra materia, poderiam servir ás dança-

«Essas mulheres pertencem ao numero dos vassallos do D. abbade de Alcobaça.»

«Que tenho que vêr com o uso que lhes daes?

«Como posso eu crêr que existem mil homens castos, e que apenas o poder do vosso bàculo os mantem dentro de uma virtude, que representa um insulto á vida, que é a negação do santo amôr?»

E ao vêr que o abbade se atterrava:

— Não vos assusteis por tão pouco.

«O peccado nos nossos é um mal geral.»

«Não ha convento em que se não pratique.

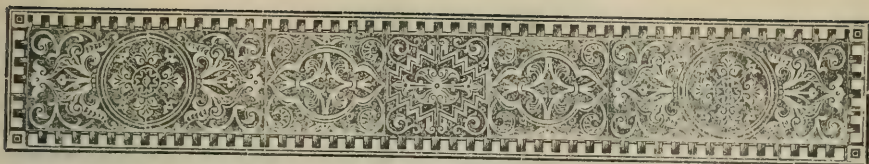
«E vós sempre fazeis as coisas com grandeza, alojados principescamente, dando ao menos de comer ás mulheres que seduzis, não abandonando totalmente os filhos, a quem sempre chega um pouco das gordurosas lavagens de cozinha.»

«Afinal o que vos peço nada tem que vêr com semelhantes fraquezas.»

«Os meus adversarios, com quem tendes de luctar, o bispo do Porto e o prior do Hospital, não podem atirar a primeira pedra.»

«Basta-me que sejaes habeis e manhosos, e isso, graças a Dens, sempre o fosteis.»

rinas das operas; artificios que praticam para se lhes admirar a delicadeza das meias e dos sapatos, de que usam, vaidades estas ou desenvolturas que se fazem intoleraveis pelo escandalo que com ellas se causa ás gentes serias e sensatas. O maior escandalo, porem, que com grande mágoa chega aos ouvidos, consiste no egresso dos religiosos para fóra do convento, discorrendo pelas visinhanças d'esse logar, sem companheiras e introduzindo-se em algumas casas indecentes e improprias ao estado regular, ou porque n'ellas se frequentam jogos e assembleias ou porque os seus habitantes são pessoas abjectas, de cujas conversações não podem deixar as gentes honradas e cordatas de presumir mal. Finalmente, por cumulo de relaxação, quando os religiosos se recolhem, é já passado muito tempo de noite, estando a portaria aberta, sem haver porteiro capaz; de sorte que veem a ser muitos dos nossos conventos, ainda menos regulados do que as casas dos seculares mais estragados...»

Officio do visitador frei João de Mansilha, publicado na *Historia Escandalosa dos Conventos*.

CAPITULO CXXVIII

As suas peregrinações

TENDO auxiliado a descida a Luiz Freire, o falso peregrino despediu-se de Violante e sahiu do quarto.

Lopo Fernandes ainda estava a pè.

— Então que conseguiste?

— Senhor — respondeu o frade — vossa neta é uma santa menina!

— Adiante.

— Mostra se immensamente arrependida e promette nunca mais peccar.

— E que vos disse a meu respeito?

— Que sois um santo homem, e que todo o seu desgosto é não poder obter vosso perdão.

— Dissestes-lhe o unico preço porque o concederia?

— Como não vendo indulgencias de Roma não estou ao facto do custo de semelhantes graças.

— Não me refiro a essas traficancias.

«Falo-te da submissão em que a desejava vêr disposta ao sacrificio decedida a reparar-se por uma vez d'esse amôr odioso, que é a vergonha da nossa familia.»

— Ignorava, bem o sabeis, senhor, os necessarios pormenores do que se tem passado.

«Mas ella mostrou-se disposta a fazer todo o possivel para nos agradar.»

«Certamente as suas intenções são as que desejaveis, porque se mostrou obediente e cheia de respeito filial.»

— E o que pretende fazer? Não te disse?

— Não senhor.

— Não alludiu ao tal Luiz Freire?

— De quem falaes?

— Do galã que procurou desinquietal-a.

Só então o frade conheceu o nome do homem que alugára os seus serviços.

— Repito-vos, senhor, sou totalmente extranho aos acontecimentos que vos affligem.

— Sim, tens razão — retorquiu o velho.

«Ignoras tudo.»

«Appareceste aqui a pedir pousada, e fui eu quem te solicitei esse serviço.»

Pensou em contar-lhe o principal.

Mas depois reconsiderou.

Não queria metter um extranho, um conhecido da vespera, na posse de tão grave segredo.

Mesmo sem consultar o filho não podia decidir em absoluto do destino de Violante.

— Mas então que fizeste tanto tempo fechado com minha neta? — perguntou ao fim de um silencio.

— Dei-lhe excellentes conselhos, falei-lhe de Deus, contei-lhe as minhas santas peregrinações. (1)

— Isso é tudo muito bom, concordo.

«Mas agora desejava uma acção muito mais efficaz.»

«E tu, contra o que esperava, não obtiveste o menor resultado da santidade das suas palavras!»

«Para arranjarem esmolas os peregrinos cantavam as scenas das suas viagens maravilhosas e as emoções da Paixão de Jesus, ajuntando muitas vezes paineis representando os naufragios e perigos que atravessaram. Aos peregrinos da Terra Santa juntavam-se tambem falsos palmeiros, para explorarem a credulidade do vulgo, e como os romeiros do *caminho francez* de San Thiago de Compostella, ou com os que visitavam os sanctuarios da Lorette e da Sainte Baume, formavam pequenos bandos, que se impunham á multidão nas praças publicas com os seus emblemas extravagantes do bordão e da cabaça, das contas e camandulas, e eram ouvidos com o mais vivo encanto nos coros e figurações dos acontecimentos em terras longinquas. Escreve Du Cuviller: «O povo tomava os seus cantos inventados a capricho como visões que elles tinham tido, e a credulidade do ingenuo vulgo era vantajosa aos peregrinos pelas esmolas de que os accummulavam.»

Theophilo Braga, *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, p. 27.

— Senhor — retorquiu o frade, n'um intuito interesseiro — Explicae-me bem que pretendeis de mim.

«Contae-me toda a extensão do caso.»

«Ponde-me bem ao facto do que desejaes, e farei todo o possilvel por vos servir.»

Desde que conhecera a importancia do cavalleiro que o encarregára do papel de intermediario d'esses amores, pensára em servil-o melhor, obtendo de Lopo Fernandes Pacheco a confissão do que pretendia fazer da neta.

Mas o velho conselheiro do rei apezar do desejo de uma solução, duvidou ainda mais uma vez.

Dada a importancia de que dispunha, a situação predominante do filho, não lhe pareceu prudente fazer confidencias a um extranho, comquanto o seu trajo de peregrino lhe impuzesse o maior respeito e o inclinasse á devoção.

«Estarei em face de um peregrino authentico?»

«Poderia confiar-se de semelhante homem?»

«Não teria que receiar pelo uso que fizesse de taes informações?»

«Lopo Fernandes conhecia bem as falsidades que se encobriam sob a industria religiosa.

A cada passo mentirosos monjes fingiam-se chegados da Terra Santa, sem terem passado das aldeias por onde andavam comendo e bebendo, corrompendo donzellas, levando ao adulterio mulheres casadas, (1) ao arrastarem a sua farta indolencia, o seu corpo folgado, os seus brutaes appetites entre os miseros homens de trabalho, todo o dia curvados para a terra, queimados por um sol estiolante, mumificados pela fome, quebra-

---

(1) (Vem Aparicianes com sua filha, diz:)

E os padres verdadeiros
Cartuxos de sancta vida,
Apanham-me os travesseiros
Com mais ira que os rendeiros,
Sem me razão ser ouvida.
Cuidei que elles me esperaram
Por não ficar sem camiza,
. . . .
Não lhes rogo mal nem nada
Porque são santas pessoas;
Mas prasa á paixão sagrada
Que lhes deu tanta seixada.
Que lhes quebrem as corôas.
Quero ora perder rancor,
E não ir com isto ao cabo;
Perdoo-lhes pelo amor
De Deus nosso Salvador,
Encommendo-os ao diabo.»

Gil Vicente, *Romagem de aggravados.*

dos de fadiga, de cansaço, a mourejar sem descanço para que nada faltasse aos fidalgos e aos frades, nos castellos, egrejas e mosteiros.

«Quem lhe garantia que não estivesse d'esta vez em frente de um dos taes?»

«O seu olhar inspirava respeito, sempre fitado no chão, a procurar a terra mãe, onde havia de descer o seu corpo, emquanto a alma voasse ao ceo.»

«A sua voz unctuosa, branda, parecia uma perpetua prece, humildemente baixa pelo habito de pedir, apenas violenta ao imprecar contra as tentações de Satanaz.»

Logo Fernandes Pacheco tornou a olhar o frade n'um gesto de incerteza.

E dando-lhe dinheiro pediu-lhe que voltasse no dia seguinte.

Entretanto falaria ao filho.

CAPITULO CXXIX

Menos intolerante

DIOGO Lopes estava melhor.

A sua robusta constituição triumphára do ferimento. E embora fraco pela perda de sangue, restava lhe animo para occupar-se da filha e dos inimigos.

Então Lopo Fernandes Pacheco explicou-lhe a razão porque Violante não fôra vêl-o.

— Prepara-te Diogo, para um golpe que te ha-de compungir

— De que se trata?

— De tua filha.

— Deve estar doente já sei.

«Mas o que tem?»

Antes estivesse mal, antes a visse morta, do que receber a affronta que me fez.

— Deixe-se de rodeios, diga depressa — exclamou impaciente.

— Violante tem um namoro! — disse o velho irritado.

O ministro de Affonso IV desatou a rir.

— Julgas que gracejo? — retorquiu magoado o pae.

— Pois já viu alguma rapariga que não pensasse em casar?

— Deixa-te de respostas pouco serias!

«Não foi para isso que creei Violante, com o carinho de uma filha querida!»

— Pretendia fazel a freira?

— Pois quero agora mettel-a n'um convento!

— Não pense n'isso, meu pae.

«Quem lhe aconselhou semelhantes projectos?»

— Eu te digo, espera.

«Devia rezervar-te para muito mais tarde uma revelação qne vae affligir te, mas tu não tens juizo, e é preciso pôr-te as coisas a claro.»

«No dia em que Nuno Freire de Andrade te quiz matar, fui encontrar Violante no jardim a falar, certamente de amores, com o filho do teu adversario.

— E depois?

— Achas pouco?

«Pois não te indignas?»

«Não a ficas odiando?

«Não a julgas merecedora de castigo?»

— Então o que lhe fez? — perguntou Diogo Lopes a serio.

— Resolvi mettel-a n'um convento.

— Isso não é solução nenhuma.

«Violante fez mal, por leviana, concordo.»

«O que se passou em sua casa apenas quer dizer que meu pae não a sabia acautellar.»

«N'um mosteiro, longe de estar segura, ficaria sujeita ás maiores devassidões.»

«Sei bem o que lá se passa, e não quero uma filha minha sujeita ao dominio de frades devassos, de freiras immoraes.» (1)

— Não julgava que a doença — redarguiu com mau modo o pae — te tivesse tornado heretico.

— Sempre pensei assim.

Fui eu quem levou el-rei a mandar estender as inquirições sobre a posse das terras da corôa aos proprios conventos que teem sonegado importantes bens, apossando-se de extensas areas, forjando testamentos, falsificando titulos de doação.

«Ora se penso assim ácerca d'elles, se conheço o que se passa a dentro d'essas grades, os escandalos de que nos informam os geraes e os

---

(1) «Chamando frades e freiras
Que morreram por amores
. . . .
Vem um frade excomungado
Que o benza do quebranto;

(. . . . . *dous frades infernaes, um d'elles tangendo uma gaita, e outro foi pregador; mas emquanto vivia foi muito namorado; o qual logo diz:)*
Gil Vicente, *Auto das Fadas.*

reformadores que vão encontrar as freiras gravidas e os frades hospedados em conventos de mulheres, não consentirei jámais que minha filha vá partilhar semelhante vida.»

«Mande-m'a para casa meu pae, e creia que não valia a penna martyrisal-a n'estes dias com as ameaças do convento e fazer-me crêr que ella estava doente.»

E reconsiderando:

— Não lhe diga nada. Não lhe fale mais n'isso. A mãe a irá buscar, para a tranquilisar.

— Estás então disposto a transigir?

«Queres tolerar que Violante se entenda com Luiz Freire emquanto luctam tu e o pae d'elle?»

— Mas quem lhe diz, meu pae, o que eu pretendo fazer?

— Ah! Queres occultal-o de mim?

— Não diga isso! Deus me livre de offendel-o.

«Mas já que não morri deixe me decidir por mim o seu futuro.»

«Quero ouvil-a antes de a julgar»

— Nada te dirá, como nada disse ao frade que a confessou.

— O que? Já temos um frade mettido n'isto? (1)

«Meu pae, meu pae. Não me opponho a que gaste uma parte do que é seu fartando-os de comer e de vinho, divertindo-se á mesa com as suas chalaças e as suas bebedeiras.»

«Devia aconselhal-o a que o não fizesse, porque bem basta o que elles possuem, e distrahem egoistamente da riqueza do reino, não servindo para armar soldados nem para equipar navios.»

---

(1) O' prelados não durmais
Clerigos, não murmureis.
....
O' pastores da Igreja,
Morra a seita de Mafoma,
Ajudae a tal peleja,
Que açoutados vos veja
Sem apelar para Roma.
Deveis de vender as taças,
Empenhar os breviarios,
Fazer vasos das cabeças,
E comer pão e rabaças
Por vencer vossos contrarios.
....
E vós, Priores honrados,
Reparti os Priorados
A Suiços e soldados,
A renda que apanhais
O melhor que vós podeis,
Nas egrejas não gastais,
Aos pobres pouco dais,
E não sei que lhe fazeis.

Gil Vicente, *Exhortação da guerra.*

«Mas lá mettel-os no que me diz respeito, isso não.»

«Demais não lhes posso ser agradavel, visto a rude maneira como os tratei.»

Lopo Fernandes Pacheco ardia em desejos de responder com violencia ao filho.

Mas o respeito pela sua doença, e o receio de o fazer peiorar dominavam-n'o a custo.

— Em resumo, meu pae:

«Volte a casa.»

«Minha mulher acompanhal-o-ha.»

«E tragam-me Violante, que tenho bastantes saudades d'ella.»

CAPITULO CXXX

Com outro

A mulher de Diogo Lopes Pacheco acompanhou o sogro.

Ia radiante por tornar a vêr a filha.

Lopo Fernandes falára-lhe de uma ligeira indisposição e da necessidade de evitar-lhe, com a vista do pae ferido, um grande desgosto.

No empenho de servir de dedicada enfermeira ao marido acceitou facilmente a explicação.

Folgava mesmo por ter sido possivel mantel-a afastada do doloroso espectaculo.

Mas agora, sabendo que tudo fôra inventado, olhava desconfiado o rancoroso velho.

«Pois que?»

«Estava torturar malevolamente um coração de creança, que se enlevára n'um sonho bom, pensando n'uma alliança muito natural, que apenas um conflicto imprevisto viera cortar.»

«Como podia ella prevêr essa violenta scena do conselho?»

«Que sabia a pobre creança da politica de seu pae, das intrigas da côrte?»

«Tinha por ventura responsabilidade no que se passára?»

«O pae do marido, no seu terno egoismo de velho, tratára apenas de esmagal-a sob o peso de uma accusação odiosa, sem querer saber até que

ponto Violante era alheia ás desordens motivadas pelos amores de D. Pedro.»

«E falava de encerral-a n'um convento ? !»

Então a afflicta mulher impacientava-se por chegar depressa.

Queria defendel-a com o seu corpo, salval-a d'essas cazas que ouvia descrever como uns horrendos antros de depravação.

Muita vez, ao despachar em caza os assumptos importantes da publica administração o marido mostrára-lhe documentos esmagadores, informações de visitadores de conventos, queixas contra os frades, graves accusações a abbades e a geraes. (1)

Por forma alguma deixaria arrancar Violante do seu lado.

«Salval-a-ia para o seu amôr de mãe.»

Quando chegaram a caza de Lopo Fernandes Pacheco, o velho correu a refugiar-se nos seus aposentos, sem querer falar a mais ninguem.

Elle correu a abraçar a filha e tranquilisou-a sobre a attitude de bom pae.

— Vem abraçal-o, Violante.

«Foi o primeiro a fazer-te justiça.»

«Que culpa tens do que se passou ?»

Foram para caza.

Pacheco, sentado no leito, beijou-a affectuosamente.

Violante olhava-o acanhada.

Não sabia se deveria pedir lhe perdão, ou deixar esquecer a sua falta.

O pae tirou-a de difficuldades.

«Teu avô magoou-te sem necessidade.»

---

(1) «R. Padre Prior do nosso convento de S. Domingos de Santarem.

Já avizei a V. P. que me parecia muito bem o methodo com que V. P. vai dispondo o governo d'esse dilacerado, e mal governado convento, sem disciplina, nem ordem alguma ha tantos annos: Porém ainda não tive nem tenho tempo para fazer a V. P. varias advertencias uteis ao dito respeito; o que farei na primeira occasião opportuna.

....

Nada me admira o que V. P. me representa do nosso Mosteiro das Donas d'essa Villa; muito mais sei eu ha muitos tempos, e couzas de grave prejuizo e escandalo: Tudo quiz logo remediar no principio do meu governo: Mas não o pude conseguir por achar n'esse nosso convento um Prelado fraco, miseravel, e inerte cercado de hum rancho de bandoleiros que mereciam todos esfolados; aos quaes contemplava como mestres do seu governo; e por isso com elles comia, e bebia na sua cella, donde resulta essa relaxação, que V. P. encontra, assim na falta de sortimentos.

....

«Para o Prior da Batalha.

R. Padre e Prezado Prior. — Para esse convento mandei assignado ao R. Padre Prezado Fr. Joaquim de N. Senhora.

V. P. o não deixara ir a conventos de Freiras, por modo algum, nem das nos-

«E' certo que Nuno Freire é meu inimigo mortal.»

«Mas tu não o sabias, não é verdade, minha filha, quando pensaste em cazar com Luiz Freire?»

— Nada sabia meu pae!

— Agora que conheces os motivos que nos dividem o teu pensár é outro, não é verdade?

Ella pensou negar, defender-se, insistir na defeza d'aquelle amôr que representava o mais alto ideal da sua vida.

«Mas havia de affligir o pae, offendendo-o com a sua teimosia?

Calou-se.

O pae tomou por uma affirmativa o seu silencio.

— Pois bem. Não te assustes.

«Maridos não te hão de faltar.»

«Penso mesmo n'um noivo, um galhardo rapaz, rico e valente, que ha-de fazer a tua felicidade.»

E Violante, sem se poder conter, como se a commovesse a carinhosa affabilidade paterna, cahiu nos braços da mãe, despedaçada a chorar.

— Não chores — disse Pacheco, percebendo a intenção das suas lagrimas.

«Teu avô queria metter-te n'um convento, ao que me oppuz por saber o que de horrivel se pratica ali.» (1)

«Offereço-te uma explendida situação, um marido rico e agradavel, mas só para quando te dispuzéres a acceital-o.»

---

sas de Leiria, nem de outras quaesquer Ordens Religiozas; debaixo da pena que, constando-me o contrario, assim V. P., como o dito Padre, serão severamente castigados.

Aos outros Religiozos seus subditos, prohibira tambem V. P. as jornadas aos referidos das Religiozas; do que teem resultado tantas desordens, e escandalos: tão sómente permittirá V. P., que para as confissões, e mais actos precizos, vão os seus subditos ao nosso convento das Religiozas da cidade de Leiria; não consentindo que lá se demorem mais que o tempo necessario para satisfazerem as suas obrigações; e procurando mandar sómente aquelles Relígiozos que tiverem melhor capacidade; conjunta com modestia grave, e compostura devida.»

Correspondencia do visitador fr. João de Mansilha, obra citada.

(1) «R. Padre Prior do nosso convento de S. Domingos de Abrantes.

Devendo Nós, pela indipensavel obrigação do nosso officio, emendar, e obviar a estas, e outras muitas escandalozas inobservancias: Ordenamos a V. P., debaixo de preceito formal de Santa Obediencia; da pena de absolvição do seu officio; e de outras, que reservamos ao nosso prudente arbitrio; que inviolavelmente faço observar as nossas seguintes ordenações.

. . . .

O mesmo praticará a respeito, dos que encontrar em quaesquer horas nas janellas dos tranzitos desse nosso convento, fazendo acenos, e outras quaesquer acções indecentes para o Mosteiro de N. Senhora da Graça das nossas religiozas; avizando-nos promptamente, quaes são os nomes, dos que nesta materia forem delinquentes...»

Correspondencia de fr. João de Mansilha, obra citada.

«Não cuides que desejo contrariar-te.»

«Nem eu nem tua mãe temos empenho em te ser desagradaveis.»

«Pensei em cazar-te porque é natural que o desejes, como todas as meninas da tua edade.»

«Pressa, porém, não tenho nenhuma.»

Mas Violante não se illudia com as suas bôas palavras.»

Conhecia bem o genio imperioso do pae.

Elle não era capaz de manifestar uma ideia em que não tivesse pensado detidamente.

E receiava pelo seu futuro, e pelo de Luiz Freire.

CAPITULO CXXXI

A ira de Deus

MAS o abbade não quiz deixar de mostrar a D. Pedro alguma das cerimonias do culto com que obscureciam a triste população sua dependente.

Convidou-o para vizitar a egreja, no momento em que o povo se agglomeraria para a festa de desaggravo, para as cerimonias de penitencia com que pretendiam abrandar a colera divina.

«Aqui não se dão as scenas vergonhosas que n'outros templos offuscam o brilho das religiões.»

«Escusam de vir cantar cantigas pandegas por entre meio da missa, e no fim das cerimonias cultuaes.»

«Não os toleramos, e pomos fóra da porta os frades engraçados, os estudantes de prégadores que ganham dinheiro por meio d'essas habilidades.»

«Não deixamos fazer a festa do burro, a missa dos tolos, em que praticam os maiores desvarios os sacerdotes e os populares, fazendo ridiculas imitações das mais sagradas cerimonias.»

«Nem sequer já deixamos que as mulheres tragam as creanças a São Marcos para as amansar.»

«Isto é muito differente do que se fez por esse paiz fóra.»

D. Pedro concordou que essas irrespeituosas festas eram prejudiciaes.

Mas sabia que por toda a parte ellas se repetiam, tornando o culto christão uma amalgama de velhos usos mythologicos, de diversas superstições que a egreja se limitava a apropriar, vendo que as não podia totalmente banir. (1)

Mas os frades de Alcobaça, pondo de parte as alegres, as pagãs festividades medievaes, haviam-lhe substituido outras que lhes radicavam mais fortemente o poderio.

Um dia a população accordára atterrada.

Um tremor de terra saccudia os leitos.

E nem todos os que pretendiam fugir, espavoridos, conseguiam abrir as portas, empenadas pelo deslocamento das vergas, entulhadas pelo escombro das paredes fendidas, dos telhados rotos.

Resoaram gritos por toda a parte, e mulheres e homens correram afflictas ao mosteiro a reclamar a intervenção divina.

Os frades tinham aberto de par em par as portas da egreja, mas receiando a queda da alta construcção, vieram para o adro, de crucifixo em punho.

E quando a pobre gente, chorando de medo, pedia «Misericordia! Misericordia!» em brados lancinantes, elles erguiam a cruz, como uma ameaça terrivel, e insultavam brutalmente os crentes, dando o abalo de terra como um justo castigo dos seus peccados.

Foi no terrôr dos phenomenos materiaes que as castas sacerdotaes basearam sempre a influencia das religiões.

O receio pela noite originou as lendas de phantasmas, de fadas e feiticeiras.

Os eclypses foram considerados castigos terriveis.

Os cometas passavam por annuncios da ira celeste.

Os tremores de terra como signaes do fim do mundo.

---

(1) «Defendemos a todas as pessoas ecclesiasticas e seculares de qualquer estado ou condicção que sejam, que não comam nas egrejas, nem bebam, com mezas nem sem mezas, nem cantem, nem bailes em ellas...»

Constituições do bispado de Evora, 1534.

«Na freguezia de S. Marcos da Serra (Algarve) os paes levam a criança travessa ao padroeito da freguezia, e batem-lhe com a cabeça no touro que está ao aos pés da imagem, dizendo :

Mé senhor San Marcos
Que amansais bois brabos,
Amansai-me este filho
Que é pior que todolos diabos.

A cada verso segue-se uma valente cabeçada, de sorte que a criança atordoada fica mansa.»

Theophilo Braga, *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradicções*, p. 278.

Os trovões eram apontados pelos padres como o symptoma da indignação de Deus, e a faisca electrica como raios lançados lá do alto pela sua misericordiosa mão.

Quando o homem, ignorante das causas dos phenomenos naturaes, precisava de toda a sua presença de espirito, os padres, os frades cahiam sobre elle, atterrando-o, acobardando-o, fazendo-o crêr victima dos seus proprios peccados, dando-lhe os terriveis desastres como ligeiras amostras do que seriam as torturas infernaes.

Aos que estudavam, aos que pretendiam penetrar a verdade das coisas, dando ao homem a consciencia da sua força, illuminando-lhe o cerebro, varrendo o mundo das superstições, defendendo a vida, abolindo a dôr, a religião perseguia-os como inimigos.

E declarando a sciencia uma inimiga de Deus, uma filha de Satanaz, arrastava á fogueira os pensadores e os sabios e reduzia-os a cinzas por meio do fogo purificador.

E então os parazitas, indolentes, gordos, comilões, continuavam gosando sobre os eternos escravos do trabalho, affligindo os, acobardando-os com sinistras visões de horrorosos supplicios!

Passado o perigo, certos de que não se repetiria tão cedo, os frades annunciaram uma grande cerimonia de prece, de penitencia, e então, mais seguros do perigo que tambem os atterrára, repetiram o effeito d'esse medo atroz das convulsões subterraneas, annunciando outro terremoto para mais tarde. (1)

O povo fizera então muitas esmolas.

Carradas de generos vieram encher os celleiros conventuaes.

Alguns mais teimosos e mais ricos pagavam preces particulares pela sua salvação individual.

E como o novo tremôr de terra não apparecesse, ficou suspenso sobre as cabeças de todos como a ameaça de novos castigos, se o fervôr religioso esfriasse.

---

(1) Gil Vicente, que escreve na transição do Portugal inteligente, audaz, trabalhador, o Portugal das descobertas maritimas, para a epoca sinistra de fanatismo e intolerancia que lhe succedeu, escreve em 1531 a D. João 3.º queixando-se do procedimento de uns frades que alteraram o povo servindo-se de um terremoto:

«... não bastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavam duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira que pelos grandes pecados que em Portugal se faziam, a ira de Deus fizera aquillo, e não que fosse curso natural, nomeando logo os pecados porque fôra... O segundo espantalho, que á gente puzeram, foi, que quando aquelle terramoto partiu, ficava já outro de caminho, senão quanto era maior... Creu o povo n'isto, de feição que logo o sahiram a receber por esses olivaes, e ainda o lá esperam.»

Em seguida Gil Vicente contava ao rei que reunira os frades e os reprehendera, n'um discurso cujo fim era:

«Concluo que não foi este espantoso tremor, *ira Dei* (ira de Deus.)»

Obras de Gil Vicente, edição de 1852, vol. 3.º, p. 385.

D. Pedro cedeu.

Foi com o abbade á egreja.

O povo chegava até fóra da porta.

Um pregador, de voz de trovão, dizia coisas horriveis do pulpito abaixo.

E na egreja ia um chôro alto, soluçante, d'aquella pobre gente mantida na mais triste escravidão pelo permanente espectaculo de mortes afflictivas, de torturas medonhas no outro mundo!

... até fóra da porta.

CAPITULO CXXXII

Bispo e abbade

O chronista acabou em fim a justificação do direito de D. Pedro, e appareceu, muito alegre, a notificar-lh'o.

O infante quiz ouvil-a, na presença do abbade, e satisfeito com a argumentação, acceitou-a plenamente.

Então o poderoso chefe dos monges de Alcobaça preparou-se para ir a Lisboa, á presença do rei, pleitear a favôr do infante.

E D. Pedro, cheio de saudades de Ignez e dos filhos, partiu apressadamente para Coimbra.

A chegada do abbade a Lisboa despertou alguma surpreza.

«Viria protestar contra a reivindicação das terras da corôa? — pensava Pacheco.»

Embora já se levantasse, estava ainda um tanto fraco. Não se dirigira ainda ao paço, a reassumir as suas funcções.

Mas não deixava de andar ao facto do que se passava.

O abbade de Alcobaça mal chegou foi em primeiro logar visitar o rei, e, contra o que se esperava não falou das terras que tinham sido mandadas revertêr á corôa.

Limitou-se a pedir respeitosa desculpa por não ter assistido ao ultimo conselho.

Affonso IV, recebendo-o bem, informou-o que no dia seguinte reu-

niria os seus conselheiros para os ouvir sobre novas cartas que tinham vindo de Castella, e que ahi seria posto ao corrente dos principaes assumptos das ultimas reuniões.

Diogo Lopes Pacheco não quiz deixar de assistir.

Mas como não podia discutir chamou o bispo do Porto para junto de si, afim de lhe indicar o que devia dizer contra o abbade de Alcobaça no caso de formular o seu protesto, como se esperava, contra a perda das terras do convento.

Mas o frade assistiu impassivel ao começo da sessão.

Apenas quando João Affonso das Leis se referiu ao assumpto dos ultimos conselhos prestou mais attenção.

Falava-se de D. Pedro.

E rememorando o conflicto de Pacheco com Nuno Freire todos tiveram palavras de felicitação para o ministro.

Das exaltadas congratulações resultava sempre uma referencia odiosa ao infante.

O abbade, já informado das surprezas que o seu alheamento da questão das terras havia causado, interveiu então.

E dirigiu-se ao rei pediu a palavra.

Concedeu-lh'a Affonso IV sem difficuldade.

Ergueu-se o frade apparatosamente, e increpou violentamente o monarcha, perguntando-lhe como é que consentia a irrespeitosa referencia dos seus ministros, a seu filho, ao homem que havia de ser o rei de Portugal.

Mas n'um artificio rethorico terminou bradando «que el-rei estava illudido» e voltou contra os membros do conselho as accusações violentas que viera estudando pelo caminho.

Insultos, insinuações, injurias das mais graves sahiram-lhe dos labios, cahindo em torrentes como vivas chicotadas sobre os amigos de Diogo Lopes Pacheco.

Subiam-lhe á bôcca os epithetos de traidores, de falsarios, que retumbavam entre a commoção geral.

Via-se bem que o abbade se desforçava da perda de tão ricas terras tomando como pretexto a defeza do infante.

Porém da sua arguciosa argumentação deprehendia-se que os mizeraveis, os desleaes, os maus servidores não eram aquelles, os que estavam presentes.

O abbade terminou ao fim de uma longa oração accusando com vehemencia os que illudiam o soberano.

Affonso IV, perturbado, lamentou ao bispo a violencia com que tratára servidores seus, sem provar as suas accusações.

E censurou-o por ter vindo renovar a questão do filho, sem ter sido interrogado a esse respeito.

— Não me censureis, senhor, porque eu só podia falar-vos a palavra de Deus, e essa manda perdoar as injurias!

«Julgaes talvez que vos serve bem quem vos aconselhou a praticar violencias!»

«A verdade sou eu que vol-a digo.»

«Perdoae-lhe, se errou!»

«Tratae-o como vosso filho e vosso herdeiro, e crêde que em ninguem mais do que elle, encontrareis justiça e verdade!»

Sentou-se com estrondo.

E só então se lembrou de que não fizera uma só das citações preparadas pelo chonista.

Apertou contra o peito o rolo em que as trazia, mas reconheceu que se começasse a lêr tão ponderosas conclusões, o conselho, fatigado, cahiria de somno.

«Ao que elles disseram ou isto vae á bordoada, ou nunca se acaba — pensava o abbade.»

«Quando tornar a vêr o infante lhe direi!»

Pacheco não ficou descançado.

E' certo que o rei conhecia o verdadeiro motivo da exaltação do abbade.

Mas as palavras que o inclinavam á reconciliação eram sempre perigosas.

Receiava as consequencias de um tal passo.

E pediu ao bispo do Porto que dissesse duas palavras energicas insistindo na submissão do infante.

O bispo levantou-se muito indignado contra o abbade.

Inimigos, porque eram concorrentes, como apostolos da mesma religião, e o paiz mal chegava para as suas ganànciosas ambições, gostavam de supplantar-se mutuamente.

Levantou-se e começou com violencia:

Traidores, senhor, são os que, com falsas palavras, vos querem fazer acceitar a rebeldia.

«O D. Abbade de Alcobaça vem aqui a pedido do infante, como já veiu D. Nuno Freire de Andrade.»

«Pois ha-de levar-lhe a mesma resposta, a mesma certeza de intransigencia, que o outro levou.»

«Quem se revolta é que se submette!

«Quem erra é que deve buscar a expiação!

«Quem commette o peccado é que tem de vir humildemente offerecer-se á penitencia!»

«Respeitamos muito o senhor infante.»

«Mas el-rei é el-rei, auctoridade só a d'elle, e lei aquillo que elle manda cumprir!»

E voltando-se para Affonso IV.

— Acabae por uma vez com isto, senhor.

«O reino inteiro não pode continuar a soffrer os perigos de semelhante situação.»

O rei estremeceu.

— Quando poderás emprehender uma viagem? — pergunton a Pacheco.

— Senhor, em breve poderei cumprir as vossas ordens — respondeu o ministo.

— Pois bem — respondeu depois de um momento de reflexão — Assim que estiveres bom, acompanhar-me-has.

«Irei a Coimbra falar a meu filho!

CAPITULO CXXXIII

Más noticias

QUANDO abraçou Ignez, D. Pedro vinha menos preoccupado

Julgava bem entregue a causa aos de Alcobaça, não pelo resultado satisfatorio que podiam obter, mas porque, sustentando a intriga pelo seu lado, chamariam a si as attenções do rei e do conselho.

Assim conseguiria viver mais tranquillo.

Ella recebeu-o alegremente, trazendo ao collo o filho mais pequeno e os outros a pular ao pé de si.

Eram todas as suas alegrias, as affeições que formavam o seu mundo, longe do qual nada mais o interessava.

E com elles se deixou ficar algum tempo absorvido n'aquelle amor que lhe queriam roubar.

Um dia, absolutamente despreoccupado, voltou á caça.

A' partida, Ignez, como se receiasse alguma coisa, despediu-se d'elle longamente, apertando-o nos braços, cobrindo-o de beijos.

Mas D. Pedro não se surprehendia, nem tinha em mau agouro esses excessos, porque sempre que se separavam, por horas, era como se devessem estar muito tempo distanciados.

Os filhos mais velhos seguiram-o algum tempo correndo, e depois voltavam para traz a juntar-se á mãe.

Ignez ficava a vêr ao longe a cavalgada desapparecer.

E depois vivia para as creanças, que lh'o recordavam, até que o infante voltasse das suas longas correrias pelos montes.

Mas d'essa vez, ao cahir da tarde, viu approximar-se a galope dum bando de cavalleiros.

Era o abbade de Alcobaça que partira da côrte, ao vêr annullados os seus exforços conciliadores.

Não quiz assustar Ignez dizendo-lhe a verdade.

Informou-se de quando chegaria o infante e ao saber que o esperavam resolveu aguardal-o em vez de lhe escrever.

Ignez sentara-se á janella olhando o escuro da noite, como se podesse divisal-o no meio dos escuros arvoredos.

O silencio do campo foi quebrado pelo echo longiquo da trompa de caça.

D. Pedro mandava tocar todas as trombetas para avisar de que se approximava.

Nas noites de luar ella ia esperal-o ao caminho, e depois, abraçando-o, segurando-se a ella, posta na garupa, vindo a galope por esses risonhos caminhos.

Augmentava pouco a pouco o som melancolico das trompas, como o echo da saudade que os pungia.

Ignez ficava embevecida ao ouvil-o.

Foi esperal-o á entrada, abraçaram-se e subiram muito unidos, falando dos episodios da caçada.

O abbade de Alcobaça aguardou-o em cima, para lhe deixar livres as primeiras impressões.

D. Pedro percebeu que vinha de Lisboa.

Acompanhou Ignez ao quarto dos filhos, e depois de a beijar veiu reunir-se a elle.

O frade contou-lhe rapidamente o que se passára.

O infante ficou sobresaltado.

O pae era capaz de apparecer de um momento para o outro.

«Que havia de fazer?»

«A primeira coisa era afastar d'ali Ignez e os filhos.»

«Podia, como das outras vezes, partir com todos, evitar encontrar-se com o pae.»

Mas, pensando melhor, resolveu entender-se com elle.

«Uma troca de explicações convencel-o-hia da impossibilidade de o desviar do caminho seguido.»

«Convinha mais uma liquidação clara do assumpto do que uma eterna espectativa.»

Ainda assim mandou chamar Nuno Freire, fr. Gil e Gonçalo Annes para o aconselharem.

Reunidos os seus amigos começaram por apurar qual era o intuito pelo menos apparente, do ministro do rei.

Pelo que tinham ouvido na corte, nas reuniões do paço, pelo que se deprehendia das reclamações feitas pelos enviados, o que mais interessava o rei era o casamento do infante D. Fernando com a filha de Pedro Cruel.

Affonso IV chegára a formular a ameaça de proclamar herdeiro o neto, para afastar da successão o filho, senão accedesse a authorizar o casamento, e a legalisal-o com a sua presença.

— Vale a penna por tão pouco arriscarde-vos a um grave conflicto? — perguntou fr. Gil.

— Posso fazel-o, posso recusar-me? — perguntou D. Pedro.

Elles comprehenderam-lhe a intenção.

— N'este momento não accudiria tanta gente a defender-vos como mais tarde — respondeu Nuno Freire.

«Acho melhor esperar.»

— Quando fordes rei podereis fazer o que quizerdes — insunuou o abbade.

«Para que, com que necessidade haveis de augmentar as difficuldades, as complicações da hora presente?»

Gonçalo Annes tambem aconselhou prudencia.

E fr. Gil Cabral voltou a insistir:

— Falae com franqueza a el-rei.

«Que tendes que receiar d'elle?»

«Simplesmente as intrigas dos maus conselheiros envenenam as vossas relações.»

«E' vosso pae, e a rainha a cada passo o chama ao cumprimento dos seus deveres.»

«Ainda me lembra muito bem o que ella me disse quando fui vêl-a em vosso nome.»

— Falae-lhe sem receio — disse o abbade.

«Foi bem visivel a sua perturbação quando appelei para os seus sentimentos paternaes.»

«E ficae sabendo que elles temem exactamente uma franca entrevista em que possaes expôr a simplicidade dos vossos propositos.»

«No fundo qual é a maior preoccupação d'el-rei?»

«Que desherdareis o filho de Constança.»

«Suppõe ingenuamente que basta a alliança de Castella para lhe garantir a corôa!»

«Ora o que vale a força dos castelhanos sabemos todos os que fomos ao Salado.»

«D. Pedro pode tão pouco, que bastam vossos cunhados ou outros vassallos de poucas terras para o pôr em cheque!»

«Que tendes pois que receiar d'elle no futuro?»

«Se vos agradar, quando fordes rei, proclamar herdeiro o infante D. João, vosso filho mais velho desfazer o casamento de D. Fernando quem se poderá oppôr?»

«Com a morte de vosso pae cahirão Pacheco, o bispo do Porto, o prior do Hospital e todos os vossos inimigos.»

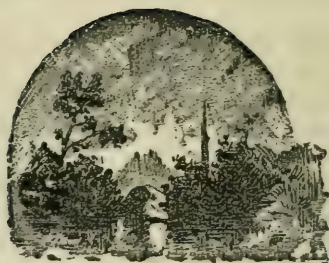
«E D. Pedro de Castella nada poderá contra vós porque uma grande parte dos seus vassallos, os Tellos, os Castros e D. João Affonso de Albuquerque poriam os seus castellos como sabeis inteiramente, e os seus soldados ao vosso serviço.»

«Não deis portanto uma demasiada importancia ao assumpto que tanto vos preocupa.«

«El-rei quer casar seu neto, deixae-o casar.»

Era alta noite.

D. Pedro continuava indeciso.

E deixou para o dia seguinte a resolução do assumpto.

CAPITULO CXXXIV

Ao seu encontro

DESDE pela manhã começaram a sahir volumes do paço onde D. Pedro vivia com Ignez.

Emquanto almoçavam, por entre gargalhadas provocadas pelos ditos do abbade, que falava com saudade da sua cosinha, os criados faziam a mudança do mais necessrio.

E depois de comer sahiram todos, a pé, porque a distancia era pequena.

O infante resolvera alojar Ignez e os filhos na quinta de Alcabideque, porque o pae muitas vezes o mandára intimar a abandonar o paço, em obediencia ao testamento da rainha D. Izabel.

Muito alegre, o abbade de Alcobaça, applaudindo a mudança, acompanhava o rancho.

Elle, como os outros amigos de D. Pedro, e os homens dos seus sequitos, ficariam na quinta, até saberem o que se passára.

Depois de os deixar na nova residencia, D. Pedro sahiu a cavallo, acompanhado de um escudeiro, para ir ao encontro do pae.

Affonso IV, surprehendido ao vêl-o, tão despreoccupado, sem escolta, sem armas, ficou muito bem impressionado.

Tratou-o como se nada houvesse, e estava disposto a voltar a Lisboa,

depois de uma ligeira explicação, que aquella apparente submissão tornava facilima, quando Diogo Lopes vendo falhar o seu plano, lhe fez uma grave insinuação.

«Aquelle procedimento é apenas destinado a evitar que Vossa Alteza entre no paço.»

«Não deseja correr o risco de o deixar ver os filhos da barregã perturbando o silencio d'essa casa onde vive a memoria de vossa virtuosa mãe!»

Affonso IV reconsiderou.

E decidindo continuar a marcha, disse a D. Pedro que o acompanhasse.

A rainha D. Beatriz, que não quizera deixar o marido totalmente entregue aos conselheiros em semelhante passo, ia conversando alegremente com o filho.

E os tres, o rei, a rainha e o infante em meio dos paes, caminhando despreoccupados como tinham feito tanta vez, irritavam Pacheco e os seus amigos.

Diogo Lopes saboreava porém antecipadamente a surpreza e o prazer da chegada.

Calculava com que violencia Affonso IV veria Ignez e os filhos de posse de uma casa que tanta vez mandára despejar.

Mas ao chegarem, com surpreza de todos, as portas e as janellas estavam fechadas.

Foi preciso que o guarda, um velho servidor da confiança de D. Pedro, ensinado para as primeiras perguntas, corresse pressuroso a abrir tudo.

O rei, admirado já com a docilidade do filho, mais ficou ainda com a certeza de que elle não profanára o paço.

E começou a desconfiar das repetidas queixas das graves accusações que constantemente faziam d'elle.

Assim, longe de se lhe dirigir violentamente, encarava-o com certa brandura, cuja expressão atterrava Diogo Lopes.

A rainha a cada passo lhe fazia notar o contraste das informações com aquillo que viam ali.

Mal entraram, chamou-o, e fecharam-se os tres.

— Pedro! — disse o rei severamente — O teu procedimento inclassificavel obriga-me a vir aqui, disposto a castigar-te se não me obedeceres promptamente.

O infante nada respondeu.

— Vem comigo continuou Affonso IV — os embaixadores de el-rei de Castella, meu neto e teu sobrinho.

«Trata-se como sabes do casamento de Fernando.»

«Que pensas a este respeito?»

Os olhares de D. Beatriz vendo chegar o perigo, imploravam ao filho a maior prudencia.

— Senhor, o throno de Castella não está seguro — respondeu D. Pedro com desassombro.

«Conspiram-se contra elle os maiores perigos».

«Ha permanentes ameaças contra a estabilidade da sua situação.»

«Todos os dias a guerra civil perturba a população, ensanguenta aquelle bello solo.»

«Não é a nós, masa elles que a alliança convem, para obterem possiveis reforços.»

«Demais a esposa que destinam a Fernando não é filha legitima, porque D. Pedro tem uma esposa viva, D. Joanna de Castro, desde que annullou o seu cazamento com D. Branca de Bourbon.»

— E' então verdade que persistes em desobedecer-me? — perguntou o rei exaltado.

— Senhor, apenas me perguntastes o que penso.

«O meu dever é falar com sinceridade.»

«Mesmo no risco de cahir no vosso desagrado não seria capaz de vos illudir.»

«Penso que não é um bom cazamento.»

«Mas como não sou eu que tenho de decidir, aguardo as ordens que tiverdes de dar-me.»

«Resolvei como vos approuver.»

— Entendo que o enlace é vantajoso por muitos motivos! — affirmou imperiosamente o rei.

«Os teus receios não tem o menor fundamento.»

«Conheço perfeitamente a situação de Castella.»

«Não tens motivos para recusar.»

— Acceito a vossa determinação.

«Não pensava em oppôr-me, como vos teem dito.»

«Desde que entendeis que é vantajoso, só me resta aceitar as vossas ordens.»

— E estás prompto a confirmal-a de viva voz aos embaixadores de Castella?

— Não terei a menor duvida.

— E' preciso que assistas ao consorcio.

— Assistirei.

— Vê bem ao que te compromettes.

— Só digo o que estou sinceramente disposto a cumprir — affirmou D. Pedro com decisão.

«Que me pode custar assistir a uma festa de familia, em que provavelmente tornarei a vêr minha estimada irmã, e nos encontraremos todos reunidos?»

— Meu querido filho! — disse D. Beatriz abraçando-o.

O rei ficou indeciso.

«Recearia a sua presença, ou teria havido nas accusações alguma intriga dos conselheiros?»

A franqueza das razões que o infante, sem o menor receio expuzéra deixavam-n'o na duvida.

«Quem falava com tal desassombro parecia capaz de se oppôr ao cazamento, se assim lhe parecesse melhor.»

Ao mesmo tempo os motivos em que se fundava pareciam-lhe bastantes para o terem levado a recusar-se como o fizéra das outras vezes desde que estivesse disposto a isso.

Em todo o cazo estava satisfeito por vêr rezolvido o principal assumpto que o preoccupava.

O herdeiro do throno portuguez ficaria apoiado pelo auxilio do rei de Castella, inimigo dos Castros.

Isso tranquilisava-o pelo futuro.

CAPITULO CXXXV

Um pedido

AFFONSO IV foi o primeiro a retirar-se, para descançar, fatigado da longa caminhada.

Ficaram sós D. Beatriz e D. Pedro.

E então a mãe poude dar largas á satisfação que lhe causava a prompta liquidação do perigoso conflicto.

— Ah! meu filho, não imaginas que tormentosos dias tenho passado.

«Mas agora, felizmente, posso descançar.»

«Vejo tudo a bom caminho.

«Estás finalmente reconciliado com teu pae.»

— Não é verdade que fiz tudo o que elle pediu?

— Sim. Procedeste como quem és.

«Não fica mal a reflexão em tão verdes annos como os teus.»

— Ah! minha mae! Mas se pudesse imaginar o que me custou ceder perante as ameaças com que esses homens me affrontaram tanta vez!

— Tem paciencia, Pedro.

— Contemporisei submetter-me, obedeci!

«Oh! mas esta foi a ultima vez!»

«Que não voltem aos maus conselheiros de meu pae a pôr á prova a minha paciencia!»

«Que não procurem imprudentementc submetter-me mais uma vez aos seus caprichos!»

«Recusarei de hoje em deante á menor concessão que seja sobre os assumptos com que pretendem molestar-me.»

«Não os incommodo, deixem-me tranquillo.»

— Pedro, meu Pedro. Afasta os maus pensamentos que ainda te per turbam.

«Pensa no meu santo amôr de mãe, na era de paz que se abriu de novo entre nós todos, e na ventura que para a nossa familia começa a reinar.»

«Porque não havemos de ser amigos, tão unidos como as familias da nobreza, como a modesta gente do povo?»

«Desde que somos os primeiros no mando deviamos sêl-o tambem no exemplo.»

«Reconstituamos a nossa familia, tornemos a viver tão bem como d'antes, quando eras pequenino e não tinhas alegria senão junto dos teus.»

«Porque não has de mudar de vida, meu filho?»

— Mas sou eu por ventura o culpado do que tem havido? — perguntou penalisado D. Pedro.

«Em que incommodo meu pae?»

«Em que perturbo a governação do reino?»

«Revoltei-me, por accaso, peguei em armas, accendi o facho da insurreição?»

— Tens cumprido sempre os teus deveres.

— Pois podia fazer tudo isso!

«Tenho motivos de sobra para mais ainda...

«E se me lançasse n'esse caminho apenas imitaria o exemplo de meu pae, não faria senão o que elle fez, mostraria a herança do seu genio, seguiria os seus processos e os seus exemplos!»

— Não fales n'isso, Pedro!

«Se soubesses, meu filho como elle está mudado, como se arrependeu do mal que fez!»

— Falo, porque é necessario recordar tudo.

«Deve lembrar-lh'o, minha mãe, quando se mostrar exaltado contra mim.»

«Opponde essa memoria ás suas ameaças.»

«Elle insurgiu-se contra o pae, desobedeceu aos conselhos da mãe, combateu os irmãos e mandou-os matar!»

— Cala-te, por Deus! — supplicou a rainha horrorisada ao relembrar a pavorosa verdade.

— Já vêdes que é perigoso deixal-o arrastar para o caminho das violencias — insistiu D. Pedro.

«Ponde lhe diante dos olhos o espectaculo da sua rebellião, e comparae-o com a minha attitude.»

— Foi nobillissima, Pedro.
«Não imaginas o bem que me fizeste!»
«Deixava-me morrer de dôr e de vergonha ante o triste espectaculo de taes discordias.»
«Agora sinto que me reanima um novo vigôr!»
— Já vê, minha mãe, que fiz todo o possivel para lhe agradar.
— Como eu t'o agradeço, meu filho!
«Reconheço com o mais terno orgulho a tua bella dedicação, os teus nobres sentimentos.»
«Attrevo-me até a pedir-te uma outra prova do teu amôr.»
«Volta a viver comnosco, Pedro.»
«Vem para junto de mim, para junto de teu pae.»
«Ainda tens em Lisboa, no paço de São Martinho, junto de nós, os teus antigos aposentos.»
«Apenas encontrarás ali um companheiro, um pequenino amigo, Fernando, o teu filhinho.»
— Substituiu-me em tudo — disse o infante.
«Até meu pae, aconselhado por traidores, o queria tornar desde já o herdeiro da corôa!»
E a physionomia de D. Pedro contrahiu-se n'um movimento de rancôr.
— No meu coração ninguem te substituiu, conservas ainda o mesmo logar, Pedro.
«Não sejas injusto.»
«Fernando não tem quem o proteja!»
O infante baixou os olhos.
Era evidente o seu mal estar.
— Volta para junto de nós, meu querido filho!
— Para que, minha mãe?
«Julga que havia de querer-me como outr'ora?»
«Não se illuda!»
«O passado morreu!»
«A creança fez-se homem, e os homens constituem novas familias, e o amôr que lhes deu existencia vae renovar incessantemente a vida, no caloroso fremito dos beijos.»
«Lá tem um filho, a creança ingenua que eu fui outr'ora.»
«Dê lhe os carinhos que rezerva para mim.»
«E' como se fosse outra vez mãe!»
— O teu logar ninguem o rouba, a tua parte no meu coração ninguem a pode prehencher.
«Volta para junto de nós!»
— Não posso minha mãe.
«Bem sabe porque.»
Beatriz abraçou-o a chorar.
— Agora — tornou o infante — quando a intriga irritar de novo o

animo de meu pae, diga-lhe francamente que procedi muito melhor do que elle faria em eguaes circumstancias.

«E para que não julguem os seus conselheiros que obedeci com receio das ameaças, affirmo-lhe claramente que cedi apenas para evitar desgostos a alguem...

— A mim, Pedro! Como eu t'o agradeço.

E o infante, depois de a olhar, n'um mixto de surpreza e de magoa:

— Sim. Para a poupar!

E terminou:

— Mas não deixe de lh'o fazer sentir!

«E' o interesse de todos!»

CAPITULO CXXXVI

Os seus amores

ENTÃO D. Pedro ficou pensando nas palavras da mãe, na attitude do pae, e no papel que rezolvera desempenhar.

«Como era possivel haver da parte d'elles um tal esquecimento do seu amôr, do seu casamento com Ignez?»

«Não era um verdadeiro egoismo esse desinteresse pela situação que consistia o maior encanto da sua vida, metade da sua existencia?»

Essa disposição que manifestavam, inteiramente alheiados do seu viver, irritava-o profundamente.

Como podia pensar a mãe em fazel-o voltar á côrte, aos seus aposentos de solteiro?

Pois julgava-o capaz de abandonar a mulher e os filhos?

Esta ideia incommodava-o profundamente.

Absorvido n'estes torturantes pensamentos quasi se arrependia de ter accedido aos desejos do pae.

Parecia-lhe que tomariam a sua prompta aquiescencia por uma fraqueza.

Entrado por semelhante fórma n'esse caminho succeder-se-iam as exigencias.

E julgava ter feito mal em não proceder energicamente, levar por diante a resistencia.

Podia ter-se afastado, recusando-se a falar ao pae, indo abrigar o seu amôr em qualquer castello de Portugal, ou nas terras dos Castros, ou junto da rainha sua irmã.

Assim o poder do rei não conseguiria attingil-o.

Mas Ignez tornar-se-ia ainda maior motivo de odio para todos os seus adversarios, e as consequencias d'esse passo empanariam certamente a sua felicidade.

Passeava agitado, sem poder dormir, e quando a fadiga o vencia, e se atirava, prostrado, para uma cadeira, reconsiderava, abandonava o ponto de vista do seu pessimismo, e dava por bem pensado o que fizera, pois afastára a crise de momento.

E todo o seu empenho era vêr satisfeitos os desejos do pae, para que o deixasse de novo entregue aos encantos do lar que fundára á custa de tantas difficuldades.

Toda a sua attenção se fixava em Ignez, e dominado por uma funda saudade começava a recordar os seus menores passos, para a ter presente na imaginação.

Via-a apertando os filhinhos ao seio, amamentando-os, transmittindo-lhe a força, como lhes dera a vida, no mesmo amôr que determinava todo o seu viver.

Acompanhava-a mentalmente ao quarto contiguo ao seu, onde ficavam as creanças, acalentando-as, cobrindo-as, beijando-as, curvada para o berço, retirando depois nos bicos dos pés.

E era aquelle amôr, aquelles extremos de dedicação que todos postergavam!

Não podia ser!

Dominava-o de novo uma profunda indignação, originada por tamanha injustiça.

Sentia contra o pae um grande despeito, e um odio mortal contra os que o levavam a taes extremos.

Para fugir á lucta que o despedaçava abandonou a dolorosa concentração em que se mantinha, e foi para a janella.

A lua illuminava os arvoredos, coando-se atravez das ramarias, riscando o Mondego n'uma faixa de luz que scintilava em palhetas brilhantes ao leve ondular da corrente.

Seguia-lhe as aguas espelhentas atravez dos choupos, dos salgueiros, onde a denunciavam lampejos, no azulado esmalte das suas aguas.

Mas a paizagem, impregnada de Ignez, entristecia-o mais.

Tudo lh'a recordava, as arvores que de dia occultavam os seus idylios, a lua que lhes guiava os passos ao divagarem pela margem do rio, o brando borbulhar das fontes junto das quaes tantas horas haviam passado.

Era o ninho de amor onde tinham vindo abrigar-se com os filhos, e ali lhes decorrera a melhor parte da existencia, vendo-os nascer nas tremendas angustias em que se arriscava a vida de Ignez, crescer, sorrir,

... curvada para o berço ... (252)

desenvolver como esperanças, brincar nas relva do jardim, correr saltar por entre as arvores, ligando-os mais, engrandecendo o sentimento que os unia, excedendo sempre a felicidade que nos primeiros beijos tinham julgado impossivel ultrapassar.

Sentira ampliar o seu amor na ruidosa alegria dos filhos, que os ligavam nos pequeninos braços, no acrescimo de vida que sentia palpitar como nova enfloração da sua.

Fôra cada vez mais feliz ao ver em cada filho a deslumbrante realisação de um seu desejo, ao traduzir-lhes na expressão o rosto de Ignez que fixára no olhar no supremo beijo, ou o seu que na mesma intensidade se reflectira no d'ella.

Desceu á quinta, a recordar o poema da sua vida, a percorrer os logares onde era tão feliz.

Pelo habito foi ter a uma fonte rodeiada de altos cedros, aonde costumavam abrigar pelas tardes calmosas.

Só então se lembrou do que tinham combinado, e dirigindo-se a uma pedra de onde a agua corria, levantou-a, metteu a mão e tirou um pedaço de cortiça onde vinha occulto um rolo de pergaminho. (1)

Estremeceu de jubilo.

«Ignez não o esquecera!»

Para evitar que os seus inimigos soubessem onde se refugiára com os filhos, D. Pedro tinha resolvido não se corresponder com ella, para que os espiões, de que certamente Diogo Lopes Pacheco o havia de rodeiar, não seguissem os mensageiros.

E como um aqueducto ligava as duas quintas, resolvaram confiar á agua pequenos bilhetes que podessem informal-o constantemente se todos estavam bem.

Como receiasse que descobrissem o seu segredo, D. Pedro tomou precauções, olhou em torno, procurando penetrar com os olhos o espesso da vegetação.

Afastou-se lentamente da fonte, encobrindo-se como nos primeiros tempos do seu amor e ao voltar ao caminho rodeiado de buxo, pareceu-lhe que alguns passos afastados seguiam os seus.

---

(1) «Esta fonte que se chamou dos Amores por essa razão já dita, estava nos jardins do palacio...

O principe não podia falar a D. Ignez todas as vezes que o desejavam ambos...

Valia-se para isso d'aquella agua e d'quelles aqueductos, porque por elles e por ella enviava os papeis que lhe escrevia. Rompeu parece, em certa parte o aqueducto e mettendo por ali os papeis, levados pela agua, iam sahir ao jardim onde Ignez accudia a recebel-os. De maneira que o amor vinha nadando, vinham as chamas amorosas passadas por agua.»

Faria e Sousa, *Rimas de Camões*, P. 2.ª, p. 37.

«Que lhe importava se ia saber noticias dos que lhe eram mais cáros?»

E estreitando contra o peito o bilhete, na ancia de o lêr, correu a casa, tão alegre com se Ignez caminhasse encostada ao seu braço, e os filhos fossem adiante saltando alegremente, na intensa felicidade em que os unira o primeiro beijo, na suprema ventura que cada vez os encantava mais.

«Mas que lhe importava que o seguissem se não podiam seguil o até junto de Ignez?»

CAPITULO CXXXVII

A embaixada

TRANQUILISARAM-O as noticias.

Apenas preoccupava Ignez a mesma saudade que elle sentia.

Mais satifeito poude emfim dormir.

No dia seguinte foram avisal-o de que lhe seriam apresentados os embaixadores hespanhoes.

Então D. Pedro, vestindo, como na vespera, uma cota de malha por debaixo do luxuoso saio, foi ceremoniosamente visitar o pae.

Affonso IV reparando na adaga que lhe pendia do cinto, e percebendo a armadura por debaixo do trajo, perguntou-lhe porque vinha armado.

— Ha traidores entre os vossos!

— A quem te referes? — perguntou o rei indignado.

— Aos que vos tem incitado contra mim.

«Deveis conhecel-os melhor do que eu.»

— Não sejas imprudente, Pedro — disse-lhe reprehensivamente o monarcha.

— Tanto não sou que tomo precauções.

«Desde que não conseguiram ferir-me com a vossa colera, podem mandar-me apunhalar por um sicario.»

— Mas receias de alguem? — perguntou preoccupado o rei.

— Não penseis n'isso.

«Ha quem procure dividir-nos.»

«Agora quero impedir que me assassinem.»

«Um dia saberei punir quem procede mal.»

— Sempre essas ideias de vingança!

— De vingança não. De justiça.

«Bem sabeis que me preoccupa um ideal justiceiro, as funções do julgador como supremo fiel da sociedade, o justo equilibrio na administração do premio e do castigo, o mando arrancado aos venaes, as altas funcções sociaes confiadas áquelles que a corrupção não possa attingir.»

— São nobres essas ideias, meu filho.

«Assim todos os teus actos se revelassem por ellas — declarou intencionalmente.»

E depois de um silencio fez um signal ao pagem que á porta aguardava as suas ordens.

Os embaixadores de Castella, acompanhados do seu sequito, e seguidos dos cavalleiros portuguezes que tinham vindo com Affonso IV, entraram na sala.

Os conselheiros, Pacheco, Lopo Fernandes, Mestre Joanne das Leis, o bispo do Porto, Lourenço Gonçalves e o prior do Hospital e outros rodeiaram a cadeira do monarcha.

O rei indicou os castelhanos.

— Senhor infante, eis os enviados de el-rei D. Pedro, de Castella, meu neto e vosso sobrinho.

Os apresentados foram beijar a mão a D. Pedro.

— Confirmae-lhes a resposta que já desteis ao seu pedido.

D. Pedro respondeu gravemente.

— E' com o maior prazer que acceito a subida honra que sua alteza me faz na pessôa de meu filho.

«Estreito assim os laços de amizade que me ligam ao filho de minha irmã.»

Os castelhanos agradeceram em nome do seu rei.

O infante proseguiu.

— Podeis testemunhar a el-rei meu sobrinho a sympathia que me inspira a sua mocidade, e a bravura de que, em tantos conflictos, tem dado sobejas provas.

«Apenas lamento que o seu reinado tenha sido tão cortado de guerra intestinas, de violentas luctas que lhe distraem a attenção, impedindo-a de preocupar-se como era de certo seu desejo, com as mais urgentes necessidades do reino.»

«Comprehendo-o porém, e lamento que o mantenham illudido servidores desleaes, que exploram a energia do seu caracter, mantendo-o n'um regimen de excitação.»

E como percebesse alguma surpreza no auditorio onde se levantavam rumores:

— El-rei desculpará as minhas palavras.

«Simplesmente vos peço que as transmittaes exactamente, por causa de possiveis equivocos.»

«O meu modo de pensar resume-se em duas palavras que podem servir-lhe de muito.»

«São os maus conselheiros quem fazem os maus reis!

Era uma allusão directa.

O grupo do conselho murmurou irritado.

Mas D. Pedro proseguiu:

— Ha pouco o dizia a el-rei meu pae, quando elle me deu o prazer de vos apresentar.

«Expunha-lhe, como vos faço agora, a minha orientação sobre os negocios publicos, que sou obrigado a seguir de perto.»

«Tenho uma grande sêde de justiça, e imagino que a felicidade de um reino está na severa medida com que se distribuam por egual a retribuição e a punição.»

«Sem isso como poderá haver amôr á virtude, se a injustiça premiar o vicio e o crime, e a desordem impedir que se attenda ao pacifico vivêr dos bons?»

«O que mais me preocupa hoje é poder arrancar a decisão das causas em que vem a lume os erros, os maus costumes, ás mãos dos juizes que acceitam peitas das partes litigantes, e se inclinam ao sabôr dos interesses.»

«O que hoje mais me interessa é livrar os povos das perfidias de malvados ministros que em nome dos reis exercem mesquinhas vindictas, dão largas a interesseiros odios.»

«E penso assim tanto pelo que diz respeito a Portugal, que é o reino de um pae e meu, como pelo que toca a Castella, o reino de minha irmã, de meu sobrinho.»

«Transmitti a el-rei D. Pedro, com o testemunho da minha estima, a sinceridade d'estas palavras.»

«Devem ser-lhe gratas estou certo, pela pureza do sentimento que as dicta.»

Pacheco, já restabelecido, indignava-se, ardia em impetos de fazer escandalo.

Mas receiava a ira do rei, que podia manifestar-se-lhe desfavoravel, desde que desse aos extrangeiros o lamentavel espectaculo das suas graves disenções.

Os outros conselheiros olhavam-o, incitando-o a um energico protesto.

Mas Diogo Lopes mantinha-se apparentemente tranquillo, de sorriso nos labios, fazendo exforços para se dominar.

As palavras do infante haviam calado profundamente no animo dos fidalgos castelhanos.

Acostumados aos impetuosos desvarios do seu rei, atacado da sanguinaria loucura de matar, tendo visto cahir umas após outras as mais illustres cabeças de Castella, receiando sempre que uma intriga ou um despeito os arrastasse tambem ao cadafalso, ficaram subjugados pela serenidade de D. Pedro, pela força que se presentia nas suas expressões, e pelo são criterio que parecia dominar os seus actos.

O mais graduado agradeceu:

— Senhor, teremos o prazer de participar a el-rei de Castella as vossas considerações, e desde já podemos affirmar que a gratidão de sua alteza será tão grande com o prazer que tivemos em vos ouvir.

«Se não fossemos vassallos de um tão nobre rei, do vosso sangue, da vossa alta estirpe, acreditae que teriamos a maior honra em ser servidores, subditos vossos, tão nobres são as ideias que tendes sobre a paternal missão de um rei.»

E n'um impulso de enthusiasmo correram a beijar-lhe a mão todos os castelhanos.

Pacheco e os seus sentiam-se esmagados.

CAPITULO CXXXVIII

Nova face

FOI tão boa a impressão dos castelhanos que Affonso IV, disposto a ultimar por uma vez as negociações para o casamento do neto, quiz obsequial-os o mais possivel para que se tornassem depois em Castella os seus melhores agentes.

Gostára das palavras do filho, com quanto lhe percebesse a intenção.

E se na parte em que se referia aos que o rodeavam attribuia ao seu despeito esse apaixonado julgamento, no que dizia respeito ao reino visinho achava de todo o ponta justa a sua apreciação.

Attribuia aos ministros do neto a maior parte da culpa da serie de crimes e chacinas, da verdadeira anarchia que ensanguentava o solo de Hespanha.

As audaciosas palavras de D. Pedro tinham sido o assumpto das mais acaloradas discussõss.

E o bando de Pacheco commentava com furia que os castelhanos tinham ido depois cumprimentar o infante aos seus aposentos, ouvindo-lhe sem duvida mais graves, mais precisas informações.

Queriam ir queixar-se ao rei.

Mas Diogo Lopes tranquilisava-os dizendo-lhe que esperassem, porque haviam de dar-se algumas surprezas.

Os membros do conselho, forçados a calarem-se em vista de taes palavras, a custo dominavam a impaciencia.

Para celebrar festivamente a alliança definitivamente estabelecida, e ao mesmo tempo obsequiar os seus hospedes, o rei mandou preparar uma grande caçada, de que elles levassem bôas recordações.

Partiram todos de madrugada, indo os castelhanos encantados por poderem admirar de perto a destreza de D. Pedro, que tinha fama entre todos os caçadores.

Pacheco aproveitára a caça para mandar espionar os arredores pelos seus amigos, acompanhados de caçadores e moços do monte.

Mas o infante receiando que uma imprudencia fizesse descobrir o retiro dos seus, mandára-lhe um aviso pelo guarda da quinta, que, mettendo-se por caminhos ignorados deu conta da sua incumbencia sem despertar suspeitas.

Assim os seus inimigos nada puderam saber.

Quando recolhiam da excursão, Affonso IV deslumbrou os estrangeiros com um colossal banquete d'aquelles em que parecia esgotar-se todo o engenho, toda a riqueza.

A's saudes os castelhanos fizéram uma verdadeira apotheose a D. Pedro, acclamando-o em altos brados sahindo dos seus logares, erguendo-o triumphante nos braços.

E o proprio rei sentia-se mal diante d'esse ruidoso enthusiasmo, que tinha a resonancia de um protesto, que parecia a solemne condemnação da frieza com que o tratava.

D. Beatriz chorava de commoção.

«Via fazer justiça ao valôr do filho.»

«Sentia-o vingado por uma forma brilhante, de tantas más vontades, tantos dissabores.»

Ao jantar succedeu-se um sarau, onde os trovadores cantaram canções de amôr.

Quando terminaram as festas D. Pedro recolheu radiante aos seus aposentos.

Não lhe fôra indifferente a attitude dos embaixadores, o applauso dos cavalleiros castelhanos.

Era o reino de sua irmã e de sua cunhada, D. Joanna de Castro, rainha legalmente casada, embora n'esse momento cahida no desagrado do esposo.

Entre elles vinham alguns partidarios da rainha D. Maria, amigos de D. Fernando de Castro e de todos os seus.

Isso mostrava-lhe que o reino visinho, onde o pae procurava para Fernando uma alliança contra elle, contra Ignez e os filhos, podia ser um excellente apoio para qualquer resistencia, se continuassem a incommodal-o por causa do seu casamento.

A situação que se preparára contra elle tornava-se-lhe agora favoravel.

E adormeceu pensando nos seus, a quem o novo aspecto dos acontecimentos assegurava mais risonho futuro.

Mas à hora em que se julgava mais tranquillo, Pacheco junto do rei, procurava tirar desforra das humilhações a que o infante o havia sujeitado.

— Folgo sinceramente de vêr emfim o senhor infante reconciliado comvosco — dizia a Affonso IV.

«A disposição em que se manifesta agora parece garantir um futuro tranquillo para todos.»

«Quanto a mim, falta apenas regular um assumpto, para que volte o reino a antiga harmonia»

Sabeis o que pensam esses castelhanos que tanto alarde teem feito da sua admiração pelo infante?

«Que quando fôr rei os receberá como fez aos Castros, dando-lhes terras e tenças, em prejuizo dos cavalleiros portuguezes.»

«Já todos se queixam, receiando o que pode vir a succeder.»

«A attitude d'esses extrangeiros tem provocado o maior alarme.»

«Mas o que hei de fazer? — perguntou o rei.

— Entendo que deveis aproveitar as disposições pacificap e razoaveis do senhor infante para resolverdes por uma vez ácerca de D. Ignez de Castro.

Affonso IV ficou sobresaltado.

Pacheco ia ao encontro das suas preoccupações.

E, sem lhe dizer nada, pensava tambem que era esse o ponto fundamental.

«Ligado a Ignez, Pedro estaria sempre adstricto á politica dos Castros, prompto a ser movido ao sabôr dos interesses dos bandos castelhanos.»

As manifestações dos embaixadores e da sua gente pareciam lhe a confirmação d'esses receios.

Tambem o inquietava a situação do filho.

«Mas não encontrava meio pacifico de se entender com elle a esse respeito.»

Foi Pacheco ainda quem lh'o suggeriu:

— Sabeis o que daria a todos garantias de tranquilidade?

«O casamento do senhor infante com alguma princeza de sangue, que mantivesse na côrte o prestigio da rainha vossa esposa, da rainha vossa mãe.»

«Todos receiam vêr o throno occupado por uma barregã.»

«Mas a vinda de uma esposa digna para o senhor infante seria uma garantia segura da paz.»

Affonso IV ficou pensativo.

Tambem achava que só n'esse meio poderia mudar a situação do filho.

Mas não achava a maneira de o levar a abandonar Ignez.

Pasheco explicou habilmente:

— Não se trata de o separar d'essa mulher que tanto se apossou da sua existencia.

«Que continue a tel-a por amante não nos incommoda nada.»

«D. Diniz, vosso pae, foi um grande rei, embora enchesse o paço de bastardos.»

«Que continue a perder-se de amôr no *collo de garça* não será tão nocivo, como se fizer d'essa ambiciosa uma rainha.»

«Que o logar no throno pertedça a uma princeza de França, de Inglaterra ou de Aragão, bastante altiva para não receiar os confrontos com a amante, para não ter ciumes dos seus beijos impuros.»

«Fazeio-o senhor, que não podeis prestar maior serviço ao vosso reino, aos vossos vassallos!»

Quando se despediu, Affonso IV ficou pensando na maneira de se entender a esse respeito com o filho.

CAPITULO CXXXIX

Uma cartada

PACHECO foi a primeira pessoa que de manhã appareceu ao rei.

Não queria deixar que o subtrahissem á sua influencia.

Dispunha-se a levar a cabo o plano combinado com os seus.

A harmonia de Affonso IV com o filho, sabendo-se como D. Beatriz era favoravel a D. Pedro, tornava-se muito perigosa para os que o tinham hostilisado.

A prompta accedencia do infante ao casamento tornráa desnecessaria a nomeação de D. Fernando como herdeiro, e portanto o ambicioso projecto de se tornar tutor e guia do novo rei.

Indo por deante o accordo que por tal fórma se accentuava, começariam a desencadeiar-se sobre elle as suas vinganças e perseguições.

A sua perda seria certa.

Deposto do alto cargo que exercia, afastado da confiança do rei, ficaria á mercê da gente do infante.

E para se manter na oppulenta situação e que chegára dispunha-se a lançar mão de meios extremos.

Ao vêl-o Affonso IV recordou o que tiuham fallado ácerca do filho.

A presença d'aquelle homem já quasi lhe pesava como a realidade da difficil situação em que se achava para com o filho.

— Tenho pensado nas tuas palavras — disse-lhe muito impressionado — mas ainda não tomou resolução nenhuma a tal respeito.

— Senhor, apenas fiz uma indicrção a que me obrigava a minha lealdade.

«O juiz sois vós.»

«Procedereis como quizerdes e quando vos approuver. . »

— Reconheço a tua lealdade, Diogo, e approveito a occasião para te affirmar que as apaixonadas queixas de meu filho não pesam no meu animo, nem desfazem a tua grande folha de serviços.

«Vim n'uma intenção conciliadora.»

«Obtive facilmente a sua obediencia, que era o essencial.»

«Os de Castella poderão testemunhar a meu neto que o rei ainda sou eu.»

«Para não prejudicar a importancia do acto celebrado considerei como não proferidos os seus desabafos, que, demais, não attingiam ninguem em especial.»

— Senhor agradeço-vos tanto mais sinceramente, quanto sei que trabalham junto de vós por malsinar as minhas pelavras pois dei como suspeitos os meus conselhos.

— Não te preoccupes com isso.

«Continuas a merecer toda a minha estima.»

«Bem sabes que só em ti confio.»

— Obrigado senhor.

— Essas intrigas porém quebram muitas vezes a antiga franqueza com que vos informava.

«Desde que se fazem observações ácerca do meu proceder, receio muita vez dizer-vos toda a verdade, e vós e o reino soffrerão com isso!»

Que queres dizer?

— Folgo que me tenhaes arrastadó a taes declarações.

«Sabeis que os meus inimigos, que são os vossos, dirigem contra mim os golpes com que não se attrevem por emquanto a visar-vos.»

«Nuno Freire quiz assassinar-me, e por pouco que o conseguira.»

«Outros procuram perder-me no vosso conceito.»

«E eu muitas vezes tenho a fraqueza de calar-me, com receio de aggravar o que se trama contra mim.»

— Então o que é isso, Diogo?»

«Chego a desconhecer-te!»

«Accaso a sangria que Nuno Freire te applicou tirar-te-ia a coragem, a resistencia?»

— Do mal d'elle curei-me.

«O que me enfraquece é a guerra que se me faz dentro dos vossos aposentos, no intuito de não vos deixar conhecer a verdade.»

— Mas então occultas-me alguma coisa?

«Começas a servir-me mal?»

— Receio as consequencias de ser absolutamente o que fui atè aqui para vós.

— Occultas-me alguma coisa?

— Não se exalte vossa alteza.

«De certo não me atreverei a fornecer-vos qualquer informação emquanto não o vir tranquillo.»

«Seria uma imprudencia aggravar-vos essa excitação.»

— Ordeno-te que fales, sem detenças.

«As tuas reticencias, as tuas evasivas é que me podem denunciar a tua fraqueza, e portanto a perder das fortes qualidades que me levaram a erguer-te ao primeiro cargo do reino.»

— Senhor, o que tenho a dizer-vos não é de importancia.

»N'outra occasião o communicarei a vossa alteza.»

— Não! Hade ser já!

Affonso IV ergueu-se e caminhou para elle.

Pacheco, vendo que era tempo de terminar a comedia, e que o animo do rei estava completamente preparado, poz de parte as evasivas.

— Senhor, antes de partirdes, o abbade de Alcobaça veiu aqui prevenir D. Pedro das vossas intenções.

«O senhor infante vivia aqui com Ignez de Castro e os filhos, aqui, no paço de vossa mãe, no paço da rainha D. Izabel, que tão escrupulosa foi em defender de possiveis immoralidades esta casa, testemunha da sua virtuosa vida.»

«Aqui reunia com o abbade os seus, Nuno Freire de Andrade, que havia encarregado de me matarr, fr. Gil Cabral que se prestou á comedia do seu casamonto clandestino, Gonçalo Annes e outros.»

«Aqui tem hospedado Alvaro de Castro, aqui tem sido planeiadas as conspirações de Castella, as intrigas para o casamento de Joanna de Castro, a quem sabe que criminosas planos relativos a vós e ao reino!»

Affonso IV cahira atturdido n'uma cadeira.

Pacheco aproveitando esse momento de fraqueza, tirava todo o partido da situação.

E proseguiu apaixonado:

— Mal soube de vossa vinda mudou Ignez e os filhos para uma quinta proxima, e foi então ao vosso encontro, com palavras de submissão, para vos illudir, para ver se vos fazia voltar para traz!

— Quando soubeste tndo isso?

— Antes de que elle vos apparecese — respondeu Pacheco, fingindo-se perfeitamente informado, quando só n'essa propria noite tivera conhecimento de tudo, por um creado comprado a peso de oiro.

— E porque não m'o disseste n'esse momento?

— Porque vinheis com propositos conciliadores.

«Eu não queria por forma alguma ficar com a responsabilidade de um rompimento com D. Pedro.»

«Desde que sou dado como suspeito, tenho escrupulo em desempenhar a toda a altura o meu logar.»

«E desde que não vos servi bem, porque calei o que devia dizer-vos, castigae-me como vos approuver.»

«Peço-vos que acceiteis a minha demissão dos altos cargos para que me escolhesteis.»

«Desde que me vejo aariscado a ser expulso de vosso lado, prefiro sahir por ter sido complacente, a ter de fazel-o por me julgardes movido por odio a vosso filho.»

E beijando a mão ao rei desappareceu sem lhe dar tempo a recobrar-se do espanto que lhe causára.

CAPITULO CXL

Desabafos

QUANDO Affonso IV voltou a si da surpreza, do espanto, da ira em que o lançára a revelação de Pacheco, começou a avaliar a profundidade da intriga que lavraza em volta do seu throno, e julgou ainda mais graves os perigos que Diogo Lopes lhe fizera indiscretamente receiar.

Irritava-o o procedimento de D. Pedro.

Sentia-se mistificado.

E comparando as insinuações feitas contra a parcialidade do seu ministro, com a prova de independencia que elle dera, radicava mais a confiança em que o mantinha e dispunha-se a conserval-o, a todo o custo ao seu lado.

Mas se a attitude do filho o desgostava, a decisão de Pacheco em querer demittir-se não o exacerbava menos.

Quando a indignação dos primeiros momentos lhe deu tempo a proceder, mandou-o chamar, com ordem de comparecer immediatamente.

Diogo Lopes não se fez esperar.

O rei desabafou censurando acremente acoimando de ingratidão a demissão pedida.

—Endoiceram todos em torno de mim.

«Julgam-me tão velho que não tenha criterio para julgar nem energia para proceder?»

«Tu és o primeiro que te enganas, imaginando que não posso passar sem o teu conselho, sem a tua sollicitude, sem a decisão do teu espirito de commando.»

«Esqueceste indignamente que te enriqueci, que te enchi de tenças e de honrarias, que te fiz o primeiro abaixo de mim que te dei sempre um poder illimitado de que nunca te pedi contas.»

«Para que vens ameaçar-me com a demissão?»

«Pensas atterrar-me, para obteres de mim talvez novas concessões á tua insaciavel cubiça, ao teu feroz orgulho?

Pacheco mantinha-se diante d'elle, de cabeça hypocritamente baixa n'uma attitude compungida.

Mas rejubilava intimamente por vêr desencadeiar a tempestade que tão habilmente provocára.

Receiava a brandura, o abatimento do rei, qualquer bondosa fraqueza que o puzesse á mercê da mulher e do filho.

E quando o via rubro de colera estava completamente satisfeito, porque o podia lançar contra o filho, despedaçando n'um momento todas as habeis combinações que elle e os seus tivessem organisado.

Cada insulto que o rei lhe dirigia lisongeava-o mais que um elogio, porque lhe dava a medida do que elle diria depois ao infante.

Affonso IV proseguiu, irritadissimo:

— No dia em que sahires do meu serviço recolherás ao castello, até dares contas precisas da maneira como usaste das largas auctorisações que te concedi, da pureza com que administraste o dinheiro do meu thesouro.

«Tenho a certeza de que terias de ajustar contas com o carrasco, tanto tens abusado do teu cargo!»

«Não julgues que me illudes.»

«Sei tudo, vejo tudo!»

«E só me calo porque se tu me roubas como os outros, serviste-me até aqui melhor que elles.»

«Mas lembra-te que se levaei annos a elevar-te, posso annular-te, n'um momento, despedaçando-te como faço esta taça, que é de muito melhor materia do que tu.»

E atirando ao chão uma alta copa de prata dourada, engastada de ricas pedrarias, pizou-a aos pés.

Pacheco mantinha-se humilado, silencioso, avaliando n'uma grande satisfação intima o que depois iria com D. Pedro.

— Abusam da minha bondade — continuou o rei.

«Atribuem a fraqueza a tolerancia.»

«Mas não me custa nada entrar no caminho de meu neto, fazendo funccionar os cadafalsos, matando sem piedade os traidores, supprimindo os que conspiram, seja quem fôr!»

Aliviado por tão violento desabafo, serenou um pouco.
Houve um momento de silencio.
Depois interigou Pacheco.
— Dize tudo o que sabes!
«Não occultes coisa alguma, por mais grave que seja!»
— Senhor! — respondeu Pacheco, como se nada tivesse ouvido da insultante reprimenda.
O infante anda armado, diante de todos, sem respeito por vós trazendo além de uma adaga e de um punhal formidaveis, cota de malha por debaixo do trajo da côrte.
«Isso vêdes vós tambem como eu.»
«Mas o que não sabeis é que na quinta onde Ignez de Castro se encontra com os filhos, então em homenagem á barregã o D. Abbade de Alcobaça, fr. Gil Cabral, Nuno Freire, Gonçalo Annes, Martim do Avelal, e outros, cujos sequitos passam além de cem homens que se mantem armados de ponto em branco, n'uma evidente provocação.»
«O que ignoraes é que alguns alcaides são partidarios de vosso filho, e que se elle quizer terá refugio certo no castello que melhor lhe parecer.»
«O que desconheceis inteiramente é que entre os castelhanos ha amigos dos Cestros, que trouxeram cartas para D. Pedro, e tem já em seu poder outros que lhes hão-de entregar.»
«Eu chego a suspeitar, senhor, que a prompta cedencia do infante seja o novo lance de alguma intriga que ainda desconhece-vos, mas contra a qual é bom estar precavido.»
E como o rei não respondesse:
— Agora dizei-me, senhor, se devo ir apresentar-me ao alcaide, para que me encarcere, ou ao carrasco para que me degole.
— Não zombes, não abuses da confiança que tenho em ti! — respondeu o rei.
«Mas fica sabendo que não te perdôo facilmente a figura qne me deixaste fazer.»
«Só poderás levar-me a esquecer essa grave falta voltando a proceder sem contemplações, como outr'ora.»
«Estás disposto a fazel-o?»
— Como quem tudo vos deve, senhor? — respondeu Pacheco, rojando-se n'uma abjecção cortezã.
«Deixae-me beijar essa mão em que está a minha vida e o futuro de meus filhos.»
O rei sorriu-lhe.
Os dois comprehendiam-se e completavam-se.

Affonso IV era a brutalidade innata do guerreiro, endurecido nas luctas civis da mocidade.
Afizera-se ao incessante combate, de castello em castello, contra as hostes do pae.

Toldára-o uma nuvem de sangue quando suspeitou que o irmão bastardo era o escolhido, em seu prejuizo, para succeder na corôa a D. Diniz.

Perseguira-o cruelmente, atacára-lhe as villas, confiscára-lhe a herança paterna, derruira os seus castellos até á base.

O impeto guerreiro fizera-o observar prodigios na batalha do Salado.

E quando nos campos de batalha não podia caçar homens, perseguia lobos e ursos nas florestas, apaixonado pela caça.

Essa tendencia, que o levava a abandonar os negocios publicos, originára um conflito com os seus ministros, tão rude, tão violento como elle.

Desde então chamára Pacheco para o seu lado.

E esse, a astucia em pessoa, dominava-o agora completamente.

CAPITULO CXLI

O passado

ERA n'esse estado de espirito que o rei se dispunha a ir falar ao filho, quando a rainha lhe appareceu, radiante da felicidade em que a reconciliação a tinha lançado.

Ignorando a nova intriga, D. Beatriz começou a falar com elogio do filho.

Mas á medida que se expressava, tornava-se visivel a contrariedade de Affonso IV.

Isto surprehendeu-a muito.

— Que fosseis contra elle antes de vos explicardes amigavelmente ainda se comprehendia — disse elle.

«Mas agora que tudo se acclarou não sei que resentimento possaes ter.»

— Deixae-me, senhora.

«Bem bastam os desgostos que elle continua a dar.»

«Não agraveis a sua insubordinação com a magoa que me causam novas discussões.

«Já que não podemos impedir a desinteligencia em que se poz para comnosco, não a tornemos ainda mais grave, não a alarguemos até á esphera das nossas relações.»

«Mantenhamos a antiga harmonia que nos une ha perto de quarenta annos.»

«Não devemos separar-nos com discussões irritantes quando elle nos abandona, nos incommoda.

A surpreza da rainha subia de ponto.

«Como eram possiveis taes palavras depois da prompta acquiescencia do filho?

«Que nova complicação levára outra vez o esposo a semelhante indignação?»

O seu dasejo era conhecer tudo, para se oppor á nova conspiração preparada na sombra.

Agora accudiam-lhe á memoria as palavras do filho que receiava o recrudescimento da intriga

«Podiam tomar a sua prompta reconciliação como uma prova de fraqueza — dissera elle.»

«Iam talvez arrastal-o a novos e mais graves sacrificios — declarara-lhe um tanto penanlisado.»

E ao mesmo tempo as energicas affirmações de que resistiria causalhe verdadeiro pavôr.

Lembrava então as luctas do marido contra o pae, as contendas com o irmão, o sangue de vassallos derramado, a nodoa repugnante do fratricidio.

E o marido, que amára dedicadamente, por quem ainda professava uma solida amizade, no rancor contra o filho apparecia-lhe quasi como um parricida, pondo em evidencia as tintas de sangue da sua sinistra biographia.

Ne vida em comum, na era de paz que tinham atravessado tantos annos, parecera-lhes ter-se esabatido o lado mau, desapparecido detodo o feitio violento,

E quando no echo dos despeitados, ou dos punidos pelo rei lhe chegava aos ouvidos a insultante evocação do seu passado de crimes, chegava a acceitar com bôas e justas as explicações em que elle fundava o seu procedimento.

Mas agora tomavam corpo diante dos seus olhos atterrados as sinistras visões dos tempos idos.

Via D. Diniz, o rei amoroso e trovador, o rei artista que se elevava como um sabio no meio do obscurantismo mediavel, pertubado na sua triste velhice pelas revoltas do filho.

Affonso IV apparecia-lhe em toda a rude brutalidade do seu caracter, coberto de ferro, tinto de sangue, arvorando pendões em farrapos, deitando fogo a povoações, destruindo sementeiras, arrasando castellos, amontoando cadaveres de gente alheia ás suas irritações, correndo como um flagello do norte ao sul.

Figurava-se-lhe o assassinio do bispo de Evora, a desobediencia ao pae e á mãe, o prejurio com que se infamára faltando a um tratado de paz, a repetição dos brutaes conflictos provocados constantemente pelo seu genio ambicioso, insofrido.

E mesmo quando oppunha a tantas barbaridades a sua vida de familia, quando lhe tinham nascido os primeiros filhos, quando fôra rapaz, amoroso, apaixonado, a figura do barbaro perseguidor e eclipsava totalmente a outra.

Mas agora parecia-lhe que o periodo de bondosa tranquilidade fôra apenas um parenthesis.

O lado mau do seu caracter voltava a accentuar-se, aggravado pelo egoismo de velho, pelo despotico prurido de se fazer obedecer absolutamente.

Nas suas iras contra o filho reconhecia o homem que se revoltàra tres vezes contra o pae; que pensára retirar-lhe a corôa, obrigando-o a depor-se; que fizera a um irmão uma guerra feroz, e mandára degolar criminosamente outro.

Por mais que quizesse não podia esquecer tudo isso.

As palavras do filho, pedindo que lh'o recordasse, tomavam agora nova importancia.

Porém n'um determinado momento parecera terminado a desinteligencia do pae com o filho.

«Como se dera essa nova desintelligencia, esse recrudescimento das antigas questões?»

Era o que precisava saber.

— Haveis de dizer-me — pediu elle — porque motivo ha pouco vos desteis por satisfeito com a prompta obediencia do vosso filho, e agora tornaes a ter os mesmos motivos de resentimento.

«Quem vos incitou contra ellle?

«Porque nova maneira vos arrastaram a tamanha má vontade, a tão mau caminho?

— Triste ideia fazeis de mim, senhora.

«Julgaes que posso ser assim manobrado ao sabor de extranhos interesses?»

«A tão pouco suppondes reduzida a minha velha energia, as minhas faculdades?»

«Mas chegou emffim a occasião de conhecerem que não estou disposto a deixar-me illudir por mais tempo.»

— Embora vos irriteis continuarei a attribuir a influencias preniciosas a má vontade, o despeito, a lamentavel ira que sempre mostraes contra o nosso filho.

— Má vontade? Sou eu que mostro má vontade?

«E' assim que me julgaes, vós que tendes obrigação de conhecer-me, de avaliar-me com mais justiça?»

«Senhora, se é só para isso que insistis em occupar-me novamente de Pedro dispensar-me-hei de vos ouvir.»

«N'este momento tenho de julgar como um juiz, de punir como um rei, no caso provavel de falharem mais uma vez os meus desejos de pae.»

«Nos termos em que falaes não estou portanto disposto a continuar a attender-vos.»

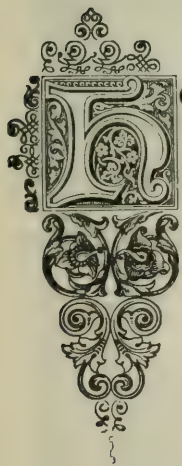
«Um conselho vosso, uma amigavel indicação, será sempre bem recebida por mim.»

Uma insinuação insultuosa por forma alguma.

— Mas se o que vos peço é que me digaes que motivos causaram tal mudança no vosso proceder?

«Exponde-os de boa vontade, não duvideis fazel-o, e conversaremos sinceramente.»

CAPITULO CXLII

Risonha prespectiva

HOUVERA uma tregoa na irritaçeo do rei.

Agora a sua palavra tornara-se persuasiva, serena.

Queria convencer a rainha.

Sentia necessitar da sua opinião como reforço á convicção em que estava.

Precizava encher-se de razões antes de se entender de novo com o filho.

— Estaes mais tranquillo.

«Fizeram-vos bem as minhas palavras.»

«Podeis portanto expôr serenamente os motivos porque, no vosso entender, Pedro procede mal.»

— Em primeiro logar uma pergunta — disse Affonso IV procurando proceder com habilidade.

«Gostarieis de ver casado o nosso filho?»

A rainha ficou surprehendida.

Casado?

— Sim — affirmou o rei.

— Explicae vos melhor.

Sorriu D. Affonso ao notar a admiração da esposa.

E voltou a pergantar, rezervando uma parte de que pretendia fazer:

— Como vereis um projecto de alliança em que o ligassemos a uma nobre princeza?

— Tendes alguma em vista ? — perguntou a rainha alvoraçada.

— Não.

«Como podia dar um passo em semelhante assumpto sem o seu completo accordo ?»

— Não lhe dissestes ainda ?

— Só vos conheceis o meu proposito.

«Mas dizei sinceramente.»

«Que vos parece ?»

— Conforme as circumstancias assim poderá ser um bem on um um mal.

«Se Pedro o quizesse de boa vontade era a suprema aventura.»

— Achaes que tenho razões ?

— Sim. E' uma excellente ideia.

— Já vêdes que os vossos protestos não teem razão de ver.

— Nem sempre assim é.

«Muitas vezes procedeis sem razão.»

«Agora porém sou forçada a confessar que ideasteis umo bella coisa.»

— Folgo que me conheçaes melhor.

— Sempre vos fiz justiça.

— Então concordaes ?

— Se meu filho acceitar sinceramente a ideia, a alegria voltará á nossa familia.

— Poderamos emfim viver tranquillos.

— Em vez de um só, mais netos alegrarão a nossa velhice.

«O velho paço rejuvenescerá ao ruidoso echo das suas gargalhadas infantis.»

«Será como se voltassemos o tempo da nossa mocidade, quando Pedro, Maria e Leonor nos faziam esquecer tantos dissabores.»

— Como vedes é a melhor solução para a inquieta vida que levamos.

— D'esta vez tendes razão.

— E estaes disposta a auxiliar-me ?

De que maneira ?

— Ajudando a convencel-o.

— Estás. Desde que...

— Duvidaes ainda ?

— E' que elle pode desconfiar das nossas intenções.

— Desconfiar ?

— Sim.

«Eu propria sinto necessidade de conhecer a sinceridade de tal proposito.»

— Que quereis dizer ?

— Hontem não pensaveis em tal, não é verdade ?

— Assim é.

— Porque vos determinaste de um dia para o outro ?

— Só hontem me lembrei de procurar uma solução definitiva.

— Duvidaes ainda ?

— Aconselharam-vos sem duvida.

— Sim.

—Quem foi? Podeis dizer-m'o?

Pela mente do rei passou a scena que tivera com o ministro.

Duvidou confessar a verdade.

Ia expôl o a novas insinuações.

Mas a maneira decisiva como Pacheco procedera, querendo abandonar os altos cargos que exercia, levou-o a proclamar altivamente a procedencia de semelhante ideia.

— Foi Diogo Lopes quem me aconselhou a fazer tal.

Então a rainha começou a comprehender tudo.

«Era o que Pedro receiava.»

«Pretendiam crear-lhe novas difficuldades, collocal-o de novo n'uma difficil situação.»

E pela primeira vez pensou na familia que o filho constituira, em Ignez, nas trez creanças.

«O casamento que agora lhe propunham tinha apenas em vista fazel-o separar d'ella.

No espirito da rainha estabeleceu-se uma lucta.

«Devia por ventura, defendendo o filho, proteger essa ligação que tão funesta fôra para Constança e para todos?»

«Havia de cobrir com a sua attitude esse illegitimo viver?»

Mas a absorpção em que D. Pedro se mantinha fazia-a duvidar.

«Separal o de Ignez era despedaçar-lhe o coração.»

«Querer arrancar-lhe os filhos era destruir o que hoje tinha de mais caro.»

«Elle dissera-lh'o, dera-lh'o a entender muita vez.»

«O primeiro passo n'esse sentido era capaz de o arrastar ao caminho do desespero.

«Fôra bem evidente a sua referencia ás revoltas do pae.»

«N'uma repetição das mesmas intrigas dos maus conselheiros do marido não duvidava que elle se lançasse na insurreição.

«Embora favorecesse indirectamente o plano ambicioso dos Castros, não devia consentir no novo rompimento, que se apresentava mais ameaçador.»

Dirigiu-se ao marido gravemente:

— A origem d'esse conselho faz-me desconfiar da sua sinceridade.

— Voltaes a lançar suspeições sobre o meu mais leal servidor?

— Pacheco insistindo em crear difficuldades a meu filho não é decerto vosso amigo.

«Todas as questões têm sido inventadas ou aggravadas por elle.»

«Agora mesmo no que propõe tem um intuito rezervado.»

— Mas ainda ha pouco vos sorriu a ideia de vêr Pedro com uma nova familia.

— E' porque a maneira habilidosa como elle a fez apresentar illudiu me tambem.

«Fostes enganado mais uma vez.»

«O que se pretende é separar meu filho de Ignez de Castro.»

«E tanto nós como elle sabemos perfeitamente que é impossivel conseguil-o.»

— Ah! Defendeis agora a barregã?

— Não a defendo.

«Mas sei que não conseguiremos separal-os.»

— Julgaes que não terei força para o conseguir?

— E' exactamente a esse ponto que vos pretendeu arrastar.

«Querem impellir-vos para um caminho de violencias que será a ruina de todos nós.»

— Pensaes que terei alguma coisa a receiar de meu filho?

«Em que decadencia me consideraes que chegaes a temer os resul tados de uma intimação justa ao infante?»

— Não o temo a elle nem a vós, mas aos que podem novamente incitar-vos um contra o outro.

«Deixae que vos diga tudo.»

«A ultima vez que falei a meu filho elle pediu-me que vos prevenisse contra os que forjam semelhantes intrigas.»

«E fazendo ver a sinceridade do seu procedimento, a sua prompta obediencia, comparou-a ás revoltas que fizestes contra D. Diniz.»

«Não duvidastes pegar em armas!»

«Elle começou por submetter se!»

— Pois meu filho disse isso?

«Pois attreveu-se a censurar-me, e vós, senhora, ouvistel-o sem protesto?»

— Elle quiz apenas conjurar o mal.

«E eu tranquilisei-o, affirmando lhe que ereis bom embora vos procurassem fazer mau!»

CAPITULO CXLIII

Luctando

AFFONSO IV teve uma nova crise de abatimento.

Era ainda o passado, sempre esse passado tenebroso, erguendo-se deante d'elle, revivendo nas desintelligencias com o filho.

Sentia-o como um remorso, e os receios, que se lhe aggravavam com a velhice, faziam-o temer um terrivel castigo.

E via bem que a mulher e o filho o encaravam ainda sob o aspecto de perseguidor de seu pae e de seu irmão.

Fazendo um grande esforço conseguiu dominar-se, e voltou a repetir as queixas.

— Meu filho mistificou-me!

«Abusou da bondade com que vim procural-o, e zombou de mim.»

«Foi ao meu encontro para evitar que eu viesse aqui.»

«E insultando a memoria de minha mãe fez d'esta casa o lupanar da barregã!»

«Para que eu não a visse, receiando a minha colera, escondeu-a n'outro ponto.»

«E em provocação tem-a guardada por homens de armas dos rebeldes que o apoiam!»

«Vêde se pode haver maior impudencia!»

— Fazei por esquecer tudo isso.

«São mesquinhas, são indignas de vós taes preoccupações.»

«O que dezejaveis?»

«Que Pedro não contrariasse o cazamento de Fernando, não é verdade?»

«Pois bem- Elle accedeu promptamente.»

«Agora o que tendes a fazer é ultimar a alliança do vosso querido neto e deixal-o seguir o seu destino.»

«O alvitre de Pacheco é uma nova perfidia.»

«Juro-o pelo meu amôr de mãe!»

— Sem cazar Pedro, sem o separar totalmente de Ignez não ficarei tranquillo.»

«As suas resistencias reapparecerão.»

— Pois n'essa occasião procedereis.

— Não quero deixar aggravar o mal.

— Mas ides aggraval-o assim.

«Provocaes um conflicto, um grave conflicto.»

«E eu não o quero, entendeis bem? Não o quero!»

«Se os maus influem nas vossas determinações tambem eu desejo influir.»

«E tenho para isso o maior direito, em nome do meu amôr de esposa, em nome do meu amôr de mãe!»

— Estaes-vos excedendo.

— Não. Apenas começo agora a pôr-me no meu logar.

— Ah! Tambem quereis dominar-me?

— Não. Mas não consentirei que outros vos governem.

— Tambem sois contra mim?

— Sou contra os que nos querem perder a todos.

— Occupae vos do que vos diz respeito, e deixae-me os encargos da governação.

— Não vos deixarei tomar tão graves resoluções fóra da minha presença.

«Hei-de acompanhar-vos constantemente.»

«Se não quizerdes mandae-me expulsar.»

«Mas consentir, pela minha fraqueza, pelo meu alheiamento, que vos arrastem a crimes...

— Senhora!

— Crimes, sim!

«Então o que é um pae ser contra um filho, senão um crime?»

«Um filho contra um pae pode apenas commetter uma leviandade.»

«Mas o acto de um velho, um acto reflectido, quando se dirige contra aquelle a quem devia protecção e conselho, é um acto criminoso.»

«E quando, no vosso caso, ha revolta contra o pae, ha guerra contra o irmão, vem juntar se a perseguição contra o filho, o povo tem direito de dizer que se trata de uma grande malvadez!»

— E' demais!
«Estaes-me insultando! — disse o rei irritado.»
«Juraste fazer-me perder a paciencia?»
— Bem sei que não sois um mau homem.
«Quarenta annos de dedicação m'o provam.»
«Mas sois um fraco, e servis aos inimigos de meu filho para vos atirarem contra elle.»
«Da mesma forma lhe fazeis mal, da mesma forma o povo vos amaldiçoará.»
«Vêde se deveis continuar a praticar imprudencias.»
«Ninguem attenderá ás vossas intenções, mas ao mal, consciente ou inconsciente que fizerdes.»
— Sempre suspeitei que ereis por elle, contra mim — disse Affonso IV desanimado.
«Informaram-me que tinheis recebido um emmissario seu, quando de outra vez travastes commigo uma semelhante discussão.»
«Nuno Freire de Andrade, quando me offendeu e provocou Diogo Lopes, tambem vos foi cumprimentar.»
«Não é só meu filho a hostilizar-me.»
«Vós protegeil-o e aos seus partidarios.»
«Estaes em revolta contra mim!
— Não faltará que o digam os traidores! — respondeu altivamente a rainha.
«Aviso-vos portanto emquanto é tempo.»
«Assim que suspeitarem da energia com que estou disposta a defender-me e aos meus, procurarão sem duvida separar-nos.
«Peço-vos portanto que retiremos hoje mesmo para Lisboa.»
— Sem ter uma entrevista decisiva com meus filhos, sem o levar a acceitar uma esposa digna d'elle e do reino, nunca!
— Presistis em falar-lhe no casamento?
— Assim o resolvi.
— Pois bem. Seja.
«Mas eu assistirei á vossa conferencia, como é meu direito, e como a prudencia o exige.»
«Não m'o recusareis, estou certa.
«Mas se m'o fizesseis, mas se a vossa cegueira chegasse a tanto, iria para o lado de meu filho.»
«Pedir-lhe-ia hospitalidade, e em troca dar-lhe-ia conselhos.»
«Elle havia de seguil-os e da mesma forma a paz se manteria entre vós.»
«Mas não me forceis a isto, não me obrigueis a semelhante passo.»
«Quero a tranquilidade de vós ambos, unidos a mim, como no tempo em que eramos felizes!»
— O que tenho a communicar-lhe posso dizel-o diante de todos.

«Folgo mesmo que assistaes, para não continuardes a julgar mal o meu procedimento.»

Mandou chamar o infante.

A'quella hora D. Pedro reunira os castelhanos n'uma festa intima, obsequiando-os nos seus aposentos particulares com uma merenda de vinho e fructa.

Os alaudes acompanhavam os convivas.

E a tarde decorria entre canções d'amor, que augmentavam as saudades de D. Pedro, encostado á janella, olhando na direcção da quinta onde escondera Ignez.

Um trovador cantou:

O caçador foi á caça,
A' caça como sahia
Os cães já leva cançados,
O falcão perdido havia
Andando se lhe fez noite
Por uma mata sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que alli via
Foi a levantar os olhos,
Viu coisa de maravilha:
No mais alto da ramada
Uma donzella tam linda!
Dos cabellos da cabeça
A mesma arvore vestia,
Da luz dos olhos tam viva
Todo o bosque se allumia

Alli fallou a donzella,
Já vereis o que dizia:
— «Não te assustes, cavalleiro,
Não tenhas tamanha frima.
Sou filha de um rei c'roado,
De uma bemdita rainha.
Sette fadas me fadaram
Nos braços de mi madrinha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia;
Hoje se acabaram n'os annos,
Amanhã se conta o dia;
Leva-me, por Deus t'o peço
Leva em tua companhia.

... reunidos em festa intima ...

— «Espera-me aqui donzella
Té amanhan, que é o dia:
Que eu vou a tomar conselho,
Conselho com minha tia
Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia!
— Oh, mal haja o cavalleiro,
Que não teve cortezia.
Deixa a menina no souto
Sem lhe fazer companhia!

Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter c'a tia...
Já voltava o cavalleiro
Apenas que rompe o dia,
Corre per toda essa matta,
A enzina não descubria.
Vae correndo e vae chamando
Donzella não respondia;
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia
Levavam n'a linda infanta,
Que era já contado o dia
O triste do cavalleiro
Por morto no chão cahia;
Mas já tornava aos sentidos
E a mão á espada mettia:
— «Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo co'a vida (1)

E a toada melancolica entristecia-o ainda mais.
Outro dos fidalgos trovadores, comprehendendo a sua magoa, cantou:

Quando amor nasceu
Nasceu ao mundo vida,
Claros raios ao Sol, luz ás estrellas.
O Ceo resplandeceu,
E de sua luz vencida
A escuridão mostrou as cousas bellas.

(1) *Romanceiro,* de Garrett, vol. II, p. 23,

Aquella, que subida
Está na tercia esphera,
Do bravo mar nascida,
Amor ao Mundo dá, doce amor gera.
Por amor s'orna a terra
D'aguas, e de verdura,
A's arvores dá folhas, côr ás flores.
Em doce paz a guerra,
A dureza em brandura,
E mil odios converte em mil amores.
Quantas vidas a dura
Morte desfaz, renova:
A formosa pintura
Do Mundo amor a tem inteira, e nova.
Ninguem tema seus fogos,
E chammas furiosas,
Amor é tudo, amor suave, e brando.
Sugeito a brandos rogos,
As aguas amorosas
Dos olhos com brandura está alimpando.
Douradas, e formosas
Settas n'aljaba soam
A' vista perigosas;
Mas amor levam, dos amores voam.
Amor em doces cantos,
Em doces liras sôe,
Torna um brando nome este ar sereno.
Fujam maguas, e prantos,
O ledo prazer vôe,
E claro o rio faça, o valle ameno.
No terceiro Ceo tôe
D'amor a doce lira,
E de lá te coroe
Castro, d'ouro ó grão Deus, que inspira. (1)

Ao receber o recado urgente do pae, pediu licença aos seus hospedes e apressou-se em ir vêl-o

Affonso IV recebeu-o com boas maneiras.

— Sabes, meu filho, que tenho pensado muito a teu respeito.?

— Não é de esperar outra coisa de um pae extremoso como vós.

— Desejo que o dia do casamento de teu filho seja de dupla festa «Elle ligar-se-ha á infanta de Castella.»

---

(1) Dr. Antonio Ferreira, *Castro*, 1.º acto, côro I.

«Uma princeza da casa real de França digna de ti, dar-te-ha n'esse dia, a mão de esposa.»

Pedro olhou a mãe, surprehendido por semelhante proposta.

D. Beatriz baixou os olhos.

— Que dizes a isto — perguntou o rei.

— Não comprehendi — respondeu friamente o infante.

— Desejo que contraias matrimonio, que te ligues a uma casa reinante, e que é de grande vantagem para o reino.

— Não chego a medir o alcance das vossas palavras, nem quero sequer pensar qual seja.

«Bem sabeis que sou casado.»

«Tal proposta não tem portanto razão de ser.»

— Atreves te a dizer-me que és cazado?

— Com D. Ignez de Castro! — respondeu altivamente o infante.

— Isso é um cazamento illegal?

— O meu sangue sellará a sua validade, se fôr precizo! (1)

— Ameaças-me? Desobedeces-me?

— Se me chamastes só para isto, peço licença para me retirar.

— Tens de abandonar essa mulher!

— Só a morte nos poderá separar!

«Recordae-vos bem d'estas palavras.»

«Não digaes depois que foste ingenuamente ao encontro d'ellas.

«Casei, tenho filhos, sou feliz.»

«Defenderei a todo o custo o meu lar!»

— Porque motivo residistes aqui, contra o testamento de minha mãe?

— D. Izabel era minha avó.

«Esta casa não pode aposentar pessoas alheias ao seu sangue, segundo a lettra do legado.»

«Ora isso não se entende comigo.»

«Minha mulher e meus filhos tem direito a estar onde eu estiver.»

— Mas porque desobedeceste ás minhas ordens, quando por diversas vezes te mandei sahir d'aqui?

— Porque sabia que tudo isso eram intrigas dos vossos conselheiros.

— Mas agora afastaste-a!

— Para que podesseis occupar livremente a casa.

---

(1) «De outras bellas senhoras e princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas extranhezas;
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho, que cazar-se não queria,»

Camões, *Lusiadas*, canto 3.º, est. CXXII.

— E para que a defendes ostensivamente?
— Porque ha traidores ao vosso serviço.
— Não insultes os meus ministros!
«Não aggraves a tua situação!»
— Traidores, repito!
«Não é a mim que fazes mal, que não os temo.»
«E' a vós, senhor, porque vos infamam!»
«Eu defendo corajosamente minha mulher, sou capaz de dar a vida por meus filhos, e vós consentis que me persigam, e daes-lhes força contra vosso filho, e não vêdes como é opprobrioso o papel de um pae que persegue um filho, depois de ter, como filho, perseguido o pae.»
E como a rainha corresse a elle para o calar.
— Acabei. Disse o que tinha a dizer.
«Agora procedei como quizerdes.»

CAPITULO CXLIV

Surprezas

O infante sahiu precipitadamente.

A rainha desappareceu, humilhada, o coração despeçado, sem soltar palavra, sem encarar o rei.

Affonso IV ficou como atturdido, ennovelado a um canto da granda cadeira, commentando mentalmente as palavras do filho.

Conservou-se absorto largas horas, pensando no que devia fazer.

Quando se ergueu tinha tomado uma resolução.

Mandou chamar novamente o filho, mas vieram-lhe dizer que tinha partido, acompanhado por todos os castelhanos.

Sobresaltou-o a noticia.

«Porque motivo tinham saido todos?»

«Porque não haviam usado a deferencia de lh'o participar?»

Incommodava-o a convicção de que o filho era responsavel d'essa nova leviandade.

Sentia-se amesquinhado por essa desattenção á sua auctoridade, por esse symptoma de abandono.

Mandou perguntar para onde se havia dirigido o infante com semelhante precipitação.

Diogo Lopes appareceu a dar a resposta.

— O senhor D. Pedro partiu segnndo me disse a minha gente, para a quinta de Alcabidegue.

«Os embaixadores de Castella e o seu sequito foram cumprimentar D. Ignez de Castro.»

Não acrescentou uma palavra.

Mas o rei ergueu-se de salto.

— Tens a certeza do que dizes?

— Homens de confiança os seguiram, por minha ordem, e voltaram a informar-me.

«N'este momento podeis ter a certeza que estão reunidos n'uma verdadeira festa.»

«Trocam-se saudes, erguem-se taças ouve-se fóra o echo dos enthusiasmos, o som dos instrumentos.»

Effectivamente áquella hora Ignez de Castro era rodeiada pelas attenções de todos os castelhanos da embaixada, deslumbrados pela sua imponente belleza, captivados pela deliciosa paz em que a tinham ido encontrar com os filhos.

Ignez vivia ali, occulta aos olhares da côrte, vivendo para a saudade do infante deliciando-se na recordação do seu amor. (1)

— Mas isso é um desafio!

— O meu dever limita-se a informar-vos.

CXX

(1) «Estavas linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito
N'aquelle engano da alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuitos,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam,
E quanto em fim cuidava e quanto via
Eram tudo memorias de alegria.»

Camões, *Lusiadas*, Canto 3.º

«Pertence-vos classificar o acto.»

— E' uma imprudente provacação!

— Perdoal-a ou punil-a é ainda um direito vosso.

— Perdoal-a nunca!

«Punil-a, castigal-a, sim, porque é um acto de revolta, porque constitue uma ameaça!»

— Procedereis como vos parecer melhor.

— E qual será o intuito de meu filho?

— Só logo o saberei.

«Gente minha rodeia a quinta para saber o que se passa.»

— Assim que meu filho apparecer, que me venha falar — ordenou severamente Affonso IV.

— Serão cumpridas as vossas ordens, se elle voltar — insinuou hypocritamente Pacheco.

— Pois duvidas que o faça?

— Nada posso avançar.

«E' certo que o facto me surprehende.»

«Mas como era a vós, seu rei e pae, e não a mim que devia ter participado esse convite feito aos embaixadores, não sei o que vos disse, não tenho bases para fundamentar uma apreciação,»

— Elle nada me declarou.

Pacheco não fez o menor commentario.

Mas o seu espanto ainda irritou mais o rei.

— Tu suspeitas alguma coisa!

— Não formulei ainda o meu juizo.

— Mas estás atterrado.

— Confesso, não estou descançado.

«Pois não era na alliança de Castella, o enlaçe de vosso neto que bazeiaveis inteiramente a certeza da manutenção do direito do filho de D. Constança á corôa?»

«Pois não fundaveis n'esse accordo com el-rei D. Pedro o afastamento de Ignez e de seus filhos, da influencia dos Castros a quem elle é hoje decididamente hostil?»

«Tudo se transformou n'um momento.»

«O senhor infante conseguiu afastar por tal forma os castelhanos do caminho que lhes impunha a sua missão, que os levou festivamente a render preito á amante.»

«E ou fossem decididos aqui, ou viessem industriados pelos Castros, ou tragam secretas instrucções de el-rei vosso neto, o caso é muito grave, reveste um caracter perigoso e impõe a necessidade de um procedimento decisivo.»

— Pois chegas a suppor que o rei de Castella mandasse cumprimentar Ignez?

— Senhor, todos os dias a politica d'esse infeliz reino de vossa filha e de vosso neto apresenta surprezas.

«Ha uma verdadeira anarchia interna, a aggravar a guerra de Aragão e a permanente ameaça dos mouros de Granada e de Marrocos.»

«O rei ora se inclina para uns, ora recorre ao apoio de outros, ora manda cortar cabeças, ora negoceia humilhantes pactos.»

«Os que não tem força acabam ás mãos do carrasco, ou victimados á traição.»

«Ora os Castros são bastante poderosos, dispõe de milhares de homens de armas, e de fortes villas e castellos o que impede D. Pedro de os mandar matar.»

«D. João Affonso de Albuquerque representa uma ameaça tão forte como a d'elles, e da mesma forma está pelo seu grande poder a coberto dos castigos do rei.»

«Martim Affonso Tello e os que rodeiam a rainha D. Maria, vossa augusta filha, tambem desprezam as suas ameaças, desafiam impunemente as suas coleras.»

«Para maior perigo, entendem-se admiravelmente todos os adversarios do rei de Castella.»

«E se o rei tiver de se oppôr novamente aos ataques de seu irmão Henrique de Trastamara, secundados pelas forças de Aragão, e pelos soldados francezes, que, segundo me consta, virão em seu auxilio, não tem remedio senão appelar para estes rebeldes, que são, como sabeis, hostis aos bastardos, porque a rainha vossa filha não quer vêr no throno o filho de Leonor de Gusmão, nem D. João Affonso de Albuquerque tolera o triumpho dos descendentes da favorita, nem os Castros deixarão derrubar o regio marido de D. Joanna.»

«Terá havido por esta forma uma nova combinação, imposta pelas circunstancias?»

«Estarão portanto os Castros de novo nas bôas graças de el rei vosso neto?»

«Ou apenas o senhor infante, conhecedor de tudo isto, como na vossa presença bem mostrou, procurará approximar os Castros de el-rei seu sobrinho, na previsão de futura guerra?»

«Em qualquer dos casos, meu senhor e rei, o passo dado hoje é profundamente grave.»

— Tens razão, Diogo.

«Meu filho não praticou apenas uma leviandade.»

«Os seus actos obedecem a um plano.»

«O seu procedimento resente-se, ha tempos por cá, de um calculo differente da imprudencia com que ao principio do seu desvario andou fugido, evitando os meus correios, fazendo com que ninguem soubesse onde parava.»

«De que provirá semelhante mudança?»

—E' o que havemos de investigar, senhor — respondeu Pacheco, pondo termo ás suas insinuações, não querendo augmentar a confusão em que deixára o rei.

D'ali a pouco D. Pedro entrava na camara do pae, muito senhor de si.

— A que titulo foram os embaixadores de el-rei de Castella á residencia d'essa... de Ignez de Castro?—perguntou Affonso IV com severidade ao vel-o entrar.

— Pediram licença para ir cumprimentar minha esposa — respondeu com dignidade D. Pedro.

«Tive que os acompanhar.»

— Tu não devias tel-os incitado a semelhante passo, contrario ao espirito das suas instrucções.

— Se é contrario ou não, só elles o sabem — respondeu o infante n'um sorriso de sarcasmo, olhando na direcção de onde suppunha que o estavam escutando:

E proseguiu.

— Comprehendereis bem que não precisava convidal-os a isso desde que recordeis que D. Ignez de Castro, minha prezada esposa, é irmã de D. Joanna de Castro, rainha de Castella.

«Seu irmão e meu estimadissimo cunhado D. Fernando de Castro tro ainda ha pouco commandou as forças castelhanas na fronteira de Aragão.»

«Alguns dos cavalleiros vossos hospedes serviram sob as suas ordens e professam por elle e pelos seus a maior estima.»

— Embaixadores de um rei não podiam proceder como esses fizeram.

«Praticaste uma grande imprudencia!»

«Podes expor-nos a um conflicto com Castella, a leviandade que te levou a incitar a semelhante visita esses fidalgos.»

— Pelo que toca a el-rei meu sobrinho podeis estar descançado — declarou D. Pedro.

«Tanto elle como a rainha minha irmã sabem ha muito do meu cazamento.»

«D. Ignez de Castro tambem descende dos reis de Castella, e dos reis de Portugal. (1)

«A prinoeza de França em que me falasteis, não seria mais nobre

---

(1) «Idem. Perguntado se sabia que o dito rei D. Pedro houvesse divido algum de parentesco com a dita D. Ignez de Castro, disse que elle sabia bem que el-rei D. Pedro era filho da rainha D. Beatriz e D. Pedro de Castro era filho de D. Violante. E que a dita Dona Violante e a dita rainha Dona Beatriz eram irmãs, filhas de el-rei D. Sancho de Castella. E que do dito D. Pedro de Castro fora filha a dita Dona Ignez, como dito é, por a qual razão elle sabia bem que a dita Dona Ignez fora sobrinha do dito rei D. Pedro, filha de seu primo coirmão.»

Depoimento de Diogo Lopes Pacheco em 1385, no «Memorya» existente na Torre do Tombo, Gaveta 13, m. 3, numero 8, publicado no «Frei Gonçalo Velho» de Ayres de Sá.

do que minha esposa, nem contaria decerto em Portugal e em todas as Hespanhas tão vivas sympathias.»

«Agora, que já vos disse tudo, senhor, que satisfiz os vossos desejos, permitti que me retire.»

Saudou e desappareceu.

Então Diogo Lopes Pacheco sahiu de traz de um reposteiro onde assistira á conferencia.

— Que havemos de fazer? — perguntou o rei.

— Ouvi tudo, e cada vez me sinto mais confuso — respondeu Pacheco, muito preoccupado.

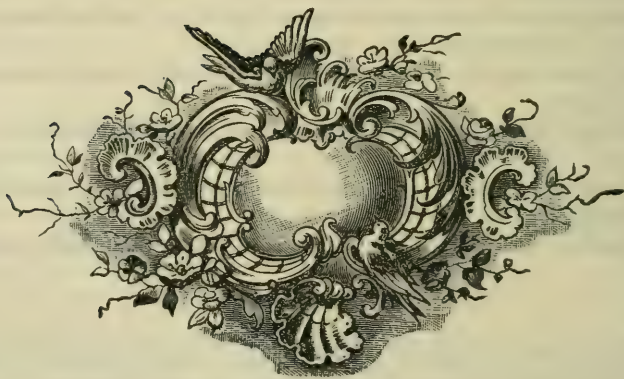
«Ha em tudo isto alguma coisa que precisamos conhecer.»

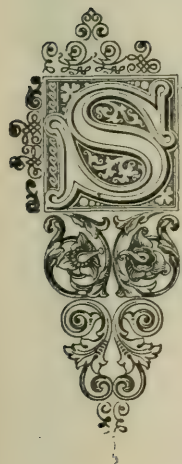
«Agora tambem eu vos digo que espereis.»

«E' preciso saber que pensa el-rei de Castella.»

«Sem isso não poderemos proceder com segurança.»

«Achaes justo o que digo?»

— Tambem me parece — concordou o rei.

CAPITULO CXLV

Espectativa

SEGUINDO as indicações de Diogo Lopes o rei despediu os embaixadores offerecendo-lhes presentes, mandando ao rei de Castella uma espada de valor, e escrevendo-lhe largamente á cerca da alliança, dos soccorros por mar e terra que podia fornecer-lhe, e da conveniencia que havia em celebrar quanto antes o consorcio de Fernando com Beatriz.

Esquecendo momentaneamente os resentimentos, as energicas respostas do filho, mandou-o chamar.

Expoz-lhe ainda por conselho de Pacheco, as vantagens do cazamento do pequenino infante, sob o unico ponto de vista que podia agradar-lhe.

— Beatriz era a filha mais velha de D. Pedro e de Maria de Padilla.

«Legitima ou não, era a unica que dera filhos ao rei de Castella.»

«Todas tres meninas, a herança do reino pertenceria a D. Beatriz.»

«E assim Fernando viria a ser rei de Castella, e por morte d'elle reuniria as duas corôas.

«O rei seu neto havia conquistado uma grande parte do territorio de Aragão.»

«Muitos dos castellos estavam em seu poder.»

«Era de esperar que a serie de conquistas lhe desse por completo a posse do reino.»

«D'essa forma reuniria Fernando sob o seu sceptro toda a Hespanha christã.»

«As forças dos tres reinos, desde que não pudessem continuar a digladiar se, actuariam todas contra o kalifado de Cordova, repelliriam os ultimos serracenos da peninsula, e poderiam emfim consolidar um formoso imperio.»

Apaixonava-o essa visão de grandeza.

N'esse momento era sincero, comquanto continuasse a realisar o astucioso plano do seu ministro.

D. Pedro ouvia o com a maior attenção.

Tambem lhe agradava esse largo plano de conquista.

Comprehendia o intuito, mas, sob esse aspecto, desculpava-o.

O rei perguntou-lhe:

— Não apoias de todo o coração um tal engrandecimento do nosso reino, na mão de meu neto, de teu filho?

— Já o prometti, meu pae, e não costumo faltar á minha palavra — respondeu o infante,

D. Pedro assistiu a audiencia da embaixada, e a pedido do pae, rectificou as suas promessas.

—Esperava com o maior interesse a resposta de el-rei seu sobrinho — disse elle ao principal embaixador.

Cedendo a instancias de Affonso IV entregou lhe tambem uma carta para o rei.

Mas antes, a sós com elle, dera-lhe cartas para D. Fernando, para D. Alvaro e para Joanna de Castro e para a rainha D. Maria, sua irmã.

Aos Castros expunha-se a necessidade que tivera de ceder, n'uma simples formalidade, rezervando-se para se desforrar em actos decisivos.

«Affastára d'essa maneira um perigo de momento, visto que o pae fòra surprehendel-o a Coimbra, onde não podia resistir.»

«De futuro estaria porém em outras circumstancias.»

«Os embaixadores sabiam a fórma de adiar o casamento dizendo ao rei de Castella a verdade, ácerca das desinteligencias do pae e do filho.»

«Dando-lhe a certeza de que Ignez de Castro havia de ser a rainha de Portugal, impelliam-o indirectamente para D. Joanna, e para Fernando.»

«Terminava pedindo que o puzessem ao corrente de tudo.»

Os embaixadôres partiram para Castella.

No mesmo dia Affonso IV, sem fazer ao filho a menor recommendação, sem lhe tornar a falar do projectado casamento, sem allusão a Ignez e á sua residencia no paço, partiu para Lisboa.

Os embaixadores partiram para Castella

Tinha combinado com Diogo Lopes aguardarem informações exactas dé Castella.

Sem conhecerem por completo as disposições de Pedro Cruel tinham de manter-se na espectativa.

D. Beatriz vinha satisfeita com a rapida mudança.

A presença do filho que os acompanhou por algum tempo e se despediu affavelmente ainda a tranquilisou mais.

Entraram em Lisboa sem tornarem a falar nas passadas desintelligencias.

Quando se encontraram de novo no paço de São Martinho, Pacheco expoz ao rei a necessidade de enviar a Castella um embaixador, encarregado de obter a resposta de D. Pedro.

Esse era o fim ostensivo.

O verdadeiro motivo da nova missão estava em collocar junto de côrte castelhana alguns homens de confiança, que dessem verdadeiras informações do essencial.

Para isso indicava Pero Coelho, qne já conhecia o terreno, e agradara a Pedro Cruel; Gil Vasques, tambem conhecedor do meio; e Alvaro Gonçalves, homem de toda a sua confiança.

Para embaixador indicava Lourenço Gonçalves.

E como o rei se mostrasse surprehendido ao ouvir tal nome, explicou sorrindo, o seu proposito.

— Bem sei que elle não é capaz de se encarregar de semelhante commissão.

«Mas por isso mesmo o prefiro.»

«Não insistindo pelo despacho, não apertando o rei com perguntas, não terão pressa de o mandar embora, o que dará logar a que os tres façam á vontade a necessaria espionagem.»

«Demais elle levará a mulher, e como Catharina Tosse é uma formosa andaluza, que já de lá veiu, como sabeis, por causa das violentas paixões que inspirou, o desejo dos cortezãos, e talvez do proprio rei será conserval-a o mais tempo possivel, demorando portanto o marido para esse fim.»

«Um outro elemento de agrado fará parte da embaixada, o trovador Affonso Madeira, secretario d'esse feliz casal.»

«Em Castella já lhe conhecem as aventuras e as habilidades.»

«A fama que adquiriu nas festas do senhor de Barrameda fará com que se torne indispensavel nos saraus que o rei offerece a Maria de Padilla.»

«D'esta forma teremos uma permanente vigilancia junto de el rei vosso neto, estaremos ao corrente das intrigas dos Castros e da viabilidade do consorcio.»

Affonso IV ficou encantado com o projecto, e mandou pôl-o immediatamente em pratica.

Pacheco fez a Lourenço Gonçalves as necessarias indicações, para que não fizesse reclamações e se deixasse estar por lá o mais tempo que podesse.»

Deu dinheiro a Affonso Madeira para que se apresentasse luxuosamente, fornecido de bons instrumentos, e para que cantasse o mais que lhe fosse possivel, fazendo por se tornar indispensavel ao rei.

Promettia-lhe ao regresso uma remuneração.

A Pero Coelho, o principal elemento da embaixada, certificou de que lhe daria a filha tranquilisando-o á cerca das intenções de Violante.

Quando voltou a casa declarou á donzella que a promettera de novo ao seu amigo.

Ella não protestou.

Preferia calar se, vivendo em casa, a ter de soffrer, como queria o avô, o tormento de um mosteiro.

Mas havia promettido a Luiz Freire ser fiel a todo o custo.

E estava disposta a resistir quando tivesse de defender-se para o amor que com elle idealisava.

CAPITULO CXLVI

Mais sangue

QUANDO o rei de Castella mandára a Portugal a embaixada que Affonso IV acompanhára a Coimbra, o seu intuito era proseguir na campanha de Aragão.

A alliança matrimonal da filha fornecer-lhe-ia reforços de navios e homens de armas, com que podesse repetir a invasão, retalhando o paiz inimigo de uma forma decisiva.

Mas emquanto os seus emmissarios iam a caminho, chegavam cartas de França, aconselhando-o a soltar D. Branca, a ligar-se a ella, a restabelecel-a em todo o seu prestigio de rainha.

Não eram as primeiras observações.

Por varias vezes o rei havia insistido com elle para que procedesse a respeito da infeliz franceza de uma forma diversa.

D. Pedro deixara-as sempre sem resposta.

Não estava resolvido a abandonar a amante.

E não tinha nada que receiar das imposições do rei de França.

Mas d'esta vez, como a guerra de Aragão lhe absorvia as forças e as attenções, os protestos francezes vinham em tom de ameaça, falando de intervenção.

De facto a guerra que vinha sustentando fazia-o receiar um pouco a linguagem dos compatriotas da rainha.

Mas o amor de Maria de Padilla, que lhe dera já trez filhas, com quem se entretinham no formoso alcaçar prendia-o o bastante para não se decidir, embora, forçada a mandar buscar D. Branca ao castello de Medina Sidonia.

Estava disposto a não prestar, como das outras vezes, a menor attenção a essas notas.

Inquietou-o porém os preparativos guerreiros que faziam os aragonezes para rehaver as praças conquistadas.

Os seus espiões mandaram lhe dizer que Henrique de Trastamara, informado das reclamações da França, fizera ver ao rei de Aragão a vantagem de se lançar novamente na lucta, contando com o perigo que por causa da rainha, corria o rei de Castella de se ver a braços com uma guerra com os francezes.

Ao mesmo tempo Maria de Padilla, receiando que a previsão de um conflicto mais grave restabelecesse D. Branca no throno, relegando-a para o segundo plano como succedera quando a necessidade de soldados o levára a alliar-se aos Castros casando com D. Joanna, fez crêr ao rei que a esposa abandonada era uma feiticeira que lançára mão de sortilegios para o matar.

Disse-lhe que ella transformára em serpente um cinto de fio de ouro de grande valor que lhe offerecera em tempo, e que o pretendia matar assim. (1)

O rei aproveitando esse pretexto, para acabar com a causa das queixas mandou-a matar.

E D. Branca morreu envenenada no castello de Medina Sidonia, de onde chegára a sahir, arrancada pela generosidade de D. Fradique, de D. Alvaro, de Bertrand du Guesclin e de outros cavalleiros francezes, e onde se contorcia agora n'uma pavorosa agonia, que as esperanças dos seus vinte e cinco annos tornavam mais horrivel (2).

«Assim ficava mais descançado — pensava o rei.»

«Os francezes podiam intentar um desembarque pelo sul da Hespanha, para salvarem a rainha.»

«Isso expunha-o a graves complicações.»

«Obrigal-o-ia a distrahir as forças necessarias para atacar Aragão, e podia fazer falhar toda a campanha.»

---

(1) «Foi fama que o enfeitiçaram com uma cinta, sobre a qual um judeu fez taes esconjuros que parecia ao rei uma grande cobra.»

Historia de Espanha, pelo padre Juan de Mariana, t. 1.º p. 487.

(1) «... e depois a teve presa em Medina Sidonia e ali a mandou matar, sendo então rainha com idade de vinte e cinco annos, muito sisuda e bem acostumada.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XVI.

«Morta D. Branca não haveria já motivo para reclamações para novas exigencias.»

«Podiam pensar em vingal-a, em tirar desforra, mais isso era muito problematico.»

E o rei, que se dera sempre excellente com o processo de cortar difficuldades commettendo assassinios, ficou inteiramente socegado ácerca de França.

A noticia do crime chegou a Portugal, de envolta com outros boatos de novas desinteligencias do rei com a mãe.

Affonso recebia-as com pejo, como se visse no neto a reproducção dos seus crimes, das suas revoltas contra o pae, parecendo-lhe que os descendentes eram destinados a perseguil-o, como remorsos. (1)

Mas a tragica morte da desgraçada, como epilogo de tantas barbaridades causou tal indignação que o fez receiar pelas consequencias do novo crime.

Para se precaver contra qualquer aggressão da França, lançou-se nos braços da Inglaterra. (2)

O rei de Aragão ao saber de semelhante alliança, viu o perigo da continuação da guerra, tendo Pedro Cruel do seu lado tão fortes auxiliares.

E para desviar o seu reino das possiveis guerras da França com Castella e a sua alliada, resolveu poi termo ao conflicto e mandou fazer propostas de paz.

---

(1) «Rey Dom Affonso Rey,
Lembra-te de ti mesmo,
Aquelles erros feios,
Com que tu perseguiste
Teu pae tão cruamente,
Lhe dão de ti vingança,
Por outros tu, teu filho.
Que te desobedece.
Viram-se as Preaes Guinas
Pelo mesmo Deus dadas,
A'quelle rei primeiro,
De que perdeste esse nome
Com esse sceptro rico,
Levantadas por ti,
Não contra cinco reis
Com cujo sangue as houve,
Mas contra el-rei teu pae
Mas contra teus vassallos.»

(1) Dr. Antonio Ferreira, *Castro*, 1.º acto, côro II.

(2) «E receiando-se d'el-rei de França, por a morte da rainha Dona Branca sua mulher, que mandara matar, fez então sua mui firme amizade com el-rei Duarte de Inglaterra, e com o principe de Galles, seu filho, que se ajudassem contra quaesquer outros.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D Pedro*, cap. XXXIV.

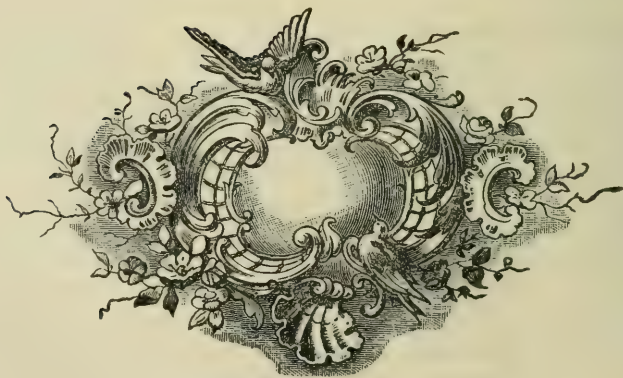
As bases do tratado eram a cedencia mutua das praças conquistadas, após a suspensão de todas as hostilidades, e os casamentos sempre de uso em semelhantes negociações.

D. Beatriz, a filha mais velha do rei de Castella, a herdeira do throno, devia casar com D. João, filho primogenito do rei de Aragão, o que implicava a juncção dos dois reinos, fito principal da politica do monarcha castelhano.

Por sua parte Pedro Cruel devia casar com D. Joanna, filha do rei de Aragão.

Mas o amante de Maria de Padilla exigia antes de mais nada uma condição essencial para a realisação dos dois projectados enlaces e para a total pacificação.

O seu collega aragonez devia mandar matar o infante D. Fernando, seu irmão, e o conde D. Henrique de Trastamara, irmão bastardo do rei de Castella.

Impunha esse novo tributo de sangue á sua habitual politica de assassinios.

CAPITULO CXLVII

Um homem feliz

ESTAVAM pendentes estas negociações quando regressaram de Portugal os embaixadores enviados por D. Pedro a seu avô.

O casamento do pequenino D. Fernando com D. Beatriz encontrava-se prejudicado pela nova orientação da politica de Castella.

Os enviados, empenhados em servir o infante e os Castros, ficaram contentissimos com esse facto, que os dispensava de complicadas explicações.

E quando enviaram a D. Fernando, a D. Alvaro, e a D. Joanna de Castro as cartas de D. Pedro, juntaram-lhe informações sobre o novo estado de coisas.

N'isto chegou a embaixada portugueza, á frente da qual se encontrava o corregedor da côrte Lourenço Gonçalves.

Recebeu o o rei com a maior deferencia, e como não lhe convinha ter, além dos francezes, Affonso IV contra si, ficou de responder ás cartas do avô.

Convinha-lhe poder lançar mão de uma das duas soluções.

No caso de não chegar a accordo com o rei de Aragão, sempre se ligaria a Portugal, ver se ia forçado a negociar a alliança, casando Fernando com a filha mais velha.

Desde que fossem commettidos os dois assassinios que encommendára ao seu collega aragonez e tivesse de dar em paga a herdeira, offerecia ao infante portuguez uma das outras.

As primeiras noticias que Pedro Coelho enviou para Lisboa não eram agradaveis.

Referia-se ás negociações com Aragão e á possibilidade de que, em vez da continuação da guerra o que convinha a Portugal se estabelecesse definitivamente a paz.

Nem Castella conquistaria Aragão, nem se reuniriam de futuro os dois paizes, sob a hegemonia de Portugal.

Isto desgostou profundamente Affonso IV.

Via ao mesmo tempo prejudicado um largo plano politico, e ameaçada a successão do filho de Constança, desde que lhe faltasse semelhante apoio.

Mas foi-lhe ao mesmo tempo muito agradavel saber do total afastamento dos Castros.

Assim não podiam influir para o augmento do poder de Ignez e D. Pedro.

Foi d'esta forma o que rei e Pacheco commentaram as primeiras informações dos seus enviados.

E Diogo Lopes ficou radiante quando soube que o rei de Castella resolvera obsequiar com grandes festas o embaixador, para o fazer demorar sem que elle, entretido com as distracções não o forçasse a decidir o assumpto da sua missão.

De dia para dia augmentava d'essa fórma a conta em que o tinha Affonso IV.

Effectivamente Pedro Cruel, tendo conveniencia em adiar a resposta a Portugal para depois de concluido o accordo com Aragão, resolvera obsequiar Lourenço Gonçalves e os seus, por forma a tirar-lhe a vontade de abandonar o formoso Alcaçar de Sevilha.

A chegada dos portuguezes alvoroçou os cortezãos, desejosos de mostrarem a sua inspiração trobadoresca, em competencia com os extrangeiros.

Os antigos admiradores de Catharina Tosse enthusiasmaram-se ao tornar a vêl-a.

Os que tinham ouvido Affonso Madeira em San Lucar de Barrameda desejavam conhecer as canções alegres que constituiam a sua especialidade.

O convite para o primeiro sarau em que deviam apparecer foi recebido com grande alegria.

O soberbo edificio onde se expandira a bizarria dos arabes vibrou ao som dos instrumentos, scintillou ao brilho dos lumes.

E os trovadores começaram a cantar romances e coplas.

Em honra aos embaixadores convidaram o trovador portuguez para abrir o sarau.

Tinham-lhe pedido canções bréjeiras.

Mas elle, para não prejudicar a primeira impressão, tomou uma attitude grave, e começou a cantar n'uma voz sentida: (1)

Estava a bella infanta
No seu jardim assentada,
Com seu pente d'oiro fino
Seus cabellos penteava.
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma nobre armada;
O capitão que n'ella vinha,
Muito bem que a governava.
—«Dize-me, ó capitão
D'essa tua nobre armada,
Se encontras-te meu marido
Na terra que Deus pisava.
—«Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que elle levava.
—«Levava cavallo branco,
Sellim de prata doirada;
Na ponta da sua lança
A cruz de Christo levava.
—«Pelos signaes que me deste
Lá o vi n'uma estacada

---

(1) «Esta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xacaras populares á «Bella Infanta.»

Os criticos collectores da nação visinha e parente collocam alguns romances, que são visiveis fragmentos d'este, entre os seus mais antigos e mais populares, d'aquelles que cuja vetustade se perde talvez nas trevas do decimo terceiro seculo. E' sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam thema aos poeas para trovarem sobre elles, ou os applicarem aos factos do seu tempo. E' o que se vê nos referidos fragmentos que se encontravam entre os primeiros das vastas collecções de Duran e de Ochoa.

Digo que esta é uma verdadeira xacara porque, feita a traducção, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a historia toda

Não sei de outra alguma d'estas composições populares que tenha por assumpto um numero ligado com a guerra das cruzadas: até por isso é interersante.

D'esta preciosa collecção, disse um grande entendedor:— O gosto com que foram escolhidos os materiaes, a extrema felicidade com que foram illustrados, a riqueza de conhecimentos archeologicos, e de licção classica em que abunda a collecção, torna difficil imitar, impossivel exceder, uma obra que para sempre ha de ser tida como a primeira da sua classe em merecimento.»

Garrett. *Romanceiro*, vol. II

Morrer morte de valente:
Eu sua morte vingava.
—«Ai triste de mim viuva,
Ai triste mim coitada!
De tres filhinhas que tenho,
Sem nenhuma ser casada!...
—«Que darias tu, senhora
A quem n'o trouxera aqui?
— Dera-lhe oiro e prata fina,
Quanta riqueza ha por ahi.
—«Não quero oiro nem prata,
Nem n'os quero para mim:
Que darias mais, senhora
A quem n'o trouxera aqui?
—«De tres moinhos que tenho
Todos tres t'o dera a ti;
Um moe o cravo e a canella,
Outro moe do gerzelli
Rica farinha que fazem!
Tomara-a el-rei para si.
—«Os teus moinhos não quero,
Não n'os quero para mim:
Que darias mais, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?
—«As telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.
—«As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mim:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
— De tres filhas que tenho,
Todas tres te dera ati
Uma para te calçar,
Outra para te vestir
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir.
—«As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi:
Dá-me outra coisa, senhora,
Se queres que o traga aqui.
—«Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que pedir.
— Tudo, não, senhora minha
Que ainda não te deste a ti.
— Cavalleiro que tal pede

Que tão villão é de si
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Ao rabo do meu cavallo
A' volta do meu jardim.
Vassalos, os meus vassallos,
Acudi-me agora aqui
— Este annel de sete pedras
Qne eu comtigo reparti...
Que é d'ella a outra metade?
Pois a minha, vêl-a ahi!
— Tantos annos que chorei,
Tantos sustos que tremi!...
Deus te perdoe, marido,
Que me ias matando aqui. (1)

O romance foi recebido com enthusiasmo.

E quando Affonso Madeira atravessou a sala para ir agradecer os applausos do rei e de Maria de Padilla, atiraram-lhe joias, flores, cintos de filigrana de oiro, presentes do mais alto valor.

Os trovadores não costumavam acceitar essas dadivas.

N'essa isenção faziam constituir uma das differenças dos jograes, que cantavam, como elles, trovas e canções.

Mas Affonso Madeira recolheu satisfeitisssimo todos os objectos, agradecendo mentalmente a Diogo Lopes Pacheco o encargo que lhe dera, e pensando já na recompensa que lhe promettera, e que certamente augmentaria ao saber do seu grande successo.

Por entre as canções succediam-se as danças.

Ao som de pandeiros, lubricos bailados, mulheres em colleantes ondulações, divertiam o rei e os convidados.

Lourenço Gonçalves deliciava-se na tipida athmosphera perfumada, no explendido alcaçar dos arabes, julgando-se n'um conto oriental.

Todos abandonavam no meio do prazer as suas preocupações.

Pedro Cruel era o primeiro a embriagar-se voluptuosamente no meio do torvelinho estonteador.

O rei de Aragão estaria assassinando aquella hora os seus mais perigosos inimigos.

E confiando no algoz coroado, bebia alegremente ao bom exito da sua missão.

Apenas Pero Coelho espionava os menores movimentos, procurava conhecer tudo o que se passava.

---

(1) Garret, *Romanceiro*, vol. II, p. 1.ª

Era o que o espirito intrigante de Pacheco pairando sobre a geral despreocupação. (1)

Um trovador castelhano empunhou o alaude, escolhendo porém, intencionalmente uma composição alegre, para que Affonso Madeira não receiasse dizer as coplas que elles desejavam.

E começou a cantar:

Vae correndo o cavalleiro,
A Paris levava a guia,
Viu estar uma donzella
Sentada na penha fria:
— Que fazeis aqui donzella?
Que fazeis ó donzellinha?
—«Vou-me á corte de Paris
Donde padre e madre tinha;
Perdi-me no meu caminho,
Pu-zme a esperar companhia;
Cançada estou de esperar
Sentada na penha fria,
Se te praz, ó cavalleiro,
Leva-me em tua companhia.
Respondeu-lhe o cavalleiro:
—«Pois que me praz, vida minha.
Lá no meio do caminho
De amores a requeria;

---

(1) É claramente de origem franceza, e vir-nos-hia porventura com os cavalleiros e os troveiros do conde D. Henrique, o lindo romance de «Donzella infeitiçada.» Foi talvez um *jablian* na sua terra? Quem sabe? Aqui é elle muito antigo; castelhanos e portuguezes o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas provincias anda confundido, na versão oral, com o romance do «Caçador» e custa a desinvencelha-los.

Collacionando-o com a copia castelhana, notar-se-ha quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto portuguez; conhece-se muito mais n'elle o tom e o sainete sempre picante do genio francez, que do principio foi o que é e hade ser, leve, facil e ingraçado com donaire e agudeza.

Chamam lhe em Castella «Romance de la infanta de Francia.»

A anedocta não está nos nossos costumes nem no de vossos visinhos, nem sequer nos costumes das eras cavalheirescas. Tambem não é ainda do cyclo da Tavola — redonda, de quando os nossos mesmos romancistas punham todas as suas scenas no paiz dos Arthures e Amadizes. Essa escolha prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos d'el-rei D. Fernando em cuja côrte dominavam já muito as modas e gosto inglez que depois triumpharam absolutamente no reinado de seu irmão e successor.

O ar d'esta pequena peça é muito mais antigo, e por tal a teem os criticos e collectores castelhanos.»

Garret, *Romanceiro*, vol. II

A donzella muito inchuta
Lhe disse com ousadia:
— Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal vilania;
Que antes que me baptizassem
Me deram feitiçaria:
Sette bruxas me imbrucharam
Antes que eu fosse á pia,
O homem que a mim se chegasse,
Malato se tornaria.
Não responde o cavalleiro,
Todo na sela tremia.
Lá para o fim do caminho
A donzella que surria.
— De que vos rides, donzella,
De que rides, donzellinha?
— Não me rio do cavallo
Nem da sua fitaria
Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia;
Com a donzella á garupa
E catou-lhe cortezia;
Soube guardar-se das moças
E bruxas velhas temia.
— Atraz, atraz, ó donzella,
Atraz, atraz, donzellinha,
Que na fonte onde bebêmos
Deixo uma espora perdida.
— Cavalleiro, adiante, adiante,
Que eu atraz não tornaria
Se a tua espora é de prata
Meu pae de oiro lh'a daria;
Que á porta de meu pae
Se mede oiro cada dia.
— Dizei-me vós ó donzella,
Dizei-me de quem sois filha.
— Sou filha d'el-rei de França
E da rainha Constantina.
— Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia!
Cuidei de levar amante
Levo uma irmã minha.

Mas Affonso Madeira não se deu por entendido.
Lourenço Gonçalves, que lhe conhecia o reportorio, fizera-lhe as

maiores recommendações de que devia manter-se dentro de uma grande compostura, propria do caracter dos embaixadores.

Elle tranquilisou-o:

— Não canto as canções alegres.

«Como as mulheres são muito curiosas hão-de insistir commigo para que o faça.»

«E eu refugiando-me na minha qualidade de secretario particular do embaixadôr, só me prestarei a cantal as muito em particular, ao ouvido, como fazem os jograes de segrel.»

«Ora como ha aqui lindas mulheres, vossê já pode calcular como eu me divertirei, e como hei-de rezervar os elementos do meu exito particular.»

E o corregedor da corte, envestido no alto papel de embaixador, quando assistia á festa ao lado do rei, sorria satisfeito ao vêr a maneira como eram cumpridas as suas intrucções.

Indicára a Affonso Madeira que estivesse serio, e e elle tomára uma attitude grave, tornara-se tragico, escolhera tetricos assumptos.

Pedira á mulher que fosse amavel, e Catherina Tosse via-se rodeiada de uma verdadeira corte, que lhe cobria de beijos as mãos e os labios, segundo o costume de então.

E do logar que D. Pedro lhe destinára, como especial distinção, orgulhava-se de merecer a confiança que Affonso IV depositára n'elle, e sentia rezervado aos mais altos destinos.

CAPITULO CXLVIII

Á mesma altura

O rei de Aragão não esteve com escrupulos.

Esquecendo a serie de crimes de Pedro Cruel, a morte de parentes seus, os justos motivos que seu irmão D. Fernando tinha para continuar na guerra, como elle, seu rei, lhe ordenára, mandou-o prender em obediencia ao pedido do seu novo alliado, para o fazer executar como lhe fôra reclamado.

D. Fernando marquez de Tertosa, suspeitando que se tratava de uma nova cobardia do rei de Castella não se deu á prisão.

Mas os cavalleiros encarregados da sua captura, como sabiam qual o destino que o rei lhe queria dar, mataram-o assim que elle se recusou a acompanhal-os, e deixaram-lhe por companhia, estendidos ao lado, tambem mortos, dois dos seus.

Todos censuraram o procedimento do monarcha aragonez, que não duvidára sacrificar seu proprio irmão, a uma injusta exigencia.

Mas D. Pedro IV, de Aragão, não se incommodou com as censuras, e mandou matar Henrique de Trastamara, irmão bastardo do rei de Castella, que lhe exigira essa outra morte como indispensavel para a conclusão da paz.

Receiando que lhe fugisse o conde de Trastamara, rezolveu matal-o por sua propria mão.

Para isso combinou-se com o rei de Navarra.

Convidariam ambos o bastardo de Affonso XI a visital-os n'um castello, e ahi o haviam de assassinar.

Mas o camareiro-mór encarregado de occupar a fortaleza, para que elle não pudesse fugir, teve repugnancia da traição, e D. Henrique não poude ser morto. (1)

A situação ficava pendente.

Sem que lhe matassem o irmão, Pedro Cruel não assignaria a paz, não abandonaria o territorio de Aragão, não casaria com a filha de D. Pedro IV nem daria sua filha ao herdeiro da corôa aragoneza.

Lourenço Gonçalves não insistia, n'essa situação, pela alliança com Portugal, pelo casamento de Beatriz com Fernando, porque, segundo a recommendação expressa do Pacheco, devia limitar-se a ficar por lá todo o tempo que pudesse.

As informações que Pero Coelho enviava a Lisboa falavam da incerteza do futuro.

E nem Affonso IV nem Diogo Lopes tinham urgencia de uma solução sem saberem em que orientação politica se fixava definitivamente o rei de Castella.

Henrique de Trastamara, sabendo toda a verdade, vendo que não podia fiar-se no rei de Aragão, evitou cautelosamenie as ciladas em que o pretendiam colher, e fugiu para França.

Foi queixar-se ao rei das barbaridades de D. Pedro de Castella, do assassinio de D. Branca, e dos requintes de barbaridade com que elle a havia torturado na prisão.

Repetiu as queixas ao duque de Bourbon e ao condestavel Bertrand Du Guesclin, recordando sempre que seu irmão, D. Fradique, que tanto trabalhára para libertar a rainha, e chegára a arrancál-a ao carcere fôra assassinado pelo rei.

Ao saber d'estas reclamações, o rei de Castella fez pazes em segredo com Aragão, e mandou retirar as guarnições que occupavam já cincoenta e dois logares.

Eram-lhe agora bem precisas para se defender no caso, quasi certo, de uma invasão.

---

(1) Os nobres guerreiros medievaes, insaciaveis de assassinios e de roubos, juntavam ás vezes ás suas revoltantes barbaridades uns laivos de hypocrisia:

«Gil Martins de Careixas, cavalleiro, deixou por seu testamento, fito em 1288 «quinhentos maravadis por alma daquelles que eu matei, mandei matar e fui matar e acconselhei a matar, e ajudei a matar, para cantar missas de sobre altar.»

Livro d'Assumpção, *Historias de Frades*, p. 101.

Mas n'isto um tragico successo veiu recordar mais uma vez a sua historia do sangue.

Suicidara se, morta de saudades, de uma forma horrorosa, a viuva de uma das suas victimas, D. Maria Coronel, mulher de Affonso Fernandez Coronel, que matára cruelmente, depois de o vencer, como a tantos outros. (1)

Então, ao echo da tragedia, um sinistro cortejo de victimas passava ante os olhos atterrados dos castelhanos.

Eram Garciloso de la Vega, os cidadãos de Burgos. a gente do castello do Coronel, o velho ourives de Toledo e os que ajudarem a defender D. Branca, o rei Vermelho e o sequito, confiados á sua generosidade, a rainha D. Leonor sua tia os primos e os irmãos!

Não tinba conta o numero dos seus crimes.

Não acabára de matar.

Era ainda o rei de Castella.

Usava os symbolos da realeza, a corôa e o sceptro, insignias do seu poder paternal.

E a espada que pendia ao lado, tinta de assassinios, de fraticidios, ennodoada de perfidias e traições, era para o criterio guerreiro uma espada gloriosa, porque guiára á chacina dos miseros vassallos de um outro rei, e porque a cada torrente de sangue servia o patriotismo, cobria-se de gloria, alargando o territorio de Castella á custa dos castellos e dos povoados de Aragão.

Eis o que era a Edade Media, com o seu torvo cortejo de guerra e de crimes.

O povo, que cultivava a terra e trabalhava nos mais rudes misteres, sustentava com o suor do seu rosto os padres e os fidalgos, os conventos e os guerreiros, os exploradores da superstição e os emplumados assassinos, e arrastava a sua escravidão e a sua miseria n'um abandono peior que o dos animaes.

Vivia miseravel, rebentado de fadiga, cheio de fome, para que os seus oppressores podessem levar uma vida de dissipações.

Fidalgos e frades, bispos e homens de armas, assalariando turbas de matadores praticavam as maiores violencias, atacando e roubando os camponezes, violando-lhe as filhas, enchendo de cadaveres as povoações indefezas.

---

(1) «Sua mulher Dona Maria Coronel, por não poder soffrer a ausencia do marieo, quiz antes perder a vida que deixar-se vencer de maus e deshonestos desejos; assim, fatigadada uma vez de uma torpe cobiça, apagou-a com um tição ardente que metteu com ira por aquella mesma parte onde era molestada; mulher digna de melhor seculo e digna de louvor, não pelo feito, mas pelo desejo invencivel de castidade.»

Historia de Hespanha, por el padre Juan de Mariana, tomo 2.º, p. 486, na *Bibliotheca de autores hespanhões.*

E por sobre a exploração do trabalho, a brutal caça ao homem, o rei, osnobres e o clero davam o exemplo da ferocidade das suas relações, de desprezo de vidas, de falta de fé nos contractos, da deslealdade e de perfidia como processos habituaes.

Matavam-se uns ao outros, cobardemente, á traição, preparando ciladas, arrastando a laços, abusando da confiança, da desprevenção.

Polluiam as familias os incestos, os adulterios.

Eis a epoca que se tem procurado pintar como cheia de poesia, n'uma apotheose aos cavalleiros, chamando virtude á sua ferocidade, como se houvesse poesia no assassinio, na escravidão do trabalho, na barbaridade da guerra.

Eis o que a humanidade tem soffrido, no seu doloroso caminhar para uma era de paz e de liberdade, em que possa triumphar por completo a vida, orientada n'um ideal de amôr!

CAPITULO CXLIX

Batalha de Najéra

HENRIQUE de Trastamara conseguiu mover o rei de França, o duque Bourbon e Bertrand du Guesclin a seu favôr.

«Tinha que ajustar contas com o rei de Castella.»

Pedia que o auxiliassem com soldados e dinheiro, por forma a ser vingada a infeliz rainha D. Branca.

Encararam com sympathia o projecto.

E o condestavel Bertrand du Guesclin reuniu as companhias de aventureiros que tinham servido contra os inglezes, e trazendo a sua grande companhia, a branca, agrupou-se á gente de Henrique de Trastamara.

Passaram a fronteira.

Os antigos vassallos dos bastardos, a gente de D. Fernando, tão barbaramente assassinado por ordem de seu irmão rei de Aragão, castelhanos irritados pelo procedimento de Pedro Cruel foram-se juntando pelo caminho.

Quando o rei de Castella soube da invasão, correu a atalhar-lhe o passo.

Sahiu de Sevilha com a gente que poude juntar, foi pelo caminho recolhendo guarnições de praças e hostes de vassallos.

Dirigiu-se por fim a Najéra onde Henrique de Trastamara acampára os seus.

Apenas estavam com o bastardo oitocentos cavalleiros e dois mil peões.

As forças reaes eram muito superiores.

Ia D. Pedro marchando á vista do inimigo, quando lhe sahiu ao caminho um padre, que pretendeu detel-o em altos gritos com o agouro de uma visão.

«Sonhára — dizia elle — que São Domingos o mandára avisar o rei de que se acautellasse do conde D. Henrique, senão que elle o mataria na batalha.»

O rei julgou tratar-se de um espião de seu irmão bastardo que o procurava demover do combate.

E apezar dos exaltados protestos do visionario mandou-o queimar á sua vista. (1)

Emquanto se demorava ouvindo o padre, e mandando-o suppliciar, a vanguarda das suas forças atacou a tenda de Henrique de Trastamara, e tomou-a, conquistando o pendão arvorado ali.

Accudiram a oppôr-se á hoste as gentes do conde e de Bertrand du Guesclin.

Generalisou-se encarniçadamente o combate.

Batiam-se de parte a parte com furia, até que a victoria pertenceu aos homens de armas do rei.

Bertrand du Guesclin ficou prisioneiro.

Henrique Trastamara retirou, deixando o campo juncado de cadaveres.

D. Pedro sem entrar no combate, recolheu ao acampamento, que estabelecera em Alcofra.

Mandou suppliciar parte dos prisioneiros, e rezervou alguns para os negociar com os parentes.

---

(1) «E ali chegou um clerigo de missa, natural de São Domingos da Calçada, e contou-lhe o que São Domingos lhe dissera, em sonhos, que viesse a elle e lhe dissesse que fosse certo que não se guardando do conde D. Henrique, que elle o havia de matar por sua mão. E el-rei cuidou que o clerigo lh'o dizia por induzimento, pero o clerigo dizia que não, e mandou-o queimar ante si.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXVI.

«Este rei dom Pedro foi mui justiçoso e temido dos reis seus visinhos e dos do seu reino; e depois que se d'elle partiu dom João Affonso d'Albuquerque e de Medilim que o aconselhava mui bem e verdadeiramente com grão prol dos fidalgos e dos outros do reino houve privados que o aconselharam mui mal, presenceando e dando-lhe maus conselhos por tirarem d'elle mercês fizeram-o viver eom grandes peccados filhando muitas mulheres que lhe foi má estança e matou muitos e bons d'alta linhagem entre os quaes matou o infante dom Fernando e o infante D. João seus vassallos filhos d'elrei d'Aragão, e sua mãe d'elles que era sua tia irmã de seu pae e matou tres irmãos seus, filhos d'el-rei dom Affonso e outros muitos grandes homens. E por estes peccados o desemparou Deus e alçou-se o reino contra elle; e juntaram-se gentes ao conde dom Henrique seu irmão...»

Romey, *Historia de Espanha*.

Entre estes ficou Bertrand du Guesclin que se dispunha a fazer pagar ao rei de França a peso de ouro.

No dia seguinte poz-se a caminho do arraial inimigo, para ferir um decisivo combate.

Mas encontrou um escudeiro que vinha do campo inimigo chorando em altos brados a morte do tio.

Era o segundo mau presagio que recebia antes de se empenhar n'essa campanha.

E como fosse muito supersticioso voltou para traz, indo acompanhar a São Domingos da Calçada. (1)

D'ali a dois dias tornou a emprehender a marcha, disposto a travar a peleja.

Mas não encontrou o inimigo por mais que o procurasse em todas as direcções.

Vendo as suas forcas dizimadas no primeiro combate, tendo perdido o seu principal auxiliar, Henrique de Trastamara vendo anarchisadas as companhias francas pela falta do seu chefe, Bertrand du Guesclin, comprehendeu que todo o esforço seria baldado, e fugiu das proximidades do rei com a pouca gente que ficou em estado de o fazer, e quiz continuar a ser-lhe fiel.

Espalhou que retirava para Aragão, mas dando uma volta para afastar suspeitas, approximou-se da fronteira, encaminhando-se para o castello de Albuquerque.

Ia pedir asylo a D. João Affonso.

Da sua forte villa, se precizasse, passar-se-ia a Portugal, de onde seguiria por mar para França.

---

(1) «E partiu el-rei uma sexta feira para Nagéra, onde o conde estava, e elle era fóra da villa com oitocentos de cavallo e dois mil homens de pé. E mandára pôr o conde ante a villa, n'um outeiro, uma tenda e um pendão, e os de el-rei que iam diante pelejaram com o conde e venceram-o, e tomaram a tenda e o pendão, e morreram ali parte dos seus. E partiu-se el-rei, á tarde, para Acofra, onde tinha seu arraial.

E em outra dia, vindo para combater Nagéra, onde ficára o conde, achou no caminho um escudeiro que vinha fazendo pranto por um seu tio que lhe mataram, e el-rei, houve-o por forte signal e não quiz lá ir, e tornou-se para São Domingos da Calçada.

E el rei mandou aos seus que estivessem quedos, e d'aquelle logar ordenou seus fronteiros para os logares onde cumpria, e veiu-se para Sevilla.

Elle alli soube como um cavalleiro de Aragão, que chamavam Mateo Mercedi, andava no mar com quatro galés fazendo damno as castelhanos e portuguezes, e fez armar cinco galés, e mandou n'ellas um seu besteiro, que diziam Zorzo, natural de Tartaria, que fosse em busca d'aquelle corsario; e foi assim que o achou na costa da Berberia, onde pelejou com elle, e desbaratou e trouxe as galés e elle preso a Sevilha: e el-rei mandou-o matar, e muitos dos que vinham com elle.

Mas ora deixemos el-rei em Sevilha, matando e prendendo...»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro,* cap. XXVI.

Pedro Cruel ficou mais descançado quando soube que o irmão fugira por não se attrever a esperal-o em combate.

. Assim quebrava-se a resistencia do mais teimoso adversario do que representava maior perigo.

Só ficava, no mar, a hostilisal o, um corsario de Aragão causando prejuizo aos seus navios.

Mandou perseguil-o pelas suas galés.

Trouxeram-lh'o preso, com grande numero dos seus soldados e marinheiros.

Então, recolhendo a Sevilla, teve o prazer de o mandar matar, e a outros muitos prisioneiros, deliciando-se novamente no espectaculo do sangue, embriagando-se no amor de Maria de Padilla.

«Estava livre dos inimigos declarados — pensava elle.»

«Agora precisava aniquilar os que combatiam surdamente, os que lhe faziam uma opposição passiva.

A amante estremecia ao ouvil-o falar assim.

CAPITULO CL

Maldição de mãe

CARLOS V, rei de França, pagou generosamente o resgate do condestavel.

E Bertrand du Guesclin voltou a França, não sem jurar que havia de tirar de Pedro Cruel uma ruidosa desforra.

Ainda em Sevilla soube o rei que Henrique de Trastamara entrára na praça de D. João Affonso de Albuquerque.

Isto inquietou-o.

Representava a ameaça de novas complicações.

E todo o seu empenho era livrar-se por uma vez dos inimigos que não o deixavam repousar.

Desejava ir no encalço do conde Henrique.

Mas o senhor de Albuquerque era o que resistia melhor, como já o fizera, tendo demais a mais segura a retirada para Portugal.

Pero Coelho, cada vez mais nas suas bôas graças, aconselhava-o a atacar de preferencia os Castros.

Eram indicações de Pacheco, ancioso por abater o poderio d'essa casa de que tanto se temia.

O rei porém, duvidava empenhar-se n'uma outra larga e demorada

campanha, como a que seria precisa para tomar uma a uma os seus castellos de Galliza.

E a sua attenção ficava-se de preferencia em Toro, onde se abrigava sua mãe, deffendida por Martim Affonso Tello e os portuguezes que elle reunira.

Além d'isso estavam com ella obedecendo lhe em tudo, muitos dos seus principaes vassallos.

Era a praça que lhe parecia mais facil de vencer.

Demais, pela distancia, D. João Affonso não poderia correr em seu auxilio.

Os Castros, sabiam-o bem, não se comprometteriam em defender a rainha mãe, quando o seu empenho era restabelecer no throno, a sua rainha, D. Joanna de Castro, irmão de Ignez, que desposára ao necessitar do auxilio d'elles.

Como se rezolvesse abandonar de todo as hostilidades dissolveu as forças que trouxera de Najéra, e mandou-as recolher aos pontos de onde tinham vindo.

Mas os commandantes levavam ordem de se dirigirem por caminhos differentes até ás proximidades do castello da rainha, onde deviam aguardal o a um dia de marcha.

A titulo de se dirigir a uma caçada partiu de Sevilha, e dirigiu-se a toda a pressa para Toro.

Chegado ali, com surpreza dos que se encontravam dentro, mandou intimar a rainha a entregar-lhe o castello, (1)

Desorientados pelo inesperado do successo, demoraram a resposta para ganhar tempo, e poderem preparar a defeza.

Mas D. Pedro, comprehendendo o intuito das gentes da guarnição, não se deixou illudir.

Deu o signal de attaque.

E depois de um renhido assalto em que atacar com furôr, a primeira cerca foi tomada.

Preparava o assedio á parte melhor defendida da fortificação, quando

---

(1) «...Toro onde ella estava, receiando se de el-rei seu filho; e foram-se allá e chegou ahi el-rei com sua gente, e pelejaram nas barreiras, e não poude el-rei ahi assocegar por mingua d'agua...»

«... e depois houve um conselho de tomar primeiro a villa de Toro; e cercou-a outra vez...»

«E em outro dia cobrou el-rei a villa, por uma porta que lhe deram,... e fez matar alguns do logar, e mais aquelles cavalleiros que foram mortos acerca da rainha sua madre, como dissemos.»

«Quando o conde D. Henrique soube como el-rei cobrara a villa de Toro, e matara aquelles cavalleiros que tinha por sua parte... entendeu que lhe não cumpria mais aporfiar na guerra...»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XVII.

Amaldiçoando o filho

a rainha, repugnando-lhe vêr os seus combatendo o filho, mandou dizer que entregava a praça e queria sair, pedindo ao rei que perdoasse aos que estavam com ella.

Prometteu-o D. Pedro.

Fiada na sua palavra abandonou o castello a rainha, pelo braço de Ruy Gonçalves de Castanhede, rodeiada de Affonso Telles Giroz, D. Pedro Esteves, Martim Affonso Tello e outros.

Então alguns homens de Pedro Cruel, que estavam escondidos, cahiram em cima do grupo dos fidalgos, e apunhalaram-os brutalmente, em torno á rainha.

D. Maria cahiu como fulminada, tomada de espanto, soltando gritos de horrôr.

As damas do seu sequito ficaram por terra, desmaiadas, ao vêr semelhança.

E os sicarios, depois de terem despojado os cadaveres, deixaram-os nus em torno da rainha.

D. Pedro foi depois, muito severamente, vêr como tinha sido cumprida a sua ordem.

A mãe jazia por terra.

Corria-lhe em torno, maculando-lhe os vestidos o sangue dos seus dedicados vassallos. (1)

Deixou-se ficar no mesmo ponto, sem lhe prestar o menor soccorro, prohibindo os seus de o fazerem.

E reunindo as tropas voltou a Sevilha.

Quando D. Maria tornou a si, rompeu em gritos de espanto.

Parecia-lhe mentira o que vira.

Julgára ter tido um sonho mau.

Mas a horrivel verdade apresentava-se-lhe em toda a sua nudez.

Os cadaveres sangrentos, mutilados, cercavam-a n'uma terrivel exposição.

Então sentindo horror pelo filho que tanto tempo acarinhára, como a maior esperança da sua vida, o filho para que vivera inteiramente quando Affonso XI a abandonava pelas caricias de Leonôr de Gusmão, D. Maria amaldiçoou-o.

E n'um grito d'alma pediu a Deus que o matasse, para pôr termo a tanta crueldade.

---

(1) «Quando entrou na villa de Toro, onde estava a rainha sua madre, saiu a rainha a elle, do alcaçar, por seu mandado, e mandou matar D. Pero Esteves, que se chamava mestre de Calatrava, ali onde vinha junto com ella, e Ruy Gonçalves de Cantanheda que a trazia de braço, e Affonso Telles Giroz, e Martim Affonso Tello, todos quatro a redor da rainha. E ella, quando o viu matar, tão de cerca, caiu em terra como morta, e levantaram a bradando e maldizendo seu filho...»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XVII.

Era o precipitar da catastrophe.

Assim o comprehenderam todos.

Correm por Castella inteira um fremito de horror.

Estavam em campo mãe e filha.

E a crneldade porque se iniciára e lucta, fazia receiar pelas suas consequencias.

D. Pedro fizera uma nova hecatombe.

D. Maria não lhe perdoaria a affronta, a crueldade.

E sabia-se bem que o seu procedimento não se limitaria a maldições.

Ia recemeçer um periodo de horrores.

Os filhos da mesma terra iam dilacerar-se novamente.

Era ainda o exemplo dos reis, dilacerando-se ferozmente, perdendo o respeito, aos laços mais sagrados, o amôr dos filhos, o amôr das mães.

CAPITULO CLI

Que familia!

AO saber que o bastardo entrára em Castella, e que a guerra ia de novo rebentar, Affonso IV dirigiu-se á fronteira do Alemtejo, para estar mais perto dos acontecimentos que ameaçavam desenrolar-se.

«D'ali saberia radidamente o que se passasse na infeliz nação.

E as informações de Pero Coelho chegariam mais depressa, e as instrucções que lhe enviavam teriam maior alcance pela sua promptidão.

Ali souberam que D. Henrique fôra derrotado na Batalha do Najéra.

Quando lhe constou que recolhera ao Castello de Albuquerque, muito proximo de Portalegre e de Campo Maior, mandou prevenir as guarnições mais proximas para estarem precavidas, pois o theatro da guerra parecia ir approximar-se do paiz.

Mas a noticia de que D. Pedro fôra atacar o castello onde se refugiára a mãe, magoou-o profundamente, horrorisou-o pelas consequencias de tal procedimento.

«Havia no sangue dos seus uma herança de odio — pensava cheio de dôr.»

N'isto surprehendeu-o a visita de D. Maria.

A filha vinha fugida ao seu medonho despertar.

Ajoelhou lhe aos pés lavada em lagrimas.

E começou a contar-lhe os repetidos aggravos do filho e a ultima violencia qus excedera todas as outras.

Vinha pedir-lhe auxilio.

— Meu pae, já uma vez entraste em terras de Castella para me valer, soccorrendo meu esposo.

«Foi por minha causa que atacastes os mouros o salvaste na batalha do Salado.»

«Eu esperava a sua gratidão, mas elle continuou a preferir-me á barregã, que perturbou fundamente a minha vida, que n'uma hora de desespero mandei matar.»

«Vivi para aquelle filho, e elle, repetindo o procedimento do pae, é o meu mais feroz inimigo!»

«Abandonou-me n'uma poça de sangue, entre os cadaveres dos meus melhores vassallos.»

«Amanhã mandar-me-ha matar!»

«Soccorei-me, vingae-me, meu pae!»

D. Affonso ouvira-a preoccupado.

— Que posso eu fazer?

— Castigae meu filho.

«E' vosso neto.»

«Tendes sobre elle os maiores direitos.»

«Entrae em Castella, prendeio-o, retirae-lhe o poder, e tomae a corôa para vós, ou fazei me regente emquanto vosso neto D. Fernando não cazar com Beatriz.»

E' uma loucura — respondeu o rei.

Não o posso fazer.»

— Uma loucura?

«Não digaes isso.»

«Desvario é o que está succedendo.»

«Attendei, senhor, vêde bem o que se passa.»

«Se não intervierdes, perdereis a corôa de Castella que direito pertence aos vossos descendentes.»

«Todos então contra meu filho.»

«As suas repetidas crueldades levantam um protestogeral, um grito de horrôr!»

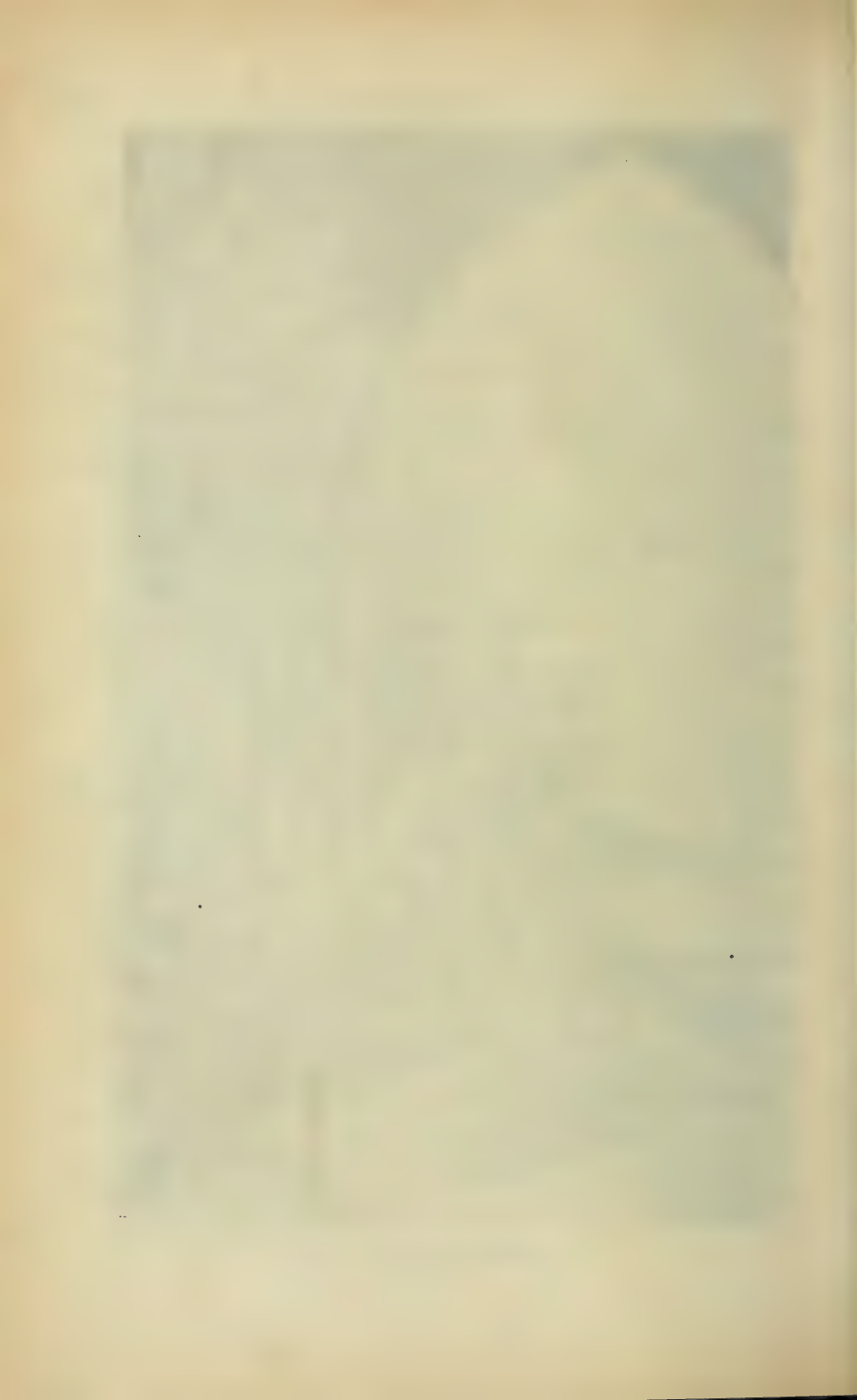
«Henrique de Trastamara será o rei, desde que o apoiem os que não podem soffrer D. Pedro.»

«E a corôa irá parar aos descendentes da minha rival, aos nossos inimigos!»

— Tranquilisa te Maria.

«E' grave tudo o que me dizes.»

«Deixa-me pensar.»

Pedindo lhe auxilio

«Depois procurarei o meio de se harmonisar tudo.»

«Voltarás para junto de teu filho...

— Oh! Isso nunca!

— Elle procederá de outra forma.

«Collocar-te-ha ao seu lado, como mereces.»

«Aconselhal-o-hei, farei para que a paz volte a reinar em Castella, e Fernando casará com Beatriz.«

«Espero apenas a sua resposta para basearmos sobre esse cazamento uma solida alliança.»

«Assim influirei nas suas determinações.»

— Não confieis nas suas promessas — redarguiu a rainha penalisada pelo insucesso dos seus pedidos,

«A filha que promette ao vosso neto já esteve para casar com o filho do rei de Aragão, e agora pensa em obter por meio d'ella o apoio dos inglezes.»

«Nada ha n'elle de bom!»

«E' o sangue do pae, d'esse mau homem o sangue maldito que me desgraçou!»

Affonso IV, como poude, acalmando-a, fel-a recolher a um quarto para descançar.

E ficou pensando no que poderia resultar de tão perigosa, de tão difficil situação

Pacheco appareceu com noticias de Pero Coelho.

Falava do conflicto de Pedro Cruel com a mãe.

Mandava avisar de que o rei de Castella receiava qualquer coisa de grave.

A presença de Henrique de Trastamara no castello de Albuquerque produzia alarme.

D. João Affonso mandára convocar antigos soldados, procurava por toda a parte alistamentos.

Os Castros desenvolviam na Galliza uma grande actividade, levantando muita gente em armas.

Antigos inimigos, gente perseguida pelo rei, ia a caminho do Castello de D. João Affonso.

A carta concluia recommendando as maiores precauções em vista de tão graves indicios.

Então o rei e o ministro apreciaram a carta, e a communicação de D. Maria.

O dois factos relacionavam-se.

Os receios de Pedro Cruel sesultavam sem duvida da fuga da mãe para Portugal.

Temia uma intervenção armada.

E Pacheco aconselhou o rei a não declarar o seu proposito sem o casamento do neto estar ultimado.

«Então interviria, mas a favor de D. Pedro, contra os Castros, os que principalmente lhe convinha destruir por completo, por causa da influencia de Ignez.»

Affonso IV esperava convencer D. João Affonso de Albuquerque, seu velho amigo, a voltar á côrte, a tornar-se de novo o conselheiro do rei seu neto, desde que triumphasse a alliança portugueza, que fôra sempre a politica do seu governo.

E n'estas linhas geraes assentaram o que lhes convinha fazer, em face de tão arriscada mudança.

Mas em Castella receiava-se muito da vinda de D. Maria a Portugal.

Contavam com a intervenção de Affonso IV.

A sua attitude no Salado fazia-o receiar.

Assim seria mais uma guerra, a sangrar o despedaçado povo, agrupado á força nas hostes reaes.

E todos se apavoravam na previsão de novos conflictos.

CAPITULO CLII

Obrigal-o a exilar-se

QUANDO D. João Affonso de Albuquerque soube os successos de Toro, comprehendeu que chegára o momento decisivo.

As luctas de Castella entravam na phase mais perigosa.

D. Pedro atacava sua propria mãe.

Por pouco commettia um matricidio.

«Os punhaes que prostaram, em torno a D. Maria, os seus dedicados servidores talvez fossem vibrados contra a desventurada mulher — pensava elle.»

A morte de tantos seus amigos irritava-o profundamente.

O procedimento havido para com a rainha, que tão dedicada sempre lhe fôra, causava-lhe a maior indignação.

Não podia levar á paciencia o seu abandono entre os cadaveres nus de tão nobres fidalgos.

E o seu espirito guerreiro excitado pelas novas violencias ambicionava pela desforra.

Henrique de Trastamara, refugiado no seu castello de Albuquerque, incitava-o a intervir.

Via no novo conflicto um meio de se lançar novamente na lucta, em melhores condicções.

Era maior o numero dos descontentes.

Poderia facilmente triumphar.

Mas a D. João Affonso não sorria a ideia de se pôr em campo só para o coadjuvar.

Conhecia bem até aonde iam as ambições do filho de Leonor de Gusmão.

De forma alguma queria concorrer para dar a victoria, a corôa ao descendente da barregã.

Bem sabia que um novo ataque ao pouco firme throno de D. Pedro o podia aniquilar com applauso de todos.

Mas quem lhe substituiriam?

Henrique desejava a corôa.

Fora mesmo n'esse proposito que lhe haviam dado em França a gente de Bertrand Du Guesclin.

Não o ignorava o senhor de Albuquerque.

Por isso, ao decidir se a uma rude campanha que restabelecesse por uma vez a paz em Castella, pensava entregar á rainha D. Maria o supremo mando, dando-lhe liberdade de prover como lhe parecesse a successão do reino.

O que de forma alguma acceitaria era uma nova submissão de D. Pedro.

Sabia como elle costumava faltar á sua palavra, livrando se depois dos seus inimigos, que matava cruelmente em pleno paço ou mandava assassinar á traição.

Não confiaria n'elle mais uma vez.

Havia de forçal-o a abandonar Castella.

Se da sua rapida união com D. Joanna de Castro houvesse filho, havia de proclamal-o herdeiro, ficando a rainha D. Maria regente do reino até á maioridade de seu neto.

Se, pelo contrario, a mãe de D. Pedro quizesse cazar, para dar ao reino um novo rei, a suppressão do sanguinario rei seria ainda mais formal.

Foi isto o que rezolveu apoz demoradas locubrações que o preoccuvam noite e dia.

A sua situação era a mais segura.

Longe de ter que acceitar os pontos de vista de Henrique de Trastamara ou de outros, era elle quem estava em condicções de impor a sua vontade.

O bastardo de Affonso XI pediu-lhe que lhe dissesse francamente o seu proposito.

Não se attrevia a manifestar-lhe o seu firme desejo de se fazer proclamar rei.

Bem sabia que da parte d'elle só podia receber uma formal condemnação.

Correria o risco, procedendo imprudentemente, de se ver separado do mais forte adversario de Pedro Cruel, sem que augmentassem os adeptos da sua causa.

O que lhe convinha era que D. João Affonso de Albuquerque rompesse as hostilidades, qualquer que fosse o pretexto.

Contava com os seus vassallos, os seus adeptos, e acima de tudo com a alliança franceza, para se apossar da coroa mal D. Pedro fosse vencido.

A poder de insistencias obteve que D. João Affonso abandonasse a rezerva em que se mantinha, descobrindo-lhe uma parte do que projectava.

O antigo valido apenas lhe disse que tencionava impor o governo de D. Maria, obrigando D. Pedro a exilar-se.

«Era o que lhe convinha.»

«Affastado o rival, expulso o irmão do territorio, entregue o poder á mãe, uma portugueza, veria em torno a si todos os castelhanos, contrarios á influencia estrangeira.»

«Os mesmos que haviam hostilizado a politica do senhor de Albuquerque, por ser favoravel a Portugal, aggrupar-se-iam sob a sua bandeira.»

«Pertencer-lhe-ia a victoria.»

«Tinha apenas que esperar.»

Applaudia cheio de enthusiasmo o plano de D. João Affonso, insistindo principalmente na solução do exilio.

E procurava precisar o ponto onde o obrigariam a fixar-se ao ser totalmente vencido.

A França que era por elle, não o admittiria, lembrando-se do seu criminoso procedimento para com D. Branca.

Portugal, a terra de D. Maria, a rainha brutalmente offendida, não lhe daria guarida.

Aragão que tão cruelmente guerreára, não lhe daria asylo depois da queda.

Só mais longe, na Inglaterra, na Allemanha ou na Italia poderia fixar-se.

E em qualquer dos pontos estava bem afastado para voltar a incommodal-os.

Assim ficaria só em campo.

Filho do rei, obteria facilmente a corôa.

Não era a força dos fidalgos votados á influencia de Portugal, e por isso mesmo impopulares, que o havia de incommodar.

D João Affonso perguntou-lhe se concordava sinceramente com o seu projecto.

Encararam-se os dois homens, procurando desvendar os pensamentos occultos.

Henrique de Trastamara em vez de se declarar totalmente satisfeito, optou pela franqueza.

— De que serviria encobrir-vos a verdade? — disse elle.
«Bem sabeis que pretendi proclamar-me rei.»
«Mas vencido, como fui, em Najera, vi para sempre perdida a minha causa.»
«Hoje ambiciono apenas vingar-me do homem que tão crulmente assinou os meus.»
Assim mais facilmente o senhor de Albuquerque acceitou como boas as suas palavras.
E procurou aliciar outros elementos que fossem uteis para o novo emprehendimento.

CAPITULO CLIII

Desnacionalisando-se

BEM sabia D. João Affonso de Albuquerque que os Castros tinham fortes razões para querer ajustar contas com Pedro Cruel.

Alvaro de Castro devia-lhe a desventura do atroz captiveiro de Mecia.

Fernando estava gravemente offendido com o brutal abandono da irmã.

Convinha aos dois uma acção decisiva contra o rei.

E antes que D. Pedro negociasse com elles, como costumava uma nova alliança, mandou communicar-lhes o que pretendia.

Emissarios de confiança foram participar-lhes da sua parte que pretendia declarar a guerra ao feroz monarcha.

Communicava-lhe o principal ponto do seu programma, a successão garantida ao filho de D. Joanna de Castro, sob a regencia de D. Maria.

Esperava ligal-os assim fortemente ao seu partido, e á causa da rainha mãe.

Alvaro de Castro, que o visitára diversas vezes, solicitando a sua influencia para descobrir Mecia, foi o primeiro a receber o aviso.

Correu logo ao castello de Albuquerque.

Ambicionava uma lucta decisiva que banisse de vez Pedro Cruel, e desse a todos a tranquilidade que desejavam.

Para ter uma nova garantia do seu procedimento e da attitude de seu irmão, o rei tivera Mecia n'uma torre, e depois, para lhe fazer perder a pista, mandara-a encerrar n'um convento sob um nome supposto.

Isto conseguira saber D. Alvaro.

Mas o ponto onde se encontrava a sua noiva é que não podéra descobrir.

Todos os seus esforços ficavam baldados.

Por isso um energico ataque, por isso uma guerra sem treguas que depuzesse Pedro Cruel, parecia lhe a melhor forma de lhe subtraír a sua victima.

Apresentou-se a D. João Affonso no maior alvoroço.

— O que era preciso fazer?

«Em que poderia coadjuval-o?»

Explicou-lhe os fortes motivos que o levavam a querer depôr o rei cruel.

E o senhor de Albuquerque ficou satisfeito com a nova adhesão.

D. Fernando de Castro estava na Galliza quando chegou o emissario do antigo ministro de D. Pedro.

Ouviu as propostas cheio de satisfação.

«Vinha ao encontro dos seus propositos.»

Proporcionava-lhes os meios de se vingar.»

E pensava que, por mais aggravos que D. João Affonso tivesse do rei eram bastante inferiores aos seus.

«Assim o senhor de Albuquerque, julgando servir-se d'elle para tirar a desforra, apenas o collocava em situação de se vingar estrondosamente.

O que elle projectava ácerca de um possivel filho de Joanna era excellente.

D'essa forma o futuro rei de Castella seria do seu sangue.

Os Castros teriam dentro em pouco descendentes no throno dos dois maiores reinos da peninsula.

O futuro de Ignez e dos filhos estava assegurado em Portugal.

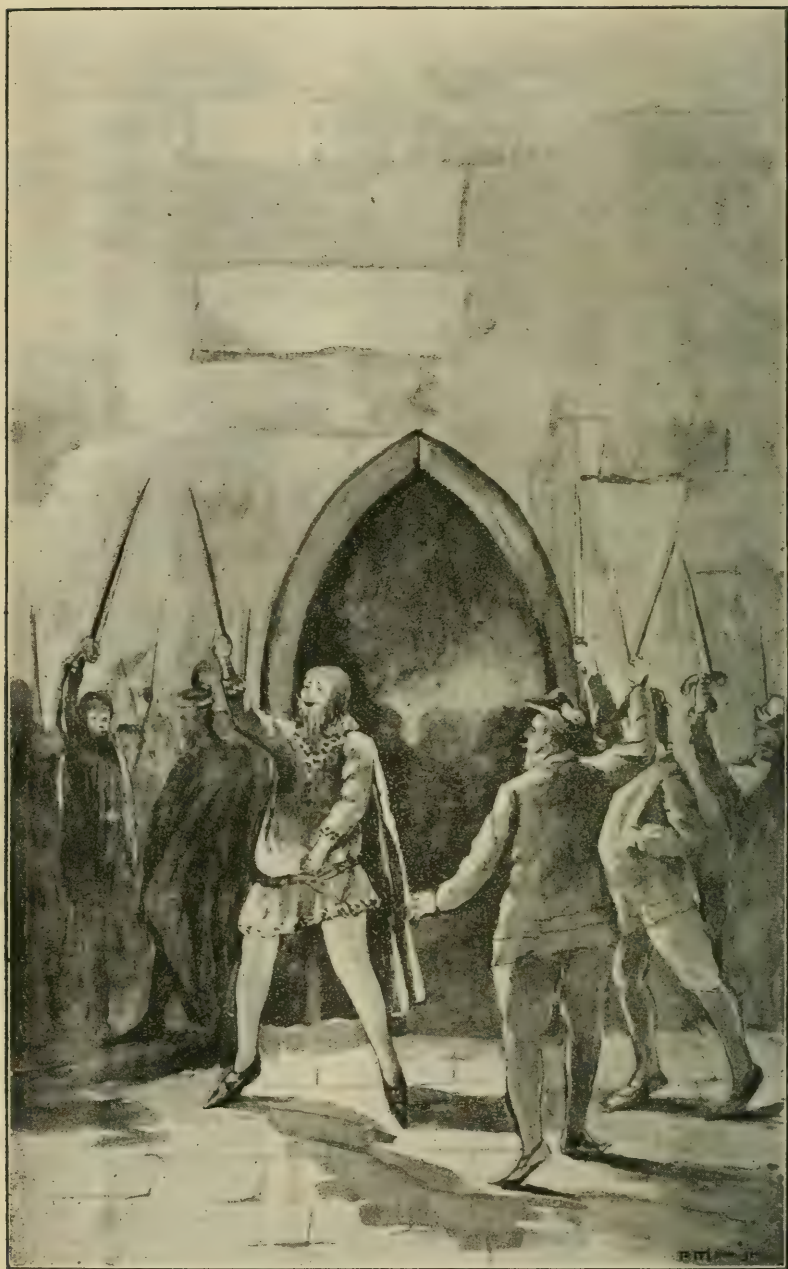
A posição da irmã ia ser regulada agora pela força das armas.

Ainda mandou perguntar a Joanna se D. Pedro lhe fizera qualquer communicação.

Ella respondeu que o abandono do marido fôra total.

Então Fernando participou ao senhor de Albuquerque que contasse com elle.

Posto a caminho o emisario, convocou todos os seus vassallos, e rezolveu desnacionalisar-se, para se revoltar contra o rei mais livremente.

Assim não ficaria a ninguem a menor duvida sobre a sua attitude.

D. Fernando de Castro desnacionalisando-se

Passou o Minho junto de Monsão, assentou arraial no territorio portuguez, no reino de que sua irmã Ignez de Castro havia de ser rainha, e começou assim a demonstrar que deixava de ser subdito do rei de Castella.

Durante nove dias depois da missa, passava o rio, entrava no territorio de Castella, e diante de um notario declarava os aggravos que tinha do rei, recordando que D. Pedro o quizera matar sem razão, e que deshonrára sua irmã Joanna, faltando depois aos seus juramentos. (1)

A solemne declaração era todos os dias reduzida a auto assignado por elle e pelas testemunhas.

E ao fim dos nove dias, reunidos os seus vassallos, seiscentos e trinta cavalleiros e mil e duzentos infantes, partiu em direcção ao castello de sua irmã, rainha sem esposo e sem corôa.

Ali reuniu mais gente, que dependia de D. Joanna.

E mandou perguntar a D. João Affonso e a Henrique de Trastamara em que alturas estavam os seus projectos, e o que tinham combinado fazer.

Entretanto espalhava-se a noticia da sua insurreição.

Vassallos, homens de armas de Martim Affonso Tello e dos outros cavalleiros assassinados em Toro, vinham aggregar-se-lhe.

As suas forças augmentavam dia a dia.

Todos comprehendiam que se aproximava o desenlace de tão sangrentas luctas civis.

O seu pendão dava garantias.

O poder dos Castros augmentára com a situação de Ignez em Portugal.

Sabia-se em Castella que D. Pedro casára com ella, e que defendia

---

«E partiu logo de Monforte de Lemos e foi para um logar de Portugal que chamam Monsão, na margem do Minho, cerca de Salvaterra, e poz sua tenda ali, junto de Monsão, nove dias, e todos os dias, depois da missa, passava a vau, e ia a Salvaterra, que é logar de Castella.

E ali ante um notario dizia que se desnacionalizava do rei D. Pedro, de Castella e de Leão, porque, sem lh'o merecer, o tinha querido matar em um torneio que fez em Vallodolid, quando casou.

Outro sim porque havia deshonrado D. Joanna de Castro, sua irmã, dizendo que casava com ella, e lhe havia feito tomar o titulo de rainha, e depois a deixou escarnecida

E todos os dias tomava testemunhas.

Passados os nove dias. . foi para Valderes... mandou chamar todos os seus vassallos... e partiu com seiscentos e trinta cavalleiros e mil e duzentos homens de pé...»

Ayalla, *Chronica*, p. 34.

«E passados os nove dias partiu de Monsão D. Fernando de Castro e foi para... Ponferrada, que era de sua irmã D. Joanna de Castro, a qual se chamava rainha de Castella; e ali esteve dez dias, esperando saber novas do conde (D. Henrique) e de D. João Affonso de Albuquerque...»

Idem p. 34.

energicamente o seu direito á corôa, e até a herança do throno para os filhos d'ella.

E todos tinham a certeza de que, se a revolta falhasse, e tivessem de emigrar, o infante D. Pedro acolheria os cunhados e a sua gente, protegendo-os e dando-lhes terras e logares.

E Fernando de Castro, que, como João Affonso de Albuquerque tinham coberta a retirada, porque Portugal lhes serviria de asylo, estava disposto a atacar desassombradamente o despota que tanto sangue fizera correr.

CAPITULO CLIV

Pacto de sangue

senhor de Albuquerque tinha já ao seu lado Alvaro de Castro, e recebera a resposta favoravel de D. Fernando, quando soube que D. Maria entrára em Portugal.

Pensava logo que a rainha vinha pedir a intervenção de Affonso IV, como já para a batalha do Salado fizera.

Precisava portanto pôr-se de accordo com elle.

E disfarçando-se, para que os seus passos não fossem descobertos pelos espiões de Pedro Cruel, passou disfarçado a fronteira.

Por um creado mandou pedir audiencia á sua rainha.

D. Maria recebeu-o commovidissima.

Era um leal vassallo que corria a offerecer-lhe toda a sua dedicação.

Conhecia-o bem das rudes luctas contra a influencia de favorita que lhe roubára o logar no throno e o amor do marido.

Sabia que podia contar com elle.

A sua decisão agradava-lhe tanto mais quanto a pungira a resistencia do pae aos seus pedidos, a quasi indifferença com que encarára o seu infortunio.

— Como te attreveste a abandonar o castello, podendo cahir n'uma cilada dos sicarios do meu filho? — perguntou-lhe.

— Nada receeis, senhora.

— E' uma temeridade.

— Cumpri apenas o meu dever.

— Compromettendo-te d'essa fórma?

— Senhora, sim.

«Sei que sois infeliz.»

«Ouvi contar a fórma como vos tinham affrontado esquecendo todo um passado de sacrificios.»

«Soube que abusaram cobardemente, da vossa fraqueza de mulher sem defeza.»

«E só então me orgulho de cingir uma espada, de possuir um castello.»

«Sou dos bons tempos!

«Tomo a serio o meu dever de cavalleiro.»

«Não me deixei abastardar ao contacto d'essa gente corrupta que explora a fraqueza de vosso filho.»

«Continuo a ser hoje o que sempre fui.»

«Apezar de velho resta-me ainda para offerecer lealmente ao vosso serviço alguma energia, um punhado de soldados, e uns fortes muros que não é facil derribar.»

«Se d'isto precisardes, aqui me tendes.»

«O meu maior prazer é poder tornar a servir-vos como nos dias que não tornam mais.»

Deslisou uma lagrima pelo rosto da rainha.

Recordava todo o passado em que defendera a corôa do filho, auxiliada por aquelle homem.

Tinham feito esforços inauditos para que Leonor de Gusmão não conseguisse que Henrique de Trastamara, o seu primogenito succedesse a Affonso XI, o seu real amante.

— Para isto o defendemos, João — disse a rainha alludindo aos seus esforços — Para isto o puzemos no throno!

— Assim o quizestes, senhora!

«Eu não fiz mais do que obedecer-vos!

— Tens razão — exclamou ella desanimadamente.

«Sou a culpada do meu infortunio.»

«Tive n'elle a continuação do procedimento indigno do pae, da fórma brutal como me tratou, da sua rudeza de maneiras, da sua baixeza de sentimentos!»

«Para que o defendemos!»

«Para que me empenhei em collocal-o no throno?»

E mudando de tom:

- Trouxe uma vibora nas entranhas, um cancro que me roe, um filho maldito que me quiz matar!

— Senhora! — interveiu D. João Affonso, querendo serenal-a — que estaes dizendo?

— Maldito, sim! — repetiu ella muito exaltada — filho maldito, não merece outro nome!

«Amaldiçoei o ao tornar a mim ante o horrivel espectaculo de que me rodeou.»

«N'uma poça de sangue, nus, crivados de golpes, horriveis nas contorsões do desespero rodeiavam-me amigos fieis deixados em torno a mim n'um insulto, n'uma ameaça!

«Então perdi a cabeça, e sentindo uma revolta de todo o meu ser, tive repugnancia do monstro que amamentei, e pedi para elle a maldição do ceo!»

«Se Deus ouvir a minha afflicta prece ha de fulminal-o com um raio da sua divina justiça!»

— Não vos exalteis, senhora — pediu novamente D. João Affonso de Albuquerque.

«Precisaes de toda a serenidade para escolherdes a maneira de conjurar o mal.»

«Calae as vossas dôres, esquecei os aggravos de mãe, e pensae apenas no vosso papel de rainha.»

«O reino está perdido, anarchisado, minado de odios, dividido por heranças de crimes, esgotado de luctas e prejuizos, revoltado contra as crueldades de vosso filho.».

«Urge pôr um termo a isto.»

«E' o que todo reclamam, principalmente, é a queixa que chega todos os dias junto de mim, é o motivo determinante das grandes adhesões que tenho recebido.»

— Mas o que devo fazer — perguntou D. Maria, ainda preza da maior commoção.

— Senhora, embora nos custe, é preciso destituir D. Pedro — respondeu com energia.

«O governo do reino não pode continuar nas suas mãos, tem de vos ser entregue.»

«Vós regulareis como vos aprouver a successão, ou proclamando herdeiro algum filho que Joanna de Castro venha a ter, ou fazendo ao reino o sacrificio de casardes para lhe dar um infante desde que não vos agradar outra solução.

«Para isto podeis contar comigo e com os meus, e mais com Henrique de Trastamara, e com D. Alvaro de Castro e D. Fernando de Castro e os seus numerosos vassallos.»

«Não é a primeira campanha que travamos juntos, senhora, que bem rudes as temos luctado.»

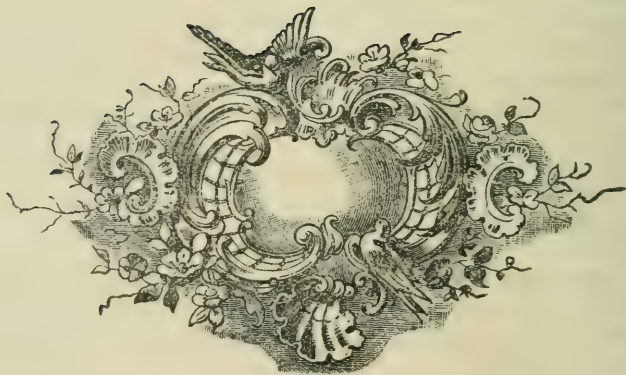
«Mas esta ha-de ser mais feliz que as outras, tal é o direito, a razão que nos assiste!»

E os dois lembravam supersticiosamente o assassinio de Leonor de

Gusmão, o sangue da formosa mulher derramado no carcere de uma torre para que Pedro não deixasse de ser rei.

Estremeceram ao recordar esse crime, essa nodoa de sangue, elo da serie de horrores que formavam a gloriosa historia dos dymnastas, os feitos de gloria dos heroes; que fôra o epilogo das traições, dos supplicios ordenados pelos antepassados, o inicio da chronica tragica, sangrenta do rei cruel.

Fôra de sangue o pacto que os unira, aos tres, para assegurarem a corôa de Castella.

Era de sangue o pacto que faziam de novo, agora para arrancal-a áquelle para quem a tinham defendido.

CAPITULO CLV

Irmãos

JOÃO Affonso regressou ao Castello sem terem decidido nada de positivo.

D. Maria queria ouvir a ultima resposta do pae.

Pedira o seu auxilio.

Só depois de uma formal recusa se convenceria de que o não tinha a seu lado.

E agradecendo muito ao senhor de Albuquerque a sua generoza deliberação, ficou de responder-lhe precisamente.

Demais mandára chamar o irmão, o infante D. Pedro, e queria ouvir a sua opinão.

D. João Affonso partiu disfarçado como viéra.

Emquanto esperava o irmão, D. Maria procurou informar-se bem da sua situação.

Contaram-lhe a aversão de Affonso IV a Ignez de Castro, as intrigas dos conselheiros receiosos de que o infante fosse rei, as desintelligencias do pae e filho que tinham originado a entrevista de Coimbra, e a attitude desconfiada em que se mantinham a respeito um do outro.

D'ali a pouco chegou o infante.

Abraçaram-se effusivamente.

D. Pedro fora lhe sempre muito dedicado.
Quando Affonso XI a offendia com a preferencia da barregã, chegára a querer ir bater-se com elle.
D. Maria. lembrando-se da sympathia que sempre lhe tivera, contava muito com o seu apoio para a desaffronta.

— Pedro! Pedro!
— Minha irmã!
— Ainda me restou vida para te abraçar!
— Foi então verdade o que me disseram? — perguntou elle.
— Já conheces a minha desgraça?
— Ouvi que teu filho...
— Sim! Tratou-me ferozmente! — disse a rainha rompendo em choro.
E ficou soffocada.
Depois de ter desabafado proseguiu:
— Attraiçoou-me, abusou da minha boa fé, fez-me abandonar o castello em que me defendia dos seus sicarios, e armou-me depois uma cilada ignobil.
Pedro estremecia indignado.
O procedimento do rei cruel irritara-o sempre.
O abandono de Joanna de Castro como a perseguição a Mecia tinham-lhe feito consideral-o um algoz.
Na apreciação que fizera dos seus actos, perante o pae, em face dos da embaixada castelhana, apezar de attribuir a responsabilidade aos maus conselheiros, deixára transparecer a sua severa condemnação.
Agora detestava-o ao saber como procedera com a irmã.
— Quando sahiamos confiados, tranquillos — proseguiu D. Maria — atacou-nos um bando de assassinos.
«Vinham desarmados os meus servidores, como lhes impunha a capitulação.»
«E assim, apanhando-os cobardemente, depois de os terem obrigado a apresentar-se sem defeza, apunhalaram-os em requintes de crueldade.»
«Cahiram ao meu lado, salpicando-me de sangue!»
«E quando o horror me fez desmaiar, meu filho deixou-me ficar entre os cadaveres, barbaramente despojados dos vestidos, horriveis na sua sangrenta nudez!»
— Foi um procedimento infame, minha irmã!
«Urge castigal-o severamente!»
«E' precizo uma estrondosa desforra, e has-de tel-a!»
— Sim, Pedro — respondeu ella cheia de gratidão.
«Não devo resignar-me a soffrer em silencio semelhante affronta!»
«O sangue de tanta nobre victima innocente pede vingança!»
— Teu filho precisa de um castigo exemplar!
«Hei-de ensinal o a respeitar-te e a obedecer-te!»

«Começarás a ser como mereces, a rainha de Castella e de Leão!»
— Obrigado, Pedro!
«E's sempre o mesmo bravo cavalleiro, o mesmo dedicado e bom irmão!»
— Conta commigo para tudo.
«Que é precizo fazer?»
«Já pensaste n'isso?»
— Expuz ao pae os meus aggravos.
«Disse-lhe o que pretendia.»
«Pedi lhe que me ajudasse a restabelecer a ordem em Castella.»
«Implorei a sua intervenção, o seu auxilio para que meu filho me obedecesse...»
— E elle?
— Ficou indifferente ás minhas queixas.
«Já não parece o mesmo!»
— E não é! — commentou penosamente D. Pedro.
«Transformaram-o os maus conselheiros.»
«Fizeram d'elle um servo dos seus intesresses, em meu prejuizo.»
«Agora, estou certo hão-de tambem aconselhal-o contra ti.»
— Vejo que exageraram os que me falaram das tuas desinteligencias com o pae.
— Infelizmente é bem verdade!
— E qual é o principal motivo das suas queixas?
— O apparente, certamente o sincero da parte d'elle, é a preoccupação da successão da reino.
«Arreceia-se dos filhos de Ignez de Castro.»
«Quer defender o direito de Fernando.»
«Por isso tem negociado o casamento com a filha de Maria de Padilla.»
«E para que eu desse o meu consentimento, e me comprometesse a assistir á ceremonia, garantia exigida por teu filho, foi procurar-me a Coimbra, n'uma attitude ameaçadora, procurando intimidar-me.»
— Que respondeste?
— Accedi a tudo, porque não estava em situação de resistir.
«Demais não me prenderei com promessas d'essa ordem, arrancadas á força, quando occupar o throno.»
«O pae bem sabe as minhas intenções ácerca de todos os assumptos que a sua fraqueza, ou a sua inclinação para determinados individuos tem deixado correr mal.»
«Creio que nem lhe resta a menor duvida de que eu não respeitarei qualquer compromisso que me parecer contra justiça, contra direito.»
«Mas conta com teu filho, mas conta com seu neto para a defeza de Beatriz, portanto para a defeza de Fernando, que apoiado por elle terá de ser fatalmente o herdeiro do throno.»

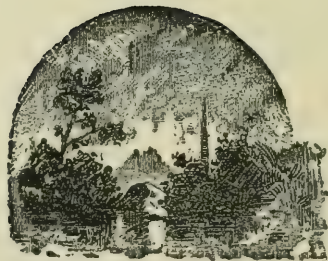
«Porém é outro o motivo porque me odeiam os conselheiros de meu pae.»

«Tenho um alto ideal de justiça.»

«Quero-a alevantada como a mais nobre funcção de um rei.»

«Hei-de aniquilar os juizes que se vendem, a gente que explora os litigantes, os que transformam os julgamentos n'uma torpe mercancia, as sentenças n'uma mercadoria ignobil.»

«Dizem os praticos que o meu desejo não passára de um sonho, que a justiça ha-de ser sempre uma ignobil mentira, que os homens nunca hão-de ter uma comprehensão superior aos seus vicios, ás suas mesquinhas vaidades, e os tribunaes nunca passarão de colonias de parasitas do trabalho e da actividade de cada um.»

«Mas eu persisto no meu ideal de aperfeiçoamento, e por isso os que rodeiam meu pae temem que eu ponha em pratica o meu projecto, e hostilizam-me por todas as formas.»

CAPITULO CLVI

Outro aspecto

OUVIRA-O a rainha n'uma attenção crescente.

— Conheço já esses teus pontos de vista.

— Como, se nunca t'os communiquei?

— Os embaixadores que vieram tratar do casamento, ouviram-te falar n'esses termos.

«Encantou-os a orientação de um rei que, em vez de só commetter crimes, como meu filho, fizesse respeitar a vida, a propriedade, e se empenhasse em conservar a ordem, e a paz.»

«Contaram em Castella o que se passára.»

«Narraram as tuas declarações.»

«E muita gente começou a admirar-te, comparando-te com o perverso que dei á luz.»

— Folgo que avaliem a minha sinceridade.

«Mas aqui tem-me guerreiado atrozmente.»

«Chegaram a propôr ao pae que me afastasse da successão.»

— Que infamia! — exclamou D. Maria.

«Perseguirem-te por um ideal tão nobre, tão elevado!»

«Mas o pae certamente puniu os mizeraveis que se atreveram a tanto?»

— Não!

«Chegou a perfilhar a sua monstruosa ideia.»

«Um dos membros do conselho foi apresentar-m'a, rpopôr-m'o em seu nome!»

— Parece impossivel!

«Transformaram-o completamente!»

«Ao que reduziram o glorioso vencedor do Salado, cujas façanhas foram o meu orgulho!»

— Movem-o no sabôr dos seus interesses, explorando o receio que elle tem de ver Fernando affastado da successão em beneficio dos filhos de Ignez.

«E refere-se-lhe sempre de uma fórma violenta, offensiva, e chega a odial a!»

— Odiar uma mulher tão formosa, tão amoravel, tão boa mãe como ella!

«Oh! como o pae mudou!»

«Como eu o desconheço!»

— Avalia o que eu tenho soffrido com essa má vontade — insistiu o infante.

«Depois de nunca me deixar tranquillo, enviando-me com ordens suas os meus peiores inimigos, rodeiando-me de espiões, chegou a porpôr-me um novo casamento, com uma infanta de França ou de Inglaterra, para affastar de vez Ignez e os seus.»

— E tu que respondeste?

— Recusei.

«N'esse ponto estou disposto a resistir.»

— Então nem a influencia de teu pae, nem as intrigas dos inimigos dos Castros te demoveram?

— Não!

«Casei com Ignez apezar de muitas opposições.»

«Sou cada vez mais feliz, porque o amor dos filhos multiplica a ventura do nosso lar.»

«Todas as intrigas serão baldadas.»

«Só a morte poderá separar-nos!»

— E o que pensam de teus cunhados?

— Alvaro e Fernando são dois leaes amigos, homens de confiança, dois bravos cavalleiros.

«Tenho encontrado sempre ao meu lado o seu conselho e a offerta do seu auxilio.»

«Se um dia tiver de arrancar a espada, serão elles os primeiros a pôr-se em campo.»

«Por mais que façam não nos dividirão.»

— Consideras portanto como teus todos os interesses da familia de tua mulher?

— Perfeitamente.

«Assim como conto com elles — proseguiu D. Pedro — podem os Castros dispôr de mim.»

«Se os maus conselheiros de meu pae me forçassem a rebellar-me, os seus soldados viriam combater sob os meus pendões.»

«Se tiverem que vingar em Castella os aggravos feitos a D. Joanna, ou que defender as suas torres e castellos, correrei a auxilial-os com a gente de que podér dispôr.»

E perguntou admirado;

— Mas porque me fazes taes perguntas?

— Queria saber até que ponto estavam ligados.

«Elles são poderosos, como sabes.»

«Conforme a sinceridade com que perfilhassem a minha causa, desde que queres que seja a tua, assim eu poderia pensar n'uma ou n'outra solução.

— Então já formulaste o plano que devemos pôr em pratica para submetter teu filho?

Houve um silencio.

D. Maria, quando o pae não se mostrára disposto a apoial-a, formulára um projecto que lhe parecia reunir as melhores condições de exito, conjugando os esforços de todos os que eram necessarios para vencer as forças do rei seu filho.

Era, em resumo, o mesmo que o de D. João Affonso.

O senhor de Albuquerque assim o communicára aos Castros, que a tinham acceitado promptamente.

Alvaro correra a apresentar-se no castello onde se formava o nucleo da insurreição.

Fernando subtrahira-se solemnemente á vassalagem ao rei de Castella, e vinha a caminho.

D. Maria sabia-o.

Mas as palavras do irmão, a grandeza do seu ponto de vista, e a intima ligação em que mostrava estar com o poderoso fidalgo da Galliza fazia-lhe vêr o problema sob um novo aspecto.

Ficou indecisa.

«Devia apresental-o immediatamente?»

«Era melhor rezerval-o até se convencer das condições necessarias á sua viabilidade?»

Decidiu entender-se de novo com o senhor de Albuquerque que lhe fazia vêr o lado pratico.

Elle estaria por tudo o que lhe indicasse.

Dos Castros, como ouvira, não partiria opposição.

Bem ao contrario poderia contar com o seu apoio.

A intima alliança de que falava o irmão facilitava todos os seus desejos.

Elles recebiam de braços a nova combinação.

Mas precisavam assegurar-se da sincera adhesão de Henrique de Trastamara.

Era preciso negociar o seu apoio.

Sem isso, em vez de dois partidos a digladiar-se, haveria tres, e o resultado seria duvidoso.

Urgia que a decisão fosse rapida.

Em primeiro logar havia que garantir o exito.

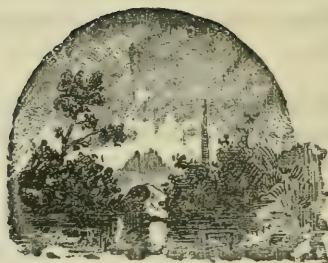
Pedro rompeu o silencio:

— Que te parece, irmã?

— Ainda não decidi nada.

«Deixa-me pensar.»

«Depois te direi qual é o meu plano.»

«Mas o que desde já te affirmo é que cada vez te quero mais; e cada vez faço de ti o mais alto conceito.»

CAPITULO CLVII

Justiceiro

CAUSOU sobresalto o apparecimento de D. Pedro.

Pacheco percebeu logo que á sua ligação com a irmã não seria extranha a influencia dos Castros.

Constava-lhe que D. Fernando se desnacionalisára, e que D. Alvaro fôra juntar-se ao senhor de Albuquerque.

Havia portanto em tudo isso um movimento que convinha seguir de perto.

Communicou ao rei os seus receios.

D'esta vez eram sinceros.

Não procurava só apavoral-o, como de outras vezes, para o dominar melhor.

Temia as consequencias da conjugação de tantos esforços.

A propria influencia dos filhos actuando junta com a de D. Beatriz, talvez viesse a demover o rei.

Appareceu a communicar-lhe a chegada de D. Pedro.

O infante procurára em primeiro logar a irmã.

E Diogo Lopes fez logo avultar esta falta de etiqueta aos olhos do velho monarcha.

— Vossa Alteza já deve saber que seu filho acaba de chegar.

— Meu filho? — perguntou o rei surprehendido.

— Sim — respondeu Pacheco servindo-se das suas habituaes insinuações. — O senhor infante está entre nós.

«Mas talvez não declarasse a vossa Alteza...»

— Elle não me procurou!

— Julguei que tivesse vindo em primeiro logar saudar-vos...

«Era o seu dever, e não julguei que depois da benevolencia com que o tratastes...»

— Adiante! — rugiu indignado o rei.

Irritára-o o procedimento do filho.

Mas percebia bem que Diogo Lopes buscava exacerbal-o.

— Era só isso que tinhas a dizer-me? — interrogou com mau modo.

— Senhor, perdôe vossa alteza se o magoei evidenciando um facto que não podia ter-lhe passado desapercebido.

«Mas era outro o meu fim.»

«O senhor infante foi chamado pela senhora rainha vossa filha.»

«Procurou-a logo e conferenceiam largamente ha muito.»

«O assumpto das suas conversas é necessariamente o procedimento de el-rei vosso neto.»

«Isso pode relacionar-se com o casamento do infante D. Fernando, com o papel que os Castros desempenham aqui e em Castella.»

«Era para isto que desejava chamar a vossa attenção.»

Affonso IV ficou pensativo.

Mas em vez de responder, despediu-o com um gesto.

A'quella hora D. Maria e D. Pedro falavam ainda dos nobres intuitos justiceiros que animavam o infante.

— Digo-te sinceramente, Pedro, mas não te offendas — continuava a rainha.

«Não creio no resultado dos teus intuitos justiceiros.»

«Os juizes continuarão a ser o que são.»

«As sentenças custarão dinheiro e inclinar-se-hão sempre para os mais fortes, para os mais ricos.»

«Mas foi bom que expozesses o teu modo de pensar.»

Muitos castelhanos conhecem a tua orientação e applaudem-a.»

«E' isso que me interessa.»

— E porque não acreditas, minha irmã, no exito dos meus esforços?

«Descrês por ventura da minha sinceridade?»

«Não confias na minha capacidade para executar tão grande emprehendimento?»

— Sei bem o que tu vales.

«Com certeza que farás tudo o que pensas.»

«Mas possuo uma larga experiencia do mundo.»

«Tenho visto muito!»

«Apezar da tua boa vontade a justiça continuará a ser a falsidade que sempre foi.» (1)

«Mas tratemos do que mais directamente nos interessa.»

«As sentenças só deixariam de comprar-se, se fosses tu o julgador.»

— Pois irei eu mesmo administrar justiça!

— Tu?

— Eu, sim!

«E' a mais elevada funcção que me parece pertencer a um rei.»

«Ouvirei as partes, interrogarei os accusados e punirei os criminosos.»

«Só assim a sociedade melhorará.»

— Pois bem — disse a rainha — Oxalá que consigas realisar os teus nobres intuitos.

«Falemos porém do meu caso.»

«Já te offereceste para tudo, não é verdade?»

— O meu maior empenho é vingar-te restabelecer-te no throno que te pertence.

— Muito bem.

«Sei que não recuarás perante o maior sacrificio.»

«Posso contar absolutamente comtigo.»

«E' de ti que quero confiar a minha causa.»

— Obrigado — disse D. Pedro beijando-a.

— Mas já falei ao pae, o chefe de nossa familia, o avô de Pedro, que está portanto em circumstancias especiaes, e tem o direito e até o dever de intervir.

«Sou forçada a pedir-lhe a sua ultima palavra, antes de proceder como me parecer melhor.»

---

(1) *(Vem a Justiça em figura de uma velha corcovada, torta, muito mal feita, com sua vara quebrada, e diz:)*

JUSTIÇA A justiça sou chamada,
Ando muito corcovada
A vara tenho torcida,
E a balança quebrada.
E pois de novo nos vem
Rainha de tanto haver,
Irmã do imperador,
Renovae-me muito bem,
Que cada vez vou peior.
CUPIDO Que pedis ou que buscaes?
JUSTIÇA Fazei-me estas mãos menóres,
Que não possam apanhar,
E que não possa escutar
Esses rogos de Senhores,
Que me fazem entortar.

Gil Vicente, *Fragoa d'amor.*

«Não confio na sua dedicação por mim.»

«Foi tempo!»

«Vão longe os dias do Salado!»

E dominou-a uma funda tristeza.

— Então — continuou ella — não duvidou pôr-se em campo para salvar o throno de meu marido, attendendo á minha affliçáo, ás minhas lagrimas.»

«Agora não faz caso do meu desespero!»

«Dizes bem, Pedro!»

«Mudaram-o!»

«Já não é o mesmo!»

— Nem eu nem a mãe podemos demovel-o!

«Pacheco e os seus governam-o inteiramente!»

— Em todo o caso tenho de voltar a falar-lhe.

«Mas se além de não querer socorrer-me, se mostrar inclinado a meu filho?»

«Isto é, se suggestionado por emissarios que elle deve ter enviado no meu encalço elle quizer impedir a nossa intervenção, que te parece que devemos fazer?»

— Passar sem o seu auxilio e sem os seus conselhos.

— Mesmo no caso de ordenar que nada façamos?

— Ainda assim.

— Embora te prohiba de me auxiliares?

— Não attenderei ás suas palavras, tratando-se de ti.

— Pois bem. Vou falar-lhe.

«Mas seja qual fôr a resposta, o nosso caminho está traçado.»

CAPITULO CLVIII

O preço dos triumphos

NÃO podendo deixar de communicar a D. João Affonso o novo ponto de vista sob que encarava a situação, D. Maria enviou uma carta ao senhor de Albuquerque pedindo lhe que viesse falar-lhe ou enviasse pessoa de mais absoluta confiança.

«Tinha conferenciado com o irmão, e pensava em re solver o conflicto de uma forma diversa do que tinha combinado.»

O antigo ministro não quiz expor-se mais uma vez fóra da protecção dos seus muros.

D. Pedro Cruel podia livrar-se facilmente d'elle, servindo-se do punhal de um sicario.

E como D. Alvaro manifestasse o desejo de se encontrar com o infante seu cunhado encarregou-o de a procurar da sua parte.

O irmão de Ignez vinha encantado.

A rainha lembrara-se em primeiro logar da sua casa para a vindicta contra o filho.

Honrára-os indigitando-os para com as forças de que dispunham se defrontarem com os vassallos do rei.

E reconhecendo como legal o casamento de sua irmã Joanna, era um possivel filho d'ella que queria fazer rei de Castella.

A herança do throno ia pertencer á sua geração.

A lucta desesperada entre seu pae e D. João Manoel ia ter um remate collossal.

«O casamento de Ignez fôra o primeiro triumpho — pensava Alvaro recordando os tempos idos.»

«O velho fidalgo tivera ainda o gosto de assistir ao começo de realisação do glorioso plano que tanto incommodava o seu teimoso inimigo.»

«Fôra uma grande victoria alcançada sobre D. João Manuel.»

«O infante portuguez amava loucamente Ignez e a posse da corôa, e o prestigio da casa ficára plenamente assegurado.»

«Mas o pae não vira já a segunda conquista, a propria coroa de Castella, obtida para Joanna a poder de exforços.»

E Alvaro tinha uma saudade piedosa do pae, lembrando a sua afflicção quando Ignez voltara de Portugal, comprometida pela fama de barregã do infante.

Como que o via estremecer de dor e de vergonha, ao ouvir accusal-a de traidora a Constança, ao ter conhecimento das calumnias com que a cobria a gente de D. João Manuel.

«Ah! Se fosse possivel ir dizer-lh'o ao tumulo!» — phantasiava.

«Como palpitaria de jubilo!»

«Como teria o justo orgulho da realisação do seu alevantado sonho!»

Tornava a passar em revista os lances da astuciosa lucta que lhes ia dar por fim o definitivo triumpho.

A nobre casa do infante D. João Manuel perdera, com a morte de Constança o throno portuguez.

A intriga de Leonor de Gusmão fizera perder-lhe o throno de Castella.

D. Joanna Manuel era apenas a esposa do bastardo, Henrique de Trastamara, pretendente infeliz.

Agora, reduzido a um sattelite de D. João Affonso de Albuquerque, a um auxiliar do projecto da rainha de Castella, ia collaborar para o seu definitivo triumpho.

D. Alvaro estremecia ao recordar o procedimento de Pedro Cruel para com a irmã.

«Abandonara-a no dia do noivado, fizera-a passar e a elles por uma grande affronta!»

«Fernando tirára, é certo, uma grande desforra abandonando a fronteira ao inimigo.»

«Mas o throno de D. Pedro não se abalára.»

«E o villão coroado, que tão vilmente zombára de Joanna resistira aos ataques de todos.»

Então como que receiava os perigos a que os expunha a sua insoffrida ambição.

A desgraça de Joanna fazia o pensar na desventura de Mecia, e nos perigos que ameaçavam Ignez.

«Triumphavam, subiam sempre! — dizia comsigo — Mas despedaçavam a cada passo as suas mais queridas affeições!»

Via Ignez alvo constante do odio de Pacheco, da intriga dos portu guezes inimigos de Castella, das tragicas evocações de Pablo que a fizeram estremecer evocando Constança.

Avaliava a tristeza de Joanna, no frigido abandono do seu castello, rainha, esposa um dia apenas, agora inteiramente esquecidá, supplantada pelos triumphos de Maria de Padilla.

E sentia despedaçar o coração ao pensar em Mecia, arrancada aos seus braços em nome d'essa encarniçada lucta que travavam por toda a parte sem cessar.

Andava envolvida no odio a Ignez, no desprezo a Joanna, no receio em que o rei ficava das suas represalias, no empenho de Gil Vasques em levar por deante um capricho.

Sabia bem da ligação do brutal fidalgo seu rival a Pero Coelho, a Alvaro Gonçalves, a Diogo Lopes Pacheco, aos que guerreavam sem descanço o infante seu cunhado, para que os filhos de Ignez não herdassem o throno, para que elle e o irmão e os seus amigos e vassallos da Galliza e de Castella não viessem a ter influencia em Portugal.

Cahia no desespero que lhe cauzara o desapparecimento de Mecia.

Correra Castella de um extremo a outro sem a descobrir.

Affrontára os maiores riscos, recorrera a todos os disfarces, expuzera se a ser assassinado por agentes do rei, sem ter encontrado um só indicio da sua passagem.

Então perguntava a si proprio se valeria a penna vencer, a troco de tamanhos sacrificios o que um futuro distante lhe rezervava.

Chegava a ambicionar a tranquilla paz dos ignorados, um recanto perdido onde se amassem, um pedaço de terra onde não chegasse a onda de sangue dos combates, o salpico da lama das intrigas, onde os filhos crescessem como as arvores, como as flores, n'uma doce ventura, n'uma interminavel felicidade.

Promettia a si proprio realisar esse famoso ideal apenas encontrasse Mecia.

Fugiria com ella para longe de todos, iria refugiar se aonde não chegassem os echos do mundo.

Mas como encontral a?

Via-se acorrentado indissoluvelmente á lucta, porque para conseguir libertal a tinha primeiro que vencer o seu coroado carcereiro.

E como defender depois o lar?

Teria de luctar ainda, de luctar sempre, para ser venturoso, para não perder a mulher amada, para se fazer respeitar, temer, para conservar a dentro das fronteiras do seu ninho de amor a paz ideal de um coração amante.

Voltava a tortural-o a preoccupação de Mecia.

Onde estaria?

A que novas tyrannias a teriam sugeito?

Como passaria os seus dias largos, infinitos, as suas noites frias, pavorosas?

Como soffreria depois de ter conhecido em breves dias a suprema ventura da vida em commum, o livre goso de um apaixonado amor!

Como lhe seria horrivel o carcere de uma torre, a cella de um mosteiro, despedaçando-se contra uma fresta, debatendo-se de encontro ás grades, na ancia de o ver!

Annunciaram a rainha.

Tornou a si.

D. Maria representava agora esperança do seu triumpho, de uma victoria total, completa, a suprema realisação do glorioso sonho de seu pae, a derrota, a perda do seu feroz perseguidor.

A coroa de Castella pertenceria aos Castros, e Mecia, em fim, havia de ser d'elle.

... cumprimental-o ceremoniosamente

CAPITULO CLIX

A terrivel herança

ANTES de communicar o que imaginára para conjurar a situação, D. Maria rezolveu em primeiro logar dirigir-se ao pae.

Falára-lhe precipitadamente.

Não tivera tempo de lhe dizer tudo o que soffrera.

Precizava tornar-lhe bem evidente o perigo que corria a sua dymnastia.

Queria convencel-o de que o seu desinteresse do conflicto só podia aproveitar a Henrique de Trastamara.

Antes de se lançar á realisação do projecto que concebera ao admirar a decidida attitude do irmão, desejava saber por completo com o que podia contar.

Demais, Affonso IV, embora recusasse apoial-a, não dera uma resposta satisfatoria.

Comquanto não contasse com o seu auxilio queria avaliar completamente as suas disposições.

De manhã foi cumprimental-o ceremoniosamente, acompanhada por D. Pedro.

O infante participou ao pae que ao saber do desgosto da irmã correra a abraçal-a.

Pediu-lhe desculpa de não ter ido saudal o em primeiro logar como era do seu dever.

«Mas a amisade que sempre o ligára a ella far-lhe-ia comprehender a sua precipitação.»

Affonso IV reservado o seu despeito, — respondeu com um frio signal de assentimento.

Diogo Lopes Pacheco, que fazia assignar ao rei diversos documentos, foi beijar a mão de D. Maria, e curvou-se diante de D. Pedro n'uma attitude cortezã.

Mas como voltasse para junto do monarcha, em attitude de continuarem trabalhando, os dois retiraram-se porque a rainha não queria falar na presença d'elle.

D'ali foi visitar D. Beatriz.

A mãe recebeu a chorando.

«Para aquillo vivera tanto tempo, para vêr a desgraça dos seus!»

«Pedro constantemente em antagonias com o pae, Maria agora affrontada, quasi expulsa pelo filho!»

E quando soube que pretendiam levar D. Affonso a castigar o neto, a sua afflicção subiu de ponto.

«Era uma familia condemnada, uns contra os outros, os paes contra os filhos, os filhos contra os paes!»

«Perpetuava-se no sangue nobre das mais poderosas raças da peninsula, nos descendentes de Izabel de Aragão, das dymnastias de Castella e de Portugal uma herança de vicios e de crimes!»

Supplicava á filha que não levasse por diante o seu proposito de castigar Pedro Cruel.

«Bem lhe bastará o remorso de ter procedido como procedeu! — dizia ella.»

«Toda a vida o ha-de pungir essa recordação como um mal sem remedio, até que corra aos teus pés a pedir perdão!»

E pedia-o antecipadamente, querendo pôr termo á serie de novas desgraças que se podiam desencadeiar.

Mas D. Maria descrevia o filho como um ente perverso, sem coração incapaz de um movimento digno, de uma nobre acção.

Pintava-o como o retrato fiel do pae, e explicava a serie de monstruosos assassinios, em que elle supprimira os irmãos, os tios, os primos, todos os parentes, todos os nobres senhores de Castella, como uma ampliação dos horrores feitos dos seus maiores, cuja historia formava um rosario de infamias.

Falava do filho amargamente, como de um estranho que lhe causasse horror.

A rainha mãe buscava serenal-a.

«Bem peior succederá se em vez de dares ouvidos a palavras de paz e

de bondade, concorreres da tua parte para aggravar o conflicto, exacerbar as luctas!»

«Podem succeder-se maiores horrores, porque os homens são peiores do que as féras quando os desvairam as paixões, quando os arrasta uma furia de sangue!»

Falava lhe de nobres familias que se despedaçavam, cegando se, envenenando-se, prostituindo-se em torpes incestos, rolando nos abysmos da dôr como presa de uma sinistra maldição.

E como a filha, attribuindo todo o mal á ascendencia do marido, recordou-lhe a historia dos seus.

«Teu pae tambem perseguiu os irmãos e matou um d'elles!

Revoltou-se contra teu avô, esqueceu todos os laços de sangue, talou os campos dos vassallos, levou a toda a parte a destruição, encheu o paiz de lagrimas e ruinas!

«Ao combater o pae seguia ainda os tristes exemplos, a desgraçada herança dos seus'»

«Na familia de Izabel de Aragão, tua avó, tambem os paes e os filhos se digladiavam!»

«Do lado do pae Affonso III e Sancho II tinham luctado como Abel e Caim!

«E ainda Affonso II disputára o patrimonio ás irmãs, e Affonso I, a origem de todos elles, o fundador da dymnastia, combateu a propria mãe, venceu-a, prendeu-a em correntes como uma grande criminosa na torre de um castello!»

«Que ha de fazer teu filho, Maria!»

«Que fez elle mais do que os antepassados»

Mas a rainha de Castellla desfazia-se em lagrimas.

Recordava o amor com que o creára, o carinho com que o tratára sempre, o empenho com que lhe defendera a herança paterna, a corôa, o throno.

«Aquella negra ingratidão é que a pungia mais!»

— Perdôa-lhe, esquece — insistia a mãe.

«Não queiras chorar mais lagrimas, minha filha.»

«Fica junto de mim ou de Pedro.»

«Vive para os seus filhos queridos — disse intencionalmeute - ou para o meu neto.»

«E não penses mais n'essa desgraçada terra de Castella, que é a minha terra, mas em que foste tão infeliz.»

«Deixa o reino a D. Pedro.»

«E' a herança de seu pae.»

«Que o defenda ou perca, a tua missão já terminou!»

Mas D. Maria não se deixava dominar.

— O que tu me contaste, o que teu filho fez é um horror! — insistiu ainda a rainha mãe.

«Mas que novas desgraças se amanhã tornarem a luctar, voltando a encontrar-se com as armas na mão!»

«E demais a mais envolvendo-se no conflicto uma familia inteira, teu pae, meu filho, e o irmão d'elle!»

«Reconsidera, Maria, que ainda é tempo.»

«Eu tremo de pensar no que poderá succeder, e comtudo como que prevejo Affonso cahindo em meio de vós, com as rudes violencias do seu genio irascivel, incitado pelos inimigos de meu filho!»

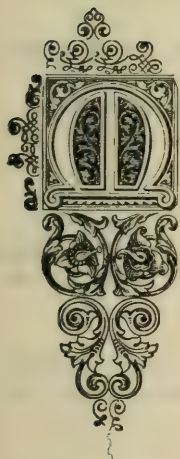
«Oh! minha filha! minha filha! Não venhas provocar novas desgraças!»

D. Maria chorava, escondendo o rosto no regaço.

A mãe affagava-a como outr'ora.

E recordava o tempo feliz, em que os dois filhos eram pequenos, em que julgára preparar no seu amor uma ditosa velhice.

CAPITULO CLX

Insinuações

MAS a rainha de Castella não se convenceu.

Deixou de discutir para que a mãe não se affligisse mais.

E quando se levantou, para retirar, D. Beatriz comprehendeu bem que os seus exforços tinham sido totalmente baldados.

Deixou-a partir n'um olhar de magoa.

Ficou pensando na tragedia que se preparava.

«Como a teria offendido o filho para a arrastar áquelle desespero!»

Mas persistia em não lhe dar razão.

«Era preferivel deixal-o impune a provocar novos horrores!»

D. Maria recolheu ao seu quarto profundamente ferida.

«Pois recusavam-lhe o direito de reagir?»

«Obstinavam-se em não lhe dar razão!»

«Então não era a rainha de Castella?»

«Não comprára bem dolorosamente essa pesada corôa?

«Quem tinha o direito de julgar o filho?»

Pungia-a acerbamente a fraqueza do pae, a attitude da mãe.

Irritava-a a serenidade de Affonso IV, tratando-a como tratava o infante, deixando orientar-se por maus conselheiros, sacrificando os mais nobres sentimentos a incertos planos politicos.

Desesperava o seu proposito de a sacrificar ao casamento de Fernando com a filha de Maria de Padilla.

«Era a mesma cegueira que o levava a odiar Ignez, a perseguir o irmão!»

As lagrimas da mãe offendiam-a no intimo do seu ser.

«Quem fôra mais carinhosa do que ella?»

«Quem comprehendera melhor o amor materno?»

«Luctára pelo filho, sacrificára-se por elle, travára vivas luctas para o defender da barregã!»

«Mas Pedro deixára de ser um filho para tornar-se um feroz inimigo!»

«Tyrannisava-a mais do que Affonso XI tornara-se lhe mais odioso, porque o marido deixava-a tranquila, desprezando a, e elle perseguia-a, affrontava-a!»

E recordando o que soffrera, enchia-se de razão para persistir.

Diogo Lopes que continuára junto a Affonso IV, depois da sahida de D. Pedro e D. Maria, procurava influir no animo do rei.

— Senhor, informações que tive de Castella fazem-me receiar cada vez mais do triste conflicto que se deu entre vossa filha e neto.

«Consta-me que D. Pedro vae informar-vos por sua parte.»

«Segundo chega ao meu conhecimento elle expõe largamente as razões que teve para ser tão violento.»

«Queixa-se de que o castello de Toro se tornára um foco de conspirações.»

«E, ao que me dizem, justifica a morte de Tello e dos outros que vinham com a rainha pela má fama que corria ácerca das relações de sua mãe com o fidalgo portuguez.»

Affonso IV olhou-o severamente.

— Perdoae, senhor, a amargura que trago ao vosso coração de pae.

«Mas informando-vos tão minuciosamente quanto posso, cumpro as ordens severas que me déstes.»

— Quem te deu taes noticias?

— Um dos homens que enviei a Castella, Alvaro Gonçalves, cuja dedicacão a vossa alteza é bem conhecida.

«Pero Coelho continuava junto de el-rei, com Lourenço Gonçalves, que representa ainda o seu papel de embaixador.»

«De Gil Vasques não sei porém ha muito.»

«Abandonou repentinamente a côrte castelhana.»

«Segundo suppõe o meirinho mór, que me trouxe todas estas noticias, anda vigiando os Castros.»

«Esses ambiciosos mobilisaram milhares de homens e estão promptos a combater.»

«Veja vossa alteza o caracter que vão tomando as coisas!»

N'isto annunciaram a chegada de D. Maria.

O rei estremeceu.

Pacheco apressou-se a precavel-o.

— Vem certamente pedir a vossa alteza que intervenha junto do filho.

«Attrevo-me a aconselhar-vos, senhor, que adieis a resposta.»

«Não vos convem tomar uma resolução sem ouvir a exposição de el-rei vosso neto.»

«Com certeza que só muito graves razões o levariam a fazer o que fez.»

Affonso IV concordou.

E despedindo-o mandou entrar a filha.

D. Maria fizera tudo por se dominar.

Não a movia a esperança no auxilio do pae.

A primeira entrevista desilludira-a.

Queria apenas dar por terminada a espectativa em que ficára.

Perante a resposta decisiva retomaria a liberdade de proceder.

Então de accordo com o irmão, D. João Affonso, os Castros e o bastardo procederia como lhe parecesse melhor.

Tornou a repetir as offensas que tinha do filho.

Implorou o auxilio do pae.

Pintou-lhe as difficuldades em que ficára o reino, e o risco em que estava de se perder a corôa de Castella que pertencia á sua dynastia.

Mas se D. Affonso não se deixou arrastar, tambem não recusou o apoio pedido.

Seguiu a opinião de o conselheiro.

— Tranquilisa-te, Maria.

«Põe de parte a exaltação que te perturba.»

«Distrae um pouco, junto de nós, nos braços dos teus, a dôr que te consome.»

«Deixa passar alguns dias, e verei o que posso fazer.»

Penalisou a esta resposta.

Voltou a insistir.

— Não meu pae, não aggrave a minha anciedade!

«Dê-me uma resposta decisiva.»

«Não me deixe alimentar uma esperança vã!»

O rei explicou-lhe o motivo que o levava a esperar.

— Meu neto vae escrever-me, dando contas do que se passou.

D. Maria estremeceu.

— Pessoa de confiança acaba de chegar a toda a pressa.

«Pedem-me que suspenda qualquer juizo até o ouvir.»

«Não posso recusar-me!»

«E' o meu dever!»

— Preferia qne me desilludisse já! — retorquiu ella.

«Esse desgraçado que foi meu filho não poderá senão reeditar intrigas e calumnias, que tornarão maior a minha dôr.»

«Dizei portanto se ainda me resta em vós um coração amigo, ou se perdi de todo o amor dos meus!»

— E quem te diz que teu filho não me escreve pedindo perdão, procurando reconciliar-se?

— Digo-o eu que o conheço, meu pae.

E levantantando-se:

— Acabou para mim toda a esperança que depositava na vossa protecção.

«Esse adiamento é uma recusa.»

«Assim o considero, em conformidade com elle procederei!»

«Quando foi do Salado correstes a auxiliar meu marido, porque me soccorrieis!

«E eu era muito menos desgraçada, porque então vivia na esperança de meu filho, e hoje possuo a triste convicção de ter gerado o meu algoz!»

CAPITULO CLXI

Alliados

NO maior desespero voltou D. Maria aos seus aposentos.

Não a pungia a falta de soccorro.

Contava antecipadamente com a recusa.

Mas o abandono dos seus fazia-lhe sangrar o coração.

«Só lhe restava o irmão.»

«Esse havia de ser tudo! — pensava ella.»

Foi então que mandou entrar D. Alvaro de Castro, que viera disfarçado por causa das suas antigas questões.

Não lhe convinha, n'esse momento, attrahir a attenção dos seus inimigos de Portugal.

A sua entrada reanimou a rainha.

«Era um amigo!»

«Nem todos a viam com indifferença.»

O irmão de Ignez de Castro abandonou o disfarce e foi respeitosamente beijar-lhe a mão.

— Senhora, D. João Affonso de Albuquerque envia-vos o testemunho do seu maior respeito.

«Como eu manifestasse desejos de vêr o senhor infante encarregou-me de vos procurar da sua parte.»

«Esta carta me apresenta e manifesta as suas intenções.»

Entregou-lhe um pergaminho.

A rainha passou-o rapidamente pelos olhos.

— Muito grata me foi a escolha que de vós fez — disse-lhe affavelmente.

«Sei a conta em que meu irmão vos tem.»

«Ligado a elle, pelo casamento de vossa irmã, sois para mim um parente querido.»

«Hoje nada me é mais preciso do que encontrar dedicações.»

«Vejo-me tão só!»

— Bem me custaram, senhora, as vossas desventuras.

«Em mim, em todos os que estão com D. João Affonso não tendes senão amigos.»

«Só esperamos uma ordem vossa para sahir a campo.»

«Enviae-a, senhora.»

«Tive a dita de ser o escolhido para tão alta commissão.»

— Dissestes que pretendiam falar a D. Pedro?

— Foi o que communiquei a D. João Affonso, quando me constou que o senhor infante se encontrava aqui.

«Tenho gosto em o vêr, e quero saber de minha irmã e de meus sobrinhos.»

«E' de meu irmão, é de Ignez e dos filhos qne vamos occupar-nos.

«Começarei por dizer que estão todos bem.»

«E agora tenho que te exigir um sacrificio, o de não lhe falares, o de não lhe fazeres saber a tua presença aqui.»

D. Alvaro olhou a admirado.

— Sim — confirmou ella — Pedro é vigiado.

«Eu mesma sou alvo da maior desconfiança!»

— Em casa dos vossos?

— A toda a parte chegam as intrigas de meu filho.

«Além d'isso ha quem hostilise Pedro, e a todos os parentes de sua mulher.»

«Se agora vos encontrasse haveria suspeitas.»

«E precisamos todos proceder de accordo, mas rapidamente, decisivamente.

— Tendes razão — disse D. Alvaro.

«Infelizmente el-rei vosso pae não aprecia devidamente o valôr do infante, e não faz justiça a Ignez, nem a nós.»

«D'esta vez poderia prejudicar o exito dos vossos projectos.»

«Depois de cumprir a commissão de que me encarregardes voltarei aqui, sob a minha propria responsabilidade.

«Dizei o que quereis.»

Está em servir-vos o meu maior orgulho.»

— Não se trata de mim, trata-se de interesses que nos são communs.

E circumdando a casa n'um olhar desconflado:

— Poderão ouvir-nos?

D. Alvaro examinou as portas, levantou as tapeçarias, e voltou a traquilisal a.

— Estamos sós.

— Pois bem — disse ella.

«Penso n'alguma coisa que poderá transformar as nossas condições de vida, garantindo ao mesmo tempo a Castella a paz porque ella almeja.»

«Tenho de castigar meu filho.»

«Quero mesmo affastal o de vez d'esse throno que cimentou com sangue de minha irmã, dos meus amigos, dos meus vassallos.»

«Repugna-me a serie de crimes que constitue a sua historia, e quero pôr lhe um termo decisivo.»

«Ao mesmo tempo sei que meu irmão soffre em Portugal torturas semelhantes ás que me affligiram em Castella.»

«E' affrontado no que tem de mais caro, no amor da mulher e dos filhos.»

«Pesam sobre Ignez as maiores ameaças.»

«Ha ainda contra vós, que sois irmão da futura rainha, as maiores prevenções »

«Foi tambem uma irmã vossa que meu filho tão malevolamente offendeu.»

— Não temos sido felizes — commentou D. Alvaro.

«Os serviços prestados á corôa de Castella, a sympathia que nos merece Portugal não tem recebido a paga.»

— Falei largamente com meu irmão — proseguiu a rainha.

«Só n'elle encontrei apoio.»

— Então el-rei?

— Recusa auxiliar-me, adia a solução do meu pedido, pretextando esperar explicações de meu filho.

«E minha mãe receiava consequencias do proposito em que estou de castigal o.»

«Não fez senão aconselhar me perdão!»

— Direi então a D. João Affonso que não deram resultado os vossos esforços? — perguntou D. Alvaro.

— Pelo contrario.

«Da parte de meu irmão encontrei o mais decidido auxilio.»

«Pedro está farto de humilhações.»

«Não pode viver tranquillamente, perseguido pelos maus conselheiros do pae.»

«Promptificou-se a seguir me.»

«Irão com elle muitos homens de armas, muitos fidalgos, cavalleiros das ordens militares e peões dos conselhos.»

«Além d'isso conta comtigo e com teu irmão.»

«Pode fazel-o?»

— Absolutamente.

«Já me declarei seu vassallo.»

«E Fernando, ao subtrahir-se solemnemente á vassallagem de vosso filho, foi d'elle que se constituiu servidôr.»

— Meu irmão avançou que contava comvosco, como podereis contar com elle.

— Assim é, senhora.

«Sem o termos combinado expressamente, é a indole da amizade que nos une.»

«Na guerra que preparaes seremos todos uns pelos outros.»

«Ajudamol-o a desaffrontar-nos.»

«Elle desforra, comnosco, o insulto feito a vossa irmã.»

— São então communs os vossos interesses?

— Inteiramente, senhora.

«D. Pedro escolheu mulher na nossa casa.»

«Sermos todos por elle é o nosso dever.»

— E D. Fernando pensará assim?

— São as suas ideias, senhora.»

«Respondo inteiramente por elle.»

«Estás ao lado do senhor infante é o nosso dever moral e o nosso interesse.»

«D. Pedro é um alto principe.»

«Todos tem esperança no seu caracter, todos confiam no seu futuro!

CAPITULO CLXII

As duas corôas

O irmão de Ignez mostrou-se surprehendido com tal interrogatorio.

D. Maria entrou no assumpto.

— Já certamente D. João Affonso te disse o que eu pensava fazer?

— Que nos daveis a honra de escolher no nosso sangue o rei de Castella.

— Sim. Pensei n'um filho de Joanna.

«Mas tem ella descendente de meu filho?»

«Espera-o ao menos?»

«Será possivel levar Pedro a viver com ella, como esposo, embora deposto como rei, emquanto eu, com a regencia, prepare ou espere o successôr?»

«Quererá ella sujeitar-se a viver de novo com o homem que tão deslealmente a tratou?»

«Não a interrogámos.»

«Deviamos ter começado por fazel-o.»

«Pode ser que a sua opinião, a sua resposta modifique um pouco a nossa attitude.»

«O que é certo é que o procedimento de meu pae, a constante recusa dos meus, a decisão do infante alterou um pouco as minhas primeiras combinações.»

— Em que sentido? — perguntou D. Alvaro.

— Se meu pae interviesse, a acção de seus soldados e das suas galés, seria decisiva.

«Pedro abdicaria, mesmo sem combater, passaria a viver com Joanna, e o filho d'ella seria sem duvida o rei.»

«Mas não querendo intervir, não fazendo como no Salado, não se dispondo a tomar o meu partido, é uma guerra sujeita a contigencias que vamos emprehender.»

«Não apparecendo alguem a disputar a corôa, pode empolgal-a Henrique de Trastamara.»

«Assim ficaria perdida para mim e para vós.»

«Eu receio esse perigo mais do que podeis suppor.»

«Em caso algum queria vêr no throno os filhos da barregã de meu marido.»

«Ora desde que a nação repellir, como repelle, horrorisada, o rei meu filho, a corôa pertence de direito a um successor legitimo, ao neto de el-rei D. Sancho, a D. Pedro, meu irmão.»

«Elle será capaz, como ninguem, todos o sabeis perfeitamente, de disputar o seu direito.»

«E a herança continuará a pertencer á vossa casa, porque, á falta de filhos de Joanna, o rei de Castella ha-de ser depois fatalmente um dos filhos de Ignez.»

«Que te parece?»

— E' a melhor solução.

«O senhor infante gosa da maior estima entre os cavalleiros castelhanos.»

«Todos o acceitarão com agrado.»

«Assim tenho a certeza do triumpho.»

«Ignez reunirá um dia as duas corôas!»

— Rainha de Portugal e de Castella! — disse orgulhosamente D. Alvaro.

«Ella é digna de tudo!»

— Desde que Joanna não o pode ser que Ignez o seja — insistiu D. Maria querendo desfazer-lhe os ultimos escrupulos.

— Senhora — respondeu elle comprehendendo-a — acreditae que me agrada mais esse projecto.

«Assim não recearemos pelo futuro.»

«Como primeiro querieis era muito mais perigoso.»

«E D. Pedro que diz?»

— Ainda o não sabe.

— Não lhe falastes?

— Promptificou-se a apoiar a solução do filho de Joanna.

«E' desnecessario consultal-o.»

«Tem direito á corôa como neto do rei D. Sancho.»

«Desde que os sublevados o convidaram, desde que eu apoiar o convite lançar se-ha valentemente na lucta.»

«A tua opinião é a favôr d'elle?»

— E acreditae que com verdadeira alegria.

— Pois bem.

«Então partirás immediatamente a consultar D. Fernando e D. Joanna.»

«Se concordarem irás expôr a D. João Affonso o novo ponto de vista.»

«Obtido o seu applauso tornarás aqui, e então exporás a meu irmão o desejo dos que se rebellam contra meu filho.»

— Havemos decidil-o a acceitar.

— Conto com isso.

— Então a victoria será nossa!

— Não tenho a menor duvida

D. Alvaro pensava em Mecia, cuja libertação conseguira emfim.

Partiu ao encontro do irmão.

Acceitaram plenamente a nova proposta.

Joanna não confiava na possibilidade de uma nova união que lhe desse o desejado filho.

Repugnava lhe aquelle homem, cujo primeiro e unico beijo fora esteril.

O futuro mostrava-se-lhe cheio de incerteza.

D. Fernando viu na proposta a certeza de que triumpharia a sua causa.

Orgulhava-o a solução.

Era ainda uma mulher do seu sangue a escolhida.

A sua satisfação subia de ponto porque Ignez reuniria assim as duas corôas, o que a Joauna não succederia.

Via por semelhante processo mais assegurado o futuro da irmã e dos filhos.

D. Alvaro dirigiu-se ao senhor de Albuquerque.

D. João Affonso acolheu a ideia como a certeza de que se lançaria na lucta em condicções de exito.

Considerou-a a ultima palavra para ordenar a preparação os seus guerreiros.

Dispoz tudo para iniciar a campanha.

Mas era preciso obter ainda a sincera adhesão de Henrique de Trastamara.

Foi má a sua primeira impressão.

Reflectindo, porém, teve que ceder.

Declarou estar prompto a apoiar o rei.

Não intimidava o triumpho d'esse estrangeiro.

Achava bom que elle, com gente portugueza, quebrasse as forças de Pedro Cruel.

E a seu tempo appareceria, como genuino castelhano, filho de Affonso XI, o primogenito de Leonor de Gusmão, que era tambem uma castelhana, emquanto D. Maria não passava de uma estrangeira inclinada á influencia externa.

Contava triumphar por fim, valendo-se da sua qualidade, apoz todas as disenções.

Assegurado de todas as opiniões dos rebellados, D. Alvaro voltou a Portugal.

Deu conta á rainha da sua missão.

D. Maria acolheu-o cheia de jubilo.

Podia emfim tirar a desforra!

CAPITULO CLXIII

Despedida

FORAM chamar o infante.

D. Pedro ficou encantado ao saber os intuitos do irmão.

— Salva a corôa de teu avô, Pedro! — dissera-lhe a rainha.

«A união das duas coroas, pelo casamento de Fernando com Beatriz, vae ter immediata realisação.»

«Agora occuparemos o throno de Castella.»

«Depois succederás ao pae no de Portugal.»

«Os que guerreiam Ignez terão de curvar-se!»

«Será rainha dos dois reinos!»

«Terás terras á larga para repartir pelos teus filhos.»

D. Pedro agradeceu.

— Acceitas?

— De todo o coração.

Alvoraçava-o a ideia do grande poder de que ia dispor.

Teria mais força para moralisar, para exalçar a acção da justiça, para erguer os tribunaes a toda a altura da sua missão.

Via desvendar um novo horisonte.

Tornava-se mesquinho o odio dos seus adversarios perante a magnitude de um tal projecto.

Estava disposto a assumir todas as responsabilidades, todas as consequencias do seu passo.

Então D. Alvaro expoz-lhe as resoluções de D. João Affonso e dos seus.

Faziam-lhe um convite em forma, na sua qualidade de castelhanos, rebellados contra o rei.

Tinham-n'o jurado solemnemente.

Só esperavam que se puzesse em campo.

Queriam que assumisse, como lhe competia, o commando supremo.

D. Pedro pomptificou-se a isso.

Dentro em pouco iria reunir-se lhes, e seria o primeiro no combate. (1)

Expôz o que pretendia fazer.

Iria em primeiro logar a Coimbra despedir-se de Ignez, preparal-a para uma larga ausencia e pedir-lhe que não se assustasse.

Em seguida voltaria a juntar-se á irmã, e entrariam juntos no territorio de Castella, dirigindo-se em primeiro logar ao castello de Albuquerque, onde se reuniriam a D. João Affonso.

Partiu para junto de Ignez.

Sobresaltava-a já tanta demora.

Conhecendo a má vontade do rei ficava entregue a tristes preoccupações.

Pedro chegou de noite.

Annunciou de longe, no echo das trompas, a sua approximação.

Ella sobresaltou-se ao distante gemido.

Pareceu-lhe primeiro uma illusão dos sentidos, tal o desejo que tinha de o ver.

Mas a repetição do echo chamava-a á realidade.

«Era elle que voltava emfim!»

Sahiu a esperal-o.

Abraçaram-se transporte em de amor.

D. Pedro foi beijar os filhos, acariciou-os junto aos berços, reviu-se n'ella e n'elles, como se quizesse fixal-os bem na memoria, antes de se afastar de novo.

Não perturbou á esposa a ventura d'essa noite.

---

(1) «Estando o conde D. Henrique e D. João Affonso de Albuquerque, chegou D. Alvaro Perez de Castro... e falaram com o infante D. Pedro de Portugal,... que se quizesse elles o proclamariam para que fosse rei de Castella.

E D. Alvaro Perez de Castro falou a este respeito com o infante ouvia com agrado, e ficou muito satisfeito, e queria fazel-o.»

D. Pedro Lopes de Ayalla, *Chronica de D. Pedro*, edição de Barcelona, p. 31 verso.

Mas no dia seguinte contou-lhe tudo.

— Tenho de partir de novo, Ignez.

— Mal chegaste...

— E agora a ausencia será maior.

— Sempre esses maus homens que rodeiam teu pae!

— Agora não se trata d'isso — respondeu D. Pedro.

«Tenho que acceitar um convite que me fizeram teus irmãos.»

— Um convite para quê?

— Para acceitar a corôa de Castella.

— Que dizes! — exclamou ella sobresaltada.

— Os maiores vassallos de el-rei meu sobrinho, não podendo supportar mais a sua violencia querem proclamar um rei que os governe em vez de os assassinar.

«Escolheram-me para occupar o throno.»

«Uns veem em mim o neto do rei D. Sancho, minha irmã attende á amisade que sempre nos uniu,e teus irmãos querem fazer-te assim rainha de Castella e rainha de Portugal!

— Oh! Pedro! Pedro!

Abraçou-se a elle a chorar.

Commovia o alto destino que lhe preparavam.

Mas aterrava o periodo de perturbações que ia recomeçar.

— O que vaes fazer? — perguntou-lhe afflicta.

— Preparam-se forças importantes para emprehender a lucta.

«Teu irmão Fernando está com alguns milhares de homens no castello de D. Joanna.

«D. João Affonso de Albuquerque reuniu na sua fortaleza todos os velhos soldados de Castella.»

«Vae Henrique de Trastamara com os seus e os vassallos dos irmãos que Pedro Cruel assassinou.»

«Minha irmã convocou a gente de Tello, do mestre de Calatrava e de outros que a seguiam.»

«De cá irão comsigo Martins do Avellal, Nuno Freire, Luiz Freire, Fr. Gil Cabral, e a gente do abbade de Alcobaça que se puder reunir.»

«Gonçalo Annes vae já tratar d'isso, avisal-os a toda a pressa.»

«E eu vou collocar-me ao lado de minha irmã, porque é pela praça de Albuquerque que havemos de começar a invasão.»

Queria tranquilisal-o mostrando-lhe assegurado o exito da empreza.

«Nada ha a receiar.»

«O rei de Castella render-se-ha á primeira intimação.»

Mas Ignez ficára apprehensiva.

— Vaes combater! Vaes expôr-te a perigos! Poderás morrer!

— Não digas tal!

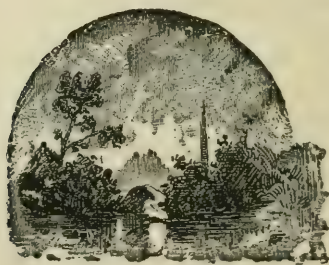
— E se eu te perdesse, Pedro?

«O que seria de mim?

«O que seria de nossos filhos?»

— Para que pensas n'isso?
«E' uma empreza sem perigos.»
«Não deves ter o menor receio.»

Despedira-se.
D. Pedro abraçou e beijou os filhos, commovido, estremecendo.
Apertou Ignez contra o peito, longamente, estreitamente.
Custava-lhe como nunca a separar-se.
Mas tinha pressa.
Esperavam por elle os alliados, a corôa de Castella, o seu futuro.
Desceu á pressa as escadas para se furtar a mais expansões.
Ignez foi apoz elle.
Tornou a abraçal-o, a cobril-o de beijos, a inundal-o de lagrimas.
Pedro teve que fugir dos seus braços, correu para o cavallo, saltou na sella e partiu.
Ella ficou acenando-lhe, esmagada, perdida.
O infante voltou atraz, attrahido mais uma vez pelos seus braços.
Beijaram-se, despediram-se de novo, e d'essa vez partiu a galope, sem olhar para traz.

Ignez ficou á porta, desanimada, ouvindo ao longe o som das trompas que se afastava como um soluço.

Sem olhar para traz (372)

Desfazia se em lagrimas

CAPITULO CXIV

Tão só!

ENTÃO Ignez começeu a ter medo.

Sentia-se só.

E as creanças que até ha pouco, na ultima ausencia, lhe faziam a melhor companhia, augmentavam agora a sua soledade.

Nunca o esposo lhe fizera tal falta.

Carecia do seu braço, da sua companhia, da sua presença.

Parecia-lhe que ao lançar-se na lucta, ao pretender conquistar a corôa de Castella, deixaria de lhe pertencer por completo.

Ao cahir da noite a sua tristeza augmentou.

A vasta casa até ahi tão alegre, risonha como um ninho de amores, onde as vozes frescas das creanças repercutiam como um hymno triumphal, agora tinha aos seus olhos um ar tenebroso.

As tochas encostadas ás paredes illuminavam-a mal.

Nos recantos escuros como que se aninhavam phantasmas.

E a imagem de Constança que os carinhos do infante difficilmente lhe fazia equecer, voltava a prender-lhe a imaginação.

Via-a sob esse aspecto sinistro, vingador, que Pablo se empenhára em evocar.

Recordava, como se os tivesse ouvido, os seus gritos de morte.

Atterrava-a a ideia de que, com a ausencia de Pedro, o seu castigo ia começar.

Deitou-se, mas não poude dormir.

Ao lado uma velha criada velava pela creança, e notava a sua crescente inquietação.

Quando Ignez fechava os olhos, passavam-lhe mais vivos todos os successos da sua inquieta vida.

Preoccupava-a a velha desintelligencia do rei com seu marido, o convite, a imposição que lhe fizera de casar com uma princeza, a insistencia com que os maus conselheiros de Affonso IV os queriam separar.

Tremia de medo pensando que um dia triumphassem os adversarios.

E a espectativa da guerra que ia travar-se fazia-a receiar a perda do companheiro da sua vida.

Para se sentir menos só pediu á creada que lhe contasse como outr'ora, contos que a fizessem dormir.

A velha, ainda de casa de seu pae, vira-a nascer.

E n'uma voz roufenha começou, como nos tempos da sua juventude, a contar-lhe os tristes casos que entretinham as imaginações medievaes.

Eram as representações d'esses tempos de sanguinarias violencias em que predominava a força brutal.

Principiou a velha em toada lugubre, a historia de uma outra Ignez, desventurada, morta em chammas, n'uma cruel vingança. (1)

Mas ella, estremecendo, pediu-lhe outra.

E a velha recitou n'um tom monotono um romance de cavallaria:

> Chorava a infanta, chorava,
> Chorava e razão havia.
> Vivendo tão descontente ;
> Seu pae por casar a tinha.
> Acordou elrei da cama
> Com o pranto que fazia:
> — Que tens tu, querida infanta,
> Que tens tu, ó filha minha
> — Senhor pae, o que heide eu ter
> Senão que me pésa a vida?
> De tres irmans que nós eramos,
> Solteira eu só ficaria.

---

(1) «A historia d'esse avô contava se na familia como exemplar do genio cruelmente justiceiro. Casára com Ignez Sanches, e deixando-a no castello de Lanhoso, soube como ella ahi fazia maldade com um frade de Bouro. Rodrigo Gonçalves foi lá em armas, cercou o castello, e, pondo-lhe fogo, fez arder na mesma fogueira a mulher e o frade, e a mais gente, com as bestas, os cães, de tudo quanto havia dentro, para que a chama consumisse por completo os sacrilegos e a deshonra.»
Oliveira Martins, *Vida de Nun'Alvares*, p. 8.

— Que queres tu que te eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Cá vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia
Nem ouvil-as não quizeste,
Nem fazer-lhes cortezia...
Na minha côrte não vejo
Marido que te daria...
Só se fosse o conde Yanno,
E esse já mulher havia.
— Ai! ricco pae da minha alma,
Pois esse é que eu queria.
Se elle tem mulher e filhos,
A mim muito mais devia,
Que me não soube guardar
A fé que me promettia.

Manda elrei chamar o conde,
Sem saber o que faria:
Que lhe viesse fallar...
Sem saber que lhe diria.
— Inda agora vim do paço,
Já elrei lá me queria!
Ai! será para meu bem?
Ai! para meu mal seria?

Conde Yanno que chegava,
Elrei que a buscar o vinha;
— Beijo a mão a vossa alteza;
Que quer vossa senhoria?
Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria:
— Beijae, que mercê vos faço;
Casareis com minha filha.
Cuidou de cahir por morto
O conde que tal ouvia·
—Senhor rei, que sou casado
Já passa mais de anno e dia!
— Matareis vossa mulher,
Casareis com minha filha
— Senhor, como hei de mattál-a
Se a morte me não mer'cia?
— Callae-vos conde, callae-vos.
Não vos quero demazia;
Filhas de reis não se enganam

Como uma mulher captiva.
— Senhor, que é muita razão,
Mais razão que ser devia,
Para me mattar a mim
Que tanto vos offendia;
Mas mattar uma innocente
Com tamanha aleivosia!
N'esta vida nem na outra
Deus m'o não perdoaria.
— A condessa hade morrer
Pelo mal que cá fazia.
Quero ver sua cabeça
N'essa doirada bacia.

Foi-se embora o conde Yanno,
Muito triste que elle ia,
Adeante um pagem d'elrei
Levava a negra bacia.
O pagem ia de lutto,
De lutto o conde vestia:
Mais dó levava no peito
C'os appertos da agonia.
A condessa que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filho nos braços
Para abraçál-o corria.
— Bem vindo sejais, meu conde,
Bem vinda minha alegria!
Elle sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia;
Mandou logo pôr a cea
Como quem lhe apetecia.
Sentaram-se ambos á mesa,
Nem um nem outro comia;
As lagrimas era um rio
Que pela mesa corria.
Foi a beijar o filhinho
Que a mãe aos peitos trazia,
Lorgou o seio o innocente,
Como um anjo lhe sorria.

Atterrava-a a narrativa, mas interessava-a ao mesmo tempo.

Tinha vontade de mandar calar a velha, depositaria inconsciente dos horrores do passado, mas vencia-a a anciedade de saber o fim.

Achava semelhanças ao seu caso.

Tambem a perturbavam.

Tambem procuravam pôr termo ao seu amor. (1)

Quando tal viu a condessa,
O coração lhe partia;
Desata em tammanho chôro
Que em toda a casa se ouvia;
— Que tens tu, querido conde,
Que tens tu, ó vida minha?
Tira-me já d'estas ancias,
Elrei o que te queria?
Elle affogava em soluços,
Responder-lhe não podia;
Ella, apertando-o nos braços,
Com muito amor lhe dizia:
— Abre-me o teu coração,
Desaffoga essa agonia,
Da-me da tua tristeza,
Darte-hei da minha alegria.
Levantou-se o conde Yanno,

(1) «Sir Walter Scott diz, em alguma parte do «Cancioneiro das fronteiras da Scocia» que os romances populares foram quasi todos em sua origem poemas mais longos e mals completos, que os menestreis depois incurtavam e truncavam para os poderem cantar em dous ou tres *lays* quando muito, como quem diz, em duas ou tres cantigas: o que na integra era impossivel. Que d'ahi ficaram assim pela memoria do povo, e assim até nós.

Se tal é—e eu não defendo nem impugno agora a theoria—digo que este bello romance do «Conde Yanno» algum menestrel portuguez accommodou ao gosto popular contrahindo-o do poemeto castelhano que alli se chama do «Conde Alarcos e da infanta Solisa».

Em algumas provincias nossas tambem lhe chamavam «Conde Alarcos», n'outras «Conde Anardos»; e até n'outras, por muito visivel rebaptisação heretica, «Dom Duarte, e Conde Alberto», Tamsomente nos distritos mais sertanejos do reino e menos proximos do contacto castelhano apparece «Conde Yanno.»

Yanno é a mais antiga de generalisação do grego e latino *Juannes*,—dos quaes tanto mais proximo está do que os modernos *Juan*, *João* dos dous dialectos cultos das Hespanhas.

Assim o nome como o modo de dizer «Conde Yanno» (Conde João) em vez de «Conde tal» indicam já grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel portuguez do que vice-versa. E ou ésta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ella não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade hade estar no meio, que é o costume.»

Garrett, *Romanceiro*, vol. 2.º p. 44.

A condessa que o seguia.
Deitaram se ambos no leito;
Nem um nem outro dormia.
Ouvireis a desgraçada,
Ouvide ora o que dizia :
— Peço-te por Deus do ceo
E pela virgem Maria,
Antes me mattes meu conde,
Que eu ver-te n'essa agonia,
— Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrania !
— Ai! não te entendo, meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é esta.
Que entre nós está mettida ?
— «Ventura da sem ventura,
Grande foi tua mofina !
Manda-me elrei que te matte,
Que case com sua filha.»

Palavras não eram dittas,
Inda mal lh'as ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão cahia.
Não quiz Deus que alli morresse...
Triste que alli não morria !
Maior dor do que a da morte
A torna a chamar á vida.
—« Calla, calla, conde Yanno,
Que inda remedio haveria ;
Ai ! não me me mattes, meu conde,
E um alvitre te daria :
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria !
Ter-me-hão por filha donzella
E eu a fé te guardaria.
Criarei este innocente
Que a outra não criaria ;
Manter-te hei castidade
Como sempre t'a mantia.
— «Ai como pode isso ser,
Condessa minha querida,
Se elrei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia ?
— «Calla, calla, conde Yanno,

Que inda remedio teria,
Metter-me has n'um convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-hão o pão por onça
E a agua por medida:
Eu lá morrerei de pena,
E a infanta o não saberia.»
—«Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta maldita bacia?»
—«Fecháras-me n'uma torre,
Nem sol, nem lua veria,
As horas de minha vida
Por meus ais as contaria.»
—«Ai! como pode isso ser,
Condessa minha querida,
Se elrei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?»

Palavras não eram dittas,
Elrei que á porta batia:
—«Se a condessa não é morta,
Que então elle a mataria.»
—«A condessa não é morta
Mas está na agonia.»
—«Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu sabia.»
—«Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.»
—«Ai! quem podéra rezar,
O' Virgem Santa Maria!
Que eu não me pêza da morte,
Pêza-me da aleivozia:
Mais me pêza de ti, conde,
E da tua covardia.
Mattas-me por tuas mãos,
Só porque el-rei o queria!
Ai! Deus te perdõe, conde,
Lá na hora da contia
Deixar-me dizer adeus
A tudo o que eu mais queria;
A's flores d'este jardim,
A's aguas da fonte fria.
Adeus cravos, adeus rosas,

Adeus flôr da Alexandria!
Guardae-me vós meus amores
Que outrem me não guardaria.
Deem-me cá esse menino,
Intranhas de minha vida;
D'este sangue de meu peito
Mamará por despedida.
Mama, meu filhinho, mama
D'esse leito de agonia;
Que atégora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria,
A'manhan terás madrasta
De mais alta senhoria...»

Tocam-n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filhinho ao peito,
Respondeu — que maravilha!
— «Morreu, foi a nossa infanta
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados:
Coisa que Deus não queria.

Mas o final deu-lhe esperança.

Poderia como elle escapar aos ferozes inimigos, que faziam tudo para os separar.

Reanimou-se.

O romance consagrava o triumpho dos bons.

E mais socegada adormeceu.

No dia seguinte accordou mais tranquilla.

Annunciaram lhe um frade que pedia esmola.

Mandou-o entrar, julgando que lhe fizesse bem ouvir algumas palavras do religioso.

Mas longe de a tranquilisar, elle começou a fallar-lhe de Constança.

— Lembrae-vos da desditosa infanta.

«Foste vós que a mataste! Foste vós que a mataste!»

— Quem és tu, o que queres? — perguntou ella, aterrada, julgando ter diante de si um espectro.

— Nada quero de ti, senão lembrar-te que a infeliz ainda não foi vingada, mas que o ha-de ser.

E levantando o capuz deu-se a conhecer.

Era Pablo, que não tendo a receiar o infante viera aterral-a ainda mais uma vez.

Arrastava-se, como um louco, preso ainda ao seu sonho de amôr.

CAPITULO CLXV

A ultima festa

PEDRO Cruel resolvera abandonar Sevilha, para reunir de novo a gente de guerra.

Ia estalar nova insurreição.

E como de outras vezes, abandonando Maria de Padilla no Alcaçar, empenhava-se na lucta sedenta de sangue.

Pero Coelho comprehendeu que d'ahi em diante não poderia acompanhal-o dia a dia, espionando-lhe os movimentos, procurando adivinhar-lhe os pensamentos, informando Diogo Lopes Pacheco do que elle projectava fazer.

Affastado o rei, que d'ahi em diante correria de castello em castello, acompanhado de bando de cavalleiros, cessaria o pretexto da presença de Lourenço Gonçalves, cuja missão era apenas a de justificar a permanencia de Pero Coelho, Alvaro Gonçalves e Gil Vasques junto do rei.

Assim o futuro genro de Pacheco entendeu que se tornava necessaria uma explicação decisiva.

Fez com que Lourenço Gonçalves preparasse um grande sarau, que seria a despedida da embaixada, e que fosse para isso convidar o rei.

A' noite, na reunião, ouvira opiniões sobre o conflicto que dividia n'esse momento os castelhanos em partidarios da mãe ou do filho.

Como se viam forçados a retirar-se de vez, falaria então muito claramente a Pedro Cruel.

Era uma tentativa que talvez o bom exito coroasse.

O corregedor da côrte, seguindo a indicação, foi á presença do rei, que prometteu assistir á festa.

E Catharina Tosse afadigou se para deslumbrar os convidados, para triumphar mais uma vez como rainha.

Começou a reunião, ao som de alaudes tocados por sentidos trovadores.

Coube mais uma vez a Affonso Madeira a honra de dar começo á incruenta justa dos cantores.

Tomando os seus ares mais sentidos, apparentando a saudade com que ia afastar se, começou:

Conde Nillo, conde Nillo
Seu cavallo vae banhar;
Em quanto o cavallo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
El-rei não o póde avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se hade rir, se hade chorar.
— «Calla, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no ceo,
Ou a sereia no mar.»
— «Não são os anjos no ceo,
Nem a sereia no mar:
E' o conde Nillo, meu pae,
Que commigo quer casar.»
— Quem falla no conde Nillo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassallo rebelde
Que eu mandei desterrar?»
— «Senhor, a culpa é só minha,
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem elle...
Fui eu que o mandei chamar.»
— «Calla-te filha traidora,
Não te queiras deshonrar.
Antes que o dia amanheça
Ve-lo-has ir a degollar.»
— «Algoz que o mattar a elle,

A mim me tem de mattar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têem de interrar.»

Por quem dobra aquella campa,
Por quem está a dobrar?
— «Morto é o conde Nillo,
A infanta já a expirar,
Abertas são as covas,
Agora os vão interrar:
Elle no adro da egreja,
A infanta ao pé do altar.»
De um nascêra um cypreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar.
Elrei apenas tal soube,
Logo os mandára cortar.
Um deitava sangue vivo,
O outro sangue real;
De um nascera uma pomba,
De outro um pombo torquaz.
Senta-se el-rei a comer,
Na mesa lhe iam poisar:
— «Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar. (1)

Applaudiram-o, correram a abraçal-o, e mais uma vez a generosidade dos grandes senhores para com jograes e trovadores, encheu de presentes o escudeiro.

Era a partida, e todos ficavam com saudade d'elle.

Um trovador castelhano cantou por sua vez:

Nós eramos tres irmans,
Todas tres de um egualhar;
Uma insinava á outra
A cozer e a bordar.
A mais pequena de toda
Se foi, por noite, a folgar
Com duas tochas accesas

(1) Conde Nillo, Garrett, *Romanceiro*, vol. 3.

A' porta do laranjal.
Vestiu vestido de pagem,
Que lhe ficava a mattar,
Seu punhal d'oiro na cinta,
Seu borguezim de alamar.
Foi-se pela rua abaixo,
Tornou acima a voltar:
— «Das tres irmans que aqui moram,
A qual heide eu namorar?»
Nós de dentro do balcão,
A rirmos de seu brincar
As tochas tinha apagado,
Vinha sahindo o luar,
Passando junto da porta,
Que os olhos foi a baixar,
Viu estar um ermitão
Assentado no poial.
— «Que fazeis aqui, meu padre,
Que fazeis n'este logar?»
O ermitão, sem responder,
Começou se a levantar...
Tam alto em demazia,
Alto, alto de pasmar
— «Se tu és coisa má,
Eu te quero esconjurar,
Ou se es alma que anda em penas,
Te farei incommendar.
— «Eu não sou a coisa má
Que tenhas de esconjurar;
Tambem não sou alma em penas
Para tu me me incommendar:
Sou a alma de Dom Aleixo,
Que aviso que venho dar:
Sette te estão esperando
Na esquina, áquelle portal,
E juram por Deus sagrado
Que a vida te hãode tirar.

— «Pois eu por esse lhe juro,
E pela Virgem Maria,
Que outros sette que elles foram,
Eu atraz não tornaria.
Oh lá, oh lá cavalleiros,
Não levem de covardia,
Puchem por suas espadas,

Que eu pucharei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu ésta lhe emprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida.»

Palavras não eram dittas,
O ermitão se descubria,
Foi a toma-la nos braços
Com sobeja demazia...
Ella com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos,
Que alli por morto cahia.
— «Quem te mattou D. Aleixo.
Quem te mattou minha vida?»
— «Mattaste-me tu, senhora,
Que outro ninguem não podia.»
Ergue te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida.

Mas apezar das festas estavam todos preoccupados.

Percebia se o mal estar.

Uns, odiando o rei, só esperavam sahir a campo para se passarem para os revoltosos.

Outros, ligados a elle pelo interesse, procuravam devassar a opinião dos mais.

Ninguem falava com sinceridade.

Muitos dos que se faziam amigos, pensavam dilacerar-se d'ahi a pouco.

Pero Coelho por mais que se esforçasse não podia saber se a maioria dos fidalgos estava sinceramente disposta a apoiar o rei.

Da gente da embaixada apenas Catharina Tosse obtinha verdadeiros triumphos.

Então o amigo de Diogo Lopes approximou se do rei e pediu-lhe um momento de attenção.

— Perdoae-me senhor, o incorrecto do meu procedimento, a falta ás praxes mais rudimentares.

«Trata-se porém dos vossos interesses e da defeza do meu rei.»

— Podes falar.

— Permitti-me que use da maior franqueza.

«O que mais preoccupou el-rei D. Affonso, meu senhor, ao tratar do

casamento de seu neto D. Fernando com vossa filha, foi assegural-o na herança do throno.»

«A pobre creança é ameaçada no futuro pelos filhos de Ignez de Castro.»

«Os Castros, com o infante D. Pedro, são lá os nossos naturaes inimigos.»

«Sabe-se que a rainha vossa mãe se entende com elles.»

«Perante a ligação de tão perigosos adversarios, creio que se impõe a approximação dos que se vêem ameaçados por elles.»

— Que queres dizer?

— O contracto nupcial que el-rei D Affonso anda empenhado em ultimar tem o secreto intuito de uma alliança.

«E' sobre essa alliança, decisiva, solida, que desejava a opinião, a resposta de vossa alteza.»

D. Pedro respondeu rudemente:

— Não sei para que sirvam taes combinações.

«Vou lançar-me de novo na lucta.»

«D'esta vez não serei tolerante como das outras.»

«Os que cahirem na minha mão não hão-de tornar a perturbar me».

«São bem conhecidos os meus processos, cuja efficacia ninguem pode negar.»

Encarou signifivamente Pero Coelho:

— Se meu avô tem sinceramente o desejo de os punir, não necessita pôr-se de accôrdo commigo.

«Tem-os no seu territorio, ou perto.»

«E' á fronteira de Portugal, por causa da minha mãe, que vão accoitar-se d'esta vez os insurretos.»

«Se tem vontade de livrar-se d'elles, mande-os matar!

E terminou:

— Diz-lhe isto, faze por convencel-o, e apressa-te em dar execução ao que eu desejo.

«Conta commigo.»

«Não te arrependerás.»

CAPITULO CLXVI

O capellão das freiras

TINHAM fundamento as preoccupações de Diogo Lopes ácerca de um dos seus emissarios.

Gil Vasques desapparecera.

Não prevenira nenhum dos companheiros.

Calculavam que tivesse ido vigiar os Castros, que odiava, por causa de Mecia.

Mas em verdade nada sabia a tal respeito.

Pero Coelho e Lourenço Gonçalves partiram sem elle para Portugal.

Logo á chegada a Sevilha elle mostrára desejos de conhecer o paradeiro de Mecia.

Assim, dizia elle a Pero Coelho, descobriria Alvaro de Castro, poderia estar ao corrente das suas conspirações.

O amigo de confiança de Diogo Lopes sabia bem que Gil Vasques pensava em primeiro logar na mulher que o rei lhe dera em casamento, que tão energicamente se lhe oppozera, e que a tanto ridiculo o havia exposto.

Mas como esse desejo proprio ia ferir os Castros, procurou auxilial-o.

Perguntou ao rei para onde a mandára.

Mas Pedro Cruel disposto a assegurar a posse de Mecia, com que poderia negociar um dia a submissão de D. Alvaro, recusou-se a responder.

Na côrte não poderam obter a menor informação.

E um dia Gil Vasques desappareceu, obsecado pela ideia de uma nova tentativa que lhe désse finalmente a posse da disputada mulher.

Para Mécia recomeçára uma vida de horrores.

Arrancada aos braços de D. Alvaro, lançada na torre de um castello, ainda nutrira ao principio a esperança de sahir em breve.

«D. Fernando de Castro era poderoso.»

«Nada mais facil do que chegar de novo a um accordo com o rei.»

«Então viriam libertal-a.»

«Alvaro não a esquecera, não a esqueceria nunca, ligados agora para sempre, pelo laço de fogo dos beijos que haviam trocado nos poucos dias da sua intima união.»

Mas o rei não querendo que a sua estada na prisão chamasse para elle as attenções, o que podia servir de pista a D. Alvaro, mandou encerral-a n'um convento, com ordem expressa de não a deixarem communicar com pessoa alguma.

Ao ser conduzida ao mosteiro sentiu se desanimar.

Ia acabar tudo a dentro das paredes, cujo aspecto lhe causava um immenso horror.

A velha abbadessa, apertada pela ordem real, dispoz-se a vigial-a pessoalmente.

Toda a communidade estava prevenida para a não deixar falar nem escrever.

Mas a prelada, além d'isso, empenhada em conquistar ovelhas para o rebanho, queria a todo o custo fazel-a professar.

Além das largas rézas no côro, Mecia tinha que assistir horas e horas a exercicios espirituaes em que a pretendiam catechisar.

O capellão era um velho gasto pela vida conventual, pelos excessos do amôr divino.

Querido das freiras e das beatas, via todos os dias lisongeada a sua guloseima e a sua cubiça pelas caixas de doces, pelos presentes de que o accumulavam. (1)

Nos seus tempos de rapaz, diziam as freiras velhas com saudade, fizéra grandes conquistas para Deus, obtivera grandes beneficios para o mosteiro.

---

(1) «E bem se vê que o Demonio das beatisses, é o que o prende, e obriga a não sahir d'essa cidade, na qual nenhum lucro faz; por que nem sabe pregar, nem tem capacidade para nada mais, do que para agazalhar essas Beatas por perzentinhos, que lhes mandam; e queira Deos que não chegue a ser por outros motivos; que, quasi sempre, andam anexos a semelhantes jacobeas.

Das confissões de Beatas dos ditos referidos dous Padres, estou em muito bem

Fundia os gelos da descrença nos mais empedernidos corações, advogava cheio de paixão a santa causa do Divino Esposo, e fazia gerar no seio das noviças a mais fortificante devoção.

Com a edade iam-lhe faltando os grandes rasgos oratorios que decidiam as profissões; esfriava-lhe o ardor da juventude.

Era um velho leão sem prezas e sem garras, os dentes podres por ter comido excessivamente dos requintados doces das freiras, feitos no recato mystico das cellas; as mãos tremulas, os passos mal seguros pelas vigilias pelo abuso dos gosos espirituaes.

Com a sua decadencia physica, com o envelhecer das castas filhas do Senhor, suas contemporaneas, ia crescendo no convento uma triste anarchia.

Já não o ouviam carinhosamente, já não saboreavam as suas confissões, as suas praticas, as raparigas novas, entradas nas successivas remontas.

E o capellão dizia desdenhoso para a abbadessa que ellas não valiam a mocidade d'aquellas cuja falta vinham occupar.

Viam-o já como uma coisa inutil, e não faziam senão reclamar os soccorros espirituaes dos seus confessores lá de fora.

Então diziam com saudade as monjas que no seu tempo bastára elle só para todas as obrigações do seu cargo.

Mas por isso o arrazára o trabalho incessante.

Além das influencias estranhas porque o convento se sentia assaltado, o demonio, não se temendo já dos seus exorcismos, perseguia atrozmente as desconsoladas monjas, apavorando-as com ruidos nocturnos nos corredores, affligindo as com legiões de ratos, baratas e varios parasitas; dirigindo-lhe verdadeiros insultos que as offendiam no seu pudor e as perdiam no conceito do mundo (1).

---

informado; porem consta-me (ainda que sem maior certeza) haver n'esse convento outros alguns Paternidade que praticam as mesmas jacobeas: V. Padre me informará d'isto, o que houver na verdade, para lhe dar a provindencia, que já dei a dous de Massoellos e a hum de Vianna, aos mandei para a Batalha.

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

(1) A quantidade de baratas que n'um anno entrou no mosteiro de tal modo infeccionou, que não houve n'elle logar, aonde não chegasse uma tal immundice.

Lembrou se então o padre fr. Manoel de Serpa ou de S. Bento, n'aquelle tempo confessor, de premetter ao santo patriarcha Bento, em seu nome e no de seus sucessores, de lhe rezar todos os dias ao jantar e á noite uma commemoração para que livrasse a elle e ás religiosas de uma praga tão importuna.

Cousa maravilhosa!

No mesmo ponto em que se deu principio á commenoração do santo abbade desappareceram aquelles importunos bichos, que sobre todos os males que causaram por todo o mosteiro, até mordiam as pobres freiras privando as do seu descanço de noite.

Acabou o veneravel confessor o seu tempo e succedeu outro no logar, mas não em a devoção.

A primeira vez que Mecia compareceu na cella da abbadessa, começou o capellão a intimidal-a com o inferno, em gestos theatraes.

Como já recuzára tomou o habito, como não cedera aos pedidos, aos conselhos da prelada, estava destinada a ser levada pelo terror.

O capellão era supersticioso.

Estava convencido de tudo o que dizia, de que depois da morte sahia dos corpos uma sombra, um fumo, um espirito, uma essencia, uma alma, que concentrava toda a sensibilidade do defuncto, e ia soffrer sempre, sempre, as medonhas torturas infernaes.

Eram tanto mais perigosas as suas palavras quanto mais tinha a certeza de conhecer a verdade, a absoluta verdade, revelada pelos livros sa grados.

E muitas que se approximavam d'elle de sorriso nos labios, sahiam com a alegria morta, aterradas para sempre pelas horriveis coisas com que ameaçava n'uma voz gemebunda.

Nem por isso fez muito caso de rezar a commenoração de S. Bento.

Mas vae senão quando voltaram-lhe as baratas em casa com tanta furia que muito fizeram em não o comerem vivo. (Estas palavras são textuaes, p. 617 da *Chronica Serafica da provincia dos Algarves*, de fr. Jeronymo de Belem, vol. 2.º).

Assustado continua na commenoração desapparece a praga, e de vez, se bem que o padre fr. Rodrigo de S. Thiago na primeira occasião que entrou na cella ainda via tres ou quatro baratas muito lampeiras a passearem em plena liberdade pela parede, como vilão ruim em casa do seu sogro.»

M. Bernardes Branco *Historia das ordens* monasticas em Potugal, vol. 2.º p. 166.

CAPITULO CLXVII

Virtudes conventuaes

PORÈM Mecia aprendera bastante de convento em convento para crêr nas palavras do capellão.

Conhecia as devassidões de umas, as pieguices mysticas das outras, a vida em commum com os capellães e os confessores, as manias que tornavam insupportaveis algumas, a hypocrisia, a mentira, que, com o veo da ordem, encobria o rosto de todas.

Na permanente maledicencia com que entretinham a indolencia conventual, não havia immoralidade que não lhe revelassem.

Ouvia contar os espantosos casos de virtuosas freiras que o Divino Esposo visitava de noite, e que appareciam no dia seguinte quebradas, indolentes, cheias de olheiras produzidas pelas mysticas visões.

Agora ficava indifferente ás pregações do velho.

Desde o começo affirmara-lhe que pertencia a D. Alvaro de Castro, que todos os dias esperava.

«A sua estada ali seria portanto transitoria.»

«Não podiam esperar que se decidisse á profissão.»

«Em caso nenhum o faria.»

«Era melhor portanto dispensal-a de taes rezas e praticas, que não lhe produziam a menor impressão.»

Mas o capellão não desistia dos seus propositos.

Mecia era formosa.

Queria a todo o custo enriquecer o pombal com a nova pomba do Senhor. (1)

— Offendeis a Deus com semelhante reluctancia.

«Ignoraes decerto as grandes virtudes da vida religiosa.»

«Quero edificar-vos com elles, e contar-vos especialmente as gloriosas historias que distinguem esta nossa casa.»

«Tivemos aqui uma irmã de tantas virtudes que, havendo-se acabado o trigo do celleiro, e estando todos em grande necessidade, transformou as alimpaduras em fartos moios e moios!»

«Outra vez tendo dado a um pobre a sua baetilha, e recolhendo ao convento sem ella, Deus lhe deitou uma outra milagrosamente pela cabeça!»

«Os ossos d'esta virtuosa dona, estão sepultados na nossa egreja, onde são alvo de um verdadeiro culto.»

«Vem muita gente visital-os e tocar-se com elles, obtendo curas milagrosas principalmente nas dores de cabeça e dos ouvidos.»

— Mas não tivémos só esse poço de virtudes — disse a abbadessa.

«Falae-lhe das que a imitaram e a excederam, para vêr se a decidem esses nobres exemplos.»

O capellão retomou os seus grandes ares, e recomeçou:

— Tivemos aqui uma grande prelada tão notavel e tão devota, que

---

(1) R. Padre Prior do nosso Convento de S. Domingos de Abrantes.

....

N'estes termos lhe intime V. P.e logo essa Assignação para ser executada irremissivelmente no tempo, que leva; e no cazo de renitencia, o mande meter no carcere, e me dê avizo prompto. V. P.e execute fielmente as justas prohibiçoens, que em carta de Officio, mandei ao seu antecessor, sobre não hirem, por modo algum, os nossos Religiozos a Conventos de Freiras, especialmente ao nosso dessa villa; exceptuando nos cazos prescriptos pelas nossas Leys; e escolhidos pelos Prelados Provinciaes, ou Locaes.

Ao mesmo passo vigiará V. P.e muito, sobre o que se passa a respeito da observancia regular das mesmas Religiozas do dito Mosteiro, do qual me tem vindo gravissimas queixas; Advirtindo bem V. P.e que a prompta emenda dellas, em nada mais consiste, do que saber eu os seus defeitos com plena certeza da informação de pessoa fiel: Pois que, n'esta certeza, posso proceder livre, e eficazmente, sem receyo das quimericas prezunçoens de Freiras, que regularmente imaginam, que os seus Prelados (por ellas serem mulheres) não pódem dar-lhes castigos significantes, e de que ellas não façam escarneo: Mas enganam-se a meu respeito; por que tenho poderes; com auxilio Regio, para castigalas; removendoas dos seus proprios Mosteiros para outros de estreitissima reforma, nos quaes estejam prezas, e castigadas.

Pelo que, ficará V. P.e responsavel a Deos, e aos castigos da nossa Ordem, se não examinar as indecencias, que houver no dito Mosteiro, e logo mas não manifestar.»

Correspondencia de frei João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

não descançou sem mandar pintar no altar-mór a imagem do seu querido S. Francisco d'Assis.

«Pois o grande santo pagava-lhe com egual dedicação.»

«E quando a bondosa creatura entrou na agonia, o santo desceu do ceo em trajo de mendigo.»

«Foi elle proprio quem subio á torre e tocou a finados, desapparecendo em seguida, para voltar ao ceo, agora em companhia da alma da abbadessa!»

«A reverenda madre-mãe que aqui tendes presente tomou para modelo essa extraordinaria devota.»

«Estou plenamente convencido que para os seus funeraes tambem algum grande santo virá cá abaixo.»

— Eu sou uma triste peccadora — retorquiu modestamente a abbadessa.

«Tenho sido muito perseguida por Satanaz, que nunca me deixou libar tão alto!»

— As que sustentam essas luctas ganham as palmas do martyrio! — respondeu n'um arrôbo mystico o capellão.

«Tremo dos embates do inimigo.»

«Elle surge a cada passo no nosso caminho.»

«Agora mesmo o porco sujo lucta comnosco, resistindo aos nossos pedidos, n'esta formosa donzella que lhe pertence em corpo e alma.»

Mecia protestou indignada:

— E' a D. Alvaro de Castro que eu pertenço! — bradou altivamente.

Em vez de encobrir a sua situação procurava alludir a elle de todas as formas, para que constasse ao noivo onde a haviam enclausurado.

— E' que Satanaz tomou a forma d'esse mancebo para vos perder — declarou o padre benzendo se n'um gesto de horrôr.

— Estaes perdendo o vosso latim reverendo capellão — retorquiu Mecia.

«O que dizeis só me faz rir, apezar da tristeza em que a separação do meu amado me lançou.»

«Sei bem qual costuma ser a influencia dos capellães, que andam de portas a dentro como vós.» (1)

---

(1) «R. Madre Prioresa do nosso Mosteiro de S. Domingos das Donas de Santarem.

. . . .

De sorte, que ambas nos dous dias destinados de quintas, e sextas feiras, dão, e recebem as liçoens espirituaes com os grandes devotos Antonio Thomaz de Negreiros, e o Doutor Francisco Joaquim Tavares, moradores nessa villa: Tudo com gravissimo escandalo, já tão publico na mesma villa, que em todas as palestras d'ella serve de objecto de rizo para uns, e de lagrimas para outros mais cordatos, e tementes a Deos.

A' vista pois da indubitavel certeza, que temos desta intoleravel, torpissima, e infame relaxação, de que V. R. é cumplice pelas indisculpaveis omissões do seu

«Por minha desgraça não é este o primeiro convento onde me arrastam.»

«Conheço os casos verdadeiros que por toda a parte se tem passado.»

«Os que vos tendes cansado a impingir-me não passam de burlescas invenções.»

— Oh! Deus do ceo! — bradou o padre n'um gesto theatral — Perdoae-lhe por vossa infinita misericordia!

«E's uma escrava de Satanaz» — disse voltando-se para Mecia.

«Mas já cá tivemos uma em peior situação.»

«E fizemol-a triumphar, e a sua alma foi para o ceo.»

«O demonio perseguia-a, martyrisava-a, espancava-a, provocava lhe baixos apetites, e a pobresinha, sempre de olhos no ceo, conservou até ao fim a sua paciencia e a sua virtude e morreu a cantar louvores ao pae celestial!»

«O teu triumpho ha de dar brado, porque não te deixaremos entregue ás tentações do inimigo.»

«Havemos de salvar-te, quer queiras quer não!»

Officio; por conta do qual deve vigiar incessantemente sobre as acções das suas subditas: Emquanto não pomos na Alta prezença de Sua Magestade os referidos escandalosos excessos; assim das duas Religiozas, como dos dous seculares.

....

Muito mayores castigos merecem culpas tão abominaveis, mas, por óra, bastam estas, em quanto não damos parte a Sua Magestade, para obrar o que o dito Senhor for servido rezolver. Ao dito R. Padre Vigario mandamos a copia destas nossas ordens, para que inteirado elle de escandalos tão dezaforados, procure fallar com V, R., e ambos darem plena execução ás ditas nossas ordens, precavendo com as mais circunspectas, e prudenciaes cautellas os discreditos desse nosso Mosteiro.»

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

CAPITULO CLXVIII

Salval-a para Deus

de facto persistiu em captivar Mecia, na mais odiosa teimosia.

«Que lhes importava que ella amasse?»

Collocavam acima de tudo os interesses do seu terrivel fanatismo.

Ella pensava na melhor forma de esquivar-se.

Umas vezes irritava-os em discussões violentas.

Mas em vez de abandonarem o proposito de a converter voltavam mais teimosamente a elle.

Outras vezes fingia-se devota, dava a perceber que ia a caminho de uma total convicção.

O capellão e a abbadessa redobravam de esforços para a levarem á maior perfeição.

E os exercicios espirituaes da cella ameaçavam eternisar-se.

O velho frade voltava a edifical-a com a chronica milagrosa do convento:

— Tantos exemplos te hei-de contar — dizia elle — que acabarás por preferir a vida honrosa d'estas santas casas, ao tumultuar de paixões lá de fóra.

«Esta virtuosa dona que aqui vêdes — disse o capellão apontando a

abbadessa — entregou-se nos braços do seu divino esposo aos oito annos!» (1)

«Uma das santas monjas d'esta casa, tão pobre que não tinha com que comprar um habito, cançava-se a pedir todos os dias a Deus que a soccorresse.»

«A sua moça, estando a rezar ouviu uma voz mysteriosa dizer-lhe que fosse immediatamente falar á ama, para que procurasse uma coisa on breviario.»

«Folheando-o á pressa encontrou entre as folhas o dinheiro exacto para o habito, sem um real a mais ou a menos.»

— Que santa rapariga que essa foi! — commentou a abbadessa seccundando o padre.

E proseguiu:

— Aqui até as moças tem cheiro de santidade!

— Esta valeu pelas mais castas esposas do Senhor! — continuou o capellão.

«Durante os quarenta dias de uma quaresma sustentou-se e a duas freiras, suas amas com um pé d'espinafres que tinha n'um pucaro d'agua!»

«Um alqueire de trigo deu-lhes para comerem durante um anno, e ainda sobrou o bastante que a serva vendeu, comprando uma saia com o seu producto!»

«Vêde, incredula, vêde perversa,como em tudo isto se conhece a mão de Deus!»

— Era excellente que todas se sustentassem com tão pouco — retorquiu Mecia.

«Não haveria, decerto, necessidade de andar captando ricas herdeiras, cujos bens se vão no custeio da cozinha.» (2)

---

(1) «Exercitava-se nas virtudes moraes sem descuido, e sempre que se lhe offereciam occasiões e materia. Entre ellas teve grande amor pela castidade e virginal pureza. Do affecto e estima d'esta virtude lhe nasceram os primeiros desejos de ser esposa do senhor Deus no estado religioso, *e occorrendo-lhe as difficuldades que para sua execução se poderiam offerecer, veiu-lhe ao pensamento afiançal-a fazendo voto de castidade.*» «Teria oito annos de edade quando em a noite do Nascimento do Senhor, achando-se devota creança em sua presença com ardentes desejos de servir a quem tão admiraveis finezas tinha obrado por seu amor procurando com agradecido affecto o que offerecia ao Menino Deus, occorreu-lhe com vehemencia que seria offerta do agrado do Filho da Virgem consagrar-lhe a sua virgindade e pureza. E animada por esta luz e ferveroso affecto, escolhendo como testemunhas a Virgem-Mãe, seu castissimo esposo S. José, e a outros santos de especial devoção, com gostosa deliberação fez voto de perpetua castidade.»

Lino d'Assumpção, *As monjas de Semide*, p. 127.

(2) «Se o enterro era de tarde os padres, que assistiam a elle, tivessem para a ceia chá, doces e dois covilhetes de nabada; se era de manhã, o celebrante recebesse tres covilhetes do tradicional doce e dois cada um dos padres. O jantar dos mesmos constaria de galinha e carne de porco, que pertencia á defuncta, que para

«Não falo por mim, que sou bem pobre.»

«Mandai averiguar.»

«Não possuo um palmo de terra uma moeda de oiro, que possa ajudar a enriquecer-vos.»

«Retendo-me aqui fazeis um mau negocio.»

— Travamos uma grande batalha, uma gloriosa batalha —disse inspiradamente o padre.

«Disputamos-te a Satanaz, e elle, por mais que faça, não te levará d'aqui!»

«Na cella que te démos residiu uma freira de tão santa vida que a sua alma te tomará sob a sua protecção.»

«Essa virtuosa filha de Deus, no dia de um terrivel incendio, foi vista ao mesmo tempo em trez partes na sua cella disciplinando-se; na adega dando vinho aos que trabalhavam na extincção; e na portaria tomando conta dos que entravam e saiam.»

«O seu bafo era tão medicinal que uma vez, lambendo a cara de um leproso, curou o completamente.»

«A sua alma pura ha-de tambem sarar as peccaminosas chagas da tua alma!»

— Mas é innexgotavel a lista das nossas notaveis companheiras! — disse a abbadessa. (1)

— Havia uma tão devota do Menino Jesus — proseguiu o confessor — que depois do côro ficava dançando deante da sua imagem.

«Tivémos outra, de tão raro engenho, que escreveu sobre o amor divino tão extraordinario livro, que o seu confessor, atterrado com o assombroso dos conceitos, aconselhou-a a reduzil-o a cinzas!»

---

esse fim era morto, fructa, doce e café. Para que o jantar não tivesse apparencia de festa recommendava-se que a fructa fosse enfeitada com flores!»

Lino d'Assumpção, *As monjas de Semide*, p. 56.

(1) «N'uma especie de allocução, cujas paginas truncadas ainda existem, devidas provavelmente á penna d'um confessor ou capellão, e que deve ser do começo do seculo, ao que parece, vê-se que a paz não era grande entre as religiosas, e d'isso elle se queixa amargamente, bem como «da bronca estupidez, formaes palavras, e más linguas com que uma não pequena parte das espurias filhas do Patriarcha trabalha por demolir no espiritual e temporal essa mosteiro venerando, em que teem encanecido religiosas aos milhares na pratico inalteravel das suas acções de virtude.»

Ainda no começo do seculo as encontramos preoccupadas com as cousas do mundo, como se deprehende d'um requerimento com a data de 13 de dosembro de 1802, favoravelmente despachado pelo bispo-conde, e no qual allegam: »... que sendo de agora costume usarem de camisas com colleirinho, e abertura como a dos homens, desejam poder usar as ditas camisas, como é costume nas pessoas do seu sexo, cobrindo a garganta com lenço, sendo este de panno tapado e de qualquer qualidade que não seja transparente, mas sim conforme a decencia e honestidade; egualmente pedem licença para poderem trazer chinelas de droga de lã de côr preta,«

Lino d'Assumpção, *As monjas de Semide*, p. 80.

«Nas exequias d'essa santa, Deus operou um tal milagre, juntando cera ás velas por tal forma que depois de terem ardido por muitas horas pesavam mais do que antes de se gastarem!»

— Isso é o que vós dizeis, no intuito de me arrastar a acceitar a vergonha de um habito, o horror de um veo.

«Mas o que os conventos são por dentro bem sei eu.»

«Não imagineis porém que só por isso os detesto.»

«Fossem o modelo de virtudes porque vós, hypocritamente, os quereis fazer passar, fossem viveiros de santos e santas, votadas á oração e á caridade, que sempre a vida, o amôr, o carinho das mães estremecendo os filhos seria superior á mentira dos claustros, á falsidade d'esses rostos pallidos, á indolencia d'essas reclusas, ridiculas na sua esterelidade, odiosas por se quererem julgar mais puras do que as esposas, do que as mães!»

CAPITULO CLXIX

Mysticismos

A sua resistencia irritou por fim os dois esteios da religião.

— Além de offensiva para nós, a attitude d'esta rapariga é um exemplo de revolta para a communidade — disse o padre á velha prelada.

— Tambem concordo — respondeu ella.

«Mas que lhe havemos de fazer?»

— Empregar os grandes meios convincentes, a reclusão, o pão e agua, tudo o que pode fazel-a entrar na ordem.

— E poderemos empregal os?

— Decerto — respondeu o capellão.

«Ella é prisioneira de el-rei, o que já a mostra como sujeita a alguma penalidade.»

«Ora desde que se excede podemos aggravar a reclusão em que se encontra aqui.»

— Concordo — declarou a velha freira.

— Então mandae-a chamar.

D'ahi a pouco vinha Mecia á presença da prelada.

— Sabes a situação em que te encontras n'esta casa? — perguntou-lhe o padre.

— A de victima das vossas teimosias rabujentas — respondeu indignada Mecia.

— Vêde, reverenda madre, como ella presiste criminosamente no seu erro!

«E ainda tinheis dó d'ella, e compadecido o vosso coração de mãe ainda duvidaveis castigal-a!»

Mecia estremeceu.

Estranhava aquellas palavras.

Não se tratava de uma nova catechese.

Em vez de a fatigarem ameaçavam castigal-a.

E pela mente passou lhe a recordação das torturas que já tinha soffrido, a negra noite do carcere onde a haviam mettido, para que a commitiva de D. Pedro não a quizesse libertar.

As predicas apenas a irritavam.

Aquellas palavras causavam-lhe um grande sobresalto.

O capellão percebeu que havia produzido effeito.

— Tens tres dias para decidir.

«Durante elles ficarás encerrada na tua cella, onde te levarão o comer.»

«Terás de lêr e meditar a *Mystica cidade de Deus* (1) de que depois serás obrigada a falar-nos.»

«Se no fim de tres dias — ameaçou de novo — não tiveres mudado de propositos...»

«Vaes vêr o que te succede.»

---

(1) «Enojado Bossuet (grande orador sagrado) com tanta inepcia desvergonhada, assim fustiga a autora e a obra:

«No mesmo capitulo, depois de ter dito quanto é naturalmente necessario para a animação d'um corpo humano, decide que Deus reduziu esse tempo, que devia ser de oitenta dias approximamente, apenas a sete. Este dia da conceição da Santa Virgem, diz elle, *foi para Deus como um dia de festa de Paschoa, bem como para todas as creaturas.*»

«E' dizem, *uma cousa admiravel* ver que esse pequeno corpo animado que não é maior que uma abelha, e de que mal *se lhe podiam distinguir as feições*, desde o primeiro momento *se lastimasse e chorasse no seio da sua mãe para deplorar o pecado.*

«Todas as palavras de Sant'Anna, de S. Joaquim, da propria Santa Virgem, de Deus e dos Anjos, são reproduzidas com tal minucia, que só isso bastaria para fazer rejeitar a obra por completo, não tendo senão vistas, pensamentos, e raciocinios humanos.

«Desde o terceiro ao capitulo oitavo não se trata d'outra cousa senão d'uma scholastica refinada, segundo os principios de Scot. O proprio Deus dá licções de scholastica e se declara scholista, embora a religiosa declare que o partido que ella segue é o menos recebido na escola. Mas o que tem isso! Deus assim o decidiu; só resta cre-lo.

«Por tal forma exagera estes principios scholistas, que vae até fazer dizer a Deus que o decreto de crear o genero humano procedeu o da creação dos Anjos.

«Tudo é extraordinario e prodigioso nesta pretendida historia. Julga-se não ser possivel falar da Santa Virgem nem do filho de Deus, sem se encontrar em qualquer cousa um prodigio, tal como, por exemplo, o arrebatamento da Santa Virgem ao ceo, em corpo e alma, logo em seguida ao seu nascimento e uma infinidade de cou-

Abriu um velho livro...

Abriu um velho livro e começou a lêr:

«... o que todo assim bem visto conformando-me com os Santos Canones condemno a dita ré presa, que assim presa como está seja levada a outro mosteiro de mais estreita religião e maior encerramento, de onde não possa fugir nem ser tirada, e será mettida em uma pequena e forte camara, para que ali, por todo o tempo de sua vida estando, faça penitencia com muitas lagrimas, chorando um peccado, fazendo muitas orações e jejuns, e disciplinando-se com rigorosas disciplinas; principalmente jejuará todas as sextas feiras e ás quartas rezará os sete psalmos pendenciaes, em todo o dito tempo não será havida por freira do dito mosteiro, mas por presa e penitente do dito peccado, a qual pendencia a abbadessa ou prioresa do tal mosteiro lhe farão com effeito cumprir, e por este crime ser tão publico mando que a dita ré faça penitencia publica dentro do dito mosteiro a que foi levada no principio da primeira quaresma vindoura, a qual fará segundo foi ordenado por a prelada do dito mosteiro onde foi levada, guardando ella o que manda sua regra neste caso e os estatutos de sua ordem e religião. E tanto que esta penitencia acabar e em ella parecerem signaes de contricção e arrependimento de seus peccados, pedindo ella o Santo Sacramento da Eucharistia, da qual ella está suspensa, havendo com ella misericordia mando que lhe seja dado, e no mosteiro onde assim houver de estar encerrada lhe serão dados moderados alimentos para a sua sustentação...»

— Eis o que se fez n'um caso semelhante ao teu.

«Vê ao que te arriscas, peccadora desvairada, persistindo na tua insensata recusa.»

«Se professares, além da tua alma subir ao ceo, terás aqui uma vida de delicias, repartindo o tempo que sobrar dos exercicios religiosos nas salutares distracções com que se entreteem innocentemente as filhas do senhor.»

---

sas semelhantes, de que nunca se ouviu falar, e que não teem nenhuma conformidade com a analogia da fé.

Quanto maiores forem os esforços para lhe dar curso, tanto mais nos devemos oppor a uma fabula, que se traduz por uma perpetua irrisão da religião. Ainda se não leu senão o que está já traduzido: mas percorrendo o resto, vê-se bastante para concluir que isto não é mais do que a vida de Nosso Senhor e da Santa Virgem convertida em romance, e um artificio do demonio para fazer acreditar que por meio d'este livro se fica conhecendo melhor do que pelo Evangelho a Jesus Christo e sua Mãe.»

«Assim é *A Mystica Ciudad* era o romance do claustro que excitava as phanthasias, satisfazia as curiosidades doentias, e tinha a grande vantagem de poder ser lido em publico, sendo até a sua leitura considerada como acção meritoria.»

Lino d'Assumpção, obra citada.

«Não querendo ceder irás para o carcere e ali viverás a pão e agua, até desapparecer essa belleza que te torna orgulhosa.»

«E o demonio, quanto te vir uma ruina, envelhecida, feia, repugnante, deixará de se servir das tuas seducções para perder almas bemditas!»

Mecia atterrada, commovida, fazia esforços para não chorar.

— Mas antes de começar a tua primeira penitencia, quero mostrar-te ainda outro exemplo, o da auctora d'esse precioso livro que te entrego, onde acharás a explicação dos grandes mysterios da nossa querida religião.

«Desde o berço veiu santa Maria d'Agreda predestinada para a virtuosa vida que levou.»

«E se os chronistas dos seus feitos não dizem que se abstivessem de mamar ás sextas feiras, como fizera a gloriosa santa Rita de Cassia, advogada dos impossiveis, é certamente porque attribuiam á rabujice dos primeiros mezes o que já era um decidido proposito de ser agradavel a Deus.»

Mas nos mais verdes annos da sua meninice sabemos indiscutivelmente que tinha visões de um paraizo de delicias onde mais tarde devia ascencender a sua alma!»

«Quando tinha seis annos, ouve bem peccadora, seis annos! — disse o padre em estylo de sermão — soffreu uma alteração de humores que muito a atormentou, mas servia-lhe de lenitivo a voz de Deus dizendo-lhe a cada passo: «Mais padeci eu por ti!»

«E a pobresinha não soltava uma queixa.»

«Aos oito annos fez voto de castidade, e foi tão bem acceite a esposa juvenil que houve entre ella e Deus uma troca de corações!»

«Para lhe purificar no cadinho da paciencia o oiro da sua alma, o divino esposo tolheu-a de dores e fulminou-a com uma paralysia que a amarrou para sempre a uma cadeira.»

«Como achasse pouco, vestia sobre a pelle um aspero sarjal, saccos de malha, e carregava-se de cadeias, argolas e cilicios, disciplinando-se até derramar sangue.»

«Só comia herva, e um dia, que por extrema doença, teve de comer uma aza de galinha, ouviu Deus censural-a n'uma voz irritada: «Não quero as minhas esposas regaladas!»

«Era tão grande o seu poder sobrenatural que tinha todos os dias as mais variadas visões.»

«Os seus milagres chegaram a ponto de, sem sahir da cadeira onde jazia entrevada, ser vista no Mexico a ensinar aos indios a doutrina christã.»

«Condoido d'ella, o provincial da sua ordem, a exemplo de S. Francisco que prohibira outro santo de fazer mais milagres, obrigou-a a cessar com os extases, e só depois, por especial licença, lh'os deixava gosar deliciosamente.»

Terminou invectivando a, fulminando a sua incredulidade, exhortando-a seguir semelhante exemplo.

E Mecia retirou ennojada de tão repugnante santidade.

Apenas a alegrava a certeza de que ia estar só, no isolamento da cella, tres dias sem os soffrer.

Mas tal satisfação pouco durou.

A mestra das noviças foi fazer-lhe companhia.

Recebera ordem de a obrigar a ler em voz alta o livro inteiro, afim de que ella não se recusasse á necessaria purificação d'esse exercicio.

A freira começou por elogiar as virtudes do capellão, digno successor de outros santos varões que tinham exercido no mosteiro o seu ministerio.

«Outr'ora veiu confessar a esta casa, que ficou imitando as suas virtudes—disse a mestra depois de citar outros exemplos—o santo frade que esteve tres seculos a ouvir cantar um passarinho, e sobre cuja campa, mercê d um prodigioso milagre, partem as pernas todos os animaes que ali vão passar inadvertidamente!»

E depois começou a dar-lhe informações das imagens da egreja, cujo culto mais lhe recommendava.

«O nosso Menino Jesus tem sido pedido ás vezes ao convento para valer a moribundos já abandonados dos physicos, porque aquella sagrada imagem é a quinta essencia da medicina.»

«N'uma das vezes curou um moribundo, ficando com o pé direito no ar em signal de vencer a morte, (1) e n'essa mesma casa tornou fecundo um triste casal sem filhos, dotando-os com uma alegre ninhada.»

«D'outra vez curou um devoto que soffria da bexiga, fazendo-o lançar uma pedra descommunal.»

«A rainha dos Anjos, suou ao despachar uma supplica, e limpando-lhe os sacerdotes o rosto, tornou a suar por ser de ponderação grave o assumpto de que se occupava.»

«E a devoção das nossas monjas tem sido tal, que uma d'ellas querendo fazer a mais horrivel penitencia que ser pudesse, dispoz-se a comer nojentos parasitas, para que o sacrificio de vencer a sua repugnancia fosse bem acceite aos olhos de Deus.» (2)

«Mas apezar de taes prodigios continuou a devota freira — o nosso convento tem sido dos mais perseguidos pelo demonio que chegou a vir aqui atacar com todas as suas forças uma das nossas irmãs.»

«Duzentas legiões de diabos combatiam a corajosa freira, que no ardôr

(1) Bernardes Branco, *Historia das ordens monasticas em Portugal*, Vol. 2.º, p. 653.

(2) Idem, Idem, p. 671.

da refrega conseguiu metter mechas de enxofre acesas pelo nariz acima ao proprio Satanaz!»

«O commandante em chefe era Lucifer, os seus logar-tenentes Aquias, Brum e Acatu, o capitão de batalha Catacis e os outros cabos de guerra chamavam-se: Barca, Maquias, Acatão, Ge, Arri, Macaquias, Ju, Macatão, Arrá, Vi, Macatis, Lacá, Machehe, Abrijim, Maracatu, Majacatão, Barrá, Matu ou Grão Cão.

«Este ultimo, segundo o chronista Fr. Fernando da Soledade, era tartamudo.»

«Os diabões chamavam-se: Arracaterrá, Maycá, Oy, Alen, Malacatan, Matu, Arrabá, Emay, Alacamitá, Olu, Ayvatu, Arremabur, Aycotan, Lacahabarratu, Ognerracatam, Jamacatia, Mayacatu, Ayciai, Ballá, Luachi, Mayay, Buzache, Berrá, Berram, Maldequitá, Bemaqui, Moricastatu, Anciaquias, Zamatá, Bu, Zamcapatujas, Gó, Bajaque, Baa.» (1)

«Mas a virtuosa esposa do senhor defendeu-se sempre, com a cruz de Christo, e venceu afinal a batalha!»

«Toma esperança com este exemplo, e reanima-te, minha irmã, que o ceo hade ser teu!»

(1) Idem, idem.

No isolamento da cella

CAPITULO CLXX

Uma esperança

A mestra das noviças estava porém longe da teimosia da abbadessa e do padre capellão.

E depois de algumas horas de apostolado deixou Mecia, recommendando-lhe exercicios espirituaes para o deitar e levantar, e despedindo-se até ao dia seguinte, em que viria ajudal-a a lêr e a commentar o grande livro.

Embora pesasse sobre ella a ameaça de novas predicas enfadonhas, a donzella sentiu uma alma nova ao vêr partir a rabujenta freira.

Pela primeira vez gostou do isolamento da cella.

Ao menos não a torturavam.

Podia finalmente viver para as suas recordações.

Concentrou-se n'um mundo interior, evocando as impressões mais gratas, fazendo viver na imaginação os deliciosos instantes em que junto de Alvaro se julgára ligada a elle para sempre.

Figuravam-se-lhe as desencontradas impressões d'esses breves dias, a incerteza do futuro, a esperança a sorrir-lhe como essas alvoradas que os encontravam já correndo, os desanimos tristes como a noite que interrompia o desesperado fugir!

D. Alvaro afogava esse terror em beijos, nas noites que ficavam em

leitos de estalagens, estreitando-se apaixonadamente, na ancia de escapar aos seus perseguidores.

No sobresalto d'essa fuga louca tinha o doce refrigerio d'esse amor, que as difficuldades de tanto tempo tornavam de um sabor mais capitoso, mais de appetecer.

A alegria de viver, sentindo-se nos braços do noivo, fazia-lhe renascer a esperança.

E no dia seguinte recomeçava a correria pelo campo, ebria de prazer.

«Mas agora!»

«Havia por ventura alguma coisa a intercortar a monotonia da sua existencia, a vida conventual cheia de intrigas, de odios, de violentas questões pessoaes, de uma desgostante hypocrisia?» (1)

Então desanimava de todo.

«Por quanto tempo estaria ali?»

«Talvez para sempre! — pensava, sentindo um calafrio percorrer-lhe a espinha.»

Imaginava o que seria a vida sem esperança ali dentro, succedendo-se os dias sem ventura, as noites decorrendo sem caricias, os mezes, os annos, passando incessantes, devastadores, apagando-lhe o brilho dos olhos, cobrindo-lhe de neve o coração.

«O côro, o refeitorio, o confessionario haviam de tornal-a um automato.»

E via-se já velha, rabujenta, maniaca, egual ás outras freiras, uma

---

(1) «R. P.e Prior do nosso Convento de S. Domingos de Villa Real.

....

A' minha noticia chegou haver n'esse Convento alguns tão atrevidos, e d'esacordados, que na presença de V. P.e tiveram o desfastio de se ultrajarem, e espancarem uns aos outros: Este facto se me fez extremamente sensivel, e o não esperava no tempo do meu Governo, no qual é todo o meu intento, e esforço, conservar a paz, a decencia, e a gravidade, entre todos os meus subditos; e egualmente a obdiencia, e o respeito, que por todos os direitos, devem ter os subditos aos seus Prelados. Eu já me admirava, que ahi não tivessem succedido alguns factos como o que deixo dito; porque por experiencia sei, que aos Religiozos d'esse Convento ainda não amanhecia a luz da razão ha muitos tempos escurecida, e nunca illuminada por cauza, ou da negligencia, ou da ambição de alguns dos meus antecessores Meu R. P.e Prior, deve V. P.e advertir, que aquelles, semelhantes atrevimentos, e insultos, procedem, não só da indisciplinavel, e rude inclinação dos subditos; mas tambem da culpavel brandura, e negligencia dos Prelados; os quaes não fazendo respeitar a sua auctoridade, a deixam sevandijar, e ao mesmo passo concorrem para endurecer a perversidade dos subditos; o que tudo afinal cede em confuzão, e desordem, que pervertendo toda a Disciplina regular, desacreditam a nossa Ordem.»

Corresponpencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

carcassa inutil como a d'essas mulheres estereis, que definhavam ali dentro sem serem uteis a ninguem.

Essa perspectiva desesperava-a.

Ergueu-se, foi á janella.

O luar illuminava os campos, estirava o perfil das sombras das arvores, dava-lhes phantasticos aspectos.

Pareciam-lhe as arvores cavalleiros audazes que vinham salval-a.

As massas de sombra mais distantes tinham o aspecto de se animarem, como salvadoras legiões emboscadas.

«Vira-o em noites assim, apertára febrilmente as suas mãos no convento de Portugal onde primeiro estivera encerrada, aguardára-o cheia de anciedade, tremula de commoção.»

«Agora não o esperava!»

«Não sabia d'elle!»

«Com certeza que elle tambem ignorava o local onde a haviam enclausurado.»

Encostava-se ás grades, olhando ávidamente para fóra, na ancia de impressões do mundo exterior.

O desanimo que na cella a opprimia, na asphyxia de toda a iniciativa, abandonava-a pouco a pouco.

Comparava á dos curtos dias que tivéra, a vida estreita que ali se levava, toda de interesses mesquinhos, ou de espectaculosas exhibições. (1)

Voltava á janella.

A grandeza da paisagem reanimava-a, fazia-lhe renascer a esperança.

Pensava então no poder dos Castros, D. Alvaro ligado ao infante D. Pedro pela mais solida amizade, Fernando dispondo de praças fortes e de milhares de aguerridos vassallos; Joanna embora abandonada, engrande-

---

(1) R. M.e Prioresa do nosso mosteiro do Paraizo de Evora.

. . . .

Não posso deixar em silencio a exhorbitante despeza, que n'esse Mosteiro se pratica na Semana Santa, por uma estranha fofice, sem se advirtir que Deus Nosso Senhor, não quer maiores cultos das creaturas, mais do que aquelles, que são possiveis, e justos; e não os outros, de que rezultam injustas retenções de dinheiros, e alheios e necessidades nas Religiozas d'esse Mosteiro, que servem muitas vezes de motivo a prostituições, e infracções das Leis do mesmo Deus: Pelo que ordenamos a V. R.— Que na dita semana, se regule esse Mosteiro nas suas funcções, pelo costume das mais communidades Religiosas, e pelo nosso Convento de S. Domingos d'essa cidade: E na primeira occasião que se me offerecer livre expressarei a V. R por escripto, as ordens, que a respeito das outras negligencias, participei aqui ao dito P.e Procurador; como tambem os castigos, que heide dar, tanto a V. R, como a todas outras quaesquer Religiosas, que não concorrerem com as suas acções, e officios para o bem commum Espiritual; e Temporal d'esse nosso Mosteiro.»

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

cida pelo casamento com o rei, ainda de alguma influencia e de muitos recursos.

«O noivo dispunha de poderosos auxilios, contava com fortes alliados.»

«Não poderia, reunindo tantos elementos chegar junto d'ella?»

Convencia-se que sim.

Tinha a certeza que elle não descançaria até a salvar.

«Mas poderia saber onde a haviam encerrado?»

Ficou a pensar n'isto muito tempo.

Ia sentar-se á mesa indecisa, mas voltava depois á janella, anciosa de vêr um largo horizonte.

Pouco a pouco a paisagem illuminava-se.

No corredor ouviam-se passos arrastados.

As freiras dirigiam-se para o côro, ás matinas.

Era manhã.

CAPITULO CLXXI

O que devia fazer

PRECISAVA a todo o custo fazer chegar noticias suas a D. Alvaro.

Sem conhecer o ponto onde se encontrava, elle não poderia salval-a.

Sabia para onde seguramente o podia informar, ou escrevendo a D. Joanna de Castro, ou a D. Fernando, o poderoso senhor da Galliza.

«Mas como lhe poderia enviar uma communicação?»

«O que devia fazer?»

Dominava-a totalmente essa preoccupação.

D'ahi em diante todos os seus actos iam ser orientados por tal proposito.

Escolheria entre as freiras uma confidente, que depois se tornasse n'uma auxiliar.

Tinha de romper, por meio de outra, o circulo de vigilancia que a apertava.

Ao encontrar esse alvitre ficava contentissima.

Mas reconhecia-o em breve como impraticavel.

Não a deixavam relacionar com as outras.

Apenas lhe fallavam o capellão, a abbadessa e a mestra das noviças.

Isolavam-a propositadamente.

E na concentração em que se mantinha, reconhecia bem que, quanto mais resistisse, maiores seriam as precauções para lhe impedir todo o convivio.

Tinha portanto que ceder, embora só apparentemente.

«Era o seu amor que o exigia.»

Estava n'estas corajosas disposições quando a mestra de noviças entrou na cella, depois de ter hypocritamente vigiado um bom pedaço pela espreita da porta.

— O senhor seja comtigo e te tome sobre a sua protecção — disse a velha deitando-lhe a benção.

Mecia, irritada, sentiu abalar o projecto de submissão que estivera planeando.

As palavras da freira ainda a perturbaram mais.

— Nosso senhor tocou-te o coração? — perguntou ella n'uma voz unctuosa.

«Não me respondes?»

«Já estás disposta a professar na nossa ordem, de onde tão grandes santas tem saido?»

— Conheço bem as virtudes que n'esta e n'outras casas se praticam — disse Mecia, sem se poder conter.

«Quando não commetteis violencias como a de me encerrar e de me torturar com odiosas propostas, corrompeis a sociedade com o exemplo das peiores immoralidades!» (1)

---

(1) «Quando o mestre João, passados os tempos da fundação, foi nomeado bispo de Lamego e visitou a sua diocese, foi encontrar o mosteiro de Reirão num torpissimo e miseravel estado. A communidade estava reduzida a tres mulheres. E que mulheres! A chronica, e não eu, que as descreva. Eram tres «não em habito, trajo, estado, nem vida de freiras, nem de religiosas, mas de seculares sem regra, e cerimonias d'ellas a saber: uma Clara Fernandes, que nunca soube ler, nem rezar, nem trouxe habito, cogulla, nem veo preto, nem fizera em algum tempo profissão; a qual pelo senhor da terra (o Conde de Marialva, que era seu pae) e contra sua vontade foi posta em o dito mosteiro em nome da abbadessa, antes que ella fosse monja, nem tomasse habito, nem fizesse profissão; mas assim como entrou assim viveu, sempre em habito e actos de vida secular, dormindo carnalmente com quem lhe aprazia notoriamente e especialmente com Alvaro d'Alvellos, de quem tinha filhos, e que usava com elle tão parceiramente, como se fôra sua mulher; e outra Maria Rodrigues, que não menos o fazia com quem lhe aprazia, especialmente com o abbade de Melcões, de quem assim tinha filhos e filhas, e tem hoje em dia; e uma velha, irmã de Alvaro Gil, abbade que foi de Barcos, á qual as dita Clara Fernandes e Maria Rodrigues em trajo de homens, uma noute, com uma calça de areia deram tantas calçadas, de que, segundo fama morreu.

A vida de Clara correu tempestuosa. Emquanto D. João enviava Maria Rodrigues para o mosteiro benedictino de Jacente, Clara era repellida de todos os mosteiros da sua ordem, e de todos os outros onde tinha chegado noticia da sua vida desregrada. O bispo viu-se obrigado a estabelecer-lhe uma pensão, mas no caso de viver com recato e honestidade. Prometteu ella que sim; mas poucos dias an-

— Santo nome de Jesus! — exclamou a freira.

«Estás possessa do inimigo!»

«Hontem, quando citei o nome dos anjos maus, julgaram os malditos que eu os estava invocando, e metteram-se dentro de ti!»

«Vade retro! Vade retro!»

E fazendo figas recuou até se metter debaixo de uma cruz pregada na parede.

Mecia cahiu em si.

Percebeu que se excedera, e que, portanto, affastára a possibilidade de chegar ás boas com as suas carcereiras.

Precisava mudar de attitude.

Começou a pensar como effectuaria a transição.

Sentou-se concentrada, procurando achar o meio de se pôr de accôrdo com aquella gente.

A freira, attribuindo ao poder dos exorcismos o socego da donzella, approximou-se mais, forcejando por tirar um saquinho do peito.

— Socega, minha filha, ninguem te faz mal — disse bondosamente a Mecia.

E ameaçando de alto o diabo que se encontrava dentro d'ella:

— Fica sabendo, porco sujo, que não me encontraste desprevenida!

Empunhava triumphante o relicario:

— Está commigo o santo bispo D. Miguel d'Annunciação, que tu sempre temeste porque era bom!

«Tenho aqui um boccado da unha do seu bento pé!»

«Foge satanaz maldito, e todos os da tua legião!»

Mecia continuava absorta.

A mestra foi ganhando confiança.

— Ouve, minha filha — disse a velha. — Chama por Nossa Senhora, pelo teu anjo da guarda, e faz por me ouvir.

«Se tiveres constancia para te defender, salvar-te-has das garras do inimigo.»

«Deus dá te a escolher entre o Bem e o Mal, e, conforme procederes, destina te o premio ou o castigo, mas tens que te livrar das manhas do inimigo da alma.»

---

dados «tornou a usar do seu costume, e dormir com quem lhe aprazia, e especialmente com um guardião de S. Francisco da dita cidade (Lamego) que chamavam fr. Rodrigo Sourinho.» Não lhe agradando o frade, de quem teve um filho, foi-se á procura de aventuras e em Santarem casou-se. Mas pouco se demorou nesta terra, que em breve abandonou e ao marido, partindo para Lisboa onde tornou a casar, vivendo ainda o marido de Santarem. Não gostou este da acção; demandou-a em juizo, e obteve sentença que lhe deu, como compensação do desgosto, os bens patrimoniaes da bigama. Abandonou o segundo marido e voltou a Recião a querer tomar posse do mosteiro, o que não conseguiu, apesar da protecção que obteve em seu favor.»

Lino d'Assumpção, *Historias de frades*, p. 121.

«O demonio anda sempre atraz dos peccadores, como o sargo á babugem, um para chupar os olhos dos mortos, outro para chupar as almas!»

«Mas bem perseguido foi por elle o nosso bispo, e morreu cheio de santidade, triumphando das suas ciladas.»

«Tinha vindo aqui como visitador, quando Deus levou a sua alma para si.»

«Correu o povo á egreja, a disputar as reliquias!»

«Fizeram lhe em boccadinhos o habito, espicaçaram-o com alfinetes para molharem lenços no seu sangue, para o recolherem em canecas e em vasos, e o nosso sachristão n'um impeto devoto, chegou a cortar-lhe o dedo grande do pé direito, de que me cedeu este bocadinho de unha!»

«E com os despojos do seu corpo nos defendemos agora!»

«Reanima-te minha filha!»

«Elle nos ceos tambem está a luctar por ti!»

como visitador

CAPITULO CLXXII

O seu plano

TERMINOU por uma exhortação a mestra das noviças:

— Faz um esforço, minha filha, beija esta poderosa reliquia, e ver-te has livre da oppressão de Satanaz.

Mecia resolvera ceder.

Venceu a repugnancia que lhe causava o saquinho, ennodoado pelo suor da fanatica, e levou o aos labios com devoção.

— Victoria! Victoria! — bradou a velha.

E proseguiu:

— Não sentes um grande allivio, minha filha?

— Sinto — respondeu Mecia, proseguindo na execução do seu plano.

— Não tinhas como que uma certa repugnancia pela cruz?

— Tinha.

— E agora?

— Não tenho.

— Estás salva, minha filha!

Só então a freira se atreveu a tocar-lhe e abraçou-a effusivamente.

— Vaes entrar no bom caminho!

«Recomecemos os nossos exercicios espirituaes.»

Perante essa ameaça, Mecia fez um gesto de enfado, que sobresaltou a mestra.

Benzeu-se perante a nova arremettida do diabo, e disse-lhe severamente:

— Como o Justo Juiz Nazareno, no dia de juizo, nós tambem damos aqui o premio e o castigo.

«Procedendo mal, além de ires para o inferno, terás n'esta vida o carcere a pão e agua.»

«Procedendo bem, gozarás o paraizo, e poderás tomar parte nas festas em que as filhas do Senhor se divertem.»

«Qualquer dia haverá uma representação, como principio de festa e romaria e grande jantar, a que costuma vir muita fidalguia dos arredores.» (1)

«Está na tua mão assistir a essas festas e a outras que costuma haver, ou têr por cella uma negra masmorra.»

Estas palavras sobresaltaram Mecia.

«Uma festa a que viriam fidalgos?

«Certamente alguns seriam amigos dos Castros, que tanto partido tinham em toda a Castella!»

Ficou alvoroçada.

Podia finalmente enviar-lhe um avizo.

«Que cavalleiro se recusaria a auxilial-a?»

«Mas em primeiro logar era preciso que a deixassem fallar com elles.»

«Conseguil-o-ia?»

«O caminho era obter a confiança da mestra, do prelado, e do confessor.»

---

(1) «R. Madre Prioresa do nosso mosteiro de Jesus de Aveiro;

....

«... farei saber melhor pelas Ordens, que brevemente hei de expedir, reformando, como devo, as exhorbitantes despezas, que se fazem nesse Mosteiro, por cauza da irregular, e desordenada administração praticada na cozinha e refeitorio delle: Pois que, sustentandose as Religiozas com muita fartura, se faz isto por hum modo, que a ellas, e ao Mosteiro, se seguem graves prejuizos, quando pondo-se as couzas em boa ordem, ficarão assim as Religiozas, como o mesmo Mosteiro, utilizadas; e ao mesmo tempo, precavidas as prodigalidades estranhaveis, que por huma culpavel relaxação, se fizeram, e continuam a fazer até o presente com os Vigarios, e Religiosos do nosso Convento dessa cidade; e com outras muitas pessoas, as quaes depois de receberem os superfluos mimos, tanto do commum desse Mosteiro, como das Religiosas delle em particular; se ficam rindo, e chamando ás Religiosas muito fôfas e vaidosas; como eu sou boa testemunha; porque a mim mesmo mo disse, ha tempos, nesta Côrte, certo cavalheiro; narrando-me os desperdicios de certa Religiosa desse Mosteiro, que pelos seus annos já devêra ter aquella seriedade, e discurso, para não cair em similhantes lograções...»

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos mosteiros da ordem de S. Domingos.

«Teria de fingir, de representar com elles?»

«Mas se a vida de todo o mosteiro era uma continua hypocrisia, porque receiaria fazel-o?»

A freira olhava-a gravemente.

Mecia ajoelhou e bateu nos peitos.

— Perdão, reverenda madre.

«Só agora se fez luz no meu espirito!»

«Sinto ter estado em poder do rei das trevas!»

«Obedecer-vos-hei cegamente!»

— Serás noviça?

— Sim, com todo o prazer.

— Tomarás o habito da ordem?

— Quero ter essa honra, quero consagrar-me toda a vida ao serviço de Deus!

Commovida por tamanha contricção, a velha ergueu-a, e levou-a á presença da abbadessa, que estava beberricando com o confessor. (1)

Contou-lhe tudo, orgulhosa do seu triumpho.

Mecia confirmou as promessas que já fizera.

— Pronunciaria os votos quando quizessem!

Foram-lhe levantados todos os rigores.

Teve licença de passeiar por toda a parte, de folgar na cerca com as outras, e de cantar no theatro, se lhe approuvesse.

---

(1) «*Ex.*mo *e Rev.*mo *Senhor.*

Diz a Madre Jacintha Rosa do Prado Religiosa profeça no mosteiro de São João Evangelista da cidade de Ponta Delgada e da obediencia de V. Ex.ª Reverendissima que ella supplicante se costumava confessar com o Padre Francisco Roiz Confessor aprovado e undeio n'aquelle Mosteiro mas como se lhe acabou a licença geral que tinha para ser *alliviador* no dito Mosteiro a supplicante que como o dito Padre Francisco *desafogava a sua* consciencia está em grande *desconsolação* com esta falta e por esta razao supplica a V. Ex.ª Reverendissima conceder-lhe licença para o dito Padre Francisco Roiz a continuar a confessar não só no confessionario mas para poder entrar no mosteiro em occasião que a supplicante por enferma necessita dos sacramentos mas não pode fazer nada do pedido sem expressa licença de V. Ex.ª Rev.mo Portanto

P. a V. Ex.ª Mt. Rev.ma
por caridade lhe defira como deseja

E. R. M.

Informo o Reverendo Ouvidor em carta fechada sobre o motivo porque o supplicado não tem continuado a ser confessor e de mais que souber a este respeito. Angra 11 d'abril de 1810.

(Era então bispo D. José Pegado que morreu em Ponta Delgada em 16 de junho de 1812)

Documento publicado no jornal O *Noticiarista*, de Angra do Heroismo, n.º 14, de 8 de maio de 1890 pelo bibliothecario da camara da mesma cidade João Francisco de Oliveira Bastos.

Apenas, por mera cerimonia, lhe prohibiram escrever ou receber visitas.

Mas intimamente não as preoccupava muito que o fizesse.

Presa pelos votos não lhe serviria de nada pôr se em relações com o noivo.

Uma vez entrada na communidade, ninguem mais a arrancaria d'ali.

Mecia não pensava da mesma forma.

A cerimonia que tinha de praticar, os votos com que a tencionavam ligar para toda a vida, prendiam-a menos do que as grades de ferro das janellas, do que os fortes portões.

Só poderia sahir d'ali raptada por D. Alvaro, ou solta por ordem do rei, se elles podessem obter qualquer transacção.

E essas palavras que teria de pronunciar não a deteriam um só momento.

«Que lhe importava uma cerimonia a mais, desde que não acreditava nas piedosas burlas que a tantos e tantos illudiam?»

E beijando a mão ás tres columnas da egreja, aos tres adversarios de Satanaz, foi espairecer para a cerca onde as noviças andavam a brincar.

CAPITULO CLXXIII

As noviças

RECEBERAM-A primeiro desconfiadas.

Mas a curiosidade venceu o retrahimento.

Foram approximando-se da «nova» para conhecerem o seu caso.

Saltearam-a com perguntas, acolheram-a com lisonjeiros commentarios.

— Mais uma companheira.

— Tem cara de bôa rapariga.

— Vieste por vocação?

— Havemos de nos divertir muito.

Mecia não podia attendel-as todas ao mesmo tem-po.

Mas uma, mais triste, inspirou-lhe confiança.

Foi a primeira a quem beijou.

— Fizeste bem escolher esta casa!

— Eu não a escolhi—respondeu Mecia, afim de provocar interrogações que a levassem a confidencias.

— Obrigam-te a professar?

— Adivinhaste.

— E' o meu caso — respondeu a melancolica — E' o caso de quasi todas.

«Só as tolas, as fanaticas, vêem para aqui muito satisfeitas.»

«Para essas é bem que haja estas casas, onde as teem recolhidas como leprosas, para que não peguem o seu mal a mais ninguem!»

— Como tu as consideras — disse Mecia, contentissima por ter encon trado semelhante companheira de infortunio.

— E' que tenho soffrido muito! — respondeu a outra n'um suspiro.

E continuou:

— Porque motivo te condemnaram á clausura?

Então Mecia ergueu a voz, para que todas ficassem conhecendo o nome do seu amado:

— Para não casar com D. Alvaro de Castro.

— D. Alvaro de Castro? — repetiram surprehendidas diversas vezes.

— Conhecem-o?

Fizeram roda em torno d'ella.

Mecia interessava-as ainda mais.

— Quem o não conhece, um guapo cavalleiro!

— Um formoso fidalgo!

E os commentarios favoraveis repetiam-se.

Mecia exultava.

O plano ia surtindo effeito.

— Vejam se não é uma injustiça! — bradou ella sentindo-se apoiada.

Rodeiaram-a lamentando-a.

— Querem auxiliar-me? — perguntou ella.

— De todo o coração.

— Pois contem ás pessoas das suas relações que eu estou aqui para não casar com D. Alvaro!

— E' já amanhã — respondeu uma.

— Não se falará de outra coisa no parlatorio — respondeu a outra.

— Elle nem sabe para onde me trouxeram — disse Mecia.

— Pois ha-de sabel-o! — affirmou uma das suas novas amigas.

— Virá aqui falar-te como os nossos noivos fazem todos os dias. (1)

---

(1) R. M.e Prioreza do nosso Mosteiro de Jesus de Aveiro.

Consta-nos, que V. R. tem concorrido para a relaxação da observancia regular d'esse Mosteiro; concedendo licenças frequentes ás Religiozas suas subditas, para falarem com toda a especie de pessoa, assim Ecclesiasticas como Seculares; com escandalo grave das gentes e com discredito de um Mosteiro, que tem sido um dos da primeira reputação d'este Reino, tanto em gravidade como em virtudes.

E devendo Nós procurar prompto remedio aos sobreditos escandalos, e relaxações: Ordenamos a V. R., debaixo de preceito formal de Santa Obediencia, da pena de absolvição do seu Officio; e de outras mais graves, que rezervamos ao nosso prudente arbitrio; que, por nenhum modo, ou pretexto, conceda licenças ás Religiosas para falarem com pessoas algumas, de qualquer qualidade, ou condição que forem, assim nas grades, como na portaria, ou no ralo, ou nas duas rodas da Igreja, e do serviço da comunidade:

E isto ainda que as religiosas digam, que são suas Parentas.

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

Mecia agradeceu abraçando-as e beijando-as.

A que primeiro se lhe affeiçoára perguntou tristemente:

— Ainda tens esperança?

— Tenho — respondeu francamente a donzella.

— Contas sahir d'aqui?

— Agora, desde que vae constar onde estou, possuo a absoluta certeza.

— Mas não prometteste professar?

— Prometti, para poder falar com as minhas companheiras de carcere, e fazer constar ao meu noivo, ou aos seus, o ponto onde me encontro.

— Eu propria o farei constar.

«Escreverei a um parente que foi dos grandes amigos de D. Pedro de Castro, o da guerra, pae do teu noivo.»

«E conquanto os Castros estejam mal vistos pelo rei, e todos receiem auxilial-os, meu tio enviará a D. Fernando de Castro um homem de confiança.»

«Elle se encarregará de avisar o irmão.»

«Sei que estás prohibida de escrever, mas na minha cella poderás fazel-o, e a carta chegará com a minha ao seu destino.»

Mecia ficou louca de alegria.

Abraçou-a como a uma velha amiga.

Então a outra começou a contar-lhe porque estava ali.

— Tu e quasi todas vivem para um amor, que lhes ha-de tornar deliciosa a existencia.

«Eu fui ferida por uma grande desgraça.»

«O que me entristece aqui não é a intriga, a dissolução que reina francamente, a oppressão de que ás vezes somos victimas nós, as noviças.» (1)

«E' que quando me encerraram aqui já o mundo tinha morrido para mim!»

---

(1) «N'elle, ás Leis de Deos, tem sido pouco contempladas: Tudo são intrigas, não só entre os Religiosos puramente; mas tambem entrando n'ellas muitas Religios s: Tudo são odios, e inimisades; e emfim desordens taes, que absolutamente impedem, com grave escandalo, a observancia regular: Embaraçam o socego das consciencias, assim dos subditos, como dos Prelados.

A caridade fraternal, sem o que não póde subsistir huma Comunidade Religiosa, está desterrada; sendo tudo divisões; e dilacerações de um corpo, cuja essencia é a união em Deos; de sorte, que só n'elle haja uma alma, e um coração, como diz a nossa Santa Regra.

. . . .

Deve V. P.e advertir que isto de parcialidades, Leitores, e Discipulos, é cousa que acabou; e tenho ordens positivas para totalmente destruir; porque d'esta peste tem nascido a corrupção, que reduziu a nossa Ordem ao lamentavel estrago em que se acha.

Idem, Idem.

«Amava um generozo rapaz que se achou envolvido n'um dos terriveis conflictos d'esse rei cruel que tanto sangue tem derramado!»

«Os da sua familia seguiam um partido, os da minha eram por outro.»

«Estavam para se deffrontar!

«Mandei pedir-lhe pelo nosso amor que não fosse ao combate, que abriria entre nós ambos uma insuperavel barreira.»

«Respondeu que não podia.»

«Impunham-lh'o a sua honra, o seu dever!»

«Escrevia-lhe de novo amaldiçoando a honra dos combates, esses ferozes costumes que levam os homens a despedaçar-se, espalhando em torno de si lagrimas e tormentos.»

«Persistiu no proposito de combater, e repetiu-me que a guerra era o ideal do cavalleiro, que faltar á batalha seria uma covardia.»

«Esqueci tudo, porque lhe queria muito, porque tinha ancia de ser feliz.»

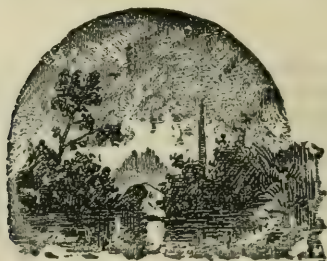
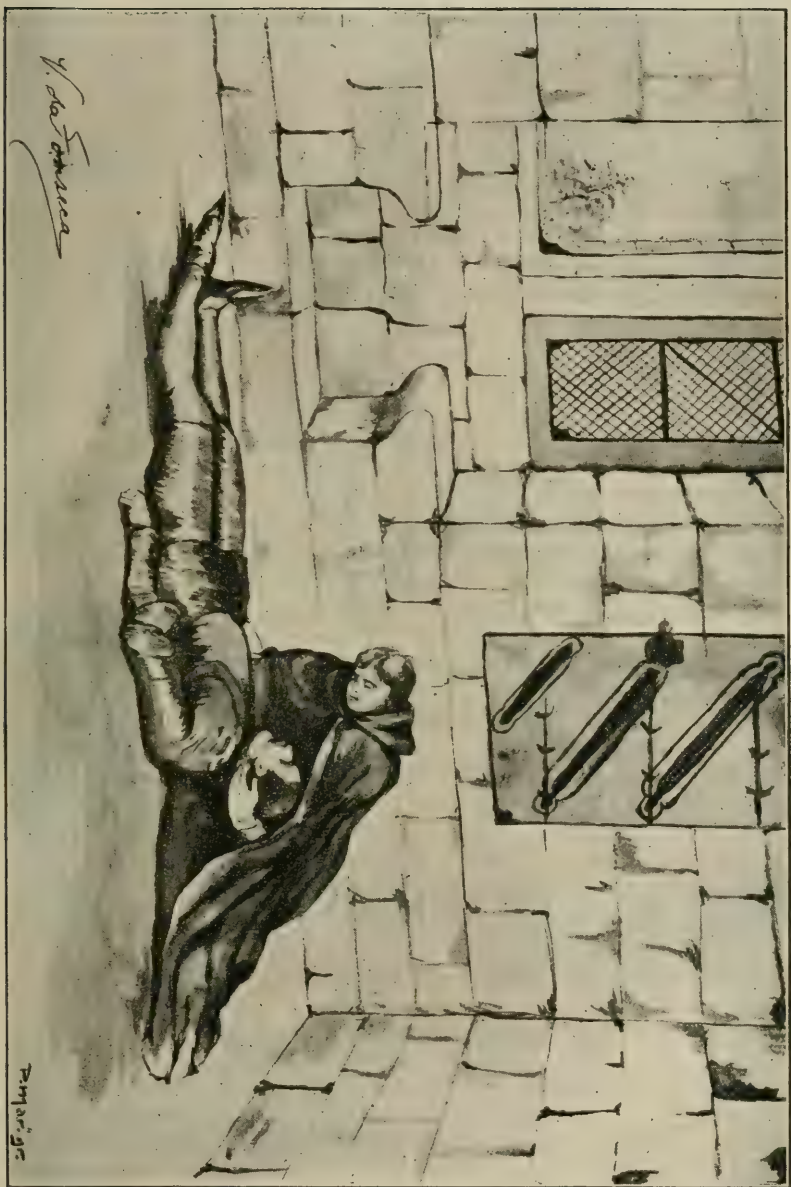
«Sahi de casa a procural-o, para o affastar do theatro da lucta para o salvar para mim.»

«Quando cheguei era tarde.»

«Encontrei-o morto!»

«Ergui-lhe a cabeça, mas os seus labios não mechiam!»

«E sahi desesperada amaldiçoando essa honra de matar, esse dever de fazer mal, amaldiçoando a guerra, esse medonho horror!»

«Os meus, para me tornarem mais desgraçada mandaram-me para aqui, para salvarem o seu pondonôr!»

Morto !

CAPITULO CLXXIV

Theatro no convento

NA cella da infortunada companheira, Mecia escreveu longamente a D. Alvaro.

Fazia-lhe confidencias de todos os desgostos que tinha soffrido.

Manifestava-lhe a confiança com que o esperava, os ardentes votos pelo exito dos esforços que faziam para se approximar.

Deitou se pensando n'elle.

Agora a vida apresentava-se-lhe cheia de esperanças.

No dia seguinte foram convidal-a para a representação.

Mecia não estava em disposição de tomar parte em festas.

Mas a conveniencia da sua situação impoz-lhe o dever de se apresentar em publico.

A sua salvação estava em ser vista, em provocar a attenção, em despertar commentarios.

A impressão geral faria chegar mais depressa a noticia ao seu noivo.

Acceitou o convite.

D'ali a pouco, inteiramente affeita á esturdia de collegiaes em que

viviam as noviças, n'esses dias, dedicou se com vontade ás ornamentações.

Empregavam-se os pannos de damasco dos altares, as colchas de que as freiras ricas ornavam luxuosamente as camas, os chailes e as mantilhas que trocavam pelo habito monachal, mas conservavam sempre no fundo da arca, em recordação dos tempos idos.

Servia de palco o côro baixo.

As noviças e as freiras mais alegres, que as acompanhavam nas distracções, representariam em frente ás grades, atravez das quaes, no corpo da egreja, assistiam os convidados. (1)

O espectaculo consistia na representação de um auto rudimentar em que a zombaria aos velhos constituia uma das partes principaes, e a licenciosidade dos ditos attingia a obscenidade tão usual nos costumes medievaes.

A um velho galã cantava uma das actrizes de touca:

«Procede dos oitenta annos de edade
Que Vossa Mercê tem essa secura.
Ide já de carreira ao padre cura,
Que lhe busque o assento do baptismo
E que lhe emende logo o algarismo,
Pondo em logar do oito dos oitenta
Um quatro e assim fica quarenta;
Que fazendo assim a tal edade,
Reduzida lhe fica em metade.
E depois de pôr isto em execução,
Logo de seus achaques será são;
Ficando com os alentos tão ufanos

(1) «O theatro é de sua essencia ritual, e, sem remontarmos ás suas origens gregas e indianas, partindo de mais perto, da era christã, nós verificamos que o seu desenvolvimento caminha com a formação da liturgia romana, acompanhando-a e fazendo todo com ella, emquanto a egreja a não codificou e simplificou, aproveitando apenas o que era o symbolo, abandonando o que fosse representação directa.

Para influir sobre as multidões, sequiosas d'espectaculos, a Egreja lançou mão do theatro, como d'um auxiliar potentissimo.

Taes assumptos formavam o que se chama o *Cyclo da Paixão*. Eram um desdobramento do ritual, do qual ainda hoje as *Paixões*, contados por tres personagens, uma das quaes narra os factos, outra tem voz pelos que falaram durante os acontecimentos, e uma terceira se reserva para pronunciar as palavras de Christo.

....

Mas os seus abusos, as suas liberdades de palavra acabaram por fazel-a condemnar pelos prelados, que n'ella hão-de vêr um desvio das attenções, um abandono do culto, e um mau ensinamento para os catholicos.

Lino d'Assumpção, *As Monjas de Semide*.»

Como quando os tinha aos quarent'annos.
Tornando d'esta sorte ao antigo estado
Com o vigor capaz de ser casado!»

Uma velha falando com saudade dos seus tempos, gabando-se do que fôra, censurava rabujenta as raparigas:

Olhem o que está de gaiteira.
Para ver o rapazinho!
Ou elle não fôra rapaz,
E tu não fôras rapariga!

Porém as netas de hoje,
Todas são esfuguentadas,
Muito secias, muito crespas
Presumidas e inchadas.

São umas namoriqueiras;
E cá para os meus botões,
Podem namorar um burro
Se o vissem em calções.»

Depois dirigindo-se a um rapaz, declarava-lhe o seu amôr:

«Como entrou por milagre,
Pode falar commigo: (ás freiras)
Comerá do que lhe derem,
Dormirá no meu jazigo.»

O rapaz, uma fresca noviça, de calças e bigode, respondia: (1)

«Que lhe parece a carcassa?
Julgar que uma noite inteira
Havia de eu dormir
Ao pé d'uma caveira!

Se fosse ao pé d'uma nova,

(1) «... vaqueiros, pastores, criados, velhas e velhos eram nos ultimos tempos vestidos com os trajos pedidos aos caseiros e suas mulheres, e as familias das relações do convento, onde houvesse rapaz que tivesse o corpo de molde a poder emprestar o fato para este ou aquelle comediante. Havia porem cuidado de cohonestar os trajos masculinos, vestindo-lhes por cima uma pequena saia que descia até ao joelho. Era o resto das calças e os bigodes e as barbaças, que indicavam o sexo do personagem.»
Idem.

Isso mais gosto teria.
O pastor rei David,
Quando velho assim fazia.

Mas eu que ainda estou rapaz,
Não me quero acostumar
A costumes de casados,
Em quanto me não casar.»

Succediam-se scenas equivalentes.

As enclausuradas davam largas á alegria reprezada tanto tempo, e as visitas riam francamente da frescura dos ditos, do comico dos trajos e das caracterisações.

E a representação findava com a delicada offerta de doces e licores feitos pelas freiras, saboreados de dentro e de fóra da grade, n'um deli cioso convivio em que o recinto punha a nota religiosa e espiritual.

CAPITULO CLXXV

O que sentiam

MECIA achára ridiculo o disfarce necessario para a representação.

E querendo ser bem vista, para não passar desapercebida, reservou-se para a festa mais intima, offerecida pela abbadessa no claustro.

Ao theatro assistira toda a gente, no corpo da egreja.

A esta distracção mais intima só compareciam os fidalgos.

Eram esses exactamente que podiam conhecel-a.

No numero dos convidados estariam decerto os amigos de D. Alvaro a que as noviças se haviam referido.

Arrebatada pelo enthusiasmo de que a via apossada, a triste companheira que se tornára sua amiga deixava-se impressionar tambem.

E o abatimento dos outros dias dava agora logar a um certo alvoroço que surprehendia a donzella.

Ao reunirem-se á noite as duas victimas da odiosa clausura, fizeram mutuas confidencias.

Arrebatava-a o excesso de vida de toda a mocidade que atravez das grades trocava sorrisos de amor.

Arrancava-lhe lagrimas a memoria de tempos venturosos, a recordação do namorado.

Mas as saudades de si mesma, do tempo em que tivera um ideal de ventura, faziam-lhe querer bem á vida lá de fóra.

E por mais que quizesse amarrar-se para sempre á morte do seu amado, vivendo para o culto da sua memoria, o coração palpitando-lhe apressado, desmentia a sinceridade do seu sacrificio, e no cerebro fulgurava-lhe a luz de uma esperança, uma ambição de felicidade.

Confessou-o a Mecia, sem receio, orgulhosa do enthusiasmo que lhe fazia acariciar a vida.

E Mecia que sentia como ella horror áquella casa, afervorara-a no desejo de sahir, fosse como fosse.

As instinctivas tendencias de mulheres sinceras arrastavam-as para a sua nobre missão de mães.

A clausura não as podera esterilisar.

A hypocrisia do viver monastico tornava-lhe insupportavel a existencia.

Era revoltante a immoralidade de umas.

Mas o seu coração de mulheres perdoava facilmente a essas, considerando-as como eram de facto, creaturas forçadas a uma reclusão impossivel.

Mas irritava-as mais as que queriam sinceramente o sacrificio da vida na contemplação da morte, esse bruto suicidio cobarde e mau.

Perante a verdadeira côrte que rodeiava de attenções a abbadessa antes de se lançar abertamente nos galanteios ás formosas mulheres ali retiradas, Mecia encheu-se de enthusiasmo, e empunhando um bandolim cantou um romance allusivo á sua situação de captiva: (1)

—«À guerra, a guerra moirinhos,
Quero uma christan captiva!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:

(1) Nem os romanceiros castelhanos nem escriptor algum faz menção do bello romance da «Rainha e captiva.» Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações teem padecido, quer na fórma, quer no estylo, apesar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensivel mudança de lingua, para se encontrar hoje em phrase tão corrente.

E' geralmente sabido, e com poucas variantes se repete desde a Extremadura a Traz-os-Montes; sêl-o-ha tambem nas provincias transtaganas, mas não me veio de lá copia d'elle.

Pelas referencias a Galliza, a senhorio de moiros ainda perto e á Terra de Santa Maria, que, como todos sabem, é o districto d'entre Douro e Vouga que hoje se chama *Terra da Feira*, ve-se que a historia e epopeia, ambas são dos primeiros tempos da monarchia. E a circumstancia de salto por mar e correria por terra lhe dá uma forte côr do seculo XII.

Garrett, *Romanceiro*, vol. II, p. 190.

Tragam m'a christan captiva,
Que é para a nossa rainha.»
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Os que foram mar abaixo
Não encontraram captiva:
Os que foram terra acima:
Tiveram melhor atina,
Deram com o conde Flores
Que vinha de romaria:
Vinha lá de Sanctiago,
Sanctiago de Galliza;
Mataram o conde Flores,
A condessa vae captiva.
Mal que o soube a rainha,
Ao caminho lhe sahia:
—«Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego estas chaves
Da dispensa e da cosinha;
Que me não fio de moiras
Não me dem feitiçaria.»
—«Acceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha...
Hontem condessa jurada,
Hoje moça da cozinha!»
A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha:
Quiz a boa ou má fortuna
Que ambas nascessem n'um dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as perras das commadres,
Para ganharem alviçaras
Deram á rainha o filho,
A' escrava deram a filha.

—«Filha minha da minha alma,
Como te baptizaria?
As lagrimas de meus olhos
Te sirvam de agua bemdita.
Chamar-te hei Branca Rosa,
Branca flor d'Alexandria,
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:

Captivaram n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas
N'um rosal que meu pae tinha.»
Estas lastimas choradas
Veis la rainha que ouvia,
E co'as lagrimas n'os olhos
Muito depressa acudia:
— Criadas, minhas criadas,
Regalem-me esta captiva;
Que se eu não fôra de cama,
Eu é que a serviria.»
Mal se levanta a rainha
Vai-se ter com a captiva:
—«Como estás, ó minha escrava,
Como está a tua filha?»
—«Se estiveras em tua terra,
Que nome lhe chamarias?»
—«Chamara-lhe Branca Rosa,
Branca flor da Alexandria;
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Captivaram n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas
N'um rosal que meu pae tinha.»
— Se vira'la tua irman,
Se tu a conhecerias?»
—«Assim eu a vira nua
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um signal preto ella tinha.»
—«Ai triste de mim coitada,
Ai triste de mim mofina!
Mandei buscar uma escrava,
Trazem uma irmã minha!»
Não são passados tres dias,
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porem mais chorava a mãe,
Que o coração lh'o dizia
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que succedia:
A mãe, c'o filho nos braços,

Cuidou morrer de alegria
Não são passadas tres horas,
Uma á outra se dizia:
—«Quem se vira em Portugal,
Terra que Deus bemdizia!»
Juntaram muita riqueza
De oiro e de pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Santa-Maria;
Metteram-se n'um mosteiro
Ambas professam n'um dia.

Mecia foi saudada com enthusiasmo.

Então os fidalgos reunidos pelo claustro ás doces freiras, ás frescas noviças, sentadas nos bancos de pedra ao lado das irmãs, das noivas, das amantes, ouviam contar a historia da donzella e falavam de Alvaro de Castro, de quem a tinham separado á força.

A belleza da gentil rapariga indignava-os contra a violencia do rei.

Promettiam espalhar lá fóra o extranho caso, de maneira que em pouco tempo elle o conhecesse.

A clausura da noiva d'esse audaz guerreiro repugnava aos seus sentimentos cavalheirescos, em que a protecção ás damas era um dever.

A noviça que se affeiçoára a Mecia recebeu das suas mãos o bandolim, muito commovida, e começou a cantar um romance, triste como o dos seus amores: (1)

— «Quedos, quedos cavalleiros,
Que elrei os manda cortar!»

---

(1) Não é das menos interessantes para a historia da poesia popular na Peninsula, esta licção portugueza do romance de «Dom Beltrão», que na castelhana se diz «De la Batalla de Roncesvalles.»

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós decerto o houvemos pelos nossos mais proximos visinhos, os castelhanos. Em Portugal é elle arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Traz-os-Montes.

Com ser este um dos mais bellos que tem o romanceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o caracter da poesia do nosso dialecto, e que principalmente o distingue dos outros todos de Hespanha.

O cavallo moribundo que se levanta deante do pae do seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar — é digno da Illiada e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.»

Garrett, *Romanceiro*, vol. II p. 244.

Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar
Era esse Dom Beltrão,
Tam forte no trabalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio
Nos portos do mal passar.
Deitam sortes á ventura
A qual o havia de ir buscar:
Que ao partir fizeram todos
Preito homenagem no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se interrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem n'o hade ir buscar;
Todas sette lhe cahiram
Ao bom velho de seu pae.
Volta as redeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem fallar...
Que lh'a sorte não cahira,
Nunca elle havia de ficar.
Triste e só se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vai pelo val;
Aos pastores perguntando
Se viram alli passar
Cavalleiro de armas brancas.
Seu cavallo tremedal.
— «Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por esta ribeira fóra
Ninguem não n'o viu passar.»
Vai andando, vai andando,
Sem nunca desanimar,
Chega áquella mortandade
Donde fôra Roncesval:
Os braços já tem cançados
De tanto morto virar;
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atraz o velho triste,
Voltou por um areal,
Viu estar um perro moiro

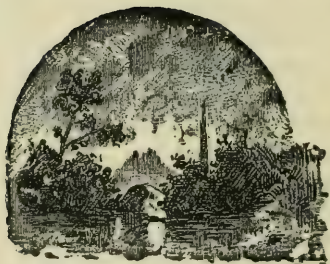
Em um adarve a velar:
— «Por Deus te rogo, bom moiro,
Me digas sem me enganar,
Cavalleiro de armas brancas
Se o viste por aqui passar.
Hontem á noite seria,
Horas de o gallo cantar.
Se entre vós está captivo,
A oiro o hei de pesar.»
— «Esse cavalleiro, amigo,
Diz-me tu que signaes traz.»
— «Brancas são as suas armas,
O cavallo tremedal,
Na ponta de sua lança
Levava um branco sendal,
Que lh'o bordou sua dama
Bordado a ponto real.
— «Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas d'entro d'agua,
O corpo no areal.
Sete feridas no peito
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.»
— «Não torno culpa a meu filho,
Nem aos moiros de o matar;
Torno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar.»
Milagre! quem tal diria,
Quem tal poderia contar!
O cavallo meio morto
Alli se poz a fallar:
— «Não me tornes essa culpa,
Que m'a não podes tornar:
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e redea
Co'a sanha de pelejar.
Tres vezes me apertou cilhas,
Me alargou o peitoral...
A' terceira fui a terra
D'esta ferida mortal.»

Findou a soluçar.

Mecia amparou-a.

Ella então contou-lhe como pensára levar algum dos jovens presentes a raptal-a, para morrêr de dôr n'aquelle abysmo, n'aquella athmosphera de mal tão differente da vida que sonhára.

Desanimava totalmente, crendo-se morta para sempre.

Agora Mecia reanimava-a fazendo tudo por lhe manter a esperança.

CAPITULO CLXXVI

Tramando

ESPALHADO por tantas boccas circulou a noticia de que Mecia estava no convento.

Facilmente chegou ao conhecimento de Gil Vasques.

Afastado dos companheiros que o julgavam em perseguição dos Castros, o teimoso fidalgo obtivera, é certo, sob esse pretexto, uma ordem do rei para lhe ser prestado todo o auxilio de que necessitasse.

Pedro Cruel não quizera dizer lhe onde encerrára Mecia.

Elle porém dispunha-se a fazer valer a carta regia, por fórma a conseguir o seu proposito.

Andára de terra em terra, de convento em convento, gastando largamente, pagando a frades para irem descobrir o interior dos mosteiros.

Mas tudo fôra baldado.

Ouviu então fallar calorosamente de Mecia e de D. Alvaro.

Pediu informações.

Disseram-lhe o convento onde ella estava.

E partiu para lá decidido a apossar-se d'ella.

«Em meio das festas — pensara elle — introduzir-se-ia no mosteiro, entre os convidados.»

«Mercê da ordem de D. Pedro obteria a apresentação do alcaide e dos principaes.»

«Uma vez lá dentro reclamaria officialmente a donzella, em nome do monarcha, ou introduzir se ia na cella.»

«Sabia bem que ella oppor-se-ia formalmente a acompanhal-o.»

«Mas confiava no effeito de um golpe de audacia, em que a pudesse subjugar.

Quando chegou haviam porem terminado as festas conventuaes a que assistira a fidalguia.

Ia começar a romaria á imagem de cuja milagrosa fama o convento vivia.

Não podia portanto entrar com os outros.

Tinha de introduzir-se subrepticiamente.

«Mas como?»

Pensava no meio de o fazer.

Não lhe parecia difficil.

Sabia que muitos entravam de noite ali, como em outros mosteiros, mercê da relaxação da vida conventual. (1)

---

(1) «Reverenda Madre Prioresa do nosso mosteiro da saudação de Montemór-o-Novo.

. . . .

Muitas outras Leis podia aqui manifestar a V. R., sobre esta delicada materia de conceder, ou prohibir licenças ás Religiosas para conversações, tratos e amisades, com toda a qualidade de pessoas; ou as ditas conversações sejam licitas, ou illicitas; pois que, todas egualmente são prohibidas.— Umas, por illicitas; e outras, porque o podem vir a ser: Pois com toda a certeza nos mostra a experiencia diariamente, que as conversações mais innocentes, vem pela maior parte a degenerar causas funestas das maiores torpesas, e deshonestidades: Mas por não ser demasiadamente extenso basta, por ora, mostrar a V. R. em summa, o que se determina pelas nossas leis, acima referidas.

Persaduo me, que se V. R. tivera noticia clara d'ellas, não romperia no desfastio, e na temeridade de dizer-me na sua carta — que os motivos, por que prohibi a V. R. a concessão de licenças francas ás Religiosas para falarem com quaesquer pessoas, especialmente com os nossos Religiosos; foram as maledicencias, e falsos testemunhos de pessoas inimigas de V. R., e das mesmas Religiosas.

. . . .

Mas o certo é, que essas traficancias, que V. R. me relata do dito P.e Barbosa, e de todos, os que andam com elle embrulhados; nada valem para o caso, em que estamos da prohibição das licenças para grades, e conversações; e só valem os factos, e as nossas Leis, acima ponderadas; as quaes V. R. deve fazer observar, sem attenção alguma ás frivolas embrulhadas entre o dito P.e Barbosa, o P.e Ramalho; o Prior, que foi das Alcaçovas; o Prior de Elvas; e outros, que por decencia calo; de cujas intrigas nenhum caso faço, se não quando chegam, ao ponto, das que fez o Prior, que foi das Alcaçovas, ou ao de outros similhantes crimes, e desordens.

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

Os que o faziam tinham porém cumplice de dentro que lhe abriam a porta.

Era o que precisava obter.

Começou a misturar-se aos grupos que se dirigiam á egreja e ao sanctuario.

Falou de Mecia e de D. Alvaro.

Manifestou interesse em conhecer tudo.

Tomaram-o pelo irmão de Ignez de Castro.

— Sois o cavalleiro por quem elle espera?

A esta pergunta do tio da infeliz noviça que se tornara amiga de Mecia, Gil Vasques evitou responder directamente, para que ficassem n'uma duvida, que seria quasi uma certeza.

— Oh! Tinha immenso empenho em poder estar com elle a sós... — respondeu hypocritamente.

«Ha porem precauções que me forçam...»

— Comprehendo... — respondeu o outro.

— Não posso apresentar-me directamente — proseguiu Gil Vasques.

«Ordens d'el-rei...»

— Sei tudo — confirmou o tio.

— Quem vos informou?

— Minha sobrinha, que é noviça e afeiçoou-se dedicadamente á vossa... a D. Mecia.

— Se ella quizesse... — avançou o perseguidor da donzella.

— Está prompto a auxiliar em tudo a sua amiga.

«Podeis escrever-lhe, que por seu intermedio elle receberá a carta, apezar de todas as precauções.»

— Isso não — respondeu Gil Vasques.

«Podia levantar suspeitas, que a comprometteria.»

«Tornar-se-ia alvo de desconfianças.»

«A vigilancia ia decerto redobrar.

«Bem sabemos que não são de receiar as precauções, por mais que se esforçem os principes da egreja em moralisar mosteiros (1), mas as ordens de el-rei...»

---

(1) «Para tirar a origem de muitos escandalos, e peccados, e tudo, o que pode servir de impedimento ao bem espiritual: Prohibimos totalmente as amisades dos nossos Religiosos com as Religiosas, assim da nossa Ordem, como de outra qualquer.

E querendo Nós dar providencias, para que d'aqui por deante se não possam contrahir as ditas amisades: Ordenamos e mandamos, debaixo da pena de culpa Graviori ipso facto incurrenda. — Que não possam os nossos Religiosos ir, ou ter accesso aos Mosteiros das ditas Religiosas, nem escrever-lhes cartas; nem mandar-lhes quaesquer dadivas, ou por si, ou por interpostas pessoas; nem das mesmas Religiosas receberem tambem cartas, ou dadivas algumas,

«Sabeis o que conviria ?»

«Que alguem de dentro me facultasse a entrada, porque só de viva voz podemos trocar impressões e combinar o que temos de fazer.»

«Talvez ella possa indicar uma creada que se encarregue de me introduzir...

N'isto approximou-se outro cavalleiro.

— E' um amigo de confiança — disse o castelhano a Gil Vasques.

E apresentou-o:

— D. Alvaro de Castro.

— Quem ? — perguntou surprehendido o recemchegado.

— Este fidalgo.

Gil Vasques sentiu-se apanhado.

— Conheço muito bem D. Alvaro, que tenho a honra de contar no numero dos meus amigos.

— Muito me agrada sabel-o — disse Gil Vasques.

«Sou um dos seus vassallos de maior confiança.»

«Vim aqui encarregado de uma missão que certamente calculou.»

«Elle pediu me que fosse absolutamente reservado, e afinal já fallei de mais.»

«Posso porém confiar de vós?

— Pela nossa honra de cavalleiros — responderam.

— Vamos então ao que importa.

E quando algum Religioso nosso fôr dizer Missa, ou prégar aos Mosteiros: Mandamos debaixo da mesma pena, que não falle com alguma d'ellas...

....

«Não será licito aos nossos Religiosos mandarem fazer qualquer especie de obras (como por exemplo, camisas, lenços, etc.) a algumas Religiosas, nem ainda para se remendarem, ou lavarem: Debaixo da pena de perderem os ditos Religiosos, as cousas, que mandarem ás Religiosas para os ditos fins; e de outras penas, que serão impostas ao arbitrio do Prelado.

Leis do capitulo geral de Roma, em 1580.

CAPITULO CLXXVII

A romaria

EM torno do mosteiro armavam-se barracas.

Sob os tectos de panno, de folhagens, e dos toldos de vime dos carros de bois, agglomeravam-se romeiros vindos de longe.

Debaixo das grandes arvores copadas, abancavam em torno a velhos troncos carcomidos a comer e a beber.

Chegavam bandos a cavallo, em burros, ao ruido estridente dos guisos, ao estalo secco dos chicotes.

Ranchadas a pé vinham cantando ao som de violas, arrastando comsigo turbas de populares.

Era a romaria de um *Senhor da Serra* que a gente do convento dizia ser a mais milagrosa de todas as imagens das cercanias.

Contavam-se d'elle coisas extraordinarias.

Era infinita a serie dos seus milagres.

E toda a gente que tinha qualquer difficuldade a resolver dirigia-se á egreja do mosteiro e procurava á força de dadivas, a troco de promessas, dispôl-o a seu favôr.

A concorrencia attingia as largas proporções de uma feira commercial e espiritual.

Lindas mulheres dançavam e cantavam ao som dos pandeiros e bandurras.

Palpitava-lhe nos olhos uma vida intensa, um fremito de calidos desejos.

Mas a espaços terminava a festa, porque a figura sinistra de um frade erguia-se a prégar, e toda essa gente ficava dependente da voz do feiticeiro. (1)

Depois o bando alegre das frescas raparigas transformava-se no rebanho sombrio de fanaticas, marchando, olhos no chão, após o rubicundo confessôr.

Então dominavam completamente os exploradores das superstições, e ao ruidoso movimento succedia um silencio de tumulo.

Faziam a apotheose da morte, condemnavam a vida, e queriam tornar á força a terra n'um vale de lagrimas, aggravando a miseria, o desconforto com a ameaça de todos os horrores.

Accorrendo ás dezenas os monjes faziam-se outr'ora uma desalmada concorrencia prégando por todo o preço, baixando o valôr da prédica a diminutas quantias.

O capellão do convento, para tambem concorrer ás encommendas dos sermões ia hospedar se na estalagem, onde se entregava a copiosas libações.

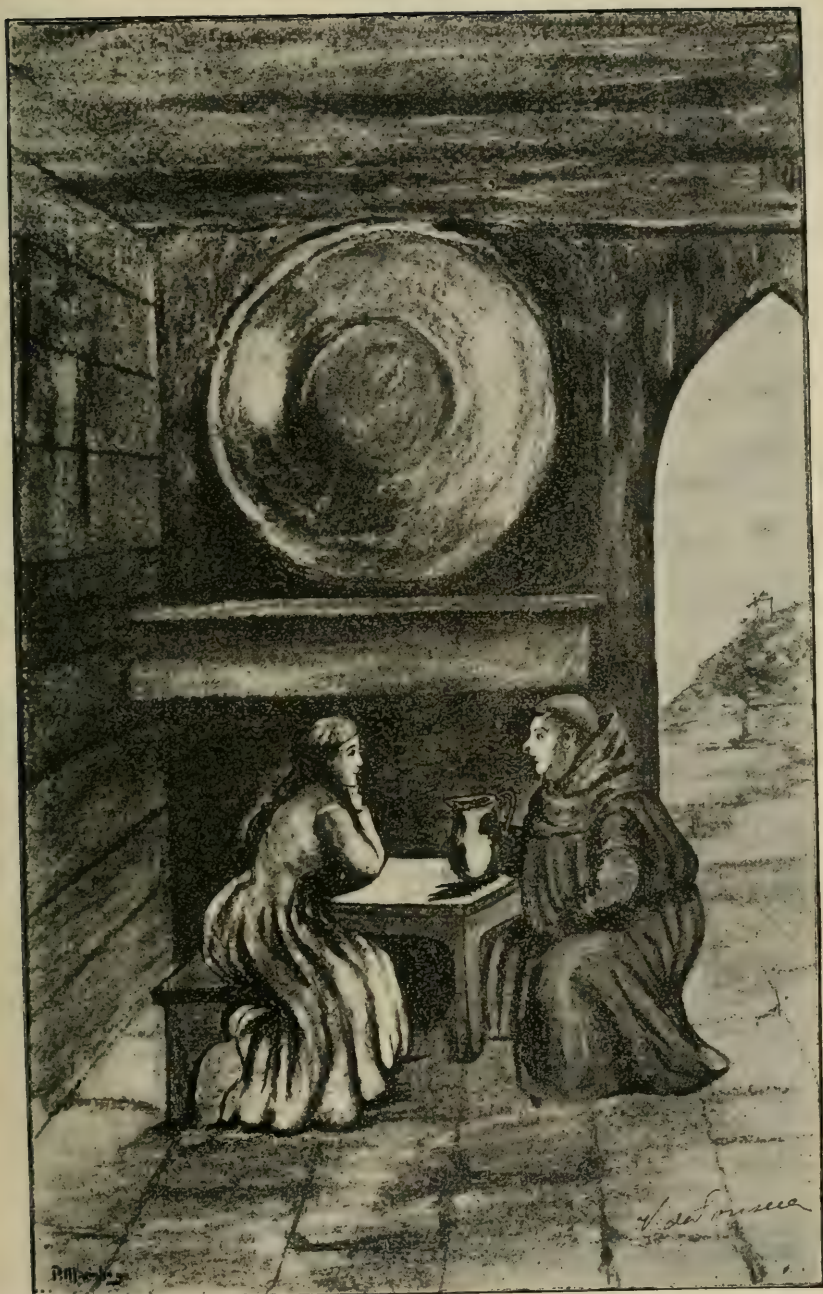
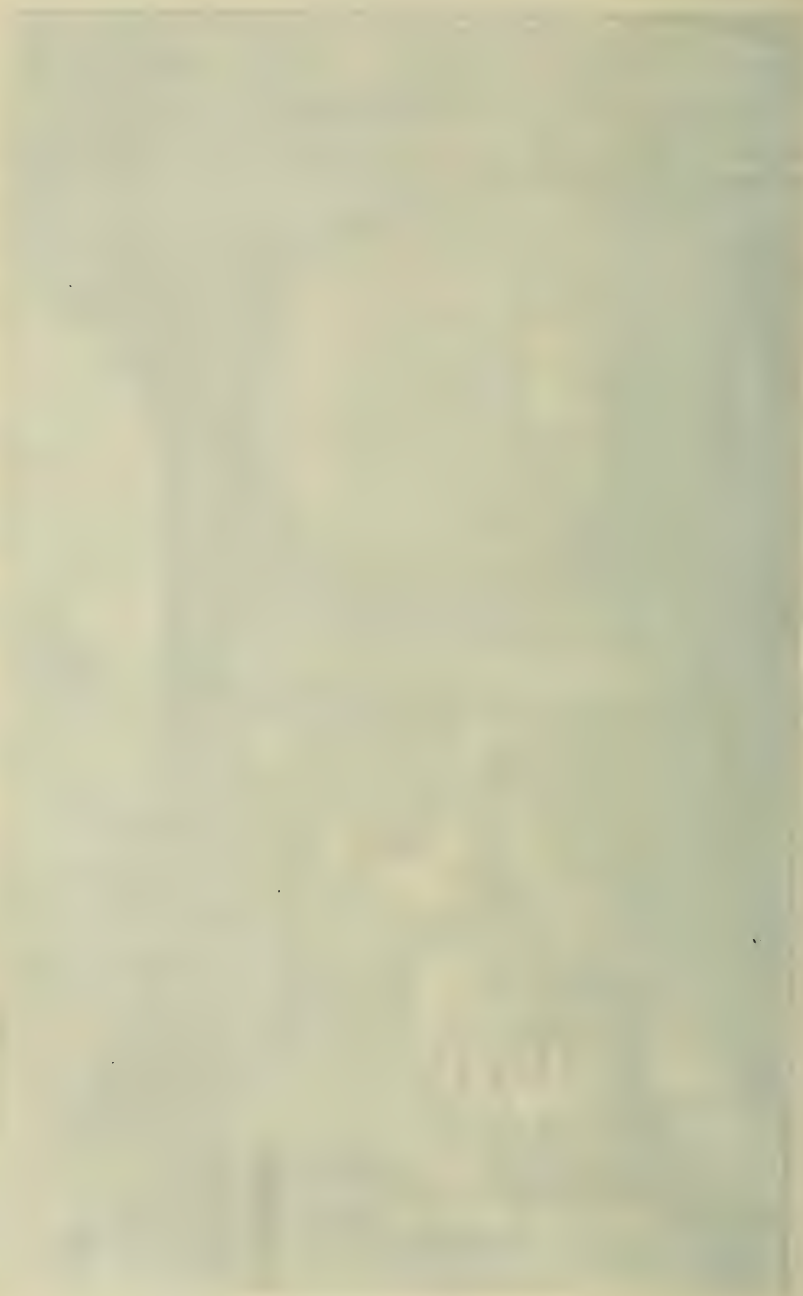
A hospedeira escutava-o attentamente.

O prejuizo geral, as rixas violentas que se travavam entre elles, ao depreciarem os serviços uns dos outros, levou-os por fim a associarem-se, estabelecendo um preço minimo.

---

(1) «Aqui, no pulpito do adro, o prégador confundindo a sua voz com o echo de outra que lhe vem lá de dentro de junto ao altar. Mais além outro, na beira de um carro, encostado a uma pipa, e a quem o festeiro abriga com um enorme chapeu vermelho, que mais vermelhas torna as bochechas lusidias do prégador. Debaixo d'um toldo de barraca e sobre uma mesa, vê-se outro gesticulando, alagado em agua que lhe enxarca a sobrepeliz e estola, procurando dominar com a voz as methaphoras do visinho, que sobre uma cadeira á sombra dos pinheiros conta dezenas de milagres acontecidos em favor de devotos que mandam prégar sermões. E, acabado um sermão, retira-se o grupo que o encommendou e approxima-se outro que o prometteu. E todas estas vozes já roucas procurando dominar o ruido confuso dos descantes, das guitarras, das algazarras, dos beberrões, das altercações, das rivalidades estimuladas pelo alcool e até das injurias e grosserias das rixas travadas pela posse d'uma mulher, ou pela liquidação de velhas contas que vieram abertas lá desde as aldeias. E o sol d'agosto dardejando molemente sobre os largos chapeus e tornando escuros os rostos lusidios e afogueados e ainda mais negros os beiços ennegrecidos pelo vinho e pelo pó; e como commentario ás palavras dos padres quasi aphonos, que chamam pela justiça e misericordia divinas, ás vozes vibrantes das tricanas de Coimbra, menos devotas e mais alegres, bailando e cantando ao som das violas o *Manuel ceguinho* ou o *Oh! ladrão! ladrão!*

Foi talvez n'este mercado que o velho *Patagonia*, antigo professor de latim no lyceu de Coimbra, se acostumou a ajustar sermões por oito tostões ou uma carrada de estrume.»

(1) Lino d'Assumpção, *As monjas de Semide.*

Escutava-o attentamente

Do total recebido descontavam o comer, e dividiam irmãmente o resto.

Mas a affluencia de freguezes era tanta, que, mesmo sem procederem n'um espirito de rivalidade prégavam todos ao mesmo tempo, confundindo-se-lhe as vozes e os discursos.

O perseguidor da donzella, desde que teve de se fazer passar por enviado de D. Alvaro, viu-se atormentado com perguntas.

Teve que dar contas dos ultimos passos de Ignez de Castro.

Referia as ultimas combinações em que tanto elle como D. Fernando haviam entrado.

Alludiu com fingido despeito ao abandono da ephemera rainha D. Joanna de Castro.

E commentou acremente o procedimento de Pedro Cruel.

Os seus interlocutores, decididos partidarios dos Castros revellaram-lhe confiadamente a disposição em que estavam de os auxiliar no que fosse preciso.

E assim obteve indirectamente a certeza de que os parentes da mulher do infante portuguez eram inimigos para receiar.

Portanto maior se tornava o seu empenho em vingar se do seu poderoso rival·

Gil Vasques decidiu-os por fim a poder dos esforços, a conseguirem-lhe a entrada no mosteiro para combinar com Mecia a melhor fórma de a raptar.

Comprada uma creada abriu-lhe de noite a porta, com muitas precauções.

Longas horas occulto no jardim esperou o momento de poder desforrar-se dos desdens com que ella o havia tratado.

Quando as freiras foram para o côro a creada introduziu-o no quarto da donzella.

Escondeu-se n'um canto.

Esperou impaciente, na ancia de vingar antigos aggravos, na furia de dar largas emfim á feroz paixão que o torturava.

De um capricho tornára-se-lhe n'uma absorvente preoccupação.

Não tinha só despeito por D. Alvaro.

Nutria por elle um verdadeiro ciume.

Sentiu passos.

As filhas do Senhor voltavam do côro.

Havia rumôr por todo o convento.

Então receiou que logo ao entrar Mecia o visse.

Gritaria por soccorro, accudiria gente e ficaria assim inutilisada a nova tentativa.

Correu a occultar-se sob o leito.

Ahi ficava melhor.

Quando a sentisse completamente adormecida, tapar-lhe-ia a bocca, impedir-lhe-ia os movimentos, e então havia de pertencer-lhe finalmente.

Antegosava maldosamente o requintado prazer da resistencia da donzella, n'uma doida revolta que não a conseguiria salvar.

«Depois só lhe restava acceitar a situação, pertencer-lhe voluntariamente, ou ficar infamada.»

Affastaram-se os passos.

E Gil Vasques, mordendo-se de impaciencia, continuou ennovellado sob o leito, contendo a respiração para não se denunciar.

CAPITULO CLXXVIII

Esperando

MECIA foi promptamente avisada pela noviça de que D. Alvaro, ou alguem por elle, estava na povoação e lhe queria falar.

Esperava ardentemente noticias do seu noivo.

Mas Gil Vasques forçára os dois cavalleiros com quem se entendera a nada lhe dizerem da sua tentativa de violar a clausura.

«Mecia não auctorisaria — insinuava elle — semelhante passo que tanto a podia comprometter.»

«A situação porém não admittia delongas — accrescentava para se justificar.»

Assim ellas não conheciam toda a verdade.

Mecia suppondo que D. Alvaro fosse passar em frente ao mosteiro, para ser visto por ella, fôra para a cella da sua amiga, cuja grade, mais desimpedida de obstaculos, lhe permittia melhor vêr e ser vista.

Não o descortinára de dia.

Voltou porém a vigiar durante a noite.

Podia ser que elle não quizesse approximar-se senão com as maiores precauções.

A amiga serviria para a acautellar avisando-a da chegada de alguem, se lhe podesse falar.

Soou a hora do côro.

Custou-lhe a interrupção que a sua espectativa ia ter.

Mas deixaram uma lampada accesa, como signal e dirigiram-se á oração.

No regresso acompanharam-as, a seu pezar, a abbadessa e a mestra das noviças.

Pretendiam solemnisar com a apparatosa profissão de uma noviça os primeiros votos de Mecia e o ultimo dia das festas da egreja.

Iam para isso consultar a dozella.

Depois de uma larga exposição dos milagres da imagem, (1) feita pela mestra, a abbadessa disse-lhe maternalmente;

— Estás satisfeita pela maneira como tens sido tratada?

Mecia respondeu affirmativamente.

Desesperava-a a presença das duas velhas, que impediam de aguardar D. Alvaro.

Ellas porém não mostravam disposição de se retirar.

— Folgo que estejas satisfeita — voltou a prelada.

«Ainda agora começou a vida de delicias que te rezerva a casa de Deus.»

«Vaes entrar no verdadeiro caminho.»

«Para isso precisas prestar primeiro os votos de pureza e de obediencia que te hão-de ligar inteiramente a nós.»

«Approxima-se o momento de vestires o habito de noviça.»

«Vimos começar os exercicios com que te hasde preparar.»

Mecia ficou atterrada.

«O que?»

«Pois quando esperava vêr emfim o noivo, havia de sujeitar-se a um tal horror?»

«Como poderia esquivar-se?»

Lembrou-se de pretextar doença.

---

(1) «Os devotos d'esta imagem acreditam, e os prégadores das festas o affirmam, que os cabellos da barba lhe crescem.

...consideraram durante muitos annos... a romaria ao *Senhor da Serra* como um morgado rendoso, filão de mina rica, inexgotavel e facil de explorar. O beirão sincero, credulo e devoto deixava-lhes nas algibeiras o melhor das suas economias, na convicção de que as tinha posto a bom juro nas mãos do altissimo.

...dezenove padres prégaram, nos dez dias da romaria, dusentos e cincoenta e um sermões. Ora como não lhes é licito prégar senão um certo numero de ouvintes, e no ultimo dia, se apparece o devoto que paga, já falta quem ouça o sermão, os prégadores soccorem-se aos soldados do destacamento, a quem elles solicitam para fazerem *quarto* de ouvintes, e que se não saem d'ali convertidos ou santos pela doutrina que ouvem, saem pelo menos . com um grão na asa, pelo vinho que lhes pagam.»

Lino d'Assumpção, *As monjas de Semide.*

Mas de certo a fariam recolher á cella, o que afastava as probabilidades da entrevista.

— Tens de receber, minha filha — disse a mestra de noviças — a instrucção necessaria para o passo que vaes dar.

«Para isso vim em companhia da madre-mãe.»

«Dar-lhe-ei começo assim que ella o determinar.

— Tens que fazer tambem um bom exame de consciencia — explicou por sua parte a abbadessa.

«Precisas apresentar-te no tribunal do confessionario disposta a uma profunda confissão geral.»

«Nem uma só falta deve esquecer-te, repara bem!»

«Tens que sepultar por completo todo o teu passado.»

«Recebido o habito é como se nunca tivesses existido.»

Mecia não sabia como pôr termo a semelhante scena.

Palpitava de anciedade, olhando a janella.

«Talvez Alvaro andasse a procural-a, fitando soffregamente as grades.»

«E continuava ali sem lhe poder responder!»

Tinha impetos de reagir contra as duas teimosas, de lhe dizer tudo o que pensava da vida conventual. (1)

Mas receiava a oppressão dos primeiros dias, e via-se forçada a transigir.

A abbadessa concluiu:

— Deixo-te a escolha.

---

(1) «R. M. Prioresa do nosso Mosteiro de Nossa Senhora da Saudação de Montemór-Novo.

... mando a V. R. debaixo do preceito da Santa Obediencia, de absolvição do seu Officio; e de outras penas que arbitrar, para que de nenhuma sorte permitta que o dito Padre fale com Religioza alguma d'esse nosso Mosteiro, nem nas grades, nem na Igreja; ou em outra qualquer parte; antes ou depois de prégar os sermoens, no dito dia de Santa Anna: Da minha parte dirá ao dito P. que logo que acabar de fazer os ditos sermoens, se recolha no outro dia ao seu Convento de Elvas; e que não o fazendo o castigarei severamente.

Tenho gravissimas queixas das escandalosas desordens, que n'esse nosso Mosteiro se praticam; consentindo V. R., que muitos Religiosos assim dos nossos subditos dessa villa como de todos Conventos nossos, falem libertamente com as Religiosas nossas subditas; do que resultam grandes murmurações contra o credito d'ellas, e de V. R., como consentidora: Pelo que, debaixo do mesmo preceito, e penas, ordeno a V. R., que por nenhum modo permitta grades, ou licenças, para similhantes conversações; ou estas sejam com Religiosos nossos subditos, de qualquer qualidade, e graduação que sejam; ou com Religiosos de outras quaesquer Ordens; e Clerigos Seculares; como tambem de outras quaesquer pessoas seculares; exceptuando os que forem paes, irmãos, e sobrinhos das ditas Religiosas, em que não haja suspeita.»

Corresponpencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

«Preferes começar pelo exame de consciencia ou pelos exercicios espirituaes?»

Mecia estremeceu de jubilo.

— Pelo exame — respondeu.

— E quanto tempo precisas para o fazer?

— Muito, reverenda madre.

— Tantos peccados tens commettido?

— Sou uma grande peccadora — respondeu a donzella.

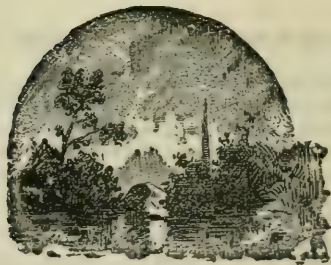
— Terás que entregar-te a severas penitencias, a rigorosos jejuns!

— Soffrerei tudo com paciencia!

— Mas acho necessario que comeces pelos exercicios espirituaes, que orientarão a tua alma perdida no bom caminho.

— Não me sinto com forças, madre mãe.

«Esmaga-me o receio das penas eternas que as vossas palavras vieram despertar no meu espirito.»

«Deixae-me entregue á reflexão, até que possa mendigar a absolvição aos pés do nosso padre confessor!»

CAPITULO CLXXIX

Insuccesso

S palavras de Mecia abalaram as duas freiras.

Depois de algumas observações concordaram finalmenmente em as deixar.

Concederam-lhe um espaço de dois dias para a necessaria recordação de todos os peccados.

Mas, findo elle, teria que sujeitar-se a rigorosos exercicios espirituaes, que não a deixariam chegar ás grades.

Receiava a nova disciplina a que ia sujeitar-se.

Mas depositava tantas esperanças no esforço de D. Alvaro, que lhe tinham dito andar em sua procura, que acceitou sem receio a situação.

Ao ver retirar a abbadessa e a madre mãe soltou um suspiro de allivio.

Correu ás grades.

Ao longe viam-se as luzes do arraial.

Chegavam echos das musicas e cantares.

Mas me torno ao convento ninguem.

«Já teria vindo?»

«Afastar-se-ia vendo silencioso o velho casarão?»

«A luz porem devia servir-lhe de aviso» — lembrava-se ella.

«Já lhe dera semelhante signal de outra vez.»

Perdia-se em conjecturas.

Affligia-se cada vez mais com a realidade.
Passava o tempo sem se atrever a sair da janella.
Esperava-o ainda, esperava-o sempre.
Dentro em pouco ouviu cantar os gallos.
Rompia a manhã.

Gil Vasques esperara toda a noite, sem se atrever a sair da incommoda posição em que se encontrava.

Sabia da vida conventual o sufficiente para não se aterrar com as consequencias da sua entrada ali. (1)

Mas a demora da donzella enfurecia-o.

E quando ouviu os primeiros signaes da madrugada viu-se forçado a abandonar o esconderijo.

De dia o seu estratagema não podia surtir o menor resultado.

Sahiu cautelosamente da cella.

Esperava-o, como fôra combinado, a serva para o conduzir á cerca.

— Quizeste zombar de mim? — disse-lhe reprehensivamente.

— Em que, senhor?

— Aquella não era a cella de Mecia.

— Pois não tendes estado com ella? — perguntou a creada surprehendida.

— Não. Esperei-a sem resultado toda a noite!

«Tenho o corpo entorpecido.»

«Mal me posso mecher!»

— Então ella não vos esperava? — retorquiu a rapariga ainda mais admirada.

— Não — respondeu Gil Vasques seccamente.

— Uma d'estas é que nunca me succedeu! — exclamou irritada.

«Vos, senhor fidalgo, é que zombastes de mim!»

«Terdes o arrojo de entrar n'esta santa casa sem ser de accordo com uma das recolhidas?»

---

(1) «Portanto, devendo Nós obviar a umas tão escandalozas inobservancias: Ordenamos a V. P.e que inteiramente prohiba a todos os Religiozos seus subditos, que vão a algum Mosteiro de Religiozas d'essa cidade; nem ainda ao nosso de Jesus, sem que sejam chamados para confissões.

Para este ministerio mandará V. P.e sempre os Religiozos mais capazes, e de melhor probidade; não consentindo, que as confissões se façam sem grades, fóra dos confissionarios, nem que depois d'ellas tenham os confessores praticas algumas com as Religiozas.

O mesmo fará V. P.e observar aos que forem dizer Missa ao dito nosso Mosteiro de Jesus; prohibindo-lhes severamente, que, nem antes, nem depois vão ter praticas com as Religiozas, e Sacristans á roda da Igreja: E dos que forem deliquentes n'esta parte, nos dará V. P.e prompto avizo.»

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

«Tenho mettido aqui muitos nobres senhores, que sempre me recompensaram generosamente...»

Gil Vasques, comprehendendo-a, deu-lhe dinheiro.

— Desculpae a minha admiração — disse ella agradecendo.

«Se quizerdes que falle á menina a quem procuraveis...»

— Não. Nada lhe dirás — redarguiu elle.

«Espero porém que logo tornareis a receber-me...»

— Ah! meu rico senhor! isso é que eu não posso!

«Não estou de serviço.»

«Só d'aqui a dias terei ao meu dispôr as chaves, e só então...»

O cavalleiro deu-lhe mais moedas.

— Não é preciso, senhor. Não me decido pelo interesse.

«O que faço é movido pelo meu bom coração.»

«Custa-me a tristeza de vida d'estas pobres mulheres...»

— Vê se arranjas maneira de me abrir as portas esta noite.

— Farei o que puder, senhor.

— Quero uma resposta decisiva.

— Agora nada posso dizer-vos.

«Perdi toda a noite por vossa causa, estou fatigada, preciso descançar.»

«Depois tomarei uma resolução.»

«Mas não imagineis que é facil o que vos fiz hontem.»

«Só os impios julgam mal d'estas virtuosas casas.» (1)

«Se aqui entrastes é porque sei que é para o bom fim.»

— Mas eu preciso saber em que ficamos — disse exaltadamente Gil Vasques.

E lembrando-se de uma solução:

— Podia esperar aqui dentro que anoitecesse.

— Não pode ser.

— Escondido n'um logar seguro, onde me ireis levar de comer, aguardaria o momento propicio...

---

(1) «Debaixo da pena de privação de todos os gráos, dignidades, e Officios; de voz activa, e passiva, e de carcere: Ordenamos, e mandamos: Que nenhum Religioso nosso vá aos Mosteiros das Religiosas; nem falem com ellas; nem lhes escrevão cartas; nem lhes mandem dadivas; nem d'ellas as recebam. — Assim se determinou no Capitulo Geral de Veneza em 1592, que foi confirmação do mesmo, que já se tinha determinado pelos Capitulos Geraes de Roma, e de Milão acima referidos.

Da determinação d'esta Lei comprehenderá V. R. facilmente, que não só ao grande Padre Fr. Francisco de Sant'Anna Ramalho, é prohibido ir a esse Mosteiro falar com as Religiosas; mas tambem a outros maiores Padres, não só Mestres, e Graduados; e aos mesmos Prelados, a quem só é licito ir aos Mosteiros nos casos precisos para exercitarem as justas obrigações dos seus Officios: E por onde passam os Padres Mestres da nossa Ordem, cuido, não duvidará V. R., e as Religiosas d'esse Mosteiro, que passe tambem o seu Padre Ramalho.»

Idem.

— Deus me livre! — exclamou ella.

«Sahi. Andae depressa, que se faz tarde, e podemos ser descobertos.»

— Mas como hei-de saber o que conseguirdes? — perguntou elle, custando-lhe a afastar-se do logar onde estivera tão perto de Mecia.

— Irá procurar-vos uma velha devota, que frequenta muito a portaria — respondeu a creada.

E impellindo-o para fóra, fechou rapidamente a porta da cerca, á hora em que despertava o arraial, e os frades recomeçavam a faina diaria, abençoando as suas ovelhas.

As suas ovelhas

CAPITULO CLXXX

Um laço

TODO o dia esperou Gil Vasques a beata com o recado.

Como ella não viesse tomou uma resolução.

Entendeu-se com o tio da noviça amiga de Mecia, e pediu-lhe que mandasse avisar a sobrinha para que Mecia se dispozesse a fugir de noite.

Elle entraria pela cerca, saltando o muro na altura da porta por onde entrára.

Seguiria o caminho que o levára ao corredor e á cella de Mecia, e juntar-se-ia a ella no ponto a que a noiva de D. Alvaro podesse chegar.

Mandava-lhe dizer que ia de parte do irmão de Ignez de Castro.

«Nada tinha que receiar.»

O amigo foi promptamente enviado.

Mecia dispoz-se para fazer o que lhe pedia.

A amiga arrastada pelo seu enthusiasmo preparou-se para fugir tambem.

Ambas atravessariam mais facilmente os corredores extensos e sombrios, transporiam as portas, e aventurar-se-iam na cerca.

Podendo ir iam até ao muro.

Para assegurar o exito da tentativa, Gil Vasques andou contratando um bando de gente de peior especie, gatunos, assassinos, homens d'armas, brigões de profissão.

Esses deviam saltar com elle na cerca, para ajudarem a apossar se de Mecia.

Um rancho de cantores, pagos por elle, devia ir dar uma serenata diante do mosteiro, para attrahir para esse lado todas as attenções, no momento em que elle pozesse em pratica o seu plano.

Novo emmissario levou á amiga de Mecia indicações precisas.

O fim do primeiro romance era o signal para ella se dirigir á cerca.

A seguir os cantores entoariam um côro, destinado a cobrir pelo ruido das vozes e pelo som de todos os instrumentos, os gritos provaveis da donzella ao reconhecer que cahira n'um laço.

O começo de noite foi para as duas amigas uma longa tortura.

Ao fim de algum tempo começou a juntar-se gente em frente ao mosteiro.

Affinavam-se instrumentos, trateavam se descantes.

Principiaram a apparecer luzes na fachada, e d'ahi a pouco illuminavam todas as cellas, percebendo-se através das grades o vulto das esposas do Senhor.

Um bandolim preludiou e uma voz começou a cantar: (1)

> Prêso vai o conde, prêso,
> Prêso vai a bom recado;
> Não vai prêso por ladrão,
> Nem por homem ter matado,
> Mas por raptar a donzella
> Que vinha de San'Thiago:

---

(1) A licção que principalmente aqui segui é a da Beira Alta, por ser n'ella muito mais completo o romance. A de Traz-os-montes chama lhe *O conde preso*.

Poucas coisas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa peninsula. Onde nasceu não sei; mas as collecções castelhanas não o trazem. A questão porém de se uma composição d'estas foi feita n'esse ou n'aquelle reino d'Hespanha, além de ser mui difficil de resolver, é de bem pouca importancia. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador, ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castella: quem sabe? Viajou e perigrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compoz ou que sómente o aprendeu de cór: espalhou-se por essas terras de differentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, ha muitos seculos a esta parte, quem póde dizer onde foi composto o romance que n'esta ou n'aquella provincia se incontra? E' d'aquella onde foi achado.

Garrett, *Romanceiro*, vol. 2.º

Não bastou dormir com ella,
Senão dá-la ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado:
Por morta alli a deixára
Sem mais dó sem mais cuidado.
Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deus sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por alli um velho,
Um pobre velho soldado,
Suas barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado;
Vieiras traz na esclavina,
O chapeu d'ellas cercado;
Chegou-se á porta romeira
Com muito amor, muito agrado:
—«Não chores mais, filha minha,
Filha, demais tens chorado;
Que esse villão cavalleiro
Prêso vai a bom recado.»
Levou comsigo a donzella
O bom velho do soldado;
Vão á presença d'el-rei,
Onde o conde era levado:
—«Eu te requeiro, bom rei,
Pelo apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado:
Que não valem fidalguias
Onde Deus é o aggravado.»

Disse el-rei aos do conselho
Com semblante carregado:
—«Sem mais detença, este feito
Quero já desimbargado.
—«Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou ha de casar com ella,
Ou se não... ser degollado.»
—«Pois que me praz—disse o rei:
«O algoz que seja chamado:

Ou já casar co'a romeira
Ou aqui ser degollado.»
—«Venham algoz e cutello.»
Respondeu o accusado:
«Mas antes morrer mil vezes
Que viver invergonhado.»
Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:
—«Fazeis, bom rei, má justiça,
Mau feito tendes julgado:
Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado.»
Palavras não eram dittas,
A espada tinha arrojado,
Despe insignias de romeiro,
Despe as armas de soldado,
Nos trajos de um sancto bispo
Apparece transformado;
Sua mitra de pedras finas,
De oiro puro o seu cajado:
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Alli os tem desposado.
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar deshonrado.
O sancto bispo o absolvia
Contricto de seu peccado:
D'alli o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado.
Justiça de Deus foi n'elle,
Antes de uma hora é finado!
Mas acudiu áquella alma
O apostolo sagrado,
Que outro não era o romeiro,
O bispo nem o soldado.

Quando se calou o jogral pago pelo teimoso cavalleiro, Mecia e a sua amiga abandonaram a cella e atravessaram com precaução o corredor.

Na rua começára o ruidoso côro acompanhado por muitas violas, pifanos e pandeiros. Era o signal combinado.

CAPITULO CLXXXI

Noticias de Castella

QUANDO Diogo Lopes foi apresentar ao rei os diplomas a despacho, encontrou-o ainda mais sombrio que de costume.

A collisão não fôra tão facil de resolver como ao começo parecêra.

As circumnstancias ameaçavam complicar-se.

— Ha noticias de Castella? — perguntou Affonso IV.

— Nada recebi, senhor.

— Então o que faz Pero Coelho?

— Talvez não se tenha dado nenhuma alteração.

— Quer dizer que continuas a confiar n'elle?

— E' um leal servidor, inteiramente dedicado ao serviço de vossa alteza.

— E ao teu.

— Assim é, senhor.

«Pois se o meu serviço é o vosso!»

— Vê se por outro lado consegues saber alguma coisa.

— Informaram-me ha pouco que o senhor infante voltou de Coimbra.

«A rainha vossa filha espera-o, como sabeis...»

— São capazes de uma loucura! — exclamou irritado o rei.

— Exactamente n'este momento que mais precisava de saber qual a attitude de el-rei meu neto...»

— Para quê?
— Afim de moldar pelo seu o meu procedimento.
— Perdôe-me vossa alteza, mas discordo d'essa maneira de pensar.
«A's vossas qualidades de sabio monarcha não convém tal subordinação.»
«Como el-rei D. Diniz, vosso honrado pae, devieis ser o arbitro dos destinos da peninsula.»
«Ao reino não convem seguir as alternativas da politica de Castella.»
«Os vossos costumes são completamente differentes.»
«Vós, por exemplo, em trinta annos de reinado apenas mandaste matar vosso irmão!»
O rei estremeceu..
— A propria commoção que ainda hoje sentis mostra quanto essa execução não estava nos vossos habitos.
«Ora el-rei vosso neto tem suppliciado centenas de vassallos dos mais illustres, n um reinado curtissimo.»
— Estás mais apprehensivo que de costume.
— Assim é, senhor.
«Bem sabeis que não sou contra o rei de Castella.»
«Mas a razão porque tenho hostilisado os Castros, Ignez e os irmãos, para combater a influencia castelhana, que ameaça tornar-se decisiva, é a mesma que me faz receiar pelo reflexo das acções do vosso neto.»
«Tenho reflectido muito sobre as ultimas noticias vindas de Sevilha.»
«A intima anarchia do visinho reino tem-me dado que pensar.»
«Agora reconheço que a alliança que tanto acariciámos, que o casamento do infante D. Fernando com a filha de Pedro Cruel, não dá a menor garantia ao filho de Constança.»
«E' ao rei de Castella que vae ser util a solução.»
«Lançar-nos-hemos em novas luctas por causa d'esses maus visinhos.»
«Tiramos d'isso o menor interesse?»
«Parece-me que não.»
Affonso IV ficou ainda mais apprehensivo.
Pacheco manifestava uma diversa orientação.
Isso perturbava-o immenso.
Tornava-se-lhe mais urgente a necessidade de informações da côrte castelhana.

No dia seguinte chegou Pero Coelho.
Vinha incitado pelas palavras do rei de Castella.
Pacheco ouviu-o apprehensivo.
Foram ambos á presença do rei.
— Que diz meu neto? — perguntou Affonso IV.
— Senhor, são tão graves as coisas que me communicou el-rei D. Pedro...
— Fala.

— Não sei se deva...
— Ordeno-t'o eu!
— E' que attinge a honra de uma pessôa de vossa familia...
— De minha filha?
— Sim.
— Explica-te!
— El-rei vosso neto procura justificar-se do seu procedimento no castello de Toro.
«A razão, diz elle, porque procedeu de uma fórma tão rude, foi porque se haviam agrupado em torno da rainha todos os rebeldes, todos os elementos perturbadores do seu reino.»
«Esses maus castelhanos além de offenderem a sua auctoridade, infamavam pela sua attitude a rainha D. Maria.»
— Infamavam como? — perguntou com má sombra o rei.
— O principal d'elles, Martim Affonso Tello, passava... por ser muito affecto a vossa filha.
— Encobres alguma coisa!
— Senhor, é que me custa...
— Diz tudo, seja o que fôr.
— Pois bem. Direi.
«A vossa ordem releva-me do mal.»
«El-rei de Castella considerava a rainha sua mãe, amante do cavalleiro portuguez.»
— Quem t'o disse? — exclamou muito irritado o monarcha.
— D. Pedro me encarregou de o communicar a vossa alteza.
«Não será assim, quero crêl-o por honra de vossa filha.»
«Mas foi n'essa convicção que procedeu da fórma implacavel que sabeis»
— Agora vejo que tinha razões para estar apprehensivo — disse Affonso IV.
«Que te parece, Diogo Lopes?»
— Nada temos, senhor, com os motivos de ordem intima que el-rei vosso neto se lembrou de aduzir.
«Se os communicardes a vossa filha, ella contestará energicamente, tratando de calumniosa essa asserção.»
— Permitti que divirja da vossa opinião — retorquiu Pero Coelho.
Envaidecera-o a confiança de Pedro Cruel.
Estava disposto a arrastar Affonso IV no sentido que o neto desejava.
«Tive occasião de avaliar de perto o rei de Castella.»
«A falada volubilidade do seu caracter não é mais do que a successiva mudança de ministros a que tem sido forçado.»
«As pretendidas crueldades de que o accusavam são apenas grandes actos de justiça que as tristes circumstancias dos ultimos tempos tornaram necessarias.»

— Folgo que tragas tal opinião — disse o rei.

«Diogo Lopes, espero-o, tambem modificará n'esse sentido as que me tem mostrado professar.»

— Senhor, que vos póde interessar a minha opinião?

«Sois vós o rei.»

«Decidi. Ordenae!»

«Estou prompto a cumprir as vossas ordens, sejam quaes forem, como estou prompto a manifestar-vos o que penso desde que ordenardes.»

«Dei-vos ha pouco o meu conselho, desinteressado e leal como sempre.»

«Agora poupae-me ao dissabôr de um novo desaccordo.»

CAPITULO CLXXXII

Decisão

AFFONSO IV queria conhecer inteiramente as disposições do rei de Castella.

— Expõe-me tudo o que pudeste colher — disse a Pero Coelho.

— Senhor, o principal motivo da minha embaixada, o casamento do infante D. Fernando, constituia sempre o assumpto de todas as conferencias com el-rei.

«Não encobrirei porém o pouco que essa solução interessava a vosso neto.»

«Fiz-lhe sentir muitas vezes os propositos de solida alliança que para vossa alteza representava esse pacto de familia.»

«Mas emquanto não viu accumular novos perigos não se decidiu a escutar-me com attenção.»

«Por fim, em vespera de se pôr em campo, fez-me a subida honra de me attender mais algum tempo.»

«Ao alvitrar-lhe que a alliança dos seus inimigos com os Castros, que são tambem os nossos, impunha a intima união das nossas forças, respondeu-me que era outro o caminho a seguir.»

— Qual? — perguntou o rei.

— Vosso neto — continuou Pero Coelho — notou que os seus inimigos estão em Portugal ou se reunem perto da fronteira.

«Hoje os principaes cabeças do movimento que tentam desthronal-o são os Castros.»

«Esses orgulhos gallegos querem fazer a irmã rainha de Portugal e de Castella, e d'ahi o terem envolvido o infante D. Pedro vosso filho nos seus tramas.»

«A causa de se estenderem a Portugal as perturbuções de Castella é, bem o sabeis senhor, a mulher a quem vosso filho tão imprudentemente, juntou o seu destino.»

— Não sei se ainda assim pensas, não sei se achas razão — disse o rei a Pacheco.

— Foi sempre essa a minha opinião — retorquiu gravemente o ministro.

«Não podereis accusar-me de variar, de me ter enganado em taes pontos de vista.»

«Apenas divirjo quanto ás indicações e aos processos do rei de Castella.»

«A experiencia de largos annos, e a lealdade com que vos sirvo, dão-me direito a discordar dos actos dos ministros, dos conselheiros do rei vosso neto.»

«Quanto a Ignez de Castro bem sei e sempre vol-o disse, é a causa de todos os vossos males.»

«Muito vos aconselhei a pôr termo á situação creada pela sua presença em Portugal.»

— E' de justiça reconhecel-o, e tenho todo o gosto em o fazer — respondeu o rei.

«Desde o começo notaste a nefasta influencia d'essa mulher e o perigo que representava para Portugal.»

«Os teus conselhos tenderam sempre a supprimir a causa do mal, apartando-a do infante.»

— A orientação que el-rei de Castella preconisa é a da suppressão immediata da suppressão formal e completa dos seus inimigos — interveiu Pero Coelho.

«Lembra a vossa alteza os seus processos radicaes, bem conhecidos: matar, matar!»

«Os mortos não ressuscitam, os cadaveres não surgem para criar difficuldades.»

— E' então essa a resposta de meu neto?

— A's minhas propostas de accordo, ás minhas declarações de alliança, respondeu que a identidade de acção devia manifestar-se ao mesmo tempo contra os inimigos de lá e de cá.

«Elle vae mandar matar os de Castella e deseja que vossa alteza faça o mesmo aos que tiver por aqui.»

«Só assim poderá haver paz!»

«Depois d'isso, livres de todos os elementos irrequietos, sem receio

de novas perturbações, poderão casar-se as duas creanças e firmarem-se tratados duradouros.»

— Tens razão — disse o rei depois de ficar um momento silencioso — E' esse o caminho!

E tomando uma resolução:

— Estou disposto a proceder assim, decisivamente; estou decidido a assumir finalmente o meu logar.

«Ha só uma fórma de pôr termo para sempre á incerteza do futuro de Fernando.»

«E' cruel, é violenta, mas é necessaria.»

«Diogo Lopes, manda convocar o conselho.»

«Quero ouvil-o antes de pronunciar a sentença».

«Ninguem me póde accusar de precipitado.»

«Não é verdade?»

«Não tens tu, dize sem receio, sobre o destino a dar a Ignez a mesma opinião?»

— Senhor — respondeu Pacheco gravemente. — Até aqui acceitaste sempre os meus conselhos, e em geral seguiste-os porque vieis a profunda sinceridade que os dictava.

«Agora que procedeis sem elles que vos póde interessar a opinião de um humilde vassallo?»

— Desejo conhecel a. Diz.

— Respondi sempre com a minha cabeça, a minha segurança e o meu futuro pelo resultado do meu plano.

«Viste executar muitos d'elles.»

«Quando os seguiste não deste provas de fraqueza, como algumas a que vossa esposa vos arrastou.»

«Mas tambem nunca ellas vos arrastaram a sendas perigosas, vos tingiram as mãos de sangue.»

«E pelas consequencias de processos violentos, á maneira de vosso neto, não posso responder »

— Não terei medo, não; fica descançado — respondeu sombriamente Affonso IV.

E um pouco ferido pela allusão que Pacheco fizera aos longos annos, em que o guiára, em que fôra de facto o verdadeiro rei, disse-lhe que podia retirar-se.

Ficou só com Pero Coelho, que se esforçou por merecer a gratidão do rei de Castella.

Diogo Lopes ao sair dos aposentos do rei foi procurar um amigo do infante.

Foi Gonçalo Vasques o primeiro que topou.

— Queres fazer me um favôr?

— Dirás.

— Vae prevenir D. Pedro que acautelle D. Ignez de Castro e a defenda da ira de seu pae.

— Estás gracejando.

— Não. Falo serio.

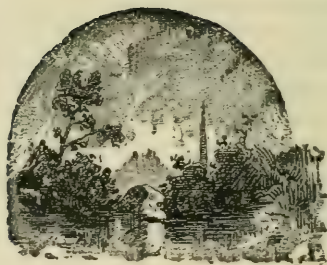
— E és tu...

— Comprehendo a tua surpreza.

«Tenho sido contra essa ligação, por consideral-a origem de perigos, por a julgar um mal.»

«O meu intuito agora, atravessando-me deante de el-rei, emquanto é tempo, visa a impedir um mal ainda maior.»

«Faz o que te digo, que o tempo urge.»

«Vão passar-se graves acontecimentos, e eu lavo d'ahi as minhas mãos.»

CAPITULO CLXXXIII

A caminho do throno

infante recebeu a declaração de Gonçalo Vasques sem lhe dar credito.

— E era então Diogo Lopes, que sempre foi meu inimigo, quem tomava a seu cargo defender-me?

— Tambem lh'o estranhei.

— E elle que respondeu?

Que lavava as mãos como Pilatos.

D. Maria interveiu:

— Mas o pae tinha feito qualquer indicação a respeito d'ella?

— Não — respondeu D. Pedro — Ha muito que não me fala a seu respeito.

«A ultima vez que o vi tratou-me bem.»

«O seu ar não me deixou a menor preoccupação.»

Pensou um bocado, e continuou:

— Demais se planeiassem qualquer coisa contra ella, o primeiro interessado em não m'o communicar seria Diogo Lopes que foi sempre o maior adversario do meu casamento.

«Mas ha decerto um motivo para semelhante aviso, que não pode passar de um ardil.»

«O unico que pode ser é o empenho de me demorar aqui, de impedir a nossa entrada em Castella.»

«Não lhes façamos a vontade, minha irmã, não nos deixemos cahir no seu laço.»

«Partamos quanto antes.»

«Em Albuquerque esperaremos a gente que não puder sair d'aqui comnosco.»

«A melhor resposta a dar aos meus inimigos é pôr-me depressa em situação de os esmagar.»

— Parece-me que tens razão — disse a rainha — Trata-se talvez de nos fazer perder tempo.

— Ainda esperava alguns vassallos meus — proseguiu D. Pedro — mas não me quero demorar por sua causa.

«Serão avisados para atravessarem a fronteira n'outro ponto, conforme o local onde chegarmos.»

«A nossa demora póde vir a ser muito prejudicial, póde fazer perigar o plano dos conjurados.»

«O pae é capaz de intervir, antes que ponhamos o nosso plano em execução.»

— Concordo — respondeu D. Maria.

«A caminho!»

Montaram a cavallo, e sairam despreoccupadamente, como se andassem n'um dos seus passeios habituaes.

Avisaram os creados para irem com os cavallos esperal-os, mais adeante, seguindo diverso caminho afim de não levantarem suspeita na gente do rei.

Afastaram-se a passo, e quando se convenceram de que já ninguem os via, lançaram-se o galope (1)

Caminhavam silenciosos.

D. Maria pensava na campanha que iam emprehender em circumstancias tão penosas.

«Qual seria o resultado?»

«Como procederia o filho?»

«A quem seguiria a nação, a elle ou a ella?»

E animava-a a ideia de vingar Tello, tão leal, tão dedicado, consagrado smpre ao seu serviço.

A' medida que se afastava, D. Pedro voltava a preoccupar-se com o aviso de Diogo Lopes.

Lembrava-se da mãe.

Pesava-lhe não se ter despedido.

---

(1) «N'estes dias partiu de Portugal a rainha D. Maria, e ia com ella o infante D. Pedro seu irmão... e D. Alvaro Peres de Castro, e D. Rodrigo Yanez, mestre de Christo do reino de Portugal, e foram com a rainha até fóra do reino de Portugal...»

Chronica de *Ayalla*, fl. 31 v. e 32.

Não quizera porém comprometter a empreza, que não era só d'elle, que a tantos comprommettia.

«Qual não seria o seu desgosto ao saber que partira sem lhe dizer adeus?»

Esta ideia penalisava-o.

Escrever-lhe-ia porem de Albuquerque, explicando-lhe o seu procedimento, pedindo-lhe perdão.

Olhava saudosamente a paysagem.

Serras, matagaes, vastas campinas, casas baixas, de colmo, appareciam rapidamente, desenrolavam-se ao longe, fugiam dos dois lados do caminho.

«Passára tanta vez por entre aquelles intrincados bosques, correra, á caça, aquelles montes!»

«Nunca mais voltaria por ali á vontade, desacompanhado, sem formalidades.»

«Só tornaria a Portugal, já rei de Castella, para assumir a corôa, para reunir as duas!»

Accudiam-lhe ideias de ambição.

Via-se acclamado nas ruas de Sevilla, passando a cavallo, sob um pallio de oiro, precedido por musicas e danças.

Ao seu lado caminhava a rainha, não a irmã, mas Ignez, a sua querida a sua linda Ignez!

E agora só pensava n'ella.

Passaram a fronteira.

Encontraram logo Alvaro de Castro com um forte troço de gente de D. João Affonso.

Recebidos com acclamações, conduzidos em triumpho pela turba apeiaram-se para decançar.

Então os vigias da hoste do senhor de Albuquerque avisaram da approximação dos dois cavalleiros.

Eram dois cavalleiros de Affonso IV.

Vinham encarregados de demover D. Pedro do seu proposito, pintando-lhe o temerario da empreza. (1)

Ao saber-se que D. Pedro partira com a irmã, ao vêr como todos os creados e cavallos, e todos os amigos que estavam na povoação tinham desapparecido tambem, confirmaram se as suspeitas do que se tramava.

Pacheco avisou logo Affonso IV.

---

(1) «.. E isto assim combinado soube o o rei D. Affonso de Portugal seu pae, e pesou-lhe muito, e enviou logo para lh'o estorvarem, por mensageiros ao dito infante D. Pedro seu filho, Fenrão Gonçalves Cogominho e mestre João das Leis, que era do seu conselho e seus privados, e falaram com o infante...»
Chronica de Ayalla, fl. 32.

E Pero Coelho foi insinuar-lhe que, conquistada a corôa de Castella, D. Pedro viria a Portugal fazel-o abdicar.

O velho rei acreditou.

Não seria mais que a repetição de que elle na sua mocidade quizera fazer ao pae.

Expediu logo dois conselheiros, para tentar ainda dissuadil-o por meios brandos.

E ordenou a reunião de homens d'armas, para se oppôr ás hostes que D. Pedro organisava, segundo ficára plenamente convencido, para o submetter, para o destronar.

CAPITULO CLXXXIV

O novo rei

DEBALDE os enviados quizeram demolvel-o.

D. Pedro respondeu-lhe correctamente:

— Que meu pae me desculpe de proceder contra sua expressa determinação.

«Mas a rainha e os principaes vassallos de Castella offerecem me a corôa, fazendo-me tal honra que se reflecte sobre a nossa familia, portanto sobre elle, como chefe, e sobre o reino de Portugal onde foram escolher o futuro monarcha.»

«Se deixo de ser subdito continuarei a ser um carinhoso filho, um dedicado amigo.»

«Castella passará a ser a querida irmã de Portugal.»

«A maior harmonia reinará d'ora ávante entre as duas nações.»

«Encarregou-os de entregarem á mãe a carta em que pedia perdão de ter sahido sem se despedir.

Os conselheiros voltaram a Portugal.

D. Beatriz recebeu commovida a carta do filho.

Affonso IV ouviu indignado que D. Alvaro de Castro os apoiava já com uma poderosa hoste, e que soavam por toda a parte os vivas enthusiasticos ao novo rei.

— Veja vossa alteza — insinuou Pero Coelho — os Castros continuam no primeiro plano.

«Alvaro aguardava-os na fronteira, com a gente do senhor de Albuquerque.»

«D. Fernando de Castro encontra-se mais para o norte com todos os seus vassallos da Galliza.»

«E em Coimbra Ignez continua conspirando, alliciando decerto mais gente para ir em soccorro do infante.»

«Veja vossa alteza se tenho razão!»

Fez-se um penoso silencio.

Ao cabo de algum tempo o rei perguntou:

— Que dizes a isto, Diogo Lopes?

— Não é novidade nem para vossa alteza, nem para mim que vos tenho posto ao corrente de tudo — respondeu gravemente o velho conselheiro.

— Bem sei — rotorquiu Affonso IV — Comprehendeste sempre o plano politico dos Castros.

«Crês que ainda não é tempo de os castigar com um terrivel exemplo de sangue?»

Elle tornou a responder, medindo as palavras:

— Senhor, será uma imprudencia tudo o que representar uma provocação a vosso filho.

«Conheceis o seu caracter impetuoso, o seu genio violento, tão bem como eu.»

«Exactamente n'este momento elle dispõe de importantes forças, reunidas, como sabeis, pelos bastardos de Affonso XI, por D. João Affon so, pelos Tellos, pelos Castros e talvez até pelos seus amigos de cá, Freire d'Andrade, Gil Cabral e outros.

«Não os intimidareis, mas ao contrario, segundo cada vez mais receio, aggravareis o mal.»

«E' isto o que penso.»

— Só agora discordamos.

«Mas eu não desisto.»

«Hei-de atalhar a audaz conspiração.»

«E toda essa ambiciosa tentativa cahirá como um castello de cartas, embora arrastado n'um caudal de sangue.»

Despedidos os emmissarios, D. Pedro e D. Maria dirigiram-se para o castello de D. João Affonso de Albuquerque, acompanhados de Alvaro de Castro e dos seus.

Emquanto fallavam aos conselheiros, D. Alvaro mandára prevenir D. João Affonso.

De longe avistaram o castello coberto de bandeiras, forrado de colchas e tapessarias, as frestas e as setteiras ornadas de flores, vibrante dos echos das trombetas.»

O poderoso senhor feudal, Henrique de Trastamara, e os principaes fidalgos vieram esperal-os.

Acclamaram desde logo o infante D. Pedro como rei de Castella, conduziram-o sob um pallio, ao lado da irmã, por sobre o tapete juncado de flores, até á porta chapeada da fortaleza.

O interior correspondia ao aspecto festivo.

O poderoso castellão começou por offerecer-lhes um banquete onde esturgiram as saudações.

A seguir sealisou-se um sarau onde foram apresentados ao novo rei todos os fidalgos.

Um trovador cantou em sua honra: (1)

D. Anna estando a coser,
No seu quintal assentada,
Voltou os olhos ao mar,
Viu uma grande armada
Piloto que n'ella vinha,
Muito bem a governava.

— Diga-me, ó meu capitão,
Se amores que Deus me deu
Por lá viu ou incontrou,
— Diga-me ó minha senhora,
Os signaes que elle levou.
— Leva seu burro branco,
E sua sella amarella.
Na ponta da sua lança
Uma bandeira de guerra.
— Quanto dá, real senhora,

(1) «Não se póde affirmar: tal paiz foi o berço dos romances, e d'aqui espalharam-se para differentes pontos. Os romances fazem parte do patrimonio poetico dos povos, e não ha povo sem poesia. Se quizessemos remontar á origem historica da poesia do nosso povo, teriamos de ir até aos Luzitanos, entre os quaes e os Portuguezes nãe existe solução de continuidade. As influencias posteriores é que a fizeram dirigir n'este e n'aquelle sentido. Dos Romanos, por exemplo, recebemos com a lingua o verso syllabico Os trabalhos scientificos modernos levam á conclusão de que, ao passo que a *metrificação quantitativa* foi introduzida em Roma pelos Gregos, o povo romano possuia uma *metrificação syllabica* sua, que se tornou a origem da metrificação dos povos neo-latinos. D'essa metrificação syllabica do povo romano restam-nos ainda alguns documentos. — O verso dos nossos romances é em geral o de sete syllabas, mas tambem apparece o de cinco. A rima, cuja origem se pode tambem ir buscar á poesia latina, é ora consoante, ora toante.

Os assumptos differem muito; já acima fallei dos romances historicos; ha-os tambem sacros (tomando como base, por exemplo, a vida de Christo, as biographias dos santos, os milagres, as lendas pias); outros são de aventuras, etc.

J. Leite de Vasconcellos — *Romanceiro portuguez*.

A quem lh'o trouxera aqui?
— Uma laranjeira doce,
Que tenho no meu jardim.
— A laranjeira dôce
E' que não compete a mim.
Quanto dá, real senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
— As telhas do meu telhado,
Que são d'oiro e marfim.
— As telhas do seu telhado
E' que não competem a mim
Quanto dá, real senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
— Dou-lhe tres moinhos que tenho,
Todos tres são para si.
— Os tres moinhos que tem
E' que não competem a mim.
Quanto dá, minha senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
— Dou lhe tres filhas que tenho,
Todas tres lh'as quero dar,
A mais linda d'ellas todas
Para comsigo casar.
— As filhas que a senhora tem
E' que não competem a mim.
Quanto dá, real senhora,
A quem lh'o trouxera aqui?
— Não tenho mais que lhe dar,
Nem vossê que me pedir.
— Inda tem mais que me dar,
E eu mais que lhe pedir:
O que eu queria de vossê
E' esse corpo gentil.
— Cavalleiro que tal diz
Devia ser amarrado,
A' volta do meu jardim,
Ao rabo do meu cavallo.
— Alembra-te a ti, D. Anna,
Quando eu d'aqui parti.
O annel das sete pedras
Que eu comtigo reparti?
Mostra-me a tua metade,
A minha eil-a aqui.

— Alegrae-vos, minhas filhas,

Abri portas e janellas!
Que ahi vem o vosso pae
Com o annel das sete pedras!

D. Pedro acolheu-o com a maior sympathia, e tirando do dedo um annel riquissimo, presenteiou-o n'uma generosidade de rei.

D. Maria prendou-o egualmente.

Os convidados aproveitaram o lance para repetirem as calorosas saudações do banquete.

Novo trovador adiantou-se e cantou: (1)

Já se lá vai D. Diniz,
Manhanita de Natal;
Vai dar agua ao seu cavallo,
Lá para as ribas do mar.
D. Diniz morre de amores
Pela infantina real.
Assim que El-Rei tal soubera,
O mandára desterrar.
Emquanto o russo bebia,
Elle se poz a cantar.
El-Rei, que estava dormindo,
Acordou ao seu cantar;
Vai-se ter com sua filha,
A linda Infanta real:
— Anda cá, ó minha filha,
Ouvir um dôce cantar,
Que ou é dos anjos do céu,
Ou das sereias do mar.
— Não é, não, senhor meu pae,
E' bem esse outro cantar...
E' D. Diniz com saudades,

(1) «Os romances populares, como são muito antigos, reflectem em si o modo de viver das edades que vão atravessando; assim acham-se n'elles allusões a costumes do passado, a seres mythicos (sereias, fadas, etc.), a prácticas em decadencia hoje (ex.: choradeiras), a actos da vida quotidiana, etc., etc.

Bastava isto para nos fazer olhar para elles com attenção.

Nas epochas em que as communicações não eram tão faceis como agora em que ha o jornal, que de um momento para o outro estabelece relações entre o mundo todo, e em que ha o livro, tão accessivel ás multidões, comprehende se que o romance, pelo seu caracter narrativo, e pelo seu destino, — ser cantado de terra em terra, — desempenhasse um grande papel de propaganda; é por isso que n'elle se vêem representados (como eu já disse acima) os acontecimentos de vulto, as tradições. etc.»

Idem.

Que se está a delatar!
E' D. Diniz, D. Diniz,
Que de amor me vem falar.
—Se é D. Diniz minha filha,
Eu o mando já matar;
E' bem que pague co'a vida
Desterrado que tal faz.
—Na fogueira, que elle arder.
Me quero eu logo queimar;
E na cova em que o metter
Tambem me quero interrar.
Todos os sinos dobravam,
D. Diniz era a queimar;
Mal que a Infanta ouvira os sinos,
Se deixa logo finar.
Mortos que eram os amantes.
Já os lá vão a interrar,
Elle no meio da egreja,
Ella no meio do altar.
Tres dias eram passados...
Na egreja o mesmo cantar,
O cantar que El-Rei ouvira
Lá para as ribas do mar!
Passados outros tres dias,
Então é que era pasmar:
Da campa da linda Infanta
Nasce um formoso rosal;
Da campa do cavalleiro,
Um viçoso cannavial:
E as cannas tanto cresceram
Que em arco se iam cruzar.
Manda El-Rei cortar as cannas,
Mais as rosas do altar;
Da Infanta nasce uma pomba,
D'elle um gavião real;
Mas El-Rei, de inraivecido,
Laços lhe mandou armar.
Voavam azas com azas
Para no ar se abraçar;
Voavam bico com bico,
Para no ar se beijar;
E tanto, tanto voaram,
Que ao céu foram a parar. (1)

Idem.

Mas a meio do sarau D. João Affonso retirára-se incommodado, do vasto salão.

Chamado o physico o senhor de Albuquerque peorou depois de tomar um remedio preparado por elle.

Era um veneno.

Pedro Cruel comprara-o para se livrar do seu inimigo pela forma mais segura.

Colhidos de surpreza, ao receberem tal nova, D. Pedro e D. Maria ficaram desorientados.

Correram para junto do leito do seu dedicado amigo, a disputal-o á morte que o ameaçava.

Mas todos os cuidados foram baldados.

E o senhor de Albuquerque morreu entre dôres horriveis, pedindo aos seus que o não sepultassem sem que o vingassem primeiro, estrondosamente, como deviam (1).

Louca de dôr, vendo perdido o maior amigo que lhe restava, sentindo quanto aquella perda fazia perigar os seus projectos, a rainha resolveu regressar a Portugal, a pedir justiça contra o novo crime do filho, que a feria tão profundamente.

Confiava na amisade de Affonso IV ao senhor de Albuquerque, tão dedicado ao Portugal.

D. Pedro decidiu ir reunir-se a D. Fernando de Castro, que, segun do se dizia no castello, vinha descendo lentamente ao longo da fronteira portugueza, para nas alturas da Guarda entrar no reino, auxiliado por fr. Gil Cabral, a receber os vassallos de D. Pedro, que deviam partir de Coimbra, os dos seus amigos, e a gente dos coutos de Alcobaça, promettida pelo abbade.

N'essa mesma noite partiram, cada um ao seu destino, ficando de se corresponder.

D. Pedro escreveria á irmã para Albuquerque, e pediu-lhe que mandasse qualquer noticia para a Guarda.

---

(1) «N'isto adoeceu D. João Affonso de Albuquerque, e el-rei mandou encobertamente tratar com o physico, que pensava d'elle, que lhe faria mercês e que lhe désse com que morresse; e elle fel-o assim, segundo depois foi sabido; e os vassallos de D. João Affonso prometteram de não enterrar o seu corpo até que esta demanda fosse acabada, e elle assim o mandou em seu testamento. E quando aquelles senhores ordenavam conselho sobre aquillo que lhes convinha fazer, julgava em logar de D. João Affonso, Ruy Dias Cabeça de Vacca, que fôra seu mordomo-mór.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XVII.

«... n'ella morreu D. João Affonso de Albuquerque com hervas que lhe deu em um xarope um medico romano que o curava, chamado Paulo, induzido pelos contrarios com grandes promessas a que o fizésse...»

Historia de España, pelo padre Juan de Mariana, pag. 491.

Ahi, onde primeiro se dirigia, fr. Gil Cabral o informaria a respeito de D. Fernando de Castro, e ácerca de Ignez.

D'ahi pensava mesmo correr a Coimbra a matar saudades se não prejudicasse o plano que tinha em vista.

No dia seguinte recebeu-se noticia no castello de que homens d'armas do rei andavam incendiando propriedades dos vassallos do senhor de Albuquerque.

Os seus cavalleiros, fieis á promessa feita junto ao leito do moribundo, cozeram-o no grande caldeiro em que se fazia o comer de toda a guarnição, lavaram-o, perfumaram-o, vestiram-o, e metteram-o n'um riquissimo caixão que d'ahi em deante os devia acompanhar a todos os combates.

Sahiram da praça com elle, em som de guerra.

No ponto indicado encontraram o inimigo que fazia as maiores devastações.

Então romperam, em nome do seu senhor, as hostilidades contra Pedro Cruel emquanto o cadaver de D. João Affonso de Albuquerque assistia no athaude.

Assistia no athaude

CAPITULO CLXXXV

A filha!

O ultimo dos emissarios enviado a Castella voltou por fim a Portugal.

Era Gil Vasques.

No momento em que os tocadores attrahiam as attenções para a fachada, entrava com o bando que fôra contractar.

Escadas trazidas da feira, encostadas ao muro da cerca, facilitaram a escalada.

Acharam-se dentro do recinto murado.

O cavalleiro approximou-se cautellosamente da porta por onde a creada o introduzira.

Estava fechada.

Escutou cheio de anciedade.

Não se ouvia o menor rumor.

Todas as monjas se entretinham com a serenata.

Sorriu satisfeito.

O seu plano dava resultado.

Dispoz os homens occultos com as arvores para que Mecia ao sahir não tivesse receio.

Instruiu-os no que tinham a fazer.

Mal assomasse um vulto de mulher deviam cahir sobre ella, amordaçal-a e atar-lhe os braços por fórma a impedir-lhe os movimentos.

Elle bem sabia que se Mecia chegasse a vel o, gritaria desesperadamente por soccorro.

Tinha de proceder por surpreza.

Depois de assegurar-se que tudo estava a postos, foi até ao muro verificar as escadas que teria de transpor com ella.

E tinha inveja dos que entravam nos mosteiros muito á vontade, pela calada da noite, a passarem bellas horas com as amantes, e dos frades que se divertiam lá por dentro, a titulo de confessores. (1)

Em lubricos projectos, antegosando o prazer de dispor emfim da formosa mulher que ha tanto perseguia, recommendou aos sicarios as maiores precauções.

Não a deviam magoar.

Era preciso evitar que lhe ferissem a pelle as cordas necessarias para a subjugar.

Acima de tudo preoccupava-o a mordaça.

Mandára fazer uma de seda, para não contundir essa bôcca que havia depois inundar de beijos.

Como um entendedor queria preparar da melhor forma o excellente prato que devia satisfazer-lhe o voraz appetite.

Voltou para junto da porta.

Tornou a escutar de encontro á fechadura.

Ouviu passos.

---

(1) «R. Padre Vigario do nosso Mosteiro de Nossa Senho a da Saudação de Montemór-Novo.

Ao nosso Mosteiro das Religiozas dessa villa ha de ir o P. Fr. Francisco de Santa Anna Ramalho, morador no nosso Convento de S. Domingos de Elvas prégar dois sermoens no dia da Senhora Santa Anna, para o que lhe concedi licença que não concederia, se ao tempo soubesse as habilidades do dito Padre.

Assim, que elle ahi chegar V. P. lhe intimará da minha parte, que por nenhum modo vá ao dito Mosteiro, mais que duas vezes que for prégar os seus sermoens, sem falar a Religiosa alguma do dito Mosteiro, tudo na fórma que ordeno á R. M. Prioressa: E que logo no outro dia depois de prégar se recolha ao seu Convento de Elvas, não se demorando n'essa Vigaria, nem no Convento dos nossos Religiosos, nem em outra qualquer parte, debaixo da pena de se proceder contra elle severamente; e tambem contra V. P., se não executar o que acima ordeno.

Tambem advertirá V. P. da minha parte ao P. Fr. Dionizio da Conceição Monteiro, Procurador das ditas Religiozas que por nenhum modo vá ao dito Mosteiro falar ás Religiozas em grades, ou outras quaesquer partes, exceptuando com a R. M. Prioressa n'aquelles negocios pertencentes ao seu officio: E se alguns d'elles dependerem de falar com outras Religiosas; tão sómente falará com ellas na presença da mesma R. M. Prioressa, tudo debaixo da mesma pena dominada, tanto para o dito P. Procurador, como para V. P.: E como sobre isto dou pozitivas ordens á dita R. M. Prioressa; falará V. P. com ella e se unirão ambos a desterrar os gravissimos escandalos, que ha sobre as referidas materias, de que me chegaram graves queixas; aos quaes se continuarem, em tal caso, os farei cessar com os mais sevéros, e prompros castigos.

Correspondencia de fr. João de Mansilha, visitador dos conventos da ordem de S. Domingos.

Seria ella?

Mecia e a amiga avançavam cautellosamente,
A ideia de que D. Alvaro a esperava, encheu-a de jubilo.
Queria correr para junto d'elle.
Aguardava anciosamente o momento de lhe cahir nos braços.
Mas ao mesmo tempo o receio de vêr mais uma vez mal succedidos os seus esforços fazia-a recuar.
A noviça que se lhe affeiçoára avançava com mais decisão.
Ninguem a esperava.
Acabára o idilio em que depositava todas as esperanças.
Mas lá fóra tudo era preferivel ao horrôr da vida conventual (1).
Ambicionava o momento de se vêr no exterior, livre de todo.
Foram deslisando, cosidas á parede, tomando precauções.
Chegaram emfim junto da porta.
Estava trancada.
Seguravam-a multiplos ferrolhos.
O ruido de os correr podia servir de alarme.
Que haviam de fazer?
Estavam ante ella, olhando-a desanimadas.

---

(1) «R. Padre Prezd.º Prior do nosso Convento de S. Domingos da Batalha. Logo que V. Paternidade receber esta minha carta, mandará vir para este nosso Convento de Lisboa, ao Irmão converso Fr. Antonio de Alpedriz, ordenando-lhe se não demore pelo caminho.

Para esse Convento mandei assignado ao R. Padre Fr. Joaquim de N. Snr.ª V. Paternidade o não deixará ir a Convento de Freiras, por modo algum, nem das nossas de Leiria, nem de outras quaesquer Ordens Religiosas; debaixo da pena, que constando-me o contrario, assim V. Paternidade como o dito Padre, serão severamente castigados.

Aos outros Religiosos seus subditos, prohibirá tambem V. Paternidade as jornadas aos referidos Conventos das Religiosas; do que tem resultado tantas desordens, e escandalos.

Tão sómente permittirá V. Paternidade, que para as confissões, e mais actos precisos, vão os seus subditos ao nosso Convento das Religiosas da cidade de Leiria; não consentindo, que lá se demorem mais, que o tempo necessario para satisfazerem as suas obrigações; e procurando mandar sómente aquelles Religiosos, que tiverem melhor capacidade, conjuncta com modestia grave e compostura devida.

Tudo o que a V. Paternidade deixo ordenado, deve V. Paternidade consideral-o muito seriamente, e com a certeza, de que executando-se o contrario, e chegando-me á noticia, não ficarão impunidas as transgressões, como atè agora se praticava por infelicidade nossa. Finalmente, não deixará V. Paternidade divagar os seus subditos por esses territorios, coartando as licenças a todos, á excepção d'aquelles, que lhe representarem causas verdadeiras, licitas e honestas: E fará logo recolher todos, os que andarem por fóra, ainda que seja com o titulo de doentes; e no caso de lhe nao obedecerem promptamente me dará avizo, para que eu lhe determine o que deve obrar.»

dem.

Atravez das tabuas Gil Vasques escutava radiante a sua approximação.

Depois de alguns momentos de anciedade resolveram dividir o trabalho.

Mecia iria até ao angulo do corredor, vigiar que não se approximasse alguem.

A amiga, mais experiente, iria descerrando a ferragem.

O menor rumôr fazia-a suspender, o olhar desvairado, a respiração offegante.

Ao fim de algum tempo oscillou o pesado madeiramento.

Entreabriu gradualmente a porta.

Olhou para o exterior.

Ninguem!

Por traz das arvores, Gil Vasques e os seus homens observavam embuscados.

A noviça fez signal a Mecia.

«Podes vir.»

Adiantaram-se, de mãos dadas.

O escuro da noite intimidava-as.

O denso das arvores causava-lhes um vago terrôr.

No exterior do mosteiro continuava o estridente côro dos cantores.

Mecia adiantou-se na cêrca.

A amiga ficou no corredor, escutando ainda.

Então o bando de sicarios sahindo ao mesmo tempo de traz das arvores, atirou-se á donzella, subjugando-a como fôra combinado.

Nem teve tempo de soltar um grito.

Mas a noviça, ao vêr o inesperado desenlace, bradou por soccorro, em altas vozes desesperadas.

Não contavam com isso.

Alarmados os malfeitores abandonaram a presa e deitaram a fugir desordenadamente.

Gil Vasques tomou Mecia nos braços, e correu para o muro.

Mas os seus haviam já trepado, e passado as escadas para o lado opposto, afim de se porem a salvo.

Ficou como louco.

«Que havia de fazer?»

Do interior do mosteiro chegavam as freiras com lanternas.

E os parentes das freiras, que acompanhavam a serenata, offereceram-se para bater a cerca.

O alcaide, acompanhado pelos aguazis tomou todas as portas.

D'ahi a pouco era encontrado Gil Vasques, escondido n'uma gruta de buxos, sem largar a donzella que se debatia inutilmente.

Tiraram-lh'a, quizeram matal-o, mas elle, puchando triumphante a ordem do rei, sahiu de cabeça erguida, levando comsigo o alcaide, para o defender.

E assim, mais uma vez exauthorado, voltava cheio de odios a Portugal.

Affonso IV perguntou-lhe novas dos insurrectos.

Elle despeitado contra Mecia, contra o seu rival, fez mais uma vez a accusação dos Castros, e aconselhou o rei a que os mandasse aniquilar.

O rei ouvia as intrigas de Pero Coelho e de Gil Vasques, quando a rainha D. Maria entrou desgrenhada, offegante.

Affonso IV ergueu-se n'um sorriso mau.

Fez um signal aos dois para que se retirassem e dirigiu-se á filha:

— Já desististe de me desthronar?

— Senhor! Quem tal vos disse mentiu infamemente.

— Está bem — respondeu friamente o rei.

«Mas porque voltas aqui?»

— Venho pedir providencias, senhor.

«Meu filho, vosso neto, acaba de envenenar D. João Affonso, um vassallo vosso.»

— Envenenou-o? — perguntou o rei olhando-a fixamente.

E proseguiu em voz surda:

«Evitou sangue. Foi talvez melhor.»

Depois voltou-se para ella:

— Tu e teu irmão perderam a qualidade de meus filhos desde que partiram d'aqui em som de guerra.

«São dois inimigos!»

«Vieste entregar-te á minha punição!»

— E' horrivel o que dizeis, meu pae!

D. Maria lançou-se após elle, desvairada.

Mas o rei sahira sem a ouvir.

D'ali a pouco entrou um creado e offereceu á rainha uma taça de vinho e uma escudella de fruta.

A rainha não se alimentava desde a vespera.

Comeu soffregamente, bebeu todo o contheudo do vaso de oiro e sentou-se, desfallecida, a vêr se reunia algumas forças para voltar a falar ao pae.

Mas começou tudo a andar-lhe á roda.

Opprimia-a uma angustia indizivel.

Um ardor de fogo requeimava-a por dentro.

Ergueu-se aterrada.

«Estaria envenenada como o senhor de Albuquerque?»

Deu alguns passos em direcção á porta, mas cahiu desamparada.

Então o creado, que a vigiava a occultas, entrou com uma pesada tapeçaria, e deitou lhe por cima, cobrindo-a inteiramente.

Voltou para o seu posto de observação.

A massa informe agitou-se ainda por algum tempo.

Quando a viu socegar de todo, approximou-se, ergueu uma ponta e contemplou o rosto congestionado, a bôcca espumante da infeliz.

D. Maria estava morta. (1)

Tornou a cobril-a, saiu e voltou com o rei, que vinha acompanhado de Pero Coelho e de Gil Vasques.

Affonso IV mandou a descobrir, lançou-lhe um olhor de rancôr, e voltando-se para os dois cavalleiros:

— Agora a outra!

FIM DO TERCEIRO VOLUME

---

(1) «Como tratasse amores com D. Martim Tello, cavalleiro portuguez, foi morta com hervas por mandado do rei de Portugal...

Alguns afirmam que a mandou matar seu pae, el-rei D. Affonso IV...»

Historia de Hespanha pelo padre Juan de Mariana, p. 493.

«e segundo foi fama, disseram que o rei D. Affonso de Portugal, pae d'ella, lhe fizera dar hervas com que morresse, por quanto o desgostava a fama que ouvia d'ella.»

Ayalla, *Chronica de D. Pedro*, anno VIII, cap. II.

IGNEZ DE CASTRO

Indice dos capitulos

SEGUNDA PARTE

Os amores de Ignez

Indice das gravuras

ROMANCE HISTORICO
IGNEZ DE CASTRO

IGNEZ

DE

CASTRO

ROMANCE HISTORICO

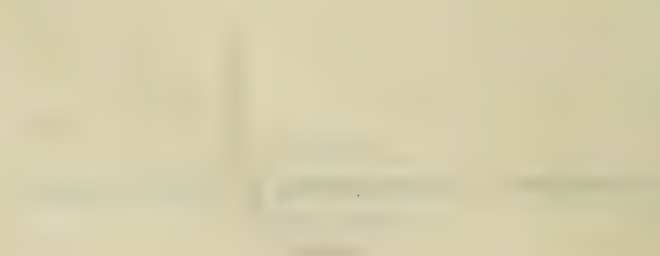
ORIGINAL DE

Faustino da Fonseca

ILLUSTRAÇÕES DE

Bemvindo Ceia e V. da Fonseca

VOLUME IV

LISBOA
TYPOGRAPHIA LUSITANA-EDITORA DE ARTHUR BRANDÃO
7 — Rua Ivens — 9
1902

TERCEIRA PARTE

Vingança

CAPITULO I

O crime

«TORNÁRA-SE Ignez o pesadello da sua vida inteira!»

Affonso IV, pensando assim, esperava os conselheiros que mandára á pressa convocar.

Chegára ha pouco a Montemor.

Resoava pelo velho castello o estridor das armaduras, o ruido dos homens d'armas.

Relinchavam cavallos, ouviam-se galopes desenfreados, approximando-se uns, perdendo-se outros muito ao longe.

Viera do Alemtejo com a rainha, a corte e a sua hoste.

Precisava estar perto de Coimbra.

A cavalgata galgára presurosa a distancia, mas sem satisfazer a anciedade do rei.

E na obsessão de um firme plano, repetia a Diogo Lopes:

— Ignez de Castro foi a desgraça de todos nós!

Pacheco fez um signal de assentimento.

— Tu mesmo o disseste muita vez — insistiu Affonso IV, na avidez de confirmações á sua oppinião.

— Conheci primeiro que ninguem o perigo! — concordou o outro surdamente.

Dominava-os visivel mal estar.

Não se sentiam á vontade.

O rei queria encher-se de razões que lhe dessem mais fortemente a consciencia de que ia proceder bem.

Como que desejava repartir por muitos a impressão que parecia asphyxial-o.

Diogo Lopes sentia precipitar os acontecimentos.

Procurava eximir-se a violentas responsabilidades.

Mandára prevenir D. Pedro das sombrias intenções do pae.

Affonso IV só lhe arrancava meias palavras.

— Tornou meu filho o meu maior inimigo! (1) — exclamou depois de uma longa pausa.

Olhou Pacheco a provocar resposta.

Mas elle curvou-se para a meza, como se o absorvesse a leitura de um pergaminho.

O rei sentiu-se desanimar.

Recostou-se na hirta cadeira gothica, atulhada de macios coxins.

Houve um silencio.

Impacientava-o a demora.

Voltava-se inquieto passeando um olhar investigador desde Diogo Lopes, sempre absorvido na leitura, até á figura esguia do pagem que destacava ao fundo, na tapeçaria.

— Já chegaram? — perguntou-lhe.

Elle ergueu o reposteiro que ficou a ondear, e desappareceu na antecamara, de onde passou um surdo rumôr.

Voltou o pagem deslisando como uma sombra, os grandes bicos dos pés abafados na felpa dos tapetes.

Não ficou satisfeito o rei.

Ainda não tinham vindo.

---

(1) «Certo é que vivendo el-rei D. Affonso, padre d'este rei D. Pedro, sendo o infante casado com D. Constança, foi trazida á côrte d'el-rei D. Ignez de Castro, sobrinha de D. Tereza d'Albuquerque, para andar por dama da rainha, e andando assim em casa d'el-rei, sendo ella de bom parecer, namorou-se d'ella o infante D. Pedro, e por novos geitos com que com ella começou de ter, o entendeu el-rei seu padre, e além d'elle ser mui cioso, como já ouvirieis contar, desprougue-lhe de taes amores, assim por D. Constança a que queria grande bem, como por D. João Manoel, com quem havia grande liança, e ordenou logo de a mandar para a sua terra.

E estando assim com ella, aconteceu de morrer D. Constança, e não esquecendo ao infante a bem querença atraz passada, mandou seus recados á tia e á sobrinha, de guisa que a houve, da qual guisa muito desprougue a el-rei seu padre, maiormente porque alguns diziam que era sua mulher, trazendo-a assim o infante comsigo, havendo seus filhos.»

. . . .

«Mas um homem que tanto nojo fez a seu padre, tomando tal mulher contra seu tolante, e além d'isto tamanho desvario como elle houve por sua tomada...»

Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. João*, parte I, cap. CLXXXVII.

O rapaz tornou para o seu posto.

Affonso IV voltou-se para Diogo Lopes.

— Fui fraco, fui indeciso!

«Devia ter procedido com energia quando elle me desobedeceu.»

E como Pacheco se mantivesse silencioso:

— Não foi o que tu me aconselhaste?

— Assim é, senhor.

«Achei melhor que procedesseis emquanto era occasião.»

Tornou a curvar se para os diplomas que trazia á assignatura do monarcha.

— Então porque já não é tempo agora?

— Não voltará o reino á antiga paz.

— Hei de eu impol-a, á força.

— Tereis de luctar, de punir.

«Castigareis, correrá sangue, exactamente o que pretendeis evitar.»

— Receias?

— Coisa alguma, senhor.

— Tens medo de meu filho?

— Que poderei temer ao vosso lado?

Tornou a fazer-se um silencio difficil.

Pela mente de Affonso IV, começou a passar tudo o que se relacionava com a ideia que o absorvia.

«Via Ignez de Castro ao chegar á corte, radiante de mocidade, triumphante na belleza esculptural do talhe, no reflexo de oiro dos cabellos, no verde liquido dos olhos, suaves como um trecho de rio correndo brandamente sob a folhagem.»

«... deixadas as razões, que ahi havia para se el-rei lembrar bem quando fôra, assim como a tomada de Dona Ignez e o grande desvairo que por tal azo houve com seu padre, dês ahi o grande tempo que tardou antes que o fizesse, e a gram deliberação com que se moveu a o fazer e o segredo em que o poz. .»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XXIX.
Declaração de D. João Affonso, conde de Barcelos, em Coimbra, 18 de Junho de 1360:

«E disse o dito senhor conde que por que os ditos recebimentos e casamento não foram exemplados nem claramente sabidos comualmente a todos os do senhorio de Portugal em vida do dicto senhor rei D. Affonso por receio e temor que o dicto seu filho d'elle havia, casando assim sem seu mandado e consentimento »

D. Pedro declara em Cantanhede, a 12 de Junho de 1360:

«E disse o dicto senhor Rey que por que os dictos recebimentos e casamento não foram exemplados nem claramente tão sabidos por o seu senhorio em vida do dicto seu padre por receio e temor que d'elle havia.»

Ayres de Sá, *Gonçalo Velho*, V. 1.º, p. 76 e 78.
«... seus irmãos D. Fernando de Castro, e D. Alvaro Pires de Castro, que

«Punha na sombra a pallida Constança e perdia de amores, e atiçava em desejos os galãs»

«Pedro não fora superior á geral impressão.»

«A rainha dizia, defendendo-o, que quizera luctar, mas que ella o dominára resistindo-lhe prendendo-o na casta ingenuidade do seu olhar.»

«E Pedro confessara-lhe, envergonhado, que a tristeza da esposa entenebrecia-lhe a vida, e que ao ver Ignez era como se rompesse a madrugada, annunciando um provir radiante, a nova existencia que entrevia.»

«O filho estivera a ponto de fazer loucuras!»

«D'essa vez podera conjurar o mal— pensava Affonso IV recordando a sua intervenção»

«Fez sahir de Portugal essa mulher que a todos perturbára, e julgou que na ausencia fosse apagando-se a profunda impressão que causára no infante.»

Ao chegar a esse ponto da evocação em que o lançára a sua ideia dominante, Affonso IV estremecia.

«Começára então o filho a desobedecer-lhe!»

Passava-lhe pelos olhos uma nuvem de sangue.

«Julgára tudo acabado e correspondiam-se em segredo, e quando Constança faleceu lançaram-se nos braços um do outro.»

«Ordenou-lhe que a abandonasse e não acedeu.»

«Era uma desobediencia manifesta!»

«Mas fez mais!»

«Desattendeu os seus emmissarios, offendeu o infante D. João Manoel, andou occulto de castello em castello e como se tudo isto fosse pouco attreveu-se a recebel-a por mulher!»

Aqui o seu desespero subia de ponto.

Tinha-lhe ao mesmo tempo odio e receio.

---

eram em Castella grandes senhores, e assim por respeito d'ella começavam a ter muita parte em Portugal, e houvesse d'ellas por isso grande receio á vida, e successão do infante D. Fernando filho primogenito e herdeiro que era do infante D. Pedro, que alguma maneira podiam ordenar sua morte por tal que cada um dos outros filhos de D. Ignez por morte do dito infante D. Fernando seu irmão podesse succeder os reinos de Portugal e dos Algarves, e consultava-se que para este grande inconveniente cessar não havia outro melhor remedio, salvo que apertassem com o dito infante que cazasse, porque era então de trinta e quatro annos, como disse, e não tivesse no reino D. Ignez de Castro, e quando isto por seu bem, e honra não quizesse fazer que el-rei para segurança da vida de seu neto o infante D. Fernando, e por socego e conservação dos seus reinos, e das cousas de sua corôa que por respeito da dita D. Ignez se poderiam enlear a mandasse matar por tal, que a hora da morte de el-rei D. Affonso que não podia muito tardar pois era já mui velho a não deixasse no reino viva, e seu filho o infante D. Pedro não ficasse em seu poder d'ella...»

Ruy de Pina, *Chronica de Affonso IV*, cap. LXIV.

O proceder do filho attingia aos seus olhos ora o aggravo de uma rebellião, ora o tragico de um remorso.

«Rebellara-se contra o pae — pensava Affonso IV estremecendo — amargára-lhes os dias da velhice, pegára em armas, rudemente, buscando destronal o por causa dos irmãos, desattendera intimações, conselhos, pedidos, e puzera a ferro e fogo os que se mantinham fieis ao seu progenitôr.»

«Seria o sangue de D. Diniz a vingar-se por meio do neto?»

Apossava-se d'elle um terror supersticioso.

E pensava applacar a colera divina, que por tão cruel vingança manifestava-se, deixando legados para missas, muitas missas, para efficazes officios por sua alma, em que padres, muitos padres, votados ao serviço do seu sepulcro, fossem todos os dias aspergil-o, alevantando-o ao ceo á força de orações.

Tranquilisava o um pouco a certeza de ficar sepultado na Sé, em capella especial que mandára fazer, onde uma luz perpetuamente accesa acompanhal o-ia, onde a agua benta afugentaria o demonio ávido da sua alma, e o defenderiam da perdição eterna os saccerdotes pagos para cantarem e os velhos e velhas de um asylo instituido para rezarem noite e dia.

Aliviado pela esperança dos suffragios que o seu dinheiro pagaria, teve serenidade para esboçar as razões que lhe assistiam contra o pae, e que justificavam o violento da rebelião.

A condemnação de D. Diniz era ao mesmo tempo a de D. Pedro, que, apeiado do papel de flagello de Deus, ficava reduzido a um cego instrumento de Ignez, dos interesses dos Castros.

Então fortalecia-se no proposito de acabar por uma vez com semelhante situação.

Sentiu-se rumôr fóra.

O pagem annunciou alguns cavalleiros.

O rei mandou-os entrar.

Reuniram-se em torno d'elle Diogo Lopes Pacheco, Gil Vasques, Pero Coelho, Alvaro Gonçalves, Ayres Gomes da Silva, Diogo Gomes d'Abreu e outros. (1)

Suscitou a discussão do procedimento de Ignez e do infante.

Repetiram-se as razões allegadas contra elles.

«Os Castros viriam a predominar em Portugal; D. Fernando, o filho de Constança, ver-se-ia supplantado pelos filhos de Ignez; os soberbos fidalgos da Galliza não recuariam perante a morte do pequenino infante que devia herdar a corôa.»

---

(1) Nomes que depois especialisa a vingança de D. Pedro, como cumplices do rei nos acontecimentos que seguiram.

«Se el-rei morressse deixando-os triumphar, ai dos que tinham combatido a sua influencia.»

«A guerra civil, as sangrentas vindictas seguir-se-iam á era de paz tão sabiamente mantida por elle!»

Pintava-se em negras côres a desobediencia de D. Pedro, ligando se a Ignez Castro contra vontade do pae, despresando os seus pedidos, affrontando a sua colera, chegando a recebel-a por mulher, preparando-se para depois da sua morte celebrar pomposamente as bodas.

«Depois de morto rir-se-iam das prohibições — pensava Affonso IV.»

E desesperava-o a fragilidade da sua obra, o limitado da sua acção, a inutilidade do seu omnipotente poder que desceria com elle ao tumulo.

«Ah! mas havia de impedil-os de esperarem a sua agonia como uma libertação!»

«Prohibira ao filho que se ligasse a Ignez!»

«Havia de sellar essa ordem com sangue!»

Ergueu-se com decisão;

— Ao que me dizeis estaes convencidos de que essa desobediencia tem o caracter de uma rebellião?

— Sim! — responderam algumas vozes.

— Ha então uma sentença a executar!

E voltando-se para o meirinho mór:

— Vamos!

CAPITULO II

A execução

O vêl-os partir sombrios, rancorosos, D. Beatriz comprehendeu tudo.

Quebrada a resistencia que oppuzera, vendo sem resultados os seus esforços, as eloquentes defezas do seu amor de mãe, ficou chorando pela desgraça que se precipitava.

«Uma onda de sangue envolvia a sua raça, afogára a filha, innundava as mãos do neto, e agora ia cobrir o marido, em que tantos annos de paz não haviam podido atenuar a cruel ira em que matára o irmão!»

E lamentava a terrivel catastrophe que despedaçava todos os seus.

Já não se avistava a regia comitiva.

Um vento cortante arrastava farrapos de nuvens.

A chuva batia nos vitraes.

As arvores seccas, torcidas, agitavam-se n'um ar de afflicção, n'uma paisagem de morte.

Elles galopavam silenciosos, agitando no ar o bico dos capuzes, cravando os acicates nos ilhaes, tenindo as armas que levavam como para uma rude façanha.

Avistaram Coimbra, e a cumplicidade que os ligava tornou-os ainda mais apprehensivos.

Ao chegarem perto adiantou-se o meirinho-mór, com os seus e foi cercar o paço e o convento de Santa Clara. (1)

Quando se ouviu o estrepido da hoste já ninguem podia fugir.

Apeiaram-se.

Affonso IV entrou acompanhado por Diogo Lopes, Gil Vasques e Pero Coelho.

Os outros ficaram em baixo tomando as entradas.

Apesar das informações o darem muito longe, o infante era ainda para receiar.

D'alí a pouco Alvaro Gonçalves, meirinho-mór, acompanhado dos executores trouxe Ignez de Castro á presença do rei.

— Senhor! Senhor! O que fiz eu!

E caiu de joelhos a pedir misericordia.

— Poupae-me, por amor de vosso filho, pelo futuro dos vossos netos!

«Deixae-me viver para elle, para o amor d'elles!»

«Não me mateis, não me mateis!»

---

(1) Dizem as ordenações do reino (vol. 1.º p. 346) que ao officio de meirinho mór pertence «prender pessoas de estado, e grandes fidalgos, e senhores de terras, e taes, que outras justiças os não possam bem guardar; e assim levantar as forças, que pelas taes pessoas sejam feitas, quando por nós lhe fôr mandado.»

«E falando a verdade, Alvaro Gonçalves e Pero Coelho eram n'isto assaz de culpados, mas Diogo Lopes, não, porque muitas vezes mandara perceber o infante por Gonçalo Vasques, seu privado, que guardasse aquella mulher da sanha d'el-rei seu padre.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XXX.

Diogo Lopes Pacheco regeita por diversas vezes, como veremos no decurso d'esta obra, a responsabilidade na morte de Ignez de Castro.

As referencias que Fernão Lopes faz á sua innocencia, nas chronicas de D. Pedro, de D. Fernando e D. João I, podiam ser consideradas suspeitas, mercê do papel predominante que o ministro de Affonso IV exerceu.

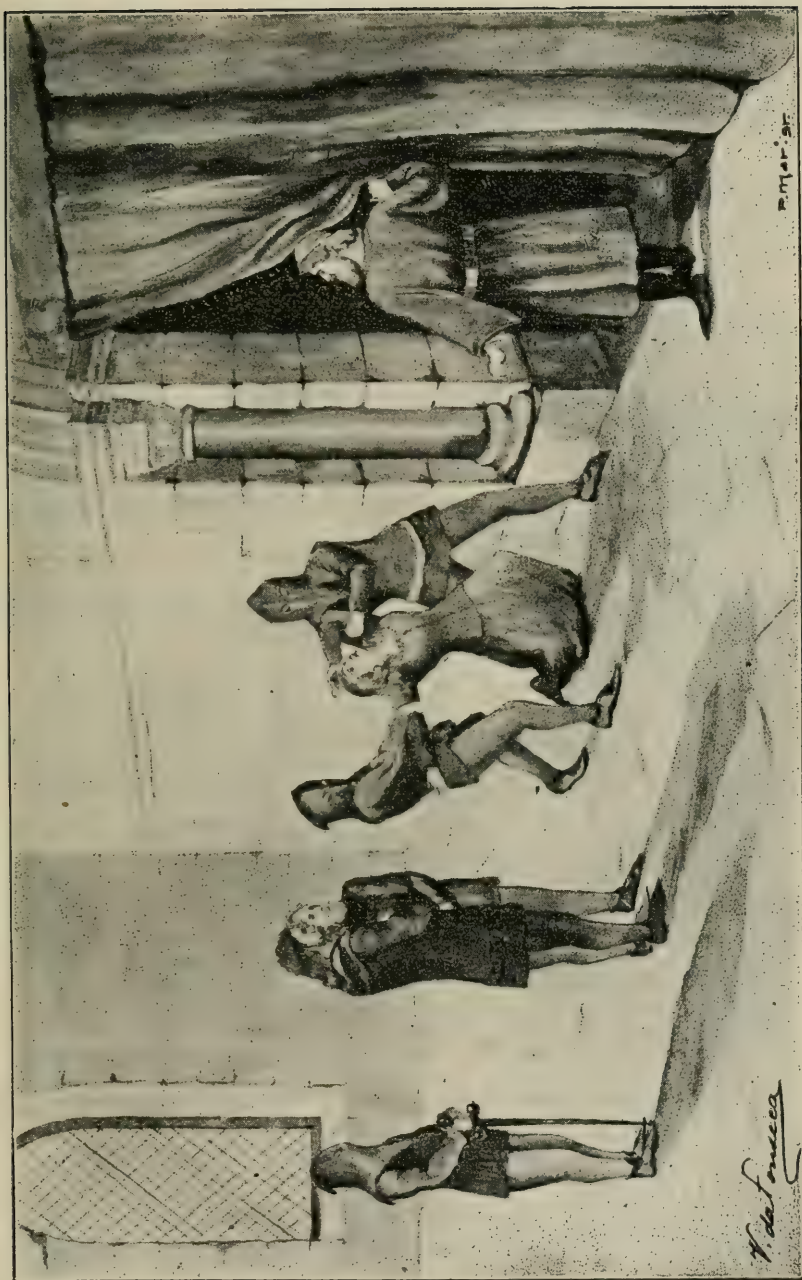
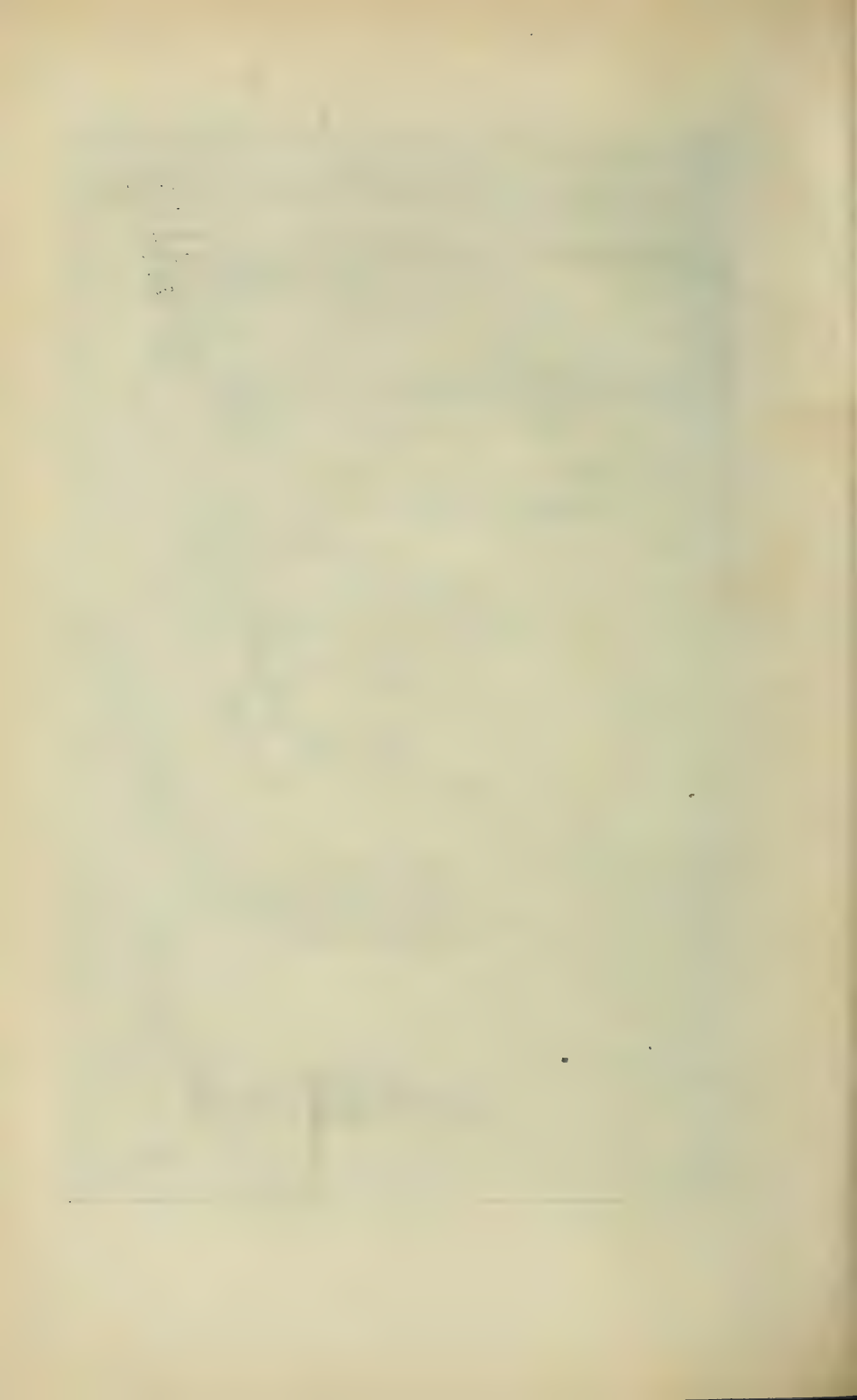
Ha porém irrecusaveis elementos indirectos que confirmam este ponto de vista, como mais adiante citaremos.

Nas trovas que Garcia de Resende fez á morte de Ignez de Castro a responsabilidade é attribuida a dois:

«Dous cavalleiros irosos.»

Eis como os trez poetas mais antigos, que se referem á tragedia, classificam os motivos da morte de Ignez de Castro:

«Triste de mim, innocente!
que por ter muito fervente.
lealdade, fé, amor,
ao principe, meu senhor,
me mataram cruamente!»

Trovas que Garcia de Resende fez á morte de Ignez de Castro, que el-rei D.

Ignez de Castro á presença do rei (12)

Affonso IV mantinha-se imperturbavel.

Ignez de Castro era ali, para o seu criterio o que sempre fôra, a barregã interesseira, intriguista, uma mulher votada ás ambições dos seus, como Maria de Padilla, como Leonôr de Gusmão.

Ouviu-se fóra o choro das creanças, chamando por ella.

Então Ignez ergueu-se e quiz luctar com os verdugos, que forcejavam por lhe atar as mãos.

N'um grito de soccorro, como se podesse ser ouvida, bradou do fundo d'alma:

— Pedro! Pedro!

E como não tivesse echo o seu brado, exclamou n'um grito lancinante:

— Meus filhos! Meus filhos!

Então o rei, dirigindo ao meirinho um gesto imperativo, saiu acompanhado de Diogo Lopes.

Desceu pausadamente.

Affonso IV de Portugal matou em Coimbra.. » *Cancioneiro geral*, V. 3.º p. 616, edição de 1852.

> «Já morreu Dona Ignez, matou-a Amor;
> Amor cruel! se tu tiveras olhos,
> Tambem morreras logo. O' dura morte
> Como ousaste matar aquella vida?»

Castro, tragedia do dr. Antonio Ferreira, acto IV.

> «O caso triste e digno de memoria
> Que do sepulcro os homens desenterra,
> Aconteceu da misera e mesquinha,
> Que depois de ser morta foi rainha.
>
> Tu só, tu, puro Amor, com força crua
> Que os corações humanos tanto obriga,
> Deste causa á molesta morte sua,
> Como se fôra perfida inimiga.»

Camões, *Lusiadas*, canto III, est. CXVIII, CXIX.

E' curioso conhecer a opinião de dois historiadores portuguezes a este respeito:

Disse Alexandre Herculano:

«... seus companheiro no patriotico crime da morte de Ignez.»

Arrhas por foro de Hespanha, p. 61.

Escreveu Oliveira Martins:

Incommodava-o o choro das creanças.
Queria afastar-se para não ouvir.
Montaram sem trocar palavra.
Então resoou um grito lancinante, seguido de um silencio de morte.
Olharam instinctivamente a porta.
Alvaro Gonçalves e Pero Coelho appareceram pallidos, sinistros.
A um signal de anciedade do rei, o meirinho-mór respondeu abaixando a cabeça.

Partiram surdamente, como sentindo horror uns pelos outros, não se attrevendo a encarar-se, em mutua repugnancia, correndo como se D. Pedro fosse após elles, desesperado, bradando vingança.

O Mondego ia cheio, n'um lençol pardacento, arrastando ramos, troncos mortos dos salgueiros, dos choupos, desfolhados, seccos, n'uma tristeza de funeral.
Morrera com Ignez toda a paisagem que fôra o seu encanto. Apenas a fonte dos amores ia mais cheia, como engrossada no caudal das lagrimas, n'um protesto de que a vida proseguia incessante, transmittida já aos loiros filhos, pelo amor que tinham destruido.

«Avistaram-se sobre o Caya com o conde Alvaro Pires de Castro, irmão da amante do infante de Portugal, Ignez de Castro, que a esta intriga deveu a morte.»

Vida de Nun'Alvares, p. 22.

Um e otro esqueceram-se de fundamentar as suas asserções.
A obscuridade em que foi deixado tão dramatico episodio e uma epoca tão notavel a que pertence a batalha do Salado, a tentativa de reunião da corôa de Castella á de Portugal e a accentução do principio de justiça na extraordinaria figura de D. Pedro, é um novo testemunho de que a Historia de Portugal está inteiramente por fazer.
Não comporta mais explicações um romance, genero imposto pelas condicções do meio, genero transitorio entre a historia errada e obscura e a historia a fazer.

CAPITULO III

Ignez! Ignez!

silencio da noite foi cortado por um echo distante, solto como um soluço, penoso como um lamento de saudade.

Repetiu-se ao longe, approximou-se.

D'entre o gemer do vento no arvoredo destacava-se em lugubres accentos, como a penosa marcha de um funeral.

Vinha mais perto.

Percebia-se o tocar das trompas, insistente, cada vez mais forte, a traduzir impetos de anciedade.

Era D. Pedro prevenindo Ignez.

Espicaçando o cavallo fatigado pela longa jornada, corria pensando n'ella, evocando a scena do seu querido lar, Ignez acalentando os filhos, cuidando os berços n'um terno sorriso maternal.

«Teria ouvido o som das trompas?»

Mandava tocar ainda mais alto.

Alvoroçava-o a esperança de que ella, como de outras vezes, viesse carinhosa ao seu encontro, beijal-o nos labios sequiosos, estreitando-o ao alto peito avelludado, deixando cingir, n'um collar de beijos, esse collo de garça que fizera o desespero dos trovadores.

Approximou se n'um galope difficil, tingindo em sangue os ilhaes do corcel.

N'um olhar ancioso investigava o caminho, querendo vêl-a irromper triumphal das negras sombras a que não chegava a luz avermelhada, fumarenta dos brandões.

Não a conseguia descobrir. (1)

Mas como que a via no balcão rendilhado, seguindo de longe os pontos de luz da cavalgada, acompanhando o echo das trombetas de prata, evocando da sombra a sua figura ardente, apaixonada, ávido de amor, sequioso de caricias.

Vinha perto.

Conhecia já a massa negra do convento e do paço.

Nem uma luz cortava a escuridão da fachada.

«Dormiam todos?»

«Não a haviam despertado os gritos estridentes da fanfarra?»

Tornaram a romper os accordes sonoros.

Mas fel-os cessar n'um repente.

«Podia despertar os filhos.»

«Elle mesmo accordaria Ignez.»

Apeou-se.

«Ninguem a pé?»

«Nem um creado ouvira?»

Mas a porta ficára aberta.

Subiu á pressa.

Por toda a parte o mesmo abandono.

Eis os documentos mais antigos que se referem á morte de Ignez:

«Na era de mil trezentos noventa e tres setimo dia de Janeiro, foi degolada D. Ignez por mandado do senhor rei Affonso IV.»

(A era de 1393 corresponde ao anno de 1355.)

Livo de Nôa, de Santa Cruz de Coimbra, publicado a p. 382 1.º V. das Provas da Historia Genealogica da Casa Real por Caetano de Sousa.

«Na era de mil trezentos e noventa e tres (anno de 1355) setimo dia de janeiro, o rei Affonso matou D. Ignez em Coimbra.»

Breve chronica Alcobacense, no *Portugaliæ Monumenta Historica, Scriptores*, vol. I, p. 22.

A responsabilidade directa do rei é accentuada n'esses e n'estes testemunhos:

«... D. Ignez de Castro que matou D. Affonso seu pae...»

Livro das Linhagens, *Portugaliæ Monumenta Historica*, *Scriptores*, vol I, p. 310.

«... da morte de D. Ignez, a razão por que a el-rei Dom Affonso matou...»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXVII.

— Ignez! Ignez!
E tudo continuou silencioso.
Arrancou o archote ás mãos de um pagem.
Correu ao quarto.
«Ninguem!»
Nem ella, nem os filhos.
O leito abandonado, vasios os berços dos seus amores.
— Ignez! Ignez!
Um silencio de morte respondia.
Então avultava o murmurar da fonte correndo lá em baixo no leito das folhas desprendidas.

Precipitou-se pelas escadas, desceu desvairado ao jardim, internou-se nos renques das arvores bradando desesperado por ella.

Os seus choravam, abafando o rosto nos capuzes.

— Para onde a levaram?

«Para onde a levaram?»

Embora prevenido para que a deffendesse, avisado do que se tramava, não podia conceber que lh'a tivessem morto.

Em torno d'elle todos presentiam a extensão da desgraça.

Mas D. Pedro, batendo como louco os arvoredos que os tinham abrigado tanta vez, pensava que lh'a haviam arrebatado.

Procurava-a, buscal-a-ia sempre, instinctivamente, como se a julgasse immortal, á maneira d'essa ideal belleza da mulher, rehabilitada, erguida até á concepção divina, fixada para sempre na curva sensual das ancas, no voluptuoso dos seios erguidos, arredondados, no ondeante do talhe esbelto, caricioso, arrancada ao marmore n'um golpe de genio,

---

«... na morte de Dona Ignez, que el-rei Dom Affonso... mandou matar em Coimbra...»

Idem, cap. XXX.

A versão de que Affonso IV, commovido pela presença dos netos, queria perdoar (?), o que foi impedido pelos conselheiros, é posterior, e certamente inventada, para colorir o episodio, por Ruy de Pina e Garcia de Resende, levados pelo seu palacianismo a desculparem o rei, fazendo pezar o odioso nos ministros.

D. Pedro ignorou sempre os detalhes da estranha tragedia.

«... querendo que lhe confessassem quaes foram na morte de D. Ignez culpados, e que era que seu padre tratava contra elle, quando andavam desavindos por azo na morte d'ella. E nenhum d'elles respondeu a taes perguntas cousa que a el-rei prouvesse.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXXI.

n'uma soberba evocação do amor, alevantada n'um alto symbolismo, co mo a incansavel renovadora da vida, a eterna fonte do prazer.

Emfim uma figura humana destacou-se d'uma massa d'arbustos.

O camponez recuou espavorido ao reconhecel-o.

— Para onde a levaram? — rugiu ainda.

Elle apontou-lhe tremendo o convento de Santa Clara.

CAPITULO IV

Morta!

CORREU á portaria do mosteiro.

Puxou a sineta arrebatado.

Tocou, tocou impaciente, sem dar tempo a responderem.

Bateu com o punho da adaga, imprecou violentamente as freiras.

E como tudo se mantivesse silencioso. ordenou aos seus que arrombassem a porta.

Voou em pedaços adiante dos machados brandidos com vigôr.

As monjas accudiram atterradas, cruz alçada, a abbadessa á frente a pedir-lhe prudencia.

Fez-lhe a pergunta desesperada:

— Ignez! Ignez!

Recuaram ante elle aterrorisadas, a refugiar-se na egreja.

D. Pedro repetiu furioso a mesma pergunta imperiosa.

Uma, mais forte, guiou-o atraz da capella-mór, e levantando o alçapão mostrou-lhe uma escada.

Desceu julgando ainda que a tinham encerrado ali.

Então as freiras ajoelharam a entoar as orações dos mortos.

A luz de uma candeia illuminava o carneiro, cujo tecto se achatava como um caixão.

Sepulchros de pedra occupavam os lados.

Ao fundo, junto á cruz tosca, estendia-se um athaude.

D. Pedro recuou assombrado, e n'um relance comprehendeu tudo.

— Morta! Morta! (1)

Caiu fulminado.

Em cima as freiras entoaram mais alto os responsos, para encobrir-lhe a voz.

Debateu-se no chão, atravessado na estreita escada, sem que os seus podessem descer a accudir.

Em gemidos roucos, estertorosos, levava á garganta as mãos crispadas, estrebuchando, a bocca espumante, os olhos parados, vitreos.

As monjas proseguiam psalmeando em funebres lamentos.

Voltou a si o infante gradualmente.

Ergueu-se a custo, apoiando-se ás paredes.

Esmagou o a vista do athaude, resaltando ao clarão do archote com que um pagem descera.

Dominava-o um frio pavor.

A luz, tremendo, lançava extranhas sombras pelorecinto, punha laivos de sangue no caixão.

Uma derradeira esperança illuminou o cerebro de D. Pedro.

---

(1) O *Livro de Nôa*. a que nos referimos no anterior capitulo, diz que Ignez de Castro foi degolada.

Um romance hespanhol, anonymo, intitulado «*Dona Ines de Castro cuello de Garza, de Portugal*» publicado sob o numero 1301 a paginas 317 do volume do romanceiro geral da *Biblioteca de autores españoles*, está de accordo com a degolação, e não se refere a Diogo Lopes Pacheco.

....

Er ael uno Egas Coelho,
Y Alvar Gonzalez llamaban
Al segundo consejero,
Y el consejo que le daban
Fué que Dona Inez de Castro
Muriese, que era la causa
De las guerras, que su muerte
Era de mucha importancia.
El-Rey replico que no,
Que era tirania ingrata.
Replicar on los traidores
Que perderia su fama,
Y que junto com su vida
Su corona peligraba.
Y en fin, tiranos, aleves,
Tantos riesgos alegaban,
Que bajó desde su trono
El-Rey, dejando firmada
De Dona Ines la sentencia
De que muera degollada.

«Mas seria ella?»
«Não o estariam mystificando horrivelmente?»
«Tel-a-iam levado, como refens, para depois lhe imporem condições?»
Esforçava-se cobardemente por dar corpo a essa hypothese.
«Mas aquelle sarcophago?»
«Outro cadaver talvez...»
Não se atrevia porém a verificar.
Passava as mãos pela fronte banhada em suor.
Collado á parede, encostava-se cada vez mais fortemente.
Olhava em torno.

O pagem assistia silencioso, o facho amparado nas duas mãos, para não cair.

Tomava alento.

«Porque não seria aquella a tumba do convento, um esquife destinado apenas a apavoral-o?»

Fortaleceu-se n'esta convicção, com que buscava illudir-se conscientemente.

Dirigiu-se-lhe em passos mal seguros.

O rezar das freiras arripiava-o.

Os abafados soluços dos seus traziam-lhe a esmagadora noção da verdade.

N'um impeto agarrou-se nervosamente ao caixão, ergueu a tampa, e deixou-a cahir n'um grito de espanto.

Al Principe asseguraron
En la prision de um alcázar,
Y partieron á Coimbra,
Donde Dona Ines estaba.
. . . .
Le leyeron la sentencia
. . . .
Y sentada en una silla
Las manos atras atadas,
Llegó el tirano homicia,
Cubrió su cielo una banda,
Cortó el ingrato cuchillo
Su bellissima garganta.
«. . . . .»

Outro romance hespanhol anonymo, inserto a pag. 220 do mesmo volume e da mesma collecção, sob o numero 1243, intitulado «Romance de Dona Izabel...» mas que se identifica com o assumpto de Ignez de Castro, pormenorisa assim a morte:

«. . . . .»
Todos tres hablando estane
Si era bien hecho ou mal hecho
Esta dama degollare:
. . . .
Tiendenla en un repostero

Vira-a n'um relance.

«Morta! Morta!

Então correu, fugindo d'ella, cheio de horrôr por esse corpo que fôra o alto ideal da sua vida.

Galgou as escadas, precipitou-se para o renque das monjas, para o grupo aterrado dos vassallos.

— Mataram-a!

«Quem foi?»

«Quem é que m'a roubou?»

Olhavam-o com terror, com espanto.

Embranquecera-lhe o cabello, tardava-lhe a voz, cavara-se-lhe o rosto, nos olhos passavam lampejos de loucura.

Ninguem se atrevia a responder-lhe.

Humilhou-se, pediu, supplicou, chorando n'uma crise de fraqueza:

— Digam me, por Deus, quem a matou?

«Como foi? Como foi?»

Repetia brandamente essa pergunta que nunca mais sairia dos sus labios, que nunca veria satisfeita.

Dirigiam-lhe palavras de conforto, aconselhavam-lhe paciencia, conformidade, voltando para o lado os rostos lacrimosos.

Porfim levaram o para fóra suavemente, amparado por debaixo dos braços, cambaleante, gaguejando phrases incomprehensiveis.

Para habelle degollare;
Asi murió esta senhora,
Sin merecer ningum male.»

Ferreira e Camões, comquanto descrevam de outra fórma a scena da morte, ainda reproduzem detalhes da execução.

«Aquella alva garganta
De cristal, ou de prata,
Que sustem a cabeça
Tão alva tão dourada,
Porque cortares a queres
Com golpe tão cruel?»

Castro, tragedia do dr. Antonio Ferreira, acto IV.

«Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei...»

Para a ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos.»

Camões, *Luziadas,* canto III, estancias CXXIV, CXXV.

CAPITULO V

Em revolta

S arvores iam sahindo da sombra do nebuloso crepusculo da manhã.

O frio reanimou-o.

Tornou a si, endireitou-se, olhou em torno, foi tendo a consciencia da situação.

Deixou bruscamente os que o amparavam.

— Comprehendo tudo!

«Foi meu pae, foi meu pae quem a matou!»

«Maldito sejas! maldito sejas!»

«Que as lagrimas d'ella caiam sobre ti, sobre os que te ajudaram a assassinal-a!»

E voltando-se para os seus:

— Quero viver para a vingar, no sangue de meu pae, no sangue de todos os traidores!

«Vingal-a, vingal-a e morrer depois!»

Dirigiu-se ao paço, investigou moveis e aposentos, a vêr se lhe revelavam algum indicio do terrivel drama.

Caiu junto ao leito a soluçar:

— Ah! cobarde, cobarde!

«Temias-te de mim e foi preciso que me visses longe!»

«Mas hei de te matar, como a mataste a ella!»

Cheio de uma forte decisão declarou aos seus :

— Estaes quites de toda a vassallagem, das obrigações que contrahistes para comigo, como eu, desde hoje, quebro todas as que me ligam a el-rei.

«Sois livres!»

«Vou emprehender uma guerra de morte!»

— E nós, senhor? — perguntaram os companheiros.

— Quem quizer que me siga.

— Todos! Todos! — responderam diversas vozes.

—Tambem nos attinge o aggravo que vos feriu!—disse energicamente Nuno Freire.

«Erguei o estandarte e o reino todo será comvosco!»

— Pois bem meus amigos.

«Vamos punir os matadores de Ignez!»

E montando a cavallo rompeu a marcha n'um impeto vigoroso, bradando ferozmente:

— Vingança!

O grito, repetido pelo seu bando, repercutiu como um rugido.

Olhavam-os atterrados os camponezes, fugindo ao precipitado galopar.

E ás grades de Santa Clara as freiras enxugavam lagrimas aos veos.

Aguardava-o a gente disposta a conquistar-lhe a corôa de Castella.

Mas a morte de D. João Affonso de Albuquerque, destruindo a maior força da conspiração, e a morte de D. Maria apavorando os partidarios da influencia portugueza, compromettera o exito da tentativa.

A noticia da morte de Ignez de Castro desanimou os restantes.

Porém D. Fernando de Castro, n'um torvo desespero, enviou as hostes a D. Pedro, e D. Alvaro foi collocar-se ao seu lado para tambem vingar a morte da irmã.

Foi uma lucta desesperada.

Prevenido, o rei tomára precauções, chamando ás armas todos os vassallos, guarnecendo os castellos, provendo-os para os cercos, preparando-se como para uma guerra estrangeira.

E o infante desesperava-se por não ter forças com que poder arrancal-o á selva de lanças que o defendiam, nem apossar-se de um só dos que considerava seus cumplices.

Acautellavam-se todos, abrigando-se á protecção do rei, e rodeando-se tambem de todos os elementos de que podiam dispôr.

De caminho, D. Pedro destruiu Jermello que pertencia a Pero Coelho.

Os bens de Ayres Gomes da Silva e Diogo Gomes de Abreu pagaram tambem a parte que lhes attribuia na tragedia.

O norte era o theatro principal das operações.

Passou o Mondego a juntar-se ás forças dos Castros e de outros fidalgos da Galliza que vinham collaborar no seu desforço.

Os castellos do rei que havia em Traz-os-Montes e no Minho cairam em seu poder.

Precisava porém de uma solida base para fundar o seu predominio.

Dirigiu-se ao Porto para o tomar.

Mas fr. Alvaro Gonçalves Pereira, vendo a fraqueza da muralha e o perigo de rapina e de saque em que ficava a cidade, appellou para as guarnições dos navios surtos no Douro para ajudarem a proteger os interesses de todos.

Nas hostes de D. Pedro reuniam-se aos Castros, e aos seus amigos, dispostos a vingar essa affronta, guerreiros de profissão, malfeitores e gente que andava a monte por diversos crimes, disposta a roubar inteiramente os vencidos.

Os estrangeiros pozeram os seus pendões nos muros e aprestaram-se para os defender.

A gente do infante acampou em frente á cidade nos preparativos do cerco, as torres de madeira que deviam approximar-se das muralhas, lançando pontes para a entrada dos invasores; as balestas e as catapultas destinadas a atirar pedras e virotões para dentro da povoação; os arietes para forçar as portas e o material das minas destinadas a abater os lances de muralhas e abrir as brechas.

Um espião, ao dar os costumados avisos, preveniu D. Alvaro de que se preparava uma sortida, com o fim de inquietal-os, e desarranjar os seus trabalhos.

«Gil Vasques e Pablo commandariam os cavalleiros.»

Então o noivo de Mecia pediu a D. Pedro que lhe confiasse a empreza.

Foi de noite esconder-se com um punhado de homens de armas de confiança, n'um matagal, perto dos muros.

Sairam ao romper da manhã.

Vinham ainda desprevenidos, os bacinetes a tiracolo, em grupos desordenados, por estarem distantes do acampamento.

D. Alvaro destinou aos seus o que deviam fazer e ordenou que lhe deixassem Gil Vasques.

Ao chegarem perto appareceram de surpreza, tomando lhes a frente.

Voltaram costas, para fugir, mas o perseguidor da donzella viu-se defrontado por D. Alvaro.

— Conheces-me?

— Elle! — exclamou atterrado.

— Defende-te, que me vaes pagar tudo!

E dando-lhe tempo a empunhar a lança, atravessou-o com a sua de lado a lado.

Pablo defendia-se, acommettido por outros.

O irmão de Ignez abriu-lhe a cabeça com uma espadeirada, e deu ordem para retirar, antes que saissem reforços a atacal-os.

Partiu a dar contas do que se passára.

A sua gente seguiu-o, arrastando atados ás caudas dos cavallos os dois cadaveres.

D. Pedro, ao reconhecel-os, ficou irritado.

— Roubaste-me a unica alegria que me resta, a vingança! — disse a D. Alvaro.

— Tambem me cabe uma parte n'ella — respondeu o irmão de Ignez.

«Tinha com este uma velha conta!»

«Mas os outros ficam para vós!»

CAPITULO VI

Palavras de paz

QUANDO estava proximo o assalto chegou noticia de que se approximava Affonso IV com um grande exercito fortemente armado, a que não poderiam resistir as improvisadas hostes de D. Pedro.

Retirou para Marco de Canavezes.

O rei entrára em Guimarães.

As vigias do infante annunciaram que se aproximava um pequeno grupo de cavalleiros.

«Seriam propostas de paz?»

— Não quero receber ninguem! — ordenou elle, disposto a proseguir na lucta a todo o custo.

D'ahi a pouco voltaram a noticiar-lhe que o grupo entrára no acampamento.

— Sem minha ordem? — exclamou irritado.

— E' a rainha — respondeu um.

«Quem se atreveria a repelil-a?»

— Ella!

Não teve tempo de raciocinar.

D. Beatriz entrava, por entre alas de cavalleiros que ajoelhavam a beijar-lhe a mão.

A um signal d'elle. todos se retiraram.

Então D. Pedro correu a abraçal-a.
— Ah! minha mãe! minha mãe!
— Pedro! Pedro! O que tens feito! (1)
— E o que me fizeram?
«Não sabe que a mataram, que a roubaram para sempre ao meu amôr?»
«Ignora a cobardia que praticou esse...»
E suspendeu-se.
— Não desconhece, porque o acompanhou!
— Meu filho!
— Em primeiro logar, minha mãe:
«Acha justo o que fizeram?»
— Para que me fazes taes perguntas, se me conheces tão bem?
— Então porque continua a estar ao lado d'esse homem coberto de sangue?
— Para te defender, já que a não pude salvar a ella.
— Defender-me?
«Basto eu para me guardar!»
— Não é assim.
«Venho aqui para te salvar e aos teus.»
— Vem collocar-se do meu lado?

---

(1) «... buscou e procurou logo todas as cousas com que pudesse desservir a el-rei seu padre, e destruir seu reino, e dar mortal castigo aos matadores d'ella, se pudesse, porque com a gente que tinha sua no reino, e com a muita, e mais que houve de seus cunhados D. Fernando e D. Alvaro Pires, e assim de seus parentes, e valias, entraram todos em Portugal, e pelas comarcas de entre o Douro e Minho e Traz-os-Montes e nos logares que eram de el-rei faziam todos os roubos, mortes, males e damnos que podiam...»

Ruy de Pina, *Chronica d'el-rei D. Affonso IV.* cap. LXV.

«... tanta guerra lhe fazia elle, andando pelo reino em tal destruição, que assim mandava el-rei velar as villas e castellos por azo d'elle, como se dentro do reino andassem seus inimigos. E não cuideis que isto sómente fazia nas villas e logares pequenos, mas a Alcaçova e castello de Lisboa se velou e guardou bem tres mezes, e assim lhe pagou soldo aos vassallos el-rei aos que em elle estavam, como se fosse na maior guerra de seus inimigos.»

Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. João*, parte I, cap. CLXXXVI.

«Quem ora perguntasse a Diogo Lopes que aqui está, que milagres andou elle fazendo pelo reino, e quanta destruição nos bens de Ayres Gomes da Silva, e de Diogo Gomes d'Abreu, e de outros muitos, que el-rei depois pagou.»

«Não houve receio de ajuntar a si quantos malfeitores e degradados havia pelo reino, e fazer guerra com elles a seu padre, cercando-lhe as villas e castellos, e roubando e pondo fogo pela terra, como se fosse de inimigos.»

Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. João*, parte I. cap. CLXXXVI.

Vem trazer reforços que me auxiliem?

— Não. Venho propôr-te a paz.

— A paz?

— Sim. E' preciso pôr termo a tanto horrôr.

— A paz quando eu só vivo para a guerra, para a vingança?

— Se calculasses o que me custou a convencel-o de que se devia dar por satisfeito com a tua submissão?

— Submetter me, eu?

«Nunca! Nunca!»

— Ouve-me serenamente, Pedro.

«Só tu tens a lucrar com uma paz immediata.»

«Não podes vencer.»

«Ficarias esmagado n'um só combate, e os servidores leaes que te acompanham seriam todos degolados ou enforcados.»

«Tu mesmo não escaparias com vida, porque teu pae não recuaria perante um novo crime.»

— Saberei defender me!

«E ha-de ser elle, elle e não eu quem acabará ás mãos do carrasco!»

— Não, Pedro!

«Quero defender-te, e heide fazel-o embora me custe, embora seja contra a tua vontade!»

— Submetter-me, eu?

«Ir pedir misericordia, beijar uma mão tinta de sangue?»

— Quem te disse isso?

«Não terás que pedir nenhum perdão.»

«Ao contrario, tu é que terás que perdoar.»

— Perdoar, eu?

«O que?»

«Perdoar aos que a mataram, aos que me despedaçaram o coração?»

«E foi para isso que me procurou?»

— Pensa bem, Pedro.

«Salva os teus amigos, que el-rei em troca lhes perdoará.»

«Evita mais desgraças!»

«Bem basta o mal que já tens feito, matando, destruindo tantos innocentes, tantos pobres vassallos de teu pae e dos seus!»

— Perdoar? Perdoar! Mas a quem?

«Diga-me então quem são os responsaveis »

«Citem os nomes, contem-me claramente o que se passou, reconstituam a scena e eu... perdoarei!»

— De que servia?

«Não entres n'esse caminho.»

«Execerbavas-te! Era peior!»

— Então é porque foi uma coisa horrivel!

«Mas digam-me tudo, tudo!»
«Eu perdoava se soubesse!»
E como a rainha o olhasse apiedada:
— Não, minha mãe, não perdoava!
«Nem tu, nem pessoa alguma o pode acreditar.»
«Nunca perdoarei, nem á hora da morte, nem que me dessem a escolher entre o inferno e o perdão!»

CAPITULO VII

Perdoar?

MAS D. Beatriz não desistiu.

— Pedro, vim aqui para firmar uma paz que seja a tua salvação e o socego do reino.

«Teu pae tem mais de setenta annos.»

«Dentro da violencia do seu caracter anceia egualmente por descanço.»

«Obtive d'elle um perdão geral para a rebeldia dos que te seguiram.

«De ti, da tua attitude nem se falará.»

«Tratado de egual para egual nos documentos que assignares, ainda a tua situação é defininitivamente regulada.»

«Receberás auctorisação para exercer justiça, para superintenderes em todos os serviços dos tribunaes.»

«Ficarás n'uma situação de independencia, quasi como um rei.»

— E o que me pedem em troca?

— Uma simples formalidade.

— Perdoar? E' pouco perdoar?

— De que te serve recusal-o, se não poderás jamais punil-os?

— Não poderei?

— Reconhece sinceramente a tua fraqueza.

«As hostes que te seguem são bem fracas, são mal armadas, não resistirão ao primeiro embate.

«Teu pae tem dez vezes mais gente do que à tua!»

«Ficarás perdido sem remissão!»

«E se ao teu desespero poderia agradar tal desenlace, não o deves querer para tantos os que seguiram o teu pendão.»

«Não vencerás embora pratiques mais violencias.»

«Vê como o Porto resistiu!» (1)

«Reconsidera, Pedro.»

«Transige com teu pae.»

— Acceitarei a paz!»

«O perdão é que nunca darei!»

— Mas é só isso que tens que dar em troca de tamanhas vantagens.

— Perdoar?

«Pois elles contam com isso a serio?»

«E' porque me conhecem muito mal!»

«Já foram fazer-lhe companhia dois d'elles, dois dos que eu supponho terem tomado parte n'essa infamia!»

«Não sei bem o que se passou, é certo, mas d'aquelles que desconfio tenho sobradas razões para os castigar.»

«E hei-de matal-os! Hei-de matal-os!»

— Como, se n'um momento estarás perdido?

— Saberei esperar! — respondeu surdamente.

«Mas hei-de matal-os todos, hei-de tortural-os como elles me fizeram?»

«... em fazer damno e damnaram e ajudaram a damnar e foram em conselho delo os bens que haviam os vassallos d'Elrey a que os bens foram damnados por razão e azo da morte da dicta dona Ignez...»
Instrumento das pazes, em 5 agosto 1355.

Ayres de Sá *Gonçalo Velho*, V. 1.º, p. 64.

«Este prior D. Alvaro (Gonçalves de Pereira) foi o que pôz os pendões por muro estando na villa do Porto para a guardar por mandado d'este rei D. Affonso o quarto porque o infante D. Pedro andava alçado d'elle queimando e destruindo muitos logares do reino, fazendo mal e damnando a Diogo Lopes Pacheco e a D. Gil Vasques de Rezende e a Pero Coelho e a todos os que elle culpava que foram conselheiros da infanta D. Ignez de Castro que el-rei seu padre matou. E a villa do Porto não era murada em aquelle tempo sendo em poucos logares de mau muro e o prior D. Alvaro fez muro de pendões das naus que ahi estavam fincando as hastes d'elles pelo campo arredor da villa e percebendo as suas gentes como defendessem os pendões. E o infante D. Pedro esteve ahi cerca da villa XVI dias com gran poder de fidalgos portuguezes e da Galiza, estes fidalgos desejaram muito de cobrarem a villa pela riqueza d'ella.»

Portugaliæ Monumenta Historica, Scriptores, vol. I, pag. 278.

«Perdoar lhe?»

«Então era só commetter um crime, contando em pouco tempo com o perdão?»

«Então acabava a responsabilidade d'esse crime, só por isso convir a meu pae?»

«E a justiça?»

— Procura ser razoavel, meu filho.

— Ah! minha mãe!

«Nem ao menos sei o que se passou, se a mataram á traição, ou se a executaram em requintes de formalidades que são um prolongamento da agonia.»

«E comtudo é como se tivesse nos ouvidos o echo dos seus brados, sobresaltando-me!»

«Ah! minha mãe como eu a amava!»

Caiu lhe nos braços a soluçar.

Ella acariciou-o commovida.

— Por mais que faças não a ressuscitas.

«Vive para teus filhos.»

«Abandona as ideias de vingança!»

— Não posso, não devo!

«Era faltar ao amor que lhe devo, era trahir essa morta!»

— Mas se tu não a podes vingar!

— Sim, é verdade!

«Não posso!»

«O principal escaparia á minha vingança!»

«O primeiro a morrer devia ser meu pae!»

— Pedro! Pedro!

— Meu pae, sim, esse infame que a assassinou!

«Elle é o maior criminoso, o traiçoeiro, alma rastejante como a serpente, peior que lobos que não devoram os filhos!»

«O monstro! O monstro!

«De que serve o meu desespero, se uma barreira de aço o defende de mim!»

«E ainda em cima os meus seriam novas victimas immoladas ao seu odio!»

«Tem razão, minha mãe!»

«Em primeiro logar preciso salvar os que me seguem.»

«O resto é commigo.»

«Esperarei!»

«A agonia de meu pae será a minha libertação!»

«E a sua morte raiará como uma aurora de justiça para os vivos e para os mortos!

«Perdôo, minha mãe, perdôo!»

— Assignas o tratado?

«Posso chamar o tabelião?»

— Assigno o que quizer, prometto, juro!

«O resto é comigo!»

E como ella ficasse indecisa:

— Pode chamal-o.

«Venha pergaminho, o sêllo, testemunhas, as formalidades que quizerem!»

«Hão-de prender-me os braços quando os não deteve o meu amor?»

«Não poderei despedaçar mais um compromisso, quando elles despedaçaram a minha vida?»

«Ah! Mas tenho que salvar os que me seguem!»

«E' preciso esperar!»

Insistiu com a rainha:

— Que venha o tabelião! Que venha o tabelião!

E cahiu sobre um coxim soltando gargalhadas de louco.

CAPITULO VIII

O tratado

VASCO Annes, tabellião geral, entrou sobraçando um rolo de pergaminho.

Trazia já escriptas as concessões do rei, e as garantias que elle exigia em troca.

O infante devia assignal-as, taes como vinham.

D. Pedro encarou-o, fazendo esforços para se conter.

— Lêde as palavras de el-rei — ordenou D. Beatriz.

O tabellião cumprimentou respeitosamente e disse:

— Eis as reclamações que sua alteza me dictou:

«... não trouxesse comsigo o dito infante malfeitores nem degradados asabendas nem consentisse aos seus que os trouxessem...»

— Mas não trago assassinos como esses que o rodeiam — protestou D. Pedro, imprecando-o com violencia.

— São palavras de el-rei — respondeu elle, curvando-se.

A rainha interveiu:

— Deixae-o cumprir a sua obrigação.

— Tendes razão — emendou o infante.

Vasco Annes proseguiu:

« . . não filhasse nem apoderasse na sua terra por si nem por outrem villa nem castello nem fortaleza. . . não filhasse nem consentisse aos seus que filhassem de seu haver d'el rei nem fizessem malfeitoria na terra nem soffressem aos seus que a fizessem e que se alguma coisa filhassem elle ou os seus de viandas ou d'outras cousas semelhaveis que as pagasse e mandasse pagar como fosse aguisado.» (1)

— Costumo pagar as minhas dividas, e hei-de pagal-as todas, todas! — redarguiu D. Pedro irritado.

— E concordaes senhor com os desejos de vosso pae! — perguntou o tabellião.

Elle ficou indeciso.

— Concordou, sim, Pedro — disse a rainha.

«Pois não estás disposto a fazer a paz?»

— Sim! Sim! — respondeu esmagado pelo esforço em que procurava dominar-se.

— Continuae a ler o que trazeis — indicou a rainha.

O tabellião desenrolou outro documento.

— Esta agora é a ordenação que el-rei dá ao senhor infante para poder dizer justiça.

— Teu pae dá razão ás reclamações que sempre fizeste contra a administração da justiça, e concede-te o direito de julgares e punires todos os juizes e demais funccionarios que não cumprirem o seu dever!

— Mas o que é isso ao pé do mal que me fez?

— Tem paciencia, sê rasoavel, ouve.

Fez signal ao tabellião.

Vasco Annes começou a lêr:

«Primeiramente deve demandar e publicar a carta de poder que ha de el-rei seu pae e dizer algumas bôas palavras em agradecimento e louvor de seu pae.»

— Por ter assassinado Ignez de Castro?

«Hei-de applaudil-o em publico?»

— Pedro! — supplicou D. Beatriz.

Receiando que elle acabasse por se recusar a assignar as pazes, o tabellião começou a resumir:

«Os juizes que andarem com o senhor infante devem mandar annunciar pelo pregoeiro d'elle que todos os que tiverem a queixar-se dos corregedores, alcaides, juizes, meirinhos ou de outros poderosos que venham perante elles.»

---

(1) Instrumento das pazes entre D. Pedro e D. Affonso IV, p. 63, v. 1.º, *Gonçalo Velho*, por Ayres de Sá,

Ouvidas as queixas, saberão se foram presentes ás justiças da terra, e porque não lhe deram andamento, e se esses juizes locaes não derem justos motivos do seu procedimento extrahem-lh'o nos corpos e nos haveres.»

O infante reanimou se.

Era o reconhecimento da justiça, das suas repetidas reclamações contra os juizes que vendiam as sentenças e se punham do lado dos poderosos contra os fracos.

Pediu o pergaminho e leu o resto.

O pregoeiro, ao annunciar as sentenças, devia dizer:

— Justiça que manda fazer o infante por mandado d'el-rei seu padre e em seu nome.

A ordenação dava-lhe alçada para julgar todos os juizes e os proprios corregedores de el rei que andavam pelas comarcas a fiscalisar a execução das leis.

Podia prender e soltar, acarear os presos e os juizes, e mandar prender pelo seu meirinho todas as pessoas que entendesse.

Apenas nos casos de extrema gravidade teria de consultar primeiramente o rei

Ficou lisongeado pelas auctorisações que recebia.

Longe de o submetter, o pae reconhecia lhe uma importante esphera de acção independente.

— Está bem — declarou ao entregar o pergaminho.

— Vês agora que era bem fundado tudo o que te disse — explicou satisfeita a rainha.

— Meu pae não me faz n'isto favor nenhum.

«O beneficio é prestado ao reino, o serviço é feito ao povo que bem precisa quem o defenda.»

«Mas isto nada é para os profundos aggravos, para as offensas que tenho d'elle!»

— Agora, meu filho, vae ler-se o perdão concedido a todos os que se rebellaram contra el-rei.

— Commetteram por ventura algum crime?

«O que pedem?»

«Que se faça justiça!»

«E' o mesmo que eu peço, é o mesmo a que me auctorisa essa ordenação!»

«Meu pae faz justiça de mouro.»

«Quer que a executem nos outros, e arma-se para que não a executem nos assassinos, para que não a executem n'elle!»

— Pedro, Pedro, que é isso?

«Então que me prometteste, o que dissesete ha pouco? — disse penalisada a rainha.»

Indicou-lhe n'um olhar Vasco Annes que fingira não ter ouvido.

— Desculpe, minha mãe.

— Queira continuar — indicou ella.

O tabellião foi lendo:

«O dicto senhor rei disse que perdoava e perdoou para sempre a todos os vassallos do infante que com elle chegaram e se acercaram em sua companhia e foram em fazer damno e damnaram e ajudaram a damnar e destruir e foram em conselho d'isso os bens que haviam os vassallos d'el-rei que foram destruidos por razão e causa da morte de D. Ignez e por qualquer outra razão que desde então até aqui recrescesse. E aos outros da mercê do infante que o dito senhor rei havia por culpados n'isso e tudo o que foi feito e dito em razão dos dictos damnos, e todas as outras cousas que depois recresceram e por causa da dicta morte se fizeram e disseram ainda que esses damnos e conselho d'elles fossem contra o serviço d'el-rei e contra o bem da sua terra.»

— Ouviste, meu filho — commentou a rainha.

«E' o perdão, é a liberdade, é a vida das centenas de homens que te acompanham, é a felicidade dos seus lares, é o futuro dos seus filhos que eu obtive de teu pae.»

«Que não fará para os poupar a uma derrota certa, a uma morte no campo de batalha ou no patibulo?»

— Sei onde quer chegar — redarguiu melancolico.

E fez um signal a Vasco Annes.

— Eis o que sua alteza deseja — declarou o tabellião.

«São as suas palavras textuaes:

«... que o infante perdesse sanha e mau talante e perdoasse para sempre aos fidalgos e aos outros de sua mercê que com elle chegaram aquelle logar onde a morte da dita Dona Ignez foi e aos outros que elle havia e ha por culpados suspeitando tendo e afirmando que foram em conselho sabedores e ajudadores da sobredicta morte e a quaesquer outros e por todas as cousas que desde então até cá recresceram em que elle entende e razôa que não foi aguardada sua honra nem a seu serviço.»

— Perdoar a esses bandidos!

«Perdoar a esses miseraveis que m'a roubaram, traiçoeiros assassinos de uma mulher!»

E rompeu em brados, n'uma explosão de furôr que intimidou o placido tabellião.

— Não podes recusar, não deves perder todos os teus por um capricho! — interveiu a mãe.

«Já te disse o que tinha a dizer.»

«Tu já me prometteste que o fazias.»

«Agora não é occasião de discutir.»

«Lembra te que não estamos sós.

O tabellião, voltado para uma janella, fingia admirar distrahido a paisagem.

D. Pedro luctou ainda, e respondeu abruptamente:

— Pois bem, digo que perdôo, e acabamos com isto!

— Não basta — retorquiu a rainha.

«E' preciso assignar as condições já escriptas, conforme as indicou teu pae.»

Vasco Annes desenrolou outro pergaminho.

— E' uma imposição em forma! — exclamou D. Pedro.

— São clausulas de um tratado — retorquiu a rainha.

«Não se negoceiam de outra forma.»

«Tem paciencia, ouve o resto.»

O tabellião voltou á sua tarefa.

— Senhor, el-rei vosso pae deseja que assigneis, conforme está, esta declaração:

«Perdoava e perdoou para sempre a todos os que com el rei chegaram e se acercaram em sua companhia ao tempo da morte da dicta D. Ignez e aos outros que elle havia e razoava por culpados. Tendo que foram em conselho da sua morte e sabedores d'ella e tudo o que foi feito e dito em sua morte e por razão d'ella e todas as outras cousas que depois recresceram e se por causa d'ella fizeram e disseram... por razão nem por causa da dicta morte nem por causa que se depois até cá por ella fizesse nem dissesse. Prometendo o dito senhor infante que não viria contra este perdão e por si nem por outrem, por maneira de justiça nem por nenhuma outra razão, abertamente nem escondidamente, nem sob figura e em fingimento de nenhuma outra cousa, nem por feito nem por direito nem por conselho, nem por nenhuma outra guisa, e que se outrem por alguma maneira quizesse fazer ou ser em conselho d'isso que elle lh'o embargaria e defenderia e não consentiria a nenhum que o quizesse fazer nem ser em conselho d'isso e que o estranharia áquelles que o quizessem fazer como coubesse em razão aguisada que elle o havia por serviço de Deus e seu e prol e socego do reino e ficou para dar suas cartas d'este perdão a todos os sobreditos que as quizessem assignadas de sua mão e selladas de seu sello.»

— Ah! tem medo, tem medo de mim!

«Sabem o que fizeram, sabem o que merecem!»

D. Pedro, ainda mais excitado que ao começo, não tomava a penna de pato offerecida pelo tabellião molhada préviamente no tinteiro que trazia á cinta.

— Assigna, meu filho,— aconselhou a rainha.

«E' a paz, é a tua salvação e de todos.»

E accrescentou, baixo:

— A lucta podia ser a tua morte!
O infante reconsiderou.
— Sim. Podia morrer em meio de um combate.
«Era para ella a victoria completa.»
«Quem defenderia os vossos filhos?»
«Quem prestaria culto á sua memoria?
«E tenho de viver ainda para ella.»
«Preciso esperar!»
Concluiu surdamente:
— Até ser rei!
E assignou o perdão aos matadores de Ignez.

CAPITULO IX

Que fizera!

AO correr a noticia de que fôra assignado o tratado, houve em todos os guerreiros uma grande surpreza.

Uns aceitavam-a gostosos, visto a eminencia do perigo que representava a chegada do rei.

Foram arautos apregoar a paz.

Quando chegaram á hoste da Galliza, D. Alvaro sahiu irritado ao seu encontro.

«Tratar-se-ia de uma cilada?»

Exigiu explicações.

Contaram-lhe o que sabiam:

«Houvera troca de perdões entre um e outro.»

«D. Pedro cessava as hostilidades e Affonso IV dava-lhe uma ampla alçada sobre todos os julgadores.»

— Não acredito! — bradou elle.

E gritou para os seus:

— Expulsem-os do nosso campo!

«Vem talvez armar uma traição.»

«Eu me entenderei com o senhor infante e saberei da sua propria bôca a verdade.»

Por toda a parte desarmavam-se os homens de guerra das outras bandas.

— Redobrem de vigilancia! — ordenou.

«Que ninguem saia d'aqui sem eu voltar.»
Foi procural-o.
D. Pedro pertubou-se ao vel-o.

Caido n'uma crise de abatimento, de tristeza, dominado por uma dissolvente indecisão, procurava esquecer-se do que fizera.

Em vão pretendeu conciliar o somno.

Erguia-se de noite inquieto, excitado.

Amarrotava febrilmente o pergaminho com as garantias do rei deixado pelo tabellião.

Relia as declarações do pae, o perdão, a concessão da alçada, mas ao chegar ás assignaturas, desesperava-o a nota das testemunhas presentes.

Figuravam ali entre outros os nomes de Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco. (1)

«Elles, elles, zombando da minha dôr, escarnecendo do meu perdão!»

Chegava a ponto de querer espedaçar o novo documento da cumplicidade d'esses homens com o rei.

Mas a salvação dos seus vassallos, implicita nas clausulas do tratado, fazia-o reconsiderar.

E atirava com elle, para um canto, sem querer ter mais, depois de uma lucta desesperada entre o desejo de vingança e o dever de protecção aos que o acompanhavam.

Forcejava por se esquecer.

Mas inquietava-o um remorso, como se viesse Ignez lançar-lhe em rosto o desamor com que a tratara.

Depois uma outra preoccupação começou a affligil-o.

«Como seria considerado o seu acto?»

«Julgal-o-iam com conhecimento de causa?»

«Fariam justiça ás verdadeiras causas, ao generoso motivo que o levára a ceder?»

«Não tomariam esse passo por um acto de fraqueza!»

O apparecimento de D. Alvaro incommodou-o.

Teria de entrar em explicações, no momento em que não queria que lhe falassem do que fizéra.

---

(1) Juramento do rei em Guimarães a 14 de agosto de 1355:

«Testemunhas que presentes foram a isto: o dito arcebispo de Braga, D. Gil Fernandes mestre de cavalleria da ordem S. Thiago em Portugal, D. Diogo Lopez, senhor de Ferreira, Pero Coelho, Estevão Annes, .. cavalleiros.. »

Juramento da rainha em 20 de agosto, no Porto:

«Testemunhas que a isto foram presentes: D. Diogo Lopez, senhor de Ferreira, e Pero Coelho e Gonçalo Paes...»

Documento dos paizes, *Gonçalo Velho* por Ayres de Sá, Volume 1.º, paginas e 75.

O irmão de Ignez vinha palido, alterado.

Entraram com elle alguns fidalgos, que tambem pretendiam fa lar-lhe.

Saudaram-se friamente.

Entreolharam-se antes de falarem.

Sentiam-se mal.

— Senhor infante — começou D. Alvaro, n'uma etiqueta desudada— foram dizer-me que tinheis feito paz...

— E' verdade — respondeu D. Pedro seccamente.

No grupo dos recemchegados eugueu-se rumôr.

— Eu julguei que vos infamavam ao espalharem essa nova — insistiu n'um acerbo protesto.

— Fui eu quem ordenei o pregão!

— Na duvida a minha gente não desarmou.

«A hoste dos Castros continua aonde estava prompta a cumprir o seu dever!»

— Que queres dizer?

— Sabeis por que viemos a Portugal?

— Sei! — respondeu sombriamente o infante.

— Mas parecestes esquecel-o! — bradou o fidalgo, perdendo a cabeça.

— Não te admitto insinuações nem censuras — exclamou D. Pedro, desesperando-se.

— Tende paciencia!

«Haveis de ouvil-as!»

No grupo dos fidalgos estabeleceu-se a confusão.

— Vim aqui para vingar a morte de Ignez de Castro — proseguiu D. Alvaro.

«Eram os desejos de meu irmão ao reunir os seu vassallos...

«Foi o que me levou a puchar da espada.»

«Esse empenho congregou os cavalleiros que nos seguem.»

— Sim! Sim! confirmaram varias vozes.

— Vingal-a prometestes ardendo em ira, ao receber o auxilio dos nossos amigos.

«Em vez de o fazer pactuastes com o adversario!»

— Cuidado! Cuidado! — gritou D. Pedro.

«Posso esquecer-me que uma dor cruciante inspira o teu desvaira mento!»

— Não o esqueçaes, senhor!

«Era melhor que nunca o tivesseis esquecido!»

— Prohibo-te que me fales n'esse tom!

— Uma pergunta só:

«E' verdade que perdoastes aos matadores de Ignez?»

D. Pedro seutiu-se esmagado.

Uma angustia de morte opprimia-lhe a garganta.

— Publicou-se noticia do vosso perdão! — proseguiu D. Alvaro. «E' pois verdade?»

— Perdoei! — respondeu aniquilado o infante.

— Então já nada temos que fazer aqui!

«O assassino é vosso pae, a victima nossa irmã.»

«Resta-nos o direito de vingal-a, e havemos de o fazer!»

E voltando-se para os seus, saiu dizendo:

— Oh! que torpe mentira o seu amôr!

— Alvaro! Alvaro! — bradou o infante caindo ao desamparo.

Correu a soccorrel-o o irmão de Ignez.

D. Pedro debatia-se n'uma afflictiva convulsão.

CAPITULO X

Viver para ella

QUANDO tornou a si, o desanimo, a amargura impressa no rosto, o infante disse para D. Alvaro:

— Que outros me julgassem mal, paciencia!

«Mas tu, Alvaro, tu, que bem sabias como eu amei!»

E afogou-se em pranto.

O irmão de Ignez abraçou-o commovido.

— Pois tu chegaste a pensar que eu perdoára? — perguntou D. Pedro, falando a custo.

«Consideraste-me capaz de pôr de parte essa vingança para que vivo?»

— Se ha pouco o disseste!

— Tive que declaral-o ostensivamente para salvar os que se compromettoram por minha causa.

«N'este momento não conseguiria vencer.»

«Que desforra então poderia tirar?»

«Convenci-me de que precisava esperar, e esperei.»

«Acredita, Alvaro, eu não perdoei, não podia perdoar!»

«Foi um ardil de guerra!»

«Estou batendo-me com perfidos, tenho de luctar com astucia.»

«E' uma caçada ás feras, tenho que pôr de parte as regras do combate!»

«Alvaro, meu irmão, hei-de vingal-a, juro-te!»

E caindo em si:

— Mas como has-de crêr na minha palavra, se a dei, ha pouco, disposto a faltar?

«Quem ha-de acceitar o meu juramento, se jurei falso?»

«Mas tu verás, Alvaro, tu verás!»

«Minha mãe apontou-me o perigo, e deixou-me entrever as vantagens da momentanea submissão.»

«Só a ella cedi, só a ella!»

«Preciso ser rei para assumir toda a grandeza da responsabilidade que tenho para com ella!» (1)

«Prometti eleval-a até mim, fazel-a rainha, e hei de cumprir a minha promessa.»

«A vingança começará, assim que receber a herança da corôa e bem completa!»

«E afianço-te que ella será terrivel!»

— Agora comprehendo tudo — disse D. Alvaro.

«Procedestes como pudestes.»

«Não havia outro caminho.»

«Seremos dois para a vingança!»

«Só me resta pedir desculpa das minhas palavras, dos maus juizos que formei.»

— Determinou-te a mesma indignação, essa nobre paixão que me domina!

«Não te quero mal por isso.»

«Ah! Mas como me custou a ouvir condemnações da tua bôcca, por causa d'ella, quando a dolorosa tragedia me transtornou, quando só vivo para ella, para a vingar!»

«Acredita, meu amigo, se não fosse o ardente desejo de espedaçar os que m'a roubaram, matava-me para fugir ao supplicio horrivel que a vida se tornou para mim!»

«Ter visto o paraizo e cair no inferno, conhecer a suprema ventura e só ter amarguras, saudades!»

«Oh! Como isto custa, como isto custa!»

---

(1) «E o dito Senhor Infante Dom Pedro presente estava desse em presença de mim Vasques Anes tabellião geral do Senhor Rei em todo o seu senhorio e das testemunhas que ainda adiante estão escriptas que elle a rogo de muito alta e mui Nobre Senhora Dona Beatriz pela graça de Deus Rainha de Portugal e do Algarve sua mãe a qual outrosim estava presente.»

«Outrosim disse o sobredito Senhor Infante Dom Pedro que pois á dita Senhora Rainha sua mãe aprazia e o rogaria que elle a seu rogo d'ella e por fazer aguisado queria ter e aguardar e cumprir ao rei todas as cousas que ditas estão.«

Pazes entre Affonso IV e D. Pedro. Ayres de Sá *Gonçalo Velho*, V. 1.º, p. 64.

«Estreital a palpitante de desejo, ebria de amor, e nunca mais a tornar a ver!

E' um horror! E' um horror!»

«Não sabes, não podes avaliar.»

— Tambem eu soffro — interveiu D. Alvaro, querendo alludir ao seu amor.

—Mecia vive, tens esperanças de a tornar a vêr breve, estás livre do teu peior inimigo contas que um dia te reunirás a ella.

«O teu caso é bem diverso.»

«Nós só no sepulchro nos poderemos juntar!»

«Bem ou mal, feliz ou infortunada, não vês Mecia n'este momento, humilhada, opprimida.»

«E eu vi Ignez estendida, morta n'um sinistro caixão, n'esse horroroso carneiro cujo tecto parece ainda esmagar-me a cabeça, cuja tristeza de morte me enluctou para sempre o coração!»

«E' uma tortura eterna!»

Em vão quiz serenal o D. Alvaro.

Elle achava lenitivo nas confidencias.

— Como poderei esquecel-a, deixar de vingal-a, se a vejo por toda a parte, se a tenho ante os olhos constantemente!»

«Espreita-me d'entre a folhagem, chamando-me risonha como outr'ora!»

Erguia-se desvairado.

Avançava para um ponto imaginario como se de novo a estivesse a ver.

Alvaro aterrava-se com esse delirio.

Os olhares do infante divagavam n'um pavoroso alheamento.

A voz saia-lhe entrecortada.

De balde o irmão de Ignez o chamava para si.

D. Pedro continuava a falar:

«Vem para mim, de longe, correndo, a cavallo, como após as caçadas me vinha esperar!

«Se fecho os olhos para não vêr mais a penosa visão que me recorda o seu triste fim, desvenda-se-me o espectaculo do meu lar desfeito, ella carinhosa junto aos filhos, as creanças sorrindo meigamente, e nós beijando-nos enlevadas na contemplação dos roseos fructos, dos nossos beijos!»

«Isto que fazia a minha delicia outr'ora, desespera-me porque não se repetirá mais!»

«A evocação do passado precede sempre a nitida representação do presente.»

—E vejo-o onde ella está agora, encerrada, tão só n'esse logar medonho, entre as figuras de pedra dos seus torvos companheiros abandonada de mim e dos nossos filhos!

E continuou desvairado:

— Então parece-me vel-a erguer-se da tumba, voltar-se para mim, cravar-me os seus olhos sem brilho, abrir-me os braços n'um derradeiro transporte, a chamar-me para o seu lado, para dormirmos juntos a eterna noite!

«Tenho tanta vontade de aceder, de a seguir na morte!»

«Mas resisto porque quero vingal-a!»

«E para resistir aos seus rogos procuro esquecel-a, busco olvidar o seu amor, a sua morte, até que da posse do supremo mando rehabilite a sua triste memoria, e lhe offereça o sacrificio dos assassinos!»

«Para melhor a recordar depois, desejo agora perdel-a de memoria, e quero conseguil-o embora tenha que embriagar-me, embora vá procurar n'outras mulheres a loucura brutal dos sentidos!»

«Ah! Meu amigo! Meu irmão! Como eu a amava!»

E lançou-se-lhe nos braços a soluçar.

CAPITULO XI

Cantando-a

POR fim D. Alvaro despediu-se;

— Vou partir.

«Irei á Galliza com os nossos vassallos, com a hoste fiel que me seguiu.»

«Direi a meu irmão toda a verdade.»

«Temos ainda uma velha conta para com Pedro Cruel. e ajustada ella voltaremos aqui.»

«Ha muito que me constitui vassallo vosso, quando sonhámos fazer Ignez a nossa rainha.»

«Tão depressa consiga rehaver Mecia virei acompanhar-vos.»

«Mas se agora, ou depois topar no meu caminho algum dos que julgamos os matadores de minha irmã, farei justiça por minhas mãos.»

— Não, Alvaro — interveiu D. Pedro.

«Peço-te que o não faças!»

— Tenho esse direito — retorqniu o noivo de Mecia.

«A lei concede-m'o.»

«Impõe-m'o o muito que lhe quiz sempre.»

— Deixa-os á minha vingança — supplicou o infante.

«E' a unica alegria que me resta!»

«Não m'a queiras roubar!»

«Bem sabes que apenas cedi agora para que fosse depois mais estrondosa a vingança.»

«Promette-me que não o farás.»

— Perdoae, mas não posso.

«Affirmo que não os procurarei.»

«Mas desde que nos encontrarmos affianço-vos que lhes arrancarei os olhos!» (1)

«Ficarão vivos para que vos pertençam como é justo os seus ultimos momentos.»

«Porém passar por elles, e não lhes pedir contas, seria para mim uma mancha eterna.»

Despediu-se.

— Até que possamos reunir-nos para desaffrontar emfim altivamente a sua memoria!»

Ficaram de partir no dia seguinte as numerosas tropas dos vassallos dos Castros da Galliza.

D. Pedro quiz n'essa noite percorrer incognito o acampamento, para saber como fôra encarado o seu acto.

«Teriam comprehendido o sacrificio?»

Saiu embuçado.

N'um grupo ouviu acaloradamente repetir a promessa de D. Alvaro o juramento de vingança immediata a respeito dos auctores da morte de Ignez de Castro.

O nome do rei accusado de auctor do crime, era alvo dos mais violentos commentarios.

Afastou-se penalisado.

Temia que os matassem, arrancando-lhe a vingança que ha tantos mezes acariciava.

N'outro grupo ouviu um melancolico cantar.

Escutou cheio de surpreza.

Uma voz que não conhecia, entoava cheia de sentimento, acompanhada por um alaude:

«Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura,
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mim causou.

---

(1) Os livros de linhagens (*Portugaliæ Monumenta Historica, Scriptores, I*) registam d'estas vinganças a que já nos referimos a pag. 192 do 3.º volume e respectiva no a.

Ha uma lei de D. Diniz, applicando a pena de arrancar a lingua pelo pescoço e pela nuca.

E pois não vim mais asinha
Tolher vosso triste fim,
Recebo-vos, vida minha
Por Senhora, e por Rainha
D'estes Reinos e de mim.

Estas feridas mortaes
Que pelo meu se causaram
Não huma vida, e não mais
Mas duas vidas mataram.

A vossa acaba já
Pelo que não foi culpada;
E a minha que fica cá
Com saudade será
Para sempre magoada.

Oh crueldade tam forte
E injustiça tamanha!
Viu se nunca em Espanha
Tam cruel e triste morte?

Contar se ha por maravilha
Minha alma tão verdadeira:
Pois morreis d'esta maneira
Eu serei a torturilha
Que lhe morre companheira.

Hide Senhora descançada,
Pois que vos eu fico cá
Que vossa morte será
(Se eu viver) bem vingada
Por isso quero viver,
Que se por isso nom fora,
Melhor me fora, Senhora,
Com vosco logo morrer.

Que cousa é esta a que vim
Ou onde m'ensanguentei?
Senhora eu vos matei
E vós matastes a mim.

Sangue do meu coração
Ferido coração meu,
Quem assi por esse chão

Vos espargeo sem razão?
Eu lhe tirarei o seu.»

D. Pedro abafava os soluços.
«Começavam a cantar o triste drama dos seus amores.»
«O que falava em seu nome interpretava bem o seu sentir!»
Quiz entrar, correr a abraçar o trovador, agradecer-lhe commovido mas não se atreveu.
Podia prejudicar toda a obra do futuro.
Afastou-se mais disposto a calar-se até ser rei.
«Havia finalmente quem o comprehendesse!»

CAPITULO XII

Guardal-os para si

DISPERSARAM os ultimos guerreiros.

D. Pedro despediu se da mãe.

— Foi assim melhor, meu filho — disse ella.

«Agradeço te a promptidão com que seguiste os meus conselhos.»

«Um dia me serás grato pela forma como procedi.»

Já o sou — respondeu elle.

«Reconheço as vantagens do que fiz por vossa indicação.»

«Sacrificaria os meus inutilmente.»

«Assim poderei esperar.»

— O que ? — perguntou ella sobresaltada.

— Tempos melhores.

— Que queres dizer ?

Ficou silencioso.

— Lembra-te das obrigações que contrahiste !

— Não me esquecerei.

E accentuou :

— De nenhumas.

A rainha olhou-o angustiada.

Percebia-lhe uma irrevogavel decisão.

— Para onde vaes ?

— Procurar meus filhos.

«Não os vejo desde que a mataram esses infames...»

— Pedro tu perdoaste!

— Ah! Sim! — respondeu elle n'um sarcasmo.

«Já não me lembrava.»

«Perdoei a morte de Ignez de Castro.»

«Assignei e sellei com o meu sello a segurança, a impunidade dos que m'a roubaram!»

«Tinha-me esquecido!»

«E' que eu faço agora por esquecer tudo!»

— E depois de veres teus filhos?

— Se não m'os mataram...

— Bem sabes que não.

— Podiam fazel-o.

«Perdoava tambem.»

«Agora perdôo todo o mal!»

— Meu filho, precisas serenidade.

«Praticaste um acto que te impõe graves responsabilidades.»

«Está ligado a elle o meu compromisso e o de teu pae.»

«Procura manter-te na disposição do animo necessaria para cumprires os teus deveres.»

— Assim o farei, minha mãe — respondeu elle.

— Depois de encontrar meus filhos..»

— Estão n'uma quinta ao pé de Coimbra.

— Estavam — retorquiu surdamente.

«Mas não sei o que os matadores de Ignez, seguros da impunidade, terão feito.»

E n'outro tom:

— Em seguida irei de terra em terra fazendo justiça aos outros, já que não a fizeram a mim!

«Cumprirei as ordens de meu pae, para poder usar as suas authorisações.»

«Direi d'elle boas palavras.»

«Contarei ao povo atonito a sua historia de sangue.»

— Pedro! Pedro!

— Veja como é irrisoria a minha situação!

«Terei de averiguar o procedimento dos corregedores, dos juizes, dos meirinhos, de toda essa gente que vende a justiça, opprime os fracos e lisongeia a riqueza dos fortes»

«Incumbe-me punir severamente por esse paiz fóra os julgadores que deixam os crimes impunes, e eu deixei impune a morte da minha Ignez!»

«Terei de castigar os que pouparam os criminosos de alta posição, e eu tive que poupar meu pae, assassino de minha mulher, acobardado pelo seu poder!»

— Para que vens desgostar-me com a repetição de taes palavras? — disse ella angustiada.

— Deixe-me desabafar!

«Não me resta outro direito!»

— Desde que déste o passo que deste, não deves referir-te ao que passou.

«O paiz precisa de uma tregoa.»

«E o teu maior empenho deve ser de hoje em diante viver em paz, viver para teus filhos.»

«Quanto os homens que tens accusado, quem sabe se injustamente, a sua responsabilidade terminou.»

«Deve-te ser sagrada a sua vida, em virtude do solemne compromisso que tomaste, empenhando a tua honra.»

D. Pedro meditou.

Passaram-lhe nos olhos lampejos de alegria.

E enthusiasmado por uma ideia subita, alvoraçado disse a D. Beatriz:

— Tem razão, minha mãe.

«Tudo acabou.»

«Não pensarei mais n'elles.»

«Porém não quero a responsabilidade de qualquer acontecimento que podesse dar-se.»

«D. Alvaro de Castro ficou irritado contra mim por causa do perdão, e jurou matar a todos os que tem por culpados na morte da sua irmã.»

«A gente das suas hostes repetiu as suas palavras, ligou-se pelos mesmos juramentos.»

«Ninguem pode negar que lhe assiste esse direito.»

«Mas ao apparecerem mortos ao serem attingidos pela sua vindicta constará que os mandei matar.»

«Faço lealmente esta declaração.»

«Mandae-os prevenir para que se acautellem.»

«Não quero que os matem!»

— Falas sinceramente?

— Falo.

«Quero que vivam.»

— Para que?

«Ainda ha pouco te referirias a elles com rancor.»

— Não quero que se diga que faltei por tal forma á lealdade de cavalleiro e de principe.

Ella encarou-o com firmeza, cravando-lhe os olhos nos seus, perturbando-o.

— Queres reserval-os para o teu odio!

— Quero, sim, minha mãe!

«Pois quem poderia julgar o contrario, quem o podia crer sabendo como eu a amava?»

— E o teu juramento?

— E a vida d'ella?

«E a minha ventura despedaçada?»

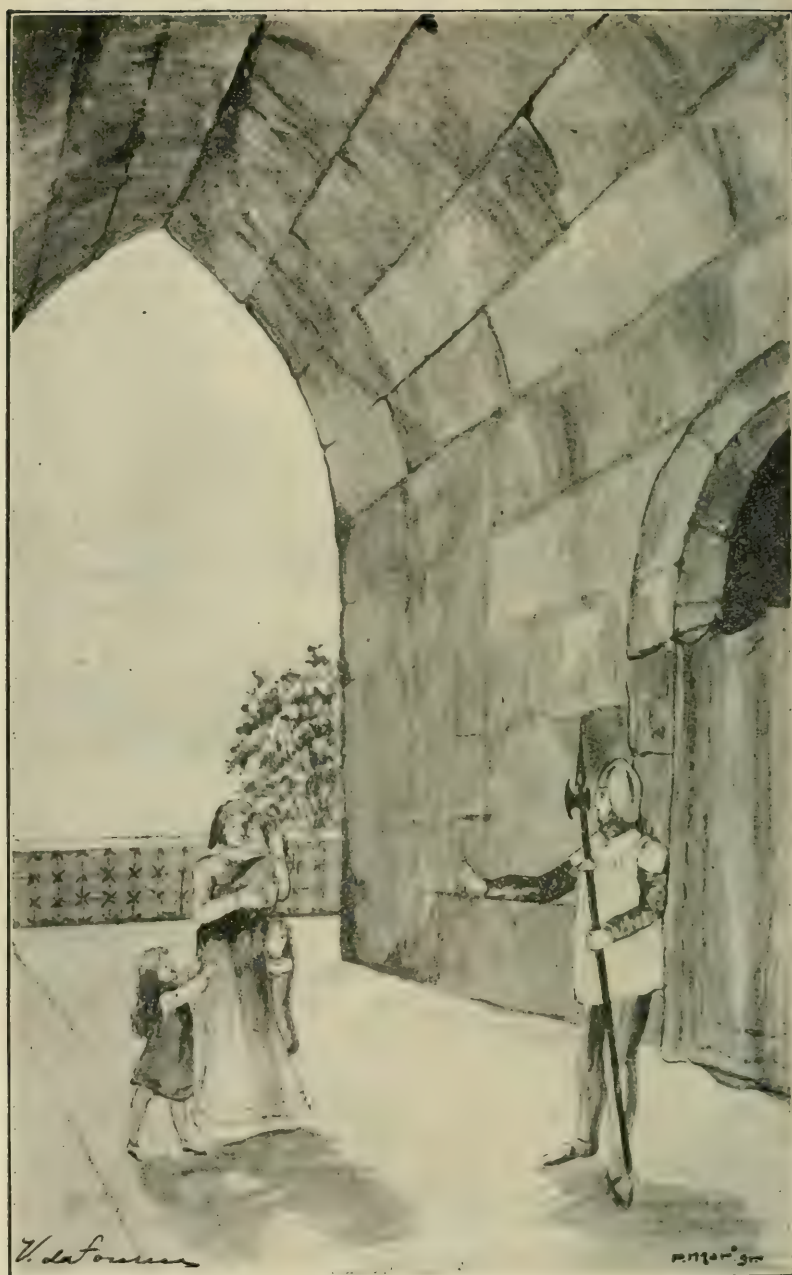
«Vá, minha mãe, previna-os.»

«Que se defendam, que se poupem para mim!»

— Ah! Pedro! Pedro! Como eu lamento a senda em que te lanças!

«De nada servem os meus conselhos.»

«Não posso arrancar-te ao caminho do mal.»

«E' o sangue de teu pae, de teu visavô e de meu neto, o sangue da nossa raça, um sangue maldito!»

Um homem d'armas guardava a porta

CAPITULO XIII

Esperança

ACCUDINDO aos seus gritos desesperados correra a ama com os filhos de Ignez de Castro.

Mas um homem d'armas guardava a porta, impedindo impassivel a sua entrada.

Outros guerreiros afastaram-os.

E quando as creadas de D. Pedro a viram morta, tomaram as creanças e fugiram com ellas por dentro de quintas e terras, não fosse a vingança de Affonso IV attingir tambem os pequeninos.

Do primeiro refugio que lhes pareceu seguro, saiu um a prevenir a rainha, de cuja solida amizade ao infante confiavam.

Ella indicou-lhe um abrigo seguro para os primeiros tempos, e mandou dinheiro para o que precizassem.

D. Pedro ia agora buscal os.

Mas ao approximar se de Coimbra reconheceu que não podia tornar a ver o theatro da afflictiva tragedia.

Não entrou na povoação, nem se dirigiu a Santa Clara.

Rodeiou até ao local que lhe fora indicado, e d'ali a pouco abraçava os filhos.

João e Diniz, os mais velhos, sabendo que a mãe tinha morrido olhavam-o tristemente.

Beatriz, pequenina ainda, como que a esquecera.

E saltando-lhe nos joelhos a rir, a afagal-o ainda perguntava por ella ingenuamente.

Os velhos servidores que os tinham protegido, diziam-lhe que a creança era o retrato vivo de Ignez de Castro.

Mas o infante não podia comprehender como esse pequenino ser, representasse aquella que alle amára, que cingira estreitamente, nas loucuras de um violento amôr.

Ao recordarem-lhe o nome da que perdera caia n'um torvo desespero.

A proximidade do local onde ella cessára de existir ameaçava desvairal-o. (1)

E para poder esperar que a morte do pae o chamasse ao seu papel de rei, partiu com os filhos a percorrer o reino, procurando esquecer-se da triste desventura, no desempenho da missão justiceira que o apaixonava.

Quando o absorvia inteiramente a administração, da justiça, a punição de crimes, a correcção de inverterados desmandos, chegou um mensageiro a participar-lhe que o pae caira gravemente doente.

A rainha escreveu-lhe chamando-o.

As informações fornecidas pessoalmente pelo emmissario não deixavam a menor duvida.

Affonso IV, segundo corria na côrte, não se levantaria mais do seu leito de dôr.

Perturbou-o a noticia.

---

(1) «Porque semelhante amor, qual... D. Pedro houve a Dona Ignez, raramente é achado em alguma pessoa, porém disseram os antigos que nenhum é tão verdadeiramente achado, como aquelle cuja morte não tira da memoria o grande espaço de tempo, e se algum disser que muitos foram já, que tanto e mais que elle amavam, como Adriana e Dido, e outros que não nomeamos, segundo se lê em suas epistolas, responde-se que não falamos em amores compostos, os quaes alguns auctores abastados de eloquencia, e florescentes em bem ditar, ordenaram segundo lhes prouve, dizendo em nome de taes razões que nunca nenhuma d'ellas cuidou; mas falamos d'aquelles amores que se contam e lêem nas historias, que seu fundamento teem sobre a verdade.

Esse verdadeiro amor houve... Dom Pedro a Dona Ignez, como se d'ella namorou sendo casado ainda infante, de guisa que, pero d'ella no começo perdesse vista e fala, sendo alongada, como ouvistes, que é o principal azo de se perder o amor, nunca cessava de lhe enviar recados, como em seu logar tendes ouvido, quanto depois se trabalhou pela haver, e que fez por sua morte... bem é testemunho do que nós dizemos.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro,* cap. XLIV.

«Estavas linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,

Embora desejasse aquelle momento, a morte do pae fazia-o estremecer.

Partiram logo para Lisboa.

De caminho dirigiu-se a Coimbra.

Entrou no mosteiro de Santa Clara.

Já não precisou despedaçar a porta.

Informadas de que a vida do rei estava por momento, e de que lhe chegaria a vez de ser rei as freiras receberam-o de cruz alçada, sob o paleo, ao som de cantos.

Desceu impressionado ao carneiro.

Quando voltou acima, depois de uma longa demora, vinha mais aliviado, como se tivesse trocado com ella penosas confidencias n'um grande desabafo.

Ao sair do convento olhou em torno, repousando a vista na paisagem que testemunhára os seus amores.

O povo esperava-o para o acclamar.

Sabiam como elle abatia os poderosos e os corruptos, na defeza dos humildes.

Os seus actos, applaudidos, commentados, davam-lhe uma aureola de prestigio.

O sentimento popular tinha sentidas lagrimas para a tragedia que o enluctára.

— Real, real por D. Pedro rei de Portugal — bradavam enthusiasmados os camponezes, os artifices, os estudantes.

Sentiu então ao echo das acclamações a grandeza do horizonte que se lhe desvendava.

Agradeceu, aprumou-se na sella, olhou cheio de saudades para o mosteiro onde ficava a sua querida morta.

«Ia em fim governar!»

N'aquelle engano da alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuitos
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu principe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos lhes trazia
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quando em fim cuidava e quanto via
Eram tudo memorias de alegria.»

Camões, *Lusiadas*, Canto III, Estancias CXX, CXXI.

O sol envolvia n'uma poeira de oiro as arvores, as flores, o Mondego correndo manso, liso como um espelho onde os salgueiros reflectiam.

A paisagem que pareceria morrer com ella, triumphava agora com a aurora de um novo dia.

D. Pedro, reanimado, cheio de energia, voltou-se para o logar onde a deixava:

— Emfim, Ignez!

«Dedois de te vingar virei buscar-te.»

«Até esse dia!»

CAPITULO XIV

Na agonia

EM vão o rei luctára com a doença.

Era a morte envolvendo-o lentamente, apossando-se pouco a pouco do seu rijo arcaboiço de caçador.

Vigoroso, forte, só muito tarde perdeu a esperança de sair do leito.

Então os frades pairaram sinistramente sobre o seu leito, e começaram a falar-lhe do inferno, a fazer-lhe entrever pavorosos castigos para depois de morto, afim de obterem esmolas, dóações.

Affonso IV recordava as suas violencias, os seus crimes, as revoltas contra o pae, a lucta com os irmãos, a execução de um d'elles, o envenenamento da filha, a morte de Ignez, e receiava muito pelas contas, que, estava convencido, n'um outro mundo havia de dar.

Interesseiros os monges aconselhavam-o a fazer testamento.

«Tanto procurára defender o corpo!»

«Era mister ir tratando da alma!»

E faziam tudo por convencel-o de que estava irremediavelmente perdido, de que não devia ter mais esperança nos remedios, e que para lhe tratarem da saude espiritual ali estavam elles.

O rei accedeu.

Mandou chamar o tabellião, e dispoz-se a tomar as ultimas disposições.

Começou a dictar benzendo-se:

«Em nome de Deus padre todo poderoso que é começo, meio e fim de todo o bem...»

E querendo lembrar o direito que tinha a um logar no paraizo, accrescentou:

«... as obras devotas que os homens fazem em este mundo terreal prazem a Deus para elle lhes dar galardão no seu reino celestial.»

Entendeu recordar, para lhe serem levados na devida conta, as obras que mandára fazer na Sé, e accentuou de novo o reservado intuito do seu culto: (1)

«... esta obra para Deus ser louvado, e para me dar o galardão, nossa santa gloria no paraizo.»

Era uma troca de serviços, uma recompensa que procurava obter á força de dadivas.

Receiando a morte que se approximava, temendo ser precipitado em meio das terriveis fogueiras com que os frades apavoravam o povo para o explorar melhor, insistia, n'uma afflicção de pretendente, em recordar os seus serviços.

Não os esquecia, n'esse penoso momento queria que Deus tambem não os esquecesse.

Por isso se esforçava em recordar-lhe a importancia, obras enormes, dispendiosas!

Por isso não tinha acanhamento em declarar o proposito com que o fizera.

O seu intuito reservado era entrar no paraizo.

---

(1) «Felizmente para as consciencias d'estes fundadores de mosteiros era grande, n'aquellas epocas, a crença de que uma absolvição restituia a puresa d'alma; e monges, bispos, legados e papas facilmente a concediam por preços ao alcance de todas as bolsas, quando peccados ou crimes não tinham offendido directamente direitos, ambições ou prerogativas de quem tinha em mão o cofre das graças.

. . . .

Com a justiça divina, n'este mundo, as cousas corriam brandamente, e a instituição d'uma capella punha tudo em ordem, para qualquer poder adormecer em paz, no somno eterno. Facil era uma tal instituição.

A doação d'uma geira de terra, d'uma bouça, olival ou casa que rendesse o preciso para comprar azeite para uma lampada, satisfazer a tenção d'uma missa, pagar os gastos d'um officio de defuntos de tres ou nove licções, constituia uma

Lembrava-se que no Salado batalhára por Christo contra o Islam, e que então lhe haviam promettido o ceo:

«... seremos com elle no seu reino celestial onde ha moradas tão nobres que se não podem dizer por linguas.» (1)

Tinha ainda nos ouvidos essas palavras.

Queria ir habitar essas bellas moradas, esses palacios deslumbrantes do ceo.

Ficou mais descançado, depois de reclamar inequivocamente o seu direito.

A cabeça pendeu-lhe para traz.

Soltou um suspiro de alivio.

Agora a morte podia vir.

Considerava-a uma transição, uma como resignação do cargo, uma forçada abdicação no filho.

Os prégadores, para lhe apanharem doações, diziam-lhe que depois da morte se nivelavam todos.

Entraria no outro mundo desprovido de grandezas sem sceptro, sem corôa, sem espada.

Nem Pacheco a aconselhal-o, nem o meirinho-mór a executar as sentenças, nem o longo sequito dos homens d'armas fazendo extremecer os seus inimigos.

Diabos côr de fogo, rabo de macaco, pés de cabra, barbas de bode, corôa de cornos retorcidos, viriam buscal-o conduzindo-o a um logar de supplicios onde padeceria eternamente.

---

capella. E como tudo isto era relativamente barato, não havia que hesitar ante a morte d'um marido que não faz caso da mulher, nem dos olhos d'um paladino que nos assassinou um primo.

Mas se nas consciencias grosseiras dos instituidores havia o secreto pensamento de peitarem o Supremo Juiz com dadivas e presentes egoistas, os testamenteiros trataram quanto n'elles coube de lograrem os mortos; e por ultimo, com a extincção das ordens religiosas, o logro foi completo. Mosteiros e conventos, cabidos e hospitaes procuraram, por varias e repetidas vezes, fazer revisão dos contractos para reduzirem os suffragios. Reuniam-se para esse fim os capitulos geraes e decretavam essas reducções, que os breves pontificios depois approvavam. Foi para isto que se inventou a missa de *sete-cabeças*, assim chamada porque se começava tantas vezes e se continuava até á consagração, quantas eram as intenções por que tinha de ser applicada, seguindo depois até o fim uma unica vez. *Aos bons homens de Villar* repugnou tal forma de suffragio, então de uso commum, e por isso muitas almas tiveram que se demorar mais alguns annos no purgatorio, até que fossem approvadas as commutações que por cá se negociavam.

Lino d'Assumpção, *Historias de Frades*, pag. 101 103.

(1) *Livro de Linhagens*, *Portugaliæ Monumenta Historica*, *Sriptores*, V. 1.º, p. 186.)

A consciencia dos crimes que commettera dizia-lhe que em bôa justiça era esta a gente que o iria esperar.

Mas as dadivas ao clero, a construcção de egrejas, o dinheiro esbanjado em despezas do culto, deviam garantir-lhe, esperava ainda, a benevo lencia de Deus.

Depois de recordar as suas obras meritoriaes, que o indigitavam para o accesso a um logar de bemaventurado, ficou mais convencido de que a sua sorte seria melhor do que merecia.

Em vez dos feios demonios, de sorriso sarcastico, viriam aguardal-o legiões d'anjos, entre córos de musicas divinas.

Sorria ingenuamente á mystica visão que o deslumbrava.

Fechou os olhos para vêr melhor o que lhe mostrava o enfraquecido cerebro.

Depois percorreu demoradamente os circumstantes.

Veiu-lhe a nitida noção das coisas.

«Ainda estava n'este mundo.»

«Não entrára no outro, não subira ás nuvens tão gloriosamente escoltado como pensára.»

Mas agora todo o seu empenho era que esse formoso espectaculo se realisasse.

Insaciavel de celestiaes gozos, ambicionando uma ventura eterna chegava a desejar que lhe nascessem azas nas costas, para se elevar tambem aos ceos, no meio da alada legião.

«Mereceria tanto apenas em troca do que fizera?»

Começou a minal-o uma duvida.

Precisa determinar suffragios, muitos suffragios, que á força de insistencias o fizessem elevar.

Ergueu um pouco o corpo entorpecido, e tornou a ditar ao tabellião:

«E tenho por bem de ordenar... collegio de capellães que cantem para sempre cada dia por minha alma...»

Meditou sobre o numero que devia ser preciso, e continuou alto:

«... cantem para sempre dez capellães, cinco por mim e cinco pela rainha... e estes nossos capellães hão-de rezar ahi onde nós jazermos todas as horas canonicas a seu tempo, muito pausada e devotamente.» (1)

Temia que ditas á pressa, atabalhoadamente, não fizessem impressão em Deus.

---

(1) Extractos textuaes do testamento de Affonso IV, pag. 221, V. 1.º das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* por D. Antonio Caetano de Sousa.

Queria as orações recitadas com vagar, em termos, para que elle as ouvisse bem.

Pensou que ainda seria pouco, e mandou escrever mais obrigações para os capellães.

«... Dizerem todos os dias uma missa cantada, e officiada... e todos juntamente a esta missa devem ser presentes officiando... irem todos juntamente aos nossos moimentos onde jazermos com cruz e agua benta e com responso cantado...»

Assim todos os dias rezariam por elle, pensava mais satisfeito.

A agua benta afugentaria o espirito do mal.

O incenso erguer se-ia com as preces.

Mas de noite, n'aquella solidão, havia de ficar só?

Ordenou de novo que escrevessem:

«... que sobre os nossos moimentos sejam suas lampadas ás cabeceiras que ardam sempre; ou sejam alumiadas assim de dia como de noite...»

Achou porém que precisava ainda mais padres, mais suffragios, mais orações.

«E outro sim mandamos e ordenamos que o cabido de Lisboa nos faça cada calenda de mez... anniversario de maneira que sejam por anno doze anniversarios... E esse cabido antes do dia das calendas depois de vesperas deve dizer e rezar vesperas dos passados, e matinas; e em outro dia dizer missa officiada de requiem e esta missa será dita por um conego d'essa egreja no altar mór... e irá aos nossos moimentos onde nós jazermos com cruz e com incenso e com agua benta e com responso e dizerem as ditas orações...»

E fieis para assistirem a estas ceremonias, pensava o apavorado do rei?

Quantas vezes não estaria a egreja dezerta?

Era precizo que alguem mais tivesse obrigação de rezar por elle, vivendo d'isso como os capellães e os conegos, a quem fôra destinando os ordenados respectivos.

Então determinou:

«... ordenamos que... se faça um hospital a serviço de Deus, no qual se mantenham para sempre vinte e quatro pobres, convem a saber, doze homens bons e doze mulheres... e estes pobres... devem ser presentes a todas as missas que dizem nas nossas capellas, e as vesperas, e

quando não forem presentes... percam estes soldos de mantimentos d'esses dias...»

Era a mesma theoria d'elle para com Deus.

Gastára no culto, queria entrar no paraizo.

Pagava a estes para rezarem, se não comparecessem perderiam o soldo.

Recostou-se mais descançado.

Considerava se quite com a justiça divina.

Esse poder immenso de orações repetindo-se todas as horas, todos os dias, todos os mezes, todos os annos, por toda a eternidade, deixavam-o sem remorsos de ter morto o irmão, a filha e Ignez de Castro.

CAPITULO XV

A primeira desforra

NISTO chegou D. Pedro.

O rei estremeceu ao vêl-o.

Perturbaram se os circumstantes.

Era o novo rei.

A sua presença ali, em tal momento, accentuava bem que a mudança estava prestes a dar-se.

Lançou pela casa um olhar investigador.

E sem fitar o pae, que não quizera vêr mais, foi assentar-se na cadeira senhorial, disposto a aguardar os acontecimentos.

Ergueu-se a rainha, de junto ao leito do marido, e veiu falar ao filho.

— Pedro, porque esperas?

«Vae reconciliar-te com elle.»

«Não morre descançado sem o teu perdão.»

Elle não respondeu.

— Meu filho! Pois queres recusar-te?

— Deixe-me, minha mãe, peço-lhe.

«Fui chamado para receber a herança da corôa.

«Não estou aqui para outra coisa.»

— Mas estás torturando-lhe os ultimos momentos.

— Eu?

«Se nada lhe faço!»

— Mas o teu rancôr é o seu desespero.

— Não tenho outra vingança!

«Lembre-se de que me matou o amor!» (1)

Os frades seguiam de longe a conversação.

Comprehendiam bem do que se tratava.

«Sem que D. Pedro se reconciliasse o testamento não ficava seguro, pensavam.»

O compromisso do filho era necessario para que lhe pagasse depois os suffragios.

Dirigiram-se a elle a reforçar as supplicas da mãe.

Mas o infante n'um gesto rude mandou-os afastar.

Affonso IV olhou apavorado.

Comprehendia tudo.

Desmoronava-se o edificio das suas combinações.

Fitou os monges n'um olhar de terrôr.

Elles, para o tranquilisarem, começáram generosamente a lançar-lhe absolvições.

Meteram-lhe na mão a candeia dos agonisantes, e ajoelharam em torno ao leito a rezar as orações dos moribundos.

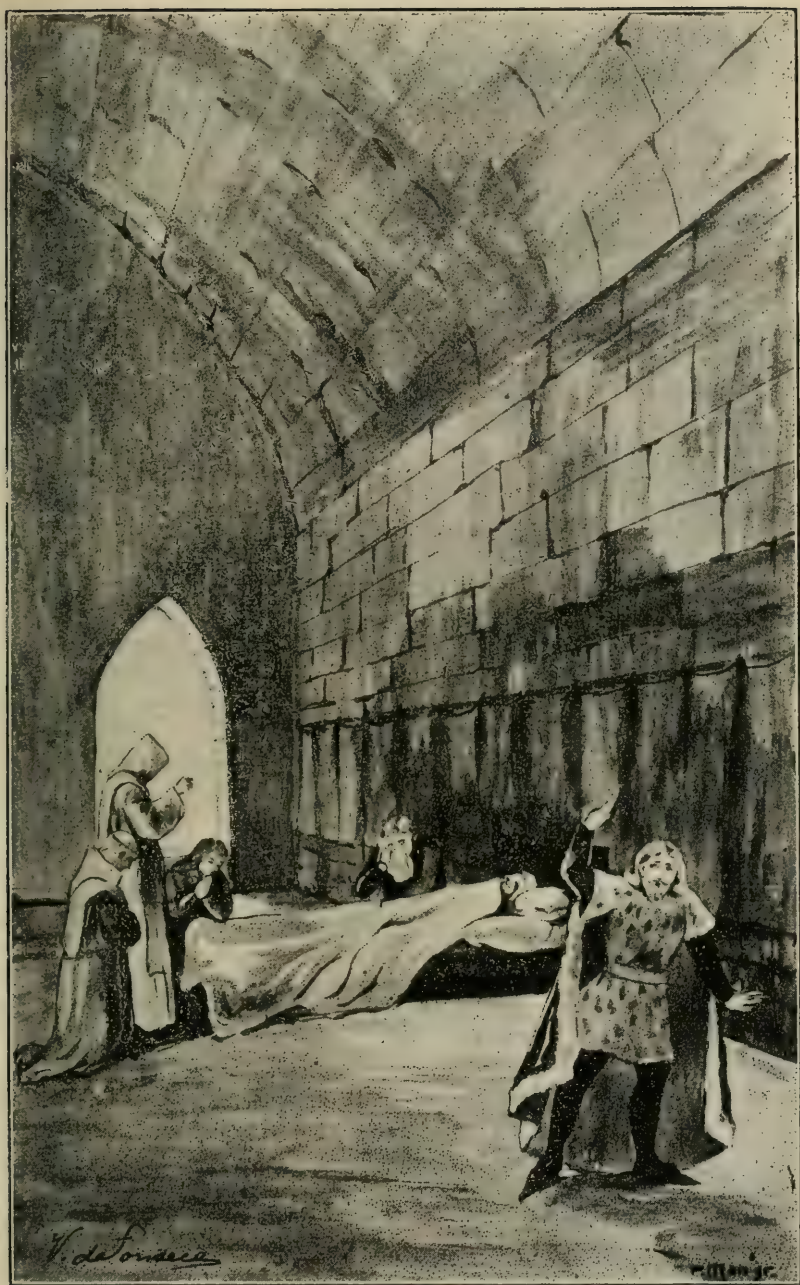
D. Beatriz sentindo approximar-se o desenlace, separou-se do filho e foi collocar-se á cabeceira.

D. Pedro irritado, começou a passeiar agitadamente, apertando febril um pequeno rolo de pergaminho.

---

(1) «Bem puderas, oh sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atre o comia!
Vós, oh concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes!
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está muorta pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva côr, c'oa doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoravam;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe puzeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez que ali passaram.

Começou a passear agitadamente

Tempo depois calaram-se todos, e o magote da gente dos conventos correu a rodeial-o, beijando-lhe a mão.

O rei tinha expirado.

Estremeceu o infante.

Dirigiram-se ao leito a verificar.

Apenas a rainha continuava junto do cadaver.

Quiz afastal-a brandamente.

Ella resistiu, e abraçou-se ao morto a soluçar.

D. Pedro atravessou altivamente o quarto, e dirigiu-se á sala de espera onde o aguardavam em massa os cortezãos, para lhe prestarem homenagem.

Fez um signal a João Loureuço Bubal, alcaide de Lisboa, e entregou-lhe um escripto sem dizer palavra.

Estremeceram os fidalg.

Mas vieram da mesma forma, por ordem de precedencias beijar-lhe a mão.

Tratou-os afavelmente.

Não vinha entre elles nenhum dos que culpava, nenhum dos que merecesse os seus rancores.

O alcaide, que saira immediatamente, voltou transtornado depois de lêr a ordem.

Falou-lhe baixo:

— Vosso pae mandou-os fugir. (1)

— Elle! — rugiu o infante desesperado.

Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores!

Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro dos mortaes feridos;
Que em tomando do reino a governança
A tomou das fugidas homicidas.»

Camões, Canto III, Est. CXXXIII, CXXXIV, CXXXV, CXXXVI.

(1) «Pero depois de tudo isto foi el-rei de accordo com o infante seu filho, e perdoou o infante a estas e outras em que suspeitava, e isso mesmo perdoou el-rei aos do infante todo o queixume qne d'elles havia, e foram sobre isto grandes juramentos e promessas feitas, como cumpridamente tendes ouvido, e viviam assim seguros Diogo Lopes e os outros, no reino, emquanto el-rei Dom Affonso viveu.

E sendo el-rei doente em Lisboa da dôr de que então se finou, fez chamar Diogo Lopes Pacheco e outros, e disse-lhe que elle sabia bem que o infante Dom Pedro, seu filho, lhe tinha má vontade, não embargando as juras e perdões que fizera, da guiza que elles bem sabiam; e que porquanto se elle sentia mais chegado á morte que á vida, que lhes cumpria de se porem a salvo fóra do reino, porque elle não estava já em tempo de os poder defender d'elle, se lhe algum nojo quizesse fazer. E elles se partiram logo de Lisboa, e foram para Castella...»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XXX.

«Até depois de morto me persegue!»
Correu irado ao quarto do morto.
Ia romper em imprecações contra o cadaver.
Mas a dôr da rainha deteve-o.
D. Beatriz continuava ainda no mesmo ponto, a chorar.
A sua nova côrte seguira-o presurosa.
Voltou-se pasa elles:
— Ide procural-os, e trazei-mos aqui!
Sairam todos correndo, atropelando-se para lhe obedecer.

CAPITULO XVI

Como vingar-se?

toda a hora chegavam ao paço os emmissarios.

Mas a resposta era a mesma.

«Ningem sabia d'elles.»

«Não os podiam encontrar.»

Mandava sair mais gente á sua procura.

Homens de confiança, dos que o tinham seguido sempre partiram para os portos, dirigiam-se aos caminhos da fronteira.

Ordens severas enviadas a toda a parte determinavam sobre todos os viajantes a mais severa vigilancia.

Mas nada dava resultado.

D. Pedro passava dias horrorosos, sem se deitar correndo impaciente ao encontro dos enviados, repetindo instrucções aos meirinhos, aos aguasis.

Devorava-o terrivel impaciencia.

Diante de qualquer dos que o serviam, ainda mantinha a mesma linha inquebrantavel.

Mas a sós, quando não o viam os cortezãos, entregava-se ao maior desespero, caia no mais esmagador desanimo.

Arrependia-se da assignatura do tratado de paz, de ter perdoado, de haver transigido.

«O pae burláva-o, mesmo depois de morto, arrancando-lhe o prazer da vingança!»

«Em vão se humilhára a deixar impunes tanto tempo os matadores de Ignez!»

«Levára longos mezes a acariciar uma feroz desforra, um estranho acto de justiça, e quando chegava o momento de a poder realisar, os culpados haviam fugido!»

Ficava horas esquecidas a imaginar expedientes para se apossar d'elles.

Por homens astuciosos que empregava em descobrir os crimes communs, mandou vigiar a casa de Diogo Lopes, onde ficára a mulher e a filha.

Contava que naturalmente elle escrevesse em breve a dar noticias ou a pedir dinheiro

Aprehendendo as cartas conheceria todos os seus passos, descobria o seu paradeiro.

Sabendo d'elle saberia dos outros dois seus companheiros na fuga, como tinham sido na sua politica.

A casa para a experencia d'esse plano foi d'ali em diante alvo da maior vigilancia.

Mas em vez de lhe trazer informações um dia vieram dizer-lhe que a familia se preparava para sahir.

Os seus espias receberam ordem de lhe fazer saber que não ia consentir.

A mulher de Pacheco, ferida já pelo desgosto da fuga precipitada, pelo risco iminente em que o via, caiu gravamente doente vencida de tão fortes commoções.

Então D. Pedro, não podendo por emquanto vingar-se de outra forma, mandou confiscar-lhe todos os bens, e fel-as sair da casa que habitavam.

João Lourenço Bubal, alcaide de Lisboa, recebeu ordem de as hospedar no castello.

Conserval-as-ia ali até que Diogo Lopes no empenho de saber d'ellas se denunciasse.

Não falharam as suas previsões.

Ao fim de algum tempo uma carta caiu em poder da gente de D. Pedro.

Pacheco e os outros haviam chegado a Castella onde estavam inteiramente a salvo.

Foi aniquiladamente a sua dôr. (1)

---

(1) ...e el-rei de Castella os recebeu de bom geito, e haviam d'elle bem fazer, e mercê, vivendo em seu reino seguros e sem receio.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XXX.

Via fugir n'um momento a possibilidade de realisar o sonho vinga-para que vivia.

Desgostosa sem saber d'elle, a mulher de Pacheco pediu ao rei que levantasse o confisco.

Para recordar o perdão concedido no tratado de paz, mandou mostrar-lhe o salvo conducto, sellado e assignado por elle proprio, em que se compromettia a nunca mais os proseguir.

D. Pedro despedaçou furioso o pergaminho e disse ao enviado que não descançaria emquanto não podesse proceder da mesma fórma para com o ministro de seu pae.

A mulher de Diogo Lopes não sobreviveu muitos dias a tantos desgostos.

O avô, Lopo Fernandes, tambem já tinha fallecido, ainda antes da morte de Ignez.

Violante ficou só.

João Lourenço Bubal recebeu ordem de redobrar de vigilancia para com ella, observando a correspondencia, mas por forma a dar-lhe a illusão de que não a espionavam.

«O pae certamente lhe escreveria.»

«Pero Coelho, com quem estivera destinada a casar, não deixaria de lhe enviar noticias.»

«Assim conheceria melhor os seus passos, afim de vêr como os havia de aprisionar.»

Os seus lembraram-lhe a necessidade de arrancar-se a esse apaixonado ardôr, e dar começo ás formalidades que lhe impunha a sua nova situação.

Tinha de mandar participar a sua ascenção ao throno ás cortes de Aragão, de Castella, de Inglaterra, e ao papa.

Acceitou de bom grado o alvitre, que lhe proporcionava o meio de saber dos fugitivos.

Escolheu para entregarem a sua carta a Pedro Cruel homens capazes de desempenharem cabalmente a commissão.

A gente do sequito que deviam levar foi offerecer-se ao rei para matar em Castella os tres.

Prohibiu-lh'o formalmente.

«Queria-os para si!»

Só em ultimo caso, quando perdesse de todo esperança de os obtera lançaria mão d'esse expediente.

Mas as noticias que lhe trouxeram não foram boas.

O monarcha castelhano protegia-os, dera-lhes terras e dinheiro.

Pero Coelho gabava-se de que o rei de Castella lhe alvitrára a maneira de livrar radicalmente os dois reinos do perigoso predominio dos Castros.

«Assim — pensava D. Pedro ao ouvir a informação — não os entregaria por preço nenhum.»

— O que hei-de fazer, o que hei-de fazer! — bradava desesperado como louco.

— Procedei com astucia — aconselharam-lhe.

«Procurae pôr-vos de accordo com o monarcha vosso sobrinho, e elle os entregará.»

— Tambem era contra ella, — commentou — como receio de me ver rei de Castella.

— Outra revolta que o incommode fazel-o-ha á vossa disposição, necessitado de auxilio.

«Então podereis exigir-lh'os ..»

— Talvez! — exclamou D. Pedro sentindo renascer a esperança no alvitre do conselheiro.

CAPITULO XVII

Outro plano

SERENANDO mais, D. Pedro acceitou esse conselho.

O plano de o elevar a rei de Castella gorára por completo.

Pedro Cruel não mostrava ter d'isso o menor resentimento.

Na politica de interesses que então faziam os reis e os senhores, convinha-lhe contar com Portugal para a eventualidade de novos conflictos com Aragão ou com os bastardos que tinham escapado ás suas chacinas.

O acolhimento prestado aos seus embaixadores fazia-lhes vêr claramente essa disposição.

Prompto a sacrificar todas as convenções, todos os retimentos, o rei portuguez rezolveu reatar as negociações de Affonso IV para uma aliança baseiada no casamento de D. Fernando.

Mandou novos emissarios a seu sobrinho.

O rei de Castella redobrou de obsequios. e preparou uma aparatosa embaixada, que devia ser portadora de felicitações pela sua ascenção no throno.

Ao constarem semelhantes tentativas de approximação, no intuito de contrabalançal-as, o rei de Aragão rezolveu enviar tambem os seus protestos de amizade.

A chegada das duas comitivas coincidiu com a presença do representante do papa.

Então D. Pedro, embora lhe custasse, teve de acceitar as communicações n'uma recepção solemne, onde pela primeira vez appareceu rodeiado de todo o aparato regio.

Adiantou se em primeiro logar o delegado pontificio e leu a carta do papa: (1)

«Innocencio, bispo, servo dos servos de Deus, ao muito amado em Christo, filho D. Pedro, mui nobre rei de Portugal, saude e apostolical benção.

«Porquanto, muito amado filho, por tuas letras, e fama, fomos certificado como o mui claro, de nobre memoria, el-rei Dom Affonso teu padre, se finou d'este mundo, sua morte foi a nós, e é, mui grande nojo e tristeza.

«E não sem razão o devemos ser, quando em nosso coração cuidamos nas bondades e virtudes de que sua real alteza era muito ennobrecida, por cuja razão o muito mamavamos, desejando-lhe que, entre todos os principes do mundo, o Senhor o accrescentasse, e entendesse seu real estado, com prolongamento de bemaventurados dias, nos quaes, acabando sua honrada velhice, a ti, seu primogenito filho, deixasse o regimento e successão do reino em firme concordia com teus visinhos.

«E pois assim é que o Senhor Deus, em cuja mão é o poderio de dar a cada um vida e morte lhe prouve de piedosamente o levar d'este mundo, nós pomos fim e acabamento á nossa dôr e tristeza, consolando-nos n'este Senhor que dá e priva e tolhe quando quer que lhe praz, no qual havemos firme esperança que nos altos ceos dará bom galardão e gloria á alma de el-rei, teu padre, pois emquanto n'este mundo viveu, se trababalhou de o servir com bons merecimentos, e lhe approuve com dignas virtudes.

«E assim, muito amado filho, piedosamente te consolamos, consoles no Senhor Deus, e consideres em tua vontade como succedes no regimento de teu padre, o qual, por exemplo de vida, se mostrou sempre fiel catholico.»

---

(1) «Das cartas que o papa, e el-rei de Aragão enviaram a el-rei de Portugal sobre a morte de el-rei seu padre.

El-rei Dom Pedro escrevera ao papa e el-rei de Aragão, por novas, quando el-rei Dom Affonso morreu, como seu padre era morto, e elle alçado por rei em Portugal.

E tendo cada um cuidado de lhe responder, chegaram-lhe n'esta razão suas respostas.

E a letra do papa dizia assim:»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. III.

D. Pedro acolheu com fingido sentimento as referencias á morte do pae.

Não podia esquecer como elle tão profundamente o ferira matando Ignez de Castro.

Era ceremoniosa a sua compostura.

O papa tambem obedecia ao dever da etiqueta.

A carta findava pela insistencia nas habituaes reclamações dos direitos das regalias da egreja. (1)

O representante do pontifice continuou a lêr:

«Porém requeremos á tua real clareza, que sempre com firme desejo vivas em temor do Senhor Deus, honrando a sua santa egreja, e, sendo favoravel ás ecclesiasticas pessoas, as mantenhas sempre em seus direitos e liberdades; e que sejas amador e defensor das viuvas e dos orphãos, alcançando os aggravos aos teus subditos, que lhes não seja feita injuria; e que, sem recebimento de alguma pessoa, sempre sejas honrador e amador de justiça, da guisa que, por tuas obras, sejas chamado por nome de rei que bem reje: e sei certo, se o assim fizeres, que sempre em teus dias viverás em paz e folgança, havendo Deus em tua ajuda, e a sua santa egreja te haverá em sua encommenda, sendo prestes para toda a tua honra e cumprimento de justas petições.

Dada em Avinhão.»

D. Pedro beijou o sello das armas do pontifice.

Agradeceu as boas palavras de condolencia, e prometteu responder em breve.

---

(1) «Era tão avaro, (o clero) tão feroz, tão barbaro, tão vicioso como os seculares...

Aos vicios do instincto sabiam juntar as perversidades da intelligencia.

Se os principes da egreja influiam de tal modo, a plebe ecclesiastica acompanhava as massas no rodopio lugubre e sanguinario da dança infernal da Edade-media.

Os homens da Egreja commetiam todos os crimes.

Sacerdotes, habitando os templos e os mosteiros, os seus delictos eram outros tantos sacrilegios, pela qualidade das pessoas e pela condição do lugar.

Roubavam, feriam, matavam, mentiam.

Andavam os cazados, bigamos, os solteiros publicamente amancebados.

Davam o braço ás prostitutas, viviam com ellas, e desfloravam donzellas.

Engeitavam os filhos, repudiando as esposas.

Além de criminosos, eram indignos.

Faziam-se carniceiros em praça publica matando e degolando as rezes e vendendo as carnes.

Eram jograes tafues, bufões.

Escondiam a corôa, deixavam crescer o cabello, e abandonavam o trajo ecclesiastico para mais á solta poderem abandonar-se aos seus desvarios.»

Oliveira Martins, *Historia de Portugal,* V. 1.º, p. 111, 112.

Deixou porém sem resposta os pedidos relativos ás garantias do clero.

No plano de reformar a justiça, de iniciar uma era de intemerata applicação das leis, não lhe agradavam os foros que padres e frades tinham obtido dos reis seus antecessores.

Na pratica de violencias contra o povo e contra a corôa rivalisavam a nobreza e a egreja.

Os povos queixavam-se de uns e outros egualmente da extorsão dos seus bens, de offensas aos seus direitos.

Mas o poder dos religiosos era mais esmagador ainda, do que o dos ricos homens e senhores de terras.

A's imposições dos fidalgos resistiam muitas vezes os populares lançando mão das armas.

O receio do inferno apavorava porém as populações ignorantes, e o poder do sobrenatural constituia uma força que ninguem se atrevia a affrontar.

CAPITULO XVIII

Negociações

CHEGOU a vez ao enviado do rei de Castella.

Saudando o rei portuguez, adiantou-se e começou a lêr:

«Rei tio:

Nós, el-rei de Castella e de Leão, vos enviamos muito saudar como aquelle que muito prezamos e para que queriamos tanta vida e saude, com honra, como para nós mesmo.

Rei, fazemo-vos saber como vimos uma carta de crença que nos enviastes por Martim Vasques e Gonçalo Annes de Beja, vossos vassallos, e disseram-nos de vossa parte a crença que lhes mandastes.

E, rei tio, nossa tenção é de vos amar, e guardar sempre os bens dividos que comvosco havemos, e fazer sempre por vossa honra como por nossa mesma.

E porquanto a nosso serviço e vosso cumpria haverem de ser declaradas algumas cousas conteudas nas posturas que entre nós havemos de pôr, assim sobre casamentos de vossos filhos com vossas filhas, nós falámos com o dito Martim Vasques e Gonçalo Annes toda nossa tenção, e enviamos sobre isto João Fernandes de Melgarejo, chanceller do nosso sêllo da puridade, e rogamo-vos que o creaes do que vos da nossa parte disser.

Outro sim enviamos, para trazer o corpo da rainha, nossa madre, para a enterrar aqui em Sevilha, o arcebispo d'esta cidade e outros prelados de nossos reinos, e rogamo-vos que essas joias que ella deixou, que as mandeis dar ao dito João Fernandes, e nós agradecer-vol-o-hemos.» (1)

Durante a leitura da carta, D. Pedro teve impetos de erguer se do throno e protestar.

«O rei de Castella, o filho de sua irmã, procedera de tal fórma para com ella, que esteve por vezes tentado a intervir.»

«Chegára a passar a fronteira, com armas para o desthronar.»

«O horror dos seus crimes, o odioso das suas vindictas, a brutalidade para com a mãe, haviam originado o projecto de o fazer proclamar rei.»

«Pedro Cruel não podia tel-o olvidado.»

«Por sua parte não se esquecera dos aggravos feitos á rainha.»

«O empenho em obter o cadaver não passava de um novo acto de cynismo!»

A reclamação das joias irritava-o como uma nota da sua insaciavel voracidade.

«Mas na manifestação dos propositos de chegar a uma approximação, que fosse talvez o inicio de uma aliança, vinha ao encontro dos seus desejos.»

«Isso bastava.»

«Que lhe importava o mais?

«Todo o passado morrera com Ignez!»

«As suas ambições tinham descido com ella ao tumulo.»

«Existia apenas para elle o espectro da morta a pedir vingança.»

«Vivia sómente para a desforra.»

«Queria tiral-a fosse como fosse.»

«Precisava obter a todo o custo os refugiados em Castella.»

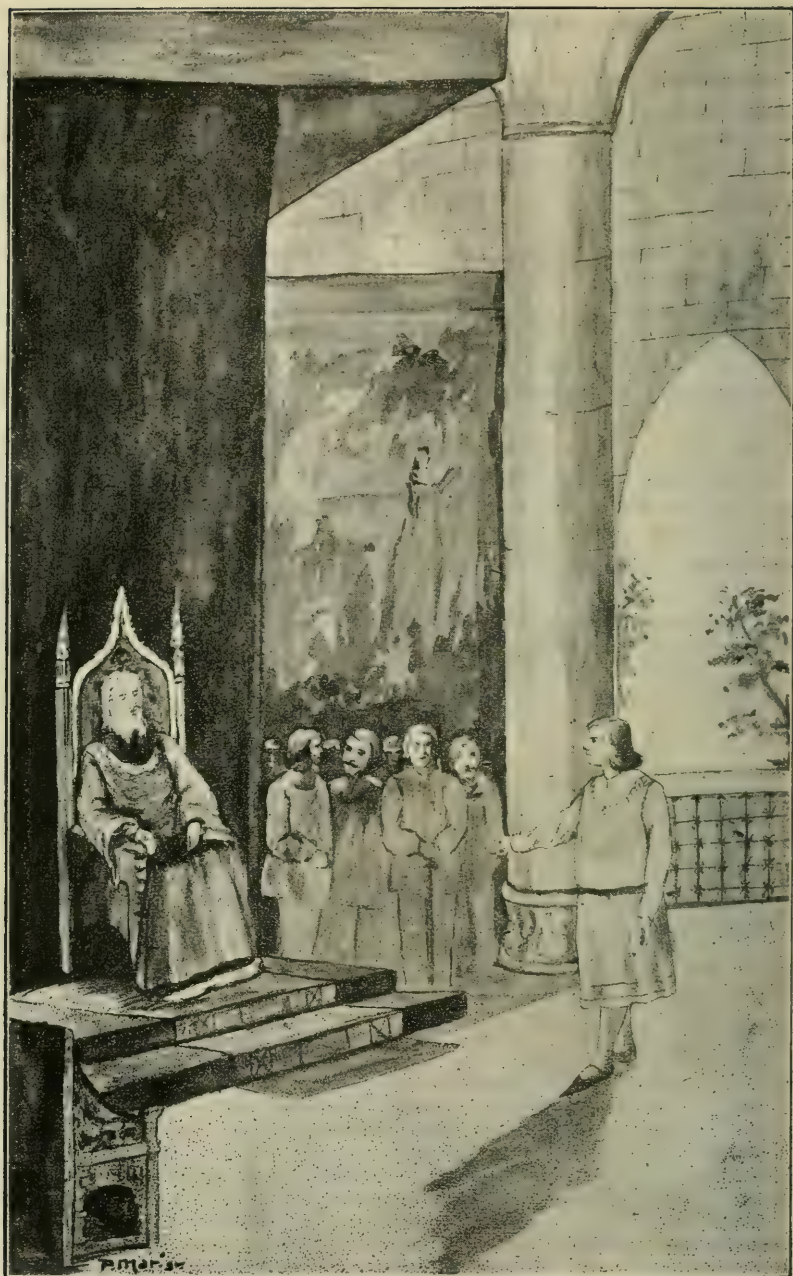
«E para isso esquecia o procedimento do sobrinho e a sua propria attitude.

---

(1) «N'esta sazão que el-rei Dom Pedro começou de reinar, ordenou el-rei de Castella de enviar pelo corpo da rainha Dona Maria, sua madre, que se finara em Portugal vivendo ainda el-rei Dom Affonso, seu padre, como em alguns logares d'este livro se faz menção; e fez saber por sua carta a el-rei Dom Pedro, seu tio, como havia vontade de a trasladar, para a pôr em Sevilha, na capella dos reis, com el-rei Dom Affonso, seu padre, e ordenou para irem com o corpo da rainha o arcebispo de Sevilha e outros prelados do seu reino, e desde ahi mandou adiante, para correger todas as cousas que cumpriam para o seu corpo ir honradamente, Gomes Peres, seu dispenseiro mór, ao qual o corpo havia de ser entregue, para ordenar tudo o que mister fazia á sua trasladação, para quando os prelados viessem, que achassem tudo prestes e se partissem logo.

....

E quando o arcebispo, e os outros prelados e gentes vieram pelo corpo de

proseguindo a audiencia

«Ao fim d'essa amisade, ao cabo da alliança, como consequencia dos promettidos casamentos dos filhos via a posse dos homens detestados, a alta justiça do seu julgamento, a sentença esmagadora, o alto exemplo da sua execução, e a consequente desaffronta de Ignez, elevada então á verdadeira altura de onde o rancor do pae a havia precipitado.»

Proseguiu a audiencia.

O embaixador de Aragão, adiantou-se, e depois de uma respeitosa venia, desenrolou um pergaminho e começou a lêr a carta do seu soberano:

«Muito alto e mui nobre Dom Pedro, pela graça de Deus, rei de Portugal e do Algarve:

«Dom Pedro, por essa mesma graça, rei de Aragão, e de Valencia, e de Mayorca, e de Sardenha, e de Corsega, e conde de Barcelona, e de Rossilhão, saude, como a rei que temos em logar de irmão, que muito amamos e prezamos, e de que muito fiamos, e para que queriamos muita honra e boa ventura, com tanta vida e saude como para nós mesmo.

«Rei, irmão.

«Recebemos vossa letra, pela qual nos significastes a morte do mui alto e mui honrado el-rei Dom Affonso de Portugal, vosso padre, a que Deus perdoe.

«E por essa mesma nos fizestes saber que vós, assim como seu primogenito e herdeiro dos ditos reinos, ereis levantado por rei de Portugal.

«Das quaes novas, em verdade, Rei irmão, houvemos desprazer e prazer juntamente: desprazer da morte do dito rei, o qual sabiamos que nos amava como seu filho e nós a elle como a nosso muito amado padre; mas como da morte nenhuma pessoa seja isenta, e o dito rei seja saido da miseria d'este mundo, doendo-nos d'ella, se por nós alguma cousa pudesse

---

rainha, trouxeram a el-rei Dom Pedro uma carta de el-rei de Cas ella, seu sobrinho, que dizia d'esta guiza »

....

El-rei Dom Pedro fez outorgar o corpo da rainha Dona Maria sua irmã áquelle embaixador de el-rei de Castella e foi lhe feita grande honra, assim por el rei, como pelos prelados que por ella vinham.

E muito acompanhada até ao extremo, e d'ahi até á cidade de Sevilha, a saiu el-rei seu filho a receber com muita clareza e grandes senhores e fidalgos que ahi eram com el-rei. E feitas suas exequias mui honradamente, foi posto o seu corpo na capella dos reis, a cerca de el-rei Dom Affonso; seu marido, onde ora jaz.

Sobre os casamentos dos filhos de el-rei Dom Pedro com as filhas de el-rei de Castella, por que João Fernandes era enviado, foram faladas muitas cousas com el-rei de Portugal, e não se acordando por então em algumas d'ellas, depois acertaram todas suas avenças, como adiante ouvireis.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. II.

ser feita, muito prestes eramos de o fazer, porém rogamos a Deus, em cuja mão é vida e morte de cada um, receba sua alma com os seus santos nos paraiso, fiando n'elle que o ha feito.

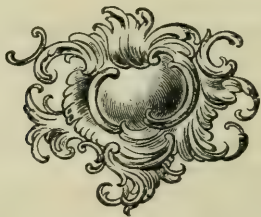
«Prazer outro sim houvemos muito grande, Rei irmão, quando soubemos que ereis alçado em rei de Portugal e do Algarve, pela successão herdeira a vós por direito pertencente, e crendo saber que, assim como nós tinhamos o dito rei em conta e logar de padre, assim entendemos de ter a vós em conta de nosso irmão, e fazer por vós toda cousa que seja honra e prazer vosso, e proveito de vosso senhorio, esperando certamente, de vós, que fareis semelhante por nós, e por nossos-reinos e terras.

«E porquanto, irmão Rei, segundo é conteudo em vossa letra, vós desejaes saber o bom estado de nossa pessoa, e da rainha, e de nossos filhos, a prazer vosso vos significamos que somos todos sãos e em boa disposição de nossas pessoas, mercês a Deus: rogando vos, mui claramente, que de vosso bom estado e real casa, nos certifiqueis por vossa carta, e sêde certo que nos fareis assignado prazer.»

D. Pedro agradeceu ceremoniosamente.

Fez algumas dadivas ao embaixador e aos que o acompanhavam.

E embora fosse a alliança de Castella que lhe conviesse, acolheu bem as propostas de amisade, para o rei seu sobrinho se empenhasse mais em obter a sua adhesão.

Então impôr lhe ia uma só condição em troca de todo o auxilio que quizesse, a entrega d'esses em quem a morte de Ignez de Castro havia de ser cruelmente vingada!

CAPITULO XIX

A sua vida

TINHAM porém que ser longas as negociações.

Por agora correspondia com absoluta promessas de apoio ás vagas solicitações de Pedro Cruel.

Conhecia bem a sua perfidia.

Só quando o visse totalmente dependente do auxilio dos guerreiros ou das galés portuguezas para algum conflicto com Aragão ou com os bastardos, se decidiria a for mullar a sua unica reclamação.

«Mas quanto tempo aguardaria ainda!»

«A que novas transigencias teria ainda que sugeitar-se?»

Em momentos de ira estava a ponto de corromper com punhados de oiro a gente da embaixada para que levasse o rei a entregar-lhe Diogo Lopes, Alvaro Gonçalves e Pero Coelho.

Vinha porém a reflexão mostrar-lhe a imprudencia de tal passo.

«Podia comprometter assim de todo o seu projecto.»

«A mais ligeira desconfiança de que não estavam seguros, leval-os-ia a fugir para mais longe.»

«E uma vez acoitados n'outro paiz teriam escapado de vez á sua colera.»

«Para com os outros reis não dispunha dos meios persuasivos que haviam de levar por fim Pedro Cruel a ceder-lh'os.»

A's vezes receiando que fossem para França ou para Inglaterra, ou que se encobrissem por tal fórma no territorio castelhano que não soubesse mais d'elles, pensava mandal-os matar immediatamente, enviando trez homens de confiança que os apunhalassem, ou encarregando os Castros de os acabarem, como desejavam ardentemente.

Mas o empenho de os vêr ante si, tremendo de medo, de lhe arrancar a confissão do crime, de conhecer os detalhes do que se passára, de evocar, pelos seus testemunhos todo o horror da tragedia, de reconstituir pelas suas palavras a angustia dos ultimos momentos da mulher amada, fazia pôr de parte esse expediente, e levava-o a insistir com mais ardôr na captação da amizade do rei castelhano.

Queria vingar-se, mas queria ao mesmo tempo ter a noção exacta do que succedêra.

Enlouquecera-o a morte d'ella, mas fulminára-o de um golpe.

O desconhecimento do que se passára no logar da morte pungia porém noite e dia, n'uma tortura crescente, n'uma doida inquietação, n'um perturbante delirio, ora lançando sobre o pae toda a amargura do seu odio, ora querendo fazel-a pezar tambem sobre os conselheiros que tantas vezes se haviam manifestado como seus implacaveis inimigos.

Na mesma obseção do seu espirito justiceiro chegava a duvidar ás vezes que os trez que tão duramente perseguia fossem mais do que cumplices do rei.

No desespero de vingar-se via porém ás vezes criminosos em todos os que o cercavam, e lançava em infindaveis investigações, até se convencer que taes ou taes nem tenham acompanhado Affonso IV a Montemór.

A seguir ás crises violentas em que os terriveis ataques voltavam a acomettel-o, em que se debatia no chão, a bôcca torcida, os olhos parados, a espuma sanguinolenta a escorrer-lhe no peito, cahia em crises de abatimento, em que julgava impossivel obter os que seu pae mandára fugir.

Esmagava-o então uma impotencia desesperadora.

A rainha procurava-o a recommendar-lhe socego, a pedir-lhe que vivesse para os filhos e abandonasse de vez as sinistras ideias de vingança que o despedaçavam, que o consumiam.

Velhos companheiros como D. Nuno Freire vinham tambem aconselhar-lhe serenidade.

Mostravam-lhe como envelhecêra.

D. Pedro contemplava aterrado n'um espelho a physionomia devastada, o olhar desvairado, o cabello embranquecido, o aspecto de um velho, arruinado, gasto, esmagado por longos annos de desgostos, de provações.

Deixava-se vencer temporariamente.

Pensava em olvidar tudo, em pedir ao prazer, á embriaguez, ao amôr sensual o esquecimento preciso para não morrer de desespero.

Faziam-lhe vêr o impossivel de conseguir trazer ao reino, prisioneiros, os homens protegidos por Pedro Cruel, que, no dizer de Pero Coelho, inspirára medidas violentas para se livrar dos Castros, seus inimigos.

Reconhecia a verdade, a sinceridade de todas essas intervenções.

Lançava-se inconsciente nos maiores exageros, n'um flagrante contraste com o eterno luto da sua alma.

Mas em meio das extravagancias com que procurava entenebrecer-se, irrompia mais terrivelmente o seu desejo de vingança.

E tornava a querer a todo o custo os homens que accusava, para assombrar o reino com a sua vingança, para desaffrontar a sua querida morta, para encontrar em fim um lenitivo, um conforto, para a dôr cruciante que o despedaçára.

Dava para isso o primeiro passo.

A trasladação de D. Maria viera recordar a triste vida da infeliz rainha.

Sepultada precipitadamente, para que não constasse o extranho crime que a victimára, era agora que tinha toda a resonancia o desgosto da sua perda.

Chorava atraz do seu esquife a nova côrte de que D. Pedro se rodeiára. (1)

Alguns revoltavam-se intimamente contra a entrega d'esse cadaver ao filho que tanto a perseguira.

João Affonso Tello recordava o assasinio do irmão, Martim Affonso Tello, dedicado com outros portuguezes á defeza da rainha.

---

(1) «Este rei D. Pedro... foi sempre grande caçador e monteiro, em sendo infante e depois que foi rei, trazendo grande casa de caçadores e moços de monte e de aves, e cães, de todas maneiras que para taes jogos eram pertencentes.

Elle era muito viandeiro, sem ser comedor mais que outro homem, que suas salas eram de praça em todos logares por onde andava, fartas de vianda, em grande abastança.

Elle foi grande criador de fidalgos de linhagem, porque n'aquelle tempo não se costumava ser vassallo, se não filho e neto ou bisneto de fidalgo de linhagem; e por usança haviam então a quantia que ora chamavam maravedis, dar se no berço, logo que o filho do fidalgo nascia, e a outro nenhum não.

Este rei acrescentou muito nas quantias dos fidalgos, depois da morte de el-rei D. Affonso fosse cumprido de ardimento e muitas bondades, tachavam-no porém de ser escasso, e apartamento de grandeza. E el-rei D. Pedro era em dar mui ledo, em tanto, que muitas vezes dizia que lhe afrouxassem a cinta, que então usavam não mui apertada, porque se lhe alargasse o corpo por mais espaçosamente poder dar; dizendo que o dia que o rei não dava, não devia ser havido por rei.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. I.

Não podia tolerar a hypocrisia d'essa homenagem.

Fel o vêr a D. Pedro.

Mas elle absorvido pelo empenho de obter do rei de Castella o que pretendia, esquecera de bom grado os aggravos da irmã, e dava os ossos d'ella como primeiro sacrificio á vingança almejada.

Os cavalleiros extranhavam lh'o, recordando a vida de soffrimentos que ella arrastára no reino onde entrára como rainha.

As infidelidades de Affonso XI, o abandono a que a votára, a sua total substituição pela favorita, o predominio que Lenoor de Gusmão obtivera, constituiam o assumpto dos que o dever obrigava a assistir.

Relembravam a energia com que defendera depois os direitos do filho impedindo que se apossasse da corôa do filho da barregã.

A ingratidão com que depois a tratára Pedro Cruel, despertavam-lhes amargos commentarios,

«A reclamação do cadaver, as preparadas honrarias não passavam de uma manifestação de hypocrisia para juntar ás mais.»

CAPITULO XX

Procurando a solução

TODOS extranhavam a attitude de D. Pedro accedendo, entregando lhe os restos da irmã, esquecido de que com ella planeára desthronal-o.

Evitavam porém deixar echoar o seu desgosto.

O rei, cada vez mais violento, aterrava todos quando lançava em torno desvairados olhares.

Sentiam a ruina do seu espirito, a intermetencia de luz e trevas, os lampejos de uma ideia justiceira, rompendo a custo as nuvens de um terrivel entenebrecimento.

D. Pedro andava na ceremonia como aturdido.

E feita a entrega do cadaver, quando seriam logicas as mais sentidas manifestações de lucto, mandou preparar um grande sarau para deslumbrar os embaixadores.

A noticia horrorisou a muitos.

Tomavam-o por um mais evidente symptoma do seu desiquilibrio.

Mas a ideia estava na logica do seu procedimento.

Pretendia a todo o custo vingar-se.

Pedro Cruel podia facultar-lhe o unico meio de conseguir.

E assim vivia inteiramente para o desejo de conquistar a acquiescencia do rei de Castella.

Principiou a festa.
Os indifferentes riam e folgavam.
A justiça costumava enredar os litigantes, protelar o julgamento das causas, extorquir em despezas as partes o melhor do que vinham disputar.
Affonso Madeira enthusiasmava os grupos, passando sorridente, apontando os embaixadores em ditos graciosos ás mulheres, indicando as aos homens em ditos picantes.
Catharina Tosse correspondia em amorosos requebros aos madrigaes dos castelhanos, onde tinha antigos admiradores.
Deram signal os alaudes e um trovador cantou:

«Verdes parras tem a vinha, (1)
Ricas uvas n'ella achei,
Tam maduras, tam coradas...
Estão dizendo «comei!»

—«Quero saber quem n'as guarda;
Ide, mordomo, e sabei:»
Disse o rei ao seu mordomo.
Mas porque o dizia o rei?

Porque viu n'aquelle monte
— E como elle o viu não sei —
Essa donna imparedada,
Não se sabe por que lei,

Que por seu mal é condessa,

---

(1) Foi verdadeiramente reconstruida esta xácara dos fragmentos soltos da composição popular antiga; como hoje se reconstituiria das pedras cahidas de uma tôrre velha,— não exactamente o mesmo edificio, porque o cimento, e algum enchume novo aqui ou alli, seria mister impregar — mas quasi a mesma coisa; na fórma e nos materiaes a mesmissima.

Deixei-lhe com mais seguridade o titulo da xácara que trazem muitos outros de nossos romances populares, porque effectivamente creio que quadra mais aos d'esta especie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, emquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente elle mesmo.

Nós temos, se não me engano, no gene o narrativo popular as tres especies; romance, xácara, soláo: no romance predomina a fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na xácara prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco ás vezes nada — fallam os sens personagens muito: o solao é plangente e mais lyrico, lamenta mais do que reconta o facto, tem menos dialogoe mais carpir; ás vezes, como no soláo da Ama em Bernardim Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vai lludindo a certos successos, mas que os não conta.

Garrett, *Romanceiro*, V. I, p. 143.

Condessa de Valderey ;
Antes ser pobre e vilan,
Antes pela minha fé !

Verdes parras tem a vinha :
Uvas que lhe vira el-rei
Tam maduras, tam coradas,
Estão dizendo, «comei !»

Veio o mordomo do monte;
—«Boas novas, senhor rei !
A vinha anda bem guardada,
Mas eu sempre lá entrei.

«O dono foi-se a outras terras,
Quando volverá não sei ;
A porta é velha, e a porteira
Com chave de ouro a tentei.

«Serve a chave á maravilha,
Tudo por fim ajustei :
Esta noite á meia noite
Comvosco á vindima irei.»

—«Valeis um reino, mordomo,
Grandes mercês vos farei :
Esta noite á meia noite
Ricas uvas comerei.»

A vinha tem parras verdes,
Madura a uva lhe achei ;
E tam madura, tam bella,
Que está dizendo, «comei !»

Ao pio da meia noite
Foi mordomo e foi o rei :
Doblas que deram á velha,
Um conto que nem eu sei,

—«Mordomo ficae á porta,
A' porta que eu entrarei ;
Não me saltem cães na vinha
Em quanto eu vindimei.»

A porteira o que lhe importa

E' a dá me que te darei...
No camarim da condessa
Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso;
Era de prata, sabei:
Não ha senão prata e oiro
Na casa de Valderey.

Da vinha as parras são verdes
As uvas maduras sei,
São tão coradas, tão bellas...
D'ellas — quando comerei!

No camarim da condessa
Tuda andava á mesma lei,
Era o ceo d'aquelle anjo:
Que mais vos diga não sei.

Ricas sedas de Millão,
Toalhas de Courteney...
Tremia o rei — se era susto,
Se era de gosto não sei.

Cortinas de seda verde
Vai ergo não erguerei...
Tão claro lhe deu na vista,
Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura...
Ora que mais vos direi?
Outro primor como aquelle
Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
Riccas uvas lhe avistei,
Tão formosas, tão maduras,
Estão dizendo, «comei!»

Dormia tão descançada
Como eu no ceo dormirei
Quando fôr tão innocente...
Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite

Alli fica o bom do rei.
Pasmado a olhar para ella
Sem bulir nem mão nem pé.

E dizia : — «Senhor Deus!
Perdoae-me o que já pequei,
Mas este anjo de innocencia
Não sou eu que offenderei.

Tem verdes parras a vinha;
Lindas uvas que eu lhe achei.
Tenho medo que me travem...
D'ellas, ai! não comerei,

O trovador suspendeu a um signal do rei.

Entrára um grande grupo de frades de varias ordens, precedidos pelos seus geraes.

Vinham solicitar de D. Pedro o cumprimento do testamento paterno.

Para que entrassem na posse dos bens doados por Affonso IV, era preciso uma expressa confirmação do rei.

Era longa e teimosa a lucta travada entre os monarchas e o clero.

Insaciaveis de bens terrenos, de dinheiro, de interesses de toda a ordem, iam concentrando em poder dos conventos toda a propriedade territorial.

Leis severas tinham-os prohibido de adquirir mais bens.

Mas á hora da morte vinham pairar por sobre o leito dos moribundos, afim de lhe extorquirem riquezas a troco da promettida entrada no ceu. (1)

D. Pedro, cioso das regalias da corôa, disposto sempre a reprimir os abusos do clero, não estava disposto a acceder a todas as determinações do pae.

Mas os serviços que lhe podiam prestar os frades espionando em Cas-

---

(1) Os barões crendo de facto na verdade da revellação, e n'uma outra vida onde são julgadas têem uma religião feita de medo; e no fundo barbaros, vivem na terra á lei da força, remindo com esmolas e legados, á hora da morte os longos rosarios de crimes. Julgando-se proximos a apparecer perante o supremo juiz, reconhecendo á hora da morte a inutilidade da força e da perfidia... compram o perdão com o fructo das rapinas e dos crimes; e assim formam o alicerce de um poder real verdadeiro e mundano. Talvez os mortos, os que ficam teem de intender-se com o clero herdeiro, tem de combater todos os meios a influencia e o poder, para outra vez, á hora da morte, repetirem os actos causadores das luctas que lhe encheram a vida, Por tai fórma se encerra um circulo vicioso que a politica não pode romper, porque a religião o não consente.»

Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, V. I. p. 111.

tella os culpados na morte de Ignez de Castro, influindo no animo de Pedro Cruel para lh'os ceder, inclinavam-o a ser-lhes favoravel.

Forçado pelas circumstancias ouviu com bom modo a representação.

Ficou de responder.

«Avaliaria primeiro detidamente as condições em que se encontrava a sua reclamação dependente de Castella e os serviços que lhe podia prestar.

Convidou os frades a sentarem-se á meza onde se banqueteava durante o sarau.

E emquanto os monges fraternisavam em copiosas libações, fez signal ao trovador para continuar.

Elle proseguiu:

Já vinha arraiando o dia,
E elle, como vos contei,
Ouve apitar o mordomo...
—«Jesus, senhor, me valei!»

Era o signal ajustado
— Vindo o conde, apitarei —
Deixou cahir as cortinas
Dizendo: —«Não vindimei!

Lindas parras tem a vinha,
Bellas uvas n'ella achei;
Mas doeu-me a consciencia,
Das uvas não comerei,

Deita a correr com tal pressa
Que voava o bom do rei:
—«Ai que perdi um chapim...»
—«Tomae, que um meu vos darei

«Mas nem um instante mais,
Que o conde já avistei
Descendo d'aquella altura;
Se nos colherá não sei...

Era o medo do mordomo:
Outro era o medo do rei.
Qual d'elles tinha razão
Agora vol-o direi.

Parras verdes viu na vinha,

Uvas maduras de lei;
Foi travo da consciencia,
Diz: —«D'ellas não comerei.»

Chega o conde á sua torre,
O conde de Valderey,
Topou n'um chapim bordado
Como ficou não direi.

Vai se ao quarto da condessa
—«Morrerá, matal-a-hei.»
Viu-a morrer tão serena:
—«Jesus! não sei que farei!»

Corre a casa ao derredor:
—«Deus me tenha em sua lei,
Que ou esta mulher é bruxa
Ou eu com o chapim sonhei!

O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'o topei...
Mas que durma assim tão manso
Quem tal fez, não n'o crerei.»

Entrou a scismar n'aquillo:
—«Valha-me Deus! que farei?
Por menos fica homem doudo:
E eu como o não ficarei?

Minha vida tão guardada!
Uvas que n'ella deixei
Não é fructa que se conte...
Da que me falta não sei.»

Foi-se fechar no mais alto
Da torre de Valderey:
—«Não quero comer do pão,
Nem do vinho beberei;

«Minhas barbas e cabellos
Tambem mais os não farei,
Que esta verdade não saiba
D'aqui me não tirarei.»

Verdes parras d'essa vinha,

Uvas que que eu não comerei,
Ficae-vos sêccas embora,
Que eu já'gora — morrerei.

Por tres dias e tres noites
Que se guarda aquella lei;
Clama a triste condessa:
— «Ao seu mal que lhe farei!»

De quem foi ella valer-se?
Agora vol-o direi.
Foi lastimar-se a innocente...
Onde iria? — ao proprio rei.

— «Ide, condessa, ide embora
Que eu remedio lhe darei;
O segredo do seu mal
Sei-o eu... Se o saberei?

«Palavra de cavalleiro
Em lealdade vos darei,
Que ou elle hade ser quem era,
Ou eu, quem sou, não serei.»

As verdes parras da vinha,
As uvas que eu cobicei,
Ellas a travar-me n'alma...
E mais d'ellas não provei!

Fôra d'alli a condessa,
Não tardou em ir o rei:
— «Quero ouvir o que elles dizem,
A esta porta escutarei.»

Ouviu uma voz celeste
Como tal nunca ouvirei,
Cantando em doce toada
Este triste vireley:

— «Já fui vinha bem cuidada,
Bem querida, bem tratada:
Como eu medrei!
Ora não sou nem serei:
Porquê não sei
Nem n'o saberei!»

Com as lagrimas nos olhos
  Foi d'alli o bom do rei:
— «Oiçamos agora o outro,
  E o que sabe, saberei!»

— «Minha vinha tam guardada!
      Quando n'ella entrei
Rastos do ladrão achei;
Se me elle roubou não sei:
      Como o saberei?»

Era o conde a lastimar se,
  Sorrindo dizia o rei
(Se era de si ou do conde
  Que elle se ria não sei):

—«Eu fui que na vinha entrei,
Rastos de ladrão deixei,
Parras verdes levantei,
      uvas bellas
      N'ellas — vi:
E assim Deus me salve a mim
      Como d'ellas
      Não comi!»

A porta tinha uma fresta:
  Tirou o chapim do pé,
Atirou-lh'o para dentro,
  Disse-lhe: — «Vêde e sabei.»

Do mais que alli succedeu
  Para que vos contarei?
O conde soube a verdade,
  E o rei soube — ser rei.

Por entre meio da trova o rei falava aos castelhanos offerecia lhes saborosos doces, fartava-os de bom vinho e bebia tambem, na ancia de esquecer a funda saudade que o perseguia.

Repetia os votos de amizade, fazia recommendações a todos os enviados, fallava já, como de coisa assente dos auxilios que podia conceder, fortes galés que batessem os mares, aguerridas hostes como as que o pae conduzira ao Salado.

«E em troca — affirmava — só queria a sua solida amizade!»

Guardava-se bem de manifestar os verdadeiros motivos.

Expol-os-ia depois, quando tivesse a certeza da concessão.

Acariciava a ideia da vingança.

Passava lhe ante os olhos a negra tragedia, Ignez morrendo á mão dos sicarios do pae, os filhos chorando de medo e de saudade.

A custo encobria os verdadeiros desejos que o animavam.

Sentia o imperioso desejo de reclamar altivamente os culpados.

Queria abandonar por uma vez todos os disfarces, todos os fingimentos.

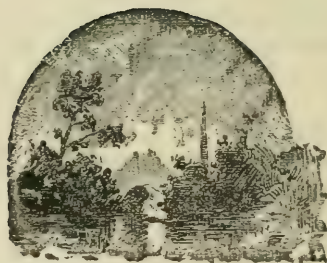
Pensava em reter como refens os embaixadores para que Pedro Cruel lh'os mandasse entregar.

Chegava a erguer se n'um impeto irritado para determinar a imposição.

Mas quando voltava á reflexão via bem a imprudencia d'esses projectos.

«Não eram seguros!»

«Não poderia obtel os!»

E via-se forçado a continuar fingindo, ainda para a vingar!

CAPITULO XXI

A filha de Pacheco

EMQUANTO os castelhanos estavam em Lisboa, D. Pedro mandava redobrar a vigilancia em torno de Violante, confiada a João Lourenço Bubal, o alcaide do castello.

Para os homens d'armas a donzella passava por filha do castellão.

Os espiões limitavam-se a vigiar se recebia alguma carta pela qual podessem saber da situação e dos propositos de Diogo Lopes Pacheco e de Pero Coelho.

«Não deixariam de querer entrar em relações com ella — pensava o rei.»

«E assim, embora deixasse entregar-lhe as cartas, ficaria ao corrente dos seus passos.»

Violante, profundamente ferida por tão rudes golpes, sentindo-se prisioneira dentro das altas torres do castello, não contava já tornar a vêr o pae.

Mas pensava ainda em Luiz Freire, e a falta de noticias intimidava-a.

«Tel a-ia esquecido?»

«Seria acaso perseguido por se ter approximado d'ella?»

Estava porém decidida a esperar por elle.

Essa ideia levava-a a soffrer resignadamante o captiveiro em que mantinham.

Luiz Freire, vivendo no paço, gosando da maior confiança desde que governava D. Pedro, velho amigo de Nuno Freire, soube facilmente onde Violante estava.

Conhecendo o desespero do rei, teve medo que n'uma hora de furor não podendo vingar-se no pae mandasse matar a filha.

Então subornou um homem de armas do alcaide, e por meio d'elle poz-se em relações com ella, combinando o rapto em que pretendia salval-a.

Tivera o melhor exito a tentativa, mas a donzella tornou a cahir em poder do alcaide, e elle a custo conseguiu fugir, vendo-se novamente separado. (1)

A fuga de Luiz Freire salvára-o do terrivel castigo que o rei lhe queria impôr.

A custo Nuno Freire dissuadiu o rei de o mandar perseguir por toda a parte.

D. Pedro convenceu-se por fim de que havia muito que se amavam, e que o rapto não tinha em vista entregal-a ao pae.

D. Nuno pediu-lhe ardentemente que os casasse.

Nada porém conseguiu.

Violante foi enviada para um convento da fronteira.

Na obcessão de apossar se dos matadores de Ignez, o rei appellava para tudo.

Esperava que a proximidade do territorio castelhano tentasse Diogo Lopes ou Pero Coelho a virem vel a ou a buscarem salval-a.

A correspondencia, mais facil desde ahi, tel-o-ia sempre na pista dos fugitivos.

Mas ninguem, a não ser os encarregados de vigiarem o convento, soube do ponto escolhido para a sua reclusão.

Nuno Freire nada conseguiu.

Luiz Freire partiu de terra em terra, a indagar o percurso da liteira que a conduzia, entre a forte escolta destinada a defendel a do seu ardor.

Mas as negociações com o rei de Castella deviam ser forçadamente longas.

O ardil usado para saber de Pacheco e dos seus, por meio de Violante, demoraria tambem até dar resultado.

D. Pedro debatia-se impaciente.

Nada satisfazia a sua febril anciedade.

Emquanto era forçado a esperar dedicou-se á reorganisação da justiça, que constituira o seu principal empenho, quando pensava no que devia pôr em pratica ao ser rei. (2)

---

(1) Veja-se o prologo d'este romance.

(2) «Era ainda de bom desembargo aos que lhe requeriam bem e mercê, e tal ordenança tinha n'isto, que nenhum era detido em sua casa por causa que lhe requeresse.

A sua vontade de punir os corruptos, de castigar os crimes impunes creára-lhe a inimisade de muitos dos conselheiros do pae.

Temiam que realizasse as suas ideias de reformar inverterados abusos.

D. Pedro sabia que muitos jogadores viviam de protelar as decisões.

Outros punham preço ás sentenças.

Alguns recebiam das partes litigantes, fazendo pesar a balança da justiça para o lado que mais generosamonte os subornava.

Emquanto não podia realisar a outra, ia cumprindo esta missão.

Regulou a maneira de receber e despachar petições, por forma a não haver delongas que prejudicassem os requerentes.

Mas tambem não consentia que despachados os pretendentes, voltassem a insistir, e andassem pela côrte a supplicar.

Para os infractores ordenou penas de multas e de açoutes. (1)

Espias seus eram encarregados de vigiar o cumprimento d'esta determinação.

Queria pôr em pratica o vasto sonho justiceiro que o tinha apaixonado.

A justiça costumava enredar os litigantes, protelar o julgamento das causas, extorquir em despezas ás partes o melhor do que vinham disputar.

Os juizes receberam severas ordens para não se venderem.

Prohibia se lhes que recebessem dadivas ou serviços dos litigantes, para não se inclinarem mais para uns do que para os outros.

E para que as embrulhadas fossem menores, D. Pedro impoz á justiça a obrigação de indemnisar aquelles que prejudicasse com as suas demoras.

Amava muito de fazer justiça com direito. E assim como quem faz correcção andava pelo reino, e visitada uma parte não lhe esquecia de ir ver a outra, em guisa que poucas vezes acabava um mez em cada logar de estada.

Foi muito mantenedor de suas leis e grande executor das sentenças julgadas, e trabalhava-se quanto podia das gentes não serem gastadas por azo de demandas e prolongados pleitos.

... não achamos, em quanto reinou, que a nenhum perdoasse morte de alguma pessoa, nem que a merecesse por outra guisa, nem lh'a mudasse em tal pena por que pudesse escapar a vida.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. I.

(1) «E se ahi havia taes porfiosos que andavam mais após el-rei, afincando-o com outras pretenções depois que haviam desembargo de sim ou de não, ou moravam mais tempo na côrte, se era honrado pagava certa pena de dinheiro, e se pessoa refece davam-lhe vinte açoutes na praça; e mandavam-no para casa; e trazia el-rei inculcas que lhe soubessem parte de taes homens, por se cumprir n'elles sua ordenação.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. IV.

Estava convencido de que os advogados «prolongavam os feitos como não deviam, e davam azo a haver maliciosas demandas, e que recebiam de ambas as partes, ajudando um contra o outro.»

Lançou mão de uma medida radical.

Prohibiu por completo os advogados.

Foram pedir-lhe que reconsiderasse, que suspendesse ordem e permettisse de novo o uso livre d'essa profissão.

O rei justificou-se com rudeza.

«Eram os cumplices dos criminosos, luctando astuciosamente por os subtrahirem á acção da lei.»

«Os ladrões pagavam-lhe com os roubos, e a gente defraudada tinha a soffrer a imposição do pagamento dos seu serviços.»

E n'uma inhabalavel decisão começou a fiscalisar os julgadores.

Um desembargador em que depositava a maior confiança recebeu uma peita, e sentenciou a favôr do que o peitára.

D. Pedro demittiu-o e desterrou-o para dez legoas de todos os logares onde estivesse.

E determinou logo que novo acto de corrupção, fosse de quem fosse, seria punido com a morte.

CAPITULO XXII

Para esquecer

A morte de Ignez voltava a atormental-o.

Em vão pretendia confiar em absoluto na boa vontade de Pedro Cruel.

Inquietava-o a incerteza.

«E se não lhe entregasse os assassinos?»

«Que havia de fazer?»

De noite accordava espavorido a pensar n'isto.

Não poderia descançar sem os punir.

Cada dia que passava pungia-o como um novo remorso.

«Era incapaz de vingal-a como fôra impotente para a defender!»

Saccudia-o então um terrivel desespero, e prepassava-lhe na mente a ideia de invadir Castella, em caso de recusa dos culpados, para se apossar dos matadores por suas proprias mãos.

Mas tornava a cair na realidade.

«Fugiam adiante d'elle, iriam refugiar-se em outro paiz, e Ignez continuaria abandonada no horrivel caixão, no carcere d'esse tumulo mesquinho!»

Convencia-se por fim, desconsoladamente, que não lhe restava outra solução que esperar o resultado da alliança com o rei seu sobrinho.

«E se esse mesmo falhasse? — perguntava a si proprio, n'uma dolorosa inquietação.»

Para não os deixar sem castigo, teria que mandar matal-os por gente sua ou do cunhado...

Mas isso nada era para a grandiosa celebração mortuaria que andava acariciando.

«Queria-os em Portugal, para assombrar o reino com o seu supplicio e fazer saber a todos quanto amava a querida morta, como a tragedia o tinha exasperado.»

«Precisava offerecer á sua memoria, infamada por elles, esse terrivel sacrificio!»

«E só então poderia voltar ao misero carneiro onde a deixára, a beijar os seus tristes depojos!»

«Era portanto essencial que viessem!»

«Censeguiria porém os seus desejos?»

Voltava-se inquieto no leito, presa da mesma afflicção, sem conseguir adormecer. (1)

E todas as suas noites eram ha muito a repetição d'essas terriveis insomnias.

---

(1) «Em tres coisas assignadamente achamos, pela mór parte, que el-rei Dom Pedro de Portugal gastava seu tempo, a saber: em fazer justiça e desembargos do reino, e em monte e caça de que era mui querençoso, e em danças e festas segundo aquelle tempo, em que tomava grande sabor, que adur é agora para ser crido.

Estas danças era ao som de umas longas que então usavam, não curando de outro instrumento posto que ahi houvesse: e se alguma vez lh'o queriam tanger, logo se enfadava d'elle e dizia que o dessem ao demo, e que lhe chamassem os trombeiros.

Ors deixemos os jogos e festas que el-rei ordenava por desenfadamento, nas quaes, de dia e de noite, andava dançando por mui grande espaço; mas vêde se era bem saboroso jogo.

Vinha el-rei em bateis de Almada para Lisboa, e saiam-n'o a receber os cidadãos e todos os dos misteres, com danças e trebelhos, segundo então usavam, e elle saia dos bateis, e metia-se na dança com elles, e assim ia até ao paço.

Paraementes se foi bem sabor.

Jazia el-rei em Lisboa uma noite na cama, e não lhe vinha somno para dormir e fez levantar os moços e quantos dormiam no paço, e mandou chamar João Matheus e Lourenço Palos, que trouxessem as trombas de prata, e fez acender tochas, e metteu-se pela villa em dança com os outros.

As gentes que dormiam, saiam ás janellas, a vêr que festa era aquella, ou por que se fazia, e quando viram d'aquella guisa el rei, tomaram prazer de o ver assim lêdo.

E andou el-rei assim grande parte da noite, e tornando-se ao paço em dança, e pediu vinho e fructa, e lançou se a dormir.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro,* cap. XLV.

Ergueu-se, chamou os pagens, e mandou encher o quarto de tochas accesas.

Queria repellir de todo a treva, como se d'ella podessem destacar-se os sangrentos phantasmas do seu triste viver.

Parecia receiar que lhe viessem pedir contas a desditosa Constança, abandonada, morta de dôr e de ciume; o pae agonisando no desespero de não obter o seu perdão; a propria Ignez irritada pela sua fraqueza, pela amnistia que dera solemnemente aos assassinos, pela demora na promettida vingança.

Acalmaram-o mais os renques de luzes, dispostas ao longo das paredes.

Tornou a deitar-se.

Mas nem assim conseguiu dormir.

Voltavam a tortural-o as mesmas preoccupações.

Ardia em febre, as fontes latejando, nuvens de sangue passando-lhe no olhar.

Receiava enlouquecer.

E para se furtar a esse infindo supplicio ergueu-se de novo, abandonando o leito.

Mandou chamar os trombeteiros cujos signaes outr'ora preveniam Ignez da sua chegada.

Fez despertar aos echos da fanfarra os cortezãos, e entre archotes saiu pela cidade a passear.

Chegavam á janella os moradores, surprehendidos.

D. Pedro de espaço a espaço, bebia vinho.

E para se esquecer de Ignez entregava-se a um delirio doido querendo afogar na esturdia as suas magoas.

Adiantava-se ao rancho a dançar, aos saltos, volteando, tomando as mãos ás mulheres que vinham festejal-o, bailando com as mouras que tangiam pandeiro e castanholas.

Então cantava e ria perdidamente, n'uma alegria infinita, como se fosse immensamente feliz.

O seu exemplo contagiava o rancho.

Os cortezãos dançavam tambem, na maior animação, uns para o imitar, por um requinte de cortezia; outros por inclinação natural do seu temperamento.

Lourenço Gonçalves, perdendo a gravidade de corregedor da côrte, saltava entre o bando dos aguazis, aos pulos tambem, as capas adejando como azas, as lanças volteando no ar.

Affonso Madeira tomava pela cintura as raparigas que vinham vêr o rei, e arrastava-as no turbilhão, apertando-lhe os seios, beijando as atrevidamente.

Dançavam desembargadores e conselheiros, bomboleando-se a custo, ao peso das barrigas e dos achaques.

Os frades arregaçavam o habito, deitavam para traz os capuzes, e seguiam no pittoresco baile, meneando-se ao compasso langorosamente marcado pelos olhares de fogo e pelos meneios lubricos das bailadeiras sensuaes.

Por fim o contentamento era sincero tanto na gente do povo como nos cortezãos.

Todos folgavam de ver D. Pedro alegre.

Era geral o desejo de que viesse a esquecer os terriveis planos de vingança, os impetos de violento furor, as ancias de uma sangrenta justiça.

CAPITULO XXIII

O rei da plebe

MAS ás vezes D. Pedro estacava, passava a mão pela fronte, olhava em torno, a orientar-se, e sentando-se no escabello com que o seguia um pagem, pedia vinho.

Punha o pichel á bocca, bebia longamente, ainda no empenho de olvidar, e tornava a percorrer a multidão que o rodeiava.

Tudo parára ao vel-o suspender.

Um silencio de morte succedera ao louco esturdiar.

Todos reconheciam penalisados o que houvera de forçado n'essa dança.

O rei, horrorisado de si mesmo, meditava no que havia feito.

Os labios decerravam-se-lhe n'um sarcasmo.

«Folgava, ria, e o tempo ia passando por sobre a morte d'ella!»

«Divertia-se com impudicas mulheres, e a pobre victima mirrava-se no ataude!»

«Descêra áquillo a sua tão falada energia!»

Tinha impetos de erguer se, de fazer dispersar á força pelos archeiros a incommoda turba que o seguia, de mandar prender os culpados na morte de Ignez.

Voltava a atormental-o a ideia de que estavam a salvo em Castella.

Lembrava-se de proceder a rigorosos inqueritos, para descobrir outros culpados, embora de menor responsabilidade, menos cumplices, dos mais humildes que tivessem acompanhado o pae ao logar do crime, que houvessem applaudido o seu procedimento.

«Iniciaria perseguições, e a tortura faria descobrir outros criminosos»

«Mas nem por isso a impunidade d'aquelles deixaria de o incommodar!»

Ali mesmo, entre o povo e a côrte que o cercavam, caia no desolador scismar que o levára a fugir do paço.

Formulava os mais extranhos projectos.

Pensava atrail-os por um novo perdão, com promessa de tantas garantias que os levasse a regressar ao reino sem receio, a vir entregar se nas suas mãos.

«Era uma deslealdade?»

«Sim!»

«Constitua uma indigna perfidia.»

«Mas o que importavam leis e usos, costumes, pontos de honra, se só vivia para a desforrar?»

«Accreditariam porém na sua sinceridade?»

«Não era provavel.»

«Elles conheciam-o bem, sabiam quanto a amava, para fazerem ideia do seu rancôr.»

«Demais a fórma como faltára ao solemne perdão imposto pelo pae no tratado de paz e garantido por tantas formalidades, não deixava margem para esperanças.»

Após um torturante raciocinio regressava á convicção da sua impotencia.

«Tinha que continuar esperando, esperando!»

Tornou a passar a mão pela fronte, angustiado.

Olhou em volta.

Fitavam-o todos os olhares.

«Que pensariam d'elle!»

«Como tomariam as alternativas da sua immensa dôr e da sua loucura?»

Bebeu mais uma vez, soffregamente.

Refrescou-se com fructa, e ordenou ás bailadeiras que dançassem e cantassem.

Recomeçou o extranho bailado, primeiro friamente, depois aquecendo pouco a pouco, até empolgar de novo os cortezãos que bradavam em torno olé! olé!

D. Pedro ergueu-se, arrastado tambem pela lubricidade d'esse revoltear de accentuadas ancas, pela tentação d'esses formosos corpos flexiveis, e lançou-se na dança a procurar de novo o esquecimento, desejando attingir a embriaguez.

O vinho aquecia todas as cabeças.

Os mais correctos cortezãos esturdiavam agora, esquecidos da correcção ceremoniosa.

O rei, dançando á frente, chegára ao Rocio.

A immensa multidão acclamava-o alegremente.

As janellas illuminavam-se todas.

Burguezes, mesteiraes, galeotes, escravos, gente de varios pontos, tudo se poz a dançar, em torno d'elle, como n'uma vespera de Santo Antonio ou de S. João.

A' vista do seu povo, D. Pedro convenceu-se de que era de facto o rei da plebe.

Applaudiam n'elle a suprema justiça incorruptivel, a punição egual, sem attender ás posses ou grandezas, a nivelação de todos. fidalgos ou padres ante a lei, a submissão dos mais poderosos e privilegiados criminosos ao mesmo algoz.

A' cinta do rei pendia o açoite com que nos impetos da sua furia punia os mais odiosos culpados.

Era um symbolo affrontoso.

Mas os humildes, os opprimidos, eram sugeitados pela espada, e não pelo chicote do rei juiz.

Aquelle servia para os culpados que o espoliavam.

Tornava-se n'esses tempos de barbarie um rijo instrumento de libertação.

As danças proseguiam incessantes.

O ceu alvejava no clarão da madrugada, por sobre a fumaceira dos brandões.

Então o rei seguiu dançando á frente da turba, a caminho do paço.

Quando iam nas alturas da Sé, as trombetas começaram a tocar, cobrindo os vivas, os brados, os cantos, os pandeiros, os gritos avinhados que incitavam as bailadeiras.

Do palacio responderam alegremente mais trompas ao signal das que chegavam.

Então D. Pedro suspendeu-se e começou a chorar n'um tremor convulso, nos braços dos seus.

Eram os mesmos sons, as mesmas trombetas de prata que avisavam de noite Ignez.

Um trecho do passado revivia.

Julgava ir avistando Santa Clara.

«Como outr'ora resoavam os echos que a faziam despertar alvoroçada.»

«Então, do escuro da noite, divisava uma luz nas janellas.»

«Era o signal de que ella ouvira.»

«E d'ali a pouco a bem amada sahia a esperal-o!»

«Umas vezes na beira do caminho, aguardava o de braços abertos, os labios descerrados n'um sorriso.»

«Outras vezes ia correndo ao seu encontro, torturada de saudade, ebria de amôr.»

«A sua vida recomeçava n'um terno beijo!»

«Mas agora, a despeito dos sons da fanfarra Ignez não correria ao encontro.»

«Era elle que tinha de apressar-se para levar-lhe ao tumulo da vingança.»

«Ignez morrera!»

E ao reviver d'esse passado sentir-se morrer.

CAPITULO XXIV

As bailadeiras

ENTROU no palacio em passos mal seguros, atordoado, pensando na morta mais do que nunca.

«Fôra baldado tudo o que fizera para a esquecer!»

Entrava como saira, absorvido pela tragedia, n'uma grande tensão nervosa, incapaz de repousar.

Os cortezãos tinham mandado entrar algumas bailadeiras.

Haviam escolhido as mais formosas, de carnes frescas, de gostos tentadores, para vêr se impressionavam o rei. Tinham promettido bom dinheiro áquella que conseguisse attrair os seus beijos, partilhar o seu leito, chamal-o por um pouco á vida, arrancal-o ao cruciante desespero.

Toda a esperança de o verem desanuviar estava para os conselheiros em descobrir uma mulher capaz de lhe fazer olvidar Ignez.

«Não já na esculptural belleza — diziam convencidos da diffculdade — não já no reflexo de oiro dos cabellos, na serenidade doce do olhar, na expressão ideal do seu rosto meigo; mas ao menos no ardôr com que ella o amára, tentando illudil-o no ardôr dos beijos, no fogo de uma a paixão mercenaria, nos artificios de altas cortezãs experientes, incitadas com muito ouro.»

O rei fôra sentar-se desanimado á meza, onde mandou insaciavelmente servir mais vinho.

Em vão procurava atordoar se.

A luz da manhã tirava lhe o somno, ao mesmo tempo que o prostrava uma fadiga esmagadora.

E a morte de Ignez, e a impunidade dos assassinos não lhe sahia da imaginação.

Tornou a beber.

As bailadeiras appareceram, mais leves de roupas que na rua, empenhadas em deslumbral-o com relampagos de nudez nos arrojados volteios das suas danças.

Agitaram nervosamente os pandeiros, contando já com o bom ouro promettido pelos ministros.

Mais uma vez disposto a esquecer se, D. Pedro fez signal para que dançassem.

Começaram a pular, n'uma furia de gestos provocantes, excitando o, seduzindo-o.

O rei acompanhava os lubricos volteios, com os olhos humidos de prazer.

Uma conseguiu agradar-lhe mais.

Despedindo as outras, mandou-a ficar.

A escolhida sentou-se á meza, cantando uma canção.

Aos applausos respondia com beijos, passando os braços em torno ao pescoço do seu regio amante.

D. Pedro deixava-se acariciar, abraçava-a e beijava-a por sua vez, em meio de um atordoamento a que os outros convivas assistiam com terrôr.

A bailadeira redobrava de exforços, obedecendo a olhares de intelligencia dos circumstantes, prendendo se-lhe ao pescoço.

Dizia-lhe ao ouvido que o amava, e pedia-lhe para ficarem.

«Queria cantar só para elle, dançar para elle, ser todo d'esse amor, que lhe consagrava como lhe nunca consagrára ninguem.»

Repetia-lhe incendiaras phrases de industrial do amor.

Tivera subjugada por momentos toda a sua attenção.

Mas as referencias ao amor despertaram de novo D. Pedro, fazendolhe sangrar o coração.

Soltou se abruptamente dos seus braços.

«Amor o d'ella!»

«Amor só o d'ella!»

«Entendes bem, torpe barregã?»

«Não queiras macular com tua bôcca impura o sentimento para que viveu!»

«Amor, amor, foi toda a sua vida, amor, amor, foi o seu triste fim!»

«Não quero ouvir-te mais.»

Cantando uma canção

«Vae-te!»

«Causas me nojo!»

Ella saiu, humilhada, estendendo a mão aos que a haviam mandado seduzir o rei.

Para conjurar a nova crise, que devia ser terrivel, Lourenço Gonçalves pediu a Affonso Madeira que cantasse.

O trovador entoou uma trova amorosa que conseguia encantar D. Pedro, falando de ideaes amores.

Os cortezãos repetiam em côro o estribilho, para que o rei não podesse refugiar se de novo em torturantes meditações.

Mas elle mantinha-se extranho a tudo, pensando ainda na mulher que tão facil julgára prehencher o logar da morta querida.

E o triste fim de Ignez, e a impunidade dos culpados voltavam a attribulal-o.

Levantou se com violencia, e fitou com mau modo os cantores.

«Quem os mandou cantar quando a minha alma sangra?»

Calaram-se todos, entreolhando-se desgostosos.

«Mataram a minha Ignez, e nenhum de vós soube acudir a defendel-a!»

«Tantos contra ella, e nem um só dos que se dizem meus appareceu ao seu lado!»

E lançando um olhar vago mostrava o punho para a janella, bradando:

«Taidores, covardes!»

João Affonso Tello quiz serenal o:

— Ide socegar, senhor.

«E' já dia e ainda não vos deitastes!»

— Nem me deitarei, nem descançarei um só instante emqnanto não vingar a sua morte.

E tomando o pelas mãos, sem o reconhecer:

— Quem sabe se tu és culpado?

— Eu, senhor!

— Sim, tu.

«Alguem foi, e eu não encontro em quem descarregar a minha colera!»

«Então se não foste contra ella, porque não estavas ao seu lado?»

— Se andava comvosco, senhor, na hoste com que entrastes em Castella!

— Comigo? Em Castella? — repetiu o rei, sem comprehender bem o sentido das suas palavras.

E voltando-se para Nuno Freire:

— Então o culpado és tu!

— Sempre fui dos vossos — respondeu elle com brandura.

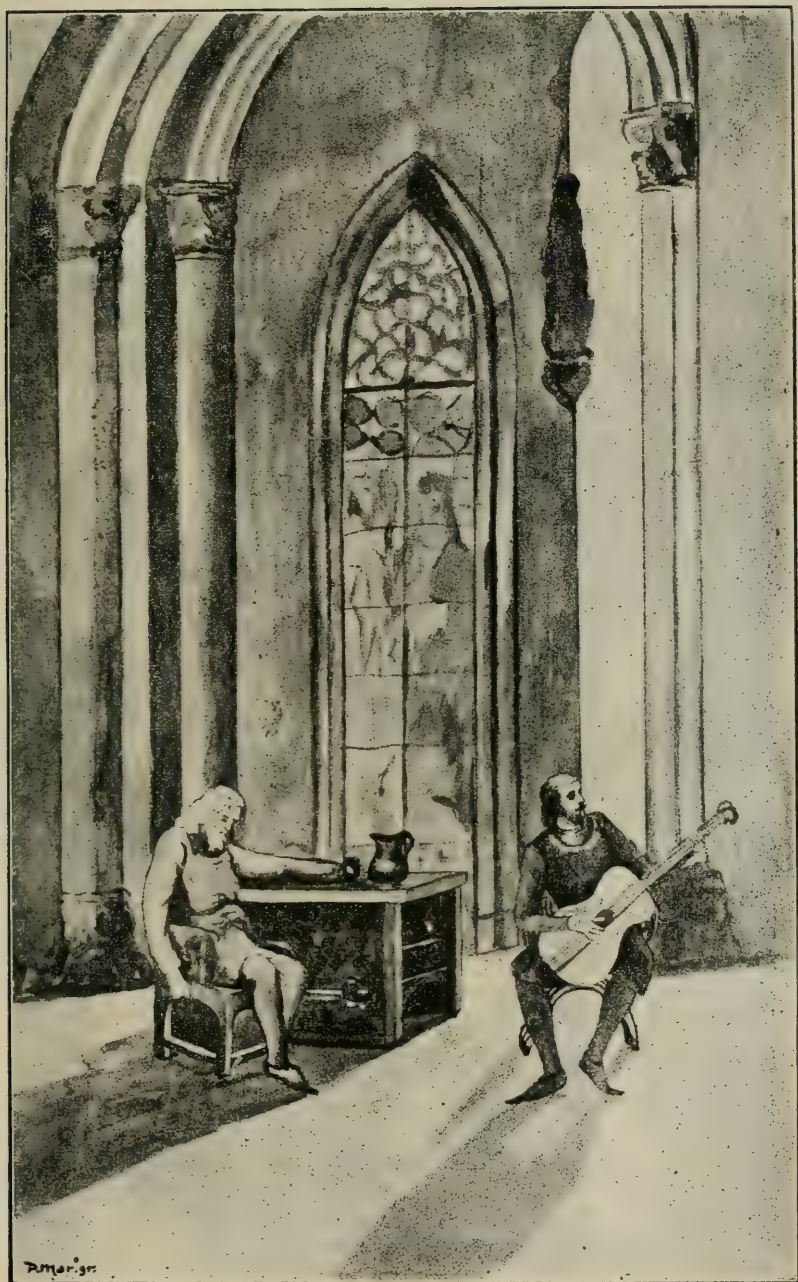
Fez signal aos outros para que saissem.

Dirigindo-se ao rei pediu licença para o acompanhar aos seus aposentos.

D. Pedro deixou-se conduzir authomaticamente.

Um pagem poz vinho sobre a mesa.

O rei bebeu ainda mais, querendo embriagar-se, procurando o esquecimento.

Affonso Madeira, ao lado, ia tocando muito baixo a sentida canção de amor que no tempo de Ignez o enternecia.

procurando esquecer-se

CAPITULO XXV

Apotheose da espada

QUANDO accordou lembrou-se vagamente de tudo o que fizera, as danças, a bailadeira que o beijára, a altercação que tivera com o Tello.

Mandou-o chamar.

— Que te disse eu, João?

— Um mal entendido, senhor.

«Tomaste-me por outros que estão longe.»

«Não penseis mais n'isso, nada foi.»

— Enganas-te.

«Quero qne me desculpes.»

«Tenho horas de um tal soffrimento que nem sei o que faço!»

«Cega-me uma furia doida de vingar-me.»

«Só vejo inimigos em torno a mim, porque não acho aquelles qne preciso punir!»

«Devo-te porém uma reparação pelo muito que tu e teu irmão fizeram por mim e por minha irmã.»

— Foi o nosso dever de vassallos leaes.

— Por isso mesmo, porque o cumpriste quando tantos eram contra mim, mereces recompensa excepcional.

E depois de um momento de silencio.

—Julgas que por ter enviado para Castella o cadaver de D. Maria me esqueci do que lhe fez o rei meu sobrinho?

«Tenho-o bem presnte!»

«Muita vez desabafou commigo.»

«Veio pedir o meu auxilio contra o filho, mas eu já lh'o tinha offerecido ha muito contra o esposo.»

«Sei bem como tu e teu irmão se sacrificaram pela sua defeza.»

«Não posso por agora pedir contas da affrontosa morte de Martinho Affonso Tello.»

«Estive a caminho de o fazer, quando invadimos o territorio de Castella.»

«Mas uma desgraça perturbou-me, e agora vivo entregue a horriveis preocupações.»

«Descança porém, João, não me esquecerei de ti.»

Então passou-lhes pela imaginação a larga tragedia que fora a serie de acontecimentos de Castella e de Portugal.

Recordavam as esperanças depositadas ao começo na leal approximação das duas corôas, a feliz batalha do Salado, a esperança depositada na expulsão dos mouros.

Pensavam depois no que fôra a grande lucta de D. João Manuel para constituir para as filhas as corôas de Portugal e de Castella, e a resistencia energica dos Castros procurando contrabalançar a sua politica.

Afinal tudo falhára.

Haviam ficado sem o menor resultado os teimosos exforços de uns e outros.

Pedro Cruel abandonára Joanna de Castro.

Henrique de Trastamara casára com a filha de D. João Manuel, contra as determinações do poderoso infante que a destinava ao rei.

Constança morrera prematuramente arrastando para o tumulo as esperanças dos seus.

Parecera que triumphára por completo, e duplamente, o plano gigantesco de D. Pedro de Castro.

Ignez iria reunir emfim as corôas de Portugal e Castella, pela conquista que D. Pedro planéara effectuar.

Mas duas mortes tinham precipitado o desenlace.

Morrera D. Maria envenenada.

Corria Ignez n'um lago de sangue.

E a D. Pedro só ficára o mais cruciante desespero!

D'ali a dias accudiam a Lisboa os homens das vintenas das povoações dos arredores.

Distribuiam-lhe cinco mil tochas, fabricadas com seicentas arrobas de cera.

Postaram-se em duas longas fillas, os brandões accezos, desde o paço de Apar São Martinho até á egreja de São Domingos.

As luzes das janellas augmentavam a illuminação.
D. Pedro saiu do palacio, acompanhado por João Affonso Tello e outros fidalgos.
Vinham dançando por entre as luzes, ao som de musicas, ao echo das trombetas de prata de que D. Pedro nunca mais quizera separar-se.
O Tello ia ser armado cavalleiro.
N'essa noite devia velar as armas.

No dia seguinte, depois da missa, D. Pedro calçou uma espora ao novo cavalleiro, Nuno Freire afivelou-lhe a outra.
O rei, que servia de padrinho, afivelou lhe a espada, e depois, tirando-lh'a da bainha, deu com ella uma pranchada no capacete dizendo:
— Deus vos faça bom cavalleiro. (1)
No Rocio o povo acompanhava a festa comendo e bebendo, no monstruoso festim offerecido pelo rei.
Dava-se vinho a todos, estavam a assar vacas inteiras em espetos enormes, havia grandes pilas de pão.
Na egreja o frade proclamava o dominio da espada, a sua intima alliança a cruz.
«Deus dividira sabiamente a sociedade em tres classes, os que trabalhavam, o que resavam, os que combatiam »
«O primeiro logar era o d'elles, clero, intermediarios do ceo e dos homens afastando as pestes com as suas rezas, resgatando almas do purgatorio, rasgando aos bons um paraizo de delicias.»
«O segundo era o dos guerreiros, no impeto da nobre heroicidade matando, destruindo, arrasando tudo, como o braço armado de Deus, o flagello da destruição!»

(1) Eis o ceremonial usado na ordem de cavallaria de São Thiago:
«Toda pessoa que houver de receber o habito não sendo para clerigo, e sendo maior de quatorze annos, mostrará como é armado cavalleiro antes de tomar o habito, e quem o armou se tinha poder para isso E não o sendo passará o mestre sua carta para um cavalleiro da ordem o fazer, e quando o houver de fazer será n'esta forma: Em um mosteiro ou igreja diante de um altar; e haverá ahi outro cavalleiro do habito ao menos, afora o padrinho, e este cavalleiro lhe calçará as esporas; e sendo presentes dous além do padrinho cada um lhe calçará uma espora; e o padrinho lhe cingirá a espada, e então assentar se-ha em joelhos o que ha de ser feito cavalleiro e o padrinho lhe porá o capacete e tirar-lhe-ha a espada da bainha, e tendo-a na mão lhe dirá: F. quereis vos ser cavalleiro? — respondera sim. Dir-lhe-ha mais h.veis de prometter que pela santa fé catholica não arreceeies a morte quando cumprir, e assim por vosso rei e por vosso mestre e ordem, e pela defensão da republica: — e responderá que assim o promette. Dar-lhe-ha então o padr nho com a espada no capacete um golpe dizendo Deus vos faça bom cavalleiro, e tornar-lhe ha a metter a espada na bainha. Levantar-se-ha então o novo cavalleiro, e dará paz na face ao padrinho e dos outros cavalleiros e pessoas da ordem que fossem presentes, dizendo a cada um *pax tecum* responder-lhe-ão *et cum espiritu tuo*»

Panorama, vol. IV., pag. 53,

E continuava nobilitando as armas assassinas, feitas do ferro arrancado á terra a poder de labôr, do mesmo ferro dos arados, das enchadas, das ferramentas que creavam, emquanto a espada era o symbòlo da destruição

Aos que trabalhavam para todos o frade, rezervava o premio na outra vida, a felicidade além do tumulo.

E para conseguirem recomendava humildade e prudencia, venerrção ao clero, obediencia ao guerreiro, submissão e paciencia, perante a virtude de uns e a heroicidade de outros.

Lá fóra o povo dançava e cantava, bebendo jubilosamente o seu vinho, offerecido pelo rei.

CAPITULO XXVI

A paixão da justiça

APEZAR do seu pavoroso desiquilibrio, nas intermitencias de serenidade D. Pedro não descurava a administração do reino.

Embora o desejo de rehaver os assassinos, para vingar Ignez, fosse a sua mais constante preoccupação, ia executando o largo plano de reformas que entendia necessarias.

A immoralidade dos que viviam com barregãs, abandonando as esposas, merece-lhe especial attenção.

Determinou que perdessem os vencimentos que recebiam do paço os fidalgos ou vassallos em taes condições.

Para os outros culpados de menor cathegoria estabeleceu penalidades e multas.

A terceira vez que fossem encontrados os homens casados com as barregãs seriam açoutados uns e outros implacavelmente.

As barregãs dos clerigos foram comprehendidas em penas mais severas.

Qualquer mulher que de dia ou de noite fosse encontrada no arrabalde dos mouros, seria enforcada.

Os judeus ou mouros que depois do sol posto andassem pela cidade, seriam açoutados publicamente, com pregão.

Como os povos se queixavam de que os fidalgos lançavam mão de todos os comestiveis, não os pagando, ou dando por elles um preço muito baixo, prohibiu que se continuasse a proceder d'esta forma, sacrificando a gente laboriosa á sua indolencia e estabeleceu penas de prisão, multa e açoutes para os transgressores. (1)

Os que se apossavam de palha eram açoutados e cortavam-lhe as orelhas.

Na reincidencia eram enforcados.

O lavrador que deixava de enfardar a palha ficava sujeito aos mesmos castigos.

As medidas de trigo foram reguladas por sua ordem, e os padeiros obrigados a pesar o pão.

A pedido dos povos, D. Pedro determinou que nas povoações lhe destinassem bairros especiaes.

A agiotagem foi prohibida aos judeus sob pena de morte.

---

(1) «Elle defendeu e mandou, em Lisboa, que nenhuma mulher de qualquer estado que fosse, não entrasse dentro no arrabalde dos mouros, de dia nem de noite, sob pena de ser enforcada. E mandou que qualquer judeu ou mouro, que depois de sol posto, fosse achado pela cidade, que com pregão publicamente fosse açoutado por ella.

Falando el-rei nos feitos da justiça, disse que vontade era, e fôra sempre de manter os povos de seu reino n'ella, e estremadamente fazer direito de si mesmo. E por quanto elle sentia que o mór aggravo que elle e seus filhos, e outros alguns de seu senhorio, faziam aos povos de sua terra, assim no tomar das viandas por preço mais baixo do que se vendiam, que porém elle mandava que nenhum de sua casa, n'em dos infantes, n'em d'outro nenhum que em sua mercê e reinos vivesse, que cargo tivesse de tomar aves, que não tomasse gallinhas, n'em patos; n'em cabritos, n'em leitões, n'em outras nenhumas cousas acostumadas de tomar, salvo compradas á vontade do seu dono; e sobre isto pôz pena de prisão, e dinheiros, ás honradas pessoas, e aos gallinheiros e pessoas vis, açoutados pelo logar ou as tomassem, e deitados fóra de mercê.

Mandou mais aos estribeiros seus e de seus filhos, e a todos os de sua terra, que não mandassem a nenhum logar por palha doada, salvo se a houvesse de haver de fòro; mas que pelo azemel, que fosse por ella, mandasse pagar pela carga cavallar de palha, ou de restolho empalhado tres soldos e pela carga asnal, dois. E o azemel que por ella fosse; e a d'esta guisa não pagasse, que pela primeira vez fosse açoutado e talhadas as orelhas, e pela segunda fosse enforcado: e outra tal pena mandava dar ao lavrador que não empalhasse toda a palha que houvessse.

E quando lhe diziam que punha mui grandes penas por mui pequenos excessos, dava resposta dizendo assim, que a pena que os homens mais receavam era a morte, e que se por esta se não cavidassem de mal fazer, que ás outras davam passada, e que boa cousa era enforcar um ou dois, pelos outros todos serem castigados, e que assim o entendia por serviço de Deus e prol de seu povo.

Elle corregeu as medidas de pão de todo Portugal, e ordenou outras cousas por bom paramento e proveito de sua terra, das quaes não fazemos mais longo processo por não saber quanto prazeriam aos que as ouvissem.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. V.

Extranhavam-lhe a severidade com que applicava a pena de morte e pequenos delictos.

Defendia-se c'essa opinião dizendo que como era essa a penalidade de que os homens mais se receiavam, bastaria enforcar um ou dois para exemplo dos mais.

No empenho de erguer a funcção da justiça não perdoava nunca, nem aos mais poderosamente collocados, nem aos que no paço tinham sido creados com elle.

Se os criminosos recusavam dizer a verdade mandava-os pôr a tormento, e interrogava-os assim.

Muitas vezes elle proprio applicava as penas, despindo as vestes reaes e applicando os açoutes.

Os crimes eram julgados na sua presença, para se poder certificar de como procediam os juizes.

Mandavam prender os ladrões e os malfeitores que infestavam o reino, premiando quem lh'os trazia.

A' chegada de qualquer criminoso, mesmo que estivesse a jantar, erguia-se da mesa, procedia aos interrogatorios, não duvidava provocar á força de explicações, ou distribuir açoutes, para o que andava sempre com elle um homem que trazia o açoute, ou elle proprio o tinha comsigo, enrolado á cinta.

Uma vez, estando o rei no paço de Bellas, foi morto e roubado nos arredores um judeu vendedor ambulante.

Perguntando pelos auctores do crime troxeram lhe dois escudeiros que tinham sido da sua creação.

Ficou satisfeito por não permanecer impune o attentado como ás vezes succedia,

Interrogou os.

Fiados nos serviços prestados, na sua convivencia de muitos annos, na benevolencia com que o rei os tratára sempre, começaram por dizer que nada sabiam.

Então D. Pedro mandou buscar o açoite para os obrigar á confissão.

Convencidos de que, a despeito de tudo, elle era muito capaz de os açoutar, confessaram pedindo perdão.

Arremetteu irado contra elles:

— Ah! Quereis dar em ladrões, em matadores?—perguntou gaguejando, ardendo em ira.

«Ensaiaste-vos agora com o judeu para depois passares a assaltar os christãos?»

Mas a espaços enternecia-o o desespero dos dois rapazes, rojando-se, pedindo misericordia.

Chegavam-lhe as lagrimas aos olhos recordando a affeição que lhes tivera, vendo-os desde creanças, ligando-se-lhe n'uma convivencia de largos annos.

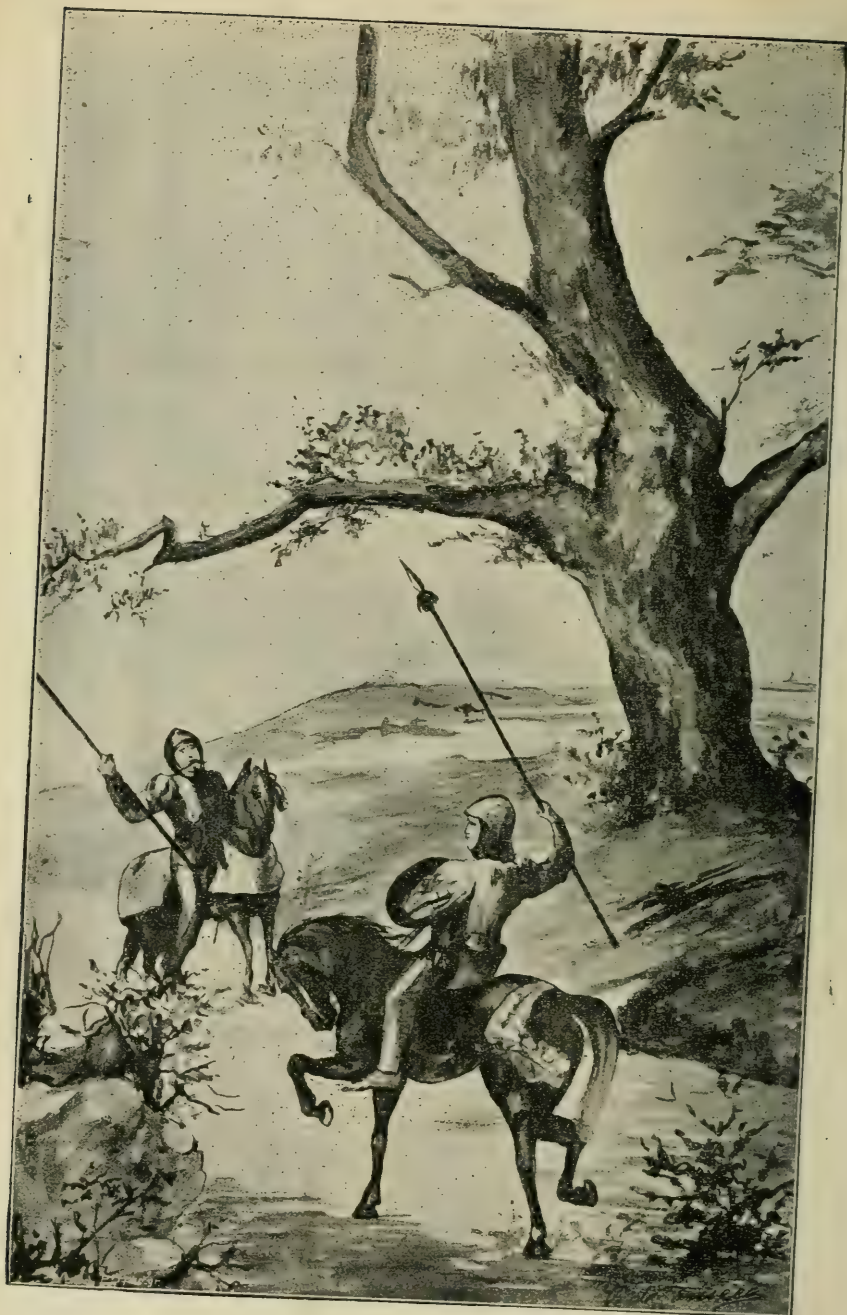
Eram porém de curta duração essas fraquezas em que parecia sossobrar toda a sua energia.

Voltava-se de novo contra elles, exprobava-lhe o procedimento, mostrava-se sentido pelo que haviam feito.

Os cortezãos foram pedir por elles.

Velhos amigos assediavam-o sem descanço, procurando commovel-o para que perdoasse.

Alvitravam-lhe que commutasse a pena em degredo ou qualquer outra.

Elle porém manteve-se inhabalavel, attendendo puramente ao crime e mandou-os degolar.

defrontava outro cavalleiro

CAPITULO XXVII

Inhabalavel

UMA vez assistia D. Pedro a um torneio, quando os seus espias o foram informar de um adulterio.

A accusação dirigia-se contra a mulher de Affonso André, um honrado mercador que n'esse momento de lança em riste, defrontava outro cavalleiro na justa em homenagem ao rei.

Pensando que os culpados estariam decerto aproveitando a ausencia do esposo trahido, mandou assaltar a casa.

Deu resultado a diligencia.

Os aguazis colheram-os em flagrante.

E o rei mandou queimar a adultera e degolar o seductor.

Foi tão rapida a denuncia, a prisão e a execução da mulher e do amante, que quando Affonso André, ao terminar o torneio o foi cumprimentar, D. Pedro pediu lhe alviçaras, dizendo-lhe o que mandára fazer.

As alcoviteiras e feiticeiras eram um dos objectos das suas perseguições.

O medo dos terriveis castigos que applicava fazia com que houvesse grande receio de exercer essas duas profissões.

Uma vez ao saber que o almirante Lançarote Pessanho utilisára os serviços d'uma, d'essas intermediarias para ter uma entrevista de amôr, mandou queimar a agente, e condemnou implacavelmente o almirante a ser degolado.

Se Lançarote não fugisse tão depressa era de certo executado como os outros.

O duque de Genova e a communa escreveram a D. Pedro solicitando o perdão do almirante. (1)

Apesar d'isso só d'ali a muito tempo lhe perdoou D. Pedro, porque precisava d'elle por causa do auxilio que por terra e mar queria fornecer a Pedro Cruel em troca da entrega dos trez fidalgos culpados na morte de Ignez.

Vieram fazer-lhe outra denuncia.

Havia uma mulher, já conhecida por esse facto Maria Roussada, que fôra violentada.

O seductor casára depois, mal constou o seu procedimento, com medo da justiça de D. Pedro.

Tinham filhos.

---

(1) «Os genovezes, vendo o recado do almirante, escreveram a el rei que perdesse d'elle sanha; e a carta de Gabriel Adorno, duque de Genova, e dos anciãos do conselho d'essa cidade, dizia n'esta guisa :

«Principe e senhor mui claro, de grande e real magestade. Esguardada a benignidade, muitas vezes se tempéra por mansidão o modo e rigor da justiça, e a piedosa consideração trabalha sempre de renovar as boas amisades antigas. E se boa cousa é tomar amisades e novas conhecenças, muito melhor é, segundo diz o sabedor, renovar e conservar as velhas, dizendo que o amigo novo não é egual nem semelhante ao de longo tempo. As quaes razões nos fazem haver fiuza na vossa grande alteza, que graciosamente haja de ouvir nossa humildosa supplicação, a qual é esta, que a nós foi notificado como o nobre cavalleiro Dom Lançarote Pessanho, vosso almirante, filho em outro tempo do nobre barão Dom Manuel Pessanho, digno de boa memoria, nosso amigo e cidadão, haja caido em sanha da vossa real magestade, mais por inveja de alguns que d'elle bem não disseram, que por outras graves maldades que n'elle sejam achadas, segundo corre a commum fama que por razão bem parece; cá não é de querer que saia das regras de bons feitos quem é gerado e descende de padres que sempre foram ennobrecidos por virtuosos e bons costumes. E posto que errasse em alguma cousa, muito deve vossa discreta mansidão temperar o rigor da justiça, renovando por nobres beneficios a lealdade dos seus antecessores : a qual cousa nós esperando da vossa grande alteza, a ella humildosamente pedimos que, pelo que dito é, e nossos afincados rogos tenhaes a por bem tornar o almirante á graça primeira de seu bom estado. E por isto vossa real magestade havera nós e nosso commum apparelhados, de ledo coração, a todas as cousas que lhe forem praziveis. Data, etc »

«Não embargando esta carta, não podiam com el-rei que perdesse sanha do almirante; porém depois a alguns tempos, lhe perdoou el-rei, e foi tornado a sua mercê.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. X.

Mas apezar d'isso, e da mulher com as creanças virem apoz o preso pedindo misericordia, o rei, inhabalavel, mandou-o enforcar pelo antigo estupro.

Um lavrador foi queixar se-lhe de que um escudeiro estimado e protegido lhe cortára os arcos de uma cuba de vinho, causando-lhe um grande prejuizo.

Altos empenhos de amigos e parentes procuraram salval-o da colera do rei.

Mas D. Pedro, para dar mais um rigoroso exemplo, mandou cortar-lhe a cabeça.

O escrivão do thesouro, a despeito das severas ordens tendentes a regular a administração, recebeu uma pequena quantia sem ser na presença do thesoureiro.

Incorreu no desagrado do rei.

Interveio de novo toda a côrte penalisada por semelhantes castigos, para obter o seu perdão.

Mas D. Pedro, continuando inflexivel, mandou o immediatamente enforcar.

O povo assistiu n'esse dia ao terrivel espectaculo de onze supplicios, entre ladrões e malfeitores.

Não bastava porém tanta severidade para disciplinar a desordem medieval.

Os ricos homens, os poderosos senhores de terras nem sempre acatavam as ordens do rei.

Os agentes que a qualquer titulo os monarchas lhe enviavam, eram maltratados muita vez.

Cegavam uns, cortavam os pés a outros para que não podessem andar nas suas propriedades, mutilavam barbaramente os funccionarios para affirmarem as suas regalias.

Os reis luctavam ha bastante tempo para revogarem muitas das suas immunidades.

Mas o empenho com que procuravam unificar o reino nem sempre era coroado de bom exito.

Um dia um porteiro, por mandado de um juiz, foi penhorar a Portalegre um escudeiro, sobrinho de João Lourenço Bubal, o poderoso alcaide de Lisboa.

O escudeiro desfeiteou-o, arrancou-lhe as barbas e deu-lhe um murro na face.

O rei, ao sabel-o, considerou o aggravo como se lhe fosse feito pessoalmente.

E sentindo-se aggredido na pessoa do seu delegado, ordenou que prendessem o seu aggressor.

Bubal, seu amigo, seu conselheiro, encarregado sempre de missões de confiança, empenhou-se a favôr do parente, tentando tudo para arrancal-o á morte.

Os cortezãos seccundaram os seus esforços.

Mas D. Pedro persistiu na linha de conducta que traçára, e mandou-o degolar.

Estas medidas causaram terrôr.

Porém o povo applaudia-as cheio de enthusiasmo porque attingiam os privilegiados.

E quando o rei sahia á rua, dançando á luz dos archotes ouvia enthusiasticas acclamações.

CAPITULO XXVIII

Refem

amigavel procedimento do rei para com João Affonso Tello animou Nuno Freire d'Andrade.

Dispoz-se a defender novamente a causa do filho.

D. Pedro, ao jantar com o defensor de sua irmã, recordou cheio de gratidão os serviços que elle e os seus haviam prestado á rainha.

Lembrou tambem a sua presnça na entrada em Castella, quando se dispunha a apossar-se da corôa de Pedro Cruel.

A sua acção nos lances da revolta contra o pae mereceu-lhe palavras de commoção.

Ora Nuno Freire fôra um dos seus mais leaes companheiros.

Apoiára-o em perigosos momentos.

Tinha direito a vêr dissipado o odio com que o rei quizera proceder contra o filho.

No primeiro ensejo entrou no assumpto:

— Senhor, quero falar-vos de um pobre rapaz...

— De teu filho?

— Acertastes.

— Que mais temos?

— Desejava que a vossa clemencia...

— Escusas de cansar-te com novos pedidos.

— Senhor, estou n'um receio constante pelo seu futuro.

— Dizem que teimando em o perder, mandaste perseguil-o por bandos de aguazis...

— Mandei.

— Julguei merecer-vos mais sympathia!

— Não se trata de ti.

— Como podeis dizer isso, como podeis pensar assim, se tambem sois pae?

«Avaliae pelo carinho que tendes pelos vossos o quanto quero ao meu.»

— Falemos de outra coisa.

— Desculpae, mas devo insistir.

«Quero muito a meu filho, é certo.»

«Pensaes que devia ter vergonha de o dizer, desde que teve a desgraça de incorrer no vosso desagrado?»

«Sei quanto amais os vossos.»

«Sabeis como eu tambem lhes qero.»

«Fui o aio de vosso filho D. João.»

«Tive o gosto de o propor para mestre de Aviz e de o vêr á frente d'essa nobre milicia, irmã da minha.» (1)

«Pedindo pelo meu Luiz cumpro um sagrado dever!»

---

(1) «O mestre falou então com o commendador-mór, e com Fernão Soares, e Vasco Peres, todo o que era vontade de el-rei, dês-ahi entrou com elles em cabido, segundo costume de sua ordem, e o commendador propoz ao mestre, em nome seu e dos commendadores, dizendo que elle bem sabia como seu senhor, o mestre de Aviz Dom Martim do Avelal, era finado, e que elles não tinham mestre que os houvesse de reger como cumpria a serviço de Deus, segundo a sua ordem mandava, nem entendiam de eleger outro, senão aquelle que lhes elle desse; e que pois elle era de sua regra e o fazer podia, que lhe pediam por mercê, que por serviço de Deus e bem da dita ordem, lhes desse mestre que os houvesse de reger segundo sua regra mandava.

O mestre respondeu que diziam mui bem, como bons cavalleiros e bem sisudos, e porque elle era tido de fazer requerer toda a causa que fosse serviço de Deus e prol de sua ordem, que porém queria tomar cargo de lhes dar mestre que os houvesse de reger segundo sua regra mandava, e que el-rei Dom Pedro, que elle criava, que entendia que era tal senhor que os regeria como cumpria a serviço de Deus e prol de sua ordem.

O commendador-mór, e os outros disseram então, que lhe tinham em grande mercê de lhes dar tão honrado senhor por seu mestre: e logo o dito Dom João foi chamado, e foram-lhe tirados os vestidos seculares, e lançado o habito da ordem de Aviz, e como lhe foi vestido, o commendador-mór e os outros lhe beijaram a mão por seu mestre e senhor. E isto assim feito, foi elle levado para a ordem de Aviz, de onde era mestre, e ali se criou alguns annos, até que começou de florescer de manhas, e bondades, e autos de cavallaria, segundo a historia adiante dirá, contando cada umas em seu logar.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XLIII.

passeando com ella

— Não é menos imperiosa a minha missão de rei—contestou sombriamente o monarcha.

«A justiça, como eu a entendo, não cede a quaesquer amizades, não se averga aos poderosos.»

«Como posso usar de benevolencia para com elle?»

«Como poderei punir depois os que seguirem o exemplo do seu crime?»

— Senhor, meu filho não é um criminoso!

— Não é?

«Então o rapto, a violencia de se apossar de uma donzella, de a arrancar a um castello meu?»

— Meu filho amou, todo o seu crime é esse.

«Então o que sois vós, se elle é culpado?»

«Que mereceis então, fazendo o que fizeste por um tão nobre amor que foi o encanto da vossa mocidade!»

— Cala-te!

Penalisou-o semelhantes recordações.

— Senhor, como tendes esquecido tudo! — disse Nuno Freire com amargura.

«Mas eu não o olvidei!»

«Quantas vezes vos vi passeando com ella por debaixo dos frescos arvoredos, sobre tapetes de verdura e flores ora empunhando a azacuma das caçadas, ora o bandolim do trovador, embevecido n'esse bello sonho a que só a morte vos arrancou!»

— Sim! Sim! — murumrou D. Pedro subjugado.

— Arrancaram-a aos vossos braços assasinando-a.

«Fizeram a vossa desgraça, o vosso desespero.»

«Calculae porém que vos teriam morto, a vós.»

«Não seria terrivel o seu soffrer?»

— Peior, mil vezes peior que o meu! — exclamou D. Pedro, erguendo-se arrebatado.

«Eu vivo para uma cruel vingança, que será como um prazer do inferno.»

«Ella morreria de dôr!

D. Nuno replicou triumphante:

— E vós, que tanto amastes, que tão profundamente tendes soffrido quereis inflingir a meu filho o mesmo horrôr!»

D. Pedro irritou-se.

— Acaba com semelhantes artificios.

«De nada lhe valerão taes argucias.»

«Se continuas a torturar-me evocando o passado, considerar-te-hei menos merecedor da minha confiança.»

— Ameaçaes-me?

— Aviso-te!

— Pois ousaes falar-me d'essa forma, a mim, que tão lealmente me bati por vós?

— Parece teres vontade de que eu o esqueça!

— Comprometti-me e a todos os meus, arrisquei a minha vida, os meus bens e o futuro de meu filho batendo-me com Diogo Lopes que insultára D. Ignez.

«E vós não quereis deixar tranquillo esse meu filho, que não vos offendeu em coisa alguma!»

— Quiz arrancar a filha de Pacheco ao meu poder, ao meu direito, á minha vingança!

— Até que ponto chega o desvairamento que pensaes desforrar-vos n'uma creança por causa do procedimento do pae?

— Eu não disse isso, Nuno! — bramiu D. Pedro.

«Violante é um refem, estou no meu direito de querer conserval-a.»

«Luiz Freire quiz dar-lhe liberdade.»

«E' desde então um declarado inimigo.»

CAPITULO XXIX

Alliança

NUNO Freire d'Andrade não desistiu porém.

— Senhor, mereço que me trateis com alguma amizade.

«Dizei-me claramente.»

«Se é só o empenho que tendes de obter noticias de Diogo Lopes, a prisão a que sujeitaes Violante é limitada.

— Que queres dizer?

— Tendes fundada esperança de o trazer a Portugal?

— Tenho.

— Desde então a donzella e meu filho ficarão inteiramente livres.

— Ella, talvez.

«Elle não!»

— A vossa teimosia é uma loucura.

«Fica-vos bem perdoar.»

«E' um acto de generosidade, que sempre honrou, que sempre nobilitou a um rei!»

D. Pedro quiz ser rasoavel.

Tentou explicar-se:

— O que diriam os outros que em vão me tem pedido clemencia?»

«Não escapou ainda á morte um só culpado.»

«Como hei-de abrir para elle uma excepção?»

— O que elle fez não tem comparação com estupros, os adulterios, as mancebias torpes que tendes punido.

«A sua culpa é a vossa, a de Alvaro de Castro, a de todos os que sentiram a mocidade e a souberam viver.»

«O que tendes contra elle—affirmou com energia—é o rancôr de vossa impotencia, porque soube vencer a vigilancia do castello e as grades do carcere!»

— Tu devias ser punido com elle, porque ajudaste a sua rebeldia— protestou o rei.

— Fazei-o! — respondeu com orgulho.

— Não vos chamarão peiores nomes do que já se murmuram por ahi.

D. Pedro ficou impressionado.

— Então que dizem de mim?

Nuno Freire respondeu n'um sarcasmo:

— Já vos devem ter informado os vossos espias.

D. Pedro ergueu-se irritado:

— Dize tudo, Nuno, ordeno!

— Chamam-vos carrasco, chamam-vos algoz, dizem que gozaes com a desgraça e que o vosso prazer é fazer mal.

— E's tu que o dizes! — bradou exaltado.

— Ha que tempo o sabeis tão bem como eu! — exclamou Nuno Freire amargamente.

O rei caiu em si.

Murmurou despedaçado:

— Como a morte d'ella me tornou!

— Não o dizem os que como eu vos conhecem — declarou D. Nuno para o reanimar.

E mudando de tom:

— Authorisaes-me a concorrer para que vos sejam entregues rapida mente os culpados na morte de D. Ignez?

D. Pedro exclamou sobresaltado:

— Se é para isso que vivo!

— Em troca meu filho e ella ficarão livres, e poderão casar como tanto desejam.

«Acceitaes?»

— Não!

— Dizeis isso, mas o vosso coração quer o contrario, que bem o leio no vosso olhar.

«Acceitaes, bem o sinto, porque sabeis que tenho fortes relações em Castella, e um pouco de audacia para tudo tentar.»

«Vou intervir nas negociações.»

«Irei reunir-me aos embaixadores, tomarei a meu cargo a direcção

do assumpto, falarei com o rei vosso sobrinho, e espero chegar a bom resultado.»

«Queres que o faça?»

— Sim!

«Não tomo porém o menor compromisso.»

— Nem o preciso — respondeu D. Nuno.

«Partirei tranquillo sobre o destino de Luiz.»

«A ordem de Christo é bem poderosa.»

«Em Castella saberei o que se passa.»

«No caso de proseguirem as diligencias para a prisão de meu filho elle transporá a fronteira, tão livremente como rompeu a clausura de Violante e a sua.»

«Uma vez no reino visinho estará salvo, e vós podereis renunciar para sempre á vingança porque eu proprio irei prevenir os fugitivos para que se acautelem n'um paiz distante, sob a protecção da França ou da Allemanha.»

— Estás-me provocando, Nuno!

— Não tenteis intimidar-me, senhor.

«Sabeis da minha lealdade o bastante para depositardes mais confiança em mim!

— Até aqui sempre a mereceste.

— E em que decahi de vossa consideração?

«Em defender meu filho?»

«Querieis que fosse para elle como vosso pae foi para vós e para vossa irmã?»

E depois de um momento de silencio:

— Pois bem, não irei a Castella, visto que duvidaes do meu proceder.

— Isso não! — retorquiu D. Pedro.

«Poderás realizar os meus desejos.»

«As tuas reservas não passam de um desabafo.»

«Sei que não és capaz de trahir-me.»

— Assim é! — affirmou Nuno Freire com altivez.

«Mas pode atraiçoar-vos a violencia do vosso temperamento, ou o mau conselho de um inimigo.»

«Haveis de garantir a vida e a liberdade de meu filho, e eu não partirei.»

— Não posso!

— Façamos um contracto.

— «Se eu vos entregar os culpados, se pozer ás vossas ordens os homens que tanto odiaes, restituireis a Violante os bens de Diogo Lopes, e deixareis que meu filho case com ella.»

«No caso de falharem os meus esforços, descarregae em mim a vossa ira, n'elle não.»

— Nada acceito, nem quero acceitar! — redarguiu D. Pedro.

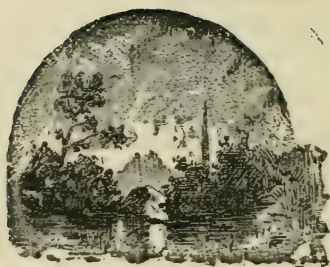
«E's um vassallo, não podes tratar commigo de egual para egual, embora seja grande o teu atrevimento.»

— Não acceiteis, é o mesmo.

«Já disse o que tinha a dizer.»

«E como sabeis que costumo cumprir as minhas promessas, partirei para Castella como disse.»

«Agora só vos resta ordenar, senhor o que quereis para el-rei vosso sobrinho.»

«Luiz Freire fica confiado á vossa protecção.»

CAPITULO XXX

Pedindo a entrega

envenenamento de João Affonso de Albuquerque tirára á insurreição o chefe mais favoravel á influencia portugueza em Castella.

O assassinio da rainha D. Maria, a morte de Ignez de Castro, tinham impossibilitado D. Pedro de levar por diante o seu proposito de conquistar a corôa.

Mas nem por isso os castelhanos feridos profundamente pelos crimes de Pedro Cruel se dispuzeram a desarmar.

Os vassallos do senhor de Albuquerque, levando comsigo o cadaver do chefe, estavam dispostos a vingal o.

Henrique de Trastamara via as suas pretensões mais asseguradas que nunca.

A morte de D. Maria livrára-o do mais terrivel adversario.

A viuva de Affonso XI não poderia vêr no throno o bastardo.

Embora quizesse desthronar o filho não se dispunha a substituil-o pelo filho da barregã que tantos dissabores lhe causára.

Agora os adversarios do rei cruel não tinham mais ninguem capaz de tomar a iniciativa da resolução, de aspirar a corôa.

«Era filho do ultimo rei.»

«Tambem lhe assistia o direito de hereditariedade.

D. Alvaro de Castro, quando saiu de Portugal, disposto a procurar Mecia, reconheceu a impossibilidade de o fazer então.

Soube logo onde ella estava.

Mas os amigos que tinham prevenido seu irmão deram conta das precauções tomadas para o aprisionar.

Ainda não satisfeito com a morte de Ignez, Pedro Cruel queria mandal-o matar.

Occultou-se, e assim que poude foi reunir-se a Henrique de Trastamara, de cujo triumpho dependia agora o exito dos seus esforços.

O bastardo, agradecendo a sua adhesão, expoz-lhe francamente o que pretendia.

«Mandára pedir a Bertrand Du Guesclin que viesse ajudal-o.»

O guerreiro francez, anceando por se vingar da derrota soffrida, prometteu voltar.

«Vinha a caminho da fronteira.»

«Assim que chegasse lançar-se-ia abertamente na guerra».

D. Alvaro exultou.

Embora fatigado por tantas aventuras, encarava com prazer a nova campanha que decidiria da sua sorte.

E animava Henrique de Trastamara, garantindo-lhe o resultado.

«Castella estava horrorisada de tanto sangue.»

«Ninguem podia já supportar ssmelhante rei.»

«Desde que apparecesse em armas todos o acolheriam.»

Nuno Freire chegou a Castella, para apressar as negociações, quando já se falava da projectada invasão.

Era excellente o ensejo.

Bem recebido por Pedro Cruel, começou a estabelecer as bases para o intimo accordo entre os dois reis.

D. Fernando, herdeiro da corôa portugueza, casaria com D. Beatriz, filha de Pedro Cruel e de Maria de Padilla.

O rei de Castella compromettia-se a dotar a filha com egual quantia á que sua mãe levára de Portugal.

D. Pedro teria que dar a D. Beatriz uma dotação egual á que seu pae concedera á fallecida infanta D. Constança.

O monarcha de Castella tinha ainda mais duas filhas que no tratado se destinavam aos filhos de Ignez de Castro, D. Diniz e D. João.

Estes dois consorcios só d'ahi a seis annos se effectuariam.

Os dois reis obrigavam-se a dotar respectivamente os filhos e as filhas, por forma a assegurar-lhe um determinado rendimento.

No caso de guerra comprometiam se a auxiliar-se um ao outro por mar e por terra.

Era esta a clausula que mais agradava a Pedro Cruel, ameaçado por Henrique de Trastamara receiando-se sempre de Aragão.

D. Pedro cedera generosamente tudo o que se lhe pedia.

Não era o possivel auxilio do rei seu sobrinho que se lhe tornava necessario.

Bastava-lhe ligal-o pelo interesse dos reforços, das frotas, dos soldados, para obter o que tanto desejava.

Quando as combinações estavam ultimadas, e só faltavam as assignaturas, Nuno Freire pediu uma entrevista a Pedro Cruel.

— El-rei meu senhor deseja que lhe façaes ainda uma pequena concenssão — começou.

— Dizei de que se trata.

— E' uma clausula secreta.

«Jurae me primeiro o mais absoluto sigilio.»

— Juro!

— Senhor el-rei vosso tio quer apossar-se de Diogo Lopes Pacheco, Alvaro Gonçalves e Pero Coelho.

«Precisa que os mandeis prender e os envieis sob prisão, com a maior segurança.

Pedro Cruel ficou contrariado.

— Estão sob a minha protecção.

«Confiaram-se á minha segurança.»

«E' uma deslealdade entregal os.»

— Apenas concorreis para um grande acto de justiça.

— Mas devo ser grato á memoria de meu avô — avançou o rei.

«Foi elle quem os aconselhou a fugir.»

«Demais dois d'esses homens tinham sido seus embaixadores.»

«Sei que lhe mereciam toda a confiança...»

«El-rei meu tio quer mandal-os matar.»

— Deseja apenas submettel-os a julgamento — redarguiu Nuno Freire.

Pedro Cruel sorriu.

Avaliava bem pela sua maneira de proceder o que D. Pedro faria aos culpados.

Lembrava-se que tinha insinuado Pero Coelho que levasse Affonso IV á pratica de medidas violentas.

Não tinha vontade de os entregar.

D. Nuno, vendo que não o convencia facilmente, reconheceu que D. Pedro não os poderia obter por um mero acto de gratidão.

Era necessario que a entrega fosse o preço do auxilio guerreiro.

Decidira expôr que era esse o unico interesse da alliança.

«Permitti, senhor, que vos conte toda a verdade.

«El-rei D. Pedro tem na entrega d'esses homens o maior empenho.»

«Se lhe quereis dar um grande prova de amizade, se quereis fazer d'elle o vosso mais dedicado amigo, entregae-lh'os proptamente.»

«D. Pedro vive só para a vingança.»

«Mataram D. Ignez, arrancando-lhe o que tinha de meis caro.»

«Só o anima o prazer da desforra.»

«Não lh'o recuseis, senhor, que lhe daes o maior desgosto da sua vida.»

Pedro Cruel ficou pensativo.

Não era a lealdade para com os refugiados que impedia da acceder ás reclamacões.

Percebera qual a condicção que mais interessava o rei seu tio.

Dispunha-se a tirar d'esse conhecimento o melhor partido.

E assim, até ao momento de lhe ser necessario o auxilio de D. Pedro, foi addiando a resolução do assumpto.

CAPITULO XXXI

Catastrophe

MAS a precipitação dos acontecimentos impediu Pedro Cruel de tirar todo o resultado do conhecimento do que pretendia o rei de Portugal.

Pensára em obter d'elle o augmento de reforços, talvez o emprestimo de grandes quantias, uma diminuição nos dotes de suas filhas, tal era o empenho que percebia no desejo de se vingar.

Estalou porém a guerra antes de ter realisado o objecto das novas negociações.

Nuno Freire não estava em Castella.

Os embaixadores de D. Pedro não tinham instruções ções para reclamar os culpados na morte de Ignez de Castro.

Quando pretendeu mandar chamal-os a Sevilha, onde tinham ficado, para lhe falar da reclamação de D. Nuno, já era muito tarde.

Bertrand Du Guesclin viera juntar se, poderosamente acompanhado, a Henrique de Trastamara.

Acompanhavam o bastardo muitos fidalgos castelhanos, despeitados contra o rei.

Um d'elles era D. Alvaro de Castro, enthusiasmado pela nova aven-

tura, interessado cada vez mais pelo seu triumpho de que esperava a posse de Mecia.

Eetregaram-se-lhe logo Alfaro e Calahorra, cidade forte com que Pedro Cruel contava para resistir á invasão.

Perturbado, retirou o despota para Burgos, onde mandara reunir tropas.

Ali matou logo João Fernandes de Tavora, receiando que se passasse para D. Henrique. (1)

Mas como o bastardo marchasse em direcção á cidade, abandonou-a á pressa, afim de recolher a Sevilha.

Mal retirou, os seus e os habitantes pronunciaram-se por seu irmão.

Fartos do muito sangue que derramára, horrorisados de tanta tyrannia, fugiam-lhe todos.

Henrique de Trastamara, acolhido como um libertador, entrou em Burgos triumphalmente.

Convidaram-o a proclamar-se rei.

Era o seu maior desejo.

Acceitou cheio de enthusiasmo.

---

(1) «...fimaram com elle de ser alli no fevereiro seguinte, para entrar em Castella com o conde Dom Henrique. El-rei Dom Pedro soube d'isto parte e foi-se a Burgos, onde mandara juntar suas gentes. Emtanto aquelle e os capitães das companhias, eram juntos, e partiram de Saragoça para entrar em Castella.

E vinham ahi capitães de Aragão, a saber, o conde de Denia, e Dom Filippe de Castro, e outros cavalleiros; e de França, Mosse Beltrão de Claquin, e o conde das Marchas, e o sr. de Bain, e o marechal de França, e outros cavalleiros. E de Inglaterra, Mosse Boitro de Carvabai, Mosse Estacio, e Mosse Martim de Gorimai, e Mosse Guilhem Allinante, e Mosse João de Obrens, e muitos outros cavalleiros e homens de armas de Inglaterra, e de Guiana, e de Gasconha, e d'outras nações.

E chegaram todos á villa de Alfaro, e não curaram d'ella, e foram outro dia a Calahorra, cidade não forte, e preitejaram-se os do logar com o conde, e colheram no dentro com aquellas gentes, as quaes alli foram certificadas como el-rei Dom Pedro estava em Burgos, e que não havia vontade de pelejar com elles. E houveram accordo, dizendo ao conde Dom Henrique que pois tanta boa gente era contente de o guardar em esta cavalgada, que se chamasse rei de Castella.

E elle, á primeira, começou-se de escusar de o fazer; dês ahi, como é doce cousa reinar, antes de muitas palavras outorgou que lhe prazia, e foi alçado então por rei: e pediram-lhe, os que com elle vinham, grandes mercês e officios no reino, e elle mui de grado lhe outorgava tudo, dando o que ganhado tinha, e promettendo o que era por ganhar; cá em tal tempo assim lhe cumpria de o fazer. E foi isto no anno de mil e quatro centos e quatro.

Partiu d'alli el-rei Dom Henrique caminho de Burgos, onde era el-rei Dom Pedro, e chegou a Navarrete, o qual se lhe deu nem ousando de esperar combate, e foi combatida Briviesca, e tomou-a.

El-rei Dom Pedro, sabendo tudo isto, sabbado de Ramos, bem pela manhã, mandou matar João Fernandez de Tovar, por queixume que houve de seu irmão, e, sem dizer cousa nenhuma aos seus, cavalgou por se partir logo.

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro,* cap. XLV.

D'ahi a dias elebrou-se a ceremonia.

Accorreram procuradores de quasi todas as povoações de Castella, a reconhecel-a, a jural-o.

O reino inteiro anceiava por mudar de rei.

D. Alvaro, embora lhe agradasse essa rapida ascenção, de que dependia a sua felicidade, na reunião a Mecia, via a com tristeza recordando se da irmã.

Era o exito que devia acolher D. Pedro e Ignez de Castro, proclamados soberanos de Castella por toda essa gente, reunindo d'ahi a pouco as duas corôas.

Era o plano idealisado por seu pae, posto a caminho por elle e por seu irmão.

«E tudo falhára!»

«Ella jazia, morta, perdida para sempre abandonada no esquecimento de um carneiro.»

«D. Pedro arrastava dolorosamente a sua decadencia e o seu desespero!»

«A victoria final o triumpho completo pertenceria a Henrique de Trastamara.»

«A rainha de Castella ao fim de tantas peripecias ia ser a filha de D. João Manuel!»

«Vingavam finalmente as pretencões do poderoso infante, e as dos Castros sossobravam de vez!»

Assistia á acclamação n'um fundo desanimo.

Apesar d'isso o amor de Mecia reanimava-o.

«Oh! Como ella onviria, cheia de esperança, as noticias da queda do rei Cruel que tanto o havia seguido!»

Os delegados do povo castelhano, recebidos com a maior affabilidade pelo novo rei, garantiam lhe a adhesão de todo o reino.

D. Henrique mandou chamar a mulher, e a filha, que tinham ficado em Aragão, e assistiu com ellas ás festas da sua consagração.

Mas era preciso aniquilar de todo o rival.

Saiu de Burgos em sua procura.

Toledo reclamou-o como legitimo rei, e festejou o com toda a sinceridade, ferido ainda pelos barbaros assassinios com que Pedro Cruel o enlutára.

Ao chegar a Sevilha teve o rei um enorme desgosto.

Maria de Padilla morrera na sua ausencia.

Desapparecia a unica pessoa a quem quizera sinceramente.

Abalou-o profundamente a catastrophe.

Tudo ruira em torno d'elle.

As suas tropas bandeavam-se com o irmão.

Os castelhanos abriam-lhes as portas.

As povoações appressavam-se a acclamal-o.

Lembrou-se então do auxilio promettido por el-rei seu tio.

«Não lhe satisfizera porém o principal desejo.»

«Podera entregar-lhe os assinios e Ignez de não o fizera.»

«Agora estava disposto a enviar-lh'os, como pedido de reforços, mas já não os podia obter.

«Ninguem no reino lhe obedecia!»

Ainda tentou commover D. Pedro.

A filha mais velha, D. Beatriz, fôra destinada a D. Fernando, o herdeiro da corôa portugueza, mesmo no tempo de Affonso IV.

O rei portuguez confirmára os propositos do pae.

A infanta castelhana era portanto a noiva do infante portuguez.

Enviou-a a Portugal, acompanhada pelo dote promettido.

Um fidalgo da sua confiança, escolhido para ir com ella, davia pedir o promettido auxilio de soldados e de galés.

Só uma intervenção poderosa e rapida o podia salvar.

CAPITULO XXXII

O seu amor

HENRIQUE de Trastamara saiu de Toledo.

Ia a caminho de Sevilha.

Queria offerecer a Pedro Cruel uma batalha decisiva.

Mas o rei que tantos assassinios commettera, que supprimira os parentes mais proximos, que fizera derramar caudaes de sangue, estremeceu na iminencia do perigo.

Decidiu fugir.

Carregou uma parte dos seus thesouros n'uma galé, tripulada por gente de confiança.

Mandou-a seguir para Tavira, pois era em Portugal que pretendia refugiar-se.

O resto do dinheiro, carregado em azemolas, devia acompanhar o sequito com que se dirigia por terra a pedir protecção ao rei seu tio.

Uns dos conductores das mulas do dinheiro fugiram com ellas.

Outras foram tomadas pelos habitantes de Sevilha que perseguiram o cortejo do fugitivo rei.

Misser Gil Bocca-Negra, almirante de Castella, saiu em peeseguição do navio que levava o thesouro, e tomou-o para si.

A fidelidade dos seus subditos parecia justificar a maneira com que Pedro Cruel os tratava, cortando-lhes as cabeças á menor suspeita.

O decahido rei só levava agora as duas filhas destinadas aos filhos de Ignez de Castro.

Apenas podia offerecer em troca do auxilio necessario os direitos a corôa de Castella que pertenciam ás suas herdeiras e aos principes que com ellas casassem. (1)

Mas á medida que se approximava de Portugal receiava muito do acolhimento do rei seu tio.

«Recusára entregar-lhe os matadores de Ignez.»

«Como o receberia elle?»

Henrique de Trastamara continuou a sua viagem, acclamado de terra em terra.

Em Cordova receberam-o com enthusiasmo, sabendo alegremente a nova ordem de coisas.

Em Sevilha realisaram-se grandes festas.

Poude então considerar-se rei de facto.

Convocou para Burgos a reunião das cortes, e tratou de reorganisar o reino, cahido na maior anarchia.

Os que o tinham acompanhado na entrada regressavam agora ás suas terras.

Os vassallos do senhor D. João Affonso de Albuquerque dando-se

---

(1) E partida Dona Beatriz de Sevilha para Portugal houve el reí Dom Pedro novas como el-rei Dom Henrique caminhava de Toledo para Sevilha, e accordou de enviar pelo thesouro que tinha no castello de Almodovar, que era todo em moedas de prata e de oiro, e fez armar uma galé em que o poz, com todo o haver que tinha na cidade, e entregou a galé a Martim Yanez, seu thesoureiro, e mandou-lhe que fosse a Tavira, villa de Portugal no reino do Algarve, e que alli attendesse a galé, atá que elle fosse. E tambem mandou carregar muitas azemolas de seus thesouros, e levou comsigo mui grande haver de oiro, e pedras, e aljofar assim do que tomara a el-rei Vermelho e aos seus, como de outro muito que tinha junto, e isso mesmo da prata toda a que poude levar.

E el-rei estando assim para partir de Sevilha. disseram-lhe coma os da cidade se alvoroçavam contra elle, e o queriam roubar alli onde estava: e com grão temor que houve, partiu-se logo para Portugal. E levou comsigo Dona Constança, e Dona Isabel, suas filhas, cá Dona Beatriz, a maior, havia já mandada, como dissemos. E iam com el-rei D. Pedro, Martim Lopes de Cordova mestre d'Alcantara, e Diogo Gomes de Cantanheda, e Pero Fernandez Cabeça-de-vacca, e outros.

E segundo alguns escrevem, como el-rei partiu de Sevilha, taes ahi houve, dos que iam com as azemolas do haver, que vendo el-rei fugia do reino por aquella guisa, se tornavam para a cidade com o que levavam, e outros saiam do logar e lhe roubaram parte d'aquelle haver. E Misser Gil Bocca-negra, seu almirante, que era genovez, armou em Sevilha uma galé e outros navios, e foi tomar a galé do haver, em que ia Martim Yanhez para Tavira, no rio Guadalquivir, cá ainda não era mais arredado. Era o haver, que ia em ella, trinta e seis quintaes de oiro, e ouras muitas joias, de que el-rei Dom Henrique depois houve a maior parte.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro,* cap. XXXVII.

finalmente

por bem vingado, levaram o athaude para o seu castello e sepultaram-o finalmente.

O cavalleiro Cabeça-de-Vacca que o representava, e falava por elle nos conselhos interpretára o seu sentir, dizendo que triumphára o seu plano de deposição.

D. Alvaro recebeu do rei ordens expressas para lhe ser entregue Mecia, prestando-se-lhe todo o auxilio que reclamasse, dispensando quaesquer compromisso ou votos que ella tivesse sido forçada a prestar.

Estavam satisfeitos emfim os seus desejos.

Poude abraçal-a finalmente!

Como se os horrorisasse a terra em que tanto haviam soffrido, montaram a cavallo e correram em direcção a Portugal.

Ao passar a fronteira decidido a fazel-o pela ultima vez, D. Alvaro escreveu ao irmão.

«Declarara-se vassallo de D. Pedro quando o apaixonava ver Ignez rainha de Portugal e Castella.»

«Agora renunciava para sempre á terra de que fôra subdito, e fixava se no reino de seu cunhado.»

«Estava emfim reunido a Mecia.»

«Queria ser feliz, tinham direito a ser felizes, tanto tempo haviam soffrido!»

«As enormes ambições da sua linhagem tinham sido o infortunio de todos.»

«Agora queria ser modestamente venturoso, apenas com o amôr de sua mulher.»

Mas D. Fernando de Castro mantinha ainda as teimosas pretensões de sua casa.

Henrique de Trastamara embora tivesse sido seu amigo, era o esposo de D. Joanna Manuel.

Teimava em não reconhecer como rainha de Castella a filha do poderoso infante D. João Manuel, o velho rival da sua casa, o terrivel adversario de seu pae.

O triumpho pertencia a elles.

Mas não estava disposto a reconhecel-o.

Demais, mortas D. Branca e Maria de Padilla, restava ainda sua irmã, Joanna de Castro, com quem Pedro Cruel havia solemnemente casado embora a abandonasse horas depois.

Abrigava ainda a esperança de a ver ao seu lado, acatada por todos como rainha.

D. Henrique mandou intimar-lhe que o acclamasse como todo o reino o havia feito.

Recusou-se altivamente a isso.

Então o novo rei dirigiu-se á Galliza, acompanhado de um forte exercito, para o submetter.

Preparou-se para resistir.

Foram rudes os combates.

Mas o altivo fidalgo gallego dispondo de poderosos meios de defeza, não se deixava vencer.

D. Henrique, não podendo demorar-se mais no cerco do seu castello, viu-se forçado a negociar uma tregoa.

D. Fernando de Castro declarou que só se renderia se no fim de cinco mezes não fosse soccorrido pelo seu rei.

Contava com o auxilio muito antes.

Esperava que o rei portuguez o prestasse, e tinha como certo que havia de realisar dentro em pouco o novo modo de ser das suas antigas ambições.

CAPITULO XXXIII

Abandonado

CHEGARAM a Portugal.

D. Pedro acolheu-os com frieza.

Estava n'um periodo de terrivel agitação.

Perdera o ensejo, tão cuidadosamente preparado, de obter os culpados na morte de Ignez.

«Pedro Cruel faltára ás suas interesseiras promessas.»

«Poderia pensar em obtel os de D. Henrique?»

«Que novos meios empregaria para captal-o?»

«Por quanto tempo ainda teria de aauardar a vingança?»

Depois receiava que os fugitivos tomassem percauções.

«Nada mais natural que ter constado a condição que impozera ao tratado de alliança.»

«Assim iria para outro reino, ou ligar-se-iam por tal fórma ao novo rei que elle não se decidiria facilmente a entregal os.»

«Debatia-se n'esta incerteza quando Nuno Freire, interessado em satisfazel-o, como promettera, foi dizer-lhe que D. Henrique se dispunha a mandar-lhe propôr uma alliança.

«Tudo estava na maneira de a conduzir» — dizia D. Nuno, esperançado no resultado.

«Era preciso aparelhar quanto antes a frota para fazer vêr como o seu auxilio se tornaria efficaz.»

D. Pedro fatigado de tantas alternativas, não acreditou no exito de novos esforços.

Mas sentia-se obrigado a fazer tudo quanto lhe podesse proporcionar a posse dos homens que odiava.

Nuno Freire levou-o a acceitar a primeira formalidade, o encontro de representantes seus com os do rei castelhano na fronteira dos paizes, para declararem a mutua amisade. (1)

Alvaro e Mecia ficaram desapontados.

Parecia não se reconhecerem um ao outro.

E como se fosse pouco, D. Pedro increpando-os voltou-se amargamente para elles:

«Para que veem insultar me com a sua ventura?»

«Vão ser felizes para longe!»

«Tinham mais direito do que eu?»

«Porque não fui venturoso com a minha estremecida Ignez tanto como ella merecia?»

«Amam-se por acaso mais do que nos amavamos?»

Mecia olhou Alvaro compungida e começou a chorar.

Então o desventurado rei cahiu em si.

Passou a mão pela fronte, dominou-se, e muito commovido foi abraçar D. Alvaro.

«Perdôa, meu amigo, perdôa os torvos desvarios em que parece fugir-me a razão.»

«Perturba-me atrozmente a ancia de a vingar, e a impossibilidade de o fazer.»

---

(1) «Esteve el-rei em Sevilha quatro mezes, e antes que d'alli partisse, escreveu a el rei Dom Pedro de Portugal, como queria haver paz e amizade com elle, e que elle enviaria taes, ao extremo, de que ficava por seus procuradores, para tratarem avença entre elles, e que el-rei Dom Pedro mandasse ahi outros, que com seus feitos fossem concordados.

E foi assim de feito, que enviou el rei Dom Henrique Dom João, bispo de Badalhouce, e Diego Gomez de Toledo, cavalleiro, e el-rei de Portugal enviou Dom João, bispo de Evora, e D. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital; e juntaram-se todos na ribeira de Caya, no extremo dos reinos.

E alli trataram, pelos ditos reis, que fossem fieis amigos um do outro, e houvessem paz e concordia, e que el-rei de Castella trabalhasse, a todo o seu poder, que el rei de Aragão fosse amigo de el-rei de Portugal pela guisa que o elle era, e que el-rei de Aragão deixasse vir para Portugal a infanta Dona Maria, filha do dito rei Dom Pedro, mulher que fôra do infante Dom Ferando, marquez de Tortosa, com todo o seu, ou viver na terra qual ella antes quizesse; e louvaram e approvaram as avenças que em outro tempo foram feitas em Agreda, entre el-rei Dom Fernando e el-rei Dom Diniz, seus avós.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XLI.

E serenando-se:
«Ficarás ao meu lado Alvaro.»
«Serás o primeiro dos meus reinos.»
«E para que não me julgueis um ingrato vou mandar celebrar em demonstração da minha sympathia as mais festivas bodas que se tenham feito em Portugal.»
«Quero ter o prazer de unir-vos, de ser o padrinho do casamento, que bem o mereceis.»

Pedro Cruel entrára finalmente em Portugal quasi só.
Depois de uma penosa marcha em que o tinham ido abandonando e roubando os cortezãos da sua triste committiva, chegára a terras de seu tio.
Mandou participal o a D. Pedro e solicitar-lhe urgentemente uma audiencia.
O rei portuguez, que já ficára contrariado com a chegada de D. Beatriz, não poude encobrir a sua impaciencia.
Mandou perguntar se lhe trazia os fugitivos, cuja prisão tantas vezes reclamára.
Pedro Cruel, humilhado, enviou-lhe um fidalgo a pedir muitas desculpas de o não ter feito.
D. Pedro decidiu não o receber. (1)
Alguns pediram-lhe que não o fizesse, que se compadecesse da sua desgraça.
Mas não conseguiram demovel-o.
A muito custo obtiveram que desse uma razão delicada do seu procedimento.
Então, para o rebaixar ainda mais, D. Pedro enviou-lhe João Affon-

---

(1) Então foi a Coruche o conde Dom João Affonso Tello, onde el rei de Castella estava esperando a resposta do seu tio, cuidando de ser aposentado em Santarem, e disse-lhe como el rei vira seu recado, e soubera parte da sua vinda de que guisa era, e que elle de boa mente o recebera em seu reino e o ajudara a cobrar sua terra, como era razão e direito, mas que por então não estava em ponto de o poder fazer como cumpria, porque d'aquellas vezes que lhe elle fizera ajuda, assim por mar como por terra, os fidalgos de seu reino vieram d'elle e de suas gentes mui mal contentes e escandalisados; e que vinham em sua companha taes, com que alguns hobveram razões, e que era por força haver entre elles grandes bandos e ar ruidos, o que a serviço d'ambos pouco cumpria. Além d'isto, que sabia bem como o infante Dom Fernando, seu filho, era sobrinho da rainha Dona Joanna, que então novamente entrara em Castella, irmã de sua madre Dona Constança, filha de Dom João Manuel, e que não entendia de postar com elle que lhe muito prouvesse de tal ajuda. E foi assim certamente, segundo alguns escrevem, que o infante deu grão torva, porém rozoada, em este feito. Com estas e outras razões escusou o conde el-rei seu senhor, que elle áquelle tempo o não podia vêr, nem lhe fazer mais ajuda da que feita havia; e despediu-se d'elle, e foi-se para a pousada.

Fernão Lopes, *Chronica do senhor D. Pedro*, cap. XXXVIII.

so Tello, irmão de Martim Affonso que tão injustamente mandára matar.

Levava ordem para dizer-lhe que visto seu filho D. Fernando ser sobrinho de D. Joanna, rainha de Castella, irmã de sua mãe D. Constança, não podia reconhecel-o como rei.

Pedro Cruel, irritado, atirou pela janella fóra uma porção de dobras de ouro, não podendo tirar outro desforço.

Os poucos que o acompanhavam disseram-lhe que era melhor ter-lh'as dado, do que deital-as fóra assim.

Elle respondeu altivamente que aquillo era uma sementeira que depois viria colher.

E n'esse despeito partiu a cavallo, em direcção á fronteira, a refugiar-se n'um castello do seu reino.

Mas ahi recusaram-se a obedecer-lhe.

E os ultimos que o seguiam fugiram para dentro,

Então não lhe restou outro recurso que reentrar de novo em Portugal.

CAPITULO XXXIV

Sempre o mesmo

TORNOU a dirigir-se a D. Pedro, pedindo-lhe, á falta de outro auxilio que lhe fornecesse uma carta de seguro para atravessar o reino sem perigo.

Chegava a receiar-se que o infante D. Fernando, como sobrinho de D. Joanna Manuel, que elle perseguira e offendera, o prendesse para o entregar.

D. Pedro concedeu-lhe que atravessasse Portugal em direcção á Galliza, onde D. Fernando de Castro se empenhava em o sustentar.

Mas em vez de um salvo conducto, nomeou dois fidalgos para o acompanharem e defenderem.

Escolheu para isso os que elle mais tinha perseguido, D. Alvaro de Castro e João Affonso Tello.

Acceitaram com prazer o ensejo de o esmagarem com semelhante humilhação.

Alvaro de Castro queria além d'isso cumprimentar o irmão, e mostrar a Mecia o solar de seus avós.

Partiram com alguns homens d'armas defendendo o rei cruel que já os mandára matar.

Mecia, apezar de tanto mal que lhe fizera, compadecia-se agora da sua desgraça.

Ao chegarem a Lamego, o Tello e D. Alvaro declararam que não podiam ir mais além. (1)

Pretextavam ameaças do infante D. Fernando e fingiam ter muito medo d'elle.

Pedro Cruel, para conseguir que não o abandonassem, teve que dar-lhes, do que lhe restava, seis mil dobras, duas cintas de prata e dois estoques.

Satisfeitos pelo bom rezultado do estratagema, os dois fidalgos acompanharam-o até á Galliza.

Mas, ao despedir-se d'elle, o Tello roubou lhe uma filha de D. Henrique, D. Leonor, levada pelo rei deposto como refem.

D. Alvaro seguiu promptamente com Mecia no empenho de encontrar-se com o irmão.

João Affonso Tello trouxe a Lisboa a infanta.

D. Pedro mandou entregal-a ao pae, preparando lhe o animo para reclamar depois a entrega dos refugiados.

Pedro Cruel, ao entrar em Galliza, escreveu de Monte-Rei a Logronho, Soria e Samora, terras que se lhe tinham mantido fieis, que se esforçassem por defender-se pois ia em seu soccorro.

Mandou participar ao rei de Navarra e ao principe de Galles que estava na Galliza.

Manifestava-lhes os seus propositos de guerrear o irmão bastardo, e

---

(1) « .. A el-rei de Portugal prouve muito, e enviou a elle o conde de Barcellos, que ouvistes, e Alvaro Peres de Castro, que se fossem com elle pelo reino, e o pozessem em salvo em Galliza. E elles se foram por elle, e começaram de andar seu caminho, e quando chegaram á Guarda, segundo alguns contam, disseram elles alli a el-rei que se queriam tornar e não podiam ir mais com elle, porquanto se receiavam do infante Dom Fernando, que os enviara ameaçar por irem assim em sua companha, e que el-rei lhes deu então seis mil dobras, e duas cintas de prata, e dois estoques, qne se fossem com elle até Galliza. E se assim adveio por esta guisa, isto foi fingido que elles disseram, o infante não tinha razão de lhes tal cousa mandar dizer, pois, com seu accordo, fôra ordenado em conselho que o acompanhassem até fóra do reino. E dizem que chegaram com elle até Lamego, e mais não. E á partida lhe furtou o conde uma filha de el-rei Dom Henrique, seu irmão, que el-rei levava presa comsigo, de idade de quatorze annos, que chamavam Dona Leonor dos leões, porque el-rei Dom Pedro, por queixume que de seu padre havia, sendo esta moça em poder de sua ama, nada de mui poucos mezes, com gran crueldade a mandou tomar, e, esfaimados os leões que criava antes por um dia, no curral onde andavam mandou que lh'a lançassem em camisa, e foi assim feito como elle mandou. E os leões vieram, e chegaram-se a ella, e prouve a Deus que lhe não fizeram nenhum nojo, mas assim como se d'ella houvessem piedade, se chegavam a ella sem lhe fazerem outro mal. Foi isto dito a el-rei por alguns seus, e mandou-a el-rei tirar d'alli, e entregar áquelles que a criavam, e poz-se porém em ella tal guarda, que nunca seu padre a poude haver. E levava-a el-rei de então comsigo, e o conde a trouxe a el rei de Portugal, e depois foi entregue a el-rei Dom Henrique, seu padre.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XXXIX

mandava perguntar com que elementos se dispunham a auxilial-o quando tivessem de intervir.

Reunido em conselho com os seus partidarios, decidiu dirigir-se a Inglaterra a pedir apoio.

Antes de abandonar o territorio de Castella quiz praticar uma nova traição.

Combinou com os seus juntar mais uma viclima a tantas que immolára, matar o arcebispo de São Thiago da Galliza, para lhe tomar os castellos e apossar-se dos thesouros.

O prelado, que tambem lhe permanecera fiel, e tomára parte no conselho, foi chamado amigavelmente.

Esperaram-o á porta da cathedral.

D. Pedro, de uma janella da egreja, assistia impassivel á perpetração do crime.

Quando ia a entrar no templo mataram-o, assassinando tambem o deão.

Então D. Pedro desceu, foi dar posse dos castellos do arcebispo a D. Fernando de Castro, e lançou mão das riquezas accumuladas pelo ministro do Senhor.

N'isto recebeu carta do principe de Galles convidando-o a dirigir-se a Inglaterra, emquanto lhe preparava forças para o ajudar a reconquistar o reino.

Satisfeito por vêr a bom caminho os seus desejos, foi embarcar em Corunha.

Levava comsigo o resto da frota, vinte e duas naus, uma galé e uma carraca.

Antes de partir nomeou D. Fernando de Castro conde de Trastamara de Lemos e Soria, que eram os condados de D. Henrique, e confiou-lhe a representação e a defeza dos seus direitos, emquanto não voltava com os auxiliares.

Na Inglaterra queixou se amargamente do procedimento do rei de Portugal, que nem o quizera receber.

O principe de Galles, tomando essa attitude como a de uma hostilidade para com o seu aliado, mandou embargar alguns navios portuguezes como represalia.

D. Pedro teve que mandar uma embaixada ao principe, explicar o que fizera.

Os seus delegados davam como razão a hostilidade dos cavalleiros para com o rei que tão mal tratára sua propria mãe, e fôra implacavel para Martim Affonso Tello e para com D. João Affonso Tello, um velho amigo de Portugal.

Pedro Cruel, que assistia á audiencia, insistiu energicamente nas suas queixas.

«O que mais lhe custára fôra a nenhuma attenção com que tratára

suas filhas, recuzando a dar-lhes guarida, sabendo que por causa d'ellas, é que se vira forçado a fugir, porque se fosse só não recearia combater o bastardo.»

Os embaixadores de Portugal expuzeram outro aggravo.

«O rei castelhano dera seguro asblo aos culpados na morte de Ignez de Castro, impedindo-o de tirar a vingança que ambicionava.»

«Demais constava que el-rei os protegia por ter sido uns dos que aconselhára o assassino de D. Ignãz.»

«Como queria sua alteza que D. Pedro sangrando ainda da triste viuvez em que ficára protegesse e festejasse um cumplice dos maus homens que o tinham despedaçado?»

O rei de Castella insistiu em que D. Pedro ao menos devia acolher suas filhas e guardar o seu thesouro.

«Fôra a recusa d'esses pedidos a que era moralmente obrigado, que o offenderam ais.»

Os embaixadores negaram com a maior tirmeza que o seu rei se houvesse recusado a tal.

O principe de Galles quiz saber se alguma declaração tinha sido feita n'esse sentido.

E como Pedro Cruel não estabelecesse claramente que fôra isso que lhe pedira, o inglez reconheceu o infundo das suas queixas.

Assim o declarou aos enviados.

Ao mesmo tempo os navios foram desembargados, sustando toda a acção que contra elles havia.

CAPITULO XXXV

Um rei prudente

O constar-lhe o acolhimento feito pelo principe de Galles seu rival, D. Henrique receiou uma invasão tendente a repol-o no throno.

Eram importantes os auxilios promettidos.

Nas côrtes convocadas para Burgos pediu dinheiro para as despezas da guerra.

Todos se offereceram para o apoiar combatendo e fornecendo-lhe recursos para a compra de armas e de cavallos.

Pedro Cruel tinha attraido odios geraes.

Em seguida occupou-se em proteger as fronteiras.

A amizade do rei de Portugal garantia-o por esse lado.

Aragão, talado durante muitos annos, tambem era hostil a Pedro Cruel.

O unico ponto que lhe parecia vulneravel era a passagem de Roncesvalles.

Para a garantir entrou em negociações com o rei de Navarra.

Encontraram-se na fronteira, e juraram sobre a hostia consagrada auxiliar-se mutuamente.

D. Carlos de Navarra comprometia-se a fechar passagem, guardando-a com tropas suas.

Mas se o principe de Galles e o seu alliado a podessem forçar apezar d'isso, formaria com todo o seu exercito ao lado de D. Henrique para os combater.

Postos em refem os castelhanos navarros de Guarda, S. Vicente e Buradon, que receberiam guarnições de D. Henrique, o rei de Castella compromettera-se a defender os portos do pequeno reino, e deu-lhes como garantia a villa de Logronho.

O bastardo retirou para Burgos, e D. Carlos voltou novamente a Pamplona.

O principe de Galles vinha já a caminho de Castella.

D. Henrique teve logo o dissabor de ver-se abandonado por quatrocentos cavalleiros inglezes que trouxera contra o irmão.

Iam juntar-se ao seu principe, não querendo combater os compatriotas. (1)

O rei de Inglaterra mandára em soccorro de Pedro Cruel o principe de Galles e o duque de Lencastre.

O monarcha exilado prometteu ao principe a terra de Byscaia e a villa de Castro Dordialles.

---

(1) «... E sendo certo el-rei D. Henrique das muitas gentes que o principe de Galles juntava para vir como el rei D. Pedro, e como não tinham outro passo tão como pelas portas de Roncesvalles, que são no reino de Navarra, e isto cumpria por ser por grado d'el-rei e não d'outra guisa, trabalhou de se vêr com elle e ordenar como não houvesse por ahi passagem. E foi assim que se virão el-rei D. Henrique e D. Carlos, rei de Navarra, em uma villa do extremo que dizem Santa Cruz de Campaço e ali fizeram seus preitos e menagens juradas sobre o Corpo de Deus, presentes muitos fidalgos: que el rei de Navarra não desse passagem por aquelles portos ao principe nem a suas gentes, e que passando elles por força, o que entendia que não podia ser, que elle por seu corpo com todo seu poder fosse na batalha em ajuda el-rei D. Henrique.

E por segurança d'esta promessa poz el-rei de Navarra em arrefens tres castellos de sua terra, a saber, a Guarda e S. Vicente e o castello de Buradom, o qual havia de ter D. Lopo Fernandez de Lima, arcebispo de Saragoça, e *monse* Beltram de Claquim, um grande cavalleiro de França, que ajudava el-rei D. Henrique e o outro João Ramirez Darelhano; e havia de dar el-rei D. Henrique a el-rei de Navarra, por esta ajuda que lhe promettia, e por defender os portos a el-rei D. Pedro e ao principe, a villa do Gronho.

E estas avenças assim firmadas tornou-se el-rei de Navarra para Pamplona, e el-rei D. Henrique se veiu a Burgos mui ledo, crendo que el-rei D. Pedro nem o principe não haviam poder de passar por aquella comarca dos portos de Roncesvalles, porquanto el-rei de Navarra lh'o podia mui bem defender e havia de ser em sua ajuda.

E de Burgos se veiu el-rei a Alfaro e alli se partiu d'elle *monse* Hugo de Carnoboi, inglez com quatrocentos de cavallo, e foi-se para o principe, seu senhor, que da outra parte vinha; e el-rei D. Henrique, pero lhe muito pesou e lhe podera fazer nojo, não o quiz fazer, tendo que fazia direito em ir servir o principe, filho d'elrei seu senhor.

Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, cap. II.

A João Chartes, condestavel de Guiana, um dos principaes que vinha com elle, declarou conceder a cidade de Soria.

Como garantias d'estas promessas D. Pedro deixou as filhas em Bayona.

Reunidas as forças, convidaram o rei de Navarra a deixal os passar por Roncesvalles, e a formar ao seu lado na batalha, com toda a gente de que dispunha.

Em troca promettiam-lhe Logronho e Victoria.

Como o exercito atacante era mais poderoso do que o de D. Henrique, entendeu D. Carlos rasgar os seus primitivos compromissos.

Deixou-os passar por onde queriam, mandou-lhe um auxilio de trezentas lanças, mas não se dispôz a comparecer no campo de batalha.

Como porém se havia compromettido com os dois antagonistas, imaginou um estratagema para se desculpar com o vencedor.

Foi caçar entre Borja e Tudella, no momento em que Pedro Cruel e os inglezes atravessavam o seu reino.

Combinou com o senhor do castello de Borja que o prendesse ali até se decidir a batalha, o que serviria de desculpa por não ter comparecido.

O seu cumplice n'esta mystificação ganharia o castello de Gabrai com tres mil francos de renda.

D. Carlos hospedou-se commodamente no castello do seu aprisionador, e ali guardou que passasse o maior perigo.

Quiz então sahir.

Mas como o seu carcereiro lhe exigisse o cumprimento da promessa, deixou-lhe em penhor o filho, e disse-lhe que o procurasse em Tudella, onde lhe faria as promettidas concessões.

O senhor de Borja dirigiu-se ao logar aprasado, em companhia d'um irmão.

O rei, mal os viu, mandou-os prender, e encarcerou os, mas d'esta vez a serio.

Resistiram, quizeram fugir, houve lucta.

O irmão do castellão morreu, e o senhor de Borja se quiz recuperar a liberdade teve que dar em troca o filho do rei que lhe ficára em refem.

Quando D. Henrique se dispunha a offerecer batalha, fugiram-lhe mais seiscentos cavalleiros, que foram juntar-se ao partido adverso.

O primeiro conflicto deu-se entre uns inglezes que andavam procurando provisões e uma hoste do partido de Affonso XI enviada a aprisional-os.

Ao fragor da lucta pareceu nos dois campos que se travára a batalha.

O principe de Galles armou cavalleiro o rei D. Pedro, que ainda não recebera esse grau e conferiu a mesma honra a diversos cavalleiros.

Abalaram dispostos a bater-se.

Mas em breve reconheceram o falso alarme.

Então o principe enviou pelo arauto uma carta a D Henrique.

Participava-lhe vir em auxilio de D. Pedro, unico herdeiro legitimo de Affonso XI, pelas ligações de parentesco e amizade que havia entre as casas reaes dos dois reinos.

Offerecia-lhe uma composição honrosa com o rival, em troca do qual obteria grandes vantagens, terras e rendas que lhe permittissem sustentar a sua posição.

No caso de não desejar accordo apellava para o juizo de Deus, a batalha que vinha disposto a travar.

D. Henrique respondeu referindo os aggravos que o reino tinha recebido de D. Pedro.

«As crueldades haviam-o tornado objecto de odio.»

«Elle era rei pela vontade nacional.»

Terminava affirmando os seus direitos, appelando tambem para o juizo de Deus e confiando-se á protecção do apostolo S. Thiago.

Os inglezes valiam se do patornato de São Jorge.

Defrontaram-se os dois campos.

Antes de travarem a lucta, reconhecendo a vantagem das forças de D. Pedro, ainda se passaram para elle muitos cavalleiros.

Rompeu a batalha.

D. Henrique bateu se desesperadamente.

Mas a gente de seu irmão era mais numerosa e mais forte.

Não poderam resistir ao seu embate.

E o bastardo e os seus abandonaram o campo, pozeram-se em fuga para irem recompor-se em logar seguro, e poderam mais tarde voltar á carga.

Pedro Cruel tornou a ser rei de Castella.

Ao verem-o vencedor submetteu-se-lhe todo o reino.

Quebrada a mais forte resistencia ninguem se atreveu a luctar.

Era bem conhecido a sua maneira de punir.

CAPITULO XXXVI

Ancia de matar

OS vencedores tinham feito muitos presioneiros.

Mal terminára a batalha Pedro Cruel matou logo um dos principaes, que fôra aprisionado por um cavalleiro gascão.

Este queixou-se ao principe de Galles que o estranhou a D. Pedro.

«Lembrae-cos do que combinámos — disse-lhe mal disposto.»

«Impuz-vos a condicção de que não matasseis ninguem sem julgamento.»

«Vós já começasteis a quebrar as promessas que nos ligavam.»

Pedro Cruel desculpou se, e propoz comprar aos cavalleiros estranhos ao seu reino todos os prisioneiros que haviam tomado.

O inglez respondeu que o não faria.

Nenhum dos seus entregaria os prisioneiros, nem por mil vezes o justo preço de um resgate, porque, contra as leis da guerra, elle os queria mandar matar.

Então o rei, n'um accesso de furia, lamentou o dinheiro que dispendera n'essa guerra, tão inutilmente que era tanto rei agora como quando estava exilado.

O principe respondeu penalisado pela ingratidão, que elle estava de novo em risco de perder o reino.

«Em vez de tratar de mais vinganças devieis pensar em conquistar o coração dos vossos vassallos.»

«Em vista da maneira como procedeis, se tornar a succeder algum desastre nós não voltaremos a ajudar-vos.»

Vencido o bastardo, os auxiliares reclamaram o pagamento dos soldados combinados, e o cumprimento das promessas feitas.

O rei começou a odiar uns e outros.

Mandou juntar o dinheiro para satisfazer metade dos soldos, e declarou que d'ali a um anno pagaria a outra metade, deixando as tres filhas como penhor.

O principe de Galles pediu em caução ao pagamento vinte castellos.

Mas elle recusou-se a cedel-os sob pretexto de que o reino o não consentiria. (1)

Quanto ás terras promettidas, concedeu a Biscaia ao principe de Galles e Soria ao condestavel.

Ordenou porém particularmente aos moradores que se recusassem a acceital-os por senhores.

Descontente com semelhante procedimento, o principe de Galles exprobou ao rei a sua perfidia.

D. Pedro prestou-se a rectificar lhe todas as promessas n'um juramento solemne que devia proferir com todo o ceremonial na egreja de Santa Maria, de Burgos.

O inglez porém só compareceu á solemnidade na egreja depois de ter

---

(1) «Passadas estas cousas, fez o principe requerer por alguns dos seus a el-rei D. Pedro, como bem sabia que fôra ordenado entre elles, que assim a elle como aos outros senhores e gentes d'armas que ali eram fossem pagas suas gajas e estados e soldos a cada um, sem nenhuma falta que n'elle houvessem.

Além d'isto, pois lhe de seu grad promettera, sem lh'o elle requerer, que em todas guisas queria que houvesse alguma terra e renda no reino de Castella, e lhe outhorgara o senhorio de Biscaya e a villa de Castro Urdiales, segundo por suas cartas tinha outhorgado, que lhe approuvesse de o cumprir assim, para se tornar cedo para sua terra, ca não era proveito, mas perda grande, estar muito tempo com tantas gentes em seus reinos accrescentando despeza.

El-rei ouviu isto que lhe disseram, e mandou-lhe responder, por outros, que verdade era o que dito haviam, e que lhe prazia de cumprir tudo o que promettera, porém que sobre a paga da divida quizera el-rei pôr revolta, dizendo que pagara grandes soldos e gajas em joias e pedras, havendo-as d'elle por mais pouco preço d'aquello que valiam; e o principe dizendo que os seus foram aggravados em tal paga, dando-lhes pedras e joias que lhe não cumpriam, e na moeda, que mister haviam para comprar cavallos e armas para o servirem, assim que de tal cousa não devia de fazer palavra; e dis e mais o principe que, ao que el rei dizia — que lhe deixasse mil lanças dos seus a sua despeza e gajas e soldo, até que fosse bem assocegado no reino — que bem lhe prazia, mas que os seus queriam vêr primeiro como pagavam os homens d'armas do tempo todo que haviam servido.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor D. Fernando*, cap. XII.

posto em poder dos seus uma porta da cidade, guarnecendo a torre que o defendia, pondo no largo uma rezerva de mil homens, e avançando pela cidade entre quinhentos.

Embora confiassem pouco na sua lealdade, a desinteligencia ficou apparentemente sanada.

Então Pedro Cruel, separando-se dos aliados, internou-se no reino voltando á antiga vida.

Ao chegar a Toledo matou logo dois dos principaes, por terem sido por D. Henrique.

E exigiu á cidade alguns moradores como refens que lhe garantisse a sua fidelidade.

Em Cordova saiu de noite armado e mandou matar pelos seus, dezesseis homens importantes pelo crime de terem adplaudido e acclamado seu irmão.

Em Sevilha mandou matar o almirante que lhe apresára a galé do thesouro, fez o mesmo ao thesoureiro mór encarregado da galé, e opprimiu muitos dos principaes fidalgos.

Quiz matar o conde de Nebra, e como o não encontrasse mandou suppliciar a mãe!

O desastre de D. Hnrique derruiu mais uma vez as esperanças do rei de Portugal.

Chegára a crêr na proximidade da realisação dos seus desejos, da entrega dos assassinos.

Mas tornara a governar Pedro Cruel, que com tanto desamor tratára.

«Que poderia esperar d'elle?»

«O mais certo era que, justamente irritado, por desforço, avisasse os homens que odiava para que se cautelassem dos seus propositos de vingança.»

E via, no maior desespero, na mais triste angustia, perdida toda a esperança da desforra.

Pedro Cruel continuava a fartar se de sangue, a accumular crimes sobre crimes.

Os que tinham sido pelo irmão os que o tinham deposto, contavam com a morte.

Uns fugiam, outros escondiam-se.

Os mais fortes luctuavam, defendendo-se dentro dos castellos mantendo a insurreição aqui e ali.

Quatro fidalgos condemnados á morte, D. Pedro Nunez de Gusmão, adeantado mór da terra de Leão, Mem Rodrigo Tenorio, Fernão Godiel de Toledo e Fernão Sanchez Calderon, conseguiram refugiar-se em Portugal.

Pedro Cruel ficou despeitado.

Pelas sua grande importancia tinha especial empenho em mandal-os degolar.

Queria atterrar com mais esses exemplos, para que o reino se mantivesse submisso.

D. Pedro teve um sobresalto quando elles foram cumprimental-o, pedir-lhe protecção, e declarar os motivos porque se acolhiam á protecção da lealdade portugueza.

Felicitou-os por terem escapado por essa fórma a um sacrificio inevitavel.

Não encobriu o descontentamento que tinha para com o rei seu sobrinho.

E ouviu da parte d'elles a enthusiastica defeza de D. Henrique, e a quasi certeza em que estavam de que elle voltaria de novo a triumphar.

Mas subito D. Pedro empallideceu.

Mandou os retirar n'um olhar de louco.

Passára-lhe pela mente uma ideia sinistra.

Tinha medo d'ella, e receiava-se de si mesmo, tanto se julgava capaz de descer, pelo amor de Ignez, como subira, nos braços d'ella, até á concepção da suprema felicidade.

CAPITULO XXXVII

As côrtes

REUNIRAM em Elvas as cortes convocadas por D. Pedro para ouvir as reclamações do povo, e combinar com os seus procuradores o que fosse necessario á administra ção do estado.

Juntaram-se representantes do clero, da nobreza e dos concelhos.

Estes pela primeira vez se intitulavam cidadãos.

Nas suas queixas apparecia em primeiro logar as que se referiam á pressões e pertubações exercidas pelas classes privilegiadas.

Repetiam-se as reclamações contra as *pousadias*, o direito que se arrogavam os nobres e o clero de hospedar se em casa de quem lhes parecia, apropriando-se das suas camas e das suas roupas, das suas mulheres e do seu gado espancando-os e ferindo-os se protestavam.

Vo'taram a pedir justiça ao rei contra os nobres e os padres que faziam mão baixa sobre os generos á venda, ou propriedade particular, sem os pagarem, ou dando por elles quantias insignificantes, como lhes agradava.

Seguiam-se as reclamações da agricultura.

Umas diziam respeito ao estrago feito nas vinhas, nas hortas e em

todas as culturas pelos veados e pelos porcos montezes das coutadas dos grandes senhores.

Para se divertirem na caça creavam dentro das suas vastas mattas uma infinidade de animaes bravos, que devoravam todas as producções dos terrenos proximos.

As leis reconheciam aos donos dos terrenos o direito de matar o ladrão que encontrassem a roubar-lhe os fructos.

Mas era formalmente prohibido, por leis severas, dar cabo dos veados ou dos porcos.

Quem o fizesse incorria em pena de morte.

Os cidadãos protestavam contra esta anomalia, declarando ingenuamente que deviam ter direito a matar os animaes, que eram muito menos nobres do que os homens. (1)

O rei ia respondendo capitulo a capitulo, conforme a natureza das indicações.

Sobre as pousadias determinou que se fizessem cazas para moradia dasgentes que passavam pelos concelhos.

Ordenou penas rigorosas para quem se apossassem dos generos dos outros, prohibindo formalmente a continuação d'esse prejudicial alenso até aos infantes seus filhos.

A'cerca dos animaes de caça, apezar de apaixonado caçador, authorizou o povo a que os matasse, fazendo pequenas excepções para os contos já estabelecidos por seu pae.

Uma outra reclamação das mais interessantes dizia respeito á situação da mulher.

Eis a organisação das côrtes :

(1) «Elegiveis não eram n'em os que não tinham bens de raiz, n'em os criminosos e desmorigerados, nem os juizes presentes; mas os ultimos podiam sêl-o com dispensa régia. A eleição recahia sempre nas pessoas notaveis da terra e até muitas vezes succedeu sairem eleitos procuradores do terceiro estado individuos que de direito tinham assento ou no braço de nobreza, ou no ecclesiastico. Quando assim acontecia preferia a eleição feita para o terceiro estado.

«Se algum dos eleitos se escusava, e a camara lhe acceitava a escusa, não era chamado o immediato em votos procedia-se a nova eleição.

«Se na eleição acontecia haver suborno ou omissão d'alguma solemnidade essencial, podia embargal-a qualquer pessoa do povo. E se os embargos lhe não eram recebidos em camara podia aggravar para o desembargo do paço.

«O modo de verificar os poderes ou legalisar as procurações era assim; logo que os eleitos ou procuradores chegavam ao local das côrtes apresentavam as suas procurações ao desembargo do paço, o qual nomeava o procurador da corôa para as examinar.

Se estavam solidas era o procurador admittido, se havia duvida ou defeito que se podesse sanar a tempo, sanava-se; se o defeito era irremediavel, mandava-se proceder a nova eleição.

As novas procurações dos nobres para representar o braço da nobreza, e dos ecclesiasticos para representar o braço do clero, tambem em alguns casos eram previamente legalisadas.»

Oliveira Marreca, *Antigas côrtes de Portugal*, no *Panorama*.

Os cidadãos pediam authorisação para que as viuvas podessem casar antes de findo um anno e dia após a morte do esposo, e que não fossem alvo de perseguições as que o fizessem.

D. Pedro authorisou as viuvas contrahirem segundas nupcias quando lhes aprouvesse.

Tambem pediam que se não obrigasse mais ninguem a casar contra vontade.

O rei accedeu n'esse ponto aos desejos de liberdade manifestados pelos cidadãos.

Depois reclamaram que as barregãs fossem obrigadas a morar em bairro á parte e a usarem de trajos especiaes, para se distinguirem das mulheres casadas.

D. Pedro não acceitou esse modo de vêr.

Respondeu que não podia ordenar tal coisa, constituiria uma medida violenta pelo prejuizo que seria para essas mulheres perderem as roupas que possuiam.

Os cidadãos pediram que os terrenos pertencentes aos nobres e aos padres que pemaneciam incultos, revertessem no praso de um anno para o concelho.

O rei assim ordenou, marcando porém a epoca em que elles seriam obrigados a cultiva-los, e estabelecendo que o concelho devia fornecer-lhes ao preço usual trabalhador e gado necessario.

Outras queixas diziam respeito ao peso do pão e da carne, á usura dos judeus, á intervenção dos corregedores e dos fidalgos nas regalias municipaes.

As côrtes occuparam-se tambem das barcas de passagem dos rios, da venda do trigo dos concelhos a individuos extranhos, tortura applicada para obter a confissão dos crimes, etc.

A fraude na qualidade no peso e no preço dos generos alimenticios, já preocupava as populações de então.

O povo não se queixava só dos abusos dos nobres e do clero.

Dirigia egualmente as suas reclamações contra a oppressão das classes medias, a agiotagem dos judeus, a falta de consciencia dos mercadores.

Nas barcas de passagem explorava se tambem.

A barca exigia muito mais que o regulado, e no caso de não fazer pagar bem caro o serviço a que se obrigára, deixava estar os passageiros um dia inteiro detidos pelo rio.

D. Pedro resolveu sempre a favor das reclamações populares, tão cheias de justiça.

Então os reis estavam ao lado dos povos, unidos uns e outros contra as classes privilegiadas, os nobres e o clero que possuiam a terra e exerciam immediatamente o poder, uns pelo direito de conquista, outros em nome da superstição.

O augmento das regalias dos concelhos era indirectamente a cres

cente restrição à influencia dos brutaes senhores de terras, dos prelados e dos conventos.

Mas havia entre elles uma regalia que D. Pedro ia pouco a pouco cerceando.

Os concelhos elegiam os seus funccionarios, entre elles os juizes, que eram uma entidade local, e julhavam por uma legislação local, que variava de povoação em povoação, constituindo verdadeiros costumes da terra.

A esses ia o rei substituindo, sempre que tinha ensejo, os juizes de fóra, os juizes da sua nomeação.

A's reclamações em contrario respondeu citando os verdadeiros motivos, a fraqueza d'esses juizes contra os grandes e os poderosos, as suas ligações de parentesco e amizade que muita vez tolhiam a acção de uma justiça imparcial.

Promettera porém voltar a respeitar os antigos usos desde que esses males desaparecessem.

Ao dissolver se a reunião, o povo estava cada vez mais satisfeito com o seu rei.

D. Pedro começava a receber geralmente dos vassallos agradecidos, o nome de justiceiro.

CAPITULO XXXVIII

Mais queixas

QUANDO o rei estava para deixar a cidade, pediu-lhe audiencia um procurador do povo.

— Senhor, ainda uma queixa... — disse-lhe ao saudal-o.

— Já terminou a reunião — respondeu o monarcha, zelando cuidadoso as formalidades.

— E' um assumpto urgente.

— E porque o não o expuzeste perante ellas?

— Importa para mim uma grande responsabilidade.

«Só ao vosso espirito justiceiro a posso revelar.»

— Dize.

— Senhor, o bispo do Porto continua sendo o terrôr da povoação.

«Mulher que lhe agrade ha-de necessariamente ser d'elle.»

«E ai dos que tem obrigação de as defender, maridos paes ou irmãos!»

«São mettidos nas prisões do castello, postos a ferros, e consta que alguns já tem sido mortos por por sua ordem!»

«Vêde se tão honrada terra pode continuar a soffrer taes ultrages.»

D. Pedro olhou-o sombriamente.

— Sabes ao que te arrisca se estás mentindo?

— Calculo, senhor.

— Mando arrancar-te a lingua pela nuca.

— Não o fareis porém porque fallo a verdade.

«Se porém o bispo suspeita que os procuradores expozeram os aggravos do povo, mando-as enforcar.»

— Não suspeitará.

— Todo o nosso receio é fundado, senhor, taes os crimes que por sua ordem se commettem.»

«Estaes longe de calcular o seu atrevimento.»

«Chega a referir-se a vós com palavras de ameaça, com expressões menos respeitosas.»

— Que diz elle de mim?

— Se me perdoaes a offensa de repetir tamanhos insultos...

— Ordeno-te que o faças!

— Diz que se fosseis ao Porto vos recusaria terminantemente a entrada.

«Gaba-se orgulhosamente de já o ter feito quando vos lançaste na revolta contra el-rei D. Affonso que Deus perdoe...»

— Miseravel — rugiu D. Pedro.

Representou-se-lhe ante os olhos o terrivel d'essa situação, os impetos do seu amôr despedaçado, as violencias do seu orgulho fortemente ferido.

«Fôra uma triste humilhação.»

«Sobre a resistencia planeada surdamente pelo bispo, e capitaneada por D. fr. Alvaro Gonçalves Pereira, o prior do hospital, impuzera-lhe o pae as omminosas pazes, com o perdão aos assassinos de Ignez!

«O bispo que o perseguira gnominiosamente, em vida do pae, intrigando sempre contra elle, cauzára-lhe essa penosa catastrophe e ainda por cima o provocava?»

D. Pedro promettia a si proprio vingar-se.

«Aquelle, ao menos, estava á mão!»

«Não tinha que pedir a sua entrega a ninguem.»

Ante a surpreza do procurador do povo, interrompido no seu relato, o rei começou a reflexionar sobre o encadeamento de má vontades que originara a morte do ente querido.

Fortificava-se na convicção de que o peior mal fôra o surdo movedor de interesses ameaçados, o cavillar de odiosas intrigas, o incessante fomento de más vontades.

Lembrava se da lucta que a rainha travara tenazmente para o defender, para salvar Ignez.

Os seus maiores adversarios eram os refugiados, mas o bispo do Porto não lhe ficára inferior.

Apenas soubera afastar-se no momento do maior perigo para não provocar as suas iras, e poder continuar governando absolutamente os seus dominios.

Depois de um longo silencio voltou-se de novo para o representantira dos portuenses:

— Porque se não queixam aos juizes?

— São tudo creaturas suas senhor.

— Não tem dado andamento ás queixas?

— Tem procedido contra os queixosos.

D. Pedro ficou irritadissimo.

— Pois apezar de tantas determinações ainda a justiça não attinge a altura a que pretendia eleval-a?

Isto desgostava o profundamente.

— Fizeste bem contar-me o que se passa.

«Vou enviar ao Porto o corregedor da corte.»

«Lourenço Gonçalves syndicará do procedimento dos juizes.»

«Hão-de receber exemplar punição.»

E dando por finda a audacia.

— Agora podes voltar sem medo de vindinctas.

— Deus me livre de tal — respondeu elle.

«Como quereis que me attreva a affrontar um homem que não duvida desrespeitar-vos, offender-vos?

— Que queres dizer?

— Senhor, sabeis que o povo vos quer bem, porque o protejeis.

«Acreditareis portanto que é sincero o nosso desgosto quando vos vemos insultado por um homem que tantos nos opprime.»

«O bispo exerce o seu grande poder em nome dos reis passados, que vós n'este momento representaes.»

«Se nós revoltamos contra elle, os nossos alcaides, os vossos homens d'armas cairão sobre nós, serão por elle.»

«Desejavamos portanto que tomasseis sobre a nossa directa acção os seus desmandos, e só assim ficariamos tranquillos.»

Então D. Pedro passou em revista o immenso poder de que dispunha esse principe da egreja, mercê das concessões dos antigos monarchas.

O bispo do Porto nomeiava os juizes, o alcaide e os tabeliães, era o senhorio directo dos terrenos da cidade.

As causas maritimas corriam perante os seus magistrados.

As execuções, mesmo por dividas reaes, eram feitas pelo mórdomo do bispo e não pelos porteiros do rei.

O alcaide do bispo é que fazia as prisões.

As justiças do rei não entravam na cidade.

Se os prezos eram de fóra, e os reclamavam, o alcaide ia entregal-os fóra da povoação:

O proprio monharcha só podia demorar-se um dia dentro do Porto!

Quando chegavam navios de França com fazendas e outros generos commerciaes, o almoxarife do rei punha ao lado um empregado e o bispo outro, para tirarem os dizimos.

Os almotacés do bispo iam pezar o pão com as suas balanças e tratar outros assumptos com os almotacés do concelho.

Os mouros e os judeus para habitarem a cidade precisavam licença do prelado.

O bispo recebia um almude por cada carga de besta de vinho ou vinagre que entrava na povoação.

Tamanho poder amesquinhava, punha em cheque o seu.

Tinha portanto que intrevir disposto a submetter o orgulhsso vassallo.

Queria porem conhecer perfeitamente todos os doestos que elle lhe dirigira.

Tornou a insistir com o representante ás côrtes:

— Dize tudo o que profere contra mim esse rebelde.

«Preciso conhecer os elementos necessarios para julgar.»

O procurador do povo anceava por dizer tudo, certo de que, ao corrente das suas más palavras, o rei não cessaria de intervir.

Receiava porem um accesso de colera.

Era porém urgente decidir D. Pedro.

Arriscou-se a fazel-o:

— Senhor, não trata a senhora D. Ignez de Castro senão desprezivelmente, por vossa barregã...

— Maldição! — exclamou o rei n'uma explosão de colera.

«Não contente com o seu desgraçado fim ainda insulta a pobre morta!»

«Oh! Mas ha-de pagar tudo!»

E voltando-se para o afflicto representante:

— Não tornarás ao Porto senão commigo!

«E que o bispo trema d'esse momento.»

CAPITULO XXXIX

A fonte dos amores

AQUELLA revellação lançou-o n'uma colera sombria.

«Não bastava terem-a morto!»

«Ainda com insultavam infamemente!»

«E a certeza que applaudiriam o seu supplicio!»

Pensava então que podia ser muito geral essa opinião contraria a Ignez.

Isso torturava-o, affligia-o.

Começava então a recriminar-se.

«Como haviam de lhe fazer justiça, se elle ainda não soubera desafrontar a sua memoria?»

Então desesperava-se pela sua tão longa espectativa.

Chorava ao reconhecer-se inutil, transtornado, tão differente do que fôra.

«Emquanto infante, sem dispôr de uma fracção de poder, chegára a defrontar-se com os seus inimigos'»

«Agora, sendo o unico senhor, deixava que impunemente o amesquinhassem e a Ignez!»

A situação dos assassinos, vivendo livremente em Castella, pungia o como um espinho mortal.

O conhecimento das expressões do prelado portuense exacerbavam o seu mal.

Tumultuavam-lhe no cerebro ideias de morte, castigos terriveis a applicar.

Mas quando a espaços recobrava a serenidade, pensava de outra forma sobre o epitheto de barregã.

«Casára clandestinamente.»

«E' certo que todos mais ou menos o sabiam, e o bispo melhor do que ninguem.»

«Não fizera porém, como era necessario, uma solemne declaração da sua alliança nupcial.»

«Precisava fazel o quanto antes, para desfazer duvidas, afastar as ultimas suspeitas.»

«Ignez carecia d'essa desafronta.»

«Devia portanto em primeiro logar restabecel-a na consideração que merecia.»

«Depois iria ao Porto ajustar contas, entender-se com o seu rancoroso inimigo.»

Meditou largamente o novo plano.

Em tempo ao receber a herança da corôa, tivera uma outra intenção.

Não pensando em que o pae tivesse feito fugir os culpados, tencionava começar por elle.

Offerecel-os-ia em sacrificio á victima desventurada.

E só depois d'esse estrondoso exemplo é que reapparecia ante o es culptural corpo tanto amado, a dar-lhe contas da extranha maneira como a desaffrontára, o prestar aos seus restos a homenagem de uma apotheose.

A fuga dos homens que tanto odiáva transtornára por completo as suas combinações.

Esgotára longo tempo, tanta astucia n'uma impreficua lucta para os obter.

Pedro Cruel zombára dos seus exforços.

Henrique de Trasmara nem tivera tempo de receber tão grave reclamação.

De novo occupado throno de Castella o rei seu sobrinho, que tão mal tratára na sua passagem, quasi perdia a esperança de se vingar.

«Devia continuar esperando?»

«E a legitimidade dos filhos queridos, do direito que lhes podiam um dia contestar?»

«Impunha-se lhe a necessidade de uma demonstração publica do enlace em que ligára a Ignez o seu futuro.»

Para isso precizava ao seu lado um velho amigo, fr. Gil Cabral, que os casára clandestinamente.

Escreveu-lhe para a Guarda, para onde o papa o nomeára bispo, e pediu-lhe que fosse aguardal-o em Coimbra.

Fôra ali o theatro do crime, devia ser o local da sua solemne rehabilitação.

Chegou á cidade em que tanto soffrera.

Pungiu o o abandono do paço de Santa Clara.

O povo entrava livremente no parque e deteriorava a fonte dos Amores.

Então estabeleceu penas severas para quem cauzasse prejuizo a essa recordação dos seus tempos de ventura. (1)

O aspecto do deserto edificio tornava-lhe bem patente o abandono em que jazia Ignez.

A desatenção geral pelo ninho dos seus amores, pelo local do triste drama, davam lhe a impressão do olvido que em torno d'ella verdadeira se fizera.

Tudo lh'a lembrava.

As arvores pareciam convidal-os, como outr'ora, ao agradavel abrigo das suas sombras.

As flores eram ainda as que plantára Ignez, disvelada en tornar um encanto o seu lar.

A fonte parecia conduzir da mesma forma, mysteriosamente, as suas cartas de amor.

E o rio, em baixo, correndo mansamente, empobrecido pelo verão, lembrava-lhe as vezes que o tinham admirado, seguindo o murmurar das suas aguas espelhantes, que reflectiam choupos, salgueiraes, ao frescor das suas margens.

Então affligia-o o criminoso esquecimento em que por tanto tempo a deixára ali!

A abbadessa de Santa Clara mandou convidal-o ceremoniosamente a visitar o mosteiro.

Participava lhe ao mesmo tempo os suffragios que todos os dias faziam a Ignez.

«Não haviam desamparado—pensava D. Pedro.»

---

(1) «No meio do mesmo claustro descoberto ao ceu, occupava grande campo um tanque mui aprazivel, em o qual desagoavam muitas fontes por diferentes figuras, e a maior, que ainda achei, pela boca de uma serpe, enroscada no braço de uma Ninfa. Vinha de fora a agua, por um cano, que chamou *dos amores* por razão de uma fonte d'este nome, onde tem o seu principio. Consta isto de um mandado das Justiças de Coimbra, as quaes no mez de outubro de 1360 mandaram publicamente, que ninguem tratasse mal *o cano da agoa, que vae da Fonte dos Amores para o mosteiro de Santa Clara, sob pena de jazer trinta dias na cadeia.*»

Historia seraphica, por fr. Manoel da Esperança, parte II, livro VI, cap. XVII pag. 35.

«Só elle a deixára, só elle a esquecera por tal fórma, sem realisar nenhuma promessa!»

Teve repugnancia em acceitar o convite.

«Havia de apparecer perante os seus restos, tendo-se por tal forma abandonado o dever da vingança?»

Não se attreveu a fazel-o.

E ao convite da superiora respondeu que não tinha tempo para acceitar a honra do seu offerecimento.

Mas renovou no seu intimo a promessa de prestar á memoria da querida morta o devido culto.

E fugindo de Coimbra precipitadamente mandou reunir em Cantanhede os seus.

CAPITULO XL

Mulher legitima

IAM chegando amigos do rei, altos funccionarios convocados solemnemente.

D. Pedro aguardava-os nas casas da egreja de Catanhede.

Não parecia o mesmo homem.

Apagavam-se-lhe os ultimos traços da impetuosa juventude que fora apaixonado galã.

Nem lhe restava um lampejo d'essa alegria de desvairado em que dançava em plena rua, alarmando os moradores de Lisboa.

Ia envelhecendo dia a dia.

Os do seu tempo mal reconheciam n'elle o bello cavalleiro de outróra.

Em breve rodeiaram-o D. João Affonso Tello, conde de Barcellos e seu mordomo-mór; Vasco Martins de Sousa, chanceller mór; mestre Affonso das leis; João Esteves, Lourenço Bubal, e muitos outros.

O rei lançou em torno um demorado olhar.

Examinou-os detidamente.

Viveu um pouco para as recordações que lhe suscitava um ou outro.

Fez um signal ao tabelião, que se approximou, trazendo para junto d'elle a escrevaninha.

Então n'uma voz grave, dirigiu-se aos convidados:

— Senhores, convoquei-vos para assistirdes a uma grave declaração a que desejo dar toda a solemnidade da vossa presença.

«Não é novidade para nenhum de vós o que ides ouvir.»

«Simplesmente de hoje em diante, o que passava por um facto discutivel, terá a garantia da minha palavra e do vosso testemunho.»

Entreolharam-se os fidalgos sem o comprehender.

D. Pedro proseguiu:

— Eiz comparecer o meu tabelião...

«Não se trata porém de um testamento.»

«Quero assegurar a meus filhos uma herança, maior do que a dos bens materiaes, porque é a do meu sangue, a das nossas lagrimas.»

Ergueu-se e declarou gravemente:

— Trata se do meu casamento com D. Ignez de Castro.

Cambaleou, caiu para traz, apoiando as mãos crispadas aos braços da grande cadeira senhorial.

Os intimos correram a amparal-o.

Outros cortezãos trocavam impressões sobre o assumpto.

Acalorara-se a reunião.

O rei passou a mão pela fronte, e tranquilisou os seus amigos:

— Não foi nada. Isto passou.

E voltando-se para o tabelião:

— Trata se de um documento em forma.

«Escreve:»

Gonçalo Peres começou a encher o pergaminho.

N'isto appareceu fr. Gil, coberto de pó, da longa jornada.

D. Pedro recebeu-o com satisfação.

Era o seu confidente, o leal companheiro de tantos annos.

— Perdoae me a demora, senhor — pediu ao entrar.

— Desejava que não faltasses, em vista da parte que tomaste no acto a que vou referir me.

«Mas ainda chegaste muito a tempo.»

«Nem sempre ha meios de conducção como os d'aquella celebre noite em que vieste de Roma a Braga n'um momento.» (1)

---

(1) «D. Gil Cabral, physico e deão, depois bispo da Guarda, é uma das principaes figuras que tomaram parte nas scenas extraordinarias a que deu causa a formosura de D. Ignez de Crstro e o caracter dissimulado de Affonso IV; foi D. Gil que celebrou o casamento de D. Pedro com D. Ignez, em Bragança, foi elle quem acompanhou e aconselhou muito tempo o desgraçado infante.

O padre Antonio Carvalho da Costa, *Corographias portuguezas,* tomo II, pag. 337, diz o seguinte de Gil Cabral, a quem chama D. Gil de Viana.

«D. Gil de Viana, segundo do nome, natural da Villa de Guimarães, e mestre da sagrada heologia, foi provido em Roma pelo papa Gregorio XI, no bispado da

— Invenções de rancorosos inimigos meus, que tambem o são vossos — respondeu o bispo sorrindo.
Tomou logar entre os demais.

O tabelião principiou a lêr:

«Saibam todos que doze dias do mez de junho, era de mil trezentos noventa e oito, (anno de 1360) em Catanhede, nas casas da egreja d'esse logar, o muito alto e mui nobre senhor Dom Pedro pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, perante mim Gonçalo Peres seu tabelião geral em todo o seu senhorio e as testemunhas adeante escriptas...»

O rei approvou com um aceno.
A um signal approximou se o prior de Catanhede trazendo os evangelhos.
Ajoelhou e apresentou-lh'os humildemente.
D. Pedro ergueu-se de novo, estendeu a mão, e disse gravemente:
— Juro aos santos evangellos a absoluta veracidade d'esta declaração.
Penalisava a todos o seu ar severo.
Comprehendia se quanto lhe era dolososo alludir ao passado.
As testemunhas de todos os seus dias viam pintar-se-lhe no rosto um pavor egual áquelle que o tomou ao descer ao carneiro de Santa Clara.
Saiam-lhe a custo as palavras, entrecortadas.
Afogavam o as lagrimas por vezes.
Como que se abria ante elle o pavoroso tumulo de Ignez.
O tabelião foi reunindo as declarações dispersas, e deu-lhe forma.
Ergueu-se para ler o resumo do dictado.
Fez-se o silencio esmagador das grandes occasiões.
A voz de Gonçalo Perez transmittiu á assembleia:

Guarda, que governou um anno, e tres mezes: e se pode presumir que Deus o quiz castigar na brevidade do governo pelo que d'elle se conta, e é que estando em Roma disse que, para não lhe faltar nenhum gosto, tomára ver-se n'aquella noite, que era vespera de natal, na cidade da Guarda; e logo se lhe offereceu um hoste romano, e lhe disse que pois tanto o desejava, elle se obrigava a pôl-o n'aquella cidade, que fosse consoar, e que acharia cavalgadura á porta, e ao hoste para o acompanhar; e assim foi, porque acabando de consoar, se vestiu de caminho, e achando a mula á porta se partiu, e chegou ás portas da Sé estando os conegos no côro rezando matinas, para se dizer a missa do Gallo, e ahi desappareceu o hoste e a mula; e entrando pela egreja se alvoraçaram os conegos, e elle disse: Como agora nevava nos Alpes. E não o crendo os conegos, lhes mostrou breves de sua santidade passados no dia antecedente, e quando isto disse estava sacudindo a capa; e bem se viu ser isto assim pela data dos breves.»

Ayres de Sá, Gonçalo Velho. V. 1.º, p. LXVII.

«... disse, conheceu e confessou em verdade, por juramento aos santos evangellos, por elle corpalmante tangidos, que sendo elle infante, vivendo então el-rei Dom Affonso seu padre a que Deus perdôe, estando em Bragança... recebeu por sua mulher legitima por palavras de presente assim como manda a santa madre egreja D. Ignez de Castro, filho que foi de D. Pedro Fernandes de Castro.»

«E que essa D. Ignez o recebeu a elle mesmo por seu marido legitimo, por semelhantes palavras segundo manda a santa madre egreja.»

«E disse que depois do dito recebimento tivera e teve a dita D. Ignez per sua mulher legitima... até ao tempo da morte d'essa D. Ignez, vivendo ambos de commum, fazendo maridança pela guisa que deviam.

«E disse o dito senhor rei que porque os ditos recebimentos e casamento não foram exemplados nem claramente tão sabidos por o seu senhorio em vida do dito seu padre por receio e temor que d'elle havia.»

«Porém para descarregar a sua consciencia, e dizer a verdade, e não ser duvida a alguns que dos ditos recebimentos e casamento duvidavam, se foram assim ou não, deu de si fé e testemunho de verdade pela guisa que acima é escripto...» (1)

D. Pedro concordou.

Era a fiel expressão das suas palavras.

(1) Ayres de Sá Gonçalo Velho. V. 1.º, p. 78.

CAPITULO XLI

Declarações

TOMOU a pena que lhe entregava o funccionario e assignou com mão tremulo.

Todos os presentes firmaram igualmente a declaração.

D. João Affonso Tello, conde Barcellos, quer a Gonçalo Peres uma copia do documento.

Emquanto o tabelião escrevia, falavam os fidalgos sobre o alcance das palavras do rei.

Tinham-as por um serio prenuncio de graves acontecimentos.

A attitude de D. Pedro revelava uma forte decisão.

Tirada a copia, o rei despediu os convidados.

E voltando se para o conde e para o bispo declarou muito impressienado:

—O resto é comvosco.

Sairam todos.

Anceava por ficar só.

Os cortezãos partiram a cavallo para Coimbra, onde se encontrava o resto da côrte.

O conde de Barcellos mandou convocar todos os cavalleiros e escudeiros da cidade, e reuniu-os para dar conhecimento das importantes palavras do rei.

Antes de dar começo á reunião fr. Gil Cabral fez perante diversas testemunhas declaração identica á do rei, que foi com todas as formalidades reduzida a auto.

Esteve o Lobato, que assistira ao consorcio, prestou fielmente o seu testemunho. (1)

O conde de Barcello apresentou se á assembléa munido de todos os elementos que garantissem o caracter legal da declaração.

Para D. Pedro o acto valia principalmente como a rehabilitação de Ignez perante os aleives dos seus inimigos.

Para os seus velhos partidarios, amigos dedicados dos Castros, representava ainda a questão da sucessão da corôa, a herança do throno para o filho de Constança ou para os filhos de Ignez.

Eram conhecidas de todos as impugnações, da falta de dispensa do papa, da legalidade da celebração matrimonial.

O conde de Borcellos, precavido para todas as respostas, falou n'estes termos:

---

(1) «Passados trez dias que isto foi, chegaram a Coimbra Dom João Affonso conde de Barcellos, e Vasco Martins de Sousa, e mestre Affonso das leis, e no paço onde então liam de decretaes, sendo o estudo n'essa cidade, presente um tabelião, chamaram duas testemunhas, a saber, Dom Gil, que então era bispo da Guarda, e Estevam Lobato, criado d'el-rei, aos quaes disseram qne por juramento dos Evangelhos, disseram a verdade do que sabiam em feito do casamento d'el-rei Dom Pedro com Dona Ignez. E perguntando cada um per si áparte, o bispo disse primeiramente, que andando elle com o dito senhor, e se do então deão da Guarda, que n'aquelle tempo, sendo el-rei infante, e Dona Ignez com elle, pousavam na villa de Bragança, e que esse senhor o mandara chamar um dia á sua camara, sendo Dona Ignez presente, e que lhe dissera que a queria receber por sua mulher, e que logo, sem mais detença, o dito senhor puzera a mão nas suas d'elle, e isso mesmo a dita Dona Ignez, e que os recebera ambos por palavras de presente, como manda a santa igreja de Roma, e que os vira viver de commum até á morte d'essa Dona Ignez; e que isto poderia haver sete annos, pouco mais ou menos, mas que não se accordava do dia e mez em que fôra: e d'este feito não disse mais.

Semelhavelmente foi perguntado Estevam Lobato, e disse que sendo el-rei infante e pousando em Bragança, que o mandara chamar á sua camara, e que lhe dissera que o mandara chamar porque sua vontade era de receber Dona Ignez, que presente estava, e que queria que fosse d'elle testemunha : e que o deão da Guarda, que já ahi estava, e outrem não, tomara o dito senhor por uma mão e ella por outra, e que então os recebera ambos por aquellas palavras que se costumam dizer em taes desposorios, e que os vira viver juntamente até ao tempo da morte d'ella; e que isto fôra em um primeiro dia de janeiro, podia haver sete annos, pouco mais ou menos.

Tanto que estes foram perguntados e escripto seu dito segundo ouvistes, fizeram logo juntar, que para isto já estavam presentes, Dom Lourenço, bispo de Lisboa, e Dom João, bispo de Vizeu, e D. Affonso, prior de Santa Cruz d'esse logar e todos o fidalgos antes nomeados, com outros muitos que não dizemos, e os vigarios, e clerezia, e muito outro povo assim ecclesiastico como secular, que se para isto alli juntou.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XVIII.

«Amigos, deveis de saber que el rei, nosso senhor que ora é, sendo infante, passa já de uns sete annos, estando então na villa de Bragança, sendo el rei Dom Affonso, seu padre, vivo, recebeu por sua mulher lidima, por palavras de presente, Dona Ignez de Castro, filha que foi de Dom Pedro Fernandez de Castro, e ella isso mesmo recebeu a elle, e sempre ao dito senhor teve depois por sua mulher, fazendo se maridança um ao outro, qual deviam, até ao tempo da sua morte»

«E porquanto este recebimento e casamento não foi exemplado a todos os do reino em vida do dito rei Dom Affonso, por medo e receio que seu filho d'elle havia, casando de tal guisa sem seu mandado e consentimento, porém agora el-rei, nosso senhor, por desencarregar sua alma e dizer verdade e não ser duvida a alguns que d'este casamento parte não sabiam se fôra assim ou não, fez juramento sobre os santos Evangelhos e deu de si fé e testemunho de verdade, que foi d'esta guisa que o eu digo, segundo vereis por um instrumento que d'isto tem feito Gonçalo Peres, tabellião, que aqui está; e mais vereis o dito do bispo da Guarda e de Estevam Lobato, que aqui estão, que foram presentes no dito casamento.»

«E porque vontade d'el-rei, nosso senhor é que isto não seja mais encoberto, antes lhe praz que o saibam todos, por ser arredada grande duvida que sobre isso adiante poderia recrescer, porém me mandou que vos notificasse tudo isto, por tirar suspeita de vossos corações, e ser a todos claramente sabido.»

Mas porque não embargando tudo o que eu disse, e vos ora aqui foi lido e declarado, alguns poderão dizer que tudo isto não bastava se ahi dispensação não houve, por o grão divido que entre elles havia, sendo ella sobrinha d'el rei nosso senhor, filha do seu primo co-irmão, porém me mandou que vos certificasse de tudo, e vos mostrasse esta bulla que houve em sendo infante, em que o papa dispensou com elle, que podesse casar com toda mulher, posto que lhe chegada fosse em parentesco, tanto e mais como Dona Ignez era a elle».

Para que ninguem ficasse duvida mandou ler a bulla de João XXII:

«João, bispo, servo dos servos de Deus. Ao muito amado, em Christo, filho infante, Dom Pedro, primogenito do muito amado, em Christo nosso filho mui claro rei de Portugal e do Algarve Affonso, saude e apostolical benção. Se o rigor dos santos canones põe defeza e interdicto sobre a copula do matrimonial ajuntamento, querendo que se não faça entre aquelles que por algum divido de parentesco são conjunctos, por guarda da publica honestidade; aquelle porém que é ás vezes bispo de Roma, de poderio absoluto, em logar de Deus dispensando, pode por especial graça pôr temperança sobre tal rigor. E porém nós demovido ácerca de tua pessoa com especial favor, por algumas razões, de que ao diante esperamos paz e folgança n'esses reinos, querendo condescender as tuas preces e de el-rei Dom Affonso, teu padre, que por suas letras por ti a nós

humildosamente supplicou, para casares com qualquer nobre mulher, devota á santa egreja de Roma, ainda que por linha transversa de uma parte no segundo grau e d'outra no terceiro, sejaes dividos e parentes, e isso mesmo ainda, que por razão de outras duas linhas collateraes, seja embargo de parentesco ou cunhadia entre vós no quarto grau, licitamente por matrimonio vos podeis ajuntar nós por apostolica auctoridade, de especial graça, tudo tiramos e removemos, dispensando comtigo e com aquella com que assim casares, de nosso apostolico poderio, que a geração que de vós ambos nascer ser legitima sem outro impedimento. Porém, nenhum homem seja ousado presumpçosamente contra esta nossa dispensação ir, de outra guisa seja certo na ira e sanha do todo poderoso Deus, e dos bem aventurados São Pedro e São Paulo, apostolos, incorrer. D'ante em Avinhão, duodecimo Kalendas de março, do nosso pontificado anno nono.»

Fez impressão a leitura.

Então o conde de Barcellos requereu copias dos documentos de legitimidade, em nome do infante D. João, D. Diniz e D. Beatriz, filhos de Ignez.

Era concludente a demonstração.

Mas nem por isso os rancorosos inimigos de D. Pedro se deram por vencidos.

CAPITULO XLII

Commentarios

AQUELLES a quem feria a justiceira rudeza de D. Pedro, iam desfazendo a significação das suas palavras.

— O que?

«Pois tinha casado legalmente com Ignez de Castro, e só agora se lembrava de o dizer?»

«Não era preferivel tel-o declarado ao pae para que a tratasse de outra fórma?»

«Não teria talvez impedido a morte da amante?»

«Agora não são todas estas historias que a vem salvar.»

Falavam assim alguns dos seus teimosos inimigos, embora apparentemente devotados servidores, porque a isso os obrigava o interesse.

Os amigos de Diogo Lopes, os companheiros de Pero Coelho e de Alvro Gonçalves desforravam-os contradictando as declarações.

— Repare n'uma coisa — dizia um d'elles.

«Não notasteis como el-rei não se recorda da data certa em que casou com Ignez de Castro?»

— E' verdade — responderam alguns.

E na maior surpreza começaram a commentar o facto que havia passado desapercebido.

— O bispo tambem não sabia a data — disse um dos outros.

— Apenas o Estevão alludiu ao primeiro de janeiro.

Pois é possivel que tivessem esquecido um dia tão lembrado?

«Então o interessado não o recordava, se accaso o casamento não passasse de uma burla?

Um mais prudente contestou:

— Bem sabeis que foi um casamento clandestino.

«Não fizeram o assento costumado, não lavraram a menor declaração.

«Como haviam de reter todos os detalhes, se para os fixar são presas tantas formalidades?

Mas os outros contradictaram esta opinião.

Um dos apaniguados do antigo ministro de Affonso IV avançou mais.

— Diogo Lopes Pacheco — dizia elle — foi um dia, acompanhado de mestre Joanne das Leis, a Santa Clara, da parte de el-rei D. Affonso, pedir a D. Pedro, que já que não queria casar com filha de rei, e tanto amava Ignez casasse com ella, que d'ahi em diante a honraria como sua esposa.

— E queres saber o que respondeu?»

«Que não desejava fazel-o, por mais que teimassem, e que nunca em tal pençaria em toda a sua vida.»

«Surprehendidos, por semelhante resposta quiz el-rei ouvir sobre isto os conselheiros.»

«A todos pareceu que o infante procedia assim por ella ser filha bastarda de D. Pedro de Castro.»

«Ficae sabendo — insistiu o defensor de Pacheco — que se D. Affonso suspeitasse que D. Pedro casára, nunca mandaria matar Ignez de Castro.» (1)

---

(1) Versão apresentada por João das Regras ao discutir nas cortes de 1385 a successão do reino, contra os filhos de Ignez de Castro.

Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. João*, parte I. cap. CLXXXVI, dá curso a esta versão, e é atravez da argumentação do habil lettrado que trata todo o assumpto de Ignez de Castro.

Na *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXIX referindo os commentarios em contrario á declaração do casamento, inventa o da comparacão do procedimento do rei portuguez com o de Pedro Cruel.

Eis as suas palavras:

«E mais diziam, que este feito queria parecer semelhante a el-rei Dom Pedro de Castella, que posto que, elle mandasse matar Dona Branca, sua mulher, em quanto Dona Maria de Padilha foi viva, que elle tinha por sua manceba, nunca lhe nenhum ouviu dizer que ella fosse sua mulher, e depois que ella morreu, em umas côrtes em Sevilha, alli declarou, perante todos, que primeiro casára com ella que com Dona Branca, nomeando quatro testemunhas que foram presentes, os quaes por juramento certificaram logo que assim fôra como elle dizia, e desde então mandou elle que lhe chamassem rainha, posto que já fosse morta, e aos filhos infan-

«Mas a verdade é que tal consorcio embora tão solemnente affirmado, nunca se realisou.»

«D. Pedro e os seus validos apenas querem garantir aos filhos de Ignez a successão do throno.»

«Devemos consentir que triumphem até esse ponto os alliados dos Castros?»

— Não! Não! — responderam algumas vozes.

— Pois seria bom — repetiu ainda o inimigo do rei — que esse accordo de vontades se traduzisse praticamente, por outra ordem de factos de alcance decisivo.

«Não vêdes como el-rei tem calcado aos pés as nossas mais velhas regalias?»

Houve um murmurio de approvação.

— Satisfez as reclamações da arraia miuda, cerceia os nossos direitos ganhos á custa de tanto sangue, e quasi arranca esses vilões ao nosso poderio.

— Tem abusado! — apoiou um.

— Parece apostado em defraudar-nos inteiramente do que nos pertence, — commentou um outro.

— E sabem porque o faz, sabem porque me atrevo a tanto? — tornou o partidario dos exilados.

«Porque nos acha desunidos, porque em vez de nos encontrar altivos, protestando, como os antigos que nos engrandeceram, nos vê sempre de rojo aos seus pés.»

— Que querias que fizessemos?

— Como nos havemos de oppôr?

— Era offerecer mais victimas ao algoz coroado! — commentou amargamente um que se mantivera silencioso.

Todos procuravam desculpar-se.

---

tes; e fez logo a todos fazer menagem, a um filho que d'ella houvera, que chamavam Dom Affonso, que o tomassem por rei depois de sua morte.»

Ora a declaração do nosso D. Pedro é de 1360, e a do rei de Castella de 1362, 13.º anno do seu reinado, segundo a chronica de D. Pedro, por Lopes de Ayalla, pagina 519 do volume 66 da *Bibliotheca de auctores espanhões*.

O livro das Linhagens diz:

«Casou outra vez este rei D. Pedro com a infanta D. Ignez filha de D. Pedro de Castro...»

Portugaliae Monumenta Historica, *Scriptores*, I. p. 278.

D. Pedro ao referir-se a Ignez, trata-a por sua mulher:

«... infanta D. Ignez de Castro que outro sim foi nossa mulher ..»

Testamento de D. Pedro, em 17 de janeiro de 1367, Ayres de Sá, Gonçalo Velho, V. 1.º p. 147.

«... D. Ignez de Castro vossa mulher.»

Carta de D. Pedro ao mosteiro deAlcobaça, Idem, p. 148.

Mas o revoltado proseguiu.

— Vêde se o bispo do Porto se intimida!

«Já ouvisteis que cumprisse uma só das violentas ordenações d'esse rei que nos esmaga?»

«Aquelle sim, aquelle é que era capaz de iniciar um movimento que fizesse voltar Portugal aos antigos tempos.»

Muitos concordaram com elle.

Defenderam-se porém de accusação de não serem capazes de intervir, com as suas condições especiaes.

«Como haviam de imital-o não dispondo dos seus recursos, não tendo o seu poder?»

Os espiões de D. Pedro iam contar-lhe o assumpto de taes falatorios.

E o rei cada vez se fortalecia mais no proposito de punir exemplarmente o bispo.

CAPITULO XLIII

O direito d'asylo

E facto alguns fidalgos, alguns senhores de terras reagiam contra as novas leis com que D. Pedro procurava pôr termo á barbarie.

Não era a opposição á mão armada que reclamavam os descontentes.

Era a falta de observancia das novas disposições, a a exigencia dos antigos direitos senhoriaes.

Os vassallos que reagiam, fundados nas regias determinações ficavam esmagadas pelos seus homens d'armas.

A intervenção dos juizes de fóra, dos corregedores, da gente do rei, nem sempre era acatada.

Muitas vezes exacerbava-se o conflicto até envolver os delegados do poder real.

E quando os discolos receavam não levar a melhor, fugiam para Castella onde as luctas interminaveis tornavam sempre aproveitaveis os seus serviços.

Após a primeira homenagem prestada a Ignez de Castro, foram participar a D. Pedro um grave caso d'essa natureza.

D. Martinho, um dos fidalgos mais ciosos das coutadas, ficou enfurecido ao saber da auctorisação dada pelo rei aos agricultores para matarem os veados e os porcos montezes que damnificavam os campos.

Fez constar que puniria severamente quem uzasse de essa auctorisação.

E á primeira peça de caça que lhe abateram, dirigiu-se com os seus sequazes á povoação onde rezidia o culpado e praticou toda a casta de violencias.

Reagiram os camponezes.

Travou-se lucta, houve mortos de parte a parte.

A intervenção dos soldados do alcaide poz em cheque as forças do brutal castellão.

D. Martinho, para não cahir em poder dos homens de D. Pedro, refugiou-se n'uma egreja.

Contava poder aguardar n'esse seguro asylo o ensejo favoravel para ganhar a fronteira.

O alcaide, não se atrevendo a forçar o templo, limitou-se a pôr sentinellas em torno, para evitar que o culpado se escapasse á justiça.

Era esse estado da questão que vinha participar a D. Pedro.

Desejava receber instrucções sobre o procedimento a seguir.

Ouviu-o o rei n'uma explosão de furia.

—O que?

«Pois duvidaste um momento cumprir as ordens claras que determinei?»

«Porque não te apossaste d'elle immediatamente?»

O alcaide estremeceu.

D. Pedro entrava n'uma phase de ira em que de nada servia expôr razões.

Felizmente Lourenço Gonçalves corregedor da côrte, e mestre Joanne das Leis accudiram ao saber do que se tratava.

Appellou para elles o afflicto funccionario.

—Fundae-vos na opinião d'estes dois honrados conselheiros — insinuou.

«Vêde como procederiam em meu caso.»

D. Pedro intimou-os, irritado, a dizer o que se lhes offerecia.

O marido de Catharina Tosse, percebendo que houvera disputa, declarou prudentemente que achava justa a opinião d'el-rei.

Este exigiu-lhe que fosse cathegorico.

O pobre corregedor divagou em torno da questão, sem se atrever a decidir-se.

O rei impoz-lhe o dever de uma resposta precisa.

Lourenço Gonçalves, muito palido, sem saber o que D. Pedro pensava, confessou que respeitaria o templo.

Mestre Joanne das Leis não trepidou.

A' interpellação affirmou que não arrancaria o criminoso ao seu refugio.

E como o monarcha tornasse a contestar abruptamente, procurou fundamentar a sua sua opinião.

—Senhor, permitti que, como devo, exponha a questão.

«Se quereis discutir o direito de asylo, poderemos emmittir diversos pareceres.»

«Se o vosso intuito é restringil-o, legislae a tal respeito e fazei constar a nova ordenação.»

«Agora se a consulta se refere apenas á forma de interpretar o velho uso, o tradiccional costume que já herdámos dos gregos, então só pode haver uma resposta:

«O alcaide não podia proceder de outra forma.»

— Pois eu ordeno que não reconheça esse uso prenicioso que tanto culpado arranca á acção da lei.

E voltando se para o alcaide:

— Parte immediatamente.

«Intima os da egreja a que ponham D. Martinho fóra da porta.»

«No caso de recusa assalta-a, traz-m'o aqui amarrado, e que venham com elle todos os que se recuzam a entregal-o.»

«Aprenderão a respeitar as minhas leis.»

Mestre João insistiu ainda:

— Nada me interessa, senhor, o fidalgo que incorreu no regio desagrado.

«Mas deixae-me esclarecer bem o vosso espirito.»

«Desde a mais alta antiguidade que o direito de asylo até hoje se respeitou.»

«Indo contra o que acceitaram os vossos maiores, incorreis do desagrado da nação.»

— E que me importa o descontentamento de alguns priveligiados que me detestam, se o povo me quer bem, reconhecendo como o defendo dos grandes?

«Mestre João, entrámos n'um periodo novo.»

«Já dei alguns severos exemplos do que deve ser a justiça para com os poderosos e não quero recuar!»

«Não respeitarei abusos por serem antigos.»

— Mas não é d'isso que tratamos—retorquiu o lettrado.

«Falava-se do direito de asylo.»

«Até que ponto não o quereis acceitar?»

D. Pedro ficou pensativo.

Depois respondeu-lhe com uma nova interrogação:

— Porque m'o perguntas?

— Para saber até onde poderei interpretar toda a alteração que isso implica.

O rei tornou a concentrar-se.

Após um silencio declarou:

— N'este caso não o acceito.

— E se o refugiado fosse um saccerdote?

D. Pedro comprehendeu a allusão.

Tinha tranpirado a queixa contra o bispo do Porto.

«O seu conselheiro queria precaver-se, desejava orientar-se por suppôr que lhe seria pedida a opinião.»

Então respondeu com energia:

— Seria mais rigoroso contra o clerigo.

— E se o acaso, em vez de um vassallo vosso se tratasse de um extrangeiro, não já abrigado n'uma egreja, mas refugiado dentro do paiz?

D. Pedro estremeceu.

— A quem te referes?

Julgava que mestre Joanne abusando da sua profissão, queria referir-se a Diogo Lopes e aos companheiros.

— A quem te referes!

— Por exemplo aos castelhanos, partidarios de D. Henrique de Trastamara que se abrigam aqui.

«O que farieis se o rei de Castella os reclamasse?»

D. Pedro ergueu-se de salto.

— Se os reclamasse?

E como se as palavras do lettrado tivessem dado nova orientação aos seus pensamentos, despediu com um gesto mestre Joanne, o corregedor e o alcaide, e ficou suspenso, transfigurado, como deslumbrado por uma formosa visão.

CAPITULO XLIV

Preparativos

MAL recobrado ainda do susto que lhe causára a questão com o rei, Lourenço Gonçalves foi chamado por um pagem para comparecer no aposento regio.

Dirigiu-se tremendo á presença de D. Pedro.

Ao entrar aggravou-se a sua perturbação.

O rei mantinha-se absorto.

Mal reparou na sua chegada.

O corregedor teve isto por um grave symptoma de desagrado.

Como D. Pedro não lhe dirigisse a palavra, atreveu-se a principiar.

—Perdão, senhor, perdão.

Queria retractar-se da discordancia com que se manifestára sobre o procedimento do alcaide.

O rei sobresaltou-se:

—E's tu?

—Senhor, eis a vossos pés o mais contricto dos reus, o mais arrependido peccador.

Mas D. Pedro, sem o attender, proseguiu:

—Tens que partir para o Porto, em syndicancia aos juizes, de que recebi as maiores queixas.

Lourenço Gonçalves empalideceu:

A commissão parecia-lhe um castigo.

Tomava o encargo como um desterro.

Julgava que o rei queria punil-o afastando-o.

Então caiu na maior angustia.

«O que diria a mulher!»

«Como não iria indignar-se Catharina Tosse, forçada assim a abandonar a corte!»

D. Pedro continuou:

—E' esta a missão apparente.

«Exijo porém de ti um serviço de mais gravidade.»

«O bispo refere-se-me offensivamente.»

«Talves conspire contra mim.»

«Preciso que, de dentro, como amigo, como intimo, saibas bem o que se passa e me informes todos os dias do seu procedimento, sem levantar suspeitas.»

«Para isso é conveniente que ganhes a sua confiança, que te insinues no seu animo.»

Lourenço Gonçalves começava a reanimar-se.

—Deves levar tua mulher—proseguiu o rei—para poderes organisar festas que o prendam.

—O trovador Affonso Madeira, meu particular amigo, é excellente para isso—indicou o corregedor.

—Pois leva-o—auctorisou D. Pedro.

«O essencial é capal o, é dominal-o por forma a que não tome precauções.»

«Entretanto irás tomando contas rigorosas aos juizes, como se estivesses como simples corregedor.»

«Quero saber que crimes ficaram impunes, que queixas não tiveram andamento.»

«Consta-me que nas cadeias ha muita gente presa por vinganças do bispo.»

«Visita-os, ouve a todos, examina os seus processos e procede como de justiça.»

«Lembro-te principalmente que depois farei a mesma inquirição a teu respeito e ácerca de todos os trabalhos.»

«Se não tiveres procedido como deves, como eu quero, soffrerás rigoroso castigo.»

«Tudo isto tem que ser breve.»

«Conto apparecer de surpreza no Porto, logo que esteja bem informado, pare exigir severas contas a esse prelado indigno, e a todos os que forem seus cumplices,»

«Não o deves porém deixar transparecer.»

«Comprehendes bem o que quero?»

—Assim me parece, senhor—respondeu o funccionario.

—Então vae dispor tudo para hoje mesmo saires.

Lourenço Gonçalves agradeceu a prova de confiança, e depediu-se do monarcha.

«Está prehenchida uma formalidade»—disse D. Pedro comsigo, depois de o vêr sair.

«Agora não poderão accusar-me de ter apenas dado largas á minha vingança.»

«Mas a inquirição sobre o seu procedimento como grande senhor, deve corresponder uma outra relativamente aos seus actos como ecclesiastico.»

«Quem devo encarregar d'isso?»

Ficou indeciso alguns momentos.

«O bispo da Guarda?»

«Nenhum mais dedicado do que elle....»

«Deve ser porém bastante suspeito, mercê da muita amizade que me dedica.»

«Não é isso que me convem.»

«Devo encarregar pessoa que não possa ser accusada de parcialidade ao pôr a nu os seus escandalos.»

Lembrou-se então do abbade de Alcobaça.

«Esse é que será capaz de pôr tudo na maior evidencia — concluiu por fim.»

«Acompanhado de alguns frades espertos procederá como visitador dos conventos da sua ordem, e assim averiguará perfeitamente o estado escandaloso da diocese.»

«As rivalidades que esses monges tem com os outros padres facilitará a missão.»

«A troco de qualquer vantagem, de qualquer interesse, o abbade não deixará de encarregar-se d'isto.»

Partiu para Alcobaça.

Recebeu o a communidade de cruz alçada, sob o paleo.

Resoou a egreja em canticos de saudação.

Subiu ao pulpito o chronista e n'um sermão pomposo deu ao rei as boas vindas, camando-lhe o protector da egreja, o justiceiro, o pae do povo.

Finda a ceremonia o abbade acompanhou-o aos aposentos, ricamente preparados, e mandou servir um dos banquetes usuaes.

Mas o rei começou a sentir-se mal.

As repetidas viagens fatigavam-o extraordinariamente.

O desgosto mortal da perda da mulher amada, o despero por não poder vingar-se dos assassinos, acabrunhavam-o, envelheciam-o, levavam-o a uma triste decadencia.

Teve de recolher ao leito, muito abatido, antes mesmo de poder expôr o assumpto de que vinha tratar.

Chegaram a receiar pela sua vida.

Então o abbade encarregou o chronista, cuja comprovada habilidade o indicava para estes misteres, de lhe falar na vida eterna, de lhe tratar da salvação da alma.

Era preciso apavoral-o com o espectro da morte, com os phantasmas de Ignez, de Constança e do pae.

Alcobaça tinha que tirar todo o partido d'essa vantagem excepcional da morte d'um rei debaixo dos seus tectos.

Irmão chronista — dizia o abbade — vêde bem o que de nós exige a gloria e o interesse d'esta casa.

—Descançae—respondeu elle.

«Saberei corresponder á vossa confiança.»

«Excederei os vossos melhores desejos.»

«Tambem me interesso pelo prestigio da nossa ordem.»

«Tudo tentarei pelo engrandecimento d'esta casa.»

«El rei fará quanto quizermos.»

«Vae n'isso a honra do convento!»

CAPITULO XLV

O medico da alma

frade sabio chegou junto do leito onde D. Pedro jazia.

—Mandem me chamar o bispo da Guarda—pediu elle muito afflicto.

Queria o seu physico junto de si.

Tal visita não sorria porém aos de Alcobaça.

—Tem mais de magico do que de padre—disse o chronista.

«Lembrae-vos do sortilegio com que vieu de Roma á Guarda n'uma noite.»

«Ora na nossa santa caza, tão cheia de reliquias, o seu poder sobrenatural ficaria anulado e de nada os serviria a sua presença.»

«Para vos accudir aqui estou eu.»

—Tambem sois medico?

—Medico da alma.

—Preciso de um physico que me repare este corpo estragado, consumido de dôres.

—O corpo nada vale, a alma é tudo—respondeu gravemente o frade olhando o tecto.

«Somos cadaveres em pé, que ao menor contratempo caimos na cova.»

«Apezar de rei não sois mais do que os outros, materia corrupta, barro vil, sempre na iminencia da morte.

—Não me assusteis—pediu D. Pedro estremecendo.

«Não quero morrer ainda.»

«A morte não me inspira o menor receio.»

Mas tinha-me imposto uma grave, uma nobilissima missão, e ainda não a pude cumprir.»

—Outros se desempenharão gostosamente d'ella, descançae—retorquiu o frade.

«Se quizerdes o nosso convento, mediante uma pequena retribuição, a tomará a seu cargo»...

—Só eu a poderei levar a cabo!

«E por isso quero viver, e por isso desejo que me tratem.»

—Perdeis a vossa alma!—declarou o frade simulando uma grande commoção.

«Saude e vida estão na mão de Deus!»

«Se elle não a quizer dar, de que servirão mésinhas e beberagens de curandeiros?»

«Tendes duvida, senhor, em crer que o poder de Deus é superior ao d'esse homem que infelizmente sem se lembrarem de outros, elevaram a bispo da Guarda?»

D. Pedro calou-se.

—Pois descançae tendo confiança, que o D. Abbade, á frente da communidade, faz-vos a esta hora uma espiritual mézinha, rezando por vós no côro da egreja.

O rei porém não se commovia.

Continuára a insistir por medicos e por remedios n'um grande desejo de sair d'ali.

Então o chronista, não o dominando com o receio da morte, procurem ir-lhe direito ao coração fallando de Ignez.

—Tratae da vossa alma, tratae do descanço eterno da mulher que tanto amaste.

—Mas se é por causa d'elle que quero viver um pouco mais!—exclamou com amargura.

—Por ella?

«Pois quanto mais depressa morreres melhor, porque entrareis na outra vida onde ella já está.»

«Assim é certo que a vereis.»

—Vel-a ainda?

—Sim. No dia de juizo.

—E quando?

—D'aqui a muitos annos.

—Quantos? Quantos?

—Muitos! Quando as almas voltarem aos corpos—informou o frade, cheio de uma grande certeza.

—Mas como saberei que chegou esse dia.
—Ouvireis uma trombeta.
—Uma trombeta! O som que me é tão caro, e com que eu a prevenia de minha chegada!
—Esta ha-de soar no valle de Josaphat.
—Onde fica?
—Muito longe.
—E poderei ouvil-a?
- Para isso precizaes estar em graça.
—E estarei?
—As nossas orações e as dos santos monges que nos succeder em elevar-se-hão fervorosamente por vós, e estareis certamente digno de vêr a face do Senhor.
—E poderei vêl-a, a ella?
—Podereis.
—Como era d'antes?
—Sim.
—Os seus cabellos louros o seu olhar tão meigo, o seu divino corpo esculptural?
—Como era quando morreu.
—Oh! que ventura!
«Como o som da trompa me tornará feliz!»
—Da trombeta—emendou o frade.
—Não é a primeira vez que o seu echo nos reunirá!
«Eu tambem lhe tocava as trombetas de prata.»
Ao som da trombeta de Deus tornaremos a abraçar-nos!»
—Desde que o senhor não dispuzer o contrario.
—O contrario? Que queres dizer?
—E' precizo que estejas em graça, notae bem.
—Mas não fiscastes de rezar por mim?
—Assim o faremos.
«Mas não somos eternos.»
«Morreremos tambem, talvez antes de vós.»
«E quem sabe se os outros chegarão a esquecer a amargura d'essas lagrimas, o ardor dos vossos desejos?»
—Que devo então fazer?
—Institui legados, captivae para sempre a gratidão dos filhos de S. Bento, enriquecei a nossa ordem, e todos os dias irá de cruz alçada a comunidade em peso pedir a Deus por vós!»
—Instituirei umas dez missas annuaes...
—Talvez seja pouco...
—Umas vinte e tantas, umas trinta missas—avançou D. Pedro, regateando.
«Não chegará ainda?»
—Só Deus o pode dizer!

«Comtudo parece-me que nada se poderá fazer por menos de umas quinhentas missas annuaes.»

—Quinhentas missas!—murmurou o rei surprehendido.

—Mas ao menos podereis ir descançado para o tumulo

—Quero morrer com a certeza de que ao despertar a verei ao meu lado como nas deliciosas manhãs de outr'ora, despertado n'um beijo, ou indo accordal-a á força de caricias, quando renascia com o sol essa alegria que eu julgava eterna!

—Quanto mais leve fôres de bens terrenos, tanto mais depressa subireis ao ceu.

«Segui o exemplo dos que tomam o nosso habito.»

«Despojae-vos de tudo!»

—E meus filhos?

—O reino é grande, talhae para elles outra herança, e deixae ao convento de Alcobaça toda essa riqueza, essa escoria de todos os interesses, que nós depuraremos no cadinho da fé!

«Despojae-vos de tudo !»

CAPITULO XLVI

Missão a cumprir

DEPOIS da promessa das quinhentas missas, convencido de que não perdera o seu latim, o chronista da ordem retirou-se deixando respousar um pouco o infeliz rei.

No dia seguinte voltou á carga.

—Como estaes, senhor?

—Peor—respondeu desanimadamente.

—Se morresseis aqui melhor era para a vossa alma.

«Sepulto na nossa egreja estarieis sempre acompanhado por toda a comunidade.»

«As preces, junto de vós, teriam muito mais eficacia.»

«Iriamos todos os dias, a troco de uma modesta esmola, aspergir de agua benta os vossos restos.»

«Cuidariamos do vosso caixão, vigiariamos que a lampada estivesse sempre accesa, e impediriamos que o demonio quizesse apossar-se da vossa alma.»

«O peior é se não morreis aqui.»

«Não sei como outros procederão.»

D. Pedro suspirou.

—Tudo isso é muito bonito.

«Mas eu não desejava morrer aqui, ou pelo menos não queria morrer agora.»

«Falta-me cumprir n'esta terra a minha missão.»

«O que poderei é determinar que transportem para aqui o meu cadaver.»

—Isso seria excellente—confirmou o chronista, ancioso por obter o corpo d'esse rei para o convento.

«Desde que concordaes que é melhor esperar aqui o fim mundo, poderemos desde já, a troco de uma pequena dadiva, mandar fazer um aparatose mausoleu...»

—Concordo—respondeu o rei.

—Podemos tambem, a troco de um insignificante acrescimo, mandar fazer um outro para D. Ignez.

O rei assentiu n'um signal.

«Ficareis aqui como em vossa casa, muito socegado no vosso caixão ouvindo as resas dos nossos mil irmãos.»

E proseguiu:

—Assim a morte não é mais que um tranquillo repouso, um doce remanso, em que aguardareis sem anciedade o juizo final.

«Acceitae de bom grado o meu alvitre.»

«E se não tiverdes a ventura de morrer aqui, determinae que quereis ser sepultado aqui, que vos iremos buscar onde estiverdes.»

«Aqui, perto de um côro tão bem frequentado, junto de tão efficazes reliquias, tereis como que uma antecipação das celestiaes delicias.»

«Junto do vosso corpo, o de D. Ignez de Castro aguardará tambem, n'uma deliciosa paz o momento de reunir-se a vós na celestial mansão.»

«Tratae portanto dos legados que devem regular-vos a perpetuidade de tudo isto.»

D. Pedro tornou a fazer um signal affirmativo.

—E se quereis ainda um bom conselho mandae já para aqui os restos mortaes de vossa esposa — proseguiu o frade, querendo assegurar todas as condições de exito.

«Em nenhuma parte estará melhor.»

«Testae-lhe umas outras quinhentas missas, e terá pomposos suffragios, feitos com a bem conhecida efficacia que é a divisa e o credito d'este mosteiro.»

—Ignez virá para aqui declarou o rei.

«O seu tumulo ficará junto do meu, pés com pés, de forma a que no dia de juizo, ao erguermo nos ao som da trombeta, fiquemos frente a frente, e eu possa offerecer-lhe a mão!»

—Assim será feito.

«Nós mesmos tomaremos o encargo da trasladação mediante a quantia que aprouver á vossa reconhecida generosidade, ao vosso animo grandioso.

O rei tornou a concordar.

—Para tudo ficar desde já regulado, e a vossa alma poder mais liremente a prestar-se para a grande viagem, era bom que começasseis

por vos despojar do vil metal, dos miseros interesses terrenos, que são a perdição dos peccadores.

«Acho que é prudente tratares quanto antes das vossas ultimas disposições.»

«E como n'um cuidadoso intuito de tudo prever mandámos chamar o nosso tabelião, podeis desde já realisar todas as promessas que n'um proposito religioso fizestes.»

Viera de facto o tabelião.

Mas o bispo da Guarda, não querendo retirar sem ver D. Pedro, acompanhara-o a Alcobaça.

Não poderam impedil o de o ver.

Procedendo como physico experiente reanimou-o com alguns cuidados, e inspirou-lhe confiança.

«Não tinha nenhum perigo aquella doença, de que em breve estaria restabelecido.»

—Hospedou se no convento para o tratar, a despeito da surda irritação do abbade e do chronista que viam perdido o melhor dos seus esforços.

Não se pensou mais no testamento.

Mas D. Pedro, concordando com a offerta dos monges de Alcobaça para receberem os seus restos e os de Ignez mandou chamar bons alveneos para os encarregar de construir os dois monumentos.

Ao mesmo tempo entregou a um ourives as joias da sua querida morta, para as transformar n'um primoroso calix.

—Bebereis vinho por elle nas missas por nossa alma—disse ao chro nista, a tranquilisal o com a manutenção de algumas dadivas.

—Bem preciso vos é todo esse auxilio espiritual—insistiu o frade ganânciosamente.

«Sois um grande rei, é certo, mas não deixaes por isso de ser um mortal.»

«Tendes que dar contas a Deus, de todos os vossos actos como todo o peccador.»

«A differença consiste em que contra nós haverá mais queixas, e apresentadas por gente da mais alta cathegoria.»

«No dia de juizo o archanjo, como repzesenta a imagem da nossa egreja, suspenderá uma balança para avaliar as vossas boas e as más acções.»

»N'um dos pratos apparecerão contra vós D. Constança, D. João Manuel, el-rei D. Affonso e toda a gente que morreu por causa dos vossos protestos.»

«Que haveis de lançar a vosso favôr, no outro prato?»

—A communidade de Alcobaça, que é por mim, e entrarei no paraizo!

—Não. Lançareis apenas as nossas orações, e é preciso que sejam muitas e muito ferverosas.

Mas D. Pedro, já emancipado do terror da morte, piedosamente mantido pelo frade, falava com desassombro.

E sempre lhe perguntou:

—Então as reliquias impediram os sortilegios de D. Gil Cabral?

O chronista baixou os olhos, cheio de confusão,

—Coisas que o vulgo diz—murmurou a desculpar-se.

«Não fiz mais do que repetir a opinião geral.»

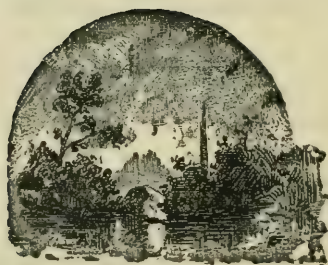
«Mas se me pedirdes em especial a minha, direi que confio no muito saber do reverendo bispo, e que o nosso convento se orgulha de contar no numero dos seus amigos.»

—Valeu a pena tratar do corpo — disse ainda D. Pedro com amargura.

«Mas cá virá ter o meu cadaver e o d'ella.»

«Eu proprio vos trarei o de Ignez.»

«Falta-me apenas cumprir aquillo para que tão desesperadamente queria viver!»

«Só então morrerei descançado!»

CAPITULO XLVII

O tumulo

S melhores cinzeis que tinham arrancado ao marmore as bizarras maravilhas do gothico da primeira metade do seculo quatorze trabalhavam agora em Alcobaça febrilmente.

Em quanto durava a convalescença D. Pedro ia assistir aos trabalhos.

O chronista delineára o ornato dos grandes caixões de pedra.

Desentranhára se em scenas biblicas, na representação do martyrio dos santos de que havia reliquias no convento.

Dispunha em nichos os da sua sympathia pessoal, enriquecendo de assumptos religiosos os retabulos floridos que os artistas fizeram brotar a pedra.

Andavam muitos empenhados na obra.

Uns trabalhavam os leões, as esphinges em que as caixas funerarias deviam assentar.

Outros lavraram as faces dos grandes blocos, atacando por varias partes o trabalho.

O engenho do chronista chegára-lhe depois de um laborioso jantar á concepção de um inferno que deixára boquiabertos o D. Abbade e os outros commensaes.

Resolveu-se esculpil-o na face do tumulo de Ignez correspondente aos pés.

Ao alto, Deus sentado n'uma cadeira senhorial, assistia tranquilo á exaltação e ao supplicio das suas creaturas.

A' sua mão direita iam subindo uma rampa, naturalmente em direcção ao ceo, os bem aventurados, com certeza os protectores dos monges d'Alcobaça.

A' esquerda desciam os condemnados, desprotegidos, os faltos de orações dos santos frades, relegados ás penas do inferno.

Em baixo o diabo laçava as almas, e puchava-as para dentro da sua caverna, onde se aglomeravam condemnados dentro de tinas sobrepostas, certamente cozendo a fogo lento.

Foi immenso o triumpho do chronista.

Os irmãos da ordem proclamavam-o o luminar do mosteiro.

Mas a apresentação do trabalho não conseguiu emocionar D. Pedro, a quem essas decorações não interessavam.

O bispo da Guarda teve para esse inferno culinario um sorriso de compaixão.

A D. Pedro apenas se cuidava outra parte do labôr.

Um velho alvenel que em tempo de seu pae trabalhára nas obras da capella-mór da Sé de Lisboa, tinha a seu cargo a estatua de Ignez de Castro, que devia constituir a tampa do sepulchro.

Era esse o trabalho que elle acompanhava dia a dia, na ancia de vêr brotar do marmore, n'uma rijeza egual á da sua solida carnação, o corpo esculptural da linda Ignez.

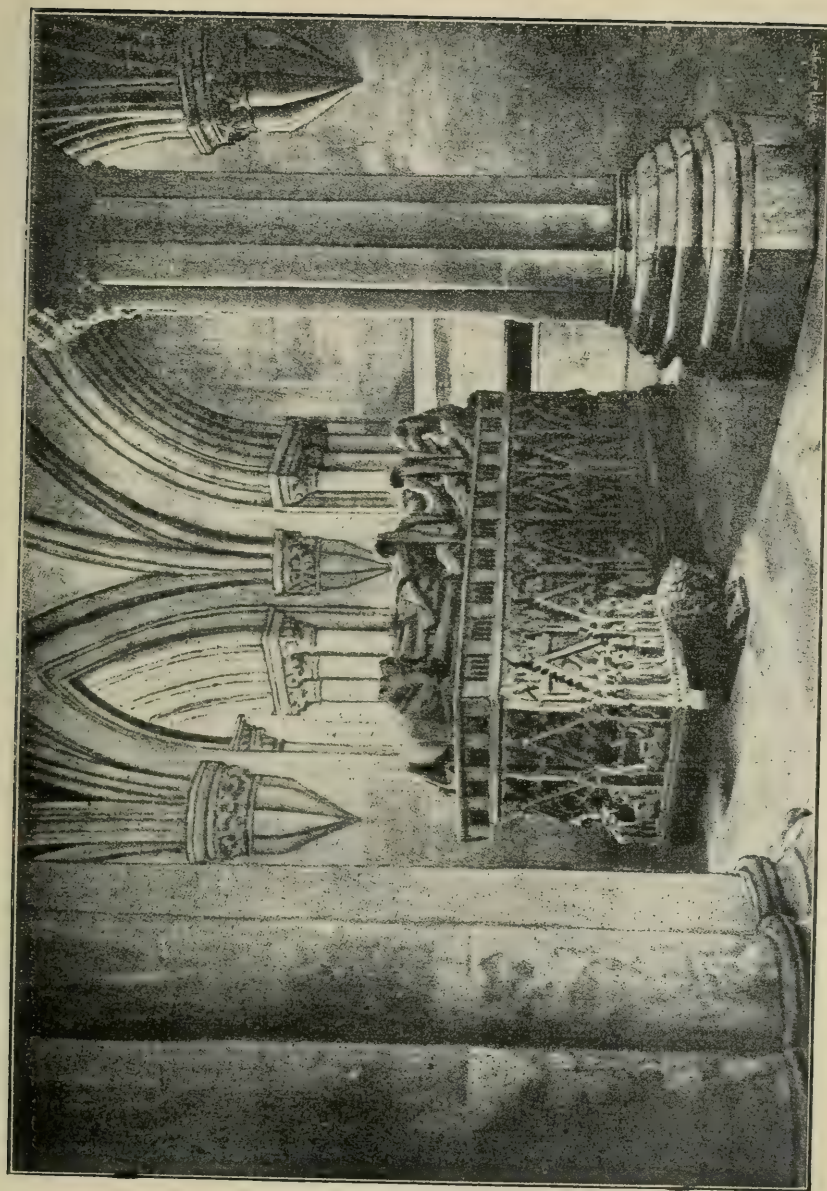
N'outro bloco talhavam a sua estatua.

Esmeravam-se os artistas em dar-lhe uma nobre expressão.

Desejavam agradar-lhe representando-o n'uma attitude dominadora, desembainhando a espada, tendo aos pés, como apaixonado caçador, um bello cão. (1)

---

(1) Os tumulos de Ignez e de Pedro I são joias incomparaveis. As grandes arcas em que repousam as cinzas dos dois amantes são inteiramente cobertas de baixos relevos, enquadrados na mais fina filigrana de marmore. A luz baça das estreitas janellas ogivaes, a côr denegrida e esverdeada da abobada e do pavimento, dão aos dois monumentos a tonalidade triste e saudosa que melhor lhe cabe. É impossivel ter contemplado uma vez estes marmores, e esquecel os jámais. As duas figuras em vulto, que os cobrem, com os pés de uma para os da outra, são rudimentares como retratos, mas da mais tocante belleza como attitude. A linda Ignez traja um vestido franzido, de manga curta, cuja longa fimbria lhe envolve castamente os pés juntos, deixando perceber atravez do estofo os bicos agudos dos sapatos. Tem uma luva calçada na mão esquerda, em que segura a luva da outra mão, e entre os dedos da mão direita suspende a extremidade do seu grande collar. O vestido é apertado com alamares, e a cabeça repousa n'uma almofada segura por dois anjos, que a contemplam ajoelhados, de azas abertas.

D. Pedro, armado de cavalleiro, de esporas calçadas, segura a espada nas mãos ambas, tendo uma na bainha e a outra nos copos, como se fôsse arrancar o

Tumulo de D. Pedro I (202)

Mas por mais que pedissem indicações, não lhe interessava a forma como o representavam.

Todo o seu disvello era para com a estatua de Ignez.

Mandára pôr-lhe na cabeça a corôa de rainha que lhe destinára e que ella, se vivesse, viria a ostentar.

O cabello, seguro n'uma rede de perolas, abrindo em bandós, o collar no seio decotado, uma luva calçada e outra na mão, o vestido justo e longo, envolvendo a na cauda roçagante, os anjos que de azas abertas lhe amparavam a ca beça, sorrindo, os que a meio do corpo agitavam thuribulos incensando-a, os que aos pés ajudavam a amparal a, como a leval-a para o ceo, tudo isso fizera o alvenel, com grande riqueza e fidelidade nos detalhes.

Ordenára que os rostos das esphinges que deviam sustentar o sarcophago fossem os de Pero Coelho, Alvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco, o bispo do Porto, Pablo e Gil Vasquos, a quem attribuia a responsabilidade na morte da infeliz.

Como poude, o alvenel fez sair de mysteriosos capuzes uns rostos sinistros, que lhe davam a impressão dos homens odiados.

— São esses — disse o rei ao vêl-os concluidos.

«Hão de ficar ahi esmagados pelo seu cadaver, como sob o seu crime e a minha colera.»

Olhou-os desesperado, anceando a vingança.

Mas quando sobre a figura desdemidamente esguia de Ignez de Castro avultou o seio e brotou a cabeça, D. Pedro não poude reprimir-se.

Interpelou desabridamente o escuiptor,

— Não é Ignez, não é o collo de garça que cantavam poetas, não é o seu rosto insinuante, a sua boca aberta n'um sorriso, não é o seu dominador olhar!

«Tu não a conheceste?»

— Quem não se lembra d'ella! — respondeu o artista, commovido.

— Então apella para a tua memoria, arranca a esse padre outras feições, e dá me uma impressão do que ella foi!

Afastava-se n'um repelão , desgostoso, desanimado, desfeito.

«Em vão procurava vingal a, e nem podia reproduzir ao menos aquella que fôra a sua vida inteira!»

Voltavava d'ali a tempo, tornava a examinar no dia seguinte a estatua!

---

ferro Aos pés um bello cão de lobo, de cabeça alta, escuta. Os relevos que cobrem inteiramente os quatro lados de cada sarcophago, representam o supplicio de varios martyres, algumas scenas biblicas, toda a paixão de Christo, o inferno, o purgatorio e o paraizo. O tumulo de Ignez, em cujo friso as armas reaes de Portugal se alternam com as dos Castros, é seguro por seis sphinges, e o de D. Pedro por seis leões.»

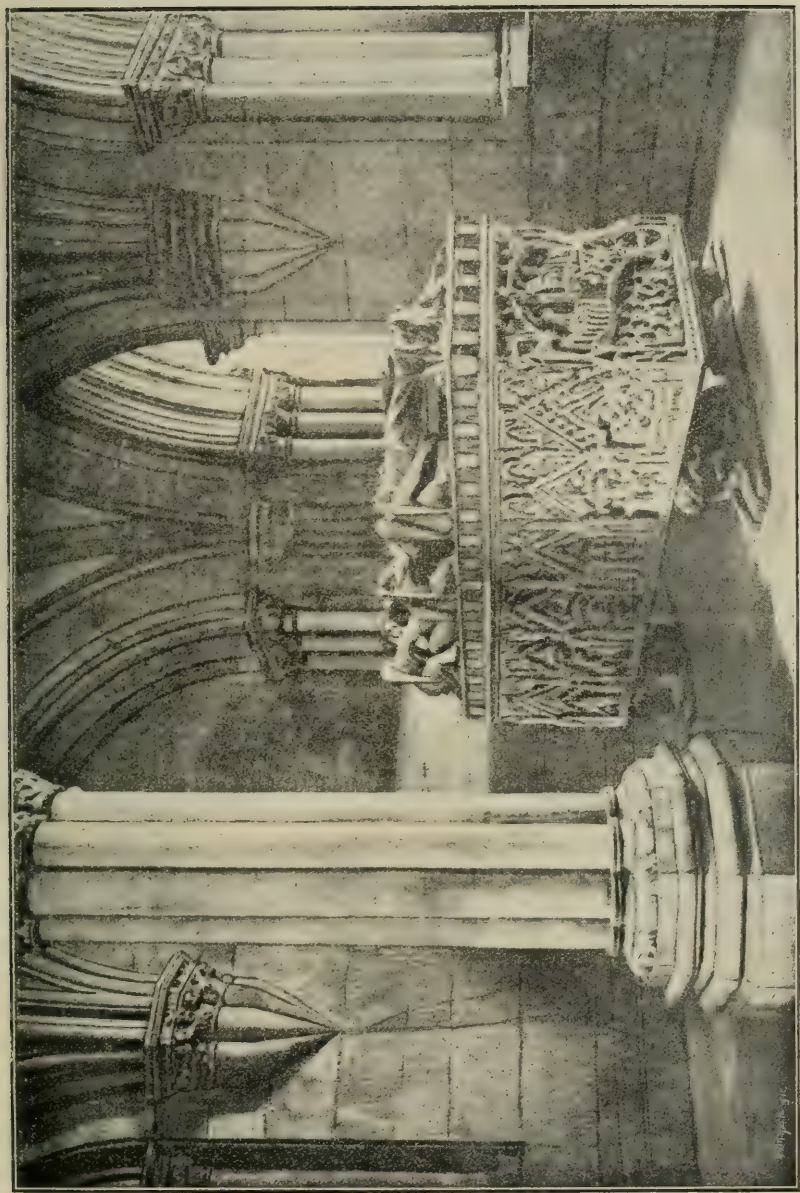
Ramalho Ortigão, *Farpas*, vol. I, pag. 227

Era outra a expressão.

Mas o cinzel não conseguia evocar a doce physionomia, que só o seu cerebro retinha na fixidez de uma indizivel tortura.

Creava os finos rendilhados; enriquecia o bloco de figuras, desentranhava-o de anjos e de leões, mas não sabia dar ao rosto aquella suprema expressão do prazer, mas não conseguia imprimir ao corpo a deliciosa curva dos contornos flexiveis, não sabia elevar aquelles seios onde encostára a fronte, transmittir vida e relevo áquelles braços que o cingiam n'um amplexo de fogo, dar firmeza e vigor áquelle busto.

Em vão exigia ao alvenel que arrancasse da pedra a figura de Ignez, d'aquella Ignez que tanto desejára, que tão loucamente possuira, que tão elevada imaginava agora, mais perfeita ainda do que fôra, como um ideal, como um sêr immortal, como uma divindade, como um symbolo em que uma raça amorosa fixára as lendas de todos os amores.

O marmore não se amoldava áquella forma divina, porque a grande arte capaz de eternisar esse alto symbolo, morrera com o paganismo, que era a adoração das grandes formas, a mulher, a primavera, o sol, o amôr, e passára no christianismo á representação da morte, na cruz o supplicio, na caveira a desaparição da beleza, na cinza o residuo final, na ampulheta o tempo que tudo consumia, no diabo a tortura e terna, nas almas penadas nadando em fogo a idealisação de todos os terrores.

Tumulo de Ignez de Castro

CAPITULO XLVIII

Bons visitadores

LANÇAVA-O no maior desespero a impossibilidade material de ver realisado o seu desejo.

Não reaparecia aos seus olhos sequiosos a bella Ignez de outr'ora.

Morrera para sempre.

Vivia apenas na sua doentia imaginação.

Só lhe restava o desafogo de a vingar de uma forma estrondosa, já que não podia contemplal-a, nem expol-a á admiração dos outros.

Não quiz voltar a ver os tumulos.

E mandando chamar o D. Abbade participou lhe que ia partir.

—Antes de o fazer desejava porém encarregal-o de uma alta missão.

—Não é a primeira vez que recorreis ás minhas modestas luzes—respondeu o superior n'uma fingida humildade.

«Tudo o que poder fazer...»

—E' para o bem conhecido espirito disciplinador com que dirigis esta casa que venho appellar.

«Trata-se de uma diocese caida na maior devassidão por culpa de um mau pastor.»

«E preciso que um visitador austero vá conhecer toda a extensão do mal, e propor um remedio que salve as ovelhas desgarradas.»

«Ninguem melhor que vós o poderá fazer.»

—Tanta honra, senhor!

—Acceitaes?

—Onde terei de ir?

—Vêde primeiro se quereis o encargo.

—Poderia desobedecer a uma ordem vossa?

—Não mandei, pedi.

—Estou prompto para tudo o que quizerdes.

—Pois bem.

«E' do bispo do Porto que se trata.»

—Ainda elle!

—Receiaes?

—E' poderoso, é violento, mas o que pode temer d'elle o misero servo do senhor?

«Este habito, esta cruz bastarão a proteger-me.»

«A auctoridade de quem me envia é o bastante para estar a coberto de toda a perseguição.»

«Farei, senhor, tudo quanto seja necessario.»

—Irás ao Porto a titulo de visitar os conventos da tua ordem.

«Naturalmente é justo que cumprimentes o bispo.»

«A frequencia de outras egrejas, a ida aos mais conventos como deferencia para com as outras ordens por-te-ha ao corrente de tudo.»

«Na exposição que farás do que ha a reformar podes incluir o procedimento do bispo e dos seus como o exemplo da corrupção.»

«Não era isto o que terias de fazer em condições normaes?»

—Perfeitamente—respondeu o abbade.

—Muito bem.

«E' isto o que farás.»

«Desejo porém toda a urgencia, e toda a frequencia nas informações.»

«Lourenço Gonçalves partiu para o Porto em corregedoria.»

«Eu lá apparecerei de surpreza e então ser-me-ha communicado tudo.»

—Estae descançado—confirmou o abbade, muito satisfeito.

«Tenho contas velhas com o bispo do Porto.»

«D'esta vez tudo se liquidará.»

«Não invade só as vossas attribuições.»

«Tambem se intrometeu na minha jurisdição.»

«Muitas rendas, muitos legados feitos a nós tem elle cerceado a titulo de pertencerem os tentadores á sua diocese.»

«Na reunião do conselho em que intervim a vosso favor, tratou me com violencia, fartou-se de me dirigir provocações.

«Então fazia-se forte com o apoio de el-rei.»

«Agora o rei sois vós!»
«Saberei pôr-me no meu logar.»
—Da outra vez que precizei do vosso auxilio—proseguiu D. Pedro—prometti ao irmão chronista a mitra do Porto.
«Elle ainda a deseja como então?»
—Vou mandar chaml-o—respondeu o abbade.
«Elle proprio dirá de sua justiça.»
Veiu o chronista á presença de D. Pedro.
Começou por lhe dar noticias dos sepulcros.
—Senhor, que maravilhas.
«Com que prazer se deve estar ali dentro!»
«Os alveneis parece que estão moldando cera, tanto lhe obedece o marmore, tomando as mais encantadoras formas.»
«A vossa estatua inspira um profundo respeito, na dignidade austera como quer arrancar a espada.»
«A nobre figura de vossa esposa...»
—Não faleis d'ella—interrompeu o rei.
—Respeito a saudade que vos punge, o desgosto profundo que vos feriu.
«Mas a sua figura magestosa, a altivez de rainha com que se destaca da lapide sepulcral...»
—Conheceste-a?
—Apenas onvi referir a sua muita piedade, as suas virtudes...
—Então fica sabendo que Ignez de Castro não era nada d'isso que esses malditos alveneis se tem farto de fazer e desfazer!
«A graça o encanto, a sympathia que de todo o seu ser irradiava morreu com ella, e essa estatua e um horrivel monstro que me desespera.»
«Ignez morreu, morreu para sempre!»
«Só eu a vejo, mas inquieta, descontente, sem ter para mim, para o meu isolamento, para a minha tristeza um olhar de saudade, porque ainda não fui para ella o que devia!»
E depois de uma pausa:
—Mas não é d'isso que tratamos.
Voltou-se para o chronista:
—Prometti-te uma vez a mitra do Porto.
«Ainda a queres?»
Brilhou de cubiça o olhar do monge.
Respondeu dominando a primeira impressão:
—A grandeza da purpura é contraria a minha humildade.
«Porém ser pastor de almas é um dever que Deus impõe, e a que não saberei furtar-me.»
«Em obediencia ao vosso generoso desejo prestarei meus hombros ao pesado encargo.
—Conto comtigo—concluiu D. Pedro.

«Como inicio da nova cathegoria a que vaes ascender é preciso qeu acompanhes o D. Abbade que vae ao Porto como visitador.»

«Ficarás conhecendo a diocese, e ao mesmo tempo prepararás os elementos de que necessito para a dar por vaga.»

«Julgas te capaz de o fazer?»

—Com a ajuda de Deus! —murmurou o chronista pondo os olhos no chão.

«Vejo que o Senhor, conhecendo a minha vontade de accertar no caminho do bem, me indigitou pela vossa bocca para o alto cargo a que me destinaes.»

«Invocarei o ceu em todos os passos que soube dar.»

«Inspirar-me-hei na divina misericordia!»

—Lembro-vos que tendes que me preparar elementos para uma severa punição.

—Senhor, uma das obras de misericordia é castigar os que erram.

«E' Deus quem dá o exemplo de punir rezervando nas cavernas infernaes a prespetuidade da tortura aos maus!»

CAPITULO XLIX

Sangue por sangue

POSTOS a caminho os dois frades, D. Pedro procurou Nuno Freire d'Andrade.

—Não posso esperar mais!

«Quero a todo o custo os assassinos!»

«Soou finalmente a hora da vingança.»

«Estive cercando um, preciso desencantar os outros.»

«O bispo do Porto é um bravo porco montez, mas lancei-lhe uma furiosa matilha, e hei-de caçal-o por minhas mãos,»

«Mas o Coelho e os outros, estão como verdadeiros coelhos n'uma toca de que os preciso fazer sair.»

—Perfeitamente—respondeu Nuno Freire.

«Sabeis a troco de que resultado acceitei o papel de furão.»

«Ainda estaes por isso?»

—Estou—disse D. Pedro surdamente.

—Então, no momento em que trouxer os assassinos, meu filho ficará livre, a coberto de toda a perseguição?

—Sim.

—Poderá casar com Violante?

O rei confirmou n'um aceno.

—Ella receberá os bens do pae?

—Não, isso é que não—retorquiu D. Pedro.

—Ou vós lhe dareis o equivalente.

«Para mim vale o mesmo.»

—Ainda por cima havia de premiar a filha d'aquelle homem?

—Tendes razão.

«Doae a meu filho as rendas que elle merece.»

«Tereis n'elle um leal servidor, uma firme dedicação como a minha tem sido sempre.»

—Teu filho offendeu-me gravemente.

—Não voltemos a um assumpto penoso.

«Luiz fez o que vós e eu teriamns feito em egualdade de circumstancias.

—Escusas de insistir.

—Não vos offendaes.

«Seguiu os vossos exemplos de bravura e de galhardia.»

«Recordal-o não fica mal a velhos como nós,»

—Velhos?!—disse D. Pedro estremecendo.

—Que somos hoje?

«Morreram illusões em torno de nós.»

«Viver é amar!»

«Já não amamos, já não temos a quem!»

«A vida palpita em nossos filhos, tão estuante como nas nossas veias bateu!»

«Luiz, como os da vossa creação, como vós, o chefe do grupo altivo que constituia o encanto d'esta terra, era o ideal das mulheres formosas, a nota viva dos torneios, o corajoso impeto do Salado, apaixonou-se por uma mulher, uma pomba, embora nascesse de uma féra!»

«Os vossos filhos hão de ser como vós.»

«D. Beatriz tem já o mesmo olhar limpido da mãe.»

«E' o seu cabello de ouro caindo em torrentes no *collo de garça*, é a meiguice e a nobreza d'essa expressão que não me poderá esquecer.»

«E os infantes serão o vosso retrato, tem os impetos do sangue de seu pae, e a grandeza de animo do homem que viu Ignez morrer e não morreu!»

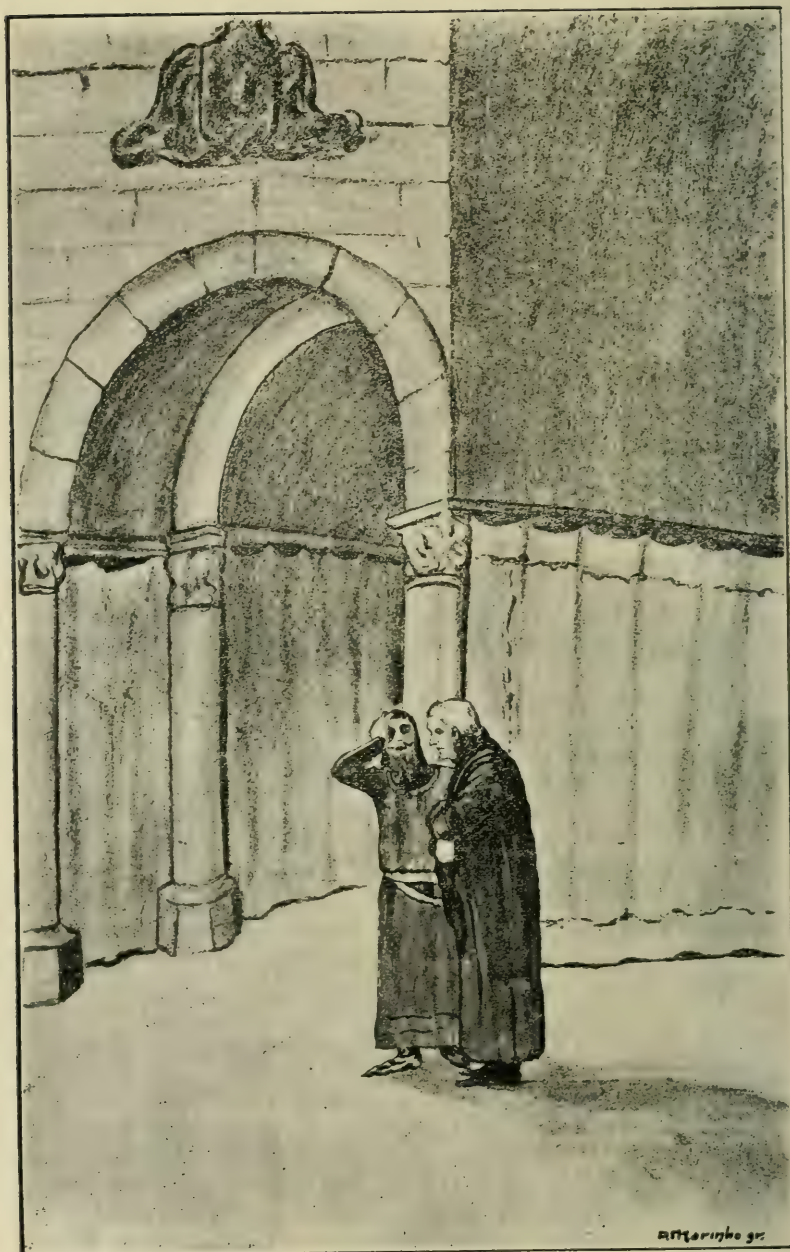
D. Pedro voltára o rosto, commovido.

—Que nos resta, senhor, senão falar do que já fomos, e não do que tornaremos a ser!

«Das velhas arvores ainda brotam rebentos, mas os nossos, uma vez nascidos, vão-se, e a seiva, e a alegria, e a vida nova vão com elles.»

«O que nos resta?»

«Protegel-os, defendel-os, facilitar lhes a penosa estrada, com o resto do vigor que nos ficou.»

«Assistiremos depois ao seu triumpho, e quando elles por sua vez tiverem filhos, já seremos velhos avôsinhos, inuteis, immoveis no seu canto, mais aferrados ao tempo ido, contando n'uma voz trémula as nos-

«Estamos velhos, estamos velhos!... (211)

ses bellas aventuras, cheios de saudade, com uma ponta de inveja pela primavera dos outros, que para nos não voltará mais!»

«Estamos velhos, estamos velhos!»

«Façamos a vontade a nossos filhos.»

«Ahi reside a unica ventura que ainda podemos aspirar.»

«Sêde generoso, protegei o meu Luiz!»

—Tens o condão de torturar-me sempre que fallas do passado —disse D. Pedro com amargura.

—Não me arrependo—retorquiu Nuno Freire.

«Conheço bem as inexgotaveis riquezas do vosso coração e nunca appello para ellas sem bom resultado.»

«Em resumo, Luiz casará finalmente com Violante, e receberá uma bôa tença.»

O rei accedeu n'um signal.

—D'esta vez não te será difficil trazel os aqui—concluiu n'um suspiro.

«Levas para el-rei meu sobrinho uma bella isca.»

«Elle proprio terá o maior interessa em m'os enviar.»

—Então que lhe proponho d'esta vez?

D. Pedro falou com difficuldade, como envergonhado do que ia-lhe dizer:

—Fugiram de Castella D. Pedro Nunez de Gusmão, Mem Rodrigo Tenorio, Fernão Godiel de Toledo e Fernão Sanches Calderon. (1)

«Sei o odio que elle lhes professa, e o gosto com que os mandaria degolar.»

---

(1) «E depois que o infante D. Pedro reinou, deu sentença de traição contra elles, dizendo que fizeram contra elle, e contra seu estado, cousas que não deviam de fazer; e deu os bens de Pero Coelho e Vasco Martins de Sousa, rico homem, e seu chanceller-mór, e os de Alvaro Gonçalves e Diogo Lopes a outras pessoas, como lhe prouve. E fez el-rei, em alguns d'estes bens, tantas e taes bemfeitorias, e outras repartio em tantas partes, que depois que elle morresse nunca os mais podessem haver aquelles cujos foram, nem tirar áquelles a que os assim dava.

Semelhavelmente, fugiram de Castella, n'esta sesão, com temor de el rei, que os mandava matar. Dom Pedro Nunez de Guzman, adeantado-mór da terra de Leão, e Mem Rodrigues Tenorio, e Fernão Godiel de Toledo, e Fernão Sanchez Calderon, e viviam em Portugal, na mercê de el-rei Dom Pedro, crendo não receber damno, tambem os portuguezes como os castelhanos, porque razoada fé lhes dera ousada acoutamento nas fraldas da segurança, a qual — não bem guardada pelos reis — fizeram calladamente uma tal avença, que el-rei de Portugal entregasse presos, a el-rei de Castella, os fidalgos que em seu reino viviam, e que elle, outrosim, lhe entregaria Diogo Lopes Pachecho, e os autros ambos que em Castella andavam. E ordenaram que fossem todos presos em um dia, porque a prisão de uns não fosse avisamento dos outros, e que aquelles que levassem presos os castelhanos até ao extremo do reino recebessem os portuguezes que trouxessem de Castella.»

Fernão Lopes. *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXX.

«Entrego lhos em troca dos matadores de Ignez de Castro, eis tudo.»

Nuno Freire empallideceu.

—Senhor, bem sabeis que jogo n'isto a felicidade, o futuro do meu filho.

«Mas ainda assim não me parece justo ...»

—Não é, bem o sei.

«Chamar-lhe hão uma grande infamia.»

«E comtudo só assim eu poderei vingar como desejo a minha querida Ignez.»

«São quatro vidas mais?»

«Pois se Pedro Cruel quizer a minha em troca d'elles, que me mate, mas que primeiro me deixe prestar-lhe o culto d'essa immensa vingança!»

«Parte Nuno, traz-m'os depressa,»

«Eu não descançarei sem os ver aqui!»

CAPITULO L

Sua eminencia

EMQUANTO D. Pedro no mosteiro sonhava uma estatua de Ignez que fosse a fixação da sua ideal belleza, Lourenço Gonçalves chegava ao Porto.

Acompanhavam-o a mulher e o inseparavel Affonso Madeira, seu habitual secretario e guia em semelhantes commissões.

Tinham sido bem expressas as ordens do rei.

«Procederia como se fosse em serviço de simples corregedor, fiscalisar os actos dos juizes.»

«Nem a mulher nem o trovador deviam suspeitar da parte reservada da sua commissão.»

«Devia visitar o bispo, fazer o possivel por se relacionarem, e conhecer se por acaso preparava algum trama.»

«Pela sua directa observação e pelo que podesse ouvir das impressões colhidas por Catharina e por Affonso Madeira, conheceria o que se passava.»

O corregedor partira antes do abbade de Alcobaça ter sido incumbido de identico papel.

Este e o chronista conheciam a missão d'elle, mas tinham ordem de mostrarem ignoral a para poderem observar até que ponto o corregedor cumprias as ordens recebidas.

Quando o bispo soube da chegada de tão alto funcionario, ficou muito mal disposto.

Mas a fama da picante belleza de Catharina Tosse chegara a toda a parte.

Elle proprio, da côrte, já a conhecia.

Informado de que vinha com elle, a formosa andaluza desejou logo tel a perto de si.

Era uma occasião excepciavel.

Não a podia perder.

Mandou cumprimentar o corregedor por um dos seus vassallos mais cotados.

«Queria ter a honra da sua hospedagem, emquanto estivesse no Porto.»

Era exactamente essa proximidade o que mais convinha ao enviado de D. Pedro.

Dirigiu-se ao bispo a agradecer-lhe, e acceitou gostosamente a offerta.

Ficaram desde logo instalados.

O bispo exforçava-se por captivar Catharina Tosse cuja belleza o apaixonava.

Mandou preparar-lhe um quarto onde se accumulavam todos os requintes do luxo, espelhos, vazos de oiro, tinas de marmore, perfumadores.

Varias d'essas deliciosas bugigangas pertenciam aos aposentos da encantadora *ama* de sua eminencia que vivia no maior luxo no proprio paço episcopal.

Intitulava a a sua dona de casa, a ama tradicional de todos os padres.

Era uma bella e rija camponeza, alta, forte, de cuja desenvoltura se agradára.

Aquella frescura campesina, rescendendo á aspereza das serras, constituia a mais apreciada distração de sua eminencia.

E comquanto variasse muito, alongando se em visitas pastoraes, que eram como multiplas viagens de nupcias, voltava sempre aos braços d'ella, em protestos de nunca mais a atraiçoar.

Passava dias e dias em conventos de freiras.

E quando a camponeza lh'o extranhava, defendia-se com a obrigação de entregar se a repetidos exercicios espirituaes, conforme lhe impunha o baculo e a mitra.

Regressava dos diversos mosteiros um pouco ennervado, pelas muitas noites perdidas, pelas infinitas confissões geraes, farto de mulheres perfumadas de incenso, a falla adocicada, os gestos compassados, os olhos mortiços pelo habito dos mysticos arroubos.

Os seus amores ali eram sempre impregnados de um tanto eu quanto de ritual que o desesperava.

exercicios espirituaes

Uma noviça, cheia de confusão ao ser beijada na bocca, respondera osculando lhe o annel.

Outras continuavam a dar-lhe o alto tratamento da etiqueta, por mais que se despojasse das vestes prelaticias, até se confundir, na simplicidade paradisiaca, com os simples mortaes.

A ama tentava-o de outra forma.

Era isso o que mais lhe agradava.

Batia o pé, cobria-o de insultos, atirava lhe com a primeira coisa que tinha á mão, e nas mais violentas scenas de ciumes chegava a blasphemar.

Quando a moçoila entrou no quarto e viu que lhe faltava tanta coisa, perguntou surprehendida quem lhas tirára.

A resposta de que fôra por ordem de sua eminencia, tranquilisou-a um pouco.

Mas ao saber que o bispo a despojara para obsequiar outra mulher, mais formosa do que ella, e que a hospedára ali, de certo no ensejo de a trahir com ella, fez lhe uma scena violentissima.

Insultos novos mais violentos e brutaes saltavam-lhe em torrentes da bocca espumante.

E o ungido do senhor, ao mesmo tempo que se deliciava com o novo reportorio de palavrões, que produziam no seu organismo gasto o effeito de um forte excitante, tinha ao mesmo tempo muito medo do escandalo, que podia offender as suas visitas.

Depois as iras da barregã cairam todas desesperadamente sobre Catharina Tosse.

Acoimou-a de nomes affrontosos que da mesma forma o consolavam, comquanto temesse alguma grave complicação.

No paço episcopal só residia aquella amante, procedendo portanto como senhora.

Outras havia disseminadas aqui e ali.

No castello estavam encarceradas as que só possuia á força, n'um requinte de prazer, saboreando a revolta d'essas virgens que não podiam recusar-se-lhe, as lagrimas de raiva das mulheres casadas cujos maridos mandava prender ou matar.

Só aquella mocetona vendo-se ali, tomára semelhante ascendente na sua vida.

Agradára-lhe sempre.

Mas o exagero de scenas como aquella faziam-lhe passar pelo espirito a ideia de se revoltar reenviando-a para a sua aldeia, ou mandando-a encerrar no castello, onde, se lhe aprouvesse, iria desenfastiar-se com ella.

Reagiu contra os excessos da amante.

«Havia de por-se emfim do seu logar.»

Dirigiu-lhe violencias, ameaçou-a, quiz intimidal-a, quiz forçal-a a uma attitude respeitosa.

Terminou por lhe dizer que se continuasse a praticar aquelles desmandos a punha fóra!

Em resposta a rapariga deitou a mão ao baculo, que estava a um canto, e brandindo-o como na terra se vibravam cacetadas partiu-lh'o na cabeça.

Cahiu o bispo lavado em sangue.

Mas então a violenta aldeã, mudando de attitude, tornou-se a dedicada amante de outros dias, correu solicita a erguel-o e disse-lhe demoradamente:

— Se te bati, meu lindo, é porque que te quero muito, só para mim, entendes?

E sua eminencia, lavado o ferimento, agradeceu-lhe com muitos beijos, e ainda ficou mais perdido por ella.

CAPITULO LI

Desabafos

RECONCILIADOS n'um largo beijo, o bispo do Porto rezolveu não despedir a forte rapariga, cuja rudeza o encantava.

«Podia fazer escandalo?»

«Que lhe importava?»

«O rei só podia permanecer dentro de muros do seu burgo vinte e quatro horas.»

«O papa estava muito longe para lhe pedir contas dos seus actos.»

«Continuaria portanto a tel a em casa, alegrando se com os seus cantares rusticos, gozando a sua doce comnhia.»

Mas ella, receando a concorrencia de outra mulher que poderia fazer-lhe perder tão alto logar, continuou a fingir-se ciumenta.

O prelado teve que transigir com ella a ponto de prometter apresental-a aos seus hospedes, de a fazer tomar parte em todas as festas que lhe offerecesse.

Para poder fazer a côrte a Catharina Tosse, daria a barregã por sua sobrinha.

Assim fez.

Ao ir cheio de imponencia, de trajos deslumbrantes, envolto em purpuras, sinctillante de pedrarias cumprimentar o corregedor e os seus, levou comsigo a barregã.

Affonso Madeira começou desde logo assedial-a com requebros, falando-lhe do viver da côrte, encantando-a com as festas luxuosas que por lá havia, incitando a pedir ao bispo que promovesse um sarau.

Aliviado da vigilancia da ciumenta mulher, sua eminencia dedicou-se a Catharina Tosse, elogiando calorosamente a sua belleza, chamando-lhe a mais formosa dama das Hespanhas.

Lourenço Gonçalves deliciava-se com este enthusiasmo.

Não a levára ali para outra coisa.

Cada nova audacia do prelado lhe fazia prever para breve uma importante confissão, uma grave confidencia, que o puzesse na pista dos tramas que o rei queria conhecer.

Generalisada a conversação falou se nas prendas do trovador.

Lourenço Gonçalves, empenhado em que o bispo tambem o tratasse com intimidade, fez-lhe grandes elogios.

Referiu-se ao agrado que obtinha na côrte, á amizade que lhe dedicavam os grandes senhores, aos obsequios que até em Castella recebera.

Falava como entendedor do seu vasto reportorio, bellos romances, trovas de amor, estonteantes versos, ditos á sobremeza, canções de segrel que só cantava occultamente a alguma dama, no quente remanso do seu leito.

Brilhavam de luxuria os olhinhos do bispo.

E Catharina perdidamente, em convulsões de riso, ouvia ao proprio marido o elogio do amante, e das suas fortunas de galã.

O prelado quiz logo aprecial o.

A barregã pediu lhe tambem que desse no paço uma festa como as da côrte.

Causava-lhe inveja nunca ter assistido a nenhuma.

Então o bispo deixou sair um commentario amargo.

—No tempo do falecido rei, seu velho amigo, já a teria levado a essas festas encantadoras, onde as mulheres formosas dominavam como rainhas.

«Mas D. Pedro nem sempre tomava os exemplos de seu pae.»

«Não acolhera todos os amigos d'elle, não seguira no governo do rei no as mesmas normas.»

Lourenço Gonçalves, para o captar, concordava em accenos.

Então o bispo appellou para o seu testemunho:

—Bem sabia o prestigio que sempre o rodeiára no tempo de el-rei D. Affonso.

«Vira em reuniões do conselho como a sua palavra era acatada, a sua opinião respeitada e acceite.»

«Com D. Pedro não succedia o mesmo.»
«Queria tornar se o rei da canalha, o defensor da arraia miuda!»
«E andava dançando pelas ruas de Lisboa com ebrios e regateiras, enlameando o manto real!»
Catharina Tosse desculpou-o.
—Amou como ninguem!
«Esses desvarios são o desespero da perda de Ignez de Castro.»
«E quando bebe como doido em torpes bachanaes é para esquecer o amor da morta!»
A barregã do bispo enterneceu-se.
—Tambem entendia o amor assim.
«Era tambem com essa violencia que amava.»
«Seria capaz de todas as loucuras se a trahissem, se lhe roubassem o ideal do seu amor!»
—E quem é o ditoso mortal que lhe merece taes dedicações?
Ella tornou-se rubra e baixou os olhos envergonhada.
O trovador, que sabia tudo dirigiu-se ao bispo:
—Cuidado, eminencia, que sua sobrinha está apaixonada.
«Olhe não venha algum galã assaltar a horas mortas o recatado paço episcopal.»
O prelado teve um sorriso amarello.
E para mudar de assumpto voltou a fazer recriminações contra D. Pedro.
O corregedor, para adqurir de todo a confiança, referiu-se tambem ao rei em modos bruscos.
Realmente com sinceridade queixou se da sua habitual violencia, e alludiu á questão com o alcaide por causa do direito de asylo.
—Não imaginaes a maneira como trata a velhos como eu o Mestre João das Leis.
«Recusou-se acceitar o direito das egrejas garantindo a immunidade dos refugiados.»
«E quando lh'o contestavamos teve palavras de uma rudeza a que não estavam habituadas as nossas barbas brancas!»
—Custa a crêr como lhe toleram tanto! — disse o bispo n'um desabafo.
—Se todos se unissem...—avançou o corregedor, a provocar declarações.
—Se unissem para que?
—Para resistir, para reclamar o reconhecimento das velhas regalias da nobreza e do clero.
—Qem fôr attingido ponha-se no seu logar.
«Não são com certeza os meus direitos que hade offender a sua mania de reformar tudo.»
«E se lhe der para ahi a maluqueira verá que me defendo como é minha obriagação.»

«Já uma vez quiz entrar aqui, e podemos impedir-lh'o.»

«El-rei bem sabe quem eu sou!»

«Quantas vezes não terá imaginado desforrar-se?»

«Quantas vezes não terá pensado em vir pedir-me severas contas, porque sempre fui contra a amante que D. Affonso depois matou?»

—Já sabeis que declarou solemnemente haver desposado Ignez de Castro?—perguntou Lourenço Gonçalves.

—Já sei.

«Mas que vale isso?»

«Não passa de uma comedia, em que figuram como comparsas D. Gil Cabral, o conde de Barcellos e os que foram dos seus intimos.

«E casamento nunca se realisou e a ceremonia, embora se fizesse, era nulla desde a origem.»

«Nunca os filhos de Ignez hão-de subir ao throno!»

«Empenho-me n'isso!»

«E quando fôr occasião de o disputar, embora á mão armada, apparecerei em campo e não irei só.»

Lourenço Gonçalves registou jubiloso os desabafos.

Já tinha muito de que informar o rei.

O trovador

CAPITULO LII

Galanteios

AFFONSO Madeira não perdia o seu tempo.

Continuava a ser o intimo de Catharina Tosse.

Estava junto d'ella.

Mas não receava que o descobrisse.

O seu amôr adquirira a regularidade de um velho habito.

Na côrte, nas terras que costumavam frequentar, mantinham-se fieis um ao outro.

Mas ao chegar a localidadades que não conheciam, mostrava-se por egual ávidos de novas sensações.

Recobravam a mutua liberdade de acção.

E o trovador vendo-a requestada pelo bispo, folgava que essa nascente inclinação lhe facilitasse o accesso aos aposentos da pretendida sobrinha.

No enthusiasmo da conversa foi atrevendo-se a todas as audacias.

— Desculpe o meu gracejo de ha pouco.

«Não pretendi denuncial-a a seu .. a seu tio.»

E teve um gesto de indecisão que a pertubou ainda mais.

— E' que na verdade — proseguiu — deve dar-se por muito feliz quem merecer d'esses bellos olhos um sorriso de amôr.

Fitou-lhos em cheio, provocadoramente.

Ella baixou os, envergonhada.

— Sabe o que me admira?

«E' que vindo eu da côrte, tendo visto em Portugal e em Castella tudo o que em mulheres ha de melhor, não imaginava encontrar aqui uma donzella que vale mais que todas juntas.»

«Não perdoarei a sua eminencia não a ter ainda apresentado a el-rei.»

«Se não fosse o parentesco dir-se ia que tem ciumes, que não quer que lh'a roubem.»

A camponeza torcia-se, acanhada

Se não fosse a etiqueta a que a obrigava o ar ceremonioso do bispo e das visitas, ter-lhe-ia respondido bravamente, saccudindo de mão na cintura as allusões, e batendo no peito com muito orgulho a affirmar que o bispo era o seu homem.

Mas via-se forçada a disfarçar.

Ao mesmo tempo as delicadezas do galã a que não estava habituada, iam rendendo-a.

Comparava mentalmente as pieguices, as blandicias do principe da egreja ás quentes palavras do trovador, que parecia trespassal-a com o ardente olhar.

Affonso Madeira foi apertando o cerco:

— Queria vêr-vos na côrte, para que mettesseis a um canto as damas presumidas que por lá estadeiam, julgando-se as mais formosas que ha no mundo, fartando-nos de sorrisos delambidos, disfarçando em sedas e joias o que a natureza não lhes deu em formosura.

«Se comparecesseis n'um torneio serieis proclamada a rainha da festa.»

«Receberieis o premio para o dar ao vencedor, e dos vossos labios frescos, perfumados é que elle havia de receber a consagração do seu triumpho.»

«Eu desceria á liça, fazendo-me o vosso campeão, proclamando-vos a mais bella mulher de todo o mundo, quebrando lanças, rompendo couraças, prostrando justadores até que todos fossem forçados a acclamar-vos.

— Como sabeis dizer bonitas coisas — murmurou ella commovida, arrebatada.

— Fazei por ir á côrte — insistiu o galã — e vereis que não exagero e que cumprirei tudo o que prometti!

— Hei-de pedir a meu tio.

— Não me parece que elle aceda.

«Estou convencido que não aprecia devidamente todo o encanto do vosso corpo esculptural.»

«Nem todos conhecem as joias que possuem.»

«Elle é como o usurario.»

«Possue uma riqueza, mas quer rezerval-a só para si, furtando a á luz do dia, escondendo-a dos outros.»

«Parece ter medo que lh'a roubem!»

Ella não poude reprimir uma gargalhada.

Affonso Madeira continuou:

— Vêde como rende finezas á mulher do corregedor.

«Julga-a talvez mais formosa do que vós!

«Tem para com ella attenções que vós com certeza nunca lhe mereceste.»

«Se não fosse um virtuoso ministro do senhor, cuja vida exemplar é bem conhecida, dir-se-ia que lhe fala de amôr, tão fervorosamente se lhe dirige.»

A barregã, ferida no seu orgulho, começou a irritar-se, a encher se de ciumes.

Ia se dando o que receiava.

«O bispo era capaz de por causa d'aquella fidalga a desprezar completamente.»

Já projectava desfeiteal-os, espancando brutalmente o amante, e dirigindo á intrusa algumas injurias.

O trovador foi explorando-lhe o despeito.

Cheio de experiencia, habituado a lanças d'essa natureza, preparou o terreno semeando o ciume, para fundar o adulterio no desespero da dignidade offendida, apresentando-o como a necessaria vingança, e offerecendo-se para vingador.

Quando a julgou bem irritada entrou na forma do costume n'outra phase da sedução

— Embora não vos leve á côrte ficareis sabendo tudo o que por lá se faz de divertido e bom.

«Falou-se ha pouco em saraus.»

«E' certo que ás vezes canto diante da corte, a pedido de el-rei, algumas canções.»

«Se vosso tio realizar a festa repetirei algumas d'ellas, para corresponder á sua hospitalidade.»

«Mas as canções de amor que rendem corações, os versos picantes que incendeiam o olhar e põe no sangue lubricos ardores, os estranhos romances de aventuras, escandalos da corte, pagens dormindo com rainhas, raptos, incestos, adulterios, o echoar dos beijos nas suaves alcovas das princezas, isso só em particular o canto.»

«Não sou um jogral, bem vêdes.

«Sou fidalgo e dos melhores.»

«Algumas damas de elevada gerarchia me tem ouvido trovar, a horas mortas, no mais rezervado das suas alcovas, entre as tapeçarias que abafam os echos dolentes da minha voz.»

«Pela muita sympathia que me mereceis terei todo o prazer em vos deliciar se assim o quizerdes.»

— Quero, quero! — pediu ella enthusiasmada.

— Eis-me ás vossas ordens — declarou elle.

«E' a maior prova d'estima que posso dar-vos.»

«Que se diria amanhã, se constasse que o secretario particular do corregedor do crime se entretinha a cantar alegres coisas na alcova da sobrinha do bispo!»

— Ninguem o saberá — declarou.

— E quando quereis honrar-me com a vossa attenção — perguntou elle.

— Hoje mesmo, esta noite — respondeu ella afogueada.

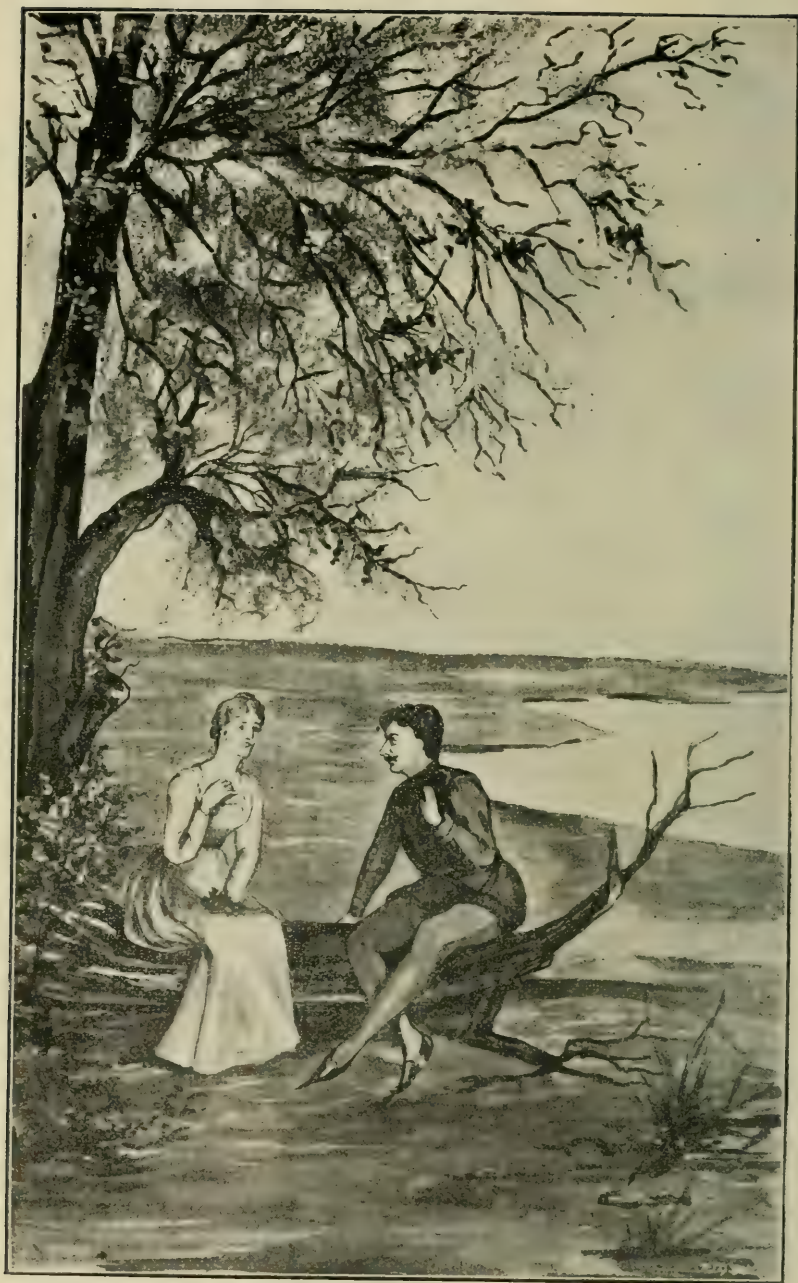
— Esta noite? — perguntou o galã, cravando lhe um olhar apaixonado.

—E onde poderá ser que não vos surprehendam?

— No meu quarto — accrescentou ella muito baixo.

— Obrigado!

«Oh! Como saberei agradecer tal prova de confiança!»

E beijou-lhe furtivamente a mão.

as entrevistas repetiam-se

CAPITULO LIII

Ganhando sempre

PELA alta noite, quando tudo dormia, Affonso Madeira appareceu á janella da amante do bispo e começou a cantar.

Ella ouviu o trovador n'um doce esquecimento e só depois se levantou para o receber.

Passaram uma noite deliciosa.

Ao despedir-se de madrugada, Affonso Madeira pediu-lhe uma recordação.

Ella offereceu-lhe uma riquissima fivela de ouro cravejada de pedras caras que o bispo mandara descravar das alfaias da Sé, para obsequiar as suas amantes.

Ficou de voltar á noite.

E as entrevistas repetiram-se, emquanto Lourenço Gonçalves continuava espionando e enviando informações ao rei.

Todos os dias o trovador obtinha da barregã do bispo riquissimas prendas.

Com grande surpreza sua o bispo offereceu-lhe um dia um rico annel.

Quando lh'o agradecia, sem saber a que attribuir a dadiva, o prelado pediu lhe que o ajudasse a vencer uma grande difficuldade, que constituia a sua maior preoccupação.

Promettia em troca enriquecel-o.

Desabafou:

«Estava perdido de amores por Catharina Tosse.

«Fizera-lhe declarações, offerecera-lhe custosos presentes, mas não obtivera nada mais do que sorrisos.»

«Solicitava a sua intervenção, a sua protecção, visto a intimidade que os ligava.»

—Mas o que quereis de mim!

—Que me torneis o mais feliz dos homens!

—Lembro vos que fallaes a um fidalgo, e ácerca de uma senhora casada.

—Tenho muito ouro com que compensar todos os escrupulos—respondeu sorrindo.

Agradava ao trovador aquella franqueza.

Entretanto retorquiu:

—Ella é muito rica, não se decidirá por mero interesse, podeis ter a certeza.

—Nem penso n'isso—emendou o bispo.

«Desejo que patrocineis a minha causa, que lhe falleis com elogio a meu respeito, que lhe testemunheis a inquietação em que me lançou, a paixão que me exalta desde que vivo tão perto d'ella!»

«E para isso vos quero fartar de ouro, para que sejaes um bom advogado da minha pretensão.»

Affonso Madeira estendeu as mãos abertas, como a expôr uma nova difficuldade.

Mas o prelado, homem pratico, depoz em cada uma boas peças de ouro, cujo som o fez sorrir.

—Verei o que se pode fazer—respondeu o trovador erguendo-se para sahir.

—Resolvei-a depressa—insistiu o bispo.

«Cada hora que passa é uma longa tortura que me despedaça, que mo aniquila.»

«Na noite em que transpozer a porta da sua alcova recebereis uma bolsa de ouro, desde que a vossa dignidade de cavalleiro não se offender...»

—Não offende a offerta de um amigo—declarou Affonso Madeira com distinção.

E saindo repetiu:

—Confiae em mim.

Ao pensar na maneira de ganhar tão grandes gratificações é que começou a entrevêr a difficuldade.

«Que havia de fazer?»

«Como decidiria Catharina Tosse?»

«Havia de propôr-lhe cynicamente a venda do seu corpo ao mitrado sultão?»

«Ella repelil-o ia para sempre.»

«Perderia a posse d'essa deliciosa mulher, extinguiria a fonte inexgotavel de dadivas, de joias, de dinheiro.»

«Negociar uma entrevista d'ella com quem quer que fosse repugnava-lhe.»

O seu intuito era mystificar o bispo, e ficar com o dinheiro, que elle depois receiando o escandalo, em vista da sua posição, não se atreveria a reclamar.»

Imaginava atrair a barregã do principe da egreja sob qualquer pretexto no quarto de Catharina Tosse, e introduziria o bispo que, ás escuras, talvez só muito tarde reconhecesse o logro.»

Era porém preciso que a mulher do corregedor concordasse e emprestasse o aposento.

Falou lhe.

Ella recebeu com maus modos a proposta.

«Era uma cousa indigna e arriscada.»

«Compromettel a-ia estupidamente.

«Por sua parte nunca mais falaria ao bispo.»

«E se elle insistisse queixar-se-ia ao esposo para que a defendesse, já que elle, dizendo amal-a tanto, se tornava cumplice de tão ignobil coisa.»

Affonso Madeira defendeu-se com ardôr:

—Pois não comprehendes que a minha intenção é apenas castigal o?»

«Imaginei fazel o cair em tal cilada para se vêr corrido pela amante, no momento em que julgaria cair nos teus braços.»

«Nem um momento devias duvidar de mim!»

Catharina Tosse reformou os seus juizos.

Não teve duvida em reconhecer os seus bons desejos.

«Mas o que planeava era pelo menos uma leviandade, em que não queria ouvir falar mais.»

O trovador ficou desapontado.

«Como poderia receber o ouro promettido pelo bispo?»

Pensou em o reunir da mesma fórma com a barregã, mas n'um aposento diverso do de Catharina Tosse, no seu por exemplo.

Justificaria ao prelado a escolha do local com o receio manifestado por ella de ser surprehendida pelo marido, e pelo desejo de se encontrarem mais á vontade.

O principe da egreja aguardava-o cheio de anciedade.

—Então?—perguntou mal o viu.

—A coisa vae a caminho, eminencia—respondeu.

«E' preciso porém usar da maior discrição.»

«O corregedor é muito ciumento, e um escandalo não vos seria conveniente.»

—Mas andae com brevidade—insistiu o bispo.

—Comtanto que vá com segurança—declarou o galã.

O prelado ficou mais esperançado, e tornou a dar-lhe dinheiro para o animar.

Mas nem tudo lhe corria como ambicionava á medida dos seus desejos.

Um famulo foi prevenil o de que o abbade de Alcobaça chegára ao Porto.

Teve um sobresalto.

Era um concorrente, e de temer.

—Que virá fazer ao Porto o abbade de Alcobaça—perguntou a si mesmo.

«Algum novo conflicto por causa das nossas jurisdições?

«O melhor é offerecer-lhe hospedagem.»

«Em parte nenhuma, senão aqui, terão meza á altura da do convento.

«Isso deve dispol-os bem.»

«E instalados n'esta casa poderei seguir melhor as suas machinações.»

Mandou convidal-o presurosamente.

O abbade acceitou logo o convite que lhe facilitava a execução do seu plano.

D'ahi a pouco elle e o chronista apeavam se das mulas á porta do palacio de sua eminencia.

CAPITULO LIV

Os dois frades

AO apearem-se das bondosas mulas que passeavam mansamente as suas flacidas gorduras, os dois monges olharam-se sorrindo.

—O bispo é esperto, mas d'esta vez...—disse o chronista ao D. Abbade.

—A primeira é nossa—respondeu este.

«Mas antes que você apanhe a mitra...»

—Hei-de fazer-lhe a diligencia...—disse o luminar da ordem.

E olhando o paço, como se já fosse coisa sua:

—Uma bella casa, sim senhor.

—O dono não ha-de querer abandonal-a assim.

—Que remedio terá!

—Vamos tratar de o pôr d'aqui para fóra.

Subiram.

Ao chegar á presença do bispo beijaram-se uns aos outros, tratando-se de irmãos em Christo, fazendo as mais colorosas declarações de fraternidade.

Ao prelado desagradava immenso tal visita, mas preferia ter os intrusos seguros no paço, para que não andassem prejudicando o livremente lá fóra.

Começou por lhes pedir desculpa da hospedagem, crivando-os de allusões:

«Alli ficariam muito mal, decerto passariam fome, desde que vinham de tão grande casa como Alcobaça.»

«Elle porém vivia como o pastor silvestre, passando frugalmente, alimentando-se como o cenobita, pensando mais na vida eterna que nos prazeres mundanos.»

«Desculpassem pois as deficiencias da sua mesa, attendendo apenas a que era franca a sua hospitalidade.»

Mas o abbade attingido pelos gracejos, retorquiu n'um sangrento sarcasmo:

«A sua vida de penitencia e de jejuns qualquer alimento servia para satisfazer as imperiosas exigencias da carne para manter de pé o barro fragil.»

«Folgava porém de se encontrar em tão seguro abrigo, com receio de corrupção que no Porto campeava.» (1)

—E' isso então o que vos traz por cá?

—Sim, eminencia.

E continuou a incommodal-o:

—Correm tristec coisas ácerca dos meus irmãos d'aqui.

«Vinha em visita aos conventos da sua ordem, por lhe constar que os clerigos, que deviam ser o sol da terra e a luz do mnndo, davam os peiores exemplos de immoralidade.»

«Só alli sob a protecção das virtudes de exemplar pastor estaria a coberto da podridão que tudo infeccionava.»

O prelado concordou com os commentarios do abbade e disse por sua parte que considerava o mundo perdido.

«Tornava se necessario um novo diluvio!»

E accrescentava que em sua opinião os padres maus não eram só os que viviam com mulheres, mas tambem os que ganânciosamente procuravam enriquecer:

Os de Alcobaça sentiram bem o azedume da referencia, o agudo da allusão.

---

(1) Um exemplo do procedimento do clero:

«I—Se algum bispo ou pessoa d'ordens sacras tiver o vicio da embriaguez ou ss emende ou seja deposto.»

«Se um sacerdote ou qualquer clerigo se embriagar, que faça penitencia por 20 dias. Se vomitar com a embriaguez, faça penitencia por 40 dias. Se for com a Eucarestia, faça penitencia por 60 dias.

...Quem vomita a hostia, e esta é comida por algum cão, faça penitencia um anno.»

Canones penitenciales, citado por Alexandre Herculano, Oppusculos, V. 5.º pag. 109.

O abbade, porém não querendo deixar-se dominar no duello de argucias respondeu que ainda havia uma classe mais perigosa do que as duas, a dos que defraudavam os legados destinados ao culto da religião, ao serviço de Deus, por intermedio dos santos monges que faziam uma vida de penitencia.

Então após as saudações fraternaes, e as provocações com que se feriam, o bispo e os hospedes dirigiramse á capella do paço onde celebraram as suas missas.

D'ali dirigiram-se á mesa para almoçar.

O bispo apresentou a barregã como sua sobrinha educada aos dois manhosos frades, que já vinham bem informados do seu papel n'aquella casa.

Depois de ceremoniosos cumprimentos á rapariga, a Lourenço Gonçalves, a Catharina Tosse e a Affonso Madeira, o abbade começou a perseguir, o bispo com allusões á corrupção do clero da diocese, e á situação da amante.

—Que gentilissima donzella!

«Que bom gosto revelaes em a ter destinado á tão virtuosa vida que lhe daes aqui dentro.»

Embora preparado para dizer e ouvir serenamente as mais audaciosas coisas, o bispo ergueu os olhos perturbado tal a audacia e a rudeza da aggressão.

Mas o abbade completou:

—Sim, creio que é para esposa do Senhor que a destinaes, que a preparaes com os vossos exercicios espirituaes.

«Ha por ahi tanto clerigo que a podia perder!»

—Que melhor destino lhe posse dár!—redarguiu incommodado, por causa de presença de Catharina Tosse.

—Haveis de permitir-me um atrevimento.

«Desejava que fosse a minha ordem a escolhida para a sua profissão.»

«Queria ser eu proprio quem a iniciasse nos sagrados mysterios da existencia claustral, edificando o com as vossas virtudes, e com o nosso exemplo.»

«E' preciso lávral-a d'aquelles que os antigos reis de Portugal tinham de correr a pau!» (1)

— Sou eu com justiça quem pode fallar assim de vós — redarguiu o bispo em tom sarcastico.

---

(1) «Gregorio IX encarregára o franciscano fr. Jacob de penitenciar e absolver D. Sancho II, «porque varias vezes espancára clerigos com a mão ou com um pau, tanto no exercito como n'outras occasiões», não por inspiração do diabo, mas constrangido pela necessidade ou de ordenar as fileiras, ou de sahir d'alguma revolta de gente.»

Bulla *Sidiligenter*, citada por Alexandre Herculano, Oppusculos, V. 6.º p. 273.

«A fama dos frades de Alcobaça chega de um extremo do reino ao outro.»

«Vós symbolisaes todas as suas virtudes, sois o seu mais completo representante.»

E arrastando a conversação para o terreno em que os frades teriam que se render:

—Perdoae acima de tudo a pobreza de minha refeição, a modestia dos meus manjares.

«Quem se alimenta de uma cosinha que como a vossa convida á meditação no infinito da misericordia divina, não pode acceitar senão como um jejum, como uma mortificação como uma grave penitencia este simples almoço.»

Aqui os dois frades calaram-se, encetando os pratos, rendidos pelo formidavel argumento.

CAPITULO LV

A sua missa

O dia seguinte o bispo tirou uma terrivel vingança dos seus irreconciliaveis adversarios.

Iam o D. Abbade e o chronista approximando-se da mesa para almoçar, quando elle os fez estacar irritados.

—Não tive hoje o prazer de os ver dizer missa na minha capella.

«Foram celebral-a fóra?»

—Fomos—respondeu o abbade com mau modo.

—Mas niguem os viu sair—retorquiu o bispo.

E fingindo uma grande bonhomia:

—Estão fóra do seu canto coitados.

«Este desarranjo fal-os transtornar as coisas.»

Convidou-os amigavelmente:

—Vão indo até á capella, dizer as suas missas, e não tenham pressa que nós esperamos.

Partiram os frades, envergonhados.

—Então não nos dá um bigode d'este tamanho?—murmurou o chronista.

—Não devia ter caido em metter-me cá—retorquiu o abbade.

—Foi o que desejou el-rei.

—Viesse você só.

«E' quem tem a lucrar com a saida do homem.»
«A mitra, ou rendas são para si.»
—O D. Abbade não ganhará no negocio menos do que eu — disse o chronista.
—Ganhar? O que?
—El-rei não deixará de restituir ao nosso mosteiro as villas que seu pae chama á posse da corôa.
«Sempre são seis e importantes: Sellir de Matos, Alvorninha, Truquel, Coz, Pederneira e Aljubarrota.»
«Valem muito mais que o meu bispado, posto á divina por esse devasso.
—Mas se o rei o fizer apenas cumpre o seu dever.
«Pratica um acto de justiça, nada mais.»
«Não posso considerar recompensa o reconhecimento de um direito.»
Tinham chegado á capella.
O chronista fechou a porta por dentro.
—Não venha cá metter-se ou não mande alguem espionar-nos.
—Pode mandar—retorquiu irado o abbade.
«Não me mette medo nenhum.»
—Mas sempre evitamos um novo cheque—avançou o chronista.
Dispunha-se a dizer missa.
—Que eu a diga é que elle não se ha-de gabar!
«Podia ao menos fazer a ceremonia, mas nem isso.»
«Não me mecho d'aqui—e bateu nos braços da cadeira episcopal onde se sentára.»
«E elle ha-de pagar bem dura esta desfeita, ou os diabos me levem para as profundas.»
O chronista, seguindo o exemplo, sentou-se defronte d'elle n'um escabello.
—O dia começou mal.
«Mas esta historia ha-de acabar peior!»
—Assim o espero em Deus.
—E que elle não me irrite muito, quando não perco de todo o respeito ás conveniencias e atiro lhe com uma escudella á primeira allusão com que me ferir.
—Isso não—reverendo abbade.
«Não estraguemos isto mais do que já está.»
«E' preciso que o povo não nos perca o respeito, senão corremos o risco de nos abandonarem as suas dadivas.»
«A ira é má conselheirá.»
—Você fala assim, porque vae saboreando o bello logar.
«Mas eu, que hei-de fazer?»
—Feri-o sem estrondo, feri-o mostrando-lhe que conheceis o seu viver immoral, e assim amargurar-lhe-heis o jantar.

N'isto bateram á porta.

O chronista abriu com mau modo.

Era um famulo do bispo.

Cumprimentou hypocritamente, e disse n'uma voz de falsete:

—Sua eminencia manda pedir desculpa a vossa paternidade de só agora se ter lembrado que os missaes, os calix, os paramentos estão fechados, como é costume, o que impediu vossas reverendissimas de dizerem a sua missa.

Os dois olharam-se indignados.

«Era demais!»

O abbade deu o exemplo, voltando as costas com desprezo ao enviado do bispo e dirigindo-se á casa de jantar.

O prelado repetiu as manhosas desculpas.

—Que contratempo.

Mas o abbade respondeu unctuosamente.

—Já tinhamos dito as nossas missas, e até por intenção de vossa eminencia.

—Mas como poderam, sem nenhum dos paramentos necessarios?

—Deus operou um prodigio, servindo-se dos seus humildes servos para mostrar a sua omnipotencia.

—Grande é a misericordia divina.

E o bispo teve de acceitar por bôa a nova invenção milagreira da inexgotavel imaginação do chronista.

—Só lamento uma coisa—retorquiu o prelado.

«Empregasteis mal as vossas preces.»

«Não só o não merecia a minha humildade, mas o dia é destinado na minha diocese a suffragar os mortos da ultima peste.»

«Costumamos preparar-nos para as ceremonias com jejuns, afim de applacar a colera divina.»

«Ainda assim, por uma especial deferencia para comvosco, mandei preparar-vos um caldo de peixe.»

«Deus me perdoará esta infração.»

Os dois frades cairam pesadamente n'uma cadeira, e devoraram o caldo.

A fome tirára-lhe toda a possibilidade de reagirem.

O bispo nem comia, emquanto os outros, Lourenço Gonçalves, Catharina Tosse, Affonso Madeira, e a pretendida sobrinha do prelado se banqueteavam lautamente.

A presença dos pratos succulentos, o cheiro espalhado em toda a casa, enfurecia os de Alcobaça.

O chronista murmurou para o abbade:

—O bispo está com cara de quem já comeu do bom e do melhor, para vir depois representar esta comedia.

—E' muito bem feito—respondeu desfalecidamente o abbade.

«Deus castiga sem pau nem pedra, e eu mereço o pelo logro em que cahi.»

—Não chovem vergalhos mas chovem castigos — commentou piedosamente o outro.

Finda a refeição o bispo convidou os para a ceremonia funebre.

—Vamos agora para a capella.

«Não recusareis decerto as vossas fervorosas preces ás almas dos meus pobres diocesanos mortos da peste.»

«Acompanhar-me-heis, e quando os deveres do cargo me forçaram a dar despacho, substituir-me-heis com vantagem.»

Foi um novo supplicio para os dois.

O bispo sentou se na grande cadeira episcopal, a fazer a digestão, emquanto o abbade e o chronista repetiam em voz roufenha as orações dos mortos.

Ali levaram até á hora de jantar.

Da mesma forma que ao almoço havia dois serviços, um da melhor qualidade para os secnlares, e um pouco de peixe para o bispo e os alcobacenses.

Estes viam na maior amargura o caminho que as coisas iam tomando.

—D'aqui a pouco põe-nos a pão e agua ! — disse amortecido o chronista.

—Hei-de ensinal-o—retorquiu o abbade.

A erguer-se da mesa participou ao bispo que se dirigia ao convento da sua ordem, a fazer exercios espirituaes.

O bispo mostrou-se offendido.

—Dir-se ha que a minha hospedagem vos desagradou.

— Por forma alguma.

—Então havia de voltar.

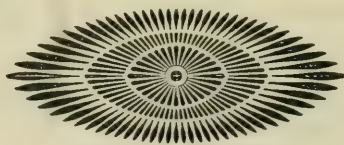
—Com todo o prazer.

«Não calculaes a alegria com que tornaremos aqui.»

E perguntou ao chronista:

—Não é verdade, irmão?

—Oh! Com que ventura virei instalar me n'este paço.

E o bispo, sem comprehender o alcance das alusões, beijou-os franalmente, desejando no intimo que se fossem para bem longe.

CAPITULO LVI

Os mouros

TORNOU a modificar-se a situação interna de Castella.

D. Pedro, na anciedade de obter os culpados na morte de Ignez, começou a seguir de perto os acontecimentos.

Henrique de Trastamara conseguira reunir os seus dispersos partidarios.

E passado o primeiro momento de fraqueza, que os crimes de Pedro Cruel tinham aggravado, prepararam-se todos para a lucta.

O terror das primeiras execuções apavorára muitos que se haviam escondido, procurando apenas salvar-se, desistindo de novos combates.

Mas o caudal de sangue, passado o primeiro panico, originára o desespero, provocára ideias de vingança.

E ao constar que o bastardo de Affonso XI apparecera novamente em campo, os adversarios do rei Cruel correram a collocar-se ao seu lado.

O rei de Castella, ao saber da nova revolução, comprehendeu o perigo.

Os inglezes tinham retirado, descontentes pela falta de pagamento, irritados com as suas crueldades.

Não podia pensar em novo auxilio da sua parte.

A França recebera a offensa do assassinio de D. Branca.

Era pelo irmão.

Bertrand Du Guesclin estava de novo em campo, acompanhado por muitos francezes.

«Para quem havia de apellar?»

O rei de Aragão soffrera largos annos injustos aggravos para se dispor a soccorrel-o.

De Portugal não podia contar com reforços, em vista da forma como recusára a D. Pedro a entrega dos assassinos.

O rei de Navarra portára-se de uma forma ignobil na outra guerra.

Não podia contar com elle.

Restava-lhe só um visinho, poderoso, mas alheiado quasi sempre, cuidadosamente, das questões dos estados christãos.

Era o rei de Granada.

«Se lhe falasse?»

«Se lhe propuzesse uma aliança a troco de vantagens territoriaes?»

Communicou aos validos o plano.

Extranharam-lh'o, taxando o de perigoso.

Pintaram-lhe os graves inconvenientes de semelhante passo.

«A boa politica dos principaes christãos fôra considerar sempre o mouro o permanente inimigo.»

«Chamal-o a intervir nas dessidencias era dar lhe força, abrir-lhe o caminho a conquistas novas.»

«Alguns o haviam feito, é certo, mas o resultado final fôra sempre mau.»

Recordava-lhe o perigo que seu pae e seu avô, Affonso XI de Castella, e Affonso IV de Portugal tinham conjurado no Salado.

Citavam lhe o exemplo do reino portuguez, mais pequeno e menos povoado já livre de mouros pela sua tenacidade em os combater.

Em Castella occupavam ainda bellos territorios, e dispunham de excellentes portos.

«As populações christãs, sempre n'um grave risco, não podiam aventurar-se por mar ou por terra sem estarem sujeitos a roubos, e a captiveiros.»

«O que seria se o rei os chamava como amigos, e os authorisava a atacar em seu nome terra de christãos.»

— Quero apenas lançal-os contra os meus adversarios.

«Matem os ou captivem-os, é o mesmo.»

«O essencial é que me livrem d'elles»

— Mas que audacia não adquirirão, como não se alargarão por ahi!

— Depois, finda a guerra, consolidado o throno, atacal-os-hei á frente dos meus fieis vassallos, e talvez os repila totalmente.

— Agora daes lhe novas forças.

«Farão conquistas de que não vão facilmente desapossar-se.»
— Embora.

«Preciso gente para a guerra e não a tenho.»
E perguntou a um dos validos:
— Quantos guerreiros podemos apresentar?
— Muito poucos, senhor.
«Vosso irmão faz tamanhas promessas que muitos por interesse correm a servil-o.»
«Poderemos reunir a custo uns mil e quinhentos cavalleiros e uns seis mil peões.»
— Vêde — disse irritado o rei.
«O que vale isso?
«Que poderei fazer com tão fraca hoste?»
E perguntou ao outro:
— Quantos estão com o bastardo?
— Não o podemos dizer ao certo — respondeu um dos seus conselheiros.
«Mas as suas forças augmentam a cada passo.»
«Despovoam se as terras por onde elle passa, e todos vem incorporando-se contra nós.»
—Eis a razão porque preciso mouros do meu lado — disse D. Pedro muito preoccupado.
«Ora o rei de Granada, cuja disposição já palpitei, põe-me em campo, ao menor signal meu, noventa mil homens a pé e a cavallo, capazes de irem commigo até França, se me approuver tirair desforra das entradas de Bertrand Du Guesclin.»
— Noventa mil homens! — repetiu apavorado um dos cortezãos.
— Não acreditas?
— Bem sei que dispõe d'essa gente, e de muito mais.
«Passarão o estreito quantos sejam precisos, d'essa raça maldita.»
«Sempre assim tem feito.»
«Apresentam-se em nuvens, parecem as legiões de Satanaz.»
«Mas temo que em vez de ser auxiliados, sejamos conquistados por elles.»
— Que cobardia é essa? — retorquiu D. Pedro.
«Os mouros são leaes.»
«E quando o não forem, cá estou eu, e os cavalleiros christãos do meu reino para os desfazer.»
«Quando receiámos atacal-os, fosse qual fosse o seu numero?»
«Lembra-te que são infieis, e que nós combatemos pela cruz.»
«Deus é por nós.»
— Por isso mesmo é que me manifesto contra a sua entrada n'este solo regado por sangue de christãos.
— Bem — respondeu irritado — já ouvi a tua opinião.

«Agora, como me compete deliberar, resolvo mandar prevenil-os para serem commigo em campanha.»

«E como algumas praças já tomaram voz pelo bastardo, irão atacal-as quanto antes, para dar tempo a reunir os meus.»

Ordenou aos que o rodeiavam:

— Mandem convocar todos os vassallos.

«Dêem ordens expressas ao fronteiros para deixarem entrar livremente a gente de Granada, e virem com ella ao nosso encontro.»

Em seguida mandou um embaixador ao rei de Granada.

O mouro ficou satisfeitissimo e acceitou o pacto, em troca do qual receberia as terras que Pedro Cruel tomára quando assassinou á traição o rei Vermelho.

Deliciando-se com o promettido saque, o ensejo de fornecer os serralhos de jovens christãs, os mouros prepararam se a toda a pressa.

De toda a parte accudira gente, como se tivesse sido pregada a guerra santa.

O velho odio das luctas de muitos seculos ia ter nova expansão.

Foram apresentando-se ao kalifa de Granada as infinitas hostes reunidas pela sêde de vingança, pela avidez do saque.

E entraram no territorio de Castella, saudados como amigo pelos homens d'armas que mantinham a linha das fronteiras.

Eram nove mil cavalleiros bem montados, e oitenta mil peões entre os quaes doze mil besteiros.

Pedro Cruel exultou.

«Estava salvo!»

E ameaçava o irmão:

«Veremos agora no que dão as tuas pretenções á corôa de meu pae!»

CAPITULO VII

Cordova

ataque de Cordova, que se havia declarado por D. Henrique era a primeira operação em que os mouros deviam tomar parte.

O rei mouro, que já fôra avisado da empreza, incitára a ella o ardor dos seus.

Tratava se da antiga séde do Kalifado de Cordova, da capital dos mouros na peninsula.

Era ali que fôra levantada a grande mesquita do occidente, sobre as ruinas de um templo pagão.

Os christãos haviam profanado a casa religiosa.

E os crentes pretendiam rehavel-a para a fazer voltar ao antigo culto.

Marcharam alegremente contra a rainha do Guadalquivir.

Mal divisaram as suas flechas, olharam com respeito para o *Mihrab*, o sanctuario onde estava deposto o exemplar de Coran escripto pela mão de Otman.

O Kalifa recordou com saudade os dias de grandeza d'essa terra que chegára a rivalisar com Bagdad.

Recordava o seu alto grau de cultura, as suas universidades, as suas bibliothecas, e comparava-a á decadencia em que se arrastava, sob as san

guinarias violencias de Pedro Cruel, exposta ás repetidas revoltas do bastardo.

—Para isto os christãos nos roubaram Hespanha!—disse amarga mente para os seus.

E affirmou cheio de enthusiamo:

—Mas Deus quer finalmente proteger as crentes.

«A vossa vinda aqui, á antiga capital do Kalifado, por causa das desordens dos christãos é prenuncio de que hão de voltar dias de gloria!»

Quando a gente de Cordova percebeu que vinham mouros ao ataque, estremeceu de pavôr.

Pedro Cruel punha litteralmente a saque uma cidade.

A sua passagem era assignalada por torrentes de sangue.

Mas os christãos que residiam na antiga sede dos estados mussulmanos tinham mais medo d'estes que do rei.

Comtudo o dominio dos mouros era menos cruel.

Tolerantes para com os christãos, chegavam a permittir o seu culto, ao lado do que elles praticavam nas suas mesquitas.

Accender fogueiras, exterminar os homens de outras crenças só os catholicos o faziam, em nome de Deus.

As mulheres receiavam porém ir ter aos serralhos, cuja ignominia as fazia estremecer.

Os de dentro aprestaram-se activamente para o combate, dispostos a vender bem cara a vida,

Com grande surpreza sua viram em campo, ao lado dos pendões dos mouros, que lhes suggeriam o captiveiro, os de Pedro Cruel que eram o prenuncio de morticinios.

Avaliaram o perigo, e dicidiram bater-se até á ultima.

Uma vez tomada Cordova, todos os partidarios de Henrique de Tras tamara seriam ignominiosamente immolados.

Tinham pois que luctar até morrer, ou até derrotarem os assaltantes.

As mulheres, as creanças choravam perdidamente receiando-se dos mouros.

Para as expôr menos ás flechas, ás balestas, aos fachos incendiarios, os defensores de Cordova rezolveram esperar os inimigos na primeira linha de fortificações.

Receberam nas barreiras o primeiro impeto.

Era quasi um combate corpo a corpo, apenas defendidos por um pequeno muro.

Foi terrivel o embate dos alliados.

Muitas vezes superiores em numero, levaram adiante de si os partidarios do bastardo.

Estes recompozeram-se e voltaram a fazer rosto ao assalto, em muitos pontos.

Mas a extensa linha des mouros e da gente do rei de Castella envolvia Cordova n'um circulo de ferro.

Onde não poderam reorganisar-se os defensores, correram os assaltantes á segunda linha de fortificações.

Tomaram a couraça, apossaram se de um velho alcaçar, e arvorando escadas, treparam dos muros onde firmaram os pendões.

Ao espalhar-se o alarme foi immenso o panico.

Os amigos do bastardo, abandonando os pontos da barreira que ainda sustinham, retiraram acossados pelos mouros e pelos vassallos de Pedro Cruel.

Entraram precipitadamente pelas portas, em perigo dos invasores se introduzirem com elles, e foram tomar os seus logares no alto dos muros no cimo das torres, para a batalha decisiva.

As mulheres, as donzellas corriam pela praça, afflictas, desesperadas, clamando em altos gritos que as defendessem.

Abraçavam se aos guerreiros supplicando lhes que as não deixassem captivas dos mouros.

Commoviam-se os bravos defensores e promettiam não desamparar os muros, emquanto houvesse pedra sobre pedra.

Em cima abundavam as munições de guerra.

Molhos de flechas, settas e virotões estavam prestes a ser arrojados sobre a densa mole dos atacantes.

Accumulavam-se enormes pedregulhos para deixar cahir sobre os que se approximavam das muralhas.

Grandes braçados de armas brancas estavam promptos a substituir as que se quebrassem.

Em muitos pontos batiam-se peito a peito!

Trepava pelas escadas gente infinita.

Mas os primeiros, caindo feridos, ao desamparo, arrastavam os outros, e dentro em breve já poucos chegavam ao cimo dos muros.

Erguiam desesperadamente outras escadas.

De dentro impeliam-as, quebravam-as á força de pancadas, e os estilhaços iam ferir a indefinivel nuvem de aggressores.

Repellidos bravamente, não podendo supportar a inextinguivel nuvem de projecteis, os mouros e os homens d'armas do rei de Castella retiraram a descançar.

Em Cordova, ao vel-os partir foi immenso jubilo.

Mas, previdentes, os homens d'armas não ficaram tranquillos com aquella retirada.

Repararam á pressa as brechas da muralha, tornaram a prover de munições os muros, e dispuzeram-se para o novo assalto que era de prever.

Após uma noite dormida nas tendas de campanha, voltaram ao combate os adversarios.

O rei de Castella e o rei mouro incitavam á lucta com ardôr.

Havia o interesse de Pedro Cruel em juntar uma nova chacina ás que tinham lavado em sangue o seu odiado throno.

Impelia o kalifa de Granada o desejo de reconquistar a Cordova dos seus, em cujos minaretes anceava ouvir de novo chamar os crentes á oração.

Além d'isso, como guerrreiros batidos por um punhado de homens, exacerbava-os o opprobio da perda.

Queriam readquerir os pendões tomados.

Desejavam redimir os seus companheiros captivos.

Pretendiam lavar essa affronta que maculava desde o começo as bandeiras da formidavel alliança.

Lançáram-se a lucta com novo impeto, mais aguerridos, e mais furiosos.

Mas os de dentro combatiam mais seguros, fortes com a victoria da vespera, contando facilmente obter outra.

Mais do que a fortaleza de um partido, defendiam as familias.

Firmavam se nas pedras das muralhas como á porta do seu lar, fazendo frente ao saque immundo, á gente insaciavel de crimes e de infamias.

E ao cahir da tarde os pendões do kalifa e do rei de Castella affastaram-se de novo das muralhas, e levando consigo as tendas perderam de vista a corajoza Cordova.

CAPITULO LVIII

Na guerra

UMA vez em campanha, não quizeram os mouros perder o ensejo.

Cordova, que tinham out'rora fortificado bem, resistira por aquella forma.

Dirigiram-se contra outras povoações que haviam acclamado D. Henrique.

Jaen foi a primeira alvejada, por ordem do rei de Castella.

Os defensores, a exemplo dos cordovezes, vieram á barreira pelejar.

Mas forçados pela superioridade numerica a retirar, os mouros entraram no castello de envolta com elles, matando e captivando muitos.

Uma parte dos habitantes, refugiado no Alcaçar, teve que livrar-se por um forte resgate.

Satisfeitos com a victoria, os arabes auxiliares do rei, lançaram-se a novos commettimentos.

Ubeda foi tomada, saqueada e reduzida a cinzas, em vista do despeito gerára a resistencia cordoveza.

Marchena caiu da mesma forma em seu poder, e foi deixada n'um montão de ruinas.

De Utreira, depois de um renhido ataque, levaram tambem onze mil captivos.

Satisfeitos com os saques, os prisioneiros, e a posse dos castellos tomados por D. Pedro a el-rei Vermelho, os mouros regressaram a Granada, deixando só com o rei de Castella para os outros combates, mil e quinhentos dos seus.

Tornadas à sua obediencia as terras conquistadas, Pedro Cruel resolveu dirigir se ao encontro do irmão, no intuito de auxiliar Toledo que elle cercára estreitamente.

Era ahi o principal theatro da guerra.

O bastardo, enchendo o seu arraial de provisões, dispunha-se a fazer render a praça a todo o custo.

Lançára sobre o Tejo uma grande ponte de barcas, e preparava torres para o ataque.

Os artifices construiam á pressa balestas e catapultas que deviam bater os muros, rompendo n'elle as necessarias brechas para a entrada dos assaltantes.

De dentro das fortificações montaram habilmente um poderoso engenho que devia destruir todo o acampamento e as obras preparadas para o ataque.

Os de dentro, que eram por D. Henrique, viram aterrados o perigo que elle corria.

Antes que se consumasse a destruição, manifestaram-se, como planeiavam.

Reunindo secretamente na torre onde a guarnição tinha montado a bastida, apossaram-se d'ella e ergueram vivas por D. Henrique, proclamando o rei de Castella.

De fóra correram ao seu brado.

Arvoradas as escadas de assalto, entraram na torre quarenta dos homens de armas do bastardo.

Erguidos os seus pendões, a chamarem pelos outros, clamaram altivamente a victoria.

Mas os de dentro rodeiaram a torre de combustiveis, e lançando-lhe fogo envolveram-os n'um circulo de chammas, n'uma nuvem de fumo que os obrigou a abandonal-a.

O boato de que já estava no interior da praça a gente de Henrique de Trastamara fez decidir os seus partidarios que ainda não se haviam declarado.

Muitos sahiram á rua, a acclamal-o.

Dominada porém a primeira tentativa foram todos vencidos e mortos.

A chegada constante d'estas graves noticias levava Pedro Cruel a precaver-se.

Antes de sair para a nova campanha resolveu prudentemente acautelar o seu thesouro.

Lembrava-se ainda da deslealdade com que da outra vez o haviam roubado.

Mandou recolher em Carmona o dinheiro e as armas, e confiou tudo, com os filhos, á guarda de servidores fieis.

Em seguida partiu para Alcantara onde as forças de que dispunha tinham ordem de concentrar-se.

D. Henrique foi prevenido da marcha.

Informaram-o do numero exacto da gente que se movia contra elle.

Era manifesta a sua inferioridade.

Um combate em semelhantes condições terminaria por uma derrota formal.

Não queria sacrificar mais uma vez n'um arrojo injustificavel, as suas esperanças.

Aguardando o ensejo podia ter certa a victoria.

Promettiam-lhe reforços de varios pontos de Castella.

Ainda de França viriam novos auxiliares.

Os seus mais experientes partidarios faziam-lhe vêr o verdadeiro intuito de Pedro Cruel, apressando-se em offerecer-lhe batalha em tal occasião.

«E' que tinha decerto seguras informações de que estava para receber reforços, e queria atacal-o antes de que se encontrasse disposto a defrontal-o».

O bastardo reuniu o conselho para se manifestar sobre o que mais convinha.

Foram unanimes as opiniões dos seus guerreiros em aconselhar-lhe que retirasse.

«Dentro em pouco as suas hostes seriam grandemente augmentadas.»

«Os exforços de toda a Castella, fatigada de tantas luctas, horrorisada de tanto sangue, reunir-se-iam em breve para o erguer ao throno definitivamente.»

Aconselhavam-o a reservar-se para uma batalha decisiva.

Devia rodeiar-se de todas as garantias de exito para n'um só lance mudar a face dos acontecimentos.

Perder forças em successivos recontros era comprometter de novo o futuro.

Os seus partidarios, prisioneiros do despota, ficariam arriscados a uma morte certa.

Aguardavam-os crueis supplicios, como de costume, na hypothese de um novo desastre.

Henrique de Trastamara, comquanto desejasse medir-se com o rei, para n'uma sangreta batalha, como n'uma lucta corpo a corpo, vingar a morte da mãe e dos irmãos, viu-se forçado a ceder.

Mandou prevenir a gente que ficára de vir juntar-se-lhe.

E recolheu ao castello de Orgas, onde se preveniu para um possivel cerco, afim de dár tempo a que se operasse a concentração.

Quando o forte exercito de Pedro Cruel chegou ás portas de Toledo, já não encontrou os inimigos.

Abasteceu a praça e reparou os prejuizos do cerco.

Suppliciou implacavelmente alguns suspeitos de serem partidarios do irmão.

E depois de vêr que tinha a tranquilidade assegurada por algum tempo, retirou para Sevilha.

Parecia-lhe inteiramente conjurada a revolta.

Os emmissarios de Henrique de Trastamara andavam porém por toda a parte congraçando elementos para uma acção unida que d'esse por fim o desejado resultado.

CAPITULO LIX

Coisas do demonio

geral e o chronista de Alcobaça já não andavam contentes com o ponto a que haviam chegado as questões com o bispo.

Até ahi o prelado levára a melhor, fazendo-os passar por grandes humilhações, sujeitando-os a jejuns a que não estavam habituados.

Abandonaram desesperados o paço episcopal.

Mas ao chegarem ao convento da sua ordem crearam alma nova.

O superior veio esperal os entre receioso e alegre.

«Seria uma rigorosa visita?»

«Haveria queixa contra os repetidos escandalos a que davam logar?»

«Saberia do esquecimento da regra, das faltas as côro, do abandono das ceremonias religiosas?»

Mas a primeira pergunta do abbade de Alcobaça alliviou o seu subordinado de um grande peso:

—Ha alguma coisa que comer.

—Pois não, eminencia.

«N'um momento sereis servido.

Levou-os para a sua cella, onde começaram a entrar fumegantes pratos, bellas postas de carne, empadões, um soberbo festim, a que não faltava os bellos vinhos do Porto.

Pareceu-lhe, n'uma saudosa angustia, que estavam na sua casa d'Alcobaça, sob a égide da cosinha tão afamada.

E o geral reconhecia com orgulho que as virtudes dominantes da sua ordem se affirmavam mesmo ali, a tanta distancia da casa principal.

Comendo brutalmente desforçava-se das vinganças mesquinhas do bispo, e preparava a cruel desforra que contava tirar d'elle.

Absorvidos pelas immensas necessidades dos estomagos para os duros tratos, não erguiam os olhos do prato.

Reanimavam-se a pouco e pouco.

A côr voltava aos rostos rechonchudos, e animos aqueciam, planeando um violento desforço.

O chronista depois de saciado fez reparo:

—Então o bispo não disse que hoje era dia de jejum rigoroso no bispado?

—Bem me importo eu com isso—respondeu o abbade que continuava comendo.

—Sim. Mas onde está a disciplina ecclesiastica.

—O que? Já começas a sentires te prelado?

—E' preciso ir pensando no cargo.

—Mas tu comeste!

—Comi como frade, mas agora penso como bispo.

«Para certificar-me vou perguntar ao superior».

—Não penses n'isso.

—Porquê?

—Temos muito mais que fazer.

«O que me interessa é verificar as accusações que fazem ao bispo ácerca do convento de freiras onde vae passar dias e dias em pretendidos exercicios espirituaes.

«Depois de agradecer este bello jantar iremos vêr as monjas que tanto agradam a sua eminencia.»

O superior recebeu d'elles um sincero beijo fraternal, na ternura de reconhecimento dos seus estomagos dilatados de satisfacção.

Sairam.

D'ali a pouco batiam á porta do mosteiro, invocando o nome do bispo do Porto.

—Estamos hospedados no paço episcopal — disséram á abbadessa em apresentação.

«Como manifestassemos desejos de conhecer as casas religiosas, mandou-n'os cumprimentar vossas reverendas madres em seu nome, e pedir que me desseis a provar algum dos bellos doces que parecem feitos por mãos de anjos.»

—A honra é toda nossa, D. abbade—respondeu a velha.

Mandou reunir a communidade e apresentou-a aos inesperados visitantes.

O estado de algumas freiras impressionou vivamente o abbade de Alcobaça.

—Estão doentes?

—Estão gravidas—respondeu naturalmente a superiora.

—Eu bem vi, reverenda madre—retorquiu o abbade.

«Julguei porém que ao decôro d'esta casa...»

—Não façaes juizos temerarios—disse ella.

«Foi uma atroz vingança de Satanaz!»

«O perfido inimigo insultou assim as castas pombas do Senhor, submettendo as a tão atroz supplicio.»

—Tem a certeza d'isso, reverenda madre?

—Toda.

—Não entraria aqui algum homem?

—Aqui só entra um santo, o eminentissimo bispo d'esta diocese.

—Mas não tomaria o demonio a forma humana, não chegaria a disfarçar-se com as vestes do virtuoso prelado?

—O que vos digo é a pura verdade.

«Foi o diabo em pessoa que nos sujeitou a tão grandes humilhações.»

—Que vos parece, irmão—perguntou o abbade dirigindo-se ao chronista.

«A santa theologia prevê uma coisa semelhante?»

—A' malicia do principe das trevas tudo é possivel—respondeu elle.

—Agora não se me ponha você com as historias do costume—disse-lhe baixo o abbade.

«Não finja que se deixe enganar.»

«Lembre se que só devido a este escandalo, de Roma confirmarão a sua escolha para bispo,»

—Para Roma não duvido mandal-o dizer—retorquiu elle no mesmo tom de voz.

«Mas aqui calar-me-hei.»

«E' preciso salvar a honra do convento.»

«Se desmentimos o poder do diabo para que servem as nossas bençãos, os nossos exorcismos?»

«Se teimarmos muito, o povo perde-nos o respeito, e lá se vão as rendas do bispado.»

—Bem me importa isso—redarguiu o abbade.

«Aqui é que elle ha de pagar tudo.»

Disse alto á abbadessa:

—O senhor bispo sabe d'esta desgraça?

—E tem se mostrado bastante preoccupado!

—Como é que os seus exorcismos, a sua acção de ungido do Senhor não tem livrado esta santa casa?

—Não sei—respondeu a velha, já muito incommodada pela attitude do abbade.

—Pois é preciso que tudo se esclareça.

«Como amigo e admirador de sua eminencia vou pedir-lhe para que insista no apuramento d'este grave caso.»

«Os herejes podem accusal-o de ser o author do estado das madres, em vista de não entrar aqui mais ninguem.»

Em vão o chronista lhe puchava pelo habito.

Proseguiu imperturbavel:

— Vou já d'aqui ao paço offerecer os auxilios do meu sagrado ministerio, e insistir polo esclarecimento d'este medonho sortilegio.

«E' preciso que tudo isto se esclareça.»

«No caso contrario teremos que elevar até ao supremo pontifice as nossas reclamações».

«Urge desaffrontar esta casa e o reverendo bispo das suspeitas que os herejes hão de certamente lançar-lhe!»

Sairam deixando aterrada a velha abbadessa.

CAPITULO LX

A' ceia

CAIRAM de chofre no paço episcopal.

Era de noite.

O bispo, que não os esperava, resolvera dar um assalto decisivo a Catharina Tosse.

O trovador, interessado á força de presentes, dissera-lhe ter finalmente achado o meio.

Fel-o preparar uma bôa ceia, com iguarias a proposito bellos vinhos, velhos, estonteadores que deviam produzir na esquiva mulher um effeito salutar.

A esposa do corregedor, despeitada com a insistencia do bispo, a quem continuava a preferir os ardentes galãs a quem acceitava a côrte, deixára de falar-lhe para lhe não ouvir mais pieguices.

Affonso Madeira incitado pelo dinheiro das esmolas e promessas da diocese, pediu-lhe que não o tratasse desdenhosamente.

Ella respondeu-lhe em termos desabridos, censurando-lhe a avidez de ouro que o levava a proceder assim.

Voltou-lhe as costas despeitada.

E quando se encontraram á mesa, deixou de falar aos dois e chegou ao ponto de não responder ás suas perguntas.

O trovador procurou-a audaciosamente, mas ella recusou-se a recebel-o.

Então jurou vingar-se.

Julgava ter sobre ella um ascendente decisivo.

E quando pretendia arrastal-a n'um determinado sentido, Catharina reagia contra elle, e offendia-o uma forma brutal.

Perseguiu-a, fez-lhe amargas recriminações, ameaçou-a com o escandalo, e por fim obteve a promessa de uma entrevista, de uma larga noite de reconciliação, em que os mutuos aggravos fossem resgatados com beijos.

Era essa a noite combinada.

A ceia devia ser o intraito d'esse paraizo de delicias.

—E agora? — disse Affonso Madeira, vendo tudo prejudicado pelos dois intrusos.

—Frades de Alcobaça nunca incommodam a uma mesa — respondeu o bispo.

«O que fazem é comer, mas como ha muito, terão bem com que se fartar.»

«Dirão a sua chalaça, beberão á farta e a certa altura adormecem ahi mesmo, por forma a não incommodar ninguem.»

Ainda assim julgou que, despeitados, nada quizessem acceitar.

Convidou-os.

O abbade acceitou promptamente:

—Cá estamos para os officios funebres, e para a correlativa mortificação da carne.

—Para officios e jejuns já basta — respondeu o bispo antegosando a festa.

«Agora vamos celebrar a visita do nosso corregedor e dos meus bons amigos.»

Lourenço Gonçalves conseguira apurar a verdade de todas as queixas.

Enviára a D. Pedro informações diarias.

O abbade por sua parte mandára-lhe egualmente dizer o que constava da corrupção dos conventos, e acabára de expedir um correio com a informação do que se passára com as freiras.

O rei, impaciente, á primeira confirmação do abusivo procedimento dos juizes partira para o Porto.

Ia approximando-se cautelosamente, mantendo um rigoroso incognito para não dar alarme.

Pelo caminho recebia os despachos, que mais lhe faziam ver a urgencia de intervir.

Começou o banquete.

Affonso Madeira entretinha agora a pretendida sobrinha do bispo, de

não o respeitava

quem era de receiar qualquer insulto á mesa, pois em outras occasiões, mesmo vendo o de pontifical não o respeitava.

O bispo ficára ao lado de Catharina Tosse, a quem dirigia amabilidades.

O abbade, depois de aquecer se com algumas taças de velho Porto, perguntou ao bispo:

—Vós que sois um luminar da egreja, que como poucos sabeis a sagrada theologia, sois capaz de me dizer se o demonio pode por pirraça fazer gerar um filho a uma mulher?

Riram Catharina e a amante do bispo.

Mas este não gostou da allusão, cujo alcance percebeu perfeitamente.

Em todo o caso, forçado a reponder, declarou em tom dogmatico:

—Infelizmente assim succedeu.

—Fala serio?—perguntou Catharina Tosse interessada.

Rejubilou o bispo ao vel-a dirigir-se-lhe finalmente.

E agradeceu intimamente ao monge a ideia que lhe facultára a maneira de falar com a picante hespanhola.

—Eu lhe explico, minha senhora, como o caso se passou.

E alto, para o abbade.

—Basta uma herva a mandragora, para produzir o mesmo effeito na donzella que junto d'ella se deixa adormecer.

—Tudo isso é muito extraordinario —disse a mulher do corregedor.

—Os effeitos da herva, ou por outra os de adormecer ao ar livre—commentou maliciosamente Affonso Madeira—conhecia eu.

«Mas essa interuenção do diabo!»

Teve um sorriso de descrença.

«E' claro que no convento foi obra de algum visitador.»

O bispo estremeceu.

As allusões eram cada vez mais graves.

Mas foi proseguindo a ceia, regada de fortes libações.

Como o bispo, entretido com a mulher por quem se apaixonára, não lhe dava resposta, o abbade, cada vez mais audacioso, pediu a Affonso Madeira a sua opinião sobre o caso.

O trovador deu a em termos livres, repellindo o diabo e a herva, e impondo toda a responsabilidade ao visitador a que se alludia vagamente.

Arrastado pelo vinho, entrou no periodo de gabar-se dos seus triumphos de galã.

«Ali onde o viam, não havia mulher que lhe escapasse!»

«As mais formosas damas que tem havido na côrte.. »

—As mais formosas?—perguntou o abbade cada vez mais provocador.

—Pois as mais feias ficavam para os outros...

—E' que na côrte houve uma, mais formosa do que todas, contra quem se levantavam boccas immundas!

E voltava-se para o bispo, o olhar incendiado, dando murros na meza.

O chronista, receiando escandalo, puchava-lhe pelo habito:

—Prudencia, D. Abbade, prudencia!

—Qual prudencia! Qual diabo!

«Hoje ha-de ouvil-as todas!»

E voltava a repizar:

—Uma havia mais bella do que todas, que immundos sapos fizeram matar!

Affonso Madeira, tambem muito ebrio, retorquiu n'um desforço:

—Essa tambem era mulher, e as mulheres são todas o mesmo!

—Que quer dizer?

—Que tambem amei essa.

—Ignez de Castro?

—Sim, homem, que duvida!

—A rainha?—bradou o abbade erguendo-se apopletico, cambaleante.

—Rainha é modo de dizer—retorquiu o bispo, pondo-se de pé para pôr termo á ceia que ia tornando-se perigosa.

«A barregã do infante, que de barregã nunca passou.»

—Ah! biltres!—rugiu o abbade, pegando n'um pichel e atirando o contra o bispo.

Mas o movimento desiquilibrou-o, e rolou para debaixo da meza, onde Lonrenço Gonçalves já renovava.

O bispo, Affonso Madeira, e as duas mulheres fugiram a rir, emquanto o chronista fazia esforços para erguer o seu chefe, que cahira n'um pesado somno.

Pela noite adiante houve gritos de soccorro.

Catharina Tosse ao despertar percebera que o bispo tomára o logar do trovador.

Na furia de ter sido tão torpemente illudida contou a cilada no maior desespero a todos que accudiram.

«Fôra uma traição de Affonso Madeira, a quem esperava.»

«O bispo fizera-se passar por elle.»

O prelado fugiu acobardado, em habitos menores.

Lourenço Gonçalves e os dois frades ressonavam alto sob a mesa do banquete.

Mas no largo em frente ao paço tumultuava a multidão em gritos de protesto.

E' que D. Pedro chegára finalmente ao Porto.

percebera que o bispo tomará o logar do trovador

CAPITULO LXI

O rei no Porto

INVOCANDO o povo em altos brados, o procurador da cidade, que revelára ao rei as infamias do bispo, vinha adiante d'elle, gritando «Real real por por D. Pedro rei de Portugal.»

Responderam-lhe em brados de «Alcacer por el-rei.»

Do concelho de Gaia vinha muita gente armada, os cidadãos preparados para se baterem com os homens de armas do bispo.

De todas as ruas accudia mais povo.

Os opprimidos respiravam de satisfação.

«Era o rei justiceiro!»

«Iam emfim terminar o seu longo sacrifiio.»

D. Pedro avançava a pé, desacompanhado de apparato.

Em vez de espada trazia á cinta o açoite.

Aos que lh'o estranhavam respondia seccamente:

«Não vinha combater, mas punir.»

A entrada de um rei no Porto era um extraordinario successo.

N'essa occasião, quando o bispo era um despota, e o rei tinha a paixão da justiça, era um protector que entrava no burgo.

Por isso entre as acclamações distinguiam-se vivas ao rei justo, e morras ao bispo cuja tyrania se tornára odiosa.

O rei olhou em torno demoradamente a ver se distinguia alguns dos que enviára a tomar informações.

As ultimas noticias haviam-o decidido.

Recebera, já em Gaia, a carta do abbade de Alcobaça, relativa ao estado em que encontrara as freiras.

«Elle promettia fazer um escandalo que levasse o papa a chamal-o a Roma para o castigar.»

«Era portanto occasião de intervir.»

Pelas ruas tinham-lhe contado o pouco que transpirára.

Assim soubera que o abbade aggredira o bispo, que houvera gritos de soccorro, e que a questão começára por causa da visita dos frades ao convento das freiras.

Admirava-se de não encontrar os seus delegados, para lhe fornecerem novas indicações.

«Não os avisára porém, não podiam calcular o dia da sua chegada.»

«Como estavam hospedados no paço era ali que os devia encontrar.»

O povo esperava já uma grande violencia, por saber como o rei tratava severamente o clero, não lhe respeitando o fôro especial com que costumava ficar impune. (1)

D. Pedro subiu pausadamente as escadas depois de pedir aos populares que ficassem em baixo.

Apenas entraram com elle o procurador e seis peões do concelho de Gaia, homens inquebrantaveis e decididos.

— Onde está o bispo? — perguntou a um famulo.

— No seu aposento esperando os conegos para se dirigir á Sé.

— E o D. Abbade de Alcobaça, e o corregedor?

---

(1) «Era ainda el-rei Dom Pedro muito cioso, assim de mulheres de sua casa, como de seus officiaes e das outras pessoas do povo; e fazia grandes justiças em quaesquer que dormiam com mulheres casadas, e isso mesmo com freiras.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. VIII.

«*Como el-rei quizera metter um bispo a tormento porque dormia com uma mulher casada.*

Não sómente usava el-rei de justiça contra aquelles que razão tinha, assim como leigos e semelhantes pessoas, mas assim ardia o coração d'elle de fazer justiça dos maus, que não queriam guardar sua jurisdição, aos clerigos tambem, de ordens pequenas, como de maiores. E se lhe pediam que o mandasse entreger a seu vigario, dizia que o puzessem na forca e que assim o entregassem a Jesus Christo, que era seu Vigario que fizesse d'elle direito no outro mundo. E elle por seu corpo os queria punir e atormentar, assim como quizera fazer a um bispo do Porto, na maneira que vos contaremos»

Idem, cap. VII.

O famulo apontou a casa de jantar.

D. Pedro seguiu o caminho indicado.

Na desordem dos moveis e das louças percebia-se que houvera lucta.

Estavam tres corpos estendidos.

— Mortos! — exclamou alarmado.

Baixou-se a reconhecel os.

Eram Lourenço Gonçalves e os dois frades.

Os que o seguiam foram apalpal-os.

— Não vos incommodeis, senhor, estão dormindo — informou o procurador.

— Dormindo, assim, em tal logar?

«Tel-os-iam envenenado ao desconfiar da sua missão?»

Mas o popular avançou, receioso:

— Desculpae, senhor, mas elles parecem estar muito embriagados.

Ficou indignado.

«O que se passára?»

Conhecia porém o essencial para castigar o prelado corrupto.

«Demorar-se ali era dar tempo a que tomasse precauções.»

— Acorda-os com baldes de agua — ordenou a um dos homens.

Dirigiu se resolutamente ao quarto do bispo.

Abriu sem bater, e fez um signal á escolta:

As pessoas presentes foram expulsas.

N'um momento os empregados do principe da egreja ficaram todos sob prisão para serem interrogados depois.

O rei fechou se por dentro com elle.

— Julgavas que era só insultar Ignez, chamar-lhe barregã, polluir terpemente a sua honrada memoria?

— Senhor, perdoae — supplicou receiando-se da colera em que o via.

«Foi a intrigas de velhos inimigos meus que déste ouvidos.»

— Escusas negar.

«Sei tudo!»

— São calumnias dos frades de Alcobaça que querem disputar-me os bens dos meus subditos.

— E o que tu fizeste contra mim no tempo de meu pae?

«Tambem foi inventado por elles?»

«Julgas que me esqueci?»

N'um accesso de furia correu para elle.

— Já não és bispo, não quero que o sejas.

«Nomeei-te successor.»

«Roma dentro em pouco te pedirá contas pela tua vida immoral.»

«Vae começar o castigo de todos os que tramaram a morte de Ignez de Castro.»

«Os que fugiram para Castella não tardarão aqui, para que eu possa offerecer a sua pavorosa agonia á desgraçada que victimaram.»

«Hoje chegou a tua vez.»

«Não te mato, descança.»

«Quero que arrastes toda a vida a humilação d'estes açoites nas tuas carnes de principe da egreja!»

Arrancou-lhe a mitra da cabeça, tirou-lhe as vestes, despojou-o do annel e atirou com tudo para um canto, tremendo de furôr.

— Agora ajoelha, para te punir!

Obrigou-o a prostar-se á força, tomando-o pelo pescoço, empnhando o açoite n'um exforço herculeo para o chicotear.

empunhando o açoute

CAPITULO LXXII

Em fuga

SABIDO o usual procedimento de D. Pedro, os empregados do bispo, e os seus amigos que poderam sair, correram a pedir auxilio aos intimos do rei.

Era preciso salvar o prelado de um grave escandalo de que nunca mais se poderia reabilitar.

Ao escrivão da puridade, embora amigo de D. Pedro, desagradavam essas violencias.

Demais receava as complicações que o papa podia crear.

A legitimação dos filhos de Ignez de Castro era um dos assumptos em que elle podia desforrar-se de qualquer aggravo ao bispo.

Prestou-se a intervir.

Dirigiu-se ao paço.

Apesar das severas ordens em contrario, o procurador do povo, que o conhecia das côrtes e sabia quanto era dedicado ao rei, não teve duvida em o deixar entrar.

Ao chegar á porta do quarto onde echoava irritada a voz de D. Pedro, bateu invocando um serviço urgente.

Respondeu o rei que não se interrompia por motivo nenhum.

Então Gonçalo Vasques lembrou se de empregar um expediente a que elle não podia resistir:

— Senhor são cartas de Castella, do senhor Nuno Freire, por causa da entrega dos assassinos.

D. Pedro suspendeu-se e correu á porta.

«Deviam ser relativas á morte de Ignez!»

Appareceu radiante, pedindo-os.

—Não as trouxe, senhor.

«Ficou em Gaia o correio com ellas, por que só em mão propria as quer entregar, e não sabia para onde vinheis.»

—E' um estratagema para me arrancar d'aqui!—bradou exaltado.

«Mas não o salvarás da minha justiça.»

Abriu as portas, mandou entrar toda a gente.

—Vinde assistir ao castigo do miseravel!

Correu muita gente ao seu chamamento.

Então D. Pedro, ante o povo, assumiu toda a grandeza da missão que se impuzera.

—Vêde o corrupto—e apontava-o á turba revoltada.

«Explorador da ignorancia, mercante da superstição, inventou um Deus de que vivia á custa, burlando o povo com falsidades de milagres.»

«Falava de virtude, o monstro, e era peior do que um sultão.»

«Prégava a pureza, a castidade, e transformava em lupamaras os conventos de freiras.»

«Dizia ter por lei a caridade e banqueteava-se explendidamente em quanto o povo rebentava de trabalho para o sustentar.»

«Prégava o bem e fazia o mal, dominando pelo terror, governando pela violencia, enchendo os fossos de cadaveres e as masmorras do castello de pobres prisioneiros, pelo crime de terem mulheres que lhe agradavam!»

Do povo erguia-se um murmurio de approvação.

—A titulo de servir um Deus vivia na crapula, e mantinha na indolencia a coharte de effeminados intrigantes que o acolytavam e o applaudiam!

«Dizia prégar a doutrina de um misero pescador da Galiléa, e para isso vestia de brocado, punha mitras cravejadas de pedrarias!»

«Vêde que torpe mystificacão!»

Voltou-se para os circumstantes:

—Eis o que fiz a esse monstro.

«Ficae sabendo como procede o vosso rei.»

«Agora entrego-o ao braço popular!»

Ergueram se da turba mãos armadas de punhaes.

O escrivão da puridade interveiu:

—Senhor, mandae sair esta gente que tenho negocios urgentes a communicar-vos.

—Ainda queres arrancar-m'o?

—Fazendo-o sou justo—retorquiu elle.
A um signal os bésteiros começaram a despejar a sala.
—Não julgueis mal da minha intervenção.
«E' mais uma prova de dedicação pelo real serviço.»
«Podeis ter questões com o papa pela forma como procedeis.»
E o povo já vos chama algoz, porque como o carrasco justiçaes.
D. Pedro estremeceu:
—O povo insulta-me?
«O povo a quem eu quero tanto paga-me por essa forma?»
—E' que vos falta serenidade!
«A precipitação, a ancia com que procedeis tira aos vossos castigos a grandeza que a justiça deve ter.»
E como o rei quizesse protestar:
—Sei as razões que tendes contra elle.
«Mas deixae-o.»
«Já o humilhaste bastante.»
«Agora limitae-vos a substituil-o.»
Valendo-se da interrupção protectora, o bispo foi saindo, de olhos no chão, por uma porta interior, para escapar ás furias da populaça.
«Chamam-me algoz!—repetia o rei incommodado.»
«Elles é que foram crueis algozes que me arrancaram o coração!»
Gonçalo Vasques esforçava-se por pôr termo ao incidente.
—Senhor, mandae soltar a pobre gente que ficou presa á vossa ordem.
—Quero ouvil-os. Preciso saber o que se passou.
«Manda entrar.»
Aniquilado o bispo, os creados que até ali se rojavam interesseiros porante todos os seus desmandos, accusavam-o agora furiosamente, para afastarem qualquer responsabilidade, para agradarem ao poder nascente e ficarem servindo o novo prelado.
Contaram, exagerando a scena violenta da ceia, as referencias de Affonso Madeira e do bispo a Ignez de Cartro, e a attitude do frade que protestára.
E bordaram de commentarios picantes a surpreza de Catharina Tosse, crendo ter ao seu lado o trovador, e vendo em vez d'elle o lubrico prelado.
D. Pedro arrependia-se já de ter concluido a punição do bispo, de não lhe haver retalhado as carnes, pondo-o em sangue aos vigorosos golpes do rijo açoite.
O simples enxovalho não o satisfazia.
N'isto entrou radiante o abbade, já no seu estado normal, após o somno reparador e o valente banho que lhe fôra applicado.
Já sabia tudo.
Foi beijar a mão ao rei, louco de alegria.
—Ensinei-o, ensinei-o!

E a desculpar-se:

—Se não fosse o narcotico que o maldito me deitou no vinho, tinha-o estrangulado!

D. Pedro abraçou-o commovido:

—E's um amigo leal.

O corregedor entrou cambaleante, moido, desolado.

—Senhor, deshonraram-me, fazei justiça!

—Terás uma grande desforra!—respondeu o rei com decisão.

O bispo saiu da presença do rei cabisbaixo, humilhado.

Entrou no quarto de um famulo, vestiu os trajos d'elle metteu pela cabaça um capuz, e descendo por uma pequena escada misturou-se em breá multidão.

Saba como era odiado.

«Só assim disfarçado escaparia a uma desfeita.»

Ao perder de vista o paço onde governára como, fez uma jura contra D. Pedro.

—Has-de pagar-me rei de Portugal! Has-de pagar-me!

CAPITULO LXIII

A desforra

APEZAR do disfarce, o bispo estremecia ao ouvir os gritos da turba que o detestava.

«Se pelo menor descuido o reconhecessem era um homem morto!»

Ouvia acerbos commentarios aos seus actos, gritos de alegria saudando a sua perdição.

N'um ponto afastado, onde ainda não chegára o echo das desordens, encontrou um dos cobradores dos seus tributos.

— Trazes dinheiro? — perguntou anciosamente.

— Pois sois vós, n'este trajo? — respondeu receioso o agente.

— Sim. Disfarcei-me para te vigiar a ti e aos outros.

— Senhor tenho feito o que devo.

— Então dá cá o que ahi tem.

Recebeu uma pesada bolsa de ouro, e metteu-a no cinto.

Pediu lhe a adaga que trazia, a titulo de lhe ter esquecido a sua, e poder ser atacado.

E receando que ao voltar para o burgo contasse como o vira ordenou-lhe que fosse a uma aldeia distante cobrar os tributos.

E ameaçou-o com terriveis castigos se não partisse depressa.

Viu-o partir, afastar-se, e continuou mais descançado o seu camiminho.

«Ja levava para a viagem.»

Mas nem por isso socegára.

Dominava-o um grande rancôr.

Como que sentia arderem-lhe nas costas as feridas do açoite que D. Pedro costumava brandir com furôr.

Remmorava toda a scena, a grande humilação a que estivera exposto, os dias incommodas que antes d'isso lhe preparára o rei. (1)

Agora comprehendia a razão das provocações do abbade e das funcções do corregedor.

D. Pedro mandára-o espionar, e quizera apurar accusações com que se justificasse perante o pontifice.

Chegava a julgar-se inteiramente perdido, de tanto o podiam accusar.

Mas resolvia reagir, n'um impeto de energia.

«Havia de defender se, havia de salvar-se !»

Tinha principalmente o desejo, de uma immensa desforra, ao fim da qual podesse entrar no Porto, a fronte erguida, sob o paleo, recebido ao som de cantos e de musicas, entre nuvens de incenso.

«Mas que caminho havia de seguir ?»

«Mas como poderia desafrontar-se ?»

«Dispozera de um poder immenso, e agora estava sem nada.»

---

(1) «El rei, como foi áparte com o bispo, desvestiu-se logo e ficou em uma saia de escarlata, e por sua mão tirou ao bispo todas as suas vestiduras, e começou de o requerer que lhe confessasse a verdade d'aquelle maleficio em que assim era culpado: e em lhe dizendo isto, tinha na mão um grande açoute para o brandir com elle.

Os criados do bispo, quando no começo viram que os deitavam fóra ; e isso mesmo os outros todos, e que nenhum não ousava lá de ir pelo que sabiam que o bispo fazia, dês ahi juntando a isto a condição de el rei e a maneira que em taes feitos tinha, logo suspeitaram que el-rei lhe queria jogar de algum mau jogo, e foram-se á pressa ao conde velho... e a outros privados de seu conselho, que accorressem asinha ao bispo.

E logo tostemente vieram a el-rei, e não ousaram de entrar na camara, por a defeza que el-rei tinha posta, se não fôra Gonçalo Vasques de Goes, seu escrivão da puridade, que disse que queria entrar por lhe mostrar cartas que sobrevieram de el-rei de Castella a gram pressa. E por tal azo e fingimento houveram entrada dentro da camara, e chamaram el-rei com o bispo em rasões da guisa que havemos dito, e não lh'o podiam já tirar das mãos. E começaram de dizer que fosse sua mercê de não pôr mão n'elle, cá por tal feito, não lhe guardando sua jurisdição, haveria o papa sanha d'e le; demais, que o seu povo lhe chamava algoz, que por seu corpo justiçava os homens, o que não convinha a elle de fazer, por muito malfeitores que fossem.

om estas e outras rasões, arrefeceu el-rei de sua mui brava sanha, e o bispo se partiu de ante elle, com semblante triste e turvado coração.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. VIII.

«Tinham-lhe obedecido dezenas de homens de armas, peões e cavalleiros, e agora via-se forçado a andar a pé!»

Receiava ser perseguido pela gente do rei.

Lembrava se bem das suas ameaças.

«Queria vingar-se dos que tinham sido contra Ignez.»

«Começára por elle e dispunha-se a obter de Castella os outros para os suppliciar»

«Mas como havia de poder desforrar-se, ainda em risco de se não pôr a salvo?»

«Que havia de fazer?»

«E se começasse por arrancar-lhe as victimas.»

Lembrava-se bem das palavras com que o escrivão de puridade conseguira entrar no aposento onde o rei o queria chicotear.

Passava-lhe no cerebro um raio de luz:

«...cartas de Castella... de Nuno Freire... por causa da entrega dos assassinos...»

E pelo caminho commentava as indicações.

«As palavras de vingança com que o rei o ameaçára tinham fundamento.»

«Esperava obter a entrega dos refugiados por causa da morte de Ignez.»

«Havia negociações pendentes em Castella.»

«Interessavam-o a ponto de se ter suspendido em meio de um terrivel accesso de colera.»

«As phrases do escrivão de puridade indicavam ainda quem tratava das negociações.»

«Era Nuno Freire d'Andrade, o velho inimigo de Diogo Lopes Pacheco, que chegára a ferir em duello!»

Então formulou o plano de vingança.

Tencionava dirigir-se a Roma para se queixar do sacrilegio praticado pelo rei.

Pelo caminho procuraria Diogo Lopes e pôl-o-ia ao corrente de tudo.

Avisados que D. Pedro os queria obter fugiram para Aragão ou para França, onde ficariam a salvo.

De accordo com Diogo Lopes Pacheco iniciaria a execução do plano de que isso constituia a primeira phase.

O ministro de Affonso IV, que fôra a Roma com o pae, o velho Lopo Fernandes Pacheco, acompanhal-o ia e juntaria as suas ás queixas d'elle.

Ao mesmo tempo os seus amigos de Portugal, os de Pacheco e de Coelho, ricos e poderosos, promoveriam representações ao papa que secundas sem os seus exforços.

Feridos pelas crescentes regalias concedidas pelo rei aos populares,

tornar-se-iam decerto solidarios os nobres e o clero, por forma a imporem-se ao pontifico.

O bispo tencionava expôr todos os agggravos que o rei praticára contra a egreja.

Era o direito do asylo desrespeitado, os templos abertos á força, a authoridade dos santos logares menos cabada.

Eram os padres e os frades sujeitos á lei commum, castigados severamente quando prevaricavam, punidos de morte, como os outros, quando incorriam em crime a que essa pena correspondesse.

E aqui o bispo preparava-se para fazer uma carga especial.

O rei não se limitava a transgredir os usos, a despedaçar os velhos fóros.

Se lhe falavam de enviar os padres ao seu vigario respondia que os dependurassem n'uma forca, e que assim os entregassem a Christo que era o seu vigario, para que os julgasse no outro mundo.

Para exemplo de como as proprias regalias pontificaes eram cerceadas, o bispo insistiria na ordem de D. Pedro para que nenhuma bulla fosse publicada sem a sua sancção.

Assim contava obter uma solemne excomunhão que lançaria ao rei e a todo o reino se não fôsse posto no seu logar e condignamente desaffrontado.

No caso de D. Pedro persistir teimosamente em querer punil-o, proclamaria a terrivel sentença, declarando-o fóra do gremio da egreja, e os que o seguissem.

Então Diogo Lopes Pacheco, Pero Coelho, Alvaro Gonçalves, todos os que o rei tinha aggravado, lançar-se-iam na lucta até o destronar.

CAPITULO LXIV

Inutil!

PRIMEIRO que procedesse contra Affonso Madeira, o rei quiz averiguar até que ponto eram verdadeiras as informações.

Ouviu Lourenço Gonçalves.

O corregedor estava inconsolavel.

— Valha-me Deus! Valha-me Deus — dizia muito afflicto.

«Se não tivesse procedido a respeito do bispo como procedi, lá se iam os meus creditos de profissional.»

«Como podereis cofiar na minha astucia para descobrir os criminosos, se me deixei tão tristemente illudir por aquelle villão!»

«E a confiança que eu depositava n'elle!»

«Toda a amizade que me dedicava era uma longa perfidia!»

— Então tua mulher atraiçoou-te — perguntou o rei, para graduar a penalidade.

— Minha mulher? A minha Catharina?

«Isso não! Estaes em erro! — protestou indignado Lourenço Gonçalves.»

«O miseravel bem apertou com ella, bem a rodeiou de seducções,

mas ella resistiu bravamente, defendendo com a maior constancia a minha honra e a sua.

— Quem t'o disse?

— Ella propria.

— Estás convencido d'isso?

— Como o poderia duvidar sabendo como ella me estima, como sempre se me dedicou?

— E como explicas a presença do bispo no seu quarto?—insistiu ainda o rei.

— Uma nova traição d'esse infame trovador.

— Mas informaram-me de que ella bradára que julgava ser Affonso Madeira.

— Assim é, mas tudo está esclarecido.

«Era o escudeiro que a rodeiava de assiduidades, que a apertava com pedidos e declarações.»

«Nada mais natural que ao sentir um extranho junto de si, julgasse que esse atrevido se havia introduzido ali.»

— Não extranhas que tua mulher não se tivesse queixado nunca d'elle?

— Conhecia o meu genio violento, receiava que eu me desgraçasse.

«Se tivesse sabido a tempo a infame traição que me preparava, era capaz de o matar!»

— Duvido.

— Que dizeis, senhor?

— O que sinto.

— Duvido de ti como duvido d'ella.

— Da minha Catharina?

«Oh! meu rei, oh meu senhor!»

— Hão de ser ambos exemplarmente castigados—declarou D. Pedro erguendo-se irritado.

«Bem sabes que costumo proceder assim.»

«Devo-te além d'isso uma excepcional desafronta.»

Lourenço Gonçalves deitou-se de joelhos.

— Senhor, se os meus largos serviços, se a minha nunca desmentida lealdade merece alguma recompensa, deixae viver minha mulher, não a queimeis como tendes feito a outros.

O rei ficou indeciso.

O corregedor chorava.

— Diz-me a verdade — pediu D. Pedro.

«Procedes apenas por compaixão, ou estás convencido da sua innocencia?»

— Creio n'ella como na luz que me allumia.

— Bem — respondeu o rei — E's digno d'ella.

«Restituo-t'a.»

«Mas para gozares todas as delicias da tua ventura deixarás de exercer o logar no paço, para que ninguem se ria de ti.»

«Estas satisfeito?»

— Beijo-vos as mãos!

— Então vae, e manda entrar o abbade de Alcobaça.

Lourenço Gonçalves saiu radiante.

O gordo monge veiu substituil o junto do rei.

— Uma palavra só — expoz D. Pedro:

«É certo que Affonso Madeira se referiu a Ignez?»

O frade ia a fallar.

— Evita detalhes que me irrtiem.

«Precisa só o facto grave da referencia.»

— Senhor, disse que não lhe escapára nenhuma das mais formosas mulheres da côrte.

«Incluiu no numero D. Ignez de Caatro.»

«E contra os meus protestos insistiu, rindo e chalaceando, apoiado pelo bispo.»

— Estou satisfeito — declarou D. Pedro.»

«A gora que m'o tragam.»

O trovador appareceu tremendo.

— E' certo qne te referiste com menos respeito a Ignez de Castro?

— Não meu senhor.

«Eu nada quiz dizer.»

«E se alguma coisa sahiu da minha bôcca foi o maldito vinho que falou em mim.»

— Ella então não foi tua amante? — perguntou n'uma terrivel serenidade, peior do que os accessos de colera.

As testemunhas do interrogatorio estavam esmagadas, prevendo o sangrento desenlace.

— Bem sabeis que não — respondeu o escudeiro.

— E o medo da morte que te obriga a falar assim?

— Medo, de que? Pois se tivesse sido minha que importava agora morrer por ella?

«Como me havia rir da vossa colera, do vosso ciume!»

E caindo em si:

— Perdoae-me, senhor.

— Lembrae vos que sempre fui a vosso favor—suplicava atterrado Affonso Madeira.

«Recordae com que prodigios de habilidade vos servi sempre e a D. Ignez de Castro!»

— Mas porque não a respeitas'e?

«Para que foi a tua baba immunda macula-la?»

«Só por si as tuas corrupções mereciam a morte!»

«Não o farei porém.»

«Quero que vivas, para que arrastes, como um exemplo, a tna terrivel expiação.»

«A vida será para ti o maior castigo!»

E como a justificar-se:

— Todo o amor que lhe tive se transformou n'um odio immenso aos que a mataram, aos que a tem infamado!

«Julgavam que eu a tinha esquecido?»

«E attreviam-se boccas immundas, o bispo, este devasso, a macular a sua pureza!»

«Mas já soou a hora da vingança, e ai dos que foram contra ella, dos que não respeitaram a sua memoria!»

«Ao supplicio! — ordenou á gente que o rodeiava.»

Deitaram se ao trovador os homens do procurador do povo, e começaram a amarral-o para que o carrasco executasse a terrivel sentença do rei. (1)

(1) «... mandou-o tomar dentro em sua camara, e mandou-lhe cortar aquelles membros que os homens em mór preço tem: de guisa que não ficou carne até aos ossos, que não fosse cortado. E pensaram Affonso Madeira, e curou-se, e engrossou em pernas e corpo, e viveu alguns annos engelhado do rosto e sem barbas, e morreu depois de sua morte natural.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro I*, cap. VIII.

CAPITULO LXV

A troca

A ancia da sonhada desforra, o bispo montando fogosos cavallos, alugados com o dinheiro que lhe dera o seu empregado, chegou á villa de Castella onde se encontravam os refugiados.

Apeiou se n'uma estalagem á entrada da povoação.

Depois de refazer-se da fadiga perguntou onde residia Diogo Lopes Pacheco.

O estalajadeiro indicou lhe um mendigo coxo que o guiaria até lá.

—Conheceil-o?—perguntou o bispo.

—Se o conheço!

«E' um generoso cavalleiro que muitas esmolinhas me tem dado.»

—Deves ser-lhe dedicado.

—Tudo farei por elle.

—Então acompanha-me, que não te hasde arrepender.

E o bispo appressava-se com receio de chegar tarde.

Nuno Freire de Andrade, no empenho de satisfazer o maior desejo do rei, de ver restituida a tranquilidade ao reino inquieto, e a desejada liberdade ao filho, esforçou-se por levar a bom termo as negociações.

Admittido á presença de Pedro Cruel, depois das saudações da etiqueta, declarou que el-rei de Portugal lhe participava a existencia no seu reino de quatro inimigos seus que haviam fugido de Castella.

Bem o sabia o rei.

Mas teve curiosidade de conhecer o motivo de tal communicação.

D. Nuno disse então que o seu soberano mandava perguntar o que devia fazer d'elles.

Pedro Cruel tinha ancia de os matar.

Queria firmar o throno sobre um montão de cadaveres.

Julgava que só o manteria o immenso terror das punições para os que fossem infieis.

Debalde os inglezes, seus auxiliares, o tinham querido arrancar a essa insaciavel sêde de sangue.

Insistia nos seus antigos processos de supprimir os obstaculos, fazendo desapparecer para sempre os causadores.

Muitos partidarios de seu irmão tinham pago com a vida.

Mas aquelles, dos principaes, estavam a salvo.

Isso incommodava-o.

Podiam reunir-se ao bastardo, tornando a prejudical-o.

A' pergunta de Nuno Freire só tinha a dar uma resposta: reclamal-os.

Lembrava-se porém como havia deixado de satisfazer as reclamações do rei portuguez acerca dos assassinos refugiados no seu paiz.

Não duvidou porém avançar a proposta.

D. Nuno tinha feito calorosas affirmações de amizade por parte do seu senhor.

Baseando-se n'ellas, Pedro Cruel declarou:

– Se os votos de amizade de el-rei meu tio representam alguma coisa mais que simples cortezia...

—Senhor, só deseja servir-vos, são as suas palavras — disse o embaixador.

—Pois agora prestae-me um altissimo serviço.

—Dizei que pretendeis.

—A entrega d'esses homens que pegaram em armas contra o seu rei legitimo, que se lançaram na rebelião contra mim.

—O meu rei tinha previsto essa hypothese.

«E se realmente essa entrega é de molde a crerdes na sincera amizade.. »

—E' a maior prova de estima que me pode dar.

—Então podeis contar com elles.

«Estão desde hoje ao vosso dispor.»

—Até que emfim!—disse Pedro Cruel n'um grande rancôr.

—El-rei de Portugal só desaja que avalieis bem a sua boa vontade.

«Para vos ser agradavel vae contra a segurança em que estavam esses homens em seu reino.»

disse o embaixador

«Chega a quebrar o direito de asylo, um velho direito que foi sempre a maior honra dos monarchas.»

O rei de Castella tornou a agradecer.

Mas no seu delirio de sague, pensando já em vel-os suppliciados, em expôr as suas cabeças decepadas ás portas do castello, para exemplo, não se lembrou da natural reclamação que Nuno Freire devia apresentar.

Foi elle que insistiu, declarando:

—El rei D. Pedro encarregou-me de manifestar o seu desejo de que lhe entregueis tambem os criminosos do seu reino que aqui estão.

Pedro Cruel estremeceu.

Tinha garantido a Pero Coelho e a Diogo Lopes que jámais os entregaria.

Esses homens eram quasi seus cumplices.

E o rei de Portugal, que tão mal o tratára na sua passagem, ao perder o reino, não lhe merecia que faltasse a taes compromissos.

Illudido pela alegria de poder assassinar mais quatro adversarios, suppunha tel-os já n'uma prisão á sua ordem.

Concedida a sua entrega pelo rei de Portugal, julgava não ter já que a negociar.

Mas Nuno Freire fez-lhe sentir que não era de uma fineza desinteressada, mas de uma troca que se tratava.

—Permitta vossa alteza que lhe forneça um alvitre suggerido por el-rei meu senhor.

«Para que os refugiados aqui e em Portugal não tomem precauções, não queiram fugir, era conveniente que fossem capturados rapidamente, no mesmo dia, sendo possivel, para que a captura de uns não servisse de aviso aos outros.»

O rei de Castella ficou indeciso.

«Devia revelar os seus escrupulos?»

«Não prejudicaria tudo se declarasse não acceder?»

Em vez de dar uma resposta clara, respondeu com evasivas, para illudir mais uma vez o rei de Portugal.

D. Nuno, comprehendendo-o, insistiu pela resposta.

—Qne dizeis a isto?

—Não creio que seja necessaria essa combinação, que demais a mais levaria muito tempo a assentar.

«Castella é muito grande, não se foge d'aqui facilmente,»

«Não é o mesmo a vossa terra, de onde é muito facil alcançar o mar.»

—Então que decidis.

—El-rei meu tio que me envie os culpados, e eu mandarei entregar-lhe os seus naturaes.

—Em nome do meu senhor agradeço-vos tão alta prova de estima.

«Trago porém instrucções formaes.»

«E, como sabeis, a proceder conforme a ellas se limita o papel de um embaixador.»

«El-rei de Portugal considera a condição essencial d'essa combinação a sua solução immediata, e a simultaneidade da sua execução.»

«Toda a honrada gente de Portugal deseja, como elle a punição dos miseraveis que assassinaram D. Ignez.»

«E' para essa vingança que vive ainda o meu querido rei, alanceado pelas maiores torturas.»

«Para que se realise esse acto de justiça não duvida sacrificar os fidalgos castelhanos acolhidos á sua protecção.»

«Mas se o fizesse, sem obter os matadores de D. Ignez, sem dar, a troco d'esse sangue, o justo desaggravo á memoria de sua querida morta, o reino em peso o condemnaria.»

«Eis a razão porque se empenha em que não fujam os culpados, que terão de expiar a sua malvadez.»

Pedro Cruel comprehendeu tudo.

Era forçado a ceder.

— Então quando entendeis que devo mandar prender os que cá estão?

— Acho que deve ser já.

— Já?

E via com despeito que lhe não deixavam margem para dilações.

— Pois seja — respondeu.

— Hoje mesmo poderieis ordenar essa diligencia.

— Fal-o-hei!

— Peço-vos que encarregueis d'essa missão gente da maior confiança.

— Ficae descançado.

— E se permittisseis que eu, embora com o rosto encoberto por uma viseira, para não saberem que um extrangeiro cumpre ordens vossas, fizesse parte da escolta para os indicar, para que não fossem prezos em logar d'elles creados seus, o que daria logar a que desapparecessem?

— Authoriso-vos a isso.

«El-rei de Portugal terá assim a maior prova da minha dedicação.»

— Senhor, beijo-vos as mãos.

CAPITULO LXVI

O pae e o noivo

ANTES de partir, o bispo falára a um frade de toda a sua confiança, intimo amigo de Diogo Lopes Pacheco, e que perdia a explendida situação de que gosava com o desastre succedido ao seu pastor.

Communicou-lhe debaixo de segredo o que projectava, e pediu-lhe que fosse ao convento onde estava Violante avisal-a do risco que corria o pae, para que ella o prevenisse, se tivesse por quem.

«Dependia d'isso a salvação de ambos—explicou-lhe».

«O antigo ministro de Affonso IV era o unico homem para uma regencia, durante a menoridade de D. Fernando, a exemplo de D. João Affonso d'Albuquerque no começo do reinado de Pedro Cruel.»

«O rei podia morrer, ou matarem-o ou fazerem-o depôr por uma bulla, como succedera a Sancho II.»

«Salvando Pacheco tornavam possivel o seu novo predominio.»

Explicou-lhe que fôra D. Nuno Freire o encarregado de o ir buscar a Castella.

Essa escolha mostrava bem, dizia-lhe exaltado, os homens em que D. Pedro confiava.

«Aconselhado por elle, pelo bispo da Guarda e pelo abbade de Alcobaça, a sua perdição era completa.»

«Não duvidava que procurassem mesmo captar a opinião do papa, obrigando-o a pôr-se do seu lado, a justificar os seus crimes, a troco de outras concessões.»

Convencido o frade da importancia que teria para a sua situação a vida e a liberdade de Diogo Lopes Pacheco, correu a procurar Violante, valendo-se das immunidades do habito.

Estava n'um convento da fronteira, rodeiada de uma rigorosa espionagem, afim de que o pae ou Pero Coelho, tentados pela proximidade do seu refugio, procurassem fallar lhe ou quizessem raptal-a, para cairem em poder da gente de D. Pedro.

O frade communicou-lhe o fim da sua visita.

O aviso do bispo aterrou-a.

Ao receio pela sorte do pae juntava-se o temor pela situação em que ficava para com ella o escolhido do seu amôr.

«Pois o rancôr do rei perseguia ainda o homem que lhe dera o ser e o escolhido para a missão odiosa de o trazer ao supplicio era o pae do noivo a que tanto queria?»

«Não podia ser, não havia de ser!»

O frade perguntou-lhe se podia mandar prevenir o pae, de forma a avisal-o mais depressa do que o bispo do Porto que já partira ha dias n'esse proposito.

Ella não mantinha correspondencia regular com elle, falta de portadores, nem sabia o ponto onde se achava então.

O seu empenho foi entender se com Luiz Freire, que talvez com o pae podesse fazer com que o seu ficasse livre.

Fez ver ao frade que era esse o processo mais seguro de conjurar o perigo.

E elle, convencido d'isso, partiu em procura do cavalleiro, que andava de convento em convento em busca d'ella.

Encontrou o, e levou-o comsigo, disfarçado n'um habito egual ao seu.

Transpozeram facilmente a clausura.

E os dois namorados, atravez das grades, abraçaram-se apaixonadamente.

Viam-se pela primeira vez, após uma ausencia de tanto tempo,

Passava-lhe pela memoria o encadeiamento de aventuras que os tinham reunido, e separado depois.

Revivia tudo n'esse momento.

Ao apertarem as mãos parece que se reuniam de novo.

No silencio dos primeiros instantes evocaram a sua encantadora ligação.

As entrevistas a medo, nos jardins de Lopo Fernando Pacheco, traziam todo o frescôr das flores, da verdura, o doce enlevo d'esse idylio, a mais carinhosa saudade.

Ensobravam os logo as difficuldades com que ia vel-a, disfarçado em monge.

E o passado enegrecia-se á recordação de taes contrariedades.

Sorria depois um novo triumpho.

Arrancara-o á guarda dos seus ferozes perseguidores, trouxera-a livremente a cavallo, crêra libertal-a e ser feliz com ella.

Surgira-se a atróz caçada, o ataque, a prisão, a clausura, e por fim a corajosa intervenção dos seus amigos, pondo-o em liberdade.

Começára então o periodo mais triste, correndo de terra em terra, sem saber d'ella, procurando avidamente um rasto, não descançando sem a tornar a ver.

E assim andára, n'um amargo exilio, temendo tel-a perdido para sempre.

Agora encontravam se emfim!

Mas em vez do prazer de tornarem a encontrar-se era terrivel o sentimento que ella manifestava.

—Estou a ponto de perder os dois entes que me são mais caros—murmurou Violante, por entre soluços.

—O que dizes?—perguntou Luiz Freire, que ignorava tudo, e que ha muito não via D. Nuno.

—A verdade.

«Querem matar meu pae.»

«E o encarregado de fazer trahir a confiança em que está fugido em Castella, de levar Pedro Cruel a entregal-o, de o prender, de o conduzir á morte é teu pae!»

—E' possivel?

—Sim. Mandou-me prevenir um velho amigo nosso, que partiu a vêr se o salvava.

—Que hei-de fazer!—exclamou Luiz desorientado, vendo perdida a mulher por quem tanto luctára.

—Tu bem sabes que se teu pae for a causa da morte do meu, tu ficarás perdido para mim!

«Pude esquecer o duello em que o ia matando, as violentas questões em que se degladiaram.

«Mas agora é um procedimento tão feroz que ninguem me perdoaria se me ligasse ao filho do seu algoz.»

—Violante!—protestou Luiz Freire.

—Vês?—disse ella.

«A questao é o bastante para nos dividir, discutindo apenas hypotheses.»

«Mas falemos do que importa.»

«Mandei chamar-te porque te quero para mim, porque não consinto que te arranquem dos meus braços.»

«Se me amas como eu te amo, se queres que o nosso amor seja possivel, faz por defender o nosso futuro.»

—Mas como?

—Vae a Castella.

—Para fazer o quê?

—Para salvares teu pae, para livrares o meu, para evitares esta grande desgraça.»

—Que poderei conseguir?

«Como o hei de salvar?»

«De que maneira o arrancarei á morte?»

—Isso é comtigo.»

«Mas quero que saibas, a tempo de impedir uma dupla desgraça, que, consumado o sacrificio da vida que me é tão cara, tudo acabou para mim!»

Luiz Freire ficou indeciso.

—Não percas tempo!—bradou ella n'um grito d'alma.

«Uma demora de instantes pode ser a nossa perda.»

E cahiu sem sentidos.

CAPITULO LXVII

Cercados

NO mesmo dia em que o bispo do Porto corria disfarçado a prevenil os, os homens da escolta enviada por Pedro Cruel tinham entrado disseminados, occupando pouco a pouco os arredores da casa onde residiam os tres portuguezes refugiados.

O mendigo indicou a porta e o prelado entrou.

Perguntou por Diogo Lopes.

Mas o seu velho amigo tinha ido para a caça, de manhã.

Pediu para falar a Pero Coelho.

Este reconheceu-o com surpreza:

— Vós aqai? N'este trajo?

Que se passou?

O bispo quiz saber se podia falár sem ser ouvido.

E, tomadas precauções, revelou-lhe o motivo que o trazia.

— Um grave conflicto com D. Pedro obrigou-me a abandonar o Porto.

«Mas ao sair descobri um importante segredo.»

«O rei de Portugal enviou Nuno Freire a Castella para obter de Pedro Cruel a vossa entrega.

— Que dizeis?

— A verdade.

— Pois ainda esse rancôr o agita?

— Elle mesmo, ao ameaçar-me, annunciou uma era de terriveis vinganças, que deviam começar por mim, emquanto esperava obter-vos para vos supplicar

Pero Coelho estremeceu:

— E' capaz de tudo.

E dando logar ao seu despeito:

— Que posso esperar de um homem que trahiu solemnes palavras de perdão, mal o pae acabava de morrer!

— Então é preciso avisar Pacheco e fugirem todos.

— Ha tanto tempo que isto foi, e ainda nos persegue! (1)

— Amanhã pode ser tarde!

O bispo tremia pela perda de Pacheco e dos outros, seguros auxiliares para a sua desforra.

A forma como o rei procedera para com elle dava-lhe ideia da sua pressa e do seu furôr.

— Mas como o ha-de saber Diogo Lopes?— perguntou o bispo, na ancia de o vêr salvo.

— Vae avisal-o um homem de confiança — disse Pero Coelho a quem aterrára a informação.

Chamou um creado que o acompanhára de Portugal.

— Sabes onde estará o senhor Diogo Lopes?

— Tenho ido com elle, e conheço os caminhos.

---

(1) «Assim foi que no reino de Portugal, quando reinava o rei D. Affonso, mandou matar a Dona Ignez de Castro, á qual tinha o infante D. Pedro seu filho, havendo filhos d'ella.

E mandou-o o rei matar porque lhe diziam que o infante D. Pedro seu filho queria casar com ella e declarar legitimos os ditos filhos, e isto pensava o rei seu pae, porquanto a dicta Dona Ignez não era filha de rei, mas de D. Pedro de Castro que disseram «da guerra» que foi um grande senhor da Galliza, que a houve de uma dona, e tinha-a o infante D. Pedro porque era muito formosa, e havia-a tomado depois que morreu a infanta Dona Constança, filha de D. João Manuel, com a qual o dicto infante foi casado ..

E este infante D. Pedro, de Portugal, amava tanto a dita D. Ignez de Castro que dizia a alguns dos seus privados que era casado com ella: e por isto o rei D. Affonso, seu pae a mandou matar em Santa Clara de Coimbra onde ella pousava.

E foram em conselho com ella para a matar dois cavalleiros seus, Diogo Lopes Pacheco e Pero Coelho, e outros dois creados do rei.

E depois d'isto morreu el-rei D. Affonso, de Portugal, e reinou o infante D. Pedro, seu filho; e logo quiz matar os que foram em conselho da morte de D. Ignez, a qual dizia então que fôra sua mulher legitima, e que havia casado com ella, ainda que não o ousasse dizer por medo de el-rei seu pae; mas os cavalleiros que em aquelle conselho foram, fugiram do reino de Portugal, e vieram para Castella.»

D. Pedro Lopez de Ayalla, *Chronica de D. Pedro,* anno 11 (1360) cap. XIV.

— Então vaes dizer-lhe. . .
Mas deteve-se.
Era um assumpto de tamanha responsabilidade que temia confial-o assim.
— Acompanharás este senhor.
«E' urgente que cheguem depressa junto d'elle.»
O creado saiu para sellar os cavallos.
Pero Coelho explicou ao bispo:
— Dizei-lhe que siga d'onde está para a estrada de Aragão, ou ajuntar-se a Henrique de Trastamara, que está preparando-se para a guerra, e que vá disfaçado, se puder.
«Nós partimos já, por outro caminho, para evitar suspeitas, mas no intuito de ir para o bastardo.
Chamou Alvaro Gonçalves para mudarem de trajes por fórma a escaparem a salvo.
Mas n'isto o mendigo, que pedira para falar a Diogo Lopes, entrou visivelmente assustado.
— Que tens? — perguntou-lhe o bispo.
—Senhor, anda gente suspeita desde manhã a vigiar esta casa por todos os lados.
— Serão já elles? —exclamou Pero Coelho atterrado, na perspectiva de prisão.
Espreitaram da janella.
Havia gente parada aqui e ali, nas proximidades da habitação n'uma attitude suspeita.
O creado appareceu a previnir que os cavallos estavam promptos para sair.
—Vae depressa!—ordenou.
Partiram a galope o servo e o bispo.
Mas d'ali a pouco tornavam apavorados.
«Nas portas da villa havia ordem do ninguem sair.»
«Era então certo—dizia o bispo amargamente, olhando de dentro de casa a gente que parecia vigiar.»
—E agora que havemos de fazer?—perguntou atterrado Alvaro Gonçalves.
Pero Coelho, embora mais animoso, sentira-se desfalecer perante o inevitavel da captura.
«Fugir era impossivel.»
«A casa tinha só uma saida, e apezar d'isso a linha dos seus perseguidores rodeiava-a totalmente.»
«Não tinham força para tentar uma sortida.»
«Diogo Lopes levára á caçada a melhor gente os melhores cavallos e as melhores armas.»
«Só uma astucia, um disfarce, um esconderijo, alguma coisa habil os podia salvar.»

«Mas o quê? De forma?»

E aqui debatia se impotente.

Alvaro Gonçalves tornou a appelar para elle.

—Esperamos—respondeu succumbido.

Mas a si proprio a resposta esmagava-o.

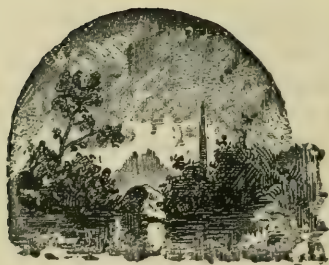
«Esperar era aguardar a prisão, a volta a Portugal, o julgamento, a morte sem esperança.»

«Ficar ali era estar vendo preparar os instrumentos de um supplicio inevitavel.»

«Permanecer n'aquella casa, cercado, proseguido, era como ter chegado ante o rei que haviam arrastado ao maior desespero.»

«Mas que podiam fazer em tal altura?»

«Tentar sair á força, ou pela astucia era cair mais depressa nas mãos d'elles.»

«E assim, esperando, sem saber o que, prolongava o resto de liberdade, o resto da vida, estremecendo só á ideia de tornar a ver frente a frente o homem a quem tinha lançado o lucto no coração.

CAPITULO LXVIII

Medo de morrer

MAS de repente Pero Coelho ergueu-se n'um movimento de furia.

«Havia de entregar-se assim, sem combater?»

«Não! Nunca!»

«Vira de perto a morte muitas vezes, para não ter medo d'ella.»

E se não receiava affrontal-a em frente do adversario, n'um combate singular, n'uma lucta com o inimigo, apavorava-o a ideia de ficar á mercê de D. Pedro, cujas violencias, cujas terriveis punições lhe faziam calafrios.

«Uma vez preso—raciocinava ainda—seriam fatalmente mortos, e talvez terrivelmente suppliciados.»

«O rei decerto lhes rezervava a fogueira depois de os mandar chicotear.»

«Era então preferivel morrer combatendo, ainda na esperança da liberdade, do que entregar-se pacificamente, na certeza de que o esperava uma pavorosa agonia.»

Chamou Alvaro Gonçalves e fechou-se com elle.

—Sabes o que nos espera?

—Sim!—respondeu elle esmagado.

Então precisamos fugir.

—E' bom de dizer.

—Devemos tental-o.

—Não servirá de nada.

—Preferes então começar um soffrimento que só terminará por uma morte cruel?

«O que nos pode succeder?»

«Ser perseguido, ser apanhado pelos homens d'armas que nos espionam?»

«Mas ao menos teremos espadas com que nos defender, adagas com que, em ultimo caso, nos matemos.»

«Procuraremos abrir caminho á força, e se cairmos, ao menos nem sentiremos a morte.»

—Tens razão—disse o meirinho mór.

«Não me sinto porém com força para luctar.»

—Isso é deixar que te arrastem á morte!

—E'. Mas sempre contei com ella desde aquelle desgraçado dia da morte de Ignez de Castro.

«Assaltava-me um pavôr medonho.»

«Todas as vezes que as noticias de Portugal davam conta de novos actos da loucura de D. Pedro, estremecia porque o sabia muito capaz de nunca abandonar a ideia da vingança.»

«Estremeci ao vel-o revoltar se.»

«Julguei que então se acabaria tudo, porque D. Affonso estava muito velho.»

«Se caissemos d'essa vez nas mãos do infante matava-nos decerto sem piedade!»

Pero Coelho teve um fremito de terror, e sentiu cada vez mais forte a vontade de fugir.

Alvaro Gonçalves continuou desanimado:

—A carta de perdão não me tranquilisou.

«Vi que fôra extorquida em condições a que o infante não podia fugir.»

«Sempre me convenci que a não respeitaria.»

«Ainda emquanto el-rei foi vivo me esqueceu o perigo iminente em que andava.»

Mas a sua recommendação na hora final fez-me vêr bem que estava perdido!»

«Embora longe do seu poder nunca mais tive um momento de descanço.»

«Por toda a parte receiava algum vingador, algum punhal pago por elle.»

«De noite parecia-me ver surgir dos recantos escuros, sicarios armados com adagas.»

Tinha horriveis pesadellos, vendo bandos de homens disfarçados que

me amarravam, amordaçavam e conduziam a Portugal á presença d'esse homem terrivel!

«A tua indifferença chocava-me.»

«A certeza com que Diogo Lopes parecia esperar que o rei se fartasse de odiar-n'os, e o mandasse chamar como indispensavel para o governo do reino, irritava-me profundamente.»

«Ambos tem mais culpas do que eu, e ambos pareciam contar com uma absoluta impunidade.»

— O principal culpado foi Diogo Lopes, ou antes, o unico culpado foi o rei.

—As vossas intrigas é que perderam tudo!

—Enganas te.

D. Affonso era muito orgulhoso, e não queria por forma alguma um tão desegual casamento para o filho.»

—Defendes Diogo Lopes, mas a sua politica, a ambição de conservar o supremo mando é que tudo se perdeu.

«Era a elle que D. Pedro devia pedir contas.»

«E é elle exactamente quem escapará á sua justiça!»

—Se não fôr apanhado—murmurou Pero Coelho.

E explicou:

—Mas não devemos ter inveja da sua felicidade.

«Bem ao contrario, procuremos, como elle, ficar a salvo dos desesperos de D. Pedro.»

—Teve sorte em tudo aquelle homem!—murmurou com inveja o meirinho mór.

«Viveu sempre como um grande senhor, dando se com os poderosos fidalgos dos arredores, andando á caça, mantendo a apparatosa vida de Portugal.»

—E' proprio da sua alta posição.

«Se levasse uma existencia humilde ver-se-ia deprimido, olvidado por todos.»

«Mas não devemos perder tempo com os teus rancores, as tuas invejas.»

«Está fóra da povoação, poderá fugir, escapará á odiosa justiça de D. Pedro, melhor para elle'»

E pondo ponto aos desabafos:

—Queres tentar a fuga?

Alvaro Gonçalves levantou-se acabrunhado:

—Não vejo a morte com o horrôr com que tu a vês, não me apavora d'essa fórma!

«Considero a como libertação, um termo ao soffrimento enorme de não ter um momento de socego.»

«Bem sabia que havia de morrer ás mãos do rei.»

«Pois que seja quanto antes.»

—Bem. Então fica.

«Eu não quero deixar-me matar assim!»

Foi para o interior.

Alvaro Gonçalves, ao vel o sair, ao sentir-se só, teve uma subita revolta de animo.

—Não, não, quero ir comtigo.

—Ah! Tambem tens medo?—disse Pero Coelho triumphante, puchando-o para si.

—Da morte não—respondeu o meirinho-mór —mas dos supplicios a que elle pode sugeitar-nos.

—Sim. E' capaz de tudo.

—E por onde sairemos?

—Vem commigo.

CAPITULO LXIX

Auxilio espiritual

OS refugiados viviam n'um velho solar acastellado, que um senhor feudal, amigo de Diogo Lopes, lhe cedêra amigavelmente.

A porta, chapeada de ferro, defendida interiormente por grossos varões, offerecia uma forte resistencia.

Em volta do telhado havia ameias de onde se podia combater.

As janellas, protegidas por grades de ferro, podiam converter-se em setteiras.

—Se Diogo Lopes não tivesse ido á caça—pensava Pero Coelho—levando a melhor gente e as melhores armas podiam fechar-se e resistir, até que Henrique de Trastamara lhe enviasse soccorro.

«Mas assim, tão poucos, não tinham gente para poder luctar.»

Quiz primeiro certificar-se de quantos homens havia ao todo no palacio.

Mandou-os neunir n'um salão interior.

Para conhecer as disposições de animo, perguntou:

—Posso contar com a vossa dedicação?

Responderam que sim.

—A casa foi rodeiada, como vêem.

«Não estamos dispostos a entregar-nos.»

«Esperamos auxilio que virá descercar-nos arrancar-nos ao poder de Pedro Cruel.»

«Precisamos luctar.»

«Quereis acompanhar-n'os?»

Todos se mostraram dispostos.

Então ide armar-vos, que podemos ser accommettidos de um momento para o outro.

Deteve-os com um gesto, lembrando-se do bispo:

—Deixae primeiro que sua eminencia escolha a armadura que lhe approuver.

— Perdoae—declarou elle—o meu sagrado ministerio...

—Não tenhaes escrupulos—insistiu Coelho.

«Quasi todos os bispos são guerreiros, que não duvidam brandir a espada, e cobrir se com o broquel.»

—Assim é.

«Não sigo porém os seus exemplos.»

«A minha missão é toda de paz.»

«Estou porém ao lado da vossa corajosa resistencia, e vou fazer ao altissimo preces ferverosas para que vos conceda a justa e almejada liberdade.

Dispunha se a sair receiando as consequencias do combate.

Pero Coelho ainda o quiz deter:

—Ha uma capella no palacio.

«Rezareis aqui mesmo, animando com a cruz os nossos companheiros.»

—No logar do combate não terei socego rara o fazer—retorquiu o bispo, esquivando se.

E despedindo-se:

—Que Deus vos proteja.

«Lembrae-vos sempre que me arrisquei a vir prevenir vos de que se estava negociando a vossa troca com os partidarios do bastardo fugidos em Portugal.»

«Se vos salvardes, como espero, a mim o deveis.»

«Desprevenidos, terieis decerto saido á rua, e a esta hora já estarieis preso.»

—E' verdade—disse Pero Coelho, indo beijar-lhe a mão, no que foi imitado por Alvaro Gonçalves.

«Mas podeis fazer me ainda um grande favôr.»

«Henrique de Trastamara reune forças para atacar o rei de Castella.»

«Póde facilmente enviar uma hoste que nos descerque, porque nós somos o preço da entrega dos seus amigos refugiados em terras de Portugal.»

«Basta apenas que eu lhe escreva, pondo-o ao facto do que se passa, do risco em que os seus partidarios se encontram.»

«Quereis fazer-lhe chegar ás mãos uma carta minha?»

«Só assim completareis a vossa missão de salvar Diogo Lopes, porque elle, sem a presença de forças do bastardo, não póde considerar se inteiramente salvo.»

O bispo comprometteu-se a levar a carta.

Coelho redigiu-a á pressa, e indicou-lhe os partidarios de D. Henrique capazes de se encarregarem de levar aquella tão importante communicação.

Depois d'elle sair, fecharam a porta do palacio e trancaram-a fortemente.

Os que vigiavam as immediações, seguiram-o a reconhecel-o, mas vendo que não se tratava de nenhum dos trez refugiados, deixaram-o passar.

A vigilancia era exercida com disfarce, para não dar a perceber o fim que tinha em vista.

Nuno Freire, que se achava entre a escolta, de viseira calada para que o não conhecessem os portuguezes, tinha o naior empenho na captura de Pacheco, e não queria dar alarme com a prisão dos outros dois, para que não lhes constasse e não fugissem.

De dentro do palacio, Coelho via bem que toda a tentativa de saida a descoberto era impossivel.

Tinha que pensar n'outro plano.

O portão foi barricado com tudo aquillo de que puderam lançar mão.

Nas janellas e nas ameias accumularam toda a casta de projecteis, para se defenderem.

Todos vestiam cotas de malha.

Mas as ordens de Pacheco eram formaes.

Ninguem se mostraria, ninguem combateria sem que elles dessem o exemplo.

Até então deviam manter-se absolutamente encobertos, por forma a não serem alvo de alguma frechada.

Mesmo que de fóra quizessem arrombar o portão, como elle resistiria bastante, deviam deixar que Pero Coelho apparecesse.

O cavalleiro deixou em observação dos que rodeiavam a casa um homem de confiança, e despparecen com Alvaro Gonçalves e alguns creados que ainda não se haviam preparado para a lucta.

Desceram ao ultimo pavimento.

Lembrára-se da adega, uma grande galeria subterranea, a que davam luz alguns respiradouros.

Não sabia onde iam dar.

Mas talvez por algum d'elles conseguissem sair do cerco em que os apertavam.

A descida fazia-se por um alçapão, difficil de reconhecer por causa da escuridão da loja em que se abria.

Correram-lhe os fechos, mal desceram, para que não os perseguissem na adega, e, finalmente dentro d'ella, começaram a examinar as frestas gradeadas que a ventilavam.

Occupava uma grande extensão, de maneira que a ultima das aberturas parecia dar para fóra da vigilancia dos seus espiões.

Subiram n'uma escada e vigiaram.

Mas havia herva alta por toda a parte, não lhe deixando vêr coisa nenhuma.

Ainda assim, certo de que por ali obteria a liberdade, Pero Coelho mandou arrancar as grades para que podessem passar por ella.

Mas quando começavam a picar a pedra, para descravar a grade, ouviu um assobio especial.

Era o signal do homem que deixara de observação.

Passava-se alguma coisa de anormal.

Voltou atraz preoccupado, dando primeiro ordem aos creados para que abrissem depressa o desejado caminho.

CAPITULO LXX

Soccorro

PERO COELHO ergueu o alçapão com precauções.

Vinham avisal-o de que o alcaide da povoação, acompanhado de alguns homens d'armas, emquanto os que vigiavam permaneciam no seu posto, viera bater á porta.

Como não lhe respondessem intimára em nome de el-rei.

E se vêr que se mantinha o mesmo silencio ameaçou que se arrombava a porta.

Interrompeu os o echo de pancadas repetidas.

Era a gente do alcaide iniciando a destruição.

Pero Coelho desceu á adega precipitadamente, a vêr se a fresta ainda levaria tempo a desobstruir.

Os creados escorriam em suor, mas a grade não cedera ainda.

Explicaram-lhe que fôra fortemente chumbada á pedra, pelo lado de fóra, por forma a garantir a segurança do vinho e da casa.

Exasperado o cavalleiro voltou ao palacio.

Espreitou pelas frestas.

A extensa linha que fizera a vigilancia mantinha-se ainda, nos lo-

gares que occupava desde manhã, como a prever a hypothese de que pretendessem fugir.

Subiu ao eirado.

Era continuo o circuito de observação, por todos os lados do edificio.

Ora o plano de Pero Coelho era travar o combate na frente do palacio, contra os que atacavam a porta, por forma a atrahir para ahi a attenção e os exforços de todos, afim de poder sair livremente pelos respiradouros do subterraneo.

Perante a difficuldade de alargar as aberturas da abobada pensou descer por uma corda de uma das janellas da rectaguarda, mal corremse todos a bater-se com os seus homens.

Mas os que desde pela manhã espionavam a casa não abandonavam os postos, frustrando-lhe por isso todas as tentativas.

«Seria por não estar travado o combate geral?»

Pensou assim, inclinado á solução que lhe fosse menos desfavoravel.

E como os do alcaide atacassem a porta a fortes machadadas, mandou atirar-lhe de cima, iniciando o combate.

Desceu rapidamente á adega.

O andamento dos trabalhos era desanimador.

A grade continuava no mesmo logar.

As cavidades abertas na pedra não accertavam ainda com a soldadura dos varões.

Voltou a cima a vêr o combate.

Continuavam á machadada á porta, apezar dos ataques dos defensores da casa.

Mas os encarregados da vigilancia não tinham abandonado os seus logares.

Desesperava-o essa presistencia.

Mandou atirar-lhe béstas.

Ao verem-se alvejados encobriram-se com as arvores, mas não fugiram, como elle desejava.

«E' que contavam com algum estratagema e queriam impedil-o a todo o custo.»

N'essa convicção, cheio de impaciencia, mandou saber se a grade já fôra arrancada.

Voltaram com informações desanimadoras.

Tudo continuáva no mesmo pé.

Mas quando desanimava totalmente viu approximar um numeroso bando de cavalleiros de que as sentinellas que o espionavam começaram a fugir.

«Quem seria?»

«Gente de Henrique de Trastamara?»

«Não era possivel,—pensava, raciocinando melhor—não tinha tido tempo de ser informado.»

«Seria Pacheco que viesse em soccorro d'elles?»

E ás perguntas que a sua anciedade formulava, respondia o proprio bom senso.

«Não era possivel que viesse meter-se na bocca do lobo, não dispondo de forças que lhe garantissem o exito de tão perigosa aventura, de téo arriscada tentativa.»

«Seriam os partidarios do bastardo, conhecedores pelo bispo do que se passava, desejosos de prestar ao seu chefe tão alto serviço, impedindo a troca dos seus?»

Debatia-se em suspeitas, sem poder accertar com a verdade, sem poder conhecer os auxiliares.

Em baixo generalizára-se o combate.

E com grande alegria sua viu correr a apeiar a gente do alcaide, toda a que viera rodear o palacio.

Assim a rectaguarda estava livre.

E prendendo cordas ás janellas detraz, desceu precipitadamente com Alvaro Gonçalves e com todos os seus.

Fugiam livremente ouvindo ainda o fragor da lucta, que se travava á porta no maior desespero.

Surprehendida a gente de Nuno Freire e os homens d'armas do alcaide haviam accommettido furiosamente o grupo de cavalleiros que os viera atacar.

Mas o mestre de Christo, suppondo tratar-se de um rasgo de audacia de Diogo Lopes, dera ordem para não matar ninguem.

Apenas os cavallos eram mortos, e os cavalleiros, caindo com elles, inutilizados pelo pezo da armadura, eram manietados.

Traziam-lh'os e abaixava-lhe a vizeira a vêr se algum era o astucioso ministro de Affonso IV.

N'um dos guerreiros reconheceu o filho.

Parecia-lhe mentira.

Affirmou-se melhor, julgou que fosse apenas uma espantosa semelhança.

Interrogou o n'uma voz alterada:

—Sois Luiz Freire d'Andrade?

—Sim, meu pae—respondeu elle, conhecendo-o pela voz, pois D. Nuno continuava de vizeira calada.

—E que fazes aqui? Que historia é esta?

—Explicar-vos-hei tudo, se ordenardes aos vossos uma pequena tregoa.

—Uma tregoa, eu?

«Estás doido!»

«Procedo por ordem de dois reis, do nosso, e do de Castella.»

«E' o teu bando que tem que submetter-se, ou serão todos esmagados sem piedade.»

Mas quando olharam para o logar da peleja não estava já pessoa alguma.

Os cavalleiros de Luiz Freire, vendo-o em poder dos adverssarios tinham fugido.

Os homens do alcaide e de D. Nuno haviam voltado a cercar a casa.

Um da escolta veiu prevenir de tudo o mestre de Christo.

Então ao facto do desenlace da aventura, Nuno Freire ordenou rudamento ao filho:

—Que loucura foi esta?

«Explica-te, não percas tempo.»

CAPITULO LXXI

O rival

LUIZ Freire sentia-se esmagado por ter cahido em poder do pae.

Nunca lhe passára pela imaginação que podia ter que luctar com elle.

Julgára que o encargo de prender Pacheco e os outros fosse desempenhado por aguazis do rei de Castella.

Estava convencido que a missão de D. Nuno fôra simplesmente a de um embaixador.

Convencido pelas palavras de Violante, arrastado pelas suas lagrimas, comprehendendo a grandeza da dôr que a prostrára succumbida decidira, partir no intuito de dizer a Diogo Lopes que passasse a terras de França ou de Aragão.

Mas ao entrar na estalagem soube que já estava cercada a casa dos fidalgos portuguezes, que deviam ser presos n'esse mesmo dia.

Os amigos de Henrique de Trastamara falavan em desabono de Pedro Cruel e do seu procedimento, quebrando o direito de asylo á sombra do qual viviam ali aquelles refugiados.

E o que lhes custava mais era serem elles o preço das vidas dos

valentes cavalleiros fugidos em Portugal, que o rei de Castella mandaria logo assassinar, mal os recebesse em troca.

Approveitando a exaltação dos animos, Luiz Freire fez-se passar por amigo de Diogo Lopes.

Manifestou o desejo de o soltar.

E quando constou que os cavalleiros e os seus creados resistiam, barricados na casa, o noivo de Violante propoz que fossem atacar a escolta que os cercava.

Assim não só os livrariam, salvando tambem os castelhanos fugidos em terra portugueza, como poderiam tomar posse do castello e pronunciar-se por Henrique de Trastamara.

Applaudiram-o todos.

E d'essa forma organisou o grupo de cavalleiros que surgiu inesperadamente em meio da refrega.

Nuno Freire insistia por explicações.

—Vou dizer tudo—respondeu elle.

«Mas ouça-me como um pae, e acima de tudo ponha se no meu caso.»

«Violante, a filha de Diogo Lopes, uma formosa donzella que eu amo, perdidamente appella para mim.»

—Para que salvasses o pae, não é verdade?

—Não, para que salvasse a nós ambos.

«Constou-lhe que ereis o encarregado de o trazer a Portugal, de o conduzir á morte.»

«E na situação em que ieis ficar, um perante o outro, via o abysmo infraqueavel, a perda completa do nosso amor, a destruição do futuro que sonhávamos'»

—E tu então quizeste?

—Parti no intuito de avisar Diogo Lopes para que fugisse.

«Mas ao chegar vi que era tarde.»

«E como ouvisse aos partidarios de Henrique de Trastamara condemnar como uma deslealdade o que se vae fazer, resolvi accudir com elles aos foragidos que se batiam bravamente.»

—E não recuaste perante a hypothese de teres de cruzar um ferro commigo?

—Julguei atacar uma escolta de Pedro Cruel, formada pelos seus odiosos sicarios.

«Nunca pude imaginar que um cavalleiro como vós fizesse o papel de aguazil!»

—Não tiveste duvida em fazer gorar a missão que me trouxe a Castella?

—El-rei de Portugal deve ter mais nobres encargos que vos confiar mais dignas missões, proprias das vossas altas faculdades.

—Vaes ver agora a justiça com que me tratas—disse Nuno Freire muito commovido, dominando-se.

«Lembras-te quando fugiste a attitude que tomei para com el-rei?»

—Lemuro—respondeu Luiz humilhado.

—Pois bem. D'ahi em diante sustentei uma lucta dia a dia com D. Pedro, para que tu não fosses perseguido, capturado e morto.

«Obtive por fim a promessa do teu perdão, da licença paro o teu casamento com Violante, e da restituição ao casal dos bens de Diogo Lopes ou de outros equivalentes.»

—Oh! meu pae! meu pae!

—Ouve!

«E sabes em troca de que serviço consegui de el rei tamanhas vantagens?»

«Deviam ser a paga d'este que vieste imprudentemente perturbar.»

—Era então em troca dos...

—Dos assassinos, diz.

«Elles merecem bem que o vosso desgraçado rei os supplicie, como desafogo pelo lucto em que lhe lançaram o coração!»

«Sim, a tua filicidade, a tua ventura foi-me promettida em troca d'este serviço, o maior que se lhe pode prestar, porque é a unica missão para que se sente viver.»

«Ora tu quizeste destruir a propria felicidade!»

—Mas por tal preço ella é impossivel.

«Desista dos seus propositos!»

«Desde que entregar á morte o pae de Violante, eu não poderei casar com ella!»

—Deixa-te de sentimentalidades, de pieguices.

«Ella terá um grande desgosto, concordo.»

«Mas por fim casará da mesma forma comtigo, porque é essa a vontade de el-rei!»

«E' bom lembrares-te que tanto Diogo Lopes, como Lopo Fernandes Pacheco hostilisaram o teu amor, e queriam casar Violante com Pero Coelho.»

N'isto entrou correndo o alcaide:

—Senhor D. Nuno, uma grande desgraça!

«Como ninguem respondesse d'essa casa maldita aos nossos ataques, mandei arvorar escadas ás janellas.»

«Uma foi encontrada aberta.»

«Cordas de nós, suspensas ainda, fizeram-nos comprehender a verdade.»

«Emquanto eramos atacados, certamente de combinação, os patifes fugiram!»

—Já lá vou—respondeu o mestre de Christo fazendo-lho signal para que saisse.

E ao ficar a sós com o filho:

—Vê o resultado da tua obra!
«Puzeste em liberdade o teu rival.»
– Mas impedi que prendesseis Diogo Lopes.
«Salvei o meu amor, a minha ventura!»
—Como te enganas!—retorquiu o pae.
«Pacheco não estava no palacio.»
«Anda á caça, longe da povoação, e a estas horas deve estar já preso pela gente que o esperava ás portas da villa.»
«Como ninguem poude hoje transpor os muros, não foi avisado, e deve ter vindo entregar-se despreoccupadamente á prisão.»
«Quem tu salvaste foi Pero Coelho, o homem que por tanto tempo te disputou a mão d'ella, devido ao qual já não estás casado ha muito tempo.»
—Maldição!—bradou Luiz Freire desesperado.
Mas caindo em si deitou-se de joelhos, aos pés do pae:
—Perdão! Perdão!
«Tenho a cabeça perdida, nem sei o que digo.»
«Peço-lhe porém pela minha ventura que deixe fugir Diogo Lopes.»
«A sua entrega, a sua morte será a minha morte.»
«Tenho corrido tantas aventuras para Violante ser minha, vejo-a agora perdida, quando pouco faltava para a obter!»
«Não queira a minha a desgraça, o meu infortunio!»
—Cala-te—ordenou o pae.
—Não. Deixe-me pedir-lhe que não prenda Diogo Lopes, antes que eu pratique a nova loucura de ir juntar-me a Henrique de Trastamara, para que soltando estes, venha salvar os seus, promettidos em troca.
—E's uma creança!
«Antes que o bastardo saiba o que se passa, eu terei passado a fronteira com os trez assassinos de Ignez de Castro, e Pedro Cruel terá mandado degolar os castelhanos fugidos em Portugal, e que já nos aguardam na fronteira.
Passou-lhe no olhar um lampejo de odio.
—Não é só o cumprimento da promessa de el-rei que procuro obter prendendo-os.
«E' que tambem estimei Ignez de Castro, e tambem quero o prazer de me vingar!»

CAPITULO LXXII

Noite afflictiva

rei de Castella d'ali a dias celebrava mais uma festa de sangue, mandando suppliciar D. Pedro Nunez de Gusmão, Men Rodrigo Tenorio, Fernão Godiel de Toledo e Fernão Sanches Calderon, fidalgos partidaraios de seu irmão, que se haviam refugiado em Portugal.

Sentia bem o perigo que se avisinhava.

Mas continuava a cimentar em odios o seu throno, querendo impôr-se pelo terror, subjugar Castella inteira com o exemplo pavoroso das mortes.

Mas o novo crime, aggravado pela deslealdade da quebra do direito de asylo para os refugiados portuguezes, concitou ainda mais contra elle a animada versão do reino.

Era geral o descontentamento.

Tinham se aggregado pouco a pouco os partidarios e os auxiliares de Henrique de Trastamara.

E quando o bastardo se julgou finalmente bastante forte, voltou de novo á lucta.

Comprehendia bem que se demorasse as operações a victoria pertenceria a Pedro Cruel, que dispunha de todos os recursos.

Convinha-lhe portanto precipitar os acontecimentos.

O rei de Castella estava então no castello de Montel.

O pretendente confiou a vanguarda das suas forças a Bertrand Du-Guesclin, e partiu em som de guerra ao encontro do monarcha.

Todos os chefes das hostes que o seguiam estavam de accordo na urgencia com que deviam marchar.

Nem se detinham de noite.

E para verem o caminho os da frente deitavam fogo aos mattos.

D. Pedro, que não esperava o ataque, tinha os seus aquartelados pelas aldeias dos arredores, n'uma area de tres leguas.

Ao verem de Montel os fogos do caminho, o alcaide foi prevenir o rei:

— Senhor, parece que se approximam os vossos inimigos.

Pedro Cruel contestou:

— Devem ser os homens d'armas de Gonçalo Mexia, que como me informaram, vão de Cordova juntar-se a meu irmão.

— Desculpae, senhor — retorquiu o alcaide — mas receio que se trate de uma surpreza.

«Ao grande numero de fogos que vejo pelo campo, deve ser bem grande o numero dos que marcham.»

«A direcção com que vão apparecendo parece mostrar que se dirigem para aqui.»

O rei subiu com o alcaide ao mais alto da torre.

Em torno d'elles um abysmo de trevas.

Pedro Cruel tinha um receio instinctivo de approximar-se do parapeito, com se nada o separasse da negra immensidade que o rodeiava.

Apenas ao longe, ameaçadoras, avultavam fogueiras, como gottas de sangue, alastrando n'um terrivel caudal.

O soberano estremeceu.

Os rolos de fumo illuminado pelas chammas como que o envolviam n'um enorme incendio onde o seu throno se subvertia.

«Seria a gente de seu irmão?»

Sabia bem o odio com que deviam dirigir-se-lhe, feridos por tão grandes castigos que tinham immolado centenas dos seus.

Como que dos clarões longiquos das fogueiras irrompiam os espectros dos que mandára assassinar.

«Com que desespero não buscariam esmagal-o!»

A rapidez com que as fogueiras se succediam umas ás outras mostrava-lhe a ancia d'aquella marcha desesperada.

E como se alguns tivessem podido transpôr n'um momento as leguas que os separavam, Pedro Cruel voltava-se atterrado, ao menor ruido.

Passava-lhe pela mente a serie de crimes que fizera executar.

Via estorcendo-se no carcere, morrendo de angustia, a infeliz D. Branca, cujo crime era ser sua esposa, quando queria ser livre para pertencer inteiramente a Maria de Padilla, ou para dormir com a formosa Joanna de Castro.

E como que a imagem da desditosa avultava na sombra, a vir pedir lhe contas do fim que lhe dera.

Tornava a recuar espavorido.

E a figura muda e silenciosa do alcaide mettia-lhe medo.

Então alarmava-o a recordação do que succedera em Toledo.

N'um determinado momento os defensores da villa tinham trahido os seus compromissos, querendo abrir as portas ao bastardo.

«Sccederia d'esta vez o mesmo?»

«Poderia confiar em todos os seus?»

«Não sairia da sombra uma mão inimiga que os apunhalasse?»

A' medida que dominava revoltas, que punia adversarios e dava terriveis exemplos de sangue, receiava mais e mais pela sua segurança.

A denuncia das conspirações que os seus aguazis descobriam a miudo fazia-lhe gelar o sangue.

A sua vida estava á mercê do primeiro desesperado, que se pudesse approximar.

«Que havia de fazer?»

«Proceder a um rigoroso inquerito sobre a gente que o havia de seguir?»

«Mandar executar publicamente umas dezenas de suspeitos, para inflingir aos seus um salutar terrôr?»

A ideia do novo supplicio evocou-lhe a recordação das innumeras victimas do seu odio.

Pareciam avançar para elle na direcção das fogueiras que se approximavam mais e mais.

Conhecia-os apesar da distancia.

Eram os irmãos e os primos assassinados pela propria mão.

Caminhavam após elles os cavalleiros covardemente prostrados ao lado da mãe.

Misturavam-se na multidão, tintos de sangue, mutilados, osce ntenares a que arrancára a vida, friamente, após as sinistras hecatombes da guerra civil.

A destruição, o saque, a ruina, o incendio em que lançára todo o reino appareciam-lhe representados pela triste solidão que o cercava, pelos funebres lazeiros que se destacavam muito ao longe.

O alcaide rompeu o silencio:

— Que vos parece, senhor?

— Não posso concluir o que seja — respondeu o rei.

— Mas não vêdes como como se approximam as fogueiras?

«Em vez de se accenderem n'uma linha que fôsse distanciando-se, apparecem na direcção d'este castello.»

«Ora a villa de Orgas onde vosso irmão devia esperar a geate de Cordova, fica para lá da serra, como sabeis.»

— Talvez tenhas razão — disse D. Pedro.

— E agora que ordenaes? — perguntou o alcaide.

— Que te parece conveniente? — interrogou o rei, um pouco indeciso.

— Acho que é urgente mandar reunir quanto antes as gentes que se encontram aquartelados por ahi.

«Um punhado de bons cavalleiros deve ir ao encontro d'esses fachos e saber do que se trata.»

«Precisamos conhecer bem o perigo antes de termos que o defrontar.»

O monarcha achou bem.

Então desceu da torre.

E d'ahi a pouco partiam emissarios a todo o galope, com ordem para as hostes se reunirem de madrugada em Montel.

CAPITULO LXXIII

Em posição

VOLTARAM apavorados os cavalleiros enviados á exploração.

«Era de facto D. Henrique que approximava com o exercito.»

Pedro Cruel ficou indisposto.

O ataque colhia-o de surpreza.

E os receios que sentira na torre aggravavam se agora.

Não tivera tempo para se prevenir.

Se contasse com a rapidez da aggressão encontraria em torno a si um forte nucleo capaz de o defender.

Assim receava pelo resultado.

Mandou preparar tudo para o combate.

Os seus foram occupar uma eminencia, adiante de Montel.

Elle tornou a subir á torre, para descobrir campo aos primeiros alvaros da manhã.

A' medida que foi esclareando divisou ao longe o formigueiro das hostes inimigas.

O fumo dos mattos incendiados, erguendo se na direcção de onde vi

nham, não deixava duvida de que se tratava da gente de Henrique de Trastamara.

Do lado opposto marchavam outras forças.

Eram os seus homens d'armas, disseminados pelas aldeias.

«Chegariam a tempo de tomar parte no combate?»

Do alto da torre via uns e outros.

Mas os seus vassallos não viam os inimigos, e não podiam portanto avaliar com que urgencia eram esperados.

Da rapidez da marcha das hostes do bastardo deprehendia com que ancia queria bater-se.

Não podia aguardal-os no castello.

Um cerco seria-lhe fatal, pois contava com poucas munições de boc-

Não poderia resistir muito tempo.

O que lhe convinha era aguardal-o em pleno campo.

Montou e foi reunir-se ás hostes que o aguardavam já em formação de combate.

Novos enviados tomaram pelos diversos caminos por onde deviam chegar os seus partidarios, para os fazerem marchar com a maior ur gencia.

O rei vestiu as armas, pôz o elmo, e foi observar o campo onde tinha que se dar a peleja.

Tinham occupado uma colina. Mas só por si esssa vantagem nada o tranquilisava.

Mais adeante havia outra elevação, que um valado tornava infraqueavel.

Cortava o caminho aberto entre os mattos, por onde devia vir Henrique de Trastamara.

Poderia d'essa forma, a seu salvo, crival-o de projeteis, sem que elle podesse á viva força tomar as posições.

E como o resultado lhe parecesse assegurado, aguardou mais serenamente o combate.

Foram chegando algumas das hostes que acampavam pelas aldeias perto d'ali.

Distribuiu novas posições aos recemvindos.

E animado pela demora da gente do bastardo, mandou buscar ao castello alguns engenhos de guerra que deviam varejar as fileiras dos assaltantes.

Mas não tinha ainda ali todos os que o seguiam, todas as forças de que poderia dispor.

Estava longe de reunir quantos julgava necessarios para o deffenderem.

Quiz ainda mais uma vez dominar o campo, avaliar a distancia a que vinham os adversarios, calcular quanta demora os seus amigos os seus soldados podiam ter.

Dirigiu-se ao castello.

Galgou precipitadamente as exiguas escadarias que n'um apertado caracol por dentro do grosso das muralhas conduziam ao pavimento mais alto.

Agora o sol illuminava triumphante a paisagem.

Havia ao longe reflexos escorrendo pelas aguas do rio.

Brilhavam em tons metalicos os densos milharaes.

As armas das hostes do bastardo scintillavam, movendo-se como uma floresta illuminada.

Divisava os já o bastante para apreciar proximadamente o seu numero, o seu poder.

Desvaneceu se-lhe a confiança que as posições occupadas lhe haviam feito nascer.

Ali, do alto, comprehendia melhor a eminencia do perigo o risco a que ficava sujeito.

De outros pontos vinham chegando fracções dispersas.

Eram os contigentes do seu exercito que se reunia.

Mas o seu numero, bem reduzido, não contrabalançava o dos ata cantes.

Como se o attrahisse o perigo inevitavel ficou olhando lá de cima o evolucionar da phalange de seu irmão.

Ora se estendia como uma serpente, coleando em torno a povoações a cabeços, a densos matagaes, ora nas clareiras, nas campinas formava, sempre em marcha, a linha de combate em que se devia apresentar.

Ao approximar-se de nova garganta, voltava a diminuir de frente, a minguar, a dissimular-se, adquirindo a flexibilidade que a fazia atravessar todos os obstaculos, parecendo lhe interminavel.

Fraqueados elles tornava a alargar a engrandecer se, estendendo as alas como dois braços que tudo envolviam mostrando-se capaz de desfazer n'um terrivel amplexo toda a gente que lhe era fiel, apesar de tantas defezas, de tantas condições favoraveis do terreno.

Debruçava-se ao parapeito, absorvido pela impressão dominadora dos contrarios.

N'isto chegou junto d'elle, afadigado, o alcaide do castello.

—Senhor, voltae para junto do exercito.

«A vossa propria salvação o exige.»

—Que queres dizer?

—As hostes estão em risco de indisciplinar-se.

«A vossa desapparição atterrou-os.»

«Alguns espalham que fugiste do campo.»

«E como o exemplo é contagioso, alguns já falam em desertar.»

Brilhou nos olhares do rei uma scentelha de odio.

—Podes indicar-me os que falaram contra mim?

—Vinde commigo, que os vereis.

Partiram a galope para o campo.

Já era grande o alarido, proveniente do falatorio sobre tão desencontrados rumores.

A presença do rei serenou tudo.

Este mandou sair das fileiras os que tinham lançado os boatos atterradores.

E ordenou friamente que os executassem um a um, atirando as ca beça para o valle que devia deter os adversarios.

Depois de tingir o campo de sangue dos seus, Pedro Cruel tornou a vestir armas.

E montando o possante cavallo de batalha aguardou a chegada do inimigo.

CAPITULO LXXIV

O combate

SURGIRAM no alto de uma colina proxima os estandartes de Henrique de Trastamara.

Divisou se claramente a floresta das lanças, oscilando em renques discordantes.

Nas fileiras de Pedro Cruel acabaram de ajustar os elmos, de afivelar as couraças.

As hostes do bastardo recompozeram-se na planicie.

Formaram duas grandes linhas.

A da frente, que devia romper o ataque, vinha sob o mando dos mestres das ordens de cavallaria de São Thiago e de Calatrava, e de Bertrand Duguesclin.

A segunda, destinada a reforçal-a, marchava sob as ordens directas do proprio D. Henrique.

Das filleiras do rei de Castella rompeu o ataque, ao som de um alarido ensurdecedor.

Voaram frechas e virotões, foram pelo ar saraivadas de pedras.

Os atacantes responderam com gritos de enthusiasmo, e correram ao assalto ardentemente.

Iam já proximo da linha que vomitava projecteis incessantemente, quando se lhes deparou o impossibilidade de chegar mais perto.

Deteve-se desordenadamente á frente de combate.

Uns, na ancia da investida tinham-se precipitado se fosse natural, tão habilmente approveitado.

Outros recuavam espavoridos, não comprehendendo o motivo da suspensão.

De cima, em brados de victoria, redobrava o despedir de projecteis.

Henrique de Trastamara, vendo o desbarato dos seus, julgou-o devido ás armas de arremesso, e quiz lançar-se violentamente ás posições inimigas.

Ia já alto o sol.

Os cavalleiros respiravam offegantes sob as pesadas armaduras, innundadas de suor, cobertas de pó.

O bastardo deu ordem para a abalada.

Mas um dos seus saiu da fileira e tomou-lhe o passo:

—Senhor, o rei trahiu-nos.

«Agora comprehendo porque os vossos recuaram.»

«Ha ali um vallo que não deixa passar além.»

«Os nossos bravos companheiros cahiram n'uma cilada!»

—Por onde poderei atacar esses malditos?—perguntou desesperado o pretendente.

—Temos que dar uma volta, para evitar o mau terreno.

«Eu sei o caminho, e se quereis vou ensinal-o.»

D. Henrique mandou-o pôr na frente, e deu ordem de marcha.

Bertrand Du Guesclin e os mestres de S. Thiago e de Calatrava receberam ordem de abandonar o ataque, de se recomporem e marcharem após elle.

Os de Pedro Cruel, que tinham saudado como uma grande victoria o desapontamento dos assaltantes, redobraram de apupos e de gritos de escarneo, ao verem afastar o pretendente, como se o seu desapparecimento fosse uma vergonhosa fuga.

Varejaram ainda com mais violencia as fileiras rotas dos atacantes, e quando os viram retirar tambem, saudaram novamente a victoria.

Livre o campo de inimigos quizeram destroçar alegremente.

Mas o rei, muito aprehensivo, não o deixou fazer.

Esperava da parte dos contrarios um encarniçamento muito differente do começo do ataque com que pareciam ter se dado por satisfeitos.

Não quizera desanimar os seus, contestando o exito dos seus esforços.

Estava porém muito longe de crêr que o irmão se houvesse posto em fuga.

Perdia-se em conjecturas:

«Que pretenderia elle?»

«Para onde teria ido?»

Assaltavam-o graves receios.

D'ali a pouco appareceu correndo á desfilada um grupo de cavalleiros seus, dos que esperára para o combate.

Vinham sendo perseguidos pela hoste de Henrique de Trastamara.

O bastardo tinha dado a volta que lhe fôra aconselhada.

Agora vinha repetir o ataque, sem ser nas condições de inferioridade que o tinham obrigado a deter se.

Atterrado, Pedro Cruel mandou levantar o campo.

N'aquelle logar, tendo de voltar a face ao inimigo, ficaria como o fosse á sua rectaguarda.

O primeiro impulso do ataque precipitaria d'ali abaixo todos os seus.

Dirigiu-se para a outra ondulação do terreno, que deteria um pouco a furia dos assaltantes, obrigando-os a subir.

Mas a evolução não foi tão rapida como era necessario.

Quando iam a meio caminho, appareceram ao longe os pendões do filho de Leonor de Gusmão.

Estabeleceu-se a confusão no exercito do rei.

Uns precipitaram-se para o cabeço indicado.

Julgavam poder assim resistir melhor.

Outros estacionaram, sem vontade de novas correrias, dispostos a atirar ao chão as armas, assim que os guerreiros de D. Henrique chegassem perto.

Outros ainda corriam desvairados para o logar da primeira formatura, crendo que poderiam deffender-se ali.

A poder de exforços, o rei, o alcaide, e os principaes cavalleiros conseguiram reunir todos no local indicado, apresentando uma extensa linha de batalha.

Mas junto ao valle tinham ficado as principaes munições de guerra, as frechas, as settas, e os virotões.

As grandes machinas destruidoras, as balestas, as catapultas, haviam sido abandonadas.

O bastardo porém não buscou apossar se do material de ataque.

Deteve-se com as suas phalanges em face do exercito do rei, mas fóra do alcance das armas de arremesso.

Aguardou serenamente a approximação de Bertrand Du Guesclin, dos mestres das ordens de cavallaria de São Thiago e de Calatrava.

Quando chegaram, indicou-lhe as posições e o plano de ataque.

Elle acommetteria pela frente, subindo a colina.

Os que tinham no outro assalto feito o primeiro ataque, rodeiariam a elevação do terreno para a combaterem pela rectaguarda.

Sairam primeiro os de Bertrand du Guesclin, para ganhar tempo.

Depois, quando o rei se desorientava com a manobra, as hostes de Henrique de Trastamara avançaram lentamente para a colina.

A' medida que se approximavam, conheceram Pedro Cruel, pelo elmo encimado pela corôa real.

D. Henrique passou para o flanco correspondente ao que elle occupava.

Queria defrontal-o em meio da refrega, como n'um combate singular.

Mas quando ia travar se o primeiro encontro, detraz da linha principal das tropas do rei sairam os mouros, mil e quinhentos cavalleiros, a tentar um movimento envolvente.

Na perturbação do inesperado conflicto, D. Henrique e os seus deixaram de vêr Pedro Cruel, que se occultou por traz das linhas compactas dos homens d'armas.

Envolvidos na peleja os partidarios do bastardo pozeram em fuga os mouros, que, fortemente repellidos, carregaram na fuga sobre a linha das tropas do rei, lançando-as na maior confusão.

Travou-se o ataque, directamente contra os vassallos de D. Pedro.

Mas estes mantiveram-se pouco tempo.

E assim que as forças de Bertrand, de S. Thiago e de Calatrava surgiram do lado opposto, lançaram-se n'uma fuga desordenada.

CAPITULO LXXV

Perdido

rei fôra dos primeiros a abandonar o campo.

Levava aos seus proprios fugitivos uma grande dianteira.

Henrique de Trastamara conheceu-o mesmo a distancia.

Distinguiu-se bem o elmo encimado pela corôa real, a corôa de Castella que elle queria arrancar para si.

Lançou se em sua perseguição.

Empenhava-se em alcançal-o, em apossar se d'elle.

Só assim o reino ficaria tranquillo.

A sua hoste seguia-o, no mesmo desejo de completar radicalmente a victoria.

E entretanto os de Bertrand du Guesclin, e dos mestres das ordens de cavalleria, destroçavam totalmente os mouros.

Os castelhanos das hostes do rei que não tinham querido, ou não tinham podido fugir, entregavam as armas facilmente.

Mas a correria continuava.

Avistou-se o castello de Montel.

D. Henrique comprehêndeu tudo.

Era ali que o rei pretendia refugiar-se.

Mudou de cavallo, para vêr se o alcançava antes de transpôr a ponte levadiça.

Prometteu muito ouro as que podessem impedil-o de entrar.

Fez prodigiosos exforcos, viu os seus rebentarem cavallos.

Mas a vista do castello dera a Pedro Cruel um desespero tal, que cada vez se distanciava mais.

E d'ahi a pouco viram-o transpôr a primeira cerca, e entrar pela porta dentro, acompanhado de alguns dos seus.

Henrique de Trastamara, offegante, suspendeu a marcha, e apeiou-se para descançar.

Os homens d'armas da sua hoste ainda chegaram ás portas de Montel.

Accometteram os que não tinham podido entrar.

Prenderam uns, mataram outros, e ainda attiraram alguns projecteis para dentro do castello, em saudação.

O bastardo ordenou que os que tinham chegado até ali estabelecessem uma rigorosa vigilancia em torno dos muros, para que o rei não lhe podesse escapar.

Mandou concentrar todas as suas forças, e d'ahi a pouco envolvia Montel n'um rigoroso cerco.

Em toda a volta das muralhas ergueu-se uma trincheira de pedra solta, que a soldadesca guarneceu.

«Agora de forma nenhuma lhe podia escapar o rei!»

Pedro Cruel via com desespero estreitar o circulo de ferro que o mantinha n'um terrivel captiveiro.

Ao começo ainda esperava por algum soccorro dos seus.

«Pois tinham sido todos derrotados?»

«Não haveria ainda algus que por dever de lealdade tentassem descercar o seu monarcha ?

Lembrava-se de que da batalha lhe falára um vassallo fiel, Martim Lopes de Cordova, que fizera mestre de Calatrava em substituição de um dos que matára junto de sua mãe.

Esse ficára de ir em seu soccorro com oitocentos de cavallo e muitos bésteiros e peões.

«Não era homem para o trahir — pensava o rei.»

«Mas seria capaz de correr a Montel e obrigar o bastardo a levantar o cerco ?»

Ora o mestre de Calatrava dirigira-se ao logar de combate.

Chegou porém quando já não havia vestigios do exercito real.

Ao saber da derrota e da fuga, não pensou em perseguir o bastardo, receiando que lhe succedesse o mesmo que D. Pedro.

Achou que era melhor recolher a Camona, onde o rei deixára os filhos, os thesouros e as munições de guerra, pois certamente era ahi que elle iria ter.

Debalde o monarcha o esperou, olhando ancieoso do mais alto da torre.

Nada quebrava a rigorosa vigilancia que por toda a parte se extendia.

Via-se inteiramente perdido.

O irmão tinha graves contas a ajustar com elle, muito sangue a vingar, muitos assassinios a clamarem justiça.

«Se saisse d'ali — pensava — ainda voltaria á lucta, d'essa vez em condições de obter o triumpho.»

Contava com o mestre da ordem de cavalleria e Calatrava.

Sabia que a praça de Carmona, não se renderia assim, e constituiria para elle e para os seus uma solida base de operações.

A troco de novas concessões ainda arrastaria os mourcs a virem auxilial-o.

O medo da morte fazia-o ter uma grande esperança em novas tentativas de resistencia.

«Mas em primeiro logar precisava encontrar-se livre, salvo, bem longe d'ali.»

«Como o conseguira?»

Passava horas e horas a pensar nos meios de escapar do circulo de ferro em que o envolvera o irmão.

Lembrou-se primeiro de uma sortida.

Todos os homens d'armas irrompiam n'um impeto furioso contra a barreira do assedio, e romperiam a passagem precisa para que elle, disfarçado, montando um bom cavallo, podesse afastar-se sem perigo.

Manifestou o seu projecto ao alcaide.

Este não lhe encobriu as difficuldades os riscos de semelhante empreza.

— Temos pouca gente, senhor, e a mais d'ella incapaz de um tal arrojo.

— Mas receias tental-o? — perguntou o rei.

— Dentro em pouco teremos que appellar para esse ou para outro meio desesperado, se não preferirmos entregarmos ao bem.

— Entregar-nos?

«O que dizes?»

— A triste verdade, senhor.

«São bem precarias as circumstancias»

—Mas a que te referes?

—Não temos munições de guerra.

«O que havai de melhor foi para o campo de batalha e lá ficou.»

«Uma hora de lucta esgotaria os nossos meios de combate.»

«Se vosso irmão podesse calcular o vosso estado, ha muito que se haveria apossado de todos nós.»

—Julgas que eu me renderia assim?—perguntou exaltado o rei.

—Sois bastante valente para morrer matando.

«Mas nem por isso sairieis d'aqui».
—Resistiremos até á ultima!
—A ultima não vem longe!
«Para poucos dias nos resta comer.»
«A agua está a acabar-se de todo.»
Pedro Cruel empallideceu.
—E o bastardo póde sabel-o?—perguntou desvairado.
—Com certeza que o sabe já.
—De que maneira?
«Tem por accaso espiões aqui?»
—Todas as noites fogem dos nossos os que podem.
«E todos sabem bem, pela pequenez das rações como estamos sem agua e sem viveres.
—Se houvesse vigilancia não eram possiveis semelhantes traições—disse o rei, censurando o alcaide.
—Senhor, as sentinellas, as rondas são os primeiros a descer por cordas, dos pontos que lhe confiam para guardar.
Houve um momento de silencio.
Então o alcaide declarou abertamente:
—Acreditae que se já não soffremos um violento ataque, é porque D. Henrique, sabendo bem o que se passa, espera que a fome vos obrigue a render sem condições.
—Mas isso é monstruoso!—exclamou D. Pedro.
—E o que é a guerra, meu senhor—redarguiu o alcaide—senão uma coisa horrivel!

CAPITULO LXXVI

O passado

PEDRO Cruel n'essa noite não poude dormir.

Começava a pezar-lhe, como um remorso, o medo de uma terrivel punição.

Agora comprehendia, no proprio soffrimento, o que tinha inflingido ás suas victimas.

Sobresaltava-se ao menor alarme, julgando chegado o momento do assalto.

A ideia de tentar a sortida voltava a dominal-o.

Tinha-a como a derradeira esperança de salvação.

Alta noite foi procurar o alcaide, tanto lhe custava estár só.

Insistiu novamente com elle.

«Queria a todo o custo sair d'ali.»

«Não podia continuar sujeito ao supplicio de vêr se completamente perdido, esperando largamente a hora da sentença, como um reu no oratorio.»

«E se apenas havia aquelle meio de salvar-se queria tental-o.»

O alcaide redarguiu prudentemente:

— Ha ainda muitos fieis vassallos vossos, que não foram presentes na batalha.

«E' possivel que ainda se congreguem e venham livrar-vos dos inimigos.»

— Já o esperei — disse o rei desanimado.

«Mas hoje não conto com o seu exforço.»

«Insisto na sortida, quero tental-a a todo o custo!»

— Para sairdes d'aqui ha ainda outro processo...

— E não m'o dizias?

— Senhor, vereis porque.

«É gravissimo e quasi certo o risco a que ficareis exposto, e muito raras as probabilidades de escapar, tão poderoso é o exercito que nos rodeia.»

— Mas de que se trata?

— Eu vos explico:

«Em todos os castellos, como sabeis, senhor, ha saidas occultas, que por caminhos subterraneos conduzem longe das muralhas.

«Tambem temos uma saida assim.»

«Mas no rigoroso cerco que nos foi posto, creio bem que terão dado com a saida, se é que não a utilisaram já para penetrar no castello, no momento em que rezolverem atacar nos.»

— Sabias um tal segredo e estavas calado? — disse o rei com extranheza.

«Manda verificar se ainda se pode sair sem ser visto, e sendo assim, utilisal-o-ei esta noite mesmo.»

— Senhor — redarguiu o alcaide — percebo o alcance das vossas palavras, mas são injustas, como vou provar.

«A tentativa para reconher o caminho está sujeita aos mesmos riscos do que a saida de vossa alteza.»

«Se ainda o não descobriram, podem presentir o rumôr de quem o percorrer, e assim darão com elle.»

«A pessoa que fôr encarregada de ir verificar a passagem, desde que a achar desimpedida, naturalmente servir-se-ha d'ella, e ir-se-ha de vez, porque não terá vontade de voltar para traz.»

— Esse alguem deves ser tu!

— Assim o penso, desde que vossa alteza persistir em acompanhar-me.

— Não confias então em mais ninguem? — perguntou Pedro Cruel perturbado.

«Não crês que ainda haja alguem dedicado ao meu serviço?»

— Aqui dentro não ha senão fome, e perigos de morte.

«Nunca foi por este preço que se obtiveram cortezãos.»

O rei mordeu os labios.

Sabia-o melhor do que ninguem.

O alcaide proseguiu:

— Ides porém, senhor, arriscar-vos a muito.

«Nos estreitos corredores que temos que atravessar pode haver já sentinellas de vosso irmão.»

«Podereis ser apunhalado ou manietado n'um recanto, sem vos ficar espaço para manejar uma pequena adaga.»

«Nada poderá ser mais affrontoso para vós!»

— Enganas-te!

«Permanecer aqui, cercado, sem esperanças, com a certeza de ter que me render pela fome é peior do que tudo!»

— Deixae me ainda ellucidar-vos mais positivamente.

«Tenho a certeza de que D. Henrique já conhece o caminho subterraneo.»

«Estão com elle muitos homens d'armas que serviram em tempo aqui.»

«Desde que nos cercou tem retirado de cá muita gente para o seu lado.»

«Todos elles conhecem bem onde o caminho vae ter.»

— Era d'essa forma que guardavas semelhante segredo?

— Senhor, não se trata de extrangeiros, mas de castelhanos como eu, de soldados de aguazis de cuja lealdade até aqui ainda ninguem desconfiou.

«Esses conhecem o caminho porque passaram por elle em serviço vosso.

«Por ordem vossa recebi n'este castello muitos presos que me ordenaveis que entrassem secretamente, para que os parentes nunca mais soubessem do seu paradeiro.»

Pedro Cruel estremeceu.

— Para que ninguem os conhecesse entraram de noite pelo caminho occulto, de onde passavam aos poços cavados debaixo do chão.

«Quando chegava a ordem de os matar, e não se tratava de execução formal, era tambem para ali que marchavam de noite ao supplicio.»

«A's vezes as vossas ordens recommendavam um tal segredo que mandava soldar a pedra do alçapão por onde se lhes deitava o comer.»

«Dava lhes tempo a que morressem de fome, e quando o mau cheiro me indicava que já eram cadaveres mandavam os sair pelo subterraneo para o campo onde ficavam enterrados.»

«Já vêdes, senhor, que quasi toda a guarnição conhece bem os segredos do catello de Montel.»

Houve um silencio glacial.

— Ainda persistis em correr taes riscos?

Pedro Cruel não respondia.

Estava como gelado de terror, as mãos tremulas, e o olhar desvairado.

O alcaide esperou a resposta.

Elle disse depois d'algum tempo, erguendo se de salto:

— Quero sair d'aqui seja como fôr.

— Muito bem — respondeu o alcaide — cumprirei immediatamente as vossas ordens.

«Permitti me agora umas indicações.»

«Temos de andar a pé.»

«Precisamos ir muito bem disfarçados para que não nos reconheçam, no caso de sairmos com vida.»

«Será bom que leveis uma adaga, e todo o dinheiro em ouro que perderdes, para comprarmos cavallos e o mais que fôr preciso.»

D. Pedro concordou.

D'ali a pouco os dois estavam vestidos de frades, o rosto occulto por longos capuzes.

O alcaide foi buscar a uma arca um molho de chaves, e deu ao rei uma lanterna.

— Tendo o cuidado de não a deixar apagar, senão todo o trabalho será perdido, porque teremos que voltar atraz.

— Terei cautella — disse D. Pedro tremendo.

Sentia lhe o bater dos dentes, tanto a lembrança de gente que ali morrera por sua ordem o acobardava.

aterrado

CAPITULO LXXVII

Noite de angustia

DESCERAM aos aposentos inferiores.

O alcade abriu uma porta, e adiantou-se com a lanterna a reconhecer o caminho.

D. Pedro recuou atterrado.

Não se attrevia a romper a escuridão.

O alcaide voltou atraz.

—O que ordenaes, senhor?

«Quereis ir para diante?»

«Preferis a sortida?

—Isso não—respondeu o rei, acobardado.

—Tendes razão.

«Se o tentassseis fugiriam todos, passando-se para o inimigo.»

«Cairieis em poder de vosso irmão.»

«Seria uma desgraça irremediavel!»

— E confias n'este recurso?

—Lembrae-vos do que vos disse.

«E' uma tentiva perigosissima...

«Em qualquer d'esses recantos escuros podem já estar occultos homens de D. Henrique.»

«O caminho deve ser a esta hora bem conhecido d'elles.»
«Talvez nunca cheguemos á saida.»
«E o mais provavel, se a attingirmos, é que de fóra os inimigos nos accommettam.»
—Horrivel!—murmurou, esmagado Pedro Cruel.
Ficou immobilisado onde estava.
O alcaide arrancou-o ao torpôr:
—Acho conveniente que vamos para diante.
«E' extenso e complicado o caminho a passar.»
«Não é conveniente que cheguemos ao extremo perto da madrugada.»
—Pois ha tal risco?
— Grande numero de escadas, alçapões, rampas, pesadas portas...
D. Pedro sentiu-se fraquejar mais uma vez.
Uma invencivel cobardia impellia-o para cima.
Nutria o desejo de regressar ao confortavel aposento da torre.
Quasi julgava preferivel entregar-se, a entrar ali.
Mas via o perigo a que se expunha.
O irmão decerto o encerraria em peiores prisões.
Tornou a insistir o alcaide.
Por fim o rei cedeu.
Tomou a lanterna e internou-se no recinto.
Após elle o companheiro fechou a porta, com estrondo de ferrolhos, trancas e voltas de chave.
—Que fazes?—interrogou perturbado.
—E' para que não nos sigam.
«Podiam descobrir este caminho, os que ainda restam.»
«Lançar-se-iam de tropel a elle, e tudo estaria perdido.»
D. Pedro calou-se.
Ergueu a lanterna para vêr onde estava.
Era uma casa abbobadada, mas tão baixa que tocavam no tecto.
Caminhavam já em nivel inferior ao terreno.
Havia um frio que gelava os ossos.
O rei andava a custo, quasi impellido.
Chegaram a outra porta, chapeada de ferro.
Abriu-a o alcaide a poder de exforços, tanta ferrugem havia emperrado a fechadura.
Agora encontravam-se no alto de uma escada, estreita, ingreme, tão a prumo que se abria adiante d'elles no espesso da parede como um poço escuro.
O castellão desceu os primeiros degraus, amparando-se ás paredes.
Recommendou-lhe muito cuidado.
—Tende cautella, senhor.
«Está humida, escorrendo em agua.»
«Um descuido precipitar-vos-ha por ella abaixo.»

E accrescentou:

— Quantos prisioneiros a desceram n'uma queda, rolando tragicamente de degrau em degrau, impellidos pelo pontapé de carcereiros brutaes!

«Nunca auctorisei, nunca applaudi essas violencias.»

«Davam-se porém com muita frequencia!»

«Os que traziam ordem vossa de serem supprimidos sem ruido, chegavam já ao carcere meio mortos, pernas e braços partidos, a cabeça fracturada, cobertos de sangue.»

«Em pouco tempo davam logar a outros.»

O rei debatia-se no maior terror.

Parecia lhe descer como os desgraçados que mandára executar.

Chegava a passar-lhe pela imaginação que o alcaide o atraiçoava levando-o ali, para entregar depois o castello a seu irmão.

Estavam nos ultimos degraus.

Abrira-se diante d'elles um corredor, com portas de um e outro lado.

Eram calabouços, para prisioneiros de menos conta.

Ao fim uma nova porta interceptava o caminho.

Não havia porém chave que a abrisse.

Pensaram arrombal-a.

Mas estava construida por forma tal que não cedia facilmente.

Então o alcaide voltou atraz a procurar qualquer coisa com que vencesse aquelle obstaculo.

Pedro Cruel sentára-se no chão a esperal-o.

Fechára os olhos, cheio de terror.

Mas ainda assim o assaltavam terriveis visões.

Innundava-lhe a fronte um suor frio.

Reappareceu o alcaide.

Encontrára um varão de ferro e um pedregulho.

Bateu na fechadura para a fazer saltar, mas nem um prego saiu do seu logar.

Metteu por baixo a barra, para a deslocar, mas não obteve o menor resultado.

Encostou-se á parede, exhausto.

Pedro Cruel quiz substituil-o, mas não desvendou o desejado caminho.

Recobrado de forças, o alcaide ergueu a pedra, e atirou-a com força contra a porta.

Viu-a oscilar.

Percebeu que, repetindo as pancadas acabaria por despedaçal-a.

Mas o estrondo echoára por tal forma, repercutindo nas galerias distantes, que receiou alarmar os adversarios.

Communicou ao rei os seus receios.
Mas na ancia de salvar-se, Pedro Cruel disse lhe que continuasse.
Ergueu-a com difficuldade, tornou a atiral a à porta.
Foi abrindo uma fresta, a meio, a poder de pancadas.
Pela abertura metteu a barra e despedaçou algumas taboas.
Não a conseguiu porém descerrar de todo.
Decidiram passar pela abertura.
Saltou primeiro o alcaide.
Seguiu o o rei.
Então ergueram a lanterna e puzeram-se a reconhecer o novo local.
Era uma cella, um carcere estreito, egual aos que abriam de um e de outro lado para o corredor.
—Tanto trabalho para isto! —disse o rei desanimado, deixando-se cair.
O alcaide ficou pensativo.
Procurava recordar-se bem das disposições dos corredores, que atravessára algumas vezes.
—A saida é por aqui—affirmou com decisão.
«No extremo do corredor, d'esta mesma cella, não ha que duvidar... —disse entrecortadamente, procurando recordar-se.»
«E' uma serie de segredos, de caminhos subterraneos, de poços, de portas secretas, de alçapões.»
«Lembro-me apenas que são diversos os meios de passar para que a descoberto de um vão fizesse conhecer os outros.»
Começou a bater as paredes com a barra de ferro.
N'um ponto, o som differente pareceu-lhe indicar que o desejado caminho seria por ali.
Pegou na lanterna, examinou detidamente a muralha.
Fez força com a alavanca nas arestas da pedra que tinha o som differente.
Viu-a mecher.
Redobrou de eforços.
Ella abriu de um lado, como uma porta nos gonzos.
—Salvos mais uma vez—exclamou cheio de jubilo.
—E' o caminho?—perguntou o rei.
—D'aqui, para proseguirmos.
Mas para chegar ao fim ainda falta muito!»

CAPITULO LXXVIII

Almas do outro mundo

IAM seguindo agora um caminho que descia n'uma rampa escorregadia de humidade.

Estreita, baixa, sentiam-se amesquinhados, dobrando-se ao passal-a.

E embora crêsse encontrar ao fim a desejada saida, o rei sentia um immenso pavôr.

— Já passaste alguma vez aqui?

«Não estarás enganado?»

— Antes não conhecesse estes caminhos! — respondeu o alcaide tristemente.

— Que queres dizer?

— Evocam tão penosas recordações!

Pedro Cruel soltou um doloroso suspiro.

E como se lhe adiantasse o companheiro, chamou-o afflicto:

— Devagar, devagar.

«Não posso acompanhar-te n'esse passo.»

«Faz-me mal este buraco sem fim.»

«Quero respirar e não posso!»

«Parece-me que morro asphyxiado.»

O alcaide andou mais devagar.

— São invenções do inferno estes logares sinistros, meu senhor — disse n'um surdo protexto.

— Não fui eu que os mandei construir — retorquiu o rei, não querendo ficar sob o peso de mais esse crime.

— Apenas ordenaste que se aproveitassem para prisões — tornou o castellão, n'uma visivel má vontade.

— E de que serviam antes d'isso — perguntou Pedro Cruel, n'um terror crescente.

— Eram as saidas para o caso de um cerco apertado—respondeu o companheiro da extranha aventura.

«Então queriam-lhe todos, como á garantia da vida, á certeza de liberdade.»

«Podiam sair por elles a adquirir as subsistencias, se lh'as cortasse um duro bloqueio.»

«Atravez d'elle esperavam sempre a entrada de reforços, a chegada de um importante auxilio, que o fizesse descercar, a vinda de alguma hoste capaz de fazer mudar a face das coisas.

«E restava-lhes a certeza de terem por onde sair de noite, sem serem presentidos, no caso de uma perda irreparavel, na perspectiva de uma catastrophe.

— Mas esta saida podia ser a salvação da minha pessoa e da minha causa!

«Porque o não disseste mais cedo? — exclamou o rei cobrando animo.

Increpava o com violencia, com desespero. vendo a probabilidade de se ter posto a salvo.

Mas o alcaide permanecia mudo.

Pedro Cruel proseguiu:

— Por elle podia vir guarnecer o castello, trazendo-me gente, viveres e armas o meu fiel Martim Lopes de Cordova, com a vallente caval laria de ordem de Calatrava, e os meus bons vassallos que o acompanham.

«Seria outra a minha situação.»

«Esses oitocentos cavalleiros, essa nuvem de bésteiros e peões que os seguem, em vez de inutilmente recolhidos em Carmona, podiam estar aqui, luctando pelo seu rei!»

«Tu és o culpado d'essa falta, d'essa traição; tu és o responsavel pela decadencia a que cheguei!»

— Senhor! — protestou o alcaide.

«Lembrai-vos d'aquillo a que chegasteis, e tende um pouco de gra tidão pelos que ainda se mantem ao vosso lado, sem fugirem como o maior numero.»

— Aquillo a que cheguei?

«Atreves-tes a falar assim, quando é por tua causa, por não saberes

aproveitar a disposições dos meus fortes castellos que me vejo abandonado, sem defeza?

—Alteza, desculpae, mas não é assim!

O rei continuou:

«Vê como falas!»

«E lembra-te que, forte ou fraco, ainda sou o teu rei, com direito de vida e de morte sobre ti!»

O alcaide não proferiu palavra.

—Porque te calas?

«Não respondes?»

«Nada tens que dizer a isto?»

O castellão permanecia mudo.

Pedro Cruel insistiu:

—Achas justa a minha indignação?

— Perguntae, responder-vos-ei.

—Porque razão te não serviste d'esse caminho secreto para a entrada dos meus reforços?

—O que dizeis seria possivel no tempo em que este caminho era tratado com amôr.

«Mantinham-o sempre limpo, desobstruido, bem conservado, no intuito da salvação.»

«Reparavam-o constantemente, encobriam, disfarçavam cada vez mais a saida, e até pensavam em augmental-o, abrindo novas galerias que o levassem mais longe.»

— Não o fizeste como devias?

«Porque motivo descuraste o cumprimento da tua obrigação?—increpou com violencia o rei.

— Como sabeis deixei de ser alcaide.

«Segui-vos á corte, acompanhei-vos na guerra, e durante muito tempo os outros...»

— O que faziam esses miseraveis?

— Cumpriam as ordens que lhe daveis.

— Que ordens?

— As de reter aqui por longo tempo e de fazer desapparecer sem ruido...

— Cala-te! Cala-te!

Pedro Cruel estremeceu de medo.

Esmagou-o a visão dos supplicios que mandava inflingir.

Como que via irromperem do escuro as sangrentas phalanges das victimas que sacrificára a sua malvadez.

— Desde então crearam horror a estes horriveis labyrinthos, de onde não sairia ninguem.

«A' guarnição do castello chegavam atravez d'estas grossas paredes os gritos desesperados dos que morriam de fome, n'uma pavorosa agonia.»

«Por fim só os carrascos desciam a estes logares de soffrimento, insensiveis á dor, habituados a fazer correr sangue, em requintes de crueldade.»

«Agora até os velhos soldados, cujo cabellos embranqueceram no vosso serviço, tem receio de descer ás casas-matas e falam de almas do outro mundo, de pavorosos phantasmas que andam por aqui a arrastar grilhões!»

Pedro Cruel caiu de joelhos.

E como era muito religioso começou a rezar, pedindo ao ceo que o protegesse, fazendo aos santos interesseiros promessas, para que o não perseguissem as almas penadas, para sair livremente d'ali.

CAPITULO LXXIX

A sua defeza

ERGUEU SE mais tranquillo

O alcaide continuou:

—Não receio que me persigam os mortos.

«Não fui eu que os torturei.»

«Não fui eu que os votei á tremenda agonia em que se extinguiram.»

—Queres dizer que é a mim que elles pedirão contas? —perguntou atterrado Pedro Cruel.

Sem responder, proseguiu a sua narrativa:

—Deixaram destruir caminhos, perder segredos, emperrar molas, porque só servia para sumir gente, e para isso não eram precisos grandes mecanismos.

Depois de um estrangulamento por onde tiveram que seguir de rastos, entraram n'um quadrilatero abobadado, que devia servir de entrada a outros calabouços de maior importancia.

Havia cubos de pedra encostados á parede, á laia de assentos para um guarda descançar.

O rei deixou-se cair n'um, exhausto, desfeito por tantas commoções, quasi sem vontade de proseguir.

Seguindo o exemplo, o alcaide assentou-se tambem, descrendo encontrar a passagem que tinha annunciado.

Houve um momento de silencio.

Pedro Cruel sentia a necessidade de se defender da accusação implicita nas palavras do companheiro.

Parecia-lhe que os infinitos mortos, sacrificados por sua ordem, se assentavam na sua frente, nos pedregulhos dispostos em fiada, formando um tremendo tribunal.

—Julgas que matei pelo prazer de matar? — perguntou irritado ao alcaide.

—Não tenho que apreciar os vossos actos, senhor —respondeu elle humildemente.

—Devias responder de outra forma! — exclamou o rei fitando-o com rancôr.

E proseguiu:

—Se tomei medidas violentas, que repugnavam ao meu feitio, foi para defender a corôa de meu pae, o socego do reino que herdára, a propria vida até.

«Atterrava uns, intimidava-os com o exemplo dos castigos que viam applicar.»

«Mas outros braços erguiam-se na sombra, armados de punhaes para me assassinar.»

«Os bastardos assalariavam por toda a parte gente da peor especie para o crime!»

«Queriam apossar-se do throno, embora passando triumphantes sobre o meu cadaver.»

«Tive de cimentar com os seus corpos, com o seu sangue, a authoridade legitima, a honrosa herança dos meus maiores! — exclamou Pedro Cruel com paixão.

«Não sabias isto?»

—Sempre fui por vós—declarou o alcaide.

«Depositastes em mim a maior confiança.»

«Agora é que pareceis tel o esquecido.»

—Então porque me não defendes? — perguntou o monarcha exaltando-se cada vez mais.

—Defender? Quem é que vos accusa?

Olhou em torno.

Pedro Cruel, dominado por uma terrivel angustia, passou a mão pela fronte inundada de suor.

E caindo em si:

—Tens razão.

Após uma pausa esmagadora, o alcaide reagindo contra o desanimo que o avassalára, ergueu-se.

—E' preciso continuar a nossa viagem, senhor, é preciso sair quanto antes.

—Vamos d'aqui, e depressa—concordou elle, levantando-se a custo, como quem se levanta de um pesadello, olhando em redor, ainda n'uma impressão de pavôr.

O castellão examinou com a lanterna todos os detalhos do recinto.

—Não achas o caminho?—perguntou o rei sobresaltado, receiando ficar ali, como os que mandára aprisionar.

—Deve estar occulto por uma d'estas pedras.

«Mas qual será?»

«E que segredo a fará girar?»

—Experimentemos—disse Pedro Cruel, começando a fazer força contra uma pedra, para a arredar.

—Falta-nos a ferramenta necessaria.

«Até a barra de ferro deixámos para traz.»

«Quereis que vá buscal a?»

—Não, não—exclamou o rei, temendo ficar só n'esses logares de tão penosas recordações.

«Vejamos se assim...»

—Então qualquer prisioneiro a abriria facilmente, evadindo-se—disse o alcaide.

Mas, pousando a luz, foi experimentar as pedras uma a uma, tentando fazel-a oscillar.

Não cediam porém aos seus exforços.

Sentaram se a repousar, sem forças.

Então o alcaide reparou n'um pedregulho, differente dos outros, caido n'um canto.

Olhou instinctivamente para o tecto, e viu que na abobada faltava uma pedra.

«Teria desprendido se da abobada?»

«Ou seria o desejado caminho, que, por desleixo, tivessem deixado de fechar?»

Subiu á pedra, mas não chegava a alcançar a abertura por mais exforços que fizesse.

Tateou para cima com a folha da espada, e em vez do tecto, apenas desprovido de uma pedra, encontrou uma ampla abertura, o que o fez exultar.

Então cravando a adaga n'uma fenda da parede, subiu até passar a cabeça e a lanterna para o exterior.

Havia um novo caminho n'uma descida rapida.

Convidou o rei a seguil-o.

—Senhor, começam agora os poços e as descidas que acompanham o pendor do cabeço onde o castello está edificado.

«Este é, creio eu, o ultimo disfarce da saida.»

«Agora facilmente encontraremos o fim, que deve abrir-se na planicie, debaixo dos silvados de algum barranco.»

—Vamos a isso—disse o rei, dirigindo-se a abertura.

Mas deteve se um momento:

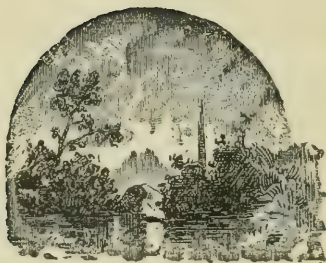
—Como passavam por aqui os prisioneiros?

«Era lá possivel que tenha realidade o que tu dizes!»

—Senhor, elles desciam atados como fardos, olhos vendados, para nada verem, mordaças postas para não gritarem.

«Subiam-os e desciam-os por cordas, como coisas, e só no derradeiro covil, onde deviam agonisar, se lhe deixavam livres os movimentos, saindo o guarda por uma corda ou por uma escada, e tapando os depois com uma pedra que debaixo não se podia erguer e que não se descerrava mais.»

E como se tivesse dito uma coisa natural, apontou o caminho ao rei, que ficára atturdido:

—Subi, senhor, que se faz tarde.

CAPITULO LXXX

Espectrôs do passado

PASSOU primeiro o alcaide.

Deu-lhe as mãos de cima, ergueu-o a custo, pesadamente.

O medo entorpecia Pedro Cruel.

A nova descida levou-os a um recinto em que se abria um alçapão, cuja pedra fôra deixada ao lado da abertura.

—Agora teremos que descer.

«Mas falta-nos a escada ou a corda com que o faziam.»

Relanceou em torno um olhar, mas nada viu.

—Será muito alto?—perguntou o rei.

—E' o que vou ver.

O alcaide deitou-se no chão, procurou esclarecer com a lanterna o espaço inferior, mas nada poude descobrir.

Arrancou um pedaço da roupa, accendeu-o, e deitou-o para baixo.

Ao clarão divisou o pavimento inferior.

Mostrou-o ao rei que se approximára:

—Vêde, senhor, não é muito alto.

Elle não se atreveu a verificar.

—E agora?

Respondeu decidido:

—Vou precipitar-me.

«Ficareis com a lanterna e seguir-me heis.

O alcaide suspendeu se pelas mãos na abertura do alçapão e depois largou-se.

Ouviu-se em baixo o ruido surdo da queda.

Pedro Cruel estremeceu.

—Não é muito alto mas descei com cuidado, meu senhor—disse debaixo um voz sumida.

«Amparar-vos-hei como puder.»

«Dae-me a lanterna.»

—Não posso ficar sem ella para vêr como desço — respondeu o rei, batendo os dentes.

Foi suspendendo-se a custo, sem a largar.

O castellão tocava lhe nos pés, segurando-o.

—Agora, senhor.

Precipitou-se o rei, mas fel-o mal, caindo para o lado, e o alcaide com elle.

A lanterna apagou-se.

Pedro Cruel, ao vêr-se totalmente ás escuras, soltou um grito de horror, que resoou lugubremente, despertando eccos que pareciam outros tantos gemidos.

Tateando, o alcaide procurava erguel-o, porque o medo deixára-o paralysado.

—Estaes magoado?

—Muito.

—Mas podeis por-vos de pé.

—Posso. Não fui tão desgraçado quanto podia ser!—e o rei ergueu-se a custo, suspirando.

—Então deixae-vos ficar, socegado, a descançar um pouco, emquanto eu procuro a lanterna.

—Mas como a has-de accender?

—Trago isca, vou ferir lume,

Em vão procurou a luz.

Começou então a arrancar faiscas que tornavam ainda mais impenetravel a sombra.

Depois de longas tentativas incendiou o morrão, e com elle procurou a lanterna.

Accendeu-a, e preveniu o rei de que na queda se derramára muito azeite.

«Pouco tempo mais poderia durar.»

«Era preciso portanto proseguir energicamente na tentativa, sem o menor desanimo.»

Começaram a examinar o chão e as paredes em demanda de uma nova passagem.

Estavam n'uma especie de poço cavado na terra, no intuito de obter um impenetravel esconderijo.

Nenhum revestimento de cantaria deixava nascer a suspeita de que houvesse uma saida secreta.

O tecto, onde nem descobriam o alçapão, tão fraca era a luz, ficava quasi a altura de dois homens.

—Onde estamos?

—N'uma das prisões onde os presos morriam de fome—respondeu sinistramente o alcaide.

O rei estremeceu.

Passou-lhe pela imaginação a tragedia medonha d'essa gente desvairada pela fome e pela sede, enlouquecida pelo desespero de se encontrar ali a sós.

Via-os, n'uma vertigem de sangue, atirando-se de encontro ás paredes lisas, querendo trepar como reptis batendo de encontro aos surdos muros do seu carcere, procurando em vão alcançar um pedaço de pão, uma gotta d'agua.

Enfurecia-o o terror.

Bradou ao alcaide:

—Quero sair d'aqui ouviste bem?

«Se não me levas ao verdadeiro caminho, se não terminas este supplicio, és um traidor, que me queres entregar ao bastardo, dentro de um d'estes horriveis calabouços!

«Mas ainda me resta uma adaga para te cortar a garganta antes de o fazeres!»

Arrancou a e correu para elle.

O alcaide não se arredou.

Esperou-o cruzando os braços.

Na serenidade em que se mantinha havia alguma coisa de ameaçador.

—Nem por isso podereis sair.

«Sósinho, nunca achareis a passagem.»

«E se d'aqui não houver saida, preferirei morrer sob o vosso punhal que deve ser bem destro em ferir mortalmente, a morrer de fome, junto de vós n'uma infernal tortura.»

—De fome!—exclamou o rei perdendo a serenidade.

Viu então o risco em que se achava.

Deixou cair o ferro.

Mudou de attitude.

Falou humildemente:

—Perdôa, estava louco!

Deixou-se cair desanimado.

Comprehendeu toda a profundidade da sua desgraça.

Então pediu afflicto:

—Salva-me! Salva-me!

«Faz-me sair d'aqui, e serás o primeiro do reino!»
«Encher-te-hei de honrarias e riquezas!»

O alcaide principiou a tatear com a ponta da espada, o chão do carcere, junto ás paredes.

Pareceu lhe que a ponta raspára em ferro.

Escavou com ardor.

Encontrou uma argola presa a uma chapa.

Exclamou com vivacidade:

—Senhor, ha uma passagem, estamos salvos.

Levantou-se o rei, para ir vêr.

Mas o alcaide, tendo dado á lamina um violento empuxão desappareceu, despenhando-se na abertura, soltando um grito.

Pedro Cruel ainda quiz correr a auxilial o.

Mas cambaleou, perdeu os sentidos e caiu redondamente.

CAPITULO LXXXI

O alcaide

QUANDO tornou a si, alguma claridade illuminava o carcere.

Despertando, como de um sonho mau, recordou-se de que ouvira pela noite adiante dolorosos gemidos.

Lembrou-se então do alcaide.

Reconstituiu a scena.

Foi vel-o ao alçapão por onde havia desapparecido.

Ficou surprezo ao divisar nma escada, de onde vinha um clarão.

«Que succedêra?»

«O alcaide fugiria, trahindo-o?»

Voltou ao ponto de onde agora divisava a abertura do tecto.

Não tinha maneira de subir até elle.

Só podia ãair d'ali pelo caminho que levára o companheiro.

«E se fosse a desejada passagem?»

Reanimou-o a esperança.

Experimentou se a adaga sahia da bainha, apertou mais o cinto da espada e desceu resolutamente os primeiros degraus.

D'ali a pouco teve a explicação de tudo.

Ao fundo da escadaria estava um corpo ennovelado.

Reconheceu-o.

Era o alcaide que rolára de degrau em degrau, como os prisioneiros a quem se referira.

Desviou-se d'elle com remorso.

«Quizéra matar aquelle homem que se lhe sacrificára ao ponto de morrer!»

Supersticioso, julgando que depois de morto havia uma outra vida, onde se repetiriam os julgamentos d'esta, os premios, os castigos, temeu-se de um dia ter de prestar contas de tanto sangue derramado, de tanto proposito criminoso.

E agora, que lhe chegava o receio da morte e das penas do inferno, com que os frades o atemorisavam, não tinha ao pé de si a quem legar o encargo de lhe dizer suffragios, nem já dispunha de dinheiro com que pagar as orações.

«Mas se voltasse a dominar, como d'antes, trataria de salvar a sua alma, para não padecer na eternidade!»

Dasceu os ultimos degraus.

Encontrou-se n'um patamar illuminado por uma esguia fresta que deixava entrar uma restea de luz.

Ahi havia uma porta baixa, forrada de ferro, assegurada por grandes ferrolhos e cadeados.

Vencendo uma grande repugnancia foi buscar o molho de chaves que pendiam do cinturão do alcaide.

Experimentou uma a uma, mas não conseguiu descerrar a almejada passagem.

Abria-se atraz d'elle uma rampa suave.

Mas como a saida devia estar n'um plano inferior a todos os conductos, só em ultimo caso a seguiu.

E depois de marchar um grande espaço, subindo sempre, sentiu ruido de vozes.

Prestou attenção.

Approximou-se, rastejando subtilmente, para não ser descoberto e ouvir o que se dizia.

Achava-se de novo dentro das fortificações do seu castello de Montel.

Mas soffrera tanto n'essa noite, que, longe de considerar o encontro uma terrivel contrariedade, acceitou o como um grande bem e um grande allivio.

Sahiu da casa-mata.

Atravessou por entre os homens d'armas que rondavam as muralhas, e dirigiu-se á torre, aos seus aposentos, morto de fome e de cheio de cansaço.

Foram cumprimental-o e perguntar a causa da sua ausencia, que a todos alarmára.

Respendeu que andára rondando occultamente as ultimas barreiras, e que o alcaide morrera, victima de uma setta despedida de perto por um dos seus inimigos.

Para o substituir nomeou Mem Rodrigues de Seabra, cavalleiro da Galliza, que já tomára parte em outros lances.

Fôra preso uma vez, na villa de Brevesca, e ficára em poder do bastardo, resgatando-o então Bertrand Du Guesclin, que pagou por elle cinco mil francos, em vista de ter sido nomeado por D. Henrique, conde de Trastamara, e de Mem Rodrigues pertencer ás terras do condado.

Depois de comer e beber por fórma a recobrar as forças perdidas, o rei chamou o seu novo alcaide.

Mostrou se disposto a levar a resistencia até á ultima.

Ordenou lhe que se informasse das circunstancias em que estava o castello, das armas de que dispunha para o combate, e dos generos alimenticios que podiam prover ás suas subsistencias, para não se renderem em caso algum.

Andou informando se Mem Rodrigues de Seabra conforme a ordem régia.

Mas as ciscumstancias faziam o desanimar.

Todos aquelles a quem se dirigia declararam-lhe que era impossivel resistir.

Apresentou-se a dar contas da sua missão.

Pedro Cruel ouviu da sua bôcca opiniões eguaes ás do seu antecessor.

—Nada podemos fazer!

«Falta que comer, não ha projecteis para atirar ao inimigo, não poderemos luctar.

«Dentro em pouco entrarão no castello por todos os lados, sem que o possamos impedir.»

Então o rei fechou se por dentro com elle.

—Posso confiar em ti?

—Absolutamente, senhor.

«Lembrae vos os serviços que já vos prestei, e a fidelidade com que permaneço aqui, quando outros, que não pensando como eu penso, vos tem abandonado.»

—E' verdade.

«Pois bem »

«Ouve o que te vou dizer.»

O novo alcaide approximou-se mais.

—Tentei sahir d'aqui pelo caminho secreto, mas não achei o desejado termo.

«O alcaide morreu desastrosamente, ao abrir um alçapão, caindo delas escadas.

«Hoje só em ti confio.»

«Quero salvar-me, mas já me falta iniciativa para o fazer, para me lançar em novas tentativas.»

«Preciso salvar me da derrota.»

«Vê se descobres a maneira de fazer, como bem o entendas, seja como fôr.»

—Authorisaes-me a proceder com toda a liberdade?

—Sim.

«Não venhas consultar me.»

«Deixa-me dormir, que bem preciso.»

«Virás chamar-me quando tudo estiver prompto.»

«Vae, e que consigas o que desejo.»

«Depois te recompensarei.»

CAPITULO LXXXII

Cavalleiresco desinteresse

MEN Rodrigues de Seabra saiu dos regios aposentos verdadeiramente preoccupado com o encargo.

«Que havia de fazer?»

«Não conhecia a passagem occulta.»

«E desde que o rei e o antigo alcaide não tinham encontrado o caminho, que poderia elle conseguir?

O estado da guarnição afastou de todo a hypothese de uma sortida.

Como tinha authorisação para proceder como entendesse, e via a situação desperada do rei, pensou em conquistar a adhesão de alguem do campo inimigo que franqueasse as linhas do cerco.

Lembrou-se de Bertrand Du Guesclin.

«Como estrangeiro devia acceder facilmente, não sentindo pelo rei decahido o odio que nutriam os castelhanos revoltados.»

Servira ás suas ordens até passar ás hostes do rei cruel.

Estava convencido que elle não faltaria a qualquer entrevista que lhe propozesse.

De noite mandou sair um homem d'armas, como fugido, com um recado seu para o condestavel de França.

Accedeu Bertrand, e mandou communicar-lhe pelo mesmo soldado que lhe falaria á muralha, mas apenas do lado que fôra incumbido de guardar.

Ao signal combinado o francez aproximou-se, e Men Rodrigues de Seabra foi fallar-lhe á barreira:

— Senhor Bertrand Du Guesclin, el-rei D. Pedro, meu senhor, encarregou me de falar comvosco sobre um assumpto do mais elevado interesse para ambos (1)

— Falae mais baixo, que pode alguem ouvir-nos — pediu o condestavel.

— Dizeis bem — concordou o alcaide.

E proseguiu, tomando precauções:

— Manda-vos dizer el rei que lhe chegou a fama de que sois um grande cavalleiro, habituado a praticar grandes façanhas, capaz de todos os rasgos de generosidade.

— São favores que me faz sua alteza — retorquiu modestamente Bertrand.

— E' a pura verdade que eu mesmo posso testemunhar.

«Tive a honra de servir comvosco e assisti aos vossos actos de bravura.»

— E por isso me deixaste?

— Perdoae.

«Mas é que a situação do meu rei natural apaixonou-me tanto, que só tratei de levar-lhe o concurso do meu braço.»

«Por elle venho aqui.»

«Esquecei tudo mais, para sómente attender á minha e á sua afflição.»

— De que se trata?

— Vêdes o estado a que chegou el-rei.

«Pois bem.»

«Se o quizerdes livrar, fazendo com que saia d'aqui, acompanhando-o e tomando o seu partido, recebereis duzentas mil dobras castelhanas e mais seis villas de juro e herdade para vós e para todos os vossos successores.»

«Alem do interesse, que grande honra para vós saber-se em todo o mundo que salvaste tão nobre rei!»

Bertrand respondeu:

— Amigo, bem sabeis que sou francez, vassallo de el-rei de França, e que vim aqui por seu mandado.

«Servindo el-rei D. Henrique, que lhe mandou pedir auxilio, luto contra o vosso rei, alliado dos inglezes, e por tanto adversario, como elle, do meu senhor.»

---

(1) Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Fernando*, cap. XXII

«Demais estou a soldo d'este nobre rei, e não posso praticar acção alguma que redunde em seu prejuizo.»

«Extranho até que m'o tivesseis proposto.»

«E se algum conceito vos mereço, do tempo em que serviste commigo, peço-vos que me não faleis mais em tal.»

— Senhor — retorquiu Men Rodrigues de Seabra — conheço-vos muito bem.

«Se vos propuz isto é que não só não via motivo para deshonra, mas, pelo contrario, uma nova occasião de vos distinguirdes.»

«Peço-vos um ultimo favor, é que vos aconselheis bem antes de me dares uma resposta decisiva.»

Separaram se.

O alcaide foi ter aos aposentos de el rei.

Mas Pedro Cruel dormia a somno solto.

Segundo a sua expressa determinação não se atreveu a accordal-o para dar-lhe noticias.

Pela manhã contaria o que fizera.

Recolheu tambem a repousar.

Bertrand Du Guesclin foi para a sua tenda.

Consultou os parentes e amigos que tinha comsigo.

«Que lhes parecia?»

Foram todos de opinião que devia manter-se fiel a D. Henrique, a cujo serviço se encontrava.

«Por nenhuma razão do mundo devia fazer tal cousa, porque soltal-o era prolongar a guerra.

— Foi assim mesmo que respondi, prevendo o resultado — declarou Bertrand.

«Mas que vos parece, devo calar-me, ou contar a el-rei o que se passou?»

Após alguma discussão, concluiram porque devia informar D. Henrique do que succedera.

O condestavel foi procurar o bastardo e contou-lhe tudo o que lhe pedira o alcaide.

— Dar-te-hei todas essas terras e ainda muito mais dobras — disse-lhe Henrique de Trastamara.

— Antes de ouvir a vossa generosa promessa já tinha recuzado inteiramente a proposta — respondeu o condestavel.

— Mas tens que desdizer-te — indicou o rei.

«Declararás ao emissario de meu irmão que estás prompto a satisfazer os seus desejos.»

«Inspira-lhe toda a confiança, dá-lhe as garantias que quizer, faz com que elle saia da fortaleza e venha abrigar-se na tua tenda.»

«Mandarás então avisar-me, e eu...»

— E vossa alteza?... — perguntou o condestavel de França, mal assombrado pela proposta de traição que o rei lhe fazia.

Henrique de Trastamara completou a phrase:

— E eu poderei finalmente salval-o, pol o em liberdade, sem que os meus soldados o saibam e m'o extranhem.

Elle permaneceu silencioso.

— Que te parece?

— Não sei se tal feito estará comprehendido nas instrucções que recebi do meu rei e vosso aliado.

«Consultarei porém os meus, e mandarei dizer-vos aquillo que concluirmos.»

— Se fizeres o que eu desejo, ouve bem, aquillo que eu desejo levar a cabo, dar te-hei quatrocentas dobras castelhanas, o dobro de que meu irmão prometteu para o salvares.

«E além d'isso o mundo inteiro te applaudirá por teres dado fim à cruel guerra, que tem ensanguentado esta nobre nação, por teres concorrido para desthronar tão perverso rei.»

Bertrand Du Guesclin voltou à sua barraca de campanha para medi-ar nas duas offertas.

CAPITULO LXXXIII

Odio de irmãos

TORNOU a reunir o seu improvisado conselho.

Foi debatido o thema, de uma forma mais calorosa que os dois primeiros.

Dividiam-se as oppiniões, mas por fim uniu-os o interesse.

Concluiram que sim.

«O rei de França enviára-o a servir o de Castella.»

«O dever de lealdade mandava-o obedecer a todas as ordens do novo senhor, sem as discutir.»

«E assim, sem querer saber quaes era os desejos de D. Henrique, sem lhe exigir garantias, devia, como elle desejava, trazer astuciosamente Pedro Cruel ao seu acampamento.»

Para o fortalecerem n'essa decisão, que trazia para todos importantes vantagens materiaes, fizeram-lhe vêr que o rei cercado nunca tivera a noção da lealdade.

Citaram-lhe dos horrorosos casos que elle praticava habitualmente, perdões concedidos para attrahir victimas, seguranças, prestadas de má fé, ciladas a que attrahia os seus parentes mais chegados para os assassinar.

E quando lhe fallaram da odiosa morte dada pelo tyranno á rainha D. Branca, ergueu-se de salto.

Recordou então, muito commovido, tudo o que elle fizera soffrer á infeliz mulher.

E lembrando se o que passára, os riscos a que se expozera para a salvar, e a vingança que jurára tirar, decidiu acceder aos desejos do bastardo.

Men Rodrigues de Seabra, ancioso por uma resposta favoravel, enviou novamente o emmissario a Bertrand.

Este respondeu que tinha boas noticias, e marcou a entrevista para o mesmo logar.

O alcaide, que já communicára ao rei o começo das negociações, dirigiu-se presuroso ao seu encontro.

—Falaes-me, senhor, de bôas novas.

«Não imaginaes como me fizeram bem as palavras que me enviaste.»

—Pensei melhor, e acho que devo concorrer para que D. Pedro saia d'aqui.

—Estaes então decidido?

—A tudo.

—Como é vossa a gente que guarnece este lado, deixareis que el-rei passe...

—Perfeitamente.

«E' preciso porém que ninguem aqui dentro o saiba, para que não queiram sahir com elle, o que levantaria suspeitas.»

«Passará pela porta da traição, onde um homem de minha confiança o esperará, para o guiar á minha tenda.»

«Chegado ahi montarei, e largarei com toda a minha hoste para onde lhe approuver.»

—E' decerto para Carmona, onde tem um importante nucleo de resistencia que pretenderá dirigir se.

—Que sua alteza o decida, e m'o communique—disse respeitosamente Bertrand Du Guesclin.

—E quando podereis levar a cabo o nosso nobre intento?—perguntou Mem Rodrigues.

—Quando approuver a el rei.

—Hoje mesmo?

—Deixae me ir ao acampamento.

«Se poder mandar preparar os meus homens, sob qualquer protexto, sem inspirar desconfianças, sem levantar suspeitas, fal o ei d'aqui a pouco.»

«Um facho acceso sobre a minha tenda, será o signal para el-rei partir.»

«E' preferivel que vá a pé para não ser visto.»

«Pode guial-o o homem que me tendes enviado.»

«Depois de o ver a salvo, no nosso campo, e que eu me ponha em marcha, abri as portas livremente, ide encorporar-vos ás minhas forças, e ficareis todos livres.»

Retirou-se.

Foi logo communicar a Henrique de Trastamara tudo o que se passára.

O bastardo satisfeito por vêr realisar o seu projecto, mandou-o dar o signal immediatamente.

Pedro Cruel, ao saber o resultado das negociações, correra para junto da porta, encoberto com um capuz, a esperar que o facho indicasse o momento de recobrar a liberdade.

Um clarão vermelho brilhou na direcção do acampamento da hoste de Bertrand.

—Estaes salvo, senhor—disse Men Rodrigues de Seabra, beijando-lhe a mão.

E chamando o homem d'armas que esperava a distancia o momento preciso.

—Acompanha este cavalleiro á tenda de Bertrand Du Guesclin onde tens ido.

—Obrigado, obrigado—disse o rei ao despedir se.

O homem d'armas levava-lhe á redea um bom cavallo para quando tivessem de fugir.

Chegaram á tenda do condestavel.

O rei disse para dentro:

—Cavalgae, que é tempo que nos vamos.

Mas ninguem respondeu.

Desconfiado, quiz saltar na sella, e fugir d'ali, mas da barraca saiu um cavalleiro:

—Esperae um pouco, senhor.

Prometteu-lhe que já vinha Bertrand.

Approximaram-se outros francezes.

N'isto chegou um cavalleiro, todo coberto de armadura, a viseira caida.

Um do grupo, reconhecendo-o, apontou-lhe D. Pedro:

—Vêde, é este o vosso inimigo!

Pedro Cruel comprehendeu tudo:

—Sou eu, sou!—bradou desesperado.

Cresceu para elle, deitando a mão a adaga.

Mas tinham-lh'a arrancado.

E assim mesmo, desarmado, n'um amargo rancôr, atirou-se ao irmão, enlaçando o para o subjugar.

—Traidor! Traidor!—exclamou ainda.

Rolaram pelo chão.

Procurava estrangulal-o, na furia que o levára a extinguir todos os

representantes da dymnastia, todos os parentes, os primos, os irmãos, desesperado por não ter mandado envenenar ou apunhalar aquelle, que o coibia n'uma tal cilada.

Henrique apertava na lucta o ferro com que queria vingar a morte da mãe e dos irmãos, uma hecatombe sinistra do seu sangue, o immenso rosario de crimes de que toda a Castella pedia justiça.

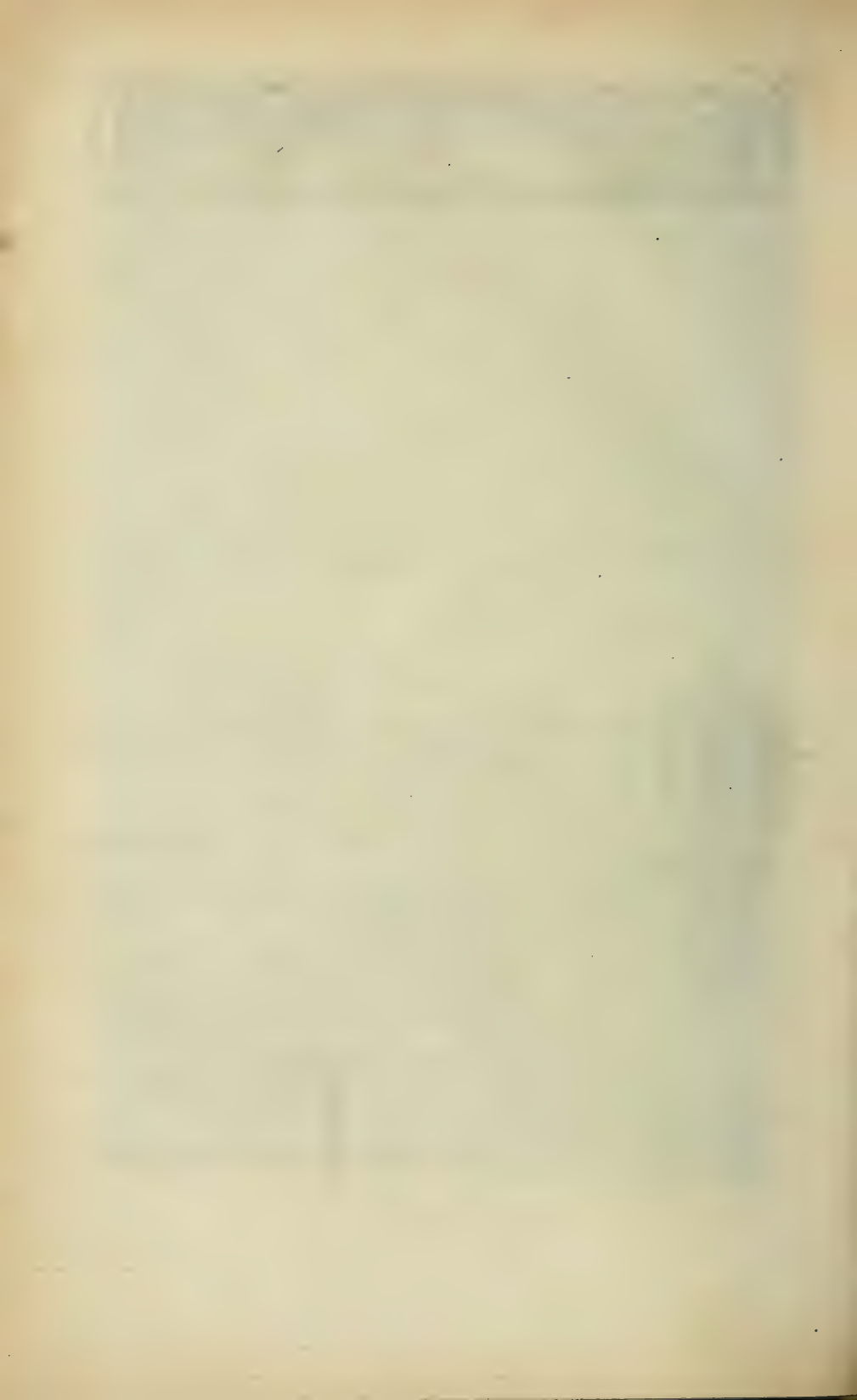
Pedro Cruel conseguira mettel-o debaixo dos joelhos.

E se estivesse armado realisaria decerto o seu maior desejo, extinguir o ultimo representante do sangue de seu pae.

Os cortezãos assistiam apavorados á tremenda lucta em que se dilaceravam dois reis, dois irmãos, escumantes de odio, ebrios de sangue.

Aguardavam, sem duvida, o final para ir beijar a mão ao vencedor, quando um fidalgo, Fernão Sanchez de Thoar, partidario do bastardo, atirou ao chão Pedro Cruel e deitou-lhe para cima o irmão, a que o peso da armadura tolhia os movimentos.

Então Henrique de Trastamara cravou a adaga no rosto do adversario, e em repetidos golpes consumou encarniçadamente o fratricidio, vingando a morte dos seus.

Vingando a morte dos seus

CAPITULO LXXXIV

Pacheco

DESCONFIANDO da attitude do filho, temendo que praticasse a loucura de ir prevenir Pacheco, Nuno Freire de Andrade disse-lhe rudemente:

— Que nem uma palavra te atraiçôe!

«Nem me trates por teu pae.»

«Se em Portugal constasse o que tens feito estarias perdido para sempre.»

«Para todos continuas a ser o prisioneiro que me trouxeram os homens d'armas.»

Luiz Freire curvou a cabeça.

— Põe o bacinete, desce a viseira!

«Assim. Muito bem.»

«Agora vou mandar que te amarrem as mãos.»

— Oh! meu pae!

— E' uma formalidade, descança.

«Não posso proceder de outra forma para com um inimigo que de tal fórma combateu os nossos.»

«Vamos assim até ao castello.»

«Lá mudarás de trajo, e depois ninguem saberá o que se passou.»

Elle prestou-se a tudo.

E seguiu a pé, entre meio da escolta.

Na fortaleza Nuno Freire mandou descançar os seus, e ficou com o prisioneiro, declarando que o ia interrogar.

A sós com o filho, disse-lhe:

—Vaes ficar preso n'esta torre até que o rei de Portugal faça justiça nos assassinos de Ignez de Castro.

«A cabeça do alcaide responderá por ti!»

«Ao menor protesto que fizeres serás encerrado no segredo para mais segurança.»

«A Violante dirás que nada podeste fazer porque te prendeu um alcaide castelhano.»

«Repito-te, se D. Pedro soubesse a verdade, não só podias dizer adeus á felicidade, mas á propria vida.»

—Sem ella que me importa viver!—disse Luiz Freire, lugubremente, de dentro do bacinete.

N'isto entrou precipitadamente o homem que fôra encarregado de prender Pacheco, ao regressar da caça.

—Que noticias trazes?—perguntou Nuno Freire.

Ao ver como proseguiam os seus companheiros de casa tendo ouvido que tambem o procuravam, o mendigo a que Diogo Lopes dava esmola e que servira de guia ao bispo, rezolveu ir avizal-o.

Saiu coxeando, a pedir esmola como de costume.

Os homens d'armas de sentinella á entrada da villa deixaram-o passar sem lhe prestarem attenção.

«Que podia o pobre diabo ter com o assumpto de que se tratava?»

Mas o velho, á custa de exforços foi arrastando se com quanta pressa podia, em procura do seu protector.

Encontrou-o já de volta á povoação, acompanhado pelos seus, os cães latindo alegremente, os falcões pousando nos punhos.

—Uma esmolinha por amor de Deus!—supplicou o pedinte, approximando-se do cavallo.

Diogo Lopes metteu a mão na escarcella para lh'a dar como tanta vez fazia.

—Tenho uma coisa grave a communicar-vos—disse lhe em segredo, ao agradecer o obulo.

Pacheco, julgando tratar-se de alguma bagatella, respondeu despreoccupado:

—Logo me dirás.

Mas o pobre insistiu:

—Senhor, é que a vossa vida corre um grave risco—declarou-lhe cheio de medo.

Diogo Lopes suspendeu a marcha.

—Falaes serio?

—Oxalá que estivesse brincando!

O ministro de Affonso IV, não sabendo o que fosse, voltou-se impressionado para os seus:

—Este velho quer mostrar-me um vale proximo onde ha muitos perdigões.

«Ficae caçando por aqui entretanto, que pouco tempo me demorarei com elle.»

Afastaram-se do grupo dos caçadores.

Então o pobre disse-lhe commovido:

—O alcaide foi cercar-vos a casa.

«Os senhores Pero Coelho e Alvaro Gonçalves estão n'este momento vigiados pelos aguazis.»

«Nas portas ha ordem para vos prender assim que chegardes.»

«E o bispo do Porto, que veiu disfarçado para vos avisar, disse que tinheis sido reclamados pelo rei de Portugal.»

Diogo Lopes comprehendeu o perigo.

—Ainda não está satifeito!—exclamou exaltado.

«Não lhe basta o exilio de tantos annos, a perseguição a minha pobre filha, a perda de todos os meus bens!»

«Quer matar me, quer a minha agonia.»

Passou-lhe pelos olhos o sinistro espectaculo d'um supplicio.

Imaginava um d'esses torvos delirios em que o rei se debatia a miudo, como lhe haviam contado.

Perdeu a serenidade que não o abandonára até ahi nos maiores lances.

Olhou instinctivamente para traz como se receiasse que o viessem perseguindo.

«Era preciso fugir.»

«Ainda seria tempo?»

«Mas para onde é que havia de dirigir-se, que o não alcançassem os aguazis do rei?»

O mendigo indicou-lhe seguros atalhos perdidos na serra que o levariam ao caminho de Aragão.

Diogo Lopes vestiu os trajos rotos do miseravel, para disfarçado escapar á morte.

—Ide a pé, senhor—aconselhou ainda o velho—para não despertardes attenções.

«Ponde vos ao serviço dos almocreves, ou vesti um habito de frade se o poderdes obter, e dentro em pouco estareis na fronteira.»

—Obrigado, bom velho — disse Pacheco pondo-se em marcha.

—Não me agradeçaes, senhor.

«E' a paga do bem que me fizesteis.»

«Não é bom desprezar os desgraçados, sempre se deve fazer bem!»

E o poderoso ministro do rei de Portugal afastou-se feito pedinte.

O velho tomou pausadamente outro caminho.

«Se voltasse á villa desconfiariam d'elle.»

Ia caindo a tarde.

Os companheiros de Diogo Lopes não o vendo chegar voltaram atraz a procural-o.

Após algumas pesquizas viram o cavallo solto, pastando livremente.

«Ter-lhe-ia fugido, ou Pacheco fôra victima de algum desastre?»

Como anoitecesse, e se tornasse impossivel procural-o mais, regressaram á villa preoccupados.

Mas ao entrarem, vendo como a gente do alcaide o procurava, comprehenderam tudo.

A's perguntas responderam, que, tendo-se afastado, desapparecera.

Apenas se encontrára o cavallo, que traziam comsigo.

CAPITULO LXXXV

E a vingança?

NUNO Freire ficou exaltadissimo.

«Então fugia-lhe assim o principal dos tres?»

Era no seu entender Diogo Lopes Pacheco o mais culpado.

Bem sabia como elle regeitava a cumplicidade, fazendo vêr que saira com o rei, no momento em que o meirinho recebia ordem para proceder á execução.

Era para Alvaro Gonçalves e Pero Coelho que lançava a responsabilidade.

Mas Nuno Freire recordava as intrigas forjadas pela sua ambição.

Fora longa a desharmonia, e em todos os momentos se encontrava, promovendo-a, fomentando-a o ministro de Affonso IV.

Lembrava, no desespero d'esse instantante, as questões que haviam travado em pleno concelho.

Tinham chegado a digladiar-se n'um duello de sangue em que profnndamento o humilhára.

E lamentava bem fundamente não ter morto Pacheco, no momento em que o feriu.

«Quantos desgostos pouparia a todos?»

«Talvez que nem tivesse sido sacrificada Ignez de Castro ás intrigas da côrte.»

A memoria da infortunada evocava-lhe o fundo desespero em que D. Pedro o chámára para o encarregar da captura dos criminosos, a sua derradeira ambição.

Vira-o chorar lagrimas amargas pensando na desforra, antegosando o unico prazer que lhe restava.

Como lhe havia de apparecer agora, tendo deixado fugir o maior culpado? (1)

Luiz Freire exaltára, ao ouvir a narrativa que o homem d'armas fazia ao pae.

(*) Eis como Fernão Lopes descreveu a interessante fuga de Pacheco:

«Andou elle, quanto poude, por onde entendeu que Diogo Lopes viria, e achou-o já vir com seus escudeiros, mui desegurado das novas que lhe elle levava. E dizendo o pobre a Diogo Lopes que lhe queria falar, quizera-se elle escusar de o ouvir como quem pouco suspeitava que lhe trazia tal recado.

Afincando se o pobre que o ouvisse, contou-lhe então áparte como uma guarda de el rei de Castella, com muitas gentes, chegaram a seu paço para o prender,... e isso mesmo de que guisa as portas eram guardadas, por que nenhum saisse para o avisar.

Diogo Lopes, como isto ouviu, bem lhe deu a vontade o que era, e medo de morte o fez torvar todo, e pôr em grão pensamento.

E o pobre lhe disse, quando o assim viu: — Crêde-me de conselho, e ser-vos-ha proveitoso: apartae-vos dos vossos, e vamos a um valle não longe d'aqui, e alli vos direi a maneira como vos ponhaes em salvo.

Então disse Diogo Lopes aos seus que andassem por alli lhe a perto caçando, cá elle só queria ir com aquelle pobre a um valle, onde lhe dizia que havia muitos perdigões.

Fizeram no assim, e foram-se ambos áquelle logar, e alli disse o pobre, se escapar queria, que vestisse os seus saios rotos, e assim, de pé, andasse quanto podesse até á entrada que ia para Aragão, e que com os primeiros almocreves que achasse, mettesse de soldada, e assim, com elles de volta, andasse seu caminho, e por esta guisa, ou em um habito de frade, se o depois haver pudesse, se puzesse em salvo no reino de Aragão, cá por força havia de ser buscado pela terra.

Diogo Lopes tomou seu conselho, e foi-se de pé, d'aquella maneira, e o pobre não tornou logo para a villa. Os seus aguardaram por mui grande espaço; e vendo que não vinha, foram-no buscar contra onde elle fôra: e andando em sua busca, acharam a besta andar só e cuidaram que caira d'ella, ou lhe fugira, e buscaram no com maior cuidado.

Foi a detença, em isto, tão grande, que se fazia já muito tarde, e vendo como o achar não podiam, levaram a besta e foram-se ao logar, não sabendo que cuidassem em tal feito.

E quando chegaram, e viram de que guisa o aguardavam, e souberam da prisão dos outros, ficaram mui espantados, e logo cuidaram que era fugido: e perguntados por elle, disseram que caçando só, se perdera d'elles, e que buscando-o acharam a besta e não a elle, e que n'aquillo foram detidos até áquellas horas, e que não sabiam que cuidassem, senão que jazia em algum logar morto.

Chronica de el-rei D. Pedro, cap. XXXI

Mas a mascara de ferro, que lhe cobria o rosto, não deixava perceber o seu contentamento.

— Nada mais sabes ?

«Nada mais se passou? — perguntou Nuno Freire, ao emissario.

— Não senhor.

— Vão prender immediatamente os caçadores que Diogo Lopes levára comsigo.

«Obrigal-os ei a dizerem que caminho tomou, e dentro em pouco o terei em meu poder!»

Saiu o outro a cumprir a ordem.

D. Nuno voltou se para o filho:

—Gloria-te!

«Succcdeu tudo o que desejavas!»

—Então solte me as mãos.

—Para quê?

—Bem vê que não tive culpa, que não pude ir avisar Diogo Lopes Pacheco.

«E' certo que anceava por esta solução, que representa a minha ven tura, mas nada concorri para a merecer, não devo portanto expiar o que não fiz.

«Agora desejo coadjuval o com o maior ardor, na captura dos outros.»

—Obrigado!—respondeu o pae amargamente—E' depois do mal feito...

E accrescentou muito senhor de si:

—Esses presos estão a dentro das muralhas, que não podem transpôr.»

«Fortes guardas defendem as portas e não são esses decerto que me escaparão.»

Mas o homem que saira voltou dentro em pouco, apressadamente, com outra novidade:

—Senhor, a gente que voltava da caçada reuniu-se á que protegeu a fuga dos que foram cercados na casa, e, certamente capitaneados por esses dois que procuraveis prender, forçaram a porta do sul, matando alguns dos nossos, e fugiram todos.

—Tambem elles?—exclamou Nuno Freire, exaltando-se mais — tamem elles me deixaram logrado !

«Eis a tua obra! —disse voltando-se para o filho — eis o que vieste fazer.»

—Dae-me soldados com que os persiga, e não descançerei sem os trazer aqui—exclamou Luiz Freire penalisado por ver o pae em tamanho desgosto.

—E Pacheco? — perguntou D. Nuno.

—Persegui-o vós, se assim o quereis, que pelos outros, descançae, respondo eu.

—Porque falas assim?

—Reconheço todo o mal que fiz, embora involuntariamente, porque como já disse, nunca esperei que fosseis vós o encarregado de semelhante diligencia.

«Mas desde que respondi mesmo sem culpa, com tal ingratidão á dedicação com que, por minha causa, tomastes tal encargo, é meu dever reparar o mal.»

—Irás comigo—disse o pae, soltando-lhe as mãos — poderás resgatar o teu erro.

«Diogo Lopes leva-me grande dianteira, e é fino bastante para se deixar apanhar agora.»

«Mas esta sei que caminho seguem.»

«Vão decerto reunir-se ao bastardo!»

«Tudo está em os alcançarmos e os podermos prender vivos, como quer el-rei.

—Encontremol-os nós, e affianço que os hei-de levar a Portugal—bradou Luiz Freire, exaltando-se.

«Verá com que ardôr os ataco, meu pae!»

—E' bom que o faças, para que D. Pedro saiba e se incline para ti.

«Não posso exigir, em bôa razão, o cumprimento da promessa de te casar com Violante, desde que não lhe leve o homem a que elle decerto attribue maiores culpas.»

CAPITULO LXXXVI

Perseguindo-os

APOSSÁRA-SE de Nuno Freire um verdadeiro rancôr.

Luiz n'uma grande inquietação, receiava perder Violante, desde que o pae não levasse a Portugal os assassinos.

Agora approximava os a mutua necessidade de se auxiliarem.

Mas nem assim D. Nuno esquecia que a intervenção do filho déra a liberdade a Pero Coelho e Alvaro Gonçalves.

Elle começava a sentir remorsos de ter, tão imprudentemente, sacrificado todo o trabalho do pae!

Nos instantes de reflexão cria-se o culpado de todas as difficuldades da empreza de que dependia a sua felicidade.

Arrependia-se do passo que dera, compromettendo-lhe todos os calculos.

Mas quando pensava no pedido de Violante, no motivo porque correra a vêr se salvava Diogo Lopes, dava se por satisfeito com a decisão do seu procedimento.

«Estava na sua linha de conducta, no seu feitio, no seu temperamento o passo que déra.»

Não poude conter-se sem o declarar altivamente.

—Meu pae, pedi-lhe perdão do contratempo que lhe causei involuntariamente.

«Ainda m'o não concedeu.»

«Creio mesmo que antes de poder apossar-se d'esses homens não m'o dará sinceramente.»

«Diga-me porém uma coisa que pode tranquilisar-me.»

«Como teria procedido no meu cazo?»

—Fóra de Portugal, tratando-se de cumprir ordens do meu rei, auxiliaria os que as executassem, fosse quem fosse — respondeu Nuno Freire.

—Perfeitamente—concordou o filho.

«Havia porèm um motivo que para um cavalleiro ainda é mais forte.»

«Pedira-me uma dama que lhe salvasse o pae!»

«Fizera-me ver a mulher que adoro a perspectiva de perder a ventura que sonhavamos.

«Podia dar-se, de um momento para outro, o monstruoso espectaculo de vir algemado por vós o pae da donzella que desejo para esposa.»

«Perante isso não havia considerações de ordem superior.»

«Correndo a Castella, sem medir os perigos que iam deparar-se me, cuidei procedêr como vós o farieis em igualdade de circumstancias.»

«Ha lances de semelhante risco nas vossas generozas aventuras de rapaz.»

«Engano-me julgando proceder como terieis procedido?»

—Não!—respondeu Nuno Freire, sem poder dominar-se.

«Fizeste o que devias, em presença do que te foi exposto.»

—Obrigado, meu pae!

—Não me agradeças!

«Lembra-te porém que o maior prejuizo causaste-o a ti mesmo.»

—Sim, sim! — reconheceu elle tristemente.

—Dá-te por feliz se poderes desfazer tamanho mal.

—Prendendo os dois...

—Os trez homens que o rei mandou buscar, lembra-te bem.

«Sem isso como lhe poderemos requerer que cumpra a sua promessa?»

—Meu pae, se houver mais obstaculos á minha felicidade procurarei desfazel os, raptando-a.

«Apezar de tudo Violante ha-de ser minha!»

Viera reunir-se aos dois a guarnição do castello, a gente que cercára a casa de Pacheco.

Em vista da carta que recebera de Pedro Cruel intimou outros cavalleiros a acompanharem-o.

Pelo caminho aggregaria a si quantos homens d'armas encontrasse.
Sairam correndo a todo o galope, em perseguição dos fugitivos.
Tinham uma grande dianteira a vencer.
Mas a pouca distancia chegaram a uma encruzilhada que preoccupou Nuno Freire.
«Por onde teriam seguido?»
Informou se com a gente que o acompanhava.
Havia duas direcções principaes.
Um dos caminhos conduzia a Aragão, outro levava para os lados onde Henrique de Trastamara reunia a gente.
«Que deliberação teriam tomado?»
«Que havia de fazer?»
Devidiu em dois grupos a gente que levava.
Tomou o commando de um, confiou o outro ao filho, e lembrou-lhe as imperiosas circumstancias.
—Desde que os não alcançasse brevemente, pôr-se-iam elles a salvo em Aragão ou nas terras do bastardo.
«Então toda a esperança seria impossivel!»
«D Pedro, a quem decerto constaria o motivo do insucesso das diligencias mandal-o-ia executar.»
—Confie na minha decisão, meu pae.
Combinaram a maneira de se informarem um ao outro do que succedesse, e partiram com a maior rapidez.

A força de Nuno Freire, depois de algumas horas de corrida incessante avistou ao longe uma cavalgata.
D. Nuno pensou que devia ser a d'elles.
Era mais numerosa do que a sua.
Isso porém não o fez desistir.
Ordenou que corressem mais.
Sentindo-se perseguidos, os outros redobravam de exforços.
Mas pouco a pouco a distancia encurtava.
D. Nuno contava com o triumpho.
Os fugitivos fizeram porém uma evolução que o desconcertou.
Dividiram-se em dois grupos, devido ao andamento dos cavallos.
Começaram a distanciar-se as duas fracções.
A melhor montada ganhou em pouco tempo um rapido avanço.
A outra foi ficando para traz.
Quasi a alcançava a gente de Nuno Freire.
Mas elle percebeu o estratagema.
—Que ninguem os ataque—ordenou aos seus.
«Querem fazer-me perder tempo, mas não me deixaria cahir no laço.»
—E se nos aggredirem?—perguntou um dos seus.

—E' deixal-os e seguir para diante, sem descanço, como se os fugitivos fossemos nós.

Encontraram-se os dois bandos.

A gente de D. Nuno quiz passar, mas a outra em obediencia a um plano, fez-lhe frente e accommetteu a.

Embora não quizessem bater-se, tiveram que distribuir alguns golpes para abrir caminho.

Entretanto os restantes fugitivos cavalleiros tinham ganho um importante avanço.

Uma curva do caminho, alêm de um pinheiral, encobria-os de todo á vista dos perseguidores.

CAPITULO LXXXVII

A tôdo o galope

EXCEPTO algum mais violento, que não resistiu a responder ao ataque, a gente de D. Nuno suguiu á desfilada.

— E se ficaram entre estes os que procuramos? — perguntou o alcaide.

— Podia ser — respondeu elle — que usassem de tal estratagema, se não jogassem a cabeça, se não arriscassem a vida.

«Mas sabem que em Portugal espera-os o odio de D. Pedro, e talvez algum horrivel supplicio.»

«Não podem ter serenidade para correrem semelhante risco.»

«Hão-de ser os mais velozes, devem levar os melhores cavallos.»

«O que temos a fazer é perseguil-os.»

Continuou a mesma furiosa corrida.

Viram-os de novo.

Agora o caminho pouco mais era do que um atalho aberto entre olivaes.

Nuno, receiando que lhe fugissem, estabeleceu um plano de ataque.

Dispoz os seus em duas linhas que deviam procurar cercar os fugitivos, afim de os colher todos.

No caso de correrem para o arvoredo, cada uma das fracções devia tomar o seu lado da estrada.

Ainda era desesperada a perseguição.

Mas em breve alcançaram alguns mais fatigados.

Ao contrario dos outros, que queriam luctar, estes, ao verem-se attingidos, como se desejassem terminar um compromisso, atiraram as armas fóra e mostraram o rosto.

Nuno Freire reconhecia-os e passava adiante, não encontrando os que desejava levar a Portugal.

Um grupo, cada vez menor, distanciava-se sempre.

— A elles! A elles! — bradava Nuno Freire, offegante.

Pelo caminho encontraram dois cavallos rebentados.

Não viram porém nenhum desmontado.

«Que teriam feito?»

Cada vez D. Nuno Freire d'Andrade receiava mais pelo resultado dos seus exforços.

Estava porém longe de fraquejar.

Os fugitivos é que reconheceram não poder sustentar por mais tempo a fatigante corrida.

N'um momento dispersaram, lançando-se para os olivaes, em todas as direcções.

Os cavalleiros de D. Nuno partiram em procura d'elles como fôra determinado.

O mestre de Christo ficou indeciso em meio do caminho não querendo limitar-se a perseguir um só dos fugitivos, abandonando por esse o conjuncto.

Correu a reconhecer o primeiro que viu alcançar.

Não era nenhum dos que pretendia.

Perguntou-lhe exarcebado.

— Onde estão os homens que procuro?

— Falaes de Alvaro Gonçalves e Pero Coelho? — retorquiu o cavalleiro.

— Sim, esses.

«Conhecel-os?»

— Apenas de nome.

— Para onde foram?

— Ignoro. Como já disse, são-me desconhecidos.

— Então porque vens aqui?

— Porque sou partidario de el-rei D. Henrique, e não quero vêr suppliciados os nobres cavalleiros que o rei de Portugal quer dar em troca d'estes.

— E arriscas-te por tal motivo a seres morto n'esta refrega, ou executado por el-rei?

— Senhor, a tudo obriga o dever de lealdade!

E restringiu intencionalmente:

era desesperada a perseguição

— Para os que o sabem cumprir!
Nuno Freire comprehendeu o alcance da insinuação.
Dirigia se visivelmente a D. Pedro, que não duvidava entregar quatro refugiados politicos, confiados á sua generosidade, ao rei Cruel que os mandaria executar.
Mas faltava-lhe o tempo de o justificar.
— Soltem-o! — ordenou aos da escolta que o seguravam.
«Deixem-o ir em paz.»
Elles olharam-o, surprehendidos de tanta generosidade, mas cumpriram a ordem.
— Aos outros! — mandou Nuno Freire indicando-lhes alguns que ainda fugiam.
O cavalleiro agradeceu-lhe:
— Obrigado, senhor.
«Sabeis ser generozo e leal.»
— Como o meu rei! — disse elle, n'um visivel protesto, alevantando a phrase de ainda ha pouco.

Fôra derrubado um outro.
D. Nuno correu, a vêr quem era.
Não foi, porém, mais feliz.
Tratava se de mais um dos vassallos do bastardo.
Como o precedente, o que caira em poder dos seus, ignorava quem fossem os perseguidos.
Abandonou-o e dirigiu se a outros.
Mas a noite ia caindo.
Já não podia dominar totalmente o vasto campo onde se realisava a perseguição.
Encontrou subjugado um portuguez.
— Tu deves conhecel-os bem — disse o mestre de Christo, crendo encontrar a desejada pista.
— São meus amos, senhor — respondeu o fugitivo.
— E onde estão?
— Fugiram a bom fugir, como todos.
«Mas cada um tratou de si.»
«Eu só pensei em salvar a pelle, que bem sabia a gana com que lhe estão na nossa terra»
— Então porque os acompanhavas?
— Foi aqui que me tomaram a seu serviço.
«Eu era da casa do senhor infante D. João Manuel.»
«Por ahi senhor tenho andado, desde que elle morreu, até que estes senhores me quizeram por ser da sua nação.»
— Dize-me ao menos como veem vestidos.
— Ninguem os conhece pelos trajos, porque se disfarçaram—respondeu o prisioneiro.

«E' tudo o que sei dizer.

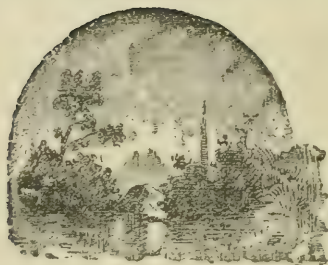
— Deixem-n'o — determinou o mestre de Cristo, como já fizéra com outros.

— Isso não, senhor D. Nuno, leve-me, desde que vae para a nossa terra.

«Deus me livre de ficar aqui.»

«Venderei este cavallo e estas armas, ou servirei com ellas a el-rei ou alguem que me precise.»

— Junta te aos meus — disse D. Nuno.

E galopou ao encontro de outros homens da escolta que lhe traziam novo prisioneiro.

CAPITULO LXXXVIII

Contratempo

TRAZIAM-LHE mais um portuguez.

—Onde está Pero Coelho?

—Ha de andar ahi por esses olivaes.

—Para que me respondes assim?

—O' meu fidalgo, olhe que eu entreguei-me logo, mal se me chegaram.

«Estes que o digam!»

«Lá fugir, queria eu, porque assim m'o mandaram meus amos.»

«Mas desde que senti a gente do mestre de Christo não pensei em mais historias.»

—Tu então conheces-me?»

—Que portuguez o não conhece, senhor D. Nuno.

—E como sabias que era eu que perseguia os assassinos de Ignez de Castro, se ainda não tinha dito o meu nome a pessoa alguma?

—Foi o que o bispo do Porto disse lá em casa—respondeu presuroso o fugitivo.

—Disse?—perguntou D. Nuno.

«Escreveu, queres dizer.»

—Não senhor.

«Foi lá, disfarçado.»

«Vi o eu, com estes dois que a terra ha-de comer.»

—O bispo?—exclamou surprehendido D. Nuno.

E como se falasse comsigo, continuou alto:

—Pois el-rei estava disposto a ir castigal o severamente...

—E' isso mesmo disse o criado.

«Queixou-se muito de sua alteza, e, ao que pude apanhar, ia fugido.»

—Foi elle então quem os preveniu?

—Sim senhor.

—E como veiu aqui ter?

—Procurava o senhor Diogo Lopes.

—Conseguiria falar-lhe?

—Sei que o procurava para isso, mas ignoro tudo o mais.

—Foi elle, decerto!—exclamou D. Nuno irritado.

E murmurou:

—Tenho emfim com que me desculpar.

«O bispo correu a juntar-se aos assassinos, preveniu estes que não sairam por estarem cercados e como o Pacheco andava fóra dos muros sempre obstou á sua prisão.»

Perguntou ao seu interlocutor:

—Onde estão Pacheco e Gonçalves?

—Corriam com todos nós—respondeu elle.

«A estas horas ou está filado, ou poude desapparecer no escuro da noite.»

Relanceou em torno um olhar.

—Tens pena de não ter escapado?—perguntou o mestre de Christo.

—Não senhor, que eu cá não matei ninguem.

«Se me levardes preso, vou ter a Portugal, que é o que quero.»

«Se me deixardes livre seguir-vos-hei para a nossa terra, da mesma fórma.»

—E se eu te enforcar?—perguntou D. Nuno, muito irritado.

Desesperava-o a inutilidade de tanto esforço.

Era completa a escuridão.

Não via nenhum dos seus homens.

Elles tambem não o podiam encontrar, pelo mesmo motivo.

Apenas divisava junto de si o grupo que segurava o creado de Pero Coelho.

A ameaça fel-o estremecer.

—Não vos mereço que me trateis tão mal.

«Que vos fiz eu?»

—Julgas que é pouco não cumprir as ordens d'el-rei, e ficar aqui toda a noite?

«Estou desesperado.»

«Preciso desforrar-me.»

«Vingo-me em ti.»

—Tende piedade, senhor.

«Lembrae-vos que já vos dei uma bôa informação, a respeito do bispo do Porto...»

—Pois dá-me mais algumas se queres viver.

—Que quereis que vos diga?

—Onde esses malditos se metteram.

—Não sei de quem falaes.

—Responde e deixa-te de espertezas.

«E' dos dois patifes que trago ordem para prender que falo.»

—Ah! Os senhores Pero Coelho e Alvaro Gonçalves ficaram para traz.

—Aonde.

—A meio caminho.

—No bando que nos accommetteu?

—Não senhor.

«Esses eram principalmente os castelhanos, do partido do bastardo.»

«Tinham ordem de vos demorar, mas parece que o não fizeram muito bem.»

«Os cavalleiros ficavam lá em tal perigo, caiam lá n'essa!

—Então como fugiram? Acaba?

—Ao verem-se quasi apanhados apearam-se, e metteram-se a pé entre o arvoredo, dizendo-n'os que continuassemos a correr para afastar suspeitas.

—Ah! bandidos!—bradou Nuno Freire com violencia.

—E foi ha muito ou ha pouco tempo?

—Os cavallos ficaram rebentados na estrada.

«Se os vistes...»

—Bem me lembra.

«Ha um bom quarto de legoa!»

«Scelerados!»

Bradou aos seus que lhe accudissem.

Mas nenhuma voz respondeu ao seu appello.

Tornou a voltar se para o prisioneiro:

—Que caminho tomaram?

—O unico que podiam seguir, não marchando a direito.

«Ha atalhos que levam para os lados do castello de D. Henrique.»

«A sua ideia era irem recolher-se com elle.»

«Se caminharam por esta estrada foi para dar a falsa pista de que iam para Aragão, afim de que procurando-os para esse lado os deixassem a salvo.»

«Ia comnosco gente que sabia dos atalhos que levam à outra.»

«Passamos por elles.»

«Mas desde que se viram seguidos a sua ideia foi só o fugirem de noite.»

Nuno Freire desesperava-se.

N'isto um ruido de cavallos despertou-lhe a attenção.

Chamou.

Responderam-lhe os seus.

Approximaram-se pelo som da voz.

Traziam mais prisioneiros.

Quiz achar entre elles um guia, mas nenhum conhecia bem os caminhos e se sentiu apto para os passar de noite.

—E o que vinha para os guiar?—perguntou D. Nuno.

—Decerto fugiu, valendo-se do que sabia—respondeu o que ameaçára de morte.

Nuno Freire ficou a pensar no que podia dar-se.

Ou esse que não apparecia os encontrava, ou algum camponez os orientava, e d'ali a pouco iam ter ao outro caminho, ganhando um grande avanço.

E obrigado pela fadiga do seu cavallo e pelo cançasso da sua gente, ordenou que passassem a noite ali mesmo no campo.

De madrugada continuaram a perseguição, tomando os atalhos, mettendo-se á nova direcção.

CAPITULO LXXXIX

Defendendo a vida

POR sua parte Luiz Freire seguira n'uma carreira vertiginosa, adiantando-se muita vez aos seus, mas sem descobrir traços dos que perseguia.

Interrogava todos os que vinham em sentido contrario, e ninguem lhe dava noticias do grupo dos cavalleiros.

Perguutou em algumas cabanas onde lhe responderam tambem não terem visto a cavalgata.

Ao cair da tarde chegou a um alto de onde se divisava uma grande extensão de terreno.

Não via porém o grupo de fugitivos.

Com grande desgosto convencia-se de que pela estrada que tomára o pae é que elles deviam ter seguido.

Entrou n'uma estalagem e perguntou qual o caminho para a outra.

Falaram-lhe de atalhos perigosos por gargantas de serras, que só de dia se podiam transpôr.

De manhã teria quem o levasse.

A'quella hora, não.

Na impossibilidade de ir reunir-se desde logo ao pae, decidiu esperar pela manhã.

Os seus estavam fatigadissimos.

Homens e cavallos precisavam descanço.

Entraram na estalagem, comeram, e foram deitar-se.

Luiz porém não poude conciliar o somno.

Levantou-se e foi para a janella.

Já noite alta pararam à porta dois cavalleiros.

No intuito de saber alguma coisa que o orientasse, Luiz Freire desceu á casa de jantar.

Cumprimentou-os respeitosamente.

— Podeis dizer-me se viste um grande rancho de cavalleiros...

Elles entreolharam-se, desconfiados.

— Não sabemos de quem quereis falar — respondeu um.

— Se vindes da villa deveis saber de quem falo.

«Trata se de uns cavalleiros portuguezes que quizeram prender...»

— E que vós pretendestes soltar — disse o que estivera calado, approximando-se para o reconhecer.

— Que quereis dizer? — perguntou Luiz contrariado.

— Somos dos que estiveram ao vosso lado!

«E como conseguiste escapar?»

— Como o commandante da escolta é portuguez, e me conhece, fiz-lhe crer que fôra preso por engano, e soltou-me.

— Mas para que quereis saber?...

— Eu explico.

«Como vão para Portugal trouxeram me consigo.»

«Não tive remedio senão acompanhal-os»

«Demais tendo conseguido o que pretendia, que era fazel os fugir. tudo o mais se me tornava indifferente.»

«Interesso me porém pelo seu destino.»

— Vinhamos fugindo com elles — responderam — quando nos sentimos seguidos de perto.

«Foi uma corrida desesperada.»

«Ao fim de muitas peripecias entardeceu, e era quasi noite quando os perseguidores chegaram junto de nós»

«Como tinhamos combinado, fugiu cada um para o seu lado para difficultar a perseguição no olival.»

«Nós como conhecemos os caminhos, viemos cortando.»

«Os dois perseguidos já se haviam apeado, na intenção de se desviarem tambem para estes lados.»

«A escolta ficou a contas com os outros.»

—Pois ide-vos d'aqui, depressa, que está n'esta casa uma parte da gente que vos perseguiu—disse lhes Luiz mysteriosamente.

«Correis um perigo iminente permanecendo aqui.»

—Falaes sério?

—E' no vosso interesse que o digo.

Elles ergueram-se, pagaram e tornaram a montar.

—Se poderes avisae-os tambem, porque é muito provavel que venham aqui ter, pois é a unica estalagem de dez legoas em redor.

Luiz Freire exultou.

«Ah! Que se assim fosse!»

Mas despediu-se d'elles por maneira que de nada suspeitaram.

Voltou então para a janella, a observar.

Apagou a candeia para que o não vissem de fora.

Mas ninguem mais cortou o silencio da noite.

Começou então a pensar no pae, na fadiga que lhe devia ter causado tão grande correria, e no desespero em que deveria encontrar-se por terem falhado os seus esforços.

«Que mal não estaria pensando a seu respeito, como culpado de tamanhos contratempos!»

Esmagava-o a convicção de que fôra o causador, embora indirecto, de tanto mal!

«E agora como haviam de appossar se d'elles, se não fossem ter ali?»

«Quem os descobriria nas anfractuosidades de uma serra, podendo esconder-se em qualquer cabana de pastor, até lhes fazerem perder a pista?...»

Reconhecia agora, n'esse emprehendimento, perigos que nunca tinha imaginado.

Começava a apreciar devidamente a quanto se arriscára, a qunto se prestára o pae afim de obter a sua felicidade.

Não era só a repugnancia que lhe devia ter causado negociar a entrega de homens como D. Pedro Nunez de Guzmão. Mem Rodrigo Tenorio, Fernão Godiel de Toledo e Fernão Sanches de Calderon, partidarios de Henrique de Trastamara refugiados em Portugal: mas a de fazer de aguazil, caçando homens como quem persegue lobos.

Reconhecia o risco em que estavam de não os poder capturar, apezar de tantos esforços.

Se conseguisse approximar-se do castello de Organ, onde se fortificára o bastardo podiam perder a esperança de os obter.

Se encontrassem alguma hoste que se dirigisse a esse ponto a concentrar-se para a lucta, tambem não os iam arrancar decerto aos soldados do revoltado.

E agora, desanimado como estava, via n'esse insuccesso a perda de todas as esperanças.

Rompeu a manhã.

Levantaram se os seus, comeram, montaram a cavallo e prepararamse para a partida.

Assalariou uma porção de guias, organisou tantos grupos dos seus homens quantos os atalhos, e mandou fazer uma batida em forma, emquanto elle se mettia pela estrada, para a hypothese de se haverem adeantado.

Mas ainda não percorrera uma legoa, quando sentiu um grande tropel atraz de si.

Era o pae que vinha com todos os homens, que reunira pelo caminho.

— Fugiram-me de noite—disse-lhe contrariadissimo—e sei que compraram dois cavallos e tomaram um guia para Organ.

«Levam-n'os boas seis horas de dianteira!»

E ordenando nova perseguição:

—E' preciso alcançal-os custe o que custar!

CAPITULO XC

A vontade de el-rei

TODO o seu empenho era alcançal-os sem ser nas proximidades de Organ.

Se elles encontrassem forças de D. Henrique estariam salvos.

Foram perguntando pelo caminho.

Mas já era mais difficil obter informações.

Não se tratava de um bando correndo á desfilada, mas de dois cavalleiros quando muito acompanhados por um guia.

Obtiveram noticia de alguns caminhantes que podiam ser os fugitivos.

E ao mesmo tempo foram avisados de que appareciam por aquelles caminhos, rondando, hostilisando-se, forças do rei e do bastardo.

Esta informação preoccupou Nuno Freire d'Andrade.

Podiam as hostes de Pedro Cruel servir-lhe de reforço, mas não era d'isso que mais necessitava.

Tinha gente de sobra para os capturar.

E receiava que se reunissem a alguma escolta de Henrique de Trastamara que os poria a salvo no castello.

Então só na derrota final do filho de Leonor de Gusmão poderia obtel-os.

Essa derrota sabia o bem, não era provavel, porque Castella inteira abandonava o seu sanguinario rei.

A passagem para os revoltosos seria o total insuccesso da sua missão.

E lá se ia a vingança acalentada por D. Pedro com o unico ideal da sua vida?

D. Nuno penalisava-se tanto como elle, desejando ver desaffrontada solemnemente a memoria querida de Ignez de Castro de quem sempre fôra partidario.

O filho adivinhára-lhe o desgosto, mas não se atrevia a dizer-lhe a menor palavra.

Affligia-o a culpa indirecta que tivera de tudo, na sua precipitada intervenção.

O mestre de Christo via quasi perdido o futuro que preparára ao filho, o casamento com Violante, e a doação da grande fortuna que Pacheco tinha accumulado.

Pensando em tudo isso dominava-o uma funda tristeza, um grande desanimo.

Encontraram um grupo de homens d'armas do rei de Castella, que seguiam na mesma direcção.

D. Nuno apresentou a carta de Pedro Cruel que mandava a todos os seus vassallos prestar-lhe o auxilio que requisitasse para prisão dos assassinos.

Disse-lhe o que pretendia.

Elles perguntaram que dianteira levavam os fugitivos para calcular a que distancia estavam.

E certificando-se de que não poderiam ter alcançado antes de madrugada o castello de Organ, garantiram-lhe que a essa hora já deviam ter sido presos pelas forças que andavam observando os movimnetos do bastardo.

«Tinham ordem de reconhecer todos os viandantes, não fossem partidarios de D. Henrique que pretendessem reunir-se-lhe.»

«Decerto os dois seriam alvo d'essa investigação.»

—Mas como são portuguezes, como não os conhecem, talvez os deixem em liberdade— retorquiu Nuno Freire.

—Não é provavel—respondeu um dos homens d'armas expondo o rigor do serviço.

«Mas mesmo n'essa hypothese não entrarão no castello de Organ, porque para ahi não deixam passar ninguem.»

Proseguiram a marcha todos juntos.

Adiantaram-se nos melhores cavallos alguns homens para avisarem os soldados de Pedro Cruel do que deviam fazer.

Tornaram a encontrar mais forças.

—Como vêdes a estrada está bem guardada—disse um dos da escolta.

O mestre de Christo, depois de taes palavras ficou mais esperançado em os obter.

Depois de algumas horas de marcha avistaram as hostes do rei mandando ao longe.

Correram presurosos a saber novas.

Ao ouvir o que desejavam o commandante dos soldados castelhanos ficou desesperado.

«Fôra ludibriado por elles!»

Então informou ter encontrado dois homens a cavallo, cujos signaes condiziam com os que lhe davam.

Mas como eram portuguezes, e se haviam declarado creados de D. Nuno Freire de Andrade, que elle sabia ter vindo como embaixador, deixára-os livremente seguir o seu caminho.

Desesperou-se o mestre de Christo.

«Fugiam-lhe mais uma vez, esses homens odiados, e quem sabe se para sempre!»

Os da hoste garantiram-lhe porém não terem entrado no castello, que já se avistava d'ali.

Mantinha em torno d'elle, a distancia bastante para não ser percebida, uma apertada vigilancia que os não deixaria passar por mais que o tartassem.

O mais provavel era que tivessem ido ter á proxima povoação, a mudar de cavallos, a descançar um pouco, que bem mostravam precisar de ambas as coisas.

Mandou acompanhal-os por alguns homens que os tinham visto e os e poderiam reconhecer apezar do disfarce.

D. Nuno e Luiz Freire, cada vez mais impressionados, sem trocarem palavra, seguiram o novo caminho.

Mas já nada esperavam d'essas diligencias.

Mandaram dar uma busca rigorosa a todo o povoado sema charam traços d'elles.

—Devem ter pedido pousada em alguma casa isolada—alvitrou um dos homens d'armas.

Começaram a investigar os arredores.

Despertou-lhe a attenção uma egreja, perto da qual havia um palheiro onde estavam atados uns cavallos.

«Seriam d'elles?»

Correram para lá.

Era de facto o refugio que Alvaro Gonçalves e Pero Coelho tinham procurado.

Ao vêrem-se surprehendidos ainda quizeram montar, mas já não era tempo.

Succumbido, esmagado pelo medo, o meirinho-mór entregou-se sem resistencia.

Pero Coelho, exasperado, puchou da espada, e fez frente aos seus perseguidores.

D. Nuno, tendo recommendado que o não ferissem, assistia impassivel á lucta.

Por fim os homens d'armas conseguiram desarmal-o, prendendo-o a custo.

O mestre de Christo murmurou impressionado ao vêr o desespero com que se defendia:

—Está feita a vontade de el-rei!

prendendo-o a custo

CAPITULO XCI

Salvo!

PUZERAM-OS a cavallo, manietados.

Nuno Freire voltava ao castello, a saber novas dos que tinha enviado em busca de Pacheco.

Ali deixaria a guarnição e o alcaide.

Da povoação tomaria o caminho da fronteira.

Marcharam silenciosos.

Tinha o seu quê de funebre a triste cavalgada entre a qual marchavam cabisbaixos os prisioneiros.

Lembravam-se da sinistra marcha para Coimbra, em que iam calados como agora, quando o rei mandára matar Ignez.

Apavorava-os a certeza do fim que D. Pedro lhes devia destinar.

Chegaram.

O alcaide recolheu-os no castello.

Então Pero Coelho irrompeu em irados protestos.

—Com que lealdade procedeu o vosso rei, entregando cavalleiros confiados á sua honra.

«E' digno do tio e collega de Portugal, que dá em troca do nosso sangue os nobres partidarios de D. Henrique.»

«Pedro Cruel de Castella vale bem Pedro Justiceiro de Portugal.»

«O vosso rei faltou infamemente á palavra dada quando me incitou a perseguir os Castros.»

«Prometteu proteger-me, compensar-me dos prejuizos que o rei portuguez me causára, e no fim de tudo faltou ás suas promessas como um vilão!»

«Ah! Mas não ha-de continuar por muito tempo ensanguentando Castella, que Henrique de Trastamara expulsal-o-ha, de vez, pondo termo aos seus crimes.»

O alcaide queria obrigal-o a calar se espancando-o.

Mas Nuno Freire, além de lh'o ter prohibido, vigiava pessoalmente que ninguem os aggredisse.

Pero Coelho proseguia exaltado:

—O rei de Portugal é um miseravel que declarou solemnemente perdoar todo o mal, e apenas quiz attrair-nos a uma cilada como os bandidos que pedem resgate aos viandantes.

«Andou a perseguir-nos como um chacal sedento de sangue, e afinal sempre encontrou no assassino coroado de Castella o cumplice da sua malvadez.»

Vieram avisar D. Nuno de que estava prompto o carcere que, com toda a segurança, tinha mandado preparar.

Então dirigiu a palavra a Pero Coelho.

—Acompanha-me, e vê se tens prudencia.

«Segue o exemplo d'esse desgraçado.»

Apontava-lhe Avaro Gonçalves, succumbido, exanime, caido para um canto como um fardo.

—A'quelle já o esmagam os remorsos.

«Ora lembra te o que fizeste, e vê em tua consiencia se não mereces a expiação!»

Voltaram sem resultados os cavalleiros que tinham ido procurar Diogo Lopes.

Então perdida a esperança de o obter, pois já tivera tempo de pôr se a salvo, Nuno Freire resolveu regressar a Portugal.

Na fronteira, como fôra combinado, deviam esperal-o os que traziam os partidarios do bastardo, para se effectuar a troca.

Pelo caminho Pero Coelho continuava a mostrar-se exaltado, proferindo violencias.

Alvaro Gonçalves seguia cabisbaixo, sem protesto, como se já se dirigisse á forca.

O bispo, que ficára na povoação á espera de novas, viu-os sair do castello cheio de pavôr, não fossem reconhecel-o, não o prendessem tambem.

«Aquelles estavam perdidos.»

«Restava apenas Diogo Lopes.»

«Poderia salvar-se?»

«Teria a mesma sorte?»

Procurou misturar-se com o povo, para escapar no seu disfarce, receiando ser visto por algum portuguez que viesse na escolta com Nuno Freire.

Um grande magote de populares seguia curiosamente os presos apupando-os.

Misturou-se-lhe para saber o que se passava.

O alcaide entregou fóra da cerca das fortificações os presos ao mestre de Christo, e recolheu á torre com os seus homens.

Ao despedir-se, D. Nuno recommendou-lhe ainda que perseguisse Diogo Lopes.

E o bispo do Porto receiou angustiosamente vêr perdido o resultado dos seus exforços, compromettida uma das garantias da sua vingança contra o rei.

Viu-os distanciar.

Retirou succumbido á estalagem, a alugar um cavallo para se ausentar.

Aguardava-o o mendigo que o tinha guiado á chegada.

—Senhor—disse-lhe muito baixo—fui eu que avisei o vosso amigo a tempo de salvar-se.

—Falas de Diogo Lopes Pacheco?

—D'esse mesmo.

—E sabes onde está?

—Vae a caminho de Aragão, se já não se encontra lá a bom recato.

—E's capaz de me guiar até lá?

—Sou, e tenho o gosto de o fazer, antes que me descubram e me matem.

«O que não posso bem vêdes é andar depressa.»

«Arranjae-me porém uma alimaria, e acompanhar-vos hei onde quizerdes.»

Sairam de noite, receiosos das perseguições que Nuno Freire recommendára.

A certa altura Luiz Freire despediu-se.

Pretextava não querer entrar com os assassinos, para não lhe ficar pesando a menor responsabilidade de haver perseguido o pae da mulher que amava.

D. Nuno comprehendeu que era outro o proposito, mas deixou illudir-se pelas considerações do filho.

E recommendou-lhe que se lhe juntasse o mais breve possivel em Portugal para o levar á presença do rei.

«Queria reclamar o preço do odioso serviço que se prestára a desempenhar.»

Luiz agradeceu-lhe mais uma vez o interesse que tomára pela sua felicidade e desappareceu n'outra direcção.

Dirigiu-se ao convento da fronteira onde Violante estava encerrada.

A poder de exforços conseguiu falar-lhe.

—Teu pae está salvo! — foram as primeiras palavras que lhe dirigiu.

Elle estendeu as mãos, instinctivamente, para a abraçar, mas não poude.

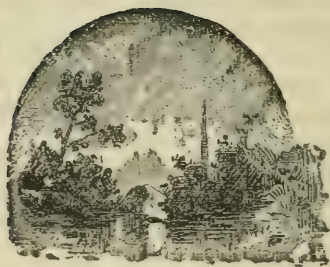
— Ainda nos separam estas grades malditas! — exclamou ella.

— Por pouco tempo — retorquiu Luiz Freire.

«Vou d'aqui reunir-me a meu pae, e dentro em pouco o rei nos deixará casar.»

— Então vae depressa, e que se realisem os vossos desejos.

— Espera um pouco mais, meu amor, e seremos um do outro para sempre.

Separaram-se radiantes, vendo quasi realisada a felicidade.

CAPITULO XCII

Commentario

NA fronteira aguardavam Nuno Freire os que traziam os castelhanos presos.

Na escolta que conduzira Pero Coelho vinha gente da maior confiança de Pedro Cruel, com ordens severas de não deixar levar a Portugal os dois presos sem receber os partidarios do bastardo.

Homens d'armas enviados por D. Pedro já ali tinham devidamente manietados D. Pedro Nunes de Gusmão, Men Rodrigo Tenorio, Fernão Godiel de Toledo e Fernão Sanches Calderon.

Ao vêr-se na presença de D. Nuno, adiantou-se Tenorio e disse:

—Emfim, vejo alguem mais alto do que esbirros e aguazis.

«Antes que me assassinem posso portanto erguer o meu protesto!»

Dizei ao vosso rei que procedeu como um miseravel, trahindo a confiança que viviamos aqui!»

Pero Coelho accrescentou:

—-Entregar cavalleiros como nós é uma indignidade!

«Sugeitar-nos a uma morte affrontosa, quando aquillo de que nos accusam...»

Men Rodrigo Tenorio não o deixou terminar:

—Não compare as nossas situações, os motivos porque estamos aqui.

«Nós quatro batemo nos corajosamente pela nossa terra, pela altiva Castella dos nossos antepassados.

«Quizemos arrancal-a á oppressão do sanguinario despota que se chama Pedro Cruel».

«Luctámos pelo triumpho do nobre rei Henrique de Trastamara, que se encontra em campo novamente.»

«O nosso crime foi querer vingar as victimas immoladas ao abutre coroado.»

«Somos arrastados á morte antes mesmo de cruzarem de novo as espadas, na lucta redemptora».

«Não podemos tomar parte n'ella».

«Mas o nosso sangue cahirá sobre a cabeça do rei Cruel, e o nosso exemplo arrastará ao combate mais luctadores dispostos a vencer ou morrer.»

Nuno Freire, incommodado, precipitava as formalidades para pôr termo á dolorosa scena.

Tenorio proseguia, dirigindo-se a Pero Coelho;

—Vós outros assassinasteis cobardemente uma mulher.

«E' um crime ignominioso.»

«Merece um castigo exemplar!»

«Mas o rei que vos manda buscar não tem auctoridade para applical-o, porque praticou para comnosco um attentado ainda mais grave, uma violencia maior!»

E marchando a metter-se no meio da escolta:

—E houve um cavalleiro portuguez que se prestasse a este immundo papel!

Nuno Freire, fazendo exforços por conter-se, dirigiu-se ao chefe da força estrangeira:

—Estão terminadas todas as formalidades?

—Tudo está bem—respondeu o outro.

Alvaro Gonçalves e Pero Coelho encontravam-se já entre a gente de Portugal.

Mandou-os partir.

E depois de os ver longe, ao ficar só dirigiu-se muito commovido á outra escolta:

—Castelhanos, ouvistes as nobres palavras dos vossos compatriotas, sacrificados a um odioso rancor.

«Pois bem, dae-lhe a liberdade. segui com elles a nova bandeira o honrado estandarte que ha de redimir Castella, e tereis praticado uma bella acção!»

Os quatro prisioneiros estremeceram commovidos.

O delegado de Pedro Cruel respondeu n'uma gargalhada:

—Falaes bem!

«Simplesmente esqueceis que vieste negociar com a vida d'elles a furia vingativa do vosso rei.»

«Ide em paz se não quereis que vos responda como devo, que vos saude com alguma frechada.»

Puzeram-se em marcha, levando os quatro fidalgos sem lhe prestar mais attenção.

Nuno Freire foi reunir-se muito incommodado aos seus homens de armas.

O bispo do Porto chegou a Aragão onde encontrou Pacheco que chegára dias antes.

Referiram se ao que se passára.

—Escapas teis de bôa!

—Foi uma troca de burros por burros!—exclamou Diogo Lopes. (1)

—Vim para avisar-vos, meu amigo, e apenas indirectamente o consegui.

«Este mendigo foi quem me guiou á casa onde estavam já vigiados os vossos companheiros.»

«Vendo o perigo que corrieis, e a prohibição que pozeram á minha saida, lembrou-se de vos procurar, et irou da sua tentativa um excellente exito.»

—Obrigado, meu amigo—disse Pacheco, abraçando-o.

«Mas porque motivo vos vejo aqui, em semelhante disfarce, vós, o poderoso principe da egreja, tão forte como um rei?»

O bispo irrompeu n'uma furia violenta contra D. Pedro.

—Lembrae-vos como elle nos detestava, desde o tempo de el-rei D. Affonso.

«Sempre fui dos vossos, sempre me manifestei ao vosso lado nas reuniões do conselho.»

«Uma vez desfeiteou-me em plena sessão.»

«Planeou sempre uma vingança estrondosa».

«E depois de ter declarado publicamente que casára com a barregã, lançou-se como um doido furioso em nossa perseguição.

---

(1) «... então enviou Alvaro Gonçalves e Pero Coelho, bem presos e arrecadados, a el-rei de Portugal, seu tio, segundo era ordenado entre elles.

E quando chegaram ao extremo acharam ahi Men Rodrigues Tenorio, e os outros castelhanos, que lhe el-rei Dom Pedro enviava.

E alli dizia depois Diogo Lopes, fallando n'esta historia, que se fizera o troco de burros por burros.

E foram levados a Sevilha, onde el-rei então estava, aquelles fidalgos que já nomeámos, e alli os mandou el-rei matar a todos.»

(1) Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XXXII.

«Obteve do rei de Castella a troca de vós tres pelos partidarios do bastardo.»

«E quando se julgava seguro das victimas que pretendia sacrificar. mandou rodeiar-me de espiões, o abbade de Alcobaça, o corregedor da côrte, um tal Affonso Madeira, e depois de me ter colhido n'uma torpe cilada desfeiteou-me publicamente!»

—Então o que vos fez?

O bispo contou indignado, apopletico, o desespero em que o rei quizera chicoteal-o.

E Diogo Lopes, comprehendendo bem o que estava para lhe succeder, chamou o mendigo que o salvára, e entregou-lhe uma bolsa de ouro.

—Toma, compra uma casa, vive descançado, e quando precisares de mais apparece, ou manda-me pedir.

E voltando se para o bispo:

—Não vos posso pagar na mesma moeda.

«Mas de alguma coisa poderei servir ainda.»

«Dizei em que.»

CAPITULO XCIII

O casamento

DEPOIS de serenar, o bispo do Porto respondeu:

— Tenho um plano que vou expôr.

«D. Pedro não me aggravou só a mim.»

«Offendeu profundamente os direitos da egreja.»

«Invadiu o burgo que pertence á mitra e profanou os symbolos do poder episcopal.»

«Mas ha mais.»

«Tem arrancado á jurisdição ecclesiastica os culpados que pertencem ao clero.»

«E ás reclamações, e aos embargos apresentados para que os envie aos seus ministros, responde cynicamente mandando-os enforcar, e dizendo que assim os envia a Christo para que os julgue.»

«Quero fazer de tudo isto uma exposição ao papa, e para tanto preciso que me apoie a vossa influencia.»

Diogo Lopes ficou pensativo um momento, e depois respondeu:

— Preciso meditar.

«Não é coisa para se fazer sem tempo.»

— Desculpae, mas não penso assim — atalhou o bispo.»

«E' preciso responder á sua infamia com uma estrondosa desforra.»

«E' preciso amargurar lhe o parcial triumpho que obteve agora...»

— Basta para o irritar a minha falta, a imprevidencia dos que me deixaram fugir, o incompleto do morticinio que planeia!

— Sim, sim, elle odeia-vos!

— Abomina-me! — ampliou Pacheco.

«Sei que me preferia, em troca dos outros dois, em troca mesmo do enxovalho a que vos sujeitou.»

«E contudo não ha maior injustiça, acreditae-me!»

O bispo olhou-o surprehendido.

— Não intervim na morte de Ignez.

«E' certo que sempre fui contra ella, que quiz separal-os a todo o custo, movido pelas razões de ordem politica que bem conheceis.»

«Mas quando se chegou á solução violenta de a supprimir, busquei contraditar esse exagero, e, como Pilatos, lavei as minhas mãos.»

E accrescentou preoccupado:

— Talvez um dia o participe a el-rei D. Pedro.

«Pesa-me muito a responsabilidade de um crime que não commetti.»

— Ah! Tendes medo? — perguntou o bispo rancorosamente.

— Não tenho medo, nunca o tive! — retorquiu Pacheco.

«Provei-o bem em varios lances.»

«Mas incommoda-me, confesso, a responsabilidade de um acto que não pratiquei.»

— Abalou-vos o risco em que estivestes.

— Não!

«Desde que d'esta vez, encontrando-me desprevenido, não me prenderam, agora, que me acautelarei, não o farão.»

«Se aqui não me julgar interamente seguro irei para a França ou para a Inglaterra, de onde me não entregarão assim, em troca de outros, como n'uma feira!»

E muito preoccupado pela ideia de se justificar:

— Hei-de escrever a el rei.

«Talvez ainda me julgue com mais justiça, e, quem sabe se ainda me querera ao seu lado, para que lhe administre o reino com a lealdade com que o fiz a seu pae!»

— E' possivel – respondeu o bispo n'um sarcasmo.

«Fazei o porém muito depressa antes que elle execute a vingança que planeia contra vós.»

— Hade ser temivel! — retorquiu Diogo Lopes Pacheco n'uma gargalhada.

«Não é a minha cabeça que elle manda cortar!»

— Felizmente não é.

«Ha porém outros meios...»

— De fraco alcance devem ser.

— Talvez não.

— Agora que já estou livre deixae que me ria da sua furia impotente.

— Pois então ouvi — disse o bispo, muito pallido.

«Sabeis quem recebeu o encargo de vos capturar?»

— Não sei, nem me importa.

— Talvez não seja assim.

«Foi Nuno Freire d'Andrade...»

— Elle!

— Já vêdes que em vos pedir uma desforra prompta, energica, tenho alguma razão!

— Continue — pediu Diogo Lopes, muito preoccupado.

— Sabeis qual o preço porque se encarregou de tal missão?

— Dizei qual foi.

— D. Nuno era um dos vossos mais rancorosos inimigos, não é verdade?

— Sim, a sua aversão não se limitava a crear-me contrariedades.

«Chegou a querer matar-me: e para isso me feriu brutalmente n'um duello de morte.»

— Pois bem.

«El-rei n'um requinte de malvadez prometteu em troca da vossa cabeça, das de Pero Coelho e Alvaro Gonçalves, casar Luiz Freire com D. Violante.»

— Com minha filha?

— Sim. Com vossa filha.

«Vêde se quereis maior insulto!»

— Oh! Mas isso não pode ser, não deve ser! — exclamou Diogo Lopes, exaltado.

«Precisamos impedil-o, custe o que custar!»

E como se falasse comsigo:

— Querer ligar minha filha ao filho d'esse que pretendeu assassinar-me, que quiz arrastar-me ao supplicio!

Perguntou ao bispo:

No teu plano ha maneira de impedir tamanha monstruosidade?

— Ouvi-me senhor.

«Expostos ao papa os aggravos que referi, obteremos d'elle uma bulla de excommunhão.»

«O soberano pontifice depôl-o-ha, entregando a corôa ao filho legitimo, D. Fernando, e vós ficareis sendo o seu tutor, o verdadeiro rei de Portugal!»

— Mas isso tem demora, e eu queria um meio immediato.

— Podemos obter rapidamente o que desejamos.

«Empenhae-vos n'isso...»

— Não dará resultado.

«D. Pedro não é um fraco como Sancho segundo!»

«Rasgará as bulas, enforcará os legados, e seremos vencidos da mesma forma!»

— Enganaes-vos, senhor! — emendou o bispo.

«O povo é ainda o mesmo, é sempre o mesmo!»

«Acreditará tudo o que lhe dissermos, verá n'elle um rei excommungado, um rei maldito, e recusará obedecer-lhe.»

«Os homens d'armas correrão para o vosso lado, o reino inteiro celebrará alegremente a sua queda, e vós...»

— Não contes commigo para isso.

«Não entrarei lá com bullas de excommunhão, porque o conheço muito bem.»

«Mas não quero consentir na suprema affronta d'esse casamento!»

«E se tens algum outro meio de lhe obstar, expôe o, porque o seguirei cegamente!»

CAPITULO XCIV

Os franciscanos

NUNO Freire d'Andrade, receioso de algum conflicto com amigos de Pero Coelho, como levasse comsigo pouca gente e não quizesse aventurar-se a deixar fugir a preza que D. Pedro tanto apetecia, foi entrar pela Beira.

Gil Cabral, bispo da Guarda e senhor do castello, era elemento de absoluta confiança do rei, seu amigo e companheiro do tempo em que bem poucos havaim a defendel o e a Ignez de Castro.

Podia guardal-os com toda a segurança.

O bispo da Guarda acceitou gostosamente o encargo.

Via com jubilo que tinham finalmente caido em poder d'aquelle a quem haviam despedaçado o coração.

Encerrou-os no castello e comprometteu se a guardal-os bem.

Fntão Nuno Freire partiu a encontrar-se com o rei.

Fôra informado de que elle estava em Extremoz.

Um tão largo trajecto não lhe parecia facil de realisar, conduzindo prezos de tanta importancia.

Pediu a Gil Cabral o maior segredo.

Não queria que ninguem se antecipasse em dar ao rei a bôa nova.

Demais tinha que preparal-o para a noticia de que Diogo Lopes Pacheco fugira.

Isso, dito por outro, podia comprometter o exito das piomessas relativas ao casamento do filho.

Descançado ácerca da segurança dos criminozos, saiu em direcção ao Alemtejo.

Tempo antes D. Pedro, impaciente pelo resultado da missão de que o encarregára, approximára-se da fronteira para conhecer mais depressa o resultado dos seus exforços.

Fôra á Guarda, onde se demorou alguns dias com o bispo D. Gil, seu velho amigo.

E depois seguira com elle, de castello em castello, pela linha divisoria dos dois reinos, até chegar a Extremoz.

Ahi, minado de desgostos, no desespero de não vêr levado a cabo o sonho de toda a sua vida, obedeceu.

Os frades do convento de S. Francisco foram logo convidal-o para tratar se no mosteiro, ciosos de gozarem da suprema honra de ter um rei a dentro das suas portas.

E occultamente abrigavam a esperança de, no caso de morte immediata, guardarem os despjoos reaes na sua egreja.

«Seria uma grande vantagem, uma immensa fortuna! — dizia o abbade para os seus irmãos em Christo.»

«Os frades de S Domingos, que nos detestam, ficariam, em vista da protecção real n'um plano inferior.»

«Os frades de Alcobaça, que humilham a todos os outros, teriam desde então que nos invejar.»

«Meus irmãos, é preciso arrastar D. Pedro, por todos os meios, a fazer-nos importantes doações, a distinguir-nos e a honrar-nos.»

«Um de vós porém deve ser encarregado especialmente de o impellir n'este sentido.»

«Precisamos nomear-lhe um director espiritual que o guie por meio do tribunal de confissão.»

«Qual de entre vos se sente capaz de arcar com tamanhas responsabilidades?»

Recolheram-se todos a um prudente silencio, a uma calculada modestia.

Mas todos os suffragios indicaram depois um nome.

— Fr. Vicente Amado? — prguntou o abbade.

«E' então d'elle que confiaes esta missão, decisiva para o nosso convento e para a ordem seraphica em geral?»

— Sim! — responderam algumas vozes.

— Bem. Que seja esse.

«Tambem lhe reconheço virtudes em barda, e manhas que bastam para o que ambicionamos.»

«Será esse o vosso escolhido.»

«Oxalá que tambem seja o eleito de Deus para o trazer ao bom caminho!»

D. Pedro acceitou o convite.

Mudou-se para o convento.

Installaram-o n'uma vasta cella, rodeando-o de commodidades.

Fr. Vicente Amado começou por aconselhal-o a vestir o habito de S. Francisco.

— E' este o primeiro remedio que deveis tomar!

«A cura realisar-se ha pouco a pouco, a pedido do grande santo, por vontade de Deus!»

O bispo da Guarda authorisára a ida para o mosteiro.»

—Estareis ali com mais socego, tereis os elementos de que precisaes para vos restabelecer.

«No castello faltar-vos-iam a despeito do interesse dos vossos, os cuidados mais rudimentares.»

E apezar da rivalidade dos franciscanos que desejava estar a sós, foi tratando-o.

O confessor continuava a aconselhal-o a valer-se apenas do arsenal religioso.

Queria contrabalançar a influencia do bispo que podia ser prejudicial aos seus interesses.

—Tende fé, senhor, que o santo patriarcha ha-de fazer o milagre de curar-vos.

«Estivestes bem doente no mosteiro de Alcobaça, mas Deus não quiz levar-vos para si de dentro d'essa casa, onde tão mal servido é, onde o affrontam com tanto escandalo!»

«Se vos curardes aqui, que grande gloria para a vossa ordem, o nosso convento.»

«E se aqui morrerdes que felicidade para vós, que vantangem para a vossa alma!»

«Tereis então, em torno aos vossos restos, os verdadeiros suffragios da egreja, as orações fervorosas e sentidas, ditas por boccas puras de toda a mancha!»

D. Pedro, voltado para a larga paisagem que disfructava, buscava apasiguar-se na serenidade dos campos.

Fr. Vicente Amado proseguia:

—Ainda que o não pareça, senhor, ha frades e frades, isto é, ha homens santos e ha homens maus!

«Todos se dizem ministros do senhor.»

«Mas um tem Deus nos labios e o diabo no coração.»

E n'uma saraivada de allusões aos frades de Alcobaça:

—Podeis investigar por aqui o que consta de nós.

«Tudo actos meritorios, tudo obras de caridade.»

«Pedimos esmola, e restituimol-as depois no caldo da portaria, aos que são mais pobres do que nós!»

«Não ha immoralidades em torno d'esta casa, nem o povo se queixa, nem corre a fama que de outros ha.»

Terminou formulando os seus desejos:

—Tinhamos immensa vontade que pensasseis n'isto, e decidisseis se não estaes melhor aqui, entre os honestos servos de S. Francisco, que em outra qualquer casa religiosa.

Fntão descrevia-lhe curas realisadas a dentro das suas portas.

Moribundos, tocados pelas reliquias de que dispunham, tinham tornado á vida repentinamente.

Alguns, já desesperados da vida, tinham melhorado a poder de orações.

Insistia em referir-se a importantes esmolas, na avidez das vantagens que desejavam.

CAPITULO XCV

Impaciencias

O rei ouviu-o sem interesse.

Todo o seu empenho era saber de Nuno Freire.

A esse respeito se entretinha com o bispo da Guarda.

—Diz-me, Gil, que pensas d'isto?

«Não achas de mau agouro este silencio?»

—Não me parece, senhor — respondia elle, para tranquilisal-o.

—Ha tanto tempo que partiu!

—Mas a empreza não é facil.

—Contudo elle já tinha obtido a permissão de el-rei meu sobrinho.

—Havia porém muito que fazer.

—O que?

—Preparar a occasião propicia.

—Aquella que el-rei determinasse.

—Esqueceis-vos das desordens que levaram em Castella?—perguntou D. Gil Cabral.

—E' d'isso mesmo que me temo—exclamou D. Pedro dominado por grande receio.

—Não ha rasão para temores.

Elle abanou a cabeça, não se dando por convencido.

—Pois não confiaes absolutamente em Nuno Freire?

—Sim. E' um leal e honrado servidor.

—Quem melhor do que elle, que vos comprehende e estima, pode levar a cabo os vossos desejos?

—Contudo nada mais natural do que póde haver circumstancias superiores á sua vontade.

—Não me parece.

—Esta falta de noticias aterrorisa-me.

E D. Pedro, erguendo-se a custo, dirigia-se á janella a olhar demoradamente os campos.

—Nada que me pareça um mensageiro seu, nada que me permitta uma hora de tranquilidade.

—Descançae, tranquilisae-vos.

—Não posso!

—Tendes a accedencia do rei de Castella.

—Já uma vez faltou a ella.

—Tambem não é da sua promessa da sua garantia que confio—respondeu o bispo.

«Perdoae, senhor, que elle é vosso sobrinho, filho da nobre rainha D. Maria, d'essa altissima princeza de quem não me posso recordar sem saudade.»

D. Pedro teve um suspiro de saudade para a memoria da irmã.

—Tão infeliz que foi, Gil, tão digna de melhor sorte e sempre tão desventurada.

—Que quereis, senhor, se é lei do mundo!

—Mas uma lei injusta!—bradou D. Pedro, n'um impeto do seu espirito justiceiro!

—E quem melhor do que D. Ignez de Castro—accrescentou o bispo—quem maior bondosa e mais amoravel do que ella, e que desditoso fim lhe prepararam.

—Ignez! Ignez!—pronunciou como n'um sonho.

Arrasaram-se lhe os olhos de agua.

Olhou tristemente o horisonte, como a querer vêr desenhar-se nas nuvens o perfil da mulher que tanto amára.

Houve um momento de penoso silencio.

—Não me fales na desditosa—disse o rei succumbido, dilacerado pela lucta interior!

«Ainda não fui para ella o que prometti!»

—Para que vos torturaes, se tendes prestado o mais nobre culto á sua memoria?

—Falta o principal.

—Declarastes honradamente o consorcio que vos tinha ligado estreitamente, a amorosa união de duas almas que eu tive a suprema ventura de abençoar.

—Era justo.

«Foi minha esposa, devia ser rainha d'estes reinos, e as corôas reunidas de Portugal e de Castella rematar iam um dia as torrentes de oiro dos seus cabellos!»

«E tudo acabou, tudo acabou!»

—Fizestes levantar-lhe um alto monumento, o primoroso mausoleo que ha-de guardar os seus restos mortaes...

—Sim, fiz tudo isso.

«Mas o principal ainda está por executar.»

«Prometti-lhe uma estrondosa desforra.»

«Jurei vingal-a n'essa noite maldita em que me achei junto do seu caixão!»

«E os assassinos riem-se de mim, passeiam ainda impunemente em Castella!»

—A esta hora, decerto, já devem estar em poder de D. Nuno, que é o mesmo que dizer no vosso.

—Para que buscas illudir-me.

—Eu, senhor?

—Tu, sim.

«Pois ainda ha pouco desconfiavam da lealdade de el-rei de Castella...»

«Como queres agora convencer-me que se trata de uma coisa absolutamente segura?»

—E' que não poude completar ha pouco o meu pensamento, dizer tudo o que queria.

«Referi-me desfavoravelmente a Pedro Cruel.»

«Disse, ou quiz dizer que os seus precedentes não auctorisavam a confiar em absoluto n'elle.»

«Até pedi que me perdoasseis o offensivo o audacioso de semelhantes juizos.»

—E' tudo verdade.

«Não tinhas de que te desculpar.»

—O meu arrasoado tinha por fim tranquillisar-vos inteiramente a tal respeito.

«Em vez de um simples obsequio do rei de Castella, havia para elle uma alta conveniencia em nos entregar promptamente os assassinos de D. Ignez.»

«E' que em troca receberá quatro homens que odeia, quatro adversarios que quer suppliciar, e para isso seria capaz até de nos dar metade do reino.»

D. Pedro confrangeu-se.

—Sim. Ha esse preço de sangue!

«Bem sei que não falta, por causa d'essa condicção.»

«Mas o que me custou ter de negociar por semelhante forma ter offerecer-lhe tal garantia!»

E muito incommodado, perguntou-lhe baixo, como se tivesse vergonha de que o ouvissem:

—Devem ter dito muito mal de mim, não é verdade?

—Assim é, senhor—respondeu o bispo da Guarda.

«Se dissesse o contrario não teria para comvosco aquella velha lealdade com que vos servi sempre!»

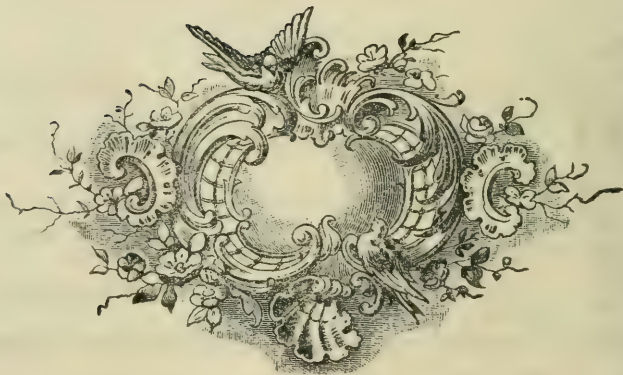
«O vosso acto tem sido apreciado muito injustamente.»

—Injustamente não.

«Severamente, é talvez o termo.

«Bem sei que procedi mal.»

«Mas a minha consciencia absolve-o inteiramente, e ella é para mim o mais alto tribunal.»

—E os que, como eu, avaliam a infamia prrticada, dão-vos toda a razão, applaudem-vos inteiramente.

CAPITULO XCVI

De reforço

MAS aquella allusão á entrega dos partidarios de Henrique de Trastamara fizéra-lhe mal.

— Sabes que pelo preço d'essa vingança daria a propria vida.

«Teria porém o direito de offerecer a dos outros?»

— Senhor, não tendes que pensar nos mais.

«Tratae simplesmente do vosso caso.»

«Quem duvidará que o assassinio de Ignez foi um attentado que brada aos céus?»

«Quem poderá admittir uma demora na execução dos culpados?»

«Tratastes de obtel-os a todo o custo, fizestes bem.»

D. Pedro tornou a lançar a vista pelos caminhos distantes;

—Mas porque não me dará Nuno Freire noticias suas?

—Não tardará por ahi, descançae—respondeu o bispo da Guarda no intuito de o serenar.

—Queria que m'os trouxesse já—retorquiu D. Pedro n'uma impaciencia cada vez maior.

—Não deve faltar muito tempo para isso.
—E poderei ainda vel-os chegar?
—Que quereis dizer?
—De que espaço será essa demora.
—Poucos dias, creio bem.
—E poderei viver até que venham?
—Quem pensa o contrario?
—Eu.
«Tenho medo de morrer antes de me vingar.
—Morrer.
«Estaes gracejando.
«Tendes um ligeiro incommodo, principalmente motivado pela fadiga da longa viagem que fizestes até aqui, e pelo desasocego em que estaes constantemente.»
«Fazei por tranquilisar vos despreocupae-vos e sentir-vos-heis inteiramente bem.»
—Mas se eu não posso.
«E' como se tivesse o inferno aqui dentro!»
— Pensae n'outras cousas, distrahi-vos.
«Viver n'essa inquietação é que vos faz mal.»
—Não és medico?
«Tira-m'a, se me podes.»
—Obedecei-me, acceitae as minhas prescripções, e ella desapparecerá.
«Mandae chamar corregedores, juizes e prezos d'estas cercanias, administrae justiça, julgae, puni, corrigi desmandos, castigae abusos, e não sentireis o decorrer do tempo.»
«Em meio d'essa faina redemptora que attrahe sobre vós as benção dos miseraveis, chegarão noticias de D. Nuno Freire de Andrade, e então vos dedicareis exclusivamente á vingança.»
—Não posso occupar me senão d'ella!
—Então assim como quereis melhorar?
—E este mal estar matar-me ha?
—Não.
«Mas torna-vos a vida um horrivel supplicio, que podereis muito bem evitar.»
Houve um momento de silencio.
Mas D. Pedro ergueu se de novo muito inquieto, n'um impeto desesperado.
—Mas porque não me mandará todos os dias informações do que faz aquelle homem maldito!
—Naturalmente porque vem pessoalmente dal-as e decerto já se encontra a caminho.
«Repito-vos porém que nada tendes que deva preoccupar-vos, que nada ha a recear.»

—Para que queres enganar-me, com bôas palavras, como se faz ás creanças?

«Conheces perfeitamente os motivos do meu receio as razões que me teem perturbado.»

«Está para rebentar de novo a guerra.»

«Dividido o reino em dois grandes bandos, embora Nuno Freire tenha o appoio de um, quem me garante que no regresso não será perturbado pelo outro?»

—Nada tem que ver com essas dissenções o homem que representa o rei de Portugal.

—Enganas-te.

«Tem tudo.»

«Lembra-te que o preço da entrega de Pero Coelho, Alvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco são os quatro cavalheiros do bastardo.»

«Os revoltosos devem ter n'elles o maior empenho, como seus illustres companheiros.»

«E se por causa d'isso vão atacar a minha escolta e põe em liberdade os assassinos?»

O bispo da Guarda que bem conhecia a agitação de Castella, tinha os mesmos receios de que o rei.

Não os manifestava porém para não aggravar a terrivel inquietação em que o via.

E todo o empenho com que o contradizia tinha por fim subtrail-o á acção deprimente d'essa grande irritação que já fizera perigar lhe tanto a saude.

Para o serenar, propoz-lhe:

—E se eu fosse em procura d'elle?

—Até que emfim dizes alguma coisa que me satisfaz!—exclamou D. Pedro.

—Então partirei, desde que me prometterdes que ficareis mais tranquillo.

—Prometto.

«Mas quero que me envieis noticias todos os dias, sem a menor falta, ouves bem.

«Não deixes passar um só sem me pores ao corrente do que se qassa.»

—Assim farei, senhor.

—Mas o que é que projectas?

—Ir pela Guarda reunir um punhado de solidos guerreiros, e entrar em Castella em procura de D. Nuno.

«Tanto lá como cá um reforço não será de mais.»

—Bem. Então parte immediatamente.

—Preciso porém duas cartas vossas, uma para o rei, outra para o bastardo.

—Com que fim?

—Porque se Pedro Cruel governar ainda, é a elle, aos seus que tereis de apresentar um documento que justifique a minha presença em Castella.

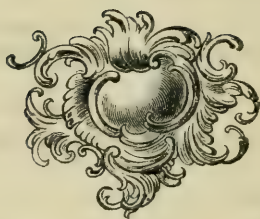
«Se já tiver sido deposto, ou se encontrar forças de D. Henrique será a segunda carta que apresentarei.»

D. Pedro concordou.

Escreveu no sentido de explicar a ida do seu enviado, e entregou as ao bispo.

Ordenou-lhe com verdadeira ancia:

—Parte depressa.

Ao encontrar se na Guarda com Nuno Freire, o bispo deu-lhe contas do terror do rei e de tudo que tentára para o serenar, e o mestre de Christo foi planeando pelo caminho a melhor maneira de lhe falar do insuccesso parcial da commissão.

CAPITULO XCVII

Suffragios

AO vêl o só, os frades de S. Francisco redobraram de esforços em torno do rei.

Fr. Vicente Amado continuou a desempenhar o seu papel.

—Desinteressae-vos das coisas terrenas, pensae na vida eterna, preparae a vossa alma para a grande viagem.

O rei, irritado por tal insistencia, perguntou-lhe:

—Porque estaes sempre a falar-me de morte?

«E' porque o meu estado parece realmente o de um moribundo?»

—Não é por isso, senhor, mas porque o ideal do christão é a vida duradoira de além tumulo, e não este pobre momento...

A espaços, sem ouvir as palavras do frade, cahia na mesma funda irritação, na mesma penosa impaciencia, temendo que lhe fugissem os assassinos, crendo ficar sem o prazer de vingar cruelmente a morte de Ignez.

Corria á janella, subia ao eirado do edificio, olhava em todas as direcções, mandava perguntar ao Castello, sempre preso da mesma perturbação.

«E se o rei não os quizesse entregar?»
«E se o bastardo já tivesse vencido?
«E se, avisados a tempo, tivessem escapado os assassinos?»
Ficavam sem resposta as perguntas.
E elle continuava no mesmo desassocego, inquieto, sem saber a que attribuir com certeza tamanha demora.
Então voltava á sua ideia fixa:
—Mas dizei com verdade.
«Julgaes que eu possa morrer de um momento para o outro?»
—Tendes medo da morte?
—Não.
—Fazeis bem.
«Demais estaes n'uma casa tão santa que é como uma antecipação do paraiso.»
«Deixae vos de terrores, e regulae o que é preciso para eterno descanço da vossa alma.»
— Depois.
«Agora preciso viver, não quero pensar em tumulos senão no da minha querida morta.»
— Pois bem.
«Determinae preces por vossa intenção, e Deus favorecer-vos ha com promptas melhoras.»
E accrescentou, n'uma insinuação contra D. Gil:
— Sois bom christão.
«Sabeis portanto que a saude e a vida estão na mão de Deus, e não das dos physicos, por mais experientes que elles sejam por ma's que se queiram fazer valer.»
«Deixae-vos de mezihnas de xaropes, de cordiaes, e acompanhae mentalmente as rezas que vamos dirigir ao altissimo para que se amercie de vós.»
— Obrigado — respondeu D. Pedro, por deferencia, embora descontente com o que ouvia.
— Desejaes que façamos mais algum pedido ?—tornou o frade apaixonado pela sua missão.
«Querereis que seja incluida na nossa resa alguma intenção particular ?»
— O que tenho de pedir não é a Deus, mas ao Diabo que m'o pode conceder.
— Credo ! Blasphemaes !
— Não. Preciso que me tragam tres criminosos, mas só o inferno pode dispor d'elles !
— E é para isso que quereis viver ?
— Sim. Para a vingança!
— Que peccado, senhor !
«Deus instituiu o perdão !

«Para o imitar deveis conceder a vossa indulgencia a esses homens que perseguis.»

— Cala-te frade!

«Não sabes o que dizes!»

«Trata-se dos que mataram Ignez!»

«Ninguem, do ceo ou da terra, m'os poderá arrancar!»

— Sim. Agora me recordo — disse o frade.

«Lembro-vos porém que aos mortos são mais agradaveis as obras de piedade que as de sangue.»

«Institui no nosso convento suffragios por alma da que foi vossa esposa....»

— Assim farei.

— Deixae-nos um legado que permitta realizal as perpetuamente com o maior explendor...

— Hei de contemplar-vos.

— E para que Deus vos perdôe a vertigem em que vos deixaes arrastar, planeando uma vingança atroz, realizae alguma obra para que vos reconcilie com a divina bondade.

«Dae-nos dinheiro, terrenos, mandae alargar este pobre edificio, erguei-n'os até a altura dos frades de Alcobaça nossos rivaes, e proclamaremos que sois um santo.

—Tudo isso concederei—respondeu D. Pedro.

«Mas primeiro hei de socegar este coração afflicto.»

«Gosto d'este logar.»

«Tornarei aqui, já que me dou bem com os ares, e então regularei tudo o que desejas.»

—Obrigado, senhor!

«O ceu ouviu as minhas ferverosas preces e Deus tocou o vosso bondoso coração.»

«Comtudo a prudencia manda aparelhar emquanto é tempo, e assim não seria mau que regulasseis desde já o que toca á vossa alma e á de vossa esposa.

—Não.

«Agora só penso em castigar os traidores.»

«Depois de lhe ter dado esse alto testemunho do meu amor, hei-de leval-a para o jazigo que a espera, e em seguida tornarei aqui.

—Valha-mnos a misericordia divina!—exclamou suspirando fr. Vicente Amado.

«Desde que vos apanharem em Alcobaça não vos deixarão mais sair d'ali.»

«Podereis morrer ao desamparo sem que vos tributemos os suffragios que desejamos.»

«Se ao menos nos concedesseis por escripto o direito de sepultar aqui o vosso cadaver'»

—Espera me em Alcobaça um monumento ao lado d'ella!

—Viriam ambos.

«A trasladação seria para aqui, as orações melhores e ditas com mais fé!...»

—Não pode ser—insistiu D. Pedro.

«Já foi tudo resolvido de outra fórma.»

Mas o frade não estava disposto a deixar-se vencer.

—Pois bem, que o corpo lhes pertença, já que vos poderam convencer a isso.

«Mas que nos fique uma reliquia vossa, um pedaço de vós mesmo, a testemunhar a conta em que nos tinheis.»

—Que queres dizer?

—Senhor, deixae-nos ao menos o vosso coração!

CAPITULO XCVIII

Emfim!

CHEGOU finalmente Nuno Freire d'Andrade.

O rei ouvira a distancia um apressado galopar.

Como de costume fôra á janella.

Mas o aspecto dos cavalleiros, vistos a distancia, só por si não o podia tranquilizar.

Vinham longe de mais para os conhecer.

Enviou ao seu encontro um cavalleiro, que, mal viu quem era, lhe fez de longe um signal affirmativo.

Continuou a vê-los approximar.

A chegada do mensageiro fizéra appressar a cavalgata.

Agora reconhecia Nuno Freire á frente do bando.

O mestre de Christo saudára-o, ao vel-o ancioso, aguardando-o á janella do convento.

Mas D. Pedro atterrava-se não vendo entre a escolta ninguem cuja attitude parecesse a de um prisioneiro.

«Então Nuno Freire de Andrade deixava-os correr á redea solta, sem precauções?»

Não durou muito a duvida que o atormentava.

O cavalleiro entrou correndo, e, antes mesmo de o saudar disse-lhe da porta, alvoroçado:

—Cumpriu-se o vosso desejo, meu senhor.

O bispo da Guarda, com quem estivera, informara-o do mal estar do rei.

Todo o seu empenho fora tranquilisal-o depressa, e para isso não se poupára a fadigas, correndo sempre, sem o menor descanço, até vencer a distancia que os separava.

D. Pedro estremeceu, cambaleou de espanto ao ouvir a noticia da tanto esperada.

Apoiou-se á cadeira, passou a mão pela fronte, e abrindo os braços a D. Nuno, disse-lhe n'um grito d'alma:

—Obrigado, meu amigo.

«Deste-me a unica alegria a unica ventura que ainda podia ter n'este mundo!»

O Mestre de Christo apertou-o ao peito, n'um impeto de com moção.

Manifestava-se de novo a mesma solida amizade que desde jovens os unia.

Cortára-a apenas, por momentos, a perturbação em que o lançara a morte de Ignez, arrastando o a actos desvairados.

Mas o desempenho d'aquella missão unia-os de novo, e Nuno Freire d'Andrade sentiu reviver n'aquelle amplexo os episodios da sua distante mocidade.

Sentiu como D. Pedro tremia, n'uma grande agitação.

E depondo-o com carinho na grande cadeira senhorial, disse-lhe amigavelmente:

—Serenae, senhor.

«Essa inquietação faz muito mal.»

O rei sorriu, a querer descançal-o.

Mas o seu aspecto nãr inspirava segurança.

—Agora que já sabeis o resultado é bom que repouseis—aconselhou o mestre de Christo, dispondo-se a sahir.

«Quando tiverdes descançado mandar-me-heis chamar.»

—Repousar, eu?—exclamou D. Pedro, tornando a erguer-se com violencia.

«Queres que descance, quando parece que a minha vida attinge o seu termo?»

«Hei-de repousar, agora que tenho a cumprir a elevada missão para que vivo?»

«Não! Não!»

E chegando á porta bradou para fóra:

—Pagens, os meus cavallos, os meus trombeteiros, os archotes, os brandões!

«Quero sair já, ao som de uma terrivel marcha de guerra, que vá clamando: Vingança! vingança!»

Mas em vez dos servos apressados, entrou fr. Vicente Amado, arras do os pés, olhando desconfiado D. Nuno.

—Que a paz do Senhor seja comvosco!

Curvou-se ante o rei n'uma attitude servil, e saudou ligeiramente Nuno Freire.

D. Pedro, perturbado como ficára, não se recordou, á vista do frade, do logar onde estava.

E passado um momento, clamou outra vez, n'uma voz de com mando:

—Não ouviram?

«Quero sair immediatamente!»

Então o frade interveio:

—Como quereis sair, se ainda não estaes bom de todo?

—E que tens tu com isse?

—Vieste para a nossa casa para vos tratardes melhor...

«Emquanto não estiverdes restabelecido não vos veremos sair sem desgosto.»

—Mas quem se atreveve o querer impor leis á minha vontade?—perguntou exaltado.

—Ninguem, senhor.

«Ao contrario, todos aqui nos empenhamos dedicadamente em vos servir.»

«Pela vossa intenção rezamos noite e dia...»

—Então onde estou eu?—perguntou o rei com voz mal segura n'uma grande incerteza,

—No convento de S. Francisco, na verdadeira casa de Deus, tão differente de outras que envergonham o habito e a clausura — respondeu o frade baixando os olhos.

—Sim, sim!—respondeu D. Pedro, recordando-se, olhando em torno vagamente.

«A commoção da nova que tromceste fez-me esquecer tudo completamente.»

—Bem vêdes, senhor—interveio o mestre de Christo—que precisaes descançar.

«Algumas horas de um sommo reparador por-vos-hão inteiramente bom.»

—Repousar?

«Então estive a acalentar tantos annos esta vingança, para dormir tranquillo no momento de poder exercel-a?

«Não me conheces bem, Nuno.»

«Quero partir immediatamente.»

«Nem um momento ficarei aqui.»

Mas ao dizer isto cambaleou.

E o Mestre de Christo, receiando uma crise mais grave, appellou para outro recurso:

—Pelo menos deixae-me ir repousar um pouco.

—Ah! Estás fatigado?

«Então eras tu que querias poupar-te a uma nova marcha, e valias-te de mim para conseguires os teus fins?»

—Perdoae, senhor, mas venho de tão longe... —respondeu Nuno Freire d'Andrade, acceitando a censura.

—Pois bem, ficarás, e partirei sósinho.

E reconsiderando:

—Mas sem ti que poderei fazer?

«E's tu que tens de me dar contas d'elles, e de me dizeres tudo o que se passou.»

Reclinou-se, fatigado de tanto esforço:

—Amanhã partiremos.

«E agora, Nuno, vae gosar o descanço a que tão nobremente adquiriste direito.»

CAPITULO XCIX

Manhas de frade

QUANDO o rei acordou de um sonho mal dormido, sentiu bem qual a razão porque Nuno Freire reclamára o direito de repousar.

«E' que o seu estado era bem precario, a ponto de inspirar receios aos velhos amigos, como elle.»

Tinha ancia de conhecer os detalhes da prisão.

Mas não queria obrigal-o a levantar se.

«Depois de tão fatigantes aventuras devia ter bastante necessidade de repouso.»

Fr. Vicente Amado, temendo-se da presença de D. Nuno, não fôra, como nas outras madrugadas, perguntar-lhe se queria alguma coisa.

Procurava evitar assim que mandasse chamar o homem por quem esperava tão ardentemente.

E como o empenho dos frades franciscanos era demorar o rei o mais que podessem, fr. Vicente Amado resolveu desempenhar com mais interesse ainda a difficil e lucrativa missão de que a sua ordem o encarregára.

Contava com o aggravamento da doença do rei de que tantos resultados tinha a esperar.

Tinha portanto o maior desejo de retel-o, para que a morte se desse no seu convento.

«Que gloria para a ordem seraphica, assistir á agonia de um tal monarcha!»

«Que donativos não lhe poderiam arrancar desde que podessem á sua vontade apavoral-o com o inferno!»

Sentou-se tranquillamente junto á camara onde haviam resolvido aposental-o com todo o luxo pensando no que havia de fazer para o demorar mais tempo no convento.

D. Pedro debatia se n'uma duvida atterradora.

«Morreria sem vingar Ignez?»

«Já não teria vida para castigar os assassinos?»

Cahia n'uma indizivel amargura.

A espaços reanimavam-o as palavras tranquilisadoras de D. Gil, o seu physico dedicado.

Arrependia-se de o ter deixado partir.

Precisava o ao seu lado, para lhe inspirar confianca.

Queria pedir-lhe que lhe mantivesse a vida, ao menos até poder consumar o holocusto dedicado á que tanto soffrera.

E depois de dar a todo o paiz esse grande exemplo não se importava de morrer.

E n'aquella angustia ia passando tempo·

Começou a sentir se muito só.

Queria ouvir de Nuno Freire d'Andrade a narração de tudo o que em Castella succedera.

Admirava-se de que elle não o tivesse procurado já.

Vencendo as ultimas duvidas, convencido de que elle tivera tempo de sobra para restaurar as forças dispendidas, chamou brandamente o frade que o servia.

Em logar d'elle entrou fr. Vicente Amado.

Depois de um rasgado cumprimento, approximou-se do leito, onde ainda permanecia.

Simulou um doloroso espanto.

— Oh! meu senhor!

«Como peioraste de hontem para cá!»

«Aquella commoção, a terrivel agitação em que estiveste fez vos tanto mal!»

D. Pedro que se sentia mais fraco, assustou-se muito, receiando que a doença o impedisse de sair.

— Falas serio?

—Perdõe me vossa alteza—respondeu elle—dizer-lhe estas coisas tão desagradaveis.

«Mas entendo que a um rei deve expôr-se toda a verdade, sem a menor duvida, porque a sua saude e a sua vida são a tranquilidade dos seus vassallos.»

—Achas-me muito mal?

—Receio que os nossos cuidados não possam restabelecer-vos, como tanto desejavamos.

—Queres dizer que receias a minha morte?—perguntou n'uma voz atterada.

—Se todos somos mortaes, se todos somos eguaes perante Deus!—murmureu do olhos no tecto.

—E não haverá maneira de melhorar?—supplicou D. Pedro muito afflicto.

«Que ao menos eu tivesse vida para me vingar!—exclamou n'um doloroso arranco.»

—Senhor, na egreja ha remedio para todos os males—retorquiu o frade n'um ar de charlatão.

«Vou mandar buscar o nosso relicario, e vós mesmo escolhereis aquellas reliquias que quereis usar, conforme os pàdecimentos que mais vos affligem.»

«Não é só Alcobaça que possue um forte arsenal da fé, que por todas as fórmas faz valer.»

«Temos tantas reliquias como elles.»

«Ha só uma differença, é que as nossas são authenticas, verdadeiras, milrgrosas sem rival, garantidas pelas expressas declarações dos santos a que pertenceram, e as d'elles são fingidas, como é fingida a sua fé, e a sua castidade.»

– E se mandasseis chamar D. Gil, o meu medico, o meu amigo de confiança?

«Creio que só a sua presença me infundiria confiança—exclamou desanimado o rei.»

Fr. Vicente Amado estremeceu a esta idea, que podia fazer gorar todo o seu plano.

«O bispo da Guarda arrancal-o ia decerto ao seu convento, e lá se iam todas as fundadas esperanças da ordem seraphica se nobilitar, se enriquecer.»

Respondeu á pergunta:

—Elle está muito longe, como sabeis, pois vós mesmo o mandaste a Castella.

E accrescentou, para o dominar:

«Demais receio que quando chegasse já fosse tarde para vos prestar quaesquer soccorros.»

—Tão mal estou eu?

O frade, sem responder, para o aterrar mais, pôz as mãos e ergueu os olhos ao tecto da casa.

—E se me fosseis chamar Nuno Freire?

«Precisava tanto de lhe falar!»

Saiu o franciscano, braços cruzados, olhos no chão, apparentando uma grande humildade.

Foi pedir ao abbade que o detivesse o mais possivel, pretextando

que D. Pedro dormia ainda, e que lhe fôra receitado pelo physico o mais absoluto descanço.

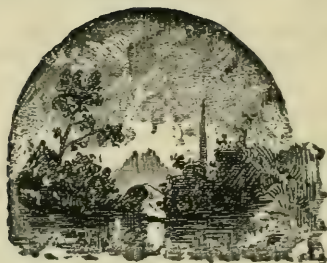
Voltou á camara do rei na mesma attitude servil.

—O cavalleiro dorme ainda.

«Tive duvida em o accordar, tão fatigados vinham todos, de longas jornadas sem descanço.»

«Se fiz mal em não cumprir as vossas ordens, perdoae senhor o meu atrevimento.»

Mas D. Pedro concordou.

—Deixa-o repousar, que bem precisa!

CAPITULO C

Remedios da egreja

NUNO Freire ao levantar-se foi logo procurado por um frade, que o levou á presença do abbade.

—Permitti-me—disse elle—que dê as bôas vindas ao Mestre da Ordem de Christo, tão celebrado pela sua bravura e pelas suas virtudes.

D. Nuno agradeceu.

—E agora haveis de dar-me a honra de almoçar commigo, desculpando a frugalidade da minha refeição.

«Outros frades ha, que esquecendo as palavras de Deus, fazem consistir na meza o unico ideal da sua vida.»

«Nós banimos o peccado da intemperança.»

«E se alguma coisa comemos é tão sómente para manter as forças necessarias ao nosso apostolado.»

Nuno Freire d'Andrade renovou os agradecimentos á generosidade do superior.

Desculpou se porém de não poder acceitar immediatamente a immerecida gentileza.

«Desejava em primeiro logar falar a el-rei.»

O abbade tomou um ar compungido, e respondeu:

—Como me custa dár más novas!

«Devo porém dizer-vos toda a verdade, que a isso me obriga a minha regra.»

D. Nuno sobresaltou-se:

—Que significam as nossas palavras?

—E' que sua alteza não está nada bem.

—Peiorou esta noite?—perguntou Nuno Freire alarmado, reçeiando vêr confirmadas as suas suspeitas.

—Felizmente não.

«Deus tem ouvido as nossas repetidas orações.»

«O seu estado não se aggravou, mas não tem as melhoras que ambicionamos.»

—Razão de mais para ir saber como se encontra—retorquiu o mestre de Christo.

—Dizeis bem.

«Mas n'este momento el-rei está dormindo ainda e o repouso é o que maii necessita.»

«Véla por elle um santo monge, fr. Vicente Amado tão perito nas doenças do corpo como nas do espirito.»

«Estae portanto descançado agora, senhor D. Nnno, e acceitae a minha refeição.»

Ordenou a um frade.

—Ide dizer que assim que el rei accorde o venham participar, afim de irmos saudal-o como é nosso dever.

Insistiu, intencionalmente:

—Recommendae-o bem da minha parte ao nosso querido irmão fr. Vicente.

Mais tranquillo com essas palavras, o mestre de Christo acceitou o almoço.

E durante muito tempo os frades surprehenderam-lhe o paladar com admiraveis pratos, a cuja composição applicavam. como os de Alcobaça, toda a sua habilidade.

Certo de o previniriam quando D. Pedro se levantasse, comeu sem a menor preocupação.

Fr. Vicente Amado enchera o quarto do rei de relicarios, cofres e oratorios.

—Aqui tendes, senhor, os nossos remedios, de uma efficacia incontestavel.

Começou a expor:

—Eis aqui as reliquias de S. Francisco, nosso patrono, o maior de todos os santos, o mais milagroso, que não teme o confronto com outros e dá mais forte protecção.

«D'elle offereço-vos o habito da sua ordem, tocado já nas suas queridas reliquias, e bento com todas as formalidades do ritual pelo nosso abbade.»

«E' para vestirdes com toda a fé quando julgardes chegado a vossa ultima hora.

D. Pedro acceitou-o com devoção.

—Quero morrer vestido n'elle!

O frade sorriu pelo triumpho obtido.

E murmurou victoriosamente:

—Este já os de Alcobaça não nos podem arrancar, por mais intrigas em que o enredem!

«O nosso santo padre S. Francisco o defenderá das suas ciladas, e o salvará para a nossa ordem, que é a sua.»

Depois indicou em gestos cheios de uncção os diversos objectos de que se rodeiára:

—Eis tudo o que pode garantir-vos a protecção dos santos advogados contra os soffrimentos corporeos.

«Tendes aqui S. Gregorio advogado contra as dores de estomago, S. Romão contra os perigos d'agua, Santo Ignacio contra o mal do coração, Santa Barbara contra os trovões, S. Bartholomeu contra o medo, S. Lourenço contra a falta de apetite.»

Indicou-lhe outra oratorio:

—Estes agora teem uma decidida influencia sobre outros males e desastres.

«E' Santa Luzia advogada dos olhos, S. Marçal protector contra incendios, Santa Rita advogada dos impossiveis, S. Francisco de Borja advogado contra os terramotos e S. Jeronymo protector contra os raios.»

Depois appresentou-lhe um relicario:

—Agora vêde Santo Ovidio advogado dos ouvidos, Santo Adrião contra as quebraduras, Santo Ubaldo contra os possessos, Santa Brigida para as dores de cabeça, Santa Catharina de Sena contra as bexigas, S. Romão contra as mordeduras dos cães damnados, Santo Eduardo contra a gota coral, e S. Tude contra a tosse.»

«Nada foi esquecido na larga protecção que todos estes bem aventurados nos dispensam.»

«São de um immenso alivio para o pobre mortal!»

Continuou a indicação:

—Eis mais S. Quintino contra a surdez, S. Braz o mal da garganta, Santo André Avelino contra o mal da Ave Maria, S. Sebastião contra a peste, Santo Antão contra a erysipela, S. Caetano contra as sezões, S. Venancio contra as quedas, S. Domingos contra as febres, S. Miguel dos Santos contra os cancros e tumores.

«Em resumo temos mais S. Pedro d'Alcantara, advogado para obter tudo o que lhe pedirem, e Santo Anastacio protector contra toda a qualidade de doenças.»

Olhava envaidecido as riquezas que citára.

—Aqui nada falta.

«E' pedir por bôcca!»

«Que mais vos imcomoda?»
«De que soffreis?»
—As santas imagens curar-nos-hão.»
E depois de uma pausa:
—O seu poder é tal, que se vos não melhorarem n'esta vida, dar-vos-hão o alivio na outra.
«Pegae-vos com elles.»
«Fazei-lhos promessas, dae-lhes offertas, obsequiae-os com esmolas.»
Como o rei parecesse indiferente, perguntou:
—Fizeste a vossa escolha, ou quereis que a faça eu?
D. Pedro respondeu desanimado:
—Sujeito-me á vossa.

CAPITULO CI

A industria da morte

FREI Vicente Amado mandou recolher á egreja todos os relicarios, cofres e oratorios.

— A minha escolha está feita ha muito, desde que professei n'esta ordem—foi a sua resposta.

«Nenhum mais poderoso que São Francisco.»

«Entregae-vos a elle, e podeis ficar perfeitamente descançado sobre a vida e a morte.»

«Elle tanto vos pode dar melhoras n'esta vida, como proteger-vos na outra.»

Aconselhou-o a envolver-se no habito.

Ajudado por outros frades D. Pedro levantou se, vestiu-se, e foi sentar se n'uma poltrona já coberto com o habito de S. Francisco.

Fr. Vicente Amado alvitrou hypocritamente:

— Se tomasseis agora algumas disposições relativas ao vosso eterno descanço?

— Não te comprehendo.

O monge accrescentou:

— Se quizesseis destinar agora as missas que se hão de rezar por vossa alma.»

N'isto Nuno Freire appareceu á porta.

O frade empalideceu.

— Daes licença, meu senhor — pediu Nuno Freire em voz mal segura.

— Só agora accordaste? — perguntou o rei.

O abbade entrou, para apoiar fr. Vicente.

— Sou eu que tenho de pedir perdão.

«Pensando que estivesseis ainda a repousar demorei o cavalleiro, para ter o prazer de offerecer-lhe o meu almoço.»

— Comeria commigo — respondeu o rei.

— Ainda não tomaste a refeição? — perguntou o mestre de Christo, inquieto com o que via.

— Nem tenho vontade.

— Desculpae, mas precisaes reconfortar-vos.

«Não tenho pretensões a physico — disse, cravando os olhos no frade — mas sei que o alimento irá reanimar-vos.»

E dirigindo se ao abbade, imperiosamente:

— Mandae servir sua alteza, com a mesma grandeza com que me serviste a mim!

O superior appressou se a obedecer, incommodado pela attitude de D. Nuno.

Serviram o almoço.

O mestre de Christo voltou-se para os frades:

— Agora deixae-nos sós, que tenho de communicar a sua alteza segredos de estado.

Elles sairam perturbadissimos.

Então, só com elle, D. Nuno fel o comer.

— Procurae reanimar-vos, senhor.

«Approxima-se a hora de vingança, e precisaes de muito animo para o fazer.»

«Comei e bebei, e primeiro que tudo tirae esse maldito habito, que vos lançaram como uma rede, como um grilhão para vos prender para morrerdes aqui.»

«Desconfiae d'estes frades, exploradores que querem atterrar-vos para se enriquecerem.»

«Conheço-os bem, conheço-os bem!»

E vendo o rei mais animado:

— A agonia é o momento propicio para as suas colossaes mystificações.

«Disputam á viva força uns aos outros o logar à cabeceira dos muribundos.»

«E quando as familias choram desesperadas, vendo extinguir-se a vida dos que lhe eram caros, então assumem uma attitude atterradora, e dão largas ao seu espirito de ganancia.»

«Em vez de encobrir ao muribundo o seu proximo fim, o que seria

— Ainda não tomastes a refeição?

caridoso e humanitario, afim de lhe poupar a dolorosa saudade para a qual não ha lenitivo possivel, insistem em mostrar-lhe a morte que se avisinha.»

«No espirito do agonisante, de envolta com a horrorosa certeza, a fria, a mortal desesperança, passa o turbilhão confuso da sua vida inteira, a pena de deixar o mundo e os seus prazeres, o desgosto de abandonar a mulher amada, os filhos queridos, todos os que lhe são caros, que não mais apertará ao coração.»

«E n'essa hora de terrôr o sinistro emmissario do inferno fala em nome de um ceu que promette como coisa sua, e arranca as ultimas migalhas ao patrimonio das creanças que desherda, á herança da viuva que em nome do seu Deus vem defraudar.»

«Faz a beira do leito mortuario o seu negocio, põe preço ás missas, aos responsos, aos officios funebres, ao ambicionado logar no ceo, e depois de umas rezas hypocritas sae de sacola cheia, para ir fornecer de piteus cozinhas como a de Alcobaça que sustentam a indolencia de milhares de homens.»

«Mas julgueis, como crê o povo ignorante, que os apaixona a loucura da fé.»

«Não dão caridosamente os seus suffragios, vendem-os como se vende tudo, mas com uma ganancia maior que a de ninguem.»

«E se as familias querem oppôr-se aos seus sujos negocios, intimidam-as com o inferno, ameaçam recusar sepultura ao cadaver, e levam sempre o melhor n'esse momento de terror.»

E depois de uma pausa:

— Meu rei, meu amigo!

«Sou eu mesmo agora quem vos pede com todo o empenho que deixeis esta casa.»

«Iremos caminhando de vagar.»

«Chegareis onde poderdes.

«Virão acompanhar vos vossos filhos.»

«E os assassinos serão trazidos á vossa presença, ao logar que vos approuver.»

O rei concordou n'um aceno affirmativo.

— Então vou enviar immediatamente os mensageiros precisos com estas determinações.

«E agora, meu senhor, a caminho »

— A caminho — respondeu D. Pedro.

Levantou-se.

Foi descendo, apoiado a elle, em passos mal seguros até se encontrar na portaria.

Os frades rezavam alto ao longe.

Frei Vicente Amado veiu dizer lhe n'uma derradeira tentativa, que era por sua intenção.

E a communidade formou á saida, de cruz alçada, a despedir-se.

Nuno Freire olhou-os rancorosamente.

Mas D. Pedro, cujo espirito estava cada vez mais perturbado, afastou-se com pena, tanto o haviam captivado as promessas d'elles, de tributarem a Ignez de Castroum verdadeiro culto.

Pediram-lhe os frades n'um côro de supplicas hypocritas, que voltasse a vêl-os, com descanço.

Elle respondeu que sim, muito disposto a fazê-lo, desde que tivesse vida e saude.

E recostando-se na liteira, para onde o haviam transportado, suspirou ao vêr romper a marcha.

Ia finalmente vingar se!

CAPITULO CII

A caminho

viagem reanimava D. Pedro.

A' medida que avançava sentia uma crescente alegria por se approximar da realisação dos seus desejos.

D. Nuno, cavalgando ao seu lado, notava as melhoras que se accentuavam.

O rei deliciav-se na admiração dos campos, que julgára não tornar a vêr.

De momento para momento sentia que lhe voltavam as forças.

A' noite recolheram a um castello.

D. Pedro desejava ouvir a narração de tudo o que se passára.

Mas o mestre de Christo, que não queria vêl o desesperado, perdido, por causa da fuga de Pacheco, respondeu que tudo correra bem.

Pedia-lhe instantemente que repousasse.

Fez-lhe vêr que uma nova temeridade prejudicaria totalmente a realisação da sua vingança.

«Depois lhe contaria os pormenores.»

No dia seguinte, emquanto almoçava, o rei instou de novo pelo conhecimento da verdade.

—Então, Nuno, custou te muito obter do rei meu sobrinho ou trez miseraveis?

Olhou-o com interesse.

O mestre de Christo estremeceu.

—Não me respondes?

Attribuiu a sua perturbação ao receio em que todos estavam pela sua saude tão abalada.

Appressou-se a tranquilisal-o:

—Estou melhor, muito melhor.

«Podes falar sem a menor duvida.»

Nuno Freire não sabia como furtar-se a explicações que arrastariam a dizer tudo.

E queria evital-o, até á ultima, para não causar ao rei um grande abalo.

Quando lhe entregasse os outros, esperava que o desgosto fosse menor, perante de dois dos que execrava.

Assim, tão longe d'elles, a revelação era para recear pois podia fazer crer na fuga de todos.

Desculpou-se como poude:

—Temo que vos exalteis, senhor, e que fiqueis muito peior — declarou, buscando serenal-o.

«Recommendaram-me que tivesse tantos cuidados com a vossa preciosa saude...»

—Quem?

«Esses frades de que tanto desdenhaste?»

«Então como disseste que não devia acreditar uma só das suas palavras?»

Nuno Freire d'Andrade folgou com o novo rumo que a conversação ia tomando assim.

E affirmou, calororosamente:

—Mantenho tudo quanto dissse a respeito d'esses homens sem sinceridade.

«Nada do que dizem pode merecer o menor credito, porque só o interesse os inspira.»

«Não vos deve restar meu senhor e rei, a esse respeito a menor duvida.»

D. Pedro respondeu agastado:

—Como quizeres.

«Mas não é agora isso que me preocupa.»

«Fala-me da missão de que te encarreguei.»

«Dir-se-ia que tens medo de me dar contas...»

—Senhor, que ideia!

Mas o protesto de Nuno Freire d'Andrade não inspirou confiança ao rei, não o tranquilisou.

Perguntou alarmado:

—Não correria tudo como eu desejava?

«Parece Nuno, que me queres encobrir alguma coisa bastante desagradavel!»

E D. Pedro fitava-o inquieto.

—Perdoae as evasivas a que recorro — disse o mestre de Christo — mas procedo no intuito de evitar que vos irrite a penosa recordação d'esses malvados.

«Procedo porém segundo as indicações de um nobre servidor, de um leal amigo, de cuja sinceridade não podeis duvidar, de cujo interesse tendes largas provas.

—A quem te referes?—retorquiu D. Pedro muito desconfiado de tudo o que ouvia.

—A D. Gil Cabral.

—Sempre te encontrou?

—Senhor, sim.

«E foi elle quem me disse onde estaveis e me recommendou toda a pressa.»

«Contou-me como a incerteza vos fazia soffrer, e impoz-me formalmente o dever de poupar detalhes que podessem exacerbar-vos, e fazer-vos peorar.»

—E' que houve alguns que ambos querem encobrir de mim? — interrogou irado.

O mestre de Christo buscou mais uma vez tornear a difficuldade que surgia:

—Agora finalmente são vossos, não escapam, e é isso o que mais importa.

—E onde ficaram?

«Nem isso ao menos me disseste.»

—Estão em poder do bispo da Guarda, bem fechadas no seu castello.

—Fizeste bem!—exclamou o rei n'um suspiro d'alivio.

—Não podia caminhar depressa com presos de tamanha responsabilidade.

—Sim. Sim. Foi melhor.

E levantando-se, dominado pelo violento desejo de vingar-se immediante:

—Vamos!

—Onde quereis ir?

—A' Guarda.

—Não será longe para as vossas forças?

—Talvez.

«Mas então que devo fazer?»

—Entendo que deveis caminhar lentamenta, esperando que elles, bem escoltados, venham ao vosso encontro.

«Assim poupareis a fadiga inutil de ter que voltar atraz, para ir a Coimbra, se ainda pretendeis como em tempo disseste...»

—Visitar Ignez depois da desaffronta, ir dizer-lhe que já foi vingada? Sim. Quero!

«Só depois d'isso morrerei descançado'»

—Então mandae as vossas ordens a D. Gil.

D. Pedro escreveu, e um cavalleiro partiu a todo o galope.

A comitiva poz se em marcha.

O rei aspirando com força o ar fresco e perfumado da manhã disse alegremente:

—Nuno, sinto-me melhor.

«Agora sei que vivo para os punir e para te premiar.»

O mestre de Christo sobresaltou-se.

«Que dirá elle quando souber...»

E foi pensando na melhor maneira de lh'o communicar.

CAPITULO CIII

A culpa

AMINHAVAM lentamente.

O rei quizera montar a cavallo.

Mas Nuno Freire, não lh'o consentiu, fêl o amigavelmente tomar a litteira, e procurou convencel-o de que ainda teriam muito que esperar pelos assassinos, por causa da demora que o mensageiro devia ter, e pela segurança com que necessitava viajar a escolta que os trouxesse.

Iam conversando pelo caminho.

D. Pedro voltou á preocupação de querer saber tudo.

Nuno Freire começou a preparal-o com a narração das questões internas, que tinham anarchisado Castella.

—Não imaginaes, senhor, o que me custou.

«A authoridade do rei vosso sobrinho era cada vez menor.»

«Por toda a parte os partidarios do bastardo se dispunham a pegar armas.»

«Ora, sabendo como souberam, por espiões que tinham na côrte, qual a minha missão, e o preço que pelos criminosos offerecieis, crearam-me toda a ordem de difficuldades.»

«El-rei protegeu-os até á ultima, e dizia-se que fôra elle mesmo quem

por odio aos Castros, incitára Pero Coelho a arrastar vosso pae á violencia que vos enlutou.»

—Mas acabou por ceder.

—A muito custo.

«Só quando se convenceu que de outra forma não obteria poderosos adversarios como D. Pedro Nunez de Gusmão, Men Rodrigo Tenorio, Fernão Godiel de Toledo e Fernão Sanches Calderon é que despachou os meus requerimentos.«

«E só me deu as cartas que eu desejava para que os alcaides de todo o paiz me apoiassem, quando lhe fiz vêr o perigo que havia de serem avisados os assassinos.»

—E foram?—perguntou D. Pedro, sobresaltado, erguendo meio corpo.

—Foram.

—Mas tu sempre os capturante?

—Conseguiu-o a muito custo, depois de varios risco e de numerosos conflictos.

—E como o souberam?

—De lá informaram-os os partidarios de Henrique de Trastamara, empenhados em salval-os para que os seus amigos não fossem entregues.

«De cá...».

—Pois do meu reino alguem os preveniu?—interrogou exaltado o rei.

—Mal podeis crêr quem foi.

—Acaba!

—O bispo do Porto.

—O bispo?

«E como o soube?»

—Deprehendeu-o das ameaças que lhe dirigiste, e talvez mesmo o concluisse directamente de alguma inconfidencia de algum desabafo a que o desespero vos arrastou.

D. Pedro ficàra desorientado.

—O bispo do Porto?

«Tens a certeza d'isso?»

«Como podeste sabel-o?»

—São informações de gente d'elles que aprisionei ao dar-lhes caça e que trago commigo.

E accentuou com intenção:

—Esse homem ia fazendo perder tudo.

—Por minha culpa!—bradou o rei, debatendo se n'um accesso de colera.

—Folgo que o reconheçaes—disse o mestre de Christo, n'um suspiro de satisfação.

«Quem não fosse tão justiceiro como vós podia attribuir o perigo

em que a diligencia esteve de falhar a delongas ou a imprudencias da minha parte.»

—Eu era incapaz d'isso, Nuno!

«Podeste crêr que fosse injusto?»

—Nunca o receei.

«Mas enche-me de prazer a vossa confissão porque me alivia de um grande peso:

— Sim, repito, foi minha a culpa!

«Se o tivesse mandado enforcar, como merecia, já não me causaria tal dissabôr.»

E depois uma pausa:

— Porque o não prendeste?

— Fugiu.

— E como é que não se escaparam com elle os outros miseraveis que foi avisar?

— Senhor, foi um lucta desesperada, cortada de immensas peripecias.

— Mas elles estão em poder de D. Gil, não é verdade? — tornou a peguntar.

«Não me estás illudindo, Nuno?»

— Palavra de cavalleiro.

«Os prisioneiros estão encerrados com toda a segurança na torre do castello da Guarda.»

— Emfim! — murmurou D. Pedro, recostando-se na liteira, mais descançado.

«Conta-me porém que se passou.»

Nuno Freire ia agora mais tranquillo.

O rei dissera já o bastante para elle se defender da fuga de Pacheco.

Quando quizesse exprobar-lhe essa falta citaria as suas proprias palavras.»

Não podia porem illudir por mais tempo a dolorosa anciedade do desgraçado rei.

Começou a contar o que fizera:

— Utilisando as cartas de Pedro Cruel requisitei homens d'armas e aguazis, para uma commissão difficil, sem dizer qual.

«Entrei de madrugada na povoação em que se aceitavam, por forma a não dispertar a maior suspeita.

«Mandei rodeiar a casa onde moravam de uma apertada vigilancia, que não poderiam illudir.

«Embusquei-me com homens d'armas em logar de onde via sem ser visto, para os aprisionar assim que sahissem.»

«Mas elles, prevenidos do que lhes ia succeder, fecharam-se, barricaram-se, e aggrediram os meus.»

«Travou-se combate, deitam-n'os projeteis, mas o assalto de casa não me parecia difficil.»

«Tinha porém de impedir que os matassem ou ferissem, e era isso que me preoccupava.

«Para maior difficuldade accommetteu-nos um bando de partidarios do bastardo.»

«E em meio da refrega os assassinos sahiram por uma janella das trazeiras, aproveitando-se da confusão.»

— Mas tu trouxeste os, Nuno? — perguntou novamente D. Pedro, perturbado por taes difficuldades.

— Tranquilisae vos, senhor, que são vossos e bem vossos—respondeu Nuno Freire d'Andrade.

«Apezar de tudo consegui trazel-os!»

— Nem sei como! — murmurou o rei.

CAPITULO CIV

Recompensa

MAIS e mais descançado, o mestre de Christo prosseguiu:

— Calculae como fiquei ao vêr que os meus esforços tinham sido anulados.

«Julgava tel-os seguros na casa bloqueada, e afinal haviam-se posto a salvo!»

«Então pensava no desgosto que soffrereis, e no desespero em que viria dar-vos conta da sua fuga.»

— Mas não succedeu assim — disse D. Pedro.

— Felizmente que não!

— E o que fizeste?

— Prevendo tudo, prudentemente, interessado como vós no resultado, mandára fechar as portas das fortificações.

«Usando dos poderes que me concedera o rei de Castella ordenei ao alcaide que não deixasse transitar para o exterior pessoa alguma, emquanto os criminosos não estivessem em meu poder.»

— E como os obtiveste?

Dispunha-mo a dar á povoação uma rigorosa busca afim de descobrir o seu esconderijo.

«Mas uma outra noticia veio atterrar-me.»

«Os partidarios de Henrique de Trastamara, muito numerosos na localidade, haviam accommettido a guarnição de uma porta, e, forçando-a após um renhido combate, fugiram com elles, no intuito de se reunirem ao bastardo.»

— Mas o que tu passaste, meu amigo! — exclamou D. Pedro enthusiasmado com os diversos lances.

— As minhas palavras — respondeu Nuno Freire d'Andrade — são uma pallida imagem do que succedeu.

— Mas como te apossaste d'elles?

— Lancei-me n'uma desesperada perseguição, rebentei cavallos, devorei leguas e leguas, venci immensos principios, e após uma incessante fadiga sempre os sujeitei ao meu poder.

— Não oppozeram resistencia?

— Só Pero Coelho se bateu com desespero.

— E Diogo Lopes?

Sobresaltou-se D. —Nuno, mas respondeu:

— Esse não.

Houve uma pausa.

Foi D. Pedro quem rompeu o silencio:

— Obrigado. Nuno.

«Pede-me o que quizeres, para que eu possa mostrar-te a minha gratidão.»

— Basta-me a vossa amizade — respondeu muito commovido o mestre de Christo.

«Só por ella podia sujeitar-me a affrontas, como as que recebi ao passar a fronteira.»

—Que quer dizer?

— Na troca dos prisioneiros, quando a escolta castelhana me deixou os assassinos de D. Ignez e recebeu os nobres cavalleiros do partido do bastardo...

O rei estremeceu.

Proseguiu o mestre de Christo:

— D Pedro Nunes de Gusmão, Men Rodrigo Tenorio, Fernão Godiel de Toledo e Fernão Sanches Calderon olhavam-me de uma maneira que ainda me arripia.

«Ouvi da sua bôcca offensivas palavras que nunca até ahi ninguem me dissera!»

«Trataram-me por esbirro, chamaram-me traidor, accusaram-me de ter praticado uma vilania!»

«Ah! meu senhor e meu amigo, de tudo o que passei foi o que mais me custou!»

Foram pernoitar a outro castello.

Estava o rei ceiando, quando se ouviu o tropel de um cavallo galopando apressadamente.

D'ali a pouco annunciavam Luiz Freire que vinha de bem longe a procurar o pae.

Antes que entrasse, D. Nuno disse ao rei, para desfazer todas as prevenções que tivesse contra elle.

— Não imaginaes, senhor, como me auxiliou na perseguição dos assassinos.

«Se não fosse elle, se não me valesse o seu dedicado auxilio talvez não os trouxesse.»

«Na fuga desesperada em que se lançaram vi-me duvidoso ante dois caminhos.»

«Segui por um, o que levasse a Aragão e Luiz por outro, até os alcançarmos.»

«Qualquer castelhano que tivesse encarregado de me coadjuvar, não o faria, comprehendeis bem, com o mesmo empenho com o que fez meu filho.»

— Mande-o entrar — disse D. Pedro.

«Recompensarei n'elle os teus serviços, já que tu nada queres acceitar.»

Luiz Freire entrou, coberto de pó.

Saudou o rei e abraçou o pae.

Viera correndo, a juntar-se-lhe, como haviam combinado ao entrarem a fronteira.

— Estou ao facto dos teus serviços — disse D. Pedro, acolhendo com muita bonhomia.

«Serviste-me com dedicação, com lealdade.»

«Vou conceder-te o que prometti a teu pae.»

E voltando-se para o mestre de Christo:

— Manda lavrar o diplomo necessario.

«Quero assignal-o já, para que teu filho vá realisar os seus desejos, case, e seja feliz.»

«Nós iremos caminhando ao encontro das feras, para vingarmos aquella a que tanto quiz!»

D. Nuno saiu, e voltou d'ali a pouco com o pergaminho, que Luiz Freire devorava com o olhar.

Entregou-o.

D. Pedro leu, e approvou com um gesto.

Ia assignal-o, quando Nuno Freire o deteve.

— Senhor, pesaria á minha lealdade se deixasse de vos dar uma informação.

O rei olhou-o surprehendido.

Deixou a penna e dispoz-se a escutal-o.

O noivo de Violante estremeceu.

Que temos? — perguntou D. Pedro, vendo que o velho cavalleiro se mantinha confuso.

«Que tem que ver as tuas preocupações com as graças que concedo a teu filho?»

— Não o esperava ainda, senhor.

«E quando falei do seu feito, não contei que quizesses recompensal-o immediatamente.»

— Que tem isso?

«Que mal te faz?»

D. Pedro tomou de novo a penna e inclinou-se sobre a mesa para escrever

Luiz Freire dirigia ao pae olhares de supplica.

Mas elle, mantendo-se impertubavel, insistiu de novo, dirigindo-se ao rei:

—Ouviu-me primeiro, senhor!

CAPITULO CV

Incompleta!

DECLAROU com altivez:

—Ainda ha pouco reclamaste para vós a culpa da perturbação que o bispo do Porto causou á minha diligencia.

—Já o disse, escuso de o repetir —retorquiu D. Pedro mal humorado.

«Mas a que vem as tuas palavras?»

—E' que o bispo chegou a prevenir os assassinos—declarou Nuno Freire n'uma voz surda.

—Que importa, se tu os trouxeste da mesma forma!

—E' que um poude valer se do aviso...

—Que é isso Nuno!

—A verdade.

—E porque não m'o disseste mais cedo?

—Rezervava-me para o momento em que podesseis descarregar a vossa furia sobre os outros.

—E qual d'elles foi?

—Pacheco.

—Esse! O peior! O mais culpado de todos!—bradou o rei desesperadamente.

O mestre de Christo curvou a cabeça.

D. Pedro exaltou-se:

—E porque me appareces sem elle?

«Que é que te ordenei?»

«Para que buscaste illudir-me, até ao ponto de me arrancares esta concessão?»

Fez em pedaços o alvará.

E levantando-se irado, convulso, começou a percorrer a largos passos o aposento.

Luiz Freire, a um canto chorava de raiva, vendo despedaçar todas as esperanças de ventura.

D. Nuno cruzára os braços e ouviu-a serenamente, conscio de que cumprira o seu dever.

Custára-lhe mais estar illudindo-o.

Agora via sem receio o explodir da sua colera, a sua violenta indignação.

Esperando depois do desabafo vel-o serenar.

—Para que déste os castelhanos só em troca dos dois, faltando Pacheco, o principal?

—E' que a responsabilidade da fuga não pertencia ao rei de Castella — respondeu o mestre de Christo, opondo á irritação do rei uma grande serenidade.

—Queres dizer que é toda minha a culpa? — interrogou D. Pedro, n'um assomo de furia.

—Fostes vós que o disseste, e ainda ha pouco o repetiste—respondeu Nuno Freire com firmeza

—Arrastaste-me deslealmente a essa declaração — redarguiu o rei mais irritado.

D. Nuno protestou:

—Senhor, é a segunda vez que, em toda uma vida honrada, me chamaram desleal.

«A primeira foi tambem por vossa culpa, porque vos representava na entrega d'esses honrados cavalleiros confiados á vossa palavra, e á vossa protecção.»

—Nuno vê o que dizes!—bradou D. Pedro, sentindo-se alvejado pela grave accusação.

—Não me intimidaes.

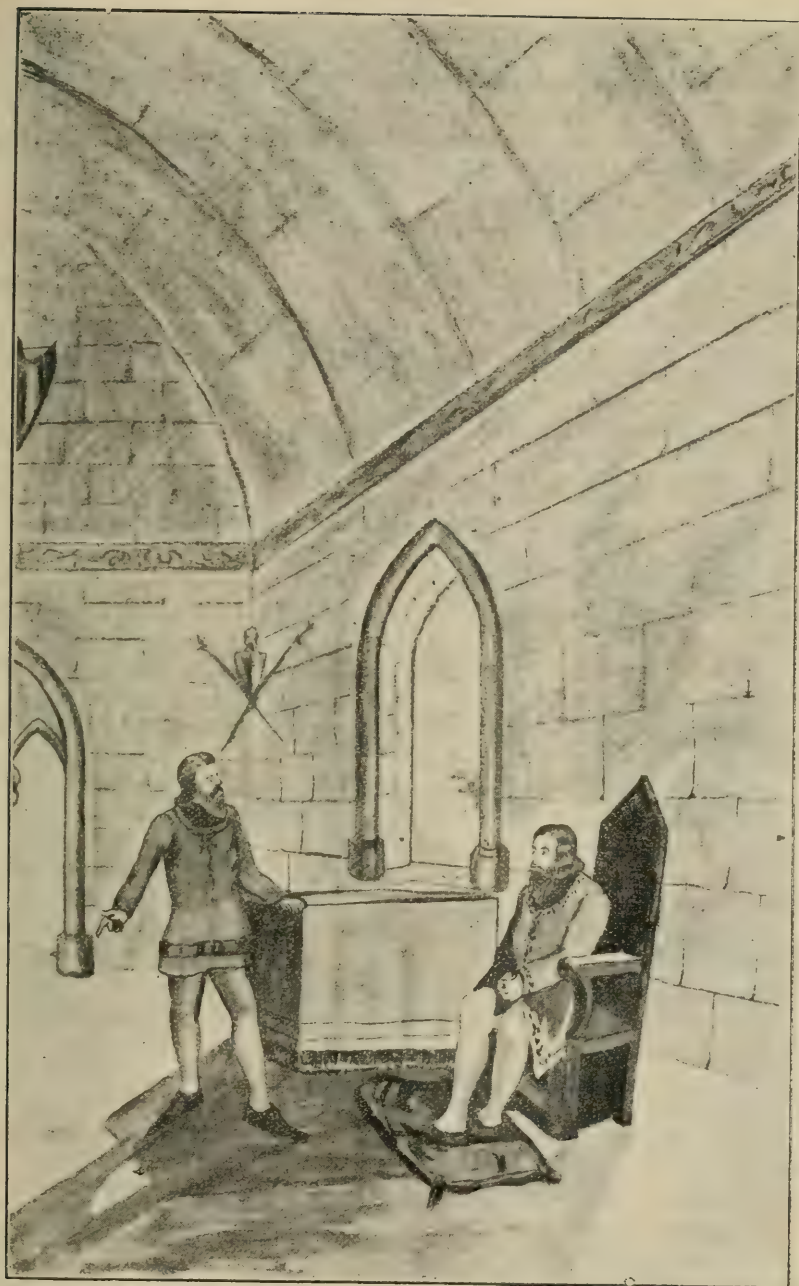
«E' a verdade!»

O rei conteve-se a custo e depois voltou-se para elle n'uma expressão de odio.

—E se eu te disser que desconfio da tua sinceridade?

Estremeceu o mestre de Christo.

—De alguma fórma haveis de pagar-me ter feito de aguazil, eu, um nobre cavalleiro, que não tinha de córar de uma só acção menos digna, menos correcta.

«Mereço tudo o que dizeis, tudo o que ainda me lançardes em rosto,

D. Nuno protestou

por ter servido de intermediario, de negociador, n'esse ignobil trafico de sangue.»

—Se te repugnava porque o acceitaste?

—E' que não avaliava o odioso em que consistia!

D. Pedro mediu-o, e exclamou rancorosamente:

—E se eu te disser que desconfio da tua cumplicidade com Diogo Lopes?

—Senhor, deliraes!

—Não!

«Affirmo-o com todo o fundamento.»

«Porque o deixaste escapar, trnzendo os outros, tendo, como disseste Pero Coelho resistindo?

«Porque motivo não m'o communicaste logo mal compareceste na minha presença?»

—Para vos poupar essa crise, essa inquietação tão prejudicial para o vosso estado.

—E para que andaste a preparar-me, com evasivas, com desculpas, com artificios que te aliviassem da responsabilidade, que a fizessem pezar sobre mim?

—Para poupar-vos este dissabor.

—Poupar-me!

«O que pretendias era defender-te.»

«Mas agora comprehendo tudo.»

«Vê se os factos se não conjugam perfeitamente, se não se explicam uns aos outros!»

«Luiz raptou a filha, arrancou-a á minha vingança, tu salvaste o pae, tornando-a imcompleta!»

—Senhor, trataes-me injustamente!

«A dôr desvaira-vos!»

«Esqueceis os meus serviços...»

—O de o arrancares á minha vindicta, o mais culpado dos meus inimigos,é excellente!

«Que fazes aqui, porque não vaes em busca d'elle?—perguntou muito exaltado».

«Porque não tornaste a Castella, a vêr se ainda o podias obter, assim que Pero Coelho e Alvaro Gonçalves ficaram em poder do bispo da Guarda?»

—Era inutil.

«Elle fugiu com o bispo do Porto, para Aragão.»

—Pois fosses lá.

«Quem t'o impedia?»

—As vossas proprias instrucções.

«Querieis que os trouxesse vivos, prohibiei formalmente que os ferissem, que os molcstassem, para não serem arrancados assim ao vosso julgamento.»

«Mas se agora pensaes de outra forma...»

—Explica-te.

—Trazel-o preso de Aragão não posso, sem que negoceie largamente, sem que obtivesseis a troco de qualquer vantagem o assentimento do rei...

«Mas Diogo Lopes, assim que as circumstancias lhe sejam favoraveis, passar-se-ha decerto para Henrique de Trastamara, que era o que todos projectavam e d'esse, ao que fizeste aos seus partidarios, nada podeis esperar.»

—E então?

—Diogo Lopes não virá a Portugal preso, manietado, como os outros vieram.

«Mas se quereis a sua cabeça irei buscal-a.»

—Meu pae! Meu pae!—exclamou Luiz Freire, intervindo altivamente.

CAPITULO CVI

Novós projectos

O rei teve uma syncope.

Deitaram-o, repousou, e no outro dia, mais calmo, chamou á sua presença o mestre de Christo.

—Porque interveiu teu filho quando te offereceste para matar Diogo Lopes?

—Receiava por mim.

—Que te matassem?

—Não, que elle confia no meu valôr, mas que me deshonrasse de todo tal façanha, depois do papel de esbirro que fui fazer.

D. Pedro concentrou-se, e respondeu depois de muito tempo:

—Elle tem razão.

«A vingança que pode satisfazer me, consolar a desventurada Ignez, rehabilitar a sua memoria, é a que se exercer aqui, ante o povo que viu uns e outros'»

«A morte d'elle em terra estranha passaria despercebida, nem lhe serviria de castigo.»

«Hei-de descobtir meio de o trazer a Portugal, embora o pague a peso de ouro'»

E arrependendo se da colera da vespera:

– Hontem fui injusto, perdôa.

«Mas aquella desgraça perdeu-me para sempre»
«Traze me outro Alvará, e que teu filho parta com elle, quanto antes, e seja feliz.»
—Obrigado, senhor.
«Deixemol o ir realisar a ventura que sonhou.»
«E nós, dois velhos caçadores, não devemos desesperar de obter Pacheco.»
«E' preciso aguardar ensejo, esperar serenamente a occasião, e ella apparecerá.»
D'ali a pouco Luiz Freire era abraçado pelo rei e pelo pae, chorando de commoção, e em seguida partia louco de alegria a reunir-se finalmente a Violante.

O bispo do Porto, vivendo em Aragão com Diogo Lopes Pacheco, não abandonára o projecto da desforra.
O ministro de Affonso IV achára pouco pratica a ideia da excommunhão.
Convidára-o a apresentar outro projecto.
E o bispo, depois de dar tratos á imaginação, organisou um plano mais efficaz.
Expôl-o a Diogo Lopes.
—Para ferir el-rei, para vos desafrontar, podemos começar por impedir o promettido consorcio.
—Concordo—respondeu Pacheco.
«Mas de que maneira o poderemos conseguir?»
Teve uma subita lembrança:
—Se podesse fazer chegar uma carta ás mãos de Violante prevenindo-a do que se trama.
«Poderia impedir que ella cahisse n'esse laço.»
—Uma carta de nada serviria—insinuou o bispo.
—Porque?
—Julgas que se ella se dispuzer a resistir haverá forças humanas capazes de a obrigar?
—Não precisará que a obriguem.
—Que queres dizer?
—Ella casará de muito bôa vontade.
—Quem t'o disse?
—Estou bem informado de tudo.
—Então ella ama Luiz Freire?
O bispo fez um signal de approvação.
—Pois será capaz de querer casar com o filho do meu maior inimigo?—perguntou n'uma explosão de dôr.
—Não vos desespereis, mas é verdade tudo o que pensaes—explicou o bispo do Porto.

«Vossa filha casará da melhor vontade com esse homem, se a não impedirmos.»

—Mas como, como o hei de conseguir?

E o bispo começou:

—Usando um estratagema de que me lembrei.

—Perto da fronteira ha um convento de frades castelhanos que me são dedicados, por muitos beneficios que lhe fiz, por muito dinheiro que lhes dei a ganhar.

«De lá farei sair um monge de confiança, que dará uma carta a vossa filha, introduzindo-se sob qualquer pretexto no convento e aconselhando como nos convier.

—Sim! — exclamou Pacheco — Uma carta em que a ameace com a minha excommunhão!

—Qual ameaça!

«Isso perderia tudo completamente, sem nenhuma vantagem para nenhum de nós.»

—Imaginaes que ella desobedeceria?

—Dispensae me de discutir um assumpto que vos penalisa — retorquiu o bispo do Porto.

«Haveis de fazer o que vos aconselho — insistiu com empenho — que é o mais util para causardes um desgosto ao rei, e impedirdes a affronta d'esse casamento.»

—Bem. Dize o que queres.

—A vossa carta deve dizer que viestes em risco de vida até perto do convento onde se encontra, para a ver e abraçar.

«Pedir-lhe eis que saia para vos dar esse prazer, indicando lhe para isso se entenda com o portador.»

«Gente segura atacará os vigias postos por D. Pedro e a fará abandonar o mosteiro.»

«Havemos de trazel-a até ao convento de freiras, contiguo ao dos frades meus amigos, e de que elles são directores espirituaes, e depois ordenareis o que vos approuver.»

— Será possivel arrancal-a assim ao poder d'esse rei odioso? — perguntou Diogo Lopes.

«Evitarei assim a vergonha porque, na pessoa d'ella, me querem fazer passar?»

«E' o que tentarei—respondeu o bispo.»

«Lembro-vos porém que a esta parte respeita apenas á vossa vingança.»

«E' preciso que tambem penseis na minha.»

—E o que queres tu?

—Desthronal-o, arrancar-lhe as insignias da realeza, como elle arrancou as do meu ministerio!

—Isso é mais difficil.

—Pensae na forma de o conseguir.

«Vae tambem n'isso o vosso interesse.»

E terminou:

—Agora escrevereis a carta para a vossa filha, que não devemos esperar mais, e é necessario que eu chegue a tempo.

Diogo Lopes escreveu à filha visivelmente impressionado.

«Pois era possivel que ella procedesse tão levianamente?

Lembrou-se então do que se passára em casa de seu pae, e da forma como Lopo Fernandes Pacheco se irritára por encontral-a a falar ao noivo.

«E daria resultado á ideia do bispo?»

Encolerisava-o o offensivo do projecto de D. Pedro.

E ao seu temperamento orgulhoso isso custava-lhe mais do que o confisco de todos os seus bens.

CAPITULO CVII

Entre os dois

UM frade, bem industriado pelo bispo do Porto, entrou a pé pela fronteira portugueza, e pretextando grande fadiga pediu pousada no convento onde Violante se mantinha enclausurada por ordem de D. Pedro, que pretendera por esse meio obter noticias do ponto em que se refugiára o pae.

Portas a dentro, valendo-se da devoção que as freiras nutriam pelo habito da sua ordem, offereceu os seus serviços espirituaes.

Utilizando as facilidades que lhe deram, dirigiu-se á cella de Violante.

Com grande surpreza d'ella, entregou a carta que lhe dera o bispo.

A donzella debateu-se n'uma terrivel anciedade.

«Ir a Castella vêr o pae, era faltar ao promettido a Luiz Freire, que depois de tantas peripecias fôra buscar a licença do rei para casarem.»

«Mas não obedecer ao seu pedido, não correr a abraçal-o, não correspondendo ao seu affecto em tal momento era praticar uma crueldade de que não se sentia capaz.»

A situação em que se via perturbou-a, commoveu-a, arrancou-lhe uma torrente de lagrimas.

O frade interveiu hypocritamente:

—Ainda não ha muito vi chorar assim por vossa causa lagrimas que me cortaram o coração.

—A quem?

—Um homem respeitavel cuja presença infunde respeito—respondeu o frade fingindo-se impressionado.

—Era meu pae?

—Foi a pessoa que me entregou essa carta—continuou o monge representando habilmente o seu papel.

—Elle! Elle!—exclamou Violante torturadamente.

«Que hei de fazer! Que hei de fazer!»

—Elle estava com uma pressa que não podeis calcular—commentou o frade.

—Onde ficou?

—No nosso convento.

—Então está em segurança?

«Não correrá um risco eminente?»

—O futuro pertence a Deus—respondeu elle, pondo as mãos e olhando para o tecto da casa.

«Entre os reverendos padres da nossa santa ordem está até certo ponto seguro.»

«Mas se houver uma denuncia...»

—Quer dizer que podem prendel-o?

—Sim, senhora, pode dar-se essa grande desgraça, embora confiemos em que Deus o proteja!

E accrescentou, para a decidir.

—O mais perigoso foi a sua marcha para estes lados, que o expoz a maiores riscos.

«Se houvesse dirigido se a Aragão estaria agora inteiramente a salvo.»

—E porque o não fez?

—Porque vos quiz vêr antes de tudo.

—Meu pobre pae!

«Comprometter se por minha causa!»

«E eu, tão ingrata, que não o comprehendo, ainda duvido corresponder á sua ternura!»

Dominou-se n'um grande esforço.

E voltando se para o frade—exclamou com decisão, disposta a sacrificar-se:

—Estou prompta.

Mostrado da janella o signal que devia prevenir os de fóra, dirigi-

ram se dois outros frades á entrada do convento, a pedir pousada como o primeiro.

Eram dois bandidos assalariados pelo bispo, e disfarçados com o habito monacal.

O guarda que vigiava a donzella por ordem de D. Pedro attendeu-os.

E quando se approximava para os ouvir melhor, lançaram-lhe á bôcca uma mordaça e ataram lhe as mãos, lançando-o depois para um canto, como uma coisa.

Então a porta abriu se, e o frade e Violante sairam, cosendo-se com a parede.

A distancia esperavam-os cavallos.

Violante entrou n'uma liteira.

Alta noite chegavam ao convento.

Como a donzella esperava encontrar ali Diogo Lopes, o triste recinto não lhe causou surpreza.

Mas como não o visse, admirou se.

—Meu pae?—perguntou a uma freira.

Ella conduziu a a uma cella, e pediu-lhe que esperasse emquanto o iam chamar.

Elle aguardou-o n'um grande soffrimento.

«Devia dizer-lhe a verdade?»

«Pedir-lhe ia para regressar a Portugal?»

«E como acceitaria elle a noticia de que estava para casar com o filho de Nuno Freire?»

Violante presentia a verdade.

«Dir lhe-ia que não, oppôr-se ia violentamente, e todo o seu ideal se desfaria!»

Arrependia se já de ter dado tal passo.

Em vez de Diogo Lopes Pacheco entrou na sua cella o bispo do Porto.

—Meu pae?—perguntou ella, contrariada pela presença de um homem que não conhecia.

—Preparae-vos, senhora, para uma má nova — respondeu elle, mostrando-se compungido.

—Está doente?—perguntou Violante, erguendo-se atterrada, presentindo desgraça.

—Prouvera a Deus que assim fosse!

—Morreu?

—Ainda não!

—Quereis dizer que está quasi, que se encontra na agonia... — interrogou ella.

«Então deixae-me correr para o seu lado!»

«Quero acompanhal-o, soccorrel-o.»

«Não quero que morra sem me vêr.»

—Peior, peior do que tudo que podereis imaginar!—respondeu o bispo.

—Prenderam-o?

Elle respondeu n'um signal affirmativo.

E accrescentou, para a atterrar ainda mais:

—Nuno Freire d'Andrade, o seu velho e rancoroso inimigo, acaba de leval-o manietado...

—Vós dissesteis?—perguntou ella, estremecendo, ao ouvir pronunciar aquelle nome.

—O pae de Luiz Freire—respondeu o bispo—do que estava para ser vosso noivo!

E a donzella cahiu para traz, desmaiada.

CAPITULO CVIII

O bispo

LUIZ chegou ante o negro pardieiro que encerrava a escolhida do seu coração.

Olhava de longe, anciosamente, como se ella soubesse a hora de chegada, e o esperasse no mesmo enthusiasmo de dentro das grades.

Chegou á porta, pediu para falar á abbadessa, e d'ahi a pouco apresentava a ordem do rei.

Soube então, com espanto, que já não estava ali.

Como póde ser isso—protestou, julgando que lh'a encobriam—se as palavras d'el-rei são bem claras?

—E' que fugiu do convento—respondeu receiosa a superiora.

—Isso não pode ser!—bradou elle, exaltando-se.

«Violante não se esquecia de mim!»

—Dos motivos que teve para proceder, de semelhante forma nada sei—respondeu a superiora.

«O que posso affirmar-vos é que abandonou repentinamente este santo mosteiro.»

«Já mandei participar a el-rei que havia desapparecido, e que fôra amordaçado e manietado um dos aguazis que por causa d'ella para aqui mandou.»

—Então trata-se de um rapto e não de uma fuga!—exclamou Luiz Freire.

– Mas ella não gritou por socorro.

«Durante a noite nada ouvimos de suspeito.»

«Sómente de manhã, ao abrir as portas tivemos conhecimento do que se passava.»

—E' porque cahiu n'algum laço·

«Trata-se de uma cilada.»

«Mas de quem, se Pero Coelho, que a pretendeu, se encontra a estas horas preso e bem preso?»

Perguntou á abbadessa:

—Sabeis se falou com alguem?

—Creio que um frade do visinho convento de Castella, que aqui veio pedir pousada.

—Um frade!

«Então foi elle!»

—Não levanteis falsos testemunhos.

«Trata-se de um santo homem...»

—E onde é o convento?—perguntou anciosamente Luiz Freire, vendo n'isso uma pista.

—Em Monvella—respondeu a abbadessa.

—E' muito longe?

—Caminho para uma noite.

—E como se chamava o frade a que alludis?

—Fr. Diogo.

—Obrigado, senhora, pelo bem que me fizestes.

«Vou procural-a, que deve estar anciosa por mim!»

Montou a cavallo, e partiu para a fronteira.

Mas pelo caminho foi pensando no que devia fazer.

«Que poderia conseguir sósinho?»

«A sua presença em Monvela, longe de salvar Violante podia perdel-a.»

«Sabendo da sua estada ali, os seus inimigos occultal-a-hiam n'outro ponto, leval-a-iam sem deixar vestigios, e perderia de todo a esperança de a rehaver.»

«E por ali poderia encontrar auxilio?»

Mediu bem a gravidade do que pretendia tentar.

«Ia arriscar-se em territorio extranho.»

«Tinha que cercar um convento, talvez uma povoação, e quem sabe se um castello d'esses que cobriam a linha divisoria das duas nações?»

«Para não se expôr a perder inteiramente a mulher amada, para ter probalidades de a salvar, devia apresentar-se á frente de centenares de homens.»

«Esse auxilio só o rei lh'o podia conceder.»

Voltou o cavallo, e dirigiu se ao encontro de D. Pedro, que viajava lentamente, conforme a doença lh'o permittia.
Falou primeiro ao pae.
—De quem pode ser esta vingança, que me arranca a mulher ha tanto tempo disputada.
«Coelho não está em condições de o fazer.»
—Nem tinha interesse n'isso, uma vez que o rei confiscou os bens de Diogo Lopes, que a tornavam tão desejada.
«A estas horas elle tem bastante em que pensar, para poder incommodar os outros.»
—Então a quem attribue essa cilada?
—Aos unicos a quem póde interessar.
—E esses são?
—O bispo do Porto...
—O bispo?
—Sim.
«Chegou a tempo de avisar Diogo Lopes, e ha de ser um fermento de perturbações.»
—Mas não comprehendo...
—Está ligado intimamente a Pacheco.
«O bispo quer causar a el-rei o desgosto de não poder cumprir a sua palavra, realizando o que prometteu em troca do serviço que lhe prestei.»
«Diogo Lopes quer impedir o casamento por velho odio que nutre contra mim.»
«Eis de onde parte o golpe!»
—Mas eu sei que ella está em Monvella, para onde a levou frei Diego.
«Queria que el-rei me désse homens d'armas para a libertar á viva força.
—Para ir a territorio estrangeiro?
—E não vieram elles raptal-a ao nosso?
—El-rei resolverá.

D. Pedro ficou irritadissimo.
—Tinhas razão, Nuno, foi minha a culpa, por deixar com vida esse bispo do inferno.
Luiz Freire expoz o que desejava.
—Sim—respondeu o rei—levarás cartas minhas, e em todos os castellos que ficarem em caminho requisitarás a gente que julgares mais precisa.
«Em Castella intima primeiro a entrega de Violante, depois de teres cercado tudo, bem entendido.»

«Se t'a recusarem ataca, por minha conta sem receio, e arranca-lh'a á força.»

«Mal obtenhas a tua noiva, torna com ella a Portugal, e deixa as forças entregues a alguem que as conduza depois, com descanço aos respectivos castellos.»

—Obrigado, senhor!

—E se me poderes trazer esse maldito bispo, ou a sua cabeça, é a melhor paga que me podes dar de tudo o que te fiz, de todo o bem que te quero doar.

—Senhor, farei por corresponder aos vossos desejos — respondeu o cavalleiro, disposto a fazel o.

E Luiz Freire partiu encantado com o acolhimento do rei, convencido que d'esta vez obteria Violante.

CAPITULO CIX

Hypocrisias

DEPOIS de o ver sahir, o rei declarou a Nuno Freire.

—Não lhe disse a verdade.

«Quem eu mais desejava não era o bispo, mas Diogo Lopes.»

«Tive porém escrupulo de lh'o dizer.»

«No momento em que vae buscar Violante, não lhe havia pedir que trouxesse o pae d'ella.»

«E' preciso porém que um homem de confiança tome conta das forças, depois que elle retirar, para ver se me traz esse bandido.»

«Quem poderei nomeiar que seja capaz de desempenhar cabalmente semelhante missão?»

—Tendes muitos leaes cavalleiros, muitos amigos dedicados, que se sentiriam felizes por merecerem a vossa confiança.

«Peço vos porém a suprema honra de ser eu o encarregado de tal serviço.»

—Tu?

—Eu, senhor.

«Apenas evitarei que meu filho o saiba.»

«Comprehendeis com que empenho trarei aqui Diogo Lopes, o homem que tantos vos prejudicou.»

«Com um contigente meu apparecerei em Monvella, e farei o que devo.»

—Obrigado, Nuno!—disse o rei muito commovido.

«Mas como me faz falta a tua companhia n'este doloroso momento em que tenho de evocar um passado de lagrimas!»

—Tambem me penalisa não estar comvosco.

«Julgaes porém que seja possivel obter Pacheco, e é de maior interesse fazel-o, do que estar aqui.»

«Permitti porém que vos diga sinceramente.»

«Não creio que Diogo Lopes se a enturasse em Castella, só para raptaré a filha.»

«E' bastante habil para não correr semelhante risco abandonando o seu refugio de Aragão.»

«O laço em que colheu a filha foi obra do bispo, ou de algum homem d'elle.»

«Em todo o caso, uma simples suspeita me obriga a marchar promptamente em vosso serviço »

—E' melhor assim, Nuno—disse o rei.

«Fico mais descançado, e ainda creio que m'o trarás.»

E já desassocegado:

—Quando partes?

—Deixar-vos-hei em Santarem, onde vos peço que espereis os assassinos.

«A continuação da viagem pode fazer-vos mal.»

«E receio mais pela vossa saude, porque já não vou ao vosso lado, acautellando-vos, fazendo tudo para vos poupar.»

Quando Violante caiu por terra, o bispo do Porto gritou por soccorro.

Accudiram as freiras, prodigalisando-lhe soccorros.

Passou uma noite agitada, e só pela manhã a custo poude conciliar o somno.

Pela tarde o bispo foi visital-a.

Planeiava fazel-a professar, unica forma, no seu entender, de impedir o casamento com Luiz Freire.

Violante não o conhecia, e portanto ignorava os motivos que o levavam a falsear a verdade.

Assim dispoz-se a desempenhar a valer o seu papel.

Mal o tornou a ver, a primeira preoccupação da donzella foi certificar-se do que soubera ácerca do pae.

A surpreza, o abalo, o desmaio, tinham baralhado por tal forma as

suas impressões que ás vezes parecia que tudo quanto lhe ouvira fôra um sonho mau.

—Fostes vós que me falastes no momento em que cheguei a este convento?

—Tive essa honra, eu,—senhora minha—o mais humilde dos frades d'esta casa.

Para de todo se encobrir, o bispo agora fazia-se passar por monge, e vestia o habito.

—E o motivo porque me coube essa suprema dita—proseguiu elle—é porque fui um devotado amigo de seu pae.

—E' então certo que caiu em poder dos seus inimigos?

—Prouvera a Deus que o não fôra.

E tomando uma attitude compungida:

—A estas horas talvez já tenha dado a alma ao creador!

—Oh! meu pae! Meu pae!—bradou ella, excitada, n'uma cunvulsão de choro.

—Não se afflija, minha menina.

«Permitta me que lhe fale como um pae, porque elle, á hora da despedida, que foi como a hora da morte, me encarregou de ser seu pae espiritual.»

E depois de uma pausa:

—De hoje em diante seremos dois a rezar por elle, e a sua alma subirá até á mão direita de Deus Padre.

«O senhor rezerva-lhe decerto os resplendores da luz perpetua, já que na terra tão bom foi!»

E n'outro tom:

—Agora enxugue as lagrimas e deixe me cumprir as suas ultimas vontades.

—Diga, meu amigo—respondeu Mecia.

Olhou-o cheia de gratidão:

—Permitta-me que comece a tratal-o assim.

—Que honra para mim, merecer a sua confiança.

«Tenho a certeza que a esta hora seu pae sorri pela bôa harmonia em que nos vê.»

—Que determinou elle?

—As suas ultimas palavras, como as primeiras que lhe ouvi no exilio, foram para si.

Violante comprimiu um soluço.

—Lamentou-se em primeiro logar não ter nada para lhe deixar, porque o rei de Portugal lhe confiscou tudo, enriquecendo com os seus bens Nuno Freire, esse infame que o prendeu!

A donzella estorcia-se n'uma dolorosa angustia.

—Só uma herança lhe deixo—proseguiu o bispo—uma herança de odio contra esse Nuno que me perseguiu toda a vida e acabou por me perder.

Violante viu n'esse momento despedaçado todo o seu futuro.

A felicidade que sonhára com Luiz Freire tornava-se absolutamente impossivel.

—A sua derradeira vontade foi ter quem toda a vida rezasse por elle.

«E' o que lhe manda pedir.»

«Não lh'o quiz impor como ordem, mas manifestou este desejo a chorar.»

«Queria morrer descançado sabendo que ficava entregue a Deus, longe da corrupção do mundo, professando n'uma casa religiosa.»

—Pois bem, faço lhe a vontade—disse Violante, erguendo-se sem uma lagrima.

«Peço-lhe que se encarregue de todas as formalidades, dispondo absolutamente da minha vontade.»

O bispo saiu radiante.

E depois de se fechar por dentro, ella atirou se para o leito a chorar, pensando em Luiz Freire, murmurando despedaçada:

—Tudo acabou para mim!

Pedindo pelas portas

CAPITULO CX

Profissão de fé

O bispo tinha pressa de a afastar para sempre de Luiz Freire por meio de votos que a consagrassem para sempre a Deus.

Como a outras, o habito seria o grilhão a prendel-a para sempre á hypocrisia do convento, onde a torturariam com rezas, em quanto as freiras faziam horas, esperando os amantes, e os frades do visinho convento corriam aventuras pedindo pelas portas.

Na intimidação com que dominavam as populações, fazendo-lhe crêr que depois d'esta vida havia outra, e que os que soffriam na terra eram felizes no ceo, impunham a dôr, a penitencia, e procuravam dominar os tenros corações fazendo derramar torrentes de lagrimas.

O capellão do convento, falado para a ceremonia, envolveu Violante em olhares concupiscentes.

«Mais uma ovelha para o rebanho de que elle era pastor.»

E sem acreditar o que lhe dizia o bispo do Porto, de que se tratava de um plano politico, estava convencido de que a donzella era uma das suas amantes, que para mais commodidade mettia ali.

Em vão o bispo quiz convencer.

Dentro em pouco faziam commentarios picantes á belleza de Violante os dois frascarios.

Começaram pelas formalidades da admissão como noviça.

Acabadas as vesperas, as freiras ficaram no côro, e a abbadessa ordenou que se procedesse á votação.

Distribuiram-se as espheras pretas e brancas, e depois duas freiras, com urnas, passaram junto das bancadas, recolhendo a approvações e reprovações.

Terminada a votação punham as urnas no altar do Sacramento, onde a sachristã as ia buscar para a mesa.

Então as escrivães contavam os votos.

Depois d'isto passou se ao cerimonial da entrada.

Violante foi condnzida á portaria, e bateu á porta para entrar.

A abbadessa gerguntou de dentro:

— Que pedis?

— Misericordia — respondeu ella.

Bateu segunda vez.

— Que quereis? – interrogou a abbadessa.

— O habito de patriarcha S. Bento.

A' terceira pergunta respondeu que a recolhessem por amôr de Deus.

Então aberta a porta, foi recebida pela communidade, de cruz alçada. (1)

Caminharam assim até ao claustro, de onde entraram na egreja, festivamente armada:

Então a noviça, segundo a regra, foi lançar-se aos pés do capellão

A abbadessa começou a interrogal-a de novo.

— Misericordia peço a Deus e a vós, e a todo este convento — dizia Violante.

«Quizera com todo o fervôr divino tratar da salvação da minha alma, na companhia d'estas santas religiosas».

A superiora respondeu:

— Nosso senhor nos dê a sua graça para que, de todo o coração, deixando o mundo procureis o ceo.

As freiras, que n'esse dia á custa da que entrava beberiam mais um copo, diziam amen.

Lida a regra do convento, a abbadessa, por formalidade, disse-lhe ainda:

— Agora que já sabeis ao que ides obrigar vos, vêde se ainda presistis.

(*) Lino d'Assumpção — *Monjas de Semide*, p. 62.

foi lançar-se aos pés do capellão (454)

A donzolla respondeu:

— *Benedicte!*

Ao que a abbadessa accrescentou:

- *Dominus!*

Violante affirmava o desejo de tomar os votos, e de n'elles perseverar todos os dias da sua vida.

Então a supperiora lançou-lhe o habito, o capellão e o bispo foram cantar para o altar mór.

Violante ajoelhou a rezar.

Tudo aquillo a appavorava.

Cria se de todo morta para o mundo.

Entretanto as freiras riam cynicamente da sua confusão.

Nuno Freire d'Andrade chegára a Monvella antes do filho, detido pela organisação da hoste necessaria.

D. Nuno, valendo-se das cartas que o rei de Castella lhe passára, começou por buscar informações ácerca de Diogo Lopes.

Soube que estava ainda em Aragão e que ia passar ás fileiras do bastardo. (1)

Certificado de que Violante e o bispo do Porto estavam no convento, esperou a chegada do filho.

Sem se dar a conhecer, entre os homens d'armas que levava, fez-lhe saber que a donzella se encontrava de facto ali.

Cercaram todo o convento, no momento em que findava a ceremonia.

Intimados a entregal-a responderam que não estava ali.

Luiz Freire mandou arrombar a porta, e entraram de roldão, emquanto as freiras e os dois pastores fugiam atterradas.

Violante, absorta no seu infortunio, deixou-se ficar onde estava.

Luiz correu para ella, a abraçal-a, mas a donzella deteve-o com um gesto.

Indicou-lhe as vestes monasticas:

—Tudo está acabado entre nós!

—Mas então que se passou, Mecia?—perguntou elle.

(1) «Oitavo neto, Diogo Lopes Pacheco, senhor de Ferreira d'Aves, um dos que se acharam na morte de D. Ignez de Castro por cuja causa se passou para Castella, e d'ali para Aragão ao serviço de D. Henrique II, que lhe deu o governo de Bejar, e o fez rico homem e notario maior d'aquelle reino. Sitiou Lisboa sendo defensor d'elle o mestre d'Aviz, a cujo serviço se passou, achando-se depois na batalha de Aljubarrota, sendo já muito velho.»

Rangel de Macedo, trabalho genealogico existente na bibliotheca publica de Lisboa, colleção Pombalina, citado nos commentarios ao *Esmeraldo de situ órbis*, de Duarte Pacheco Pereira, p. XI.

—Teu pae, contra o que me disseste, prendeu o meu, e conduziu-o á morte.

—Quem te disse tal coisa?

«E' falso! E' falso!»

A este tempo Nuno Freire, sempre com o rosto occulto, trazia o bispo que se havia escondido debaixo de uma cama.

—Foi este!—exclamou ella atterrado.

—Dize-lhe a verdade, ou morres!—exclamou Luiz Freire, segurando pelo pescoço e puchando a adaga.

—Perdão!—exclamou o bispo, vendo proximo o seu fim.

«Foi uma cilada a que me forçaram.»

—Confessa a esta menina que mentiste!

—E depressa!—disse um soldado, que se apresentou com um cutello e um cesto enfiado no braço.

«Tenho de levar a sua cabeça a el-rei de Portugal.»

Louco de pavôr, o bispo fez as declarações precisas.

Luiz Freire atirou-o com desprezo ao chão.

O soldado precipitou-se sobre elle e matou-o.

Então Violante cahiu nos braços do seu noivo, que despedaçou irritado e calcou aos pés o habito que a cingia.

Nuno Freire só então se deu a conhecer, e tomando nas suas as mãos d'elles, uniu-os para sempre.

CAPITULO CXI

A chegada

SENTADO à meza, jantando lautamente, como costumava, procurando na mesa uma distração para a torturante anciedade em que vivia, D. Pedro aguardava a todo o instante a chegada dos assassinos.

Comia em frente à janella, para ver chegar a desejada escolta.

Descobriu emfim ao longe um cavalleiro.

Não era a committiva com que contava.

Mas a velocidade com que se avisinhava, sobresaltou-o.

Sem poder conter-se, ergueu-se, foi a janella a vêr se o conhecia.

Era o bispo da Guarda.

Empallediceu ao reconhecel-o.

«Teria havido alguma contrariedade?»

Dirigiu-se-lhe anciosamente:

—Que se passou Gil?

—Os criminosos seguem-me, bem guardados, a pouca distancia—respondeu elle.

—Porque vieste adiante?

—Para ter o gosto de ser o primeiro a participarvol-o, a dar-vos a boa nova.

—Obrigado, meu amigo! —respondeu o rei, exultando, n'um longo suspiro.

«Tiraste-me de sobre este pobre coração um peso que tanto o esmagava.»

«Tem-me custado tanto obtel-os, que receei que algum novo transtorno...»

—Estae descançado, senhor.

«Não tardareis a vel-os.»

—Que venham depressa!

—Vae realisar-se emfim o vosso grande desejo!—respondeu o bispo da Guarda.

—Senta-te e come, que vens cançado—disse o rei indicando a meza ao vêl-o offegante.

Retomou o seu logar, em frente á janella, olhando ao longe, a vêr se os via.

Indicou-lhe uma cadeira:

—Aqui, ao pé de mim, como velhos companheiros, para celebrarmos o triumpho.

O bispo comeu um bocado, mesmo de pé, bebeu uma taça de vinho, e respondeu:

—Adiantei-me a escolta não só para vos tranquilisar, como já disse, mas tambem para saber aonde quereis que vá encerral-os, mal cheguem à povoação.

—Quero vêl os immediatamente na minha presença! – declarou D. Pedro, n'um surdo rancôr.

—Os caminhos estão cheios de gente que os aguarda alvoraçada, referindo-se-lhe n'uma grande irritação.

—O povo comprehende a grande missão justiceira, vingadora que me impuz!

—Não será melhor esperar a noite?

—Não!—retorquiu o rei.

«Que todos os vejam!»

«Pero Coelho, tão orgulhoso das suas fidalguias, precisa começar por ahi a sua terrivel expiação!»

«Que os insultem, que os insultem!»

—Mas receio que o povo se precipite contra elles e os despedace, fazendo justiça por suas mãos.

«A multidão está armado de chuços, mangoaes e varapaus—accrescentou o bispo, preocupado.»

«As mulheres trazem o regaço cheio de pedras, e a attitude em que se apresentam não é de molde a inspirar segurança!»

—O povo está do meu lado, comprehende que sempre o defendi dos grandes!—murmurou D. Pedro com orgulho.

— Que determinaes?

—Que m'os tragam já, mas bem guardados, para os não ferirem, para os não matarem.

«Preciso ter com elles uma longa conversa, antes de ajustarmos a velha conta.»

—Desejaes interrogal-os?

—Sim.

«Agora que os tenho seguros procederei com todo o descanço, sem precipitações.»

—E' o que mais convem á vossa abalada saude—declarou D. Gil Cabral, com muito interesse.

—Que me importa o meu bem estar!—exclamou D. Pedro n'uma grande amargura.

«Agora que vou realisar emfim a vingança para que vivia, em que pensava dia e noite, posso despreocupar-me do futuro, posso morrer descançado!»

—Não é assim—retorquiu o bispo.

«Tendes que pensar nos vossos filhos, cinco lindas creanças, que, se por desgraça morresseis agora, ficariam expostas á sanha dos vossos inimigos.»

—Tu e Nuno olhariam por elles.

—Somos fracos para a empreza, e mortaes como vós—redargui D. Gil Cabral.

«A desforra que os parentes dos que vos trago, pretenderiam tirar, poria em grave risco as pobres creanças.»

«Demais Pacheco e o bispo do Porto estão livres, e não deixarão certamente de tramar alguma coisa que lhes restitua o poder e os faça entrar na posse dos bens tão odiosamente reunidos á custa de extorsões de toda a ordem.

—Talvez não tenha que receiar muito tempo d'esses!—disse mysteriosamente o rei.

O bispo da Guarda olhou-o curiosamente, não podendo comprehender o que o fazia falar assim.

—Em breve teremos noticias d'elles—proseguiu deixando-o da mesma forma duvidoso.

Continuou porém na sua ordem de considerações:

—Ha acima de tudo uma questão importante a regular, e para a qual tendes que viver.

—A que te referes?

—A' successão do reino.

O rei sobresaltou-se.

—Tens razão. tens razão.

—Os meus desejos como velho e leal amigo, e como vosso physico são que melhoreis e vivais ainda por longos annos.

«Por isso recommendo o maior socego, e peço instantemente que não vos exalteis, o que vos prejudicará.»

—Procurarei fazer o que dizes.

– E se para vos poupar uma grande irritação, tão perigosa, fossem executados immediatamente?—alvitrou o bispo.

D. Pedro ergueu-se de salto:

—Não! Não!

«Que ninguem m'os roubo, ouviste bem?»

«Que ninguem os subtrahia á minha vingança!»

E n'uma attitude que não permittia duvidas:

—Vae tu mesmo buscal-os!

«Guarda-os bem da indignação do povo.»

«Que ninguem lhes toque!»

«Traz-mos depressa, a galope, e lembra-te que a tua cabeça responde pela sua segurança!»

CAPITULO CXII

Face a face

RECEIOSO de que a exacerbação popular produzisse algum conflicto em que os assassinos corressem em risco, D. Pedro ordenou a todos os fidalgos, cavalleiros, escudeiros, homens d'armas e creados que o acompanhavam que fossem com o bispo da Guarda escoltal-os.

Viu-os partir.

E em presença da força que todos esses elementos representavam, ficou mais tranquillo.

Tornou a sentar-se á mesa.

Mas a demora começou a exacerbal-o.

Então o seu cerebro doente figurou-lhe hypotheses que o atormentavam.

«Já o bispo os teria mandado matar para poupar-lhe o dissabor?»

«Ter se-ia dado o ataque dos populares antes da sua chegada com o reforço?»

«Seria a multidão armada a que Gil Cabral se referira, composta de gente assalariada pelos poderosos amigos e parentes dos dois prisioneiros.»

«Teriam em vista salval-os da morte apparentando o desejo de os chacinar?»

Todas estas perguntas ficavam sem resposta.

Debatia-se n'uma duvida cruel.

Finalmente houve termo ao seu desasocego.

Viu ao longe um numeroso bando de cavalleiros, que se approximavam a todo o galope.

—São elles!—exclamou louco de alegria.

Viu os mais ao perto.

Seguia-os o povo gritando, n'um immenso clamor.

Deliciava-se vendo-os approximar.

Reconheceu em fim, entre a escolta, dois homens, manietados, trazidos á garupa por dois escudeiros.

«Eram os que aguardava!»

O bando chegou á porta.

O povo misturou-se a elles, avido de tocar em Pero Coelho e Alvaro Gonçalves.

Mas os cavalleiros formaram um semicirculo contra a porta, impedindo o ataque.

E só a dentro d'elle D. Gil Cabral fez apeiar com toda a cautella os dois prisioneiros.

Subiu com elle, e fel-os recolher a um quarto interior, á espera que D. Pedro os chamasse.

Mas o rei mandou-os entrar directamente para a casa onde estava jantando.

Ao perceberem que iam á sua presença tentaram recuzar-se, e, cheios de terror, forcejaram por não sair do aposento onde primeiro os tinham lançado.

Foi preciso leval-os á força.

Atiraram-os aos empurrões, fortemente manietados, para dentro da sala.

O rei protestou:

—Cuidado!

«Tratem-me bem os nobres cavalleiros, que temos que conversar um bom pedaço.»

Riram-se infantilmente alguns pagens.

Mas os velhos companheiros de D. Pedro estremeceram na previsão do que ia passar-se.

Então o rei ergueu-se da mesa e dirigiu-se a elles, n'um graude furôr. (1)

---

(1) Era costume de D. Pedro levantar-se da meza para receber os criminosos qne lhe traziam, interrogal-os, julgal-os e punil-os sem detença.

«E era ainda tão zeloso de fazer justiça, especialmente dos que travessos eram, que perante .i os mandava metter a tormento, e se confessar não queriam, elle se desvestia de seus reaes pannos, e por sua mão açoutava os malfeitores; e pelo que

Queria vel os de perto.

Procurou olhal os face a face.

Alvaro Gonçalves, sempre de olhos no chão, desmaiou caindo por terra, ao sentir o rei perto de si.

Foi preciso erguel-o, amparal-o, sental-o n'um banco, deitar-lhe agua no rosto, chamal-o á vida.

Pero Coelho, para não fitar o olhar terrivel de D, Pedro, voltou a cara rancorosamente.

Ao companheiro abatia o, aniquilava-o, a certeza do proximo fim, o receio do que ia passar-se.

A elle irritava-o, lançava-o n'um grande desespero ver-se preso, como a fera na jaula.

Accommettiam o ancias de bater-se, como ao ser preso, de lançar-se ao rei, mesmo desarmado como estava.

Queria morrer matando, ferindo, mordendo, rolando-se, debatendo se empregando um derradeiro esfrorço.

A approximação da tortura que receiava, do supplicio a que seria sujeito, inerme como uma coisa, fazia-o perder a cabeça, multiplicava-lhe as forças para protestar.

O seu rosto assumira uma expressão de rancôr, de furia de ancia de raiva impotente que apavorava.

Aquella scena muda, e primeiro encontro, a presença d'esses homens abalára tanto D Pedro, que voltou á mesa, e sentou-se a descançar, abandonando o seu exame.

O bispo da Guarda querendo pôr termo á scena, fez signal para que os retirassem.

O rei quiz impedil-o, mas elle pediu-lhe que serenasse, e manteve a ordem.

—Deixem-n'os sós!— ordenou ao pessoal que tomára logar, como de costume, em torno á casa onde o rei comia.

---

d'elle muito pasmavam seus conselheiros e outros alguns, annojava se do os ouvir, e não o podiam quitar d'isso por nenhuma guisa.

....

E da mesa se levantava, se chegavam a tempo que elle comesse, para os fazer logo pôr a tormento, e elle mesmo punha n'elles mão quando via que confessar não queriam, ferindo-os cruelmente até que confessavam.

A todo o logar onde el-rei ia, sempre acharieis prestes com um açoute o que de tal officio tinha encargo em guisa que como a el-rei traziam algum malfeitor, e elle dizia : — chamem me foão, que traga o açoute, — logo elle era prestes, sem outra tardança.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. VI

«.. e foram entregues ao rei de Portugal Pero Coelho e um escrivão, os que foram mortos em Portugal, e Diogo Lopes Pacheco foi prevenido e fugiu de Castella para o reino de Aragão.»

D. Pedro Lopez de Ayalla, *Chronica de D. Pedro*, anno 11 (1360) cap. XIV

E ao vêr-se sem testemunhas:

—Agora que já o os reconheceste, que viste bem não vos terem illudido, dae ordem para que os matem depressa, e sem ruido.

—Estás doido!—retorquiu o rei.

—Senhor — tornou D. Gil Cabral — poupaes-vos a uma grande perturbação, e usae de misericordia, de humanidade.

—Não! Não!

—Já te disse, escusas contrariar-me.»

«Primeiro quero ouvil-os, quero saber tudo, quero conhecer em todos os seus detalhes a horrivel tragedia.»

E depois de uma pausa:

—Julgas que desisti?

«Procuro apenas cobrar forças, desfazer a primeira impressão.»

E como o bispo olhasse ainda, como a pedirllhe:

E' asssim que és meu amigo!

«Lembra-te, Gil, que é este o unico dia feliz da minha vida, e deixa-me gosal-o, deixa-me saboreal-o livremente!»

CAPITULO CXIII

Como foi?

TORNARAM a trazer-lh'os.

Em toda a casa pairava uma athmosphera de terror.

Entreolhavam-se os servidores do rei.

Todos desejavam o castigo dos criminosos.

Mas aquelle transe era bem doloroso.

Fóra, bradava o povo desesperado, querendo vêl-os.

A espaços ouviam-se gritos ferozes:

—Morra! Morra!

Acompanhavam-os acclamações enthusiasticas:

—Alcacer por el-rei!

Agora Pero Coelho, encobrindo a furia impotente que o excitava, apparentava uma pretendida serenidade.

E quando o rei o fitou, na mesma expressão de rancôr trocou com elle um olhar de sarcasmo.

D. Pedro estremeceu.

Essa attitude exacerbou-o mais.

Reparou em Alvaro Gonçalves.

O seu aspecto inspirava compaixão.

Mal podendo suster-se, amparado pelos homens d'armas, parecia ter perdido a noção exacta da sua situação.

O bispo da Guarda ainda lhe pediu que fosse misericordioso.

D. Pedro respondeu offendido.

—Pois tu não sabes que acaricio ha tanto tempo uma vingança que satisfaça o meu coração desesperado e console aquella desventurada que mataram sem dó?

«Pois tu não sabes que só vivo para isto, embora sinta o fogo do inferno aqui dentro, e a minha alma, em vida, a penar nas torturas de Satanaz?»

—Attendei á miseria a que chegaram – insistiu D. Gil Cabral.

—Elles attenderam por ventura aos amores d'ella, á minha immensa dôr?

—Sêde magnanimo, que a grandeza d'alma é a maior virtude d'um rei como vos!

«Tende piedade d'elles.»

Tiveram-a por ventura de Ignez, dos nosses filhos, de mim?

«Não!»

«Agora, que chegou a minha vez, serei inexoravel.»

E empunhando o açoite que trazia á cintura, dirigiu-se a elles, para conhecer esse passado que era o seu terrivel pesadello, a razão de todos os seus actos, a scentelha que animava aquella cabeça prematuramente embranquecida, aquelle corpo alquebrado pelo soffrimento.

Interrogou primeiro Alvaro Gonçalves.

—Ergue a cabeça, olha para mim, direito, como olhaste para ella ao matal-a!—disse-lhe, obrigando-o a fital-o.

A gente do rei, amparando-o, ergueu-lhe a fronte, e obrigou-o a manter-se direito.

—Que se passou na sua morte?

«Como foi?»

«Dize como foi, que nunca o soube bem!»

Os dentes batiam-lhe uns de encontro aos outros, no tremôr nervoso que o tomára.

Soffria horrivelmente ao querer desvendar esse passado, mas deliciava-se com essa nova tortura, inferior á ignorancia em que ficára sobre o verdadeiro desenlace da tragedia.

Mas o meirinho-mór, atturdido, olhando ao acaso, coberto de suor, mantinha-se silencioso.

Pero Coelho empallidecia, aterrava-se, mas fazia esforços para fingir uma grande tranquilidade.

O rei tornou a interrogar Alvaro Gonçalves.

—Então, que se passou?

«Responde!»

«Ah! Não queres falar?»

«E' preciso que te experte?»

E voltando se para os homens d'armas ordenou n'uma voz rouca, entrecortada:

—Preparem-o!

«Quero obrigal-o a dizer o que sabe.»

Despiram o da cintura para cima, ataram-lhe os braços ao pé d'uma meza, e puzeram o de joelhos.

Elle deixava fazer tudo, sem estremecer, sem oppor resistencia, como se tivesse perdido a sensibilidade.

D. Pedro tornou a interrogal-o:

—Fala, meirinho!

«Tu assististe a tudo!»

«Que se passou?»

«Quaes foram as suas palavras?»

«Como decorreu a sua agonia?»

Mas não conseguiu arrancar-lhe palavra.

—Que era que meu pae tramava contra mim quando eu me revoltei?...

«Queria tambem matar-me?»

Alvaro Gonçalves continuava silencioso.

—Dize-me ao menos quem foram os culpados da morte d'ella—continuou o rei.

«Que cumplices tiveram, quem mais partilhou essa responsabilidade.»

E olhava em torno como a querer descobrir inimigos entre os que o rodeiavam.

Depois quiz leval-o pelo terrôr:

—Se não respondes ao que pergunto mandarei protelar a tua agonia n'uma tortura horrivel que te faça soffrer o que fizeste soffrer a ella e a mim!

Mas a ameaça não surtiu effeito.

Tentou decidil-o com promessas:

—Fala, e perdôo-te o supplicio.

«Mandar-te-hei enforcar piedosamente, por fórma a que só padeças um momento...»

«Diz como foi e perdoo-te a morte!»

Nada porém o demovia.

—Ah! Não queres?

«Então agora falarás por força!»

E brandindo no ar o açoite descarregou-lhe com violencia,

Alvaro Gonçalves soltou um grito desesperado.

—Até que emfim!—exclamou D. Pedro.

E tornando a curvar-se para elle, quasi supplicou:

—Não te castigo mais, perdôo-te, mas dize-me por Deus como foi a morte d'ella, que palavras de saudade teve para mim, para os nossos filhos!

Estendido no chão o meirinho mór conservava-se mudo.

Então o rei, n'um accesso de furia, tornou a erguer o chicote, e descarregou-lh'o com mais violencia.

N'um desespero repetiu as pancadas, que estalavam sinistramente, arrancando-lhe a pelle, tingindo-o de sangue.

O bispo da Guarda, horrorisado, quiz ainda segurar lhe o braço.

Mas D. Pedro arredou-o com violencia, arregaçou-se para o açoitar melhor, e continuou a descarregar lhe o açoite, ás duas mãos.

Alvaro Gonçalves gritava desesperado, pedindo perdão‘ bradando misericordia.

De fóra a turba applaudia o supplicio, e os gritos de «morra! morra!» respondiam aos seus brados de soccorro.

CAPITULO CXIV

O supplicio

QUANDO não poude mais o rei atirou-se offegante para uma cadeira.

Queria encobrir a commoção, soltando gargalhadas, mas dos olhos corriam-lhe lagrimas de desespero.

Desamarraram Alvaro Gonçalves e levaram-o em braços para fóra.

Pero Coelho assistia livido.

O rei, depois de socegar um pouco, voltou se para elle.

— Chegou a tua vez.

«Fala !»

O outro para resistir ao terror, dirigiu-lhe um olhar de desprezo.

— O que ?

«Ainda me provocas ?

«Não sabes que estás nas minhas mãos?

«Fala, ou espera-te a sorte que teve o teu amigo.»

— Não me conheceis, se julgaes que pedirei perdão — retorquiu elle, exaltando-se.

Fazia exforços para travar uma lucta violenta, em que o matassem de um golpe, para furtar-se aos horrores que vira praticar.

—Podia mandar matar-te n'este instante, mas prefiro ouvir-te ainda.

«Pode ser que não sejas tão culpado como julgo.»

«Defende-te!»

Pero Coelho sorriu n'um grande sarcasmo:

— Quando eu morrer ainda soffrereis mais do que eu, porque perdereis de todo a esperança de saber o que se passou.

«Leio o no vosso olhar.

«Podia dizer-vos muito, podia mesmo defender me, porque outros houve mais culpados, mas prefiro calar-me, por não me inspirares confiança alguma.

— Conta-me tudo, denuncia os outros, e serás perdoado — supplicou D. Pedro, alvoroçado.

—Para depois faltardes, como faltastes ao salvo conducto que me deste,s assignado e sellado, ao fazerdes a paz com vosso pae, para me trahirdes como a esses cavalleiros castelhanos que se haviam refugiado aqui, confiados na vossa fé de cavalleiro, na vossa palavra de rei! (1)

---

(1) «A Portugal foram trazidos Alvaro Gonçalves e Pero Coelho, e chegaram a Santarem, onde el-rei era. El-rei, com prazer de sua vinda, porém mal magoado porque Diogo Lopes fugira; os saiu fóra a receber, e, sanha cruel, sem piedade os fez por sua mão metter a tormento, querendo que lhe confessassem quaes foram na morte de D. Ignez culpados, e que era que seu padre tratava contra elle, quando andavam desavindos por causa da morte d'ella. E nenhum d'elles respondeu a taes perguntas cousa que a el-rei prouvesse.

E el-rei, com queixume, dizem que deu um açoute no rosto a Pero Coelho, e elle se soltou então contra el-rei em deshonestas e feias palavras, chamando-lhe traidor á fé, perjuro, algoz e carniceiro dos homens. E el-rei, dizendo que lhe trouxessem cebola, vinagre e azeite para o coelho, enfadou se d'elles, e mandou-os matar.

A maneira de sua morte, sendo dito pelo miudo, seria mui estranha e crua de contar, porque mandou tirar o coração pelos peitos a Pero Coelho, e a Alvaro Gonçalves pelas espaduas. E quaes palavras houve e aquelle que lh'o tirava, que tal officio havia pouco em costume, seria bem dorida cousa de ouvir. Emfim mandou os queimar. E tudo feito ante os paços onde elle pousava, de guisa que comendo olhava quanto mandava fazer.

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XXXI.

«E este Pero Coelho matou-o el-rei D. Pedro porque o culpou na morte de D. Ignez de Castro que matou el-rei D. Affonso seu pae; e este Pero Coelho mostrou grande contricção na morte dizendo que elle perdoava a todos aquelles que o sentenciaram e deram ahi conselho e ajudoyro, que Deus perdoasse a elle.»

Livro das Linhagens, *Portugaliae Monumenta Historica*, Volume 1.º *Scriptores*, pag. 310.

«Em Inglaterra o crime de alta traição era punido com a pena ultima; outrora como criminoso ainda vivo, arrancavam-lhe o coração, e batiam-lhe com elle nas faces,

Mandou arrancar-lhe os corações

— Desabafa, insulta-me, mas, por Deus fala-me d'ella! — exclamou D. Pedro, torturado.

Pero Coelho respondeu, triumphante:

— Gozareis cruelmente a minha agonia, mas eu estou deliciando-me com o vosso desespero!

D. Pedro perdendo a cabeça, correu a elle, e vibrou-lhe uma chicotada no rosto, que lh'o cobriu de sangue.

Elle, caindo por terra, com a violencia do golpe, bradou louco de dôr, fazendo exforços para soltar-se:

— Algoz! Carniceiro! Traidor! Perjuro!

O rei voltou-lhe as costas, e, tentando sorrir, disse para um creado: Traz cebola, vinagre e azeite para o coelho.

O bispo mandou aos homens d'armas que levassem o prisioneiro.

Depois de sentar-se á mesa, D. Pedro ordenou que chamassem o carrasco e mandou arrancar-lhes os corações.

— Como, senhor?

— Ao Gonçalves, pelas costas, é um covarde.

«Ao Coelho, que se faz tão valente, pelo peito, para que elle veja bem.»

«E que assista primeiro ao supplicio do outro.»

Apontou-lhe o terreiro, em frente á janella:

— Ali, quero vêr tudo!

«E ouve bem, que não os matem por terem dó d'elles.»

«Has de arrancar o coração com elles vivos!»

O carrasco saiu.

N'isto chegou Nuno Freire d'Andrade, a dar contas do que o Pacheco não apparecera, mas o bispo do Porto fôra morto.

— Obrigado, Nuno — disse o rei.

«Felizmente que chegaste a tempo de jantar commigo.»

Mandou-o pôr a meza, elle de um lado, o bispo do outro na varanda e sentou-os.

No terreiro, á luz de archotes, entravam os dois criminosos, rodeiados de gente do rei.

Os besteiros faziam um circulo afastando o povo.

Começou o supplicio.

---

e depois atiravam-o á fogueira. Hoje conservam o uso de arrancar o coração, mas é sempre depois de morto o condemnado.»

Dictionnaire de la penalité... por M. B. Saint Edm. (Paris, 1824—1828) V. 3.º, p. 244.

«...deu sentença de traição contra elles...»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XXXI.

Ouviu-se um grito desesperado, seguido de outros, roucos, profundos, á medida que a perda de sangue enfraquecia Alvaro Gonçalves, a quem o carrasco retalhava as costellas, mettendo as mãos pela ferida para tirar o coração.

Pero Coelho, sem poder resistir por mais tempo, caiu por terra e voltou-se para a janella pedindo perdão ao rei n'uma voz lancinante.

Depois, humildemente, rastejando, quando lhe chegou a vez, abraçou o carrasco, declarou que lhe perdoava e a todos os que o tinham prendido e agora iam matar.

Mas quando começaram a retalhar-lhe o peito, a resignação cedeu logar a novos gritos de raiva, a que o povo respondia em torno bradando «morra!» violentamente.

D. Pedro, á meza, dizia aos convivas:

— Agora vou a Coimbra dar-lhe contas da vingança, da desaffronta, e poderei leval-a para o tumulo de Alcobaça.

«Poderá finalmente repousar descançada!»

Encheu as taças e empunhou a sua.

De fóra vinha um cheiro nauseabundo.

A fogueira consumia os dois cadaveres.

CAPITULO CXV

A trasladação

SAIRAM de Coimbra de manhã.

As freiras, de cruz alçada, acompanharam o esquife até á porta do convento.

Ahi começava um renque de tochas accesas, que os homens das vintenas empunhavam.

Na organisação do prestito houve um conflicto.

Haviam chegado, em mulas, os frades de Estremoz, o abbade, fr. Vicente Amado, e outros principaes.

Queriam acompanhar D. Pedro, rezar os responsos a Ignez de Castro, e disputar o rei aos de Alcobaça.

Mas estes, que tinham vindo em grande numero do seu convento, recusaram-lhe logar junto do feretro.

Arregaçaram os habitos e começaram a insultar-se.

D. Pedro, caminhando adiante do esquife, não dera pelo conflicto.

O bispo da Guarda interveiu, ameaçando os de os mandar prender, e acabando por lhe recommendar que tivessem vergonha e respeitassem a solemnidade do acto.

A severa reprehensão do sabio não os demoveu dos propositos gananciosos com que vinham ali.

Tratava se dos interesses dos seus conventos, da fartura da sua meza, do recheio do seu celleiro, e por causa d'isso estavam dispostos a soffrer tudo.

Só a presença dos homens d'armas os conteve momentaneamente, emquanto planeavam outros procedimentos.

O prestito avançava lentamente.

Dos povoados desciam camponezes, de Coimbra fôra todo o povo atraz.

Ao longo do caminho mantinha-se ininterrupta a linha de cirios, accesos n'uma extensão de desesete leguas, ordenados pelos dois lados do percurso. (1)

D. Pedro seguia sem dizer palavra.

A sua chegada a Coimbra fôra um horror.

Ali tudo revivia.

Era como o passado erguendo-se de novo ante os seus olhos.

O Mondego recordava-lhe os longos idyllios em que andára sonhando ao longo das suas margens.

Os densos arvoredos do parque de Santa Clara tinham sido o local dos seus passeios.

«Fôra tão feliz n'aquella terra, n'aquelle palacio, n'aquella paisagem!»

«E ali fôra Ignez assassinada, sem que estivesse presente para a defender, para salvar!»

N'aquelle parque recebera a horrivel nova de que lh'a haviam morto!

---

(1) «E sendo lembrado de lhe honrar seus ossos, pois lhe já mais fazer não podia, mandou fazer um moimento de alva pedra, todo mui subtilmente obrado, pondo elevada sobre a campa de cima a imagem d'ella, com corôa na cabeça, como se fôra rainha. E este moimento mandou pôr no mosteiro de Alcobaça, não á entrada, onde jazem os reis, mas dentro na egreja, á mão direita, a cerca da capellamór.

E fez trazer o seu corpo do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde jazia, o mais honradamente que se fazer póde, que ella vinha em umas andas, muito bem corrigidas para tal tempo, as quaes traziam grandes cavalleiros, acompanhadas de grandes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e donzellas e muita clerezia.

Pelo caminho estavam muitos homens com cirios nas mãos, de tal guisa ordenados, que sempre o seu corpo foi, por todo o caminho, por entre cirios accesos; e assim chegaram até ao dito mosteiro, que eram d'alli dezessete leguas, onde com muitas missas e grão solemnidade foi posto seu corpo n'aquelle moimento. E foi esta a mais honrada trasladação que até áquelle tempo em Portugal fôra vista.

Semelhavelmente mandou el-rei fazer outro tal moimento, e tambem obrado, para si, e fêl o pôr a cerca do seu d'ella, para quando acontecesse de morrer o deitarem n'elle.»

Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XLIV.

E n'aquelle convento, onde para entrar precisa vencer uma grande repugnancia, a vira encerrada n'um esquife!

Não quizera abrir o esquife, nem no carneiro, nem na egreja do convento.

Desejára é certo contemplal-a pela ultima vez.

Mas a vista do athaude quasi o esmagára, infundira-lhe um grande terror.

Receiava encontral-a desfigurada, desfeita, e acariciava a imagem que lhe ficára, Ignez em plena vida, em plena belleza, quando o amava, quando estreitava ao peito os filhos.

Seguia o caixão o bispo da Guarda, acompanhado de muitos fidalgos e cavalleiros, damas e donzellas.

Mecia pelo braço de D. Alvaro, Violante apoiada a Luiz Freire caminhavam chorando.

Os frades de Alcobaça e de Estremoz separados por um grupo de besteiros, procuravam exceder-se nas rezas, que entoavam alto, em desafio.

Quando recitavam ladainhas a multidão acompanhava n'um côro gemebundo.

E o povo que viera de longe vêr passar o cortejo, chorava, soluçava, recordando a sangrenta tragedia, enternecendo se perante o desespero d'aquelle rei.

A um signal do bispo, quando havia mostras de cansaço, faziam alto.

Ia então para junto de D. Pedro, falar-lhe, animal-o, procurar desfazer-lhe aquella impressão.

Mas elle, sem responder, fazia um gesto para que o deixasse e voltava o rosto para encobrir as lagrimas.

Andaram todo o dia.

Foi caindo a noite.

Agora a marcha attingia sinistras proporções.

Junto ao esquife os creados empunhavam archotes de chamma avermelhada, fummarenta.

Dos lados a fila interminavel dos cirios accessos illuminava o caminho na extensão de leguas.

Via-se ao longe pelo dorso das serras, na baixa das planuras, seguindo a direito, riscando em zig zags o escuro, a longa serie de luzeiros, confundidos em duas fitas de luz.

Na cauda do cortejo iam seguindo todas as luzes que até ahi formavam alas.

E continuavam de tochas accesas, incorporados, muitos milhares de homens.

Seguiam todos commovidos, impressionados.

A dôr do rei, de Mecia, de D. Alvaro, do grupo dos mais intimos,

os gritos horriveis, descompassados, das carpideiras suggeriam uma infinda tristeza.

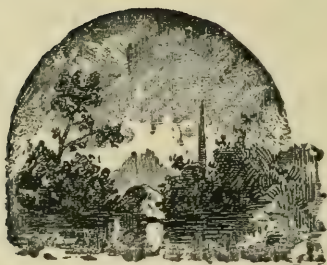
A morte de Ignez em trovas, em fados, em romances passára já ao dominio popular.

As lavadeiras do Mondego cantavam a lugubre toada dos seus amôres.

E quando os povos acolhiam nas ruas de Lisboa os folguedos em que o rei vinha dançando, ou na provincia a sua acção redemptora, justiceira, a recordação da morte de Ignez de Castro marejava de lagrimas todos os olhos.

Na escuridão da noite os responsos dos frades tinham um accento mais lugubre.

As carpideiras correndo á frente do esquife, bradando, arrepelandose, soltavam gritos de arripiar.

E as trompas de caça, as trombetas de prata soavam a espaços, pondo uma nota mais sentida, um ai, um soluço, que recordava a noite do assassinio, o aviso longiquo de D. Pedro que voltava da caça.

CAPITULO CXVI

Coroação ?

largo em frente á egreja do convento de Alcobaça regorgitava de povo.

A gente dos coutos, homens d'armas do abbade, mantinham a custo o espaço por onde o esquife devia passar.

As luzes continuavam-se pelo largo, ondeando ao sabôr dos impulsos da multidão.

Pela porta ogival do grande templo vinha um feixe de luz.

A communidade esperava o rei de cruz alçada, o pallio erguido para o conduzir, o incenso evolando se dos thuribulos, as luzes altas brilhando no escuro da fachada.

A rozacea avultava esmaltada pelas scintilações dos vidros multicores.

O rei continuava alheio a tudo.

Apertava-se o povo, comprimia-se de um e de outro lado, abalando as linhas dos bésteiros, os portadores dos cirios, precipitando-se para o esquife como se podesse vel-a pela ultima vez.

Entraram.

No cruzeiro, junto á capella onde estavam os dois grandes tumulos, fôra armado o throno para o rei.

Sobre os degraus forrados de brocado erguia-se a cadeira senhorial do D. Abbade de Alcobaça, dominada por um rico docel.

N'um tamborete, ao lado, via-se o manto real, a corôa e o sceptro.

D. Pedro, fatigadissimo, despedaçado, foi sentar-se no throno a descançar.

Defronte d'elle, n'uma eça, depozeram o caixão.

Dentro da capella, encostada ao tumulo, avultava, de pé, esculpida na tampa, que sobre o seu corpo se devia cerrar, a estatua de Ignez, ostentando na cabeça a corôa de rainha. (1)

---

(1) Parece ter esta corôa, conjugada com a solemne declaração que D. Pedro fez de ter tomado Ignez de Castro por esposa que deu logar á invenção do episodio da coroação.

Eis que a este respeito dizem os escriptores que primeiramente trataram do assumpto:

«... um moimento de alva pedra... pondo elevada sobre a campa de cima a imagem d'ella, com corôa na cabeça, como se fôra rainha.»

Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro*, cap. XLIX.

«como o principe foi rei
. . . .
a fez alçar por rainha,
sendo morta o fez por lei.
. . . .
«Rei, rainha, coroada.»

«Trovas que Garcia de Resende fez á morte de Ignez de Castro, que el-rei D. Affonso IV de Portugal matou em Coimbra...» *Cancioneiro geral*, V. 3.º p. 616, edição de 1852.

«Tu serás cá Raynha como fôras.
Teus filhos, só por teus serão Infantes.
Teu innocente corpo será posto
Em estado real.»

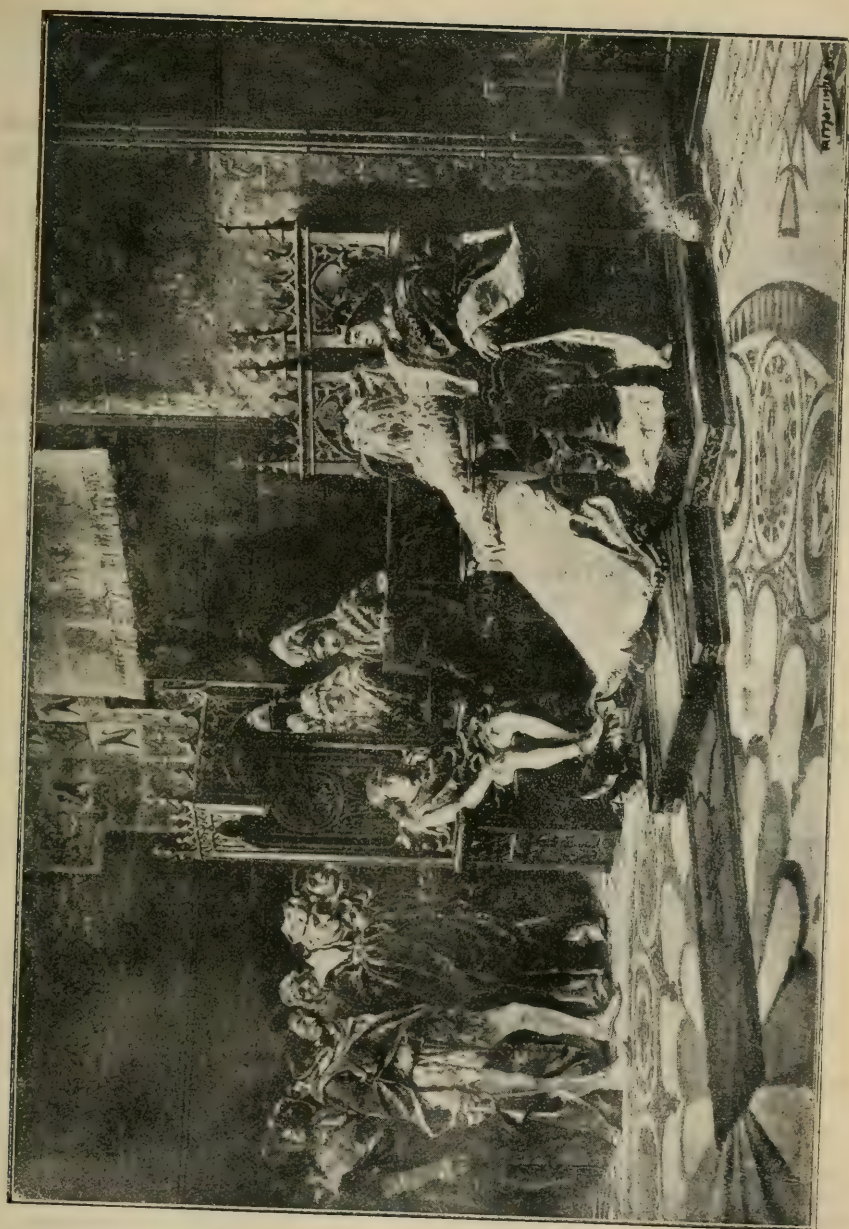
Castro, tragédia do dr. Antonio Ferreira, acto V.

«Aconteceu da misera e mesquinha
«Que depois de ser morta foi rainha.»

Camões, *Lusiadas*, cant. 3.º Est. CXVIII.

A versão da coroação é apresentada pela primeira vez na *Nise Laureada* de Jeronymo Bermudez.

Faria e Sousa, nos *Commentarios dos Lusiadas*, canto 3.º diz:

«Mataram a, e o principe não deixou de amal-a morta. E assim logo que morreu seu pae, e empunhou o sceptro, fez desenterrar a D. Ignez, e colocal-a n'um throno, aonde foi coroada como rainha, e ali fez que seus vassallos beijassem aquelles ossos que tinham já sido mãos bellas, publicando primeiro com juramento e outros actos solemnes que tinha sido sua mulher legitima. Temos em nosso poder a copia do instrumento publico, que mandou fazer de tudo isto, e se conserva no archivo real.»

Coroação ?

(473)

Entre os tumulos erguia-se um altar de onde os frades paramentados saiam a rezar os responsos, a aspergir de agua benta o caixão, emquanto outros diziam missa.

Fidalgos e cavalleiros formavam uma barreira, que fechava o lado direito do cruzeiro, e a capella dos tumulos, ás investidas da multidão.

Por traz d'elles iam agglomerando-se as luzes.

Em torno do esquife os frades rezavam alto, e os thuribulos erguiam nuvens de fumo.

A's suas rezas juntava-se o clamôr de todo o povo, os signaes que trovejavam nas torres o desesperado gritar das carpideiras, a marcha tocada pelas trombetas, o rumor das disputas dos que a todo o custo pretendiam approximar-se.

A' entrada era maior o ruido.

Pelo caminho, receiando-se dos frades de Alcobaça, que haviam ameaçado de não os deixar entrar na egreja, os de Extremoz, alentados alemtejanos, projectavam irromper á viva força, espancando os outros se preciso fosse.

Tinham em pouca conta as suas carnes gordurosas, mas receiavam-se dos homens de armas que os cercavam.

De taberna em taberna foram aliciando o animo dos bésteiros, enchendo-os de vinho e promettendo-lhes dinheiro para os ajudarem a entrar.

Os de Alcobaça contraminaram o plano, embebedando outro grupo de bésteiros, e encommendando-lhes uma bôa sova nos rivaes.

Mas uns e outros frades ao mesmo tempo que faziam beber os guerreiros entregavam-se tambem a copiosas libações, para poderem resistir a dezesete leguas a pé, dezesete leguas obrigadas a cantorias.

Ao chegarem á porta, muito excitados, cheios de animo, dispunham-se a dispensar o concurso extranho para liquidarem, homem a homem, as velhas questões das ordens rivaes.

Como iam na frente os de Alcobaça tomaram a sua porta, e fazendo frente á multidão, deram ordem para não entrar mais ninguem.

Os de Extremoz, impellidos pelo povo, estavam já peito a peito com elles.

Insultaram-se, trataram-se pelos peiores nomes, mas limitavam-se a

---

Taes palavras, a tantas gerações de distancias dos acontecimentos, não podem representar sequer o echo distante de uma tradição do facto.

O documento a que se refere, e que dava á declaração um ar de authenticidade, foi publicado pelo erudito escriptor Ayres de Sá, no seu livro *Gonçalo Velho*, E' a declaração do casamento de D. Pedro com Ignez, a que nos referimos a pag. 173 e seguintes d'este volume.

O quadro do pintor hespanhol Cubellss, que reproduzimos em gravura, segue a versão de Faria e Sousa.

desmascarar-se uns aos outros, tratando-se de exploradores sem fé, de verdadeiros vendilhões do templo.

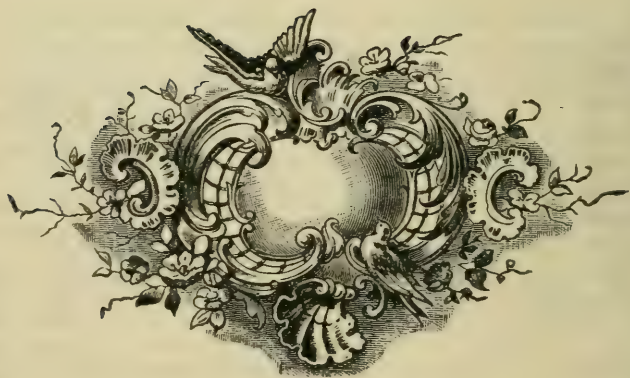
O abbade de Extremoz, sem poder conter-se, perguntou, n'uma voz rouca, pegajosa:

—Quem é o superior d'esta choldra?

—Veja como fala, dobre essa lingua!—retorquiu o de Alcobaça, cioso do dom.

—Rapazes, viva S. Francisco, que eu pego-me com este!—bradou o alemtejano atirando-se ao abbade de Alcobaça.

Por sobre elles engalfinharam-se os dois bandos.

Era um montão de carne, rolando entre as ondas do povo, que, farto de uns e de outros, mimoseava com uma chuva de murros as calvas luzidias, os roliços cachaços dos ungidos do Senhor.

CAPITULO CXVII

O passado

cabeça entre as mãos, tapando os olhos, como se quizesse furtar-se ao terrivel espectaculo do sarcophago de Ignez, D. Pedro mantinha-se absorto no throno, alheio a tudo o que se passava em volta.

N'um turbilhão passava-lhe pela mente a canção d'amôr da sua mocidade, idyllios, saudades, aventuras; sentidas trovas dedilhadas no alaude, quentes declarações, beijos soffregos; camponezas de braços nús, rolando pelos trigaes, entre papoilas, damas de altivo collo, deslumbrantes, baixando, ante os seus, os olhos garços.

Na infinda amargura de agora havia a melancholia d'esses tempos distantes, em que, saciado de faceis triumphos, ambicionava, um amôr absorvente que fosse o ideal da sua vida, amargurada já pela tragedia em que Branca se apartára d'elle, despedaçada, lavada em lagrimas, a morte n'alma, n'uma torva agonia.

Como um suave lenitivo recordava as phases d'esse largo idyllio, a anciedade com que nos primeiros tempos procurava estar a sós com ella, a noite em que lhe fora contar ao balcão, a ingenuidade com que ella crêra tratar-se de uma homenagem a Constança, e a amargura com que

a ouvira elogiar a amiga, fazendo votos para que se tornasse mais forte o amôr que os unia.

Era depois a caçada em que a colhêra de surpreza, impondo lhe violentamente o seu amôr, tomando-a pela cintura, vendo-a debater-se nos seus braços, resistir-lhe com desespero, armada de um punhal para ferir-se, para morrer a seus pés, horrorisada, tremendo de medo pela traição que lhe propunha.

Estremecia ainda, n'um fremito de goso ao recordar essa aventura, em que lhe pedira de rastos que lhe correspondesse, querendo afogar em caricias a sua linda cabeça loira, devoral-a com beijos, crestar-lhe os labios ao fogo do amôr que o devorava!

Era depois a desesperada lucta para a possuir, as intrigas dos cortezãos, o odio dos seus inimigos, a resistencia d'ella, o ciume de Constança; a intimidação do conselho reunido sob a presidencia do pae, a rudeza com que increpára esses homens bestialisados por immoraes concubios, religiosos que praticavam escandalos a occultas, o corrupto bispo do Porto, o devasso priôr do hospital, e como lhes atirara ao rosto a visão do amor ideal que o absorvia (1).

---

(1) Eis como em 1516 Garcia de Resende se refere aos amores de Ignez:

Eu era moça menina,
por nome dona Ynes
de Castro, e de tal doutrina
e virtudes, qu'era digna
de meu mal ser ao revés.
Vivia, sem me lembrar
que paixão podia dar,
nem dal-a ninguem a mim;
foi-me o principe olhar
por seu nojo e minha fim.

Começou-me a desejar,
trabalhou por me servir,
fortuna foi ordenar,
dous corações conformar
a uma vontade vir.
Conheceu-me, conhecio-o,
quiz-me bem e eu a elle,
perdeu-me, tambem perdi-o,
nunca ti morte foi frio
o bem que triste puz n'elle.

Dei-lhe minha liberdade,
não senti perda de fama,
puz n'elle minha verdade,
quiz fazer sua vontade,
sendo mui formosa dama.
Por n'estas obras pagar
nunca jamais quis casar,

E impedira-a de ser madrinha do filho, para que não os separasse um impedimento infranqueavel; e quizera abdicar para poder livremente amal-a; até que a violencia do seu desespero, a grandeza dos seus sacrificios a obrigaram a fugir d'elle, porque, apezar de todos os escrupulos, o amava emfim!

Uma morte, a de Constança, fôra a sua libertação, o inicio de uma era de ventura; outra a d'aquella que tanto amou, encerrára para sempre essa dita.

E então pensava como desde a sua união a Ignez a lembrança da infanta os atterrava, como se a desditosa estremecesse no sepulchro, a protestar contra os seus beijos.

Na corrida vertiginosa de tanta recordação, de tanta sombra, surgia um espectro sangrento, a pallida Constança, desgrenhada, chorosa, os olhos encovados, luzentes, fitando-o n'uma terrivel anciedade, como no leito da anciedade, agonia, e agora apavorava-o essa morta, como a que jazia ante os seus olhos.

Approximava-as a morte, juntava-as o tumulo, esperavam ambas por elle.

E então via-as no dia da chegada, em que tomára pela esposa que lhe destinavam, a linda Ignez, o collo de garça irrompendo n'uma alvura de leite do corpete de escarlate de Flandres, os olhos verdes rindo ingenuamente, os labios rubros a oscular aquella que a politica lhe destinára para mulher.

Confundira-as então.

Mas já na lua de mel, ao beijar por dever a pallida Constança, era a imagem d'ella que abraçava, eram os seus olhos garços que beijava, os labios d'ella que sentia n'um sello de fogo.

Depois Ignez fizera-lhe esquecer de todo a outra, mas agora a morte confundia-as de novo, reduzindo a dois tristes despojos as duas mulhe-

---

pelo qual aconselhado
foi el rei, que era forçado
pelo seu de me matar.

Estava mui acatada,
como princeza servida,
em meus paços mui honrada,
de tudo mui abastada,
de meu senhor mui querida.
Estando mui devagar,
bem fora de tal cuidar,
em Coimbra de socego
pelos campos do Mondego
cavalleiros vi assomar.

Trovas de Garcia de Resende, já citadas.

res, rivaes e amigas, ligadas para sempre á sua vida, impellindo-o ambas para o tumulo.

Em vão o bispo o queria arrancar a essa penosa evocação vendo o soffrer tanto.

D. Pedro recusava se, agitado, a attendel-o.

Então arrasavam-se de agua os olhos de D. Gil, ao pensar na sua mocidade, a alegre poesia das canções, trompas de caça, latir de matilhas irriquietas, relinchar de impetuosos corceis, cavalleiros briosos destemidos, vibrantes de amor, ebrios de mocidade, esforçados campeões, trovadores galantes, espada à cinta, alaude a tiracollo, falcão no punho, promptos para o amor e para a guerra, para a defeza da noiva e da terra, alegres sempre quer marchassem para a ventura ou para a morte, para os braços de uma mulher ou para a ponta de uma espada, para a caça ou para a fronteira.

D. Gil via-o perdido como nos dias de ruidosa loucura, incitando n'um ardor febril, o louco esturdiar, querendo axtinguir a dôr esmagadôra, que o affligia tanto mais quanto mais as mouras gentis dançavam voluptuosamente requebradas, ao som de castanholas e pandeiros, soltando dos labios sensuaes estonteadoras canções de amôr!

CAPITULO CXVIII

A eternidade

N'UM repente levantou-se D. Pedro, e dirigiu-se á capella dos monumentos.

A estatua tumular de Ignez alevantava-se adiante d'elle, alta, esguia, desproporcionada, n'uma frieza que o pungia.

Olhou-a atterrado.

Não era a Ignez que conhecera, que amára, cuja expressão retivera na memoria, mas que ameaçava apagar de todo a mancha escura do caixão.

Protestou exaltado.

«Não era aquella a mulher de cabellos de oiro; não eram os olhos, os labios que o namoravam n'um sorriso de amôr, não era aquella cuja vida fôra a sua vida, cuja morte lhe seccára o coração.»

O aspecto da figura gélida desvaneceu-lhe mais a imagem viva que se comprazia em evocar.

Correu ao esquife cheio de decisão, vencendo a reluctancia que o afastára.

Queria vel-a pela ultima vez.

A um signal do bispo tiraram vagarosamente o corpo, e collocaram-o junto do sepulchro no coxim de seda e oiro em que devia ficar deitado.

D. Pedro recuou espavorido ao vêr mumificado, quasi uma caveira, o rosto que fôra o seu encanto.

E precipitou-se sobre o cadaver escondendo a face nas suas roupagens roçagantes.

– Nunca mais a verei! Nunca mais a verei!—bradava alto, desesperadamente.

—Heis de vêl-a senhor—disse um asceta, que se approximou empunhando um crucifixo.

«No dia de juizo, quando as almas se reuniram aos corpos, subireis com ella aos pés do Justo Juiz.

—Nunca mais a verei!—gritava ainda D. Pedro, chorando alto, desabafando da dôr tanto tempo concentrada.

—O corpo é barro, mas a alma é immortal—proseguia apaixonado o religioso.

«Crêde na outra vida, acreditae em Deus!»

Apresentou-lhe ferverosamente o crucifixo.

Agora D. Pedro, como se a visse transfigurada, como se a reanimasse um sôpro de vida, enlaçava a, dava lhe beijos soffregos, e murmurava baixo, n'uma voz tremula:

—Tudo acabou!

O religioso, pallido, olhar ardente, n'um febril mysticismo interveiu ainda:

—Tudo começa agora!

«A vida é transitoria, e só com a morte principia a eterna existencia.»

«Tornareis a vel-a nos céus, erguida por esses anjos esculpidos na pedra tumular.»

«Ella subirá á gloria eterna, porque em vida muito soffreu, e Deus é justo!»

—E' justo e deixou-a matar!?—protestou D. Pedro, ferido no seu espirito justiceiro.

—Blasphemaes!—exclamou o asceta.

E bradou, convicto, transportado:

– Misericordia, senhor!

«Compadecei-vos de suas dôr, dae-lhe resignação!»

O rei voltou se para o bispo:

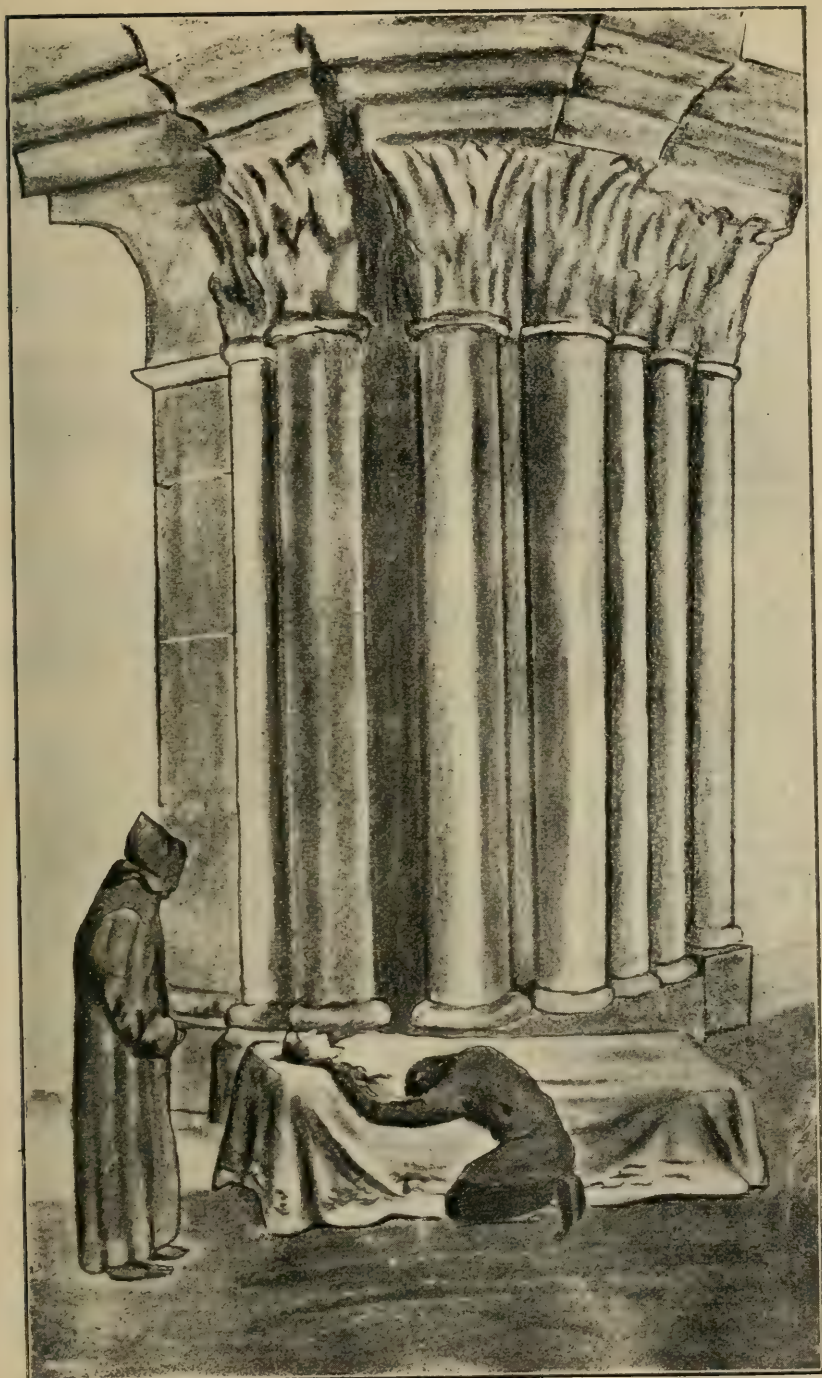
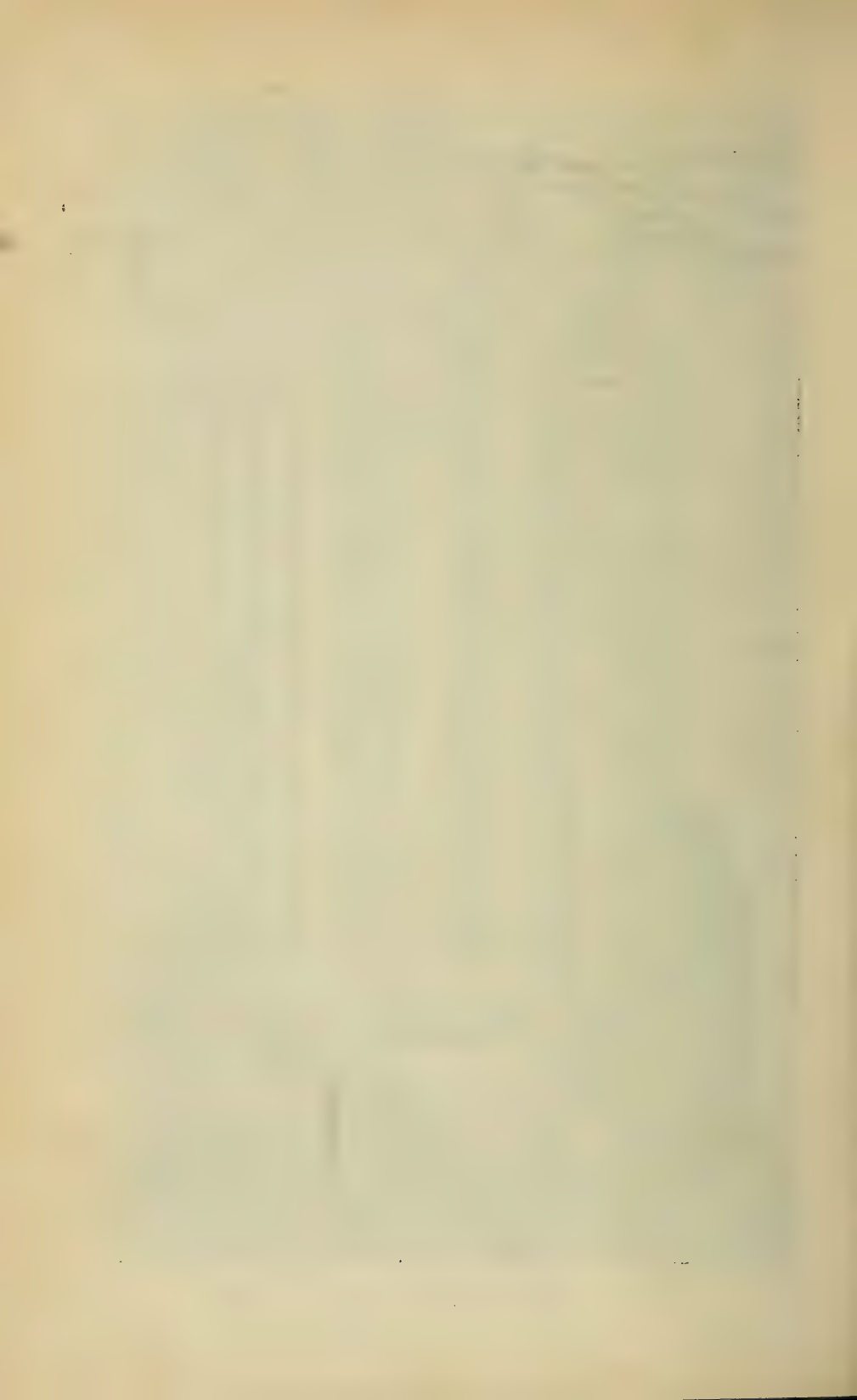
—Um Deus justo deixaria assassinal a, roubal a aos queridos filhos, ao nosso amôr?

D. Gil tomou-o nos braços:

—Vamos d'aqui, senhor, deixae a dormir o somno eterno, que esse desespero, está-vos matando.

—Não.

«Quero vêl a mais uma vez.»

Voltou se para o cadaver, na ancia de contemplal-a mais uma vez, mas recuou amedrontado:

precipitou-se sobre o cadaver

—Já não é a Ignez que tanto amei!

E correndo ao alvenel, que, ao lado da estatua, esperava a occasião de cerrar o tumulo:

— Dá-lhe outra expressão áquelle rosto, descerra-lhe os labios n'um sorriso, faz-lhe rir esses olhos, anima-a, torna-a como foi, e cobrir-te hei de oiro!

—Senhor—disse o bispo, cingindo-o pela cintura—morreu com o passado o culto da formosura da mulher.

«Substituiram-lhe o da morte!»

«Mas quem amou como vós, quem como vós viveu cantando, quem teve no amôr a sua religião, e o seu culto, quem entreviu o ceu n'um espasmo de goso, suavemente baloiçado n'um colo de garça, n'uns braços de espuma, como nas ondas de um mar de sonho; quem como vós fez do amôr o ideal da sua vida, dando-lhe nas canções a musica dos labios, trovador cantando a bem amada, campeador saudando a sua dama, guerreiro buscando a recompensa na suave caricia de mulher; quem como vós amou obteve o triumpho da vida sobre a morte, na transmissão perpetua da belleza.

D. Pedro transfigurou-se, olhou-o transportado:

—Gil, se tu és feiticeiro, como diz o povo, reanima-a, fal-a viver um momento que seja.

—Senhor—respondeu o bispo—as chammas do meu inferno são as das retortas onde estudo a verdade da vida.

«Não poderei chamal-a á vida que o meu poder, para animal-a, é inferior ao vosso.»

«Vós tiveste a suprema ventura de n'um beijo de fogo perpetuar a belleza d'ella!»

Fez um signal a D. Alvaro.

Então Mecia e Violante, trazendo pela mão os filhos de Ignez, João, Diniz e Beatriz, dirigiram-se ao cadaver, beijaram-o, e cobriram-o de flores.

D. Alvaro de Castro e Luiz Freire de Andrade ajoelharem-se ao lado de Nuno, aos pés do cadaver, recordando aquelle amôr, os planos de grandeza que deixára idear, o sonho da conquista de Castella, os passados dias de ventura.

Ao vêr emfim reunidos após o longo soffrimento os dois casaes que se amavam tanto, D. Pedro estremeceu; e abraçando-se a D. Gil, disse-lhe rancorosamente:

—Só eu não fui feliz!

«E merecia-o por ventura menos que elles?»

O bispo viu-o de novo lançado na intermettencia de luz e trevas que se fizéra no seu espirito, no desiquilibrio das suas faculdades, nuvens de sangue passando-lhe ante os olhos, n'uma obsecação de justiça, n'um delirio de crueldade, n'um como extranho odio a tudo o que fosse amor.

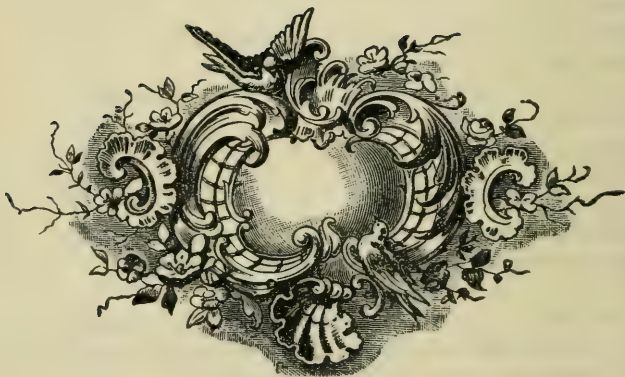
Então pegou na pequenina Beatriz, e apresentou-lh'a, emquanto João e Diniz lhe tomavam as mãos, e Violante e Mecia lhe davam os braços, para o arrancar d'ali:

—Eis Ignez reanimada ao vosso amôr.

—São os seus cabellos de ouro, os seus olhos verdes, a sua bocca de sorriso eterno.

E a creança ria para elle.

—Eis a resurreição da carne, a immortalidade, o perpetuo ressurgimento da vida transmittida aos filhos!»

«Quem uma vez amou não morre nunca!»

EPILOGO

Morte e ressurreição de D. Pedro

POUCO sobreviveu D. Pedro é vingança e á trasladação de Ignez de Castro.

Os frades de Extremoz e de Alcobaça disputaram o seu cadaver e exerceram sobre elle as suas invenções grosseiramente interesseiras.

Como os franciscanos não podiam impedir os alcobacences de recolherem o corpo no sumptuoso monumento que o aguardava ao lado do de Ignez, como não podiam contrariar as expressas declarações do testamento, usaram de um processo que servia os seus interesses e não representava uma desobediencia.

Extriparam-o (são elles que o dizem), tiraram-lhe o coração e só depois o deixaram trasladar.

Eis as palavras do historiador das glorias e feitos franciscanos:

«N'este tempo tinha já vestido o nosso habito, invocando sempre em sua ajuda o Patriarcha dos pobres, e com elle foi sepultado no mosteiro d'Alcobaça.

«As entranhas, porque o embalsamaram, mandou que ficassem no mesmo convento de S. Francisco, no qual ficou o coração. (1)

As graças d'este ditoso successo devemos tambem render ao padre fr. Vicente Amado, que sendo seu confessor o soube encaminhar.» (2)

Realisada a trasladação sete dias depois da morte chegou o seu cadaver a Alcobaça.

Mas nem o espaço de tempo, nem a falta de coração e das entranhas impediram os frades do poderosissimo mosteiro de se desforrarem dos rivaes de Extremoz.

Ressuscitaram-o, fizeram o cham r pelo abbade, prestar-lhe a homenagem de pedir que o ouvisse de confissão, e só depois de ter relatado os seus peccados e feito, de certo, algumas novas doações á ordem o deixaram morrer de vez.

E' tambem um virtuoso frade que relata o pasmoso successo n'estes termos:

«Foi posto o cadaver no cruzeiro da egreja em quanto se lhe officiavam os funeraes, e descoberto o rosto, conforme o uzo d'aquelles tempos, quando no fim da missa do primeiro dia notaram os presentes, que se movia o corpo do defuncto.

Affirmaram se e acharam que o corpo estava vivo, e aqui foi o pasmar e o assombro de todos; mas como o corpo tinha o rosto e as mãos descobertas, poude falar no mesmo ser em que estava o redivivo principe, sem outro movimento, ou inquietação espantosa.

Chamou pelo abbade e fallou-lhe poucas palavras e se confessou com maravilhoso socego; depois declarou como o senhor lhe fizera tão notavel mercê, que viam necessaria para a sua salvação pelos merecimentos do glorioso apostolo S. Bartholomeu, de que el-rei fôra em extremo devoto na vida.

« E dito isto deu outra vez a alma nas mãos de Deus.» (3)

«Manuel de Faria e Sousa, na sua *Europa Portugueza*, tomo 2, escreve que depois de morto, este principe tornou a viver: até aqui, estamos conformes; mas accrescenta que ressuscitou para confessar um pec

(1) Comquanto no testamento de D. Pedro não se encontra a clausula de legado do coração no convento de Extremoz; e parece tratar um dos muitos embustos fradescos para augmentar e importancia dos consertos, o coração de alguns personagens de cutro'ra foi conservado como reliquia.

O coração de Ricardo Coração Leão conserva se em Ronen, o de S Luiz na santa capella de Paris ; o de grande Arnand na egreja de Palaiseau, os de Carlos VIII e Filippe o Bello na casttredral de Cléry,

(2) *Historia Seraphica*, por fr. Manuel da Esperança, parte II. pag. 384.

(3) Fr. Manoel dos dos Santos, *Alcobaça Illustrada. Monarchia Lusitana*, vol. VIII pag. 1 a 7.

cado seu esquecido; e isto padece duvida na verdadeira theologia; ao menos emquanto não apparecem outras noticias mais certas; porque se o peccado foi esquecido, perdoou-se indirectamente com os mais confessados: a razão é porque o sacramento de penitencia não pede inteireza material, senão a formal, salvo se quizerem dizer que foi culpavel o esquecimento; mas n'estes termos devia confessar, não só o peccado esquecido, mas todos os mais, repetindo a ultima confissão, pelo perigo da invalidade, e por outras razões dos moralistas, que aqui não são necessarias; e havendo Deus perdoado o peccado, ainda que por meio indirecto, não havia necessidade de se obrar a maravilha da resurreição: pelo que eu entendo que foi outro este peccado de el-rey; e fazendo eu reflexão sobre as acções da vida d'este principe, discorro que seria o tal peccado algum zelo da sua justiça, ou imprudente, ou affectado; porque mandava matar ecclesiasticos criminosos, sem attenção ao que dispõe na materia os sagrados canones; mas como a sua demazia tinha a origem em puro zelo de justiça, ainda que indiscreto e não em tyrania de animo, Deus Senhor nosso. penetra os corações humanos, conhece, e se compadece da fragilidade do homem, quiz usar com el-rei da sua misericordia, tornando a á vida, e á via de se poder salvar. (1)

Eis o que valiam os frades, os seus estudos, o seu saber e os seus falados livros!

Não descançaram porém muito tempo os dois cadaveres nos pesados sarcophagos.

«Depois de haverem sido abertos por D. João III e por D. Sebastião, os tumulos de Alcobaça foram successivamente arrombados pelos solda- da invasão franceza e pelos da revolução liberal de 1833,

«Os bellos cabellos louros acinzentados da misera e mesquinha, que a podridão da morte respeitára durante quatro seculos, foram lhe então cortados e dispersos; uns foram levados para o Rio de Janeiro, e contava o marquez de Rezende, que um golpe de vento os fizera desapparecer no momento em que o conde de Linhares os apresentava ahi a D. João VI. A ser exacta a narrativa feita pelo marquez de Resende a Ferdinand Denis, resta-nos agradecer em nome da poesia nacional ao vento do Brazil o haver salvado esses finos cabellos tão amorosamente e tão docemente beijados pelo mais namorado pelo mais altivo, pelo mais valoroso dos cavalleiros portuguezes, da profanação do contacto de um misero poltrão, tão ennodoado na sua vida civil e na sua vida domestica como o placido marido da senhora D. Carlota Joaquina.

---

(1) *Monarchia Lusitana*, por fr. Manoel dos Sontas, vol XIII, pag. 10.

Outra madeixa de Ignez de Castro esteve em tempo no pequeno museu do antiquario Vilhena Barbosa, de onde foi roubada.

Creio que alguns dos outros cabellos levados do tumulo de Ignez se conservam ainda em dois magnificos relicarios, um em poder do sr. Miguel Osorio, proprietario da Quinta das Lagrimas em Coimbra, e outro em Paris, na collecção da bella condessa de Pourtalés.

. . . .

Os despojos mortaes de Ignez de Castro e Pedro Justiceiro, mumificodos, envoltos nas suas antigas roupagens roçagantes, arrancados dos tumulos abertos a picão, estirados no meio da grande nave, assistiram de corpo presente a essa ruidosa e tumultuaria scena de destruição e de rapina, mudos, immoveis, grotescos e lamentaveis, como velhos espantalhos abatidos depois da ceifa, que os formigueiros cobrem, que os melros assobiam, e em que os mesmos pardaes familiarmente debicam, porque tudo lhes perdeu o medo!

E do que n'elle fora a mais viva e formidavel expressão da força, da justiça e da coragem, do que fora n'ella a mais poetica, a mais elegiaca imagem da belleza, da graça e do mimo feminil, nada mais se viu que sobrevivesse á guarda inviolavel dos poderosos monges, fronteiros-móres do reino, conselheiros e esmoleres do rei, donatarios da coroa, senhores de treze villas, de varios castellos e de muitos homens de armas-senão esses dois pobres titeres lugubremente comicos, offerecidos na morte como n'um palanque de entrudo ás chufas e aos apupos dos villões embriagados de vinho e de vingança!» (1)

No seu testamento D. Pedro, atterrado ante a morte, fartou de doações os frades.

Limitar nos-hemos a transcrever Fernão Lopes:

«E mandou el rei em seu testamento qua lhe tivessem em cada um anno para sempre no dito mosteiro seis capellães que cantassem por elle cada dia um missa officiada, e saissem sobre elle de cruz e agua benta.

E el-rei D. Fernando, seu filho, por se isto melhor cumprir, e se cantarem as ditas missas, deu depois ao dito mosteiro, em doação para sempre, o logar que chamam as Paredes, termo de Leiria, com todas as rendas e senhorio que n'elle havia.

E deixou el rei D. Pedro, em seu testamento, certos legados, a saber: á infanta Dona Beatriz, sua filha, para casamento, cem mil libras; e

(1) Ramalho Ortigão, *Farpas*, vol. I, pag. 230 a 244.

ao infante Dom João, seu filho, vinte mil libras; e ao infante Dom Diniz outras vinte mil; e assim a outras pessoas.» (1)

Eis como Fernão Lopes dá conta da ultima palavra de D. Pedro, ácerca da tragedia:

«E estando el-rei em Extremoz adoeceu da sua postremeira dôr, e jazendo doente, lembrou-se como, depois da morte de Alvaro Gonçalves e Pero Coelho, elle fôra certo que Diogo Lopes Pacheco não fôra em culpa de morte de D. Ignez, e perdoou-lhe todo queixume que d'elle havia, e mandou que lhe entregassem todos os seus bens: e assim o fez depois el-rei D. Fernando, seu filho, que lh'os mandou entregar todos, e lhe alçou a sentença, que el-rei seu padre contra elle passára, quanto com direito poude.» (2)

Diogo Lopes Pacheco fez mais tarde, segundo o mesmo Fernão Lopes, novos protestos de innocencia que se filiam n'essa declaração.

São palavras dirigidas a D. Fernando:

«Senhor, bem sabeis a razão porque eu fui fóra d'este reino, no tempo d'el-rei E. Affonso, vosso avô, sendo vós então moço bem pequeno; e isso mesmo o aspero geito que el-rei D. Pedro, vosso pae, contra mim teve, e como me mandou tomar todos os meus bens, sem razão e sem porquê, e ainda me mandava matar se podera ser filhado, por a qual razão andei desterrado até agora, sem ouzar de vir a este reino.

... sabereis decerto que el-rei vosso pae, ao tempo do seu finamento, por descarregar sua consciencia, me perdoou todo o seu rancor e queixume que de mim havia, posto que o eu merecido não tivesse, e mandou que me entregassem todos os meus bens, assim como os eu d'antes havia.

... vendo elle como eu não era culpado n'aquillo em que me elle á primeira me culpou, sua vontade era, se Deus o deixára viver, de se servir de mim e me mandar vir para sua terra, alçando me a sentença que contra mim passou, e me restituir toda a minha boa fama e honra; e pois que elle isto tinha em vontade de fazer se o Deus tão cedo não levá-ra...» (3)

---

(1) Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D. Pedro*, cap. XLIV.
(2) Fernão Lopes, *Chronica do senhor rei D Pedro*, cap. XLIV.
(3) Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. Fernando*, Vol. II, pag. 69

Sendo as chronicas de Fernão Lopes posteriores ás cortes de Coimbra que em 1385 debateram o casamento de Ignez de Castro, para negarem a legitimidade aos infantes D. João e D. Diniz, e darem a coroa ao bastardo de D. Pedro, D. João Mestre d'Aviz, e tendo Diogo Lopes Pacheco desempenhado ahi um papel predominante, é possivel que a declaração do rei ácerca da convicção da sua innocencia, e as diversas passagens em que o chronista o absolve, fossem meras invenções delle para se livrar da nodoa d'esse sangue.

Porém a intimidade que teve com D. Diniz, filho de Ignez, homem violento e energico, leva a crêr que, embora tivesse sido inimigo de D. Pedro, não tomasse na morte a parte importante que se lhe attribue.

Conforme os usos do tempo D. Diniz, que em plena recepção solemne se recusou a beijar a mão de Leonor Telles, mulher do rei seu irmão, teria de matar Diogo Lopes Pacheco, usando o direito de vingança, como filho da morta, direito geralmente reconhecido então.

IGNEZ DE CASTRO

Indice dos capitulos

TERCEIRA PARTE

Vingança

Indice das gravuras